



Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de História  
Programa de Pós-Graduação

---

UM SÉCULO DE RIVALIDADES NAS CRÔNICAS ESPORTIVAS:  
ALBICELESTES E CANARINHOS NAS REDAÇÕES DOS RIVAIS

---

Autor: Luiz Henrique de Azevedo Borges  
Orientador: **Prof. Dr. Estevão de Rezende Martins**  
Brasília, Dezembro de 2018



Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de História  
Programa de Pós-Graduação

---

# UM SÉCULO DE RIVALIDADES NAS CRÔNICAS ESPORTIVAS: ALBICELESTES E CANARINHOS NAS REDAÇÕES DOS RIVAIS

---

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de Doutor em História. 2º /2018.

Linha de Pesquisa: Ideias, Historiografia e Teoria

Autor: Luiz Henrique de Azevedo Borges

Brasília, Dezembro de 2018

Luiz Henrique de Azevedo Borges

**UM SÉCULO DE RIVALIDADES NAS CRÔNICAS ESPORTIVAS: ALBICELESTES E  
CANARINHOS NAS REDAÇÕES DOS RIVAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Universidade de Brasília, vinculada à Linha de Pesquisa em Ideias, Historiografia e Teoria, como requisito para obtenção do título de Doutor em História. 2º/2018.

Aprovado em: \_\_\_\_\_

Nota: \_\_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Estevão de Rezende Martins

Universidade de Brasília

---

Profa. Dra. Maria Therezinha Ferraz Negrão de Mello

Universidade de Brasília

---

Prof. Dr. Francisco Fernando Monteoliva Doratioto

Universidade de Brasília

---

Prof. Dr. Fábio Santiago Santa Cruz

Universidade Estadual de Goiás

Aos meus pais, Danilo e Zélia, as minhas irmãs, Ana Beatriz e Ana Luiza, a minha sobrinha, Ana Paula, ao meu cunhado Frederico Botelho, aos meus orientadores, Estevão de Rezende Martins e André Pereira Leme Lopes, ao Superintendente do Iphan no Distrito Federal Carlos Madson Reis e a todos os professores da Universidade de Brasília que me deram as condições e o apoio necessário para galgar mais essa caminhada.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço duplamente aos meus pais. Por um lado, enxergaram no estudo a maior riqueza que se pode legar aos filhos, por outro, pelo esforço hercúleo realizado por meu pai para a revisão do texto e da minha mãe ao preparar a parte artística que embalou esse trabalho.

Às minhas irmãs, Ana Beatriz e Ana Luíza, à minha sobrinha predileta (e única) Ana Paula, que formam, junto aos meus pais, a base para minha vida.

Ao meu cunhado, Frederico Botelho, não só pela amizade e confiança, mas por abrir espaços nas instituições em que leciona para eu refletir com os seus alunos sobre o futebol.

Aos meus orientadores, sempre presentes, humanos e exigentes, Estevão de Rezende Martins e André Pereira Leme Lopes, que sempre acreditaram no meu trabalho. Professores e intelectuais que admiro, no entanto, mais do que isso, amigos que levarei eternamente.

À professora Thereza Negrão, presente em vários momentos da minha formação acadêmica, emprestando o seu amplo conhecimento, amizade, carinho e paciência para ler tão longo trabalho.

Ao professor Francisco Doratioto, importante intelectual na temática do Prata, por dedicar o seu tempo na leitura da tese e dar ainda mais legitimidade a banca. Infelizmente não tive a oportunidade de ser seu aluno, mas muito me inspirou sua “Maldita Guerra”.

Ao colega, amigo e irmão, Fábio Santiago Santa Cruz, profissional que conheci lecionando na Universidade Estadual de Goiás e que aprendi a admirar como intelectual e ser humano. Com ele vivenciei algo que me faltava no mundo do futebol, a emoção de assistir uma final de campeonato em pleno estádio emprestando meu coração e apoio ao Santa Cruz. Fomos campeões!

À professora Eleonora Zicari Costa de Brito, que acreditou no futebol como tema de pesquisa ainda em 2003 e me orientou com sua paciência, carinho e competência.

Ao professor Dinair Andrade, não só pelas suas aulas que marcaram minha formação, mas pelo incentivo e confiança de que eu poderia galgar novas caminhadas na área.

Em nome da professora Ângela Maria Ricci Borchadt, minha eterna e querida coordenadora do curso de História da Universidade Estadual de Goiás, agradeço a todos os demais colegas da instituição.

Em nome do amigo, além de competente coordenador e professor, André Luiz Oliveira, estendo meus agradecimentos aos demais gestores, professores e servidores, da Faculdade Cambury em Formosa e Goiânia.

Aos amigos, Camila Leme Lopes; Eliete Pires Ramos e os demais colegas de viagens; Thales e Fernanda Dili; Vivian Santa Cruz; Naomi Maubrigades; Guilherme Vinício; Fernando César Vasconcelos; Henrique Barros e sua esposa, Dona Lu, sempre abrindo as portas da Rádio EBC para minhas entrevistas, sem vocês a caminhada teria sido muito mais árdua.

À Universidade de Brasília, que teceu meus caminhos desde o nascimento, instituição na qual meu pai lecionou e que, desde menino aprendi a admirar e almejar. Acolheu-me em duas graduações, no mestrado e no doutorado e a ela devo grande parte de minha formação.

Ao Iphan, sempre preocupado e incentivando a capacitação profissional de seus membros. Em especial ao Dr. Carlos Madson Reis, mesmo ciente que desfalcaria sua equipe de trabalho, não mediu esforços para a obtenção da minha licença, proporcionando-me o tempo necessário para o desenvolvimento da pesquisa.

Aos colaboradores da hemeroteca da Biblioteca Marino Moreno, em Buenos Aires, especialmente da *Sala de Publicaciones Periódicas Antiguas Boleslao Lewin*, pela dedicação e a forma atenciosa que atenderam aos meus pedidos durante todo o período em que passei no local.

*In memorium*, ao meu tio, Antônio Mário Pinheiro de Azevedo, falecido dias antes da seleção de doutorado em 2014, ele sempre foi um exemplo de dedicação aos estudos e me ensinou, ainda no final da década de 70, os belos e tortuosos caminhos da História, juntamente com a inesquecível professora Isaura.

Aos meus alunos, desde o longínquo ano de 2002, pelo incentivo ao aprimoramento constante.

Para entender a alma de um brasileiro é preciso surpreendê-lo no instante do gol.

(Armando Nogueira)

A camisa amarela na frente acende os jogadores argentinos. Para não falar da gente. Se agita como uma capa vermelha diante de um touro raivoso. São momentos em que ninguém se sentem menos do que ninguém.

(Francisco Schiavo)

## RESUMO

Futebol é uma atividade e uma narrativa que há anos individualiza, identifica e traz orgulho a argentinos e a brasileiros, dando-lhes identidade e marcando seus lugares no mundo. Como artifício identitário é um constructo humano, demarcado no tempo e no espaço. Na busca epistemológica da construção representacional que a imprensa argentina faz do futebol brasileiro e que a imprensa brasileira faz do futebol argentino, foram pesquisados alguns dos principais periódicos dos dois países que envolvem, narram e retratam os cem anos e cem partidas que construíram a rivalidade, o respeito, a admiração entre os dois países no espaço futebolístico. Os jornalistas e os cronistas ajudaram a caracterizar o futebol brasileiro e o argentino, tendo como predicados fundamentais à prática do “futebol-arte” ou à do “futebol criollo”, a habilidade, a criatividade, a ofensividade e o inusitado em contraposição ao futebol-força, praticado pelos europeus. Apesar da origem comum e das práticas que muito se assemelham, ao ponto de serem considerados os países que praticam o mais belo futebol do mundo, eles criam, um em relação ao outro, imagens que os diferenciam. Nesse caminho, brasileiros e argentinos alteram suas narrativas, em diferentes momentos um enxerga no outro o modelo a ser seguido. São nessas construções, narrativas e imagéticas, presentes especialmente nos textos jornalísticos, fontes fundamentais para perceber os valores e defeitos que um atribui ao outro, que o trabalho se insere, lembrando que esses discursos não se circunscrevem ao espaço esportivo, adentram outros ambientes discursivos e se tornam polifônicos, dialogando e formando imagens do que é ser brasileiro e do que é ser argentino.

Palavras-chave: História, Brasil, Argentina, Futebol, Identidade e Discursos Jornalísticos.

## **ABSTRACT**

Soccer is an activity and a narrative that for years has individualized, identified and brought pride to Argentines and Brazilians, giving them identity and marking their places in the world. As an identity artifice, is a human construct, demarcated in time and in space. In the epistemological search for the representational construction that the Argentine press makes of the Brazilian soccer, and that the Brazilian press makes of the Argentine soccer, some of the main periodicals from those two countries were researched, the ones that enwrap, narrate, and portray the hundred years and the hundred matches that constructed the rivalry, the respect, and the admiration between those two countries in the soccer space. The journalists and the chroniclers helped to characterize the Brazilian and the Argentine soccer, having as fundamental predicates to the practice of the "soccer-art", or "criollo soccer", the skills, the creativity, the offensiveness, and the unusual, in contrast to the "strength-football", played by the Europeans. In spite of the common origin and the practices that are very similar – to the point of being considered both the countries that practice the most beautiful soccer in the world – they create, in relation to each other, images that differentiate them. In this path, Brazilians and Argentines change their narratives, in different moments one sees in the other the model to be followed. It is in these narrative and imagery constructions, present especially in journalistic texts – fundamental sources to perceive the values and defects that one attributes to the other – that this work inserts itself, remembering that these discourses are not limited to the sports fields, they enter other discursive environments and become polyphonic, dialoguing and forming images of what does mean to be Brazilian and what does mean to be Argentine.

Keywords: History, Brazil, Argentina, Soccer, Identity, and Journalistic Speeches



## SUMÁRIO

<b>A CONVOCAÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 1: O QUADRO TÁTICO: AS CRÔNICAS ESPORTIVAS .....</b>	<b>32</b>
1.1. O ESPORTE DAS MULTIDÕES .....	32
1.2. A NARRATIVA JORNALÍSTICA .....	37
1.3. A IMPRENSA ESPORTIVA .....	41
1.4. CRÔNICA ESPORTIVA .....	56
<b>CAPÍTULO 2: A PRELEÇÃO: O NASCIMENTO DE UMA PAIXÃO .....</b>	<b>68</b>
2.1. POR QUE O FUTEBOL? .....	68
2.2. OS PRIMÓRDIOS E O DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL NA ARGENTINA E NO BRASIL .....	73
<b>CAPÍTULO 03: SAINDO DOS VESTIÁRIOS: O DOMÍNIO ARGENTINO .....</b>	<b>101</b>
3.1. A IDEIA DO ESPORTE COMO MEIO DE APROXIMAÇÃO DOS POVOS .....	101
3.2. FORMAÇÃO DA SELEÇÃO BRASILEIRA .....	104
3.3. COPA ROCA DE 1914 .....	105
3.4. OS PRIMEIROS CAMPEONATOS SUL-AMERICANOS (1916-1919) .....	114
3.5. OS “MACAQUITOS”: A ASCENSÃO DA RIVALIDADE .....	126
3.6. DÉCADA DE 20: O RACISMO, AS DESAVENÇAS E AS PRIMEIRAS BRIGAS CAMPAIS .....	139
3.7 ONZE ANOS SEM CONFRONTO .....	165
3.8. AS OLIMPÍADAS DE 1928 E AS COPAS DE 1930 E 1934 .....	168
3.9. MAIS DE UMA DÉCADA DE ESPERA: A RIVALIDADE SE ACENTUA .....	178
3.10. A COPA DE 1938 .....	183
3.11. O PLATINISMO: A MARCA DA DÉCADA SEM COPA .....	187
<b>CAPÍTULO 04: SELEÇÕES PERFILADAS: A MÍSTICA DA CAMISA AMARELA .....</b>	<b>232</b>
4.1. A COPA DO MUNDO DE 1950 .....	232
4.2. A COPA RETORNA À EUROPA: SUÍÇA 1954 .....	251
4.3. 1956: DEZ ANOS DEPOIS .....	257
4.4. SUL-AMERICANO E COPA ROCA DE 1957 .....	264
4.5. COPA DE 1958: A TAÇA DO MUNDO É NOSSA .....	276

4.6. SUL-AMERICANOS, PAN-AMERICANO, COPA ROCA E TAÇA ATLÂNTICO: 1959-1962 ..	293
4.7. COPA DE 1962: “COM BRASILEIRO, NÃO HÁ QUEM POSSA !!!” .....	316
4.8. SUL-AMERICANOS, COPA ROCA E TAÇA DAS NAÇÕES: 1963-1965 .....	330
4.9. COPA DE 1966: O FRACASSO BRASILEIRO E A GARRA ARGENTINA .....	348
4.10. COPA DE 1970: PRA FRENTE BRASIL .....	363
<b>CAPÍTULO 05: PRIMEIRO TEMPO: O MUNDO É ALBICELESTE .....</b>	<b>387</b>
5.1. A COPA ROCA E A TAÇA DA INDEPENDÊNCIA .....	387
5.2. COPA DE 1974: BRASIL E ARGENTINA SE ENCONTRAM EM MUNDIAIS .....	494
5.3. COPA AMÉRICA DE 1975 E TAÇA ATLÂNTICO DE 1976 .....	412
5.4. COPA DE 1978: A ARGENTINA TRIUNFA, O BRASIL É “CAMPEÃO MORAL” (...) E O PERU? .....	427
5.5. A COPA AMÉRICA DE 1979, O MUNDIALITO DE 1981 E AS ELIMINATÓRIAS DA COPA DE 1982 .....	461
5.6. COPA DE 1982: A MALDIÇÃO OU TRAGÉDIA DO SARRIÁ .....	475
5.7. FIM DO TABU: VITÓRIA DA ARGENTINA .....	497
5.8. COPA DE 1986: A ARGENTINA É MARADONA E “LA MANO DE DIOS” .....	515
5.9. DEPOIS DE 4 DÉCADAS O BRASIL RECONQUISTA A AMÉRICA .....	542
5.10. COPA DE 1990: SEM CONVENCER A ARGENTINA VAI A FINAL E O BRASIL(...) .....	556
<b>CAPÍTULO 06: SEGUNDO TEMPO: A ERA DOS RS: O BRASIL EM 3 FINAIS .....</b>	<b>582</b>
6.1. A AMÉRICA É DA ARGENTINA .....	582
6.2. COPA DE 1994: É TETRA E O OCASO DE MARADONA .....	608
6.3. DECEPÇÕES DA ARGENTINA X CONQUISTAS E PRESTÍGIO DO BRASIL .....	631
6.4. COPA DE 1998 EM UM PALAVA: ZIDANE .....	654
6.5. “EL LOCO” BIELSA E A ESTABILIDADE ARGENTINA. A DANÇA DE TREINADORES NO BRASIL: DO FUTURO PROMISSOR À DIFÍCIL CLASSIFICAÇÃO PARA A COPA DE 2002 .....	688
6.6. OS OPOSTOS: A COPA DE 2002 .....	726
<b>CAPÍTULO 07: O APITO FINAL: O DECLÍNIO SUL-AMERICANO NOS MUNDIAIS E A RIVALIDADE CONTINENTAL .....</b>	<b>757</b>
7.1. COPA AMÉRICA DE 2004: O IMPERADOR ADRIANO .....	757

7.2. BRASIL SACA CRACKS Y ARGENTINA, GRANDES JUGADORES .....	776
7.3. COPA DAS CONFEDERAÇÕES: “ERROR 30_06_2005” .....	787
7.4. COPA DE 2006: A ARGENTINA CAI INVICTA. O BRASIL DECEPCIONA .....	794
7.5. BRASIL SE ESCRIBE COM B, PERO NUNCA ES B: COPA AMÉRICA DE 2007 .....	821
7.6. ELIMINATÓRIAS PARA A COPA DE 2010 .....	834
7.7. AO CONTRÁRIO DE 1990, MARADONA E DUNGA FRACASSAM: O TIKI-TAKA TRIUNFA ..	861
7.8. A ARGENTINA SEGUE SEM TÍTULOS .....	889
7.9. A COPA ROCA REBATIZADA – O SUPERCLÁSSICO DAS AMÉRICAS EM 2011 E AS ELIMINATÓRIAS SUL-AMERICANAS (2011-2013) .....	901
7.10. AMISTOSO NOS ESTADOS UNIDOS E O SUPERCLÁSSICO DAS AMÉRICAS EM 2012 .....	907
7.11. COPA DAS CONFEDERAÇÕES OU COPA DAS MANIFESTAÇÕES? .....	915
7.12. COPA DO MUNDO DE 2014: É GOL DA ALEMANHA .....	922
7.13. O CENTÉSIMO CONFRONTO .....	963
<b>BALANÇO DO JOGO .....</b>	<b>967</b>
<b>CORPUS DOCUMENTAL .....</b>	<b>979</b>
JORNAIS E REVISTAS BRASILEIRAS .....	979
JORNAIS E REVISTAS ARGENTINAS .....	979
SITES OFICIAIS .....	979
LIVROS .....	979
IMAGENS .....	981
FILMES .....	986
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>1004</b>
LIVROS .....	1004
INTERNET .....	1015
<b>APÊNDICE (LISTA DOS CONFRONTOS ENTRE ARGENTINA E BRASIL) .....</b>	<b>1025</b>

## A CONVOCAÇÃO

Uma das perguntas iniciais de um historiador em contato com suas fontes, com outras obras, é saber quem produziu o documento, o relato, a narrativa. Coerentemente, estas palavras iniciais buscam descrever a trajetória acadêmica, as dificuldades e as motivações que me fizeram desenvolver a pesquisa ora apresentada. Finalizado o Bacharelado em Economia em 1991, cursado nos bancos da Universidade de Brasília (UnB), já envolvido no mercado de trabalho, naquele momento como empresário do ramo de alimentação, me afastei do mundo acadêmico, inclusive certo de que o futuro profissional se encontrava então delineado.

Em maio de 1998, um colaborador da empresa, solicitou sua liberação para que pudesse se inscrever no vestibular da Universidade de Brasília. Num impulso, resolvi acompanhá-lo para também fazer a minha inscrição e no caminho decidi que iria realizar um antigo sonho: cursar História, que inclusive havia sido minha segunda opção quando ingressei no curso de Economia.<sup>1</sup> Aprovado, iniciei o novo desafio em novembro de 1998 e a partir de 1999, por incentivo do Professor Dinair Andrade, o mestrado tornou-se um objetivo a ser alcançado. A dificuldade era encontrar o tema, sempre fugidío, especialmente pelo encantamento que sentia, após cada disciplina finalizada.

Quando, já decidido a trabalhar a história da alimentação no Brasil, com algumas leituras realizadas e várias bibliografias adquiridas, ao visitar um amigo, passava um jogo de futebol na televisão. Durante a transmissão realizamos mais uma das nossas longas digressões sobre o esporte e, de supetão, ele sugeriu enfaticamente que eu deveria pesquisar sobre tal prática esportiva.

A ideia, sem dúvida alguma, me fascinou, contudo, ainda havia um problema. O recorte. Outro colega, comentou sobre um trabalho que utilizava das charges para descrever a história de Brasília. Ao ouvi-lo pensei que elas, nas páginas dos periódicos esportivos, também poderiam ser as minhas fontes. O “último passe” foi dado em uma caminhada matinal com meu pai, quando ele comentou que as charges poderiam ser utilizadas conjuntamente com as crônicas esportivas.

---

<sup>1</sup> Na época, 1985, os vestibulandos que se inscreviam para as provas da Universidade de Brasília deveriam marcar três opções de curso. No meu caso, as escolhas foram: Economia, História e Contabilidade.

Abracei então o mundo das crônicas, e as charges acabaram sendo deixadas de lado. Realizei a leitura de vários cronistas e rapidamente selecionei aqueles que seriam pesquisados e que acreditei e que continuo acreditando, seriam titulares absolutos de qualquer fictícia seleção brasileira de cronistas esportivos. São eles: Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira.

No final de 2003 fui aprovado na Seleção de Mestrado na área de concentração de História Cultural com o objetivo de explicar a construção do Brasil como país do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues, Armando Nogueira e João Saldanha. Fui orientado pela fantástica Professora Eleonora Zicari e defendi a dissertação em setembro de 2006, ano que entrei no serviço público como historiador do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Antes de finalizar o mestrado, voltei a viver o “drama” da escolha de um tema para um futuro doutoramento. Desta feita, a solução se apresentou mais rapidamente. Como não queria me afastar do tema futebol, comecei a pensar sobre um novo recorte e em poucos dias me surgiu a ideia de trabalhar de forma comparativa a percepção das imprensas brasileira, argentina e uruguaia sobre as disputas futebolísticas que os envolviam, sobre as seleções nacionais, até sobre a profundidade, a qualidade e a parcialidade das análises efetuadas. Iniciei a busca de bibliografia e leituras tanto sobre o futebol do Prata quanto eventuais pesquisas, nas mais variadas áreas, que colocassem em diálogo os três países.

Em meados de 2008 fui convidado para assumir a Coordenação de Planejamento do Instituto, ou seja, orientar e acompanhar o trabalho do Iphan em prol do patrimônio cultural brasileiro por todo o país. Tal atividade, acrescida das aulas que leciono desde 2002 na Universidade Estadual de Goiás e na Faculdade Cambury, ambas em Formosa, inviabilizaram temporariamente o doutorado, mas que mantive em meu horizonte.

Nesse ínterim, talvez buscando por “novas táticas”, flertei com outra temática: refletir em que medida a popularização da Rádio FM, em detrimento da Rádio AM no Brasil desencadeou a decadência da chamada “música brega” ou “cafona” no país.<sup>2</sup> No entanto, em

---

<sup>2</sup> Para isso iniciei leituras relacionadas às relações entre história e música, sobre a música brega e também sobre a história do rádio no Brasil. Para aqueles que se interessarem em aprofundar a temática: Cf. ARAÚJO, Paulo César de. *Eu não sou cachorro não: música popular cafona e ditadura militar*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

meados de 2014, já sob o calor do Mundial que se aproximava, fui convidado para compor uma mesa sobre futebol no Departamento de Ciências Políticas da UnB, percebi ali que deveria me manter na temática e resolvi circunscrever a pesquisa apenas às relações entre as seleções principais de Brasil e Argentina.

Ainda em meados de 2014 me afastei do cargo, recusei outros convites com o intuito de me preparar para a seleção que ocorreria no final do ano. Fui aprovado e ainda agraciado com uma licença do Iphan para melhor desenvolver a pesquisa.

Retornando ao recorte, a partir da revisão bibliográfica, conseqüentemente das leituras que realizei desde que adentrei, academicamente, no universo do futebol, percebi que estudos ou artigos comparativos na temática eram mínimos. Dessa forma, vislumbrei um espaço pouco explorado, apesar dos bons trabalhos realizados pelo professor Ronaldo Helal, pela professora Simone Guedes, pelo professor Leonardo Pereira, que esteve em minha banca de mestrado e pelo prematuramente falecido Gilberto Agostino. Do lado argentino, não encontrei obras comparativas.

A produção histórica brasileira e argentina que se dedica às práticas corporais institucionalizadas, dentre elas o futebol, normalmente trata de “estudos locais ou regionais, relacionados a cidades ou estados, clubes, personalidades, fatos ou temas específicos”.<sup>3</sup> Tal conjunto de pesquisas contribuem, indubitavelmente, para a construção de um panorama nacional do objeto em estudo, todavia:

A despeito da importância dessa produção, algumas questões devem ser levantadas. Não estaríamos abandonando a possibilidade de um olhar mais global em função da fragmentação das abordagens? Como ampliar nosso olhar acerca da realidade nacional sem crer que essa é simplesmente o resultado da soma dos entendimentos locais? Como construir hipóteses mais amplas, pensando em contextos nos quais estamos inseridos por relações históricas, como a América Latina e os países de língua oficial portuguesa?<sup>4</sup>

---

CABRERA, Antonio Carlos. *Almanaque da música brega*. São Paulo: Matrix, 2007. DIAS, Márcia Tosta. *Os donos da voz: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura*. São Paulo: Boitempo, 2008. FACINA, Adriana (org.). *Vou fazer você gostar de mim: debates sobre a música brega*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011. MOREIRA, Sonia Virgínia. *O rádio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991. NESTROVSKI, Arthur (org.). *Lendo música: 10 ensaios sobre 10 canções*. São Paulo: Publifolha, 2007. PRADO, Magaly. *História do rádio no Brasil*. São Paulo: Editora da Boa Prosa, 2012.

<sup>3</sup> MELO, Victor Andrade de (et. al.). *Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, p. 97.

<sup>4</sup> Idem, *ibidem*, p. 96.

As relações e análises entre o futebol brasileiro e uruguaio, por exemplo, são ainda mais escassas, exceto quando se fala da Copa de 1950 e 1970. Tal carência se acentua se tratarmos de outros países do continente americano e também europeu. Dessa forma, entendo que há um vasto campo de pesquisa comparativa sobre o qual o historiador do futebol pode se debruçar, pois tal esporte é um elemento identitário que reverbera as mais diferentes tensões, disputas, de um povo ou de uma sociedade.

O historiador do futebol, subárea da História do Esporte, lida, em suas reflexões e pesquisas, com uma das manifestações culturais contemporâneas mais influentes e que se encontra presente nos mais distintos países e marcado pela transnacionalidade. Desta forma, uma abordagem histórica comparada é um dos caminhos alvissareiros para as investigações relacionadas não apenas ao futebol, mas aos esportes.

Como foi ressaltado por Victor Andrade de Melo, apesar da história comparada apresentar suas peculiaridades e riscos, ela pode ser genericamente definida como a investigação “de dois ou mais fenômenos em perspectiva, buscando semelhanças e diferenças”.<sup>5</sup> A comparação pode ser de grande utilidade na formulação de conceitos e construção de explicações mais amplas e complexas, afinal ela colocará em diálogo “objetos/temas no tempo e/ou espaço”<sup>6</sup> distintos.

A história comparada induz os pesquisadores a extrapolarem as fronteiras nacionais, esforço que foi realizado na atual pesquisa no momento em que ela se preocupou em perceber como a imprensa argentina representa historicamente o futebol brasileiro e vice-versa. Tal esforço exige do historiador um processo de desreferenciação, uma vez que ele enfrentará algo menos familiar.

Frequentemente historiadores se concentram na história de seu país ou região. Por causa disso, a comparação pode ter um efeito desprovincializante, libertador, abrindo perspectivas, com consequências para a atmosfera e estilo da profissão. Essa é uma contribuição da comparação que não deveria ser subestimada.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> Idem, *ibidem*, p. 96.

<sup>6</sup> Idem, *ibidem*, p. 100.

<sup>7</sup> KOCKA, Jürgen. “Comparison and beyond”. *History and Theory*. Londres: n. 42, fev. 2003, p. 41.

Além do processo de desreferenciação, o historiador deve compreender o cenário histórico de cada país, identificar as fontes adequadas para cada realidade, esforço que buscou-se atingir na pesquisa ora desenvolvida.

Finalmente:

Os estudos de história comparada podem contribuir para aumentar nossa inserção no cenário internacional, na medida em que abre oportunidades de passarmos de nossos importantes estudos locais para apreensões mais amplas, abrindo diálogo do local e do nacional com o global.<sup>8</sup>

O futebol suscita paixões e discussões muitas vezes acaloradas e é ingenuamente classificado como desconexo dos assuntos ditos sérios, no entanto é um elemento marcante da identidade argentina e brasileira. No dizer de Fatima Antunes, o futebol “é uma espécie de língua franca”, no qual são remotas as possibilidades de encontrar um interlocutor que não saiba, minimamente, falar sobre ele.<sup>9</sup> Nos dois países ele cumpriu importante papel na formação da consciência de identificação, de diferenciação, na emergência de discursos identitários, na demarcação de “nós” e os “outros”.

A identidade é uma construção simbólica de sentido que produz coesão social, permitindo a integração, o reconhecimento da parte com o todo. A identidade é relacional, marcada e sustentada pela diferença, como nos lembra David Campbell, ao tratá-la como base de legitimação do Estado: “(...) identidade é construída em relação à diferença. (...) Diferença é constituída em relação à identidade”.<sup>10</sup> Em suma, a alteridade é fundamental na construção identitária, como ressaltou Bhabha: “a demanda da identificação implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade”.<sup>11</sup>

No processo de construção da identidade nacional, além da língua, dos costumes, entre outros, os símbolos nacionais tornam-se elementos centrais na construção do sentimento de pertencimento e o futebol, dentre outros esportes, permite que a população estabeleça um contato mais íntimo com esses símbolos.

---

<sup>8</sup> MELO, Victor Andrade de (et. al.). op. cit., p. 106.

<sup>9</sup> ANTUNES, Fatima Martins Rodrigues Ferreira. *Com brasileiro, não há quem possa!*: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004, p. 18.

<sup>10</sup> CAMPBELL, David. *Writing security: United States foreign policy and the politics of identity*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998, p. 193.

<sup>11</sup> BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003, p. 76.

É pelo futebol, então, que se permite à massa uma certa intimidade com os símbolos nacionais. (...) Nestes momentos de “carnaval cívico”, criados pelo futebol, os símbolos sagrados da pátria (que, no Brasil, são cercados de regras em termos do seu uso), deixam de ser propriedade das camadas dominantes e, sobretudo, do “governo” e das “autoridades”, para se disseminarem pelo meio da massa anônima, que com eles celebra uma relação de franca e desinibida intimidade.<sup>12</sup>

Segundo o sociólogo Richard Giulianotti:

O futebol é uma das grandes instituições culturais, como a educação e os meios de comunicação de massa, que formam e consolidam identidades nacionais do mundo inteiro. A difusão internacional do futebol durante o final do século XIX e o início do século XX ocorreu quando a maior parte das nações na Europa e na América Latina estava negociando suas fronteiras e formulando suas identidades culturais. (...) Uma linguagem compartilhada, um sistema educacional e meios de comunicação de massa tornaram-se instrumentos culturais vitais para disseminar sentimentos de nacionalidade. Cada nação produziu uma “história oficial”, celebrando figuras heróicas que haviam lutado para defender “o povo” contra forças hostis. De maneira mais influente, a cultura popular fornecia esses recursos com componentes estéticos e ideológicos. Eventos esportivos, principalmente partidas de futebol, tornaram-se os colaboradores mais importantes. Times de futebol de diferentes partes do país podem representar localidades rivais, mas dentro de uma estrutura unificadora de um sistema de liga nacional. Nos internacionais, o time incorpora a nação moderna.<sup>13</sup>

Seguindo e concordando com o pensamento de Giulianotti, os embates internacionais foram fundamentais para o fortalecimento das identidades de cada país: “a dimensão nacionalista de identidade dos torcedores intensificou-se nas partidas realizadas no exterior”.<sup>14</sup> As imprensas, no caso, do Brasil e Argentina, desde o primeiro embate, buscavam elementos que pudessem caracterizar o futebol de seu adversário, construindo, dessa forma, discursos identitários.

A realização de eventos esportivos internacionais, em particular o futebol, normalmente é acompanhada de uma valorização nos sentimentos de identificação nacional, realidade privilegiada para a mobilização de signos que exaltem os sentimentos patrióticos

---

<sup>12</sup> DaMATTA, Roberto (et. al.). *Universo do futebol: esportes e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p. 34.

<sup>13</sup> GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002, p. 42.

<sup>14</sup> Idem, *ibidem*, p. 75.

fortalecendo a comunidade imaginada,<sup>15</sup> no caso da pesquisa desenvolvida, do Brasil e da Argentina.

Uma vez que as identidades nacionais, assim como outras, não podem ser percebidas como estruturas estáveis, monolíticas e concluídas, afinal elas são, em maior ou menor grau, mutáveis, dinâmicas, abertas, elaboradas e reelaboradas, as identidades construídas no espaço futebolístico não estão circunscritas apenas na forma com que os brasileiros ou os argentinos se veem ou se definem, mas o processo perpassa também o olhar do “outro”.

As crônicas esportivas exemplificam tal percurso identitário, pois as formas como representamos a nós mesmos e aos outros, assim como fomos representados por nossos rivais, sofreram várias alterações no decorrer do tempo, como será explanado nos diferentes capítulos que compõem a pesquisa.

Os jornais, suporte essencial para as crônicas e divulgação das opiniões dos jornalistas, desempenharam e até hoje cumprem a função de informar e formar a opinião pública. Os periodistas esportivos, ao emitirem suas interpretações das partidas, construíam afirmações sobre a forma de jogar de cada um dos rivais, assim como, consciente ou inconscientemente, elaboravam discursos sobre as próprias nações, uma vez que as reflexões acerca do futebol eram também portadoras de projetos dos países.

No projeto inicial, a pesquisa iniciaria na década de 1950. Porém, alguns aspectos me chamaram a atenção e me fizeram alongar tal período. Início com o aspecto menos importante: em 2014 havia uma coincidência, jogava-se o centésimo jogo oficial após cem anos de confronto entre as seleções da Argentina e do Brasil, logo percebi um apelo no recorte. Outras questões me eram mais caras, permanecendo no que foi proposto inicialmente deixaria de abordar um período fundamental, no qual o futebol argentino predominou no continente, entre as décadas de 1910 e 1940, quando era considerado como um dos modelos a ser seguido pela imprensa brasileira.

---

<sup>15</sup> ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Deixaria de abordar a raiz da rivalidade entre os dois países, lembrando que o nascimento do futebol no Brasil e na Argentina são bastante parecidos, apesar de um lapso temporal de praticamente 3 décadas, 1867 na Argentina e 1895 no Brasil.<sup>16</sup> Os ideias elitistas e europeizantes, do *sportman*, da civilidade, do progresso, da aproximação dos povos,<sup>17</sup> predominavam quando do primeiro confronto entre as equipes em 1914. É facilmente perceptível no relato do jornal La Nacion que a programação da então recém fundada Seleção Brasileira na semana que passou em Buenos Aires, em 1914, tinha um caráter mais festivo, diplomático, de aproximação de elites que deveriam compartilhar os mesmos valores, do que propriamente esportista. Contudo, tal realidade não perduraria por muito tempo e em 1920, em virtude de uma publicação no jornal Crítica, do periodista uruguaio Antonio Palacio Zino, de claro cunho racial e repleto de preconceitos em relação aos brasileiros, que marcou o acirramento da rivalidade entre os dois países, apesar das inúmeras tentativas, naquele momento e mesmo posteriormente, de superar tal desentendimento.

É claro que a rivalidade entre os dois países não se estabeleceu apenas em virtude do artigo do citado jornalista, o futebol se tornou um esporte popular, afastando-se dos valores apregoados pelos *sportmen*,<sup>18</sup> também passou a ser capaz de demarcar identidades e de trazer orgulho para uma determinada comunidade, independente de sua extensão. Os novos valores se encontravam intimamente vinculados aos resultados das partidas.

Durante a década de 20 percebe-se claramente que os confrontos entre dois dos principais rivais da América do Sul perderam o seu caráter de cordialidade, ao ponto do El Gráfico sugerir, em 1922, o fim das disputas dos campeonatos sul-americanos, pois eles já não cumpriam com sua missão primordial, que era a de aproximar os povos. Nessa época também ocorreu a primeira luta campal generalizada entre as duas seleções, em 1925. As

---

<sup>16</sup> Datas que ocorreram as primeiras partidas oficiais nos respectivos países.

<sup>17</sup> Tal discussão pode ser aprofundada, não só para o futebol, mas também para as práticas esportivas desenvolvidas no país a partir do século XIX, em vários capítulos da obra “História do esporte no Brasil”. Cf. PRIORE, Mary del; MELO, Victor Andrade de. História dos esportes no Brasil: do império aos dias atuais. São Paulo: UNESP, 2009.

<sup>18</sup> Victor Andrade de Melo ressalta que a palavra atleta quando da introdução da prática esportiva no Brasil, no século XIX, era utilizado como sinônimo de lutador e não poucas vezes era empregado na política para designar os antimonarquistas. *Sportsman* era o termo utilizado para designar todos os envolvidos nas atividades esportivas: praticantes, dirigentes e até aqueles que compareciam para assistir regularmente as competições. Cf. MELO, Victor Andrade de. “Corpos, bicicletas e automóveis: outros esportes na transição dos séculos XIX e XX”. In: Idem, ibidem, p. 75.

desavenças se tornaram muito comuns nas disputas a partir de 1937, inclusive com invasão de torcedores e atuação da polícia, no sentido de intimidar a seleção visitante.<sup>19</sup>

Para além da rivalidade, o novo recorte proporcionou, por um lado, a discussão e os efeitos da profissionalização ocorrida nos dois países na década de 30, por outro, a possibilidade de abordar a geração fantástica apresentada pelo futebol argentino, especialmente na década de 40, denominada de “Década Sem Copa” e que legou aos brasileiros um sentimento de inferioridade e identitário, em relação ao rival, que ficou denominado como “Platinismo”. Nele, havia a certeza de que o sucesso brasileiro passaria por adotar o modelo de futebol praticado por argentinos e também por uruguaios, não só no que tange ao selecionado nacional, mas também nas próprias agremiações. Passou-se a acreditar que um clube brasileiro só seria vitorioso se contasse com algum argentino e/ou uruguaio em seu elenco.

No final da década de 30 e a primeira metade da década seguinte, os periódicos argentinos e os brasileiros passaram a enumerar características que representavam e forneciam a identidade ao futebol de cada um dos países. O argentino, com o “estilo *criollo*”, marcado pela habilidade, pelas trocas de passes rápidas, pela garra e pela preocupação com o conjunto, algumas vezes se aproximando do que será denominado futuramente de “futebol força”. Já o futebol brasileiro seria marcado também pela habilidade, pela criatividade e pela individualidade. Os argentinos afirmavam que o Brasil jogava um futebol bonito, o que foi denominado e reconhecido internacionalmente como o “futebol arte”. Os dois estilos, as duas identidades, destacavam métodos corporais consideradas singulares de brasileiros e argentinos na prática futebolística.

Os capítulos foram produzidos a partir de fontes primárias encontradas principalmente nas obras compiladas de jornalistas brasileiros e argentinos, das pesquisas em jornais realizadas, tanto em arquivos em bibliotecas físicas, quanto pela internet. Para a contextualização dos períodos foram utilizadas obras de apoio sobre a história dos dois países de autores e trabalhos reconhecidos dentro de suas respectivas historiografias, assim como o

---

<sup>19</sup> Como será explanado no capítulo 03, brasileiros e argentinos passaram 11 anos sem se enfrentarem, entre 1926 e 1937, dentre as múltiplas razões para tal afastamento há a desavença e o conflito ocorrido na final do sul-americano de 1925 em partida disputada no dia de Natal.

excelente trabalho comparativo realizado por Boris Fausto e Fernando Devoto.<sup>20</sup> Também se lançou mão de autores argentinos e brasileiros que pesquisam sobre futebol, fato que permitiu perceber que as obras comparativas da prática futebolística entre os dois países atraiu alguma atenção da historiografia brasileira e em muito menor escala dos argentinos. Ainda assim, historiadores e outros estudiosos brasileiros, que se debruçaram sobre o assunto, há um pouco mais de uma década, com algumas exceções como, Ronaldo Helal, estão mais preocupados em tratar da chegada e desenvolvimento do futebol em suas décadas iniciais.

Newton César de Oliveira Santos é o único autor que elaborou uma obra de caráter panorâmico, abordando os confrontos entre brasileiros e argentinos entre 1908 e 2008. A obra serviu de guia em vários momentos da pesquisa. Contudo, apesar de ambas as obras, a de Newton César e a pesquisa ora apresentada, utilizarem-se especialmente das fontes jornalísticas, a primeira não mostra a mesma preocupação em buscar a opinião da contraparte para compor a imagem, seja do futebol brasileiro, seja do argentino.

Os jornais brasileiros mais consultados, Folha de São Paulo e Jornal do Brasil, estão disponíveis na Internet, assim como parte significativa do Jornal dos Sports e Revista Placar. O periódico paulista permite a consulta em seu próprio site. O Jornal do Brasil e o Jornal dos Sports podem ser pesquisados na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. A Revista Placar encontra-se disponível pelo Google Books. Indubitavelmente, tal realidade deixou o trabalho do pesquisador mais confortável.

Para o La Nacion, Critica, Clarín, El Gráfico, dentre outros periódicos argentinos, a pesquisa na Biblioteca Nacional Mariano Moreno se tornou essencial. Os documentos de interesse para este trabalho, ou não se encontram disponíveis na internet, ou o fazem somente para publicações a partir de meados da década de 90. Para sanar essa dificuldade, pesquisei no ano 2016 em Buenos Aires, na citada biblioteca. Lá, questionei sobre a digitalização do material e fui informado que eles estão apenas começando a realizar tal atividade e que os recursos para isso ainda são muito escassos. Porém, o trabalho foi agilizado em virtude da possibilidade de se fotografar o material. No retorno ao Brasil, contabilizei aproximadamente três mil fotos dos artigos publicados nos periódicos argentinos.

---

<sup>20</sup> As obras estão referenciadas nos capítulos.

Os jornais argentinos foram selecionados observando certos aspectos: Buenos Aires é o principal centro urbano da Argentina, seus periódicos são distribuídos por todo o país e neste sentido foram escolhidos os dois de maior tiragem o Clarín e o La Nación. Outro ponto de interesse e que influenciou a escolha, é que após suas respectivas fundações, 1945 e 1870, ambos continuam sendo publicados.

Além dos jornais, o semanário, tido como a bíblia esportiva argentina, El Gráfico foi fartamente utilizado até 2002, quando perdeu seu caráter semanal e se tornou mensal, o que acarretou perda da qualidade das informações para o modelo de pesquisa aqui adotado.<sup>21</sup> O Olé, primeiro diário esportivo argentino, fundado em 1996, foi outra fonte consultada.

No caso brasileiro, duas regiões se sobressaem como centros de difusão cultural para o país: o Rio de Janeiro e São Paulo. Nesse sentido também se buscou por jornais com grandes tiragens e com reconhecimento nacional, como o Jornal do Brasil e os jornais publicados pelo grupo Folha (Folha da Manhã, Folha da Noite e posteriormente Folha de São Paulo), além dos diários esportivos, dentre os quais destaco o Jornal dos Sports e o Lance!.

Outro cuidado tomado foi realizar, previamente à pesquisa de campo, o levantamento das datas relativas aos confrontos entre as duas seleções e a partir daí pesquisar os jornais nas datas próximas aos jogos.

Realizei uma primeira leitura do material coletado na Biblioteca nacional Mariano Moreno e procedi a sua catalogação e classificação. A partir daí percebi que era possível, por contar com os documentos argentinos e ter acesso aos periódicos brasileiros, trabalhar cada uma das partidas das seleções principais de Brasil e Argentina.

Paralelamente ao cuidado com cada uma das partidas, entendo que determinadas competições, com destaque para as Copas do Mundo, servem como grandes construtores da percepção em relação ao adversário, pois elas definem, para cada quadriênio, a melhor seleção do planeta. Nas palavras de Fatima Antunes:

---

<sup>21</sup> A empresa *Torneos y Competencias*, proprietária da mítica revista esportiva, fundada em maio de 1919, anunciou em janeiro de 2018 que, após 98 anos de existência, suspenderia a versão impressa da revista em decorrência do consumo decrescente dos meios impressos. A empresa ainda afirmou que analisava outras possibilidades para que o El Gráfico continuasse gerando conteúdos e informações para além do seu formato tradicional em papel.

Para aqueles que fizeram do futebol seu esporte nacional, a Copa do Mundo, no entanto significa, no nível simbólico, o momento em que se estabelece uma hierarquia entre as próprias identidades nacionais. É uma questão de vida ou morte, e o que acaba sendo colocado em jogo, por vezes, é a própria honra.<sup>22</sup>

Sem querer adiantar as conclusões, o efeito das Copas do Mundo na construção discursiva, representativa e identitária do adversário teve um impacto acentuado na maneira do argentino reconstruir sua narrativa sobre o futebol brasileiro (mais do que o inverso). Percebe-se de modo claro, especialmente no que denominei de “Era dourada do futebol brasileiro”, ou seja, entre 1958 e 1970, que o Brasil tornou-se o modelo a ser seguido. Neste sentido, utilizando-se da dupla conceitual desenvolvida por Reinhart Koselleck,<sup>23</sup> a partir do espaço de experiência vivenciado, em que o Brasil venceu três das quatro Copas do Mundo disputadas, apresentando um futebol criativo, habilidoso e que os argentinos denominaram, em português, de “jogo bonito” criou-se um horizonte de expectativa de que a Seleção Brasileira sempre deveria apresentar tal estilo de jogo e que, quando não ocorre, gera um sentimento de frustração entre os seus periodistas.

Apesar do caráter fugaz presente no futebol, ou seja, os resultados imediatos dos confrontos tendem a acarretar um apagamento temporário em virtude da euforia ou tristeza que os envolvem, ainda assim, a continuidade dos embates cria um espaço de experiência que por sua vez reverberará em um horizonte de expectativa, tanto para si, quanto para o seu adversário e, mais uma vez, as crônicas fornecem tais construções.

Também se buscou entender, ou perceber como verdadeira, no espaço futebolístico, uma afirmação do sociólogo Pablo Alabarces: “O argentino odeia amar os brasileiros e os brasileiros amam odiar os argentinos” e quais os motivos que levaram com que tal “amor” se diluísse nos primeiros anos do século XXI.

Em virtude do padrão desenvolvido na fase inicial da escritura, de descrever cada um dos jogos entre as duas seleções e ainda detalhar as partidas das Copas do Mundo, fundamentais para a criação, afirmação, questionamento e até desconstrução de identidades, a pesquisa caracterizou-se por ser mais descritiva e com discussões teóricas mais disseminadas.

---

<sup>22</sup> ANTUNES, Fatima Martins Rodrigues Ferreira. op. cit., p. 41.

<sup>23</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-RJ, 2006.

Em decorrência do trabalho exaustivo realizado pelo pesquisador, especialmente no levantamento e análise das fontes primárias, amplamente utilizados ao longo dos capítulos, permite afirmar que, a partir dos mesmos periódicos pesquisados, a substituição de uma fonte por outras que não foram utilizadas ao longo da pesquisa estará mais vinculada ao caráter estilístico, de identificação ou gosto do pesquisador do que fundamentalmente ao sentido dos artigos, mesmo consciente das múltiplas interpretações presentes no trabalho do historiador.

Como decorrência das análises acima mencionadas e consciente de que os objetos não se esgotam em uma, ou em poucas abordagens, vejo que um dos caminhos a ser seguidos futuramente é o do entrelaçamento mais profundo entre os aspectos teóricos e o caráter mais descritivo que foi fundamental para a elaboração de um quadro mais amplo e geral para analisar os confrontos entre os dois países no espaço futebolístico.

Em relação à descrição das partidas é fundamental realizar alguns esclarecimentos metodológicos. O pesquisador se utilizou inicialmente das próprias narrativas jornalísticas para compor o seu discurso, no entanto, a partir da década de 50 e de forma mais intensa para os anos recentes, há filmes disponibilizados na Internet em canais próprios o que tornou “mais fácil a comunicação direta entre os atores do campo (atletas, entidades, etc.) e o público”.<sup>24</sup> A partir desse material, as partidas passaram a ser narradas levando em conta não somente as narrativas jornalísticas, mas também da percepção que o próprio pesquisador vivenciou ao assistir as jogadas de perigo ou aquelas que resultaram nos gols e, sempre que possível, das partidas na íntegra, quando disponibilizadas.

Houve a preocupação por parte do pesquisador de apresentar os fatos curiosos, singulares e que marcaram o primeiro século de confrontos entre duas das maiores escolas de futebol do mundo. Para além das curiosidades, são disponibilizadas todas as escalações dos jogos em que brasileiros e argentinos se defrontaram e, nas Copas do Mundo, contra os demais adversários. Finalmente, buscou-se fazer breves biografias dos principais jogadores do Brasil e da Argentina. Tal esforço se circunscreveu aos atletas que já “aposentaram suas chuteiras”. Certamente algumas omissões foram cometidas nestas escolhas.

---

<sup>24</sup> MELO, Victor Andrade de (et. al.). *Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, p. 124.

A tese foi dividida em 7 capítulos, todos formatados a partir de critérios temporais. Levaram-se em consideração as modalidades de enfrentamento: Copa Roca, Copa América, Taça Atlântico e principalmente as Copas do Mundo. Os amistosos, por serem partidas de menor importância, foram tratados dentro dos períodos entre as competições mais importantes.

O primeiro capítulo busca situar o leitor em relação à crescente importância do futebol, especialmente em termos acadêmicos e como isso se agrega à utilização dos jornais e das crônicas esportivas como fontes históricas. Buscou-se discutir questões relacionadas à narrativa jornalística e do seu distanciamento quanto à objetividade. Como a pesquisa se insere nas práticas esportivas, abordou-se ainda a história da imprensa esportiva que, mesmo sendo, em muitos casos, a âncora de vendas do jornal, apresentava o editorial menos favorecido. O capítulo se encerra tratando da crônica, como gênero literário e, mais especificamente, das características que são inerentes à crônica esportiva.

O capítulo seguinte, denominado de “O nascimento de uma paixão”, tratou das origens, extremamente comuns, do futebol na Argentina e no Brasil. A partir daí discute-se como o futebol ganhou importância nos dois países, a formação dos respectivos selecionados nacionais e os primeiros intercâmbios entre combinados brasileiros e argentinos. O capítulo se encerra em 1914 quando, pela primeira vez, as seleções irão se enfrentar. É o início da Copa Roca.

O terceiro capítulo está circunscrito ao período entre 1914 e 1950. Nessas décadas, o futebol platino – uruguaio e argentino – foi dominante não só na América do Sul, mas também surpreendeu o mundo, afinal a Seleção Uruguaia foi bicampeã olímpica em 1924 e 1928 e campeã mundial em 1930, tendo inclusive disputado as duas últimas finais exatamente contra o grande rival do continente, a Argentina. Foi construído, dessa forma, um discurso da superioridade futebolística desses dois países denominada de “platinismo”. A imprensa brasileira, em vários momentos, deixará clara a necessidade de buscar inspiração e até de copiar os métodos utilizados pelos rivais.

Sem dúvida alguma, os argentinos contavam com uma geração espetacular, como afirmam os estudiosos sobre o tema e os jornalistas esportivos dos dois países. Eles inclusive acreditam que, se na década de 40, conhecida como a “Década sem Copa”, os campeonatos

mundiais de 1942 e 1946 tivessem ocorrido, provavelmente a Argentina teria conquistado pelo menos um deles, em virtude da qualidade de seus jogadores e do futebol apresentado. Apesar disso não ter acontecido, acabou por influenciar o discurso brasileiro em relação ao seu rival, fato que começou a se alterar apenas no final da década de 1940.

O quarto capítulo é simultaneamente a “Era de Ouro” do futebol brasileiro e de grave crise no futebol argentino, que se inicia na Copa de 1950, disputada no Brasil, quando o país vizinho se nega a dela participar, adotando a mesma posição em 1954. A realidade em nada melhora para os albicelestes na Copa seguinte, 1958. Acreditando ainda possuir o melhor futebol do mundo, são desclassificados na primeira fase do torneio disputado na Suécia, após sofrer uma vexatória goleada para a seleção da Tchecoslováquia.<sup>25</sup> Tal resultado foi considerado pelos cronistas argentinos do período como o maior desastre da história do futebol local.

Além da desastrosa derrota, os argentinos ainda assistiram ao êxito do futebol brasileiro, que apresentou uma safra de jogadores que encantaria o mundo por vários anos: Garrincha, Pelé, Nilton Santos, Didi, dentre outros. Se, até então, a imprensa brasileira defendia que deveríamos copiar o modelo de futebol argentino, agora o discurso se inverteu, era a albiceleste que se encontrava um passo atrás em relação ao futebol de seu adversário e tal sensação se reforçou com a conquista brasileira do bi-campeonato mundial no Chile (1962).

O capítulo será encerrado com o último grande fracasso do futebol argentino: a primeira e única vez que o selecionado do país foi desclassificado para a fase final da Copa do Mundo disputando as eliminatórias. Simultaneamente, assiste-se à consagração do futebol brasileiro com a conquista do tricampeonato. Percebe-se, acompanhando as reportagens jornalísticas argentinas, que havia uma simpatia e grande admiração pelo futebol praticado pela seleção canarinho.

O quinto capítulo tratará, especialmente, da organização e vitórias conquistadas pela Seleção Argentina, dessa forma, seria um novo momento de consagração do futebol

---

<sup>25</sup> Tchecoslováquia 6 X 1 Argentina.

daquele país. A albiceleste sagrou-se bicampeã do mundo em 1978 e 1986 – Argentina e México respectivamente – e ainda alcançou o vice-campeonato em 1990 – Itália.

O Brasil, por sua vez, após a geração de 1970, não apresentava jogadores tão talentosos, porém continuava sendo extremamente respeitado por todos os seus adversários e pela imprensa mundial. Os periodistas argentinos mostravam, em vários momentos, grande frustração com o futebol apresentado pela seleção canarinho, distante daquele que foi praticado nas duas décadas anteriores e incapaz de reproduzir o denominado “jogo bonito” que, segundo eles, nos identificava. A exceção, para essa fase sem brilho, foi a equipe montada por Telê Santana para a Copa da Espanha.

Por isso, neste capítulo, ganha importância a Copa de 1982. Por um lado, para muitos jornalistas brasileiros, ela foi um momento de inflexão no futebol tricampeão do mundo. Apesar das discussões sobre o Futebol Arte X Futebol Força serem comuns na imprensa, entre os jornalistas, os técnicos e os torcedores brasileiros, pelo menos desde 1966, a derrota na Copa teria deixado claro que o Brasil, para voltar a ser campeão, teria que jogar um “futebol de resultados”, mais próximo do praticado pelos europeus. Porém, os analistas argentinos percebiam uma geração talentosa do futebol brasileiro.

Apesar dos argentinos não terem apresentado um bom futebol na Copa de 1982, fato que alguns jornalistas atribuem à Guerra das Malvinas, afinal o conflito havia terminado com uma humilhante derrota frente às forças inglesas em 14 de julho, ou seja, um dia após a estreia de seu selecionado no Mundial, eles ofereciam um novo “Rei” para o futebol: Diego Maradona. E aqui não se objetivou discutir quem era melhor: Pelé ou Maradona. Tal discussão fica para os aficionados. Porém, Maradona foi, indiscutivelmente, como Pelé havia sido, o fio condutor do futebol mundial nos seguintes doze anos. Ele capitaneou a Argentina ao título de 1986 e ao vice-campeonato quatro anos depois. O capítulo também demonstra que a imprensa brasileira sempre se mostrou mais arredia quando se trata de tecer loas ao futebol do selecionado rival, assim como percebê-lo como um modelo a ser seguido.

O sexto capítulo centrou-se no retorno do Brasil aos locais mais altos do futebol internacional. O tetracampeonato em 1994 nos Estados Unidos, o vice-campeonato, com grandes doses de “teoria da conspiração”, em 1998, na França e finalmente o pentacampeonato conquistado em 2002 no Japão. A Seleção Brasileira apresentou uma

geração bem qualificada e com inúmeros jogadores que tinham como letra inicial de seus nomes o “R”, o que deu origem ao título do capítulo.<sup>26</sup>

Retornando à Copa de 1994, além da vitória brasileira, também se abordará o caso de Maradona. O excepcional jogador argentino foi acusado, durante um exame antidoping ocorrido durante o evento, de ter utilizado substâncias proibidas, dentre elas a efedrina, para emagrecer. Após a punição sofrida pelo seu grande astro, a Seleção Argentina, que em virtude do futebol apresentado era tida como a grande favorita do torneio, sucumbiu diante da Seleção Romena, equipe que tinha como grande protagonista Hagi, chamado de “o Maradona dos Cárpatos”. A Argentina, a partir do caso de Maradona, passou a apresentar boas seleções, porém, por muito tempo, segundo seus próprios relatos, sem a presença de um jogador “extra-classe”.

O último capítulo discute o possível declínio do futebol sul-americano, afinal as seleções dos dois países, cada vez mais exportadores de mão-de-obra para o futebol globalizado, fracassaram nas Copas de 2006 (Alemanha), 2010 (África do Sul) e mesmo no Brasil (2014), quando os argentinos alcançaram a final, mas foram derrotados pelos alemães na prorrogação e apresentaram um futebol distante da identidade que historicamente construíram.<sup>27</sup> Em várias reportagens brasileiras, nas vésperas da final, ocorrida no Maracanã, os alemães foram representados como os portadores, naquele momento, do “futebol-arte” e os argentinos, que atuaram mais defensivamente, do “futebol-força”.

No decorrer do capítulo percebe-se ainda, na albiceleste, a angústia pela falta de títulos. O último conquistado foi o sul-americano de 1993 e tal realidade se transformou em um peso para os seus jogadores, em particular para o “extra-classe” Lionel Messi. O capítulo se encerra com uma justificativa para o seu título, no entanto, antes disso, relata a última partida entre os dois selecionados para o período analisado, no centenário dos confrontos, ocorrido na China, pós Copa do Mundo.

---

<sup>26</sup> Romário, Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho, Roberto Carlos e Rivaldo, foram protagonistas dos títulos do Brasil no período.

<sup>27</sup> Fora do escopo temporal do trabalho, as seleções sul-americanas também fracassaram na Copa de 2018, disputada na Rússia.

# CAPÍTULO 1 – O QUADRO TÁTICO: AS CRÔNICAS ESPORTIVAS

## 1.1. O ESPORTE DAS MULTIDÕES

O futebol é o esporte mais popular do nosso planeta. Para se ter uma ideia da sua dimensão, existem mais países filiados à FIFA (*Federation International of Football Association*) do que associados à ONU (Organização das Nações Unidas)<sup>1</sup>. No Brasil, ele passou a ser jogado cotidianamente há pouco mais de um século e na Argentina sua introdução se deu algumas décadas antes. A primeira partida em solo platino teria ocorrido em 20 de junho de 1867 e no Brasil em 14 de abril de 1895. Sua introdução vincula-se à influência britânica e também à construção de ferrovias nos dois países.

Para dinamizar o processo de comunicação e integração do país por meio dos transportes terrestres, surgiu a ideia de se construírem ferrovias. Para tanto, foram trazidos técnicos e investidores britânicos. Muitos desses trabalhadores, juntos com os marinheiros que já batiam bola nos arredores dos portos de Buenos Aires e Rosário, foram os que começaram a introduzir e popularizar o futebol no país.<sup>2</sup>

Ou então:

Ainda em meados do século aconteceu a segunda revolução industrial inglesa. Com isso, entre 1850 e 1880 quase sete milhões de britânicos, de uma população total de 26 milhões, decidiram emigrar em busca de novas oportunidades. Parte deles foi à Argentina; outro tanto veio ao Brasil. Contudo, diferentemente dos demais imigrantes europeus, que em sua maioria chegaram para trabalhar nas fazendas de café, os britânicos vieram ao Brasil para ajudar a desenvolver e consolidar a São Paulo Railway Company e outras ferrovias, assim como para trabalhar em usinas, indústrias têxteis, empresas de fornecimento de gás e de energia elétrica [...].<sup>3</sup>

Os dois países se transformaram, a Argentina mais cedo que o Brasil, em grandes potências futebolísticas no âmbito não apenas regional, mas também mundial, e rivalidades já existentes em outras esferas se transferiram para o “relvado”.

---

<sup>1</sup> Para muitos países, a luta pelo reconhecimento internacional passa pelas entidades esportivas e as competições funcionam como um importante cenário para que certos grupos possam ampliar a visibilidade de suas lutas e reivindicações. Cf. AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol: uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002, p. 11.

<sup>2</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. *Brasil X Argentina: histórias do maior clássico do futebol mundial (1908-2008)*. São Paulo: Scortecci, 2009, p. 34.

<sup>3</sup> Idem, ibidem, p. 39.

A história da imprensa esportiva se encontra intimamente vinculada à palavra impressa, aos jornais, os quais, muito antes da aparição do rádio e da televisão, foram os primeiros a divulgar as atividades esportivas. No decorrer do século XX, as publicações especializadas deitaram as bases de como narrar o esporte nos dois países.

Os relatos dos jornalistas esportivos, doravante denominados, no conjunto, de crônica esportiva<sup>4</sup>, veiculam discursos sobre o que é ser brasileiro e do que é ser argentino, formulando não só ideias do que somos e do que podemos ser, assim como dos adversários ou rivais. O ato performativo da lembrança, para Jay Winter, é um modo, um caminho essencial no qual as identidades coletivas são formadas e reiteradas.<sup>5</sup>

No campo acadêmico, os esportes em geral e o futebol em particular, não eram vistos como temáticas que merecessem atenção mais cuidadosa. No Brasil, a literatura acadêmica em relação ao “esporte das multidões” começou a ganhar fôlego a partir da publicação do livro organizado pelo antropólogo Roberto DaMatta, intitulado *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*, editado em 1982.<sup>6</sup> Até então, os estudos eram bem escassos, possivelmente por influência do marxismo, que considerava o futebol poderosa força de alienação utilizada em prol dos dominantes sobre os dominados.

O futebol foi introduzido no Brasil e na Argentina pelas suas respectivas elites, a sua “democratização” era entendida, pelos defensores do papel alienante que lhe caberia, como um “engodo forjado pelas classes dominantes e repassado ao proletariado com o fim último de entretê-lo, domesticá-lo e desviá-lo da luta de classes”.<sup>7</sup> Porém, como afirma Arlei Damo: “O

---

<sup>4</sup> Usarei a palavra crônica esportiva para tratar dos relatos das partidas de futebol que aparecem nos jornais, faço essa ressalva em virtude de alguns estudiosos, que se utilizam das crônicas como fontes, como Fatima Antunes, Luiz Carlos Ribeiro e André Mendes Capraro, a entenderem como um gênero tipicamente brasileiro. Cf. FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo & CAPRARO, André Mendes (orgs.). op. cit., p. 8, 12 e 24.

<sup>5</sup> WINTER, JAY. “The performance of the past: memory, history, identity”. In: TILMANS, Karin; Van VREE, Frank; WINTER, Jay (eds.). *Performing the past: memory, history, and identity in Modern Europe*. Amsterdã: Amsterdã University Press, 2010, p. 15.

<sup>6</sup> DaMATTÁ, Roberto. *Universo do futebol: esportes e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p. 21-23.

<sup>7</sup> DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 28.

futebol não foi inventado pelas classes altas com fins espúrios, se é que se pode pensar em termos de finalidade, e tampouco foi assimilado passivamente pelas classes trabalhadoras”.<sup>8</sup>

De fato, a relação entre o futebol e a sociedade está culturalmente demarcada, não é algo evidente e natural, mas sim construída. Há uma relação de interdependência envolvendo o esporte e a sociedade, sendo cada um parte integrante do outro. O esporte é uma das formas pela qual a própria sociedade se expressa. Cabe aqui uma reflexão: o futebol, assim como qualquer outra atividade praticada pelo ser humano, seria em si algo alienante ou não seria a forma com que ele é apropriado que emprestaria este caráter alienador? Essa discussão supera o futebol e pode ser pensada para as novelas, a religião, etc.

O futebol deve ser entendido como uma das possibilidades do brasileiro e do argentino saírem da posição de mero objeto da ordem social para se tornarem dela um sujeito, “de ninguém se tornar alguém”, dessa forma, o indivíduo alcança sua ascensão e afirmação dentro da sociedade transformando-se em ator ativo no direito de ordenar o mundo. Inclusive, como nos lembra Luís Cláudio Figueiredo: “(...) a carreira de jogador de futebol é atualmente uma das vias régias para uma passagem das condições de mero indivíduo para a condição de pessoa (...)”.<sup>9</sup> O futebol nos dois países não deve ser considerado apenas como uma evasão da vida real, afinal as práticas lúdicas por ele engendradas ultrapassam esses limites invadindo o tempo “sério” da vida. Ele opera conexões estruturais complexas, que abrangem desde as camadas mais humildes da população até as mais altas. No dizer de Roberto DaMatta para o caso brasileiro:

Ora, num país onde a massa popular jamais tem voz e quando fala é através dos seus líderes, dentro das hierarquizações do poder, a experiência futebolística parece permitir uma real experiência de “horizontalização do poder”, por meio da reificação esportiva. Assim, o povo vê e fala diretamente com o Brasil, sem precisar dos seus clássicos elementos intermediários, que, sistematicamente, totalizam o mundo social brasileiro para ele e em seu nome.<sup>10</sup>

Ou dando voz ao cronista esportivo João Saldanha,

---

<sup>8</sup> Idem, *ibidem*, p. 28.

<sup>9</sup> FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *Modos de subjetivação no Brasil*. São Paulo: Escuta: Educ, 1995, p. 66.

<sup>10</sup> DaMATTÁ, Roberto. *op. cit.*, p. 34.

Penso que o futebol em nosso país é um fator básico para as classes populares em sua cultura e auto-afirmação, com características que nenhum outro esporte possui. Mas, como qualquer fenômeno da vida social, é contraditório, e suas contradições estão relacionadas com a nossa sociedade. Afinal, não jogamos futebol na Lua.<sup>11</sup>

O filósofo tcheco Vilém Flusser também combateu a ideia simplista de que o futebol cumpriria apenas um papel evasivo da realidade. Segundo ele, o futebol no Brasil passou da alienação para o engajamento, uma vez que a realidade do jogo aqui se tornou dominante, absorvente e extravasou seus domínios originais para todas as redes da vida social, e não o inverso e pode-se afirmar que o mesmo ocorreu na Argentina. Dessa forma, o futebol não deve ser entendido como mera válvula de escape, capaz de consumir o potencial revolucionário das massas oprimidas; mas foi, sim, por meio dele que o homem se apercebeu da possibilidade de forjar outra realidade, a realidade do jogo, onde ele também se sente parte ativa, dentro de um universo complexo e dinâmico.<sup>12</sup>

Pouco foi demonstrado empiricamente sobre a existência de uma relação direta entre o futebol e a evasão política. Tal percepção, reducionista e por isso superada, desconsidera a complexidade deste importante fenômeno cultura, social, econômico e político.

(...) ao contrário do que postulam algumas vertentes analíticas, o futebol *per se* não deve ser considerado como causa ou produto de alienação, mas, assim como qualquer outro fenômeno social, deve ser investigado em todas as suas dimensões, abrangências e potencialidades.<sup>13</sup>

Nas últimas três décadas, o panorama acadêmico muito se alterou, inúmeros livros sobre tal esporte bretão estão sendo lançados no nosso país e no vizinho, assim como proliferaram estudos, artigos científicos que tratam dos esportes em suas variadas modalidades. Malgrado tal desenvolvimento, é preciso ressaltar que grande parte dos trabalhos desenvolvidos procura analisar a história do futebol em seus respectivos países, descrevendo a sua chegada e o seu desenvolvimento em seu próprio território nacional, ou seja, o argentino estuda os diversos

<sup>11</sup> SALDANHA, João. “Futebol e zona do agrião”. In: MILLIET, Raul (org.). *Vida que segue*: João Saldanha e as Copas de 1966 e 1970. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 264.

<sup>12</sup> FLUSSER, Vilém. “Alienação”. In: *Fenomenologia do brasileiro*: em busca de um novo homem. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

<sup>13</sup> COUTO, Euclides de Freitas. “A esquerda contra-ataca: rebeldia e contestação política no futebol brasileiro (1970-1978)”. *Recordes*: Revista de História do Esporte, v. 3, n. 1, junho de 2010, p. 20.

fatores que constituem tal objeto, tais como o seu desenvolvimento, a sua interação entre o futebol e a mídia, a identidade nacional, a geopolítica, entre outros aspectos, fundamentalmente centrado no futebol argentino, já o brasileiro também o faz restrito aos seus limites geográficos. Porém, a história do futebol produzida no Brasil muito pouco se debruçou sobre os nossos vizinhos platinos, pelos quais nutrimos grande rivalidade e também admiração. O mesmo é percebido na historiografia argentina que trata do tema.

É exatamente esse espaço, um diálogo ainda omitido, que o trabalho ora desenvolvido pretende ocupar, especialmente a partir da análise dos relatos jornalísticos construídos por um país em relação ao futebol praticado pelo o outro. É importante ressaltar que ele apenas preencherá uma pequena parcela do vasto campo que pode ser explorado.<sup>14</sup>

Como ressaltaram Alejandro Frigerio e Gustavo Lins Ribeiro:

As relações de todo tipo entre argentinos e brasileiros se intensificaram enormemente nas últimas duas décadas. Apesar da importância social e cultural que uma mudança desta ordem implica, ainda são escassos os estudos que focalizam as interações concretas entre cidadãos dos dois países. A maior parte dos trabalhos que foram publicados até o momento refere-se às relações históricas entre os dois países ou às transformações sociais que o Mercosul trouxe, deixando de lado o aspecto mais micro das interações entre habitantes de ambos países.<sup>15</sup>

Com a valorização da temática, ganharam importância os periódicos esportivos ou aqueles que tratam do objeto em seção própria, afinal eles são um dos poucos meios de acesso ao passado futebolístico nacional e internacional. Como tão bem ressaltou Bernardo Buarque de

---

<sup>14</sup> Um outro campo extremamente interessante e instigante refere-se à publicidade, especialmente em períodos de Copa do Mundo. Para Ronaldo Helal, as propagandas, muitas vezes carregadas de um humor agressivo, acabaram alterando a percepção que os argentinos tinham dos brasileiros, fazendo inclusive com que os primeiros deixassem de torcer para seu vizinho sul-americano. A recepção e a mudança de percepção dos platinos em relação aos brasileiros também é um interessante espaço de pesquisa. Cf. HELAL, Ronaldo. “Espírito pra lá de esportivo”. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/espírito-pra-la-de-esportivo>. Acessado em: 3 de fevereiro de 2014.

<sup>15</sup> FRIGERIO, Alejandro; RIBEIRO, Gustavo Lins (orgs.). *Argentinos e brasileiros: encontros, imagens e estereótipos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 7.

Hollanda e Victor Andrade de Melo: “os periódicos foram a base para que historiadores e cientistas sociais pudessem se debruçar sobre as suas temáticas mais caras”.<sup>16</sup>

O jornal é, indubitavelmente, legítimo suporte das informações fragmentárias do cotidiano e se transformou em uma fonte insubstituível para que se possam reconstituir os grandes acontecimentos sociais, dentre eles o futebol, assim como outras modalidades esportivas. Na medida em que o esporte adquiria maior relevância e interesse do público, as empresas jornalísticas decidiram incluí-lo como um gênero específico, ao lado da política, da economia, das artes, dentre outros gêneros. Nesse sentido, também é interessante ressaltar que se fez cada vez mais necessário que as redações jornalísticas contassem com profissionais capacitados para tratar, ao menos, dos esportes mais populares e dentre eles sempre figurou o futebol.

É preciso ainda ressaltar que os jornais, como qualquer outro documento, não são fontes neutras para a obtenção de informações, mas são objetos de investigação em si próprios, pois apresentam posições ideológicas por vezes claras e por outras disfarçadas por uma linguagem que defende a neutralidade. Sendo assim, podem-se perceber as características do momento histórico em que as reportagens foram publicadas e é possível depreender o papel ativo desempenhado pelos meios de comunicação na construção do imaginário nacional.

## **1.2. A NARRATIVA JORNALÍSTICA**

Ao se falar em narrativa, associa-se imediatamente ao romance ou ao conto. Porém, como nos lembra Monika Fludernik, tal ideia é muito mais ampla, ela se encontra em tudo que nos circunda, vincula-se a qualquer ato de narração.<sup>17</sup> Além disso, elas são baseadas em relações de causa e efeito as quais são aplicadas à sequência de eventos. Ou seja, o discurso jornalístico é, indubitavelmente, uma narrativa, inclusive formulado por narradores profissionais. Ele atende a uma série de elementos que, a maior parte dos narratologistas entende que compõem a narrativa, são eles: os sinais materiais; o discurso que transmite um certo significado (ou conteúdo), a

---

<sup>16</sup> HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de. “Apresentação”. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade (orgs.). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2012, p. 15.

<sup>17</sup> FLUDERNIK, Monika. “Narrative and narrating”. In: FLUDERNIK, Monika. *An introduction to narratology*. Londres: Routledge, 2009, p. 1.

história; e preenchem uma certa função social. A definição então esboçaria três domínios potenciais para a definição de narrativa: discurso, história e uso.<sup>18</sup>

O jornalismo é entendido como narrativa, na medida em que se adota a definição oferecida por Fludernik. Ou seja, ela é uma representação de um mundo possível, especialmente pelo meio linguístico, mas também – e cada vez mais – visual. Há vários protagonistas de natureza antropomórfica, suas histórias estão completamente ancoradas no tempo e no espaço e tanto os protagonistas quanto o próprio jornal possuem ações vinculadas aos seus objetivos.

Uma narrativa (...) é uma representação de um mundo possível em um meio linguístico e/ou visual, em cujo centro há um ou muitos protagonistas de natureza antropomórfica que estão existencialmente ancorados em um sentido temporal e espacial e que (a maioria) realiza ações dirigidas a um objetivo. É a experiência destes protagonistas que a narrativa se concentra e permitem aos leitores mergulharem em um mundo diferente e na vida dos protagonistas.<sup>19</sup>

Ou seja, o jornalismo, inclusive o esportivo, deve ser refletido sob a perspectiva narrativa ou discursiva. Para Nilda Jacks, ele possui uma característica, inalcançável, porém que o norteia, que é a busca pela objetividade:

O jornalismo informativo – gênero supostamente “não contaminado” pela opinião, pela valoração e pela ideologia – se define a si mesmo como imparcial e neutro. É parte de seu jogo discursivo fazer crer que se interpõe entre os fatos e o leitor de maneira a retratar fielmente a realidade. Não poderia ser diferente já que o que está em jogo é sua credibilidade<sup>20</sup>

Obviamente que os meios de comunicação fazem parte do mundo que querem retratar e em seu interior também existem sujeitos que possuem suas próprias ideias e defendem determinados interesses e isso significa que os jornalistas mais críticos lutam para conciliar os seus critérios éticos e jornalísticos com as informações que julgam relevantes e com a forma de abordá-las. Ou seja, a narrativa jornalística está, certamente, repleta de subjetividade. Como ressaltou André Leme Lopes a partir de Marshall McLuhan, “a mídia não é apenas um portador

<sup>18</sup> RYAN, Marie-Laure. “Toward a definition of narrative”. In: HERMAN, David (ed.). *The Cambridge companion to narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 24.

<sup>19</sup> Idem, *ibidem*, p. 6.

<sup>20</sup> JACKS, Nilda; MACHADO, Márcia B.; MÜLLER, Karla. *Hermanos, pero no mucho: el periodismo narra la paradoja de la fraternidad y rivalidad entre Brasil y Argentina*. Buenos Aires: La Crujia, 2004, p. 29-30.

inocente de mensagens por meio dela preservadas e transmitidas, mas, ao contrário, é uma poderosa força social e cultural”.<sup>21</sup>

Há uma certa angústia ao tratar do assunto por alguns segmentos da imprensa. Talvez porque uma parte da teoria do jornalismo, ao defender a precisão, a exatidão, a clareza e o equilíbrio como critérios fundamentais para evitar o erro, a não verdade, a fraude e a manipulação, tenha aglutinado esses eixos norteadores da ação sob o amparo de uma idealizada objetividade.<sup>22</sup>

Porém, a subjetividade não só é inevitável como também não pode ser entendida como uma perda de credibilidade por parte do periódico. Durante o século XX, as pesquisas realizadas em várias áreas, como a filosofia da linguagem e a teoria da literatura, demonstraram que a linguagem não era neutra e o seu uso interfere no próprio objeto da narração.<sup>23</sup>

Sendo assim, não mais se acredita que o jornalismo seja uma espécie de “espelho” do real, tal forma de pensar não encontra mais sustentação. Porém, o discurso jornalístico ainda necessita que o leitor creia, ao menos em parte, nessa ilusão. O jornalismo “não pode construir outra imagem de si mesmo que não seja a de uma instituição capaz de ser um relato fiel dos fatos e pensamentos. É por meio do jornalismo que o leitor espera ler o mundo”.<sup>24</sup>

O jornal, assim como outros meios de comunicação, narra o seu discurso tendo como horizonte um determinado leitor. O jornalista, por sua vez, o tem sempre em mente, aos escrever as suas notícias. Ele acredita conhecer o que o seu leitor quer saber e até onde vai o seu interesse por um determinado assunto.

Como nos lembra Fludernik, nenhum historiador ou escritor pode reproduzir o mundo em sua totalidade e esse conceito pode ser aplicado também ao jornalista. A narrativa envolve

---

<sup>21</sup> McLuhan, Marshall, apud, LEME LOPES, André Pereira. *Narrativa histórica em meio digital*. (mimeo).

<sup>22</sup> JACKS, Nilda; MACHADO, Márcia B.; MÜLLER, Karla. op. cit., p. 30.

<sup>23</sup> LEME LOPES, André Pereira. “Considerações sobre historiografia e narrativa a partir da leitura de ‘Peixe grande’”. In: *Oficina do historiador*. Porto Alegre, v. 8, n.1, 2015, p. 102. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/2178-3748.2015.17880>. Acessado em: 10 de setembro de 2015.

<sup>24</sup> JACKS, Nilda; MACHADO, Márcia B.; MÜLLER, Karla. op. cit., p. 38.

invariavelmente uma seleção. E parafraseando a autora quando trata do historiador e da historiografia, o jornalismo, logo o profissional envolvido na atividade, nunca é objetivo, não importa o seu compromisso em dizer a verdade.<sup>25</sup>

O leitor, por sua vez, estabelece com os jornalistas uma relação que pode ser de confiança ou de desconfiança, de admiração ou de desprezo, dessa forma pode-se falar de uma espécie de “contrato de leitura”, que ganha ou perde força, que é mais ou menos eficaz, a partir da credibilidade do jornal e dos jornalistas que o compõem. Deve-se ainda ressaltar que tal credibilidade pode variar no decorrer do tempo, ou seja, significa que ela depende da capacidade do jornal e dos seus profissionais de mantê-la. Segundo Nelson Traquina:

Lemos as notícias acreditando que elas são um índice do real; lemos as notícias acreditando que os profissionais do campo jornalístico não transgrediram a fronteira que separa o real da ficção. E é a existência de um “acordo de cavaleiros” entre jornalistas e leitores por respeito a esta fronteira o que faz possível a leitura das notícias enquanto índice do real e, igualmente, condena qualquer transgressão como “crime”.<sup>26</sup>

É conhecido que o jornalismo é uma narração do real mediada por sujeitos, que a própria escolha da pauta da edição, das fontes, chegando até na hierarquização das informações para a impressão, todas essas atividades estão marcadas, até certo nível, pela subjetividade. Desta forma, tendo ou não consciência de todo esse processo, o leitor busca no jornalismo uma espécie de porta para o real, ou seja, ele acaba sendo um dos “filtros” mentais e sociais existentes ressaltados por Leme Lopes e é, assim como os demais “filtros, tão poderoso que desmonta a realidade externa e a recria em uma forma que podemos compreender e na qual conseguimos viver”.<sup>27</sup>

Os discursos, sejam eles quais forem, não se dão fora de contexto social, eles sempre possuem uma íntima relação com o que lhes são externos. Não existe jornalismo sem aquilo que se acostuma compreender como exterior: os fatos, as relações de poder, as decisões políticas, os

<sup>25</sup> FLUDERNIK, Monika. “Narrative and narrating”. In: op. cit., p. 3.

<sup>26</sup> TRAQUINA, Nelson. “As notícias”. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993, p. 168.

<sup>27</sup> LEME LOPES, André Pereira. “Considerações sobre historiografia e narrativa a partir da leitura de ‘Peixe grande’”. In: *Oficina do historiador*. Porto Alegre, v. 8, n.1, 2015, p. 110. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/2178-3748.2015.17880>. Acessado em: 10 de setembro de 2015.

interesses econômicos, os contextos sociais, os saberes históricos, as crenças religiosas, dentre outros. Nem sempre essas relações ficam explicitadas no discurso jornalístico. “Em um movimento complexo, o jornalismo mostra e esconde o que convém aos seus enunciadores por meio de estratégias discursivas”.<sup>28</sup> Enfim, não há jornalismo desassociado da história, da ideologia e das relações de poder. Sendo assim, é importante buscar nos relatos históricos, e dentre eles na própria imprensa esportiva dos dois países, as raízes e as reafirmações da rivalidade entre brasileiros e argentinos. Por sinal, os esportes em geral e o futebol em particular, são espaços em que a rivalidade pode se revelar com menos constrangimento.

### 1.3. A IMPRENSA ESPORTIVA

Os primeiros vislumbres do periodismo esportivo, como entendido atualmente, nasceram na Inglaterra, juntamente com o esporte moderno, que também teve no referido país seu grande divulgador e promotor. Os historiadores localizam o primeiro antecedente na mesma época da independência do Brasil, em 1822, com a revista *Bell's Life*. Cabe ressaltar que ela não tratava exclusivamente de esportes, mas foi a primeira a difundir os temas esportivos.

Na medida em que os esportes ganhavam popularidade e conseqüentemente público leitor, os jornais, percebendo um filão para elevar os seus respectivos faturamentos, passaram a incluir uma seção direcionada a eles. Porém, como o espaço dos periódicos é restrito, muitas práticas esportivas ficavam de fora das pautas ou não eram exploradas com a devida minúcia que muitos leitores desejavam, por isso e com o intuito de atingir um público desejoso por notícias esportivas, surgiram os jornais e revistas especializados.

O primeiro periódico efetivamente esportivo na Inglaterra foi a revista *Sporting Life* de 1859. Seu sucesso foi tal que gerou alguns imitadores, em 1865 surgiu a *Sportmen* e em 1871, na cidade de Manchester, a *Sporting Chronicle*.

Na França, o aparecimento do primeiro periódico esportivo se deu ainda mais cedo, em 1854, com o *Le Sport*. Já o primeiro diário esportivo é de 1892, chamado *Le Vélo*. Na

---

<sup>28</sup> JACKS, Nilda; MACHADO, Márcia B.; MÜLLER, Karla. op. cit., p. 41.

Espanha, a primeira revista a tratar de esporte surgiu dois anos após a sua congênere francesa, em 1856, em Barcelona e se chamou *El Cazador*. A partir do final do século XIX surgiram muitas outras revistas em terras espanholas tais como: *La Semana Madrileña*, *El Sport Español*, *Crônica del Sport*, *El Mundo Deportivo*.<sup>29</sup>

É ainda interessante ressaltar que duas voltas ciclísticas, ambas de grande importância no circuito internacional, nasceram de diários esportivos, o francês *L'Auto*, que teve seu nome modificado para *L'Equipe*, criou a volta ciclística da França<sup>30</sup> e já o italiano *La Gazzetta Dello Sport*, inspirado no *Tour de France*, inventou o *Giro d'Italia* (Volta da Itália), com o objetivo de elevar as vendas do periódico.<sup>31</sup>

No decorrer dos oitocentos, os periódicos progressivamente assumiram o papel de arena pública e formadora de opiniões. No início, os eventos esportivos eram apresentados de maneira relativamente sucinta e buscava-se publicar notícias sobre os programas, regulamentos e ocorrências em geral. Na verdade, até o final da citada centúria, ainda não havia um espaço específico para os informes esportivos, como hoje são comumente encontradas. “Na ocasião, elas se misturavam com informações comerciais, políticas, econômicas, por vezes, inseridas no bloco dos acontecimentos sociais”.<sup>32</sup>

Para Alcoba López, um dos fatos de maior importância para as notícias esportivas ocorreu com a decisão do magnata da imprensa norte-americana, Willian Randolph Hearst,

<sup>29</sup> *El Mundo Deportivo* é o diário em circulação mais antigo da Espanha, seu primeiro número apareceu em Barcelona em 1º de fevereiro de 1906. Cf. ALCOBA LÓPEZ, Antonio. *Periodismo deportivo*. Madrid: Editorial Síntesis, 2005, p. 38.

<sup>30</sup> A Volta da França, ou *Tour de France* é uma competição anual de ciclismo de estrada realizada no citado país no mês de julho. É a volta mais conhecida e prestigiada do ciclismo dos três *Grand Tours*, os dois outros são o *Giro d'Itália* e *Vuelta a España*. A corrida, que é anual, teve seu início no ano de 1903 objetivando aumentar as vendas do periódico *L'Auto* e teve como vencedor o francês Maurice Garin. Apesar do seu percurso mudar todos os anos, o final é sempre em Paris. A corrida tem aproximadamente 3.500 quilômetros e pode incluir países vizinhos da França, como a Bélgica. Ela foi interrompida entre 1915-1918 e 1940-1946 em virtude da I Guerra e II Guerra Mundial respectivamente.

<sup>31</sup> A Volta da Itália iniciou-se em 1909, tendo como vencedor o ciclista Luigi Ganna. Ela acontece anualmente, tendo sido interrompida nos anos das duas grandes guerras mundiais (1915-1918 – I Guerra Mundial e entre 1941-1945 – II Guerra Mundial). É uma corrida de longa distância para ciclistas profissionais. A competição tem duração de três semanas e ocorre no mês de maio podendo avançar pela primeira semana de junho. O percurso costuma ser alterado a cada ano através da península italiana podendo, inclusive, incluir países limítrofes.

<sup>32</sup> MELO, Victor Andrade de. “Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX”. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade (orgs.). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 26.

proprietário do *The New York Journal*, de incluir em seu jornal, em 1895, páginas esportivas. As primeiras notícias abordaram as corridas de cavalos e, posteriormente, em virtude do sucesso obtido, incluiu outros esportes. Como consequência dessa decisão, “os diários norte-americanos reservaram um espaço diário exclusivo para a informação esportiva”.<sup>33</sup>

Apesar da citada inovação e dos Estados Unidos contarem com uma revista esportiva extremamente popular e difundida, a *Sport Illustrated*, que contava, em 2002, com uma tiragem próxima a quatro milhões de exemplares, é curioso perceber que lá não triunfou a imprensa diária esportiva.<sup>34</sup>

O modelo de narração inicialmente adotado e seguido por algum tempo pelos periódicos brasileiros e argentinos era: começava com uma breve apresentação do evento, seguia descrevendo com minúcias as provas e terminava com um balanço muito ligeiro do que ocorrera. Aos poucos os comentários sobre os esportes foram se ampliando contando com artigos descritivos dos jogos e esportes mais praticados.

Com o passar do tempo, na medida em que os esportes foram se popularizando, o número de eventos se multiplicou e os próprios jornalistas passaram a entender melhor o funcionamento das atividades esportivas, a especialização tornou-se uma obrigação, as informações se tornaram mais minuciosas.

Além de atender a um público crescente, os periódicos ligavam seu nome a uma nova prática, a esportiva, que se configurava como um sinal de progresso e civilidade, na qual estavam envolvidos muitos membros da elite. Dessa forma, o jornal se relacionava com pessoas influentes da sociedade. Porém, a sua popularidade se deve também a capacidade que possui de se integrar a todos os setores da sociedade.

Não obstante, nem os meios de comunicação nem os jornalistas esportivos podem ser acusados de terem convertido o esporte na atividade mais praticada e que difunde o maior volume de informações no mundo. Quem elevou o esporte

---

<sup>33</sup> Cf. ALCOBA LÓPEZ, Antonio. op. cit., p. 39.

<sup>34</sup> A última tentativa se deu com o *The National* que terminou fracassando na década de 90 do século passado. Cf. Idem, ibidem, p. 39.

ao topo do interesse humano são precisamente os seres humanos, algo que não entendem quem o critica como refugio educativo ou educação física circense.<sup>35</sup>

Segundo Antonio Alcoba López, o esporte, no decorrer do século XX, foi das atividades que mais interessou, de maneira continuada, os habitantes da Terra, “praticamente desde os inícios do século se comprova que o esporte tem sido a atividade que mais volume de informação e comunicação gerou, como se demonstra quando se consultam as hemerotecas, fonotecas e videotecas.”<sup>36</sup>

Dado interessante e que reforça a afirmação acima, referente ao ano de 2002, é que entre os diários espanhóis mais vendidos e lidos no país, se encontravam quatro esportivos: *Marca*, situado na segunda posição, atrás apenas do *El País*, com uma tiragem de 403.049 exemplares diários; *As*, em sexto lugar, com 158.780; em décimo o periódico *Sport*, com 115.234 exemplares e em décimo segundo *El Mundo Deportivo*, como já foi destacado, o jornal mais antigo em circulação no país, com 103.615 exemplares.<sup>37</sup>

A importância dos jornais esportivos não atinge somente o mundo ocidental. No Japão, por exemplo, vários deles superam a marca de um milhão de exemplares por tiragem. Os periódicos *Tokyo Sports*, *Nikkan Sports* e *Sport Nippon* estão entre os 25 jornais de maior tiragem no mundo ocupando os seguintes postos respectivamente: décimo segundo, décimo oitavo e vigésimo primeiro.<sup>38</sup>

Os periódicos, atendendo aos interesses do seu público e na busca da sua fidelização, atuam em dois momentos: antes das competições, criando expectativa em relação ao evento, promovendo-o e posteriormente, após a competição, com a narração do que ocorreu.

No Brasil, na última década do XIX, coube ao *Jornal do Brasil* abrir maior espaço para as notícias esportivas. Ele criou novas seções para atender o interesse crescente pelo tema.

---

<sup>35</sup> Idem, *Ibidem.*, p. 30.

<sup>36</sup> Idem, *ibidem.*, p. 8.

<sup>37</sup> Idem, *ibidem.*, p. 8.

<sup>38</sup> Idem, *ibidem.*, p. 30-40. No ano de 2003 o *Tokyo Sports* alcançou uma tiragem de 2.400.000 exemplares, o *Nikkan Sport* alcançou 1.900.000 exemplares e finalmente o *Sport Nippon* atingiu 1.700.000 exemplares.

Outros periódicos seguiram o seu exemplo e já no primeiro decênio do século XX o esporte era, e não deixaria mais de ser, presença constante na maioria das revistas e jornais brasileiros.

Mas, antes do protagonismo exercido pelo *Jornal do Brasil*, outros jornais já tratavam dos esportes. Foi no contexto da transformação editorial experimentado pelo jornalismo brasileiro na segunda metade do século XIX, quando os periódicos passaram a incorporar novas propostas de valorização dos fatos em detrimento das opiniões, que surgiu a imprensa esportiva no país que tem como marco o ano de 1856 com a publicação do jornal *O Atleta*. Ele se preocupava com o aprimoramento físico dos habitantes da capital do Império.

Em 1885 passaram a circular *O Sport* e *O Sportman*. Em 1891, um importante jornal paulista, *A Platea*, lançou um suplemento denominado *A Platea Sportiva*. Sete anos depois, em 1898, foram publicados, também na capital paulista a revista *O Sport* e o jornal *Gazeta Sportiva* (que não tem qualquer vinculação com o importante jornal que foi criado na década de 1930). O futebol não era assunto desses periódicos que tratavam do turfe, regatas, ciclismo e até críquete.

Inicialmente, a editoria dos esportes, apesar do grande interesse que despertava, tinha pouco espaço e reduzido prestígio.<sup>39</sup> Realidade que se refletia no profissional que cobria a área, tido como um jornalista de segunda categoria, afinal o objeto do seu trabalho estava ao alcance de qualquer um e não se poderia comparar com outras seções consideradas fundamentais para o jornalismo, como: a área internacional, econômica e política.

Para escrever sobre “assuntos sérios” era preciso, segundo se pensava, preparação adequada, enquanto não se exigiria essa obrigação para comunicar e difundir o tema esportivo. A desvalorização do cronista e da imprensa esportiva perdurou até o início da década de 1940.

O desenvolvimento da imprensa especializada se deu concomitantemente ao crescimento e popularização de um dado esporte: o futebol. Sem ele é provável que as informações esportivas ainda estivessem relegadas a um plano secundário. Exatamente pela sua grande popularidade e por ser compreendido pela maioria das pessoas, o futebol exige grande

---

<sup>39</sup> É importante destacar que tal fato não se deu apenas no Brasil, mas nos Estados Unidos a nascente editoria de esportes também era percebida como uma área menor e menos séria dentro um jornal.

preparação por parte de quem dele se ocupa profissionalmente, pois eventuais equívocos são muito mais fáceis de serem detectados pelos leitores.

Mesmo nos grandes jornais da época, até o início do século XX, o futebol era pouco abordado e quando a temática era tratada não se centrava nos jogos realizados, mas nos benefícios ou prejuízos que esse novo esporte poderia trazer à população. Também servia como arena para expor a visão ideal de sociedade adotada pelo cronista que, de uma forma geral, criava antagonismo entre a elite e o povo. Segundo André Ribeiro:

Pelos primeiros artigos publicados sobre futebol nos jornais e revistas, ficava clara a divisão do esporte em dois grupos. De um lado, *os filhos de boa família*, e de outro, *os varzeanos humildes*. Os primeiros eram considerados dignos representantes do foot-ball, importado da Europa, e os outros vistos como ‘brutos, incapazes de seguir as regras de conduta, ridicularizados muitas vezes pelos jornalistas como um bando de jogadores que davam chutões para o alto’, sendo chamados de ‘canelas negras’<sup>40</sup>.

A atenção detalhada que a imprensa brasileira dá a uma partida de futebol ocorreu na disputa da final do primeiro campeonato de futebol organizado pela Liga de Futebol de São Paulo em 1902. O texto foi publicado pelo *O Estado de São Paulo* em 27 de outubro daquele ano e foi escrita por aquele que foi o principal jornalista esportivo até a década de 1920 no Brasil, Mário Cardim.<sup>41</sup> O jogo final foi entre o SPAC (São Paulo Athletic Club) e o Paulistano e terminou com a vitória do primeiro pelo placar de 2X1. Os dois gols da equipe vencedora foram feitos por Charles Miller, considerado, pela historiografia oficial, o “pai do futebol” no Brasil.

Mas, antes da final paulista, em 1901, evento promovido pelo grupo da Rotisserie Sportsman,<sup>42</sup> chamou a atenção da imprensa e foi de grande importância para a divulgação do

<sup>40</sup> Pelo apelido dado percebe-se claramente o caráter racista presente na sociedade brasileira e que se espalhava pelo futebol. Cf. RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo: história da imprensa esportiva no Brasil*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007, p. 27. (grifos nossos).

<sup>41</sup> Mário Cardim era repórter e estudante de Direito. Filho do juiz federal Antônio Saturnino. Como a maioria de seus amigos, seu círculo de amizade incluía a mais alta sociedade paulistana. Ele também era um apaixonado pelo futebol, tanto que em 1899 chegou a jogar no segundo quadro do Internacional. Em 1900 decidiu, com outros amigos, fundar um clube próprio: o Paulistano. Cf. Idem, p. 20.

<sup>42</sup> A Rotisserie Sportsman, que se localizava na Rua São Bento, 61 era o local onde os jovens da elite e aficionados pelo futebol na cidade de São Paulo se encontravam para discutir a prática e o futuro desse esporte na cidade. Os principais componentes do grupo eram: Charles Miller, Mário Cardim, René Vanorden, Hans Nobiling, Antônio Prado Júnior e Arthur Ravache.

futebol, tanto em São Paulo, quanto no Rio de Janeiro. Foi a primeira partida interestadual, disputada entre cariocas e paulistas. Foram dois jogos e ambos terminaram empatados.<sup>43</sup> O sucesso desse encontro e a repercussão que gerou nos principais jornais das duas cidades acelerou o processo de criação da primeira Liga de Futebol de São Paulo.

Era prática, naquela época, que as informações, quando divulgadas, fossem caracterizadas pela objetividade, sem detalhes. No dizer de Ribeiro, “bastava dizer qual o jogo, local e resultado, até porque os jornais desse período eram muito ‘pequenos’ com quatro ou cinco páginas, no máximo. O jogo em si não era importante”.<sup>44</sup>

No Rio de Janeiro, além do *Jornal do Brasil*, outro grande jornal, *Gazeta de Notícias*, ciente da popularidade que o esporte ganhava, se intitulou o “porta-voz” do futebol carioca. Até então ele mantinha um pequeno espaço para a divulgação dos jogos ocorridos na capital, mas percebendo sua crescente importância resolveu criar uma seção fixa diária, com duas colunas, a *Gazeta dos Sports*.

Nele, o futebol contou com a pena de um dos seus maiores redatores daquela época, Paulo Barreto, conhecido como “João do Rio”<sup>45</sup>, apaixonado pelo “esporte bretão”. O cronista sempre preocupado em descrever o cotidiano carioca percebeu que o futebol, que se desenvolvia de forma assustadora pelas ruas da cidade, poderia enriquecer os seus escritos. “A série mais famosa escrita por ele chamava-se ‘Da alma encantadora das ruas’, mas foi em uma coluna que assinava com o pseudônimo JOE que o futebol passou a ser glorificado”.<sup>46</sup>

---

<sup>43</sup> No futebol, as duas primeiras partidas entre os selecionados paulista (São Paulo Scratch Team, de camisa azul e preta e calção preto) e carioca (Rio Scratch Team, de camisa branca e calção preto) ocorreram em 19 e 20.10.1901. No campo do São Paulo Athletic Club (Spac), dois empates, porém não há concordância das fontes quanto aos placares. Cf. BECKER, Laércio. Sobre a unificação dos títulos brasileiros. Disponível em: [http://www.campeoesdofutebol.com.br/leitura/unificacao\\_torneios\\_entre\\_selecoes.html](http://www.campeoesdofutebol.com.br/leitura/unificacao_torneios_entre_selecoes.html). Acessado em: 9 de julho de 2015.

<sup>44</sup> RIBEIRO, André. op. cit., p. 25.

<sup>45</sup> João Paulo Emilio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, ou simplesmente Paulo Barreto. Seu pseudônimo literário foi João do Rio. Jornalista, cronista, contista e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, em 5 de agosto de 1881, e faleceu na mesma cidade em 23 de junho de 1921. Foi o segundo ocupante da cadeira 26 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 7 de maio de 1910. Como homem de letras, deixou obras de valor, sobretudo como cronista. É considerado o criador da crônica social moderna.

<sup>46</sup> RIBEIRO, André. op. cit., p. 32.

Com o desenvolvimento do futebol no Brasil, noticiar sobre ele não era mais algo eventual, mas obrigação, especialmente se a empresa visava lucro. Ainda no decorrer da primeira década da nova centúria, novos jornais foram criados no Rio de Janeiro. Em 1907 foi o *Brazil Sport* e em 1908 a *Revista Sportiva*.

O primeiro jornal de grande circulação que criou um suplemento de esportes foi *A Gazeta* de São Paulo, em 1928.<sup>47</sup> Foi na década de 30 que os primeiros diários esportivos começaram a fazer sucesso e tal fato, não por acaso, se deu simultaneamente ao processo de profissionalização do futebol, que começava a ser encarado como meio de ascensão social para, sobretudo, negros e brancos pobres. Foi na referida década que surgiram os primeiros periódicos esportivos que viriam a ter presença duradoura e alcance nacional.

Marco nesse processo foi o aparecimento de um jornal diário de esportes no então Distrito Federal, em 13 de março de 1931, o *Jornal dos Sports*, o saudoso cor-de-rosa. A adoção da capa rosa, marca singular do citado jornal, se deu em 23 de março de 1936 e foi uma cópia do jornal esportivo italiano *Gazzetta dello Sport*. O periódico foi criado pelos sócios Argemiro Bulcão e Ozéas Mota, o primeiro havia sido proprietário do *Rio Sportivo*. Conhecedor da necessidade de contar com bons profissionais, Bulcão contratou um dos jornalistas que se transformaria em um dos maiores nomes do setor, Mário Filho. Segundo Antunes:

A Mário Filho deve-se a criação e valorização do jornalismo esportivo enquanto gênero no Brasil, no início dos anos 30. Depois de organizar um caderno totalmente dedicado aos esportes nos jornais *A Manhã* e *Crítica*, ambos de propriedade de seu pai, ele fundou o *Mundo Esportivo* e, posteriormente, o *Jornal dos Sports*, primeiros jornais totalmente dedicados aos esportes no Brasil.<sup>48</sup>

Porém, o contratado tinha o sonho de montar seu próprio jornal esportivo. Com muito esforço, ele fundou *O Mundo Sportivo*. Contudo, a experiência não foi duradoura. Mário

---

<sup>47</sup> De início um suplemento, acompanhava o vespertino *A Gazeta*, dirigido pelo empresário Cásper Líbero (1889-1943). Duas décadas mais tarde, no ano de 1947, *A Gazeta Esportiva* circulava de maneira autônoma e tinha como grande destaque o cronista Thomaz Mazzoni.

<sup>48</sup> ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. “Nelson Rodrigues e a emancipação do homem brasileiro: de viralatas a moleque genial”. In: COSTA, Márcia Regina da (org.). *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999, p. 186. É preciso fazer uma ressalva, o *Jornal dos Sports* não foi criado por Mário Filho, como foi explicado no próprio corpo da citação, mas sim por Argemiro Bulcão e Ozéas Mota em 1931.

percebeu que tinha cometido um sério erro estratégico: lançar um jornal esportivo próximo do encerramento do Campeonato Carioca de 1931. Em fevereiro de 1932, as vendas despencaram com a falta de competições e, apesar de ter usado de toda a sua criatividade para organizar e divulgar o primeiro desfile de escolas de samba do Rio de Janeiro, o jornal fechou suas portas, oito meses após o seu lançamento.

Seu sonho efetivamente se realizou em 1936 quando o primogênito da família Rodrigues conseguiu comprar o *Jornal dos Sports* de seus antigos patrões. Com o novo proprietário, o jornal construiu uma hegemonia que se estendeu ao longo de cinco décadas. Em suas páginas Mário Filho fazia questão de publicar artigos assinados por intelectuais e homens consagrados da literatura brasileira.

Outros jornais e revistas de destaque ainda na área esportiva foram criados nos anos subsequentes: *A Gazeta Esportiva*, em 1947<sup>49</sup>; a revista *Manchete Esportiva*, criada pelo grupo Bloch Editores em 1944; a Revista *Placar*, em 1970 pela Editora Abril e finalmente em 1997 o diário esportivo *Lance!*.<sup>50</sup> Além das revistas especializadas, cabe fazer uma ressalva em relação aos grandes jornais, eles começaram a incluir cadernos de noticiário esportivo de forma regular em suas edições a partir da década de 1960.

A prática jornalística argentina é bem mais antiga que a do Brasil. Suas origens se vinculam ao Vice-Reino do Prata, quando o próprio país ainda não existia como tal. Foi ainda no final do século XVII que surgiram os primeiros embriões da prática jornalística na região. Eram folhas manuscritas que ofereciam, especialmente, notícias comerciais.

---

<sup>49</sup> Cásper Líbero percebeu a boa oportunidade de associar o seu jornal, *A Gazeta*, a uma série de eventos esportivos e em 24 de dezembro de 1928 lançou um suplemento esportivo semanal. Uma década depois, agora com o nome de *A Gazeta Esportiva*, passou a circular três vezes por semana até que, em 10 de outubro de 1947, quatro anos depois da morte do citado jornalista, se tornou um diário. Cf. STYCER, Mauricio. *História do Lance!*: projeto e prática do jornalismo esportivo. São Paulo: Alameda, 2009, p. 61.

<sup>50</sup> Obviamente que muitos outros jornais e revistas foram criados no período, mas a intenção era destacar aqueles que tiveram maior importância e impacto no setor. Para uma lista mais exaustiva sugere-se a leitura da obra *Os donos do espetáculo*: história da imprensa esportiva do Brasil de André Ribeiro que discute de forma aprofundada não só a mídia escrita, mas desenvolve um relato detalhado da evolução da imprensa esportiva no rádio e televisão. Em relação à internet as observações ainda são iniciais. Cf. RIBEIRO, André. op. cit.

No início do século XIX, quando a atividade jornalística se consolidava no país, ainda era inimaginável falar de jornalismo esportivo na Argentina. Os próprios esportes que se tornariam os mais populares sequer haviam sido criados.

Como no Brasil, o futebol também se tornou uma prática esportiva popular no país vizinho, o que obrigou que se escrevesse sobre ele, fazendo com que outra história se desenvolvesse, a do periodismo esportivo argentino. Para Alberto Verga:

As notícias sobre as atividades esportivas possuem um interesse superior para os diários portenhos. Ocupam milhares e milhares de centímetros de colunas. Os distintos esportes que se praticam no mundo obrigam a uma atenção especial. Por exemplo, o futebol, que monopoliza uma alta percentagem de interesse da população, não importa qual seja seu nível cultural e econômico.<sup>51</sup>

Se é verdade que não se escreveu e que não se escreve apenas sobre futebol, é preciso ter claro que ele é, indubitavelmente, a coluna vertebral do jornalismo esportivo em ambos os países. Na Argentina, outros esportes são também importantes, tais como: o boxe, o automobilismo, o basquete, o rugby, o tênis e o golfe. Segundo Andrés López e Mariano Hernán López: “Com os êxitos de seus melhores expoentes, todos ganharam seu espaço na imprensa, no rádio e na TV, e contribuíram na construção da identidade argentina”.<sup>52</sup>

Julio Frydeberg ressalta que o primeiro jornal que seguiu atentamente a evolução das práticas esportivas na Argentina foi *The Standard*, periódico de origem britânica, como o próprio nome indica, que passou a ser publicado na década de 1860.<sup>53</sup> Na Argentina, a revista pioneira para a difusão dos esportes, fenômeno cada vez mais importante para o país que estava se formando como tal, foi *La Fuerza*, de 1886, e que durou apenas dois anos. Ela destacava em suas páginas três esportes: o tiro, a natação e a esgrima. Refletindo com Archetti, na Argentina do

<sup>51</sup> Cf. VERGA, Alberto. *El periodismo por dentro*. Buenos Aires: Ediciones Libera, 1965, p. 27.

<sup>52</sup> LÓPEZ Andrés & LÓPEZ, Mariano Hernán. “Primeros apuntes de la historia del periodismo deportivo en Argentina”. Disponível em: [http://www.perio.unip.edu.ar/pd/sites/perio.unip.edu.ar/pd/files/archives/file/apunte\\_historia\\_perio\\_dep\\_.arg.pdf](http://www.perio.unip.edu.ar/pd/sites/perio.unip.edu.ar/pd/files/archives/file/apunte_historia_perio_dep_.arg.pdf). Acessado em: 4 de setembro de 2014.

<sup>53</sup> FRYDENBERG, Julio. *Historia social del fútbol: del amateurismo a la profesionalización*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2013, p. 38.

século XX, o esporte permitiu estabelecer um espaço nacional de competência real, mobilidade social e unificação territorial e simbólica.<sup>54</sup>

O futebol apareceu nos jornais argentinos em 1884. Com o início dos primeiros campeonatos, as informações sobre as partidas de futebol foram se consolidando com um espaço fixo. Nos primeiros anos sequer se publicavam todos os resultados, o que só passou a ocorrer a partir de 1898. Dois anos depois, o diário *Buenos Aires Herald* promoveu uma eleição para que os leitores votassem em sua equipe de preferência. O *English High School* foi o ganhador daquela primeira forma de medir a popularidade dos clubes. Mas o dado que realmente interessa é perceber que no início do novo século, o futebol já surgia com enorme força na Argentina.

Apareceram, em 1901, no *El País*, as primeiras crônicas em castelhano relativas às partidas de futebol com os comentários de Roberto Levillier e Ángel Bobigas. Em 1903 *La Nacion* criou uma pequena seção esportiva e o matutino *La Prensa*, assim como o vespertino *La Argentina* seguiram os mesmos passos em 1904. A imprensa portenha dedicava importantes espaços aos grandes eventos esportivos, dentre os quais se podem destacar os confrontos, cada vez mais frequentes, com o Uruguai e as visitas de clubes ingleses a cidade de Buenos Aires.

Novamente, na vanguarda do jornalismo esportivo, o jornal *La Nacion* foi pioneiro ao enviar um cronista ao exterior para cobrir um acontecimento esportivo. Foi uma partida de futebol entre os selecionados da Argentina e do Uruguai em Montevideú, em 13 de setembro de 1903 que terminou com a vitória dos anfitriões pelo placar de 3X2. O jornalista enviado foi Ángel Bobigas, ressaltado no parágrafo anterior.

Na mesma época eram publicadas revistas particularmente dedicadas ao consumo dos *sportsmen*, como *Automovilismo y Sport*, muito similar a *El Sportsman*. Ambas se especializaram na difusão das regras e técnicas esportivas, registre-se que o futebol não ocupava um lugar destacado nelas.

---

<sup>54</sup> ARCHETTI, Eduardo. *El potrero, la pista e el ring: las patrias del deporte argentino*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 2001.

Os jornais e as revistas, como não poderiam deixar de ser, desempenharam papel crucial para a popularização dos esportes, em particular do futebol, especialmente a partir da década de 1920 quando ele se consolidou como espetáculo esportivo. Nesse sentido, tanto na Argentina, quanto no Brasil a mídia construiu controvérsias e rivalidades com a finalidade de criar tensão, capturar a atenção dos consumidores e com isso elevar ainda mais a atração para os espetáculos futebolísticos.

Entre as revistas que trataram dos esportes argentinos a mais importante foi, sem dúvida, *El Gráfico*,<sup>55</sup> que inicialmente foi um semanário de interesses gerais tendo começado a circular em 30 de maio de 1919. O semanário, já nos seus primeiros números, demonstrou a importância que o esporte teria em suas páginas. O tênis foi capa de sua terceira edição, mesmo destaque dado ao futebol na quinta edição.

Seu caráter inicialmente híbrido, pode ser atestado pelo fato de que somente na edição de 8 de julho de 1922 um jogador de futebol ter sido capa da revista. Tratava-se do histórico goleiro do Boca Juniors e da Seleção Argentina, Américo Tesoriere.<sup>56</sup> Porém, com o tempo ela foi se concentrando na área esportiva e em 1925, em sua edição número 333, transformou-se definitivamente em uma revista dedicada aos esportes, tornando-se a mais representativa do país.

---

<sup>55</sup> *El Gráfico* é considerado a maior referência portenha na editoria de esportes e considerada por muitos como *la biblia del deporte*.

<sup>56</sup> Américo Miguel Tesoriere (Buenos Aires, 18 de março de 1899 – Buenos Aires, 30 de dezembro de 1977). Começou e terminou sua carreira no Boca Juniors entre 1916 e 1927. Esteve fora do clube apenas no ano de 1921 quando defendeu o gol do Sportivo del Norte. Foi campeão argentino cinco vezes defendendo as cores do Boca. Realizou 38 jogos pela Seleção Argentina e sofreu 32 gols. Foi o goleiro titular de seu país nos Campeonatos Sul-Americanos de 1920/21/22/23/24 e 25. Venceu dois deles: 1921 e 1925. Enfrentou o Brasil em oito oportunidades, venceu cinco, empatou uma e perdeu duas partidas. Sofreu nesses jogos oito gols. As partidas ocorreram em 25/9/1920: Argentina 2X0 Brasil – Campeonato Sul-Americano disputado no Chile; 2/10/1921: Argentina 1 X 0 Brasil – Campeonato Sul-Americano disputado na Argentina; 15/10/1922: Brasil 2X0 Argentina – Campeonato Sul-Americano disputado no Brasil; 22/10/1922: Brasil 2X1 Argentina – Copa Roca; 9/12/1923: Argentina 2X0 Brasil – Copa Roca; 13/12/1925: Argentina 4X1 Brasil – Campeonato Sul-Americano disputado na Argentina; 25/12/1925: Argentina 2X2 Brasil – Campeonato Sul-Americano disputado na Argentina. Há ainda uma partida que não é reconhecida pelas estatísticas brasileiras ocorrida em 12/10/1920 em Buenos Aires e que terminou com a vitória da seleção anfitriã por 3X1. A confusão foi resultado de um protesto contra um jornal argentino que representou os jogadores brasileiros como macacos. Ferido em seus brios, vários atletas brasileiros se recusaram participar da partida. Tentou-se inicialmente completar a seleção brasileira com jogadores argentinos, porém o protesto do público fez com que as equipes jogassem com apenas sete atletas de cada lado. O assunto será aprofundado no terceiro capítulo.

É interessante ressaltar que aparecer na capa da revista era visto como algo muito especial para os atletas. Ser ali representado significava não só notoriedade nacional e até internacional, como a chance de acender na escala social.

Assim como os jornais brasileiros, *El Gráfico* reservava um espaço maior para o futebol, mas não deixou de retratar outros esportes populares no país, como o pólo, a natação e o boxe. Pelas páginas da revista passaram as penas mais extraordinárias do jornalismo e da crônica argentina, tais como Borocotó, Félix Daniel Frascara, Chantecler, Osvaldo Ardizzone, dentre outros.

No final da década de 40, duas outras publicações, fundamentais para a construção da forma de narrar o esporte na Argentina, surgiram: *Mundo Deportivo* e *Goles*. A primeira em 1949 e sua linha editorial estava fortemente ligada ao peronismo. A segunda apareceu um ano antes, em 1948, mas seu período áureo foi na década de 1960.

*Mundo Deportivo* não ocultava de ninguém sua vinculação editorial com o peronismo. Tanto que o próprio Juan Domingo Perón<sup>57</sup> escreveu alguns editoriais, sendo sua capa algumas vezes. A revista o destacava como o “primeiro esportista argentino”. Ela procurava ressaltar que nas políticas promovidas pelo governo, os esportes haviam ampliado sua base social e que um número maior de pessoas poderia praticá-los, com consequências na melhoria da saúde e na inclusão social. Com o fim do governo peronista em setembro de 1955, a revista alterou sua linha editorial, sobrevivendo por mais algum tempo, encerrando suas atividades em 1959.

A revista *Goles*, como o próprio nome já indica, tinha uma ligação muito próxima com o futebol. Ela chegava às bancas nas terças-feiras, logo após o encerramento da rodada da primeira divisão do campeonato argentino de futebol. Era também uma publicação mais barata que a dos seus concorrentes, *El Gráfico* e *Mundo Deportivo*. Ela se denominou inicialmente

---

<sup>57</sup> Juan Domingo Perón nasceu em 1895 na cidade de Lobos, localizada na Província de Buenos Aires e faleceu em 1974 na capital argentina. Foi militar e político. Presidiu o país entre 1946 e 1955, quando foi deposto em seu segundo mandato, em 19/9/1955, por um golpe militar. Ainda exerceu um terceiro mandato entre 1973 e 1974, quando veio a falecer no dia 1º de julho de 1974.

como “a revista do futebol argentino” e em 1955 criou uma nova chamada: “a revista do esporte argentino”.

*Goles* permaneceu na liderança do mercado editorial esportivo argentino por grande parte da década de 1960 sob a direção de Enzo Ardigó e Horacio García Blanco. Um incêndio fez com que ela deixasse de circular por algum tempo. Ao retornar, não foi capaz de recuperar o lugar que havia ocupado e que foi novamente conquistado pela revista *El Gráfico*.

Outras revistas esportivas também conseguiram ter algum destaque, são elas: *La Cancha*, *Campeón*, *Gaceta Deportiva*, *Mundo Deportivo*, *La Hoja del Lunes*, *Solo Fútbol* e *La Deportiva*.

O primeiro diário esportivo argentino foi para as bancas em 2 de agosto de 1965 e chamava-se *Ultima Hora*, porém não teve o retorno esperado e sua vida foi curta. Outro diário exclusivamente dedicado aos esportes teve que esperar três décadas para surgir, o que se deu apenas em 23 de maio de 1996 com a aparição do *Olé*, do grupo Clarín.<sup>58</sup> Foi um sucesso de vendas desde o seu primeiro ano de vida e hoje é um jornal plenamente consolidado.

Tal sucesso pode ser creditado, segundo Mello, a dois motivos principais: o primeiro pelo próprio apoio dado pelo *Grupo Clarín*, que promoveu sua divulgação nos demais veículos do grupo e realizou várias promoções nos primeiros meses de circulação do jornal. O segundo motivo vincula-se à sua linguagem coloquial e jovial, angariando leitores em um público jovem e fiel que, normalmente, não tinha contatos tão frequentes com os demais jornais.<sup>59</sup>

---

<sup>58</sup> O sucesso durante a Copa do Mundo de 1994 do caderno extra do *Clarín* motivou a cúpula da organização a tornar o *Olé* em um produto específico. É importante ressaltar que a criação do *Olé* foi seguida de perto pelo empresário brasileiro Walter de Mattos Júnior que fundou o *Lance!* Nas palavras de Mauricio Stycer: “O nascimento do *Lance!*, em outubro de 1997, está umbilicalmente associado ao surgimento, em maio de 1996, de um jornal esportivo no país que é, justamente, o maior rival futebolístico do Brasil. Em formato de tablóide, colorido, o *Olé* foi lançado pelo Clarín, o principal grupo de mídia argentino, num mercado em que, a despeito da paixão pelo futebol, não havia jornais esportivos.” Cf. STYCER, Mauricio. op. cit., p. 192.

<sup>59</sup> MELLO, Matheus Simões. “Estudo comparativo entre o jornalismo esportivo brasileiro e argentino: delimitação e apontamentos preliminares”. Disponível em: [http://labmidiaesporte.weebly.com/uploads/2/4/5/6/24568817/artigo\\_matheus\\_mello.pdf](http://labmidiaesporte.weebly.com/uploads/2/4/5/6/24568817/artigo_matheus_mello.pdf). Acessado em: 10 de julho de 2015.

As agremiações esportivas, nos dois países, logo perceberam a importância da imprensa, afinal ela era essencial para dar visibilidade às novas práticas, tanto no que tange à divulgação dos eventos, quanto por explicar os detalhes, as regras, os fundamentos de cada uma das atividades. Além disso, tornou-se também fundamental para a criação dos mitos e heróis esportistas. Enfim, a imprensa angariava popularidade aos esportes. Dessa forma, as agremiações procuravam facilitar e até incentivavam o trabalho dos jornalistas, que ocupavam inclusive um espaço privilegiado no local em que ocorriam as disputas esportivas, próximo às tribunas, oferecendo ótima visão do espetáculo.

Com os jornais especializados, começaram a surgir, nos dois países, notícias dos bastidores, envolvendo as vidas dos protagonistas do espetáculo. Se por um lado a imprensa ajudava na construção dos mitos, por outro lado os jogadores passaram a ter suas vidas investigadas e vigiadas.

No dizer de Melo:

[...] era instância importante tanto no que se refere à conquista de um patamar mais alto de valorização, por tornar o esporte, por motivos distintos, atrativo para diferentes setores da sociedade, quanto no que tange ao forjar de mitos e heróis, que se tornavam importantes no processo de popularização do fenômeno.<sup>60</sup>

Os ganhos não se circunscriviam apenas às agremiações, a imprensa também se beneficiava de tal aproximação. Ela lhe gerava tanto benefícios diretos, quanto o incremento na venda de seus exemplares, a comercialização dos espaços publicitários, e os demais benefícios indiretos, como a proximidade dos membros dos setores mais abastados.

A imprensa progressivamente noticiou o esporte porque, por um lado, ele tornou-se uma prática cada vez mais apreciada socialmente, por outro, a prática desportiva valorizou-se por ter tido maior divulgação pela imprensa. Cada espaço alimentou e fortaleceu o outro. No dizer de

---

<sup>60</sup> MELO, Victor Andrade de. “Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX”. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade (orgs.). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2012, p. 29.

Victor Melo: “Nem só causa, nem só consequência: causa e consequência”.<sup>61</sup> E, por essas razões, a imprensa acabou por se constituir em um espaço privilegiado de informações para todos aqueles que pretendem compreender, nos seus mais variados aspectos, o fenômeno esportivo.

#### 1.4. CRÔNICA ESPORTIVA

A crônica se tornou o espaço privilegiado para a expressão de posições sobre o esporte. Pode-se afirmar que dentre os vários gêneros literários ela é o que tem uma proximidade mais antiga com o futebol. Desde o início do século XX, literatos renomados na sociedade brasileira, por exemplo, escreveram esporadicamente sobre o referido esporte. É preciso ressaltar que ainda não se tratava especificamente de crônica esportiva, pois seus autores abordavam temáticas gerais, vinculadas ao cotidiano, elemento que a caracteriza como será discutido adiante, assim como não havia cronistas especializados no assunto.

A crônica tem sua origem no termo grego *chronikós*, que trata das coisas relativas ao tempo (*chrónos*),<sup>62</sup> e chegou até as línguas românicas por meio do termo *chronica*, do latim. Dessa forma, assim como para a história, o tempo é elemento fundamental da crônica.<sup>63</sup>

No início da era cristã, a crônica designava uma lista ou relação de acontecimentos ordenados cronologicamente. Dessa forma, limitando-se ao registro dos eventos, não havendo a preocupação com a interpretação ou análise. O cronista do passado, ao organizar cronologicamente os fatos que narrava, tinha a responsabilidade de escrever algo para permanecer ao longo dos tempos, de fixar aquilo que, algum dia, havia sido presente. A partir do Renascimento, o termo “crônica” cedeu lugar ao termo “história”, que surgiu enquanto ciência e se formou na linhagem do Iluminismo.

---

<sup>61</sup> Idem, *ibidem*, p. 48.

<sup>62</sup> Na sua raiz grega, *chrónos* era uma divindade, filho mais novo de Urano (o Céu) e de Geia (a Terra), pertencente, por conseguinte, à primeira geração divina, anterior a Zeus e aos Olímpicos. Ele devorava os seus filhos e que, metaforicamente, representava o tempo que devorava os homens – daí o resgate das marcas temporais que são normalmente atribuídas à crônica. Cf. GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 105.

<sup>63</sup> É preciso destacar ainda que a crônica também tem o sentido de narrativa histórica, em que a sequência cronológica dos acontecimentos é não só considerada como também respeitada.

O termo crônica, empregado no século XIX, se viu liberto da conotação historicista e passou a ser revestido de sentido estritamente literário. Se, em seus primórdios, a crônica histórica tinha o objetivo de registrar, de forma objetiva e cronológica, os fatos ocorridos, no século XIX ela incorporou nova característica proveniente da literatura: a subjetividade.

Os termos destacados acima, crônica e cronista, no Brasil possuem ainda outro possível entendimento, eles também são utilizados para definir o jornalismo esportivo e o seu profissional respectivamente.

A crônica, como atualmente é conhecida, é um gênero literário que nasceu nos folhetins de variedades do século XIX, apresentando-se como ensaios curtos sobre temas variados e vinculados ao cotidiano, aos assuntos corriqueiros. No Brasil, ela se desenvolveu de forma magistral, apesar do pequeno espaço que lhe era destinado nos jornais. Os textos ocupavam, geralmente, a parte inferior da página do jornal, ainda no formato de folhetim, denominada de “rés-do-chão”, ou seja, um espaço de importância secundária no que se refere à diagramação do periódico. É fundamental ressaltar que foram os jornais, especialmente aqueles de ampla circulação, sobretudo nas grandes cidades brasileiras, como o Rio de Janeiro, então Capital Federal, São Paulo, Salvador e Recife, que fortaleceu o gênero literário aqui destacado.

De início – começos do século XIX, *le feuilleton* designa um lugar preciso do jornal: o *rez-de-chaussée* – rés do chão, rodapé, geralmente da primeira página. Tem uma finalidade precisa: é um espaço vazio destinado ao entretenimento. E já se pode dizer que tudo o que haverá de constituir a matéria e o modo da crônica brasileira já é, desde a origem, a vocação primeira desse espaço geográfico do jornal, deliberadamente frívolo, que é oferecido como chamariz aos leitores afugentados pela moderna cinza a que obrigava a forte censura napoleônica. (...) Aquele espaço vale-tudo suscita todas as formas e modalidades de diversão escrita: nele se contam piadas, se fala de crimes e monstros, se propõem charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza; aberto às novidades, nele se criticam as últimas peças, os livros recém-saídos, o esboço do Caderno B, em suma.<sup>64</sup>

Sua linguagem costuma ser bem coloquial e seu autor se dirige ao público leitor em tom de quem “joga conversa fora”. O cronista, mais do que o autor de romances, é um

---

<sup>64</sup> MEYER, Marlyse. “Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se faz a crônica”. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 96.

caricaturista de costumes. Outra característica é o seu caráter provisório, momentâneo e, em grande medida, descartável, assim como os veículos de comunicação em que ela é publicada.

A crônica não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha.<sup>65</sup>

Tal caráter momentâneo acaba por ser uma das forças em que a crônica se nutre. Afinal ela cria uma sensação de cumplicidade com o leitor. Para José Carlos Marques:

Esse contato constante com o momento presente, seja em referência ao passado, seja em alusão ao futuro, permite, à crônica sua sobrevida, a despeito de ser publicada num meio exíguo, cuja duração está circunscrita às horas do dia.<sup>66</sup>

O termo crônica, ligado à ideia de tempo, refere-se também ao fato dela repetir-se, já que tem periodicidade definida e bem conhecida pelo leitor, além de se apresentar de forma seriada, características que também estão presentes em seu principal meio de divulgação, o jornal.

Por tais atributos, a crônica foi entendida tradicionalmente, segundo Antônio Candido, como um gênero literário menor.<sup>67</sup> Sua importância, no entanto, se encontra exatamente em seu apego pelo cotidiano, pela trivialidade que produz singelo, enxuto, breve e emocional retrato do presente – que obviamente não é objetivo como qualquer retrato – e assim se torna um importante testemunho histórico. A crônica é uma fonte, um documento que permite ao pesquisador melhor compreender o cotidiano de um determinado contexto social. Concordando com Ramadan: “O cronista, ao construir a história e colocá-la ao conhecimento de seu público, examina-a pelo ângulo subjetivo da interpretação, da recriação do real. Redimensiona os acontecimentos, ficcionaliza-os, faz literatura”.<sup>68</sup>

<sup>65</sup> CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 14.

<sup>66</sup> MARQUES, José Carlos. “A crônica de esportes no Brasil: algumas reflexões”. In: CAMPOS, Flávio de; ALFONSI, Daniela (orgs.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 194.

<sup>67</sup> CÂNDIDO, Antonio. op. cit., p. 13-14.

<sup>68</sup> RAMADAN, Maria Ivonetti B. “Crônica de futebol: um subgênero”. In: *Pesquisa de campo*. Rio de Janeiro, n. 5, 1997, p. 62.

A crônica, ao se tornar tal testemunho histórico, passa a ser importante material de pesquisa para o historiador, afinal seu trabalho profissional, suas pesquisas, dependem da existência de tais testemunhos do passado.

Walter Benjamin estabeleceu importante distinção entre os trabalhos do historiador e do cronista. Para ele, o historiador é obrigado a explicar os acontecimentos com que lida, fardo que o cronista não carrega, pois este não arca com o ônus da explicação verificável.<sup>69</sup> Ainda hoje, o termo “cronista” pode designar aquele que presenciou certos acontecimentos e que ao fazê-lo torna-se capaz de relatá-los àqueles que não os presenciaram.

É muito provável que a crônica tenha aparecido como uma necessidade de ajuste no próprio campo literário brasileiro, pois nas primeiras décadas do século XX o contingente populacional alfabetizado no país era muito reduzido<sup>70</sup> e, enfrentando tal realidade, os escritores nacionais se viram obrigados a buscar outros caminhos para sobreviver, ou seja, outras fontes de rendimento. Segundo Melo: “Dado os limites do mercado editorial brasileiro, os periódicos foram importantes espaços de veiculação das ideias e produção dos literatos”.<sup>71</sup> Assim, a crônica jornalística tornou-se um complemento à carreira de grandes nomes da literatura nacional.

#### Segundo Ramadan:

A crônica é um gênero fronteiro entre o jornalismo e a literatura. O cronista informa sobre os fatos presentes dos quais é testemunha: a rua, os homens, a política, os pequenos incidentes, as alegrias, as comemorações, as futilidades, tudo lhe serve, ávido que é pela atualidade.<sup>72</sup>

<sup>69</sup> BENJAMIN, Walter. “O narrador”. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 209.

<sup>70</sup> Segundo José Murilo de Carvalho, em 1881, a Câmara aprovou mudanças eleitorais no Brasil, dentre elas proibia o voto dos analfabetos o que reduziu drasticamente o número de votantes afinal apenas 15% da população brasileira era alfabetizada naquele momento. Quase quatro décadas depois a situação não era muito alentadora, segundo o censo de 1920 apenas 24% da população sabia ler e escrever. Cf. CARVALHO, José Murilo de. *A cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 39-65.

<sup>71</sup> MELO, Victor Andrade de. “Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX”. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade (orgs.). op. cit., p. 33-34.

<sup>72</sup> RAMADAN, Maria Ivonetti B. op. cit., p. 61.

Tratar de temas cotidianos ou rotineiros, chamando a atenção daquilo que pode parecer de pouca importância, não significa que a crônica não tenha se configurado em um espaço privilegiado de debates e disputas de poder. Ela foi – e ainda é – um importante veículo para tratar de temas, como a miscigenação racial, o nacionalismo, as questões de gênero, as disputas culturais, os conflitos ideológicos, os interesses políticos, entre outros aspectos. Não se pode esquecer que uma das funções da crônica, seja ela publicada ou não no jornal, é além de dar acessibilidade à informação, alertar o leitor, despertando-lhe a sensibilidade, o interesse, em relação aos acontecimentos.

As mudanças dos costumes, especialmente no início do século XX, dentre eles a expansão e popularização dos esportes, acarretaram o aparecimento, como foi discutido em tópico anterior, de uma imprensa esportiva especializada que, como não poderia deixar de ser, chamou a atenção daqueles que escreviam coisas simples do cotidiano. As crônicas sobre o esporte, e em especial sobre o futebol, passaram a ser crônicas esportivas.

O desenvolvimento da imprensa esportiva se deu em virtude dela ter se tornado um dos setores que mais mobilizaram, e ainda mobilizam, recursos dos meios de comunicação. O estreito vínculo entre a crônica e os jornais – e posteriormente as revistas – nunca mais se desfez.

A crônica esportiva pode ser entendida como elemento de intermediação material, tecnológica e simbólica entre torcedores, profissionais ou interessados nas informações do acontecimento. E mais, a crônica serve ainda como elemento multiplicador do jogo, atingindo inclusive aqueles que não puderam participar do evento, sendo fundamental para manter e sustentar a emoção entre os aficionados.<sup>73</sup>

A crônica, como outros documentos escritos, adquiriu, desde os primórdios, a função de formar a opinião da elite nacional nos mais diferentes campos, como a política, a cultura, o futebol. Particularmente a partir da década de 1950, quando se configura no Brasil o fenômeno de

---

<sup>73</sup> TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas do futebol*. São Paulo: Hucitec, FAPESP, 2002.

uma cultura de massa, segundo Renato Ortiz.<sup>74</sup> Os jornais, logo as crônicas, não atingem apenas as elites, mas também o grande público.

A abertura para as crônicas, como fontes, se deu na mesma senda percorrida pela insatisfação com os modelos explicativos tradicionais, com isso o conhecimento histórico tem buscado na autonomia, na criatividade e nos assuntos mezinhas por outros objetos, que até então eram, por vezes, percebidos como secundários e sem grande importância, como o futebol.

O historiador não ambiciona mais a compreensão da realidade social nos moldes tradicionais, pois tomou consciência da fragilidade das suas conclusões “entretidas nas narrativas, pois a cada tempo corresponde a sociabilidade, sensibilidade e objetividade relacionais”.<sup>75</sup>

Porém, isso não significa descompromisso do historiador com a busca pela verdade e com os métodos, afinal a renúncia às ambições então existentes não deixou de ser um exercício de curiosidade científica diante da emergência de novos problemas, de novas carências de orientação no tempo, que caracterizaram a segunda metade do século XX.

Para Rüsen:

As carências de orientação no tempo são transformadas em interesses precisos no conhecimento histórico na medida em que são interpretadas como necessidade de uma reflexão específica sobre o passado. Essa reflexão específica reveste o passado do caráter de ‘história’.<sup>76</sup>

A partir da chamada “virada linguística”, contexto em que se deu a referida abertura, ocorreu uma extrema valorização da narrativa e o desconstrucionismo da “fonte histórica”. Ele implicou ainda em uma não diferenciação entre a realidade e a linguagem, ou seja, o real, para o ser, teria de estar elaborado como linguagem. Logo, o que realmente importaria seria a

---

<sup>74</sup> ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo, Brasiliense, 2001, p. 38.

<sup>75</sup> MARTINS, Estevão de Rezende. “Conhecimento histórico e historiografia brasileira contemporânea”. In: *Revista Portuguesa de História*. v. 42, 2011, p. 199.

<sup>76</sup> RÜSEN. Jörn. *Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. Brasília, EDUnB, 2001, p. 31.

interpretação do historiador que com isso abandonaria qualquer pretensão de construir um conhecimento “científico”.<sup>77</sup>

As críticas a tal percepção logo se fizeram sentir e nova possibilidade de entendimento se abriu aos historiadores. Segundo Luiz Carlos Ribeiro:

Da fase da descrença total na possibilidade do conhecimento, em que o trabalho do historiador nada mais era do que uma operação literária, verificou-se uma virada em direção a um novo paradigma. Um retorno ao sujeito com a consciência da humildade descritiva, mas também com o compromisso da teoria, ou seja, que não se exime da explicação.<sup>78</sup>

O futebol, objeto privilegiado das crônicas esportivas, foi durante muito tempo alvo de preconceitos no mundo acadêmico, as estratégias racionais e cientificistas o percebiam apenas como algo curioso e sem importância para estudos mais sérios das sociedades. Porém, com os novos paradigmas, que pretendiam ir além das análises estruturalistas e pautadas nas lutas de classes, tal perspectiva restritiva se viu enfraquecida. A escolha do tema está intimamente imbricada com as novas problemáticas que surgem das carências de orientação do pesquisador e até de uma dada sociedade. Assim sendo:

É impossível analisar o futebol como uma manifestação cultural de massas, sem considerar a demanda criada em superar os antigos axiomas epistemológicos, em especial as chamadas determinações estruturais e de classe.<sup>79</sup>

Importante caminho para desvendar a trajetória do futebol se faz por intermédio das crônicas esportivas, que são rastros importantes que conduzem o historiador na construção de seu relato, afinal, ele não se encontra autorizado a criar sua narrativa como o escritor, o literato, pois ele, o historiador, a partir de suas carências de orientação, ou seja dos seus interesses, precisa se ancorar nas fontes e com elas estabelecer, valendo-me da gramática do próprio futebol, uma “tabelinha” que o leve até o gol.

---

<sup>77</sup> MARTINS, Estevão de Rezende. “A renovação contemporânea da historiografia”. In: SIMON, Samuel (org.). *Um século de conhecimento: arte, filosofia, ciência e tecnologia no século XX*. Brasília, EDUnB, 2011, p. 971-974.

<sup>78</sup> RIBEIRO, Luiz Carlos. “A crônica esportiva como fonte para o estudo histórico”. In: CAPRARO, André Mendes; FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de (orgs.). *Passe de letra: crônica esportiva e sociedade brasileira*. Ponta Grossa, Editora Vila Velha, 2012, p. 27.

<sup>79</sup> Idem, *ibidem.*, p. 31.

O conhecimento histórico é por certo relacionado ao sujeito que o adquire ou constrói. Tal realidade não implica, todavia, no plano metodicamente controlado da ciência, que o sujeito cognoscente tenha carta branca para o inventar.<sup>80</sup>

A literatura, em certa medida a crônica, ao não ter o compromisso com a realidade, afinal é uma narrativa proveniente essencialmente da imaginação de seu autor, se encontra liberta para dizer muito mais que outros discursos, em particular os científicos. No dizer de Sevcenko, “sendo um produto do desejo, seu compromisso é maior com a fantasia do que com a realidade”.<sup>81</sup> Mesmo tendo essa liberdade, a ficção ainda é produtora e reprodutora de afetividades, de emoções e de visões de mundo e por isso importante fonte que pode e deve ser explorada pelo historiador.

Apesar dos estudos históricos apresentarem uma estrutura metodológica diferenciada e com compromissos distintos dos apresentados pela literatura ou pela crônica, ainda assim, em última instância, eles se nos apresentam como uma narrativa dos acontecimentos ou, nas palavras de Paul Veyne, “um romance real”.<sup>82</sup> Michel de Certeau também discorreu sobre essa estranha sensação de “ilusão realista” provocada pela história, simultaneamente crítica e fictícia.<sup>83</sup> Atualmente se reconhece que literatura e crônica podem conceder importantes contribuições para a história.

Cabe ao historiador inserir a literatura “no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social (...), a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social – algo que faz mesmo ao negar fazê-lo”.<sup>84</sup> Porém, simultaneamente, o historiador não pode se negar a desvendar a autonomia da obra na dialética relação autor, obra e sociedade.

Em relação à imprensa esportiva, os termos, crônica e cronista, são utilizados no Brasil e na Argentina de forma bastante indiscriminada, ou seja, qualquer profissional da

---

<sup>80</sup> MARTINS, Estevão de Rezende. “O conhecimento histórico e sua rede fatorial”. In: PRADO, Maria Emília; MUNTEAL, Oswaldo (orgs.). *Francisco Falcon: o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Revan, 2012, p. 107.

<sup>81</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 20.

<sup>82</sup> VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. Brasília: EDUnB 1982, p. 8.

<sup>83</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 108-109.

<sup>84</sup> CHALOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 7.

imprensa esportiva, seja ele repórter, editor ou radialista, é denominado “cronista esportivo”. José Carlos Marques adverte que se o termo “crônica” for utilizado, levando em consideração apenas a sua definição, enquanto gênero próximo do literário, ou enquanto característica de texto escrito, ele não poderia ser utilizado de forma tão genérica, como ocorre no meio esportivo e no futebol, em particular.<sup>85</sup>

Inicialmente, nos dois países, a imprensa esportiva assumiu o uso do termo crônica em sua acepção medieval, que era praticamente um relato histórico e cronológico do ocorrido. O cronista tinha a preocupação em relatar todos os lances da partida, fato similar ao que ocorria com o cronista histórico, que precisava narrar minuciosamente os acontecimentos e fatos vivenciados.

Tal característica ainda persiste em parte da imprensa esportiva, porém, assistiu-se, a partir de 1930, a substituição da crônica objetiva, fria, impessoal e limitada à informação, que imperou nas primeiras décadas do século, por uma narrativa de cunho mais pessoal, permitindo a manifestação da subjetividade do cronista.<sup>86</sup>

Dentre os diversos gêneros literários, indubitavelmente, a crônica é o que tem a ligação mais longa com o futebol. É importante ressaltar, que foi Mário Filho, no *Jornal dos Sports*, que trouxe uma nova forma na escrita, estilo mais simples, que sepultou a escrita de fraque dos antigos cronistas esportivos.<sup>87</sup> Para José Carlos Mosko até então os “cronistas abordavam temáticas gerais, associadas ao cotidiano, isto é, tratava-se ainda do jornalismo social.

---

<sup>85</sup> MARQUES, José Carlos. op. cit., p. 196.

<sup>86</sup> Para o futebol brasileiro: Cf. MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Edições Leia, 1950, p. 137-138. TOLEDO, Luiz Henrique de. op. cit., p. 159-183. Em relação ao futebol argentino: Cf. LÓPEZ, Andrés & LÓPEZ, Mariano Hernán. “Primeros apuntes de la historia del periodismo deportivo en Argentina”. Disponível em: [http://www.perio.unip.edu.ar/pd/sites/perio.unip.edu.ar/pd/files/archives/files/apunte\\_historia\\_perio\\_dep\\_arg.pdf](http://www.perio.unip.edu.ar/pd/sites/perio.unip.edu.ar/pd/files/archives/files/apunte_historia_perio_dep_arg.pdf). Acessado em 4 de outubro de 2014.

<sup>87</sup> A partir deste período, consolidada a crônica esportiva profissional, deixaram de existir, evidentemente, cronistas antipáticos ao futebol, o que ocorria nas décadas anteriores. Porém uma nova cisão se abriu, aquela entre os racionalistas, que preferiam escrever sobre a parte técnico-tática da prática aqui em análise e os denominados apaixonados, que têm como sua expressão máxima Nelson Rodrigues, que estavam mais preocupados em retratar os aspectos sociais ligados ao esporte do que com a partida propriamente dita.

Portanto, não existia uma periodicidade em relação ao assunto esporte, ainda mais no tangente ao futebol”.<sup>88</sup>

Segundo outro membro da família, o não menos famoso Nelson Rodrigues:

Mário Filho inventou uma nova distância entre o futebol e o público. Graças a ele, o leitor tornou-se tão próximo, tão íntimo do fato. E, nas reportagens seguintes, iria enriquecer o vocabulário da crônica de uma gíria irresistível. E, então, o futebol invadiu o recinto sagrado da primeira página [...]. Tudo mudou, tudo: títulos, subtítulos, legendas, clichês [...]. Sim, fomos profissionalizados por Mário Filho.<sup>89</sup>

Tal importância não pode ser creditada apenas à ligação familiar entre Nelson e Mário Filho. Segundo Marques:

O percurso percorrido pelo futebol entre o amadorismo e o profissionalismo tem sua similaridade na trajetória da imprensa esportiva. Até o início da década de 40, o cronista esportivo ocupava a posição mais baixa na hierarquia dos jornais. Com a atuação de Mário Filho, houve a valorização do *métier* do analista e do repórter esportivo, a partir de seu trabalho com a promoção de competições, eventos, notícias e fato – em suma, do próprio espetáculo. A invenção do profissional, donde temos uma múltipla simbiose: o jornal a criar a demanda para a produção do evento, e este a fornecer elementos para a atuação do homem da imprensa esportiva.<sup>90</sup>

A crônica transita entre o ficcional e o não ficcional, assim como o faz entre o literário e o jornalístico. A crônica esportiva pende, na maior parte dos escritos, para o lado jornalístico, analisando os fatos ocorridos, por exemplo, a análise tática da partida de futebol, porém sempre oferecendo ao cronista a liberdade para transformar a notícia, valendo-se da imaginação e do estilo. Segundo Costa, “o escritor esportivo se apóia no real, se compromete de alguma forma, com a realidade de um fato”.<sup>91</sup>

<sup>88</sup> MOSKO, José Carlos. “A relação entre a crônica e o futebol: alguns apontamentos históricos”. In: CAPRARO, André Mendes; FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de (orgs.). op. cit., p. 87.

<sup>89</sup> RODRIGUES, Nelson. “Mário Filho, o criador de multidões”. In: MARON FILHO, Oscar; FERREIRA, Renato. (orgs.). *Fla-Flu... e as multidões despertaram*. Rio de Janeiro: Europa, 1987, p. 137-138.

<sup>90</sup> MARQUES, José Carlos. *O futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas*. São Paulo: Educ, 2003.

<sup>91</sup> COSTA, Andréia Cristina de Barros. *Bate bola com a crônica: o futebol, o jornalismo e a literatura brasileira*. 2001, 80f. Projeto Experimental do curso de Comunicação Social. Faculdade de Comunicação: Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2001, p. 53.

A figura do colunista ou do cronista de esporte não é invenção recente da imprensa brasileira ou argentina. Os diários, sejam ou não esportivos, há muito tempo lançaram mão desse recurso para incrementar o noticiário sobre o futebol, que ganhava público cada vez mais amplo em ambos os países. Obviamente que tal realidade também se expressou na popularidade crescente dos cronistas e, extremamente pertinente, as colunas e crônicas passaram a ser uma espécie de oráculo ao qual o leitor visita cotidianamente para referendar ou contrastar as suas próprias opiniões.

A maioria dos jornalistas esportivos – comentaristas e repórteres – são atores importantes do campo esportivo, sendo muito conhecidos do público, algumas vezes tão populares quanto os jogadores famosos. Operam decisivamente na mediação entre o público e o espetáculo, descrevendo eventos, fornecendo perspectivas de análise, colocando em foco determinados aspectos e obscurecendo outros, estabelecendo correlações e distinções. Elegem os temas e os ângulos de discussão.<sup>92</sup>

Cronistas e historiadores se aproximam em vários pontos. Não seria o papel destacado acima igualmente exercido pelo historiador? Os dois profissionais não lançam mão de recursos metodológicos para elaborar suas narrativas? Eles também não se utilizam de recursos estilísticos para confeccionar suas escritas? O historiador, como o cronista, não escolhe os ângulos que quer dar para o seu objeto? Também é interessante ressaltar que, tanto o texto histórico, quanto as crônicas podem ser visualizados de ângulos diferentes, já que o leitor não é uma tábula rasa, ou seja, da posição em que se encontra lhe atribuirá significados diversos.

A crônica esportiva, tal como o texto de um historiador, é potencialmente uma “realidade”: aquela captada de forma “rudimentar” pelo autor, condicionada pelo seu contexto e posição social, processada e absorvida pelo leitor. Além disso, os dois profissionais buscam formular ideias do que somos e do que podemos ser. Ou seja, buscam criar identidades, que como nos lembra Rüsen, dependem também da alteridade, da existência do outro.

[...] a narrativa histórica tem a função geral de orientar a vida prática no tempo, mobilizando a memória da experiência temporal, por meio do desenvolvimento de um conceito de continuidade e pela estabilização da identidade.<sup>93</sup>

<sup>92</sup> GUEDES, Simode Lahud. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: Eduff, 1998, p. 45.

<sup>93</sup> RÜSEN, Jörn. “Narrativa histórica: fundamentos, tipos, razão”. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba, Ed. UFPR, 2011, p. 98.

Não há dúvida de que a união entre crônica e futebol teve como resultante o surgimento de um importante espaço de discussão sobre a identidade nacional, e o mesmo ocorreu com os argentinos.

## CAPÍTULO 2 – A PRELEÇÃO: O NASCIMENTO DE UMA PAIXÃO

### 2.1. POR QUE O FUTEBOL?

Antes de aprofundar na evolução histórica do futebol no Brasil e na Argentina, seria extremamente interessante discutir os motivos que fizeram com que esse esporte se tornasse tão importante para a identidade nacional nos dois países na entrada do século XX, quando ambos já se encontravam envolvidos com outras práticas esportivas, algumas coincidentes, como o remo e o turfe e outras mais afeitas a um ou ao outro país, tais como a rinha de galo e a capoeira no Brasil; o boxe e o automobilismo na Argentina.

Pode-se afirmar que no alvorecer da nova centúria nenhuma das duas nações pensavam em ter no futebol um ícone das suas identidades e mais, que as camadas populares, de alguma forma distanciadas das consideradas práticas desportivas oficiais, se agregariam de forma indelével ao denominado, pelos argentinos, como “o esporte dos ingleses loucos”.

As transformações nas diversas atividades humanas estavam intimamente ligadas aos novos valores advindos com a modernidade que já se delineavam na última metade do XIX, tendo como principais características o progresso, a tecnologia, a velocidade, a urbanização. Porém, elas demonstraram todo o seu potencial no século seguinte. Quanto às práticas esportivas um aspecto deve ser ressaltado: o surgimento de novo padrão estético em relação ao corpo humano.

As práticas vinculadas ao lazer e ao entretenimento foram fundamentais para criar um canal de diálogo, de trocas, de hibridização cultural, entre as diferentes camadas sociais: “são através delas que as camadas populares vão conseguir dialogar, com mais intensidade, com as elites locais”<sup>1</sup>, uma vez que outros espaços, como a organização do trabalho, não se mostravam tão porosas para que as trocas se estabelecessem de forma mais intensa.

Os novos valores destacados, de uma forma geral eram importados, atingiram também as práticas esportivas. Antes de o futebol ganhar a relevância social que teria

---

<sup>1</sup> SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Entre rivais: futebol, racismo e modernidade no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924)*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012, p. 101.

posteriormente, outras modalidades esportivas eram praticadas nos dois países. No Brasil, por exemplo, o turfe e o remo tinham a preferência das elites locais. Na Argentina, o cenário não era diferente, apesar do futebol já ser ali popular no início do século XX, como será apresentado posteriormente, ele foi introduzido naquele país aproximadamente três décadas antes de o ter sido no Brasil.<sup>2</sup> Mas, outros esportes também se destacavam, além do turfe, o golfe, o cricket, o tênis, o automobilismo e o boxe.

Exceto pelo futebol, naquele momento na Argentina e depois no Brasil, as práticas esportivas ainda estavam bastante limitadas, pois se encontravam muito vinculadas aos grupos que detinham o poder econômico. Isso se explica, dentre outros aspectos, pelos altos custos exigidos por tais atividades esportivas, que dificultavam naturalmente a inserção das classes menos favorecidas. Limitando-as no seu interesse à condição especialmente de espectadores.

Quando as modalidades esportivas passavam a fazer sucesso, como no caso do remo, lá estavam presentes as camadas populares, que, apesar de não poderem praticar efetivamente o esporte por suas carências técnicas e materiais, podiam assistir e, sobretudo, apostar nos páreos.<sup>3</sup>

No Brasil, as classes menos favorecidas, com destaque para os negros recém-saídos da escravidão e enfrentando vários tipos de estigmas, tinham suas atividades “esportivas”, como a capoeira e as rinhas de galo. Porém, elas eram constantemente perseguidas pela polícia e não eram consideradas esportivas pela elite. Portanto, os jogos praticados pelos populares não eram considerados esportes.<sup>4</sup>

Como nos lembra Ricardo Pinto dos Santos sobre a prática esportiva nas cidades do Rio de Janeiro e Buenos Aires:

Os populares também vivenciavam as práticas esportivas ‘das elites’, ao seu modo, é claro. Jogavam (no caso do futebol), apostavam, assistiam e comemoravam as mesmas vitórias. O determinante nas duas cidades era a impossibilidade de essas camadas praticarem esses esportes. Tanto numa

---

<sup>2</sup> Na Argentina já existiam times de futebol bastante populares e o esporte já era praticado pelas camadas menos abastadas.

<sup>3</sup> SANTOS, Ricardo Pinto dos. op. cit., p. 103.

<sup>4</sup> Em relação ao boxe, importante para os platinos, apesar de ser considerado um esporte, foi proibido até 1924 e isso fazia com que sua prática fosse clandestina e não colaborasse para a inserção do atleta no cenário desportivo do citado país.

quanto noutra capital, a necessidade de equipamentos caros, a relação com o corpo que esses esportes apresentavam e a dificuldade de participar dos clubes que promoviam essas modalidades somavam-se a questões raciais, sociais e econômicas que contribuíam para que os populares não se sentissem e pudessem se inserir nessas coletividades.<sup>5</sup>

Retomando a questão dos novos valores no que se refere ao corpo e aqui associado aos esportes é importante entender que no século XIX os homens magros e aparentemente fracos, pálidos, macilentos, eram tipos físicos valorizados. A nova época criou um novo padrão estético, valorizando os homens altos e fortes, o que, indubitavelmente, remetia aos exercícios físicos. No caso brasileiro, o remo foi apresentado como o novo perfil dos *sportsmen*. Na Argentina, o esforço físico e o cuidado corporal também foi reforçado. Duas passagens magistralmente escritas por Nicolau Sevcenko ilustram com grande exatidão o que foi até aqui discutido.

Até fins do século passado os rapazes e moças se cobriam da cabeça aos pés, evitando sair nos horários mais ensolarados, a fim de preservar um tom pálido, macilento, funéreo, sinal de distinção daqueles que não precisavam trabalhar sob o sol. (...) Agora a cena era outra. Havia uma intenção deliberada de denotar o trabalho. Não o trabalho braçal sob o sol inclemente dos trópicos, mas a prática metódica, custosa e de longa duração aplicada no desenvolvimento da exuberância saudável.<sup>6</sup>

Continuando:

Se algo ocorreu com os homens, foi que além de adquirir asas, descobriram que tinham músculos e passaram a explorar as vantagens destes sobre os velhos e surrados miolos.

O resultado dessa curiosa mutação cultural foi o desencadeamento de uma febre esportiva que assolou o século XX.<sup>7</sup>

Finalizando:

(...) o Pavilhão de Regatas na praia do Botafogo. O novo logradouro se tornou o foco da juventude elegante da cidade. As famílias e as moças cercavam o local em seus carros, do interior dos quais acompanhavam a movimentação intrépida dos rapazes nadando e remando de shorts e camisetas, exibindo seus músculos e os corpos bronzeados.<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> Idem, *ibidem*, p. 103.

<sup>6</sup> SEVCENKO, Nicolau. “A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio”. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil: República; da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, v. 3, p. 559-561.

<sup>7</sup> Idem, *ibidem*, p. 567-568.

<sup>8</sup> Idem, *ibidem*, p. 570.

Percebe-se que com a chegada do novo século trazendo em seu bojo a ideia de modernidade, com novos paradigmas adotados especialmente pelas elites, as camadas menos favorecidas, de ambos os países, também queriam a ela se inserir. É extremamente ingênuo pensar que apenas os grupos mais favorecidos estavam efetivamente conectados às novidades do mundo moderno, mesmo que para os demais segmentos populacionais o acesso não fosse tão amplo.

Nesse sentido, o futebol era uma efetiva possibilidade de inserção no novo mundo que se anunciava. Dentre as várias práticas esportivas que se apresentavam em ambos os países, ele era o esporte que melhor se adequava às classes menos favorecidas e que ainda tinha representatividade em todas as camadas sociais. A sua fácil apropriação pode ser explicada a partir de alguns fatores: as regras eram simples e, principalmente, o material para praticar tal esporte poderia ser facilmente improvisado e assim se mostrava acessível mesmo àqueles que não tinham maiores recursos, o que não ocorria em outros esportes como o turfe, o remo, o automobilismo, o golfe, etc.

A questão da representatividade era central para que a construção de uma identidade nacional fosse gerada, para que isso ocorresse era necessário que tal esporte conseguisse agregar participantes nas mais variadas camadas da população e o futebol teve tal característica. Ele era o único esporte que “contemplava em seus postos centrais (torcedores e praticantes), todos os grupos sociais”.<sup>9</sup> Para que um esporte se torne nacional é necessário que ele provoque um sentimento de pertencimento que seja capaz de agregar grande parte dos diferentes segmentos da sociedade, ou seja, que gere satisfação, tanto para as elites, quanto para as camadas populares e o futebol demonstrou ter tal potencial. Logo, o futebol:

(...) correspondia às necessidades das elites, na medida em que se apresentava como uma prática moderna que forjava um novo modo de vida, ao mesmo tempo que possibilitava às camadas populares a sua prática e a efetiva sensação de estar compondo com o novo mundo que surgia.<sup>10</sup>

As camadas populares masculinas rapidamente vislumbraram no futebol um lugar em potencial para seus corpos, ritmos, sensações e, dessa forma, tornou-se um grande aliado

---

<sup>9</sup> Cabe ainda fazer uma ressalva: o papel de dirigente permaneceu (e para os clubes mais importantes ainda permanece) nas mãos dos grupos economicamente favorecidos, mas o que efetivamente importava para o público era o que acontecia dentro de campo. Cf. SANTOS, Ricardo Pinto dos. op. cit., p. 104.

<sup>10</sup> Idem, ibidem, p. 104.

na busca do pertencimento social. “Assim, tendo o futebol como mediador, a aproximação entre as classes acabou ocorrendo no cenário esportivo”.<sup>11</sup>

Foi o futebol que gerou novas formas de pertencimento, de identidade que viabilizaram a entrada efetiva das classes populares na prática e na apreciação dessa modalidade esportiva. Muito contribuiu para isso a disponibilidade de espaços territoriais nos bairros, nas escolas – o último de forma mais acentuada na Argentina. E assim todas as classes sociais se agregaram em torno do futebol em ambos os países. No remo, no turfe, como exemplos, e em outras modalidades, as vitórias ficavam circunscritas aos clubes e não geravam nas camadas mais simples identificação plena. No futebol “os sentidos, a plasticidade do corpo e, sobretudo, a coletividade geravam uma interação muito grande”.<sup>12</sup>

Para Ricardo Pinto dos Santos:

Em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, uma tríade se formou em torno do futebol, como sustentáculo do processo de identidade. A primeira base dessa tríade se deu durante o processo de popularização desse jogo, que conseguia agregar o maior número de pessoas já visto num esporte. A segunda foi a formação dos clubes, fossem eles da elite ou dos populares, que geravam um sentimento de luta coletiva pela vitória. E a terceira centrou-se na definição do ‘onde jogar’, pois criavam-se vínculos afetivos entre jogadores e a população local.<sup>13</sup>

Fator extremamente relevante que ocorreu nos dois países foi a busca por lugares para jogar. A condição de ter um campo próprio passou a ser fundamental para os clubes que já existiam ou se formavam. As próprias ligas oficiais se apropriaram desse aspecto e passaram a condicionar a admissão dos clubes à posse de um local para o jogo. Isso, por sua vez, prejudicou em muito os clubes menores, formados especialmente pelas camadas populares, de ingressarem no espaço das competições oficiais mais importantes. Dessa forma, reafirma-se o processo de exclusão, mas que também não conseguiu perdurar por muito tempo.

No processo de identificação e valorização do futebol, sem dúvida alguma, os respectivos selecionados nacionais tiveram um papel de destaque e tal processo se viu

---

<sup>11</sup> Idem, ibidem, p. 108.

<sup>12</sup> Idem, ibidem, p. 111.

<sup>13</sup> Idem, ibidem, p. 112.

reforçado com o inestimável auxílio da imprensa que foi essencial no processo de popularização das práticas esportivas.

Na Argentina, por exemplo, até o ano de 1914 foram cerca de quarenta disputas internacionais, e nessas épocas era possível notar que a imprensa chamava a atenção para a emergência de um sentido nacional do futebol.

(...)

No Brasil, a Seleção Oficial de Futebol só foi organizada em 1914, porém os amistosos internacionais serviram para gerar a ideia de um esporte que seria nacional.<sup>14</sup>

## 2.2. OS PRIMÓRDIOS E O DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL NA ARGENTINA E NO BRASIL

Os dois países, Brasil e Argentina, possuem uma origem comum em relação ao futebol: a Inglaterra. Em ambos, ele começou a ser praticado a partir da influência britânica, fato que ocorreu em inúmeros outros países do mundo.

A famosa assertiva de que o futebol foi um ‘produto de exportação britânico por excelência’ é, inevitavelmente, contestada por críticos da área, sobretudo os não-britânicos. Entretanto, mesmo que possam estar certos, seus argumentos são frágeis. Desde o surgimento do futebol, quase sempre aparecia um elemento britânico presente, fosse nos pequenos detalhes, fosse no âmbito geral. Assim que o esporte se firmou, a influência britânica tornou-se quase – mas nunca totalmente – irrelevante. Foram os países mais próximos da Grã-Bretanha sob aspectos comerciais, econômicos, educacionais ou morais os pioneiros no futebol: Argentina e Uruguai na América do Sul, Suíça e Dinamarca na Europa, seguidos por Bélgica, Países Baixos, países escandinavos, Alemanha, França e, em seguida, na virada do século XX, as cidades de Viena, Budapeste e Praga. Apesar de seu sucesso posterior, o Brasil, a Itália e a Espanha foram comparativamente tardios em adotar o futebol.<sup>15</sup>

Se existem informações sobre muitos outros povos, desde a antiguidade, que “jogavam bola”, também o é que o futebol, como hoje é conhecido, surgiu na Inglaterra. Foi no decorrer do século XIX que os ingleses criaram e padronizaram as suas regras. Dessa forma, eles transformaram o que era jogo em esporte, “submetido tanto a regras universais e bem definidas quanto a uma estrutura organizacional responsável por zelar pelo seu cumprimento e administrar as competições entre equipes”.<sup>16</sup>

<sup>14</sup> Idem, *ibidem*, p. 116.

<sup>15</sup> MURRAY, Bill. *Uma história do futebol*. São Paulo: Hedra, 2000, p. 44-45.

<sup>16</sup> FRANZINI, Fabio. “A futura paixão nacional: chega o futebol”. In: PRIORE, Mary del; MELO, Victor Andrade de. *História dos esportes no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: UNESP, 2009, p. 107.

Segundo Airton de Farias:

Essa intenção de estabelecer regras fixas para os jogos não deve ser vista como mera obra do acaso – ocorria o mesmo em vários domínios da vida inglesa à época. Ao longo do século XIX surgiram várias leis, normas, decretos regulando questões penais, civis, comerciais, etc., para os súditos do Império Britânico.<sup>17</sup>

O processo de padronização não foi fácil, existiam inúmeros aspectos a serem regulados, como as dimensões dos campos, o número de jogadores por times, a participação dos juizes, o tempo dos jogos, entre muitos outros pontos. Passo importante foi dado em 1863 quando os ex-alunos e alunos de diversos internatos ingleses, em várias reuniões ocorridas em uma taverna londrina denominada *Freemason*, estabeleceram as regras para a modalidade aqui em estudo. Todos os participantes também concordaram em acatar as decisões de uma entidade dirigente e reguladora maior, a *Football Association* (FA), que atualmente é a Federação Inglesa de Futebol.<sup>18</sup> Assim, formatou-se o que hoje se entende por futebol e nesse sentido ficou evidente a “demarcação entre aqueles que jogavam e aqueles que assistiam ao jogo, superando os tradicionais embates durante os jogos de rua, nos quais qualquer um podia entrar a qualquer momento”.<sup>19</sup>

Segundo Farias:

Daí em diante as regras foram sendo aperfeiçoadas, estabelecendo padrões a serem seguidos. Das reuniões da *Freemason Tavern* de 1863, foram codificadas 14 regras do *association football*, as quais acabaram a seguir publicadas em livros e cartilhas e distribuídas pelo País de modo a se tornarem públicas.<sup>20</sup>

---

<sup>17</sup> FARIAS, Airton de. *Uma história das Copas do Mundo: futebol e sociedade*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014, vol. 1, p. 25.

<sup>18</sup> A FA (*Football Association*) tornou-se rapidamente a única autoridade do futebol na Inglaterra e cada vez mais adeptos e associações locais se filiavam a ela. Em 1882 foi instituído, juntamente com as associações de Gales, Irlanda e Escócia, a *International Football Association Board*, mais conhecida como *International Board*. O órgão daí em diante passou a ter o monopólio sobre as alterações nas regras do futebol. Também é interessante destacar que a FA criou uma competição entre os principais clubes ingleses, a *Challenge Cup*, dando origem à Copa da Inglaterra, uma das mais antigas e populares competições de futebol do mundo e disputada até hoje.

<sup>19</sup> AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2002, p. 21.

<sup>20</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., p. 26.

A partir da Inglaterra e do seu poderio econômico, social, cultural e político, na chamada *belle époque*, o futebol ganhou grande parte do mundo<sup>21</sup> em estreita relação com o capitalismo/imperialismo.

O imperialismo inglês evidentemente exportava não apenas uma longa série de produtos industriais e de serviços, mas também fenômenos sociais e culturais que os acompanhavam (...) e cuja origem inglesa por si só atraía, conferindo-lhes ares de modernidade. Dentre eles o futebol.<sup>22</sup>

Na Argentina, a introdução do futebol se deu mais cedo que no Brasil, tanto no que se refere ao mito fundador, que é bastante semelhante nos dois países, quanto na historiografia oficial vinculada aos irmãos Hogg ou a Alexander Watson Hutton, entre os argentinos ou Charles Miller entre os brasileiros. Segundo Ricardo Pinto dos Santos, o mito fundador:

(...) conta a história do futebol através de origem popular, apresentando alguns traços do jogo e associando-os diretamente aos portos de Buenos Aires. A outra versão conta a história a partir dos colégios universitários, nos quais a regulamentação e a organização seriam suas bases explicativas principais. Independentemente da versão, o que nos interessa agora é que esses dois eixos explicativos são desenvolvidos de forma bem próxima ao caso do Brasil, ou seja, uma vertente ligada aos centros de ensino e à elites e outras, aos portos e às camadas populares.<sup>23</sup>

Em relação ao mito fundador, no que se refere aos argentinos, o seu aparecimento se deu por volta de 1840 pelos marinheiros ingleses que jogavam em seus momentos de folga e ócio algo parecido com o futebol atual nas áreas circunvizinhas ao porto de Buenos Aires. Segundo o historiador argentino Julio Frydenberg a via mítica se construiu “sobre a lenda das

---

<sup>21</sup> Se muitos países aderiram ao futebol, em especial na América Latina, também ocorreram resistências, inclusive dentro do próprio continente europeu. O final do século XIX e início do século XX ficou marcado pelo extremo nacionalismo em grande parte decorrente das rivalidades entre as potências imperialistas europeias nas disputas por mercados e territórios. Um dos países que relutou em adotar o futebol foi a Alemanha, atual tetracampeã do Mundo (1954, 1974, 1990 e 2014). Nesse país, o futebol chegou a ser comparado a uma “doença dos ingleses” e uma coisa de “macacos desengonçados e desnutridos”, incompatível com a disciplina corpórea e o ideário militarista prussiano. Apesar disso, o futebol acabou se propagando e se popularizando por todo o continente europeu, virando mais uma paixão. Outros locais não tiveram a mesma sorte, especialmente os territórios que formavam o Império Britânico. África do Sul, Austrália, Canadá, Estados Unidos e Nova Zelândia são exemplos de países que resistiram à adoção do futebol o que lhes dificultou o desenvolvimento da modalidade e, em alguns deles, o citado esporte continua desempenhando um papel secundário.

<sup>22</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 40. O autor segue citando dezenas de clubes mundialmente conhecidos que surgiram a partir da influência inglesa como o Ajax (1900), Atlético de Madrid (1903), Barcelona (1899), Bayer de Munique (1903), Benfica (1904), Grêmio Porto Alegre (1903), Juventus (1907), Milan (1899), River Plate (1901), dentre outros.

<sup>23</sup> SANTOS, Ricardo Pinto dos. op. cit., p. 27.

partidas que os marinheiros ingleses haviam jogado no porto ante o absorto olhar dos portenhos”.<sup>24</sup> Apesar desta narrativa ser bastante divulgada e estar presente em numerosos textos que abordam a história tradicional do futebol argentino, tal realidade, alerta Frydenberg, não deixou provas verificáveis, além de não ter gerado a prática regular e dentro das regras do futebol.

Franceses, holandeses e particularmente ingleses, na segunda metade do século XIX, foram os primeiros a jogar bola no Brasil, os “jogadores”, como parece ter se dado na Argentina, eram tripulantes dos navios mercantes e de guerra ancorados no país.

Não existe, porém, qualquer dúvida de que os ingleses foram os primeiros a jogar bola nas praias e capinzais existentes no vasto litoral brasileiro. Segundo esparsas e sucintas informações, os jogadores eram tripulantes de navios mercantes e de guerra da marinha inglesa e essas “peladas” ocorreram possivelmente desde 1864.

Novas referências indicam a praia da Glória, na cidade do Rio de Janeiro, como local de jogos durante o ano de 1874. Quatro anos depois, tripulantes do navio inglês *Criméia* teriam disputado uma partida em terreno baldio, no bairro de Laranjeiras, na então capital federal.<sup>25</sup>

Com influência mais duradoura e importante do que os enfrentamentos futebolísticos entre os marinheiros ingleses ou de outras nacionalidades, foi a presença britânica, sobretudo, para a construção das ferrovias. Pode-se afirmar que o nascimento e o desenvolvimento do futebol, no Brasil e na Argentina, se vinculam estreitamente, mas não apenas (como será percebido ao se debater o papel desempenhado pelas escolas), com a implantação da estrutura ferroviária.

Para dinamizar os setores econômicos, aprimorar as comunicações, integrar internamente cada um dos países fez-se necessário o desenvolvimento dos transportes terrestres. Passou-se a construir estradas de ferro, para isso, foram trazidos técnicos, operários e investidores britânicos.<sup>26</sup> Os dois primeiros grupos gostavam de bater bola o que ajudou na

---

<sup>24</sup> FRYDENBERG, Julio. *Historia social del fútbol: del amateurismo a la profesionalización*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2013, p. 25.

<sup>25</sup> AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol: uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 24.

<sup>26</sup> Segundo Osvaldo Bayer e Alejandro Fabbri as ferrovias permitiram a difusão do futebol pelo interior da Argentina e várias equipes surgiram tais como o Central Argentine Railway Athletic, que é o atual Rosário Central, o Club Central Norte, o Central Córdoba, o Andes Talleres, Talleres (de Córdoba), Central Norte, dentre outros. Em Buenos Aires também foram formadas equipes como o tradicional Club Ferrocarril Oeste ou o Club Talleres. Além disso, a interiorização ocorria dentro da própria Buenos Aires, as linhas férreas aproximavam as novas áreas da capital ao centro da cidade e os trabalhadores, assim como a juventude dos novos bairros,

introdução e popularização do futebol nos dois países. Como nos lembra Newton Cesar de Oliveira Santos:

Em meados do século aconteceu a segunda revolução industrial inglesa. Com isso, entre 1850 e 1880 quase sete milhões de britânicos, de uma população total de 26 milhões, decidiram emigrar em busca de novas oportunidades. Parte deles foi à Argentina; outro tanto veio ao Brasil. Contudo, diferentemente dos demais imigrantes europeus, que em sua maioria chegaram para trabalhar nas fazendas de café, os britânicos vieram ao Brasil para ajudar a desenvolver e consolidar a São Paulo Railway Company e outras ferrovias, assim como para trabalhar em usinas, indústrias têxteis, empresas de fornecimento de gás e de energia elétrica – segmentos e atividades em que tinham experiência.<sup>27</sup>

Ou ainda:

Está claro que a construção dos distintos ramais ferroviários com eixo em Buenos Aires, teve uma enorme e particular incidência na proliferação das equipes de futebol, a partir do entusiasmo de tantos operários e empregados britânicos pelo esporte e o contágio aos *criollos* como se fosse realmente uma epidemia. (...) A influência decisiva do trem e seus trabalhadores na construção das estações Banfield, Quilmes, Temperley, Los Andes, Andes Talleres de Mendoza, fez com que existissem uma larga lista de clubes menores, que em muitos casos não puderam manter-se após a chegada do profissionalismo<sup>28</sup>

Em relação aos irmãos Hogg<sup>29</sup>, Frydenberg considera-os envolvidos como a segunda via explicativa para a introdução do futebol na Argentina. Ele a denomina como a via dos clubes e ela não teria obtido muito sucesso. Porém, teria deixado como grande legado a primeira partida de futebol, ocorrida no país, disputada em 20 de junho de 1867.<sup>30</sup>

---

também criavam suas equipes como a Ituzaingó, Ferro Carril Midland, etc. Cf. BAYER, Osvaldo. *Fútbol argentino*. Buenos Aires: Editorial La Página S.A., 2009, p. 15. Há um hercúleo trabalho de Alejandro Fabbri sobre as origens de dezenas de clubes argentinos e a obra por ele produzida trata não apenas das equipes maiores e famosas, como também de uma plêiade de clubes que sequer chegaram a jogar a chamada “Primera A”, ou seja, a Primeira Divisão do citado país. Cf. FABBRI, Alejandro. *El nacimiento de una pasión: historia de los clubes de fútbol*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2016. Retornando as ferrovias, efeito idêntico também pode ser apreciado no Brasil como o Clube Atlético Ferroviário no Paraná, equipe que se fundiu com outras e hoje forma o Paraná Clube. Outros exemplos podem ser dados: em São Paulo o São Paulo Railway Athletic Club (SPR), a atual Ferroviária de Araraquara, o Ferroviário de Araçatuba, entre outros. No Ceará pode-se destacar o Ferroviário Atlético Clube. No Rio Grande do Sul o lendário Sport Club Gaúcho.

<sup>27</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. *Brasil X Argentina: histórias do maior clássico do futebol mundial (1908-2008)*. São Paulo: Scortecci, 2009, p. 39.

<sup>28</sup> FABBRI, Alejandro. op. cit., p. 45.

<sup>29</sup> Thomas e James Hogg.

<sup>30</sup> FRYDENBERG, Julio. op. cit., p. 25-26.

Em maio de 1867, os irmãos Hogg publicaram no *The Standard and River Plate News* – conhecido apenas por *The Standard* –, jornal obviamente vinculado à comunidade britânica, que apesar de ser editado em Buenos Aires era escrito totalmente em inglês, um anúncio para uma reunião que tinha como objetivo a popularização do futebol no país e também fundar o Buenos Aires Football Club.<sup>31</sup>

Como resultado, os citados irmãos juntamente com o amigo William Heald fundaram, em 9 de maio de 1867, o primeiro clube de futebol da América do Sul, o Buenos Aires Football Club. No final do mês seguinte, 20 de junho, aconteceu a primeira partida de futebol em solo argentino, no Buenos Aires Cricket Club.<sup>32</sup> “Assim, às 12h30 entraram em campo duas equipes, uma de gorros *colorados* e outra de gorros *blancos*. (...). Duas horas depois o placar apontava a vitória dos *blancos* por 4 a 0”.<sup>33</sup>

A influência inglesa é facilmente percebida nos nomes dos jogadores que participaram da partida: a equipe dos *blancos* entrou em campo com Thomas Hogg, James Hogg, W. Forrester, T. B. Smith, J. W. Bond, E. S. Smith, J. Ramsbottom e N. B. Smith. Os *colorados* jogaram com William Heald, T. R. Best, U. Smith, H. J. Barge, H. Wilmont, R. M. Ramsay, J. Simpson e W. Boschetti.

Nos dias 23 e 26 de junho foram publicadas notícias sobre essa primeira partida no *The Standard*. A nota do dia 26 de junho de 1867 é idêntica àquela que foi publicada poucos dias antes. Ela relata a dificuldade de se encontrar um campo para que a partida ocorresse e que no último momento o *Cricket Committe* autorizou a utilização de seu espaço em Palermo. Outro aspecto curioso que pode ser percebido pelas escalações destacadas acima é que cada equipe se formou com apenas 8 jogadores. O jornal ressalta que o número de jogadores foi menor do que o esperado e que muitos daqueles que haviam prometido juntar-se ao jogo, preferiram observar o desenrolar desse primeiro encontro ou disputa.<sup>34</sup> Segundo Newton César de Oliveira, alguns inscritos “acabaram desistindo de participar da partida por

---

<sup>31</sup> BAYER, Osvaldo. op. cit., p. 14.

<sup>32</sup> Frydenberg ressalta que vários jogadores de cricket e sócios do Buenos Aires Cricket Club já praticavam futebol. Cf. Idem, ibidem, p. 25.

<sup>33</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 34.

<sup>34</sup> THE STANDARD, 23 de junho de 1867, p. 2. A mesma notícia foi republicada no citado periódico no dia 26 de junho de 1867 agora em sua página 3. É importante ressaltar que as páginas do referido jornal não possuem numeração impressa e que a indicação da página foi determinada pelo autor da tese levando em conta que a primeira página é a capa do periódico.

temor ao ridículo, uma vez que teriam de aparecer de calças curtas diante das damas ali presentes”.<sup>35</sup>

Nesse período a república liberal conservadora argentina acreditava no livre comércio, no progresso, vestia-se seguindo a moda do *El Corte Inglés* e queria marchar no mesmo ritmo de Londres. Segundo Bayer: “Se sentia orgulhosa de ser a oligarquia dos que sabem, dos que podem e dos que possuem”.<sup>36</sup> Foi um período marcado pela chegada de muitos imigrantes ingleses, altos funcionários das empresas ferroviárias, de bondes, navios, de importação e exportação, de fábricas, bancos e escolas.

Quando foi disputada a primeira partida de futebol na Argentina, 1867, o país era governado por Bartolomé Mitre (1862-1868) que marcou o início de um período democrático na história política do país e que contribuiu, até o governo de Nicolás Avellaneda (1874-1880), para a consolidação do regime republicano.<sup>37</sup> Nesse período ocorreu o fim dos enfrentamentos e guerras civis que haviam marcado a história do país durante as primeiras décadas da independência. Uma das medidas tomadas em prol do desenvolvimento da Argentina foi a promoção da imigração, que tanto influenciou o desenvolvimento do futebol local como será demonstrado adiante.

A imigração e o crescimento econômico vivenciados pela Argentina, no final da segunda metade do século XIX, impulsionados pelas exportações de carne bovina e trigo, transformaram o país na principal economia do continente sul-americano e numa das principais do mundo, além de contar, ao contrário do Brasil, com um sistema educacional universalizado.<sup>38</sup> Em 1880, com o fim das guerras civis e a transformação da cidade de Buenos Aires na capital federal, o país superou em definitivo as décadas de turbulências e deu

---

<sup>35</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 34.

<sup>36</sup> BAYER, Osvaldo. op. cit., p. 14.

<sup>37</sup> Entre Mitre e Avellaneda, a Argentina teve como presidente Domingo Faustino Sarmiento (1868-1874).

<sup>38</sup> Segundo a Lei 1.420 de 1884, o ensino primário era laico, gratuito e obrigatório. O Estado substituiu as responsabilidades que até então eram assumidas pela Igreja e pelas comunidades. A educação universal também teve como preocupação integrar, especialmente, os filhos dos imigrantes ao país. Segundo Romero: “Com a alfabetização, garantia a instrução básica comum para todos os habitantes e, ao mesmo tempo, a integração e nacionalização de filhos de estrangeiros”. Cf. ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 25.

início ao que ficou conhecido como “Era Dourada” da Argentina. Tal realidade ainda se fazia presente no início do século XX.<sup>39</sup>

Em 1892, Buenos Aires tinha quase cinco mil lâmpadas a querosene, cerca de seis mil a gás e estava em estudo a instalação de um sistema de iluminação pública elétrica. A cidade já contava com grandes lojas, uma Assistência Pública estruturada, o Hipódromo de Palermo, a Bolsa de Comércio, o Registro Civil, uma incipiente rede telefônica, as faculdades de Direito e Medicina, o Museu Histórico Nacional (...) Em 1884 foi promulgada a Lei 1.420, chamada *Educación Común*, pela qual foi estabelecido o ensino elementar público, obrigatório, laico e gratuito, sem castigos corporais e com classes mistas.<sup>40</sup>

Porém, o país, assim como o Brasil, não estava livre das mazelas políticas e tal como ocorreria na política imperial ou da República Velha, a fraude eleitoral, o clientelismo e a corrupção também eram marcas da política local. Como nos lembra Fausto e Devoto: “o ato eleitoral estava viciado por todo tipo de anomalias, fraudes e violências”.<sup>41</sup>

Se a Argentina se consolidava como país quando o futebol passou a ser jogado na década de 1860, no Brasil sua introdução se deu próxima à mudança do regime ocorrida em 1889. O país deixava de ser “a flor exótica dos trópicos” para ser uma República Federativa, inspirada no modelo norte-americano, acompanhando, dessa forma, os demais países do continente.

Os primeiros anos da República foram bastante conturbados, marcados por revoltas, como a da Armada (1893), a Federalista no Rio Grande do Sul (1893-1895) e Canudos (1896-1897) já no governo Prudente de Moraes; além da grave crise econômica, conhecida como Encilhamento. Porém, especialmente a partir dos ajustes econômicos e políticos realizados por Campos Salles, quarto presidente brasileiro, que governou o país entre 1898 e 1902, a economia do país voltou a prosperar, é verdade que com números inferiores aos obtidos pelo vizinho aqui em estudo. Este presidente também elaborou a estratégia que proporcionou estabilidade política ao país, arranjo que ficou conhecido como “Política dos Governadores”.

---

<sup>39</sup> Em 1910, a Argentina encontrava-se no ápice do seu prestígio internacional. Na época, o país representava 50% de todo o PIB latino-americano. Em 1913 era considerada a 10ª economia do mundo.

<sup>40</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 36.

<sup>41</sup> FAUSTO, Boris e J. DEVOTO, Fernando. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*. São Paulo: Ed. 34, 2004. p. 79.

Retornando às vias explicativas da introdução do futebol na Argentina, tanto para Bayer, quanto para Frydenberg, o caminho que realmente teria inaugurado a tradição futebolística na Argentina foi percorrido, além das ferrovias, como detalhado anteriormente, também pelas instituições educacionais vinculadas à colônia inglesa. Sua fecunda história se encontra intimamente associada ao nome do professor escocês Alexander (ou Alejandro) Watson Hutton e ao Buenos Aires English High School, que Hutton fundou em 1884.

Entre 1880 e 1882, aproximadamente 500 mil imigrantes desembarcaram em Buenos Aires.<sup>42</sup> Dentre eles, em 1881, estava o escocês nascido em Glasgow e formado em Artes e Humanidades pela Universidade de Edimburgo, Alexander Watson Hutton, que trazia, em sua bagagem, bolas de futebol e bombas de ar. Ele veio com o intuito de dirigir o Saint Andrew's Scotch School.<sup>43</sup> Porém sua permanência na escola foi efêmera. Em 2 de fevereiro de 1884, ele decidiu fundar seu próprio colégio, o Buenos Aires English High School (BAEHS). Hutton tinha a intenção, a partir de sua escola, de desenvolver e popularizar os esportes britânicos em solo argentino.

Além de importar mais equipamentos para a prática do futebol, Hutton trouxe também o ex-jogador e professor de educação física William A. Waters. Com isso, a prática desse esporte ganhou maior impulso na Argentina. No quadriênio seguinte já existiam várias equipes ligadas às instituições de ensino particulares. Nada comparável se sucedeu nas escolas públicas do país.

A partir do interesse já despertado pelo futebol, acrescido da realização de várias partidas amistosas entre as equipes já formadas, um dos líderes do Saint Andrew's, Alec Lamot, liderou um movimento para criar um torneio organizado. Dessa forma, em 1891, ainda com a participação de Hutton, a primeira liga do futebol argentino, a *Argentine Association Football League* (AAFL), foi organizada, composta por seis equipes: Saint Andrew's,<sup>44</sup> Old Caledonians Football Club, Buenos Aires al Rosário Railway, Belgrano Football Club e Buenos Aires Football Club. A liga não obteve êxito porque dela não tomaram parte algumas equipes que já eram reconhecidas e tradicionais como: Buenos Aires

---

<sup>42</sup> A Argentina foi o país que mais recebeu imigrantes proporcionalmente. Em 1885 foi realizado o segundo censo populacional do país e constatou-se que dos 3.956.000 habitantes 53% deles eram imigrantes, dos quais, metade era italiana. Cf. SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 34 e 36.

<sup>43</sup> O Saint Andrew's Scotch School é o colégio particular mais antigo da Argentina, fundado em 1838.

<sup>44</sup> Sagrou-se campeão em 1891, tornado-se, dessa forma, o primeiro campeão local.

English High School, Quilmes Rowers e Flores Collegiate. Sem o apoio, principalmente de Hutton, a associação acabou sendo dissolvida no ano de 1892.

**Figura 1: Alexander Watson Hutton na década de 1880<sup>45</sup>**



Dois anos mais tarde, em 1893, Hutton voltou a organizar nova associação que tinha o mesmo nome da anterior, originando o denominado “futebol oficial”. A maior parte dos times que se associaram a nova entidade eram provenientes das escolas inglesas, faziam parte também as equipes de clubes que, na maior parte delas, tinham as mesmas origens. Nesse mesmo ano foi disputado um campeonato com a participação de cinco equipes: Lomas Athletic Club,<sup>46</sup> Flores Athletic Club, Quilmes Rowers, English High School e Buenos Aires Railway (a antiga Buenos Aires al Rosário Railway).

Outro fato importante levado a cabo pelo professor escocês foi afiliar sua associação à única entidade internacional então existente, a liga inglesa (FA), cujo reconhecimento da afiliação chegou em 1904. Alexander Hutton passou a ser considerado como o primeiro presidente do futebol organizado no país e tornou-se, não por acaso, o pai do futebol argentino.

---

<sup>45</sup> WIKIPÉDIA. “Alexander Watson Hutton”. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Alexander\\_Watson\\_Hutton](https://en.wikipedia.org/wiki/Alexander_Watson_Hutton). Acessado em: 27 de abril de 2016.

<sup>46</sup> O Lomas Athletic Club foi tricampeão entre 1893 e 1895 e voltou a vencer em 1897 e 1898. É preciso ter cuidado pois em 1896 o vencedor foi um homônimo, o Lomas Academy enquanto o Lomas Athletic alcançou no referido ano a terceira posição. Cf. FABBRI, Alejandro. op. cit., p. 306.

Em fevereiro de 1903, a *Argentine Association Football League* (AAFL) foi renomeada para *Argentine Football Association*. Somente em 1912, o que denota a influência inglesa, que ela passou a ser denominada em termos castelhanos, ou seja, como *Asociación Argentina de Football*.

Ainda em 1900, a AAFL determinou que os nomes dos clubes não pudessem ser os mesmos das escolas, para evitar que a vinculação com o futebol fosse entendida como uma espécie de propaganda. A partir dessa nova determinação, os alunos da BAEHS, ou simplesmente *English High Scholl*, alteraram sua denominação para *Alumni*.<sup>47</sup> Assim nasceu uma das mais emblemáticas equipes da Argentina, que ganhou dez campeonatos entre 1900 e 1911<sup>48</sup> e foi considerada “a referência máxima esportiva e moral por seus contemporâneos e pelos construtores da mitologia do passado do futebol e do esporte argentino”.<sup>49</sup>

**Figura 2: O multicampeão Alumni – 1906<sup>50</sup>**



Como ocorreu no Brasil, até fins do século XIX, as partidas disputadas eram na sua maioria, verdadeiras reuniões sociais. “As festas, após as partidas, eram comuns e

<sup>47</sup> O ex-aluno Carlos Bowers, que havia estudado nos Estados Unidos e mantido contato com associações de antigos alunos – denominadas *alumine* – sugeriu o nome de *Alumni* para a equipe, o que foi aceito por todos

<sup>48</sup> O *Alumni* foi campeão em: 1900, 1901, 1902, 1903, 1905, 1906, 1907, 1909, 1910 e 1911. Nos dois anos que perdeu o campeonato, ou seja, 1904 e 1908, o torneio foi vencido, em ambas ocasiões, pelo Belgrano Athletic. Outra “façanha” obtida foi a de ter se tornado a primeira equipe argentina a vencer um time da Inglaterra. O time deixou de existir no ano de seu último título, mais precisamente em 26 de novembro de 1911.

<sup>49</sup> FRYDENBERG, Julio. op. cit., p. 32.

<sup>50</sup> BRANDÃO, Caio. “100 anos sem o multicampeão Alumni”. In: *Futebol portenho*. Disponível em: <http://www.futebolportenho.com.br/2013/04/24/100-anos-sem-o-multicampeao-alumni/>. Acessado em: 20 de abril de 2016.

retratadas pela imprensa como o encontro de mais ‘fino na sociedade’”.<sup>51</sup> Não se pode esquecer que o futebol era, naquele momento, um esporte elitista. Nos dois países predominavam os nomes ingleses, fossem nas reuniões, nos clubes e até nos gramados. Deste modo o futebol poderia ser entendido como reuniões amistosas, ainda que se disputasse um prêmio. “O *lunch* ao terminar a partida marcava o início do ‘terceiro tempo’, a partir do qual se retomavam os códigos e as maneiras da vida civil”.<sup>52</sup> Esse caráter de evento social e de confraternização desapareceu com o tempo por uma série de motivos, tais como: a introdução de outros segmentos sociais nas vidas das equipes (torcedores e jogadores) e a construção e desenvolvimento das inúmeras rivalidades.

Na fase inicial do futebol argentino – posteriormente no Brasil –, as visitas das equipes estrangeiras, em especial inglesas, foram extremamente significativas para o desenvolvimento do futebol no citado país. Elas geravam grandes expectativas e os times britânicos ensinavam, segundo a crença da época, como se deveria jogar o melhor futebol. Os eventos eram acompanhados pelas mais altas personalidades sociais e políticas da República Argentina, incluindo o presidente e os embaixadores. Os visitantes, por sua vez, eram tratados como hóspedes de honra e homenageados com grandes banquetes. Este clima de “festa” se refletia no grande número de torcedores ou expectadores que acorriam aos campos para assistir as partidas previstas. Os ingleses eram considerados os portadores de avanços técnicos e físicos e vistos como o modelo a ser imitado.

O jornal El Diálogo de 2 de maio de 1908 asseverava:

Uma das causas principais do desenvolvimento do *football* – e que a associação não tem suficientemente em conta – é a vinda de equipes famosas da Inglaterra promovendo grandes partidas. Até então (antes da chegada em anos anteriores das equipes inglesas) nunca passou de 1.000 espectadores que concorriam a um *match* entre quadros locais. Agora não é difícil ver 5.000 pessoas presenciando um encontro desse gênero. (...) As visitas atraem a massa por curiosidade.<sup>53</sup>

Para os formadores de opinião daquele período era necessário promover o desenvolvimento dos melhores jogadores e para isso os argentinos deveriam seguir o modelo inglês, o que implicava a introdução de métodos “científicos” para o aprimoramento do

---

<sup>51</sup> SANTOS, Ricardo Pinto dos. op. cit., p. 31.

<sup>52</sup> FRYDENBERG, Julio. op. cit., p. 40.

<sup>53</sup> EL DIÁRIO, 2 de maio de 1908.

esporte. Considere-se que na virada do século XIX para o XX o futebol já era uma febre entre os argentinos e não havia como deter a força do novo esporte. Uma prova disso é que entre 1901 e 1910 surgiram 32 novos clubes de futebol no país.

Apesar de não ser o foco da pesquisa em tela, situação similar era vivenciada do outro lado do Rio da Prata, no Uruguai, que até meados do século XX era o principal rival do futebol argentino.<sup>54</sup> Lá também esse esporte havia chegado pelo porto e por meio de imigrantes, marinheiros e trabalhadores ingleses. A *Uruguay Association Football League*, primeira entidade representativa do futebol local, foi fundada em 1900.

Segundo Ricardo Pinto dos Santos:

A seleção argentina de futebol, em 1902, mesmo com toda a influência inglesa, cresceu substancialmente através dos seus confrontos com a seleção uruguaia. Sem dúvida, foi o contato com a equipe uruguaia, notadamente pela sua qualidade, que a seleção argentina conseguiu avançar tecnicamente.<sup>55</sup>

É interessante ressaltar que na década inicial do século XX, poucos eram, no Brasil, os clubes dedicados ao futebol, como também não havia uma Seleção Brasileira, criada apenas em 1914. O principal debate no país, como já ocorrido na Argentina, era sobre as consequências da prática esportiva para a saúde de seus praticantes, fossem eles atletas ou não.

Durante os primeiros anos do século XX, como nos lembra Newton César de Oliveira Santos, o Uruguai foi o único adversário da Argentina. O grande número de partidas e a disputa de diversos troféus fizeram do *Clásico del Río de la Plata* um dos mais antigos e

---

<sup>54</sup> Diversos amistosos entre jogadores que viviam em Buenos Aires e em Montevidéu começaram a ser disputados. O primeiro deles aconteceu em 15 de maio de 1889. É também preciso lembrar que a primeira metade do século XX foi o período áureo do futebol uruguaio, quando o país conquistou duas medalhas de ouro olímpicas (1924 e 1928) e duas Copas do Mundo (1930 e 1950). Duas dessas conquistas, 1928 e 1930, se deram contra a própria Seleção Argentina. Em relação à final disputada nos Jogos Olímpicos de 1928 em Amsterdã, o primeiro jogo entre argentinos e uruguaios, disputado em 10 de junho de 1928, terminou empatado em 1X1, gols de Petrone para o Uruguai e Ferreyra para a Argentina. O resultado forçou a realização de uma nova partida, no mesmo local três dias depois, na qual os uruguaios venceram seus vizinhos por 2X1, gols de Figueroa e Scarone para o Uruguai e de Monti para a Argentina. Já na final da Copa de 1930, disputada no Uruguai, a equipe local venceu os argentinos pelo placar de 4X2 em 30 de julho de 1930. Os gols da equipe vencedora foram marcados por Dorado, Cea, Iriarte e Castro e pela Argentina marcaram Peucelle e Stábile. Essas vitórias colocaram o futebol praticado no Rio da Prata como o melhor do mundo.

<sup>55</sup> SANTOS, Ricardo Pinto dos. op. cit., p. 49.

tradicionais confrontos do mundo e não há ainda no planeta duas outras seleções que tenham se enfrentado tantas vezes. A partir da década de 1910 a Argentina, assim como o Uruguai, passariam a ter um outro concorrente, mesmo que fosse considerado a terceira força do continente: o Brasil.<sup>56</sup>

O Brasil também tem um “pai do futebol”<sup>57</sup> de descendência britânica, Charles Miller, filho do escocês John Miller, que decidiu vir para o Brasil em busca de novas oportunidades de trabalho e instalou-se em São Paulo, mais precisamente no bairro do Brás. Casou-se com Carlota Alexandrina Fox, paulistana filha de pai inglês. Tiveram quatro filhos e um deles foi Charles William Miller.<sup>58</sup>

Como não existiam escolas britânicas estabelecidas na cidade de São Paulo, Charles Miller e seu irmão mais velho, John Henry, foram enviados, em julho de 1884, para estudarem na Inglaterra. O primeiro foi estudar na *Banister Court School* na cidade de Southampton, e lá percebeu que a prática esportiva era comum e extremamente valorizada. Dentre as três opções que lhe interessavam, o críquete, o rúgbi e o futebol, Miller adotou a última.

O considerado “pai do futebol brasileiro” passou dez anos na Inglaterra e nesse período aprendeu e aprimorou a prática futebolística. Como ponta-esquerda em sua escola, se

---

<sup>56</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 38.

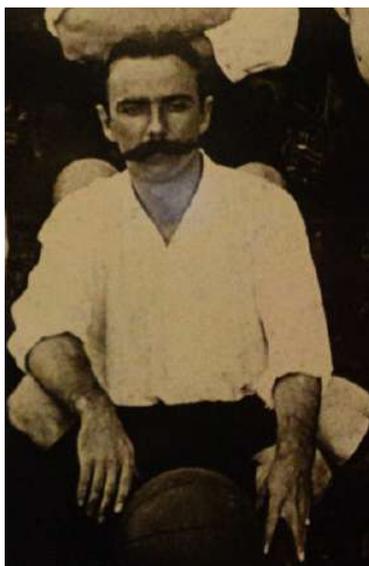
<sup>57</sup> Segundo Victor Melo, novos pesquisadores demonstraram que o *football* já era praticado no Brasil antes de Charles Miller, por exemplo, em alguns colégios jesuítas, mais precisamente no Colégio São Luís (Itu-SP) e no Colégio Anchieta (Nova Friburgo). Neles, os alunos já jogavam futebol, seguindo o modelo inglês, na década de 1880. Também é preciso ressaltar que o futebol já era praticado por ingleses empregados de companhias comerciais, industriais, ferroviárias ou de navegação britânicas. Cf. MELO, Victor de Andrade. “Futebol: que história é essa?”. In: CARRANO, Paulo César R. (org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 19-20. Na mesma direção se apresenta o relato de José Moraes dos Santos Neto ao afirmar que documentos dão conta de “que funcionários escoceses e brasileiros da São Paulo Railway, na linha Jundiaí-São Paulo, praticavam o futebol, o mesmo acontecendo com os ferroviários das oficinas da Companhia Paulista, já por volta de 1892, e dispunha de inúmeros relatos de jogos de futebol entre marinheiros estrangeiros em praias brasileiras, quando da passagem de seus navios nos portos do país”. Cf. SANTOS NETO, José Moraes. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 36.

<sup>58</sup> Charles William Miller nasceu em São Paulo em 24 de novembro de 1874 e faleceu na mesma cidade em 30 de junho de 1953. Além dos gols que marcou quando estudou na Inglaterra, no Brasil ele atuou pelo São Paulo Athletic Club (SPAC) pelo qual fez 66 partidas e marcou 34 gols. Foi tricampeão paulista pela referida equipe nos anos de 1902, 1903 e 1904 e foi o artilheiro do campeonato por duas vezes. Chegou ainda a jogar como goleiro da equipe em 12 jogos. Além do futebol, demonstrando o seu caráter desportista, ele ainda jogava tênis, críquete e golfe. Miller, com 34 anos, marcou os dois gols do combinado brasileiro na histórica partida contra o combinado argentino disputada em 2 de julho de 1908 e que terminou com o placar de 2 X 2. Pelos argentinos marcaram Eliseo Brown e Jorge Brown. Cabe ainda ressaltar que esse jogo não foi realizado por selecionados nacionais e, por isso, não é contabilizado pelas associações dos dois países (CBF e AFA).

destacou bastante em 3 temporadas, marcando 47 gols em apenas 34 jogos. A sua habilidade o levou a ser convidado para jogar por outra escola da região, a *St. Mary's*, pela qual disputou 13 partidas. Deve-se ressaltar sua participação em seis jogos pela Seleção do Condado de Hampshire. Em um balanço geral, Charles Miller disputou 53 jogos em solo inglês e marcou 54 gols.<sup>59</sup>

Ao finalizar seus estudos na Inglaterra, em 1894, Miller retornou ao Brasil. Trouxe, como havia feito Alexandre Hutton na Argentina, alguns elementos fundamentais para a prática futebolística: um livro de regras, duas bolas de futebol, um par de chuteiras e uma bomba de ar para encher as bolas, além das camisas das duas escolas pelas quais jogou, a Banister Court School e a *St. Mary's*.

**Figura 3: Charles Miller: o “pai do futebol brasileiro”<sup>60</sup>**



Fato fundamental é o livro de regras. Se o futebol já era, de alguma forma, praticado no Brasil, antes mesmo de Miller ter ido estudar no Velho Continente, foi a partir da utilização das normas definidas pela FA que se introduziu de forma sistemática o jogo e assim começou-se a definir o que conhecemos por futebol.

---

<sup>59</sup> MILLS, John Robert. *Charles Miller: o pai do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2005, p. 220.

<sup>60</sup> STEIN, Leandro. “Craque, artilheiro, técnico, cartola: Charles Miller não foi só o ‘pai do futebol no Brasil’”. Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/craque-artilheiro-tecnico-cartola-sensacao-na-europa-charles-miller-nao-foi-so-o-pai-do-futebol-no-brasil/>. Acessado em: 26 de abril de 2016.

Em São Paulo, Miller rapidamente se associou ao São Paulo Athletic Club (SPAC), porém percebeu que ainda não se praticava o futebol no país. Depois de ser contratado para trabalhar na São Paulo Railway, começou a difundir o novo esporte entre seus colegas britânicos.

Em 1895, mais precisamente no dia 14 de abril, foi disputada aquela que é considerada a primeira partida de futebol realizada no Brasil. Enfrentaram-se na Várzea do Carmo, o The Gas Works Team, que, como o próprio nome indica, era formada por funcionários da São Paulo Gaz Co., responsável pela iluminação pública da cidade, contra a equipe de Charles Miller – The São Paulo Railway Team. A equipe de Miller, que anotou dois gols na partida, saiu vitoriosa do embate pelo placar de 4X2.

A partir de então, Miller e seus amigos passaram a jogar futebol de forma regular aos sábados e feriados. Rapidamente o novo esporte começou a atrair novos adeptos de outras colônias estrangeiras que habitavam em São Paulo e, dessa forma, passou a ser praticado por outras comunidades além da britânica.

Percebe-se claramente que, tanto no Brasil, quanto na Argentina a introdução e popularização do futebol não se deu evidentemente por uma ação puramente individual. Então por qual motivo, no Brasil, há uma crença, bastante difundida, de que Charles Miller é o “fundador” do futebol no país? José Morais dos Santos Neto busca responder tal questão. Para esse pesquisador, há de se considerar, em primeiro lugar, a força cultural dos grupos economicamente proeminentes paulistas, dentre os quais Charles Miller fazia parte, capazes de produzir tradições e cujos primeiros jogos e registros em clubes foram devidamente conservados. De tal afirmação depreende-se que os jogos feitos, não só pelos estudantes das classes dominantes, mas também pelos populares, não eram registrados, o que dificultou a conservação de sua memória. Além disso, era muito mais interessante atribuir a origem do futebol a um membro da classe dominante de origem europeia que a outros grupos sociais.

E esta idéia de paternidade envolvendo um membro da elite de origem europeia, como se pode imaginar, há de ter correspondido aos nossos recalques terceiro-mundistas, na época ainda mais forte que hoje. (...) relacionar o futebol, mesmo indiretamente, às multinacionais que, na virada do século, protagonizavam grandes transformações na economia brasileira, verdadeiros sinônimos de progresso, soava melhor do que ligá-lo a colégios obsoletos, fosse pelo viés religioso da educação, fosse pelos laços entre essas

instituições e a monarquia, Vale lembrar que a proclamação da República, em 1889, ocorreu exatamente no momento da introdução do futebol nos colégios.<sup>61</sup>

É significativo perceber que independentemente da versão oficial<sup>62</sup>, ou seja, de quem foi responsável pela chegada do esporte no Brasil e na Argentina, é importante ressaltar que tais “pais fundadores” criaram os primeiros clubes e assim fomentaram índices de distinção para o esporte nas sociedades em que viviam, vinculados às suas respectivas elites. Eles trouxeram uma experiência de fora que complementou e compôs, o cenário de modernidade nas cidades e nos grupos dos quais eles faziam parte. “O *football* passou a ter caráter de verdadeiro evento social onde os mais ricos celebravam as novidades do Velho Mundo e confraternizam-se”.<sup>63</sup>

A Associação Atlética Mackenzie, primeira equipe formada por jovens brasileiros e descendentes de norte-americanos é de 18 de agosto de 1898. Em 1899 foi fundado o Sport Club Internacional com sócios ingleses, holandeses e brasileiros e ainda o Sport Club Germânia, integrado por alemães e descendentes. No ano seguinte, foi a vez do aparecimento de uma equipe que marcou época no futebol de São Paulo, fundado por rapazes da elite local, o Clube Athletico Paulistano.

Em 14 de dezembro de 1901, os dirigentes dos cinco clubes de futebol existentes fundaram uma liga para realizar torneios e campeonatos similares ao que ocorriam na Europa e também na Argentina, a Liga Paulista de Football. Ao contrário do que ocorreu no país vizinho, em que a vida nacional gravitava ao redor de Buenos Aires, o futebol brasileiro permaneceu por muito tempo regionalizado, organizando-se nos vários núcleos urbanos

---

<sup>61</sup> SANTOS NETO, José Moraes. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 35.

<sup>62</sup> Segundo Ricardo Pinto dos Santos: “No Brasil, jornalisticamente, é considerado como o ‘Pai do Futebol’ Charles Miller, aquele que desembarcou em São Paulo, em 1894, trazendo em sua bagagem bolas e as regras do jogo. Historiadores consideram que a prática do futebol não tem um pai institucional e que isso, na verdade, era uma construção jornalística sem fundamento histórico, haja vista que o futebol, comprovadamente, já teria chegado ao Brasil há mais tempo, através das escolas e dos portos”. Cf. SANTOS, Ricardo Pinto dos. op. cit., p. 31. Concordo parcialmente com a afirmação acima, porém é preciso ressaltar que a prática efetiva do futebol, como hoje é conhecido, depende inteiramente da apropriação das regras que definem tal jogo, nesse sentido, Charles Miller (São Paulo) e também Oscar Cox (Rio de Janeiro) desempenharam importante papel.

<sup>63</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., p. 54.

espalhados pelo país, algo que, no que se refere aos campeonatos regionais, ainda hoje gera dificuldade de entendimento para os argentinos.<sup>64</sup>

Os diversos estados brasileiros tiveram seus próprios propagadores do futebol.<sup>65</sup> No Rio de Janeiro, por exemplo, foi Oscar Cox, que seguiu um caminho muito parecido com o percorrido por Miller.<sup>66</sup> Ele também estudou na Europa, mais precisamente na Suíça e lá começou a praticar o futebol. Quanto retornou ao Brasil trouxe na bagagem além da bola, um manual de regras do jogo, que, como foi abordado, é fundamental para prática do futebol tal como conhecemos.

Junto com a bola, portanto, Cox provavelmente trouxera em sua mala as regras de um jogo que, décadas depois, estaria consolidado como um grande fenômeno na cidade – o que permitiu a alguns caracterizá-lo como um grande “pioneiro”. (...) De simples estudante em busca de diversão, Cox transformava-se assim, aos olhos da posteridade, no marco inicial da história do jogo da bola nas terras cariocas.<sup>67</sup>

---

<sup>64</sup> Segundo Ariel Palacios e Guga Chacra, os argentinos possuem certa dificuldade para entender os times brasileiros, afinal são muitos estados, muitos times diferentes e campeonatos estaduais que não ocorrem em seu país. Na Argentina, diferente do Brasil, existem dois campeonatos nacionais em uma mesma temporada. Até a década de 80 disputava-se dois torneios nacionais: o Campeonato Argentino e o Metropolitano. Nos anos 80 passou a ser disputado um único torneio, nos moldes do atual Campeonato Brasileiro, com turno e returno e o campeão era a equipe que marcasse maior número de pontos. Porém, em 1990 voltaram a ocorrer dois campeonatos, disputados em turno único por 20 times, em cada um dos torneios. São eles: o Apertura e o Clausura. No primeiro ano da “nova” fórmula de disputa ainda houve uma final entre os dois campeonatos, mas isso foi suspenso a partir do ano seguinte e assim a Argentina passou a contar com dois campeonatos por ano. Cf. PALACIOS, Ariel e CHACRA, Guga. *Os hermanos e nós*. São Paulo: Contexto, 2014. Cabe ressaltar que a fórmula de disputa se alterou a partir da temporada 2012/13, a AFA propôs um novo campeonato, dividido em Torneio Inicial e Torneio Final, com os ganhadores de cada torneio sendo proclamados campeonatos argentinos e se enfrentando numa finalíssima para definir o campeão da superfinal logo após o término do Torneio Final. Novas alterações estão sendo discutidas para a temporada 2016/2017.

<sup>65</sup> Em 1901, em Salvador, José Ferreira Júnior, o Zuza Ferreira, estudante vindo da Inglaterra, trouxe na bagagem uma bola de futebol e é considerado o introdutor do esporte na Bahia. Em Pernambuco, em 1903, a honra coube a Guilherme Aquino Fonseca, ex-estudante da *Hooton Lown Scholl*, também da Inglaterra. Em 1904, na recém construída Belo Horizonte (fundada em 1897), Victor Serpa, que jogou futebol na Suíça, praticava o citado esporte com os seus colegas. No mesmo ano, em Fortaleza, Ceará, o estudante José Silveira, também egresso da Suíça, realizou a primeira partida de futebol entre os cearenses. Em São Luís do Maranhão, no ano de 1907, Joaquim Moreira Alves dos Santos, o “Nhozinho”, chegado de Liverpool, realizou o que foi tido como a primeira partida local de futebol. Percebe-se, dessa forma, que a origem do futebol em diferentes estados brasileiros segue a mesma lógica e vinculação com a Europa “civilizada”.

<sup>66</sup> No final do século XIX, George Emmanuel Cox (descendente de ingleses radicados no Rio de Janeiro) e a esposa Minervina Dutra Cox decidiram, como era comum entre as famílias abastadas, enviar os seus filhos para estudar na Europa. Oscar Alfredo Cox foi um deles e passou anos estudando na Suíça, nos colégios La Ville (Lausanne) e no Servette (Genebra). Ambas escolas valorizavam a prática de esporte e nelas Oscar Cox teve contato com o futebol. Ao retornar ao Rio de Janeiro, em 1897, Cox também teve a ideia de difundir o novo esporte pelo Brasil.

<sup>67</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 22.

**Figura 4: Oscar Alfredo Cox – introdutor do futebol no Rio de Janeiro<sup>68</sup>**



A primeira partida realizada no Estado do Rio de Janeiro ocorreu no dia 22 de setembro de 1901, na cidade de Niterói, quando um grupo de rapazes do Rio de Janeiro enfrentou a equipe do Rio Cricket and Athletic Association (RCAA). O jogo terminou empatado por 1X1, gols de Cawood Robinson para o RCAA e Júlio Moraes para o adversário. Essas equipes ainda se enfrentaram mais duas vezes até o final do ano e todos os jogos terminaram empatados.<sup>69</sup>

O ano de 1901 também marcou o início da maior rivalidade estadual no futebol brasileiro,<sup>70</sup> o enfrentamento entre cariocas e paulistas. A partida ocorreu no estádio do Velódromo, em São Paulo, que foi oficialmente inaugurado naquele momento. O jogo disputado em 19 de outubro de 1901 terminou empatado em dois tentos.<sup>71</sup> No dia seguinte, 20 de outubro, houve um novo jogo e dessa vez o placar não se alterou. Uma curiosidade é que nas duas partidas, cada tempo durou 20 minutos.

---

<sup>68</sup> WIKIPÉDIA. “Oscar Alfredo Cox”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Oscar\\_Alfredo\\_Cox\\_-\\_/media/File:Oscar\\_Cox.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Oscar_Alfredo_Cox_-_/media/File:Oscar_Cox.jpg). Acessado em: 27 de abril de 2016.

<sup>69</sup> As partidas foram disputadas em 29 de setembro de 1901, com placar de 2X2, e em 12 de outubro de 1901, novo empate por 1X1. Os jogos chegaram a ser noticiados em pequenos espaços pelo jornal *Correio da Manhã*, não sem certa frustração pelos empates, afinal, à época, estava-se acostumado a noticiar eventos esportivos que tinham um vencedor, como o turfe e o remo. Cf. *Correio da Manhã*, 22 de setembro de 1901, p. 3; *Correio da Manhã*, 3 de outubro de 1901, p. 4; *Correio da Manhã*, 15 de outubro de 1901.

<sup>70</sup> Tal rivalidade gerou vários dissabores para o futebol do Brasil, especialmente na impossibilidade de contar com os melhores jogadores do país para as disputas das Copas do Mundo de 1930 (Uruguai) e 1934 (Itália).

<sup>71</sup> Os cariocas marcaram os dois gols no primeiro tempo por intermédio de Felix Frias e McCulloch. O empate paulista ocorreu no tempo final e os tentos foram feitos por Alício de Carvalho e Walter Jeffrey. O selecionado paulista foi a campo com W. Holland, Belford Duarte, Hans Nobiling, René Vanorden, Walter Jeffrey, Muss, Ibanez, Herbert Boyes, Casimiro da Costa, Charles Miller e Alício de Carvalho. Já a equipe carioca contou com Walter Schubach, Mário Frias, Luís da Nóbrega Júnior, Oscar Cox, Wright, McCulloch, Francis Walter, Horácio da Costa Santos, Eurico de Moraes, Júlio de Moraes e Felix Frias.

Em julho do ano seguinte, dois novos enfrentamentos ocorreram, ambos vencidos pelos paulistas. Naquele mesmo mês, Cox e seus amigos cariocas resolveram fundar o primeiro clube de futebol do Rio de Janeiro, o Fluminense, fato ocorrido em 21 de julho de 1902.<sup>72</sup> Dois anos mais tarde, em 1904, surgiram mais três clubes: América, Bangu e Botafogo. Em 1905 surgiu a ideia da criação de uma liga de clubes e de um campeonato carioca.<sup>73</sup>

O futebol também se desenvolvia, com a formação de várias equipes, especialmente pelas mãos das elites locais, em outros estados e cidades brasileiras, como Recife (PE), Salvador (BA), Curitiba (PR) e Porto Alegre (RS).

Percebe-se, pelo que foi abordado, que nos dois países, os primeiros clubes de futebol estiveram bastante atrelados aos ingleses, porém alguns tinham outras origens como os brasileiros Palmeiras (SP) e Cruzeiro (MG) que possuem origem italiana ou os argentinos Barcelona y Río de La Plata ou Deportivo Armênio, o primeiro ligado à colônia catalã e o segundo à armênia. Outro ponto em comum é que o referido esporte se tornava cada vez mais popular. Ele acabou por interessar não só a elite brasileira e argentina, mas também aos outros segmentos sociais.

As sociedades dos respectivos países passavam, no início do século XX, por grandes mudanças, advindas das alterações pelas quais atravessavam, tais como o crescimento das cidades e da população, a imigração, o aparecimento de novas indústrias, melhoria nos transportes públicos com o surgimento de novas linhas de bonde no Rio de Janeiro e a construção do Metrô em Buenos Aires, entre outros. Obviamente que as classes sociais também se alteraram, inclusive com o aumento do número de assalariados. Essas mudanças se refletiram no futebol, pois um número crescente de pessoas era atraído, ou para a sua prática,

---

<sup>72</sup> Nesse aspecto há controvérsia entre os estudiosos, Newton César de Oliveira Santos, por exemplo, destaca o Fluminense como a primeira equipe do futebol carioca, porém Ricardo Pinto dos Santos afirma que em 18 de julho de 1902, ou seja, três dias antes da criação do Tricolor das Laranjeiras, Makintosh fundou o Rio Foot-ball Club. Cf. SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 44 e SANTOS, Ricardo Pinto dos. op. cit., p. 31.

<sup>73</sup> A Liga Metropolitana de Football contou inicialmente com o América, Bangu, Botafogo, Football and Athletic, Petrópolis, Fluminense, mas naquele mesmo ano duas novas agremiações se afiliaram: Rio Cricket and Athletic Association (RCAA) e o Paysandu. O primeiro campeonato foi disputado em 1906, disputado por 6 equipes, não participaram o Petrópolis e o RCAA. O Fluminense se sagrou campeão depois de disputar os jogos em turno e retorno, todos contra todos, com nove vitórias e apenas uma derrota. O sucesso foi tal que no ano seguinte, já existiam 77 clubes na cidade. Cf. NOGUEIRA, Claudio. *Futebol Brasil Memória*: de Oscar Cox e Leônidas da Silva (1897-1937). Rio de Janeiro: Editora SENAC, 2006, p. 43.

ou para assistirem aos confrontos. Dessa forma, ele foi se transformando em um poderoso evento de massas.

Clubes eram organizados vinculados a seus respectivos bairros, criando assim uma primeira identificação territorial. Além da clara questão identitária cabe acrescentar que, com o decantado crescimento das cidades, era difícil torcer para equipes de localidades distantes. Como nos lembra Alejandro Fabbri: “Difícil, quase impossível, era conseguir anos atrás que os rapazes de um bairro se tornassem torcedores de um clube distante. Havia maior identificação com o bairro e menor mobilidade social (...)”.<sup>74</sup>

Em relação aos espaços para sua prática, no caso brasileiro, a várzea se tornou o local identificado com o futebol praticado pelos grupos sociais menos abastados e também o celeiro dos grandes jogadores nacionais. Na Argentina, a história não foi distinta, em substituição à várzea há o *potrero*.<sup>75</sup> Em ambos os locais, marcados pela irregularidade do terreno, os praticantes teriam que desenvolver suas habilidades individuais, característica que marca o “futebol-arte” e o “futebol criollo”, para poderem se sobressair. Também nesse aspecto a história do futebol nos países se aproxima.

O ano de 1908 se tornou histórico. Aceitando o convite formulado pela Liga Paulista de Futebol, então presidida por Antônio Prado Júnior<sup>76</sup>, um combinado argentino se deslocou para São Paulo para uma série de três partidas amistosas e depois para o Rio de

---

<sup>74</sup> FABBRI, Alejandro. op. cit., p. 14.

<sup>75</sup> Potrero: terreno com os gols e delimitações toscas, no qual o futebol é praticado por jogadores e equipes de bairros de uma cidade. Cf. SUBURU, Nilo J. *Primer diccionario del futbol*. Montevideo: Ediciones Tauro, 1968, p. 132. Também é definido como terreno baldio onde se jogam partidas não profissionais. Cf. TALIO, Daniel & LUCCA, Guillermo de. *Diccionario de futbol*. Buenos Aires: Claridad, 2009, p. 255. No Brasil o nome dado para campos com características similares foi várzea.

<sup>76</sup> Nascido em 1880 foi educado em São Paulo e Paris, vivia em festas e viagens, era o típico *sportsmen*. Aos 15 anos bateu o recorde sul americano de ciclismo em uma prova de 1.100 metros em benefício dos soldados vitimados na batalha de Canudos. Neste esporte foi tricampeão sul americano e representou o Brasil no *tour* da França onde sofreu uma queda na terceira volta e com ferimentos leves teve de abandoná-la. Foi dirigente esportivo em um momento em que as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro emergiam como líderes do debate sobre a modernidade nacional. Foi membro do Comitê Olímpico Internacional (COI) e como dirigente participou da delegação brasileira nas Olimpíadas de Berlim (1936) e Helsing (1952). Foi presidente da Associação Paulista de *Sports Athletics* (APEA) e da Liga Amadora de Futebol (LAF). Porém, destacou-se, sem dúvida alguma, como presidente do Paulistano por quase 50 anos. É tido como o grande responsável em transformar um clube que possuía uma estrutura esportiva precária em uma instituição de grande influência na sociedade paulistana. Além de sua atuação esportiva, Antônio Prado foi prefeito do Rio de Janeiro entre 1926 e 1930 nomeado pelo Presidente Washington Luís. Cf. FERNANDEZ, Renato Lanna. *A concepção de esporte em Antonio Prado Junior: o amadorismo como princípio civilizatório e regenerador*. Disponível em: <[http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1433603253\\_ARQUIVO\\_TEXTOPARAANPHU2015.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1433603253_ARQUIVO_TEXTOPARAANPHU2015.pdf)> Acessado em: 24 de abril de 2016.

Janeiro para outros três jogos. É importante ressaltar que nenhum deles foi disputado pelas respectivas seleções nacionais, fato que só ocorreu em 1914, mas marcam uma primeira aproximação entre os países no espaço futebolístico.<sup>77</sup>

Em 30 de junho os argentinos desembarcaram em São Paulo com jogadores de quatro equipes (Alumni, Belgrano Athletic, San Isidro e Estudiantes de Buenos Aires). O combinado paulista contava com jogadores de três das cinco equipes que jogaram o campeonato local (São Paulo Athletic Club, Germânia e Paulistano). A primeira e histórica partida ocorreu em 2 de julho no Velódromo e terminou empatada em 2X2.<sup>78</sup> Nos dias 4 e 7 de julho os “combinados” voltaram a se enfrentar no mesmo local. Nas duas ocasiões o time brasileiro saiu fragorosamente derrotado, 6X0 e 4X0 respectivamente.

Após as partidas contra o combinado paulista, a delegação argentina foi se apresentar no Rio de Janeiro. Foram realizadas três partidas, mas apenas a primeira se encontra devidamente documentada. Os registros das duas outras são bastante esparsos e as fragilidades das informações chegam ao ponto de não se saber a data em que ocorreu o terceiro encontro, apesar de se ter conhecimento do placar.

A primeira partida disputada entre os combinados argentino e carioca ocorreu no dia 9 de julho de 1908 no Campo das Laranjeiras pertencente ao Fluminense. Os argentinos venceram pelo placar de 3X2, com dois gols de Lucio Burgos e um de Maximiliano Susan, enquanto para os cariocas marcaram Emilio Etchegaray e R. Sampaio.<sup>79</sup> As duas outras

---

<sup>77</sup> Alguns pesquisadores argentinos, não se sabe exatamente o motivo, pode ser pelo fato da partida ter sido realizada no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, consideram que o primeiro dos três confrontos amistosos, que terminou com vitória dos visitantes pelo placar de 3X2, seria também a primeira partida oficial da Seleção Argentina contra a Seleção Brasileira, que sequer existia naquele momento. É fundamental ressaltar que as Confederações dos dois países não contabilizam esse jogo para suas estatísticas. Cabe destacar ainda que se a Seleção Brasileira ainda não havia sido formada, na Argentina a realidade era distinta pois o país contava com um selecionado nacional desde 20 de julho de 1902 data em que ocorreu a que é considerada a primeira partida internacional de uma Seleção Argentina de Futebol.

<sup>78</sup> Para o primeiro enfrentamento as equipes vieram para campo com os seguintes jogadores: Combinado argentino – Ernesto Brown; Eliseo Brown e Lucio Burgos; Carlos Brown, Vernet Amadeo e R. Lennie; A. Lusan, Ricardo Malbrán, W. A. Campbell, Juan Brown e Jorge Brown. Combinado brasileiro – Willis; Tommy e Caton; Gerhardt, Thiele e Steward; Robert, Enfuihner, Charles Miller, Staoni e Colston. Os gols foram marcados por Eliseo Brown e Jorge Brown pelo combinado argentino e pelo brasileiro os tentos foram feitos por Charles Miller. Outros fatos curiosos podem ser ressaltados, os jogadores Brown (Ernesto, Eliseo, Carlos, Juan e Jorge) eram irmãos e no combinado brasileiro, excetuando-se Charles Miller, todos os demais jogadores eram estrangeiros. Finalmente, o esquema tático utilizado pelas equipes era o 2-3-5, ou seja, além do goleiro, dois defensores, três jogadores à frente da defesa e cinco jogadores que deveriam atuar entre o meio-campo e ataque.

<sup>79</sup> Os onze argentinos: Guillermo Campbell; Juan Brown e Jorge Brown; Carlos Dickinson, Ernesto Brown e Patrício Browne; Vernet Amadeo, Alfredo Brown, Eliseo Brown, Lucio Burgos e Maximiliano Susan. Pelos

partidas, escassamente documentadas, terminaram com placares mais elásticos em favor dos argentinos: 7X1 e 3X0.

Ao retornar para a Argentina, de navio, o combinado platino encontrou tempo para mais uma partida, agora em Santos, cidade em que a embarcação fez uma parada. Os argentinos enfrentaram uma equipe local, o Clube Atlético Internacional, nova vitória com placar dilatado, 6X1.

A partir daí a interlocução entre o futebol brasileiro e o argentino se tornou mais intenso. Em 1912, nova equipe do país vizinho excursionou no Brasil, tendo no plantel o grande craque da época, Harry Hayes<sup>80</sup> e outros grandes jogadores como Ohaco<sup>81</sup>, Viale, Wilson, além dos irmãos Brown.

**Figura 5: Harry Hayes<sup>82</sup>**




---

cariocas atuaram: Coggin; Victor Etchegaray e Otávio; Leal, Mutzembecker e Lulu Rocha; Flávio Ramos, Oswaldo Gomes, Edwin Cox, Emilio Etchegaray e R. Sampaio.

<sup>80</sup> Juan Enrique “Harry” Hayes (Arroyito, distrito de Rosário, 20 de janeiro de 1891 – Rosário, 25 de julho de 1976). Jogou no Rosário central, até retirar-se do futebol em 1926, pelo qual conquistou 16 títulos, além do selecionado nacional. Pela Seleção Argentina ele fez 21 jogos e marcou 8 gols. Cf. TARINGA! “Harry, el Maestro”. Disponível em: <http://www.taringa.net/post/deportes/10218259/Futbol-Harry-el-Maestro.html>. Acessado em: 18 de maio de 2016.

<sup>81</sup> Alberto Bernardino Ohaco. Para muitos foi o primeiro grande ídolo do futebol nascido na Argentina. Meio-armador habilidoso e que jogava com extrema elegância. Fez parte das grandes equipes que o Racing, *La Academia*, montou a partir de 1913 e que conquistou os títulos dos campeonatos locais entre 1913 e 1919. Ohaco se tornou o maior artilheiro da história do clube com 244 gols. Jogava usando uma boina branca. Atuou 12 vezes pela Seleção Argentina entre 1912 e 1918 e marcou 7 gols, sendo dois deles contra a Seleção Brasileira, ambos na mesma partida, ocorrida pela primeira rodada do Campeonato Sul-Americano de 1917, disputado no Uruguai.

<sup>82</sup> TARINGA!. “Harry, el Maestro”. Disponível em: <http://www.taringa.net/post/deportes/10218259/Futbol-Harry-el-Maestro.html>. Acessado em: 27 de abril de 2016.

O primeiro jogo do grupo argentino ocorreu em 2 de setembro de 1912 contra um combinado de jogadores de São Paulo formado pelas equipes do Mackenzie, Paulistano e SPAC.<sup>83</sup> Pelo Brasil pode-se destacar o nome de Friedenrich, jogador que marcou época no futebol brasileiro.<sup>84</sup> O primeiro tempo terminou com vantagem para os visitantes por 3X1, mas no segundo tempo o combinado paulista virou a partida que terminou com o escore de 4X3.

**Figura 6: Arthur Friedenrich**<sup>85</sup>



Posteriormente a equipe argentina realizou mais três partidas, vencendo todas. A primeira contra a equipe do Americano que terminou com o placar de 3X0. Depois enfrentou um combinado de jogadores estrangeiros residentes em São Paulo, os argentinos golearam por 6X3, placar que se repetiu no último embate contra o referido combinado estrangeiro, agora reforçado por alguns jogadores brasileiros, como Irineu, Rubens Salles,<sup>86</sup> Friedenrich, Formiga e Décio, ocorrido no dia 7 de setembro.

---

<sup>83</sup> As equipes foram a campo com as seguintes formações: Combinado Argentino – Carlos Wilson, Jorge Brown e Juan Brown; A. Chiappe, M. Susan e C. P. Russ; E. Fernandez, A. Ohaco, Ernesto Brown, Harry Hayes e S. Viale. Combinado Brasileiro: Brito, Astbury e Ciro; Boyes, Rubens Salles e Steward; Minguito, Ribeiro, Décio, Mariano e Friedenreich.

<sup>84</sup> Arthur Friedenreich (São Paulo, 18 de julho de 1892 – São Paulo, 6 de setembro de 1969). Filho de pai alemão e mãe negra, se tornou o primeiro jogador brasileiro a ser reconhecido nacionalmente. Sua maior glória envergando a camisa do selecionado brasileiro foi a Conquista do Sul Americano de 1919 disputado no Rio de Janeiro quando inclusive marcou o tento da vitória no jogo que definiu o campeonato. Sua atuação não só nessa partida, mas em todo o campeonato, lhe rendeu, por parte dos Uruguaios, o apelido de “El Tigre”. Seu sucesso também ganhou o cenário internacional, em 1925, durante uma excursão do Club Atlético Paulistano pela Europa, o jornal Frances *L'Équipe* o qualificou como “o rei dos reis do futebol”. Em relação ao número de gols marcados há grande controvérsia, seus principais biógrafos estimam entre 555 e 558 gols contabilizados, já a FIFA chegou a reconhecê-lo como o maior artilheiro da história, dependendo da fonte, com 1.239 ou 1.329 gols. Independente da contagem, se de seus biógrafos ou da FIFA, o certo é que a média de gols marcados por “El Tigre” supera a de Pelé. Friedenreich enfrentou a Seleção Argentina seis vezes, com 2 vitórias, 2 empates e 2 derrotas e um gol marcado.

<sup>85</sup> WIKIPÉDIA. “Arthur Friedenrich”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Arthur\\_Friedenreich](https://pt.wikipedia.org/wiki/Arthur_Friedenreich). Acessado em: 27 de abril de 2016.

<sup>86</sup> Rubens de Moraes Salles (São Manuel-SP, 14 de outubro de 1891 – São Paulo, 21 de julho de 1934). Foi considerado o melhor jogador paulista de sua geração. É preciso ressaltar que Friedenrich, quando Rubens Salles

Os argentinos, mais uma vez, se dirigiram para o Rio de Janeiro para novos enfrentamentos. Três partidas foram realizadas e venceram todas elas. Na primeira, os visitantes derrotaram um combinado de jogadores brasileiros por 4X0, depois golearam de forma ainda mais acachapante (9X1) um combinado de jogadores estrangeiros radicados na cidade e no último encontro, contra um combinado carioca, vitória por 5X0.

Em 1913, a equipe paulista do Sport Club Americano, recebeu o convite para realizar vários amistosos na região do Prata. A equipe foi reforçada por Friedenrich e Formiga. O primeiro jogo ocorreu no dia 10 de agosto, em Buenos Aires. A equipe brasileira sagrou-se vitoriosa pelo placar de 2X0. Dias depois foi até Montevidéu e foi derrotada por um combinado local pelo placar de 2X1. Retornou a Buenos Aires e foi derrotada pelos argentinos por 2X0 e, no último confronto, novamente em Montevidéu, outro insucesso, agora por 4X2. Se os resultados não foram muito promissores, a excursão ganhou relevância histórica, pois a partir dela surgiu a tradicional Copa Roca, e conseqüentemente os primeiros enfrentamentos entre as seleções do Brasil e da Argentina.

Discussão presente em ambos os países, no período aqui retratado, é sobre o amadorismo. Com o aumento da competitividade entre os clubes, buscou-se, de forma mais intensa, a obtenção dos melhores jogadores e isso gerou a oportunidade de ganhos financeiros, tanto para os clubes, quanto para os jogadores. Tal realidade ensejou uma prática que ficou conhecida como “amadorismo marrom”.<sup>87</sup>

Ele não entrou em choque com o ideal de *sportsman* valorizado pela elite, afinal a chegada de jogadores mais qualificados tornava os seus respectivos clubes mais vitoriosos, conseqüentemente mais conhecidos e também lucrativos. Para as classes menos abastadas, abriu-se uma oportunidade de ascensão social e de inserção no mercado de trabalho.

---

ainda jogava, iniciava sua carreira. Filiou-se ao Paulistano em 1902. Ficou famoso pelos passes largos e certos. Foi cinco vezes campeão paulista (1908, 1913, 1917, 1918 e 1919), sempre pelo Paulistano. É interessante ressaltar que recusou a proposta de jogar no Corinthians, da Inglaterra. Pela Seleção Brasileira enfrentou os argentinos apenas uma vez e foi dele o primeiro gol oficial do selecionado nacional, justamente contra a Argentina, na Copa Roca de 1914.

<sup>87</sup> “Amadorismo Marrom” ficou conhecido como uma prática comum nas décadas anteriores à profissionalização do futebol e consistia no pagamento velado de uma quantia em dinheiro para alguns atletas, normalmente oriundos das camadas populares, para que jogassem como amadores. A prática era escondida pois ela comprometia a essência do amadorismo, qual seja, a de não se obter ganho através da prática esportiva.

Consta que, enquanto prevaleceu essa forma velada de realizar os pagamentos, muitos jogadores, na véspera dos jogos, se sentiam mal, ficavam doentes, se machucavam, porém ao receberem algum tipo de gratificação, por parte do clube, entravam em campo na sua melhor forma física. Os jogadores também recorriam aos clubes quando precisavam de algo. Se o pedido não fosse aceito, logo arrumavam outro clube, que os atendia e os atletas passavam, assim, a defender nova camisa. Esse foi o caso, por exemplo, do jogador Penaforte que em 1927, trocou o Flamengo pelo América por um jogo de mobília de quarto.

Penaforte ia casar, não tinha mobília de quarto. O que o Flamengo não deu, o América deu logo, sem regatear, um jogador como Penaforte valia mais do que uma mobília de quarto. O América mobiliou a casa de Penaforte, Penaforte trocou Paissandu por Campos Sales.<sup>88</sup>

Em Buenos Aires o tema também era debatido, como ressalta Iwanczuk ao tratar do clube mais popular do país no período, o *Alumni*: “o primeiro mérito a destacar no *Alumni* é sua identificação total com o futebol amador; jogava para defender as cores do colégio e pelo amor à atividade física”.<sup>89</sup>

O debate sobre a profissionalização ou não do futebol foi intenso nos dois países, como nos lembra Ricardo Pinto dos Santos:

Muito mais do que vitórias e derrotas, o que está em jogo diante do “amadorismo marrom” são: o conjunto de valores que as elites apontavam como modelo para a sustentação do esporte, a ampliação das brechas que possibilitavam aos excluídos se inserirem no novo espaço e, para ambos os lados, o rendimento financeiro que o novo projeto poderia gerar.<sup>90</sup>

A busca pelos jogadores mais habilidosos alterou o *ethos* então vigente e abriu espaço para a valorização de atletas provenientes das classes menos favorecidas. Nas atividades que priorizavam os aspectos intelectuais e os a eles relacionados, as camadas populares, marcadas em sua maioria pelo analfabetismo, ainda alto mesmo no contexto argentino, continuaram marginalizadas. A necessidade de vitórias e, principalmente, de ampliar o volume financeiro dos clubes, fez com que o *ethos*, ou seja, os valores que

---

<sup>88</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 156.

<sup>89</sup> IWANCZUK, Jorge. *Historia del futbol amateur en la Argentina*. Buenos Aires: CIHF, 1992, p. 55.

<sup>90</sup> SANTOS, Ricardo Pinto dos. op. cit., p. 35.

depunham contra as camadas populares, deixassem de ser importantes, ao menos ou, sobretudo, no cenário futebolístico.

Características como a pele negra (Rio de Janeiro) e a condição de *criollos* (Buenos Aires) continuavam a marcar as pessoas de forma pejorativa. No entanto, as brechas foram significativamente ampliadas.<sup>91</sup>

Como discutido, no início do capítulo, as camadas menos favorecidas podiam frequentar as várias práticas esportivas, e o faziam, mas apenas como espectadores. Essas modalidades esportivas além de não proporcionarem a possibilidade de ascensão social, o seu exercício, por vários motivos, desde os custos até a complexidade das regras/regulamentos, estavam restritas às elites. Esse quadro se alterou com o futebol, afinal ele foi o esporte que abriu novo espaço para os grupos marginalizados, ao terem a oportunidade da prática do jogo e conseqüentemente a real possibilidade de assumirem o papel de protagonismo.

Também é interessante perceber que o distanciamento do futebol, em sua versão organizada pelas Ligas, das classes mais populares, aspecto defendido pela elite tanto no Brasil quanto na Argentina, impediam a criação de um imaginário de coletividade nacional que abrangesse a maior parte da população. A diferença entre os dois países é que na Argentina havia grande influência dos ingleses enquanto que no Brasil, apesar da quase totalidade dos principais clubes não ser formada por ingleses, a maior parte da população também se encontrava excluída do modelo ideal de equipe. Para Ricardo Pinto dos Santos: “Desse modo, era improvável que nas primeiras décadas do novo século o futebol se tornasse um esporte nacional em sua plenitude”<sup>92</sup>, apesar de já ser amplamente praticado nos dois países.

Na década de 1910, com a presença dos populares, ocorreu uma verdadeira reconfiguração no futebol em ambas as nações. É nesse momento que o futebol construiu a ideia de pertencimento nacional, se consolidando no Brasil, no Governo Vargas (1930-1945) e na Argentina, no Governo Perón (1943-1955).

---

<sup>91</sup> Idem, *ibidem*, p. 36.

<sup>92</sup> SANTOS, Ricardo Pinto dos. *op. cit.*, p. 54.

O processo de popularização, identificação e pertencimento nacional fez emergir um aspecto fundamental, que perdura até os dias atuais: o modo de se praticar o futebol, o estilo de jogo. Em oposição ao estilo inglês, marcado pela disciplina, pela coletividade, pela lentidão e pela força, surgiram, na Argentina, o estilo *criollo* e, no Brasil, o denominado “futebol-arte”. Os dois novos estilos destacados, apesar de também apresentarem diferenças, como serão posteriormente discutidos, mostram pontos em comum: o individualismo, a espontaneidade, a agilidade e a virtuosidade dos movimentos.

Aspecto interessante de distinção entre brasileiros e argentinos é que os últimos viram a transformação do seu jogo ser construída pelos filhos dos imigrantes, já para os primeiros, foi a própria elite nativa que promoveu tal transformação. Em ambos os casos, as camadas populares não eram lembradas nas matérias dos jornais e revistas que descreviam tais eventos. “O discurso da imprensa estava sempre interessado em mostrar as práticas esportivas como sinais de uma elite mais moderna e mais desenvolvida”.<sup>93</sup> Ou seja, na tentativa de construir uma imagem moderna, não havia espaço para as minorias sociais.

Dessa forma, como nos lembra Ricardo Pinto dos Santos:

O futebol a que assistimos atualmente, tanto em Buenos Aires quanto no Rio de Janeiro, não é resultado de uma prática importada e, *ipsis litteris*, copiada dos ingleses. Ele é decorrência, como vimos, de esforços de todos os grupos sociais na busca de uma efetiva relação de sentimentos e interesses que resultaram na construção, em ambos os países, do maior símbolo de identidade nacional.<sup>94</sup>

No Rio de Janeiro, por exemplo, foi somente na década de 1920 que surgiu um grande clube formado por jogadores provenientes das minorias sociais e que não só venceu o principal campeonato local como também promoveu amplas discussões sobre o “profissionalismo marrom” e a profissionalização. Esse clube foi o Vasco da Gama.<sup>95</sup>

---

<sup>93</sup> Idem, *ibidem*, p. 55.

<sup>94</sup> Idem, *ibidem*, p. 56.

<sup>95</sup> É importante ressaltar que o Vasco da Gama não foi o primeiro clube no futebol carioca que promoveu negros e trabalhadores aos campos de futebol da elite local. O Bangu e o Andaraí eram exemplos anteriores de tal inserção e eles chegaram inclusive a participar da primeira divisão do campeonato carioca com equipes formadas por jogadores provenientes das classes trabalhadoras, formada por brancos e negros. Apesar de serem vistos com simpatia pelos seus adversários, não eram tidos como modelos a serem seguidos no cenário esportivo, seja pela sua formação étnica e social, seja pelo sucesso alcançado nos gramados. O modelo a ser seguido ainda era relacionado aos clubes da elite carioca, em especial, o Fluminense.

## CAPÍTULO 3 – SAINDO DOS VESTIÁRIOS: O DOMÍNIO ARGENTINO

### 3.1. A IDEIA DO ESPORTE COMO MEIO DE APROXIMAÇÃO DOS POVOS

A rivalidade não é um dado natural, ela é construída ao longo do tempo pelos interesses e pelas disputas que surgem e se acumulam. O futebol, inicialmente, era jogado por *sportsmen*, ou seja, por membros das elites locais que se portavam como agentes da modernidade e propagadores da civilização. Além de conhecerem profundamente as regras dos esportes que praticavam, no caso específico o futebol, eles acreditavam que os encontros, os jogos, ajudariam a aproximar e irmanar não só os seus praticantes, mas também as diversas entidades e até os países por eles representados.

Alguém disse, referindo-se ao desenvolvimento dos esportes a partir do ponto de vista internacional, que estes desempenham um apreciável trabalho de aproximação dos povos. Graças aos encontros frequentes concertados nos estádios, são postos em contato jovens que aprendem a conhecer-se e a estimar-se. Gradualmente, realiza-se dessa forma, um trabalho de concórdia frutífera e louvável, pois a rivalidade mantida estritamente dentro do conceito do esporte, não vai além dos limites marcados por um sentimento de nobreza que é a base do desporto. Por isso tem excepcional importância o jogo de futebol que será disputado nesta tarde no campo de esportes do Club de Gimnasia y Esgrima, em Palermo, brasileiros e argentinos dirimirão a supremacia de um ou outro no mais difundido dos jogos atléticos modernos: o futebol.<sup>1</sup>

Para os *sportsmen*, as competições internacionais não pareciam a arena adequada para as disputas e confrontos entre os diferentes países, elas deveriam ser utilizadas como um caminho capaz de estreitar relações, assim como gerar um mesmo patamar de civilidade. Tais valores eram compartilhados pelos diretores esportivos dos mais diversos selecionados. O discurso oferecido aos brasileiros, em julho de 1916, pelo presidente da Associação Uruguaia de Foot-Ball, Juan Blengio Rocca, durante a disputa do Campeonato Sul-Americano sediado em Buenos Aires, sintetiza tais conceitos.

Quatro países da América do Sul reúnem hoje os seus altivos e bizarros campeões de *foot-ball* para celebrar o glorioso aniversário argentino. É o sentimento de solidariedade americana que se move e se agita no fundo

---

<sup>1</sup> LA NACION, 27 de setembro de 1914, p. 11.

destes factos, aparentemente pueris mas na realidade grandes e fecundos pelas suas conseqüências grandiosas.

E é o *foot-ball*, senhores, chamado a assignalar, neste momento histórico, o caminho a seguir pelas democracias do continente para chegar ao campo das grandes realizações do ideal americano; é o *foot-ball* o encarregado hoje de reunir homens de diversas nacionalidades, estabelecer o contacto entre elles, indentifical-os nos altos e abnegados propositos communs, fundindo em um mesmo crisol, sob o calor das emoções populares, os sentimentos de confraternidade e de justiça que darão força e alento à cruzada de união, de paz e de grandeza continental a que aspiram todos os povos da América Latina.<sup>2</sup>

O futebol teria, dessa forma, um importante papel a desempenhar, a ele caberia auxiliar na tarefa de unificar e aproximar os diferentes países do continente. Como nos lembra Leonardo Pereira: “Para os verdadeiros *sportmen* era preferível que seus selecionados percam partidas internacionais, dando em troca uma nota de cultura, a que triunfem sacrificando essa”.<sup>3</sup>

Esses ideais prevaleceram na recepção à equipe argentina que visitou o Brasil em 1908. O futebol proporcionava a possibilidade de estreitar o relacionamento com outros povos e também de melhorar sua prática no próprio país. Dessa forma, para vários brasileiros adeptos do futebol e, claro, os *sportsmen*, os confrontos com a equipe da nação vizinha era uma excelente oportunidade de aprender com os rivais. Os jogos serviriam inclusive de inspiração para os jogadores brasileiros.

Do ponto de vista daqueles efetivamente interessados no desenvolvimento do futebol em terras cariocas, no entanto, eram muito claros os motivos que explicavam a acolhida fraterna dispensada aos visitantes. Para os *sportmen* que capitaneavam as homenagens a eles, era a destreza do adversário nos campos que mais parecia justificar a acolhida.

(...)

Com um entusiasmo que mal escondia o desejo de que os brasileiros aprendessem com os rivais, via neles um jogo “tão completo, “tão científico”, que serviria de inspiração para os brasileiros.

(...)

Longe de representar uma vergonha para o Brasil, para os entusiastas do esporte no país as derrotas no campo serviriam “de lição” aos jogadores nacionais, que teriam como objetivo igualar-se à técnica superior da equipe vencedora.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> GAZETA DE NOTÍCIAS, 18 de julho de 1916, p. 5.

<sup>3</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000, p. 148.

<sup>4</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “Identidades em jogo: brasileiros e argentinos nos campos de futebol (1908-1922)”. In: CAMPOS, Flavio de & ALFONSI, Daniela (orgs.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 80.

Em 1914, a recém-formada Seleção Brasileira visitou à Argentina. A partir do ideal de aproximação dos povos, foi preparada, por parte dos anfitriões, uma longa programação para recepcionar o selecionado brasileiro desde sua chegada a Buenos Aires no dia 20 de março. Como será discutido posteriormente, em virtude da disputa da Copa Roca ter sido adiada para o domingo seguinte, dia 27, a Seleção Brasileira ainda aceitou o convite para realizar um amistoso contra uma equipe local denominada Columbia.

O periódico *La Nacion* divulgou as programações diárias da seleção visitante, preparada pela federação local, que se estendia por toda a semana que a equipe permaneceu na capital argentina. Os brasileiros conheceram os mais importantes atrativos da cidade, além de realizar intensa programação cultural no período noturno. O detalhamento ressaltava inclusive que no sábado, dia 26, no período vespertino, os integrantes do Brasil tomariam chá na casa Harrods.

(...)

Terça 22. Manhã: Visita ao jardim botânico, zoológico, Exposição Rural e passeio por Palermo e Belgrano. Tarde: Visita ao congresso, tribunais, teatro Colón e escola Roca. Noite, teatro Comédia ou Vitória.

(...)

Sábado 26. Manhã: Visita a uma estância. Tarde: Visita ao Jockey Club, Gath e Chaves, Centro Naval e chá na casa Harrods.<sup>5</sup>

À medida que as partidas aconteciam, o futebol angariava novos apreciadores e praticantes e entrava em curso o processo de criação e fortalecimento das rivalidades. Os jogos pareciam assumir, especialmente para a torcida mais humilde, que ocupava as áreas menos nobres dos estádios ou suas imediações, uma questão de honra nacional e não mais de boa técnica do esporte ou de aproximação entre os povos como idealizado pelos dirigentes e outras autoridades. Quando da disputa do Sul-Americano de 1919 no Brasil: “(...) os

---

<sup>5</sup> LA NACION, 20 de setembro de 1914, p. 10 e 11. Segue, no original, a programação completa: “Domingo 20: Mañana: Recepción en el puerto, alojamiento en el Savoy Hotel, almuerzo. Tarde: partido internacional. Noche, teatro Casino. Lunes, 21. Mañana: Paseo por la ciudad (tranvía). Tarde: Visita al subterráneo, “La Prensa”, “La Nacion y paseo por la ciudad (Avenida y Florida). Noche: teatro Comedia, Palais de Glace, Coliseo. Martes 22. Mañana: Visita al jardín botánico, zoológico, Exposición Rural y paseo por Palermo y Belgrano. Tarde: Visita al congreso, tribunales, teatro Colón y escuela Roca. Noche, teatro Comedia o Victoria. Miércoles 23. Mañana: Viaje a La Plata y almuerzo en el tren. Tarde: Paseo por la ciudad, visita al museo u edificios públicos. Noche: Recepción en el Club de Gimnasia y Esgrima y fiesta atlética. Jueves 24. Mañana: descanso. Tarde: Partido de football. Noche: teatro Nuevo Comedia, Jockey Club o Aldao. Viernes 25. Mañana: Paseo por el puerto, visita a los elevadores, mercado de frutos y un frigorífico. Tarde: Visita a algunos monumentos, tumba de San Martín y plaza San Martín, salón de Bellas Artes, te en el Plaza Hotel, partido de pelota en el Club de Gimnasia. Noche: teatro Corrientes, Royal. Sábado 26. Mañana: Visita a una estancia. Tarde: Visita al Jockey Club, Fath y Chaves, Centro Naval y te en la casa Harrods”.

torcedores cariocas em sua maior parte mostravam manifesta animosidade aos visitantes, que nada tinha em comum com o tom amistoso e diplomático que se pretendia dar à competição”.<sup>6</sup>

Passou a ficar claro que o triunfo sobre o adversário, tornou-se mais importante do que a celebração de qualquer relação fraterna, de aproximação baseada nos ideais de civilidade e “em caminho diverso, fariam progressivamente do jogo, a partir de então, um meio de expressão de suas próprias identidades nacionais. (...) os respectivos selecionados passariam a ser tomados como expressão da singularidade e força da raça à qual pertenciam”.<sup>7</sup>

### 3.2. FORMAÇÃO DA SELEÇÃO BRASILEIRA

A história da Seleção Brasileira iniciou-se posteriormente à da Argentina. Ela foi formada para disputar uma partida contra uma equipe inglesa profissional da 3ª divisão chamada Exeter City. Depois de excursionar pela Argentina, a equipe britânica chegou ao Brasil, o que empolgou os esportistas locais, afinal o país estava sendo visitado pelos inventores do futebol.

Inicialmente a equipe inglesa realizou duas partidas, a primeira contra um combinado de ingleses que viviam (e jogavam) no Rio de Janeiro e posteriormente contra a seleção carioca. Venceu os dois confrontos por 3X0 e 5X3, respectivamente. Ainda estava programada a disputa de um terceiro encontro. Percebendo que os visitantes eram demasiadamente fortes para os padrões brasileiros, os dirigentes responsáveis pela visita da equipe inglesa resolveram armar um quadro que pudesse efetivamente enfrentá-los. Assim nasceu o selecionado brasileiro, na verdade, um combinado de jogadores do Rio e São Paulo.

A terceira partida ocorreu no dia 21 de julho de 1914, na Rua das Laranjeiras, campo do Fluminense, para um público estimado de 5 mil espectadores. O Brasil venceu o jogo por 2X0, gols de Osvaldo Gomes e Osman. Ao que parece o resultado, assim como a arbitragem, teriam desagradado bastante aos visitantes e alguns deles chegaram a tomar a

---

<sup>6</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000, p. 149.

<sup>7</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “Identidades em jogo: brasileiros e argentinos nos campos de futebol (1908-1922)”. In: CAMPOS, Flavio de & ALFONSI, Daniela (orgs.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 94.

decisão de largar o jogo no meio, tendo sido dissuadidos pela ação do capitão do Exeter, Jimmy Rigby.

Apesar de jogarem profissionalmente, os ingleses acabaram sendo surpreendidos com a técnica e a habilidade dos brasileiros e, inferiorizados no placar e sem poder de reação, os visitantes acabaram apelando para jogadas violentas. Friedenreich, por exemplo, perdeu dois dentes durante a partida. Segundo Lagreca, jogador que participou do confronto, em entrevista a Tomás Mazzoni:

(...) apesar de quase matarem Rubens, com *charges* violentas, e de derrubarem brutalmente o nosso grande Friedenreich, que até perdera uns dentes (saiu de campo ensanguentado e voltou após receber curativos), nada conseguiram na contagem.<sup>8</sup>

### 3.3. COPA ROCA DE 1914

Após a vitória contra a equipe inglesa, o Brasil faria o seu primeiro confronto contra um selecionado nacional, por sinal, um adversário mais experiente e traquejado neste tipo de disputa, a Argentina. Os selecionados jogariam a Copa Roca, troféu doado em 1913 pelo ex-presidente argentino Julio Argentino Roca, “pessoa muito querida dos brasileiros”, segundo Ivan Soter.<sup>9</sup>

As expectativas eram de que a Copa Roca servisse não só para fins esportivos, como também para a aproximação dos dois países, que nem sempre tiveram relação das mais cordiais. Segundo o Jornal La Nacion: “(...) é de esperar que a festa alcançará um êxito completo, não só do ponto de vista puramente esportivo, como também pelo que se refere ao seu caráter de acontecimento de ordem internacional”.<sup>10</sup>

Apesar do otimismo em relação ao quadro local, mais experiente, que foi formado por jogadores cuidadosamente selecionados e também sem levar em conta que a partida marcaria o início da trajetória da Seleção Brasileira contra selecionados estrangeiros, ainda

---

<sup>8</sup> MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil (1894/1950)*. São Paulo: Edições Leia, 1950, p. 100.

<sup>9</sup> SOTER, Ivan. *Enciclopédia da Seleção: as Seleções Brasileiras de Futebol – 1914-2002*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002, p. 31-32.

<sup>10</sup> LA NACION, 29 de setembro de 1914, p. 11.

assim, o jornal *La Nacion* não esperava por um enfrentamento fácil, mas por uma partida marcada pelo equilíbrio e destacava que o Brasil viria com o que ele tinha de melhor.

A Seleção Brasileira viajou no navio “Alcântara” para Buenos Aires e deveria ter desembarcado na véspera do jogo, ou seja, no dia 19 de setembro. O mau tempo obrigou o navio a fazer uma escala no porto de Montevideú, atrasando a chegada da equipe ao seu destino.

Além da partida entre os dois selecionados, outro evento de importância histórica para o futebol sul-americano aconteceu em Buenos Aires naquela mesma semana: o Primeiro Congresso Sul-Americano de Futebol, ele tinha como principal objetivo organizar e administrar a modalidade na região. A reunião inaugural ocorreu no dia 21 de setembro que instituiu a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol), assim como a organização de um campeonato para as seleções filiadas.<sup>11</sup> A delegação brasileira ofereceu para a disputa do novo torneio a Taça Barão do Rio Branco. No dia seguinte, 22 de setembro, a cidade do Rio de Janeiro foi escolhida para sediar, no ano seguinte, o segundo congresso da nova instituição.

Inicialmente, a disputa da Copa Roca ocorreria no dia 20 de setembro de 1914, porém os argentinos, levando em conta o cansaço da Seleção Brasileira, que desembarcou em Buenos Aires no dia do jogo, às 9 horas da manhã, após uma viagem marcada por um violento temporal, como ressaltado, mostrando muita cordialidade, insistiram que o Brasil disputasse o troféu no domingo seguinte, 27 de setembro de 1914. A princípio, a proposta foi rechaçada pelos brasileiros.

Até ontem era propósito da Federação Argentina conseguir que a equipe de jogadores brasileiros permanecesse entre nós até o próximo domingo, em que se disputaria a copa doada pelo general Roca.

Obedeceu este pensamento ao desejo de oferecer a equipe uns dias de descanso, para que chegasse em campo em igualdade de condições com o time local (...).

Um telegrama recebido de noite na Federação Argentina fez malograr estes desejos, dada a pressa dos jogadores de voltar ao seu país.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Participaram da reunião representantes dos seguintes países: Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai.

<sup>12</sup> LA NACION, 20 de setembro de 1914, p. 10.

Apesar da negativa inicial, ficou posteriormente acordado que haveria o segundo jogo, no qual seria disputado a citada Copa. Ao que parece, a intervenção do próprio general Roca foi fundamental para a mudança de opinião dos brasileiros.

Depois dos cumprimentos e manifestações afetuosas, os jogadores foram para o Savoy Hotel, dirigindo-se depois para a embaixada brasileira para passar mais tarde no domicílio do general Julio A. Roca, onde foi acordado que a copa seria disputada no domingo próximo, o que permitirá ao doador presenciar ao jogo.<sup>13</sup>

Na verdade, o ex-presidente, que se encontrava doente, não compareceu às partidas ocorridas nos dias 20 e 27 de setembro, em Buenos Aires. Inclusive, em virtude do agravamento do seu estado de saúde, Roca faleceu praticamente um mês mais tarde, em outubro de 1914.<sup>14</sup>

A primeira partida ganhou o caráter amistoso e foi disputada à tarde do domingo, 20 de setembro de 1914.<sup>15</sup> O público presente foi o maior até então em uma partida de futebol

---

<sup>13</sup> Idem, 21 de setembro de 1914, p. 10.

<sup>14</sup> Julio Argentino Roca (San Miguel de Tucumán, 17 de julho de 1843 – Buenos Aires, 19 de outubro de 1914). Foi um importante político e militar argentino, tendo alcançado a presidência da nação por dois mandatos. Ingressou na carreira militar em 1858 e participou da guerra entre a província de Buenos Aires e a Confederação ocorrida entre 1859 e 1861, assim como da Guerra do Paraguai entre 1865-1870. Nesta última morreram seu pai e dois de seus irmãos. Participou ativamente por mais de três décadas da política argentina sempre pelo Partido Autonomista Nacional. Já objetivando a sucessão presidencial de Avellaneda, Roca assumiu, em 1877, o cargo de ministro da Guerra e no ano seguinte apresentou ao Congresso Nacional um projeto de guerra ofensiva contra os indígenas que habitavam a Patagônia e assim ocupar a região. Ele comandou um exército moderno e bem preparado que submeteu a região, vencendo a resistência dos povos autóctones da etnia Mapuche. Por causa desse feito ele ficou conhecido como o Conquistador do Deserto. Foi eleito, com apenas 37 anos, presidente da República em 1880 e permaneceu no cargo até 1886. Seu governo ficou marcado pela grande prosperidade que a nação alcançou graças ao desenvolvimento das exportações agrícolas, a construção de ferrovias assim como pela intensa imigração europeia para a região. Separou efetivamente a Igreja do Estado, sancionando as leis de Registro e Matrimônio Civil. Foi extremamente importante para a educação argentina pois mediante a Lei 1.420, iniciativa de Sarmiento, estabeleceu o ensino primário e laico para todos os habitantes do país. Ainda neste mandato, converteu, em 1881, a cidade de Buenos Aires em território federal. Ocupou novamente a presidência do país no período entre 1898-1904, época marcada pela tensão territorial, consequentemente militar, entre Argentina e Chile. Roca, mediante a assinatura do Tratado Argentina-Chile de 1902, conseguiu solucionar de forma bastante satisfatória os problemas fronteiriços dos dois países. Nesse período buscou também estabelecer relações cordiais com o Brasil. Esteve no Rio de Janeiro em 1899 e Campos Salles, presidente brasileiro, retribuiu a visita no ano seguinte. Ao terminar o seu segundo mandato, Roca permaneceu afastado da política nacional até a sua morte, em 1914. Cf. SÁENZ QUESADA, Maria. *La Argentina: historia del país y de su gente*. Buenos Aires: Sudamericana, 2012. PIGNA, Felipe. “Julio Argentino Roca”. Disponível em: <http://www.elhistoriador.com.ar/biografias/r/roca.php>. Acessado em: 30 de agosto de 2016.

<sup>15</sup> Escalação da Seleção Argentina: Muttoni (Independiente), Reparaz (G. y Esgrima), González (Porteño), Aldea (Hispano-Argentino), Molfino (G. y Esgrima), Syanez (G. y Esgrima), Lamas (Estudiantes), Leonardi (Estudiantes), Piaggio (Porteño), Izaguirre (Porteño) e Crespo (Tigre). Escalação da Seleção Brasileira: M. Mendonça (Fluminense), C. Pindaro (Flamengo), M. Nery (Flamengo), M. Pernambuco (Fluminense), A. Lagreca (São Bento), O. Egídio (A. A. Palmeiras), Millon (Paulistano), Osvaldo Gomes (Fluminense), Bartô (Fluminense), Friedenreich (Ypiranga-SP) e Arnaldo (Paulistano). O árbitro foi o uruguaio L. Peyrou. É ainda

disputada em Buenos Aires: 18 mil espectadores. O Brasil foi a campo com camisas brancas e braçadeiras verde-amarela, calções brancos e meias pretas. Já a Argentina apresentou-se com o seu já tradicional e famoso uniforme com listras verticais brancas e azuis.

É interessante ressaltar que naquela época não existia a figura do técnico como atualmente é conhecida. No Brasil, o papel de comissão técnica coube a dois jogadores: Sylvio Lagreca e Rubens Salles. Na Argentina a função era exercida pelo próprio capitão da equipe, Molfino.

Demonstrando um melhor entrosamento e, segundo o La Nacion, maior preparo físico, a equipe local partiu para o ataque desde os minutos iniciais da partida. Apesar disso, o primeiro gol da Argentina só aconteceu aos 41 minutos do primeiro tempo, feito por Izaguirre com um chute cruzado, pelo alto.

**Figura 1: Carlos Fernando Izaguirre: o jogador que marcou o primeiro gol da Argentina contra o selecionado brasileiro<sup>16</sup>**



O Brasil voltou para o segundo tempo buscando equilibrar a partida, porém a equipe local, demonstrando menos cansaço, mostrava-se amplamente superior. O segundo gol da albiceleste não tardou a acontecer, aos 8 minutos, após confusão na área, Molfino venceu o goleiro brasileiro com chute rasteiro no canto direito. Sem demonstrar poder de reação, os visitantes levaram o terceiro e último gol aos 20 minutos, novamente marcado por Izaguirre

---

interessante ressaltar que o nome do principal jogador brasileiro, Friedenreich foi grafado pelo La Nacion como Frederichk. Cf. LA NACION, 21 de setembro de 1914, p. 10 e SOTER, Ivan. op. cit., p. 318.

<sup>16</sup> O GOL. “Carlos Izaguirre”. Disponível em: [http://www.ogol.com.br/jogador.php?id=264472&epoca\\_id=44](http://www.ogol.com.br/jogador.php?id=264472&epoca_id=44). Acessado em: 30 de setembro de 2016.

em um novo chute cruzado, porém rasteiro. A derrota poderia ter sido ainda pior se o juiz não tivesse assinalado, corretamente, impedimento no gol feito por Piaggio.

A imprensa argentina atribuiu o resultado da partida, em grande medida, ao desgaste físico dos jogadores brasileiros, após a atribulada viagem e também ao mal estado do gramado, em virtude das chuvas que caíram na cidade nos dias anteriores. Alertava ainda que o jogo pela Copa Roca, no domingo seguinte, não seria tão fácil.

Os jogadores brasileiros fizeram da partida de ontem somente uma apresentação para o público, já que a hora em que desembarcaram os impediu um maior descanso, acarretando, portanto, em evidentes condições de inferioridade.

Por isso sobressaíram certos defeitos no conjunto que desaparecerão sem dúvida no domingo próximo.<sup>17</sup>

Em relação ao adiamento da partida e o resultado do amistoso, o Correio Paulistano publicou:

A viagem foi péssima devido a um violento temporal. A taça Julio Roca não foi disputada, ficando adiado o *match* para 27 do corrente devido à chuva, ao mau estado em que se encontra o *ground* e à fadiga excessiva dos jogadores brasileiros. Foi realizado entretanto um *match* amistoso, sahindo os argentinos vitoriosos por 3 goals a zero.<sup>18</sup>

Mesmo derrotada, a Seleção Brasileira deixou uma boa impressão na imprensa local. O La Nacion qualificou a equipe brasileira como muito boa e que apresentou um estilo parecido ao dos uruguaios: “A equipe é muito boa. Tem um estilo, de certa forma, parecido com o dos uruguaios”.<sup>19</sup>

Na continuidade do artigo, foi realizada uma análise dos distintos setores que formavam o quadro brasileiro. O goleiro, Marcos de Mendonça<sup>20</sup>, em virtude das suas grandes

---

<sup>17</sup> LA NACION, 21 de setembro de 1914, p. 10

<sup>18</sup> CORREIO PAULISTANO, 22 de setembro de 1914, p. 4.

<sup>19</sup> LA NACION, 21 de setembro de 1914, p. 10.

<sup>20</sup> Marcos Carneiro de Mendonça (Cataguases-MG, 25 de dezembro de 1984 – Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1988). Foi o primeiro goleiro do selecionado nacional e até hoje o mais jovem a vestir a camisa 1 do Brasil, tinha apenas 19 anos quando enfrentou o Exeter City. O atleta começou a carreira no extinto Haddock Lobo (1907-1908), mas logo em seguida se transferiu para o América (1909-1913). Pelo time rubro foi campeão carioca de 1913, porém no ano seguinte, em virtude de desentendimentos com a diretoria americana, ele foi defender as cores do Fluminense, equipe pela qual jogou até encerrar a carreira e que conquistou o tri-campeonato estadual em 1917, 1918 e 1919. Ainda foi presidente do clube e no cargo ganhou o bicampeonato estadual em 1940 e

defesas, foi carregado pelo público que invadiu o campo para cumprimentar os jogadores dos dois selecionados. Por sua vez, a defesa e o ataque manobram bem e, apesar da primeira ter se mostrado um pouco aberta, buscou incansavelmente desbaratar as ações do ataque adversário. Finalmente, o ataque mostrou ímpeto, habilidade, velocidade e chutes potentes ao chegar às imediações do gol.<sup>21</sup>

Na quinta-feira, dia 24 de setembro, às 14h30, seguindo inclusive a programação previamente preparada pela *Federación Argentina de Football*, o selecionado brasileiro realizou um amistoso contra a equipe do Columbia Football Club. Apenas uma alteração foi realizada em relação à partida do domingo anterior, a entrada do jogador Rubens Salles no lugar de Octávio Egídio.<sup>22</sup>

O Brasil venceu o amistoso pelo placar de 3X1. O primeiro gol marcado pela Seleção Brasileira em solo platino coube a Frienderich, aos 16 minutos do tempo inicial. Após a cobrança de escanteio a zaga argentina afastou mal a bola que caiu nos pés do craque brasileiro que acertou um chute cruzado no canto direito defendido por Sagastume. Os outros dois gols foram feitos por Barthô, aos 19 minutos do primeiro tempo e o segundo, em posição de impedimento, aos 18 minutos da fase final. Iraola, minutos antes, havia marcado o tento da equipe do Columbia.<sup>23</sup>

O jornal *La Nacion* teceu vários elogios ao quadro brasileiro, afirmando ter jogado com acerto, energia e uma habilidade pouco comum, capaz inclusive de vencer a adversidade do próprio campo que se encontrava ainda pesado que, segundo o jornal, não é

---

1941. Era um goleiro considerado muito seguro, ágil, dono de reflexos apurados e grande senso de colocação. Treinava com bolas de tênis ou laranjas no quintal de sua casa: seus irmãos atiravam a laranja ou a bola de tênis com toda a força e Marcos amortecia a fruta no peito, com o corpo de lado, na posição que ficou conhecida como “pegada a Marcos de Mendonça”. Durante muito tempo foi lembrado pela fitinha roxa com que amarrava o calção e que, presente de sua musa e esposa, Ana Amélia, servia-lhe de amuleto. Disputou dez partidas pela Seleção Brasileira, tendo sofrido nove gols. Enfrentou a Argentina em três oportunidades com 2 vitórias e 1 derrota. Nestas partidas sofreu 4 gols. Esteve presente nas três primeiras conquistas da Seleção Brasileira: Copa Roca de 1914 e os Campeonatos Sul-Americanos de 1919 e 1922. Ao deixar o futebol tornou-se um reconhecido historiador e pesquisador, membro do IHGB (Instituto Histórico Geográfico Brasileiro) e criador do CEPH (Centro de Estudos de Pesquisas Históricas). O ex-goleiro especializou-se sobre o século XVIII, seus estudos se centravam especialmente no período do Marquês de Pombal e de seu irmão Francisco Xavier de Mendonça Furtado e as ligações destes com o Brasil.

<sup>21</sup> LA NACION, 21 de setembro de 1914, p. 10.

<sup>22</sup> Escalação do Columbia: Sagastume, Bernaconi, Reparaz, Letamendi, Molfino, Abadia, Olaraga, Iraola, Antequeda, Izaguirre e Rivas. Escalação da Seleção Brasileira: Marcos de Mendonça, Píndaro, Nery, Lagreca, Ruben Salles, Pernambuco, Millon, Osvaldo Gomes, Bartholomeu (Barthô), Frienderich e Arnaldo Silveira.

<sup>23</sup> LA NACION, 25 de setembro de 1914, p. 10.

comum para os jogadores visitantes. Na continuidade da matéria, antecipou uma partida muito difícil para o selecionado local no domingo, dia 27, quando, enfim, seria disputada a Copa Roca.

O triunfo de ontem é o anúncio de uma luta árdua para o domingo próximo, pois o quadro visitante responderá à confiança depositada pelas associações que representa, de forma que constituirão, sem dúvida, um motivo de constante preocupação para o quadro da federação.<sup>24</sup>

Enfim, no domingo, dia 27/9, às 15 horas e após a preliminar em que se enfrentaram os jogadores mais jovens do General Belgrano e Independiente, a Seleção Brasileira, logo depois sucedida pela Seleção Argentina, entrou em campo. A partida teve início às 15 horas e 10 minutos, quando Piaggio deu o pontapé inicial. A equipe visitante era exatamente a mesma que havia, dias antes, derrotado a equipe do Columbia. A anfitriã, por sua vez, havia realizado algumas alterações em relação à equipe que havia jogado no domingo anterior.<sup>25</sup>

**Figura 2: Jogadores brasileiros e argentinos em busca da Copa Roca<sup>26</sup>**



<sup>24</sup> Idem, ibidem.

<sup>25</sup> Escalação da Seleção Argentina: J. J. Rithner (C. A. Porteño), R. Bernasconi (Estudiantes de La Plata), C. Galup Lanús (Estudiantes de La Plata), R. Naón (Estudiantes de La Plata), E. Sande (Independiente), S. Sayanes (Gimnasia y Esgrima), J. J. Lamas (Estudiantes de La Plata), R. Leonardi (Estudiantes de La Plata), A. Piaggio (Porteño), C. Izaguirre (Porteño) e J. Crespo (Tigre). Escalação da Seleção Brasileira: Marcos de Mendonça (Fluminense), Pindaro (Flamengo), Nery, (Flamengo) Lagreca (São Bento), Ruben Salles (Paulistano), Pernambuco (Fluminense), Millon (Paulistano), Osvaldo Gomes (Fluminense), Barthô (Fluminense), Frienderich (Ypiranga-SP), e Arnaldo Silveira (Paulistano). O árbitro foi o brasileiro A. Borgeth. Cf. LA NACION, 28 de setembro de 1914, p. 8. SOTER, Ivan. op. cit., p. 318.

<sup>26</sup> LA NACION, 27 de setembro de 1914, p. 11.

Desde o início da partida, a forma de jogar dos brasileiros, com toques curtos e precisos, chamou a atenção dos argentinos. O gol brasileiro, marcado por Rubens Salles, que não havia participado do jogo na semana anterior, foi feito ainda aos 13 minutos do tempo inicial, com um tiro rasteiro de uma distância de 15 metros que fulminou Rithner, o arqueiro argentino. Os donos da casa passaram a pressionar de forma mais intensa a defesa brasileira, que resistiu aos ataques e terminou o primeiro tempo, invicta.

O segundo tempo, como era de se esperar, foi ainda mais dramático. O ataque brasileiro pouco produzia em decorrência da própria pressão exercida pela seleção local. No entanto, a defesa, parecia inexpugnável e quando ela não era capaz de rechaçar a bola, Marcos de Mendonça garantia a invencibilidade do gol brasileiro.

Sem dúvida, neste período o ataque argentino foi mais persistente, o que motivou uma vigilância mais empenhada da defesa contrária.

(...)

Pouco puderam avançar os atacantes brasileiros, com exceção de algumas escapadas de Gomes e Silveira. A defesa argentina desbaratou seus esforços e o ataque dos locais pôde ser mais perigoso pela sua constante ação.<sup>27</sup>

O ímpeto argentino se viu prejudicado aos 25 minutos da etapa final com a contusão de Bernasconi. Como não se podia realizar as substituições, o jogador lesionado continuou em campo, mas obviamente, sem a mesma eficácia.<sup>28</sup> Ainda assim, a partida continuou extremamente disputada, porém, com a fragilização da defesa argentina, a Seleção Brasileira, mesmo pressionada, também passou a criar oportunidades de ampliar o placar.

Talvez em virtude da impressão deixada na partida anterior, quando a Argentina venceu por 3X0, não se esperava uma atuação tão eficiente e destacada do setor defensivo da equipe visitante. Segundo o *La Nacion*:

Ainda assim, a defesa brasileira respondeu com uma eficácia inesperada, multiplicando seus jogadores no seu afã de manter sua vantagem e quando o

---

<sup>27</sup> Idem, 28 de setembro de 1914, p. 8.

<sup>28</sup> As substituições foram aprovadas pela *International Board* (órgão que gerencia as regras do futebol internacional) somente em 1958 e ainda sim apenas para o goleiro. Apenas dez anos depois, em 1968, oficializou-se a substituição de dois jogadores, o que já era permitido desde 1932 em jogos amistosos e também nas partidas oficiais nos campeonatos ingleses. A partir de 1995 aumentou-se o número de jogadores que poderiam ser substituídos em uma partida de dois para três.

árbitro, que atuou de forma correta, anunciou o término do encontro, o placar anunciava: Brasileiros 1X0 Argentinos.<sup>29</sup>

A partida também ficou marcada, aos 20 minutos do segundo tempo, pelo cavalheirismo e pelo espírito esportivo, valores que deveriam ser respeitados por todos os jogadores, segundo os padrões da época. Em um dos muitos ataques da equipe local, o jogador Leonardi, em rápida corrida, conseguiu ficar de frente ao gol brasileiro, porém no entusiasmo da jogada ele acabou conduzindo a bola com a mão e que, em virtude desse toque, terminou em gol para a Argentina. O árbitro, por sua vez, não viu a infração e validou o tento para surpresa dos jogadores brasileiros. Porém, vários jogadores argentinos alertaram o juiz da irregularidade da jogada que, dessa forma, voltou atrás em relação à sua decisão e anulou o gol argentino.<sup>30</sup>

Para o jornal *La Nacion*, a Seleção Argentina não foi capaz de repetir a boa atuação da semana anterior e apresentou várias falhas que acarretaram no resultado negativo: “O quadro argentino (...) esteve distante de mostrar-se a altura do que jogou no domingo anterior. Falhou em diversos pontos (...). A linha de atacantes esqueceu constantemente de sua missão. É verdade que combinou bem, porém esteve desacertada em seus tiros ao gol”.<sup>31</sup>

Dessa forma, para o citado periódico venceu o quadro que jogou melhor, que mostrou mais equilíbrio, que foi mais harmônico em suas linhas e que teve boa pontaria. Enfim, afirmou que o “quadro brasileiro é um conjunto sem pontos débeis”.<sup>32</sup> Segue a análise realizada pelo jornal.

Obteve o triunfo o quadro que jogou melhor, que foi mais harmônico, cujo conjunto não teve falhas; o quadro das linhas bem trabalhadas, no qual a defesa soube contribuir no esforço do ataque, enquanto este, na rapidez de suas ações e na boa combinação e pontaria, respondia a confiança nele depositada.<sup>33</sup>

---

<sup>29</sup> LA NACION, 28 de setembro de 1914, p. 8.

<sup>30</sup> Idem, ibidem, p. 8.

<sup>31</sup> Idem, ibidem, p. 8.

<sup>32</sup> Idem, ibidem, p. 8.

<sup>33</sup> Idem, ibidem, p. 9.

**Figura 3: Os jogadores brasileiros que venceram a Copa Roca de 1914<sup>34</sup>**



Em pé: Lagreca, Píndaro, Rubens Salles, Marcos, Nery, Pernambuco e Joaquim de Souza Ribeiro (não atuou). Agachados: Millon, Osvaldo, Bartô, Friedenreich e Arnaldo.

A Seleção Brasileira retornou para o país no dia seguinte à disputa da Copa Roca. Chegou ao Rio de Janeiro na manhã do dia 4 de outubro. Uma multidão aguardava no porto os jogadores, demonstrando, dessa forma, a importância que o futebol já havia adquirido nessas plagas.

O dia foi todo de festejo para os esportistas e dirigentes brasileiros culminando, de noite, com um “banquete de 100 talheres” oferecido pela Liga Metropolitana de Sports Atléticos aos jogadores no Club Central. Os atletas de São Paulo embarcaram, após o banquete, ainda de noite, em direção à Estação da Luz na capital paulista. Lá chegando, novos festejos os esperavam.

### **3.4. OS PRIMEIROS CAMPEONATOS SUL-AMERICANOS (1916-1919)**

A Argentina, no ano do centenário de sua independência, se dispôs a organizar um torneio de futebol que envolveria, além dela, três seleções vizinhas: Brasil, Chile e Uruguai. Era o I Campeonato Sul-Americano de Futebol. O selecionado brasileiro só poderia participar se solucionasse o impasse sobre a entidade que representaria o futebol nacional junto à FIFA.

---

<sup>34</sup> BRANDÃO, Caio. *Futebol portenho: a história e a atualidade do futebol argentino*. Disponível em: <http://www.futebolportenho.com.br/2014/09/20/primeiro-duelo-brasil-x-argentina-faz-100-anos-hoje/>. Acessado em: 30 de agosto de 2016.

Para se chegar a um acordo foi inclusive necessário a intervenção governamental. No dia 19 de junho de 1916, o próprio ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller, convocou para uma reunião os representantes da Federação Brasileira de Sports, Álvaro Zamith; da Federação Brasileira de Futebol, Mário Cardim e ainda o representante da Liga Metropolitana de Sports Atléticos, Joaquim Antônio de Souza Ribeiro. No encontro, os dirigentes concordaram em extinguir as duas entidades que disputavam o controle do futebol brasileiro e criar a Confederação Brasileira de Desportos (CBD). O Brasil pôde assim confirmar presença na primeira edição daquela que se tornou a mais antiga competição do mundo entre seleções, o Campeonato Sul-Americano de Futebol.

A Seleção Brasileira fez sua estreia no Sul-Americano enfrentando os chilenos no dia 9 de julho de 1916.<sup>35</sup> Neste dia comemorava-se o centenário da independência do país anfitrião do torneio, a Argentina. O *La Nacion* ressaltou que a pequena presença de público para assistir a partida se deu em virtude dos festejos que ocorriam por toda Buenos Aires. De qualquer forma, os torcedores que estiveram no estádio se manifestaram vivamente durante o *match*.

Os diversos festejos do centenário que ocorreram ontem nos parques e praças do município contribuíram, sem dúvida, que a terceira partida do campeonato Sul-Americano não atraísse um público tão numeroso para ocupar por completo as amplas tribunas do estádio do Clube de Gimnasia y Esgrima.<sup>36</sup>

O jogo iniciou-se às 14h45 com a posse de bola para o Brasil. Os minutos iniciais foram marcados pelo entusiasmo e pressão do ataque chileno que realizava, neste dia, a sua segunda partida no campeonato. Apesar da pressão inicial, a Seleção Brasileira soube controlar o ímpeto do seu adversário e terminou o primeiro tempo vencendo a partida por 1X0.<sup>37</sup>

O segundo tempo se desenvolveu de forma bastante equilibrada, com as duas equipes perdendo chances de gol. A Seleção Chilena, se mantendo bem organizada, acabou

---

<sup>35</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Marcos, Orlando, Nery, Lagreca, Sydney, Galo, Luís Menezes, Demóstenes, Friendenreich, Alencar e Arnaldo. Escalação da Seleção Chilena: Guerrero, Cárdenas, Wittke, Teuche, Unzaga, Abello, Salazar, Galdes, France, Gutiérrez e Báez. O árbitro da partida foi o uruguaio L. Peyrou.

<sup>36</sup> LA NACION, 9 de julho de 1916, p. 16.

<sup>37</sup> O gol brasileiro foi marcado por Demóstenes Syllós aos 30 minutos do tempo inicial.

premiada com o gol de empate aos 40 minutos da etapa complementar, determinando desta forma o placar final da partida.<sup>38</sup>

Segundo o periódico *La Nacion*, a estreia do Brasil havia gerado certa expectativa entre jornalistas e torcedores locais, afinal jogariam contra os chilenos vários jogadores que estiveram presentes na disputa da Copa Roca de 1914 e as vitórias obtidas pela Seleção Brasileira (contra o Columbia e contra a própria Seleção Argentina), atestariam a evolução do futebol no país vizinho e tal fato “intensificou o desejo de conhecer o valor do quadro que nos visita neste momento”.<sup>39</sup>

Após o empate, percebe-se que os argentinos já constataam algumas características que marcariam, para eles, o futebol brasileiro: a capacidade de trocar passes rápidos e precisos, o que ressaltaria a habilidade de seus jogadores. A individualidade também foi apontada e nesse sentido o destaque coube à Friedenreich que soube dirigir o quinteto (o ataque) brasileiro<sup>40</sup> com rapidez e acerto. Para o referido jornal, o conjunto tupiniquim causou boa impressão em sua partida inicial e era esperado que, com a continuidade do campeonato, ele se apresentasse ainda melhor, fato que ocorreu com a Seleção Chilena que, ainda seguindo o periódico, teria feito sua melhor apresentação no campeonato.<sup>41</sup>

---

<sup>38</sup> O gol chileno foi marcado por Salazar aos 40 minutos do segundo tempo.

<sup>39</sup> LA NACION, 9 de julho de 1916, p. 16.

<sup>40</sup> O ataque era chamado de quinteto em virtude do esquema tático então utilizado e que contava com cinco jogadores de frente. Desde 1883, a formação adotada em praticamente todo o mundo era a 2-3-5, também conhecida como “Pirâmide” ou “Sistema Clássico” por ser o esquema utilizado no período em que a Inglaterra exportou o futebol pelo mundo. O sistema foi inicialmente idealizado pelos jogadores da Universidade de Cambridge. Ele é formado por dois zagueiros, três meias e cinco atacantes, sendo 2 pontas laterais, dois segundo atacantes e um centroavante. Apesar de ter sido amplamente utilizado por times e selecionados de todo mundo, obviamente que tal sistema também apresentava suas fragilidades e a principal delas era no sistema defensivo que ficava extremamente desguarnecido especialmente nos contra ataques efetuados pelos adversários. Apesar da formação tática aqui destacada ter ainda sido utilizada por seleções que disputaram a Copa de 1938, sua eficácia foi extremamente reduzida quando a *International Board* alterou a regra do impedimento em 1925. Até então, para não ser marcado impedimento, o jogador que recebesse a bola deveria ter pelo menos 3 jogadores, contando obviamente com o goleiro, entre ele e a linha de fundo. Esse número foi reduzido para os atuais 2 jogadores com o intuito de se dar mais dinâmica e gols para a partida, afinal era comum, ao se fazer um passe, que o time adversário avançasse um dos seus defensores deixando vários atacantes em posição de impedimento, além da equipe ainda contar com um zagueiro e o goleiro para tentar evitar o gol do adversário. Dessa forma, muitos ataques se perdiam, menos gols aconteciam e o interesse pelo jogo diminuía. A partir da implantação da nova regra, em 1925, Sir. Herbert Chapman, inglês, professor de geometria e treinador do Arsenal, inventou outro sistema tático que também marcou época, o WM, três defensores, dois jogadores mais a frente, porém antes do meio-campo e dois jogadores depois do meio-campo e três atacantes.

<sup>41</sup> LA NACION, 9 de julho de 1916, p. 16.

A segunda partida foi disputada contra os donos da casa, a Seleção Argentina, em um jogo marcado por muita expectativa mas que, como foi ressaltado pelo La Nacion do dia 11 de julho de 1916, se frustrou em virtude do baixo nível técnico apresentado.<sup>42</sup> Em virtude dos erros cometidos pelos dois selecionados “(...) todas as esperanças de presenciar um bom encontro foram malogradas”.<sup>43</sup>

Outro fato muito curioso e que demonstra o caráter ainda frágil da organização das equipes e seleções se deu nesta partida. Na hora do início do jogo, inclusive com a Seleção Brasileira já em campo, nem todos os jogadores da seleção local haviam se apresentado para a disputa, vários titulares e suplentes não se encontravam no estádio. Dado o impasse, o zagueiro Pedro Martínez sugeriu que “El Negro” Laguna,<sup>44</sup> seu companheiro de equipe e que estava nas tribunas para assistir a partida, fosse convidado para compor o selecionado. Laguna aceitou a proposta e desceu ao gramado para a sua primeira partida pela Seleção Argentina e ainda marcou o gol de seu selecionado no *match*.

Logo no início do confronto, aos nove minutos, após falha do goleiro brasileiro, o predestinado Laguna marcou o gol argentino. Porém, onze minutos mais tarde o Brasil, por intermédio de Alencar empatou a partida. Segundo o La Nacion, longe de reagir, a seleção local continuou mostrando as mesmas deficiências que apresentava desde o início da pugna. O empate teve sabor de derrota para os anfitriões que agora teriam que vencer seu grande rival, a Seleção Uruguiaia, na rodada final do Sul-Americano, se quisessem conquistar o título.<sup>45</sup>

O Correio Paulistano ressaltou o que foi considerado um feito pela Seleção Brasileira: “Nas condições excepcionais em que foi o nosso *scratch* organizado à última hora,

---

<sup>42</sup> Escalação da Seleção Argentina: Rithner, Chiappe, Brown, Martínez, Olazar, Badaracco, Heissinger, Laguna, Marcovecchio, Guidi e Bincas. Escalação da Seleção Brasileira: Casemiro, Orlando, Nery, Lagreca, Sydney, Galo, Luís Menezes, Amílcar, Friedenreich, Alencar e Arnaldo. O árbitro foi o chileno C. Fanta.

<sup>43</sup> LA NACION, 11 de julho de 1916, p. 13.

<sup>44</sup> José Durand Laguna (Salta-ARG, 7 de novembro de 1885 – Assunção-PAR, 16 de julho de 1959). Foi jogador e treinador no futebol argentino. Dirigiu a seleção do Paraguai na Copa de Mundo de 1930. Foi um dos fundadores e primeiro presidente do Huracán, clube pelo qual venceu os campeonatos argentinos de 1921 e 1922 como jogador e ainda o de 1928 já como técnico. Jogou pela Seleção Argentina em 4 oportunidades marcando 3 gols, um deles contra o Brasil, selecionado que enfrentou apenas uma vez obtendo um empate.

<sup>45</sup> O Uruguai se sagrou Campeão do Sul-americano de 1916 ao empatar com a Seleção Argentina, na rodada final, por 0X0. Antes havia vencido o Chile por 4X0 e o Brasil por 2X1. A Argentina ficou com o vice-campeonato, invicta, com uma vitória (6X1 Chile) e dois empates (1X1 Brasil e 0X0 Uruguai), enquanto o Brasil terminou na terceira colocação com dois empates e uma derrota (1X1 com Chile e Argentina e 1X2 Uruguai).

e sem os necessários *trainings*, um empate com a valorosa representação argentina constituiria uma quasi Victoria para os brasileiros”.<sup>46</sup>

O La Nacion, por sua vez, voltou a tecer comentários elogiosos sobre o selecionado brasileiro. Segundo ele: “A equipe brasileira confirmou anteriores apreciações sobre seu poder, mostrando sua linha de *fowards* um entendimento completo entre os seus homens, rapidez nas ações, acertado jogo de passes e boa pontaria (...)”.<sup>47</sup>

O Brasil fez sua última apresentação frente ao Uruguai.<sup>48</sup> Apesar de ter iniciado muito bem o jogo, um fato ocorrido aos 16 minutos, alterou todo o restante da partida. O jogador Piendibene acabou contundindo o brasileiro Orlando, que teve que se retirar de campo. O Brasil, então, passou a contar com apenas dez jogadores.

O jogador Piendibene pretendeu tomar a bola no momento em que intervinha Orlando e levantando o pé o deixou cair com força. Errou a bola, porém por azar acertou o jogador brasileiro e o obrigou a sair de campo seriamente contundido.

Passou a jogar de *back* Lagreca e Friedenreich, o melhor *forward*, teve que integrar a defesa na linha média.<sup>49</sup>

O Brasil, antes da contusão de Orlando, havia aberto o placar, aos 8 minutos, com Friedenreich e, segundo o La Nacion, prometia dificultar bastante a tradicional e experiente Seleção Celeste. Porém, com apenas dez jogadores em campo a Seleção Brasileira passou a ser duramente pressionada pelo seu adversário, contudo o placar não sofreu novas alterações até o final da primeira etapa.

O segundo tempo ficou marcado pelo completo domínio dos uruguaios que já aos dois minutos da etapa complementar chegavam com perigo ao gol brasileiro. Aos 15 saiu o gol de empate, feito por Gradín. A virada se deu aos 32 minutos quando Tognola chutou forte contra o gol do Brasil. Tentando chegar ao empate, a Seleção Brasileira partiu para o ataque, porém o resultado não mais se alterou. Os uruguaios venceram por 2X1.

---

<sup>46</sup> CORREIO PAULISTANO, 11 de julho de 1916, p. 4.

<sup>47</sup> LA NACION, 11 de julho de 1916, p. 13.

<sup>48</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Casemiro, Orlando, Nery, Lagreca, Sydney, Galo, Luís Menezes, Alencar, Friedenreich, Mimi e Arnaldo. Escalação da Seleção Uruguiaia: Saporiti, Varela, Foglino, Pacheco, Delgado, Vanzino, Somma, Tognola, Piendibene, Gradín e Romano. O árbitro da partida foi o chileno C. Fanta.

<sup>49</sup> LA NACION, 13 de julho de 1916, p. 12.

Para o *La Nacion*, a saída do jogador Orlando determinou a queda na qualidade da partida que até aquele momento se demonstrava com uma das melhores de todos os tempos e, conseqüentemente, a própria derrota brasileira, que até então realizava um grande jogo. Após o ocorrido, o confronto se tornou um “ataque contra defesa”, o Brasil recuou em campo e, mesmo atuando com muito empenho e qualidade, não foi capaz de parar o ímpeto do ataque uruguaio.<sup>50</sup>

A última partida do torneio foi entre Argentina e Uruguai que definiria o primeiro campeão Sul-Americano. A partida teve que ser adiada para o dia seguinte, pois houve invasão de gramado por parte dos torcedores, seguido de um incêndio nas arquibancadas do estádio momentos depois do seu início.<sup>51</sup> Com um ponto de vantagem em relação aos donos da casa, o Uruguai empatou a partida e ganhou o título e ainda contou com o artilheiro do campeonato: Gradín, com três gols.

Como país-sede da Confederação Sul-Americana de Futebol, o Uruguai, em 15 de dezembro de 1916, organizou um Congresso Constitucional da entidade e definiu que o II Campeonato Sul-Americano seria disputado, no ano seguinte em Montevideú, entre 30 de setembro e 14 de outubro. Os participantes seriam: Argentina, Brasil, Chile e Uruguai, todos se enfrentariam em turno único, totalizando, dessa forma, seis partidas.

Brasil e Argentina, em 3 de outubro de 1917, realizaram o segundo jogo do campeonato. Demonstrando a importância que o futebol já havia adquirido no Uruguai, a partida despertou grande interesse e, apesar de ser um dia útil, grande parte do comércio de Montevideú encerrou suas atividades por volta das 15 horas e muita gente se deslocou para o estádio Parque Pereira. O *La Nacion* publicou no dia 4 de outubro que, próximo ao horário da partida, “no centro da cidade não se achava uma só carruagem nem um automóvel”.<sup>52</sup>

Os argentinos jogaram com seu tradicional uniforme, já o Brasil estreou sua nova camisa, toda branca e com o escudo da CBD.<sup>53</sup> A partida, foi presenciada por um público

---

<sup>50</sup> LA NACION, 13 de julho de 1916, p. 12.

<sup>51</sup> Idem, 17 de julho de 1916, p. 8-9.

<sup>52</sup> Idem, 4 de outubro de 1917, p. 12.

<sup>53</sup> Um fato extremamente curioso aconteceu neste torneio vinculado as cores dos uniformes e que obrigou o Brasil a jogar de vermelho em duas ocasiões, as únicas em sua história: três equipes apresentaram uniformes brancos – Brasil, Uruguai e Chile – para a participação no campeonato. Dessa forma, foram realizado sorteios

estimado em 20 mil pessoas e teve início às 16h15, mostrando-se bastante equilibrada em seus primeiros instantes.<sup>54</sup> Porém, aos oito minutos a Seleção Brasileira abriu o placar com um gol de Neco. A vantagem brasileira não duraria muito e logo depois o Brasil começaria a sofrer com a “tarde infeliz” de seu goleiro, Casemiro. Aos 15 minutos, após a saída equivocada do arqueiro brasileiro em um cruzamento, a Argentina empatou a partida, gol de Calomino,<sup>55</sup> um dos melhores pontas que já atuou no futebol do seu país.

O primeiro tempo continuou bastante equilibrado e o Brasil voltou a liderar o placar aos 38 minutos desta etapa após cobrança de pênalti de Lagreca, o primeiro convertido na história da Seleção Brasileira, cometido pelo argentino Reyes ao desviar a bola com a mão dentro da área. Os minutos finais foram de pressão total do selecionado platino, porém o resultado se manteve inalterado quando as equipes foram para os vestiários.

A Argentina voltou para o jogo com o mesmo ímpeto que terminou a primeira etapa, pressionando o Brasil e o resultado de tal esforço não tardou a se mostrar. Aos 11 minutos a partida voltou a ficar empatada, gol do estupendo Ohaco, após cruzamento de Calomino. A dupla voltou a marcar aos 13 minutos ao contar com outro equívoco do goleiro brasileiro. O ponta argentino cruzou para a área, mais uma vez Casemiro falhou na saída do gol e Ohaco<sup>56</sup> apenas empurrou para a meta vazia.

---

para saber qual a equipe que teria que mudar o uniforme e o Brasil acabou sendo o “contemplado”. Os dirigentes então se dirigiram à única loja de artigos esportivos existentes na capital uruguaia para adquirir o novo uniforme e, nela, só havia a disponibilidade de camisas vermelhas. Sem outra alternativa viável a CBD teve que comprá-las e o Brasil jogou de vermelho tanto contra o Uruguai (7/10) quando foi derrotado pelo placar de 4X0 quanto contra o Chile (12/10), dessa vez vencendo os seus adversários por 5X0.

<sup>54</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Casemiro, Vidal, Chico Neto, Ademar, Lagreca, Galo, Caetano, Dias Amílcar, Neco e Arnaldo. Escalação da Seleção Argentina: Isola, Reyes, Ferro, Mattozi, Olazar, Pepe, Calomino, Blanco, Ohaco, Martínez e Perinetti. O árbitro da partida foi o chileno C. Fanta.

<sup>55</sup> Bleo Pedro “Calomino” Fournol (Buenos Aires, 13 de março de 1892 – Buenos Aires, 2 de janeiro de 1950). Jogador extremamente rápido e que tinha muita facilidade para driblar. Fez fama atuando pelo Boca Juniors, pelo qual foi campeão em 1920, 1923 e 1924. É considerado o inventor da jogada que os brasileiros denominam de “pedalada”, caracterizada pelo jogador passar os pés sobre a bola, sem tocá-la, simulando que vai mudar de direção. Jogou 35 partidas pela Seleção Argentina e anotou oito gols, um deles contra a Seleção Brasileira. Enfrentou o Brasil em 6 oportunidades (3 vitórias, 1 empate e 2 derrotas).

<sup>56</sup> Alberto Bernardino Ohaco. As datas de nascimento e falecimento são bem variadas, a maior parte das fontes pesquisadas afirmam que ele nasceu em 20 de maio de 1889, porém no site oficial do Racing, equipe na qual o jogador foi grande ídolo, a data de seu nascimento é no ano de 1893. Também não há consenso em relação ao seu falecimento: há sites que afirmam ter ocorrido em 3 de janeiro de 1950 e 8 de março de 1950. Mas, independentemente de seus dados biográficos, Ohaco era considerado um meia-armador que jogava com muita serenidade e elegância. Fez parte das grandes equipes formadas pelo Racing Club pelo qual foi ídolo e que ganhou a alcunha de “*La Academia*” por ter conquistado sete campeonatos seguidos entre 1913-1919 fato que jamais se repetiu na história do futebol argentino. Ele foi o primeiro jogador racinguista a envergar a camisa do Seleção Argentina. Até o momento ainda é o maior artilheiro da história do clube, com 244 gols em 278 partidas o que lhe deu a incrível média de 0,88 gols/jogo. Jogou 12 partidas pelo selecionado do seu país entre 1912 e

Depois da virada, o Brasil não mais se encontrou em campo e a Argentina continuou pressionando e acabou premiada com mais um gol, convertido agora por Martínez. Minutos antes do término do jogo, Blanco ainda acertou a trave da equipe brasileira. Quando o chileno Carlos Fanta, árbitro da partida, encerrou o jogo, o placar marcava vitória argentina por 4X2.

O *La Nacion* teceu muitos elogios para o ataque de seu selecionado, formado por Calomino, Blanco, Ohaco, Martinez e Perinetti e também ressaltou, em tom crítico, a atuação do goleiro brasileiro que, em decorrência das suas falhas, ajudou bastante a linha de frente argentina: “(...) que poderia impedir dois gols pelo menos. Saiu do arco temerariamente, facilitando assim a ação de seus adversários”.<sup>57</sup> A opinião do jornal portenho é compartilhada pelo pesquisador Ivan Soter que afirmou: “O time do Brasil era bom, as falhas do goleiro Casemiro é que botaram tudo a perder”.<sup>58</sup>

Mais uma vez, os dois principais rivais do futebol sul-americano na primeira metade do século XX decidiram o campeonato.<sup>59</sup> A partida mobilizou mais de 40 mil pessoas no estádio e seus arredores, em uma demonstração clara do poder de atração que o futebol já exercia. Os donos da casa, após um jogo muito tenso, marcado inclusive pela invasão de torcedores que agrediram os jogadores argentinos ao final da partida, venceram por 1X0, gol de Héctor Scarone.<sup>60</sup>

---

1918 e marcou sete gols. Só enfrentou o Brasil uma vez, porém marcou dois gols na vitória argentina por 4X2 na primeira rodada do Campeonato Sul-Americano de 1917. Cf. SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit. p. 55. RACING. Alberto Ohaco”. Disponível em: <https://www.racingclub.com.ar/idolos/alberto-ohaco/>. Acessado em: 5 de setembro de 2016. TARINGA! “Historia Racinguista: ALBERTO BERNARDINO OHACO (1889-1950)”. Disponível em: <http://www.taringa.net/comunidades/racingclub/400818/Historia-Racinguista-ALBERTO-BERNARDINO-OHACO-1889-1950.html>. Acessado em: 5 de setembro de 2016.

<sup>57</sup> LA NACION, 4 de outubro de 1917, p. 12.

<sup>58</sup> SOTER, Ivan. op. cit., p. 34.

<sup>59</sup> Santos resalta um aspecto interessante e curioso em relação à época e que, sem dúvida, se transformou em uma dificuldade adicional para o selecionado argentino: “Naquela época, como todos os jogadores eram amadores, eles não podiam se dar ao luxo de abandonar o trabalho para a disputa de partidas de futebol – mesmo que fossem para defender o selecionado do seu país. Assim, os jogadores argentinos fizeram os dois primeiros jogos, contra Brasil e Chile, no espaço de três dias, e regressaram ao país. Para a partida final diante dos uruguaios, oito dias depois, houve dificuldades para reunir todos os atletas. Na véspera do jogo o grupo somente se completou à noite e foi de barco a vapor até Colônia, chegando às 2h30. De lá os jogadores tomaram um trem até Montevideú e ali desembarcaram horas antes da partida. Cf. SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 76.

<sup>60</sup> Héctor Scarone é o jogador mais premiado da história do futebol uruguaio. Com a seleção ele conquistou quatro campeonatos sul-americanos (1917, 1923, 1924 e 1930); foi duas vezes campeão olímpico (1924 e 1928) e campeão mundial em 1930.

O discurso argentino em relação ao futebol brasileiro não se alterou, e continuava sendo tratado respeitosamente, como um adversário que poderia causar dificuldades. O favoritismo, no entanto, era dos países platinos, em especial da Argentina que, segundo as reportagens jornalísticas do citado país, mostravam maior evolução no esporte. No Brasil também imperavam alegações respeitadas em relação ao futebol praticado pelo seu rival.

O Rio de Janeiro foi escolhido para sediar o III Campeonato Sul-Americano em 1918. Em virtude da gripe espanhola que matou milhares de pessoas no país, dentre elas o presidente da República Rodrigues Alves,<sup>61</sup> o torneio foi transferido para o ano seguinte.<sup>62</sup> A disputa ocorreu então entre os dias 11 e 29 de maio de 1919 e os participantes foram os mesmos das duas edições anteriores: Argentina, Brasil, Chile e Uruguai.

Na rodada inicial, o Brasil goleou o selecionado chileno pelo placar de 6X0, enquanto a Argentina foi derrotada pelos uruguaios por 3X2. Em relação à estreia da Seleção Brasileira, o jornal *La Nacion* entrevistou, ao final da partida, os jogadores chilenos e eles elogiaram o comportamento da torcida que encheu as dependências do Estádio das Laranjeiras,<sup>63</sup> a linha de ataque da equipe local; afirmaram que o Brasil foi superior em campo, que se apresentou melhor do que no Sul-Americano de 1917. Porém, fato bastante peculiar e até mesmo engraçado, é que o placar do jogo foi considerado pelos entrevistados por demasiado elástico, que o correto teria sido uma vitória brasileira por “apenas” 4X0.<sup>64</sup>

Brasil e Argentina, por sua vez, se enfrentaram no dia 18 de maio em um jogo que gerou também grande expectativa por parte do torcedor local, como foi destacado pelo jornal do Brasil.<sup>65</sup>

---

<sup>61</sup> Rodrigues Alves governou o Brasil no quadriênio 1902-1906 e havia sido eleito pela segunda vez em 1918, porém não chegou a tomar posse no dia 15 de novembro daquele ano em virtude de ter contraído a Gripe Espanhola, fato que levou o seu vice-presidente eleito, Delfim Moreira, a assumir interinamente a presidência do país. Em janeiro de 1919 com o falecimento de Rodrigues Alves, Moreira assumiu em caráter definitivo o cargo.

<sup>62</sup> Também faleceu em virtude da Gripe Espanhola o jogador Octávio Egídio de Carvalho que participou da primeira partida entre Brasil e Argentina ocorrida em 20/9/1914 e que foi substituído no jogo seguinte por Rubens Salles.

<sup>63</sup> Segundo o correspondente especial do *La Nacion* que presenciou a partida, havia pelo menos 30 mil pessoas nas dependências do estádio. *LA NACION*, 12 de maio de 1919, p. 9.

<sup>64</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>65</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Marcos, Píndaro, Bianco, Sérgio, Amílcar, Fortes, Millon, Neco, Friedenreich, Heitor e Arnaldo. Escalação da Seleção Argentina: Isola, Castagnola, Reyes, Matozzi, Uslenghi, Martínez, Calomino, Izaguirre, Clarke, Bricchetto e Perinetti. O árbitro da partida foi o inglês R. L. Toood.

O Brasil inteiro, onde já chegou a prática do football, como meio de revigoração physico da nossa juventude, todo ele tem o seu espírito, em anciosa expectativa de esperança e de receio, voltado e inteiramente preso à acção dos onze jogadores, a quem foi commettida a grande e honrosa tarefa de sua representação. Vae ser uma luta sensacional.<sup>66</sup>

O início do jogo coube a seleção visitante que pressionou o Brasil, porém, aos poucos, o domínio mudou de lado. Apesar disso, os argentinos chegaram a marcar um tento que foi anulado pelo árbitro em lance bastante polêmico. Em um ataque dos visitantes, alguém na torcida soprou um apito e ao ouvi-lo a defesa brasileira parou, porém Calomino, ponta argentino, seguiu com a bola e a chutou para dentro do gol. Inicialmente o árbitro da partida, o inglês R. L. Tood, validou o lance, mas acabou voltando atrás em decorrência dos protestos dos jogadores e também dos torcedores brasileiros.

Aos 23 minutos o Brasil marcou o primeiro gol válido do jogo por intermédio de Heitor, aproveitando falha do zagueiro Castagnola. Apesar do equilíbrio que marcou o restante da primeira etapa, o Brasil foi para os vestiários com a vantagem parcial. Logo no início do segundo tempo a seleção platina empatou a partida com Carlos Izaguirre.<sup>67</sup>

A Seleção Brasileira não se abateu com o gol do adversário e passou a pressioná-lo. O resultado não tardou a acontecer, aos 13 minutos, Amílcar colocou novamente a equipe da casa na frente no marcador. O terceiro gol saiu quando faltavam oito minutos para o encerramento do confronto e coube a Millon dar os números finais ao jogo: Brasil 3X1. A festa tomou conta não só das Laranjeiras, mas se espalhou pelas ruas da capital do país, demonstrado a força mobilizadora que o futebol já atingia.

A imprensa argentina reagiu duramente contra a Associação Argentina de Futebol. Seria ela a responsável pelo fracasso no Sul-Americano de 1919 e também não acreditava que o futebol brasileiro teria evoluído ao ponto de derrotar os argentinos: “os progressos do futebol no Brasil não podem ser tão grandes ao ponto de causar uma derrota à Seleção Argentina”.<sup>68</sup>

---

<sup>66</sup> JORNAL DO BRASIL, 18 de maio de 1919, p. 10.

<sup>67</sup> Carlos Izaguirre havia marcado também dois gols na primeira partida entre brasileiros e argentinos cinco anos antes, no amistoso que antecedeu a disputa da Copa Roca.

<sup>68</sup> LA NACION, 20 de maio de 1919, p. 5.

Apesar dos discursos, até então, polidos e respeitosos em relação ao adversário, percebe-se claramente, quando de uma derrota, que os argentinos se julgavam amplamente superiores aos brasileiros no que se referia à prática futebolística e que o insucesso só poderia ser explicado por equívocos na preparação ou cometidos pelos órgãos responsáveis pela administração do futebol daquele país. Argumentação da mesma natureza não foi privilégio dos argentinos, os brasileiros também a adotaram quando o seu selecionado se firmou no cenário internacional. Em suma, as derrotas não ocorreriam por méritos dos adversários, mas principalmente decorrentes das falhas, especialmente administrativas, das confederações locais. Esse discurso também será utilizado pelos clubes dos dois países.

O Brasil, após conquistar a segunda vitória no torneio, se candidatou a disputar a grande final contra o selecionado uruguaio. Como curiosidade, o jornal *La Nacion*, no dia da final do campeonato, domingo, 25 de maio de 1919, divulgou uma partida que aconteceria na terça-feira seguinte, dia 27 de maio, entre os jornalistas brasileiros e estrangeiros. Um “autêntico” Fla-Flu,<sup>69</sup> afinal os jornalistas estrangeiros jogariam com o uniforme do Fluminense, enquanto os brasileiros trajariam o do Flamengo.<sup>70</sup>

A “derradeira” partida da tabela do campeonato terminou empatada em dois gols.<sup>71</sup> Segundo o *La Nacion*, o Uruguai foi superior no primeiro tempo, inclusive terminou em vantagem no placar (2X1) e foi amplamente dominado, no entanto, no tempo final, quando o Brasil logrou o empate.<sup>72</sup> Neco marcou os dois gols brasileiros, enquanto Gradín e Héctor Scarone assinalaram para os uruguaios. Como os dois selecionados terminaram a competição com o mesmo número de pontos foi marcada uma partida de desempate para o dia 29 de maio.

---

<sup>69</sup> Destaco que o epíteto Fla-Flu ainda não existia à época. A primeira menção ao apelido aqui destacado remete à Seleção Carioca, que foi convocada às pressas, para disputar, em 1925, o Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais. Em virtude da dificuldade para reunir os jogadores optou-se por chamar apenas os atletas do Flamengo e Fluminense. Tal feito, acabou levando os torcedores cariocas, especialmente os insatisfeitos com a convocação, de chamarem a equipe de “Combinado Fla-Flu”. O selecionado carioca ganhou o respeito popular ao se sagrar campeão do torneio aqui destacado. Porém, se o termo já havia sido cunhado, ele só se popularizou com a intervenção do jornalista Mario Filho em 1933. Nelson Rodrigues, irmão de Mario Filho, também ajudou a popularizar o clássico ao afirmar: “O Fla-Flu não tem começo. O Fla-Flu não tem fim. O Fla-Flu começou quarenta minutos antes do Nada. E, então, as multidões despertaram”. Cf. SANTOS, Ivan Maurício Monteiro dos (org.). *90 minutos de sabedoria: a filosofia do futebol em frases inesquecíveis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002, p. 37.

<sup>70</sup> LA NACION, 25 de maio de 1919, p. 9.

<sup>71</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Marcos, Píndaro, Bianco, Sérgio, Amílcar, Fortes, Millon, Neco, Friedenreich, Heitor e Arnaldo. Escalação da Seleção Uruguaia: Saporiti, Varela, Foglino, Naguil, Zibecchi, Vanzino, Pérez, Hector Scarone, Carlos Scarone, Fradín e Marán. O árbitro da partida foi o inglês R. L. Tood.

<sup>72</sup> LA NACION, 27 de maio de 1919, p. 6.

Os torcedores que acorreram para as Laranjeiras, na última quinta-feira do mês de maio de 1919, presenciaram a mais longa partida da história dos Campeonatos Sul-Americanos, ela teve 150 minutos de duração, pois o jogo terminou empatado sem gols tanto no tempo normal (90 minutos) quanto na primeira prorrogação (30 minutos). Por isso foi disputada uma segunda prorrogação (30 minutos), quando, enfim, saiu um gol.

O Brasil, após os desgastantes 150 minutos, sagrou-se campeão Sul-Americano pela primeira vez. O gol foi marcado por Friedenreich, o principal astro do futebol brasileiro, aos 3 minutos da etapa inicial da segunda prorrogação. A festa pela conquista se estendeu pelas cidades de todo o país, demonstrando a importância e a amplitude que o futebol já tinha alcançado.

Apesar da vitória, os festejos acabaram sendo interrompidos pela própria CBD no dia seguinte, 30 de maio, em virtude do falecimento, na Casa de Saúde do Dr. Pedro Ernesto, do goleiro reserva da seleção uruguaia, Roberto Chery, jogador do Peñarol. O triste acontecimento se deu no segundo jogo da Celeste, contra o Chile. Chery, nessa partida, substituiu Saporiti, o goleiro titular e, em um lance fortuito, sofreu estrangulamento de uma hérnia inguinal<sup>73</sup> e precisou ser hospitalizado. Já na clínica, o atleta foi acometido de peritonite<sup>74</sup>. Com o agravamento de seu estado de saúde, os médicos decidiram operá-lo, porém isso não foi o suficiente para salvá-lo.

Em virtude de tal desventura, as festas relativas ao encerramento da competição foram suspensas, foi decretado luto oficial de três dias no esporte brasileiro e foi cancelada a partida entre Brasil e Uruguai pela disputa da Taça Rio Branco, que estava marcada para ocorrer no dia 8 de junho.

---

<sup>73</sup> Hérnia é uma protrusão (abertura) na parede abdominal causada por sua ruptura. Ocorrem quando há protrusão de conteúdo da cavidade abdominal, normalmente parte do intestino, pelo canal inguinal. Ela pode ocorrer em vários locais como por exemplo no umbigo (hérnia umbilical) e na região inguinal (hérnia inguinal ou da virilha). Ela é bem mais comum em homens do que em mulheres. Cf. ETTINGER, João. “Hérnia Inguinal”. Disponível em: <http://www.ettinger.med.br/wp-content/uploads/2009/06/Manual-do-paciente-Hernia-Inguinal-Ettinger.pdf>. Acessado em: 1º de outubro de 2016.

<sup>74</sup> Peritonite é a inflamação do peritônio. Pode ser produzida pela entrada de bactérias através da perfuração de uma víscera (apendicite, colecistite), como complicação de uma cirurgia abdominal, por ferida penetrante no abdome ou, em algumas ocasiões, sem causa aparente. É uma doença grave que pode levar pacientes à morte. Cf. MELLO, Joamel Bruno de. “Peritonites”. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revistadc/article/viewFile/57860/60906>. Acessado em: 1º de outubro de 2016.

Por último, as delegações do Brasil e da Argentina decidiram jogar um amistoso em homenagem ao falecido arqueiro, sendo a renda destinada à família do ex-atleta uruguaio. No primeiro dia do mês de junho de 1919, as duas seleções disputaram, no Estádio das Laranjeiras, a taça oferecida pela CBD que levou o nome do arqueiro uruguaio, Taça Chery.

As duas equipes se apresentaram diante de cerca de 10 mil espectadores com muitas alterações em relação aos times que haviam se enfrentado 12 dias antes. Além disso, estava preparada uma homenagem ao jogador falecido e aos esportistas uruguaiois; os argentinos foram a campo com a camisa celeste, da Seleção Uruguaia, e os brasileiros disputaram a partida vestindo a camisa do Peñarol, clube do ex-arqueiro.<sup>75</sup>

No dia marcado, às 15h30, o árbitro uruguaio, Angel Minolli, iniciou o sexto confronto entre brasileiros e argentinos.<sup>76</sup> A partida teve baixo nível técnico, mas também muitos gols. O Brasil ficou na frente do placar por três vezes, mas acabou, em todas elas, sofrendo o empate do *scratch* rival. Pelo Brasil, Arlindo marcou duas vezes e Haroldo uma, todos no primeiro tempo. Os gols argentinos foram de Clarke e Mattozi nos primeiros 45 minutos e de Laiolo na etapa complementar. Com o empate em 3X3 a Taça Roberto Chery foi doada ao clube em que o goleiro atuava, o Peñarol.

### 3.5. OS “MACAQUITOS”: A ASCENSÃO DA RIVALIDADE.

Entre setembro e outubro de 1920 disputar-se-ia mais um Sul-Americano. Pensando na rotatividade dos países que compunham a Conmebol, definiu-se que o torneio ocorreria no Chile.<sup>77</sup> As seleções estrangeiras ficariam alojadas na bela cidade costeira de Valparaíso, porto pelo qual os marinheiros ingleses introduziram o futebol no país, seguindo inclusive a tradição de Argentina, Brasil e Uruguai, os outros participantes do campeonato.

---

<sup>75</sup> SANTOS, Newton Cesar de Oliveira. op. cit., p. 82.

<sup>76</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Dionísio, Palamonte, Bianco, Laís, Picagli, Martins, Carregal, Millon, Heitor, Arlindo e Haroldo. Escalação da Seleção Argentina: Isola, Castagnola, Reyes, Matozzi, Uslengui, Martínez, Calomino, Laiolo, Clarke, Rofrano e Taggino. O árbitro da partida foi o uruguaio A. Minolli. O Brasil trocou oito jogadores em relação ao jogo ocorrido pelo Sul-Americano enquanto a Argentina fez três alterações.

<sup>77</sup> É nesse torneio que a seleção chilena estreou sua camisa vermelha, “La Roja”, que se tornaria, com o tempo, o símbolo da equipe nacional.

As partidas não foram disputadas em Valparaíso, mas sim na cidade vizinha, que posteriormente marcaria a história do futebol brasileiro, Viña del Mar.<sup>78</sup> Paralelamente ao torneio, ocorreu um novo congresso da Conmebol que deliberou a inclusão do Paraguai na Confederação. Além disso, ficaram definidas as duas novas sedes para os Campeonatos Sul-Americanos: Argentina em 1921 e Brasil em 1922.

O Brasil vinha com a missão de defender o título obtido no ano anterior, contudo a tarefa se tornou ainda mais difícil em decorrência das, frequentes, desavenças entre cariocas e paulistas. Dos 16 jogadores convocados apenas três não eram de equipes da capital do país.<sup>79</sup>

A Argentina vinha com uma equipe reforçada e melhor organizada, queria apagar a má campanha realizada no campeonato de 1919. O Chile, além de organizar o torneio, queria conquistar sua primeira vitória em uma competição internacional.<sup>80</sup> Já o Uruguai objetivava recuperar a hegemonia no continente, após perder a final para o Brasil no ano anterior.

No dia 11 de setembro de 1920, o Brasil realizou, contra o Chile, a partida inaugural do torneio e a venceu pelo placar mínimo, gol de Alvariza, jogador do Brasil do Rio Grande do Sul. No dia seguinte ocorreu o embate entre argentinos e uruguaios, o clássico terminou empatado em um gol, Piendibene abriu o placar aos 10 minutos do primeiro tempo

---

<sup>78</sup> Foi em Viña del Mar que a seleção brasileira se concentrou e disputou suas quatro primeiras partidas na campanha pelo bicampeonato mundial na Copa de 1962. Ela só se deslocou para Santiago na disputa da semi-final quando enfrentou e venceu o selecionado anfitrião (4X2) classificando-se para a grande final contra a Tchecoslováquia, equipe que havia enfrentado e empatado por 0X0 na primeira fase do torneio em Viña del Mar. Na litorânea cidade do Pacífico o Brasil venceu o México (2X0), empatou com a Tchecoslováquia (0X0), venceu a Espanha (2X1) e derrotou a Inglaterra (3X1).

<sup>79</sup> O atrito se deu por uma disputa de pequena relevância, a Taça Ioduran – nome da fábrica de produtos farmacêuticos que oferecia um troféu ao vencedor do confronto entre os campeões de São Paulo e do Rio. Os cariocas reclamavam para si o título de 1919, alegando que os paulistas não tinham comparecido ao jogo. Os representantes de São Paulo, por sua vez, justificaram a ausência por falta de datas e exigiam a marcação de uma nova partida. Como o impasse não foi resolvido, a Apea, que representava São Paulo, decidiu não ceder os jogadores do estado para a Seleção Brasileira que disputaria o campeonato no Chile. Extremamente curioso foi o destino final da taça que tanta discórdia provocou, ela não ficou com nenhuma associação e acabou sendo doada para o Museu do Ipiranga em São Paulo. Cf. SANTOS, Newton Cesar de Oliveira. op. cit., p. 85 e SOTER, Ivan. op cit., p. 40.

<sup>80</sup> A Seleção Chilena fez sua primeira partida em 1910, quando foi derrotada pelos argentinos por 3X1. O Chile não alcançou o objetivo pretendido ao sediar o Sul-Americano de 1920, conquistar sua primeira vitória em uma competição internacional, pois foi derrotada pelo Brasil (0X1) e pelo Uruguai (1X2) e empatou com a Argentina (1X1). Sua primeiro triunfo só ocorreu em 1926, em um novo Sul-Americano disputado em casa, quando derrotou a seleção da Bolívia, estreante no torneio, por 7X1.

para a Celeste e Echeverría empataria aos 30 minutos da etapa final. O Brasil terminava a primeira rodada na liderança do campeonato, mas a partida seguinte reservaria um grande vexame.

Brasil e Uruguai se enfrentaram exatamente uma semana depois do início do campeonato, no dia 18 de setembro. Apresentando um futebol de baixa qualidade, o Brasil sofreu aquela que seria, até a Copa do Mundo de 2014, a maior goleada da sua história, um inapelável 6X0. Romano, Somma, Urdinarián e Pérez foram os autores dos gols, sendo que Somma e Romano marcaram duas vezes. Dois dias depois a Argentina não superou a equipe chilena e empatou novamente por 1X1. Devalle abriu o placar para a Argentina e Boldados empatou para os chilenos.

A rodada final começou no dia 25 de setembro com Brasil X Argentina. As duas equipes ainda sonhavam com o título, empatadas na tabela com 2 pontos, a vitória as alçaria à liderança do torneio. Depois, era torcer pela derrota do Uruguai frente ao Chile em jogo marcado para 3 de outubro. Adiantando o resultado, o Uruguai venceu o Chile por 2X1 e sagrou-se pela terceira vez, em quatro campeonatos Sul-Americanos, campeão.<sup>81</sup>

Retornando ao sábado, dia 25 de setembro, Brasil e Argentina iniciaram exatamente às 15 horas, para um exíguo público, apenas 1.500 pessoas, mais um capítulo de suas histórias.<sup>82</sup> Segundo os relatos da época, a partida foi de baixo nível técnico. O Brasil, ainda sob o impacto da inapelável derrota para os uruguaios, realizou uma partida muito melhor. Os argentinos, por sua vez, não tiveram uma boa atuação, apesar de terem alcançado o triunfo ao final. “Sem dúvida os brasileiros atuavam muito melhor do que frente aos uruguaios, porém não ocorria o mesmo com os argentinos”.<sup>83</sup>

O *match* foi o pior do atual campeonato e apesar das características dos dois quadros serem semelhantes, os brasileiros desempenharam-se com maior

---

<sup>81</sup> Os uruguaios abriram o placar aos 37 minutos do primeiro tempo com Romano. No início do segundo tempo o Chile empatou aos 15 minutos com Dominguez, mas o Uruguai reagiu e deu números finais ao confronto cinco minutos depois por meio de Pérez.

<sup>82</sup> Escalação da Seleção Argentina: Tesoriere, Cortella, Bearzotti, Presta, Dellavalle, Uslengui, Calomino, Libonatti, Badalini, Echeverría e Miguel. Escalação da Seleção Brasileira: Kuntz, Telefone, Martins, Japonês, Sisson, Fortes, Zezé, Constantino, Castelhana, Junqueira e Alvariza. O árbitro da partida foi do uruguaio M. Apesteguy.

<sup>83</sup> LA NACION, 26 de setembro de 1920, p. 7.

ajuste, não é menos certo que nenhum deles esteve a altura das circunstâncias.<sup>84</sup>

O Brasil pressionava o seu adversário e aos 30 minutos teve a grande oportunidade de abrir o placar após o pênalti cometido pelo zagueiro Bruzonne. O encarregado para a cobrança foi Telefone (chamado de Netto pelo La Nacion), zagueiro do Flamengo, que chutou para a grande defesa do goleiro Tesorieri, talvez o maior nome da partida. O “castigo” se deu dez minutos depois, após cruzamento de Calomino, Echeverría decretou o placar do primeiro tempo: Argentina 1X0.

O Jornal do Brasil afirmou: “Shotamos muito em goal e arrematamos com calma os lances decisivos. Porém, Tesorieri, keeper platino, deu para jogar assombrosamente, pegando pelotaços impossíveis, até em ocasiões em que caído se encontrava”.<sup>85</sup>

O segundo tempo foi mais equilibrado e a Argentina chegaria ao seu segundo gol aos 28 minutos, após outro passe preciso de Calomino. Agora o gol foi marcado pelo atacante Libonatti.<sup>86</sup> O Brasil pressionou o restante do jogo sem alterar o marcador, vitória argentina por 2X0. Se o Uruguai se sagrou campeão pela terceira vez em quatro campeonatos, a Argentina também amargava, pela terceira vez, o vice-campeonato.

O Jornal do Brasil ressaltou em seu texto os vários chutes dados pelos atacantes brasileiros e a primorosa atuação do arqueiro argentino. Ele finalizou ressaltando a superioridade da equipe rival: “Terminado o seguido (sic) tempo os argentino (sic) tinham dous pontos e os brasileiros zero. A impressão geral é que a equipe argentina é melhor”.<sup>87</sup>

---

<sup>84</sup> Idem, ibidem.

<sup>85</sup> JORNAL DO BRASIL, 26 de setembro de 1920, p. 8.

<sup>86</sup> Julio Libonatti (Rosário, 5 de julho de 1901 – Rosário, 9 de outubro de 1981). Começou a sua carreira no Newell's Old Boys equipe pela qual jogou entre 1919 e 1924. No ano seguinte, 1925, defendeu a equipe italiana do Torino e com isso tornou-se o primeiro jogador sul-americano a se transferir para o futebol europeu. Jogou por 12 temporadas no futebol italiano e defendeu 3 equipes: Torino (1925-1932); Genoa (1934-1936) e Rimini (1936-1937). Pela seleção argentina, entre 1917 e 1925, atuou 15 vezes marcando 8 gols, sendo o mais importante o marcado no Campeonato Sul-Americano de 1921, diante do Uruguai, que deu o primeiro título do torneio para os argentinos. Após sua transferência para a Itália ganhou o apodo de “Matador” e passou a atuar pela seleção daquele país. Atuando pela *Azzurra* atingiu uma média ainda melhor, participou de 17 partidas e marcou 15 gols. Libonatti enfrentou o Brasil em três oportunidades: venceu duas delas (Sul-Americanos de 1920 e 1921) e perdeu uma (Sul-Americano de 1922). Marcou dois gols, exatamente nas partidas em que saiu vencedor.

<sup>87</sup> JORNAL DO BRASIL, 14 de outubro de 1920, p. 11.

Não era apenas o futebol brasileiro que passava por dificuldades na organização interna. O mesmo se sucedia no país vizinho que vivenciava uma cisão entre seus dirigentes com a criação da *Asociación Amateurs de Football* que lutava contra a *Asociación Argentina de Football*, única entidade reconhecida pela FIFA para representar o futebol local. As cizânias internas, até então, não atingiam o relacionamento entre os dois selecionados. “Muito pelo contrário: o clima de respeito e cordialidade permanecia intacto, independentemente dos resultados das partidas entre as duas equipes”.<sup>88</sup> Porém, tal realidade sofreria um duro golpe, extracampo. Ainda durante o Sul-Americano no Chile, brasileiros e argentinos combinaram realizar um amistoso em Buenos Aires, contudo os comentários do jornalista uruguaio, Antonio Palacio Zinho, iriam “azedar” o clima.

O relato de Newton César de Oliveira Santos demonstra o caráter cordial existente entre os dois selecionados.

A travessia da Cordilheira dos Andes rumo a Santiago do Chile, que levou cerca de 12 horas a partir da cidade de Mendoza, foi feita em conjunto com a delegação argentina. Além disso, as duas seleções ficaram hospedadas no mesmo hotel em Valparaíso, e durante o torneio continental foi acertada uma partida amistosa entre os dois selecionados a ser realizada em Buenos Aires, uma vez que a delegação brasileira faria ali uma escala antes de regressar de navio ao Rio de Janeiro. O jogo foi marcado para o dia 3 de outubro, no campo do *Club Sportivo Media Vuelta*, e a renda seria revertida para a entidade assistencial *Huérfanos Militares*.<sup>89</sup>

A partida ficou acertada para ser disputada no dia 3 de outubro, mas, em virtude das fortes chuvas que castigaram a capital da Argentina, a data foi remarcada para três dias depois, 6 de outubro. Os brasileiros, como de costume, foram muito bem recebidos pelos dirigentes argentinos. No dia anterior ao enfrentamento, 5 de outubro, o diário local “La Razón” chegou a publicar um artigo elogiando os dirigentes e jogadores brasileiros que participaram da competição sul-americana no Chile, artigo que foi replicado integralmente no Jornal do Brasil do dia 6 de outubro de 1920.

O jornal “La Razon” publica hoje o seguinte artigo: No dia 8 do corrente, deve embarcar a bordo do paquete “Avon”, com destino à sua pátria, a delegação desportiva que o Brasil enviou ao Chile, para disputar Terceiro Campeonato Sul-Americano de Football. A forma por que, tanto nas

---

<sup>88</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 86.

<sup>89</sup> Idem, ibidem, p. 86-87.

reuniões sociais, como nas lutas desportivas, se conduziu essa delegação, constituiu, a nota de maior destaque do importante certamen (...).

Contrariamente ao que acontece em outros países, no Brasil, os *clubs* de *football* caracterizam-se pelo selecto elemento de que são compostos, e por isso a representação enviada às justas internacionais, como a da recente data, lhes dá a oportunidade de deixar perfeitamente firmado o conceito de distinção e estima em que são tidos.

(...)

Se já entrou no pleno domínio da realidade a confraternização entre os povos dos dois países, também é de benefício indiscutível o intercâmbio intelectual e commercial que se obtém em visitas como esta. Estabeleceu-se uma profunda ligação entre os desportistas brasileiros e argentinos durante a sua estadia no Chile.

(...)

Em signal de atenção pelo povo de Buenos Aires, em cujo seio gozam merecidamente de uma funda *sympathia*, os jogadores brasileiros deliberaram medir-se, antes da sua partida, na próxima quarta-feira, com a equipe argentina.<sup>90</sup>

Enfim, ninguém podia imaginar que alguma coisa abalaria duramente o clima de cordialidade existente.

Na véspera da partida, a *Asociación Argentina de Football* convidou os jogadores e dirigentes brasileiros a uma excursão pelo Rio Tigre, nos arredores de Buenos Aires. Ali, o vice-presidente da entidade argentina, Alejandro Mohr, convidou formalmente a delegação brasileira a um jantar a ser celebrado na noite seguinte, logo após o jogo entre as duas seleções. Antes, porém, os brasileiros teriam outro compromisso: seriam homenageados em um *lunch* oferecido pela comissão diretora do Club Barracas, para o qual foram convidados todos os sócios do clube, incluindo o prefeito da cidade, Dr. José Luis Cantilo.<sup>91</sup>

O uruguaio Antonio Palacio Zino, enviado do diário argentino “Crítica” ao Chile e que também havia estado no Brasil no torneio de 1919, começou a tecer duras críticas de forte teor racista em relação aos brasileiros. Em artigo publicado no periódico no qual trabalhava utilizou algumas vezes a palavra “macacos” para se dirigir aos brasileiros.

Os macacos são tão pouco sinceros que no *match* entre argentinos e chilenos apresentaram como árbitro a um desavergonhado de sobrenome De Maria que jamais havia atuado como *referee*, com o único e exclusivo objetivo de criar uma situação difícil entre chilenos e argentinos.<sup>92</sup>

---

<sup>90</sup> JORNAL DO BRASIL, 6 de outubro de 1920, p. 8.

<sup>91</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 87.

<sup>92</sup> CRITICA, 28 de setembro de 1920, p. 8.

Os ataques continuaram quando descreveu a partida entre Brasil e Argentina, momento em que o jornalista inclusive criticou a atuação dos últimos, que só lograram a vitória em virtude do grande desempenho realizado pelo arqueiro Tesoriere:

Hoje Sábado 25 se jogou a partida entre Argentinos e Brasileiros. Nossa equipe perdeu todo o prestígio que havia adquirido em suas duas apresentações anteriores e só o magnífico trabalho de Tesoriere evitou um empate de dois ou três gols.

Os macacos bombardearam, melhorando muito sua performance do *match* contra os uruguaios. O goleiro Kuntz voltou a repetir as suas boas jogadas do *match* contra os chilenos.<sup>93</sup>

O diário argentino publicou novo texto racista e depreciativo em relação ao Brasil, assinado por um articulista que se denominava Mister Bull, no dia 2 de outubro.

O Chile para mim é o inverso do Brasil em termos de impressões. Fui ao país do norte acreditando encontrar um foco de civilização sul-americana e salvo raras exceções só encontrei gente de cor. O Chile, em troca, volto a repetir, constitui uma surpresa para o estrangeiro.

(...)

No Brasil há, em relação à Argentina, mais inveja que ódio, essa inveja e esse ódio que separa brancos e negros em todas as partes do mundo. Porém, deixemos os *macaquitos* do norte para ocupar-nos de coisas de valia (...).<sup>94</sup>

Os ataques não terminaram. No dia seguinte, 3 de outubro, o jornalista uruaio, radicado em Buenos Aires, Antonio Palacio Zino, que já havia escrito no dia 28 de setembro um artigo bastante desagradável e racista, agora foi muito mais enfático, ferino e agressivo. Além do texto, havia uma imagem representando a delegação brasileira, jogadores e dirigentes e que possui como legenda: “Os pavorosos componentes de um quadro célebre”.<sup>95</sup>

O artigo não era grosseiro apenas com os jogadores e dirigentes presentes em Buenos Aires. Ele atacava indiscriminadamente toda a população brasileira, em especial as mulheres. O primeiro parágrafo já dava o tom do que se seguiria: “E estão os *macaquitos* em terra Argentina. Esta tarde será necessário ligar a luz às 4 da tarde. Os vimos passear pelas ruas aos *saltitos*”.<sup>96</sup>

---

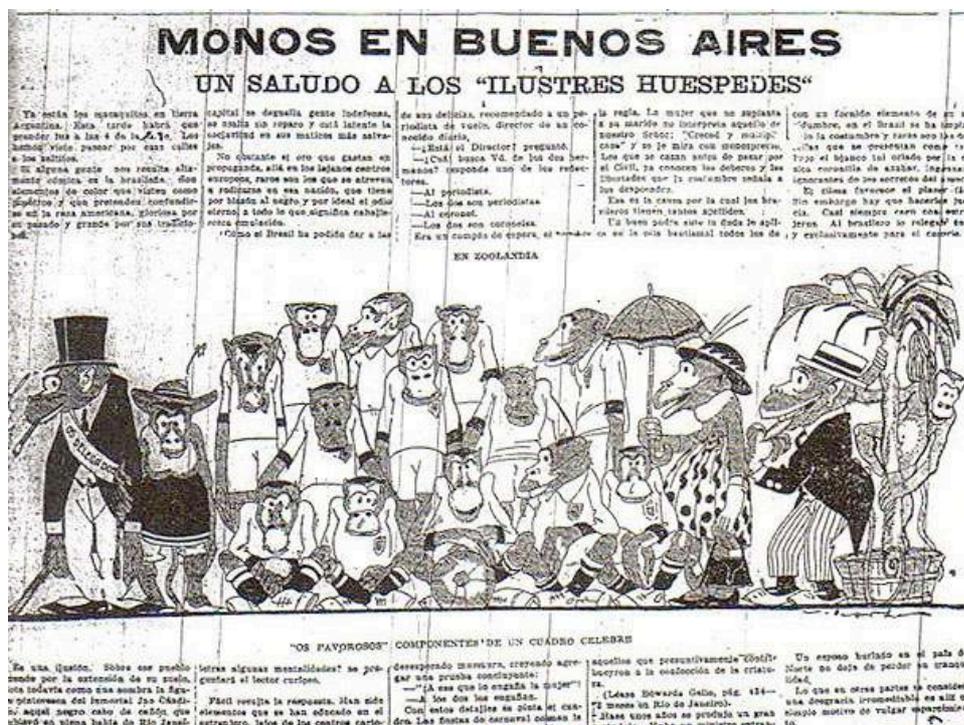
<sup>93</sup> Idem, ibidem.

<sup>94</sup> CRITICA, 2 de outubro de 1920, p. 8.

<sup>95</sup> Idem, 3 de outubro de 1920, p. 2.

<sup>96</sup> Idem, ibidem, p. 2.

Figura 4: Jornal Crítica – A presença do Brasil em Buenos Aires no retorno do Sul-Americano de 1920 disputado no Chile na visão do jornalista Antonio Palacio Zino<sup>97</sup>



O jornalista uruguaio, como ressaltado, esteve no Brasil em 1919 cobrindo o Campeonato Sul-Americano e suas impressões editadas no dia 3 de outubro de 1920 estariam também, segundo ele, relacionadas à experiência que tivera no Rio de Janeiro. As agressões de caráter mais geral parecem não ter fim.

Se alguma pessoa nos resulta altamente cômica é a brasileira. São elementos de cor que se vestem como nós e que pretendem confundir-se na raça americana, gloriosa pelo seu passado e grande por suas tradições.<sup>98</sup>

A junção Carnaval e mulher é assim entendida:

Nesses dias os maridos saem, enquanto suas esposas fazem a farra que quiserem. Por isso cada vez que nasce uma criança, o primeiro que fazem os pacíficos cônjuges é percorrer o quarteirão para descobrir a que vizinho se parece a criatura.<sup>99</sup>

<sup>97</sup> Idem, ibidem, p. 2.

<sup>98</sup> Idem, ibidem, p. 2.

<sup>99</sup> Idem, ibidem, p. 2. Optou-se por apresentar o original, em virtude da tradução realizada para a palavra “chiquillo”. “En esos días los maridos se abren, mientras sus esposas corren la juerga como les da la gana. Por eso que cada vez que nace un chiquillo, lo primero que hacen los pacíficos cónyuges es recorrer la manzana, para descubrir a que vecino se parece la criatura”. Chiquillo foi traduzido como criança, mas é um termo com características mais pejorativas, pode ser entendido como moleque.

Ou ainda:

Em algumas regiões o adultério é a regra. (...) Essa é a razão pela qual os brasileiros possuem tantos sobrenomes. Um bom pai diante da dúvida aplica na pia batismal todos aqueles que presuntivamente contribuíram para a confecção da criatura.<sup>100</sup>

Somente no final do artigo o autor mostra alguma “consideração” ou “condescendência”, apesar de carregada de ironia. Ele deseja que os jogadores brasileiros sejam bem recebidos e que levem de volta ao seu país uma boa impressão da estadia, “afinal de contas são também Sul-Americanos”.<sup>101</sup>

Os brasileiros só tomaram conhecimento do artigo exatamente no dia em que enfrentariam a Seleção Argentina, ou seja, três dias depois de sua publicação. O capitão da equipe, Augusto Maria Sisson, indignado, ao tomar conhecimento da reportagem, reuniu os jogadores e solicitou que eles não participassem da partida como protesto às agressões proferidas. Os atletas se dividiram. Alguns ficaram profundamente revoltados com o artigo e concordaram com os argumentos apresentados pelo capitão brasileiro, mas outros entendiam que era preciso retribuir o tratamento respeitoso e cortês que lhes foi dedicado por parte dos dirigentes e jogadores argentinos, por isso deveriam realizar a partida.

É ainda interessante perceber que os periódicos argentinos também não repercutiram a matéria. O *La Nacion* do dia 6 de outubro inclusive anunciou o enfrentamento e as escalafões dos dois selecionados.

No campo do clube Sportivo Barracas, ruas Irriarte e Luzurriaga, será jogado esta tarde, às 15, um *match* internacional entre as equipes brasileira e argentina, que participaram no último campeonato sul-americano, realizado no Chile.

Os quadros estarão assim constituídos:

Brasileiros: Ayrton; Neto e Fortes; Martins, Sisson y Rodrigo; J. Carlos, Constantino; Castelhanos, Junqueira e Alvarisa.

Argentinos: Tesoriere; Cortella y Bearzotti; Frumento, Delavalle y Bruzzone; Calomino, López, Lucarelli, Echeverría y Miguel. Suplente, M. Martínez.

Dirigirá o encontro o árbitro D. F, Díez.<sup>102</sup>

---

<sup>100</sup> Idem, ibidem, p. 2.

<sup>101</sup> Idem, ibidem, p. 2.

<sup>102</sup> LA NACION, 6 de outubro de 1920, p. 7.

Antonio Palacio Zino, em mais um lance de ousadia, foi até o hotel em que os brasileiros estavam hospedados e lá, após ser reconhecido, foi agredido pelo capitão da Seleção Brasileira. Segundo Newton César de Oliveira Santos: “Quando identificado, foi agredido por Sisson, cena que o jogador Constantino, que a presenciou junto com dezenas de pessoas, classificou como um ‘corretivo’”.<sup>103</sup>

O “corretivo” aplicado no jornalista não findou o impasse entre os atletas brasileiros. Uma parte deles decidiu não participar da partida, apesar dos esforços dos demais em demovê-los de tal decisão. Na hora marcada – 15 horas – os argentinos foram para o campo, mas nem sinal dos jogadores brasileiros. Apenas uma hora depois chegaram de táxi seis atletas do Brasil.

Os motivos do atraso e da desistência dos outros jogadores foi explicada e debateu-se a possibilidade de cancelamento da partida. No entanto, isso poderia trazer novas dificuldades afinal mais de três mil torcedores estavam presentes para o encontro. Diante dos pedidos dos dirigentes argentinos, os brasileiros foram para o campo. A equipe foi inicialmente completada com o Dr. Osvaldo Gomes, chefe da delegação do Brasil,<sup>104</sup> assim como por mais quatro jogadores argentinos: Balgorri, Rosado, Solari e Castro.

O público, ao perceber a presença de argentinos no quadro brasileiro, se sentiu ludibriado e não aceitou tal “remendo”. Em sinal de protesto, passou a vaiar e a atirar todos os tipos de objeto no gramado. Apesar do clima hostil, o árbitro da partida, o argentino F. Díez deu início ao jogo às 16h20, porém, os protestos recrudesceram e em minutos ele foi interrompido.

Como não seria possível devolver o dinheiro para os espectadores, ficou decidido que a partida seria reiniciada, mas com um número menor de jogadores, sete para cada lado, para que o Brasil não precisasse contar com os atletas argentinos.<sup>105</sup> O jogo transcorreu com

---

<sup>103</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 89.

<sup>104</sup> Osvaldo Gomes era ex-jogador de futebol, inclusive enfrentou os argentinos em 1914.

<sup>105</sup> Escalação da Equipe Argentina: Tesorieri, Cortella, Bearzotti, Bruzzone, Calomino, Lucarelli e Echeverría. Escalação da Equipe Brasileira: Ayrton, Constantino, Osvaldo Gomes (Chefe da Delegação), Kuntz, João, Castelhana e Alvariza. Destaca-se que Kuntz e Ayrton eram os goleiros, titular e reserva respectivamente, do Brasil. Na partida, Ayrton assumiu o gol enquanto Kuntz jogou de zagueiro. O leitor também pode perceber que não foi utilizado o termo “seleção” ao destacar as escalações dos dois times, mas sim equipe, afinal o jogo, como destacado, não foi contabilizado como um enfrentamento entre os países.

tranquilidade e no final o placar de 3X1 foi favorável para os donos da casa. Ressalte-se que a partida acabou não tendo sido computada nas estatísticas dos jogos entre as duas equipes pelos seus respectivos órgãos dirigentes.

O *La Nacion*, publicado no dia seguinte à partida, não explicou a verdadeira causa de vários jogadores brasileiros terem desistido de participar do amistoso. O periódico ressaltou apenas que ocorreram divergências internas na delegação visitante e que o jogo, desde o início, estava perseguido pela má sorte.

Tinha nosso público verdadeiro interesse por presenciar a partida amistosa em que iam jogar, no campo do Sportivo Barracas, as equipes brasileira e argentina que participaram no recente Campeonato Sul-Americano, realizado em Viña del Mar; porém, sem dúvida, a má sorte perseguiu esse *match*.

Foi primeiro a chuva que obrigou a suspendê-la no último domingo e ontem outras causas não menos sensíveis determinaram a realização do encontro em condições tais, que a luta nem sequer foi um pálido reflexo do que, logicamente, se esperava.

(...)

Havia chegado ao campo de jogo somente seis jogadores brasileiros, pois o resto dos que iam formar o time se negaram, no último momento, a participar do jogo, por divergências internas, sem que dessem resultado as gestões que se fizeram a fim de que desistissem de tal propósito.<sup>106</sup>

Os argentinos, entendendo os motivos da indignação brasileira e com o intuito de não agravar a situação, apesar do mal-estar causado pela ausência de parte dos atletas visitantes no jogo, mantiveram a programação previamente estabelecida em homenagem à delegação do Brasil, inclusive, nesses encontros, dirigentes, jornalistas e autoridades argentinas e até uruguaias repudiaram o artigo publico no diário *Critica*.

A repercussão do caso foi grande e houve até um pedido formal de esclarecimentos e retratação realizada pelo embaixador brasileiro em Buenos Aires, Dr. Pedro Manuel de Toledo. O governo argentino, por sua vez, entrou com um processo judicial contra o diário e um pedido de expulsão de seus redatores, todos uruguaios.

Mas a polêmica estava longe de acabar. Ainda no dia 7, Antonio Palacio Zino, defendeu-se das acusações que sofria. Segundo ele, o artigo que havia publicado dias antes

---

<sup>106</sup> LA NACION, 7 de outubro de 1920, p. 7.

era apenas uma resposta aos ataques que a imprensa carioca lhe tinha desferido. Também alegou que, durante o torneio no Chile, ele havia sido constantemente provocado pelos atletas brasileiros e que inclusive o capitão Sisson, havia, na estação *Los Andes*, sacado um revólver em direção ao periodista.<sup>107</sup>

Finalmente, destacou que no ano anterior a Seleção Argentina havia sido muito mal recebida no Brasil quando da disputa do Sul-Americano de 1919. Tal recepção inclusive teria gerado um documento de repúdio assinado pelos seguintes atletas da albiceleste: Isola, Barcus, Castagnola, Cortella, Reyes, Sande, Mattozi, Cilley, Olazar, Felices, Matínez, Scoffano, Perinette, Taggino, Bricetto, Izaguirre, Clarke, Martín, Rofrano, Laiolo, Calomino e Favre.<sup>108</sup>

Ao lado da defesa de Zino foi publicada uma nova ilustração provocativa e que tratava, em tom satírico, das críticas feitas às caricaturas de macacos publicadas pelo jornal. O título, em francês dizia: “O macaco da América”. Nela aparece um professor com traços simiescos, vestido com uma folha, escrevendo na lousa palavras relacionadas a “macaco” e sendo assistido por alunos-macacos.

**Figura 5: O Macaco da América**<sup>109</sup>



<sup>107</sup> CRÍTICA, 7 de outubro de 1920, p. 8.

<sup>108</sup> Idem, ibidem, p. 8.

<sup>109</sup> Idem, ibidem, p. 8.

A delegação brasileira embarcou no vapor “Avon” com destino ao Rio de Janeiro no dia 8 de outubro e, demonstrando o espírito de boa vontade e o clima de cordialidade que deveria perdurar entre os dois países, vários dirigentes e jogadores argentinos foram ao porto de Buenos Aires se despedir dos visitantes.

O Jornal do Brasil, em sua edição de 13 de outubro, deu a conhecer ao público brasileiro os detalhes escritos por Antonio Palacio Zino. O título da matéria já demonstrava o tom do artigo: “Um inimigo do Brasil”. Nele, além de mencionar a reação das autoridades argentinas, que solicitaram a expulsão do jornalista do país, estampou a sua foto: “Estampamos hoje o retrato do famigerado jornalista como um auxílio a Polícia Marítima, ao mesmo tempo que esse typo já foi expulso de seu próprio paiz, o Uruguay”.<sup>110</sup>

Posteriormente, tomou-se conhecimento que o ambiente da Seleção Brasileira era bastante conturbado e que vários casos de indisciplina foram verificados durante a permanência da delegação no Chile e na Argentina. É importante ressaltar que os atletas que participaram da partida em Buenos Aires passaram a ser tratados como “indesejáveis” pelos seus companheiros. A edição também não poupou críticas ao jornalista uruguaio que, nas palavras do jornal, escreveu um artigo que insultava o Brasil e a família brasileira.

Infelizmente, o regresso da delegação brasileira ao 3º Campeonato Sul-Americano de Football não se fez, como era de desejar, isto é, em boa harmonia.

As desintelligencias verificadas entre alguns membros da delegação, desde a nossa chegada a Valparaíso, a indisciplina de certos elementos, a falta de numerário sufficiente para occorrer às despezas necessárias, tudo motivado mais pela fraca direcção, concorreram para que essa desagradável situação se fosse acentuando cada vez mais, até que em Buenos Aires teve ella um character franco, capaz de se tornar insustentável se alli nos demorássemos por mais tempo.

Nesta Capital, amarguraram mais a nossa permanência os pesados insultos que diariamente nos dirigia um jornaleco, à cuja frente se encontra a figura nojenta, asquerosa e repellente de um indivíduo sem classificação e que, infelizmente, já esteve em nosso paiz, recebendo por essa occasião, dos nossos homens de Sport e mesmo da nossa imprensa acatamento immerecido.

(...)

Um seu artigo extremamente insultuoso ao Brasil e à família brasileira, illustrado com uma gravura já reproduzida num vespertino desta Capital (...).

(...) Na tarde desse domingo, a audácia do pasquim redobrou de intensidade, chegando a atacar a honra da família brasileira. A’vista de tal, resolveu um

---

<sup>110</sup> JORNAL DO BRASIL, 13 de outubro de 1920, p. 8.

grupo de jogadores não disputar mais nenhum jogo em Buenos Aires, e considerar sem dignidade o brasileiro que entrasse em campo. Chegando o dia da partida, sete rapazes brasileiros deram entrada na cancha! Foi quando ficou, então, estabelecido o afastamento desses *players*, pelos seus companheiros como indesejáveis.<sup>111</sup>

### 3.6. DÉCADA 1920: O RACISMO, AS DESAVENÇAS E AS PRIMEIRAS BRIGAS CAMPAIS.

O futebol argentino iniciou a década de 20 enfrentando uma nova divisão entre os seus dirigentes, fato que se reforçou quando o país foi escolhido para sediar o Sul-Americano de 1921. Tanto a *Asociación Argentina de Football* – filiada a FIFA – quanto *Asociación Amateurs de Football* promoviam seus próprios campeonatos. A primeira contava com dez integrantes dentre os quais se pode destacar duas equipes: Boca Juniors e Estudiantes de La Plata. A segunda contava com vinte participantes, podendo-se destacar, de imediato, quatro deles: River Plate, San Lorenzo, Independiente e Racing.

A disputa entre as duas associações atingiu a própria organização do Sul-Americano. Por ser a entidade reconhecida pela FIFA e pela Conmebol (Confederação Sul-Americana de Futebol) a *Asociación Argentina de Football* ficaria responsável pelo torneio. A sua rival, a *Amateurs*, agiu de todas as formas possíveis para prejudicar a realização do evento, chegando a enviar representantes ao Uruguai e ao Chile com o intuito de convencê-los a não participar do campeonato. Se o primeiro não acatou a solicitação da *Amateurs*, o mesmo não aconteceu com o Chile, que pela primeira vez deixou de disputar o torneio continental. Sua ausência acabou sendo suprida pela estreia do Paraguai nesta competição.

O futebol brasileiro, igualmente ao argentino, enfrentava fortes dissidências internas. A Apea (Associação Paulista de Esportes Atléticos) e a CBD continuavam brigando tendo ainda como razão a disputa pela Taça Ioduran.<sup>112</sup> Em virtude da interminável disputa, carregada do bairrismo, entre cariocas e paulistas, a lista dos convocados para disputar o Sul-Americano na Argentina não contou com jogadores que atuavam no futebol de São Paulo.<sup>113</sup>

---

<sup>111</sup> Idem, 22 de outubro de 1920, p. 10.

<sup>112</sup> Taça Ioduran – Vide nota 72.

<sup>113</sup> Se os atletas paulistas estavam ausentes, também foi a primeira que se convocou jogadores que atuavam no Paraná, foram eles: Pena e Maxambomba (apelido de José Francisco Bermudes) que jogavam pelo Coritiba. Todos os outros 15 jogadores atuavam no futebol do Rio de Janeiro.

Certamente as disputas entre paulistas e cariocas tinham questões muito mais profundas do que o simples controle do futebol brasileiro. No período da Primeira República (1889-1930), São Paulo consolidou sua liderança econômica, ancorado na expressiva produção cafeeira, porém o Rio de Janeiro se mantinha como o centro do poder político, era a capital da República. Logo, o que ocorria no futebol não era um fato isolado, mas reverberava a enorme rivalidade econômica e política.

Segundo Fábio Franzini a partir da análise realizada por Leonardo Affonso Miranda de Pereira:

(...) os repetidos jogos envolvendo equipes e selecionados cariocas e paulistas ao longo do período fizeram com que a rivalidade das duas cidades, de início fomentada pela imprensa e pelos próprios *sportsmen*, ganhasse um caráter muito mais amplo. Amplo a ponto de configurar como um ‘grande embate de raças distintas’ ou mesmo de ganhar as manchetes dos jornais com força semelhante, quando não superior, à do já tradicional antagonismo entre argentinos e brasileiros<sup>114</sup>

Ainda mais grave que a dissidência entre as principais federações do país e, provavelmente, ainda como consequência dos artigos de Antonio Palacio Zino, publicados no ano anterior, surgiu a notícia de que o próprio presidente da República, Epitácio Pessoa, teria solicitado aos dirigentes da CBD que não convocassem jogadores negros para a competição que ocorreria em Buenos Aires.

Cesarino Cesar escreveu para o diário carioca “O Paiz” artigo denominado: “O Sul-Americano Negros e Mulatos – o preconceito da raça preocupa o mundo desportivo”.

Discute-se acaloradamente, trocam-se idéias baseadas nas mais sólidas argumentações, sob o comentário que, correndo vertiginosamente, invadiu todas as rodas desportivas! É público e notório é que os nossos *sportsmen* comentam, talvez sem razão de ser, que os dirigentes do Sport nacional não querem, de maneira alguma, incluir no quadro que deve partir para Buenos Aires, representando o Brasil nas lutas do campeonato sul-americano, a travar-se em setembro próximo, jogadores de “cor”!<sup>115</sup>

---

<sup>114</sup> FRANZINI, Fabio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. São Paulo: DP&A editora, 2003, p. 19. Cf. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit., p. 154-164.

<sup>115</sup> O PAIZ, 27 de julho de 1921, p. 8.

A notícia, boato ou não, ganhou as ruas do Rio de Janeiro com a força de uma bomba, pois transformava “o que era até então uma certeza muda, em uma proibição aberta e franca”.<sup>116</sup> O mal estar respingou no presidente quando:

Por ter o governo auxiliado em 50:000\$000 a Confederação Brasileira de Desportos para que essa pudesse mandar sua representação para o campeonato sul-americano, o próprio presidente Epitácio Pessoa – que já era então membro de honra da entidade – teria feito a ela uma exigência: “a não ida para o Rio da Prata de jogadores que não sejam rigorosamente brancos”. A questão deixava assim de ser uma simples resolução de diretores esportivos para tornar-se um assunto oficial, acirrando ainda mais as discussões.<sup>117</sup>

A CBD se apressou a negar a informação, desmentido em nota oficial tanto a intervenção presidencial quanto as supostas restrições à convocação de jogadores de cor, porém, as notícias oficiais perdiam a força a partir de uma constatação: nenhum atleta negro fora convocado. “Nos campos, continuava a ser branca a imagem do selecionado brasileiro que se preparava naquele ano para o sul-americano”.<sup>118</sup>

**Figura 6: Os titulares do Brasil no Sul-Americano de 1921 publicado no semanário argentino El Gráfico: ausência de negros<sup>119</sup>**



<sup>116</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit., p. 176.

<sup>117</sup> Idem, ibidem, p. 176-177.

<sup>118</sup> Idem, ibidem, p. 177.

<sup>119</sup> EL GRÁFICO, 8 de outubro de 1921, p. 3.

Argentina e Brasil abriram o campeonato no domingo, 2 de outubro de 1921. Era o primeiro confronto oficial entre as duas seleções, após todos os problemas causados pelos artigos publicados por Antonio Palacio Zino. Havia um clima de incerteza sobre o comportamento das duas equipes. O que prevaleceu foi o ambiente de cordialidade habitual entre os atletas. Os anfitriões entraram em campo levando consigo “bandeirinhas brasileiras que, carinhosamente, foram entregues aos dignos adversários. Os brasileiros, recebendo essa delicada manifestação de apreço e cordialidade, responderam aos seus colegas argentinos com *hurrahs*”.<sup>120</sup>

O Brasil foi a campo, no estádio do *Club Sportivo Barracas*, apenas com jogadores cariocas e logo no início do jogo viu seu atacante, Nonô, machucar-se em um choque com Adolfo Celli, zagueiro argentino. Com um jogador a menos, a Argentina passou a pressionar e aos 27 minutos do primeiro tempo marcou, por intermédio de Julio Libonatti, o seu gol.<sup>121</sup>

O Brasil praticamente não atacou no segundo tempo, em virtude da contusão de Nonô. A Argentina, aproveitando-se da situação, pressionou bastante a defesa brasileira, sem conseguir chegar ao seu segundo gol, em razão das diversas intervenções realizadas pelo goleiro brasileiro, Kuntz, que se tornou um dos grandes nomes da partida e do campeonato.<sup>122</sup>

Ante um público de mais de 25.000 pessoas, se iniciou o Campeonato Sul-Americano de futebol no campo do *Club Sportivo Barracas* – a equipe argentina obteve uma esplêndida vitória, vencendo o brasileiro por 1 gol a 0 – Libonatti marcou o tento argentino, com um tiro indefensável. O goleiro brasileiro fez defesas magistrais que lhe valeram contínuos aplausos.<sup>123</sup>

Nonô, que havia se contundido na partida inaugural, não voltou a jogar no campeonato e foi substituído por Frederico. O Brasil realizou mais duas partidas. Na primeira,

<sup>120</sup> FOLHA DA NOITE, 3 de outubro de 1921, p. 5.

<sup>121</sup> Escalação da Seleção Argentina: Tesoriere, Celli, Bearzotti, A. López, Dellavalle, Solari, Calomino, Libonatti, Gabino Sosa, Echeverría e Chavín. Escalação da Seleção Brasileira: Kuntz, Barata, Telefone, Laís, Alfredinho, Dino, Zezé, Candiota, Nonô, Machado e Orlando. O árbitro foi o uruguaio R. Vallarino. O jornal Folha da Noite, assim como o Jornal do Brasil em suas edições de 3 de outubro informam que o gol argentino foi marcado por Soza, porém outras publicações, dentre elas o *El Gráfico*, os compêndios como o de Ivan Soter e Newton César e os dados oferecidos pela CBF e a AFA afirmam que o gol foi de Libonatti.

<sup>122</sup> Ao final do jogo, apesar de derrotado, o goleiro brasileiro foi carregado nos braços por torcedores argentinos. Sua atuação foi tão destacada ao longo do Sul-Americano que ele recebeu o apelido de “El Colosso” e ainda foi homenageado com um tango com o mesmo nome composto pelo maestro e violinista uruguaio Francisco Canaro.

<sup>123</sup> EL GRÁFICO, 8 de outubro de 1921, p. 12-13.

no dia 12 de outubro, venceu a equipe estreante, o Paraguai, pelo placar de 3X0, com dois gols de Machado e um de Candiota. No seu último jogo foi derrotado pelo Uruguai por 2X1, com dois gols de Romano para a equipe vencedora e um de Zezé. No saldo de gols, o Brasil conseguiu conquistar o vice-campeonato.<sup>124</sup>

A Argentina, após derrotar seu rival platino pelo placar de 1X0, com outro gol de Libonatti, diante de mais de 35 mil torcedores, conquistou seu primeiro título internacional com uma campanha irretocável, 3 jogos, 3 vitórias, 7 gols marcados e sem sofrer um único gol. Após o jogo os torcedores foram festejar no centro da cidade o título conquistado.

O Sul-Americano retornou ao Brasil em 1922, ano em que se comemorava o centenário de sua independência.<sup>125</sup> Os dois países haviam eleito seus novos presidentes, porém as expectativas eram opostas. Na Argentina o escolhido foi Marcelo T. Alvear, tranquilizando parcialmente as classes proprietárias. No Brasil, Artur Bernardes tomou posse em 15 de novembro de 1922, sofrendo forte contestação. Exerceu seu mandato de quatro anos quase inteiramente em estado de sítio e enfrentando forte oposição dos denominados tenentistas.<sup>126</sup>

O mandato de Alvear foi de seis anos, de outubro de 1922 até o mesmo mês de 1928. A economia argentina apresentou no período o maior nível de prosperidade da sua história, muito em função do aumento no volume das exportações ocorrido desde o fim da I Guerra Mundial. Durante o seu governo foi criada a YPF (*Yacimientos Petrolíferos Fiscales*), a estatal responsável pela produção de petróleo no país. O cenário existente gerou um clima de tranquilidade e o desenvolvimento econômico que, como não poderia deixar de ser, favoreceu inclusive a imprensa.

---

<sup>124</sup> Brasil 0 X1 Argentina, Brasil 3X0 Paraguai e Brasil 1X 2 Uruguai – 2 pontos e saldo de gols de +1; Uruguai 1X2 Paraguai, Uruguai 0X1 Argentina e Uruguai 2X1 Brasil – 2 pontos e saldo de -1 gol. Paraguai 2X1 Uruguai, Paraguai 0X3 Brasil e Paraguai 0X3 Argentina – 2 pontos e saldo de -5 gols.

<sup>125</sup> Inicialmente o Sul-Americano estava previsto para ser disputado no Chile, porém a CBD, em virtude dos festejos pelo centenário da independência brasileira, pressionou e conseguiu a alteração da sede do torneio junto à Conmebol.

<sup>126</sup> Movimento político-militar marcado por rebeliões organizadas por jovens oficiais, especialmente de baixa patente, do Exército brasileiro. Para uma perspectiva geral do movimento tenentista: Cf. LANNA JÚNIOR, Mário Cléber Martins. “Tenentismo e crises políticas na Primeira República”. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil republicano: o tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Independentemente das conjunturas e dos recuos, a sociedade argentina vinha experimentando mudanças profundas, que amadureceram após a guerra e que explicam essa tranquilidade. (...) A ação sistemática da escola pública tinha gerado uma sociedade fortemente alfabetizada e, com ela, um público leitor novo, talvez não muito treinado, mas ávido por material de leitura. Os grandes jornais cresceram, com linotipos e rotativas; em 1913, a *Crítica*, que respondia a esse novo público, e, ao mesmo tempo, o moldava, revolucionou as formas jornalísticas, o que foi feito novamente em 1928 pelo *El Mundo*. As necessidades variadas de informação e entretenimento foram satisfeitas pelos *magazines*, que seguiram os passos de *Caras y Caretas* e culminaram na *Leoplán*, ou por uma vasta gama de revistas especializadas, como *El Gráfico*, *Billiken*, *Fit Bits* ou *El Hogar*.<sup>127</sup>

O futebol argentino, porém, continuava cindido e contou com dois campeões em 1922. Pela *Asociación Amateurs de Football* a equipe vencedora, pela primeira vez em sua história, foi o Club Atlético Independiente. Dois jogadores se destacaram: o primeiro foi o artilheiro Manuel Seoane<sup>128</sup> e o segundo, que também brilhou no futebol internacional, Raimundo Orsi.<sup>129</sup> O bicampeão pela *Asociación Argentina de Football* foi o Huracán.<sup>130</sup> Os

---

<sup>127</sup> ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 44.

<sup>128</sup> Manuel Seoane (Piñeyro em 19 de março de 1902 – Quilmes em 21 de agosto de 1975). Atacante forte, trombador e até obeso (que deu origem ao seu apelido: *La Chancha*). Exímio cabeceador, também chutava com grande potência com a perna direita. Fez muito sucesso jogando pelo Independiente entre 1920-1923 e entre 1925-1933. Nestes dois períodos realizou 264 partidas marcando 241 gols. Em 1925, antes de retornar para o Independiente, tomou parte da equipe do Boca Juniors que excursionou vários meses pela Europa. Aqui também mostrou sua capacidade de goleador, marcou quase metade do gols feitos pela equipe argentina, 16 dos 40 anotados. Atuou 18 vezes pela seleção nacional e marcou 11 gols. Foi três vezes campeão sul-americano (1925, 1927 e 1929). Disputou duas partidas contra a Seleção Brasileira, obtendo uma vitória e um empate. Fez gols nos dois jogos, sendo que em um deles, Argentina 4X1 Brasil, em 13/12/1925, marcou três vezes. Foi treinador da albiceleste e também ficou invicto contra a Seleção Brasileira, foram dois confrontos: novamente uma vitória e um empate.

<sup>129</sup> Raimundo Orsi (Buenos Aires, 2 de dezembro de 1901 – Buenos Aires, 6 de abril de 1986). Era um ponta esquerda veloz, hábil e driblador. Defendeu por oito anos a equipe do Independiente, conquistando, dentre outros, dois títulos argentinos (1922 e 1926). Transferiu-se para a Juventus da Itália em 1928. Pela equipe de Turim conquistou cinco *scudettos* consecutivos entre 1931 e 1935. Neste período obteve a dupla nacionalidade o que lhe possibilitou defender a *Azzurra* em 35 oportunidades, inclusive na Copa do Mundo de 1934 na qual se sagrou campeão mundial. Retornou à Argentina em 1935 e defendeu várias equipes nos anos seguintes (Independiente, Boca Juniors, Platense e Almagro). Em 1938 foi campeão uruguaio pelo Peñarol e em 1939 conquistou o campeonato carioca pelo Flamengo. Defendeu a albiceleste em 13 partidas e marcou três gols. Foi campeão sul-americano em 1927 e conquistou a medalha de prata nas Olimpíadas de 1928 disputada em Amsterdam. Nunca enfrentou a Seleção Brasileira.

<sup>130</sup> O Huracán é um clube que foi fundado no bairro de Parque Patricios, na cidade de Buenos Aires. Os historiadores não sabem ao certo qual foi a data de sua fundação, alguns acreditam que foi em 25 de maio de 1903 e outros datam em meados de 1907. Oficialmente ele é datado de 1908, ano em que também surgiu o seu grande rival, o San Lorenzo de Almagro. Há ainda uma discussão em relação à origem de seu nome, porém acredita-se que esteja vinculado ao balão *Huracán*, construído na França e comprado pelo Aeroclube Argentino e que fez seu primeiro voo em 30/8/1909, pilotado por Jorge Newbery. O problema de aceitar a versão do “balão franco-argentino” é que em 1908, quando foi oficialmente fundado o clube, o balão sequer existia. Há ainda a versão de que Huracán era uma marca muito vendida e também popular em uma papelaria, além de ser um clube uruguaio. De qualquer forma, sua história ficou vinculada ao balão, afinal o piloto Jorge Newbery tornou-se sócio honorário do clube e autorizou o uso do balão Huracán como símbolo do clube de futebol. A equipe foi uma das mais poderosas na época da *Asociación Argentina de Football*, junto como Boca Juniors. Ela venceu os campeonatos de 1921, 1922 e 1925 e teve vários jogadores cedidos para a seleção nacional. Com a

destaques da equipe eram o ponta-esquerda Cesáreo Onzari<sup>131</sup> e o craque Guillermo Stábile.<sup>132</sup>

No Brasil, os vencedores regionais passaram a ser conhecidos como os “Campeões do Centenário”. Nos dois principais centros futebolísticos do país à época, o Corinthians foi o campeão paulista e o América repetiu o feito no campeonato carioca. Cabe aqui ressaltar que esse foi o último ano em que o campeão carioca era formado apenas por jogadores brancos. Em 1923, o Vasco da Gama iria alterar radicalmente a história.

Foi criado, em 1922, pela CBD, o Campeonato Brasileiro de Seleções, torneio disputado por vários estados do país e que teve como seu primeiro vencedor os paulistas que golearam os cariocas por 4X1 no jogo final.

O Sul-Americano de 1922, disputado mais uma vez no Rio de Janeiro, contou com o maior número de participantes até então, cinco seleções: Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai. Os confrontos se estenderam ente 11 de setembro e 22 de outubro, totalizando 11 partidas.

---

reunificação do futebol argentino a equipe conquistou o certame de 1928, porém na era profissional só ganhou um título, em 1973, quando era dirigido por César Luis Menotti, técnico dirigiu a Seleção Argentina em sua primeira conquista de Copa do Mundo em 1978. Cf. FABBRI, Alejandro. *El nacimiento de una pasión: historia de los clubes de fútbol*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2016, p. 152-158.

<sup>131</sup> Cesáreo Onzari (Buenos Aires, 22 de março de 1903 – Buenos Aires, 7 de janeiro de 1964). Jogador muito rápido e habilidoso. Foi campeão argentino por 4 vezes defendendo o Huracán (1921, 1922, 1925 e 1928). Se consagrou no futebol ao marcar o primeiro “gol olímpico” da história do futebol. O fato se deu no dia 2/10/1924 em uma partida amistosa entre Argentina X Uruguai. Os uruguaios ainda comemoravam a medalha de ouro obtida nesse ano nas Olimpíadas de Paris. A FIFA havia, em 14/6/1924, alterado a regra relativa ao tiro de canto e passou a considerar válido o gol que viesse em chute direto de escanteio sem que nenhum jogador tivesse que tocar na bola. A partir do gol realizado pelo argentino, costumava-se dizer quando alguém marcava um gol direto de escanteio: “*como el de Onzari a los Olímpicos*”. Com o passar do tempo passou-se a chamá-lo apenas de “gol olímpico”. O gol se imortalizou não apenas nas crônicas do período, mas também em um tango que foi composto por Mariano García e Francisco Rofrano. Onzari enfrentou o Brasil em duas oportunidades, não só venceu os dois jogos como marcou um gol em cada um deles, ambos ocorridos no ano de 1923.

<sup>132</sup> Guillermo Stábile (Buenos Aires, 17 de janeiro de 1905 – Buenos Aires, 27 de dezembro de 1966). É considerado um dos maiores nomes do futebol argentino. Ganhou o apelido de “*El Filtrador*” em virtude de sua extrema capacidade de infiltrar nas defesas adversárias. Defendeu o Huracán entre 1920 e 1930, conquistando quatro títulos. Após o vice-campeonato e a artilharia na Copa do Mundo de 1930 (Uruguai), transferiu-se para o Genoa da Itália, equipe que defendeu até 1935. Na temporada 1935/1936 defendeu as cores do Napoli. Encerrou sua carreira atuando 1938-1939 pelo Red Star da França, equipe pela qual acumulou as funções de jogador e treinador. Assim que parou de jogar futebol tornou-se treinador do selecionado nacional conquistando por seis vezes o Sul-Americano (1941, 1945, 1946, 1947, 1955 e 1957), duas vezes a Copa Roca (1939 e 1940) e o Pan-Americano de 1960. Como jogador jamais enfrentou o Brasil, mas como técnico o fez em 23 oportunidades o que o faz até hoje o treinador da albiceleste que mais vezes comandou sua seleção contra os brasileiros.

Nesse momento, a paz reinava entre os dirigentes paulistas e cariocas, e a seleção brasileira, dessa forma, poderia contar com os principais jogadores dos dois estados. Porém, os resultados iniciais foram decepcionantes. O Brasil havia empatado os seus três jogos.<sup>133</sup> A próxima partida, a nona do campeonato, seria contra a Argentina que realizava igualmente campanha irregular.<sup>134</sup> Se o Uruguai, três dias antes (12 de outubro), vencesse o Paraguai, os dois próximos jogos, Brasil X Argentina e Argentina X Paraguai, seriam apenas para “cumprir tabela”, pois a Celeste, com uma campanha até então bastante sólida, garantiria mais um título.<sup>135</sup>

A esperança retornou às concentrações de Brasil e Argentina, afinal o Uruguai perdeu o jogo para o Paraguai por 1X0. Ressalta-se que a atuação do árbitro brasileiro, Carlos Santos, foi determinante para o resultado final, pois ele anulou dois gols uruguaios e validou o gol paraguaio em posição duvidosa que, após a vitória, também se tornava mais um candidato ao título, pois se vencesse a última partida, contra a Argentina, também poderia ficar com a taça.

Os uruguaios, revoltados com a atuação do árbitro brasileiro, abandonaram a competição e regressaram para Montevideu. Tal fato fez com que a CBD rompesse relações com sua congênere, a *Asociación Uruguaya de Football*. Em virtude disso, as partidas da Copa Rio Branco, criada em 1916 e que teria seu jogo inaugural no dia 22 de outubro de 1922, foram canceladas.<sup>136</sup>

As polêmicas e o próprio distanciamento dos ideais dos *sportmen*, fruto das rivalidades que se acentuavam, ocorridos durante o torneio disputado no Rio de Janeiro, foram tão frequentes que o *El Gráfico* chegou a sugerir que os Sul-Americanos deixassem de ser disputados, afinal eles já não cumpriam mais com a sua finalidade mais importante, a de aproximação dos países.

---

<sup>133</sup> Brasil 1X1 Chile; Brasil 1X1 Paraguai e Brasil 0X0 Uruguai.

<sup>134</sup> A Argentina faria contra o Brasil sua terceira partida. Argentina 4X0 Chile e Argentina 0X1 Uruguai.

<sup>135</sup> A campanha do Uruguai antes da partida contra o Paraguai: Uruguai 2X0 Chile; Brasil 0X0 Uruguai e Uruguai 1X0 Argentina.

<sup>136</sup> A Copa Rio Branco foi criada em 1916, mas sua primeira edição só ocorreu em 1931. Foram disputadas dez edições: 1931, 1932, 1940, 1946, 1947, 1948, 1950, 1967, 1968 e 1976. O Brasil possui sete conquistas e o Uruguai quatro. Isso é possível pois, após três jogos em 1967 (todos empatados), as confederações dos dois países acordaram que as duas seleções dividiram o título daquele ano.

A história do futebol sul-americano não registrou um certame que tenha motivado tantas coisas desagradáveis como as produzidas no campeonato internacional disputado no Rio de Janeiro.

Por isso, é de se perguntar se não seria conveniente desistir na realização destes torneios já que em vez de estreitar relações entre os que participam, colocam os mesmos na inconcebível situação de odiar-se até ao ponto de saírem no braço<sup>137</sup>

Para o semanário argentino, a responsabilidade pelos problemas ocorridos, estava claro, era dos árbitros, que “esqueceram da imparcialidade a que estavam obrigados”.<sup>138</sup> Para resolver tal imbróglio, a revista sugeria, para os futuros campeonatos, a contratação de árbitros de outros países, notadamente da Inglaterra, prática que foi posteriormente adotada no Brasil e na Argentina nas disputas dos clubes locais.

Brasil e Argentina se enfrentaram no domingo, 15 de outubro de 1922, no estádio das Laranjeiras.<sup>139</sup> As duas equipes ainda tinham chances matemáticas de conquistar o título. Aproximadamente 30 mil torcedores viram Tesoriere,<sup>140</sup> goleiro e capitão da albiceleste, entregar uma cesta de flores aos jogadores brasileiros que retribuíram o simbólico gesto por meio do seu capitão, Fortes.

O primeiro tempo foi de domínio brasileiro que abriu o placar por intermédio de Neco, aos 42 minutos, após receber ótimo passe de Heitor. No segundo tempo a Argentina voltou melhor e passou a pressionar a Seleção Brasileira, porém, aos 40 minutos, foi marcado pênalti para o Brasil, convertido por Amílcar. Placar final: Brasil 2X0.

O Brasil se “mantinha vivo” na competição, mas, na última rodada do torneio, dependeria da albiceleste, que nada mais almejava no campeonato, contra o Paraguai. Este precisava apenas de um empate para conquistar o seu primeiro título internacional. Neste

---

<sup>137</sup> EL GRÁFICO, 28 de outubro de 1922, p. 14.

<sup>138</sup> Idem, ibidem, p. 14.

<sup>139</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Kuntz, Palamone, Bartô, Laís, Amílcar, Fortes, Formiga, Neco, Heitor, Tatu e Rodrigues. Escalação da Seleção Argentina: Tesoriere, Celli, Castoldi, Chambrolin, Dellavalle, Solari, Libonarri, Chiesa, Gaslini, Rofrano e Francia. O árbitro foi o paraguaio F. Andreu Balcó.

<sup>140</sup> Américo Tesoriere (Buenos Aires, 18 de março de 1899 – Buenos Aires, 30 de dezembro de 1977). Foi um dos maiores goleiros da história do futebol argentino, ele ficou conhecido como “*La Gloria*”. Tratava-se de um goleiro sereno, elástico e arrojado. Jogou praticamente toda a sua vida pelo Boca Juniors, equipe pela qual conquistou 5 títulos nacionais (1919, 1920, 1923, 1924 e 1926) e ainda participou da famosa excursão feita pela equipe na Europa em 1925. Apenas em 1921 jogou pelo Sportivo del Norte. Atuou 38 vezes pela albiceleste e sofreu 32 gols. Jogou os Sul-americanos de 1920, 1921, 1922, 1923, 1924 e 1925, sagrando-se campeão em duas oportunidades (1921 e 1925). Jogou oito vezes contra o Brasil obtendo 5 vitórias, 1 empate e 2 derrotas. Sofreu 8 gols nestas partidas.

momento, Uruguai, Brasil e Paraguai tinham 5 pontos ganhos. Em mais um jogo marcado por uma arbitragem polêmica, a Argentina venceu por 2X0.

Três equipes terminaram empatadas com cinco pontos: Brasil, Paraguai e Uruguai. Com o último havia abandonado o torneio, foi marcado, para o dia 22 de outubro de 1922, um jogo extra entre brasileiros e paraguaios. Nele, o Brasil realizou uma partida convincente, venceu seu adversário por 3X0 e conquistou seu segundo título Sul-Americano.

A vitória brasileira foi contestada pela imprensa argentina. Para eles, o Brasil só havia vencido o campeonato em virtude de ter jogado como mandante e que, por isso, havia contado com o favorecimento dos árbitros. El Gráfico chega a afirmar que a seleção campeã havia jogado com 12 jogadores e que o décimo segundo “jogador” havia sido o juiz. O periódico termina afirmando que os 11 campeões precisavam ser buscados nas representações do Uruguai ou do Paraguai.

Terminou o Campeonato latino-americano com a vitória do *team* brasileiro. Vitória? Aqui é uma palavra que se presta a diversas interpretações. Na realidade deveríamos criar um qualificativo de ordem especial para aplicá-lo neste caso. Não há que fazer rodeios para encontrá-lo. É uma convicção geral em todos que seguiram o desenvolvimento das partidas que os brasileiros são campeões simplesmente porque o Campeonato foi disputado no Brasil.<sup>141</sup>

Inicialmente, não se esperava que o Sul-Americano se prolongasse além do inicialmente programado. Porém, em virtude dos adiamentos de algumas partidas devido ao mau tempo, além de ter ocorrido uma partida extra, de desempate entre Brasil e Paraguai para definir o time campeão, o último jogo só foi disputado no dia 22 de outubro. Neste mesmo dia, os dirigentes brasileiros e argentinos haviam programado um confronto entre os seus selecionados pela Copa Roca, em São Paulo, no Estádio do Parque Antarctica. Este inclusive foi o primeiro jogo da seleção em terras paulistas.

No dia 22 de outubro de 1922, um fato inédito ocorreu no futebol brasileiro. Duas seleções distintas tentariam conquistar duas Taças (Sul-Americano e Copa Roca)

---

<sup>141</sup> EL GRÁFICO, 28 de outubro de 1922, p. 4.

simultaneamente.<sup>142</sup> A equipe que se apresentou em São Paulo era formada basicamente por jogadores radicados no estado, com o acréscimo de três cariocas (Nesi, do São Cristóvão; Leite de Castro, do Botafogo<sup>143</sup> e Zezé<sup>144</sup>, do Fluminense). Os argentinos jogaram com a equipe que havia disputado o Sul-Americano.<sup>145</sup>

A Argentina dominou inteiramente o primeiro tempo da partida e foi para o intervalo vencendo pelo placar mínimo, gol de Chiessa. Porém, as inúmeras falhas nas finalizações iriam cobrar seu preço na etapa complementar. O Brasil voltou melhor e passou a exercer o domínio do jogo. Em um chute de fora da área do corintiano Gambarotta, a bola desviou no zagueiro argentino Celli e terminou no fundo do gol defendido por Tesoriere.

A Argentina voltou a pressionar o selecionado brasileiro, porém, aos 40 minutos, o mesmo Gambarotta acertou um chute indefensável e virou a partida para os brasileiros. O placar não mais se alterou nos minutos finais. Assim, no dia 22 de outubro de 1922, em horários próximos e em duas cidades distintas, o Brasil conquistou dois títulos diferentes.<sup>146</sup>

---

<sup>142</sup> A Argentina vivenciou situação similar por duas vezes nos anos seguintes. Em 2 de dezembro de 1923 dois selecionados argentinos jogaram e foram derrotados, simultaneamente. O primeiro contra o Brasil na própria Argentina e o outro no Uruguai contra a seleção local. Mais curioso ainda ocorreu em 25 de maio de 1924: No mesmo horário jogaram Uruguai e Argentina, em Montevidéu, disputando a Copa Newton de 1923 e em Buenos Aires disputando a Copa Newton do ano vigente. Os mandantes venceram suas respectivas partidas, o Uruguai venceu por 2X0 em Montevidéu e a Argentina por 4X0 em Buenos Aires.

<sup>143</sup> Leite de Castro será importante ator em um fato histórico ocorrido com a Seleção Brasileira: Ainda no início da partida, aos 4 minutos, o jogador brasileiro se chocou violentamente com o zagueiro argentino Celli e saiu do gramado desmaiado com suspeita de comoção cerebral. O capitão da Seleção Argentina, o goleiro Tesoriere, autorizou a substituição do atleta brasileiro contundido. Essa foi a primeira substituição de um jogador na Seleção Brasileira em jogos oficiais. O jogador que entrou chamava-se Brasileiro e jogava no Minas Gerais Futebol Clube, de São Paulo, equipe tradicional do bairro do Brás fundada em 1910. Seu nome era uma homenagem ao Encouraçado Minas Geraes, orgulho da marinha brasileira na época.

<sup>144</sup> Zezé era o apelido de José Carlos Guimarães (Rio de Janeiro, 2 de maio de 1899 – Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1969). Ponta direita do Fluminense, equipe pela qual jogou toda a vida. Pela equipe tricolor conquistou o tricampeonato carioca de 1917, 1918 e 1919. Foi campeão brasileiro de seleções em 1924, defendendo o Rio de Janeiro. Pela Seleção Brasileira atuou entre 1920 e 1923 e participou de 13 partidas, marcando três gols, sendo dois deles contra a Argentina, equipe que enfrentou em seis oportunidades, praticamente metade de suas participações com a seleção nacional. Acabou conquistando os dois títulos simultâneos de 1922, o Sul-Americano e a Copa Roca e isso foi possível pois Zezé não era titular da equipe que participou do Sul-Americano e por isso foi escalado para enfrentar a Argentina em São Paulo. Também venceu, no ano seguinte, a Copa Confraternidad, novamente contra a albiceleste. Ernesto Nazareth, um dos maiores músicos brasileiros, dedicou a Zezé o tango “Menino de Ouro” que foi gravado em 1919. Apesar do retrospecto positivo em relação às conquistas contra a albiceleste, Zezé venceu apenas duas partidas contra o rival e foi derrotado nas outras quatro oportunidades.

<sup>145</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Mesquita, Grane, Clodô, Abate, Faragassi, Nesi, Leite de Castro (Brasileiro), Zezé, Gambarotta, Tepet e Osses. Escalação da Seleção Argentina: Tesoriere, Celli, Costaldi, Chambrolin, Médici, Solari, Rivet, Chiessa, Gaslini, Francia e De Césari. O árbitro foi o brasileiro A. Carneiro de Campos.

<sup>146</sup> Como curiosidade, os argentinos, após a derrota em São Paulo, seguiram, no dia seguinte, para a cidade de Ribeirão Preto. Lá fizeram um amistoso contra a tradicional equipe local do Comercial Futebol Clube. A partida

O final do ano de 1923 foi marcado por três encontros entre brasileiros e argentinos. O primeiro ocorreu em novembro, em Montevideu, pelo Campeonato Sul-Americano daquele ano; os dois outros foram disputados no início de dezembro, um pela Taça Brasil-Argentina e o outro pela Copa Roca, ambos disputados em Buenos Aires.

A Seleção Brasileira continuava enfrentando os problemas decorrentes das disputas e bairrismos entre paulistas e cariocas. A separação era tão acentuada que atingia até mesmo a imprensa esportiva. Desde o início da década de 1920, os cronistas paulistas estavam aportuguesando o vocabulário do futebol. Dessa forma, *foul* passou-se a chamar falta; *full-back* era o zagueiro; *goal-keeper* foi substituído por goleiro; *shoot* tornou-se chute e o próprio esporte deixou de ser grafado como *football* e passou a ser escrito futebol. Já, no Rio de Janeiro, a inovação ainda levaria alguns anos para ser implantada, exatamente para se diferenciar dos paulistas.

O futebol argentino também continuava dividido e com a disputa de campeonatos distintos. Pela *Asociación Argentina de Football* o campeão de 1923, após competição acirrada com o Huracán, foi o Boca Juniors, impedindo, dessa forma, que seu adversário conquistasse o tricampeonato. Já pela *Amateurs*, o San Lorenzo de Almagro<sup>147</sup> conquistou o seu primeiro título.

Apesar desses problemas, a Seleção Argentina teve o ano de 1923 bastante agitado, tendo entrado em campo 11 vezes, obtendo saldo positivo de cinco vitórias, três empates e três derrotas. O Brasil jogou apenas 6 partidas e com saldo negativo de 2 vitórias e 4 derrotas. No Sul-Americano, participação pífia, ficou na última posição entre os quatro participantes sem ter obtido um único ponto.<sup>148</sup>

---

terminou empatada em 1X1. Na cidade de Ribeirão Preto as equipes do Comercial e do Botafogo fazem o clássico local que tem a alcunha de “Come-Fogo”.

<sup>147</sup> Clube criado no ano de 1908. Inicialmente foi denominado de *Los Forzados de Almagro*, porém o sacerdote salesiano, Lorenzo Massa, que acompanhava e auxiliava o clube não gostou do nome. Com isso os rapazes resolveram alterá-lo, e o clube passou-se a chamar San Lorenzo de Almagro, em homenagem ao sacerdote e ao bairro. A equipe possui vários apelidos, sendo o mais tradicional o de *santos y cuervos*, dado pela própria torcida, que se vincula ao santo que nomeia a equipe assim como a imagem do padre Massa vestido com a clássica batina negra abotoada. A equipe é considerada uma das grandes forças do futebol argentino e sua maior conquista foi a Copa Libertadores da América de 2014.

<sup>148</sup> É considerada a pior campanha brasileira em todos os Campeonatos Sul-Americanos.

Inicialmente, o Sul-Americano de 1923 seria disputado no Paraguai. Porém, em virtude das dificuldades econômicas e da falta de infraestrutura adequada naquele país, o campeonato foi transferido para o Uruguai. Dele participaram a Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. O Chile, que havia sido convidado, declinou da participação, como havia feito em 1921. Além do título continental, a vitória no torneio também classificaria a seleção vencedora para os Jogos Olímpicos de 1924.

Como já era de costume no futebol brasileiro, as dissensões internas impediram que os melhores jogadores representassem o país na disputa. E o pior, os jogadores convocados nem mesmo representavam o que havia de melhor no futebol do Rio de Janeiro. O desastre estava anunciado.

Outra novidade que ocorreu no torneio foi que pela primeira vez na história, Brasil e Argentina iriam para campo tendo um técnico, ou seja, como é denominado no restante do continente, um *director técnico* (DT). O Brasil foi comandado por Francisco Bueno Netto, ou simplesmente Chico Netto, ex-jogador do Fluminense e do próprio selecionado nacional. Já a Argentina contou com Ángel Vásquez.

Brasil e Argentina se enfrentaram no dia 18 de novembro em situações completamente distintas. Enquanto a albiceleste havia vencido o Paraguai em sua partida de estreia por 4X3, o Brasil havia sido derrotado pelos paraguaios pelo placar mínimo. Dessa forma, os brasileiros precisavam vencer a partida para continuarem sonhando com o bicampeonato, o país defendia o título conquistado em 1922, enquanto os argentinos se credenciariam para a disputa do título com o Uruguai.

Apesar da derrota para os paraguaios, o *La Nacion* acreditava que o confronto com os brasileiros não seria fácil, afinal eles passaram a semana treinando e aprimorando seu futebol. Além disso, o quadro brasileiro era formado por jogadores rápidos, tanto no ataque, quanto na defesa. O periódico estava confiante em boa apresentação de seu selecionado, afinal ele era um dos melhores do torneio.<sup>149</sup>

---

<sup>149</sup> LA NACION, 17 de novembro de 1923, p. 7.

É importante ressaltar que, até a década de 1950, a habilidade e sobretudo a velocidade dos jogadores brasileiros eram características sempre ressaltadas pela imprensa argentina que entendia como propriedade do futebol de seu adversário. Apesar de “pregar respeito”, os discursos presentes nos jornais portenhos, sempre apresentavam forte expectativa em relação à vitória do seu selecionado por, segundo eles, possuírem futebol de melhor qualidade.

A partida disputada no dia 18 de novembro gerou grande expectativa entre os mais de 20 mil torcedores que acompanharam o jogo.<sup>150</sup> O periódico de Buenos Aires parecia prever as dificuldades que seu selecionado enfrentou, afinal o Brasil fez uma boa partida e o empate teria sido o placar mais justo do que a vitória dos argentinos.

A imprensa brasileira reclamou bastante da arbitragem do paraguaio Miguel Barba que saiu fortemente vaiado pela torcida presente no estádio ao final do primeiro tempo. Segundo o Jornal do Brasil:

O *match* de hoje decorreu movimentadíssimo o que teria sido brilhante se não fosse a má actuação do juiz paraguayo Barba, que prejudicou notavelmente a equipe brasileira, marcando faltas imaginárias e deixando de marcar graves penalidades contra os argentinos.

A opinião geral é que o *match* devia terminar por um empate de 1 a 1, pois os brasileiros jogaram extraordinariamente e não mereceram absolutamente a derrota.<sup>151</sup>

Discurso muito semelhante foi divulgado no dia anterior pelo diário paulista Folha da Noite:

Dizem os críticos que os brasileiros jogaram muito bem, e deviam ter empatado a partida por 1 a 1. Entretanto, a actuação do árbitro, Sr. Barba, paraguayo, prejudicou grandemente a turma representativa do Brasil, marcando contra a mesma faltas que só existiam na sua imaginação, ao mesmo tempo que deixava passar faltas graves dos argentinos.<sup>152</sup>

---

<sup>150</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Nélson, Pennaforte, Alemão, Mica, Nesi, Soda, Pascoal Silva, Zezé, Nilo, Mário Seixas e Amaro. Técnico: Chico Netto. Escalação da Seleção Argentina: Cancino, Bidoglio, Iribarren, Médici, Vaccaro, Solari, Loizzo, Miguel, Saruppo, Aguirre e Onzari. Técnico: Ángel Vásquez. Árbitro: M. Barba do Paraguai.

<sup>151</sup> JORNAL DO BRASIL, 20 de novembro de 1923. p. 15.

<sup>152</sup> FOLHA DA NOITE, 19 de novembro de 1923, p. 4.

O Brasil iniciou a partida pressionando o quadro adversário, mas acabou sofrendo o gol aos 11 minutos em decorrência de uma falha de Pennaforte que, ao afastar mal a bola da área, propiciou que Onzari acertasse um chute forte no gol brasileiro. O Brasil não se abateu e apenas 4 minutos depois empatou o jogo por intermédio do atacante Nilo.<sup>153</sup>

O segundo tempo reservou fortes emoções. A Argentina, apesar de ter voltado melhor, teria sido beneficiada pelo árbitro que não marcou duas penalidades máximas a favor dos brasileiros. Aos 31 minutos, o goleiro brasileiro rebateu o chute de Loizzo e quando ele foi tentar agarrar a bola, chocou-se com os argentinos Aguirre e Onzari, ela sobrou para Saruppo que apenas teve o trabalho de tocar para as redes. O juiz validou o gol apesar dos fortes protestos da torcida e dos jogadores brasileiros que afirmaram que Loizzo estava impedido no momento do chute.<sup>154</sup>

Até então os jogos entre as duas equipes tinham corrido com bastante cordialidade. Porém, ao se sentirem prejudicados, os brasileiros, que tinham atuado nesse dia de forma bastante cordial, começaram a praticar um futebol mais brusco, mais violento, a tal ponto que, minutos após o gol, apesar da tentativa dos capitães das duas equipes de apaziguarem os ânimos, Nesi aplicou um duro pontapé no argentino Miguel, quando o último fazia uma jogada individual e tal fato levou a uma briga entre alguns jogadores. A partida, segundo o jornal Folha da Noite, precisou ser interrompida por alguns minutos.<sup>155</sup> Nos momentos finais as duas seleções partiram para o ataque, mas não conseguiram alterar o placar. Vitória da Argentina por 2X1. Com a derrota, o Brasil não tinha mais chance de conquistar o bicampeonato Sul-Americano.

---

<sup>153</sup> Nilo Murtinho Braga (Rio de Janeiro, 3 de abril de 1903 – Rio de Janeiro, 7 de fevereiro de 1975). Foi um dos maiores atacantes do Botafogo-RJ. Em sua carreira na equipe carioca terminou com uma média de praticamente um gol por jogo: 184 jogos e 176 gols. O jogador, que era baixo e veloz, defendeu o Brasil em 14 partidas e marcou 10 gols. Jogou a Copa do Mundo de 1930 no Uruguai. Enfrentou a Argentina em cinco oportunidades, ganhou uma, empatou uma e perdeu as outras três. Mantendo sua alta média de gols, marcou quatro vezes.

<sup>154</sup> O jornal La Nacion classificou o gol como legal. Cf. LA NACION, 19 de novembro de 1923, p. 7.

<sup>155</sup> Os relatos dos jornais diferem um pouco. Para o La Nacion ocorreu o seguinte: “A los 33 minutos, en circunstancias que Miguel efectuaba una jugada individual, Nesi, sin mediar causa justificada, le aplico un puntapié. Se detuvo entonces Miguel y al observar que Fava se dirigía hacia él con gesto agresivo, le aplico dos golpes de puño a Nesi, que por suerte este supo atajar. La intervención de algunos jugadores y del juez puso fin al incidente”. Folha da Noite foi bem sucinto e aponta com causa da briga um outro jogador brasileiro: “Registra-se um incidente entre Allemão e Miguel e o jogo é suspenso”. Cf. LA NACION, 19 de novembro de 1923, p. 7. FOLHA DA NOITE, 19 de novembro de 1923, p. 4.

A atuação brasileira foi bastante elogiada pela imprensa argentina que afirmou que o Brasil havia mudado totalmente a impressão que havia deixado quando foi derrotado pelo Paraguai. O *La Nacion* chegou a afirmar que não se tratava de um conjunto medíocre e que a Seleção Brasileira poderia causar muitos problemas para o seu próximo adversário, o Uruguai. O Brasil foi qualificado pelo citado jornal como um time inteligente e que tem no ataque sua principal virtude.<sup>156</sup> Obviamente que o jornal portenho esperava que isso ocorresse, pois a Argentina, com suas duas vitórias em dois jogos, liderava o torneio e era forte candidata ao título e se o Brasil obtivesse um bom resultado em seu enfrentamento com os uruguaios, o caminho argentino seria facilitado.

No dia 25 de novembro o Brasil enfrentou a seleção anfitriã e foi derrotado por 2X1. O *La Nacion*, decepcionado com o resultado, considerou que a Seleção Brasileira não havia representado a verdadeira grandeza do futebol de seu país.

De concreto, o time foi somente regular e se viu claramente que não representa a genuína expressão do futebol brasileiro, uma vez que outros times, cuja atuação vimos no Rio da Prata, demonstraram mais homogeneidade, energia e brilhantismo e eficácia em seu jogo.<sup>157</sup>

Dessa forma, Uruguai e Argentina chegaram a última rodada empatados em pontos. No dia 2 de dezembro de 1923, as seleções platinas decidiriam o torneio e a classificação para as Olimpíadas da França que seria disputada no ano seguinte. O Uruguai venceu de forma soberana por 2X0 e além de conquistar o seu quarto título continental começava a construir o mito da “Celeste Olímpica”.

Antes de retornar para o Brasil, a seleção desembarcou em Buenos Aires para dois jogos. O primeiro foi pela *Copa Confraternidad* oferecida pelo empresário teatral ítalo-argentino Pascual Carcavallo. A partida acabou sendo marcada para o mesmo dia e horário em que os argentinos e uruguaios definiam o título continental de 1923. A solução encontrada foi convocar os jogadores, na maioria novatos, que atuavam na *Amateur*, e o veterano Pedro Calomino ainda emprestou sua presença. Tal partida gera, ainda hoje, discordâncias entre os números apresentados pela AFA (*Asociación del Fútbol Argentino*) e pela CBF

---

<sup>156</sup> LA NACION, 19 de novembro de 1923, p. 7.

<sup>157</sup> Idem, 26 de novembro de 1923, p. 9.

(Confederação Brasileira de Futebol), afinal a primeira entende que não se tratava de um selecionado argentino.

O domingo, 2 de dezembro, não foi uma data muito auspiciosa para os albicelestes, afinal eles foram derrotados por uruguaios e brasileiros pelo mesmo placar: 2X0. Apesar do interesse infinitamente maior pelo que ocorria em Montevidéu, ainda assim, Argentina e Brasil atraíram, segundo o jornal Folha da Noite, 10 mil torcedores para o campo do Club Sportivo Barracas.<sup>158</sup> Os gols da vitória brasileira foram feitos por: Nilo, de pênalti, e Zezé. Para o mesmo jornal, o combinado argentino não fez uma boa atuação, especialmente no setor defensivo.

Perante uma assistência de cerca de 10.000 pessoas realizou-se hontem, em Buenos Aires, o encontro entre um combinado argentino e o quadro brasileiro que disputou o campeonato sul-americano deste anno, agora findo, para a posse da taça “Argentina-Brasil”, oferecida pelo empresário theatral Sr. Carcavallo. Essa taça custou 400 pesos.

(...)

O quadro argentino teve uma actuação inferior, principalmente a defesa. Os brasileiros jogaram com vontade, combinando bem.<sup>159</sup>

Em nada difere a opinião do Jornal do Brasil que afirmou que a equipe brasileira apresentou um futebol de qualidade e que isso lhe valeu várias manifestações positivas por parte da torcida: “o *scratch* brasileiro jogou brilhante e elegantemente, o que lhe valeu várias ovações da assistência”.<sup>160</sup>

---

<sup>158</sup> Escalação da Seleção Argentina: Irribarrén, Seregni, Méndez, Lalaureta, Vivaldo, Blanco, Calomino, Gurutchaga, Pratto, Voltura e Lázari. As fichas do jogo destacam que o técnico argentino seria Ángel Vásquez, porém ele se encontrava, naquele mesmo momento, disputando a final contra o Uruguai. Escalação da Seleção Brasileira: Néelson, Pennaforte, Alemão, Mica, Nesi, Dino, Pascoal Silva, Zezé, Nilo, Coelho e Amaro. Técnico: Chico Netto. O árbitro da partida foi o brasileiro Antônio Carneiro de Campos. Em relação ao árbitro há também divergências, afinal o Sr. Antônio Campos teria apitado o jogo entre Uruguai e Argentina, ou seja, ele não poderia estar atuando em Buenos Aires. As reportagens dos jornais Folha da Noite e Jornal do Brasil elogiam a atuação do árbitro brasileiro Antonio Campos no final do Sul-Americano em Montevidéu: “O presidente da Associação Argentina de Football felicitou o Sr. Antonio Campos, da delegação brasileira, pela correcção que serviu de juiz na parte (sic) hoje jogada pelos argentinos e uruguaios”. Cf. JORNAL DO BRASIL, 3 de dezembro de 1923, p. 16. Já a coletânea dos jogos da Seleção Brasileira, organizada por Ivan Soter, afirma que a partida dentre brasileiros e argentinos foi dirigida pelo árbitro A. Carneiro de Campos. Cf. SOTER, Ivan. op. cit., p. 323. Nos sites que apresentam as fichas técnicas de inúmeros jogos de selecionados mundiais também colocam o árbitro brasileiro nas duas partidas que foram disputadas em Buenos Aires e Montevidéu de forma praticamente simultânea. Cf. BAÚ DO FUTEBOL. “2/12/1923 Uruguai 2X0 Argentina”. Disponível em: <https://fichadojogo.wordpress.com/1923/12/02/sul-americano-finais/>. Acessado em 12 de outubro de 2016. BRAZILIAN NATIONAL TEAM. “2/12/1923 Brasil 2X0 Argentina”. Disponível em: <https://jogodaselecaobrasileira.wordpress.com/1923/12/02/domingo-2-de-dezembro-de-1923-argentina-0-x-2-brasil/>. Acessado em: 12 de outubro de 2016.

<sup>159</sup> FOLHA DA NOITE, 3 de dezembro de 1923, p. 4.

<sup>160</sup> JORNAL DO BRASIL, 3 de dezembro de 1923, p. 16.

Na semana seguinte, as duas seleções voltaram a se enfrentar em Buenos Aires, agora disputando pela terceira vez a Copa Roca. Nessa oportunidade, a Argentina apresentou-se com os seus melhores jogadores. Mesmo contando com sua força principal, a expectativa da imprensa local era de que o jogo deveria ser bastante equilibrado, especialmente em virtude da apresentação brasileira na semana anterior. Porém, não foi isso o que ocorreu. O Brasil foi pressionado desde o início do jogo e Néelson, goleiro do Vasco da Gama, que já havia realizado ótimo Sul-Americano, ao ponto de ser apelidado como “El Ataja Todo”, foi considerado o melhor jogador em campo.<sup>161</sup> Segundo o *La Nacion*: “O triunfo, como se desprende deste ligeiro comentário, foi o resultado lógico do *match*. O time brasileiro atuou ontem um pouco coibido e o argentino, aproveitando desta circunstância, conseguiu impor-se de forma ampla”.<sup>162</sup>

Apesar do domínio argentino, o primeiro tempo terminou empatado em 0X0. Além das boas defesas do goleiro Néelson, destacou-se a contusão, aos 22 minutos do primeiro tempo, do zagueiro brasileiro Mica, ao se chocar com o atacante adversário Chiessa. Como havia ocorrido na partida entre os rivais em 22 de outubro do ano anterior, o capitão argentino, Tesoriere, autorizou a substituição do jogador brasileiro que não tinha mais condições de retornar ao campo de jogo. Em seu lugar entrou Soda, que, em um lance de pura infelicidade, ficaria marcado na história do futebol brasileiro.

O segundo tempo começou da mesma forma como havia terminado o anterior, pressão argentina. Aos 25 minutos, após um cruzamento de Loizo, Soda, ao tentar tirar a bola da área brasileira, acabou jogando contra as suas próprias redes. Foi o primeiro gol contra da história da Seleção Brasileira. A Argentina seguiu pressionando e o Brasil, que não se encontrou em campo, acabou sofrendo o segundo gol aos 38 minutos. A Argentina, com a vitória por 2X0, se sagrou, pela primeira vez, campeã da Taça Roca.

No campo político, o ano de 1924 foi tenso nos dois países. No Brasil eclodiu o movimento tenentista em São Paulo, que acarretou o bombardeio da capital do Estado e que se transformou, quando os insurretos abandonaram a cidade, na Coluna Miguel Lemos que

---

<sup>161</sup> Escalação da Seleção Argentina: Tesoriere, Bidoglio, Irribaren, Médici, Seregni, Solari, Loizo, Cerroti, Tarasconi, Chiesa e Onzari. Escalação da Seleção Brasileira: Néelson, Pennaforte, Alemão, Dino, Nesi, Mica (Soda), Paascoal Silva, Zezé, Nilo, Coelho e Amaro. O árbitro da partida foi o argentino J. Mazzi.

<sup>162</sup> LA NACION, 10 de dezembro de 1923, p. 8.

posteriormente iria se encontrar, em Foz de Iguaçu, com a Coluna Prestes, formando assim a lendária Coluna que percorria milhares de quilômetros pelo interior do Brasil. Na Argentina, por sua vez, houve a cisão no Partido Radical, o mais importante do país.

No futebol, as divisões internas continuaram sendo a tônica nos dois países. Na Argentina, Boca Juniors e San Lorenzo conquistaram o bicampeonato em suas respectivas organizações, o primeiro pela *Asociación Argentina de Football* e o segundo pela *Amateur*. As realidades das seleções dos dois foram totalmente diferentes. Enquanto a Argentina entrou em campo em nove oportunidades, obtendo 4 vitórias, 3 empates e 2 derrotas. O Brasil, por sua vez, não jogou em 1924 e com isso deixou, pela primeira vez, de participar do Campeonato Sul-Americano, novamente disputado no Uruguai.<sup>163</sup>

O ano foi particularmente especial para a seleção Celeste<sup>164</sup>, que antes de conquistar o Sul-Americano havia vencido, para surpresa dos europeus, o torneio de futebol dos Jogos Olímpicos de Paris. Segundo Farias, a vitoriosa campanha uruguaia “causou espanto e deslumbramento nos europeus, que até então desconheciam o potencial das seleções da América do Sul”.<sup>165</sup>

Três importantes clubes sul-americanos, Nacional (Uruguai), Boca Juniors (Argentina)<sup>166</sup> e o Paulistano (Brasil), excursionaram, de forma muito bem sucedida, pela Europa em 1925. Os resultados foram muito positivos e acarretaram outra preocupação para o futebol da região, afinal, percebendo a qualidade dos jogadores, os clubes europeus intensificaram suas investidas no mercado do continente sul-americano. Tal fato também acirrou as discussões sobre a profissionalização dos jogadores de futebol nos três países.

O Sul-Americano de 1925 foi disputado na Argentina, que realizou ao longo do ano seis partidas. Este foi o campeonato que contou com o menor número de participantes em

---

<sup>163</sup> Quatro seleções participaram do Sul-Americano de 1924: Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai. Pela quinta vez, em oito disputas, os uruguaiois ficaram com a taça.

<sup>164</sup> O Uruguai ganhou o apodo de Celeste quando utilizou pela primeira vez, contra a Argentina em Montevideú, no ano de 1910, o uniforme azul celestial, que tornou-se a cor oficial de suas camisas.

<sup>165</sup> FARIAS, Airton de. *Uma história das Copas do Mundo: futebol e Sociedade*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014, v.1, p. 97.

<sup>166</sup> Sobre a excursão do Boca Juniors Cf. FRYDENBERG, Julio D. *Boca Juniors en Europa: el diario Crítica y el primer nacionalismo deportivo argentino*. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2726>. Acessado em: 1º de julho de 2015. Há ainda uma descrição da excursão das três equipes em: SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., 115-117.

toda a sua história, apenas três: Argentina, Brasil e Paraguai. A grande ausência era a equipe campeã olímpica em 1924, o Uruguai, que pela primeira vez não disputaria o torneio do qual era o maior vencedor. Apesar de extremamente vitorioso, o futebol uruguaio também enfrentava problemas políticos no seu comando e tal fato fez com que o país se ausentasse da disputa aqui citada.<sup>167</sup> Outra equipe que frequentemente participava do torneio, mas em virtude da má campanha realizada no ano anterior, resolveu não enviar uma representação foi o Chile.

Os dirigentes do Brasil e da Argentina passavam por um momento mais tranquilo em seus países e com isso puderam contar com os seus melhores jogadores. A Conmebol, com o intuito de ampliar o número de jogos e dar mais emoção à disputa, decidiu que os três competidores se enfrentariam em turno e retorno.

O jogo da estreia, no dia 29 de novembro, foi entre Argentina e Paraguai e terminou com a vitória da anfitriã por 2X0. O Brasil enfrentou, na rodada seguinte, 6 de dezembro, a seleção paraguaia e venceu categoricamente pelo placar de 5X2. O primeiro turno seria finalizado com o confronto, no dia 13 de dezembro, entre os dois vencedores das duas rodadas iniciais.

O clima antes da partida era de cordialidade. O *La Nacion* teceu vários elogios à delegação brasileira e suas atitudes marcadas pela educação e gentileza. No dia anterior ao jogo, por exemplo, o periódico ressaltou a homenagem prestada pelos brasileiros a um dos grandes líderes da independência argentina, General San Martín, ao depositar uma palma no monumento que leva seu nome.<sup>168</sup>

A expectativa em relação à partida era bastante acentuada, afinal o vencedor se aproximaria bastante do título continental daquele ano. O público superou os 30 mil espectadores e o interesse ainda era tal que a polícia precisou ordenar a suspensão da venda de

---

<sup>167</sup> O Uruguai, entre 1923 e 1925, também conviveu com duas entidades responsáveis pelo seu futebol: a *Asociación Uruguaya de Foot-ball* e a *Federación Uruguaya de Football* – que surgiu da dissidência de dois clubes locais: o Peñarol e o Montevideo Wanderers. Assim como ocorreu na Argentina, cada uma das ligas montou seu próprio campeonato, porém, em 1925, no auge da crise entre as associações, nenhum dos dois torneios foi finalizado. Em virtude da grande confusão em que se inseriu o futebol uruguaio não foi possível formar uma seleção para representar o país no Sul-Americano. Cf. SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., 117.

<sup>168</sup> LA NACION, 13 de dezembro de 1925, p. 10.

mais ingressos. A cordialidade também marcou a entrada das equipes em campo.<sup>169</sup> Os brasileiros entraram no gramado com bandeiras argentinas e com um “rico trofeu”. O público também ovacionou a seleção visitante.<sup>170</sup> Tesoriere, capitão argentino, entregou um ramo de flores ao seu congênere brasileiro, Fortes, que, por sua vez, ofertou ao seu colega, o troféu de bronze, representando um atleta.

O Brasil iniciou melhor a disputa e praticamente na metade do primeiro tempo abriu o placar com um gol de Nilo, após passe certo de Friedenreich. Porém, a Argentina não se abateu e se lançou em busca do empate. Aos 39 minutos, após indecisão da dupla de zaga, Clodô (Clodoaldo) e Nascimento, Seoane<sup>171</sup> empatou a partida. Era o primeiro de uma série de três gols que faria ao longo do jogo. Ele também foi o primeiro jogador da história a fazer três gols em uma única partida contra a Seleção Brasileira. Findo os 45 minutos iniciais, o placar anotava o empate em um gol.

A Argentina foi arrasadora na etapa complementar, logo aos 3 minutos anotou o “gol da virada” por intermédio de Seoane.<sup>172</sup> Garasino e novamente Seoane dariam números finais à partida, aos 27 e 29 minutos, respectivamente. “O jogo terminou sem susto (...), em meio ao entusiasmo de grande parte do público que assistiu o triunfo de nossas cores, satisfeitos pela atuação da equipe nacional”.<sup>173</sup> Argentina 4X1.

Segundo o Jornal do Brasil, desde o início da partida foi possível perceber a força e categoria do ataque argentino: “Os primeiros momentos do encontro de hoje provaram a pujança do ataque argentino, criando, desde logo, situações delicadas para o goal brasileiro”.<sup>174</sup>

---

<sup>169</sup> Escalação da Seleção Argentina: Tesoriere, Bidoglio, Muttis, Médici, Vaccaro, Fortunato, Tarasconi, Sánchez, Seoane, Garasino e Bianchi. Técnico: Ángel Vásquez. Escalação da Seleção Brasileira: Tuffy, Clodô, Hélcio, Nascimento, Floriano, Fortes, Filó, Lagarto, Friedenreich, Nilo e Moderato. Técnico: Joaquim Guimarães. Árbitro: M. Chaparro do Paraguai.

<sup>170</sup> JORNAL DO BRASIL, 15 de dezembro de 1925, p. 21.

<sup>171</sup> Cf. Biografia de Seoane na nota número 128.

<sup>172</sup> O Jornal do Brasil equivocou-se na reportagem do dia 15 de dezembro de 1925 ao assinalar o segundo gol argentino para Garasino.

<sup>173</sup> EL GRÁFICO, 19 de dezembro de 1925, p. 16-17.

<sup>174</sup> JORNAL DO BRASIL, 15 de dezembro de 1925, p. 21.

Após a derrota passou-se a questionar o comportamento de alguns jogadores do Brasil que não estariam se concentrando da forma adequada para os jogos em virtude do interesse pela animada noite portenha.

É com bastante pezar que vimos hontem à noite, em mãos de conceituado negociante de nossa praça que mantém grandes transacções commerciaes com a praça de Buenos Aires, correspondência hontem mesmo recebida, onde, entre notícias referentes aos seus negócios, dava a triste nova de que muitos de nossos jogadores passavam as noites em – “constantes farras e libações nos cabarets do Maipu, Florida e outros até quasi ao amanhecer, além da jogatina até alta madrugada no próprio hotel.<sup>175</sup>

Relatos similares também foram apresentados por Mario Filho em sua obra clássica, *O negro no futebol brasileiro*.

Os jogadores de *smoking* não tinham ido a Buenos Aires só para jogar futebol, tinham ido jogar e se divertir. Por isso quase não paravam no hotel. (...) Quando Renato Pacheco e Joaquim Guimarães iam ver se os jogadores estavam recolhidos, encontravam as camas feitas e vazias. Os jogadores passavam o resto da noite no Tabaris, só voltavam de madrugada.<sup>176</sup> Assim não se podia pensar em ganhar um sul-americano. Os brasileiros perderam de longe dos argentinos no primeiro jogo, ia haver um segundo, os jogadores foram proibidos de sair do hotel (...).<sup>177</sup>

Mesmo depois das restrições impostas pelos dirigentes, alguns jogadores arranjavam alguma maneira para “atacar” a noite de Buenos Aires. A indisciplina, segundo Mario Filho, teria sido comandada por:

Fortes, Floriano, Nilo e Friedenreich sempre arranjavam um jeito de dar uma fugida. Esperavam que todos estivessem dormindo, levantavam-se da cama, vestiam de novo o seu *smocking*, muitas vezes só calçavam os sapatos no elevador para não fazer barulho, não acordar ninguém.<sup>178</sup>

O campeonato entrou em seu segundo turno. Argentina e Brasil voltaram a enfrentar e vencer o Paraguai, inclusive com placares idênticos: 3X1. Dessa forma, a última

---

<sup>175</sup> Idem, 15 de dezembro de 1925, p. 21.

<sup>176</sup> Tabaris era um famoso Cabaré da cidade de Buenos Aires.

<sup>177</sup> FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 146.

<sup>178</sup> Idem, ibidem, p. 146.

partida, no dia de Natal de 1925, decidiria o torneio. A Argentina jogava com a vantagem do empate, pois ao vencer o Brasil no turno inicial, tinha dois pontos de vantagem.<sup>179</sup>

Apesar da imprensa dos dois países apontarem a Seleção Argentina como a grande favorita para o confronto, o La Nacion ressaltou a ausência de três titulares e que isso retiraria, em parte, a força do conjunto local.<sup>180</sup> Fato curioso, é que um dos substitutos, Alejandro de los Santos, atacante do Huracán, foi o primeiro jogador negro a defender a albiceleste. Já o Brasil, exceto por Friedenreich, foi a campo apenas com jogadores brancos.

Apesar de ser um dia festivo, compareceram ao estádio do Sportivo Barracas aproximadamente 18 mil torcedores. As duas seleções ao entrarem no gramado, primeiro a anfitriã e minutos depois a visitante, foram saudadas de forma enfática pelos presentes. O jogo teve seu início às 17 horas.<sup>181</sup>

**Figura 7: Jornal brasileiro com imagens da partida disputada no Natal de 1925<sup>182</sup>**



Segundo o La Nacion, os albicelestes não produziam um bom futebol nos minutos iniciais da partida e foram dominados pelos brasileiros. Porém, o jogo perdeu intensidade e ficou lento a partir dos 15 minutos, talvez em virtude do cansaço dos jogadores, reduzindo o

<sup>179</sup> Em caso de vitória brasileira, as duas seleções ficariam empatadas em pontos e seria marcado um jogo extra para desempatar a disputa. Cf. JORNAL DO BRASIL, 25 de dezembro de 1925, p. 17.

<sup>180</sup> Cf. LA NACION, 25 de dezembro de 1925, Caderno 2, p. 1.

<sup>181</sup> Escalação da Seleção Argentina: Tesoriere, Bidoglio, Muttis, Médici, Vaccaro, Fortunato, Tarasconi, Cerrotti, Seoane, De los Santos e Bianchi. Técnico: Ángel Vásquez. Escalação da Seleção Brasileira: Tuffy, Pennaforte, Hélcio, Nascimento, Rueda, Pamplona, Filó, Lagarto, Friedenreich, Nilo e Moderato. Técnico: Joaquim Guimarães. Árbitro da partida foi o paraguaio M. Chaparro.

<sup>182</sup> TRIVELA. “Futebol, boemia e confusão: Há 90 anos, Brasil e Argentina decidiam a Copa América em pleno Natal”. Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/futebol-boemia-e-confusao-ha-90-anos-brasil-e-argentina-decidiam-a-copa-america-em-pleno-natal/>. Acessado em: 15 de setembro de 2016.

interesse dos próprios torcedores.<sup>183</sup> Nesse momento, o Brasil continuava um pouco melhor e chegou ao gol inaugural aos 28 minutos por intermédio de Friedenreich, após tabela com Nilo. Determinados a forçar um jogo extra, minutos depois, aos 31, o Brasil ampliou a vantagem, agora com Friedenreich servindo Nilo que bateu forte no ângulo de Tesoriere.

Aos 35 minutos, um fato modificou o andamento da partida: Friedenreich avançava mais uma vez em direção ao gol adversário, porém foi detido por uma falta mais forte do zagueiro Ramon Muttis que acarretou o revide, com um pontapé, por parte do jogador brasileiro. Os dois atletas passaram para as agressões verbais, até que o zagueiro argentino desferiu um soco no atacante brasileiro. Vários jogadores das duas equipes tentaram separá-los, mas o resultado foi a generalização da pugna que, segundo o Jornal do Brasil, acarretou a invasão do campo por parte de alguns torcedores locais, fato que não foi comentado pelo La Nacion.

Origina-se um conflicto em campo, sendo necessária a intervenção da policia.

O povo invadiu o gramado, porém a policia defendeu os jogadores.

A policia conseguiu restabelecer a ordem, recomeçando o jogo. São decorridos trinta e seis minutos de jogo.<sup>184</sup>

O La Nacion detalha da seguinte forma a intervenção dos jogadores para terminar com a briga:

Nestas circunstâncias vários jogadores dos dois lados correram para separar os contendores; porém, seja porque a atitude foi mal interpretada ou porque os ânimos se encontravam muito excitados, o fato é que a briga entre os jogadores se generalizou, até que colocou fim ao ingrato espetáculo a intervenção da Polícia, representada no campo por um grande número de agentes.<sup>185</sup>

Serenados os ânimos, minutos depois, o juiz da partida chamou os dois jogadores que iniciaram o entrevero para uma conversa; eles se abraçaram e foram aplaudidos pelos torcedores.<sup>186</sup> O jogo se reiniciou e, restando 4 minutos do encerramento da etapa inicial, a

---

<sup>183</sup> LA NACION, 26 de dezembro de 1925, p. 6.

<sup>184</sup> JORNAL DO BRASIL, 26 de dezembro de 1925, p. 10.

<sup>185</sup> LA NACION, 26 de dezembro de 1925, p. 6.

<sup>186</sup> Idem, ibidem, p. 6.

Argentina descontou por intermédio do atacante Cerrotti, que teve que chutar duas vezes para vencer o goleiro brasileiro, Tuffy. Terminava a etapa inicial com o Brasil em vantagem.

Se a Seleção Brasileira havia exercido forte pressão no primeiro tempo, no segundo a realidade se inverteu completamente e, desde os minutos iniciais da etapa complementar, os argentinos pressionaram duramente os jogadores brasileiros. O gol não tardou a acontecer, para delírio dos torcedores presentes.

Para o Jornal do Brasil, a briga e a invasão da torcida acarretou no primeiro gol da seleção local, conseqüentemente na sua reação. Para o periódico brasileiro, não fosse o ocorrido a Seleção Brasileira poderia ter tido melhor sorte ao final da peleja. Aos 7 minutos, o Brasil cedeu um escanteio que foi rechaçado pela defesa, porém a bola voltou a ser dominada pelos argentinos que conseguiram mais um tiro de canto. Dessa feita, Bianchi cruzou-a e ela foi desviada quase enganando o goleiro brasileiro que a espalmou parcialmente, a bola se ofereceu a Seoane, que apenas empurrou para o fundo do gol.<sup>187</sup>

Os brasileiros tentaram reagir, mas naquela altura os argentinos já tinham se assenhorado da partida e ainda perderam outras oportunidades de “virar” o placar. No final, 2X2, e a Argentina conquistava o seu segundo título continental. Para o Jornal do Brasil: “O *score* da partida é considerado injusto, pois de acordo com o desenvolvimento do segundo tempo a victoria deveria ter sido dos argentinos”.<sup>188</sup>

Apesar da conclusão acima, o jornal brasileiro entendia que o resultado da partida poderia ter sido totalmente distinto, não fosse a briga, seguida de confusão, ocorrida no primeiro tempo, pois a Seleção Argentina não havia repetido as boas atuações anteriores e também não era, segundo o jornal, superior ao selecionado brasileiro, mas equivalente.

Conforme prevíamos o *team* argentino não repetiu a proeza anterior e apenas conseguiu empatar, porque na verdade, não é superior ao nosso *team* mas apenas equivalente. Não houvesse a invasão de campo que motivou a suspensão da partida e intervenção da polícia, mudando assim a phase do jogo quando vencíamos por 2X0 e provavelmente o gol de Cerrotti não teria verificado.<sup>189</sup>

---

<sup>187</sup> Idem, *ibidem*, p. 6.

<sup>188</sup> JORNAL DO BRASIL, 26 de dezembro de 1925, p. 10.

<sup>189</sup> Idem, *ibidem*, p. 10.

O Jornal Folha da Noite foi bastante crítico em relação à atuação do selecionado nacional. “A jornada dos brasileiros pelo Prata encerrou-se e, de qualquer modo, não foram sequer agradáveis os seus resultados”.<sup>190</sup> O texto do periódico paulista deixa perceber que houve, especialmente por parte dos jogadores cariocas, clara arrogância e injustificado menosprezo pelos adversários, deixando claro o discurso bairrista que vigorava na imprensa entre dois dos principais estados brasileiros.

Os cariocas, menos retrahidos que os paulistas alardearam o poderio de nossa representação, a tal ponto atingindo o seu ardor partidário que não reconheceram o valor dos demais concorrentes no certamen, recém disputado em Buenos Aires.<sup>191</sup>

Segundo ainda o periódico, a conclusão é extremamente sarcástica.

Os argentinos, já não falando nos uruguayos, possuem elementos para nos superar, tanto mais facilmente quanto mais favorecidos sejam como agora, em que venceram em sua própria casa. Desdenhar os valores técnicos, de que dispõem ambos, é obra de desequilíbrio mental.<sup>192</sup>

No dia 26 de dezembro de 1925 o selecionado brasileiro embarcou de volta para o seu país e apesar da partida duramente disputada na véspera, o clima parecia de extrema cordialidade, afinal estiveram presentes vários dirigentes da *Asociación Argentina de Football*, jogadores e até torcedores locais. Tal clima não era compartilhado pelos torcedores brasileiros e também por autoridades, especialmente do Ministério das Relações Exteriores. Os últimos entenderam que o futebol, ao invés do apregoador, agora muito marcado por rivalidades, não mais aproximava os povos, e a partir de tal premissa, recomendou que o selecionado brasileiro não mais disputasse os torneios sul-americanos.

Mario Filho também ofereceu, em relação ao jogo disputado no Natal de 1925, uma versão com fortes tonalidades de racismo, mesmo ela não tendo sido destacada nos jornais da época. Ficaram claros os reflexos dessa partida para a torcida e autoridades brasileiras.

---

<sup>190</sup> FOLHA DA NOITE, 27 de dezembro de 1925, p. 4.

<sup>191</sup> Idem, ibidem, p. 4.

<sup>192</sup> Idem, ibidem, p. 4.

O escore chegou a estar de dois a zero a favor do Brasil, Friedenreich ia fazer o terceiro gol quando recebeu um pontapé pelas costas. Friedenreich nem se lembrou que bastava empurrar a bola para garantir a vitória do Brasil, largou a bola para brigar.

A multidão invadiu o campo do Barracas aos gritos de ‘*macaquitos*’, meteu o pau nos jogadores brasileiros.

Por causa disso houve passeatas na Avenida Rio Branco contra a Argentina, o Itamarati chegou à conclusão de que o futebol não aproximava os povos, pelo contrário, o melhor era o Brasil não disputar mais nenhum campeonato sul-americano.<sup>193</sup>

### 3.7. ONZE ANOS SEM CONFRONTO

Coincidência ou não, Brasil e Argentina ficaram 11 anos sem se enfrentar, entre 1926 e 1936. Os motivos, obviamente, foram mais complexos do que os problemas ocorridos na partida do Natal de 1925, mas ela também contribuiu para tal decisão. Enfim, a Seleção Brasileira ficou quatro anos e meio sem enfrentar outros selecionados nacionais.<sup>194</sup> Somente em 1928, voltou a disputar amistosos contra equipes estrangeiras. Por isso, ela não participou dos Campeonatos Sul-Americanos de 1926, 1927 e 1929.

As motivações para que a Seleção Brasileira não fosse convocada no período destacado eram bem mais complexas do que um eventual distanciamento que o futebol poderia provocar entre os povos, como reflexo da briga ocorrida no Estádio do Barracas, Buenos Aires, em 1925. O forte bairrismo entre paulistas e cariocas e as questões discordantes relativas à profissionalização dos jogadores deixaram o clima impróprio para novas convocações. Segundo Newton César de Oliveira Santos:

Depois da partida contra a Argentina, realizada no dia de Natal de 1925, a Seleção Brasileira ficou quatro anos e meio sem enfrentar seleções de outros países. A principal razão: as insuperáveis diferenças entre paulistas e cariocas, tanto entre si como internamente. Além disso, assim como acontecia na Argentina, a paradoxal existência do “amadorismo marrom” em meio a um esporte que se proclamava não profissional cobrava uma definição, que se refletia no constante embate entre jogadores, dirigentes de clubes e políticos.

(...)

---

<sup>193</sup> FILHO, Mario. op. cit., p. 147.

<sup>194</sup> Após o empate com a Argentina em 2X2 pelo Sul-Americano de 1925, em 25 de dezembro, a Seleção Brasileira só voltou a enfrentar um selecionado estrangeiro em 14 de julho de 1930, na fase de grupos da I Copa do Mundo, disputada no Uruguai. Acabou sendo derrotada pela Iugoslávia pelo placar de 2X1.

Nesse ambiente conturbado tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro, a CBD não via condições de reunir um selecionado que efetivamente pudesse representar o país em competições internacionais.<sup>195</sup>

A divisão entre os órgãos dirigentes do futebol argentino foi superada no ano de 1927 quando as duas entidades, a *Asociación Argentina de Football* e a *Amateurs* se fundiram e deram origem a *Asociación Amateur Argentina de Football*. Porém, as cizânias logo marcariam o futebol local.

A crise de 1929 também desestabilizou, assim como ocorreu no Brasil, a política argentina. Nos dois países seus presidentes eleitos foram depostos. Hipólito Yrigoyen, estava em seu segundo mandato, ele havia governado o país entre 1916 e 1922, quando foi derrubado por um golpe militar encabeçado pelo general José Félix Uriburu.<sup>196</sup> Washington Luís, no Brasil, se encontrava em seus últimos dias de mandato, quando foi deposto por um golpe civil-militar liderado por Getúlio Vargas e que ganhou a alcunha de Revolução de 30. Júlio Prestes, que havia vencido as eleições em março daquele ano, inclusive derrotando Vargas, foi impedido de tomar posse e o líder do movimento oposicionista iria começar seu longo período no poder que se estendeu até 29 de outubro de 1945.<sup>197</sup>

Na Argentina, a ditadura não foi capaz de deter a insatisfação dos jogadores e alguns dirigentes locais com o “amadorismo marrom”. Apesar da repressão militar exercida, os jogadores, com o apoio da *Asociación Mutualista de Football*,<sup>198</sup> decidiram entrar em greve em 1º de abril de 1931. Eles exigiam um novo tratamento: que fossem reconhecidos como trabalhadores profissionais e donos de suas próprias contratações. Como não foi possível chegar a um acordo, 18 clubes abandonaram a *Asociación Amateurs Argentina de*

---

<sup>195</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 126-127.

<sup>196</sup> Cf. CATTARUZZA, Alejandro. *Historia de la Argentina, 1916-1955*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2013. SÁENZ QUESADA, Maria. *La historia del país e de su gente*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2012. ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

<sup>197</sup> Cf. FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930: historiografia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. SCHWARCZ, Lilia M. & STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 351-396. FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil republicano: o temo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. GOMES, Angela de Castro (coord.). *História do Brasil Nação (1808-2010): olhando para dentro 1930-1964*. Rio de Janeiro: Objetiva, v. 4, 2013.

<sup>198</sup> A *Asociación Mutualista de Football* é entendida por Bayer como o verdadeiro sindicato dos jogadores de futebol daquele tempo. O autor relata que os jogadores estão fartos das manipulações dos dirigentes e do “amadorismo marrom”. Cf. BAYER. Osvaldo. *Fútbol Argentino*. Buenos Aires: Editorial La Página S.A., 2009, p. 31.

*Football* e criaram a *Liga Argentina de Football* que iniciou suas atividades em 31 de maio, data que marca o início da era profissional no futebol argentino.<sup>199</sup> Para Bayer: “se acaba a idade juvenil do futebol. Fenecem os dourados anos 20. O jogo mais querido passa a ser de esporte a um negócio. Começa a era do profissionalismo”.<sup>200</sup>

As duas entidades – *Asociación Amateurs Argentina de Football* e *Liga Argentina de Football* – organizaram seus próprios campeonatos entre os anos de 1931 e 1934 quando, finalmente, se fundiram e decidiram criar a *Asociación del Fútbol Argentino*, a atual AFA.

No Brasil, iniciou-se em 1930 o período que ficou conhecido como “Era Vargas”. Ocorreram importantes mudanças na realidade brasileira, dentre elas pode-se citar o incremento da industrialização, o processo de urbanização e a maior presença do Estado em todos os setores. Logicamente o futebol não escaparia dessa realidade.

No Brasil, pouco depois de empossado, Getúlio Vargas divulgou um documento chamado “Programa de Reconstrução Nacional”, com 17 itens. O 15º deles mencionava a criação do Ministério do Trabalho, que lançaria as bases para a regulamentação da profissão de futebolista no país, em 1933.<sup>201</sup>

É ainda importante ressaltar, que ao contrário do Brasil, a Seleção Argentina não ficou inativa, em 1926 entrou em campo seis vezes<sup>202</sup>, em 1927 mais 5 vezes, 3 delas pelo Sul-Americano daquele ano que classificava os dois primeiros colocados para disputar as

---

<sup>199</sup> O debate em relação à profissionalização ocorrido na Argentina era muito semelhante ao que se deu no Brasil. A profissionalização ou ainda a semiprofissionalização, também denominado de “amadorismo marrom”, irritava os setores mais abastados que viam no futebol apenas uma forma de lazer, de garantir um melhor preparo físico, uma vida mais saudável e sinal de boa condição social e “modernidade”. Não por acaso eles dirigiam a maior parte dos clubes nos dois países. Também abominavam a presença de mestiços, negros e índios nas equipes, porém, a rivalidade entre os clubes se acentuava e com ela a necessidade de vitórias e novas conquistas. Por isso, não era mais possível “abrir mão” dos jogadores mais talentosos, mesmo que viessem dos extratos sociais inferiores. Em pouco tempo, mesmo os times mais tradicionais e elitistas contavam com atletas não-brancos e de outros segmentos sociais. Além disso, as pressões exercidas por equipes, especialmente europeias, que já haviam profissionalizado o esporte, drenavam os principais jogadores da Argentina, do Brasil e do Uruguai. Em 1931, o futebol argentino foi profissionalizado e o brasileiro em 1933.

<sup>200</sup> Idem, *ibidem*, p. 31.

<sup>201</sup> CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1990, p. 175.

<sup>202</sup> A Argentina venceu o Paraguai nas duas partidas disputadas pela Copa Chevalier Boutell, ambas por 2X1. Pelo Sul-Americano, realizado no Chile, foram duas vitórias, um empate e uma derrota. Argentina 5X0 Bolívia; Argentina 8X0 Paraguai; Argentina 0X2 Uruguai e Argentina 1X1 Chile. O Uruguai que venceu suas quatro partidas terminou com o título do Campeonato Sul-Americano de 1926.

Olimpíadas de 1928, em Amsterdã.<sup>203</sup> As seleções classificadas foram a Argentina e o Uruguai, respectivamente campeã e vice-campeã.

### 3.8. AS OLIMPIADAS DE 1928 E AS COPAS DE 1930 E 1934

Em 1928, a atenção dos apreciadores do futebol, bem como dos outros esportes, voltaram-se para as Olimpíadas de Amsterdã. As duas seleções sul-americanas classificadas, o Uruguai, que defendia a medalha de ouro conquistada em 1924, e a Argentina, foram as grandes sensações do torneio e disputaram a grande final.<sup>204</sup> Os argentinos, segundo Bayer, levaram os seus melhores jogadores e acreditavam que poderiam conquistar o título. O citado autor ainda ressalta que a seleção albiceleste havia superado certo sentimento de inferioridade em relação ao Uruguai ao incorporar características próprias daquele futebol, em especial a garra e a coragem.<sup>205</sup>

A Argentina fez grande campanha. Venceu com extrema facilidade, na primeira fase, os Estados Unidos pelo placar de 11X2. Nas quartas de final derrotou a Bélgica por 6X3 e voltou a golear na semifinal, a vítima foi o Egito e a vitória foi por 6X0. Seu grande rival, o Uruguai, também foi derrubando os seus adversários, mas sem a mesma facilidade que os argentinos. Na primeira fase venceu por 2X0 os holandeses, nas quartas de final superou a Alemanha por 4X1, na semifinal, um jogo difícil, 3X2 contra os italianos, uma nova vitória e o ingresso para a grande final. As duas potências da América do Sul estavam classificadas para disputar o lugar mais alto no pódio.

A disputa pela medalha de ouro ocorreu no dia 10 de junho. Pedro Petrone, aos 23 minutos do tempo inicial, abriu o placar para os uruguaios. No segundo tempo, logo aos 5 minutos, Manuel Ferreira empatou a partida. O empate prevaleceu não só até o final do tempo regulamentar como também durante os 30 minutos da prorrogação. Nova partida foi marcada para o dia 13 de junho.

---

<sup>203</sup> A Seleção Argentina jogou dois amistosos contra o Uruguai, venceu um e perdeu o outro. Já no Sul-Americano, disputado no Peru, conquistou seu terceiro título realizando uma grande campanha, vencendo suas três partidas, duas por goleada. Argentina 7X1 Bolívia; Argentina 3X2 Uruguai e Argentina 5X1 Peru.

<sup>204</sup> Uma terceira equipe sul-americana disputou o torneio, o Chile, como convidada, porém, logo perdeu para Portugal, ainda na fase preliminar.

<sup>205</sup> BAYER. Osvaldo. op. cit., p. 27.

Aproximadamente 50 mil espectadores assistiram a partida de desempate. Como ocorrido no jogo anterior, os uruguaios abriram o placar, gol de Roberto Figueroa, aos 17 minutos do primeiro tempo. A vantagem uruguaia não perdurou muito, Luis Monti, aos 28 minutos empatou a partida. No segundo tempo, aos 33 minutos, Héctor Scarone, deu números finais para a grande final: Uruguai 2X1 e bicampeão olímpico. Apesar da tristeza, os jornais argentinos ressaltaram a força do “futebol rioplatense”.<sup>206</sup> Enfim, enquanto o Brasil se afastava do cenário internacional com sua inatividade, os dois vizinhos do Prata não apenas confirmavam sua grande rivalidade como também consolidavam seu prestígio internacional.

Antes de retornar aos confrontos entre Argentina e Brasil, que só voltaram a acontecer em janeiro de 1937, dois grandes eventos para o desenvolvimento do futebol ocorreram: as duas primeiras Copas do Mundo, em 1930 no Uruguai e quatro anos depois, 1934, na Itália de Mussolini.

Já em 21 de maio de 1904, quando da fundação da FIFA, o então presidente Jules Rimet, demonstrou o desejo de organizar um torneio de âmbito mundial que permitisse que todas as seleções filiadas pudessem disputá-lo. Com o desenvolvimento do esporte, a FIFA anunciou em maio de 1929, em Congresso realizado em Barcelona, que o Uruguai sediará, no ano seguinte, a I Copa do Mundo de Futebol.<sup>207</sup>

O que ninguém previa naquele momento é que poucos meses depois o mundo enfrentaria a Crise de 1929 que levaria ao caos a economia mundial. Em virtude da Grande Depressão, mas também da enorme distância do país-sede da Copa, as principais seleções europeias desistiram de participar do torneio, outras reclamações, que se mantêm bastante atuais, foram utilizadas à época, como os clubes locais ficarem tanto tempo sem contar com os seus jogadores convocados.

Era necessária uma viagem marítima de mais de duas semanas para uma competição que duraria apenas alguns dias. Áustria, Tchecoslováquia, Suíça

---

<sup>206</sup> Cf. BAYER, Osvaldo. op. cit., p. 27 e MURRAY, Bill. *Uma história do futebol*. São Paulo: Hedra, 2000, p. 74.

<sup>207</sup> Além do Uruguai, vários países europeus se apresentaram para sediar o evento, tais como: Espanha, Holanda, Hungria, Itália e Suécia. O Uruguai tinha a seu favor o bicampeonato olímpico (1924 e 1928), o apoio das demais federações sul-americanas e enxergava uma excelente oportunidade de celebrar os 100 anos de independência do país abrigando um grande evento esportivo. Além disso, prometeu pagar as passagens e estadias das demais delegações que participassem do torneio assim como garantiu a construção de um estádio especial para o campeonato, o lendário Estádio Centenário de Montevideu, com capacidade para 70 mil pessoas.

e Alemanha se recusaram a vir a terras tão longínquas para disputar um torneio de futebol. Os britânicos (Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda) também não viriam, mesmo porque haviam se retirado da FIFA em 1928 por discordar da política de semiprofissionalismo tolerada pela entidade (só regressariam em 1946). Os clubes europeus, por sua vez, reclamavam de terem de ficar quase dois meses sem seus atletas para que eles servissem às seleções. Havia também para as federações o problema de se pagar os salários dos jogadores profissionais por tanto tempo. Para complicar ainda mais, em 1930, a Europa estava voltada para as finais da primeira Copa Internacional (Mitropa), um torneio antecessor mais ou menos parecido com a atual Eurocopa, do qual participaram cinco países (Itália, Suíça, Áustria, Tchecoslováquia e Hungria).<sup>208</sup>

O descaso europeu com o torneio irritou bastante o país anfitrião, que esteve muito próximo não só de cancelá-lo, mas também de se retirar da FIFA. Jules Rimet, preocupado, atuou pessoalmente no sentido de convencer, sobretudo algumas seleções europeias, de participarem da disputa, que naquele momento era menosprezada pela imprensa do Velho Mundo, como um campeonato de países sul-americanos. A pressão do dirigente da FIFA surtiu efeito e França, Bélgica, Iugoslávia e Romênia embarcaram para Montevidéu.

Os demais países participantes eram provenientes da América: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Estados Unidos, México, Paraguai e Peru. Além, é claro, dos anfitriões, a forte Seleção Uruguaia. Com isso, 13 equipes participaram da I Copa do Mundo de futebol.

Argentinos e uruguaios convocaram os seus melhores jogadores. O Brasil, por sua vez, em decorrência das desavenças entre cariocas e paulistas, não contou com o que tinha de melhor. Grandes jogadores como Friedenreich, Heitor, Filó, dentre outros, desfalcaram o selecionado nacional. Segundo Franzini:

O futebol do país era marcado, então, por fortes tensões entre os que defendiam o amadorismo e os que desejavam sua profissionalização em definitivo. Havia igualmente uma ácida disputa entre as federações de São Paulo e do Rio de Janeiro pelo controle administrativo do *football*. Ainda que 15 dos 26 convocados fossem de clubes de São Paulo, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), sediada no Rio de Janeiro, não incluiu nenhum componente da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) na comissão técnica da seleção. Em represália, os dirigentes paulistas negaram-se a ceder os atletas de seus clubes para o escrete nacional, que, assim, se viu totalmente desestruturado.<sup>209</sup>

---

<sup>208</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., p. 93.

<sup>209</sup> FRANZINI, Fábio. “Quando a Pátria calçou chuteiras”. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 1, n° 7, janeiro de 2006, p. 19.

**Figura 8: Pôster da I Copa do Mundo de Futebol – 1930 - Uruguai<sup>210</sup>**



A Seleção Brasileira, por sua vez, não jogava contra outros selecionados nacionais desde o fatídico empate com a Argentina em 2X2, ou seja, desde o Natal de 1925. Dessa forma, ela não fez nenhum amistoso antes da Copa. Fora os arroubos de nacionalismo noticiados pelos jornais, a Seleção era uma completa incógnita. A estreia se deu no dia 14 de julho de 1930, no Estádio Parque Central,<sup>211</sup> pertencente ao Nacional de Montevideú.<sup>212</sup>

Fazia muito frio na capital uruguaia no dia em que a Seleção Brasileira estreou na Copa do Mundo de 1930. Uma temperatura excepcionalmente baixa para Montevideú, algo assim beirando zero grau. O time brasileiro gelou. Quando viu, a Iugoslávia já estava ganhando por 2 a 0 lá pelos 30 minutos de jogo.<sup>213</sup>

O Brasil ainda descontou, com Preguinho, filho do intelectual e escritor Coelho Neto, mas o placar não mais se alterou. Vitória iugoslava por 2X1 e o Brasil estava praticamente eliminado da Copa do Mundo, afinal os dois selecionados enfrentariam agora a fraca Bolívia.

<sup>210</sup> RENAN, Willy. “Cartazes e mascotes das Copas”. Disponível em: <https://willyrenan.wordpress.com/2010/07/13/cartazes-e-mascotes-das-copas/>. Acessado em: 20 de setembro de 2016.

<sup>211</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Joel, Brilhante, Itália, Hermógenes, Fausto, Fernando, Poli, Nilo, Araken, Preguinho e Teófilo. Escalação da Seleção Iugoslava: Jaksic, Ivkovic, Mijailovic, Stevanovic, Arsenijevic, Doric, Tirnanic, Marjanovic, Bek, Vujadinovic e Sekulic. O árbitro da partida foi o uruguaio A. Tejada. Os gols foram marcados por: Tirnanic e Bek para a Iugoslávia e Preguinho pelo Brasil.

<sup>212</sup> Uma curiosidade precisa ser ressaltada, se o Brasil não contou com os jogadores paulistas, a Iugoslávia, pelas questões étnicas, também só contou com jogadores sérvios, pois os croatas se recusaram a liberar os seus atletas.

<sup>213</sup> SOTER, Ivan. op. cit., p. 48.

De fato, no dia 17 de julho, os iugoslavos derrotaram a Seleção Boliviana por 4X0 carimbando sua passagem para a próxima etapa do torneio. O Brasil, por sua vez, apenas “cumpriu tabela” contra os bolivianos, no dia 22 de julho, vencendo o seu adversário também pelo placar de 4X0.<sup>214</sup> O Brasil se despedia da I Copa do Mundo. Tristeza dos cariocas e alegria dos paulistas.

**Figura 9: Seleção Brasileira que enfrentou a Seleção Iugoslava em 1930<sup>215</sup>**



Uruguaios e argentinos foram vencendo os seus adversários e chegaram, como nas Olimpíadas de 1928, na grande final do torneio.<sup>216</sup> As duas potências sul-americanas fariam uma nova final para um público estimado entre 70 e 80 mil pessoas que lotou o Estádio Centenário.

Confirmando a expectativa inicial, Uruguai e Argentina fizeram a final da Copa do Mundo, a 30 de julho de 1930. Foi uma partida emocionante, antecedida por um feroz clima de rivalidade cujas origens remontavam a velhos antagonismos desportivos e geopolíticos sul-americanos. Milhares de argentinos cruzaram o rio da Prata em barcos lotados e “ocuparam”

---

<sup>214</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Velloso, Zé Luís, Itália, Hermógenes, Fausto, Fernando, Benedito, Russinho, Carvalho Leite, Preguinho e Moderato. Escalação da Seleção Boliviana: Bermúdez, Durandal, Chavarria, Saenz, Lara, Valderrama, Ortiz, Bustamante, Méndez, Alborta e Fernández. O árbitro da partida foi o francês T. Balway. Os gols foram marcados por: Moderato (2) e Preguinho (2).

<sup>215</sup> MOCHILEIRO. *Descobrimo o Brasil*. Disponível em: <http://mochileiro.tur.br/copa-1930.htm>. Acessado em: 18 de novembro de 2016. Em pé, da esquerda para a direita: Pindaro de Carvalho (técnico – de terno), Brilhante, Fausto, Hermógenes, Itália, Joel e Fernando. Ajoelhados: Poli, Nilo, Araken, Preguinho e Teófilo.

<sup>216</sup> O Uruguai na primeira fase venceu na estreia o Peru por 1X0 e venceu, na partida seguinte, a Romênia por 4X0. A Argentina, por sua vez, caiu no único grupo com 4 equipes e, ao contrário de seus adversários, teve que jogar três vezes. Além dos adversários, o selecionado albiceleste também enfrentou as provocações da torcida uruguaia. Estreou contra à França, jogo duríssimo e vitória por 1X0. Na partida seguinte venceu o México por 6X3 e encerrou a primeira fase derrotando por 3X1 o Chile. Na semi-final a Argentina enfrentou e goleou os Estados Unidos por 6X1, mesmo placar da vitória uruguaia sobre os iugoslavos.

Montevidéu, bradando em coro “*Argentina si, Uruguai no! Victoria ou muerte!*”.<sup>217</sup>

A rivalidade entre os dois países era de tal monta que até a bola a ser utilizada na final foi motivo de discórdia e muita discussão. A saída encontrada foi utilizar no primeiro tempo uma bola argentina (*Tiento*) e na etapa complementar uma bola uruguaia (*Modelo-T*). A ordem das bolas foi definida por sorteio. Apesar de ambas serem montadas com doze peças ou gomos, a bola argentina era um pouco mais leve e imperceptivelmente menor que sua congênere uruguaia.

Apesar de ter aberto o placar logo aos 12 minutos, com Pablo Dorado, a equipe anfitriã não iniciou bem a partida e em poucos minutos a Argentina virou o placar, gols de Peucelle (20 minutos) e Guillermo Stábile (37 minutos). Final do primeiro tempo, coincidência ou não, usando sua bola, a Argentina estava na frente.

O início do segundo tempo também não se apresentou positivo para os uruguaiois, que agora usavam sua bola. Eles chegaram a levar o terceiro gol argentino, mas o árbitro, o belga Jan Lengen<sup>218</sup>, anulou. Aos dez minutos da etapa final os donos da casa empataram a partida, gol de Cea.

Os argentinos, longe de sentirem o gol, passaram a pressionar ainda mais a defesa uruguaia, que recorreu muitas vezes às faltas duras com o intuito de parar o ataque adversário. Aos 23 minutos, para delírio da torcida local, Iriarte virou a partida. A partir daí a Argentina não mais se encontrou em campo e não conseguiu armar novas jogadas perigosas. Faltando um minuto para o término do confronto, o golpe final, Castro, “El Manco”<sup>219</sup> determinou o placar da partida: vitória uruguaia por 4X2 e delírio pelas ruas de Montevidéu.

---

<sup>217</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., p. 107-108. A rivalidade era tal que o meio-campo Luis Monti recebeu ameaças por meio de bilhetes na véspera da final, inclusive pediu para não entrar em campo, mas acabou escalado e teve uma atuação ruim.

<sup>218</sup> A partida final entre uruguaiois e argentinos alcançou tal grau de tensão que o belga Jan Langenus, juiz da grande final, exigiu da FIFA um seguro de vida e o retorno imediato à Europa ao término do espetáculo como condições para apitar o jogo. Cf. Idem, ibidem, p. 108.

<sup>219</sup> Manco em espanhol significa maneta. Castro tinha esse apodo em virtude de ter perdido a mão direita ainda criança em um acidente com uma serra elétrica.

**Figura 10: Gol do Uruguai na final de 1930 contra a Argentina<sup>220</sup>**



Assim como ocorreu após o jogo entre Brasil e Argentina em 1925, a final da Copa do Mundo também trouxe discussões sobre a validade do futebol como elemento de aproximação entre os povos afinal, foram registrados vários confrontos entre os torcedores nas duas capitais. Em Buenos Aires, por exemplo, a embaixada uruguaia chegou a ser apedrejada. O outro resultado da grande final foi que os dois países romperam relações esportivas por alguns anos.<sup>221</sup>

Devido aos lamentáveis acontecimentos extracampo registrados antes, durante e depois da final da Copa, jornalistas e dirigentes argentinos passaram a defender a ideia de que não se deveria mais medir forças com o selecionado uruguaio. (...) Argentina e Uruguai não voltaram a se enfrentar ao longo dos cinco anos seguintes.<sup>222</sup>

**Figura 11: Seleção Uruguaia campeã em 1930<sup>223</sup>**



<sup>220</sup> BAÚ do futebol. Disponível em: <https://fichadojogo.wordpress.com/1930/07/30/ficha-do-jogo-uruguai-4-x-2-argentina/>. Acessado em: 20 de novembro de 2016.

<sup>221</sup> Para aprofundar a questão é interessante a leitura de AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2002, p. 48-51 e MURRAY, Bill *Uma história do futebol*. São Paulo: Hedra, 2000, p. 92.

<sup>222</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 130. Essa questão é bastante controversa, pois acessando o histórico do confronto entre as duas seleções é possível perceber que ocorreram amistosos entre eles nos anos de 1932 1933 e 1934.

<sup>223</sup> PÔSTERCAMPEÃO. “Campeões históricos: pôster Uruguai campeão mundial 1930”. Disponível em: <http://www.postercampeao.com.br/2016/01/campeoes-historicos-poster-uruguai.html>. Acessado em: 13 de agosto de 2018.

Ao contrário do que se poderia esperar, ao final da Copa do Mundo de 1930, os confrontos internacionais no continente sul-americano sofreram uma grande redução. Isso se deu em virtude de alguns fatores, dentre eles os efeitos da Crise de 29 e também dos movimentos pró e contra a instauração do profissionalismo no futebol. O campeonato Sul-Americano, por exemplo, só voltou a ser disputado em 1935, tendo como sede o Peru.

O Brasil ainda realizou mais 3 partidas em 1930, todas no mês de agosto, após a Copa do Mundo.<sup>224</sup> Em 1931 e 1932 realizou apenas uma partida a cada ano, sempre contra o Uruguai, pela Copa Rio Branco. Nos dois encontros o selecionado brasileiro se sagrou vitorioso.<sup>225</sup> Depois disso, o Brasil só voltou a jogar em 1934, na Copa do Mundo, quando foi derrotado na estreia pela Seleção Espanhola pelo placar de 3X1, deixando assim a competição.<sup>226</sup> Cabe lembrar que a Seleção Brasileira não precisou jogar as eliminatórias para a Copa de 34 uma vez que o Peru, seu adversário, desistiu de participar daquela Copa.

O caminho seguido pelos argentinos não foi muito distinto. Jogaram em agosto de 1930 contra a Iugoslávia, que venceram pelo placar de 3X1. Em 1931 foram mais 4 partidas, todas contra a Seleção Paraguaia, sendo dois amistosos disputados em Assunção e dois outros jogos válidos pela Copa Chevallier Boutell. Os argentinos só se reuniram novamente para a disputa da Copa do Mundo de 34<sup>227</sup> e, como o Brasil, a participação dos vice-campeões mundiais foi breve, derrota na partida inaugural para a Suécia por 3X2.

Ainda sobre a Copa de 1934, disputada na Itália, além das participações pífias de Brasil e Argentina, a ausência da seleção campeã do mundo se fez notar. O Uruguai, em represália ao fato de muitos países europeus não terem ido à Copa que ele sediou, não

---

<sup>224</sup> 1/8/1930 – Brasil 3X2 França. 10/8/1930 – Brasil 4X1 Iugoslávia. 17/8/1930 – Brasil 4X3 Estados Unidos. Todas as partidas foram jogadas no Estádio das Laranjeiras, Rio de Janeiro.

<sup>225</sup> 6/9/1931 – Brasil 2X0 Uruguai (Laranjeiras – Rio de Janeiro). 4/12/1932 – Uruguai 1X2 Brasil (Estádio Centenário de Montevideú).

<sup>226</sup> O regulamento da competição estabelecia, desde a sua primeira fase, o que denominamos atualmente de “mata-mata”, ou seja, a seleção que perdesse a partida estava automaticamente eliminada da competição. Caso houvesse empate no tempo regulamentar, haveria prorrogação e se o placar persistisse seria disputado um novo jogo no dia seguinte.

<sup>227</sup> Cf. SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit, p. 130. Porém, há os jogos contra a Seleção Uruguiaia destacados na nota 220 e que podem ser acessados no site livefutbol.com. As partidas em 1932: Argentina 2X0 Uruguai (15/5) e Uruguai 1X0 Argentina (18/5). Em 1933: Uruguai 2X1 Argentina (21/1), Argentina 4X1 Uruguai (5/2) e Uruguai 0X1 Argentina (14/12). Cf. LIVEFUTBOL.COM. Disponível em: <http://www.livefutbol.com/equipos/argentiniens-team/1933/3/>. Acessado em 20 de dezembro de 2016.

compareceu para defender o seu título, por sinal foi a única vez, até hoje (2018), que o campeão da competição anterior não compareceu na seguinte.<sup>228</sup>

**Figura 12: Pôster da II Copa do Mundo de Futebol – 1934 – Itália<sup>229</sup>**



A Itália, país sede, era percebida como a grande favorita para obter o título. Além de jogarem juntos há quase quatro anos, o selecionado tinha como base a forte equipe da Juventus de Turim. Mas, a não ser pela partida de estreia, quando venceu facilmente a seleção dos Estados Unidos pelo placar de 7X1, os demais jogos foram muito disputados. Nas quartas de final, por exemplo, precisou de dois jogos para eliminar a Espanha. A primeira partida terminou empatada em um gol e no jogo desempate os italianos só venceram pelo placar mínimo.

Na semifinal nova vitória pelo placar de 1X0 contra a Áustria.<sup>230</sup> A grande final, com público estimado de 73 mil pessoas, foi disputada no Estádio Partito Nacional Fascista, de Roma. Mais uma partida muito difícil, que os italianos venceram por 2X1 a Seleção da Tchecoslováquia na prorrogação.

<sup>228</sup> A Copa de 1934 foi a primeira a ter eliminatórias. Ao todo 32 seleções se inscreveram e 16 se classificaram para a fase final do torneio. A Itália, mesmo sendo a anfitriã, teve que disputar tal fase, nela enfrentou a Grécia e venceu com facilidade por 4X0. A partir de 1938 (Copa da França) ficou estabelecido que o país sede da competição estaria automaticamente classificado. Também não é um fato surpreendente a presença, no novo torneio, do campeão da Copa anterior, se for levado em conta que entre 1938 e 2002 tal selecionado estava automaticamente classificado para o Mundial seguinte. A mudança na regra ocorreu na Copa do Mundo de 2002, quando a FIFA estabeleceu que dali em diante o último campeão não teria mais a classificação garantida para o torneio posterior. Tal privilégio, por razões óbvias, ficou reservado apenas para o país anfitrião.

<sup>229</sup> WIKIPEDIA. “Copa do Mundo da FIFA de 1934”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa\\_do\\_Mundo\\_FIFA\\_de\\_1934](https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_FIFA_de_1934). Acessado em: 20 de setembro de 2016.

<sup>230</sup> A Áustria tinha uma das principais seleções do mundo no começo da década de 30, tanto que ficou conhecida como *Wunderteam*, “time maravilhoso”. Jogava um futebol técnico e rápido e era uma das favoritas na Copa de 1934, afinal dois anos antes havia vencido a Copa Internacional, após bater por 4X2 a Itália.

O tempo normal terminou em 1X1. Os visitantes abriram o placar aos 26 minutos da etapa complementar por intermédio de Puč. O gol que levou a Seleção Italiana para a prorrogação, faltando apenas 9 minutos para o término da partida, foi feito pelo *oriundi*, ítalo-argentino, Orsi, vice campeão olímpico pela seleção sul-americana em 1928. O italiano Schiavio marcou o gol do título. Era o triunfo mais desejado por Mussolini que já havia, durante toda a competição, se utilizado amplamente das vitórias como propaganda e demonstrativo de seu poder.

Assim, diante de um gigantesco esquema de propaganda, cada disputa da *Squadra Azzurra* era representada como uma guerra ritualizada em que a presença dos emblemas nacionais – uniformes, bandeira, hino – e o próprio *Duce* ganhavam uma posição de destaque. Este assistiu a todas as partidas, comemorando com os camisas-negras cada vitória.<sup>231</sup>

**Figura 13: Seleção Italiana campeã em 1934<sup>232</sup>**



Os tchecos reclamaram bastante da arbitragem e acusaram o juiz de ter sido visto no camarote de Mussolini um pouco antes do início da partida e, quando da entrada no centro de campo, ele fez inclusive a tradicional saudação fascista ao ditador.<sup>233</sup>

Mussolini, como era de se esperar, foi ovacionado ao final por todo o estádio e fez questão de entregar o troféu de campeão ao capitão italiano, o goleiro Combi. Mais uma vez vale ouvir o relato feito por Agostino.

<sup>231</sup> AGOSTINO, Gilberto. op. cit., p. 61.

<sup>232</sup> PÔSTERCAMPEÃO. “Campeões históricos: pôster Itália campeã mundial 1934”. Disponível em: <http://www.postercampeao.com.br/2016/01/campeoes-historicos-poster-italia.html>. Acessado em: 13 de agosto de 2018.

<sup>233</sup> O árbitro da partida foi o sueco Ivan Eklind.

Aclamado aos gritos de DU-CE, DU-CE, DU-CE, Mussolini compareceu ao estádio juntamente com todo o seu Ministério e fez questão de entregar o troféu da vitória ao capitão dos *azurri*. A vitória foi saudada como reflexo de uma Nação forte e preparada para enfrentar os inimigos, em um momento em que os planos governamentais se inclinavam cada vez mais para a invasão da Etiópia, que seria concretizada nos próximos meses.<sup>234</sup>

### 3.9. MAIS DE UMA DÉCADA DE ESPERA: A RIVALIDADE SE ACENTUA

Depois de 11 anos, Brasil e Argentina voltariam a se enfrentar, no dia 30 de janeiro de 1937. A partida era válida pelo Campeonato Sul-Americano disputado em Buenos Aires. O torneio foi disputado por seis seleções: Argentina, Brasil, Chile, Paraguai, Peru e Uruguai.

A Argentina, anfitriã, iniciou muito bem a competição, venceu o Chile na estreia por 2X1, goleou o Paraguai por 6X1 e venceu o Peru por 1X0. A partida seguinte seria contra o seu mais tradicional adversário, o Uruguai, que não fazia boa campanha, havia perdido três das quatro partidas disputadas. Porém, os uruguaios se agigantaram contra o tradicional rival e venceram a partida por 3X2, deixando à Argentina com a obrigação de vencer a Seleção Brasileira na última partida se quisesse conquistar o título.

O Brasil, mais uma vez em virtude das disputas entre paulistas e cariocas, não levou o que tinha de melhor, no entanto, fazia um excelente campeonato, tendo vencido o Peru 3X2<sup>235</sup>, o Chile 6X4, o Paraguai 5X0 e o Uruguai 3X2. Dessa forma, bastava um simples empate contra os argentinos para ficar com o título. Uma vitória dos anfitriões forçaria um novo encontro, pois os dois selecionados terminariam o campeonato com o mesmo número de pontos.

A partida que poderia decidir o campeonato foi disputada na noite de 30 de janeiro de 1937, no Estádio do San Lorenzo.<sup>236</sup> O público presente foi superior a 65 mil espectadores. Segundo a Manchete do Jornal do Brasil daquele dia o enfrentamento das duas

---

<sup>234</sup> Idem, *ibidem*, p. 62.

<sup>235</sup> Apesar do campeonato ser o Sul-Americano de 1937, a partida inaugural, entre Brasil e Peru ocorreu no dia 27 de dezembro de 1936.

<sup>236</sup> Escalação da Seleção Argentina: Bello, Tarrío, Iribarren (Fazio), Sastre, Minella (Lazzatti), C. Martínez, Guaita, Varallo, Zozaya, Scopelli (Cherro) e Enrique García. Escalação da Seleção Brasileira: Jurandir, Jaú, Nariz, Tunga (Britto), Brandão, Afonsinho, Roberto, Bahia (Luisinho), Niginho (Cardeal), Tim e Patesko. O árbitro foi o uruguaio A. Tejada.

seleções seria “a mais empolgante partida do Campeonato Sul-Americano de Fooball: o quadro invicto, do Brasil, enfrenta, hoje à noite, o possante *scratch* argentino no *match final*”.<sup>237</sup> O jornal brasileiro acreditava na vitória, especialmente se o Brasil apresentasse o bom futebol jogado nas partidas anteriores, sem deixar de ressaltar o poderio de seu adversário.

Tudo indica que se o jogo correr normalmente e o nosso quadro reproduzir as suas anteriores performances, ele sairá vitorioso da refrega não obstante medir-se com um adversário de tão alto valor como o *scratch* argentino, atuando em sua casa, com dezenas de milhares de pessoas a incitá-lo à vitória.<sup>238</sup>

Precisando da vitória, os argentinos pressionaram desde o início. Já aos 13 minutos da etapa inicial a seleção local tinha acertado o travessão de seu adversário. Sem abrir o placar, os argentinos foram perdendo terreno e o Brasil equilibrou o confronto. O primeiro tempo terminou sem alteração no resultado. O segundo tempo iniciou da mesma forma que o período inicial, dessa feita os argentinos encontraram o gol, marcado pelo ponteiro Enrique García que acertou um chute forte e indefensável.

Em desvantagem no placar, o Brasil passou a atacar com mais perigo o seu adversário, que se defendeu muito bem. O jogo ganhou em rispidez e Brandão e Zozaya chegaram a trocar pontapés. O árbitro uruguaio soube serenar os ânimos e levar a partida até o final. Argentina 1X0. Uma nova partida foi marcada para dois dias depois, 1º fevereiro, no mesmo local.

Para o jornal argentino La Nacion, a partida, apesar de emocionante, apresentou baixa qualidade técnica, que, segundo o periódico, é comum em enfrentamentos de grande responsabilidade, nelas o bom futebol pode ficar ausente e “o jogo de ontem não desmentiu tal experiência”.<sup>239</sup> Ainda seguindo a crônica do evento, a Seleção Brasileira pouco fez no setor ofensivo, tendo como principal preocupação, praticamente durante toda a partida, se defender, afinal ganharia o título com um simples empate.<sup>240</sup>

---

<sup>237</sup> JORNAL DO BRASIL, 30 de janeiro de 1937, p. 24.

<sup>238</sup> Idem, ibidem, p. 24.

<sup>239</sup> LA NACION, 31 de janeiro de 1937, p. 12.

<sup>240</sup> Idem, ibidem, p. 12.

Os jogadores brasileiros deixaram o campo reclamando bastante da arbitragem do uruguaio Tejada, que ao final do jogo foi cercado pela equipe derrotada que o insultou de forma enfática, acarretando a ira do próprio juiz, que entendeu que a atitude dos brasileiros foi antidesportiva, desrespeitosa e lesava sua honestidade. O desabafo pela imprensa e a queixa oficial por ele emitida fez com que o árbitro se negasse a conduzir a partida seguinte e que houvesse algum tipo de punição para os agressores.<sup>241</sup>

Independente das queixas feitas pelo uruguaio Tejada, Argentina e Brasil voltaram a se enfrentar dois dias depois, na noite do dia 1º de fevereiro, no mesmo estádio do San Lorenzo. Uma nova multidão, calculada em 55 mil pessoas,<sup>242</sup> acompanhou o jogo, que gerou recorde de arrecadação do torneio.<sup>243</sup>

A partida foi, desde o seu início, tensa, equilibrada e repleta de incidentes.<sup>244</sup> Aos 36 minutos da primeira etapa ocorreu inclusive uma briga generalizada entre os atletas. Varallo, que partia em direção do gol brasileiro, levou um pontapé do defensor Carnera. O argentino revidou com um soco e saiu correndo com Carnera em seu encalço, que acabou cercado pelos companheiros de Varallo.<sup>245</sup> A partir desse momento a maior parte dos jogadores se envolveu na confusão, que se viu agravada pela invasão da torcida local e também pela polícia, fato que se tornou cada vez mais comum nos enfrentamentos entre brasileiros e argentinos ao longo dos anos seguintes.

---

<sup>241</sup> Idem, *ibidem*, p. 12. Fala de A. Tejada, árbitro da partida: “La actitud de los jugadores que salieron perdedores del *field* es realmente antidesportiva y carente de la menor cortesía. Achacaron la derrota a mi actuación y lo expresaron sin circunloquios en forma tal, que resulta denigrante para mi persona y sobre todo para quienes no saben hacer frente con serenidad a un contraste. He oído en el *field* palabras que lesionaron mi honestidad (...). Estoy profundamente disgustado por la actitud que señalo y lo expresaré así oportunamente en un informe que elevaré a las autoridades correspondientes. Es indigno de un campeonato de esta índole el incidente a que me refiero y no puede ni debe quedar sin su correspondiente sanción. Por mi parte, me adelantaré a toda suerte de penalidades de que son posibles las actuantes en hecho y declaro que no fiscalizaré otro *match* en que intervengan mis agresores de esta noche”.

<sup>242</sup> LA NACION, 2 de fevereiro de 1937, p. 13.

<sup>243</sup> A renda da partida alcançou o total de 62.542 pesos. Cf. LA NACION, 3 de fevereiro de 1937, p. 11.

<sup>244</sup> Escalação da Seleção Argentina: Bello, Fazio, Tarrío, Sastre, Lazzatti, C. Martínez, Guaita, Varallo (De la Mata), Zozaya (Barnabé Ferreyra), Cherro (Peucelle) e Enrique García. Escalação da Seleção Brasileira: Jurandir, Jaú, Carnera, Britto, Brandão, Afonsinho, Roberto (Carreiro), Luisinho (Bahia), Cardeal (Carvalho Leite), Tim e Patesko. O árbitro da partida foi o uruguaio L. A. Mirabel.

<sup>245</sup> Francisco Antonio Varallo (La Plata, 5 de fevereiro de 1910 – La Plata, 30 de agosto de 2010). Começou a carreira no tradicional clube de sua cidade natal o Gimnasia y Esgrima em 1929 quando inclusive se sagrou campeão argentino. Porém, foi no Boca Juniors que o jogador despontou efetivamente no cenário nacional. Pela equipe xeneize venceu os campeonatos de 1931, 1934 e 1935 e ganhou fama de artilheiro. Em decorrência da força do seu chute tinha o apelido de “Cañoquito”. Disputou 11 partidas pela Seleção Argentina, marcando três gols. Fez parte da equipe que disputou a Copa de 1930. Contra o Brasil jogou duas vezes, pelo Sul-Americano de 1937, venceu as duas, mas não marcou gols. Essas vitórias renderam o título sul-americano para a Argentina.

Quando a situação serenou, os jogadores brasileiros ainda ameaçaram abandonar a partida, no entanto foram convencidos de retornar ao gramado. Toda a confusão durou 42 minutos. Logo após o seu reinício, aos 39 minutos, a entrada desleal de Cherro em Brito, acarretou nova briga entre os jogadores, com outra invasão do gramado por parte de torcedores e policiais. A interrupção agora durou 6 minutos. Quando a partida recomeçou, o árbitro, rapidamente determinou o fim da primeira e confusa etapa. Faltavam ainda 4 minutos para serem jogados.

A tensão, a rivalidade e eventuais incidentes nos enfrentamentos entre os dois selecionados havia se transformado em destaque na imprensa brasileira e argentina e por consequência se tornado um dos maiores eventos do futebol no continente sul-americano.

O jogo ontem disputado em Buenos Aires para a conquista do título de campeão sul-americano de *foot-ball* foi de certo a mais sensacional partida desportiva jamais desenvolvida nesta parte do continente.

Em todos os círculos sociais dos países sul-americanos, e muito especialmente no ânimo dos povos argentino e brasileiro cujas equipes ali se defrontavam, a emoção despertada pelo encontro de ontem foi da mais palpitante intensidade

(...)

Esse jogo devia ser um dos mais movimentados de toda a história do *foot-ball* internacional; e não se constituiu propriamente uma surpresa para ninguém a série de incidentes comentáveis que se registraram no curso da atuação dos jogadores, o que forçou por várias vezes a suspensão da partida.<sup>246</sup>

O segundo tempo não registrou brigas ou outros incidentes graves. É verdade que no intervalo alguns jogadores argentinos, Guaita, Sastre, Martínez e Fazio, visitaram o vestiário brasileiro com o intuito de pacificar o ambiente. Além disso, ao retornarem para o gramado, todos os jogadores foram advertidos pelo juiz que o causador de uma nova confusão seria imediatamente expulso de campo.

Apesar da pressão argentina, a partida continuou equilibrada e terminou sem gols. Já era quase uma hora da manhã do dia 2 de fevereiro quando se iniciou a prorrogação. O primeiro tempo, de um jogo duro, disputado, mas limpo, terminou novamente empatado, sem alteração no placar.

---

<sup>246</sup> JORNAL DO BRASIL, 2 de fevereiro de 1937, p. 9.

No segundo tempo, o cansaço dos jogadores era visível, mas a Argentina se mostrou um pouco melhor preparada fisicamente e logo aos 4 minutos, por intermédio de De la Matta, que havia substituído Varallo, marcou o tento inicial. Apenas três minutos depois De la Matta<sup>247</sup> voltou a marcar e a dar números finais à partida. Argentina vencia o Brasil por 2X0 e levantava o troféu de Campeão Sul-Americano de 1937.

Apesar dos graves incidentes ocorridos no primeiro tempo, ao final, os jogadores brasileiros mostraram o respeito pelos seus adversários, assim como espírito esportivo, ao cumprimentar os rivais pela conquista. O secretário da AFA, Hermínio A. Sande, buscou minimizar, na entrevista dada ao jornal *La Nacion*, o confuso primeiro tempo da partida disputada na noite anterior.

Considero que os incidentes se produziram única e exclusivamente devido ao nervosismo dos jogadores. Não existia nenhum outro fator adverso. O episódio do jogo de sábado foi uma incidência entre o árbitro Tejada e os jogadores brasileiros. Não existia nada que pudesse antecipar estes incidentes, e é por isso que as atribuo ao estado de nervosismo dos finalistas. Uma prova disso é o fato de que no segundo tempo se jogou com tranquilidade e que se praticou um futebol notável.<sup>248</sup>

Atitude similar foi adotada pelo chefe da delegação brasileira, José Maria Castello Branco, o dirigente acrescentou que os entreveros se agravaram com a forma equivocada e violenta com que procedeu a polícia argentina e que acabou por inibir os jogadores brasileiros.

Referindo-se ao embate final, o Sr. Castello Branco declarou que os incidentes verificados durante o mesmo não teriam assumido as proporções que assumiram, se não fosse a intervenção policial que procedeu de uma forma violenta, procurando acalmar os ânimos dos jogadores brasileiros, que durante o resto da partida actuaram atemorizados.<sup>249</sup>

---

<sup>247</sup> Vicente de la Matta (Rosário, 15 de janeiro de 1918 – Rosário, 4 de agosto de 1980). Atacante argentino que começou a carreira em 1936, no Central Córdoba, pequeno clube de sua cidade natal. Mas suas atuações já eram tão convincentes que foi convocado para a Seleção Argentina em 1937, quando disputou o Sul-Americano, mostrando-se fundamental, pois foi dele os gols que deram o título para o seu selecionado contra o Brasil. Foi negociado, ainda durante o torneio de 37, com o Independiente e na equipe de Buenos Aires formou o mais famoso ataque da equipe, jogando com Arsênio Erico e Antonio Sastre. Foi campeão argentino em 1938, 1939 e 1948. Conquistou também três Sul-Americanos defendendo a Seleção Argentina (37, 1945 e 1946). Era um jogador imprevisível, apresentava grande habilidade para esquivar-se dos marcadores. Chegou até mesmo a inspirar um tango composto por Nolo López denominado “Capote”, apelido pelo qual o jogador era conhecido. Jogou contra o Brasil por 3 vezes, venceu todas elas e marcou 2 gols. Estava não só presente na “grande batalha” de 1946, que será descrita adiante, como ainda foi um dos jogadores expulsos.

<sup>248</sup> LA NACION, 2 de fevereiro de 1937, p. 12.

<sup>249</sup> FOLHA DA MANHÃ, 2 de fevereiro de 1937, p. 14.

A mesma opinião foi professada pelo jogador Álvaro Lopes Cansado, popularmente conhecido por Nariz,<sup>250</sup> quando da chegada da delegação brasileira no Rio de Janeiro.

O Dr. Lopes Cansado disse que o incidente havido como consequência da desavença entre Varallo e Carnera, não teve a extensão que aqui se dá, apenas a polícia não agiu com a calma que se fazia mister e daí a confusão havida em campo no 1º meio-tempo.<sup>251</sup>

Os jogadores também afirmaram que foram muito bem recepcionados pelos argentinos e que receberam, constantemente, por parte dos anfitriões, demonstrações de simpatia. Ao chegar ao Brasil, a Seleção Brasileira foi carinhosamente acolhida pelos torcedores locais, o que pode ser entendido, mesmo que de forma indireta, como uma demonstração de respeito pelo futebol argentino, entendido como um poderoso adversário e, por isso, a recepção afetuosa aos jogadores brasileiros.

A multidão que se apinhou na Praça Mauá e se estendeu pela Avenida Rio Branco afora até a esplanada do Castelo, aplaudiu com entusiasmo e calor os denodados patrícios que, de forma tão brilhante, deram aos povos sul-americanos, uma cabal demonstração da eficiência do *football* brasileiro e da fibra dos nossos patrícios.<sup>252</sup>

### 3.10. A COPA DE 1938

O ano de 1938 foi de grande importância para o futebol brasileiro, em especial pela boa participação nesta III Copa do Mundo, disputada na França. Como a FIFA havia determinado que, tanto o país sede, quanto o último campeão estariam automaticamente classificados, 34 outras seleções disputaram as 14 vagas restantes.

Brasil e Argentina deveriam se cruzar novamente, mas desta feita o resultado se deu de forma inesperada. As 34 seleções foram divididas em 12 grupos, tendo como base a

---

<sup>250</sup> Álvaro Lopes Cansado (Uberaba, 8 de dezembro de 1912 – Uberaba, 19 de setembro de 1984). Ganhou a alcunha de Nariz. Jogava como zagueiro e iniciou sua carreira no Atlético Mineiro em 1930, atuou no futebol carioca, primeiro pelo Fluminense e a partir de 1934 pelo Botafogo pelo qual conquistou, em duas oportunidades, 1934 e 1935, o campeonato carioca. Também participou da delegação brasileira que jogou o Mundial da França em 1938. Atuou como titular na partida de desempate contra a Tchecoslováquia vencida por 2X1 pelo Brasil e disputada em 14 de junho de 1938. Enfrentou a Argentina uma única vez quando foi derrotado.

<sup>251</sup> JORNAL DO BRASIL, 7 de fevereiro de 1937, p. 27.

<sup>252</sup> Idem, ibidem, p. 27.

localização geográfica. A América do Sul estava no Grupo 10 e apenas uma seleção se classificaria para o Mundial. A vaga deveria ser disputada pelo último campeão e vice-campeão sul-americano, ou seja, entre os dois rivais que disputaram a final de 1937.

A Argentina havia pleiteado ser sede do torneio e ficou extremamente contrariada em virtude da FIFA não ter cumprido o acordo que previa a alternância entre a Europa e a América do Sul como local para a realização da Copa. O último Mundial (1934) havia sido disputado na Itália, logo, ao menos no raciocínio argentino, o próximo (1938) deveria ser disputado no continente americano, mais precisamente na própria Argentina. Em virtude disso, ela decidiu não participar do Mundial e o Brasil acabou ficando com a vaga sem a necessidade de entrar em campo.

Meses depois, os argentinos se arrependeram da decisão de boicotar a competição e solicitaram à FIFA a possibilidade de participar da Copa sem passar pelas eliminatórias. A revista francesa “Football” abraçou a campanha argentina, “em homenagem à qualidade do seu jogo”. Mas a FIFA não aceitou os argumentos apresentados e, com isso, o mundo ficou sem o privilégio de ver em campo jogadores como Sastre, Minella, Lazzatti, Bernabé Ferreura, Peucelle, De la Mata, Scopelli, Varallo, Moreno, Pedernera e Zozaya, dentre outros.<sup>253</sup>

**Figura 14: Pôster da II Copa do Mundo de Futebol – 1938 – França<sup>254</sup>**



Ao contrário dos dois primeiros mundiais, o futebol brasileiro não estava cindido e com isso a CBD pôde convocar os principais jogadores do país. O resultado não tardou, o Brasil conquistou um honroso terceiro lugar, após perder a semifinal, em partida polêmica, para a Itália, campeã em 1934 e que venceu o bicampeonato em 1938, ao derrotar a Hungria

<sup>253</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 144.

<sup>254</sup> WIKIPEDIA. “Copa do Mundo FIFA de 1938”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa\\_do\\_Mundo\\_FIFA\\_de\\_1938](https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_FIFA_de_1938). Acessado em: 29 de setembro de 2016.

na final por 4X2.<sup>255</sup> O Brasil teve dois jogadores escolhidos para a Seleção da Copa: Leônidas da Silva<sup>256</sup> e Domingos da Guia.<sup>257</sup>

**Figura 15: Leônidas, Fausto e Domingos defendendo o Flamengo**<sup>258</sup>



<sup>255</sup> Um pouco antes do início da grande final, os italianos receberam um grande “incentivo”: um telegrama enviado por Mussolini com apenas três palavras: “Vencer ou Morrer”.

<sup>256</sup> Leônidas da Silva (Rio de Janeiro, 6 de setembro de 1913 – Cotia-SP, 24 de janeiro de 2004). É considerado uma das maiores estrelas do futebol brasileiro em todos os tempos. Também ficou conhecido como “Homem Borracha” ou ainda “Diamante Negro”. Começou a carreira no modesto São Cristovão, de sua cidade natal, mas rapidamente se transferiu para as grandes equipes do futebol carioca. Foi campeão carioca pelo Vasco em 1934, pelo Botafogo em 1935 e pelo Flamengo em 1939. Na década de 40 transferiu-se para o futebol paulista e conquistou cinco títulos estaduais jogando pelo São Paulo entre 1943 e 1949. Estreou com apenas 19 anos pela Seleção Brasileira, em virtude da contusão do atacante Nilo, enfrentando o Uruguai pela Copa Rio Branco, disputada em Montevideu em 4/12/1932, e não poderia ser de forma mais positiva, marcou os dois gols da vitória brasileira por 2X1. Foi o artilheiro do Mundial de 1938, com sete gols. Há relatos em que ele teria marcado oito gols no torneio, porém a FIFA, em 2006, determinou que Leônidas só teria feito um e não dois gols contra a Tchecoslováquia no jogo de desempate. O apelido de “Diamante Negro” foi dado pelo jornalista francês Raymond Thourmagem, da revista “Paris Match”, durante a Copa do Mundo, maravilhado com a habilidade do jogador brasileiro. Em 1939 a Lacta lançou um chocolate com o mesmo nome em homenagem ao jogador. Defendeu a Seleção Brasileira em 19 oportunidades, marcou 21 gols. Enfrentou os argentinos 9 vezes, com 4 vitórias, 1 empate e 4 derrotas. Marcou nessas partidas sete gols. Para aprofundar a leitura sobre Leônidas da Silva: Cf. RIBEIRO, André. *O diamante eterno: biografia de Leônidas da Silva*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

<sup>257</sup> Domingos da Guia (Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1912 – Rio de Janeiro, 18 de maio de 2000). É tido como um dos maiores defensores da história do futebol brasileiro, foi apelidado de “Divino Mestre”. Iniciou a carreira em 1929 no Bangu. Defendeu o Vasco da Gama, Flamengo e Corinthians. Fez grande sucesso nos dois outros centros do futebol sul-americano, Uruguai e Argentina, jogando respectivamente pelo Nacional e pelo Boca Juniors. Além dos títulos conquistados pelas equipes brasileiras, como o campeonato carioca de 1934 pelo Vasco da Gama, ainda foi campeão uruguaio em 1933 e também argentino em 1935. Defendeu a Seleção Brasileira entre 1931 e 1946 em 25 oportunidades. Dessas, oito foram contra os argentinos, com o saldo de 3 vitórias e 5 derrotas. Ainda pelo selecionado nacional, conquistou o bicampeonato da Copa Rio Branco em 1931 e 1932, a Copa Roca de 1945 e o terceiro lugar na Copa do Mundo de 1938. Em relação à biografia de Domingos da Guia: Cf. HAMILTON, Aidan. *Domingos da Guia: o divino mestre*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

<sup>258</sup> VALLE, Emanuel do. *Flamengo alternativo: outros jogos, outros títulos, outros craques*. Disponível em: <https://flamengoalternativo.wordpress.com/2016/09/20/o-curioso-torneio-aberto-de-1936-titulo-quase-esquecido-com-domingos-e-leonidas/>. Acessado em: 22 de dezembro de 2016.

Figura 16: Seleção Italiana campeã em 1938<sup>259</sup>



No final da década de 1930, no campo político, Brasil e Argentina percorreram caminhos distintos. Se ambos foram sacudidos com derrubadas de seus respectivos governos no início dos 30, em 1937 a Argentina iniciou seu processo de democratização com a eleição de Roberto Marcelino Ortiz para o lugar do general Justo. O novo presidente, desde o início do seu mandato, caminhou para o restabelecimento da plena legalidade no país.

Enquanto isso, no Brasil, Getúlio Vargas tomava a direção oposta. Ele cancelou as eleições marcadas para 1938, fechou o Congresso Nacional, banuiu os partidos políticos e em novembro de 1937, após anunciar pela Rádio Nacional a nova Constituição, deu início ao período que ficou conhecido como Estado Novo, um dos mais repressivos da história brasileira.

No dia 10 de novembro de 1937, o presidente Getúlio Vargas, que havia assumido o poder em 1930, reuniu o ministério e, diante dos microfones da Rádio Nacional, através do programa *A hora do Brasil*, apresentou ao país uma nova Constituição. (...) tinha início o Estado Novo, um dos períodos mais repressivos e eficientes da história do Brasil.<sup>260</sup>

<sup>259</sup> PÔSTERCAMPEÃO. “Campeões históricos: pôster Itália bicampeã mundial 1938”. Disponível em: [http://www.postercampeao.com.br/2016/01/campeoes-historicos-poster-italia\\_18.html](http://www.postercampeao.com.br/2016/01/campeoes-historicos-poster-italia_18.html). Acessado em: 13 de agosto de 2018.

<sup>260</sup> PANDOLFI, Dulce Chaves. “Os anos 1930: as incertezas do regime”. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil republicano: o tempo do liberalismo excluyente – da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 15.

### 3.11. O PLATINISMO: A MARCA DA DÉCADA SEM COPAS

Após a Copa de 1938, o clima na Europa, que já era tenso, se degradou rapidamente e em setembro de 1939, o líder da Alemanha Nazista, Hitler, contando com um acordo secreto com a URSS de Stálin, invadiu a Polônia dando início à II Guerra Mundial. A nova década se aproximava sob a sombra do nazismo e não faltavam evidências em 1940 do poderio alemão, como, por exemplo, a rápida invasão e domínio que se processou da França. Como ressaltou Sander:

De fato, naquele limiar de 1940, nada de substancial sugeria a derrocada do Terceiro Reich. As baixas eram insignificantes diante dos danos causados, e estavam longe de tirar da Alemanha uma imponente e assombrosa aura de invencibilidade. Pois logo a própria França capitularia e, antes disso, numa espécie de ensaio para curvar Paris, o despótico Adolf Hitler já havia ordenado o ataque à Noruega, Dinamarca, Bélgica, Holanda e a Luxemburgo, todos países de importante localização estratégica.<sup>261</sup>

Um dos efeitos do conflito foi a transferência da sede da FIFA, da França para a neutra Suíça, uma vez que a entidade estava temerosa de perder o controle do futebol para os nazistas. O Brasil disputava com a Alemanha o direito de sediar o próximo campeonato mundial e teve sua candidatura fortalecida, quer com o bom resultado obtido na Copa de 1938, quer pela participação nos três primeiros mundiais. O país recebeu inclusive a visita de Jules Rimet, que veio conhecer os estádios brasileiros. No entanto, a continuidade e agravamento do conflito, sua virulência e destruição, que arrasou o Velho Continente, inviabilizou não apenas a realização da Copa de 1942, como também a de 1946. O maior evento do futebol não foi disputado na década de 1940.

Na falta dos mundiais, restavam para os países da América do Sul, mais distantes geograficamente da II Guerra Mundial, as disputas regionais, como a Copa Roca, Copa Rio Branco, o Campeonato Sul-Americano, entre outros, além, é claro, dos amistosos.

Nos chamados anos sem Copa, as comprovações do espírito nacional foram direcionadas para as disputas sul-americanas, nas quais os confrontos contra argentinos e uruguaios foram desfavoráveis à seleção brasileira, em jogos que muitas vezes descambaram para verdadeiras batalhas campais.<sup>262</sup>

---

<sup>261</sup> SANDER, Roberto. *Anos 40: viagem à década sem Copa*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004, p. 15.

<sup>262</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 83.

O Brasil, por exemplo, só voltaria a enfrentar um selecionado de outro continente exatamente na Copa que sediou em 1950. Depois do jogo contra a Suécia, em 1938, no qual conquistou a terceira colocação no mundial, o país realizou, até o início da Copa de 1950, 50 jogos, todos contra adversários da América do Sul, 13 deles contra a Argentina e 17 contra o Uruguai. O Brasil, dessa forma, invadia e se firmava no espaço de rivalidade antes habitado especialmente pelos vizinhos platinos.

Aqueles jogos acentuaram a rivalidade regional existente há décadas, o que ajuda a entender porque os encontros envolvendo os selecionados no período ficaram marcados e lembrados pela violência, verdadeiras batalhas campais, sendo exaltados ou criticados, conforme os resultados.<sup>263</sup>

Antes de adentrar na década de 1940, brasileiros e argentinos se enfrentaram no Estádio de São Januário, Rio de Janeiro, pela Copa Roca. O Brasil vinha com extrema confiança para os jogos em virtude da excelente campanha realizada no ano anterior na Copa da França. Acreditava que poderia açambarcar a hegemonia do futebol no continente. Só não contava com a melhor organização tática dos argentinos, além de uma estupenda geração de jogadores. A partida disputada em 15 de janeiro de 1939 marcou profundamente a imagem que o brasileiro fez de si no futebol em relação aos argentinos especialmente no decorrer da década seguinte.

Depois de 16 anos, a Copa Roca foi novamente disputada, pela quarta vez, entre os dois países. O clima foi de cordialidade e as duas equipes mostravam muita confiança. O La Nacion, no dia do jogo, ressaltou a força do ataque das duas seleções e chamou o trio de atacantes brasileiros de diabólicos e que ele representava o maior risco para o sucesso da seleção platina. O trio era formado por: Romeu, Tim<sup>264</sup> e Leônidas.<sup>265</sup> A imprensa argentina pregava o respeito, mas também apresentava um aspecto que se comprovaria após o embate:

---

<sup>263</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., p. 174.

<sup>264</sup> Elba de Pádua Lima – Tim (Rifaina-SP, 20 de fevereiro de 1915 – Rio de Janeiro, 7 de julho de 1984). Tim iniciou sua carreira em Ribeirão Preto, jogando pelo Botafogo local. Dali teve uma passagem pela Portuguesa Santista antes de se transferir para o Fluminense pelo qual foi tricampeão carioca em 1936, 1937 e 1938 e bicampeão em 1940 e 1941. Foi um dos grandes dribladores do futebol brasileiro. Depois de encerrar a carreira, no “Eldorado Colombiano”, tornou-se técnico de futebol, profissão na qual também obteve bastante êxito. Classificou e comandou a Seleção Peruana na Copa de 1982, disputada na Espanha, quando empatou dois jogos (Camarões 0X0 e Itália 1X1) e perdeu um (1X5 Polônia). Pela Seleção Brasileira atuou em 16 oportunidades, marcou um gol e seus maiores êxitos foram o vice-campeonato sul-americano em 1937 e o terceiro lugar na Copa de 1938. Contra a Seleção Argentina seu retrospecto não foi bom, foram 6 partidas com 1 empate e 5 derrotas.

<sup>265</sup> LA NACION, 15 de Janeiro de 1939, p. 19. Para a biografia de Leônidas vide a nota 256.

“Como se vê, individualmente há equilíbrio de forças, porém em conjunto pode-se acreditar que os argentinos estão melhor preparados que os brasileiros”.<sup>266</sup> A referência ao jogo de conjunto, muitas vezes em contraposição à individualidade, será reafirmado em muitas outras oportunidades, não só na década de 40, mas na própria contemporaneidade.

Segundo o editor esportivo do diário argentino “Ultima Edicion”, as apresentações do selecionado brasileiro, tanto no Sul-Americano de 1937, quanto no Mundial de 1938, colocaram o futebol brasileiro em um grau hierárquico bastante elevado e os dois selecionados estavam em pé de igualdade na disputa.<sup>267</sup>

O técnico argentino, na véspera da partida, concedeu uma entrevista ao Jornal Folha da Manhã demonstrando não só o respeito, mas algo que se verá também posteriormente em relação ao futebol brasileiro, os argentinos torcendo pelo sucesso do Brasil nas Copas do Mundo. O jornal questionou-o:

— Qual a atitude da torcida argentina em face da “Taça do Mundo?  
Os argentinos torceram pelo triumpho final do Brasil. Quando actuavam os brasileiros, os rádios de Buenos Aires captavam o desenrolar dos prêmios, sendo as victorias deste país muito applaudidas. Infelizmente não conseguiram os brasileiros passar pelos italianos, perdendo o campeonato quasi todo o interesse para nós, silenciando os aparelhos de rádio.<sup>268</sup>

Domingo, 15 de janeiro de 1939, por volta das 16h30, o Brasil deu início ao jogo.<sup>269</sup> O equilíbrio durou poucos minutos, afinal logo aos 9, García chutou forte, o goleiro Batatais defendeu parcialmente e o próprio García, batendo de esquerda, abriu o placar. Os brasileiros, na base da raça e do entusiasmo, buscaram o empate e até o fizeram, porém, o gol foi corretamente anulado, Luizinho marcou com o auxílio da mão. Aos 20 minutos, após falha do goleiro Batatais, a Argentina fez o segundo gol com Masantonio.

Sastre e Peucelle incursionaram por sua ala trocando passes, Peucelle centra e Masantonio recolhe, para disputar com Domingos e Machado. À entrada da ala os três cáem e a bola se adianta. O centro avante argentino avança

---

<sup>266</sup> Idem, ibidem, p. 19.

<sup>267</sup> O GLOBO ESPORTIVO, 14 de janeiro de 1939, p. 9.

<sup>268</sup> FOLHA DA MANHÃ, 14 de janeiro de 1939, p. 10.

<sup>269</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Batatais, Domingos da Guia, Machado, Bioró, Brandão, Médio, Luisinho, Romeu, Leônidas, Tim e Hércules. Escalação da Seleção Argentina: Gualco, Montañez, Coletta, Arcádio López, Rodolfí, A. Suarez, Peucelle, Sastre, Masantonio, Moreno e García. O árbitro da partida foi o brasileiro Carlos de Oliviera Monteiro, “Tijolo”.

ainda, mas Batataes sáe do arco para rebater com o pé. Poderia segurar a pelota com as mãos, mas foi tão infeliz que errou o chute e foi vencido por Masantonio que marcou completamente livre.<sup>270</sup>

A Argentina, aos 35 minutos do primeiro tempo, fazia o seu terceiro gol, por intermédio de Moreno.<sup>271</sup> O Brasil foi para os vestiários perdendo por 3X0 e voltou um pouco melhor no segundo tempo, mas não o suficiente para fazer frente ao poderio da albiceleste. Aos 10 minutos, o juiz anulou, alegando impedimento, gol de Peucelle. Porém, o quarto gol não tardou a acontecer, aos 12 minutos, Masantonio fazia o seu segundo gol na partida. Goleada construída, mas “o baile” não acabou. Apenas dois minutos depois, Moreno, de cabeça, marcava o quinto gol argentino.

A partir daí, os argentinos reduziram a intensidade e o Brasil, por intermédio de Leônidas, fez o seu “gol de honra”. Ao final, fragorosa derrota brasileira por 5X1. Era não só a maior goleada sofrida, até então, contra o rival, como também foi a primeira vez em que a Seleção Brasileira era derrotada em seus domínios. Tal partida é considerada o início de um período de amplo domínio argentino que se estendeu até praticamente o final da década de 40. “No Brasil, transformou-se em um complexo de inferioridade que ficou conhecido por ‘platinismo’, termo adotado e popularizado pelo jornalista Mario Filho”.<sup>272</sup>

Para Airton de Farias:

O futebol, como um dos elementos que contribui para a formação/exaltação da autoimagem de um povo, especialmente no que toca à nacionalidade, criou na América do Sul grandes rivalidades. Afirmava-se a partir do “outro”, como um contraponto a ser superado. Dessa forma, para o Brasil, superar os vizinhos regionais foi, nas primeiras décadas do século XX, uma maneira de firmar a identidade nacional. De início, isso não foi fácil, tanto

---

<sup>270</sup> FOLHA DA MANHÃ, 17 de janeiro de 1939.

<sup>271</sup> José Manuel “Charro” Moreno” (Buenos Aires, 3 de agosto de 1916 – Buenos Aires, 26 de agosto de 1978). Atacante de porte avantajado, muito técnico e grande finalizador. Jogou grande parte de sua carreira no River Plate (1935-1944), equipe que ficou conhecida como “La Máquina” em virtude de seu ataque formado por Labruna, Loustau, Muñoz, Pedernera, além de Moreno. Conquistou títulos em vários países em que atuou. Na Argentina foi campeão nacional em cinco oportunidades (1936, 1937, 1941, 1942 e 1947), foi campeão mexicano em 1946, chileno em 1949 e ainda colombiano em 1955. Defendeu o selecionado argentino por 34 vezes entre 1936 e 1950 e marcou 19 gols. Conquistou por três vezes o Campeonato Sul-Americano (1941, 1946 e 1947). Ao se aposentar, aos 44 anos, tornou-se treinador e nesse cargo foi o primeiro a ter sido jogador e técnico dos dois maiores rivais do futebol local, Boca Juniors e River Plate. Contra o Brasil atuou quatro vezes com 2 vitórias, 2 derrotas e 2 gols marcados.

<sup>272</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 147. É importante ressaltar que desde a década de 1910, acompanhando a imprensa brasileira, se externava a superioridade dos adversários e que o jogo platino era o modelo a ser seguido.

que a imprensa criou a expressão “platinismo”, revelando um certo trauma, um certo “complexo de inferioridade”, de que o Brasil quase sempre perdia para seus principais rivais da América do Sul (Argentina e Uruguai) nos momentos decisivos. Suplantar os vizinhos do Prata foi o primeiro horizonte futebolístico a ser superado pelos brasileiros.<sup>273</sup>

A imprensa argentina ficou eufórica com a atuação de sua seleção. “Os argentinos superaram todos os inconvenientes, venceram com amplitude insuspeitada e exibiram no quadrilátero uma verdadeira academia de futebol poucas vezes presenciada nos campos locais”.<sup>274</sup>

O jogador Arcádio López chegou a afirmar que os “brasileiros não produziram uma exibição comparativa a seu verdadeiro valor”.<sup>275</sup> Isso não tirava o brilho da conquista argentina, ao contrário, demonstrava que eles conseguiram anular os pontos fortes de seu adversário. O atacante García, por sua vez, afirmou que eles venceram merecidamente, pois haviam tido uma performance superior ao de seu valoroso adversário. Ou seja, pelas declarações, os argentinos, mesmo cientes da superioridade apresentada, não desrespeitaram ou menosprezaram o futebol brasileiro.

Para a imprensa brasileira, os culpados pela derrota não foram os jogadores, mas sim os seus dirigentes que não prepararam adequadamente o selecionado nacional para enfrentar o poderoso vizinho pela Copa Roca. Tal discurso, quando das derrotas, também será constantemente repetido até hoje.

Dolorosa surpresa foi para todos o resultado do primeiro jogo em disputa da Taça “Roca”. Sofremos, em nossa “casa” a maior derrota de todos os tempos em jogos contra os nossos vizinhos da Argentina.

(...)

Ninguém em absoluto poderá lançar a culpa aos onze jogadores brasileiros que, no campo do Vasco da Gama, com ardor e entusiasmo, tentaram enfrentar os seus adversários. (...) Esgotaram os seus esforços contra competidor muitíssimo melhor treinados, sem abatimento moral, como verdadeiros brasileiros.

(...)

Da mesma maneira que devemos nos mostrar satisfeitos com integrantes do nosso quadro, devemos dar pêsames aos responsáveis pelo conjunto, aos homens que representam o nosso futebol.

(...)

---

<sup>273</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., p. 174.

<sup>274</sup> LA NACION, 16 de janeiro de 1939, p. 10.

<sup>275</sup> Idem, ibidem, p. 10.

Os que não podem apresentar desculpas, e que não as merecem, em absoluto, são os directores da C. B. D. que, conhecedores dos compromissos da Taça “Roca”, não tomaram providências para que o nosso quadro treinasse e houvesse tempo preciso para se formar uma representação capaz, como o que foi feito pelos nossos vizinhos. Tiveram os jogos da Taça “Julío Roca” como cotejos facilimos, num pouco caso e desleixo criminosos, que resultaram na maior derrota de todos os tempos do seleccionado nacional, quando todos os factores de uma partida de futebol nos eram completamente favoráveis.<sup>276</sup>

O Jornal do Brasil entendeu a vitória argentina como justa e lógica, dada a superioridade apresentada. O periódico não foi tão gentil com os jogadores brasileiros, mas também culpou duramente a organização do futebol nacional.

Não se pode deixar, porém, sem reparo a infelicidade na escolha do “onze” brasileiro.

A eterna e lamentável política esportiva deixou, ainda uma vez, patente os seus perniciosos efeitos.

O clubismo estreito, creando embaraços à formação *scratch* representativo das nossas cores, levou a representação nacional a uma derrota fragorosa, posta em evidencia aos primeiros minutos de jogo.

E tal foi a desorientação dos nossos jogadores, antes a superioridade do conjunto argentino, que nem mesmo as grandes figuras do nosso *football* lograram aparecer!...

O quadro brasileiro falhou lamentavelmente, e de tal modo, que surpreendeu seus próprios adversários!...

Mas, já agora, não adianta comentários.

Que, ao menos, os orientadores do *football* saibam colher os proveitos da amarga lição de ante-hontem.<sup>277</sup>

Em decorrência da derrota o técnico brasileiro, Carlos Nascimento, pediu demissão, que foi inicialmente negada pela CBD. Porém, a entidade anunciou que o folclórico dirigente botafoguense, Carlito Rocha, passaria a auxiliar o técnico brasileiro. Como o regulamento da Taça Roca havia sido alterado, ele agora previa um mínimo de dois jogos anuais (e no máximo quatro) para se conhecer o campeão, os dirigentes brasileiros convocaram mais seis jogadores para o novo jogo que se daria no dia 22 de janeiro de 1939.

No entanto, a goleada de Moreno & Cia sobre o Brasil ainda não assegurava o título. Segundo o regulamento da Copa Roca, para ser campeã, uma das seleções teria que vencer duas partidas. Ou então ganhar uma e empatar outra. Contudo, se o segundo jogo acabasse empatado, seria disputada uma

---

<sup>276</sup> FOLHA DA MANHÃ, 17 de fevereiro de 1939, p. 9.

<sup>277</sup> JORNAL DO BRASIL, 17 de fevereiro de 1939, p. 15.

prorrogação. Caso o empate persistisse, aí sim, o vencedor do primeiro jogo ficaria com a taça.<sup>278</sup>

Brasileiros e argentinos estavam confiantes na vitória. Os visitantes inclusive já haviam adquirido suas passagens de volta para Buenos Aires no navio “Cap Arcona” que faria uma escala na capital brasileira dois dias depois do enfrentamento, ou seja, na terça-feira, dia 24 de janeiro. Já na reportagem de capa da Primeira Secção da Folha da Manhã os jogadores brasileiros afirmaram: “Desta vez – dizem eles – não jogaremos com a mesma falta de ‘chance’ do encontro passado, e nem os argentinos poderão repetir a ‘performance’ notável do jogo de estréia”.<sup>279</sup>

Outro aspecto a ser mencionado é que durante a semana que antecedeu o segundo confronto, o clima amistoso se esvaneceu bastante, afinal os jornais tratavam o próximo encontro como uma revanche. Tal clima, como não poderia deixar de ser, também atuou sobre os torcedores.

Novamente o público afluiu para São Januário, que recebeu mais de 70 mil torcedores. Além de várias substituições em relação à partida da semana anterior, apenas 4 jogadores foram mantidos,<sup>280</sup> a Seleção Brasileira iria estreiar aquele que se tornou o seu segundo uniforme: camisa azul, calção e meias brancas. A Argentina foi a campo com a mesma formação da primeira partida.<sup>281</sup>

A saída coube ao Brasil. O jogo, ao contrário do anterior, se mostrou sempre muito equilibrado. O Brasil abriu o placar aos 20 minutos, gol de Leônidas, aproveitando cobrança de falta de Perácio. A vantagem brasileira não durou muito e dois minutos depois a Argentina teve um escanteio a seu favor. Feita a cobrança, a bola sobrou nos pés de Rodolfi que bateu forte e vazou o gol defendido por Thadeu. O Brasil chegou a marcar outro gol, novamente com Leônidas, mas o tento foi anulado pelo juiz que assinalou falta do atacante brasileiro sobre o goleiro Gualco.

---

<sup>278</sup> SANDER, Roberto. op. cit., p. 29.

<sup>279</sup> FOLHA DA MANHÃ, 22 de janeiro de 1939, capa da Primeira Secção.

<sup>280</sup> Foram mantidos: Domingos da Guia, Brandão, Romeu Pelliciani e Leônidas.

<sup>281</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Thadeu, Domingos da Guia, Florindo, Zezé Procópio, Brandão, Afonsinho, Adílson, Romeu, Leônidas, Pêracio e Carreiro. Escalação da Seleção Argentina: Gualco, Montañez, Coletta, Arcádio López, Rodolfi, A. Suárez, Peucelle, Sastre, Masantonio, Moreno e García. O árbitro da partida foi Carlos Oliveira Monteiro, “Tijolo”.

O jogo ficou mais brusco a partir da metade do primeiro tempo e aos 28 minutos a Argentina virou o placar em um rápido contra-ataque. Sastre lançou García, Domingos da Guia não conseguiu interceptar a bola, o atacante entrou na área e chutou forte, indefensável. O primeiro tempo terminou com a vantagem dos visitantes.

O segundo tempo manteve a tônica do anterior, jogo viril, com muitos lances bruscos. Aos 11 minutos o atacante Moreno chegou a trocar pontapés com o goleiro brasileiro e o árbitro precisou intervir para serenar os ânimos. Na metade do segundo tempo os refletores foram acesos e a bola trocada, por uma de cor branca. As mudanças fizeram bem ao Brasil que aos 35 minutos chegou ao empate, gol de cabeça de Adílson.

O jogo continuou “pegado”, tudo indicava que o empate seria o resultado final e que se disputaria a prorrogação. Se a Argentina mantivesse o resultado no tempo extra, ficaria com a Taça Roca. Contudo, faltando apenas 4 minutos para o fim da partida, Romeu lançou Adílson, mas o zagueiro argentino Coleta, dentro da área, interceptou o lançamento com a mão e o juiz imediatamente marcou a penalidade máxima. Gualco e Arcádio López, não concordando com a marcação, partiram para cima do árbitro e o agrediram. Os policiais de imediato invadiram o gramado, com a intenção de garantir a segurança de todos, mas ao contrário do esperado acabou gerando ainda mais confusão. Excessos foram cometidos por jogadores e policiais, ao ponto de alguns deles, como Leônidas, Thadeu e Adílson terem que ser atendidos pelo médico. O argentino Montañez, por sua vez, chegou a ficar desacordado por alguns minutos no gramado. É interessante ressaltar que a jogada narrada pelo jornal *La Nacion* não coloca em dúvida a penalidade assinalada.<sup>282</sup> Percebe-se, claramente, que o clima de rivalidade entre os dois selecionados já era bastante acentuado.

Em virtude da confusão criada, a seleção visitante saiu de campo e abandonou o jogo. O árbitro esperou o retorno dos argentinos, que naquele momento se encontravam refugiados no vestiário. Como isso não ocorreu, o juiz determinou pela cobrança da penalidade. Perácio, com o gol vazio, apenas empurrou para o fundo das redes. A bola foi reconduzida para o meio de campo e com o abandono dos albicelestes o juiz deu por encerrada a partida. Brasil 3X2.

---

<sup>282</sup> LA NACION, 23 de janeiro de 1939.

A descrição feita pelo Jornal do Brasil é bem mais sucinta e não relata com profundidade a confusão do final do confronto, ao contrário do seu congênere argentino.

Brandão arremessa fortemente, Coletta intercepta a passagem da bola com a mão e o juiz, bem colocado, marca o *penalty*.

Arcádio e Suarez investem para o juiz e o tentam agredi-lo.

A polícia entra em campo e estabelece-se a confusão.

Finalmente o campo é evacuado, mas o quadro argentino nega-se a voltar ao gramado.

O juiz ordena que o *penalty* seja batido e Perácio, com a meta desguarnecida marca o terceiro *goal* dos brasileiros.

A bola é posta no centro e o juiz espera que se esgote o tempo regulamentar, sagrando-se assim vencedora a equipe brasileira por 3X2.<sup>283</sup>

Mas os problemas não se encerraram. Ao se dirigirem para o hotel, o ônibus da Seleção Argentina foi atacada pela torcida que ainda se postou em frente ao local em que os jogadores estavam hospedados, xingando-os. Uma terceira partida deveria ser disputada, porém a AFA, de Buenos Aires, emitiu um comunicado afirmando que seria preferível adiar a data do novo jogo que estava marcado para o dia 25 próximo e deu ordens para que a delegação retornasse ao país no navio “Cap Arcona”. O impasse estava criado e as relações entre as duas delegações ficaram estremecidas, apesar do jantar de despedida dado pela CBD ter ocorrido em clima de cordialidade.

No entanto o desfecho da partida realizada no dia 22 de janeiro teve sérias consequências. Por determinação da AFA, ficaram temporariamente suspensas todas as partidas envolvendo equipes argentinas e brasileiras – com isso, o Brasil não tomaria parte do *Campeonato Internacional Nocturno Rioplatense*, para o qual Vasco da Gama e Botafogo haviam sido convidados, e foram canceladas as excursões de equipes argentinas ao Brasil previstas para aquele ano. Para contrabalançar, a CBD anunciou que nenhuma equipe brasileira teria permissão de jogar na Argentina até segunda ordem.<sup>284</sup>

Nesse ínterim, os dirigentes das duas entidades passaram o restante de 1939 discutindo como resolver o problema da terceira partida que, em caso de vitória de uma das equipes, decretaria quem seria o campeão da Taça Roca. A solução encontrada foi a disputa do jogo, no dia 18 de fevereiro de 1940, na cidade de São Paulo. O clima para a nova partida foi de total cordialidade.

---

<sup>283</sup> JORNAL DO BRASIL, 24 de janeiro de 1939, p. 15.

<sup>284</sup> SANTOS, Newton Cesar de Oliveira. op. cit., p. 151.

O selecionado argentino entrou no Parque Antártica, no dia 18 de fevereiro, ovacionada pela torcida local e carregando uma bandeira brasileira. A partida começou às 15h30.<sup>285</sup> O gramado estava muito pesado em decorrência das chuvas que castigavam a capital paulista. Apesar do domínio argentino, o primeiro tempo terminou empatado sem gols. No segundo tempo melhorou a produção brasileira, mas foi a Argentina, aos 29 minutos, que abriu o placar por intermédio de Fabio Cassan. Novamente, no final da partida, Leônidas disputou uma bola na área argentina e foi agarrado pelo seu marcador, Victor Valussi. O árbitro marcou pênalti.

Os jogadores argentinos, mais uma vez inconformados com a marcação e alegando que a falta foi cometida fora da área, partiram para cima do juiz. Houve tumulto e os jogadores visitantes ameaçaram abandonar o gramado, porém foram dissuadidos pelo chefe de sua delegação. Com o clima serenado, Leônidas cobrou a penalidade e empatou o jogo.

Com o placar final de 1X1, as equipes se preparam para uma prorrogação de 30 minutos. O Brasil, logo aos 4 minutos, novamente com Leônidas, ficou a frente no placar e assim terminou o primeiro tempo da prorrogação. Na segunda etapa, os argentinos, depois de muito esforço, conseguiram empatar a partida aos 11 minutos, gol de cabeça de Emilio Baldonado depois de grande jogada de Sastre que dominou a bola em sua defesa e partiu para o ataque driblando vários jogadores brasileiros e cruzando a bola para Baldonado decretar o placar final.

O resultado de 2X2 foi considerado justo pela imprensa argentina que afirmou que: “O empate é considerado como muito justo e fiel reflexo da partida, que só se viu prejudicada pelo mau estado do gramado em consequência das chuvas”.<sup>286</sup>

O La Nacion também apresentou em sua edição de 20 de fevereiro os comentários da imprensa brasileira sobre o jogo. O jornal “O Globo”, por exemplo, afirmou que o jogo

---

<sup>285</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Aimoré, Jaú, Junqueira, Afonsinho (Del Nero), Zarzur, Argemiro, Adilson, Romeu, Leônidas, Tim e Carreiro. Escalação da Seleção Argentina: Gualco, Salomón, Valussi, Aragüez, Perucca, A. Suárez, Peucelle, Sastre, Arrieta (Cassán), Baldonado e García. O árbitro da partida foi o brasileiro J. Ferreira Lemos.

<sup>286</sup> LA NACION, 19 de fevereiro de 1940, p. 15.

demonstrou o equilíbrio das forças que se traduziu na boa partida realizada pelas duas equipes que alcançaram um grau precioso de desenvolvimento e conhecimento do jogo inglês.<sup>287</sup>

**Figura 17: Lance da partida realizada no dia 18/2/1940: Brasil 2X2 Argentina<sup>288</sup>**



A Taça Roca continuava sem um dono e por isso uma quarta e última partida foi marcada. Seria no mesmo local, na noite de 24 de fevereiro, mas em decorrência das fortes chuvas, o jogo foi remarcado para o dia seguinte.

Apesar do empate, a semana foi muito tensa para a Seleção Brasileira. O presidente em exercício da CBD, Antônio Teixeira de Lemos, criticou duramente o ex-jogador e técnico brasileiro, Sílvio Lagreca, que inconformado pediu sua demissão, porém, como não haveria tempo para arrumar um novo comandante ficou acordado que Lagreca conduziria o Brasil na partida seguinte e depois seria substituído por Jayme Barcellos. A tragédia estava anunciada.

A quarta e última partida da Copa Roca de 1939 começou à 15h16.<sup>289</sup> Os primeiros quinze minutos foram de domínio brasileiro, daí em diante os argentinos não só equilibraram o jogo como passaram a comandar a partida. Eles marcaram o primeiro gol, aos 35 minutos, com Baldonado. Apesar do amplo domínio que os visitantes exerciam, o placar

<sup>287</sup> Idem, 20 de fevereiro de 1940, p. 15.

<sup>288</sup> Idem, 22 de fevereiro de 1940, p. 14.

<sup>289</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Aimoré, Jaú, Florindo, Del Nero, Zarzur (Brandão), Argemiro, Adílson (Lopes), Romeu, Leônidas, Tim e Carreiro. Escalação da Seleção Argentina: Gualco, Salomón, Valussim Aragüez, Perucca, A. Suárez, Peucelle (Zorilla), Sastre, Cassán, Baldonado (Fidel) e García. O árbitro da partida foi o brasileiro J. Ferreira Lemos.

não mais se alterou no primeiro tempo. O mesmo não pode ser dito sobre o humor dos torcedores brasileiros que, antes do final do tempo inicial, já vaiavam a sua seleção.

O segundo tempo começou com o domínio brasileiro que, apesar das jogadas criadas, não marcou o seu gol. No final da partida, os argentinos voltaram a marcar duas vezes, aos 42 minutos com Manuel Fidel e aos 44 minutos, em um rápido contra-ataque, com Sastre. “Com os 3 a 0, a Argentina mantinha a posse da Copa Roca e impunha ao Brasil sua segunda derrota em casa – e a segunda goleada”.<sup>290</sup>

O chefe da delegação argentina, obviamente muito satisfeito com o resultado alcançado, na última partida disputada em terras paulistas, não deixou de elogiar a Seleção Brasileira, afirmando que eles não esperavam vitória com um placar tão dilatado frente a um adversário poderoso. O *La Nacion* destacou que as crônicas dos jornalistas brasileiros também ressaltavam a justiça da vitória da seleção de seu país.<sup>291</sup>

A crítica feita pelo *Jornal do Brasil* à atuação brasileira deixa claro que o país não tinha ainda um estilo de jogo próprio e que a individualidade apresentada pelos jogadores brasileiros era contraproducente, especialmente ao enfrentar seleções fortes, como a Argentina. Por sinal, já se insinua uma discussão que se tornou cara no futebol brasileiro: a disputa entre o denominado Futebol Arte X Futebol Força. O jornal deixou claro que o conjunto precisa prevalecer frente à individualidade e que os resultados proporcionados pelo último costumam ser pífios.

Não é com o abuso de “*dribblings*” nem com o que se chama de jogo pessoal que se pode vencer quadros fortes e coesos como o argentino. Ganha-se um *match* arrematando-se para dentro das traves, em busca do ponto. As fintas e os lances pessoais são vistosos, não há dúvida, mas na sua quase totalidade são prejudiciais (...).

Muito raramente, em casos, especiais, produzem resultado prático. Foi esse o grande erro do primeiro jogo que, infelizmente, se reproduziu no segundo.<sup>292</sup>

O *Jornal Folha da Manhã* seguiu pela mesma direção de seu congênere carioca.

---

<sup>290</sup> SANTOS, Newton Cesar de Oliveira. op. cit., p. 153-154.

<sup>291</sup> LA NACION, 26 de fevereiro de 1940, p. 15.

<sup>292</sup> JORNAL DO BRASIL, 27 de fevereiro de 1940, p. 11.

Indiscutivelmente, a maior força dos argentinos residiu em sua homogeneidade. Nesse particular, houve flagrante diferença em campo, pois os brasileiros, além das outras características já adotadas, ressentiram-se de melhor combinação. Os jogadores portenhos evitaram o jogo pessoal, esforçando-se, cada qual, em trabalhar para o conjunto, o que foi, sem dúvida, o segredo da victoria.<sup>293</sup>

Surgem claramente características que os jornalistas e torcedores brasileiros passariam a adotar sobre o futebol argentino, ele estaria mais próximo do que se praticava na Europa, o denominado Futebol Força, que se caracterizaria por ter uma preocupação maior com o conjunto e não com a individualidade. Também se percebe claramente que esse deveria ser o modelo a ser seguido.

O periódico Folha da Noite traduziu o jogo de forma bastante semelhante ao dos dois outros:

Com seu jogo mais veloz e melhor dirigido, os visitantes neutralizaram a nossa ofensiva e atacaram sempre com maior perigo. Nem por isso, porém, houve uma flagrante superioridade territorial dos argentinos, cuja defesa teve um trabalho idêntico à dos brasileiros, na destruição das cargas contrárias. O aspecto geral do encontro mostrou um quadro mais ágil, mais harmonioso e melhor disposto, que fez prevalecer a sua melhor classe sobre o seu adversário em quasi três quartas partes do tempo regulamentar. Compreendendo perfeitamente o jogo da ofensiva dos brasileiros, a defesa argentina bloqueou completamente a sua área, e, como os nossos ainda insistissem no **excesso de tramas**, tornou-se mais remota a esperança de um resultado prático de todo o esforço dos nossos avantes.<sup>294</sup>

O Jornal dos Sports deixou claro que tecnicamente o futebol argentino se encontrava em uma situação de superioridade em relação ao brasileiro e isso se evidenciou nas condições em que o segundo jogo se processou, com o campo seco, ao contrário da partida anterior, ocorrida no dia 18 de fevereiro.

A peleja de domingo em Parque Antártica – que apresentando-se o gramado inesperadamente secco – deu margem a que se evidenciasse a ligeira superioridade técnica que actualmente existe do *football* argentino sobre o brasileiro.<sup>295</sup>

---

<sup>293</sup> FOLHA DA MANHÃ, 27 de fevereiro de 1940, p. 10.

<sup>294</sup> FOLHA DA NOITE, 27 de fevereiro de 1940, p. 1 (grifos nossos).

<sup>295</sup> JORNAL DOS SPORTS, 27 de fevereiro de 1940, p. 4.

Só se passariam oito dias, 5 de março de 1940, para que a Seleção Brasileira estreasse em Buenos Aires para disputar a Taça Roca de 1940, já com nova comissão técnica. Prenúncio de novas decepções?

O jogo inaugural da Copa Roca de 1940 estava marcado para acontecer no dia 3 de março, porém as chuvas e o mau tempo fizeram com que a partida fosse adiada por dois dias, para a terça-feira, dia 5. A expectativa da torcida argentina era imensa, afinal o selecionado local havia feito apresentações convincentes contra o mesmo adversário, dias antes, no Brasil. Os ingressos se esgotaram rapidamente. A Seleção Brasileira enfrentaria não só um adversário que já tinha se mostrado extremamente competente, mas também o *El Viejo Gasómetro*, estádio do San Lorenzo, repleto de torcedores argentinos.

Apesar de jogar em casa, o técnico da albiceleste, o ex-jogador Guillermo Stábile, pregava respeito ao seu oponente: “Sei que os brasileiros constituem adversários perigosos. Não tenho receio em afirmar que o vencedor será aquele que abrir a contagem”.<sup>296</sup> O prognóstico de Stábile iria se confirmar, ele só não esperava que fosse com tanta facilidade.

As duas equipes entraram juntas em campo às 21h40 e foram muito bem recebidas pela torcida. A Argentina jogou com o que o seu técnico considerava de melhor. Enquanto o Brasil tinha um desfalque muito importante, Leônidas da Silva, o melhor jogador brasileiro à época, estava contundido.<sup>297</sup> A partida se iniciou, com saída para os visitantes, seis minutos depois da entrada das equipes ao gramado.

A Argentina iniciou o jogo pressionando o seu oponente e, com menos de 3 minutos, fez o seu primeiro gol por intermédio de Masantonio e contando, segundo o relato feito pelo Jornal do Brasil, com falha do arqueiro brasileiro.<sup>298</sup> Mesmo em desvantagem, a seleção visitante conseguiu equilibrar a partida e jogadas de perigo aconteciam nas duas áreas. Aos 32 minutos, García, cobrando falta por ele mesmo sofrida, cruzou a bola para a área

---

<sup>296</sup> FOLHA DA MANHÃ, 5 de março de 1940, p. 10.

<sup>297</sup> Escalação da Seleção Argentina: Gualco, Salomón, Valussi (González), Aragüez, Perucca, A. Suárez, Peucelle, Sastre, Masantonio, Baldonado e García. Escalação da Seleção Brasileira: Aimoré (Jurandir), Jaú, Florindo, Zezé Procópio, Zarzur, Argemiro, Lopes, Romeu, Carvalho Leite, Jair e Carreiro. O árbitro da partida foi o argentino B. Macías.

<sup>298</sup> JORNAL DO BRASIL, 6 de março de 1940, p. 8. O Jornal La Nacion entende que o goleiro brasileiro pouco poderia fazer, apesar de ter caído no chão de forma pouco hábil. Cf. LA NACION, 6 de março de 1940, p. 14.

brasileira e Peucelle<sup>299</sup> jogou para “o fundo das redes”. Argentina 2X0, placar do primeiro tempo.

A Seleção Brasileira retornou no segundo tempo buscando o ataque, o que inevitavelmente abriu espaços em seu setor defensivo. Eles foram habilmente aproveitados pelos argentinos que aos 12 minutos marcaram o terceiro gol, o segundo de Peucelle. A tônica da partida se manteve, o Brasil atacava e a Argentina se aproveitava para contra-atacar. Aos 17 minutos, o arqueiro brasileiro se chocou, em uma saída de gol, com Masantonio e, machucado, teve que deixar o campo. Entrou em seu lugar Jurandir.

O Brasil teve um alento aos 25 minutos, Romeu sofreu uma falta na proximidade da área e Jair da Rosa Pinto, que fazia sua estreia pelo selecionado nacional, bateu com muita força e precisão e diminuiu a vantagem da equipe mandante. O alento durou poucos minutos, aos 34, após trama do ataque argentino, Peucelle marcava o seu terceiro gol na partida e o quarto do seu selecionado. Um balde de água fria na pretensa reação da Seleção Brasileira.

Apenas um minuto depois, aos 35, Peucelle, o nome do jogo ao lado de García, avançou pela direita e cruzou para a área, Baldonado, de cabeça, marcou mais um. Mas, o “show” ainda não havia acabado e, aos 41 minutos da etapa final, Masantonio, após tabelar com Peucelle, marcou o sexto e último gol. Argentina 6X1, a maior goleada aplicada pelos argentinos sobre os brasileiros em toda a história.

Os comentários do Jornal do Brasil, após o jogo, ressaltavam a força do futebol argentino e que a derrota era até um resultado normal e esperado, mas não pelo placar dilatado como ocorreu.

---

<sup>299</sup> Carlos Desiderio Peucelle (Buenos Aires, 13 de setembro de 1908 – Buenos Aires, 1º de abril de 1990). Habilidade atacante argentino que jogou em grandes clubes de Buenos Aires. Se destacou na Copa do Mundo de 1930, no Uruguai, chegou inclusive a fazer um gol na grande final. Depois do Mundial, o River Plate comprou seu passe por 10 mil pesos, valor que era uma verdadeira fortuna na época e defendeu a equipe, que ficou conhecida como “La Máquina”, por dez anos conquistando quatro títulos argentinos (1932, 1936, 1937 e 1941). Além de habilidoso, técnico e driblador, Peucelle também tinha grande senso coletivo. Após deixar o futebol tornou-se técnico, carreira na qual também obteve grande sucesso. Peucelle defendeu em 28 oportunidades o selecionado nacional entre 1928 e 1940, marcou 12 gols. Contra o Brasil jogou oito vezes, sete delas iniciou como titular e em uma entrou no decorrer da partida (1/2/1937) obtendo 5 vitórias, 1 empate e 2 derrotas. Marcou quatro gols.

O resultado dessa partida registrou um fragoroso revês para o *scratch* brasileiro. Se é bem verdade que a vitória da equipe argentina era geralmente esperada, não é menos certo que ninguém poderia supor uma contagem tão alta.<sup>300</sup>

O *La Nacion* seguiu um caminho parecido e de grande sobriedade após uma vitória de tal magnitude. A chamada do artigo afirmava: “A legitimidade da vitória não admite reparo, porém se pode objetar a quantia das cifras”.<sup>301</sup> No decorrer da reportagem ele afirmou que o resultado de 6X1 poderia ser interpretado de forma errônea, levando a pensar que havia uma diferença imensa de valor e qualidade entre as duas seleções.

A vitória argentina não admite discussões, desde logo; porém o tamanho da derrota adversária resultou tão insólito como pouco justificado. Nem o time local jogou tão bem para lograr números favoráveis de tal volume, nem o hóspede o fez excessivamente mal.<sup>302</sup>

A partida que poderia definir a Copa Roca de 1940, que mantinha o regulamento do ano anterior, foi disputada no dia 10 de março, no mesmo local da partida anterior de triste lembrança para os jogadores brasileiros, que, não acreditavam que tamanha “catástrofe” tornaria a acontecer, inclusive em virtude de poderem contar para esse jogo com Leônidas. Além dele, quatro outras modificações seriam realizadas em relação ao embate anterior. A imprensa argentina também precavia os seus torcedores para o excesso de otimismo e pregava o respeito pela Seleção Brasileira.

Os jogadores brasileiros, como verdadeiros esportistas, admitem naturalmente a possibilidade de perder novamente, mas quasi todos acreditam que será virtualmente impossível aos argentinos repetirem a façanha dos 6 a 1.

Os *Chronistas desportivos locates* (sic) têm tratado deste assumpto com grande expressão, opinando que os brasileiros ainda poderão surpreender no próximo jogo.<sup>303</sup>

A imprensa brasileira deixava claro que os anfitriões eram os favoritos neste confronto, especialmente em virtude das boas apresentações, dos últimos resultados obtidos contra adversários sul-americanos e também por jogar em seu território, obviamente

---

<sup>300</sup> JORNAL DO BRASIL, 6 de março de 1940, p. 11.

<sup>301</sup> LA NACION, 6 de março de 1940, p. 14.

<sup>302</sup> Idem, ibidem, p. 14.

<sup>303</sup> FOLHA DA MANHÃ, 10 de março de 1940, p. 12.

empurrado por milhares de torcedores, que mais uma vez mostraram total interesse pela partida.

Infelizmente, quaisquer prognósticos quanto ao vencedor forçosamente devem ser favoráveis à Argentina, cujo conjunto, amparado por um elevado moral surgido das suas últimas retumbantes victorias no futebol sul-americano, sobre brasileiros, chilenos e paraguayos, encontrará ainda eco numa torcida que lhe é favorável e num melhor conhecimento do terreno da peleja. A nosso favor temos as últimas modificações que serão feitas na nossa equipe. Estas poderão ter o effeito desejado e nos trazer a tão ambicionada alegria esportiva que deve estar sendo acalentada como uma esperança para todos os esportistas do Brasil.<sup>304</sup>

Como já anunciado, o Brasil entrou em campo no domingo, 10 de março, com cinco substituições. Os donos da casa fizeram uma única modificação, Moreno no lugar de Sastre que estava fortemente gripado.<sup>305</sup> Aproximadamente 80 mil torcedores estavam presentes no estádio do San Lorenzo, contrariando predições que afirmavam que, após a esmagadora vitória da equipe albiceleste, haveria pouco interesse em relação ao confronto.<sup>306</sup>

O Brasil, necessitando da vitória para forçar um novo confronto, desde o início do jogo partiu para o ataque. Dessa feita, o resultado foi positivo e logo aos noventa segundos, Hércules, um dos cinco novos jogadores, marcou o primeiro gol dos visitantes. A Argentina sentiu o gol e passou alguns minutos de instabilidade, aos poucos o jogo se equilibrou. Aos 28 minutos, após cobrança de escanteio, a bola encontrou Moreno que a passou para Baldonado chutar forte e indefensável. Daí o domínio ficou com os anfitriões que pressionaram, sem sucesso, a equipe brasileira até o final do primeiro tempo.

Aos três minutos da etapa complementar aconteceu um dos lances mais curiosos da história dos confrontos entre brasileiros e argentinos. O juiz, Bartolomé García, anotou pênalti contra o Brasil, após a bola ser interceptada com a mão, aparentemente de forma não intencional, por Procópio dentro da área. Moreno se posicionou para bater, mas nesse ínterim

---

<sup>304</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>305</sup> Escalação da Seleção Argentina: Gualco, Salomón, Valussi, Aragöz, Perucca, A. Suárez, Peucelle, Moreno, Masantonio (Casán), Baldonado e García. Escalação da Seleção Brasileira: Nascimento, Norival, Florindo, Zezé Procópio, Zarzur, Argemiro, Lelé (Lopes), Romeu, Leônidas, Jair da Rosa Pinto e Hércules (Carreiro). O árbitro da partida foi o argentino B. Macías.

<sup>306</sup> JORNAL DO BRASIL, 12 de março de 1940. “O público de Buenos Aires deu por terra com as previsões dos numerosos observadores desportivos que prediziam para hoje uma pequena assistência e desinteresse do público em face da grande derrota sofrida pelos brasileiros na Terça-feira última. (...) Mais de 80.000 pessoas aguardam ansiosos o início do 2º jogo da Copa Roca de 1940”.

o capitão do selecionado argentino, Arico Suárez, conversou com o árbitro da partida por alguns segundos e depois, se dirigiu para Moreno, após breve troca de palavras, Suárez ficou encarregado de fazer a cobrança. De forma inesperada e proposital, Suárez chutou a bola longe do gol brasileiro para delírio da torcida local.<sup>307</sup>

Aos 3 minutos de jogo em consequência de um ataque de García, Procópio intercepta com a mão e Macias assinala um *penalty* contra os brasileiros. Arico Suárez *shotta* a penalidade e põe a bola fora, dando a impressão de que o fez de propósito, pois a bola passou longe do poste do *goal*.<sup>308</sup>

Mesmo desperdiçando a chance, a Argentina não se abateu e virou o placar ainda aos 6 minutos. Novamente Baldonado, após vencer o goleiro brasileiro, que ainda chegou a raspar na bola, com um chute extremamente forte. Mesmo com a vantagem no placar, os argentinos não recuaram e continuaram a atacar o Brasil que, dessa vez, contou com a excelente exibição do defensor Norival que evitou que o placar se tornasse mais elástico.

Aos 24 minutos, em um rápido contra-ataque, os visitantes alcançaram o gol de empate por intermédio, novamente, de Hércules. A igualdade no placar trouxe alguma tranquilidade para a Seleção Brasileira que equilibrou o jogo contra o seu perigoso rival. Os ataques se alternavam, até que aos 32 minutos, Zarzur, do lado direito da defesa argentina, driblou Perucca e passou a bola para Leônidas acertar um chute forte no gol defendido por Gualco. O Brasil voltava a assumir a liderança no placar.

A Argentina, em busca do empate que lhe daria o título da Copa Roca, passou o restante do segundo tempo pressionando os brasileiros, mas não obteve êxito. Final: Argentina 2X3 Brasil. Uma nova partida seria disputada em Buenos Aires.

A derrota foi tão inesperada para os argentinos, que eles não haviam previsto a possibilidade de ter que disputar um terceiro jogo, dessa forma, não havia, ao término do

---

<sup>307</sup> A jogada foi descrita da seguinte maneira pelo jornal La Nacion: “Los argentinos atacaron a continuación, y en momentos en que García se cerraba sobre la valla brasileña Zezé Procópio, al parecer intencionalmente, incurrió en *hand* penal. El *referee* castigó la infracción, a tiempo que el público hacía manifestaciones contrarias a la ejecución del tiro libre. El capitán del equipo argentino, Pedro Arico Suárez, manifestó al *referee* que era su deseo ejecutar el penal afuera, y le solicitó admitiese su actitud sin interpretarla como una desautorización ante su fallo. Así lo hizo, enviando la pelota al *out*, mientras los jugadores brasileños, y especialmente Norival y Zezé Procópio, corrían a abrazar al capitán del conjunto argentino”. Cf. LA NACION, 11 de março de 1940, p. 14.

<sup>308</sup> JORNAL DO BRASIL, 12 de março de 1940, p. 12.

segundo confronto, um local e data para o novo embate, que acabou sendo marcado para o domingo seguinte, 17 de março, agora no estádio do Independiente.<sup>309</sup>

Novamente o confronto mobilizou a torcida argentina e mais de 80 mil espectadores se dirigiram para o estádio. O Brasil perdeu Hércules, autor de dois gols na partida anterior, que saiu contundido minutos antes do seu final, mas, Jurandir, recuperado da lesão, retornou ao gol. A Argentina também promoveu duas mudanças, Leguisamón entrou no lugar de Perucca e Sastre<sup>310</sup> no de Moreno.<sup>311</sup>

A partida disputada sob forte calor, na tarde de 17 de março, se caracterizou pela forte pressão da seleção local, que chutou perigosamente logo aos 20 segundos do jogo dando a tônica do que seria o restante do confronto. O primeiro gol não demorou a acontecer, aos 2 minutos Baldonado cabeçou livre para as redes aproveitando cruzamento de García. Argentina 1X0.

A pressão continuou e aos 9 minutos, em novo cruzamento de García, Masantonio jogou para o fundo das redes. O Brasil só encaixou seu primeiro ataque aos 15 minutos e aos 21 levou o terceiro gol, após nova jogada de García que Peucelle concluiu de forma

---

<sup>309</sup> Os “Diabos Vermelhos”, alcunha do Independiente, surgiram em 1905 e era uma das duas únicas equipes do futebol argentino que nunca deixaram a primeira divisão, até 2013, quando sofreu o rebaixamento. Em decorrência de terem conquistado sete Copas Libertadores da América e outras duas Copas Intercontinentais a equipe também foi apodada de “Rei das Copas”. É tida como a terceira equipe com mais torcedores na Argentina, ficando atrás apenas dos gigantes Boca Juniors e River Plate. Seu ídolo máximo foi Ricardo Enrique Bochini. Ele é o jogador que mais partidas disputou por uma mesma equipe no futebol argentino, foram 638 entre 1972 e 1991. Cf. TALIO, Daniel & DE LUCCA, Guillermo. *Diccionario de futbol*. Buenos Aires: Clarid, 2009, p. 174. FABBRI, Alejandro. op. cit., p. 177-183.

<sup>310</sup> Antonio Sastre (Lomas de Zamora, 27 de abril de 1911 – Buenos Aires, 27 de novembro de 1987). Foi considerado um dos jogadores argentinos mais virtuosos de toda a história, além disso, dotado de grande senso tático e capaz de jogar em múltiplas posições e sempre com excelente desempenho. Nesse sentido, chegou a atuar duas vezes improvisado como goleiro e não sofreu gols nessas partidas. Começou a fazer sucesso em 1930 no Independiente. Depois de 4 vice-campeonatos pelos “Diabos Vermelhos” (1932, 1934, 1935 e 1937), venceu o campeonato argentino em 1938 e também em 1939. Em 1943, o São Paulo, que amargava longa fila de espera por títulos, comprara Leônidas e por indicação de um jornalista argentino, Carlito de la Braga, buscou por Sastre. O Independiente inicialmente não tinha interesse no negócio, mas acabou cedendo. No São Paulo, após um início difícil e de muita desconfiança da imprensa e da torcida local em virtude de sua idade, tinha 32 anos, ele não só conquistou o tão desejado título em 1943 como também o bi-campeonato em 1945 e 1946. Retornou para a Argentina em 1947 considerando-se aposentado, porém uma proposta do Gimnasia Y Esgrima de La Plata, que havia caído para a segunda divisão, o fez mudar de opinião. Retornou aos campos e ajudou, ainda naquele ano, a equipe de La Plata ser campeã e retornar a elite do futebol argentino. Jogou 35 vezes pela Argentina entre 1933 e 1941, marcou 6 gols e obteve um amplo saldo positivo de 25 vitórias, 6 empates e apenas 4 derrotas. Jogou 8 vezes contra a Seleção Brasileira, com o saldo de 6 vitórias, 1 empate e 1 derrota. Marcou um gol.

<sup>311</sup> Escalação da Seleção Argentina: Gualco, Salomón, Valussim Aragüez (Sbarra), Leguisamón, A. Suárez, Peucelle, Sastre, Masantonio (Cassán), Baldonero e García. Escalação da Seleção Brasileira: Jurandir, Norival, Florindo, Zezé Procópio, Zarzur, Argemiro, Lopes, Romeu (Carvalho Leite), Leônidas, Jair e Carreiro. O árbitro da partida foi o argentino B. Macías.

indefensável. Mesmo sendo completamente dominados, os brasileiros tentavam diminuir a diferença e lograram sucesso aos 38 minutos por intermédio de Leônidas.

Mas, da mesma forma que ocorreu na derrota por 6X1, os argentinos terminaram com qualquer sonho de reação brasileira alguns minutos depois, aos 42, Baldonedo, novamente de cabeça, faz o quarto gol para os donos da casa. Assim terminou o primeiro tempo: Argentina 4X1 Brasil.

O panorama do segundo tempo pouco se alterou, a não ser no número de gols que foi bem menor. A Argentina continuou atacando com maior perigo e frequência, enquanto os brasileiros se esforçavam para diminuir o placar. Mais uma vez García, o melhor em campo, aos 45 minutos da etapa final, encontrou Cassán, que havia substituído Massantonio, livre na área brasileira para marcar mais um para os donos da casa. Placar final, nova acachapante derrota do Brasil: 5X1. A Copa Roca permanecia com os argentinos que ainda provaram claramente a sua ampla superioridade em campo.<sup>312</sup>

O diário La Nacion, mesmo percebendo as qualidades do quadro brasileiro, não deixou de tecer duros comentários, afirmou, dentre outros aspectos, que faltou alma para o selecionado brasileiro, algo que a torcida aprecia e entende. O Jornal do Brasil assim resumiu os dizeres do importante jornal argentino:

Em resumo, La Nacion declara que o que falta à seleção visitante não é conhecimento do jogo, nem recursos, nem domínio da pelota, nem tão pouco compreensão entre os seus integrantes, mas de que ela necessita é de maior firmeza e vigor, causa esta da sua derrota. É um *team* bom, de certa hierarquia na classe internacional, mas sem a fibra necessária em determinadas circunstâncias<sup>313</sup>

O periódico Folha da Manhã retratou as opiniões dos jornais portenhos, por elas o Brasil não jogou com a garra necessária e apesar do bom domínio de bola, pouco chutou ao

---

<sup>312</sup> Em um pouco mais de um ano, entre 15/1/1939 e 17/3/1940, brasileiros e argentinos se enfrentaram 7 vezes, foram 4 vitórias argentinas, 1 empate e 2 vitórias brasileiras. Os argentinos haviam marcado cinco ou mais gols em 3 oportunidades. Fizeram ao todo, nesses confrontos, 25 gols, uma média superior a 3,5 gols por partida e haviam sofrido 11 gols. Segundo Roberto Sander: “O Brasil era o terceiro do mundo, mas freguês de seus maiores rivais. Em menos de dois meses, a seleção perdera duas Copas Roca para Argentina e uma Copa Rio Branco para o Uruguai”. Cf. SANDER, Roberto. op. cit., p. 40. Cabe ressaltar que uma semana depois de perder a Copa Roca para a Argentina, por 5X1, o Brasil acabou perdendo a Copa Rio Branco, disputada no Rio de Janeiro, para o Uruguai. No primeiro jogo foi derrotado por 4X3 e no segundo empatou por 1X1 no tempo normal. Na prorrogação novo empate sem gols dando o título para a Celeste Olímpica.

<sup>313</sup> JORNAL DO BRASIL, 19 de março de 1940, p. 12. LA NACION, 18 de março de 1940, p. 10.

gol, ou seja, as críticas já feitas pelos periódicos nacionais, de que se jogava com muita “firula” e pouca objetividade, foram reforçadas também nos jornais do país vizinho. Nesse sentido, constrói-se uma identidade que permanecerá no imaginário brasileiro: que os argentinos, além da boa técnica, jogam com garra, com vontade, preocupados com o conjunto, elementos que faltariam ao futebol brasileiro e ajudariam, naquele momento, a explicar os seus fracassos.

Commentando a partida de ontem, em disputa da “Copa Roca”, os matutinos manifestam a opinião de que os brasileiros fizeram o possível para vencer; mas, indubitavelmente, tiveram uma tarde má, circunstância de que se aproveitou o “onze” local para impor a sua tática.

“El Sol” escreve:

“Enquanto os argentinos actuavam com eficiencia, os brasileiros, quasi sempre apathicos e desacorçoados pela inutilidade dos seus esforços que morriam deante do zagueiro argentino, sempre alerta, foram aos poucos cedendo terreno. Houve, entretanto, uma reacção, quando Leônidas marcou o esplendido “goal”.

Os brasileiros desenvolveram um jogo elegante, sendo muito applaudidas as combinações que executavam; estas, porém, não tinham em absoluto um remate preciso e prompto”.

“El Mundo” diz:

“Contrastando com os argentinos, os brasileiros mostraram o defeito de não atirar para o arco, com excepção de Leônidas, que é um perigo para qualquer zagueiro. Os demais deanteiros não chutaram, abusando dos passes”.<sup>314</sup>

O pior é que as derrotas não se circunscreviam ao selecionado brasileiro, Flamengo e Fluminense excursionaram no país vizinho em 1941, novos vexames, a imprensa afirmava que o Brasil não tinha condições de vencer, partidas de futebol, contra qualquer vizinho sul-americano, não só os argentinos.

Em 1941, a dupla Fla-Flu fez uma excursão para a Argentina. Foi um retumbante fracasso. O Flamengo levou uma goleada humilhante: 7 a 0 para o Newell’s Old Boys. O Fluminense também decepcionou. Perdeu de 4 a 1 para o Independiente. No total, o Flamengo disputou cinco jogos, vencendo apenas um e perdendo quatro. O Fluminense perdeu as cinco partidas. Quando se juntaram para formar um combinado, os dois conseguiram no máximo minimizar o vexame. Derrota de 3 a 1 para um combinado de Independiente, San Lorenzo e Huracán.<sup>315</sup>

Os maus resultados fizeram com que os técnicos do Fluminense e Flamengo, Ondino Viera e Flávio Costa respectivamente, se reunissem para estudar os motivos que

---

<sup>314</sup> FOLHA DA MANHÃ, 19 de março de 1940, p. 12.

<sup>315</sup> SANDER, Roberto. op. cit., p. 41.

levaram as duras derrotas no Prata. Daí concluíram que era preciso maior aplicação dos jogadores em campo e uma marcação mais dura, individual. Flávio Costa, ao dirigir posteriormente o selecionado nacional, levou a mesma filosofia para os seus comandados. “O Brasil passaria a fazer jogo duro – e muitas vezes até suplantar os rivais – em todos os confrontos com a Argentina na década, principalmente sob o comando de Flávio Costa”.<sup>316</sup>

Mas, antes disso, o Brasil desistiu de disputar o Campeonato Sul-Americano Extraordinário de 1941, no Chile, vencido pela Argentina.<sup>317</sup> Segundo Bayer, o futebol argentino vivia sua melhor fase, o selecionado nacional poderia contar com cinco ou seis jogadores de primeira qualidade para cada posição.<sup>318</sup> Outro resultado do acúmulo de derrotas para uruguaios e argentinos foi a crença de que, para que uma equipe brasileira tivesse êxito, fosse vitoriosa, era preciso contar em seu elenco com pelo menos um jogador platino. “Por essa razão, a partir da segunda metade da década de 1930, e principalmente ao longo dos anos 40, houve uma verdadeira invasão de atletas platinos no futebol brasileiro, principalmente no Rio de Janeiro”.<sup>319</sup> Obviamente que alguns desses jogadores fizeram muito sucesso no Brasil como Arcádio Lopez, Raimondo Orsi, Sabino Coletta, Américo Spnielli, Angel Capuano, Oscar Basso, Bernardo Gandulla,<sup>320</sup> entre muitos outros.

O ano de 1942 estava reservado para a disputa da Copa do Mundo, mas em virtude da II Guerra Mundial o campeonato foi cancelado. Restavam as competições no próprio continente americano. Dessa feita, o Uruguai sediou mais uma disputa da Copa Sul-Americana. Sete associações, das nove filiadas, confirmaram presença e com isso ela se tornou a maior competição regional até então realizada. Participaram do torneio: Argentina, Brasil, Chile, Equador, Paraguai, Peru e Uruguai.

---

<sup>316</sup> Idem, *ibidem*, p. 41.

<sup>317</sup> Os dirigentes chilenos solicitaram a Conmebol a autorização para sediar a 16ª edição do torneio como um dos atrativos das comemorações dos quatrocentos anos da fundação de sua capital, Santiago. Participaram do Sul-Americano Extraordinário: Argentina, Chile, Equador, Peru e Uruguai. A Argentina se sagrou campeã vencendo todos os seus adversários. O título conquistado ficou conhecido na história do futebol argentino como “*La Conquista del Pacífico*”.

<sup>318</sup> BAYER, Osvaldo. *op. cit.*, p. 68.

<sup>319</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. *op. cit.*, p. 164.

<sup>320</sup> O termo *gandulla*, aquele que recolhe e repõe a bola em jogo, surgiu do nome de Bernardo Gandulla quando ele atuava no Vasco da Gama. Gandulla era um meio campo habilidoso e driblador que tinha o hábito de buscar a bola quando ela saía de campo para entregá-la, a seguir, ao jogador que deveria reiniciar a partida.

Brasil e Argentina se enfrentaram logo na segunda rodada. O Brasil, na rodada de estreia, no dia 14 de janeiro, havia vencido com facilidade a seleção chilena por 6X1. Os argentinos, por sua vez, conquistaram uma vitória apertada contra o Paraguai, 4X3. A imprensa brasileira logo foi tomada pela esperança.

Assim, diante dos resultados apresentados pelos dois conjuntos nos seus compromissos iniciais, desapareceu o favoritismo quasi absoluto dos nossos adversários dessa noite. As probabilidades estão sendo iguais e tanto a crítica esportiva de Buenos Aires como de Montevidéu já passou (sic) a considerar e admitir as nossas possibilidades.<sup>321</sup>

O Jornal do Brasil, ofereceu uma versão distinta das opiniões dos jornais argentinos e uruguaios expressas no periódico Folha da Manhã.

A vitória alcançada pelos brasileiros sobre os chilenos, no *match* de anteontem em Montevidéu, em disputa do Campeonato Sul-Americano de *Football*, deixou bem mediocre impressão sobre os uruguaios e os argentinos.

A julgar pelos comentários que abaixo transcrevemos, apesar do escore de 6X1, o *team* brasileiro não se conduziu de forma a ser considerado como bom adversário para os dois quadros platinos, ao contrário do que pensam os optimistas.<sup>322</sup>

O jornal La Nacion demonstrou bastante respeito pelo futebol brasileiro, mas também enxergava uma boa oportunidade do futebol de seu país apagar a má impressão deixada na primeira partida, apesar da vitória. Os argentinos venciam os paraguaios por 3X0, placar do primeiro tempo, mas permitiram que seus adversários alcançassem o empate na etapa complementar, antes de marcarem, a dois minutos do final, o gol da vitória. Já o Brasil, mesmo alcançando um placar elástico contra o Chile, não teria apresentado um futebol extremamente esmerado e prodigioso, como o resultado de 6X1 poderia predizer. Ainda assim: “Se trata de duas delegações que gozam de sólido prestígio continental e são, ademais, firmes candidatas para ganhar o certame”.<sup>323</sup>

---

<sup>321</sup> FOLHA DA MANHÃ, 17 de janeiro de 1942, p. 11.

<sup>322</sup> JORNAL DO BRASIL, 16 de janeiro de 1942, p. 11.

<sup>323</sup> LA NACION, 17 de janeiro de 1942, p. 12.

O jogo entre brasileiros e argentinos, assim como todos os demais do sul-americano, foi disputado no Estádio Centenário de Montevideu.<sup>324</sup> Aproximadamente 40 mil pessoas assistiram o confronto no dia 17 de janeiro de 1942. Igualmente ao ocorrido nas goleadas anteriores, a Argentina abriu o placar nos minutos iniciais, mais precisamente aos 3 minutos, gol de García, após o zagueiro Afonsinho atrasar erradamente a bola para o goleiro brasileiro.

Reiniciada a partida, o Brasil não se mostrou abalado pelo gol sofrido e equilibrou o jogo, mas aos 21 minutos, após tabela de Masantonio<sup>325</sup> e Pedernera<sup>326</sup>, o primeiro apareceu livre dentro da área e marcou o segundo gol argentino. O mesmo *script* das goleadas anteriormente sofridas.

Os brasileiros não se abateram e passaram a pressionar duramente a defesa argentina, levando Gualco, goleiro albiceleste, a realizar grandes defesas. O gol brasileiro amadurecia e acabou ocorrendo aos 39 minutos, Servílio foi o responsável por reduzir a diferença. O Brasil exerceu grande pressão nos minutos finais, “como fantasmas alucinados os brasileiros atacam por todos os lados e de todos os modos o arco argentino, somente o

---

<sup>324</sup> Escalação da Seleção Argentina: Gualco, Salomón (Montañez), Alberti, Esperon, Videla (Perucca), Ramos, Rossoni (J. C. Heredia), Pedernera, Masantonio, Moreno e García. Escalação da Seleção Brasileira: Caju, Domingos da Guia, Osvaldo, Afonsinho, Brandão, Dino, Cláudio (Pedro Amorim), Servílio (Zizinho), Pirillo, Tim e Patesko (Pipi). O árbitro da partida foi o chileno M. Souto.

<sup>325</sup> Herminio Masantonio (Buenos Aires, 5 de agosto de 1910 – Buenos Aires, 11 de setembro de 1956). Um dos grandes atacantes da história do futebol argentino. Jogou grande parte de sua carreira, de 1931 até 1943, no Club Atlético Huracán. É o terceiro jogador que mais marcou gols nos campeonatos argentinos, com 259 tentos marcados, sendo 254 deles com a camisa do Huracán. Jogou na Seleção Argentina de 1935 até 1942, foram 19 partidas e 21 gols marcados, média de 1,1 gol por partida. Foi por duas vezes artilheiro do Campeonato Sul-Americano (1937 e 1941). Jogou contra o Brasil 6 vezes obtendo 4 vitórias e 2 derrotas. Marcou 6 gols nesses confrontos.

<sup>326</sup> Adolfo Alfredo Pedernera (Avellaneda – Província de Buenos Aires, 15 de novembro de 1918 – Avellaneda, 12 de maio de 1995). Um dos maiores jogadores do futebol argentino. Foi eleito o 12º maior jogador sul-americano do século XX pela Federação Internacional de História e Estatística do Futebol (IFHHS). Foi apelidado de “El Maestro”, não só pela elegância com que jogava, mas sobretudo pela sua capacidade de conduzir a equipe. Era um dos principais jogadores da *La Maquina*, time mítico do River Plate. Atuou pela equipe entre 1935 e 1946 e conquistou cinco títulos argentinos (1936, 1937, 1941, 1942 e 1945). Após sair do River, atuou em 1947 pelo Atlanta e 1948 pelo Huracán. No ano seguinte partiu para o *El Dorado* colombiano e defendendo o Milionários de Bogotá venceu por quatro vezes a Liga daquele país (1949, 1951, 1952 e 1953). Envergou em 21 oportunidades a camisa da Seleção Argentina, marcou sete gols e foi campeão sul-americano duas vezes (1941 e 1946). Enfrentou a Seleção Brasileira em 5 oportunidades, foram 3 vitórias, 2 derrotas e marcou 2 gols. Ao “pendurar as chuteiras” tornou-se técnico de futebol. Levou a Seleção da Colômbia ao mundial de 1962, porém, e certamente foi o seu maior fracasso, era técnico da Seleção Argentina que foi desclassificada pelo Peru para a Copa de 1970.

apito final do primeiro tempo poderá salvar os platinos do empate”<sup>327</sup>, mas a etapa terminou com a vantagem argentina.

No período complementar, ao contrário do esperado, o ritmo das equipes caiu e o resultado não se alterou. Argentina 2X1 Brasil. Os brasileiros reclamaram muito do árbitro chileno que não teria marcado dois pênaltis a favor do Brasil, um em cada tempo, e ainda não validou um gol brasileiro ocorrido na etapa final, chute forte de Amorim que teria passado pela linha do gol antes de ser afastada pelo arqueiro argentino.<sup>328</sup> Uma rápida confusão entre Pedernera e Brandão ocorreu nos instantes finais da partida, mas logo foi contida com a ação da polícia uruguaia. O jogo também marcou a estreia, na Seleção, de um dos maiores jogadores do futebol brasileiro: Zizinho.<sup>329</sup>

Segundo o *La Nacion*, a partida disputada contra o Brasil foi extremamente emocionante e parelha, mas ainda assim, os argentinos teriam merecido a vitória, pois “foram suas ações mais técnicas e sua exibição resultou mais convincente”.<sup>330</sup> O periódico portenho afirmou que, aos brasileiros, apesar da pressão exercida, “lhes faltou, porém, predisposição para o chute”.<sup>331</sup>

A Seleção Brasileira, após o Sul-Americano, não jogou mais durante o ano de 1942 e também o de 1943. A Argentina se manteve ativa nos dois anos seguintes e não atuou em 1944. Dessa forma, os dois rivais só voltariam a se enfrentar poucos meses antes do término da II Guerra Mundial, fevereiro de 1945.

---

<sup>327</sup> FOLHA DA MANHÃ, 18 de janeiro de 1942, p. 24.

<sup>328</sup> O *Jornal do Brasil* do Brasil não faz menção que a bola houvesse cruzado a linha do gol em sua reportagem sobre a partida. O lance sequer é mencionado na *Folha da Manhã* de São Paulo. Cf. JORNAL DO BRASIL, 18 de janeiro de 1942, p. 10 e FOLHA DA MANHÃ, 18 de janeiro de 1942, p. 24. O fato é narrado pelo *Jornal dos Sports*. Cf. JORNAL DOS SPORTS, 18 de janeiro de 1942, p. 1 e p. 6.

<sup>329</sup> Thomaz Soares da Silva – Zizinho (São Gonçalo-RJ, 14 de setembro de 1921 – Niterói-RJ, 8 de fevereiro de 2002). Simplesmente “Mestre Ziza” e ídolo de Pelé. Jogador completo, de dribles curtos, grande técnica e de lançamentos perfeitos. Foi jogador do Flamengo entre 1939 e 1950 quando conquistou o tricampeonato carioca 1942, 1943 e 1944. Jogou pelo Bangu entre 1950 e 1957 e pelo São Paulo em 1957 e 1958. Na equipe paulista foi campeão estadual em seu ano de estreia. Zizinho substituiu Leônidas como o principal jogador do selecionado brasileiro nas décadas de 1940 e 1950. Jogou 53 partidas pela Seleção Brasileira, marcando 30 gols, entre 1942 e 1957. Conquistou a Copa Roca de 1946, o Sul-Americano de 1949, a Taça Oswaldo Cruz em 1956 e a Taça Atlântico também em 1956. Foi por 4 vezes vice-campeão Sul-Americano (1945, 1946, 1953 e 1957). Ficou também marcado pelo vice-campeonato na Copa do Mundo de 1950, quando o Brasil perdeu para o Uruguai por 2X1 em pleno Maracanã. Zizinho jogou 9 vezes contra a Argentina, com 2 vitórias, 1 empate e 6 derrotas. Marcou dois gols. Uma curiosidade: a sua primeira e a última partida com a camisa do selecionado nacional foram contra os argentinos, foi derrotado nas duas oportunidades.

<sup>330</sup> LA NACION, 18 de janeiro de 1942, p. 12.

<sup>331</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 12.

Caminhos aparentemente similares foram seguidos na arena política entre brasileiros e argentinos. O presidente brasileiro, Getúlio Vargas, ao se posicionar ao lado dos aliados, na II Guerra Mundial, começava, mesmo que de forma tímida, com o Manifesto dos Mineiros (1942), a ter o seu governo contestado. Pedia-se o retorno à democracia. Com o fim do conflito mundial, Vargas acabou sendo deposto em 29 de outubro de 1945 e um novo presidente foi eleito. O General Eurico Gaspar Dutra, vencedor das eleições, começou a governar o Brasil no ano seguinte. O Brasil seguiria, com dificuldades, é certo, o caminho democrático até 1964.

Na Argentina, no dia 4 de junho de 1943, o general Arturo Rawson, um dos líderes do GOU (*Grupo de Oficiales Unidos*) derrubou o governo eleito de Ramón Castillo e passou o poder para outro general, Pedro Pablo Ramírez, pois o governo formado por Rawson não agradou aos seus camaradas de armas. O general Ramírez, por sua vez, ao romper as relações com os países do Eixo, em 1944, não resistiu às pressões exercidas pelo GOU, que advogava a manutenção da neutralidade em relação ao conflito, e acabou renunciando. O general Eldemiro Julián Farrel assumiu a presidência, tendo como grande articulador do seu governo o coronel Juan Domingo Perón, que alcançou o cargo máximo da República Argentina no ano seguinte após as eleições diretas ocorridas em fevereiro daquele ano na qual a chapa vencedora, Perón-Quijano, alcançou 55% dos votos, totalizando 1.478.000 votos contra 1.212.000 da chapa Tamborini-Mosca.<sup>332</sup> Perón, com perfil centralizador, governou o país até setembro de 1955.

A participação de países sul-americanos na II Guerra Mundial, mesmo que naquele momento, indireta, fez com que a Conmebol suspendesse as disputas continentais em 1943 e 1944. Somente com a guerra chegando ao seu final, em 1945, é que um novo Sul-Americano foi disputado. O anfitrião foi o Chile. O torneio contou com os seguintes selecionados: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia<sup>333</sup>, Equador e Uruguai. Declinaram do convite, por desentendimentos com a Federação Chilena de Futebol, o Paraguai e o Peru.

Em virtude de seus poderosos ataques, Argentina e Brasil dividiam o favoritismo do torneio. As duas seleções se enfrentaram no dia 15 de fevereiro de 1945 para um público

---

<sup>332</sup> SAENZ QUESADA, Maríán. op. cit., p. 529-549.

<sup>333</sup> A Colômbia fazia sua estreia no torneio.

estimado em mais de 65 mil pessoas. A Argentina tinha uma campanha de 3 vitórias e 1 empate e o Brasil, com um jogo a menos, havia vencido seus três primeiros adversários.<sup>334</sup>

A imprensa argentina mostrava confiança em seu selecionado, mas também muito respeito pela Seleção Brasileira. “Antes do encontro, reinava tranquilidade e otimismo na delegação argentina. Tinha consciência do perigo que iria enfrentar e da transcendência que adquiria o resultado. Havia respeito pelo adversário, porém confiança firme na própria capacidade”.<sup>335</sup>

A partida, que foi considerada como a melhor de todo o campeonato, foi extremamente emocionante.<sup>336</sup> A saída coube a Argentina que também atuou muito bem durante todo o primeiro tempo. Logo aos 14 minutos, Méndez abriu o placar em favor dos argentinos depois de acertar um chute que foi no ângulo do gol brasileiro. Ao reiniciar o jogo ocorreu uma confusão entre alguns jogadores que foi serenada com a ajuda dos reservas e dos carabineiros. Sete minutos depois, aos 21, Méndez, após trama do meio campo argentino, marcou novamente. Argentina 2X0. Os brasileiros não se abateram com o revés e partiram para o ataque e marcaram aos 23 minutos com Heleno de Freitas, de cabeça, depois de uma bela combinação com a ala esquerda da equipe brasileira.

A partida ficou ainda mais equilibrada, os brasileiros, mais animados, passaram a jogar melhor. Todavia, para consagrar um primeiro tempo praticamente impecável da equipe argentina, novamente Méndez marcou o gol, faltavam cinco minutos para o encerramento do primeiro tempo.

Segundo El Gráfico, no intervalo o técnico argentino, o ex-jogador Stábile, “adotou uma tática defensiva, para manter a vantagem obtida”.<sup>337</sup> O Brasil, sem alternativa, se lançou ao ataque, dominou o jogo, mas não logrou êxito em virtude da boa atuação da zaga adversária e também da excelente apresentação de Ricardo, goleiro argentino. Ao que parece

---

<sup>334</sup> Argentina 4X0 Bolívia (18/1/45), Argentina 4X2 Equador (31/1/45), Argentina 9X1 Colômbia (7/2/45) e Argentina 1X1 Chile (7/2/45). Brasil 3X0 Colômbia (18/1/45), Brasil 2X0 Bolívia (28/1/45) e Brasil 3X0 Uruguai (7/2/45).

<sup>335</sup> EL GRÁFICO, 23 de fevereiro de 1945, p. 6.

<sup>336</sup> Escalação da Seleção Argentina: Ricardo, Salomón, Dezorzi (Palma), Sosa, Perucca, Colombo, Muñoz, Médez (De la Mata), Pontoni, Martino (Farro) e Loustau. Escalação da Seleção Brasileira: Oberdan, Domingos da Guia, Begliomini (Nilton), Biguá, Rui, Jaime (Alfredo II), Tesourinha, Zizinho, Heleno (Servílio), Jair e Ademir. O árbitro da partida foi o uruguaio N. Valentini.

<sup>337</sup> EL GRÁFICO, 23 de fevereiro de 1945, p. 6.

a sorte também não ajudou ao Brasil, ao menos é o que se pode pensar do comentário feito por Zizinho após a partida: “Depois de um cruzamento, de dentro da pequena área, o Tesourinha cabeceou no travessão e, no rebote, Heleno pegou de primeira. A bola explodiu na trave. Não era dia”.<sup>338</sup>

O placar não se alterou no segundo tempo e a partida terminou com a vitória dos argentinos por 3X1. Ao final do confronto ocorreu novo entrevero entre os jogadores, fato que se tornou corriqueiro nas partidas entre as duas equipes nos anos 40 e relatado da seguinte forma pelo Jornal do Brasil: “Ao findar o jogo nova desinteligência surgiu entre os jogadores. Houve invasão dos reservas, sopapos a torto e direito. Ao final, o juiz e a polícia restabeleceram a ordem”.<sup>339</sup>

O cronista do Jornal dos Sports, Vargas Netto, que realizava a cobertura do Sul-Americano de 1945, atestou a virilidade da partida: “Como se diz na gíria, o pau comeu que não foi brinquedo. Heleno foi posto fora de campo, Ademir levou uma bordoadada segura. Begliomine levou um soco no olho, que lhe produziu um derrame”.<sup>340</sup>

Os argentinos consideraram a Seleção Brasileira como o seu mais temível adversário, sem desprezar os demais, pois chegou a afirmar que não era necessariamente o mais difícil.

Venceu, por 3 a 1, o melhor dos rivais neste Campeonato Sul-Americano. Entenda-se bem: o melhor, o de maior categoria técnica, o de mais alta qualidade. Não queremos dizer o mais difícil, porque difícil são todos. O Chile não joga tanto como o Brasil, porém montou uma defesa fechada, uma defesa tenaz e heróica, ante a qual se abriu para novos atacantes. O Uruguai vem cumprindo neste certame atuações medíocres, porém sabemos que na partida contra a Argentina aflorará na equipe celeste suas virtudes tradicionais. O campeonato, pois, não foi ganho ainda, porém se deu um grande passo em direção ao triunfo final, E esta vitória sobre os brasileiros é a que definiu um aspecto do torneio: o da qualidade.<sup>341</sup>

Os periódicos brasileiros destacaram que o empate seria o resultado mais justo, em virtude do segundo tempo realizado pela Seleção Brasileira, ressaltaram, um elemento

---

<sup>338</sup> SANDER, Roberto. op. cit., p. 176.

<sup>339</sup> JORNAL DO BRASIL, 16 de fevereiro de 1945, p. 11.

<sup>340</sup> JORNAL DOS SPORTS, 17 de fevereiro de 1945, p. 1.

<sup>341</sup> EL GRÁFICO, 23 de fevereiro de 1945, p. 7-8.

identitário, cada vez mais percebido pelos brasileiros em relação ao seu rival, que é a garra, a bravura e determinação. Além disso, o selecionado argentino era considerado o melhor do torneio.

A equipe portenha portou-se com muita bravura, E provou ser a mais perfeita do certame. Todos os seus elementos atuaram muito bem. Ricardo demonstrou ser um excelente arqueiro, assim como De Sorzi e Salomon constituíram uma zaga muito sólida (...).<sup>342</sup>

Após perder para os argentinos, o Brasil venceu seus dois últimos adversários, Equador por 9X2 e o Chile por 1X0. Apesar disso, o título ficou com a albiceleste que derrotou outro eterno rival, o Uruguai, por 1X0, com um gol antológico de Rinaldo Martino que inclusive ganhou o título de “*El Gol de América*”.<sup>343</sup> O Brasil, com um ponto a menos, foi a equipe vice-campeã.

Em dezembro de 1945, depois de 5 anos, brasileiros e argentinos voltaram a disputar a Copa Roca. Os dois jogos ocorreram em cidades diferentes, uma novidade na época, a primeira partida foi em São Paulo e a segunda no Rio de Janeiro. Se houvesse a necessidade de se jogar a terceira partida ela aconteceria na Capital Federal.

O jornal Folha da Manhã, após acompanhar o primeiro treino coletivo do selecionado brasileiro, que não jogava desde o término do Sul-Americano, quando venceu o Chile por 1X0, no dia 28 de fevereiro de 1945, ficou extremamente decepcionado com a atuação da equipe considerada titular, afinal ela foi facilmente batida por 3X1 pelos reservas. Seus presságios eram bem negativos: “Somente um golpe muito forte de ‘chance’ dará aos brasileiros um resultado favorável”.<sup>344</sup> Eram duras as críticas em relação à displicência dos jogadores nos treinos.

---

<sup>342</sup> JORNAL DOS SPORTS, 17 de fevereiro de 1945, p. 4.

<sup>343</sup> A jogada foi assim narrada pelas crônicas: “Habían transcurrido 15 minutos del segundo tiempo, y la tablas mantenían un inquietante cero a cero. De pronto, ocurrió lo tan fervorosamente anhelado. Perucca puso en juego a Martino, Sarro y Obdulio Varela le salieron al encuentro, pero los eludió habitualmente. Lo mismo hizo enseguida con Prado y luego con Tejera. Sólo le restaba el arqueiro, Y a este lo dejó sin chance con un tiro alto, en el ángulo, que le pasó por encima. Fue una jugada impecable y hermosa”. CF. ESTÉVEZ, Martín. “Rinaldo Martino, el golazo de America”. In: EL GRÁFICO, 30 de outubro de 2015. Disponível em: <http://www.elgrafico.com.ar/2015/10/30/C-8575-rinaldo-martino-el-golazo-de-america.php>. Acessado em: 27 de dezembro de 2016.

<sup>344</sup> FOLHA DA MANHÃ, 14 de dezembro de 1945, p. 13.

Na tarde de domingo, 16 de dezembro de 1945, quase 60 mil torcedores tomaram o estádio do Pacaembu para assistir ao clássico.<sup>345</sup> A partida começou em ritmo lento, mas ganhou nova conotação a partir dos 8 minutos quando os visitantes abriram o placar. Labruna<sup>346</sup> roubou a bola na intermediária brasileira e cruzou para Pedernera que driblou Domingos e chutou no canto esquerdo de Barbosa.

A vantagem da equipe visitante não durou. No reinício da partida o Brasil partiu para o ataque e dois minutos depois, aos 10, Salomón pressionado pela linha de frente brasileira tentou atrasar a bola para o arqueiro Vacca e acabou marcando contra a sua equipe. A partida continuou bastante equilibrada até que aos 23 minutos a Argentina voltou a liderar o marcador em chute cruzado de Boyé que venceu Barbosa.<sup>347</sup>

Os argentinos passaram a cadenciar a partida e a se aproveitar das fragilidades da defesa brasileira “que se tinha demonstrado pouco segura nos treinos preparatórios”.<sup>348</sup> No entanto, aos 43 minutos, Zizinho, que era implacavelmente vaiado pela torcida paulista,<sup>349</sup> recebeu passe de Ademir, passou por Fonda e Salomón e bateu forte, do lado direito, alto, para empatar novamente o jogo.

No início do segundo tempo, aos 3 minutos, Tesourinha,<sup>350</sup> após receber passe de Rui, avançou pela esquerda e cruzou para a área, Leônidas, pressionado por um zagueiro

<sup>345</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Barbosa (Oberdan), Domingos da Guia, Norival, Zezé Procópio, Raiu, Jaime, Tesourinha, Zizinho (Lelé), Leônidas, Ademir e Chico (Jair). Escalação da Seleção Argentina: Vacca, Salomón, Sobrero, Sosa (Fonda), Perucca, Ramos, Boyé, Pedernera, Méndez (Salvini), Labruna e Sued. O árbitro da partida foi o brasileiro Mário Vianna.

<sup>346</sup> Ángel Amadeo Labruna (Buenos Aires, 28 de setembro de 1918 – Buenos Aires, 20 de setembro de 1983). Um dos grandes atacantes do futebol argentino. É ainda hoje considerado o principal ídolo do River Plate por sua torcida. Jogou na equipe por 20 anos, entre 1939 e 1959. Neste período conquistou nove títulos argentinos, o que o faz, até este momento, o maior vencedor no futebol local. Também é o maior goleador da equipe com o total de 542 gols. Era um dos principais jogadores de *La Máquina*. Ao parar de jogar, aos 43 anos, tornou-se um técnico de sucesso. Atuou em 36 partidas pelo selecionado de seu país, marcando 17 gols e conquistando dois títulos sul-americanos (1946 e 1955). Esteve na infeliz campanha da Argentina na Copa de 1958 na Suécia. Enfrentou o Brasil 7 vezes obtendo 3 vitórias e 4 derrotas. Nestas partidas marcou 2 gols.

<sup>347</sup> Barbosa estreava pela seleção brasileira. Os gols tomados em 23 minutos de jogo eram, para a torcida presente, defensáveis. O goleiro foi substituído no intervalo do jogo por Oberdan.

<sup>348</sup> JORNAL DO BRASIL, 18 de dezembro de 1945, p. 11.

<sup>349</sup> Zizinho atribuiu as vaias da torcida paulista ao seguinte motivo: “Em 1942 eu havia partido acidentalmente a perna do Augustinho e o povo paulista teimava em não querer esquecer o acidente, que para mim foi doloroso. Assim sendo, sempre que eu entrava em campo era vaiado. Mas não pensei que vestindo a camisa da seleção eles tivessem a coragem de vaiar. Eu estava enganado”. Cf. SILVA, Thomaz Soares da. *Zizinho: o Mestre Ziza*. Rio de Janeiro: Edições do Maracanã, 1985, p. 61.

<sup>350</sup> Osmar Fontes Barcellos – Tesourinha (Porto Alegre, 3 de dezembro de 1921 – Porto Alegre, 17 de junho de 1979). Um dos maiores jogadores que atuou na ponta-direita do futebol brasileiro. Rápido, driblador e que ainda

argentino, em jogada de grande efeito, abriu as pernas e deixou a bola passar para Ademir<sup>351</sup> arrematar forte colocando a Seleção Brasileira em vantagem no jogo.

O Brasil, na frente do placar, continuou a pressionar o adversário com o intuito de garantir sua vitória, porém perdeu algumas boas oportunidades, “inclusive um *goal* em *off-side* que o juiz anulou”<sup>352</sup> e, como diz um ditado do futebol, “quem não faz, leva”. O castigo se deu aos 15 minutos, após cruzamento para a área do Brasil, Domingos e Pedernera disputaram a bola que acabou livre para o chute de Sued.<sup>353</sup> O Brasil sentiu o gol de empate e seu adversário passou a dominar o jogo, acuando a defesa brasileira, até que aos 24 minutos a pressão surtiu efeito depois de uma arrancada de Labruna que, de longa distância acertou chute indefensável para o goleiro brasileiro.

O Jornal dos Sports, comentando a derrota brasileira, afirmou que uma das armas argentinas é a malícia, ou o que também se acostumou de chamar de “catimba”,<sup>354</sup> atitude que deveria ser aprendida pelos jogadores brasileiros se quisessem triunfar contra tão duro rival.

---

fazia muitos gols. Iniciou a carreira profissional no Internacional de Porto Alegre em 1939, equipe pela qual foi campeão gaúcho por oito vezes (1940, 1941, 1942, 1943, 1944, 1945, 1947 e 1948) e que foi denominada como *Rolo Compressor*. Em 1949 transferiu-se para o Vasco da Gama, equipe pela qual foi campeão estadual em 1950. Estreou na Seleção Brasileira em 1944 e era titular absoluto da equipe e certamente faria parte do ataque brasileiro na Copa de 1950, porém devido a uma grave contusão nos meniscos ficou fora da competição. Em 1952 retornou para o futebol gaúcho, agora pelo Grêmio, um feito memorável pois se tornou o primeiro jogador negro a jogar pelo clube. Encerrou a carreira em 1957. Jogou 23 partidas pela Seleção Brasileira. Enfrentou a Argentina três vezes e perdeu os três jogos sem ter marcado um único gol.

<sup>351</sup> Ademir Marques de Menezes (Recife-PE, 8 de novembro de 1922 – Rio de Janeiro, 11 de maio de 1996). O “Queixada”, grande artilheiro do futebol brasileiro, começou sua carreira no Sport Recife, equipe pela qual atuou entre 1939 e 1942. Transferiu-se para o Vasco em 1942 e jogou pela equipe de São Januário em dois momentos: 1942-1945 e 1947-1952. Em 1946, entre suas duas passagens pelo cruzmaltino, defendeu as cores do Fluminense. Foi seis vezes campeão carioca: 1945, 1946, 1947, 1949, 1950 e 1952. Conquistou, pelo Vasco da Gama, depois de empatar sem gols com a grande equipe do River Plate, o Sul-Americano de Clubes em 1948, era o “Expresso da Vitória” contra “La Máquina”. Serviu ao selecionado nacional entre 1945 e 1953. Jogou 41 vezes e marcou 32 gols. Conquistou a Copa Roca de 1945, a Copa Rio Branco em 1947 e 1950, o Sul-Americano de 1949 e a Taça Oswaldo Cruz em 1950. Jogou a Copa de 1950, apesar de ter sido o artilheiro da competição, com 9 gols, acabou amargando o vice-campeonato após a derrota para o Uruguai. Contra a Argentina participou de cinco jogos com 2 vitórias, 3 derrotas e 4 gols marcados.

<sup>352</sup> JORNAL DO BRASIL, 18 de dezembro de 1945, p. 11.

<sup>353</sup> O Jornal do Brasil consignou o gol para Boyé, em seu relato da partida, porém nas estatísticas oficiais o gol foi marcado por Sued. Cf. SOTER, Ivan. op. cit., p. 332 (partida 82). O Jornal La Nación também anotou o gol para Sued. Cf. LA NACION, 17 de dezembro de 1945, p. 16.

<sup>354</sup> Catimba ou catimbar: Reclamar, retardar ou atrapalhar a cobrança de uma falta, inclusive para fazer passar o tempo, em caso de pressão do adversário no final de uma partida com resultado favorável. Cf. PENNA, Leonam. *Dicionário popular de futebol: o ABC das arquibancadas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 71. A catimba é caracterizada por recuos para o goleiro, chutes fortes na bola para o campo do adversário ou para fora de campo, realizar um grande número de faltas, demorar exageradamente em todas as reposições de bola, simular faltas, etc. O objetivo é sempre retardar ao máximo a partida, enervar o adversário e evitar com que ele desenvolva o seu jogo.

Aquele *goal* sensacional de Ademir aos minutos do reinício, colocando-nos em vantagem, era uma oportunidade magnífica para a abertura do caminho da vitória e tanto os argentinos compreenderam isso que empregaram o seu já conhecido recurso tático da paralisação do jogo até que o entusiasmo passasse. Fonda fingiu de machucado. Stábile e o seu “estado maior” entraram em campo aparentemente preocupados com a “contusão” do jogador e quando foi possível recomeçar o jogo já não havia perigo de pânico nas fileiras albicelestes... São essas “chaves” que ainda precisamos aprender principalmente quando tivermos que atuar lá fora, sob pena de termos de continuar passando com bons moços mas também contentando-nos com vice-campeonatos.<sup>355</sup>

Além da alegada falta de malícia, a imprensa brasileira também afirmou que o selecionado visitante possui uma eficiência e organização superior ao do seu adversário. Já os jornais argentinos, elogiavam a categoria do futebol brasileiro o que, em última análise destacava ainda mais a força de sua seleção. “A primeira partida pela Copa Roca serviu para por em relevo ante o público paulistano a alta eficácia do futebol argentino na atualidade”.<sup>356</sup>

Outra característica ressaltada nos jornais dos dois países foi a força do conjunto argentino, que não baseia tanto o seu jogo na individualidade. Nesse sentido, como já foi afirmado, ele se aproximaria do denominado Futebol-Força, ou seja, de uma prática mais europeia. Tal antagonismo se reforçará com o passar dos jogos.

No que se refere ao espetáculo, exibiram os protagonistas dois estilos diametralmente opostos. Os argentinos realizaram seu jogo clássico a base de ações táticas, isento de beleza, porém incisivo e penetrante, enquanto que os brasileiros utilizaram da modalidade de trocas bruscas de posições, procurando dessa forma desorientar e anular os seus marcadores. Ficou assim estabelecido uma grande diferença. O hóspede foi mais homogêneo e teve uma figura de exceção em Vacca, agradando também o trabalho de Salomón, Perucca, Pedernera, Labruna e Boyé, nessa ordem. Por sua vez, os donos da casa dispuseram de alguns elementos que se destacaram sobre o resto dos seus companheiros, em especial Domingos da Guia, Leônidas e Ademir.<sup>357</sup>

A segunda partida seria disputada no Rio de Janeiro no dia 20 de dezembro. O Brasil fez duas mudanças, a entrada do goleiro Ari no lugar de Barbosa e Lima no de Tesourinha. O técnico Flávio Costa afirmou ter gostado da atuação dos seus comandados e contava agora com o irrestrito apoio da torcida carioca, afinal, segundo ele, os torcedores de

---

<sup>355</sup> JORNAL DOS SPORTS, 18 de dezembro de 1945, p. 4.

<sup>356</sup> EL GRÁFICO, 21 de dezembro de 1945, p. 28.

<sup>357</sup> LA NACION, 17 de dezembro de 1945, p. 16.

São Paulo não teriam ajudado “o quadro brasileiro a vencer o argentino, ou melhor, não estimulou o conjunto brasileiro”.<sup>358</sup>

Stábile, por sua vez, havia anunciado que faria modificações em seu selecionado, foram três. A confiança albiceleste era imensa e seu treinador nem sequer pensava na possibilidade de ter que jogar uma terceira partida. Também comentou ter consciência que a torcida carioca apoiaria de forma muito mais enfática os donos da casa, mas que os seus jogadores estavam preparados para a pressão que sofreriam.

A primeira prova de sua confiança na vitória foi a declaração de Stábile sobre a possibilidade da realização de uma terceira partida, quando respondeu: “Este assunto não foi considerado até agora”, acrescentando logo: “Podem ter certeza os torcedores argentinos que qualquer que seja o *team* que entre em campo para defender nossas cores, o fará a altura e defenderá com todo o coração a possibilidade de ganhar a Copa Roca”.<sup>359</sup>

São Januário ficou completamente lotado, mais de 50 mil torcedores, entre eles o presidente da República em exercício, após a deposição de Getúlio Vargas, José Linhares. A seleção visitante foi muito aplaudida ao entrar no gramado às 21h20, seguida pelos anfitriões. O início do jogo foi às 21h45.<sup>360</sup> Nem o torcedor brasileiro mais otimista poderia adivinhar o que iria ocorrer nos próximos 90 minutos.

O primeiro tempo foi muito equilibrado, mas apresentou dificuldades para o Brasil. Aos 18 minutos Ademir sofreu pênalti feito por Sobrero. Zizinho cobrou, mas Vacca defendeu. O placar só foi aberto aos 30 minutos, para os visitantes, em uma nova cobrança de pênalti, este cometido por Zezé Procópio em Sued, Pedernera não desperdiçou. No final do primeiro tempo, aos 33, a sorte parecia soprar em direção ao *scratch* brasileiro. Ademir recebeu passe de Leônidas, invadiu a área adversária e decretou o empate.

O gol deu ainda mais ânimo para os brasileiros que partiram decididos para o ataque. Aos 38 minutos, após tabela entre Zizinho, Leônidas e Ademir, Peruca calçou o

---

<sup>358</sup> FOLHA DA MANHÃ, 20 de dezembro de 1945, p. 19.

<sup>359</sup> LA NACION, 21 de dezembro de 1945, p. 21.

<sup>360</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Ari, Domingos da guia, Norival, Zezé Procópio, Rui, Jaime, Lima, Zizinho, Leônidas (Heleno), Ademir e Chico. Escalação da Seleção Argentina: Vacca, Marante, Sobrero, Sosa (Fonda), Perucca, Ramos (Battagliero), Boyé, Pedernera, Pontoni, Martino (Labruna) e Sued. O árbitro da partida foi o brasileiro Mário Vianna.

último, dentro da área. Nova penalidade a favor do Brasil. O encarregado da cobrança foi Leônidas. Brasil 2X1.<sup>361</sup>

O segundo tempo começou com o gol de empate dos visitantes, logo no primeiro minuto, feito por Martino, que “recebeu a bola dos seus companheiros, avançou, deu um *dribling* em Domingos e fez o 2º tento para os seus, com a maior facilidade”.<sup>362</sup> O fantasma do Platinismo assombrava mais uma vez.

Apesar disso, o Brasil não se abateu e foi em busca de estabelecer novamente a vantagem no marcador. Aos 15 minutos, Chico, após receber um passe perfeito de Zizinho, acertou o canto esquerdo do gol defendido por Vacca. A vantagem não acomodou os anfitriões. Heleno de Freitas,<sup>363</sup> que entrou no lugar de Leônidas contundido, logo em sua primeira jogada, passou para Zizinho fazer 4X2.

Os visitantes partiram para o ataque, mas dessa feita a defesa brasileira atuou com precisão. Além disso, abriram-se mais espaços para os atacantes brasileiros. Aos 37 minutos, Chico cruzou para Heleno, que marcou o quinto gol. “São Januário veio abaixo. O público, em regozijo, parecia não acreditar no que via. O Brasil dava um banho de bola”.<sup>364</sup>

---

<sup>361</sup> Este foi o último gol marcado por Leônidas com a camisa da Seleção Brasileira.

<sup>362</sup> JORNAL DO BRASIL, 21 de dezembro de 1945, p. 10.

<sup>363</sup> Heleno de Freitas (São João Nepomuceno, 20 de fevereiro de 1920 – Barbacena, 8 de novembro de 1959). Jogador extremamente elegante, atacante contundente e de temperamento explosivo. Descoberto pelo folclórico Neném Prancha no time do Botafogo de praia, porém a equipe carioca, em 1936, passava por grandes dificuldades financeiras e resolveu extinguir seu Departamento de Menores. Heleno não ficou sem clube, acabou jogando no juvenil do Fluminense. Mas, ele realmente despontou em 1939 no Botafogo, após um pedido de João Saldanha, com a dura responsabilidade de substituir o ídolo Carvalho Leite e não decepcionou, foram 204 gols e 233 partidas disputadas. É considerado o maior ídolo botafoguense antes de Garrincha, apesar de não ter conquistado nenhum título pela equipe da estrela solitária. Os excessos de Heleno tornaram insustentável o clima para ele em General Severiano e em uma transferência milionária o temperamental jogador brasileiro foi atuar no Boca Juniors. Retornou ao Brasil em 1949 e foi campeão carioca com o Vasco da Gama. Ainda em 1949 foi seduzido pelo *El Dorado* colombiano. Ao retornar ao Brasil, já em franca decadência, dominado pelo álcool e também pela doença, havia contraído sífilis, teve uma rápida e conturbada passagem pelo Santos e encerrou a carreira melancolicamente no América. Em decorrência da sífilis, que não foi tratada, acabou com graves problemas mentais e foi internado em um sanatório de Barbacena e lá faleceu. Jogou 18 partidas pela Seleção Brasileira marcando 14 gols. Por ela conquistou a Copa Roca de 1945 e a Copa Rio Branco de 1947. Enfrentou a Argentina em quatro oportunidades com 2 vitórias, 2 derrotas e três gols marcados. Cf. NEVES, Marcos Eduardo. *Nunca houve um homem como Heleno*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

<sup>364</sup> SANDER, Roberto. op. cit., p. 186.

E a goleada histórica, a maior que o Brasil já tinha aplicado em seu adversário, se consumou. Logo no reinício do jogo, após o quinto gol, Jaime de Almeida<sup>365</sup> tomou a bola e lançou Ademir que com um chute forte, de voleio, colocou números finais no placar. Brasil 6X2, “contagem que veio a marcar uma significativa vitória para o selecionado brasileiro”.<sup>366</sup> Um novo jogo teria que ser realizado para determinar quem seria o campeão da Taça Roca em 1945.

Os periódicos argentinos destacaram que, em nenhum momento, sua equipe demonstrou superioridade ao seu adversário, mesmo no primeiro tempo, quando a partida se mostrou mais equilibrada. Para eles, a apresentação do seu selecionado não esteve a altura de uma equipe campeã sul-americana. Tal fato, segundo o *La Nacion*, se explicaria por dois motivos: o primeiro foi o crescimento apresentado pelo selecionado anfitrião e o segundo em decorrência da ausência de dois dos principais jogadores da albiceleste, mas, nada disso tirou o brilho da vitória brasileira.<sup>367</sup>

No domingo, 23 de dezembro de 1945, São Januário seria novamente “invadido” pelos torcedores ávidos por acompanhar o jogo que decidira a Copa Roca daquele ano. A partida iniciou-se às 15h45.<sup>368</sup> Obviamente que após vitória tão contundente na última partida, os brasileiros estavam otimistas, para esse novo encontro, porém apreensivos, afinal o complexo de inferioridade em relação ao seu adversário continuava muito vivo.

O jogo se encaminhava para os 15 minutos do segundo tempo sem que o placar tivesse se alterado, apesar do amplo domínio do selecionado brasileiro. A torcida mostrava os primeiros sinais de preocupação e desânimo. “Existia em São Januário a impressão de derrota

---

<sup>365</sup> Jaime de Almeida (São Fidelis-RJ, 28 de agosto de 1920 – Lima-PER, 17 de maio de 1973). Jogou no Flamengo entre 1941 e 1950 e na equipe carioca se consagrou como médio-esquerdo. Era um atleta de comportamento exemplar, jamais tendo sido expulso de campo. Ao encerrar a carreira tornou-se técnico em várias equipes do Brasil e do exterior. Pelo *Allianza Lima* lançou, em 1966, um dos principais jogadores que atuaram por aquele país, Teófilo Cubillas. Jogou 15 partidas pela Seleção Brasileira marcando um gol. Enfrentou a Argentina 5 vezes, 2 vitórias, 3 derrotas e não marcou nenhum gol. É pai do também ex-jogador e técnico de futebol Jayme de Almeida que dirigiu a equipe do Flamengo que foi campeã da Copa do Brasil em 2013.

<sup>366</sup> JORNAL DO BRASIL, 21 de dezembro de 1945, p. 10.

<sup>367</sup> LA NACION, 22 de dezembro de 1945, p. 13.

<sup>368</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Ari, Domingos (Nilton), Norival, Zezé Procópio, Rui, Jaime, Lima, Zizinho, Heleno (Leônidas), Ademir e Chico. Escalação da Seleção Argentina: Ogando, Salomón, Alberti, Fonda, Strembel (Perucca), Battagliero (Ramos), Salvini, Martino, Pedernera (Pontoni), Labruan e Sued. O árbitro da partida foi o brasileiro Mário Vianna.

dos nossos, não porque deixassem eles de fazer o suficiente, mas porque o máximo ainda era pouco para vencer os argentinos”.<sup>369</sup>

A superioridade demonstrada pelo Brasil no tempo inicial foi de tal monta que o técnico argentino, ainda na metade do primeiro tempo, sacou Strembel e colocou em seu lugar Perucca com o intuito de fortalecer o seu sistema defensivo. Apesar do “zero no placar”, o número de escanteios cobrados pelo Brasil demonstravam sua ampla superioridade no gramado: 18X0.

Aos 17 minutos do segundo tempo, o predomínio brasileiro começou a se traduzir em números. Chico cobrou o escanteio fechado e Heleno de Freitas, de cabeça, fez o primeiro gol do Brasil. O jogo seguiu no mesmo padrão, pressão brasileira, porém quatro minutos depois, “quando Martino, justamente num momento em que quase todo o quadro brasileiro estava em campo argentino, recebeu a pelota, inteiramente desmarcado e correu célere pelo centro sozinho”<sup>370</sup> e, ao ficar de frente com Ari, goleiro brasileiro, teve a tranquilidade para jogar para o fundo das redes.

A reação brasileira foi imediata, contudo os atletas não conseguiam fazer o segundo gol em virtude das boas intervenções do goleiro Ogando. Faltando cinco minutos para o término do tempo regulamentar, Ademir cruzou para a área, Leônidas, que mesmo machucado, havia entrado no lugar de Heleno, fez um corta-luz permitindo com que Lima, de cabeça, recolocasse o Brasil na frente no marcador.

Aos 43, Leônidas cruzou para Ademir, na altura da marca do pênalti, Ogando saiu para interceptar o cruzamento, mas não contou com o afobamento de Fonda, que se antecipou ao goleiro e acabou jogando contra o seu próprio gol. O Brasil conquistava a Copa Roca de 1945 vencendo novamente de forma categórica os argentinos, agora por 3X1.<sup>371</sup>

---

<sup>369</sup> JORNAL DA MANHÃ, 25 de dezembro de 1945, p. 16.

<sup>370</sup> JORNAL DO BRASIL, 25 de dezembro de 1945, p. 11.

<sup>371</sup> Segundo Sander, “Nessa partida o que mais impressionou foi o volume de jogo da seleção. O goleiro brasileiro Ari fez nove escassas intervenções. O argentino Ugando (sic), por sua vez, trabalhou infinitamente mais: defendeu 37 bolas! Foi um massacre, reforçado pelo número de escanteios para cada lado. O Brasil não cedeu um sequer. A Argentina, 24”. Cf. SANDER, Roberto, op. cit., p. 187.

Ao chegar em Buenos Aires, o treinador argentino afirmou: “Neste momento o futebol brasileiro é o mais forte adversário que possui o argentino. (...) É muito bom, insisto, o futebol brasileiro do momento”<sup>372</sup> e isto seria o maior elogio que seu adversário poderia receber.

A partida, ainda em seu primeiro tempo, apresentou um fato que teria repercussões graves, sobretudo na partida decisiva pelo Sul-Americano de 1946. A fratura da perna de Battagliero, assim descrita pelo jornal Folha da Manhã.

Aos 43 minutos do primeiro tempo verificou-se um lamentável acidente com o médio-esquerdo Battagliero, do qual resultou fratura da perna direita. O médio argentino foi vítima de sua dedicação e do seu entusiasmo, pois para salvar um tento, não trepidou em colocar em perigo a perna, atirando-a de encontro a Ademir, quando este já chutava a pelota. Salvou de fato o gol, mas sofreu consequências desastrosas. A Ademir não cabe a menor culpa pelo sucedido, muito embora apareçam dois elementos da equipe argentina afirmando ter sido proposital o lance. Não duvidamos em afirmar que se trata de reprovável maldade, como se pode concluir até mesmo pelas declarações da própria vítima.<sup>373</sup>

O presidente da delegação argentina, lamentou, ao final da partida, a contusão de Battagliero, mas garantiu que “não houve culpa do jogador brasileiro. Essa afirmação foi repetida pelos próprios jogadores argentinos quando foram perguntados pelos jornalistas nos vestiários”.<sup>374</sup>

A vitória na Copa Roca de 1945 é considerada um momento de inflexão nas disputas entre Brasil e Argentina. “Depois de 23 anos, o Brasil conquistaria de novo a Copa Roca, mostrando que a Argentina não era mais tão soberana no continente. (...) O complexo de vira-latas, de ‘macaquitos’, como nos chamava os argentinos, fora arrefecido”.<sup>375</sup> Para Newton Cesar de Oliveira Santos, os efeitos foram ainda maiores:

A Copa Roca de 1945 representou um marco no confronto entre as duas seleções. Até então, a Argentina mantinha ampla vantagem sobre o Brasil – em 30 jogos disputados, tinham sido 17 vitórias argentinas (várias por goleada), nove brasileiras e quatro empates. A partir de então, as partidas entre duas das grandes potências do continente continuariam a ser bastante

---

<sup>372</sup> LA NACION, 25 de dezembro de 1945, p. 12.

<sup>373</sup> FOLHA DA MANHÃ, 25 de dezembro de 1945, p. 16.

<sup>374</sup> LA NACION, 24 de dezembro de 1945, p. 14.

<sup>375</sup> SANDER, Roberto. op. cit., p. 187-188.

acirradas, às vezes violentas, mas aos poucos os brasileiros começariam a diminuir a diferença no número de vitórias, até conseguirem reverter a supremacia platina.<sup>376</sup>

El Gráfico também comentou as vitórias brasileiras nos jogos realizados no Rio de Janeiro e percebeu uma mudança no futebol rival, se continuava elegante, com jogadas de efeito, também ganhou eficiência, fato que a imprensa afirmava anteriormente faltar ao selecionado aqui destacado. O periódico também questionou se o Campeonato Sul Americano de 1946 não seria uma nova oportunidade para saber se o futebol brasileiro manteria sua vontade de vencer e sua predisposição para fazer gol ou se foi apenas um fato circunstancial e como resultado da pressão exercida pela torcida presente em São Januário.<sup>377</sup>

A opinião expressa pelo El Gráfico era similar a do treinador da albiceleste e tal fato dava uma mostra do clima de rivalidade que estaria presente na disputa do Sul-Americano no ano seguinte.

O próximo campeonato Sul-Americano, no qual participarão os brasileiros, dirá diretamente ao público e a crítica esportiva qual é o nível técnico do futebol daquele país, sobre o qual se há dito com ligeireza imperdoável que é de ritmo tropical, lento e pesado.<sup>378</sup>

O Sul-Americano foi disputado durante o verão argentino, menos de 20 dias depois da derradeira partida da Copa Roca, entre os dias 12 de janeiro e 10 de fevereiro de 1946. Em virtude do clima, quente e úmido, quase todas as partidas foram disputadas no período noturno. Três estádios receberam os encontros: o Monumental de Núñez (River Plate), o Gasômetro (San Lorenzo) e o Libertadores da América (Independiente). Seis seleções se fizeram presentes: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai.

Argentinos e brasileiros não eram apenas considerados os favoritos para “levantar o caneco”, como a própria tabela, de forma proposital, deixou para a última rodada o confronto entre as duas seleções e, como esperado, em virtude de suas campanhas, tornou-se uma final.<sup>379</sup> O Brasil, ao longo da competição, empatou uma de suas partidas e como a

---

<sup>376</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 178.

<sup>377</sup> EL GRÁFICO, 28 de dezembro de 1945, p. 30-31.

<sup>378</sup> LA NACION, 25 de dezembro de 1945, p. 12.

<sup>379</sup> A Argentina havia vencido todos os seus adversários: 2X0 Paraguai, 7X1 Bolívia, 3X1 Chile e 3X1 Uruguai. Havia marcado 15 gols e sofrido apenas 3. Já o Brasil havia vencido 3 partidas e empatado uma: 3X0 Bolívia, 4X3 Uruguai, 5X1 Chile e 1X1 Paraguai. Havia marcado 13 gols e sofrido 5 gols.

Argentina venceu todos os seus adversários, os donos da casa poderiam empatar o jogo que decidiria o campeonato. Para os visitantes, só a vitória daria o título. Cabe ainda destacar que a partida contra o Paraguai, disputada no dia 29 de janeiro, foi a última que Leônidas fez com a camisa da Seleção.<sup>380</sup>

A partida que definiria o Campeão Sul-Americano de 1946 foi disputada na tarde do dia 10 de fevereiro no estádio do River Plate, completamente lotado, com mais de 80 mil espectadores. Em reportagem no dia do jogo o *La Nacion* relatava o interesse dos torcedores pela grande final.<sup>381</sup>

Além da tensão natural que envolvia uma partida que decidiria um título, o clima se tornou ainda mais pesado quando o zagueiro Battagliero, que havia fraturado a perna na partida final pela Copa Roca de 1945, resolveu, pouco antes do início do jogo, deixar sua cadeira numerada na qual assistiu as partidas de seu selecionado e ir para o campo de jogo amparado por dois amigos, deixando inclusive de lado a sua elegante bengala, para ser ovacionado pela torcida presente. Ademir, em virtude de ter participado do lance da contusão do zagueiro argentino, não foi relacionado para começar a partida.

Duas horas antes do início do jogo choveu bastante em Buenos Aires e quando ele teve início, às 16hs, um sol ameno iluminava o gramado.<sup>382</sup> O Brasil iniciou a disputa um pouco melhor que a equipe local que, por sua vez, levava perigo nos contra-ataques. Logo aos 7 minutos aconteceu o primeiro entrevero, Zizinho cometeu falta em Labruna, que reagiu de maneira ríspida. O juiz uruguaio conseguiu acalmar os ânimos. Novo início de tumulto ocorreu aos 21 minutos quando Danilo acertou Labruna, que, aparentemente nervoso, tentou novamente agredir o atleta rival. Aproveitando-se da confusão e demonstrando a “alta temperatura do jogo”, Méndez acertou um soco na nuca de Zizinho. Havia, segundo Sander,

---

<sup>380</sup> Leônidas ainda chegou a ser convocado para a fase preparatória para a disputa do Campeonato Sul-Americano de 1949, mas acabou sendo cortado antes do início da competição.

<sup>381</sup> *LA NACION*, 10 de fevereiro de 1946, p. 14.

<sup>382</sup> Escalação da Seleção Argentina: Vacca, Salomón (Marante), Sobrero, Fonda, Strembel (Ongaro), Pescia, De la Mata, Méndez, Pedernera, Labruna e Loustau. Escalação da Seleção Brasileira: Luís Borracha, Domingos da Guia, Norival, Zezé Procópio, Danilo, Jaime (Rui), Tesourinha (Lima), Zizinho (Ademir), Jair e Chico. O árbitro da partida foi o uruguaio N. Valentini. Cabe ainda destacar que essa foi a última partida de Domingos da Guia pelo Brasil.

uma agressividade anormal. “Uma coisa era a dureza natural com que se disputava o clássico. Outra bem diferente eram as agressões que se seguiram”.<sup>383</sup>

Minutos depois, em mais um lance de grande infelicidade, o clima se tornaria totalmente hostil para o quadro brasileiro. Aos 28 minutos, Jair recebeu a bola na entrada da área e ao preparar o chute recebeu o combate de Salomón, zagueiro adversário. Da mesma forma que havia ocorrido em dezembro último com Battagliero, ao fazer o corte da bola o zagueiro argentino recebeu o forte impacto do chute desferido pelo atacante brasileiro. Resultado: teve a perna fraturada. De imediato, Strembel, Fonda e De la Mata partiram para cima do jogador brasileiro e uma briga generalizada iniciou-se no gramado.

**Figura 18: O momento em que Salomón quebra a perna ao tentar tirar a bola de Jair**<sup>384</sup>



Policiais, inclusive montados a cavalo, e torcedores invadiram o local de jogo e agrediram os jogadores brasileiros. “O gramado do Monumental de Núñez transformara-se em praça de guerra. Era a eclosão de uma grande batalha campal com os brasileiros em nítida desvantagem, pois a torcida invade o gramado com a conivência da polícia argentina”.<sup>385</sup>

Newton Santos narrou a saga de Chico, um dos jogadores brasileiros que mais apanhou, da seguinte maneira:

<sup>383</sup> SANDER, Roberto. op. cit., p. 193.

<sup>384</sup> MOMENTOS historicos do futebol argentino. Disponível em: <http://momentoshistoricosdelfutbolargent.blogspot.com.br/2015/02/un-10-de-febrero.html>. Acessado em: 28 de dezembro de 2016.

<sup>385</sup> Idem, ibidem, p. 194.

Chico foi quem mais apanhou: depois de agredir Pescia, foi perseguido por Marante, de quem levou um pontapé; continuou correndo em direção ao túnel de acesso ao vestiário e os policiais, sem conseguirem alcançá-lo com os braços, tentaram derrubá-lo com rasteiras, até que um deles conseguiu e Chico caiu diante dos jornalistas, e ali mesmo foi espancado até conseguir se levantar e voltar a correr em direção ao vestiário, com a vista direita sangrando.<sup>386</sup>

O *La Nacion* teceu duras críticas às ações policiais.

A gestão policial não foi nem a mais conveniente, nem a que melhor contribuiu para acalmar os ânimos. Viu-se a um agente empreendê-la a golpes em um jogador, ao invés de conter os torcedores excitados que saltavam ao campo, viu-se a outro agente derrubar a um segundo atleta, e golpeá-lo, quando o havia jogado ao solo.<sup>387</sup>

Mas a crítica mais contundente e dura partiu do jornal uruguaio *El País* e que foi reproduzida no *Jornal do Brasil* do dia 12 de fevereiro.

*El País* censura severamente a polícia argentina, tendo o correspondente desse jornal enviado a seguinte notícia: “Um oficial da polícia argentina ao meu lado declarou abertamente” – Assim os brasileiros nos fizeram no Rio. Agora eles pagarão. Depois, o mesmo policial ordenou a seus companheiros: *Lena, no mas, en los brasileños!* (Isto significa, na gíria dos torcedores de football: “Baixem o pau nos brasileiros!”).<sup>388</sup>

As cenas de luta, correria, confusão, perseguições e invasões, duraram aproximadamente 10 minutos. A partir daí, o gramado, aos poucos, foi sendo esvaziado. Os jogadores brasileiros, que haviam se refugiado no vestiário, tinham a clara intenção de não mais retornar para o campo, inclusive com o apoio do chefe de sua delegação, *Ciro Aranha*. Alguns jogadores argentinos ainda se dirigiram ao local em que os brasileiros se encontravam com o objetivo de demovê-los daquela ideia, mas nesse momento não obtiveram sucesso.

Alguns atletas inclusive já tomavam banho quando o chefe do policiamento, *general Perón* – homônimo do candidato que venceu as eleições presidenciais naquele mesmo mês – entrou no vestiário brasileiro e avisou que se a Seleção Brasileira não voltasse ao gramado ele não só não teria como garantir a segurança dos brasileiros, como também

---

<sup>386</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 186.

<sup>387</sup> LA NACION, 11 de fevereiro de 1946, p. 9.

<sup>388</sup> JORNAL DO BRASIL, 12 de fevereiro de 1945, p. 10.

ameaçou retirar seus homens do local. Os jogadores brasileiros discutiram a situação e sem grandes alternativas resolveram retornar ao gramado após mais de uma hora de interrupção.

**Figura 19: A grande batalha campal no Sul-Americano de 1946 – Buenos Aires<sup>389</sup>**



Antes de reiniciar a partida algumas mudanças ocorreram. Chico e De la Mata, considerados pelo árbitro os causadores da confusão, foram expulsos de campo. Salomón, com a perna quebrada, foi substituído por Marante e Ongaro entrou no lugar de Strembel.

Mesmo intimidada pelo clima explícito de coerção e violência, a Seleção Brasileira manteve o jogo equilibrado, apesar de ficar claro que os seus atletas evitavam não só as disputas mais duras, como também fazer faltas. Mesmo assim, as jogadas ríspidas se sucediam. A torcida local foi ao delírio aos 37 minutos, Lostau, após receber passe de Labruna, venceu Procópio na corrida e ainda driblou Domingos antes de cruzar a bola, Pedernera matou a pelota e tocou-a para Méndez, que com um chute forte estufou as redes brasileiras. O confuso e emocionante primeiro tempo terminou com a vantagem para o selecionado local.

---

<sup>389</sup> AMBROSIO, Tauan. “Da amizade inicial à guerra nos gramados: entenda a rivalidade entre Brasil e Argentina”. Disponível em: <http://www.goal.com/br/news/619/especiais/2016/11/10/29295092/da-amizade-inicial-à-guerra-nos-gramados-entenda-a>. Acessado em: 28 de dezembro de 2016. A imagem também pode ser vista na revista El Gráfico de 15 de fevereiro de 1946, p. 28.

O segundo tempo teve início às 20h15. O Brasil manteve sua postura ofensiva, afinal precisava virar o placar para conquistar o campeonato. No entanto, aos 15 minutos, os anfitriões marcaram mais um gol, novamente por intermédio de Méndez,<sup>390</sup> que tocou por cobertura na saída do goleiro brasileiro, depois de receber um passe perfeito de Loustau. Apesar de continuar pressionando o seu adversário, os brasileiros não diminuíram o marcador. Ao final da “grande batalha de 1946” o placar mostrava 2X0 para os argentinos que conquistavam, dessa forma, o seu oitavo título sul-americano e igualava-se ao Uruguai em número de conquistas.<sup>391</sup> No ano seguinte, a Argentina ultrapassaria o seu rival platino no número de títulos continentais.

Talvez a pior consequência da batalha campal de 1946 foi o novo distanciamento esportivo entre argentinos e brasileiros. O primeiro efeito da nova realidade foi, temendo represálias, o cancelamento por parte do Racing da excursão que faria pelo Brasil. A CBD rompeu ligações com a AFA e os albicelestes se negaram a participar do Sul-Americano de 1949 que seria sediado no Brasil. As duas seleções passariam mais dez anos sem se enfrentarem em campo. Um novo confronto só ocorreria em 5 de fevereiro de 1956.

A imprensa brasileira percebeu as atitudes ocorridas em Buenos Aires como uma desagradável, desproporcional e premeditada revanche ao que havia ocorrido no Rio de Janeiro na Copa Roca de 1945.

Surpreendeu a maneira como terminou o Campeonato Sul-Americano Extra de *Foot-Ball*. Não pelo resultado da competição, já que coube aos argentinos serem considerados como os mais prováveis vencedores, não só pelo valor dos integrantes de sua equipe, como também pelo fator local, o que muito influi em jogos onde há grande assistência. O que faz estranhar, é como se transforma um incidente corriqueiro, numa ocorrência de grandes proporções, com violência, e principalmente, com o espírito premeditado de

---

<sup>390</sup> Norberto Doroteo “Tucho” Méndez (Buenos Aires, 5 de janeiro de 1923 – Buenos Aires, 22 de junho de 1998). Um dos grandes atacantes do futebol argentino. Curiosamente não tinha o perfil de jogador de futebol, era baixo e com as pernas arqueadas, porém, com a bola nos pés, era muito habilidoso e rápido. Conquistou 5 campeonatos argentinos ao longo da carreira, dois pelo Huracán (1942 e 1947) e três pela forte equipe do Racing, a *La Academia* (1949, 1950 e 1951). Envergou por 31 vezes o uniforme da Seleção Argentina, entre 1945 e 1955, marcou 19 gols e conquistou o tri-campeonato Sul-Americano (1945, 1946 e 1947). Enfrentou o Brasil em três oportunidades e sempre se saiu vitorioso, além de ter marcado cinco gols, dois dele que garantiram o título continental de 1946.

<sup>391</sup> Títulos Sul-Americanos até 1950, data que delimita o capítulo. Argentina: 1921, 1925, 1927, 1929, 1937, 1941, 1945, 1946 e 1947. Uruguaios: 1916, 1917, 1920, 1923, 1934, 1926, 1935 e 1942. Brasil: 1919, 1922 e 1949. Peru: 1939. Foram 21 campeonatos sendo que a Argentina venceu 9, Uruguai 8, Brasil 3 (sempre jogando como anfitrião) e o Peru 1 (também como país-sede).

revanche que, em hipótese alguma, pode ser comparado a tão falada guerra de nervos de foguetes e música.<sup>392</sup>

E o jornal completa, se a vitória foi justa, o clima criado no decorrer da partida impediria, de qualquer forma, outra sorte para o selecionado brasileiro.

A vitória dos locais foi justa, considerando-se a exibição dos nacionais, porquanto, depois do sucedido, nada mais se podia esperar de qualquer *scratch*. Até o incidente os rapazes da C. B. D. estavam lutando de igual para igual, porém, depois do que houve, era previsível o resultado final.<sup>393</sup>

O grande cronista argentino, Félix D. Frescara, escrevendo para El Gráfico, também teceu críticas muito duras aos fatos ocorridos no estádio Monumental de Núñez. Para ele, argentinos e brasileiros poderiam ter brindando a torcida com uma inesquecível partida de futebol, porém se ela se tornou inesquecível não foi pelos seus pontos positivos, mas pelo o que de mau ocorreu.<sup>394</sup>

Ele também conseguiu, com uma maestria incrível, sintetizar os estilos de jogo das duas equipes e que se tornaram marcas identitárias e discursos recorrentes a respeito das duas escolas de futebol, brasileira e argentina, por todo o restante do século XX e início do XXI.

Puderam-se perceber claramente os distintos estilos de jogo. O dos argentinos: sóbrio, positivo, medular e cerebral (...). O dos brasileiros: leve, desenvolto, elegante, dando mais importância para a habilidade individual do que a uma concepção de ataques trabalhados. Os argentinos, calculistas, sem arriscar em suas linhas. Os brasileiros, mais dados a improvisação e carentes, em suma, de potencialidade<sup>395</sup>

E termina Frescara afirmando: “Se fosse possível deixar de lado o extenso ‘interlúdio’ do tumulto e tomar conta dos noventa minutos de futebol, encontraríamos um time brasileiro jogando mais bonito, e o argentino o faz com mais eficácia”.<sup>396</sup>

---

<sup>392</sup> JORNAL DO BRASIL, 12 de fevereiro de 1946, p. 10.

<sup>393</sup> Idem, ibidem, p. 10.

<sup>394</sup> EL GRÁFICO, 15 de fevereiro de 1946, p. 24.

<sup>395</sup> Idem, ibidem, p. 30.

<sup>396</sup> Idem, ibidem, p. 32.

Fecha-se um capítulo dos enfrentamentos entre brasileiros e argentinos, no qual os albicelestes se mostraram superiores, abre-se outro, no qual brilhará a “camisa canarinho”. Se até fins da década de 40, o modelo a ser seguido era o “platino”, em decorrência do amplo domínio argentino (e também uruguaio), a nova década que se abre, apesar de um início difícil e até decepcionante, deixará claro para todos os apreciadores do futebol que individualismo, técnica e jogo coletivo não são necessariamente excludentes e antagônicos. A habilidade e a magia também dependem da perícia e da prática.

## CAPÍTULO 4 – SELEÇÕES PERFILADAS: A MÍSTICA DA CAMISA AMARELA

### 4.1. A COPA DO MUNDO DE 1950

Brasil e Argentina, após a inesquecível “batalha” de 1946 ficaram dez anos sem se enfrentarem, de 10 de fevereiro de 1946 até 5 de fevereiro de 1956. Nesse ínterim, importantes acontecimentos políticos, econômicos, sociais, culturais e esportivos afetaram os dois países. Em relação ao último aspecto cabe mencionar a retomada das disputas das Copas do Mundo em 1950, quando o Brasil sediou o evento.

Os dez anos de afastamento dos dois países no que se refere ao futebol, coincidem, quase em sua totalidade, com o governo de Juan Domingo Perón na Argentina. Ele dirigiu o país entre 1946 e 1955, quando foi deposto por um golpe militar. Sua história rumo ao poder vincula-se diretamente à segunda quebra institucional ocorrida na história da Argentina, quando o presidente Castillo foi deposto, em 4 de junho de 1943. O GOU (Grupo de Oficiais Unidos), no qual o coronel Perón tomava parte, foi fundamental para essa deposição.

O general Rawson, um dos principais líderes do movimento ocorrido em 4 de junho, renunciou antes de prestar juramento. O seu lugar foi ocupado por Pedro Pablo Ramírez. O novo gabinete era composto quase exclusivamente por militares e eles concordavam com a necessidade de acabar com a agitação política e com os protestos sociais que ocorriam no país e para isso:

Baniram os comunistas, perseguiram os sindicatos e intervieram na CGT, na época dividida. Dissolveram a Ação Argentina, que reunia partidários do rompimento com o Eixo, e, mais tarde, fizeram o mesmo com os partidos, intervieram nas universidades, deixando desempregado um grande grupo de professores que militavam na oposição, e finalmente estabeleceram a obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas públicas. Contaram com a colaboração de um grupo de nacionalistas e católicos integristas, alguns que haviam militado ao lado de Uriburu, e deram o tom ao regime militar: autoritário, antiliberal e messiânico, obcecado pela fundação de uma nova ordem social e por evitar o caos do comunismo que, segundo pensavam, seria a sequela inevitável do pós-guerra.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p. 92.

Debatia-se no país a manutenção ou não da neutralidade em relação à II Guerra Mundial. Dentro do próprio governo existiam simpatizantes do Eixo, outros que eram pró-aliados e ainda um grupo significativo que desejava a manutenção da neutralidade, política adotada pelo governo deposto. Por um lado, com o desenrolar do conflito em 1943, uma aliança com os países do Eixo se mostrava muito improvável, por outro lado, as pressões norte-americanas se agigantavam sobre um dos únicos países do continente americano que não só manteve uma posição de neutralidade como também era percebido, como suspeito de apoiar os nazistas.

Ao decidir, no início de 1944, romper com o Eixo, o presidente Ramírez foi deposto e substituído pelo general Farrell. Um nome despontava no cenário político argentino, o do coronel Perón, que ganhava popularidade ao dirigir a Secretaria de Trabalho. Ao apoiar o general Farrell, Perón assegurou para si o cargo de ministro da Guerra e, em julho de 1944, tornou-se vice-presidente e “a verdadeira alma do governo”.<sup>2</sup>

Os rumos da II Guerra Mundial, assim como aconteceu no Brasil, também foram fundamentais para a política argentina. A vitória cada vez mais certa dos aliados, especialmente após o desembarque na Normandia, estimulou o renascimento da oposição na Argentina e “os partidos e as juventudes universitárias democráticas se mobilizaram contra o regime militar ao qual identificavam com o nazismo”.<sup>3</sup> A continuidade da pressão norte-americana enfraqueceu ainda mais a ditadura militar e a abertura do processo eleitoral era tido como uma questão de tempo e, nesse sentido, cabia ao governo encontrar um candidato presidencial confiável e popular. Perón era o nome.

De sua parte, Perón também acalentava o sonho de ser legitimado nas urnas e para isso estabeleceu diálogo com várias forças políticas, sociais e econômicas do país. Seu discurso se distanciou dos temas “moralistas próprios dos militares” e adotou o tom da justiça social. Para os setores produtivos apresentou projeto de defesa nacional que incluía polpudos créditos estatais para os industriais. Contudo, os empresários das associações patronais se distanciaram de Perón e da política da Secretaria por ele dirigida o que o fez identificar-se ainda mais com os operários.

---

<sup>2</sup> Idem, *ibidem*, p. 93.

<sup>3</sup> SÁENZ QUESADA, Maria. *La Argentina: historia del país y de su gente*. Buenos Aires: Sudamericana, 2012, p. 536.

Espelhando o que ocorreu no Brasil, com o fim da II Guerra Mundial as pressões pela democratização se intensificaram na Argentina. O Exército, pressionado e desconfiado de seu “coronel sindicalista”, forçou a renúncia de Perón dos cargos que ocupava em 9 de outubro e também seu confinamento na ilha Martín García. Porém, segundo Sáenz Quesada, seu confinamento não foi aproveitado pela oposição no sentido de tecer alianças para as eleições.<sup>4</sup> Tal fato acabou desembocando no dia 17 de outubro, quando uma multidão se concentrou na Plaza de Mayo, exigindo não só a liberdade de Perón, como também a restituição aos cargos que ocupava. Amedrontado, o governo permitiu que o coronel discursasse para a multidão que se encontrava na Praça. Nesse momento dois acontecimentos se construía: a candidatura oficial de Perón à Presidência e “a ata fundacional do peronismo”.<sup>5</sup>

As eleições ocorreram em 24 de fevereiro de 1946 e a chapa Perón-Quijano obteve 1.478.000 votos, ou seja, 55% do eleitorado, a contrária recebeu 1.212.000 votos.<sup>6</sup> De grande relevância para a governabilidade, o peronismo obteve “todos os cargos do Senado e a maioria dos deputados nacionais, além dos governos das províncias, exceto o de Corrientes que pouco depois sofreria intervenção”.<sup>7</sup>

A presença e a condução do Estado caracterizaram as práticas econômicas adotadas pelo governo peronista. A política distributiva também foi outro elemento de destaque. Ela acarretou uma elevação significativa do poder aquisitivo das classes populares desenvolvendo um novo mercado para os bens culturais de massa, tais como: revistas, teatros, cinemas, discos de música, o futebol, entre outros.

Assim, a nacionalização da economia e seu controle pelo Estado foram uma das chaves da nova política econômica. A outra, e talvez a principal, estava relacionada aos trabalhadores, com a manutenção do emprego e a elevação do nível de vida.<sup>8</sup>

O presidente, contando com a ativa participação de Eva Perón, especialmente no campo social, valorizou bastante as atividades esportivas que se converteram em um dos eixos do

---

<sup>4</sup> Idem, *ibidem*, p. 538.

<sup>5</sup> Idem, *ibidem*, p. 538.

<sup>6</sup> Idem, *ibidem*, p. 542.

<sup>7</sup> Idem, *ibidem*, p. 542.

<sup>8</sup> ROMERO, Luiz Alberto. *op. cit.*, p. 102.

populismo peronista. O futebol, em decorrência de sua popularidade e de sua importância, não ficou de fora e se transformou em ritual nacional.

As vitórias argentinas eram celebradas como conquistas do próprio Perón e de seu justicialismo. Assim, ao apontar os novos ídolos populares, estes não o ofuscariam, mas o agradeceriam após cada conquista, dedicando o título conquistado ao Primeiro Mandatário e esposa. Surgiu assim o *slogan Perón apóia o esporte*, criado pelos jornalistas esportivos do período. Uma verdade irrefutável, habilmente tecida por Perón.<sup>9</sup>

Apesar de todo o interesse do peronismo pelos esportes, a Argentina se distanciou, no tocante ao futebol, das competições mundiais e mesmo das sul-americanas. Em relação às últimas, elas ocorreram, sem a participação, ora de brasileiros, ora de argentinos em 1947, 1949, 1953 e 1955, evitando com que as duas seleções se encontrassem nos gramados.<sup>10</sup>

O Brasil, por sua vez, adentrava em um novo período democrático após a saída de Vargas em outubro de 1945. O general Eurico Gaspar Dutra tomou posse em 31 de janeiro de 1946 e, logo depois, foi instalada a Assembleia Nacional Constituinte que resultou, oito meses depois, na Constituição de 1946 que garantiu não só o retorno do Brasil à cidadania política como manteve inúmeros direitos trabalhistas conquistados durante o período varguista.

Em virtude do início da Guerra Fria, Dutra colocou na ilegalidade o Partido Comunista e, consoante ao alinhamento com os Estados Unidos, anunciou a ruptura das relações diplomáticas com a União Soviética. Em 1950, ano em que se disputaria a Copa do Mundo, o Brasil também escolheria, via o voto direto, o seu novo presidente. Getúlio Vargas do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), após várias articulações que esvaziaram a campanha de Cristiano Machado do Partido Social Democrático (PSD), dando origem na política brasileira ao termo

<sup>9</sup> DRUMOND, Maurício. *Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón*. Rio de Janeiro: Apucuri, 2008, p. 38.

<sup>10</sup> O Sul-Americano de 1947 foi disputado no Equador. Participantes: Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru e Uruguai. A Argentina foi a campeã. O Sul-Americano de 1949 foi disputado no Brasil. Participantes: Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru e Uruguai. O Brasil foi o campeão. O Sul-Americano de 1953 foi disputado no Peru. Participantes: Bolívia, Brasil, Chile, Equador, Paraguai, Peru e Uruguai. O Paraguai foi o campeão. O Sul-Americano de 1955 foi disputado no Chile. Participantes: Argentina, Chile, Equador, Paraguai, Peru e Uruguai. A Argentina foi a campeã.

cristianizar,<sup>11</sup> derrotou o brigadeiro Eduardo Gomes da União Democrática Nacional (UDN).<sup>12</sup> Como se verá, as eleições de 1950, ou melhor, a utilização política da seleção para o citado pleito eleitoral é apontado por alguns estudiosos, jornalistas e jogadores como um dos possíveis fatores que acarretou a derrota brasileira na Copa do Mundo.

Em virtude da II Guerra Mundial duas Copas do Mundo deixaram de ser disputadas – 1942 e 1946. Com o fim do conflito, a FIFA voltou a se reunir oficialmente nos dias 25 e 26 de julho de 1946, já com o objetivo de escolher o próximo país sede para a disputa que ocorreria em 1950. O Brasil, único candidato, foi eleito por unanimidade.

As dificuldades europeias na reconstrução do pós-guerra acabaram ajudando a escolha do Brasil pela FIFA em 1946 como sede do mundial, que deveria acontecer, a princípio, em 1949, mas acabou sendo adiado a pedido dos brasileiros para o ano seguinte.<sup>13</sup>

Ficou ainda determinado que a Copa do Mundo de 1954 seria disputada na Suíça. O encontro também homenageou o criador da Copa do Mundo, Jules Rimet, nomeando a taça de campeão com o seu nome. A partir das deliberações tomadas, percebe-se que o futebol começava a trilhar o caminho da normalidade.

O último grande feito da excepcional geração de jogadores argentinos se deu com a conquista do campeonato sul-americano de 1947, disputado no Equador, após vitória sobre os uruguaios por 3X1. Graves acontecimentos perturbaram o futebol local em 1948. Uma greve de jogadores, prevista para durar apenas 21 dias, contra a lei do “passe”<sup>14</sup>, ganhou uma dimensão inesperada, perdurando por mais de 6 meses.<sup>15</sup> Além de paralisar os campeonatos no país acabou fomentando o êxodo dos principais jogadores argentinos para o “*El Dorado Colombiano*”.<sup>16</sup>

---

<sup>11</sup> O termo “cristianizar” ou “cristianização” refere-se, politicamente, ao abandono do candidato pelo seu partido, que tende a apoiar outro candidato de maior envergadura.

<sup>12</sup> Vargas conquistou 48,7% do eleitorado, ou seja, 3.849.040 votos. Eduardo Gomes obteve 29,7% e Cristiano Machado 21,5%. Cf. SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, p. 108.

<sup>13</sup> FARIAS, Airton de. *Uma história das copas do mundo: futebol e sociedade*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014, v.1, p. 186.

<sup>14</sup> Os atletas reivindicavam o fim do “passe” e o livre direito de poder trabalhar onde quisessem. Além disso, solicitavam assistência médica a seus familiares e um salário mínimo para a classe.

<sup>15</sup> BAYER, Osvaldo. *Fútbol argentino*. Buenos Aires: Editorial La Página S.A., 2009, p. 71.

<sup>16</sup> Para mais informações sobre o “*El Dorado Colombiano*” Cf. FARIAS, Airton de. op. cit., p. 190-191.

Então sobreveio o êxodo. Os mais comprometidos resolveram emigrar. Se foram Pedernera, Rodolfi, Deambrosi, Perucca, Benegas, Néstor Rossi, Rial, Pontoni, Oscar Sastre, Maurín, Antonio Villarino, Osvaldo Pérez, Heraldo Ferreyro, Luis Ferreyra, Cozzi, Giúdice, Corzo, Antonio Báez, Hugo Reyes (cinquenta e sete jogadores argentinos) para a Colômbia. Rinaldo Martino, Oscar Basso, Santos, Aballay, Boyé e Alarcón, para a Itália. José Manuel Moreno, para o Chile. E assim, enquanto o futebol colombiano crescia, o futebol argentino sofria uma sangria da qual custaria muito a superar.<sup>17</sup>

Os jogadores brasileiros, especialmente em virtude de o país sediar o Campeonato Mundial de 1950, se sentiram menos atraídos pelos excelentes contratos do futebol colombiano e com isso o êxodo de atletas foi bem menor. O nome mais famoso que atuou na Colômbia foi o de Heleno de Freitas, que já havia sido avisado pelo técnico do selecionado nacional, Flávio Costa, que não seria convocado para disputar a Copa do Mundo.

Se a Argentina se sagrou campeã sul-americana de 1947, o Brasil pouco jogou tanto neste quanto em 1948. Foram apenas duas partidas em cada ano e todas contra o Uruguai, válidas pela Copa Rio Branco.<sup>18</sup> Em 1949, o Brasil sediou e venceu o Campeonato Sul-Americano que foi disputado entre 3 de abril e 11 de maio.<sup>19</sup> A Argentina não participou da disputa, assim como abriu mão de disputar as eliminatórias para a Copa de 1950. Em virtude da crise que enfrentou, a alvianil não jogou nos anos de 1948 e 1949.

A Argentina ficou de fora, alegando oficialmente que seu campeonato local já estava em andamento e que sua participação seria prejudicada pelo êxodo de jogadores causado pelo “*El Dorado Colombiano*” – a mesma razão foi usada também para comunicar a não participação na Copa do Mundo que seria realizada no ano seguinte, também no Brasil. Extra-oficialmente, a ausência dos argentinos foi considerada um ato de protesto contra a Conmebol, uma vez que a AFA se sentiu traída pela entidade sul-americana ao não receber apoio para sediar o Mundial de 1950. De acordo com o então presidente da AFA, Valentin Suárez, a Argentina não prestigiou o Mundial porque a CBD havia proibido equipes brasileiras de disputarem partidas com times argentinos – argumento

<sup>17</sup> BAYER. Osvaldo. op. cit., p. 71.

<sup>18</sup> Foram os seguintes jogos: 29 de março de 1947 – Brasil 0X0 Uruguai (Pacaembu – SP); 1º de abril de 1947 – Brasil 3X2 Uruguai (São Januário – RJ); 4 de abril de 1948 – Uruguai 1X1 Brasil (Estádio Centenário – Montevideu) e 11 de abril de 1948 – Uruguai 2X4 Brasil (Estádio Centenário – Montevideu).

<sup>19</sup> Sem a presença da Argentina e a Seleção Uruguia desfalcada parecia que o Brasil ganharia com facilidade a competição. Apesar dos resultados reforçarem tal ideia, a Seleção Brasileira acabou sendo derrotada em sua última partida contra o Paraguai. Como as duas equipes terminaram empatadas com 12 pontos cada, foi necessário a realização de um jogo desempate no qual o Brasil não tomou conhecimento do adversário vencendo por 7X0. Os resultados até o jogo desempate foram, na ordem: Brasil 9X1 Equador; Brasil 10X1 Bolívia; Brasil 2X1 Chile; Brasil 5X0 Colômbia; Brasil 7X1 Peru; Brasil 5X1 Uruguai e Brasil 1X2 Paraguai.

que não convenceu ninguém. Na verdade, o que circulou na ocasião foi que o governo Perón preferia evitar o risco de manchar a aura vencedora da Seleção Argentina arriscando-se a não ganhar a Copa. Afinal de contas, seria difícil montar um selecionado do nível das equipes que haviam conquistado três campeonatos sul-americanos consecutivos estando os principais jogadores atuando na Colômbia.<sup>20</sup>

A Seleção Argentina só retornou aos gramados em março de 1950 e apenas para realizar duas partidas contra o Paraguai pela Copa Chevalier Boutell. Os jogos foram realizados em Buenos Aires. A primeira partida terminou empatada em 2X2 e na segunda a seleção local venceu por 4X0. Mas o grande evento daquele ano foi, indubitavelmente, a disputa da IV Copa do Mundo de futebol.

Dos 45 países filiados à FIFA, 33 disputaram as 16 vagas oferecidas para o mundial. Além da desistência dos argentinos, as seleções da Alemanha e do Japão, expulsas da FIFA no congresso de 1946, continuavam proscritas do mundo do futebol. Apesar de ter composto o Eixo, a Itália não havia sofrido as mesmas represálias da principal entidade do futebol mundial, muito provavelmente por ter conquistado as duas últimas Copas do Mundo disputadas (1934 e 1938). Os países do bloco socialista, exceto a Iugoslávia que não se submetia às imposições da União Soviética, também não participaram das eliminatórias.

Das 16 seleções classificadas, somente 13 confirmaram presença no Mundial. Três seleções europeias abriram mão do direito de disputar a competição: Escócia, Turquia e França, fato que irritou bastante as autoridades brasileiras. Em virtude das desistências foram formados dois grupos com quatro seleções, outro com três e o último com apenas duas equipes.<sup>21</sup> Os vencedores de cada grupo disputariam o quadrangular final. É ainda importante destacar que a Inglaterra, rompendo com o seu isolamento futebolístico, participaria pela primeira vez de uma Copa do Mundo.<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. *Brasil X Argentina: histórias do maior clássico do futebol mundial* (1908-2008). São Paulo: Scortecci, 2009, p. 197. Os mesmos motivos também são apresentados por Airton de Farias. Cf. FARIAS, Airton de. op. cit., v. 1, p. 190.

<sup>21</sup> Grupo I: Brasil, Iugoslávia, México e Suíça. Grupo II: Chile, Espanha, Estados Unidos e Inglaterra. Grupo III: Itália, Paraguai e Suécia. Grupo IV: Bolívia e Uruguai. O Uruguai se classificou para a fase final do torneio realizando apenas uma partida na qual venceu com facilidade, por 8X0, a Seleção Boliviana.

<sup>22</sup> Os “país do futebol” disputaram a primeira fase da Copa no Grupo 2, juntamente com a Espanha, o Chile e os Estados Unidos. No jogo de estreia venceram, no Maracanã, os chilenos pelo placar de 2X0. Porém, na partida seguinte, eles protagonizaram uma das maiores surpresas ocorridas em uma Copa do Mundo, a derrota para a

Mesmo contando com alguns bons estádios à época, seria necessário que o Brasil construísse algumas outras praças esportivas e nesse sentido, a Câmara Municipal do Rio de Janeiro, aprovou, depois de acirrada polêmica e calorosos debates, a construção do “maior estádio do mundo”, batizado como Estádio Municipal do Rio de Janeiro, popularmente conhecido como Maracanã.<sup>23</sup>

O otimismo brasileiro em relação ao Mundial elevou-se após a desistência da Seleção Argentina e pelo enfraquecimento da Seleção Italiana em virtude do trágico acidente aéreo sofrido pela equipe do Torino, base do selecionado local, ocorrido em 1949 e que ficou conhecido como a “tragédia de Superga”.<sup>24</sup>

Embora não poucos considerassem o País, um ‘celeiro de craques’ e donos do ‘melhor futebol do mundo’, muitos brasileiros temiam enfrentar a Argentina, detentora de uma excelente seleção nos anos 40 e clássica rival sempre difícil de ser batida, e a Itália, bicampeã do mundo, dona de um futebol forte e veloz e que havia derrotado o Brasil na Copa de 1938. Não obstante, a Itália teria seu elenco enfraquecido com o que ficou conhecido como a “tragédia de Superga”, em 1949, quando um desastre ceifou a vida de vários atletas do Torino, uma das melhores e mais brilhantes equipes do futebol mundial da década de 1940. A tragédia foi tão grande, que a *Azzurra* veio para o Brasil desfigurada e de navio (15 dias de viagem), em vez de viajar de avião, o que acarretou problemas físicos para o time.<sup>25</sup>

---

Seleção dos Estados Unidos, no Estádio Independência, em Belo Horizonte, Minas Gerais, pelo placar de 1X0. Na última partida do grupo, novamente no Maracanã, os ingleses caíram frente aos espanhóis, 1X0. Os ibéricos, que venceram os três jogos, avançaram para a fase final da competição.

<sup>23</sup> Em virtude do jornalista Mário Filho ter participado e defendido de forma veemente a construção do “Maracanã”, em 1966 o grande palco do futebol brasileiro recebeu oficialmente o seu nome.

<sup>24</sup> A aeronave levava, no dia 4 de maio de 1949, os jogadores do Torino de Lisboa para Turim, após um amistoso contra a equipe do Benfica. Quando se aproximava do aeroporto local, em virtude da má visibilidade, se chocou com a Catedral de Superga e matou as 31 pessoas que se encontravam a bordo, dentre elas 18 jogadores da equipe que dominou o campeonato italiano nos anos 40, conquistando cinco títulos, sendo o último deles, em 1949, póstumo.

<sup>25</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., v. 1, p. 193. Relato semelhante é oferecido por Aquino. Cf. AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol: uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 63.

**Figura 1: “Tragédia de Superga”<sup>26</sup>**



A confiança brasileira elevou-se em decorrência dos últimos resultados do selecionado, campeã, em 1947, da Copa Rio Branco contra o Uruguai, do Sul-Americano disputado em 1949 no Rio de Janeiro e, no mês anterior ao começo da Copa, o Brasil venceu novamente a Copa Rio Branco contra os uruguaios<sup>27</sup> e a Taça Osvaldo Cruz contra o Paraguai.

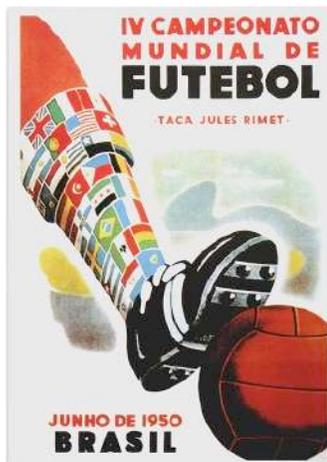
O Brasil estreou no Mundial contra a Seleção Mexicana, na tarde do dia 24 de junho de 1950. Mais de 80 mil torcedores estiveram presentes no Maracanã, dentre eles, vários políticos importantes, afinal era ano eleitoral e os jogos da Seleção Brasileira eram entendidos como uma grande oportunidade política. Apesar da equipe não ter realizado uma partida primorosa, venceu facilmente seu adversário pelo placar de 4X0.<sup>28</sup>

<sup>26</sup> SILVA, Jonathan. “Uma geração perdida: 67 anos da Tragédia do Superga”. Disponível em: <http://blogs.lance.com.br/gol-de-canela-fc/uma-geracao-perdida-67-anos-da-tragedia-de-superga/>. Acessado em: 19 de março de 2017.

<sup>27</sup> Apesar de ter conquistado a Copa Rio Branco, as partidas contra o Uruguai foram todas muito difíceis, inclusive a Seleção Brasileira foi derrotada no primeiro jogo, disputado no Pacaembu (6/5), em São Paulo, pelo placar de 4X3. O Brasil tinha que vencer o segundo jogo para forçar uma nova partida. A disputa ocorreu em São Januário (14/5), Rio de Janeiro, e os anfitriões venceram por 3X2. Finalmente, no jogo desempate, mais uma vez em São Januário (18/5), o Brasil voltou a vencer, agora pelo placar mínimo.

<sup>28</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Barbosa, Augusto, Juvenal, Eli, Danilo, Bigode, Maneca, Ademir, Baltazar, Jair e Friaça. Escalação da Seleção Mexicana: Carbajal, Zetter, Montemayor, Ruiz, Ochoa, Roca, Septién, Ortiz, Casarín, Pérez e Velásquez. O árbitro da partida foi o inglês George Reader. Ademir, duas vezes, Jair e Baltazar fizeram os gols brasileiros.

**Figura 2: Pôster da IV Copa do Mundo de Futebol – 1950 – Brasil<sup>29</sup>**



Na partida seguinte, em São Paulo, o técnico, Flávio Costa, alterou radicalmente a escalação da Seleção Brasileira, com o claro intuito de agradar as autoridades, cartolas e o público paulista. Foram escalados todos os jogadores que atuavam em clubes daquele estado e que foram convocados para o Mundial. A equipe que entrou em campo jamais havia jogado junta. O resultado foi decepcionante, o Brasil não superou o “ferrolho” suíço e empatou o jogo em dois gols.<sup>30</sup> Como a Iugoslávia havia vencido as duas partidas que havia disputado, chegava à última rodada do grupo precisando apenas de um empate contra o Brasil para prosseguir na competição e, assim, eliminar o selecionado anfitrião.

A partida contra a forte Iugoslávia tornou-se uma questão de “vida ou morte”. Foi inclusive ressaltado, no embalo da Guerra Fria, que os iugoslavos eram comunistas e ateus. Para essa partida, a Seleção Brasileira contou com seu time principal, inclusive o maestro do selecionado nacional, Zizinho, faria não só sua estreia no torneio como também realizou uma partida magistral. O Brasil, para alívio de toda a nação, venceu o jogo por 2X0<sup>31</sup> e se classificou

<sup>29</sup> WIKIPÉDIA. “Copa do Mundo FIFA de 1950”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa\\_do\\_Mundo\\_FIFA\\_de\\_1950#/media/File:World-cup-poster-brazil-1950.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_FIFA_de_1950#/media/File:World-cup-poster-brazil-1950.jpg). Acessado em 19 de março de 2017.

<sup>30</sup> Ressaltou-se na escalação do Brasil, os jogadores que atuavam no futebol paulista. Escalação da Seleção Brasileira: Barbosa, Augusto, Juvenal, Bauer (São Paulo), Rui (São Paulo), Noronha (São Paulo), Alfredo II, Maneca, Baltazar (Corinthians), Ademir e Friaça (São Paulo). Escalação da Seleção Suíça: Stuber, Neury, Bocquet, Lusenti, Eggimann, Quinche, Tamini, Bicket, Friedlander, Badder e Fatton. O árbitro da partida foi o espanhol Ramon Azón Roma. Alfredo II e Baltazar marcaram pelo Brasil e Fatton anotou os dois gols para os suíços.

<sup>31</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Barbosa, Augusto, Juvenal, Bauer, Danilo, Bigode, Maneca, Zizinho, Ademir, Jair e Chico. Escalação da Seleção Iugoslava: Mrkusic, Horvat, Stankovic, Zlatko Cajkowski, Jovanovic, Dajic, Vukas, Mitic, Tomasevic, Bobek e Zelijko Cajkowski. O árbitro da partida foi o galês Benjamin Griffiths. Os gols do

para o quadrangular final, juntamente com Espanha, Suécia e Uruguai, que definiria o novo Campeão do Mundo de Futebol.<sup>32</sup>

A ordem dos confrontos no quadrangular decisivo foi definida por sorteio realizado pela FIFA. Também ficou acertado que o Brasil só jogaria no Maracanã sob o argumento de que esse era o único estádio do país capaz de comportar o público interessado em suas partidas. Nos bastidores, porém, seria uma “punição” aos paulistas, tidos como “maus patriotas”, afinal haviam vaiado o Brasil no empate contra a Suíça e isso poderia se repetir em um novo jogo disputado no Pacaembu.<sup>33</sup>

As duas primeiras partidas disputadas pelo Brasil foram simplesmente arrasadoras, fora os elásticos placares, o futebol apresentado empolgava toda a torcida. O título era dado como certo. No primeiro jogo um implacável 7X1 contra a Suécia.<sup>34</sup> No dia 13 de julho, outra apresentação inesquecível. O Brasil venceu de forma inapelável a Espanha por 6X1. Após Chico marcar o quarto gol brasileiro, “150 mil espectadores entoaram a marcha carnavalesca, de autoria de João de Barros, “Touradas em Madri””.<sup>35</sup>

Eu fui às touradas de Madri  
Parará tim bum bum bum  
Parará tim bum bum bum  
E quase não volto mais aqui... i... i  
Pra ver Peri... i... i

---

Brasil foram marcados por Ademir e Zizinho. A partida também assinalou um fato curioso: Mitic, o grande astro da Iugoslávia, feriu-se na tampa metálica da escadaria de acesso ao gramado. O atleta, que jogou a partida com a cabeça enfaixada, só entrou em campo, em virtude do atendimento ao seu ferimento, aos dez minutos de jogo, quando a sua seleção já perdia por 1X0.

<sup>32</sup> A Copa de 1950 apresentou uma fórmula distinta (e única até hoje) para a disputa final. As equipes jogariam um quadrangular, todos contra todos, em turno único e a equipe com maior pontuação após a última rodada se sagraria Campeã do Mundo.

<sup>33</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., v. 1, p. 199. SILVA, Eliazar João da. *A Seleção Brasileira de Futebol nos jogos da Copa do Mundo entre 1930 e 1958: o esporte como um dos símbolos da identidade nacional*. Assis: Tese de Doutorado, UNESP, 2004, p. 257.

<sup>34</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Barbosa, Augusto, Juvenal, Bauer, Danilo, Bigode, Maneca, Zizinho, Ademir, Jair e Chico. Escalação da Seleção Sueca: Svensson, Samuelsson, Erik Nilsson, Andersson, Nordahl, Gard, Sundqvist, Patmer, Jeppson, Skoglund e Stellan Nilsson. O árbitro da partida foi o inglês Arthur Ellis. Para o Brasil marcaram: Ademir (4 gols), Chico (2 gols) e Maneca. O sueco Andersson marcou o único gol de seu selecionado. Até hoje essa é a maior goleada aplicada pelo Brasil em Copa do Mundo e a partida em que um jogador brasileiro (Ademir) marcou o maior número de gols.

<sup>35</sup> BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. *Do complexo de vira-latas ao homem genial: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira*. Brasília, Dissertação de Mestrado, UnB, 2006, p. 69.

Beijar Ceci  
 Parará tim bum bum bum  
 Parará tim bum bum bum.

Os uruguaios, que jogaram no Pacaembu, não percorreram o caminho com a mesma facilidade. No primeiro jogo, contra a Espanha, um empate por 2X2. Na partida seguinte, uma vitória nos minutos finais sobre a Seleção Sueca por 3X2. O futebol sul-americano se afirmava mais uma vez no contexto internacional, Brasil e Uruguai fariam a última partida do quadrangular final e que, coincidentemente, decidiria a competição. A euforia dos torcedores brasileiros era imensa, além de apresentar um grande futebol, em especial na fase final da competição, bastava um empate para que os anfitriões conquistassem a Copa do Mundo de 1950.

Infelizmente a euforia desmedida tomou conta também dos dirigentes e políticos do país. Em outubro haveria eleições e a utilização eleitoral acabou envolvendo a Seleção Brasileira nas vésperas da final. O Brasil havia deixado a tranquila concentração do Joá por São Januário.<sup>36</sup> “Nem treinar direito o time conseguia, tal o assédio, a adulação inoportuna dos pedidos de autógrafos, dos nocivos e oportunistas tapinhas nas costas”.<sup>37</sup>

Segundo Airton de Farias:

(...) parece inegável que a transferência, feita sob o argumento de que o time precisava entrar no “clima da disputa”, se deu para atender os interesses de

<sup>36</sup> Em relação à mudança na concentração da Seleção Brasileira, ao contrário do que foi fartamente divulgado pela imprensa para explicar a derrota para os uruguaios, é fundamental ressaltar que ela não se deu nas vésperas do jogo final da Copa de 1950, mas sim no dia 10 de julho, ou seja, dias antes da partida contra a Espanha. Em depoimentos posteriores, vários jogadores falaram sobre os problemas decorrentes da mudança do local da concentração. Zizinho, em uma entrevista à televisão, afirmou: “Perdemos a Copa na mudança para São Januário. Nós estávamos em casa muito tranquila e, do dia em que fomos para São Januário em diante, a partida com o Uruguai passou a não mais existir. São Januário passou a ser a sede da política nacional. Aqueles que queriam um pouco de prestígio iam para lá. No dia do jogo, um dia sagrado, chegaram a nos tirar da mesa do almoço e fomos levados à sala de troféus do Vasco para ouvir discursos dos políticos da época, como Cristiano Machado, Ademar de Barros e suas comitivas... Era um tal de discursos e promessas que ninguém aguentava mais...” Cf. AQUINO, op. cit., p. 69. Discurso semelhante foi proferido por Ademir: “Mas, infelizmente, entraram os dirigentes. Não se sabe ainda quem deu a ordem para que a concentração da Seleção Brasileira se mudasse da Barra da Tijuca para dentro de São Januário. O certo é que, na véspera do jogo contra o Uruguai, fomos para São Januário, onde o ambiente, se não era exatamente de festa, era movimentado, com todos aqueles pedidos de autógrafos e de fotografias. Os políticos queriam tirar retrato com o time. Aquilo deu, a nós, jogadores, uma certa euforia. Acreditamos que o jogo já estava ganho. Como não existe vitória antecipada, fomos derrotados, o que se transformou na maior lição que o Brasil já teve. Fala-se na derrota até hoje”. Cf. NETO MORAES, Geneton. *Dossiê 50: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 125-126.

<sup>37</sup> SANDER, Roberto. *Anos 40: viagem à década sem Copa*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004, p. 285.

políticos, desejosos de melhor se promoverem às custas do selecionado nacional. O local se tornou o centro da política brasileira. (...) Eram fotos, discursos de candidatos, entrevistas, uma parafernália que tirava a concentração do time e ainda fazia crescer o otimismo para lá de exagerado.<sup>38</sup>

Percebe-se claramente que o jogo final, contra o Uruguai, que no mês anterior havia realizado partidas extremamente disputadas pela Copa Rio Branco contra o Brasil, parecia ser mera formalidade, tal era o clima de euforia e conquista. O jornal *O Mundo* chegou inclusive a publicar fotos dos jogadores brasileiros com o título: “Estes são os campeões do Mundo”. Segundo Guterman, Obdulio Varela, capitão e grande jogador da celeste, comprou várias edições dos jornais brasileiros e mostrou aos seus companheiros com o intuito de motivá-los ainda mais para a partida final.<sup>39</sup>

**Figura 3: Capa do jornal A Gazeta Esportiva e a certeza da vitória contra o Uruguai<sup>40</sup>**



Na tarde de 16 de julho de 1950, domingo, Brasil e Uruguai decidiram a IV Copa do Mundo. Em relação ao público presente não há consenso, fala-se entre 173 mil e até mais de 200 mil torcedores. Independentemente da exatidão das cifras, ele foi o maior público da história que

<sup>38</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., v.1, p. 200.

<sup>39</sup> GUTTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 95.

<sup>40</sup> A GAZETA ESPORTIVA, 15 de julho de 1950.

presenciou, no estádio, um jogo de Copa do Mundo. A população que afluiu ao Maracanã representava “algo mais ou menos em torno de 10% da população do Rio de Janeiro à época”.<sup>41</sup>

**Figura 4: Os dois capitães, Augusto pelo Brasil e Obdulio Varela pelo Uruguai, se cumprimentam antes do início da grande final<sup>42</sup>**



O Brasil era o grande favorito enquanto o Uruguai era o franco-atirador.<sup>43</sup> Os anfitriões partiram para o ataque desde o início do jogo, porém o placar do primeiro tempo terminou inalterado, especialmente em virtude da brilhante atuação do sistema defensivo uruguaio. A celeste, de forma mais esporádica, criava bons ataques, especialmente com Ghiggia, que infernizava a defesa brasileira. Por exemplo, o Uruguai, aos 40 minutos, chegou a jogar uma bola na trave defendida por Barbosa.

A euforia da torcida local aumentou o seu volume logo no início do segundo tempo, aos dois minutos, gol de Friaça. O Brasil, que jogava por um mero empate, abria o placar, “o gol ampliou a vantagem de modo considerado irreversível”.<sup>44</sup> A reação uruguaia não era esperada, mas:

<sup>41</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., v. 1, p. 200.

<sup>42</sup> VIEIRA, Flavio. “Brasil 1950: a mãe de todas as derrotas”. Disponível em: <http://flaviojvieira.blogspot.com.br/2014/05/brasil-1950-mae-de-todas-derrotas.html>. Acessado em: 19 de março de 2017.

<sup>43</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Barbosa, Augusto, Juvenal, Bauer, Danilo, Bigode, Friaça, Zizinho, Ademir, Jair e Chico. Escalação da Seleção Uruguaia: Máspoli, Matias González, Tejera, Cambetta, Obdulio Varela, Rodríguez Andrade, Ghiggia, Júlio Pérez, Míguez, Juan Schiaffino e Morán. O árbitro da partida foi o inglês George Reader.

<sup>44</sup> GUTTERMAN, Marcos. op. cit., p. 96.

Os uruguaios não se sentiram convidados para a comemoração. O capitão Obdulio Varela reclamou de impedimento de Friaça, mas o juiz, o inglês George Reader, não lhe deu ouvidos. Então ele pegou a bola e a levou ao meio de campo, gritando para seus companheiros: “chegou a hora de vencer”.<sup>45</sup>

**Figura 5: Gol do brasileiro Friaça aos 2 minutos do tempo final.<sup>46</sup>**



Os uruguaios equilibraram o jogo e também passaram a pressionar a defesa brasileira. Aos 22 minutos, Ghiggia, após passe certo de Obdulio Varela, venceu na corrida Bigode, o lateral brasileiro, e cruzou para Juan Schiaffino empatar a partida. O silêncio caiu momentaneamente sobre o Maracanã. Porém, o empate ainda era o suficiente para garantir o título e os torcedores voltaram a gritar “ Brasil! Brasil! Brasil!”. Para Airton de Farias é questionável a versão difundida de que o estádio teria se calado com o gol uruaio e que isso afetou os jogadores brasileiros.<sup>47</sup> Mas, certamente, a partida se tornou muito mais tensa.

E a tensão se tornou desespero, prenúncio de tragédia, quando os uruguaios viraram o placar, doze minutos mais tarde, aos 34 da etapa complementar. Ghiggia, que já infernizava a defesa brasileira desde o tempo inicial, voltou a passar sem dificuldade por Bigode e entrou na grande área pela direita. Ao invés de cruzar a bola, como havia feito no primeiro gol e como também esperava o goleiro brasileiro, Barbosa, o ponta uruaio resolveu chutar entre o arqueiro, que saiu um pouco do gol com o intuito de interceptar o cruzamento, e a trave. O fúnebre silêncio, agora sim, tomou conta do Maracanã.

<sup>45</sup> Idem, ibidem, p. 96.

<sup>46</sup> VIEIRA, Flavio. “Brasil 1950: a mãe de todas as derrotas”. Disponível em: <http://flaviojvieira.blogspot.com.br/2014/05/brasil-1950-mae-de-todas-derrotas.html>. Acessado em: 19 de março de 2017.

<sup>47</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., v. 1, p. 203.

O espectador que se recusou a acompanhar o resto do jogo só soube que o pior tinha acontecido quando, refugiado no vestiário, notou que um silêncio de pedra substituíra o murmúrio da torcida, lá fora, no campo. Ghiggia acabara de marcar o gol da vitória uruguaia.<sup>48</sup>

Esse espectador que saiu do campo após o gol de empate do Uruguai, como se pressentisse o pior, tornou-se simplesmente o maior lateral esquerdo do futebol mundial, Nilton Santos, duas vezes campeão do mundo (1958 e 1962). Em 1950 era um dos reservas da Seleção Brasileira. Segundo ele:

— Não cheguei nem a trocar de roupa. Como naquele tempo não existia substituição de jogador durante uma partida, quem não fosse escalado logo de início pelo técnico ficava só assistindo ao jogo. Mas não assisti ao jogo todo. Vi o gol do Brasil, com Friaça. Quando Schiaffino empatou, eu saí: fui para o vestiário, torcer para que tudo desse certo. Mas, quando vi o silêncio, senti que tinha dado errado.<sup>49</sup>

Apesar de nervoso e desordenado, o Brasil buscou o empate de forma determinada, porém o que imperou foi a forte marcação exercida pelo adversário. “A torcida grita, fogos espocam no céu e a bola praticamente não sai do campo uruguaio, porém o nervosismo dos jogadores brasileiros impede seu sucesso contra a retranca adversária”.<sup>50</sup> Ao apito final do árbitro, Uruguai, bicampeão do mundo. Vitória por 2X1. Os brasileiros, em campo e na arquibancada, choravam profusamente. A partida entrou para a história como o *Maracanazo*.

O Brasil, em apenas 90 minutos, segundo a imprensa local, viveu da euforia nacionalista à reafirmação da síndrome do fracasso, que abarcava não só o futebol, mas também a sociedade. Ela pode ser sintetizada como a percepção de que o país sempre perdia nos momentos decisivos, que era incapaz de alcançar as grandes conquistas e que foi brilhantemente apodada como o “complexo de vira-latas” por Nelson Rodrigues.<sup>51</sup>

<sup>48</sup> NETO MORAES, Geneton. op. cit., p. 35.

<sup>49</sup> Idem, ibidem, p. 35.

<sup>50</sup> FRANZINI, Fábio. “Da expectativa fremente à decepção amarga: o Brasil e a Copa do Mundo de 1950”. *Revista de História*. São Paulo: USP, 2010, p. 270. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/2850/285022061012.pdf>. Acessado em: 7 de agosto de 2016.

<sup>51</sup> RODRIGUES, Nelson. “Complexo de vira-latas”. In: *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 52.

Os torcedores argentinos, segundo o *Correio da Manhã* de 18 de julho de 1950, vibraram com a vitória uruguaia, não obstante eles terem, até aquele momento, uma história de rivalidade muito mais acentuada com o vizinho do extremo sul. A vitória da Celeste representaria, uma vez mais, a raça e a qualidade do futebol rio-platense. A torcida argentina sempre mostrou maior apreço, superando as rivalidades locais, pelas equipes que se encontram mais próximas geograficamente e que expressam uma maior identidade na prática do futebol, que pode ser nomeado genericamente como a escola sul-americana. Isto explica o seu apoio à Seleção Brasileira nas Copas do Mundo em que o vizinho e rival disputou as finais contra as seleções europeias.

A vitória do Uruguai no Campeonato Mundial de Football, no Rio de Janeiro, foi conhecida quando ainda se disputavam todas as partidas oficiais da tarde de hoje e deu lugar a grandes manifestações de jubílio (sic) da parte da torcida argentina.

O quadro do River Plate, que disputava sua partida oficial contra o San Lorenzo de Almagro, rodearam seu companheiro Walter Gomes, que é uruguaio, para felicitá-lo efusivamente.<sup>52</sup>

**Figura 6: O gol de empate da Seleção Uruguaia na Final de 1950<sup>53</sup>**



**Figura 7: Gol da virada da Seleção Uruguaia na Final de 1950<sup>54</sup>**



<sup>52</sup> CORREIO DA MANHÃ, 18 de julho de 1950, p. 2 (Caderno 2).

<sup>53</sup> TARDES de Pacaembu: o futebol sem fronteiras. “Schiaffino... o canhoto de Palermo”. Disponível em: <https://tardesdepacaembu.wordpress.com/tag/schiaffino-uruguai-1950/>. Acessado em 19 de março de 2017.

<sup>54</sup> ACERVO da bola. “Maracanazo”. Disponível em: <http://www.acervodabola.com.br/brasil-1x2-uruguai-maracanazo/>. Acessado em 19 de março de 2017.

**Figura 8: Seleção Uruguaia campeã em 1950<sup>55</sup>**



Oswaldo Bayer também destacou que os argentinos torceram para o Uruguai:

Ninguém acreditava que a modesta equipe uruguaia vencesse aos magistrais brasileiros apoiados pelo ensurdecido clamor das arquibancadas. Os argentinos, pelos rádios, esperavam o milagre. Todos estávamos com o Uruguai. E se produziu. (...) E ganha o Uruguai. Uma proeza em ouro e diamantes. Ganha o futebol rioplatense uma vez mais.<sup>56</sup>

Para Newton Cesar de Oliveira Santos, a Copa de 1950 representou um momento chave para Argentina, Brasil e Uruguai.

A Copa de 1950 representou um marco para essas três seleções. Para o Uruguai, foi um ponto de inflexão – o país tinha chegado ao seu auge e, a partir de então, entraria em processo descendente ao longo da segunda metade do século. A Argentina, quando voltou a se confrontar com seleções internacionais, percebeu que já não era tão poderosa; mas se organizou e voltou a crescer e conseguiu manter vivo o respeito por sua maneira de jogar futebol. E a Seleção Brasileira renasceria das cinzas e terminaria o século como a mais prestigiada do mundo.<sup>57</sup>

Mas, antes que isso ocorresse, a Argentina manteve seu relativo isolamento, o que acarretou a sua não participação no Mundial seguinte, em 1954, na Suíça. A albiceleste, entre 1951 e 1954, realizou nove partidas amistosas, sempre contra seleções europeias.<sup>58</sup> Em uma

<sup>55</sup> PÔSTERCAMPEÃO. “Campeões históricos: pôster Uruguai bicampeão Mundial 1950”. Disponível em: <http://www.postercampeao.com.br/2016/01/campeoes-historico-poster-uruguai.html>. Acessado em: 13 de agosto de 2018.

<sup>56</sup> BAYER, Oswaldo. *Fútbol argentino: pasión y gloria de nuestro deporte más popular*. Buenos Aires: Página 12, 2009, p. 73.

<sup>57</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 199.

<sup>58</sup> Os jogos realizados em 1951, 1952 e 1954 pelos argentinos foram disputados na Europa. A Argentina só jogou em Buenos Aires em 1953. 1951 – Inglaterra 2X1 Argentina e Irlanda 0X1 Argentina. 1952 – Espanha 0X1 Argentina e Portugal 1X3 Argentina. 1953 – Argentina 3X1 Inglaterra; Argentina 0X0 Inglaterra (a partida foi interrompida

delas, no dia 14 de maio de 1953, a Argentina venceu pela primeira vez os ingleses, em jogo disputado em Buenos Aires. A vitória teve tal importância que o dia em que a partida foi disputada tornou-se o Dia do Jogador de Futebol na Argentina.<sup>59</sup>

A Seleção Brasileira, ainda traumatizada com o *Maracanazo*, só voltou a jogar em 1952, para a disputa do I Campeonato Pan-Americano, no Chile. O Brasil conquistou, pela primeira vez, um título em competições internacionais fora do país. A Argentina, novamente, não participou da competição. Há ainda uma curiosidade em relação ao futebol argentino relativo ao ano de 1952. O país suspendeu por três domingos o campeonato de futebol em virtude da morte, no dia 26 de julho, de Eva Perón. As partidas só foram retomadas no dia 17 de agosto.<sup>60</sup>

Em 1953, entre 22 de fevereiro e 28 de março, o Brasil participou do 22º Campeonato Sul-Americano que deveria ser sediado no Paraguai, mas em virtude do país não contar com um estádio adequado para a competição, essa acabou transferida para o Peru. Dentre as forças do futebol do continente, a Argentina era a grande ausência do torneio.

Na última rodada Brasil, Paraguai e Peru disputavam o título. Para o Brasil bastava vencer a Seleção Paraguaia para conquistar a taça. Nova frustração. Vitória paraguaia por 2X1. Brasil e Paraguai empataram em pontos e aguardavam, com poucas esperanças, o jogo entre Peru e Uruguai. Os donos da casa precisavam derrotar o seu adversário para conquistar o título e mesmo que a passagem abaixo pareça folclórica, o Uruguai derrotou o Peru por 3X0.

Os peruanos contavam como certa a vitória. Acontece que o árbitro não era um daqueles dóceis britânicos que os vinham ajudando a chegar à frente do torneio. Era Mário Vianna, com seus dois enes (...). Nesse encontro decisivo, Mário cortou o mal pela raiz, eliminando o fator de pressão que tanto assustava os árbitros ingleses: a grande quantidade de pessoas dentro do campo. Foi logo dizendo para os bandeirinhas: “ou vocês põem esse pessoal daqui pra fora ou dispenso vocês e apito sozinho”. O Uruguai ganhou. Nova reviravolta no campeonato<sup>61</sup>

---

ainda no primeiro tempo em virtude da forte chuva que caiu em Buenos Aires) e Argentina 1X0 Espanha. 1954 – Portugal 1X3 Argentina e Itália 2X0 Argentina.

<sup>59</sup> BAYER, Osvaldo. op. cit., p. 75. É curioso ressaltar que apesar da importância da vitória contra os ingleses, ela não aparece em todas as estatísticas dos confrontos entre os dois selecionados.

<sup>60</sup> Idem, ibidem, p. 74. As partidas foram suspensas nos domingos 27/6, 3/8 e 10/8.

<sup>61</sup> SOTER, Ivan. *Enciclopédia da seleção*: as seleções brasileiras de futebol 1914-2002. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002, p. 94.

Com a derrota peruana, Brasil e Paraguai terminaram com 8 pontos, empatados na tabela de classificação. Foi necessária a realização de uma partida de desempate entre os dois selecionados, da mesma forma que ocorrera em 1949. Contudo, dessa feita, o vencedor foi o Paraguai que, ao derrotar seu adversário por 3X2, sagrou-se, pela primeira vez, Campeão Sul-Americano.

Diferentemente do que é dito e reiteradamente escrito, a mudança do uniforme branco da Seleção Brasileira não ocorreu logo após a derrota na Copa do Mundo de 1950. Se os supersticiosos brasileiros já estavam antipatizados com tal vestimenta após o Mundial, a gota d'água se deu com a nova derrota no Sul-Americano de 1953. Em agosto daquele ano, o diário carioca "Correio da Manhã", com o apoio da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), promoveu um concurso nacional com o objetivo de criar uma nova vestimenta para a Seleção Brasileira. Em relação aos critérios adotados havia uma única exigência: ele deveria conter as quatro cores da bandeira nacional. O vencedor foi o gaúcho Aldyr Garcia Schlee que apresentou uma camisa amarelo-ouro com golas verdes, calção azul-cobalto com listras brancas ao lado e meias brancas com listras verdes e amarelo.<sup>62</sup> Nascia a lendária camisa amarela ou "canarinho".

#### **4.2. A COPA RETORNA À EUROPA: SUÍÇA 1954**

A Copa do Mundo retornou, após 16 anos, a ser disputada em território europeu e decorridos 9 anos do encerramento da II Guerra Mundial. Neste momento, com as feridas da guerra mais cicatrizadas, a Europa poderia receber mais uma vez o maior torneio de futebol do planeta.

Na América do Sul, Brasil e Argentina passavam por momentos políticos delicados. Getúlio Vargas, eleito pelo voto popular em 1950 e no poder desde 31 de janeiro de 1951 sofria forte oposição. O presidente, ao longo do seu mandato, adotou uma política nacionalista e, nesse sentido, criou a Petrobrás e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, além de ter proposto a criação da Eletrobrás.

---

<sup>62</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 201.

Em 1953, Vargas passou a enfrentar graves problemas, dentre eles a desaceleração da economia brasileira, a redução na entrada de capital externo, a elevação da inflação e também escândalos de corrupção em seu governo. A oposição, capitaneada pela União Democrática Nacional (UDN), contando com o apoio de setores das Forças Armadas, planejava um golpe civil-militar, especialmente depois da reforma ministerial realizada por Vargas em 1953 e que trouxe para o Ministério do Trabalho o petebista João Goulart, tido como um político de ideias esquerdizantes.

No início de 1954 a oposição ganhou ainda mais corpo e a imprensa antigetulista atacava duramente a “imoralidade e a corrupção (que na verdade se tornara generalizada) existente no séquito do ‘caudilho’. A democracia brasileira estava “doente” e necessitava de um ‘purgativo’”.<sup>63</sup> As estratégias adotadas por Vargas se mostraram ineficazes. Para Skidmore, Vargas estava envelhecido e cansado, conseqüentemente reagiu de forma morosa às advertências que recebia.<sup>64</sup>

O ato final dos adeptos varguistas se deu com a fracassada tentativa de assassinar Carlos Lacerda, o líder da oposição. Nele, acabou morrendo o Major Rubens Florentino Vaz, da aeronáutica, que fazia naquela noite a segurança de Lacerda. O impacto político causado pelo atentado não poderia ser maior e mais grave “uma vez que a ‘honra’ da oficialidade estava em jogo, a classe armada foi arrastada diretamente para o centro da disputa política travada por Getúlio e seus opositores”.<sup>65</sup>

Sem apoio político, militar e até popular, Vargas recebeu, por parte das Forças Armadas, o ultimato que deveria renunciar ao poder. A crise culminou com o gesto extremo do suicídio do presidente, no dia 24 de agosto. A UDN não colheria os louros da vitória, afinal a morte de Vargas e seus desdobramentos acabaram por reafirmar a aliança entre o Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

---

<sup>63</sup> SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, p. 174.

<sup>64</sup> Idem, *ibidem*, p. 175.

<sup>65</sup> Idem, *ibidem*, p. 176.

Na Argentina era visível o declínio do poder aquisitivo dos salários e a elevação da inflação. Perón se viu ainda mais fragilizando quando, em 1954, estourou um conflito entre ele e a Igreja Católica que não só deixou de apoiá-lo como passou a atacá-lo, fato que desencadeou forte reação por parte do governo. Havia também um mal-estar com os militares, que se agravou com a crise religiosa, afinal muitos deles eram católicos. O resultado das tensões e rebeliões que se seguiram, comandadas pela marinha, foi a renúncia do presidente em 1955 e a vitória do movimento revolucionário denominado por um dos seus líderes, o general Lonardi, de “Libertadora”. Icônica é a frase presente no avião que trouxe Lonardi, presidente provisório do país, para Buenos Aires: “Cristo Vence”.<sup>66</sup>

Para Fausto e Devoto, apesar do ator principal na derrubada dos dois presidentes ser o mesmo, as Forças Armadas, as quedas se deram de modos diversos. No Brasil, apesar da dramaticidade final, ela foi mais negociada do que cruenta, distinto do que ocorreu no país vizinho. Para os autores, a polarização suscitada na sociedade pelo getulismo era menos profunda do que a peronista.<sup>67</sup>

Comparativamente, a queda dos dois regimes ocorreu de modo diverso, embora em ambos os cenários o ator decisivo tenham sido as Forças Armadas. No Brasil, apesar do suicídio de Getúlio, a saída foi, *grosso modo*, mais negociada que cruenta, enquanto o desfecho na Argentina foi mais cruento que negociado.<sup>68</sup>

Retornando à Copa do Mundo de 1954, o país escolhido para sediar o torneio foi a Suíça e isso se deu por dois motivos: o primeiro é que em decorrência da neutralidade adotada em relação à II Guerra Mundial o país não foi devastado e o segundo para comemorar o quinquagésimo aniversário da FIFA que se encontrava sediada naquele país.

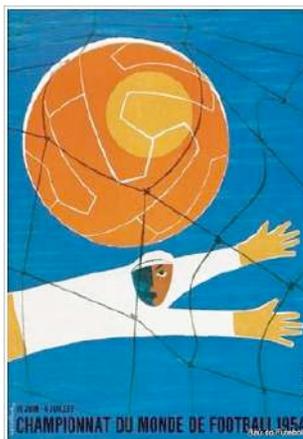
---

<sup>66</sup> Para a crise do governo peronista Cf. F. ROMERO, Luís Alberto. op. cit., p. 122-124. Para aprofundar as relações entre a Argentina e os demais países no período peronista Cf. PARADISO, José. *Um lugar no mundo: a Argentina e a busca de identidade internacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 153-191. Para um estudo comparado entre Vargas e Perón no período da década de 1950 Cf. FAUSTO, Boris e DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*. São Paulo: Editora 34, 2004, p. 307-340. Em relação à comparação da utilização política dos esportes por Vargas e Perón Cf. DRUMOND, Maurício. *Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

<sup>67</sup> FAUSTO, Boris e DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*. São Paulo: Editora 34, 2004, p. 337.

<sup>68</sup> Idem, *ibidem*, p. 337.

**Figura 9: Pôster da V Copa do Mundo de Futebol – 1954 – Suíça<sup>69</sup>**



As eliminatórias contaram com 37 países que disputaram as 14 vagas para a fase final do torneio. As duas outras vagas eram da própria anfitriã, a Suíça e do Uruguai, que era o atual Campeão do Mundo.<sup>70</sup> Apenas uma vaga foi oferecida à América do Sul. Com a desistência, mais uma vez, da Argentina, quatro países inicialmente disputariam a vaga: Brasil, Chile, Paraguai e Peru. Posteriormente, o Peru também desistiu da disputa, dessa forma os jogos de ida e volta foram disputados pelo Brasil, Chile e Paraguai. O Brasil garantiu sua vaga para o Mundial após vencer todos os seus quatro jogos<sup>71</sup> e Baltazar,<sup>72</sup> atacante da Seleção Brasileira, marcou gols em todas as partidas.

<sup>69</sup> FICHA do jogo. “Copa do Mundo de 1954”. Disponível em: <https://fichadojogo.wordpress.com/2012/12/05/7768/>. Acessado em: 20 de março de 2017.

<sup>70</sup> Para a disputa das eliminatórias da Copa de 1954 se inscreveram 45 países, incluindo a Suíça e o Uruguai, que já estavam automaticamente classificados, restando assim 43 países. A FIFA, por sua vez, rejeitou a inscrição de seis nações, por várias razões, algumas delas por estarem enfrentados conflitos armados, os países afetados foram: Islândia, Bolívia, Costa Rica, Cuba, Vietnã do Sul e Índia. Cf. SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 202.

<sup>71</sup> O Brasil realizou as duas primeiras partidas fora de casa, os jogos foram no dia 28 de fevereiro e 7 de março de 1954 e os resultados foram: Chile 0X2 Brasil e Paraguai 0X1 Brasil. Nos dias 14 e 21 de março foram realizados os jogos da volta, ambos disputados no Maracanã: Brasil 1X0 Chile e Brasil 4X1 Paraguai. Baltazar, atacante brasileiro, marcou gols em todas as partidas. Outra curiosidade a ser ressaltada: como as partidas das eliminatórias são considerados jogos de Copa do Mundo, na partida disputada no Rio de Janeiro, contra o Paraguai, o Brasil efetuou sua primeira substituição em Copas do Mundo, quando Humberto entrou no lugar de Pinga. Cf. SOTER, Ivan. op. cit, p. 94.

<sup>72</sup> Oswaldo Silva, mais conhecido como Baltazar (Santos-SP, 14 de janeiro de 1926 – São Paulo, 25 de março de 1997). Iniciou sua carreira no Jabaquara e em decorrência de suas atuações se transferiu para o Corinthians em 1945. Inicialmente jogou na equipe da capital como ponta direita, porém logo depois se tornou centroavante, posição em que fez enorme sucesso. Jogou pelo Corinthians entre 1945 e 1957. Apesar de não ser um jogador com grande qualidade técnica, como ele próprio reconheceu, era exímio cabeceador e por isso recebeu o apelido de “Cabecinha de Ouro”. Jogou pelo Brasil em 31 oportunidades, marcando 17 gols. Foi convocado para as Copas de 1950 e 1954. Em 1952, a torcida corintiana recebia o seu ídolo com uma marchinha que havia sido composta em sua homenagem por Alfredo Borba: Gol de Baltazar / Gol de Baltazar / Salta o Cabecinha, 1 a 0 no placar. Jamais enfrentou a Seleção Argentina.

O Brasil ficou no Grupo 1 do Mundial, ao lado de Iugoslávia, França e México. O regulamento era bastante confuso e previa que cada equipe jogaria apenas contra dois rivais de sua chave e os dois primeiros colocados avançariam para a fase seguinte. Ao Brasil coube enfrentar o México e a Iugoslávia. No jogo de estreia contra os mexicanos, fácil vitória por 5X0. No jogo seguinte um empate contra a Iugoslávia por 1X1 no tempo normal e na prorrogação.<sup>73</sup> O Brasil classificou-se em primeiro lugar do grupo, em virtude do saldo de gols. Porém, de forma distinta do que ocorre hoje, foi realizado um sorteio para definir os próximos confrontos do Mundial e o Brasil enfrentaria a grande sensação do torneio, a Hungria, que contava com jogadores extremamente habilidosos como Puskas, Kocsis, Czibor, entre outros.<sup>74</sup>

Puskas, machucado, não jogou, ainda assim, a Seleção Brasileira entrou muita nervosa no jogo contra os húngaros<sup>75</sup> e com apenas 7 minutos de partida já perdia por 2X0, gols de Hidegkuti e Kocsis. Aos 18 minutos o Brasil conseguiu reduzir o placar, gol de Djalma Santos de pênalti. A partir daí o jogo ficou mais equilibrado. No segundo tempo, a Hungria teve um pênalti a seu favor assinalado após Pinheiro tocar com a mão na bola e com isso, aos 16 minutos, o placar assinalava 3X1 após cobrança certa de Lantos.

Julinho, que fazia grande partida, acabou dando alento ao sonho brasileiro ao fazer o segundo gol, aos 20 minutos. O Brasil passou a pressionar o gol defendido por Grosics. Didi chegou a acertar um chute na trave. Ao final do confronto, aos 42 minutos, Kocsis deu números finais ao jogo. O Brasil, desclassificado, terminou a competição na sexta posição.

---

<sup>73</sup> Ao que parece, os jogadores brasileiros não conheciam profundamente o regulamento e acreditaram que só se classificariam se vencessem a Iugoslávia, quando, na verdade, o empate no tempo regulamentar e na prorrogação era o suficiente para as duas seleções. Segundo Soter: “No tempo regulamentar houve um empate de 1 a 1, todos os gols feitos na etapa final. Os iugoslavos, então, tentaram se comunicar com os brasileiros, por gestos ou falando em inglês, para avisar que o empate estava bom para os dois. Nada conseguiram. Os brasileiros, achando que aqueles gestos e grunhidos incompreensíveis, era fazer careta, continuaram desesperadamente buscando a vitória. (...) Não saíram gols nesse tempo extra e os brasileiros se deram por eliminados. Cf. SOTER, Ivan. op. cit., p. 96. Outro relato semelhante foi feito por Jô Soares, que naquele momento estudava na Suíça e assistiu o jogo. Ao cumprimentar euforicamente os jogadores brasileiros, que entravam no ônibus da delegação ao final da partida, pela classificação, acabou levando uma bronca dos atletas que ainda achavam que não tinham passado de fase. Cf. SOARES Jô. “1954: Eu estava mais enlameado que o goleiro da Hungria”. In: NOGUEIRA, Armando (et. al.). *A Copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 80.

<sup>74</sup> A Hungria era a atual campeã olímpica, título que havia conquistado em 1952, em Helsinque. A equipe além de estar invicta há quatro anos havia realizado uma primeira fase arrasadora, vencendo todos os seus adversários por placares dilatados: Hungria 9X0 Coreia do Sul e Hungria 8X3 Alemanha Ocidental.

<sup>75</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Castilho, Djalma Santos, Pinheiro, Nilton Santos, Brandãozinho, Bauer, Julinho, Didi, Índio, Humberto e Maurinho. Escalação da Seleção Húngara: Grosics, Buzansky, Lorant, Lantos, Boszik, Zakarias, J. Toth, Kosics, Hidegkuti, Czibor e M. Toth. O árbitro da partida foi o inglês Arthur Ellis.

Ao terminar o jogo, reverberando o nervosismo brasileiro e a falta de espírito esportivo, o técnico, Zezé Moreira, atirou uma chuteira no rosto do Ministro de Esportes da Hungria, instalando-se confusão que descambou em uma briga generalizada entre jogadores, dirigentes e até jornalistas dos dois países, que acabou recebendo, jocosamente, o apelido de “A Batalha de Berna”, que foi assistida por muitos telespectadores, afinal era a primeira Copa com televisamento.<sup>76</sup>

A Hungria, por sua vez, chegaria à decisão contra a Alemanha, mas repetindo o que havia ocorrido com o Brasil 4 anos antes, a melhor seleção perderia a disputa final. A Alemanha, após a vitória por 3X2, alcançava o seu primeiro título mundial.<sup>77</sup>

Em 1955 foi disputada mais uma edição do Campeonato Sul-Americano, agora sediado no Chile. Apenas seis das nove seleções filiadas à Conmebol participaram da competição.<sup>78</sup> Brasil, Bolívia e Colômbia declinaram do convite. Como grande novidade, depois de 8 anos de ausência, a Argentina voltava a disputar o campeonato e seu retorno foi coroado com êxito, a conquista de seu décimo título continental, inclusive aplicando uma sonora goleada, 6X1, contra o grande rival, o Uruguai.<sup>79</sup>

---

<sup>76</sup> Certamente um dos elementos que melhor expressa a globalização econômica e esportiva do futebol é o televisamento dos eventos esportivos. Segundo Hilário Franco Júnior: “(...) quando a primeira partida de uma Copa do Mundo foi televisonada – Iugoslávia 1X0 França, no dia 16 de junho de 1954 – praticamente não tinha valor de mercado. Em 1978 os direitos televisivos correspondiam, em valores atuais, a somente 15 milhões de euros; em 1982, a 24 milhões. Desde então começou lenta escalada – 30 milhões em 1986, 60 milhões em 1990, 72 milhões em 1994, 84 milhões em 1998 e depois um salto: 853 milhões na Copa de 2002, 991 milhões na de 2006”. Cf. FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 123-124.

<sup>77</sup> A Alemanha é, até o momento em que se escreve o texto, fevereiro de 2017, tetracampeã do mundo. Venceu os Mundiais de 1954, 1974, 1990 e 2014. Além disso sagrou-se vice-campeã mundial em 1966, 1982, 1986 e 2002. Disputou, nesse período, 106 jogos de Copa do Mundo dos quais venceu 66, empatou 20 e perdeu 20.

<sup>78</sup> Participaram do Sul-Americano: Argentina, Chile, Equador, Paraguai, Peru e Uruguai.

<sup>79</sup> Como curiosidade, o ataque da Seleção Argentina foi formado integralmente por jogadores do Independiente, foram eles: Micheli, Cecconatto, Bonelli, Grillo e Cruz.

**Figura 10: Seleção Alemã campeã em 1954<sup>80</sup>**



No final de 1955 a Argentina tinha um novo presidente, ainda em caráter provisório, o general Pedro Eugenio Aramburu, que em novembro substituiu o líder da “Libertadora”, o também general Lonardi. O Brasil, por sua vez, lutava para manter o caminho democrático com a eleição de Juscelino Kubitschek que governaria o Brasil a partir de 1956.

#### **4.3. 1956: DEZ ANOS DEPOIS**

O ano de 1956 iniciou-se com a disputa de mais um Campeonato Sul-Americano, sediado no Uruguai. Os jogos ocorreram entre 21 de janeiro e 15 de fevereiro. Em março, era a vez de jogar o Campeonato Pan-Americano, na Cidade do México. Após praticamente dez anos, Argentina e Brasil voltariam a se enfrentar nas duas competições.<sup>81</sup>

O Brasil não levou para o Uruguai sua força máxima. O país foi representado apenas por atletas que atuavam no futebol paulista, pois o campeonato carioca do ano anterior ainda estava sendo disputado. A campanha brasileira não foi exitosa, a equipe terminou apenas na

<sup>80</sup> IMORTAIS do futebol. “Seleções imortais: Alemanha 1954”. Disponível em: <https://www.imortaisdofutebol.com/2012/11/16/selecoes-imortais-alemanha-1954/>. Acessado em: 13 de agosto de 2018.

<sup>81</sup> A última partida entre argentinos e brasileiros havia ocorrido em 10 de fevereiro de 1946 e o jogo disputado pelo Campeonato Sul-Americano ocorreu no dia 5 de fevereiro de 1956. Não mais, na história do confronto, as duas seleções ficariam tanto tempo sem se enfrentar.

quarta posição, mas surgia para o cenário futebolístico o goleiro Gilmar dos Santos Neves.<sup>82</sup> O campeão do torneio foi a seleção anfitriã, o Uruguai que totalizou 9 pontos dos 10 possíveis.

Na noite de 5 de fevereiro de 1956, em Montevideu, Brasil e Argentina voltaram a se encontrar em uma partida de futebol.<sup>83</sup> O Brasil iniciou o jogo pressionando, mas a partir dos 20 minutos a equipe argentina equilibrou o embate. Minutos depois, o argentino Grillo e De Sordi se desentenderam após dura entrada do jogador platino e partiram para a briga o que acarretou o envolvimento de vários jogadores. A polícia precisou intervir para apaziguar os ânimos. Com o fim do entreeiro, a partida foi retomada e o placar não sofreu alteração.

O Brasil voltou melhor na etapa complementar, porém, como havia ocorrido no tempo inicial, a Argentina equilibrou o confronto. As chances de gols surgiram para as duas equipes. O jogo se encaminhava para o empate sem gols quando, aos 43 minutos, Álvaro chutou forte, o goleiro argentino não conseguiu segurar a bola e aproveitando o rebote, Luisinho, que entrava livre na corrida, apenas empurrou para as redes. Não havia mais tempo para uma reação e o Brasil acabou vencendo a partida por 1X0. Dois tabus eram quebrados: o primeiro, a vitória do Brasil sobre a Argentina em campeonatos sul-americanos, fato que não ocorria desde 15 de outubro de 1922, em jogo realizado no Rio de Janeiro. O segundo, destacado pela imprensa platina, era a primeira derrota de seu selecionado em sul-americanos desde 1942.<sup>84</sup>

---

<sup>82</sup> Gilmar (Gylmar) dos Santos Neves (Santos-SP, 22 de agosto de 1930 – São Paulo, 25 de agosto de 2013). Um dos maiores goleiros do futebol brasileiro, caracterizado pela serenidade e segurança com que atuava. Começou sua carreira no Jabaquara, equipe da cidade de Santos. Transferiu-se para o Corinthians como contrapeso de uma negociação que envolveu as duas equipes, o Corinthians estava interessado em outro jogador da equipe da baixada santista, o meio-campista Ciciá. O seu início na equipe da capital não foi promissor, foi considerado o culpado pela derrota da equipe para a Portuguesa de Desportos por 7X3. Voltaria a defender a meta do alvinegro paulista quatro meses depois para se consagrar campeão paulista de 1951. Defendeu o Corinthians até 1961 e nesse período venceu três vezes o campeonato estadual (1951, 1952 e 1954), além de vencer o Torneio Rio-São Paulo de 1954. Em 1961, em meio as brigas com o presidente Wadih Helou, Gilmar partiu para defender o lendário Santos, de Pelé. Com a equipe santista foi campeão paulista por cinco vezes (1962, 1964, 1965, 1967 e 1968), três Torneios Rio-São Paulo (1963, 1964 e 1966), duas Libertadores da América e dois Mundiais Interclubes (1962 e 1963). Pela Seleção Brasileira jogou pela primeira vez em 1953 ao substituir durante a partida o goleiro Castilho. Os títulos foram inúmeros: Taça Bernardo O’Higgins (1955, 1969 e 1961); Taça Oswaldo Cruz (1955, 1958, 1961, 1962 e 1968); Taça Atlântico (1956 e 1960); Copa Roca (1957, 1960 e 1963); Copa do Mundo (1958 e 1962). O goleiro encerrou sua carreira em 1969. Gilmar enfrentou a Argentina em 11 oportunidades com 5 vitórias, 1 empate e 5 derrotas. Nesses confrontos sofreu 18 gols.

<sup>83</sup> Escalação da Seleção da Argentina: Mussimessi, Colman, Vairo (García Pérez), Lombardo, Mouriño, Gutiérrez, Pentrelli, Ceconato, Grillo (Sivori), Labruna e Cucchiaroni. Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, Djalma Santos, De Sordi, Formiga, Roberto, Alfredo, Maurinho, Luisinho, Del Vecchio (Álvaro), Zezinho e Canhotoeiro. O árbitro da partida foi o uruguaio Washington Rodríguez.

<sup>84</sup> EL GRÁFICO, 9 de março de 1956, p. 44.

Ao final do torneio, o semanário *El Gráfico* realizou uma análise da atuação brasileira. Inicialmente ressaltou o enfraquecimento da equipe com a ausência dos jogadores cariocas, ainda assim, em virtude da qualidade do futebol praticado em São Paulo, o periódico entendia que o Brasil, ao lado do Uruguai e da Argentina, seria um dos favoritos ao título. Os resultados iniciais contrariaram as expectativas dos argentinos, afinal o Brasil foi goleado na partida de estreia pelo Chile por 4X1 e no segundo jogo empatou sem gols com o Paraguai. Porém, os paulistas (palavra utilizada pelo *El Gráfico*) não se entregaram e venceram o Peru e depois a própria Argentina. Na última partida, apesar de apresentar um futebol mais qualificado que o seu adversário, empatou sem gols com o Uruguai.

No balanço geral o *El Gráfico* ressaltou a qualidade dos jogadores paulistas que representaram o Brasil, destacando na reportagem três deles: Alfredo, Djalma Santos e Luisinho (Luis Trujillo). Também ressaltou que lhe desagradava a estratégia defensiva adotada pela Seleção Brasileira e tal fato refletiu-se nos poucos gols marcados pelos brasileiros, apenas 4 em todo o torneio.

Os paulistas foram rivais muito duros de vencer. Tiveram grandes valores individuais, e ainda que pessoalmente não sejamos admirador do jogo defensivo que realizaram seus jogadores, devemos aceitar que eles têm o direito de fazer com sua equipe o que mais lhe convenha, ainda que isso não nos agrade.<sup>85</sup>

A imprensa de São Paulo, por sua vez, considerou o feito da Seleção Brasileira como uma grande façanha, demonstrando claramente a dificuldade que era enfrentar a albiceleste, como pode ser verificado no relato feito pelo jornal *Folha da Noite*.

As manifestações de alegria dos brasileiros, em seguida ao sensacional triunfo obtido ontem à noite contra a Argentina, foram de tal modo fora do comum que se torna impossível registrá-las com simples palavras. Nem bem o juiz Washington Rodrigues apitava o término do cotejo, e já os autores da expressiva façanha eram envolvidos dentro do próprio gramado, pelo pequeno exército de brasileiros que ali se encontrava (...).<sup>86</sup>

Poucas semanas depois, as duas seleções voltariam a se encontrar, agora no México, para a disputa do II Campeonato Pan-Americano de Futebol. As duas confederações, a AFA e a

---

<sup>85</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 44.

<sup>86</sup> FOLHA DA NOITE, 6 de fevereiro de 1956, p. 8.

CBD, enviaram novos quadros para representá-las na competição. O Brasil alterou inteiramente a equipe enquanto a Argentina manteve apenas cinco jogadores que haviam estado em Montevideú.<sup>87</sup>

Seis seleções participaram do Pan-Americano: Argentina, Brasil, Costa Rica, Chile, México e Peru. O Brasil, dessa vez, foi representado por um combinado de atletas que atuavam no Rio Grande do Sul.

Ciente das dificuldades de se formar uma Seleção Brasileira contando com os jogadores de São Paulo e Rio de Janeiro, no início do ano, para a disputa de dois torneios em espaço de tempo tão curto; e sabedor de que havia uma excursão à Europa já agendada para o mês de abril, o presidente da Federação Rio-Grandense de Futebol, Aneron Correa de Oliveira, conseguiu convencer o presidente da CBD, Sílvio Pacheco, de que a melhor solução seria enviar ao México um combinado formado por atletas de equipes gaúchas.<sup>88</sup>

Apesar de não contar com sua força principal, o Brasil realizou excelente campanha no Pan-Americano. Chegou na última rodada, exatamente contra a Argentina, precisando apenas de um empate para conquistar o título. Nas rodadas anteriores a Seleção Brasileira havia derrotado o Chile por 2X1, o Peru por 1X0, o México por 2X1 e goleado a Costa Rica por 7X1. Já a Argentina havia empatado dois jogos (Peru e México, ambos por 0X0) e vencido os outros dois (Costa Rica 4X3 e Peru 3X0). Dessa forma, os platinos precisavam vencer os brasileiros na rodada final para forçar a realização de uma nova partida.

O jogo entre os tradicionais rivais sul-americanos ocorreu em 18 de março de 1956, para um público estimado em quase 50 mil pessoas.<sup>89</sup> O confronto iniciou, em virtude do forte calor, em ritmo lento. O Brasil abriu o placar aos 25 minutos com Chinesinho. A Argentina avançou o seu time e empatou o jogo, após Yúdica acertar um chute forte no ângulo do goleiro brasileiro. O primeiro tempo terminou com o placar de 1X1. Logo aos 12 minutos da etapa

<sup>87</sup> Os jogadores mantidos no plantel argentino foram: Vairo, Mouriño, Cuchiaroni, Pentrelli e Sivori. Todos eles participaram do jogo contra a Seleção Brasileira ocorrida no dia 5 de fevereiro de 1956 pelo sul-americano.

<sup>88</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. *op. cit.*, p. 207.

<sup>89</sup> Escalação da Seleção Argentina: Domínguez, Cardoso, Filgueiras, Daponte, Guidi, Sivo, Pentrelli, Loíacono (Oscar Di Stéfano), Cejas, Sivori e Yúdica. Escalação da Seleção Brasileira: Valdir de Moraes, Florindo, Oreco, Figueiró (Duarte), Odorico, Ênio Rodrigues, Luisinho, Bodinho, Larry, Ênio Andrade e Chinesinho. O árbitro da partida foi o chileno Claudio Vicuña.

complementar, Ênio de Andrade<sup>90</sup> colocou o Brasil novamente em vantagem. Assim como havia ocorrido no tempo inicial, os argentinos partiram para o ataque, mas o gol de empate, de Sivori,<sup>91</sup> em posição duvidosa, só ocorreu aos 39 minutos.<sup>92</sup> O Brasil fechou sua equipe e garantiu o bicampeonato pan-americano. Essa foi a primeira conquista do Brasil envergando a camisa amarela. Muitas outras, de maior expressão internacional, ocorreriam nos anos seguintes.

Os argentinos descreveram a partida como bastante disputada e difícil. As equipes demonstraram ter inúmeros recursos técnicos. O empate, por dois a dois, foi um placar justo, mas que garantiu o título Pan-Americano para a Seleção Brasileira.<sup>93</sup> Ao final, os jogadores argentinos, demonstrado grande espírito esportivo, felicitaram os brasileiros que, por sua vez, deram a volta olímpica sendo ovacionados pelo público local. Para o jornal *El Gráfico*, os argentinos, para alcançarem sucesso no futebol, precisariam aprender a controlar o seu “sangue latino” e, se tivessem agido desta forma, ou seja, controlar suas emoções no decorrer do próprio campeonato, provavelmente teriam conquistado o título.<sup>94</sup>

---

<sup>90</sup> Ênio Vargas de Andrade (Porto Alegre, 31 de janeiro de 1928 – Porto Alegre, 22 de janeiro de 1997). Começou a carreira no São José-RS em 1949, depois passou dois anos (1950-1951) no Internacional quando se transferiu para o Renner, equipe pela qual jogou até 1957. Entre 1958 e 1960 defendeu o Palmeiras, em 1961 o Náutico e encerrou a carreira no ano seguinte após retornar ao São José. Se não teve grande destaque como jogador, tornou-se um dos grandes técnicos do futebol brasileiro. Conquistou três campeonatos nacionais: Internacional em 1979, Grêmio em 1981 e Curitiba em 1985. O título conquistado em 1979 se deu de forma invicta, fato único até hoje nas disputas do Campeonato Brasileiro. O citado campeonato também foi o que apresentou o maior número de equipes: 94. Nesse sentido, valia o ditado popular (de autoria desconhecida) comum na época, associando o futebol com a política: “Onde a Arena vai mal, um time no nacional. Onde a Arena vai bem, outro time também”.

<sup>91</sup> Enrique Omar Sivori (San Nicolas de los Arroyos – Província de Buenos Aires, 2 de outubro de 1935 – San Nicolas de los Arroyos – Província de Buenos Aires, 17 de fevereiro de 2005). Jogador e treinador argentino naturalizado italiano. Era um meio campista ofensivo que, após curta, porém vitoriosa carreira no futebol argentino, fez grande sucesso no futebol italiano. Era extremamente habilidoso e driblador, seus passes eram precisos, além de ser um atleta muito aguerrido. Defendeu o River Plate entre 1954 e 1957 e conquistou o tricampeonato argentino em 1955, 1956 e 1957. Após a conquista de 1957, transferiu-se para a Juventus da Itália, em transação milionária para a época, 10 milhões de pesos. O dinheiro obtido pelo River ajudou-o a finalizar a construção do Estádio Monumental de Núñez. Também se tornou ídolo pela *Vecchia Signora*, equipe que defendeu até 1965 e conquistou três campeonatos italianos (1958, 1960 e 1961) e duas Copas Itália (1959 e 1960). Entre 1965 e 1969 jogou pela equipe do Napoli. Em 1961 foi considerado o melhor jogador europeu da temporada e com isso ganhou a Bola de Ouro. Em virtude da transferência para o futebol italiano e da imposição da AFA, Sivori não foi convocado para defender a Seleção Argentina na Copa de 1958. Em decorrência de tal decisão, o atleta se naturalizou italiano e defendeu a *Azzurra* no mundial de 1962, no Chile. Pela Seleção Argentina participou de 18 partidas, marcou 9 gols e conquistou o Sul-Americano de 1957. Enfrentou a Seleção Brasileira em 3 oportunidades: 1 vitória, 1 empate e 1 derrota. Marcou 1 gol. Foi o técnico da Seleção Argentina nas eliminatórias para a Copa de 1974. Conquistou de forma invicta a vaga para o Mundial que foi disputado na Alemanha.

<sup>92</sup> Segundo o *El Gráfico*, o jogador argentino estava em clara posição de impedimento.

<sup>93</sup> LA NACION, 19 de março de 1956, p. 8.

<sup>94</sup> EL GRÁFICO, 30 de março de 1956, p. 18.

Ocorreu um terceiro encontro entre Brasil e Argentina no ano de 1956, dessa vez pela Taça do Atlântico, torneio que incluía a Seleção do Uruguai. Os brasileiros haviam derrotado os uruguaios no Maracanã por 2X0 e os argentinos também venceram os seus eternos rivais do Prata, por 2X1, em Montevideu. Sendo assim, as duas seleções vitoriosas definiram, em Buenos Aires, quem conquistaria a Taça.

A partida foi disputada no dia 8 de julho de 1956 no Estádio do Racing para mais de 80 mil torcedores.<sup>95</sup> O Brasil voltou a atuar em Buenos Aires após o acidentado confronto ocorrido em 1946. Segundo o Jornal do Brasil o interesse pelo embate foi muito grande afinal eram “os dois quadros mais poderosos do *football* sul-americano no momento atual”.<sup>96</sup>

O jogo foi extremamente disputado, duro, porém leal e com jogadas inesquecíveis dos dois times. Talvez a melhor definição do enfrentamento seja o próprio título da reportagem presente em El Gráfico: “Branco o escore, colorido o jogo”.<sup>97</sup> O primeiro tempo ficou marcado por certo domínio da equipe local, porém sem ter conseguido abrir o placar. No segundo tempo a Seleção Brasileira equilibrou o jogo e passou a também levar mais perigo ao gol argentino, porém as defesas foram superiores aos ataques e o jogo terminou com o placar inalterado. Outro aspecto destacado pela imprensa e também pelos jogadores foi o caráter leal em que o duelo transcorreu. Segundo Zizinho: “Foi uma partida duríssima, muito corrida, mas jogada dentro das regras, coisa rara em uma partida Brasil X Argentina”.<sup>98</sup>

Apesar dos marcadores terem prevalecido aos atacantes, o El Gráfico classificou a partida como magnífica. O técnico bicampeão do mundo pela Itália, Vittorio Pozzo, assistiu o duelo entre “as duas maiores escolas do futebol sul-americano” que mostraram um incomparável domínio de bola. Pozzo finaliza sua análise afirmando: “Poucas vezes se pode ver duas equipes

---

<sup>95</sup> Escalação da Seleção Argentina: Domínguez, Dellacha, Vairo, Giménez, Guidi (Rossi), Sivo, Sansone (Micheli), Conde Angelillo, Grillo e Cruz. Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, Djalma Santos, Edson, Nilton Santos, Formiga, Zózimo, Canário (Maurinho), Zizinho (Luisinho), Leônidas da Selva, Didi e Ferreira (Pepe). O árbitro da partida foi o argentino Juan Brozzi.

<sup>96</sup> JORNAL DO BRASIL, 8 de julho de 1956, p. 12.

<sup>97</sup> EL GRÁFICO, 13 de julho de 1956, p. 3.

<sup>98</sup> SILVA, Thomaz Soares da (Zizinho). *O mestre Ziza*. Rio de Janeiro: Edições Maracanã, 1985, p. 192.

com tanta habilidade no controle da bola. Uma partida tecnicamente tão rica se vê poucas. Isto não se vê nunca na Europa”.<sup>99</sup>

Para o Jornal do Brasil a partida também foi de grande qualidade técnica, especialmente a atuação das defesas dos dois selecionados que, em grande medida, explicaria a falta de gols. E terminou a reportagem com uma jocosa constatação de humor, ou pelo menos de capacidade estilística bastante duvidável.

A Argentina não marcou goals porque seus dianteiros foram rigorosamente controlados. O Brasil, por sua vez, não conseguiu goals porque sua dianteira agiu de forma irresoluta. Em suma, foi um jogo entre duas defesas extraordinárias e entre duas dianteiras que quase não atiraram ao arco.

(...)

Entre os brasileiros Canário não cantou; mas em compensação, entre os argentinos, Grillo também não fez cri-cri.<sup>100</sup>

O torneio não previa o que deveria acontecer no caso de duas seleções terminarem empatadas em pontos. As entidades que dirigiam o futebol nos dois países ficaram de marcar uma nova partida, em data futura, para a definição do título. Porém, esse jogo jamais se realizou. “A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) considera o Brasil detentor do troféu em virtude do maior saldo de gols sobre o Uruguai (dois contra um da Argentina)”.<sup>101</sup>

No final de 1956, depois de 11 anos, a Seleção Argentina voltou a jogar em território brasileiro. Como o Brasil foi representado por jogadores de clubes da cidade do Rio de Janeiro, a CBF não considera tal partida em suas estatísticas, ao contrário da AFA. A partida foi disputada no dia 5 de dezembro, no Maracanã. Disputou-se o troféu que homenageava o então presidente da Conmebol, o argentino Raúl Colombo. A partida teve também intenção beneficente, em apoio à entidade Pioneiros Sociais, de caráter assistencial, que era presidida por Sarah Kubitscheck,

<sup>99</sup> EL GRÁFICO, 13 de julho de 1956, p. 11.

<sup>100</sup> JORNAL DO BRASIL, 10 de julho de 1956, p. 12.

<sup>101</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 210.

primeira-dama do Brasil. O jogo terminou com a vitória dos visitantes, de virada, por 2X1.<sup>102</sup> O gol brasileiro foi marcado por Índio, Sanfilippo<sup>103</sup> e Garabal marcaram para os argentinos.

#### 4.4. SUL-AMERICANO E COPA ROCA DE 1957.

O Peru foi o país escolhido para sediar, por mais uma vez, entre 7 de março e 6 de abril, o Campeonato Sul-Americano de futebol. Sete seleções participaram do campeonato: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Peru e Uruguai. Todas as partidas foram disputadas em Lima, no Estádio Nacional, em turno único, com todas as seleções se enfrentando. A equipe campeã seria aquela que obtivesse a maior pontuação ao final dos seis confrontos.

Tanto Argentina, quanto o Brasil começaram de forma arrasadora o campeonato. A primeira havia vencido as quatro partidas iniciais, goleando todos os seus adversários<sup>104</sup> e marcando 21 gols e sofrendo apenas 4. A Seleção Brasileira, apesar de ter marcado um gol a mais até aquele momento em relação aos argentinos, havia perdido seu quarto jogo, para o Uruguai.<sup>105</sup> Dessa forma, para ser campeã, sem depender de outros resultados, precisava vencer as suas duas últimas partidas, contra o Peru e finalmente contra a albiceleste.

O jogo entre Brasil e Peru foi bastante tumultuado, o árbitro inglês, Ronald Lynch, chegou a ser agredido pelos jogadores peruanos. Os atletas da Seleção Peruana abandonaram o

<sup>102</sup> Escalação da Equipe Brasileira: Castilho, Pinheiro, Nilton Santos, Rubens I, Zózimo, Dequinha (Benedicto), Joel Martins, Zizinho, Índio, Didi (Marciano) e Pinga. Escalação da Seleção Argentina: Roma, Pizarro, Vairo, Mantegari, Nestor Rossi, Benegas, Sansoni, Oscar Raúl Rossi, Sanfilippo, Sivoi e Garabal. O árbitro da partida foi o uruguaio Esteban Marino.

<sup>103</sup> José Francisco Sanfilippo (Buenos Aires, 4 de maio de 1935). É considerado um dos maiores goleadores do futebol de seu país, marcou, ao longo de sua carreira, 344 gols em 472 partidas, média de 0,72 gols por partida. Foi artilheiro do campeonato argentino em quatro temporadas consecutivas, entre 1958 e 1961. Começou a carreira no San Lorenzo, equipe que defendeu entre 1953 e 1962. Jogando pelos “cuervos” sagrou-se campeão argentino em 1959. Em 1963 transferiu-se para o Boca Juniors, foi vice-campeão da Libertadores, perdeu a final para o Santos de Pelé que, dessa forma, conquistava o seu segundo título continental. No ano seguinte partiu para o futebol uruguaio defendendo as cores do Nacional de Montevideu. Em 1966 retornou ao país para defender o Banfield e a partir do ano seguinte passou algumas temporadas no futebol brasileiro. Em 1968 transferiu-se para o Bangu, mas não realizou nenhuma partida pela equipe carioca e foi cedido para o Bahia, equipe pela qual jogou entre 1968 e 1971. Em 1972 retornou para a equipe que o revelou, o San Lorenzo, para encerrar a carreira. Envervou a camisa da Seleção Argentina em 29 oportunidades, marcando 21 gols. Foi campeão da Copa América de 1957 e esteve nos grupos que jogaram as Copas do Mundo de 1958 e 1962. Sanfilippo jogou, oficialmente, apenas uma vez contra o Brasil, em 1959. Vitória da albiceleste pelo placar de 4X1 com 3 gols seus. Além dessa memorável partida ele ainda participou do jogo de 1956, que a CBF não reconhece como oficial, na qual também marcou 1 gol.

<sup>104</sup> Argentina 8X2 Colômbia, Argentina 3X0 Equador, Argentina 4X0 Uruguai e Argentina 6X2 Chile.

<sup>105</sup> Brasil 4X2 Chile, Brasil 7X1 Equador, Brasil 9X0 Colômbia e Brasil 2X3 Uruguai.

campo e o árbitro decidiu encerrar a partida. Vitória brasileira por 1X0. O confronto contra os argentinos, mesmo não sendo o último do campeonato, decidiria o título.<sup>106</sup>

O duelo entre os tradicionais rivais continentais foi jogado na noite de 3 de abril de 1957, uma quarta-feira. Esperava-se uma partida extremamente tensa, especialmente em virtude das confusões ocorridas no jogo entre o Brasil e o Peru e também Uruguai e Chile que ficou marcada por uma invasão de torcedores e agressões aos jogadores da celeste.<sup>107</sup> Porém, contrariando as expectativas, a partida entre argentinos e brasileiros foi disputada com bastante lealdade e lisura para 55 mil espectadores.<sup>108</sup>

As duas seleções foram consideradas pelo *La Nacion* como aquelas que mais mereceram alcançar o título continental daquele ano: “Argentina e Brasil foram, na teoria e na prática, os dois conjuntos com mais sólidos méritos para alcançar o triunfo final”.<sup>109</sup> A partida, confirmando o bom futebol apresentado até então pelos dois selecionados, foi de alto nível técnico.

O Brasil iniciou o jogo pressionando o seu oponente, porém o duelo logo ficou equilibrado. Aos 10 minutos, um chute forte de Angelillo obrigou Gilmar a realizar uma boa defesa, mas ele acabou se contundindo no lance. O goleiro brasileiro permaneceu em campo no restante do primeiro tempo, mas acabou sendo substituído por Castilho no intervalo da partida.

As duas seleções buscaram, nos minutos subsequentes, conquistar o domínio do meio campo, até que aos 22 minutos, Cruz escapou pela esquerda, livrando-se de dois adversários, tocou a bola para Sívori que a ajeitou para o forte chute, indefensável, de Angelillo.<sup>110</sup> O Brasil

<sup>106</sup> A última partida do Sul-Americano de 1957 foi disputada entre o Peru e a Argentina no dia 6 de abril de 1957. A vitória coube a Seleção Peruana pelo placar de 2X1.

<sup>107</sup> Em relação ao tumulto na partida entre Uruguai e Chile, o *Jornal do Brasil* descreve o ocorrido e como ele gerou um clima de tensão para o jogo entre argentinos e brasileiros. Cf. *JORNAL DO BRASIL*, 4 de abril de 1957, p. 26 (Caderno 3).

<sup>108</sup> Escalação da Seleção Argentina: Dominguez, Giménez, Dellacha, Vairo, Rossi, Schandlein, Corbatta, Maschio, Angelillo, Sívori e Cruz. Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar (Castilho), Djalma Santos, Edson, Olavo, Zózimo, Roberto, Joel, Didi, Zizinho (Dino Sani), Evaristo (Índio) e Pepe. O árbitro da partida foi o inglês Robert Turner.

<sup>109</sup> *LA NACION*, 4 de abril de 1957, p. 14.

<sup>110</sup> O *Jornal do Brasil*, na edição de 4 de abril de 1957, informou que o primeiro gol da Argentina foi marcado por Maschio, porém, tal informação não é confirmada em outras fontes, como o *Jornal La Nacion*, *El Gráfico* e obras de referência com a de Ivan Soter e Newton César de Oliveira Santos. Como o *Jornal do Brasil* relatou o primeiro gol

passou a pressionar os argentinos e, apesar das inúmeras situações criadas, o primeiro tempo terminou com a vantagem da albiceleste.

O Brasil iniciou o segundo tempo buscando o gol de empate, porém, com o passar dos minutos, a Argentina foi dominando o jogo a partir, principalmente, de uma forte marcação exercida pelo meio de campo que lhe garantia a solidez defensiva. Quando tinha a posse de bola movimentava-se rapidamente no ataque. Apesar do amplo domínio da albiceleste, o Brasil jamais apelou para as jogadas violentas. A partida se encaminhava para a vitória com o placar mínimo dos argentinos quando, aos 42 minutos, Corbatta<sup>111</sup> disparou pela direita e cruzou na área para o chute fulminante de Maschio, no ângulo esquerdo de Castilho. O placar voltou a se alterar já nos descontos. A Argentina sofreu uma falta na entrada da área, Vairo cobrou para a defesa parcial de Castilho, no rebote Cruz só teve o trabalho de empurrar para as redes. Placar final, Argentina 3X0 e mais um título continental conquistado,<sup>112</sup> o décimo primeiro de sua vitoriosa história, ampliando a margem em relação aos uruguaios que tinham oito conquistas.

A imprensa Argentina, eufórica, teceu loas ao seu selecionado, porém sem esquecer a força de seu adversário, considerado o mais temível dentre aqueles que disputaram o Sul-Americano.

Se o desempenho da equipe argentina necessitava de uma atuação de destaque para justificar sua aspiração ao título conquistado esta noite, a mesma se

---

argentino: “O único tento do período inicial foi conquistado por Maschio, aos 23 minutos, quando, após uma confusão na área brasileira, a bola sobrou ao meia-direita que, sozinho, frente a Gilmar, não teve dificuldade em mandá-la junto ao poste esquerdo”. Cf. JORNAL DO BRASIL, 4 de abril de 1957, p. 26 (Caderno 3).

<sup>111</sup> Oreste Omar Corbatta Fernández (Daireaux, Província de Buenos Aires, 11 de março de 1936 – La Plata, 6 de novembro de 1991). Grande ponta direito do futebol argentino, foi inclusive apelidado de “El Garricha Argentino”. Começou sua carreira no Peñarol de La Plata e, ainda juvenil, transferiu-se para o Estudiantes. Aos 19 anos passou a defender sua primeira equipe no futebol profissional, o Racing. Defendeu a *Academia* por nove temporadas (1954-1962), vencendo por duas vezes o campeonato nacional (1958 e 1961). Em 1963 foi vendido para o Boca Junior, equipe pela qual voltou a ser bi-campeão nacional (1964 e 1965), além de ser vice-campeão da Libertadores em 1963. Jogou no Independiente de Medellín entre 1965 e 1969. Em 1970 retorna ao seu país natal para defender equipes de menor expressão: San Telmo, Italia Unidos e Tiro Federal. Uma outra semelhança com o brasileiro Garrincha é que Corbatta era alcoólatra. Morreu aos 55 anos, de câncer na laringe. Vestiu por 43 vezes o uniforme da Seleção Argentina, marcou 18 gols e conquistou os seguintes campeonatos: Copa América de 1957 e 1959. Jogou a Copa de 1958 e marcou três gols, um em cada partida. Jogou contra o Brasil três vezes, sendo titular em duas, todas em 1957, com saldo de 2 vitórias e 1 derrota. Não marcou gols.

<sup>112</sup> Com a vitória a Argentina foi campeã com uma rodada de antecipação. Na última partida foram derrotados por 2X1 pelo Peru, os donos da casa.

produziu hoje frente ao Brasil, precisamente o adversário mais perigoso na teoria, e que confirmou na prática tal presunção.<sup>113</sup>

Já o atleta argentino Corbatta, afirmou que o “Brasil não foi para nós um adversário temível. Logo aos 20 minutos dominamos o jogo e os atamos de pés e mãos”.<sup>114</sup> Inclusive, a chamada para a matéria foi intitulada de: “Amarramos os pés e as mãos dos jogadores brasileiros”. O técnico argentino, Guillermo Stábile, chegou a afirmar para o mesmo periódico que não esperava um placar tão dilatado.<sup>115</sup> Outros atletas foram bem mais comedidos em seus comentários. O mesmo Corbatta afirmou: “Os brasileiros são aguerridos. Levamos de vencida uma grande equipe, que jogou lisamente não procurando na violência empanar o brilho das jogadas”.<sup>116</sup> Ou ainda segundo Maschio: “Vencemos um grande quadro. Os brasileiros jogaram muito e são cavalheiros, porque não procuraram na violência a resolução para as jogadas”.<sup>117</sup>

As previsões para a Copa do Mundo que seria disputada no ano seguinte eram bastante favoráveis para os vencedores. Alguns treinadores europeus estiveram em Lima com o objetivo de conhecer prováveis futuros adversários e ficaram impressionados com a qualidade da Seleção Argentina. Porém, o sucesso do selecionado vencedor teria um preço, vários jogadores acabaram sendo adquiridos por equipes europeias: Angelillo pela Internazionale, Sívori pela Juventus, Maschio pelo Bologna e Dominguez pelo Real Madrid. Apesar do êxodo, os argentinos continuavam extremamente confiantes em novas conquistas.

Se os argentinos consideravam os brasileiros rivais dignos e até temíveis, as impressões dos jornalistas brasileiros, sobre o seu selecionado, eram extremamente duras. O Jornal da Noite, em sua chamada para a análise da vitória argentina, destacava: “Sempre que for bem marcada fracassará a nossa seleção”.<sup>118</sup> O debate entre o individualismo e o jogo coletivo permanecia vivo, como pode ser atestado no subtítulo da chamada acima destacada: “Um ataque

---

<sup>113</sup> LA NACION, 4 de abril de 1957, p. 14.

<sup>114</sup> FOLHA DA MANHÃ, 5 de abril de 1957, p. 9.

<sup>115</sup> Idem, ibidem.

<sup>116</sup> JORNAL DO BRASIL, 5 de abril de 1957, p. 18 (Caderno 2).

<sup>117</sup> Idem, ibidem.

<sup>118</sup> FOLHA DA NOITE, 5 de abril de 1957, p. 7.

brilhante... quando o adversário deixa – Desproporção entre o valor individual e o jogo de conjunto – Faltam idéias ofensivas para contornar situações difíceis”.<sup>119</sup>

Nelson Rodrigues, normalmente ufanista, acompanhou o jogo pelo rádio e teceu duríssimas críticas ao Brasil e as decisões da comissão técnica, como manter Garrincha no banco na partida final, em crônica publicada na *Manchete Esportiva* de 13 de abril de 1957.

(...) Se jogamos mal contra o Uruguai, muito pior contra a Argentina. E o minuto de vergonha, que eu solicitara dos leitores, tornou-se irremediavelmente escasso, A dura verdade é que, diante dos 3X0, precisamos, não de sessenta segundos, mas de uma meia hora de boa, salubre e recuperadora vergonha. As grandes derrotas internacionais têm a seguinte conseqüência trágica: implica todos nós e cada um de nós. Nós as sofremos na carne e na alma. Note-se que eu não me refiro ao fracasso técnico e tático. Qualquer time pode jogar pedrinhas. Mas o que realmente avilta é o colapso do material humano. Nós fracassamos como alma, como vontade; como fé, como coragem. Examinemos o panorama da batalha, – através dos noventa minutos, o escrete não fez nada, absolutamente nada. Envolvido, batido, superado, aceitou o próprio aniquilamento sem tentar, sem esboçar uma reação. Repetia-se, em Lima, o fenômeno já observado em tantas ocasiões: a queda não do jogador, mas do homem brasileiro. (...) No último jogo, Joel estava fracassando visivelmente. Por que não lançar Garrincha, que, pelas suas características, teria uma função num embate decisivo como foi Brasil X Argentina? Pois bem: Brandão preferiu usar Dino, que não viu bola, e esquecer Garrincha. (...) Stábile soube conceber e executar um tipo de jogo que, no momento, era o que mais lhe convinha. Conclusão: em todos os noventa minutos, o seu time dominou o campo. (...) Perdemos de três, e poderia ter sido mais. Mal trabalhados técnica, tática e psicologicamente, escapamos, não há dúvida, de uma goleada astronômica.<sup>120</sup>

Simultaneamente às críticas ao selecionado nacional, os jornalistas brasileiros reconheciam a qualidade e a técnica do seu rival, para eles, a melhor seleção que se apresentou no campeonato.

Não obstante faltar ainda um jogo para o término do atual Campeonato Sul-Americano de *Football* que será efetuado amanhã, entre peruanos e argentinos, essa importante competição continental já está decidida com o triunfo muito justamente levantado pela seleção argentina.

Analisando a ação de todos os concorrentes até o momento, devemos reconhecer que foi a representação argentina a que melhor se conduziu e justificou o

<sup>119</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>120</sup> RODRIGUES, Nelson. “A tragédia de Lima”. In: *O berro impresso das manchetes: crônicas completas da Manchete Esportiva* 55-59. Rio de Janeiro: Agir, 2007, p. 222-223. A crônica foi originalmente publicada no periódico *Manchete Esportiva* de 13 de abril de 1957.

favoritismo em que era tida. Não pode haver qualquer restrição ao magnífico feito dos novos campeões do Continente. Foi uma vitória brilhante que se vislumbrou desde o início.<sup>121</sup>

O ano de 1957 assistiu a mais dois novos confrontos entre brasileiros e argentinos, pela Copa Roca, depois de 12 anos. As partidas foram realizadas no Brasil, o primeiro jogo no Maracanã (Rio de Janeiro) e o seguinte no Pacaembu (São Paulo) A Argentina, em virtude da venda de vários jogadores para o futebol europeu não contou com a equipe que encantou no Sul-Americano daquele ano. O Brasil também enfrentou problemas na convocação, afinal alguns clubes tinham excursões marcadas para o mesmo período em que os enfrentamentos ocorreriam e com isso não cederam seus jogadores para o selecionado nacional. Percebe-se que as dificuldades e problemas vivenciados atualmente quando das convocações tanto de brasileiros quanto de argentinos possuem raízes bem antigas, com a diferença que na atualidade os dois países exportam grande parte dos seus jogadores e, decorrentemente, na maioria das vezes, são as equipes estrangeiras que dificultam a cessão dos atletas para servirem aos seus selecionados.

Retornando ao ano de 1957, o primeiro confronto no Maracanã ocorreu no dia 7 de julho. Aparentemente seria apenas mais um dos cem jogos que ocorreram entre 1914 e 2014, porém, ele apresentou um fato de grande relevância para o futuro não só do futebol brasileiro, mas também mundial. Foi nele, um Brasil e Argentina, que Pelé<sup>122</sup> debutou com a camisa da Seleção Brasileira, ao entrar no intervalo do jogo, envergando a camisa 13.

<sup>121</sup> JORNAL DO BRASIL, 5 de abril de 1957, p. 18 (Caderno 2).

<sup>122</sup> Edson Arantes do Nascimento – Pelé (Três Corações-MG, 23 de outubro de 1940). O meia-atacante foi descoberto por Waldemar de Brito que o levou para o Santos em 1956. Aos 16 anos já era titular da equipe paulista e passou a ser convocado para a Seleção Brasileira apenas dez meses depois. Cabe ressaltar que em 1958, ainda com 17 anos, Pelé seria Campeão do Mundo na Suécia. Atuou profissionalmente apenas por dois clubes, o Santos entre 1956 e 1974 e depois no New York Cosmos, dos Estados Unidos, de 1975 até 1977. Defendeu as cores do selecionado nacional em 92 jogos entre 1957 e 1971, marcando 77 gols. Pelo Santos atuou em 1.116 jogos marcando a incrível marca de 1.091 gols e no Cosmos participou de 106 jogos, balançando as redes em 64 oportunidades. Segundo dados da FIFA, em toda a sua carreira Pelé marcou 1.281 gols em 1363 partidas, transformando-o no maior artilheiro da história do futebol mundial. Também é o único jogador que conquistou três Copas do Mundo (1958, 1962 e 1970). Pelé é um dos raros estrangeiros e único brasileiro a receber uma honraria do Reino Unido das mãos da própria Rainha, ele foi condecorado como Cavaleiro Comandante da Mais Excelente Ordem do Império Britânico por promover o futebol e popularizá-lo no mundo. Em 1981, ele recebeu o título de atleta do século de todos os esportes pelo jornal Frances *L'Equipe*. Em 1999 foi simultaneamente eleito “Atleta do Século” pelo Comitê Olímpico Internacional e o Futebolista do Século pela Federação Internacional de História e Estatística do Futebol (IFFHS). Outros três fatos curiosos podem ser ressaltados para demonstrar a importância e a versatilidade de Pelé. Caso o goleiro dos Santos se machucasse e não fosse possível realizar a substituição, Pelé era o escolhido para tomar o seu lugar. Isso ocorreu em quatro oportunidades e Pelé, nos 54 minutos que permaneceu defendendo a meta do Santos, não sofreu gols. O segundo evento interessante ocorreu em uma excursão do time do Santos pela África em

A partida começou equilibrada<sup>123</sup> e apesar de certo desentrosamento os argentinos mostravam um futebol rápido e de toques precisos, mas que acabavam sendo interceptados pela defesa brasileira. Segundo o La Nacion, enquanto os argentinos mostravam um futebol mais organizado, os brasileiros levaram perigo em rápidos contra-ataques.<sup>124</sup>

**Figura 11: Estreia de Pelé com a camisa da Seleção Brasileira<sup>125</sup>**



1969. A equipe paulista acertou um amistoso no Congo Brazzaville – atual República do Congo. O momento era tenso, já que o país se encontrava em guerra contra o Congo-Kinshasa – atual República Democrática do Congo que ficou conhecida entre 1971 e 1997 como República do Zaire. O Santos desembarcou no único aeroporto da região em Kinshasa e jogaria em Brazzaville, ou seja, teria que atravessar por terra o campo de batalha. Foi preciso uma longa negociação entre os dois governos para que a excursão do Santos não fracassasse. E, para assistir Pelé jogar, os litigantes decidiram simplesmente assinar um cessar-fogo. A terceira e última curiosidade ocorreu em 17 de julho de 1968 na Colômbia. O Santos jogava um amistoso contra a Seleção Universitária da Colômbia quando o árbitro da partida confirmou um gol, irregular segundo os santistas, da equipe local. Lima foi reclamar do árbitro que além de tentar agredi-lo o expulsou. Pelé foi então reclamar com o árbitro e também foi expulso. Ao perceber que Pelé não retornaria ao gramado, a torcida enfurecida passou a atirar os mais variados objetos no campo e a gritar o nome de Pelé. Dada a confusão criada, o delegado da partida encontrou a solução, substituir o árbitro e retornar com Pelé ao campo. É interessante destacar que o árbitro do citado jogo morreu no momento em que essas palavras eram escritas, aos 84 anos, no dia 26 de junho de 2017. Pelé conquistou inúmeros títulos, dentre os quais, pode-se destacar: dez campeonatos paulistas (1958, 1960, 1961, 1962, 1964, 1965, 1967, 1968, 1969 e 1973), 4 torneios Rio-São Paulo (1959, 1963, 1964 e 1966), 6 campeonatos que passaram a ser considerados como brasileiros (1961, 1962, 1963, 1964, 1965 e 1968), duas Libertadores da América (1962, e 1963) e duas Copas Intercontinentais (1962 e 1963), dentre outros, todos pelos Santos. Pela Seleção Brasileira pode-se destacar as 3 Copas do Mundo (1958, 1962 e 1970), além de Copa Roca (1957 e 1963), Taça Atlântico (1960), Copa Oswaldo Cruz (1958, 1962 e 1968) e Taça Bernardo O’Higgins (1959). Pelo Cosmos foi campeão da Liga Norte-Americana de Futebol em 1977. Pelé enfrentou a Seleção Argentina em dez oportunidades, foram 4 vitórias, 2 empates e 4 derrotas. Marcou 8 gols nesses confrontos, o que o faz, até o momento, 2017, o maior goleador do clássico.

<sup>123</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Castilho, Paulinho Bellini, Jadir, Oreco, Zito (Urubatão), Luizinho Trujillo, Maurinho, Mazzola (Moacir), Del Vecchio (Pelé) e Tite. Escalação da Seleção Argentina: Carrizo, Pizzaro, Vairo, Gianserra, Rossi (Duidi), Urriolabeitia, Herrera (Antonio), Juárez (Blanco), Labruna e Moyano. O árbitro foi o austríaco Erwin Hieger.

<sup>124</sup> LA NACION, 8 de julho de 1977, p. 12.

<sup>125</sup> R7 ESPORTES. “Estreia de Pelé na Seleção completa 54 anos; relembre a trajetória do Rei do Futebol”. Disponível em: <http://esportes.r7.com/futebol/fotos/relembre-a-trajetoria-do-rei-do-futebol-20101023-3.html#fotos>. Acessado em: 17 de julho de 2017.

Até o terço final do primeiro tempo, os brasileiros haviam chegado duas vezes perigosamente ao gol de seus adversários que, por sua vez, já havia acertado a trave brasileira defendida por Castilho. Aos 30 minutos, a equipe visitante abriu o placar. Herrera recebeu a bola de costas para o gol brasileiro e de calcanhar tocou para Labruna que se desvencilhou de seus dois marcadores, Bellini e Paulinho, e arrematou forte para o gol, sem dar chances para o goleiro Castilho. O Brasil pressionou o restante do primeiro tempo, mas não conseguiu superar a bem postada defesa argentina.

No intervalo entraram Pelé e Moacir e a equipe melhorou e passou a levar algum perigo à meta adversária, porém, sem grande poder de penetração. Aos 32 minutos, Pelé, marcou o seu primeiro gol com a camisa brasileira. O Brasil empatou o jogo. No entanto, a alegria e esperança da torcida logo esvaneceu, afinal dois minutos depois o seu rival chegou ao seu segundo gol. Castilho falhou ao sair jogando com as mãos e a bola foi interceptada por Labruna que tocou para Juárez, livre, marcar o gol da vitória argentina.

A imprensa brasileira, elogiou o futebol apresentado pelo seu adversário. A manchete do periódico Folha da Noite afirmou que ele venceu com largos méritos<sup>126</sup> e voltou a ressaltar o “complexo de inferioridade” frente aos argentinos.

(...) Perdemos para um time que jogou melhor, que foi mais coeso e mais convicto de sua força e que soube cultivar a vitória desde os primeiros minutos da partida. E perdemos em nosso campo. Muitas vezes temos visto a seleção do Brasil ser derrotada, o suficiente para dar-nos a convicção de que há uma certa inferioridade do nosso atleta. Algo psicológico que o inibe nos momentos difíceis, influenciando diretamente na sua produção técnica.<sup>127</sup>

Críticas no mesmo sentido também foram feitas pelo jornal Folha da Manhã publicado no dia 9 de julho. Apesar das partidas serem muito mais equilibradas do que as que ocorreram na década anterior, a construção de uma identidade argentina, de possuir um futebol mais técnico e refinado continuava ecoando pela imprensa brasileira, assim como a falta de tranquilidade necessária nos grandes embates e que acarretavam nas derrotas do Brasil.

<sup>126</sup> FOLHA DA NOITE, 8 de julho de 1957, p. 2 (Caderno 2).

<sup>127</sup> Idem, ibidem.

Não há contestação e nem desculpas possíveis para o insucesso da representação da C.B.D. No duro, nosso onze foi vencido porque os argentinos demonstraram, uma vez mais, aquilo que geralmente sempre provaram no passado: possuem um futebol de melhor nível técnico, jogado por futebolistas que se conservam mais tranqüilos diante das asperezas das contendas.

Estamos convencidos, pois, de que a “diferença” entre o nosso “soccer” e do vizinho país não pode ser mais explicada como produto de meros fatores circunstanciais – más arbitragens, “faltou fulano”, etc. A “coisa” é mais profunda. A nosso ver, advêm de uma inibição que se apodera das nossas seleções cujos elementos já entram em campo cientes da melhor capacidade técnica dos argentinos.<sup>128</sup>

Nelson Rodrigues, em crônica intitulada “Por que perdeu o Brasil?” responsabilizou a desorganização da CBD pela derrota. Para isso fez uma comparação com a equipe do Vasco da Gama que excursionava e assombrava os europeus.

Enquanto o Vasco assombra a Europa, o escrete brasileiro, aqui, nas nossas barbas, dá-se ao luxo de perder, para os argentinos, de 2X1. O escore, que é sóbrio e digno, pouco importa. O que vale a pena considerar são as condições da derrota. Em primeiro lugar, cumpre-me esclarecer: – citei o caso cruz-maltino porque o contraste é, sem a menor dúvida, altamente expressivo. Pergunto: – por que, no Velho Mundo, o Vasco vai devastando, dizimando os adversários, na sua rajada de vitórias? É simples: – o clube de São Januário está assim brilhando porque não carrega nas costas a inépcia da CBD. (...) Não se pode exigir conjunto de um time que se formou sob o signo da improvisação. Sem preparo nem técnico, nem tático, nem psicológico, que poderia fazer o nosso pobre escrete senão apanhar? Basta dizer o seguinte: – 72 horas antes do seu duro compromisso internacional, o quadro brasileiro faz seu primeiro treino contra o infanto-juvenil do Botafogo. É ou não é escárnio?<sup>129</sup>

O confronto final se deu no dia 10 de julho em São Paulo, no estádio do Pacaembu. A Argentina sofreu duas modificações enquanto o Brasil efetuou quatro, a mais importante foi Pelé iniciando a partida no lugar de Del Vecchio.<sup>130</sup> O Brasil precisava vencer o jogo no tempo normal e, ao menos, empatar na prorrogação para conquistar o campeonato.<sup>131</sup>

<sup>128</sup> FOLHA DA MANHÃ, 9 de julho de 1957, p. 19.

<sup>129</sup> RODRIGUES, Nelson. “Por que perdeu o Brasil”. In: *O berro impresso das manchetes*: crônicas completas da Manchete Esportiva 55-59. Rio de Janeiro: Agir, 2007, p. 254-256. A crônica foi originalmente publicada no periódico Manchete Esportiva de 13 de julho de 1957.

<sup>130</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, Djalma Santos, Bellini, Jadir, Oreco, Zito, Luisinho, Maurinho, Pelé, Mazzola (Del Vecchio) e Pepe. Escalação da Seleção Argentina: Carrizo (Musimessi), Biagioli, Vairo, Gianserra, Rossi (Guidi), Urriolabeitia, Corbatta, Herrera (Antonio), Juárez, Labruna e Sesti. O árbitro da partida foi o inglês John Husband.

<sup>131</sup> Pelo regulamento da Copa Roca, caso cada selecionado vencesse uma partida deveria ser disputado um terceiro jogo. Contudo, a delegação argentina precisava retornar para Buenos Aires em virtude do início do campeonato local. Dessa forma, ficou acordado que, em caso de dois empates ou de uma vitória para cada selecionado, haveria

Os anfitriões começaram o jogo no ataque. “E já aos 4 minutos o Brasil quase abre a contagem quando Maurinho corre, centra e Mazzola erra o chute frente a frente com Carrizo. Prossegue pressionando o Brasil e aos 7 minutos novamente quase é inaugurado o marcador”.<sup>132</sup> Os poucos ataques argentinos foram neutralizados pela defesa brasileira, bem postada em campo.

Aos 20 minutos o marcador foi aberto. Como ocorreu no Maracanã, Pelé estufou as redes argentinas, com chute forte. Apenas dois minutos depois, Pelé recebeu excelente passe de Luisinho, correu em direção ao gol adversário e foi derrubado, dentro da área, por Gianserra. Apesar dos protestos argentinos o árbitro inglês não titubeou e marcou a penalidade máxima. Djalma Santos se encarregou da cobrança, bola na trave e na volta o atleta marcou o gol, anulado corretamente pelo árbitro da partida, pois o defensor brasileiro foi o primeiro jogador a tocar após ela bater na trave.

A partida perdeu parte do seu ímpeto a partir dos 30 minutos, porém o Brasil continuava melhor que os argentinos. O segundo tempo começou mais equilibrado, com as duas equipes um pouco mais cautelosas, porém aos 10 minutos, após uma série de fintas de Luisinho, o jogo voltou a inflamar e no minuto seguinte, Mazzola recebeu a bola de Zito, passou por Urriolabeitia, deu uma finta de corpo em Vairo e chutou violentamente contra Carrizo, Brasil 2X0, “tento brasileiro, que desafoga o coração de todos, sempre temerosos de um tento de surpresa dos argentinos”.<sup>133</sup>

Mesmo superior no restante do segundo tempo, o Brasil não ampliou o placar. Com a vitória no tempo normal, as equipes teriam que jogar uma prorrogação de 30 minutos. O Brasil, por ser o último campeão da Copa Roca, jogava pelo empate. A prorrogação foi dramática e eletrizante. Apesar do cansaço e do jogo ter perdido em velocidade, as duas equipes buscaram o gol. O domínio continuou sendo exercido pelo Brasil, porém sem sucesso. No segundo tempo da prorrogação, bola na trave das duas seleções e o placar não se alterou. Com o 0X0, o Brasil manteve a posse da Copa Roca.

---

uma prorrogação de trinta minutos após o segundo jogo. Se não houvesse vencedor na prorrogação, o título caberia ao último vencedor da competição, que no caso era o Brasil.

<sup>132</sup> JORNAL DO BRASIL, 11 de julho de 1957, p. 25.

<sup>133</sup> Idem, *ibidem*.

Para a segunda etapa da prorrogação o panorama do cotejo não se altera, mas registra-se um ataque perigoso dos argentinos, quando Labruna envia uma bola (sic) colocada que vai à trave de Gilmar, respondendo então os brasileiros e num centro de Djalma Santos cabeceia Pelé também na trave. Mas o marcador não é mais movimentado, terminando a prorrogação com o empate de 0 a 0, ficando assim a “Taça Roca” com o Brasil, de acordo como que determina o regulamento, por ter sido seu último vencedor.<sup>134</sup>

É interessante notar como os resultados das partidas fazem com que os jornalistas, provavelmente movidos mais pela paixão do que pela razão, alterem completamente seus comentários. A Seleção Argentina, que após a vitória no Rio de Janeiro era apresentada como uma equipe formada por jogadores de alto nível técnico, depois do jogo e derrota no Pacaembu foi considerada uma seleção fraquíssima. Já as críticas e desconfianças em relação ao selecionado brasileiro permaneceram ácidas, o que, para Nelson Rodrigues, caracterizaria o ufanismo às avessas dos cronistas nacionais.

A seleção do Brasil venceu a da Argentina, ontem a noite, por 2 a 0. Mas não somos os maiores do mundo. Nem devemos falar em noite de glória do futebol nacional, pois a verdade é que esta seleção argentina é fraquíssima e que somente não a derrotamos no Rio, no primeiro jogo, porque jogamos errado.<sup>135</sup>

Nelson Rodrigues, por sua vez, manteve as críticas à CBD, mas, com seu reconhecido ufanismo, ao contrário de outros jornalistas brasileiros que ele também maldizia frequentemente em suas crônicas, teceu elogios não só a Seleção Brasileira, mas a qualidade técnica dos jogadores nacionais.

Vejam vocês como é tremenda a resistência do escrete. A CBD, na sua pertinácia homicida, tem feito tudo para enterrá-lo. E há momentos, com efeito, em que a entidade máxima consegue levar a melhor. (...) Face aos baques eventuais da seleção, nós pensamos que ela vai se deitar, vai se acomodar no túmulo cavado pela CBD. Mas, quando menos se espera, eis que o escrete reage, estrebucha e desfralda uma juba de leão enfurecido. Foi o que ocorreu, quarta-feira passada, no Pacaembu. (...) Foi o que se viu: conseguimos, apesar do despreparo, uma vitória realmente empolgante. Não tanto pelo escore, que foi relativamente sóbrio. Vencemos de dois e podia ter sido de cinco. Mas o que importa, muito mais do que a contagem módica, é o show de bola. Via-se, de uma maneira inequívoca e, até, espetacular, que o jogador brasileiro é muito superior, realmente, ao argentino. (...) Agora imaginem se não existisse a CBD para atrapalhar, a CBD no seu esforço obstinado para matar o futebol nacional!

<sup>134</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>135</sup> FOLHA DA NOITE, 11 de julho de 1957, p. 11.

Sem a criminoso inépcia da CBD já seríamos campeões do mundo, há muito tempo.<sup>136</sup>

O El Gráfico, em reportagem que analisa as duas partidas, ressaltou que o Brasil jogou melhor em ambas, apesar de só ter vencido em São Paulo e destacou os novos valores do futebol brasileiro, em especial Pelé.

Os brasileiros jogaram melhor que os albicelestes nas duas partidas, porem só conseguiram ganhar em São Paulo. Em sua seleção causaram bom efeito as modificações introduzidas, assinalando-se de maneira especial o excelente desempenho dos atacantes, entre eles o jovem Pelé, de 16 anos, e o ponta esquerdo Luisinho. Pelé é a última revelação do futebol brasileiro e já ganhou a confiança do público ao ponto de aplaudir cada intervenção sua.<sup>137</sup>

Outro aspecto interessante ressaltado pelo El Gráfico em relação aos confrontos entre os dois selecionados referia-se ao Mundial que seria disputado no ano seguinte na Suécia. As partidas pela Copa Roca serviriam para avaliar a atual situação das duas melhores seleções do continente, segundo o periódico. Ele ainda resalta que a Argentina, após a venda de vários jogadores que atuaram no Sul-Americano de 1957, estava no processo de remontagem da equipe e que isso levaria algum tempo, mas que as esperanças de uma boa participação no Mundial do ano seguinte estavam mantidas.

Se esperava com interesse a realização das partidas entre as seleções do Brasil e Argentina não só pela razão de que com elas se resgataria do esquecimento o velho troféu, mas também porque diante da proximidade do campeonato mundial a disputar-se na Suécia, estes encontros poderiam servir de referência para analisar a situação atual do futebol dos dois países mais poderosos da zona sul-americana. E isto se pode dizer sem ofender aos orientais, já que acabam de perder a chance de participar do mundial ao caírem derrotados diante do Paraguai.<sup>138</sup>

Em relação às esperanças no Mundial, El Gráfico prossegue:

Os dois encontros pela Copa Roca, assim como os outros que a seleção argentina

<sup>136</sup> RODRIGUES, Nelson. “Banho de bola”. In: *O berro impresso das manchetes: crônicas completas da Manchete Esportiva* 55-59. Rio de Janeiro: Agir, 2007, p. 257-259. A crônica foi originalmente publicada no periódico *Manchete Esportiva* de 20 de julho de 1957.

<sup>137</sup> EL GRÁFICO, 19 de julho de 1957, p. 6.

<sup>138</sup> Idem, *ibidem*.

disputou depois do Sul-Americano de Lima, reafirmam a evidência de que há que esperar o processo de “elaboração” de uma nova equipe, o que por certo não se consegue em alguns dias... Não obstante, estamos otimistas.<sup>139</sup>

#### **4.5. COPA DE 1958: A TAÇA DO MUNDO É NOSSA<sup>140</sup>**

No Congresso da FIFA ocorrido em 1948, em Luxemburgo, a Suécia foi escolhida como provável sede da VI Copa do Mundo. A oficialização se deu em 1954, na Suíça. Dois anos depois, em 1956, faleceria, aos 83 anos, Jules Rimet, logo a Copa da Suécia seria a primeira que não contaria com o seu criador.

As 14 vagas disponíveis para a fase final do Mundial foram disputadas por 53 países. Não é demais ressaltar que Alemanha, última campeã, e a Suécia, país-sede, completavam os 16 países classificados para o campeonato, logo 55 países se inscreveram para o Mundial. O continente europeu contava com 11 vagas, 9 em disputa, pois Alemanha e Suécia já estavam classificadas. A América do Sul contou com 3 vagas; América do Norte, América Central e Caribe teriam direito a uma vaga e Ásia e África a outra vaga.

A Conmebol dividiu as nove seleções afiliadas em três grupos, cada um com três equipes. Os jogos seriam de ida e volta ao longo de 1957. O Brasil ficou no Grupo 1 e enfrentaria o Peru e a Venezuela. O Grupo 2 foi formado pela Argentina, Bolívia e Chile e o Grupo 3 contaria com Colômbia, Paraguai e Uruguai. O Brasil acabou enfrentando apenas a Seleção do Peru, pois a Venezuela desistiu da disputa.

O primeiro jogo entre brasileiros e peruanos, 13 de abril de 1957, se deu apenas dez dias depois do Brasil ter sido derrotado por 3X0 pela Argentina no Sul-Americano disputado em Lima. A partida contra os peruanos foi extremamente difícil, com os anfitriões inaugurando o placar com Terry ainda no primeiro tempo e Índio empatando o jogo nos minutos iniciais após o intervalo. O resultado final foi um empate em 1X1. A partida de volta, no Maracanã, foi

<sup>139</sup> Idem, *ibidem*, p. 7.

<sup>140</sup> A marchinha “A taça do mundo é nossa”, de Wagner Maugeri, Maugeri Sobrinho, Victor Dago e Lauro Müller, gravada pelo grupo paulista Titulares do Ritmo, cujos seis integrantes eram cegos, tornou-se um dos grandes sucessos musicais de 1958. Ela também foi tema do Brasil nas Copas de 1962 e 1966. Cf. XAVIER, Beto. *Futebol no país da música*. São Paulo, Panda Books, 2009, p.74-75.

disputada no domingo seguinte, no dia 21 de abril. O Brasil não apresentou um bom futebol, mas acabou vitorioso e classificado para o Mundial de 1958 após Didi<sup>141</sup> acertar seu famoso chute denominado “folha seca”.<sup>142</sup>

O caminho da Seleção Argentina foi mais trabalhoso, afinal ela teve que enfrentar o Chile e a Bolívia. No dia 6 de outubro de 1957 os argentinos enfrentaram a Seleção Boliviana e a altitude de La Paz, que naquele momento já preocupava. Apesar de Stábile afirmar que os argentinos estavam preparados para enfrentar os 3.600 metros de altitude, os seus jogadores não suportaram o ritmo imposto pelos donos da casa e acabaram derrotados por 2X0. Porém, a partir daí a Argentina colecionou vitórias. Na semana seguinte, 15 de outubro, realizou outro jogo fora de casa, agora contra o Chile, em Santiago, venceu por 2X0. Os jogos em Buenos Aires ocorreram nos dias 20 e 27 de outubro, contra o Chile e Bolívia respectivamente. Os albicelestes venceram as duas partidas por 4X0 e carimbaram o seu passaporte para a Suécia.

O Mundial da Suécia foi disputado entre os dias 8 e 29 de junho de 1958 e a fórmula de disputa era bastante simples. As dezesseis equipes classificadas foram divididas em quatro

---

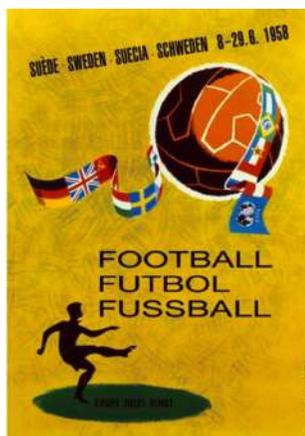
<sup>141</sup> Waldir Pereira – Didi (Campos dos Goytacazes-RJ, 8 de outubro de 1928 – Rio de Janeiro, 12 de maio de 2001). Em virtude da elegância com que jogava que foi denominado nas crônicas de Nelson Rodrigues como o “Príncipe Etíope”. Ele foi um dos maiores meio-campistas do futebol mundial. Didi começou sua carreira em 1947 atuando pelo modesto Rio Branco, do Rio de Janeiro. Suas atuações logo despertaram a atenção de um gigante do futebol carioca, o Fluminense, equipe pela qual jogou entre 1949 e 1956, quando se transferiu para o Botafogo. Entre 1959 e 1960 jogou uma temporada ao lado de Di Stéfano e Puskas no Real Madrid, mas retornou ainda em 1960 para o alvinegro carioca. O atleta alegou que havia sido boicotado na equipe espanhola. Em 1963 jogou pelo Sporting Cristal do Peru e retornou mais uma vez para o Botafogo em 1964. A temporada de 1965-1966 jogou no México no Veracruz e encerrou sua vitoriosa carreira em 1966 no São Paulo. Após “pendurar as chuteiras” foi treinador de futebol e um dos fatos mais importantes que viveu como técnico foi levar a Seleção Peruana para a Copa de 1970, desclassificando a poderosa Argentina em Buenos Aires. Também é dele o primeiro gol do Maracanã, em um amistoso entre seleções do Rio de Janeiro e São Paulo. Foi campeão carioca em quatro oportunidades (1951 – Fluminense, 1957, 1961 e 1962 – Botafogo), Torneio Rio-São Paulo de 1962. Pela Seleção Brasileira ganhou o Campeonato Pan-Americano de 1952, a Taça Atlântico em 1956, quatro Taças Oswaldo Cruz (1955, 1958, 1961 e 1962), duas Taças Bernardo O’Higgins (1955 e 1961) e especialmente duas Copas do Mundo (1958 e 1962). Didi envergou em 68 oportunidades a camisa da Seleção Brasileira marcando 20 gols entre 1952 e 1962. Contra a Argentina participou apenas de três jogos oficiais, com 2 empates e 1 derrota. Cabe ressaltar que os três jogos foram disputados fora do Brasil: os dois empates em Buenos Aires e a derrota em Lima, pelo Sul-Americano de 1957. Ele também tomou parte do combinado carioca que enfrentou os argentinos em 1956, quando também foi derrotado, porém, este jogo não é reconhecido pela CBF como oficial.

<sup>142</sup> Folha Seca é definido por Leonam Penna da seguinte forma: “Tipo de cobrança de tiro livre direto, sobre a barreira, criado por Didi, ainda no Fluminense, nos anos 50. Chutada com a parte externa do pé, próximo ao bico da chuteira, a bola ultrapassa a barreira e, com o efeito dado, cai dentro do gol, dando a impressão de uma folha seca caindo de uma árvore”. Já Newton César de Oliveira Santos afirma que é um chute em que a bola sobe, parecendo que vai passar por cima do travessão, e cai de repente, enganando os goleiros. Cf. PENNA, Leonam. *Dicionário popular de futebol: o ABC das arquibancadas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 109-110. SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 222.

grupos com quatro equipes e as duas melhores de cada grupo iriam disputar a fase seguinte. A partir daí os jogos seriam eliminatórios. A Seleção Argentina ficou no Grupo I e enfrentaria a Alemanha Ocidental, atual campeã mundial; a Irlanda do Norte e a Tchecoslováquia. O Brasil, por sua vez, ficou no Grupo IV e enfrentaria a Áustria, a Inglaterra e a URSS.

A Copa acabou sendo um momento de inflexão, um divisor de águas, tanto para brasileiros quanto para argentinos. Enquanto os últimos, apesar de não contarem com vários jogadores que disputaram, venceram e encantaram no Sul-Americano de 1957, acreditavam que eram os donos do melhor futebol do mundo, obviamente referendados pelos resultados que obtiveram no passado, tais como: o vice-campeonato olímpico e mundial (1928 e 1930 respectivamente), os bons resultados obtidos em amistosos contra seleções europeias e os 11 títulos sul-americanos conquistados. Porém, a decisão da AFA em não convocar jogadores que atuavam no exterior e as contusões de alguns atletas enfraqueceram bastante o selecionado do Prata. Ainda assim, nada indicava a tragédia que ocorreria em alguns dias.

**Figura 12: Pôster da VI Copa do Mundo de Futebol – 1958 – Suécia<sup>143</sup>**



Os brasileiros, com retrospecto bem menos animador, teriam que superar o recente trauma da Copa de 1950 e a desconfiança em relação ao desempenho de seus jogadores que, segundo se acreditava, tremiam nos momentos decisivos. Ou seja, o brasileiro teria que superar, nas palavras de Nelson Rodrigues, o seu “Complexo de Vira-Latas”.

<sup>143</sup> DOENTES POR FUTEBOL. “Copas 1958”. Disponível em: <http://doentesporfutebol.com.br/2013/02/a-arte-dos-cartazes-nas-copas/copas-1958/>. Acessado em: 20 de julho de 2017.

A pura, a santa verdade é a seguinte: – qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: – temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de ‘complexo de vira latas’. Estou a imaginar o espanto do leitor: – ‘O que vem a ser isso?’ Eu explico. Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isso em todos os setores e, sobretudo, no futebol. (...)

Eu vos digo: – o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo.<sup>144</sup>

A Argentina voltou a jogar uma partida de Copa do Mundo, após 24 anos, no dia 8 de junho, contra a Seleção da Alemanha, que defendia o título conquistado quatro anos antes na Suíça. Como os uniformes dos dois selecionados foram considerados parecidos, foi realizado um sorteio para decidir quem deveria trocá-los. Foi a primeira derrota argentina daquele dia, ela teve que abandonar a tradicional albiceleste e enfrentar os alemães envergando a camisa amarela de uma equipe local que tinha o nome da cidade, Malmö. Apesar de marcarem primeiro, por intermédio de Corbatta, os argentinos não resistiram ao ímpeto alemão e acabaram derrotados pelo placar de 3X1, dois gols de Rahn e um de Seeler.<sup>145</sup> A derrota não foi tão desanimadora, afinal, além de terem perdido para a atual campeã do mundo, os argentinos conseguiram, em muitos momentos, equilibrar o jogo.

Na partida seguinte os argentinos enfrentaram a retrancada Irlanda do Norte.<sup>146</sup> A situação se agravou quando os irlandeses, logo no início, inauguram o placar, com McParland. Mas, jogando com disposição, garra e melhor técnica, os sul-americanos conseguiram vencer o jogo por 3X1, gols de Corbatta, Menendez e Avio. A classificação seria decidida na partida contra a Tchecoslováquia. O espião argentino enviado para assistir o jogo entre o futuro adversário e a Alemanha afirmou a Seleção da Tchecoslováquia era muito ruim e que a Argentina

<sup>144</sup> RODRIGUES, Nelson. “Complexo de vira-latas”. In: *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 52. A crônica foi originalmente publicada no periódico *Manchete Esportiva* de 31 de maio de 1958.

<sup>145</sup> Escalação da Seleção Alemã: Herkenrath, Stollenwerk, Juskowiak, Erhardt, Schmidt, Walter, Szymaniak, Eckel, Schaefer, Seeler e Rahn. Escalação da Seleção Argentina: Carrizo, Vairo, Lombardo, Rossi, Dellacha, Varacka, Corbatta, Prado, Cruz, Menendez e Rojas. O árbitro da partida foi o inglês Reg Leaf.

<sup>146</sup> Escalação da Seleção Argentina: Carrizo, Vairo, Lombardo, Rossi, Dellacha, Varacka, Boggio, Corbatta, Avio, Labruna e Menendez. Escalação da Seleção da Irlanda do Norte: Gregg, Cunningham, McMichael, McIlroy, Peacock, Blanchflower, Keith, Bingham, McParland, Coye e Cush. O árbitro da partida foi o sueco Sten R. Ahlner.

ganharia caminhando.<sup>147</sup> A realidade se mostrou muito distinta.

A partida foi disputada no dia 15 de junho de 1958.<sup>148</sup> Para a Argentina obter sua classificação para a fase seguinte, caso a Alemanha não fosse derrotada pela Irlanda do Norte, bastava o empate.<sup>149</sup> Porém, a Tchecoslováquia foi implacável e goleou por 6X1 os argentinos, até hoje a maior derrota do país nos mundiais. O primeiro tempo terminou com a vantagem da equipe Tcheca por 3X0, gols de Milan Dvorak (1) e Zdenek Zikan (2). Aos 15 minutos da etapa final, os argentinos ganharam alguma esperança ao diminuir o placar por intermédio de Corbatta de pênalti. Porém, quatro minutos depois, os tchecos marcaram o quarto gol por intermédio de Jirí Feureisl. No terço final da partida mais dois gols de Vaclav Hovorka. A Argentina, desmoralizada, retornava para casa em último lugar em seu grupo.

A recepção da torcida argentina em Buenos Aires mostrou todo o desagrado e decepção com a campanha. Os jogadores foram recebidos em Ezeiza, aeroporto de Buenos Aires, com uma chuva de moedas, mesmo sendo custodiados por 250 policiais. Como ressaltou Osvaldo Bayer: “Centenas de torcedores os esperavam para agredi-los”.<sup>150</sup> Ele ainda ressaltou que alguns meios de comunicação “acusavam os jogadores argentinos até mesmo de falta de masculinidade”.<sup>151</sup>

Dante Panzeri, escrevendo para El Gráfico, responsabilizou todos os setores pela derrota argentina: dirigentes, jornalistas, jogadores e torcedores. Para ele, os argentinos tinham o melhor jogo do mundo, mas que não deveria ser confundido como o melhor futebol do mundo, que, segundo ele, os argentinos nunca alcançaram. Para alcançar tal nível era preciso que o futebol argentino jogasse de forma séria. “Jogar se sabe muito aqui, tanto como qualquer um. O que ainda não se aprendeu – e permanece ensiná-lo – é jogar seriamente”.<sup>152</sup>

<sup>147</sup> CLARÍN. *Argentina Mundial: historia de la Selección 1902/2002*. Buenos Aires: Clarín, 2002, p. 43.

<sup>148</sup> Escalação da Seleção Argentina: Carrizo, Dellacha, Vairo, Lombardo, Rossi, Varacka, Corbatta, Avio, Menéndez, Labruna e Cruz. Escalação da Seleção da Tchecoslováquia: Dolejsi, Mraz, Popluhar, Novak, Dvorak, Masopust, Hovorka, Boravicka, Molnar, Feureisl e Zikan. O árbitro da partida foi o inglês Arthur Ellis.

<sup>149</sup> O resultado foi Alemanha 2X2 Irlanda do Norte. Tchecoslováquia e Irlanda terminaram empatadas com o mesmo número de pontos e o classificado para a fase seguinte foi determinado após uma partida de desempate na qual a Irlanda venceu por 2X1.

<sup>150</sup> BAYER, Osvaldo. op. cit., p. 79.

<sup>151</sup> Idem ibidem, p. 79.

<sup>152</sup> EL GRÁFICO, 11 de julho de 1958, p. 31.

Borocotó trouxe para a discussão, já em 1958, um aspecto que ainda habita os estádios sul-americanos, a violência. O cronista a responsabilizou como um dos motivos para o fracasso do futebol argentino na Copa da Suécia. “Vivemos no país das agressões. São contra dirigentes, contra jornalistas, contra os próprios jogadores do clube”.<sup>153</sup> Ressaltou a impossibilidade das senhoras e famílias assistirem, no estádio, a uma partida de futebol, pois podem receber, dos que estão colocados acima, sacos de urina ou serem atingidos por um projétil atirado pelos torcedores.<sup>154</sup>

A má conduta dos jogadores foi apontada pela AFA como um dos motivos para o fracasso, no entanto, desculpas mais estapafúrdias também foram dadas pelos dirigentes, por exemplo, a carne argentina, que deveria ser servida aos jogadores, não ter chegado à Suécia com a devida antecedência.<sup>155</sup>

Dois aspectos devem ser mencionados após o fracasso dos argentinos na Suécia. O primeiro é que nem tudo foi em vão, a derrota gerava ensinamentos, especialmente pelo reconhecimento da importância da preparação física dos atletas. Segundo Silvio Marzolini: “O Mundial da Suécia foi um fracasso total para a Argentina, porém acredito que marca uma mudança importante no nosso futebol porque se começa a reconhecer o significado da preparação atlética”.<sup>156</sup> Trilhando o mesmo caminho, logo após a derrota para a Tchecoslováquia, Borocotó escreveu:

A lição é dura, até cruel (afinal uma derrota por 6 a 1 é arrasadora), porém há razões positivas no desastre, razões para extrair benefícios. Os jogadores argentinos vivem do futebol, porém são poucos, muito poucos, que vivem para o futebol. Que é outra coisa. Não se submetem, não se prestam a preparação física rigorosa. Não vivem para o futebol. Não são como os alemães, que às 9 da manhã do outro dia estavam treinando novamente, enquanto os argentinos dormiam.<sup>157</sup>

O outro aspecto, que também se vincula ao primeiro, afinal o Brasil se preparou de

---

<sup>153</sup> Idem, ibidem, p. 36.

<sup>154</sup> Idem, ibidem, p. 36.

<sup>155</sup> Idem, ibidem, p. 31.

<sup>156</sup> BAYER, Osvaldo. op. cit., p. 80.

<sup>157</sup> EL GRÁFICO, 20 de junho de 1958, p. 4.

forma adequada fisicamente para o Mundial, é vê-lo como o modelo a ser copiado, discurso que se intensificou após a conquista na Suécia e posteriormente no Chile (1962), pois o país havia entrado na corrente moderna do futebol, entendido por Borocotó como um futebol praticado com velocidade: “Porém, há que extrair benefícios, fazer como os brasileiros, entrar no que chamamos ‘corrente moderna’”.<sup>158</sup>

Se para a Argentina o divisor de águas foi bastante amargo, o mesmo não se pode afirmar para o futebol brasileiro. Iniciava-se a mística da camisa amarela. Se o retrospecto recente não era nada animador, dessa vez a organização prevaleceu. João Havelange foi eleito presidente da CBD em janeiro de 1958. De imediato nomeou Paulo Machado de Carvalho para comandar a delegação brasileira que jogaria o Mundial. Também foi escolhido o técnico, Vicente Feola. Em maio, o Brasil realizou quatro partidas oficiais, duas contra o Paraguai, em disputa a Taça Osvaldo Cruz. No primeiro jogo, no Maracanã, a Seleção Brasileira venceu por 5X1 e no jogo segundo jogo, no Pacaembu, um empate sem gols. Na semana seguinte, nos dias 14 e 18 de maio, enfrentou por duas vezes a Seleção Búlgara, duas vitórias, por 4X0 e 3X1 respectivamente.

A partida do dia 18 de maio também marcou o primeiro jogo em que Pelé e Garrincha atuaram juntos pela Seleção Brasileira. Curiosamente, 8 anos depois, na Copa do Mundo da Inglaterra (1966), a última partida que os dois atletas jogaram juntos pelo Brasil foi contra o mesmo adversário, a Bulgária. Vitória brasileira por 2X0.<sup>159</sup>

Ainda na preparação realizou confrontos, que não são considerados oficiais pela FIFA, contra clubes, venceu em maio o Corinthians (SP) por 5X0, no dia 21 de maio.<sup>160</sup> e, já na Itália, país no qual fez uma escala antes de chegar à Suécia, venceu no dia 29 de maio a

<sup>158</sup> Idem, 11 de julho de 1958, p. 40.

<sup>159</sup> O Brasil jamais perdeu quando Pelé e Garrincha atuaram juntos. Foram 40 jogos: 36 vitórias e 4 empates. Cf. CBF. “Seleção Brasileira jamais perdeu com Garrincha e Pelé”. Disponível em: <http://selecao.cbf.com.br/noticias/brasil-57/selecao-brasileira-jamais-perdeu-com-garrincha-e-pele>. Acessado em: 19 de julho de 2017.

<sup>160</sup> Algumas fichas datam o jogo em 18 de maio (quarta-feira), porém dois problemas se apresentam: Este foi um domingo e, mais importante, nele a Seleção Brasileira enfrentou a Seleção da Bulgária. O dia 21 de maio, uma quarta-feira, é apresentado com a data da partida na obra produzida por Antonio Carlos Napoleão. A data também não se choca com o desembarque brasileiro na Itália, em seu caminho para Suécia, que ocorreu no dia 25 de maio de 1958. Em relação a data do jogo contra o Corinthians: Cf. NAPOLEÃO, Antonio Carlos. *Seleção Brasileira: 1914-2006*. Rio de Janeiro: Mauá X, 2006, p. 279.

Fiorentina<sup>161</sup> e dois dias depois, 1º de junho, a Internazionale, ambas por 4X0.

O Brasil realizou sua estreia no torneio no dia 8 de junho<sup>162</sup> e Garrincha, Pelé e Zito estavam no banco.<sup>163</sup> A partida foi muito mais difícil e disputada do que o placar indica e Gilmar, goleiro brasileiro, foi um dos destaques da equipe. Apesar da dificuldade apresentada, especialmente no primeiro tempo, a defesa austríaca foi superada aos 37 minutos, o gol brasileiro foi marcado por Mazzola. Ao iniciar o segundo tempo, aos 4 minutos, Nílton Santos, marcou o segundo gol da seleção<sup>164</sup> e, no minuto final, Mazzola, novamente, deu números finais ao placar.

A partida seguinte, no dia 11 de junho, era contra os “inventores do futebol”, a Inglaterra. Pelé e Garrincha ainda no banco. Um frustrante empate sem gol, o primeiro 0X0 em Copas do Mundo, apesar do Brasil ter realizado uma boa apresentação.<sup>165</sup> O placar também complicava o futuro da equipe canarinho na competição. Brasil e União Soviética estavam

---

<sup>161</sup> Essa partida marca um dos casos curiosos, folclóricos e muitas vezes exagerados sobre Garrincha. “O Brasil já ganhava por 3X0, mas o quarto gol, que foi o de Garrincha, aos trinta minutos do segundo tempo, sangrou a Fiorentina até a morte. Garrincha transformou os italianos em soldadinhos de cartas, um derrubando o outro à sua passagem. Robotti foi o primeiro que ele driblou. Magnini apareceu para ajudar Robotti e também foi driblado. Cervato veio ajudar Magnini e foi igualmente driblado. O goleiro Sarti abandonou a meta para enfrentar Garrincha e também fintado. Com o gol vazio, Garrincha poderia ter chutado, mas Robotti conseguira voltar para combatê-lo. Garrincha tirou-o da jogada com um drible de corpo e Robotti teve de segurar-se na trave para não cair. Garrincha, então, apenas caminhou com a bola até dentro do gol. (...) Não houve pirâmide humana sobre Garrincha. Nem mesmo um montinho. Apenas gritos dos outros jogadores contra ele. Com o silêncio no estádio, os italianos, estupefatos pelo gol, devem ter imaginado que os gritos para Garrincha eram de vibração. Se entendessem português, saberiam que era o contrário: quase todo o time estava furo com ele. Bellini, por exemplo: ‘Isso é Copa do Mundo, porra!’. (...) Seu gol de placa contra a Fiorentina não lhe rendera grande ibope. Mas, ao contrário do que se escreveria anos depois, sua permanência na seleção não foi abalada por causa daquilo. A ira de Nascimento e dos jogadores fora coisa de momento, no calor do jogo”. Cf. CASTRO, Ruy. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 143.

<sup>162</sup> Todas as partidas da primeira rodada do Mundial foram disputadas às 19 horas do dia 8 de junho de 1958.

<sup>163</sup> Escalação da Seleção Austríaca: Szanwald, Halla, Happel, Swoboda, Hanappi, Koller, Horak, Senekowitsch, Buzek, Komer e W. Schleger. Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, De Sordi, Bellini, Orlando, Nílton Santos, Dino Sani, Didi, Joel, Mazzola, Dida e Zagallo. O árbitro da partida foi o francês Maurice Guigue.

<sup>164</sup> O gol marcado por Nílton Santos teria originado o mito segundo o qual Feola, treinador da Brasil, teria gritado para o jogador não avançar, ou seja, continuar guarnecendo sua defesa. Porém, Feola sabia que nas subidas de Nílton Santos, Zagallo lhe dava cobertura e isso permitia ao técnico, conforme as circunstâncias oferecidas pela partida, alterar o esquema tático de um 4-2-4 (como atuava a maioria das seleções da época) para um 4-3-3, reforçando dessa forma a marcação com um jogador a mais no meio de campo. Sendo assim, a subida do lateral brasileiro não era uma jogada inusitada como o mito dá a entender. A versatilidade de Zagallo, sua capacidade de voltar para marcar, é que o fez titular da Seleção Brasileira, afinal ele era um jogador mais limitado tecnicamente que os seus dois concorrentes direto para a vaga, Pepe e Canhoteiro, jogadores do Santos e São Paulo respectivamente. Canhoteiro foi inclusive cortado da lista de jogadores que disputariam o Mundial, cedendo seu lugar para Zagallo.

<sup>165</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, De Sordi, Bellini, Orlando, Nílton Santos, Dino Sani, Didi, Joel, Mazzola, Vavá e Zagallo. Escalação da Seleção Inglesa: McDonald, Howe, Billy Wright, Banks, Clamp, Slater, Douglas, Robson, Kevan, Haynes e A’Court. O juiz foi o alemão Albert Dusch.

liderando o grupo com 3 pontos e a Inglaterra vinha logo atrás com 2 pontos. A Áustria, que havia perdido os seus dois jogos, não tinha pontuado e já estava desclassificada da competição. Para não depender do resultado entre Inglaterra e Áustria, que terminou em 2X2,<sup>166</sup> o Brasil precisava vencer a temível União Soviética, com seu alardeado futebol científico, medalhista de ouro nas últimas Olimpíadas e que contava com a liderança do incrível goleiro Lev Yashin, o “Aranha Negra”.

Feola, com o objetivo de cansar os considerados “super-homens” soviéticos, decidiu escalar um ataque rápido e que deveria pressionar o adversário desde os primeiros minutos. Para isso decidiu colocar na equipe Pelé, Garrincha e Zito, no lugar de Mazzola, Joel e Dino Sani respectivamente. Neste momento, cabe uma observação e o reparo a mais um mito do futebol brasileiro, segundo Max Gehringer, a escalação de Pelé e Garrincha não foi fruto da pressão exercida por Bellini, Nilton Santos e Didi, mas uma decisão do próprio treinador.<sup>167</sup>

Brasileiros e soviéticos se enfrentaram em Gotemburgo no dia 15 de junho.<sup>168</sup> A partida deixou atônitas e encantadas as aproximadamente 51 mil pessoas que a assistiam no estádio e completamente pasmos e assombrados os soviéticos. Garrincha, desde o início, levou pânico a defesa adversária e, nos considerados três minutos mais sensacionais de todos os tempos do futebol, o Brasil já aos 40 segundos havia jogado a bola na trave de Yashin, com Garrincha. Os soviéticos tentaram avançar, mas perderam a bola, Garrincha partiu novamente para cima de seus marcadores e cruzou para Pelé acertar o travessão, até que, finalmente aos 3 minutos, Vavá

---

<sup>166</sup> O empate inglês e a derrota soviética obrigou a realização de uma partida extra entre os dois selecionados, que terminaram com 3 pontos, para saber quem avançaria no mundial. O jogo foi disputado no dia 17 de junho de 1958 com vitória da URSS por 1X0.

<sup>167</sup> GEHRINGER, Max. *A saga da Jules Rimet: a história das copas de 1930 a 1970*. Revista Placar. São Paulo, fascículo 6 (1958 Suécia). Feola havia pensado em escalar Garrincha para a partida contra os ingleses, pois desejava contar com um time mais ofensivo do que o da estreia, porém foi dissuadido por Ernesto Santos, profissional que assistia os adversários e passava as informações à comissão técnica brasileira. Ele destacou que o lateral inglês, Slater, era um jogador extremamente violento e que um ponta que fosse enfrentá-lo fatalmente seria atingido, poderia se contundir e ficar de fora do restante do campeonato. Dessa forma, Joel, que buscava mais o meio e com isso evitaria o embate, foi mantido na equipe. A previsão de Ernesto Santos não era errônea, no segundo tempo, Joel, em uma tentativa de drible, recebeu uma pancada do marcador e saiu de campo, ao fim da partida, sentindo muitas dores.

<sup>168</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, De Sordi, Bellini, Orlando, Nilton Santos, Zito, Didi, Garrincha, Vavá, Pelé e Zagallo. Escalação da Seleção Soviética: Yashin, Kersariev, Krizhevski, Kuznietsov, Voinov, Tsarev, A. Ivanov, Val Ivanov, Simoniam, Igor Netto e Ilyin. O árbitro da partida foi o francês Maurice Guigue.

abriu o placar.<sup>169</sup> O jornalista Gabriel Hannot, do L'Equipe, diário esportivo francês, classificou como: “os maiores três minutos da história do futebol”.<sup>170</sup> A narração realizada de Ney Bianchi reproduzida por Ruy Castro dos três primeiros minutos de partida mostra com vivacidade o feito da Seleção Brasileira e merece ser descrita na íntegra.

*Monsieur Guigue, gendarme*, nas horas vagas, ordena o começo da partida. Didi centra rápido para a direita: 15 segundos de jogo. Garrincha escora a bola com o peito do pé: 20 segundos. Kuznetzov parte sobre ele. Garrincha faz que vai para a esquerda, não vai, sai pela direita. Kuznetzov cai e fica sendo o primeiro *João da Copa do Mundo*: 25 segundos. Garrincha dá outro drible em Kuznetzov: 27 segundos. Mais outro: 30 segundos. Outro. Todo o estádio levanta-se. Kuznetzov está sentado, espantando: 32 segundos. Garrincha parte para a linha de fundo. Kuznetzov arremete outra vez, agora ajudado por Voinov e Krijveski: 34 segundos. Garrincha faz assim com a perna. Puxa a bola para cá, para lá e sai de novo pela direita. Os três russos estão esparramados na grama, Voinov com o assento empinado para o céu. O estádio estourou de riso: 38 segundos. Garrincha chuta violentamente, cruzado, sem ângulo. A bola explode no poste esquerdo da baliza de Iashin e sai pela linha de fundo: 40 segundos. A platéia delira. Garrincha volta para o meio do campo, sempre desengonçado. Agora é aplaudido.

A torcida fica de pé outra vez. Garrincha avança com a bola. *João Kuznetzov* cai novamente. Didi pede a bola: 45 segundos. Chuta de curva, com a parte de dentro do pé. A bola faz a volta ao lado de Igor Netto e cai nos pés de Pelé. Pelé dá a Vavá: 48 segundos. Vavá a Didi, a Garrincha, outra vez Pelé, Pelé chuta, a bola bate no travessão e sobe: 55 segundos. O ritmo do time é alucinante. É a cadência de Garrincha. Iashin tem a camisa empapada de suor, como se já jogasse há várias horas. A avalanche continua. Segundo após segundo, Garrincha dizima os russos. A histeria domina o estádio. E a explosão vem como gol de Vavá, exatamente aos três minutos<sup>171</sup>

Apesar do Brasil só ter feito o segundo e derradeiro gol aos 32 minutos da etapa final, novamente com Vavá, classificando-se para a próxima etapa do torneio, o bombardeio inicial, se por um lado encantou o público presente, desmoralizou o soviéticos e seu “futebol científico” que em momento algum ameaçou a Seleção Brasileira. Segundo o Jornal do Brasil:

Depois do bombardeio inicial, feito pela vanguarda brasileira, notava-se na fisionomia dos jogadores da C. C. C. P. uma máscara provocada pela surpresa que gerava desânimo. Daí por diante nada mais se viu na científica seleção

<sup>169</sup> Algumas jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. FIGURA2000. “Os 3 minutos mais incríveis da história do futebol”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ojLKzLuvni8>. Acessado em: 20 de julho de 2017.

<sup>170</sup> Cf. FARIAS, Airton de. op. cit., p. 255. LEITE, Milton Rodrigues. *As melhores Seleções Brasileiras de todos os tempos*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 27.

<sup>171</sup> BIANCHI, Ney apud CASTRO, Ruy. op. cit., p. 164.

soviética. Todos os planos, relatórios e esquemas feitos com o intuito de derrotar a seleção brasileira caíram por terra ante a improvisação de um Didi e de um Garrincha, a impetuosidade de um Vavá e o trabalho eficiente de um Zagalo. De nada adiantou a constante espionagem de Katchalin e Yakouchin (técnicos russos) nos nossos treinamentos em Híndas.<sup>172</sup>

Pelé teria sido, segundo o periódico, o único jogador do ataque que não se destacou durante a partida “por estar ainda receoso de sua contusão”.<sup>173</sup> Em relação à empatia entre Garrincha e a torcida o jornal também foi categórico:

O público sueco presente ao estádio de Gotemburgo não se cansou de aplaudir o quadro brasileiro e principalmente Garrincha, que parecia jogar para a platéia. Seu trabalho dentro da peleja foi de grande utilidade para nossa seleção. A desmoralização a Kounestsov refletiu em todo o quadro soviético, no qual poucos nomes podemos destacar.<sup>174</sup>

O adversário das quartas-de-final foi conhecido no dia seguinte à partida contra os soviéticos, o ultradefensivo País de Gales, que, no jogo do dia 19 de junho, reforçou ainda mais a marcação após tomar conhecimento da “destruição” provocada por Garrincha contra os soviéticos.<sup>175</sup> A tática galesa foi bem sucedida no primeiro tempo, apesar de não ameaçar o gol de Gilmar, que não precisou fazer nenhuma defesa, o Brasil também não havia balançado as redes de seu adversário.

A partida ficou mais equilibrada no segundo tempo com a pressão exercida pelo selecionado europeu, mas o Brasil voltou a dominar o confronto a partir dos 15 minutos e onze minutos depois Garrincha lançou a bola da direita para a área, Didi resvalou de cabeça conscientemente na direção de Pelé que, de costas para o gol e com um marcador próximo, com um toque inusitado e já girando em direção do gol, a bola fez uma pequena parábola, passou pelo seu marcador, o jovem atleta brasileiro deixou-a tocar no chão para chutá-la, com o bico da

---

<sup>172</sup> JORNAL DO BRASIL, 17 de junho de 1958, p. 1 (Caderno 2).

<sup>173</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>174</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>175</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, De Sordi, Bellini, Orlando, Nilton Santos, Zito, Didi, Garrincha, Mazzola, Pelé e Zagallo. Escalação da Seleção do País de Gales: Kelsey, Williams, Hopkins, Sullivan, Charles, Bowen, Medwin, Hewitt, Webster, Allchurch e Jones. O árbitro da partida foi o austríaco Friedrich Seipelt.

chuteira, para o fundo do gol. Brasil 1X0.<sup>176</sup> Classificado para as semi-finais. O primeiro gol de Pelé em Mundiais. “Surgia o símbolo da ‘camisa 10’”<sup>177</sup> e o escrete classificado para enfrentar a poderosa Seleção Francesa pelas semifinais.

A França era, juntamente com o Brasil, uma das sensações da Copa. Nos quatro jogos que disputou havia marcado 15 gols, o que lhe credenciava como o ataque mais positivo do campeonato. No seu quadro, dois jogadores se destacavam: Raymond Kopa e Just Fontaine, este, com seus 13 gols, é até hoje o maior artilheiro de um Mundial, mais que o dobro dos dois segundos colocados: Pelé e Rahn (Alemanha) com 6 gols cada. Curiosamente era o embate entre o melhor ataque contra a melhor defesa, a meta brasileira ainda não havia sido vazada.

Brasil e França foi considerada a melhor partida do Mundial e para alguns analistas era uma final antecipada.<sup>178</sup> Desde o início, a emoção foi a tônica. Logo aos 2 minutos, Didi lançou Vavá que chutou forte e abriu o marcador. Mas, sete minutos depois, Fontaine empataria a partida, após receber lançamento no meio da zaga brasileira e driblar Gilmar na saída do gol. Aos 35 minutos um acontecimento facilitou o caminho da Seleção Brasileira. O defensor e capitão de sua equipe, Jonquet, fraturou a fíbula depois da dividida com Vavá, como em Copas do Mundo as substituições não eram autorizadas, só foram a partir de 1970, o francês ainda tentou continuar em campo, contudo sem suportar as dores, deixou o jogo. Se resultado ou não da contusão de Jonquet, o certo é que Didi, aos 39 minutos, acertou seu famoso “folha seca”, indefensável. O Brasil foi para o intervalo vencendo por 2X1.

Com a vantagem no placar e um jogador a mais, a Seleção Brasileira voltou ainda melhor no segundo tempo. Garrincha estava infernal e Pelé marcou simplesmente três gols, aos 7 aos 19 e aos 30 minutos. A França ainda descontou aos 38 minutos por intermédio de Piantoni.

---

<sup>176</sup> Algumas jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOS DO BRASIL. “Copa 1958: Brasil 1X0 País de Gales”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ksQhtfqUiXI>. Acessado em: 20 de julho de 2017.

<sup>177</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 226.

<sup>178</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, De Sordi, Bellini, Orlando, Nilton Santos, Zito, Didi, Garrincha, Vavá, Pelé e Zagallo. Escalação da Seleção Francesa: Abbes, Kaelbel, lerond, Penverne, Jonquet, Marcel, Wisnieski, Kopa, Fontaine, Piantoni e Vincent. O árbitro da partida foi o galês Benjamin Griffiths.

Ao apito final, o placar registrava Brasil 5X2 França.<sup>179</sup> Após a partida, o goleiro francês, Abbes, afirmou: “Eu preferiria jogar contra dez alemães do que contra um único brasileiro”.<sup>180</sup> A Seleção Brasileira jogaria uma nova final de Copa do Mundo, enfrentaria os donos da casa, a Seleção da Suécia que derrotara a forte e então campeã, a Alemanha Ocidental, de virada, por 3X1.<sup>181</sup>

Ao contrário do que havia ocorrido em 1950, a comissão técnica brasileira blindou os jogadores, especialmente em relação à imprensa com o seu ufanismo e confiança exacerbada que, em caso de derrota, se transformava em uma verdadeira caça às bruxas. Dessa forma os atletas ficaram concentrados e deram poucas declarações antes da partida contra a Suécia.

A comissão técnica tratou de esconder os jogadores na concentração, para fugir do assédio da imprensa brasileira, ávida por arrancar algumas palavras dos “campeões do mundo”. Paulo Machado de Carvalho, Carlos Nascimento e Vicente Feola estavam decididos a impedir o que tinha acontecido em 1950, quando a concentração de São Januário virou quermesse, e em 1954, quando os jogadores brasileiros mais falaram às emissoras de rádio do que jogaram bola.<sup>182</sup>

Na véspera da grande final, sábado, em Gotemburgo, a França venceu uma desmotivada Alemanha por 6X3. Fontaine se consolidou como o artilheiro da competição marcando quatro vezes na partida. Esta foi a única Copa disputada pelo atacante francês, que em virtude de graves contusões, encerrou prematuramente sua carreira, em 1962, com apenas 29 anos.

O Brasil, muito em virtude do fracasso de 1950, estava extremamente ansioso e temia confirmar a máxima de sempre falhar nas horas importantes. Para aumentar o medo dos supersticiosos brasileiros,<sup>183</sup> as duas seleções jogavam com camisas amarelas. No sorteio, a primeira vitória sueca, coube a eles o privilégio de atuar com o primeiro uniforme. O Brasil

<sup>179</sup> Algumas jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOS DO BRASIL. “Copa 1958: Brasil 5X2 França”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OSyosq-Lowk>. Acessado em: 20 de julho de 2017.

<sup>180</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., v. 1, p. 257.

<sup>181</sup> Os alemães reclamaram bastante da arbitragem do jogo contra a Suécia, afinal um dos gols da equipe da casa foi marcado após um claro toque de mão, além disso, os alemães tiveram um jogador expulso em um revide.

<sup>182</sup> GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 128.

<sup>183</sup> “(...) a seleção era supersticiosa, a começar pela chefia. Paulo Machado de Carvalho embarcara no Brasil com um terno marrom. A seleção começara a ganhar e, desde então, ele só tirava do corpo para dormir. Às vezes os jogadores pensavam ver o terno andando sozinho nas madrugadas de Hindas”. Cf. CASTRO, Ruy. op. cit., p. 172.

deveria escolher entre o branco, verde ou azul, cores oficiais do selecionado. A ideia inicial era usar o branco, o que “gelou” especialmente os jogadores mais experientes. Era a cor utilizada contra o Uruguai em 1950. Catastrófica derrota!

Quem deu a solução ao problema foi Paulo Machado de Carvalho, chefe da delegação, ao decidir que o Brasil jogaria de azul, “a cor do manto de Nossa Senhora Aparecida”. O preparador físico, José de Almeida, reforçou tal ideia lembrando que das cinco Copas já disputadas, em quatro delas os selecionados que jogaram de azul sagraram-se vitoriosos: o Uruguai em 1930 e 1950 e a Itália em 1934 e 1938. Dessa forma, os jogadores ficaram um pouco mais tranquilos e o azul foi a cor escolhida.

Definida a cor, Ruy Castro conta saborosamente a questão de adquirir as camisas:

O azul foi aprovado, só faltavam as camisas. O Brasil trouxera quase mil quilos de material, incluindo centenas de camisas amarelas, brancas, verdes e até azuis. Mas estas já tinham sido suadas nos treinamentos, e não ficava bem jogar uma final de Copa do Mundo com camisas usadas. Mário Trigo e Adolpho Marques ofereceram-se para ir comprá-las no comércio de Estocolmo – Trigo, para escolher a cor certa e o modelo; Marques, para enfiar a mão no bolso e pagar. As camisas foram encontradas e Mário Américo e Assis passaram a manhã de sábado arrancando os escudos e os números das camisas amarelas e costurando-os nas azuis.<sup>184</sup>

Brasil e Suécia entraram juntos em campo no estádio Rasunda, em Estocolmo, para 49.737 espectadores, na tarde de 29 de junho de 1958.<sup>185</sup> A maior parte deles acreditava na vitória da Suécia, uma equipe bem preparada fisicamente, disciplinada, rápida e que tocava a bola com muita precisão. Mesmo sendo considerado um bom time, apresentava uma defesa frágil e nos dois confrontos anteriores entre brasileiros e suecos, que coincidentemente ocorreram em Copas do Mundo, o Brasil havia vencido.<sup>186</sup>

O jogo começou em ritmo lento, mas o Brasil dava sinais de nervosismo e a Suécia se

<sup>184</sup> Idem, *ibidem*, p. 172 e 173.

<sup>185</sup> Escalação da Seleção Sueca: K. Svensson, Bergmark, Axbom, Reino Borjesson, Gustavsson, Parling, Hamrin, Gren, Simonsson, Liedholm e Skoglund. Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, Djalma Santos, Bellini, Orlando, Nilton Santos, Zito, Didi, Garrincha, Vavá, Pelé e Zagallo. O árbitro da partida foi o francês Maurice Guigue.

<sup>186</sup> Copa do Mundo de 1938: Brasil 4X2 Suécia e Copa do Mundo de 1950: Brasil 7X1 Suécia.

aproveitou da situação logo aos 4 minutos abrindo a contagem para delírio da torcida local. O gol foi marcado por Liedholm após dois dribles curtos sobre dois marcadores e um chute forte no canto direito de Gilmar. Coube a Didi acalmar os ânimos:

Bellini recolheu a bola no fundo do gol e a deu a Didi. Didi segurou-a contra o quadril e voltou caminhado com ela para o centro do campo. Veio devagar de propósito, para tranquilizar os companheiros, dizendo: “Não foi nada, pessoal. Vamos encher esses gringos”.<sup>187</sup>

Didi parecia profetizar o que ocorreria no restante da partida. A vantagem sueca durou apenas 5 minutos. Garrincha, em mais uma tarde inspirada, foi para a linha de fundo e cruzou rasteiro dentro da área, Vavá<sup>188</sup> empurrou para dentro do gol aos 9 minutos. A partir daí o domínio brasileiro foi completo. Em jogada idêntica ao gol de empate, novo cruzamento de Garrincha e gol de Vavá, aos 32 minutos. O primeiro tempo terminava com a vantagem brasileira por 2X1.

O segundo tempo assistiu ao amplo domínio do Brasil. Aos 10 minutos um gol antológico de Pelé. Nilton Santos lançou a bola da ponta esquerda para a área sueca, Pelé se antecipou ao marcador, amorteceu no peito, deu um chapéu em Gustavsson e chutou, sem deixar a bola tocar no chão, para fazer o terceiro gol do Brasil. Aos 23 minutos Zagallo ampliaria o placar. A Suécia voltou a sonhar, aos 35 minutos, com um gol de Simonsson. Porém, seria o Brasil, aos 45 minutos que determinaria o placar final. Pelé de cabeça, após cruzamento de Zagallo pela esquerda deu números finais para o embate. Brasil 5X2 e Campeão do Mundo de

---

<sup>187</sup> CASTRO, Ruy. op. cit., p. 176.

<sup>188</sup> Edvaldo Izídio Neto – Vavá (Recife, 12 de novembro de 1934 – Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 2002). Atacante brigador, oportunista e com ótima colocação dentro da área. Foi apelidado de “Peito de Aço” pela forma briosa de atuar. Iniciou a carreira em 1948 no América-PE e no mesmo ano jogou no folclórico Íbis. No ano seguinte, 1949, passou a atuar no Sport. Dois anos depois se transferiu para o Vasco da Gama, equipe que defendeu até 1958. Na equipe carioca fez fama e conquistou três títulos cariocas (1952, 1956 e 1958), além do Torneio Rio-São Paulo (1958). Em virtude do sucesso obtido na Copa do Mundo na Suécia foi comprado pelo Atlético de Madrid, equipe que defendeu por três anos, conquistou duas Copas do Rei (1960 e 1961). Em 1961 retornou ao Brasil e defendeu até 1964 o Palmeiras. Foi campeão paulista em 1963. Entre 1964 e 1967 atuou no América do México. Já no final da carreira, foi atleta do San Diego Toros, dos Estados Unidos, em 1968 e no ano seguinte, 1969, encerrou a carreira na Portuguesa-RJ. Atuou em 23 partidas pela Seleção Brasileira e marcou 14 gols. O índice de aproveitamento do Brasil com Vavá em campo é excelente: foram 19 vitórias, 3 empates e 1 derrota, ou seja, o Brasil venceu 82,6% das partidas em que Vavá atuou. Defendendo seu país ele conquistou a Taça Oswaldo Cruz (1955, 1958 e 1962) e foi bicampeão mundial (1958 e 1962). O atleta marcou 9 gols em Copas do Mundo. Ele é o único jogador a ter marcado gols em duas finais de Mundiais consecutivas. Enfrentou a Seleção da Argentina em uma única oportunidade e foi sua única derrota defendendo o Brasil.

Futebol.<sup>189</sup> O Brasil, com esse título, ainda é, até o momento (2018), a única equipe não europeia a vencer uma Copa no Velho Mundo.<sup>190</sup>

**Figura 13: Seleção Brasileira campeã em 1958<sup>191</sup>**



Os argentinos também ficaram maravilhados com o futebol praticado pelo Brasil. Borocotó afirmou que em campeonatos curtos, como a Copa do Mundo, não necessariamente a melhor equipe se sagra vencedora, mas não foi o que ocorreu em 1958, quando o Brasil venceu merecidamente a competição. Ele ressaltou a organização, dentro e fora do campo da delegação brasileira, contrastando obviamente com os problemas vivenciados pelo selecionado de seu país. Ressaltou a alta qualidade do futebol apresentado por excelente preparo físico e pela força do conjunto. O Brasil, segundo ele, conseguiu unir a habilidade dos jogadores sul-americanos com a organização e qualidade física dos europeus.

Jogaram todos para o triunfo da equipe com qualidade amparada por um louvável espírito de luta; não houve estrelas reluzentes, porém sim bons valores, todos bons. Seu futebol foi muito brasileiro na arte de jogar bola e muito europeu em todos os demais aspectos. O Brasil correu mais veloz e saltou mais alto que qualquer outro, porém fez tudo isso jogando. Ninguém jogou melhor ou

<sup>189</sup> Há vários filmes disponibilizados no YouTube com os melhores momentos da partida, porém, há ainda a possibilidade de assisti-la na íntegra. Cf. CIRURGIÃO Vídeos. “Final da Copa do Mundo de 1958: Brasil vs Suécia (Jogo Completo)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9X5UfZfhktU>. Acessado em 21 de julho de 2017.

<sup>190</sup> Até 2010, apenas o Brasil havia vencido Copas em outros continentes: em 1958 na Suécia e em 2002 na Copa da Coreia e Japão. A partir daí a escrita foi quebrada com a Espanha em 2010, na África do Sul e a Alemanha em 2014, no Brasil.

<sup>191</sup> Parte superior esquerda: Feola (técnico), Djlama Santos, Zito, Bellini, Nilton Santos, Orlando e Gilmar. Agachados: Garrincha, Didi, Pelé, Vavá e Zagallo. CBF. “Brasil é campeão mundial em 29 de junho de 1958”. Disponível em: <http://selecao.cbf.com.br/noticias/selecao-masculina/brasil-e-campeao-mundial-em-29-de-junho-de-1958-na-copa-do-mundo-da-suecia>. Acessado em 21 de julho de 2017.

com mais prazer.<sup>192</sup>

Ainda na edição de 4 de julho há outra importante matéria escrita Borocotó. Nela, o jornalista ressaltou, buscando explicar o êxito brasileiro na competição, a organização com que o Brasil se preparou para a Copa do Mundo. Para o cronista, o ponto de partida foi o jogo contra a Argentina em São Paulo em julho de 1957, quando os donos da casa venceram por 2X0 no tempo normal e empataram na prorrogação, mantendo a posse da Taça Roca. A partir daquele momento toda programação se voltou para a Copa da Suécia e nada ficou esquecido. Desde os exames médicos, psicológicos, a visita anterior ao país sede da Copa para melhor conhecer os hábitos alimentares, o clima, entre outros aspectos, a escolha minuciosa dos vinte e dois convocados, a concentração na cidade de Poços de Caldas, a esmerada preparação física, em suma, mesmo não afirmando na reportagem, o jornalista fazia um paralelo com a (má) preparação da seleção de seu país.<sup>193</sup>

Para Borocotó, a vitória brasileira era fruto de três elementos indispensáveis: o primeiro era a habilidade dos jogadores, o segundo o preparo físico adequado e o terceiro a obediência tática. É o que os jornalistas argentinos chamavam de “corrente moderna” e sem adotá-la dificilmente uma equipe teria êxito em um Mundial. “O Brasil foi sul-americano em um aspecto, europeu em outro. Assim há que preparar-se”.<sup>194</sup>

O ex-jogador de futebol, técnico e jornalista espanhol Pedro Escartin, quase 20 dias depois da grande final, escreveu no título de sua matéria para o *El Gráfico* que “Jamais existiu vencedor mais convincente”.<sup>195</sup> Para ele, desde o jogo contra a URSS, quando apresentou um futebol prático, vistoso, eficiente, o Brasil se credenciava como o principal favorito à conquista do título e em “29 de junho, no estádio de Solna, confirmou-se o prognóstico mostrando-se o Brasil irresistível e completo em todas as virtudes do jogo”.<sup>196</sup>

---

<sup>192</sup> EL GRÁFICO, 4 de julho de 1958, p. 5.

<sup>193</sup> Idem, 4 de julho de 1958, p. 22-24.

<sup>194</sup> Idem, 11 de julho de 1958, p. 21.

<sup>195</sup> Idem, 18 de julho de 1958, p. 56.

<sup>196</sup> Idem, *ibidem*.

#### 4.6. SUL-AMERICANOS, PAN-AMERICANO, COPA ROCA E TAÇA ATLÂNTICO: 1959 - LÂNT

Brasil e Argentina não viviam momentos distintos, no final da década de 50, apenas no futebol. Politicamente os cenários também eram opostos. No Brasil, Juscelino Kubitschek que havia assumido a presidência em 31 de janeiro de 1956, mantinha o país nos trilhos democráticos. O seu plano de desenvolvimento, o popularmente conhecido “Plano de Metas”, impulsionou a economia brasileira, especialmente na área urbana e industrial e que tinha como símbolo maior a construção de Brasília, a nova capital do país. O período ainda assistiu um aumento significativo no consumo de bens de consumo e também de bens duráveis, com destaque para o automóvel. O otimismo foi a tônica do governo JK e a época foi apodada de “Anos Dourados”.

Na Argentina, Perón foi destituído do poder, em 1955, pela denominada “Revolução Libertadora”, encabeçada pelo general Eduardo Ernesto Lonardi. O novo governante permaneceu no poder apenas por sete semanas, sendo substituído por outro general, Pedro Eugenio Aramburu. Com o intuito de “desperonizar” o país, passou-se a perseguir os antigos funcionários do regime anterior, a CGT (Confederação Geral do Trabalho da República Argentina) sofreu intervenção, o Partido Peronista foi dissolvido assim como a Fundação Eva Perón. O decreto 4.161 proibiu inclusive a menção do nome de Perón e de Evita. Os peronistas reagiram com greves gerais e sabotagens. Em 1956 o governo decretou a Lei Marcial e aplicou a pena de morte aos rebeldes. Segundo María Quesada: “Uma onda de estupor e medo tomou conta do país, pela primeira vez na história dos golpes militares do século se castigava com a morte os rebeldes”.<sup>197</sup>

Porém, divergências entre os apoiadores da “Revolução Libertadora” enfraqueceram a posição de Aramburu, que em 1957 convocou eleições constituintes, que provocaram a cisão da *Unión Cívica Radical* (UCR) e surgiram dois partidos: o *Unión Cívica Radical Intransigente* (UCRI), liderada por Frondizi e a *Unión Cívica Radical del Pueblo* (UCRP), liderada por Balbín. A primeira defendia uma aproximação com o peronismo, enquanto a segunda era antiperonista e contava com o apoio governamental.

Dessa forma, os dois partidos – UCRI e UCRP – disputaram as eleições presidenciais

---

<sup>197</sup> SÁENZ QUESADA, María. op. cit., p. 573.

em fevereiro de 1958. A vitória coube a Frondizi, apoiado pelo exilado Perón, com 45% dos votos, enquanto Babin, seu adversário, obteve apenas 29% dos sufrágios.

No campo econômico, a Argentina não seguiu o ritmo de outros países capitalistas, inclusive no próprio continente sul-americano, como o Brasil, Chile, Peru e Venezuela. Com isso, ela perdia importância relativa no mercado internacional.

Nos anos cinquenta a sociedade argentina era algo como uma ilha feliz em relação aos países sul-americanos e a Europa do pós guerra. Porém, seu crescimento econômico se manteve estável enquanto os países capitalistas, sobretudo os derrotados, Itália, Alemanha e Japão, progrediam em ritmo acelerado. Os valores das exportações argentinas estancaram precisamente quando começava no mundo uma etapa prolongada de prosperidade comercial, não só nessas nações, como também no Brasil, no Chile, na Colômbia, no México, no Peru e na Venezuela.<sup>198</sup>

A caça às bruxas não se deu apenas no campo político, a eliminação vexatória na primeira fase da Copa do Mundo da Suécia gerou suas consequências, especialmente “a busca pelos responsáveis e a distribuição de punições não tardaram a surgir”.<sup>199</sup> A comissão investigadora que foi instituída após o retorno para Buenos Aires salientou os vários casos de indisciplina durante a preparação para a Copa do Mundo. Mas as culpas não recaíram apenas sobre os atletas e a comissão técnica, os dirigentes também foram atingidos. Eles foram incapazes de evitar a venda para o exterior de vários jogadores argentinos, também definiram que não seriam convocados os atletas que estivessem jogando em outros países, o desconhecimento da prática do futebol na Europa e finalmente a própria desorganização em que a seleção se viu envolvida. Reestruturar, renovar e organizar, foram as palavras de ordem no futebol argentino, ou seja, adentrar na “corrente moderna” que tanto êxito gerou ao futebol brasileiro.

O selecionado desembarcou na Suécia com somente 11 partidas disputadas contra equipes europeias, e desconheciam o que teriam pela frente. Durante a estadia de 15 dias na Itália, enfrentando combinados juvenis, os jogadores tiveram de ser transferidos de um hotel de primeira categoria para outro de quarta. (...) Na Suécia, como a comida local era ruim e a tentativa de se contratar um cozinheiro italiano fracassou, muitas vezes Sanfilippo e Vairo se transformaram em *chefs*. Para terminar, outra pérola: no momento do regresso a

---

<sup>198</sup> Idem, ibidem, p. 579.

<sup>199</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 230.

Buenos Aires, não havia dinheiro para a compra de todas as passagens.<sup>200</sup>

Brasil e Argentina não tiveram compromissos no segundo semestre de 1958, mas no ano seguinte as seleções se enfrentariam no Sul-Americano que foi disputado em Buenos Aires. Sete filiadas da Conmebol participaram do campeonato: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai, Peru e Uruguai. As partidas ocorreram entre 7 de março e 4 de abril de 1959.

A AFA, após afastar Guillermo Stábile, formou um triunvirato para comandar a seleção de seu país. Foram escolhidos: Victorio Spinetto, campeão argentino de 1958; José Della Torre (Racing) e José Barreiro que venceria o campeonato de 1959 pelo San Lorenzo. Objetivando renovar o selecionado, poucos jogadores que estiveram na Suécia foram convocados.

Apesar do processo de renovação, a Seleção Argentina realizou ótima campanha, vencendo todos os seus adversários antes do jogo final: 6X1 Chile, 2X0 Bolívia, 3X1 Peru, 3X1 Paraguai e 4X1 Uruguai. Foram 18 gols marcados e 4 sofridos nas cinco partidas disputadas. O título seria decidido contra a Seleção Brasileira que era a grande sensação do campeonato, afinal vários jogadores campeões do mundo foram convocados. O Brasil havia tropeçado logo na partida de estreia, contra o Peru. Os brasileiros venciam por 2X0 até os 14 minutos da etapa final, mas permitiram a reação e o empate dos peruanos. Nos jogos restantes, vitórias do Brasil: 3X0 Chile, 4X2 Bolívia, 3X1 Uruguai e 4X1 Paraguai.

Antes de destacar o encontro que definiu o campeonato, entre brasileiros e argentinos, é interessante ressaltar o jogo entre Brasil e Uruguai que ocorreu no dia 26 de março de 1959.<sup>201</sup> A partida começou bastante disputada, mas aos poucos a Seleção Brasileira foi dominando o seu adversário. O placar ainda não havia se alterado quando Almir e William Martínez começaram

---

<sup>200</sup> Idem, *ibidem*, p. 231.

<sup>201</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Castilho (Gilmar), Djalma Santos, Bellini, Orlando, Coronel (Paulo Valentim), Formiga, Didi, Garrincha (Dorval), Almir, Pelé e Chinesinho. Escalação da Seleção Uruguaia: Leiva, William Martínez, Silveira, Davoine, Gonçalves, Mesias, Borges (Fernández), De Marco, Douksas, Sasía e Escalada (Aguillera). O árbitro da partida foi o chileno Carlos Robles. Os três gols brasileiros foram marcados por Paulo Valentim e o gol uruguaio por Escalada. E virtude da confusão, quatro jogadores foram expulsos, foram eles: Olando e Almir pelo Brasil e Davoine e Gonçalves pelo Uruguai.

uma briga que se generalizou entre todos os atletas.<sup>202</sup> Um dos registros da pugna é a famosa foto publicada nos mais diversos jornais em que Didi desfere uma tesoura-voadora em seus adversários. A participação de Didi na confusão foi assim sintetizada pelo Jornal do Brasil:

Didi também fez questão de salientar sua participação na pancadaria: – Peguei um ou dois deles. Eles queriam levar a coisa para a briga e tiveram briga de sobra. Só que batemos muito também. No futebol que é bom, “para variar” o Brasil ganhou. Na pancada, empatamos. (...) O Dr. Gosling fez o seguinte balanço dos feridos na batalha: Orlando (lábio); Belini (rosto); Didi (rosto); Castilho (supercílio) e Almir (mão e perna).<sup>203</sup>

**Figura 14: 1959 – Didi acerta uma tesoura-voadora no uruguaio Sasía<sup>204</sup>**



O caráter icônico desta confusão encontra-se, como explicou João Saldanha, na crença em que para vencerem o Brasil bastava que argentinos e uruguaio dessem três gritos em campo. A manchete do resultado da partida publicada pelo Jornal do Brasil demonstra que o Brasil havia superado mais um complexo: “Brasil ganhou no futebol e no bofetão: 3 a 1”.<sup>205</sup> Neste mesmo sentido, com sentimento de “alma lavada”, Nelson Rodrigues escreveu para a Manchete Esportiva:

Amigos, vim para a redação disposto a fazer de Paulinho o meu personagem da semana. Bem o merecia quem, em três arrancadas feéricas, arrombou inapelavelmente as redes da “Celeste”. Mas chego aqui e esbarro na fotografia

<sup>202</sup> A entrada dos selecionados, os melhores momentos da partida e também a confusão podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOS DO BRASIL. “Campeonato Sul-Americano 1959: Brasil 3X1 Uruguai”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZF12vUvFAT4>. Acessado em: 22 de julho de 2017.

<sup>203</sup> JORNAL DO BRASIL, 27 de março de 1959, p. 13.

<sup>204</sup> NEVES, Milton. “Felipe Melo é o novo Almir Pernambuquinho?”. Disponível em: <http://blogmiltonneves.bol.uol.com.br/blog/2017/04/28/felipe-melo-e-o-novo-almir-pernambuquinho/>. Acessado em: 22 de julho de 2017.

<sup>205</sup> JORNAL DO BRASIL, 27 de março de 1959, p. 13.

ao lado. Vi o prodigioso salto de Didi. Reparem no flagrante da capa. É um quadro, uma pintura, uma tela que Michelangelo assinaria. Falei em salto e já retifico. Foi, realmente, um vôo. Para castigar os uruguaios, que tinham baixado o pau, Didi tornou-se leve, alado, incorpóreo. Por um momento, no campo do River Plate, ele foi algo assim como uma sílfide. E só faltou, no momento da tremenda garra brasileira, um fundo musical de Chopin.<sup>206</sup>

Depois da partida contra o Uruguai, o Brasil venceu os paraguaios, dessa forma Argentina e Brasil decidiram o título sul-americano de 1959. Para os mandantes bastava o empate. A partida foi disputada no dia 4 de abril de 1959, no Monumental de Núñez, que abrigou mais de 85 mil torcedores.<sup>207</sup> “O interesse era tamanho que o jogo, inicialmente previsto para começar à noite, foi antecipado para o período da tarde, para favorecer a transmissão pela televisão”.<sup>208</sup>

O respeito mútuo dos selecionados fez com que a partida começasse de forma lenta e muito estudada. Aos poucos as jogadas de perigo foram criadas pelas duas seleções.<sup>209</sup> A partir dos 35 minutos, a Argentina passou a dominar o jogo com seus atacantes ameaçando constantemente o gol defendido por Gilmar e o ataque brasileiro se mostrando inoperante. A pressão argentina surtiu efeito aos 43 minutos, Callá invadiu a área brasileira pelo lado esquerdo e centrou para frente do gol. Bellini não conseguiu cortar o cruzamento e Pizzuti, que vinha acompanhado o lance, completou de cabeça para o gol. A Argentina foi para o intervalo vencendo por 1X0.

O Brasil, que precisava virar o placar se quisesse se sagrar campeão, voltou mais incisivo na etapa complementar: “Seu ataque já faz tramas no campo adversário, coisa que não fazia na primeira etapa”.<sup>210</sup> A esperança brasileira aumentou aos 15 minutos. Nardiello atacou o

<sup>206</sup> RODRIGUES, Nelson. “Meu personagem da semana: Didi”. In: *O berro impresso das manchetes: crônicas completas da Manchete Esportiva* 55-59. Rio de Janeiro: Agir, 2007, p. 501. A crônica foi originalmente publicada no periódico *Manchete Esportiva* de 4 de abril de 1959.

<sup>207</sup> Escalação da Seleção Argentina: Negri, Griffa (Cardoso), Murúa, Lombardo (Simeone), Cap, Mouriño, Nardiello, Pizzuti, Sosa, Callá (J. J. Rodríguez) e Belén. Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, Djalma Santos, Bellini, Orlando, Coronel, Dino Sani, Didi, Garrincha, Paulo Valentim (Almir), Pelé e Chinesinho. O árbitro da partida foi o chileno Carlos Robles.

<sup>208</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 233.

<sup>209</sup> Os melhores momentos da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. ROMANO. “Brazil v Argentina 1959 (Copa América)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=znAFuzcgcWw>. Acessado em: 22 de julho de 2017.

<sup>210</sup> JORNAL DO BRASIL, 5 de abril de 1959, p. 1 (Caderno 2).

lado direito do Brasil, porém foi desarmado e o contra-ataque se mostrou mortal. A bola chegou até Garrincha que driblou Cap e cruzou para a área, Pelé se antecipou aos seus marcadores, dominou a bola no peito, entrou na área e chutou forte no canto direito de Negri. Era o terceiro gol de Pelé em três confrontos com os rivais.

A partida ficou ainda mais aberta. A Argentina chegou a marcar novamente, aos 31 minutos, mas o árbitro anulou o tento alegando que Nardiello empurrou a bola para o gol com a mão. Na última jogada da partida, Didi lançou Garrincha que passou pelo seu marcador e driblou o arqueiro argentino, porém ao fazer isso a bola fugiu do seu alcance imediato e ao correr em sua direção para chutar para o gol vazio o árbitro chileno apitou o encerramento da partida, assim o gol não foi validado. A Argentina, para delírio de seus torcedores, alcançava a décima segunda conquista continental. A Seleção Brasileira terminou invicta o torneio com o vice-campeonato e tendo Pelé, que jogou em toda a sua carreira apenas este Sul-Americano, como o artilheiro da competição, com oitos gols marcados.

A atuação do árbitro chileno foi duramente criticada por Nelson Rodrigues em crônica publicada na Manchete Esportiva de 11 de abril de 1959.

Amigos, o meu personagem da semana não é, desta feita, nenhum jogador brasileiro, nenhum jogador argentino. Trata-se de um juiz, e, justamente, o que apitou a batalha que encerrou a guerra do Sul-Americano.

(...)

Segundo todos, ou quase todos os cronistas e torcedores do certame, o árbitro de sábado é, disparado, o melhor juiz do campeonato. É por isso que eu não acredito em unanimidades e nem em reputações. (...) E, nesta unanimidade compacta e ululante, só existe uma desafinação: – eu. (...) Eu não o considero nem um grande juiz, nem mesmo um juiz medíocre. Vejo-o, de alto a baixo, como um péssimo juiz, como um árbitro que, com uma falsa inocência paradisíaca, deu, na bandeja, o título à querida Argentina.

Meditem sobre o comportamento de Robles. Desde o Paraguai que ele pôs as manguinhas de fora. O jogador brasileiro não podia piscar o olho que Robles não viesse, lá do fundo do campo, sacudindo o dedo. Um leve, um tênue, um diáfano (sic) *foul* brasileiro assumia as proporções de um crime ignóbil. (...) Vejam vocês: – com uma semana de antecedência o homem já servia à Argentina.

Vem finalmente, a última que era, justamente, com os donos da casa. O escrete brasileiro com isso a que os advogados do Júri chamam de “coação irresistível”. Todo o país irmão queria, precisava, exigia essa vitória. Desde Frondizi até o mais obscuro apanhador de papel faziam do título continental um problema de vida ou de morte nacional. Imaginem, por um momento, se Robles reconhece o

gol de Garrincha e se marca o gol de Garrincha. Pergunto: – o que aconteceria então? Apenas isso: – a Argentina se excluiria do mapa, imediatamente. Sim, amigos: – se me permitem a expressão, a Argentina se auto-riscaria do mapa.

(...)

Em tal ambiente, é claro que o nosso Robles teria de ser um juiz inqualificável. Ele só admitia contra os argentinos faltas não decisivas. E, no último minuto, excedeu-se a si mesmo. Vale a pena reconstituir o lance: – Garrincha apanha a bola e dispara. Os 120 mil argentinos gelaram. E Robles, o nosso Robles, caiu num pânico convulsivo. Ele percebeu que Garrincha faria o gol ou, pelo menos, reconheceu esse perigo evidentiíssimo. Imaginem um gol brasileiro em cima da hora e Robles tendo de reconhecê-lo! Ele que, naturalmente, tem família, surrupiou uns bons três minutos e apitou, apitou histericamente, Ao mesmo tempo, a bola estufava o barbante argentino. Amigos, Robles assassinou o gol brasileiro!<sup>211</sup>

Apesar de alguns dirigentes, como José de Almeida, reclamarem da atuação do árbitro, especialmente em relação ao gol anulado de Garrincha, o técnico brasileiro, Vicente Feola, considerou o resultado justo e, percebe-se, o respeito existente pelo futebol argentino. “Felizmente o meu quadro portou-se à altura nessa partida decisiva. Nada tenho a reclamar contra os argentinos. Eles jogaram limpo e mereceram o título. Acho, no entanto, que o Brasil poderia ter tido melhor sorte nessa partida final”.<sup>212</sup> A opinião dos jogadores brasileiros no vestiário iam ao encontro das palavras de Feola: “Os jogadores não se abateram com o resultado da partida. A opinião geral era que o resultado fôóra (sic) justo”.<sup>213</sup>

O Equador, para celebrar a inauguração do Estádio Olímpico, na cidade de Guayaquil, solicitou à Conmebol a autorização para realizar um torneio entre as seleções sul-americanas. Autorização recebida, essa foi a única vez em que dois torneios sul-americanos ocorreram no mesmo ano. Apenas cinco seleções se credenciaram para a disputa do Campeonato Sul-Americano Extra: Argentina, Brasil, Equador, Paraguai e Uruguai. Os jogos foram disputados entre os dias 5 e 25 de dezembro.

O Brasil, antes da disputa no Equador, realizou, após o Sul-Americano na Argentina, um amistoso e disputou com o Chile a Taça O’Higgins. O amistoso, disputado no Rio de Janeiro,

---

<sup>211</sup> RODRIGUES, Nelson. “Meu personagem da semana: Robles”. In: *O berro impresso das manchetes: crônicas completas da Manchete Esportiva* 55-59. Rio de Janeiro: Agir, 2007, p. 503-506. A crônica foi originalmente publicada no periódico *Manchete Esportiva* de 11 de abril de 1959.

<sup>212</sup> JORNAL DO BRASIL, 5 de abril de 1959, p. 1 (Caderno 2).

<sup>213</sup> Idem, *ibidem*.

teve grande repercussão, pois foi contra a Inglaterra e o Brasil venceu por 2X0. Contra o Chile foram duas vitórias, no Maracanã por 7X0 e em São Paulo por 1X0. Já para a disputa no Equador, o Brasil levou uma seleção de jogadores de Pernambuco, comandada pelo folclórico e competente Gentil Cardoso.<sup>214</sup>

A Argentina, por sua vez, fez apenas um amistoso no período, sendo derrotada pelo Chile, em Santiago, por 4X2. A AFA também decidiu desfazer o triunvirato que conquistara o Sul-Americano e nomeou o ex-atacante José Manuel Moreno para comandar a seleção. O novo técnico decidiu, em virtude do exíguo tempo para entrosar a equipe, tomar como base o campeão argentino da temporada, o San Lorenzo.

A Argentina estreou em 9 de dezembro, vencendo a Seleção do Paraguai por 4X2. Na partida seguinte, 12 de dezembro, um inesperado empate contra os donos da casa, o Equador, em 1X1. Mas, o pior estava por vir. No dia 16 de dezembro, contra o Uruguai, a Argentina sofreu uma goleada histórica: 5X0. Com a vitória, o Uruguai colocou “a mão na taça”. Faltava apenas uma rodada e só o Brasil poderia alcançá-lo. Para os uruguaios, um simples empate contra o Paraguai lhe daria o título independente do resultado entre Argentina e Brasil.

A “Seleção Cacareco”, como foi apelidada pela imprensa brasileira,<sup>215</sup> venceu o

---

<sup>214</sup> Gentil Alves Cardoso era pernambucano de Torre radicado no Rio de Janeiro. Tinha, quando do Sul-Americano no Equador, 58 anos e uma imensa folha de serviços prestados ao futebol brasileiro. Para muitos, foi o precursor da implantação do WM no Brasil no início da década de 30. Dirigiu dezenas de equipes pelo país. Suas frases ficaram famosas, como a que repetia todas as vezes que queria que a bola rolasse rasteira: “a bola é de couro, o couro vem da vaca, a vaca pasta no capim, capim é grama, então bota essa bola no chão, porque é de grama que a bola gosta”. Expressões como “zebra, para designar a vitória de um time mais fraco, e “cobra”, para qualificar um craque, são de sua autoria. Sempre se achou injustiçado em relação à Seleção Brasileira e atribuía tal realidade à questão racial, chama-se a si próprio de “Moço Preto”, para fazer oposição àqueles que denominava de “Moços Brancos” – Flávio Costa e Zezé Moreira. Para Gentil Cardoso, por mais que ele mostrasse competência para dirigir a Seleção Brasileira, era sempre preterido pelos “Moços Brancos”. Um fato reforça tal mágoa. Quando foi campeão carioca pelo Vasco em 1952, na entrega das faixas Flávio Costa já estava no seu lugar e Gentil desempregado. Para o Sul-Americano no Equador ele afirmou: “Só me chamam para comer jiló. Na hora de comer marmelada, outra coisa doce, escolhem outros. Parece até uma tradição: time que está mal situado, que precisa reagir, acha que a única salvação é Gentil Cardoso. Eu aceito o convite, dou jeito no time – às vezes até levanto o campeonato – quando então deixo de interessar. Já estou tão acostumado a tudo isso que não estranho mais nada”. Cf. SOTER, Ivan. op. cit., p. 116-118.

<sup>215</sup> Cacareco foi uma rinoceronte fêmea do Zoológico da Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro, emprestada ao Zoológico de São Paulo. Nas eleições municipais paulistas de outubro de 1959, ela recebeu cerca de 100 mil votos transformando-se em um dos mais famosos casos de votos de protesto da história da política brasileira. Cf. FERREIRA, Neil. “Cacareco agora é referência”. Disponível em: [http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/24101959/241059\\_8.htm](http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/24101959/241059_8.htm). Acessado em: 24 de julho de 2017. RIBEIRO, Antonio Sérgio. “Sua excelência, ‘vereador’ Cacareco”. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=286282>.

Paraguai por 3X2 na primeira rodada, mas na seguinte foi derrotada pelo Uruguai, por 3X0. Contra o Equador, esperava-se uma partida difícil afinal os donos da casa haviam empatado contra a Argentina, vitória brasileira por 3X1. Os sonhos brasileiros dependiam agora de uma vitória contra a Seleção Argentina e, caso ocorresse, ainda teriam que torcer por uma derrota do Uruguai frente os paraguaios.

A partida contra o rival do Prata foi disputada no dia 22 de dezembro e a Argentina mostrou sua superioridade desde o início da peleja.<sup>216</sup> Logo aos 2 minutos, falta para a Argentina, o lateral Anido cruzou para a área e García jogou para as redes. Aos 27 minutos, Belén lançou Sanfilippo, no meio da defesa brasileira, que chutou para ampliar o placar.

O Brasil melhorou um pouco no início da etapa final e aos 19 minutos diminuiu o placar com o atacante Geraldo. O jogo permaneceu equilibrado até os minutos finais, porém aos 44 minutos, em um contra-ataque, Sanfilippo marcou o terceiro gol. Aproveitando o desânimo que se abateu nos brasileiros, no minuto seguinte, novamente Sanfilippo deu números finais para o confronto: Argentina 4X1 Brasil.

O desinteresse pelo torneio e pela “Seleção Cacareco” era tal que o jogo foi integralmente relatado da seguinte forma pelo Jornal do Brasil do dia 23 de dezembro de 1959:

O selecionado do Brasil que disputa o campeonato sul-americano extra de futebol, perdeu ontem para Argentina por 4 a 1. O primeiro tempo acabou com 2 a 0, gols de Garcia e Sanfilippo. O Brasil começou o segundo tempo com uma reação, marcando seu primeiro gol, através de Zé de Mello. Mas os argentinos voltaram a dominar e marcaram mais dois gols, feitos por Sanfilippo.<sup>217</sup>

---

Acessado em 24 de julho de 2017.

<sup>216</sup> Escalação da Seleção Argentina: Negri, Arredondo, Anido, Murúa, Guidi, Mouriño, Facundo (Carbone), Ruiz, O. H. García, Sanfilippo e Belén. Escalação da Seleção Brasileira: Valdemar, Zequinha, Edson (Geroldo), Gilvado, Zé Maria, Clóvis, Traçala, Zé de Mello, Paulo (Biu), Geraldo e Elias (Goiano). O árbitro da partida foi o uruguaio E. Marino.

<sup>217</sup> JORNAL DO BRASIL, 23 de dezembro de 1959, p. 1 (Caderno 2). O Jornal do Brasil consignou o gol brasileiro para Zé de Mello, porém todas as outras fontes consultadas, inclusive a ficha do jogo, designa Geraldo como o jogador que marcou para o Brasil. Cf. SOTER, Ivan. op. cit., p. 355. SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 236. FUTPÉDIA. “Argentina 4X1 Brasil”. Disponível em: <http://futpedia.globo.com/campeonato/copaamerica/1959/12/22/argentina-4-x-1-brasil>. Acessado em: 24 de julho de 2017. O LA NACION também consignou o gol para Geraldo. Cf. LA NACION, 23 de dezembro de 1959, p. 17.

Os jornais argentinos sempre ressaltaram que o Brasil não foi representado pelos seus melhores jogadores, chegando a afirmar que não havia na delegação, nenhum campeão mundial. Em todas as reportagens destacaram que era um selecionado de jogadores de Pernambuco que defendia as cores brasileiras e no final do torneio o *La Nacion* afirmou categoricamente: “O selecionado de Pernambuco revelou em Guayaquil que está longe de ser a verdadeira representação do futebol desse país. Apresentou um jogo veloz, porém, de certo modo, rudimentar”.<sup>218</sup>

O ano de 1960 reservou cinco confrontos entre brasileiros e argentinos, igualando o recorde de partidas entre os dois selecionados em um mesmo ano. Duas diferenças se impõem: Em 1940, as cinco partidas foram disputadas nos meses de fevereiro e março. Duas décadas depois, a primeira partida foi disputada em março e a última em julho. A segunda diferença, em 1960 foram três campeonatos distintos, Campeonato Pan-Americano, Copa Roca e Copa do Atlântico, enquanto em 1940 todos os cinco jogos foram pela Copa Roca (vide capítulo 3, início do tópico 3.11).

Em março de 1960, na Costa Rica, foi disputado o último Campeonato Pan-Americano de futebol. Quatro seleções participaram da disputa: Argentina, Brasil, Costa Rica e México. As seleções se enfrentariam em turno e retorno e a equipe que obtivesse o maior número de pontos ao final das seis rodadas seria a campeã.

O Brasil, vencedor dos dois campeonatos anteriores (1952 e 1956), resolveu, como havia feito vitoriosamente quatro anos antes, entregar o comando do selecionado a uma comissão técnica gaúcha. Dos 20 atletas convocados, apenas o zagueiro Calvet, do Santos, não jogava no futebol do Rio Grande do Sul. A dupla Grêmio e Internacional cedeu a maior parte dos atletas. Havia também três jogadores do Aymoré.

A AFA, frustrada com a perda do Campeonato Sul-Americano Extraordinário, no Equador, resolveu trocar a comissão técnica. Guillermo Stábile, técnico que fracassou na Copa de 1958, voltou a dirigir a albiceleste. A estreia na competição foi no dia 8 de março, um frustrante

---

<sup>218</sup> LA NACION, 24 de dezembro de 1959, p. 14.

empate sem gols contra a Costa Rica. Dois dias depois enfrentou e venceu o México por 3X2, com dois gols de Belén e um de Nardiello.

O Brasil não teve um bom início. Na abertura do torneio, no dia 6 de março, um empate de 2X2 com o México. No dia 10 março, desastrosa derrota por 3X0 para a Costa Rica. A situação era bastante complicada, afinal jogaria na última rodada do turno contra o rival mais poderoso, a Argentina.

A partida, disputada no dia 13 de março, foi assistida, segundo o *La Nacion*, por mais de 50 mil pessoas, muitas delas inclusive dormiram nos arredores do estádio, aguardando os portões serem abertos. Entretanto, o interesse do público não era tanto com a partida preliminar, Argentina X Brasil, mas sim com a partida de fundo entre Costa Rica e México.<sup>219</sup> O clássico sul-americano começou equilibrado.<sup>220</sup> Precisando do resultado, o Brasil buscava com mais insistência o ataque, enquanto a Argentina, bem postada na defesa, contra atacava. A estratégia deu resultado logo aos 5 minutos: Jiménez lançou o ponta esquerda Belén que passou na corrida por Orlando e chutou forte, sem defesa, para o fundo do gol defendido por Irno. Apesar de ter maior domínio de bola, o Brasil não conseguiu empatar o jogo no primeiro tempo.

O *script* se repetiu no começo da segunda etapa. O Brasil pressionando o seu adversário, porém Jiménez ganhou uma bola no meio-campo – alguns jogadores brasileiros pararam alegando que o argentino havia levado a bola com a mão – lançou Nardiello que entrou livre no meio da defesa do Brasil e fez o segundo gol. Três minutos depois a jogada mais polêmica da partida. Navarro, zagueiro argentino, colocou a mão na bola dentro da área. O árbitro mexicano marcou pênalti. Porém, os jogadores argentinos protestaram e pediram o auxílio do bandeirinha, o argentino Luis Ventre. Após consultar o seu auxiliar, o mexicano voltou atrás de sua marcação e deu bola ao chão. O Brasil não desanimou e aos 27 minutos fez o seu gol. O ponta Milton, após receber passe de Gilberto Andrade, foi à linha de fundo e cruzou para trás. Juarez, na corrida, chutou rasteiro para diminuir o placar. O Brasil pressionou nos minutos finais,

---

<sup>219</sup> O resultado da partida frustrou os torcedores locais, afinal Costa Rica e México empataram em 1X1.

<sup>220</sup> Escalação da Seleção Argentina: Ayala, Navarro, EtcheGARAY, M. Alvarez, Guidi, Varacka (Bosich), Nardiello, Abeledo, W. Jiménez, Callá (D'Ascenso) e Belén (Brookers). Escalação da Seleção Brasileira: Irno, Orlando, Airton, Soligo, Elton, Calvet, Marino (Juarez), Alfeu (Milton), Gessi, Mengálvio, e Gilberto Andrade (Jurandir). O árbitro da partida foi o mexicano Rafael Valenzuela.

mas não chegou ao gol de empate. Com a derrota, o sonho do tricampeonato Pan-Americano praticamente chegava ao fim. A Argentina liderava a tabela com 5 pontos e o Brasil amargava a última colocação com apenas 1 ponto ganho.

A análise da partida realizada pelo Jornal do Brasil e pelo La Nacion são muito semelhantes. A Seleção Brasileira jogou bem, chegou inclusive a dominar o seu adversário, mas perdeu muitos gols na frente do arqueiro argentino, enquanto o seu adversário, que também jogou um bom futebol, soube aproveitar melhor as oportunidades criadas.

A análise do Jornal do Brasil:

De um modo geral, os comentaristas observam que o quadro argentino jogou com tranqüilidade, organizando-se magnificamente sob o comando do centromédio Varacka, do Independientes (sic). Quanto aos brasileiros, jogaram bem, mas se fartaram de perder chutes à meta de Ayala, o goleiro argentino.<sup>221</sup>

O La Nacion também lembrou que a Seleção Brasileira era uma representação de jogadores do Rio Grande do Sul, ou seja, mais uma vez o Brasil não se apresentava com os seus principais atletas.

Embora a Argentina tenha superado em técnica e eficiência ao Brasil, deve-se reconhecer que o conjunto do Rio Grande do Sul dominou a maior parte do tempo, de modo especial a segunda etapa, porém falhou lamentavelmente por falta de arremate ante o gol. (...) os brasileiros malograram uns quatro gols feitos e parecia infantil sua atuação quando chegava o momento de arrematar, a poucos metros do gol. Em compensação, as incursões argentinas se concentravam na rede ou em chutes que se constituíam em uma ameaça direta ao gol brasileiro.<sup>222</sup>

O Brasil melhorou bastante no segundo turno e venceu o México por 2X1 e goleou a Costa Rica por 4X0 no dia 17 de março. Apesar da recuperação, não era o bastante para tirar o título da Argentina, que no dia 15 de março, mesmo dia do jogo entre Brasil e México, venceu a Costa Rica por 2X0. Dois dias depois, a equipe do Prata garantiu antecipadamente a taça ao vencer os mexicanos por 2X0. Dessa forma, o jogo do dia 20 de março entre argentinos e brasileiros era um “amistoso de luxo”, até mesmo em virtude da derrota da Costa Rica, na

<sup>221</sup> JORNAL DO BRASIL, 15 de março de 1960, p. 1 (Caderno 2).

<sup>222</sup> LA NACION, 15 de março de 1960, p. 12.

véspera, para o México por 3X0, pois o Brasil já havia garantido, independente do resultado do último jogo, o vice-campeonato.

Obviamente o interesse do público local em relação ao confronto era pequeno e, segundo Newton César Santos, em virtude do frio, do forte vento, da ameaça de chuva e da partida não valer mais nada, apenas 2 mil pessoas acorreram ao estádio.<sup>223</sup> O jogo também não agradou a torcida presente, afinal ele se desenvolveu muito no meio-campo e com isso poucas jogadas de perigo foram criadas no primeiro tempo. “Se registraram avanços esporádicos dos atacantes argentinos, porém faltou decisão nos tiros finais”.<sup>224</sup> As equipes foram para o intervalo com o placar inalterado.<sup>225</sup>

O Brasil voltou pressionando na etapa complementar e o goleiro Argentino, Ayala, começou a se destacar com boas defesas. Navarro, defensor argentino, cometeu falta em Juarez, na entrada da área. Mengálvio chutou forte, Ayala rebateu a bola e Milton, no rebote, chutou para as redes argentinas. A Argentina passou a pressionar o Brasil em busca do empate, porém, mesmo jogando com mais determinação e velocidade, pouco ameaçou a meta defendida por Suli. Brasil 1X0 Argentina. O consolo brasileiro foi ter quebrado a invencibilidade do rival no torneio.

A análise do periódico Folha da Manhã sintetiza a baixa qualidade técnica do confronto: “A partida foi de qualidade medíocre, constituindo mesmo a mais pobre que argentinos e brasileiros fizeram no torneio, tendo havido muitas vaias e assobios do público”.<sup>226</sup>

Dois encontros entre brasileiros e argentinos ocorreram no final de maio de 1960 pela Copa Roca. Antes disso, a Seleção Brasileira realizou amistosos contra o Egito e a Dinamarca, em seus respectivos países, além de três jogos não oficiais contra o Malmö da Suécia, antes de

<sup>223</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 240.

<sup>224</sup> LA NACION, 21 de março de 1960, p. 14.

<sup>225</sup> Escalação da Seleção Argentina: Ayala, Navarro, Marzolini, M. Alvarez, Pederzoli Varacka, Nardiello, Abeledo (Onega), W. Jiménez (Dacquarti), Callá (D’Ascenso) e Belén. Escalação da Seleção Brasileira: Suli, Orlando, Airton, Ortunho, Elton, Calvet, Marino (Ivo Diogo), Mengálvio (Kim), Juarez, Milton e Alfeu. O juiz foi o costarriquenho Juan Soto Paris.

<sup>226</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 22 de março de 1960, p. 11. A história da Folha começa em 1921, com a criação do jornal "Folha da Noite". Em julho de 1925, foi criado o jornal "Folha da Manhã", edição matutina da "Folha da Noite". A “Folha da Tarde” foi fundada 24 anos depois. Em 1º de janeiro de 1960, os três títulos da empresa se fundiram e surgiu o jornal Folha de São Paulo. Cf. FOLHAONLINE. “História da Folha”. Disponível em: [http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia\\_folha.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm). Acessado em: 25 de julho de 2017.

enfrentar a Dinamarca, a Internazionale de Milão (Itália) e o Sporting (Lisboa).<sup>227</sup> Já a Argentina não jogou desde o fim do Pan-Americano na Costa Rica. Curiosamente, para as partidas amistosas o Brasil contou com seus principais jogadores, mas para a disputa da Copa Roca faltaram os atletas do Santos, Fluminense e Botafogo, que excursionavam no exterior.

O Jornal La Nacion sintetizou muito bem o atual estado do futebol nos dois países, as perspectivas e esperanças argentinas, as últimas competições em que enfrentou o Brasil e a desilusão em relação ao seu adversário não se apresentar para os confrontos da Copa Roca com sua força máxima.

Quebrada a primazia do futebol argentino com o descalabro ocorrido na Suécia em 1958, o Brasil, por mérito de sua destacada atuação no campeonato mundial, passou a ser considerado então como o melhor futebol do mundo. A Argentina está empenhada em restabelecer o equilíbrio e até superar aos brilhantes malabaristas da bola. Êxitos recentes na Costa Rica e Lima – este com o time amador – e um medíocre desempenho em Guayaquil, puseram frente a frente a ambos selecionados, porém, em nenhum deles, a equipe da Confederação Brasileira de Desportes foi o fiel expoente de seu melhor futebol. Suas estrelas foram reservadas para um acontecimento de grande ressonância. Esperava-se que agora viriam todos seus titulares, porém a excursão pela Europa impediu que o Brasil pudesse contar com suas figuras excepcionais, já que muitos ficaram com os seus times na excursão.<sup>228</sup>

Observam-se claramente mudanças identitárias na forma pela qual os argentinos se enxergavam e também como percebiam o futebol brasileiro. Se durante a primeira metade do século XX tiveram uma posição proeminente no continente, agora se viam em uma posição, ao menos momentânea, de inferioridade em relação ao futebol brasileiro, especialmente em decorrência do título mundial conquistado em 1958 pelo Brasil. Mesmo buscando restabelecer o equilíbrio e, se possível, voltar a reinar no cenário mundial do futebol, os argentinos também identificavam a habilidade dos jogadores brasileiros: “os brilhantes malabaristas da bola”.

A torcida argentina estava extremamente interessada na partida e aproximadamente

<sup>227</sup> O Brasil enfrentou e venceu o Egito três vezes: 29 de abril de 1960 – 5X0; 1º de maio de 1960 – 3X1 e 6 de maio de 1960 – 3X0. No dia 8 de maio de 1960 goleou a equipe do Malmö por 7X1. O jogo contra a Dinamarca ocorreu no dia 10 de maio de 1960 e a vitória foi apertada por 4X3. A partida contra a Internazionale foi no dia 12 de maio de 1960 e terminou empatada em 2X2. O último amistoso europeu foi contra o Sporting, em Lisboa, no dia 16 de maio de 1960 e o Brasil venceu por 4X0.

<sup>228</sup> LA NACION, 26 de maio de 1960, p. 14.

50 mil torcedores assistiram, no dia 26 de maio de 1960, o primeiro embate pela Copa Roca no Monumental de Núñez. Guillermo Stábile convocou praticamente os mesmos atletas que conquistaram, dois meses antes, o Campeonato Pan-Americano na Costa Rica. O Brasil, como já foi ressaltado, não contou com suas estrelas dos Santos, Botafogo e Fluminense.<sup>229</sup>

Empurrados pela torcida, os argentinos partiram para o ataque desde o apito inicial do árbitro chileno e três jogadores se destacaram: Nazionale, Pando e Belén. Aos 11 minutos, Pando recebeu a bola de Carceo e lançou Nardiello, o ponta argentino passou por Bellini<sup>230</sup> e deu um chute forte rasteiro que entrou rente à trave de Gilmar, inaugurando o placar. A Argentina continuou dominando as ações e acabou sendo premiada aos 26 minutos. Pando recebeu falta de Dino do lado direito da defesa brasileira. Nardiello se encarregou da cobrança. O cruzamento foi fechado, ninguém alcançou a bola e ela morreu no fundo do gol de Gilmar. O primeiro tempo acabou com a Argentina vencendo por 2X0.

O Brasil adotou uma postura mais ofensiva na etapa final e colocou em risco o gol de seu adversário. A pressão inicial resultou em um gol aos 14 minutos. Etchegaray cortou a bola com mão dentro da área. Robles apontou para a “marca da cal”. O jogador designado para a cobrança foi Djalma Santos<sup>231</sup> que fazia exatamente sua sexagésima partida pela Seleção. O atleta

---

<sup>229</sup> Escalação da Seleção Argentina: Ayala, Alvarez, Navarro, Etchegaray, Guidi (Cielinski), Nazionale, Nardiello, Pando (Berón), Carceo, D’Ascenso e Belén. Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, Djalma Santos, Bellini, Vitor, Geraldo Scotto, Dino Sani, Chinesinho, Julinho, Servílio, Almir (Sabará) e Roberto (Delém). O árbitro da partida foi o chileno Carlos Robles.

<sup>230</sup> Hideraldo Luís Bellini (Itapira-SP, 7 de junho de 1930 – São Paulo, 20 de março de 2014). Foi um zagueiro vigoroso e de muita imposição física. Compensava a técnica limitada, com a boa colocação e a seriedade com que atuava nas partidas. Começou a jogar em 1946 em sua terra natal no pequeno Itapirense. Entre 1949 e 1951 atuou pelo também pequeno Sanjoanense de São João da Boa Vista. Sua carreira começou a ganhar projeção nacional em 1952 quando foi contratado pelo Vasco da Gama, equipe pela qual defendeu até 1961 em 430 partidas. Na época, a equipe de São Januário renovava o seu plantel, depois do desmanche do famoso Expresso da Vitória. Bellini ganhou, pelo Vasco da Gama, os campeonatos cariocas de 1952, 1956 e 1958; a Taça Rio São Paulo de 1958, dentre outras conquistas de menor expressão. Entre 1962 e 1967 jogou pelo São Paulo, equipe pela qual marcou seu único gol como profissional. Na equipe paulista atuou em 205 partidas. Em 1968 foi contratado pelo Atlético Paranaense clube pelo qual encerrou a carreira no ano seguinte. Atuou pela Seleção Brasileira em 51 partidas entre 1957 e 1966, disputou três Copas do Mundo (1958, 1962 e 1966) e conquistou o bicampeonato mundial em 1958 e 1962. No título conquistado na Suécia, em 1958, o zagueiro não apenas foi o titular como era o capitão da equipe e ao receber a taça Jules Rimet ergueu-a com as duas mãos sobre a cabeça, gesto que ficou imortalizado e passou a ser repetido pelo demais vencedores. Em 1962 ficou na reserva de Mauro. Enfrentou a Argentina em 7 oportunidades: 3 vitórias, 2 empates e 2 derrotas.

<sup>231</sup> Djalma dos Santos (São Paulo, 27 de fevereiro de 1929 – Uberaba, 23 de julho de 2013). Foi considerado pela FIFA o maior lateral-direito de todos os tempos. Começou profissionalmente na Portuguesa, equipe que defendeu entre 1948 e 1959. Nela conquistou os títulos do Torneio Rio-São Paulo de 1952 e de 1955. Fez pela equipe do Canindé 434 partidas, até hoje o jogador que mais envergou a camisa da Lusa. Em 1959 foi para o Palmeiras, equipe

bateu com precisão no canto direito e diminui o placar.

A reação brasileira foi golpeada no minuto seguinte, a bola foi cruzada na área brasileira, Vítor cortou errado, a bola caiu nos pés de D'Ascenso que a dominou e bateu forte no canto, sem chances para Gilmar. O Brasil não se abateu e voltou a atacar os donos da casa e, aos 28 minutos, Delém, que havia entrado no lugar de Roberto, após cruzamento de Julinho que Ayala não conseguiu interceptar jogou para o fundo do gol.

O Brasil passou a atacar firmemente o seu adversário, não obstante, os argentinos “tiveram alguns avanços isolados de maneira contraofensiva quando as circunstâncias davam oportunidade para isso”.<sup>232</sup> A partida se encaminhava para a vitória argentina por 3X2 quando, aos 44 minutos, Carceo após tabelar com Berón, avançou em direção à defesa brasileira, superou na corrida Bellini e lançou a bola para Belén que chutou de primeira, violentamente, dando números finais para o jogo: Argentina 4X2 Brasil.

A imprensa brasileira, como de costume, impactada pelo resultado, não poupou a Seleção e sentenciou em sua manchete da partida: “Quadro do Brasil é mesmo fraco e perdeu por 4 a 2: Argentina chegou a dar ‘show’”.<sup>233</sup> Mais comedido em seus comentários, a Folha de São Paulo afirmou: “A vitória argentina foi merecida e insofismável”.<sup>234</sup> Em coluna posterior afirmou: “A velocidade foi a grande arma dos platinos”.<sup>235</sup>

Se os jornais brasileiros preferiam criticar o seu selecionado que perceber as virtudes

pela qual também foi ídolo e jogou até 1968. Pelo alviverde paulista jogou 498 vezes. Conquistou três campeonatos paulistas (1959, 1963 e 1966); duas Taças Brasil (1960 e 1967); um torneio Rio-São Paulo (1965) e o Torneio Roberto Gomes Pedrosa, apelidado de “Robertão” (1967). Em 1969 transferiu-se para sua última equipe, o Atlético Paranaense, pela qual foi campeão estadual em 1970. Encerrou a carreira, em 1972, aos 42 anos. Era um marcador implacável que também sabia apoiar o ataque. Ficou famoso pelos verdadeiros cruzamentos que fazia na área adversária em cobranças de lateral, com as mãos. Defendeu a Seleção Brasileira entre 1952 e 1968, em 114 partidas, marcou 3 gols. Disputou quatro Copas do Mundo consecutivas (1954, 1958, 1962 e 1966). Ele e Pelé são os únicos atletas brasileiros que iniciaram pelo menos uma partida como titulares da Seleção Brasileira em quatro Copas do Mundo. Foram inúmeros títulos pela seleção: bicampeão mundial (1958 e 1962); Copa Roca (1957, 1960 e 1963); Taça Atlântico (1960) e Taça Oswaldo Cruz (1955, 1956 e 1962). Enfrentou os argentinos em 11 oportunidades obtendo 5 vitórias, 3 empates e 3 derrotas. Marcou 1 gol.

<sup>232</sup> LA NACION, 27 de maio de 1960, p. 14.

<sup>233</sup> JORNAL DO BRASIL, 27 de maio de 1960, p. 1 (Caderno 2).

<sup>234</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 27 de maio de 1960, p. 10 (Caderno 2).

<sup>235</sup> Idem, ibidem, p. 10 (Caderno 2).

do seu adversário, o La Nacion demonstrou cabalmente o respeito adquirido pelo futebol brasileiro e que, apesar da boa vitória, não se deveria ficar extremamente otimista, afinal a partida foi bastante disputada e o Brasil poderia ter alcançado o empate. Mais interessante ainda é a afirmação do jornal de que o futebol brasileiro é o parâmetro a ser seguido pela Argentina.

Nos confrontos com o Brasil não interessa o motivo. Ontem foi a Copa Roca, antes o Sul-Americano em Buenos Aires. (...) O motivo real é comparativo. O Brasil representa um altímetro na recuperação do futebol argentino.<sup>236</sup>

Apenas 3 dias após o primeiro confronto, Argentina e Brasil voltaram a se enfrentar. O estádio foi o mesmo, o Monumental de Núñez, e o público ligeiramente menor, cerca de 40 mil espectadores. A partida foi disputada na tarde de domingo, dia 29 de maio. A Argentina garantiria o título com o empate, já a Seleção Brasileira precisava vencer o jogo para forçar a prorrogação. Caso obtivesse êxito, o Brasil jogaria os derradeiros trinta minutos com a vantagem do empate por ter sido o último campeão do torneio. Na equipe da casa apenas uma substituição, Murúa entrou no lugar de Etchegaray. O técnico brasileiro, por sua vez, efetuou três mudanças: Aldemar no lugar de Vitor, Décio Esteves no de Servílio e Delém substituiu o contundido Almir.<sup>237</sup>

O técnico brasileiro, Feola, percebeu que seu adversário concentrava as jogadas em torno de Pando, dessa forma, orientou seus atletas que marcassem fortemente o armador argentino. O resultado foi positivo desde o início do jogo, acrescido da tarde pouco inspirada de Nazionale e Belén, outros importantes jogadores do adversário.

Precisando da vitória, o Brasil partiu para o ataque desde o apito do árbitro e abriu o placar ainda aos 5 minutos. Julinho, que infernizava a defesa adversária, foi a linha de fundo e cruzou na área rasteiro, Ayala falhou e não conseguiu segurar a bola, Delém, que acompanhava a jogada, empurrou para o gol. Mesmo com a vantagem, o Brasil continuou atacando, fato que obrigou o arqueiro argentino a realizar boas defesas, mas o placar não mais se alterou nos 45

<sup>236</sup> LA NACION, 27 de maio de 1960, p. 14.

<sup>237</sup> Escalação da Seleção Argentina: Ayala, Alvarez, Navarro, J. C. Murúa, Guidi, Nazionale, Nardiello, Pando (Berón), Carceo (Jiménez), D'Ascenso (Sosa) e Belén. Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, Djalma Santos, Bellini, Aldemar, Geraldo Scotto, Dino Sani, Chinesinho, Julinho, Décio Esteves (Servílio), Delém e Roberto (Sabará). O árbitro da partida foi o chileno Carlos Robles.

minutos iniciais.

O cenário não se alterou no segundo tempo, Brasil no ataque, Argentina com dificuldade para se organizar em campo. Aos 12 minutos, Roberto recebeu pelo lado direito, cruzou na área argentina e Décio Esteves de cabeça mandou em direção ao gol, Ayala raspou na bola que ainda tocou no travessão e voltou para Delém<sup>238</sup> chutar para o fundo das redes. O domínio brasileiro foi inapelável e o placar não mais se alterou pelas defesas de Ayala e pelas bolas que acertaram os postes argentinos.

Com a vitória por 2X0 no tempo normal a situação agora se invertia, era o Brasil que passava a jogar pelo empate na prorrogação. A Argentina voltou embalada pelos gritos da torcida e dominou a Seleção Brasileira nos cinco minutos iniciais do tempo extra. Logo no segundo minuto, a Argentina fez 1X0 após cobrança de escanteio. Gilmar afastou a bola com um soco para o canto da área, mas ela caiu nos pés de Sosa que acertou um chute certo no gol brasileiro. Parecia que a sorte havia virado de lado.

O Brasil, contudo, precisando pelo menos empatar o jogo, voltou a dominar as ações e a mostrar um futebol de melhor qualidade do que seu adversário. No último minuto do primeiro tempo extra, Julinho entrou na área e cruzou forte, a bola bateu em Navarro que se antecipou a Ayala e entrou. O gol foi assinalado para o jogador brasileiro. A etapa final começou mais equilibrada, porém, aos 5 minutos, Sabará, que havia entrado aos 40 minutos do segundo tempo regulamentar, dominou a bola no meio de campo e arrancou para o ataque, ao alcançar a linha de

---

<sup>238</sup> Vladen Lázaro Ruiz Quevedo – Delem (São Paulo, 15 de abril de 1935 – Buenos Aires, 28 de março de 2007). Apesar de ter nascido em São Paulo, Delém jamais jogou em seu estado natal. Começou a carreira profissional em 1956, no Grêmio de Porto Alegre. Em 1958 se transferiu para o Vasco da Gama, quando conquistou o campeonato carioca e a Taça Rio-São Paulo daquele ano. Convocado para a Seleção Brasileira, fez sete partidas com cinco gols marcados, no ano de 1960. A atuação de Delém na vitória brasileira por 4X1 contra a Argentina (2X0 no tempo normal e 2X1 na prorrogação) impactou de tal forma os argentinos que ele acabou contratado pelo River Plate em 1961, equipe que defendeu até 1967. Era um jogador elegante, técnico e cerebral. Foi ídolo do River Plate, mas dois fatos marcaram a sua carreira no futebol argentino, o primeiro foi perder um pênalti contra o Boca Juniors, que empataria a partida, no estádio Bombonera, na final do campeonato argentino de 1962 e o outro foi a falta de títulos no período em que defendeu os *millonarios*. Ao sair do River Plate em 1968 foi para o futebol chileno e defendeu o Colo-Colo e no ano seguinte a Univesidad Católica. Retornou para o futebol carioca para defender o América, equipe pela qual encerrou a carreira em 1970. Retornou para Buenos Aires para ser auxiliar de Didi no River Plate e fez carreira de técnico no país. Em 1990 foi novamente chamado para o River para assumir o cargo de diretor geral das categorias de base do clube e foi aqui que ele deu a sua maior contribuição para a equipe argentina revelando jogadores como Pablo Aimar, Saviola, Gallardo, Mascherano, Ortega, D'Alessandro, entre outros. Jogou 3 vezes contra a Seleção Argentina e fez gols em todos os jogos. Obteve 2 vitórias e 1 derrota. Marcou 4 gols.

fundo já dentro da área adversária cruzou para Servílio, que entrava pelo meio, apenas tocar para dentro do gol. Já sem fôlego algum, os argentinos não reagiram e perderam a partida na prorrogação por 2X1 e, no placar agregado, por 4X1.<sup>239</sup> A Taça Roca continuava em mãos brasileiras e de quebra o Brasil superava um tabu, desde 10 de março de 1940 não ganhava do rival em sua casa.

O mesmo Jornal do Brasil, que na partida anterior, havia afirmado que a Seleção era muito ruim, mudou completamente seu discurso após a vitória, demonstrando que sua opinião era formulada muito mais no “calor” dos resultados, do que a partir de uma análise técnica e tática mais profunda.

Apesar de tudo e de todos, a seleção brasileira venceu a da Argentina em Buenos Aires – numa vitória que pode ser considerada como a maior desde a Copa do Mundo – mantendo em seu poder a Taça Roca.

(...)

Esta seleção pode não ser a melhor em técnica, mas dificilmente se poderá fazer outra igual em moral e coração; vir a Buenos Aires, vencer a Argentina em 90 minutos – fato que acontece pela segunda vez na história do futebol – e confirmar esta vitória numa pequena prorrogação de 30 minutos, que começou sendo perdida por 1 a 0, pode ser considerado muito para uma equipe improvisada. E o que houve foi apenas justiça.<sup>240</sup>

Em relação à Argentina, o Jornal do Brasil foi enfático ao afirmar que a ela estava distante de apresentar o futebol de tempos áureos e longe de representar o verdadeiro futebol *criollo*.

O *team* superou-se e venceu, superando uma Argentina eufórica, que depois de ganhar quinta-feira sentia-se embalada pelos elogios da imprensa, que acreditava voltar o seu futebol aos áureos tempos dos grandes jogadores, da beleza, da arte e do mais puro futebol (sic) criolo. Na primeira partida, a falta de sorte, a má atuação de alguns jogadores e os momentos de bom futebol da seleção Argentina – que está longe, porém do más puro futebol (sic) criolo – derrotaram o Brasil, numa sequência de fatores aos quais poderia ser facilmente somada, também, a culpa dos homens que dirigem nosso futebol.<sup>241</sup>

<sup>239</sup> Algumas jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOS DO BRASIL. “Copa Roca 1960. Brasil 4X1 Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6lRrEweH4wE>. Acessado em: 25 de julho de 2017.

<sup>240</sup> JORNAL DO BRASIL, 31 de maio de 1960, p. 1 (Caderno 2). Cabe ressaltar que o enviado do Jornal do Brasil não ressaltou que essa era a segunda vitória brasileira na Argentina em disputas da Taça Roca. No confronto geral foi a quarta vitória do Brasil nas terras do rival.

<sup>241</sup> Idem, *ibidem*, p. 1 (Caderno 2).

A Folha de São Paulo também reconheceu o domínio exercido pelo Brasil: “Os brasileiros demonstraram durante os 120 minutos de jogo superioridade gritante, mas que não foi traduzida em maior número de gols por falta de sorte ou por falhas da arbitragem”.<sup>242</sup>

O La Nacion também considerou extremamente justa a vitória brasileira: “Triunfou, sem atenuantes, o Brasil. (...) Chegou a ela por meio de uma superioridade que não se pode discutir”.<sup>243</sup> Ainda segundo o jornal, a Seleção Brasileira mostrou a força do conjunto, a capacidade técnica de alguns jogadores e, talvez, tão importante quanto os outros fatores, um excelente preparo físico, elemento que desde o resultado da Copa de 1958 a imprensa argentina alertava.<sup>244</sup>

Argentinos e brasileiros ainda se confrontariam, em 1960, no dia 12 de julho pela Taça do Atlântico ou *Copa del Atlântico*. O torneio, idealizado pela Conmebol, objetivava reunir as três maiores potências do futebol continental: Argentina, Uruguai e Brasil. Como elas eram banhadas pelo Atlântico, a taça ganhou o seu nome. A primeira edição foi disputada em 1956, quando Argentina e Brasil terminaram empatados em pontos, mas em virtude do melhor saldo de gols e na impossibilidade de jogar uma partida de desempate, a CBD entendeu que a seleção por ela representada havia conquistado o título.

Para a disputa da segunda edição foi também convidada a Seleção do Paraguai. Todos se enfrentariam em turno único e os locais dos jogos seriam definidos por sorteio. O Brasil acabou fazendo duas partidas fora de seus domínios, contra o Paraguai e o Uruguai e jogaria contra a Argentina no Maracanã. Já argentinos e uruguaios foram favorecidos no sorteio, ambos selecionados jogariam duas partidas em casa.

O primeiro confronto ocorreu no dia 3 de julho entre Paraguai e Brasil. Mesmo não contando com os jogadores dos Santos, a Seleção Brasileira venceu por 2X1, gols de Almir e Delém. Cabrera descontou para os paraguaios. No dia 9 de julho os brasileiros visitaram o

---

<sup>242</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 31 de maio de 1960, p. 9 (Caderno 2).

<sup>243</sup> LA NACION, 30 de maio de 1960, p. 21.

<sup>244</sup> Idem, ibidem, p. 21.

Uruguai e perderam por 1X0. Para o El Gráfico o Brasil foi virtuoso, mas o Uruguai, mesmo sendo uma equipe inferior individual, em conjunto e tecnicamente, conseguiu com astúcia, inteligência e vigor, derrotar os brasileiros.<sup>245</sup>

Apenas três dias depois, 12 de julho, o Brasil enfrentou a Argentina<sup>246</sup> e, para ainda ter alguma chance de título, teria que vencer o seu rival que, também no dia 9 de julho, havia derrotado o Paraguai. Dessa forma, Argentina, Brasil e Uruguai tinham dois pontos conquistados. A diferença estava no número de partidas feitas, o Brasil jogaria seu último confronto enquanto a Argentina e o Uruguai teriam ainda dois jogos.

A noite de terça-feira, 12 de julho, foi inesquecível para os 57.874 espectadores que estiveram no Maracanã.<sup>247</sup> A atuação de Pelé foi classificada como memorável: “Pelé, deu a 50 mil espectadores uma das maiores exibições de técnica futebolística”.<sup>248</sup> O La Nacion também não poupou elogios: “Noite de Pelé no magnífico Maracanã. Presente para os olhos nos pés de quem parecia possuído pela deusa inspiração”.<sup>249</sup>

O Brasil começou a partida atacando o seu adversário, mas foram os visitantes que abriram o placar logo aos 5 minutos, Sosa recebeu a bola de Menéndez e mesmo marcado por Bellini chutou forte, da entrada da área, no canto rasteiro de Gilmar. O Brasil não sentiu o golpe e voltou a atacar os argentinos, dando muito trabalho ao goleiro Roma. A Argentina, aos 14 minutos, em um esporádico ataque, voltou a assustar, Rossi acertou um chute na trave brasileira. Mas, a superioridade dos anfitriões era tamanha que o empate não tardaria e ele se deu aos 18 minutos “Coutinho trocou passes com Pelé, na intermediária argentina, e acabou cedendo a Chinesinho. Este chutou rasteiro, de surpresa, antes da meia-lua da área, batendo o goleiro Roma no canto esquerdo”.<sup>250</sup>

<sup>245</sup> EL GRÁFICO, 13 de julho de 1960, p. 56.

<sup>246</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, Djalma Santos, Bellini, Aldemar, Nilton Santos, Zequinha, Chinesinho, Sabará (Moacir), Coutinho (Delém), Pelé (Valdo) e Pepe. Escalação da Seleção Argentina: Roma, Navarro, Cardoso, Simeone, Guidi, Varacka, Boggio (H. González), O. P. Rossi, Menéndez (Sacchi), R. Sosa (Carceo) e Belén. O árbitro da partida foi o uruguaio Juan Carlos Armental.

<sup>247</sup> EL GRÁFICO, 13 de julho de 1960, p. 4.

<sup>248</sup> JORNAL DO BRASIL, 13 de julho de 1960, p. 1.

<sup>249</sup> LA NACION, 14 de julho de 1960, p. 11.

<sup>250</sup> JORNAL DO BRASIL, 13 de julho de 1960, p. 12.

A Argentina nem havia se recuperado do golpe e aos 21 minutos e depois aos 24, o Brasil virou e ampliou o placar. No gol da virada, Pelé ajeitou a bola para o chute forte de Djalma Santos, a bola estourou no peito de Roma e subiu, Pelé, que acompanhava a jogada, cabeceou para dentro do gol, Brasil 2X1. Três minutos depois:

Recebendo de Sabará, na entrada da área, Pelé aplicou uma série de dribles curtos e desconcertantes em vários oponentes, até ficar livre à frente de Roma. Quando se preparava para completar (ou driblar também o goleiro) sofreu calço, por trás, aplicado por Simeone. Pênalti incontestável, que o juiz marcou. Encarregado da cobrança, Pepe chutou bem, no canto esquerdo, para marcar.<sup>251</sup>

O domínio brasileiro era tal que acertou a trave argentina por duas vezes. Minutos antes do final da primeira etapa ocorreu um entrevero com a participação de Pelé que gerou comentários ressentidos dos atletas adversários. O camisa 10 brasileiro recebeu uma falta dura de Cardoso e revidou com uma cabeçada no zagueiro argentino. Houve uma pequena confusão entre os jogadores e, segundo o juiz da partida, por ter sido ameaçado de agressão,<sup>252</sup> expulsou o volante Varacka.

A revolta argentina foi sintetizada pelos comentários do técnico Guillermo Stábile e repetida por outros atletas: “Stábile, no vestiário argentino, após o jogo, dizia que Pelé era o jogador de futebol perfeito, mas que era, também, o pior desportista que ele jamais havia visto”.<sup>253</sup> Ou ainda: “Os demais jogadores faziam cântico com Stábile: – Pelé é o melhor e o mais indisciplinado jogador do mundo”.<sup>254</sup>

Ainda mais ameaçadora foi a declaração de Cardoso, atleta que havia recebido, após a falta cometida, a cabeçada do camisa 10 do Brasil: “– O futebol não vai acabar por causa disso e eu e Pelé ainda nos encontraremos. E aí eu o pegarei”.<sup>255</sup>

De fato, as colocações dos jogadores argentinos ecoavam a própria opinião do Jornal

<sup>251</sup> Idem, ibidem, p. 12.

<sup>252</sup> “O Sr. Armental, Juiz da partida, esteve no vestiário do Brasil e explicou aos jornalistas que expulsara Varacka porque fôra ofendido e ameaçado de agressão por ele”. Cf. Idem, ibidem, p. 12

<sup>253</sup> Idem, ibidem, p. 12.

<sup>254</sup> Idem, ibidem, p. 12.

<sup>255</sup> Idem, ibidem, p. 12.

do Brasil: “Errou também o árbitro por não coibir a indisciplina, deixando que Pelé ficasse em campo, mesmo tendo agredido Cardoso com uma cabeçada”.<sup>256</sup>

Seja para acalmar os ânimos, seja por problemas físicos, como foi alegado por Feola, seja pelo lendário pedido do presidente da AFA, Raul Colombo, de ter solicitado aos brasileiros a substituição de Pelé na etapa complementar, de fato o brasileiro não retornou para a etapa complementar e seu lugar foi ocupado por Valdo.<sup>257</sup> O dirigente argentino afirmou que jamais fez tal pedido.

Apesar do ritmo da partida ter decaído um pouco na etapa complementar, o Brasil continuou dominando o jogo e marcou por mais duas vezes. Delém, em jogada individual, aos 15 minutos, driblou Simeone e Navarro e chutou cruzado, quase sem ângulo, para fazer 4X1. Mais duas bolas atingiram as traves argentinas e aos 38 minutos, Valdo ganhou, no alto, de Navarro, cabeceando para a lateral direita da grande área argentina. Pepe correu e ganhou a dividida de Simeone, controlou a bola e chutou violentamente no canto esquerdo defendido por Roma. Números finais do jogo: Brasil 5X1.

A manchete do El Gráfico sintetizou o que foi o jogo: “Foi goleada ‘com dez’: também seria goleada com onze”.<sup>258</sup> E em outra reportagem afirmou que “o futebol argentino tinha 20 anos de atraso técnico”.<sup>259</sup> Para o La Nacion, a Argentina não foi um adversário à altura do Brasil e vários de seus jogadores não eram de nível internacional.<sup>260</sup> O delegado da AFA presente no Maracanã, Sr. Felipe Lulo, afirmou:

No relatório que enviamos a Buenos Aires dirigido à AFA, afirmei que, embora a nossa seleção tenha jogado com muito entusiasmo e garra, fomos nitidamente superados pelos brasileiros, tanto individualmente como em jogo de conjunto. Admite que atualmente o futebol brasileiro seja superior ao praticado na Argentina.<sup>261</sup>

<sup>256</sup> Idem, ibidem, p. 12.

<sup>257</sup> O Jornal La Nacion não relata a substituição e o nome de Pelé aparece no periódico como se tivesse atuado na etapa complementar. O El Gráfico assinalou a substituição, assim como os demais periódicos brasileiros.

<sup>258</sup> EL GRÁFICO, 13 de julho de 1960, p. 3.

<sup>259</sup> Idem, ibidem, p. 6.

<sup>260</sup> LA NACION, 14 de julho de 1960, p. 12.

<sup>261</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 17 de julho de 1960, p. 5 (Caderno de Esportes).

Mesmo derrotada, a Seleção Argentina mereceria o respeito dos brasileiros segundo o artigo publicado por Célio de Barros no Jornal do Brasil:

O futebol brasileiro, sem dúvida alguma, registrou belo feito ao derrotar a seleção argentina pela expressiva contagem de 5X1, em disputa da II Taça do Atlântico. Ninguém desconhece o alto valor da equipe da Argentina, tantas vezes comprovado em lutas memoráveis, razão pela qual o triunfo alcançado pela equipe brasileira se reveste de real valor.

(...)

Não se julgue que a seleção argentina foi demasiadamente fraca diante dos 5X1 do Maracanã, pois jogou bem e se defendeu valentemente. Acontece, porém, que o quadro brasileiro, sem se preocupar com o ponto inicial obtido pelos visitantes, articulou-se bem e cresceu em campo para tornar-se mais seguro nas ações, impondo-se como o melhor conjunto no gramado.<sup>262</sup>

Com a vitória sobre os argentinos, os brasileiros ainda precisariam de um tropeço da Seleção Uruguaia para conquistar o título. Na partida contra o Paraguai, em Montevideu, no dia 13 de julho, ele não veio, vitória dos donos da casa por 2X1. Os uruguaios foram para Buenos Aires precisando apenas de um empate para ficarem com a Taça do Atlântico. O jogo foi disputado no dia 17 de julho e os argentinos se recuperaram da goleada sofrida para o Brasil aplicando outra em seu rival platino, por 4X0. Dessa forma, Argentina, Brasil e Uruguai terminaram com o mesmo número de pontos. Em virtude do melhor saldo de gols, 4 no total, o Brasil se tornou bicampeão do torneio.

#### **4.7. COPA DE 1962: “COM BRASILEIRO, NÃO HÁ QUEM POSSA!!!”.**

A marchinha composta em 1958 continuou embalando os sonhos brasileiros na Copa de 1962, disputada no Chile. Brasil e Argentina não se enfrentaram em 1961 e em 1962, apesar de terem realizados vários jogos antes do Mundial. Após enfrentar a Argentina pela Taça do Atlântico, o Brasil realizou 11 partidas oficiais até a estreia na Copa do Mundo em 30 de maio de 1962 contra o México, vencendo todos eles.

A Argentina, por sua vez, entrou em campo 14 vezes entre julho de 1960 e sua estreia na Copa do Mundo no dia 30 de maio de 1962, sendo duas delas pelas eliminatórias, contra o

---

<sup>262</sup> JORNAL DO BRASIL, 14 de julho de 1960, p. 12.

Equador. Venceu 7 partidas, empatou 5 e foi derrotada em 2 oportunidades.

Politicamente os dois países passavam por situações políticas tensas. Arturo Frondizi assumiu o governo no dia 1º de maio de 1958. Sua ideia de desenvolvimento baseava-se na abertura ao capital estrangeiro, especialmente para o setor petrolífero, procurando deixar o país autossuficiente,<sup>263</sup> para o siderúrgico e para o automotivo, além de um amplo programa de obras públicas que, como de costume, elevou os gastos estatais. O plano de estabilização implantando no final do seu primeiro ano no poder já dava claro sinais de ter falhado em meados de 1959, o que acarretou uma onda de protestos no país que foram duramente reprimidos pelo governo. Frondizi decretou estado de sítio, que durou até o fim prematuro do seu governo em 29 de março de 1962, em decorrência de um golpe militar.<sup>264</sup>

No Brasil, a situação não era melhor. Juscelino Kubitschek não elegeu seu sucessor e Jânio Quadros foi eleito Presidente da República nas eleições de 3 de outubro de 1960. Ele assumiu o cargo no dia 31 de janeiro do ano seguinte. Segundo Lilia Schwarcz e Heloisa Starling: “Quem votou em Jânio, porém, iria descobrir que o novo presidente se saía melhor disputando votos do que administrando o país”.<sup>265</sup>

Apesar de ter alcançado êxito na negociação da dívida externa e também na condução de uma política externa independente, o então presidente não se preocupou em montar uma base aliada sólida no Congresso, assim como não se mostrou interessado em negociar com o campo oposicionista. Nos sete meses em que ficou no poder entrou em atrito com o Congresso, com a imprensa, com o funcionalismo público e com o vice-presidente da República. Acabou rompendo com o seu principal aliado político, a União Democrática Nacional (UDN). Isolado e desgastado com o Congresso, Jânio renunciou em 25 de agosto de 1961.

---

<sup>263</sup> Entre 1957 e 1962 o abastecimento de petróleo cresceu de 5 para 17 milhões de metros cúbicos e o de gás de 414.000 para 1.600.000 m<sup>3</sup>. Pode-se afirmar que se alcançou a autossuficiência. Cf. SAÉNZ QUESADA, Maria. op. cit., p. 590.

<sup>264</sup> Frondizi, em 1961, anulou a ilegalidade do *Justicialismo* que participou e venceu em 10 das 14 províncias que realizaram eleições para governador em março de 1962. Por pressão das Forças Armadas, o governo designou interventores para todas aquelas em que os peronistas haviam vencido. Tal ação não arrefeceu a crise o presidente acabou sendo detido pelos comandantes do Exército, marinha e Aeronáutica e enviado, no dia 28 de março de 1962 para Martín García, a mesma ilha em que Yrigoyen foi mantido preso e também, mesmo que brevemente, Perón. Cf. Idem, ibidem., p. 597-598.

<sup>265</sup> SCHWARCZ, Lilia M e STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 431.

Em 25 de agosto, Dia do Soldado, uma sexta-feira, Jânio compareceu, pela manhã, ao desfile militar na Esplanada dos Ministérios, passou a tropa em revista, ouviu a leitura da ordem do dia, saudou a bandeira – tudo como manda o figurino. Voltou para o palácio, mandou chamar os ministros militares e comunicou oficialmente que estava abandonando o cargo. Diante dos militares atônitos, enfatizou: “Com este Congresso não posso governar. Organizem uma junta e dirijam o país”. Assinou a carta renúncia, determinou ao ministro da Justiça que a encaminhasse ao Congresso apenas às quinze horas, e às onze horas embarcou no avião da Presidência rumo à Base Aérea de São Paulo, em Cumbica – na saída de Brasília instruiu o ajudante de ordens que o acompanhava a levar consigo a faixa presidencial.

O que Jânio pretendia com a renúncia, ele nunca explicou bem aos brasileiros. Mas há acordo entre os historiadores: seu gesto intencionava causar uma comoção nacional que o trouxesse de volta triunfalmente ao cargo com os poderes presidenciais aumentados – e, de preferência, sem o Congresso para incomodá-lo.<sup>266</sup>

Como João Goulart se encontrava fora do país, em missão na China, Rainieri Mazzilli, presidente da Câmara dos Deputados assumiu interinamente o poder. O grande desafio a ser superado era convencer parte das Forças Armadas a manter a constitucionalidade do processo e dar posse ao vice-presidente. Após dias de negociações, a saída encontrada foi instaurar um regime parlamentarista no Brasil, tendo como Primeiro-Ministro Tancredo Neves. A partir de tal “solução postiça”, no dizer de Schwarcz e Starling,<sup>267</sup> João Goulart tomou posse no dia 7 de setembro de 1961.

A população brasileira, mesmo sabedora das dificuldades do país, esperava ansiosamente pela Copa do Mundo de 1962, afinal a esperança de conquistar o bicampeonato era muito grande. Na Argentina o objetivo era mais modesto, reconquistar o respeito internacional e o valor do futebol local. “Fim: reivindicar o futebol argentino (ainda que não ganhe). Meio: uma incógnita”.<sup>268</sup>

Após duas Copas do Mundo serem jogadas consecutivamente no continente europeu (1954 e 1958) o rodízio voltou a funcionar e a Argentina e o Chile pleitearam a realização do evento junto à FIFA. Em 1956 foi escolhido o país que sediaría a VII edição da competição, o escolhido foi o Chile e a Argentina, que desde os anos 30 tinha pretensão de organizar um

---

<sup>266</sup> Idem, *ibidem*, p. 433.

<sup>267</sup> Idem, *ibidem*, p. 434.

<sup>268</sup> EL GRÁFICO, 30 de maio de 1962, p. 30-31.

Mundial foi mais uma vez preterida, apesar de apresentar uma infraestrutura melhor do que a chilena. Dois fatos influenciaram a escolha, o primeiro a articulação do presidente da Conmebol Carlos Dittborn Pinto, que era chileno, com várias confederações do continente para apoiarem as pretensões de seu país. O segundo motivo era a instabilidade política vivida na Argentina no momento da escolha do país sede.

A não escolha da Argentina se deveu possivelmente aos temores da FIFA pela instabilidade política do país: em 1955, o presidente Juan Perón fora derrubado num golpe de Estado e acirravam-se naquele momento as disputas internas na nação platina.<sup>269</sup>

Apesar dos esforços chilenos para a realização do evento, como a ampliação do Estádio Nacional de Santiago para 70 mil espectadores, a construção de um novo estádio em Viña del Mar e a reforma de outros, o evento esteve ameaçado de não ocorrer no país em decorrência dos dois grandes terremotos que atingiram o país nos dias 21 e 22 de maio de 1960. Eles mataram mais de 5 mil pessoas, deixaram desabrigados aproximadamente 25% da população e destruíram parte das instalações destinadas ao Mundial. Porém, a FIFA, presidida pelo inglês Stanley Rous, apoiou o país andino que realizou um esforço enorme não só para estar pronto para o evento como para a sua própria reconstrução.

Inscreveram-se para disputar uma das 14 vagas para o Mundial do Chile o total de 54 países. Brasil e Chile estavam automaticamente classificados, o primeiro pelo título conquistado no Mundial anterior e o segundo por ser o país sede. As principais forças do futebol mundial se classificaram, as grandes ausências foram: a Suécia, vice-campeã em 1958, que perdeu a vaga para a Suíça e a França que foi eliminada pela socialista Bulgária.<sup>270</sup>

A Copa só foi disputada por representantes da América e da Europa, pois o sistema adotado pelas eliminatórias obrigava os vencedores dos grupos africanos e asiáticos, como ocorreu em Copas anteriores, a disputar a vaga contra seleções europeias, que obviamente

---

<sup>269</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., v. 1, p. 270. Para aprofundar a escolha do Chile para sediar o Mundial de 1962: MATAMALA, Daniel. *El mito del mundial chileno*. Santiago: Ediciones B, 2000. Para a resenha da obra, Cf. MOLINA, Cristine e VILCHES, Diego. *El mito del mundial chileno*. Disponível em: [http://www.historiaycultura.cl/doc/Matamala\\_Mundial.pdf](http://www.historiaycultura.cl/doc/Matamala_Mundial.pdf). Acessado em: 15 de agosto de 2015.

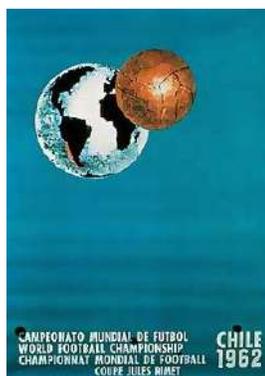
<sup>270</sup> Em tempos de Guerra Fria, os franceses reclamaram bastante do árbitro da partida contra os búlgaros que era da também socialista Tchecoslováquia, conseqüentemente teria favorecido o seu congênere ideológico.

estavam mais evoluídas na prática do futebol. Por sinal, João Havelange soube aproveitar o forte descontentamento dos países afro-asiáticos com a FIFA para assumir a presidência da entidade em 1974.

A fórmula de disputa do Mundial foi idêntica a competição de quatro anos antes. Quatro grupos com quatro equipes, com todos se enfrentando em turno único e os dois melhores de cada grupo avançando para a próxima fase. A partir daí, a competição se tornava eliminatória até se conhecer o campeão. A novidade é que, em caso de empate, não haveria mais o desgastante jogo extra, valeria o critério de *goals average*, tradicional no futebol inglês.<sup>271</sup>

Os grupos foram definidos por sorteio dirigido, prática ainda adotada pela FIFA.<sup>272</sup> O Mundial foi disputado entre os dias 30 de maio e 17 de junho de 1962. O Brasil ficou no Grupo 3, com sede em Viña del Mar, tendo como adversários o México, a Tchecoslováquia e a Espanha. O Grupo 4, com sede em Rancagua, foi formado pela Argentina, Bulgária, Hungria e Inglaterra.<sup>273</sup>

**Figura 15: Pôster da VII Copa do Mundo de Futebol – 1962 – Chile<sup>274</sup>**



A Copa do Chile foi a última em que jogadores estrangeiros poderiam atuar

<sup>271</sup> Proporção entre os gols feitos e os tomados. Ele se obtêm da divisão dos gols marcados pelos sofridos. Tal método foi posteriormente abolido pois favorecia as equipes mais defensivas. Cf. TALIO, Daniel e LUCCA, Guillermo de. *Dicionário de fútbol*. Buenos Aires: Claridad, 2009, p. 156. PENNA, Leonam. op. cit., p. 118.

<sup>272</sup> A FIFA, em decorrência do sorteio dirigido, é acusada de beneficiar as seleções mais fortes e atender aos interesses dos patrocinadores das competições e redes de comunicação, que não desejam a eliminação precoce dos selecionados mais fortes.

<sup>273</sup> O Grupo 1: Colômbia, Iugoslávia, União Soviética e Uruguai – Sede em Arica. Grupo 2: Alemanha Ocidental, Chile, Itália e Suíça – Sede em Santiago.

<sup>274</sup> MOCHILEIRO. “Copas do Mundo de 1962 no Chile”. Disponível em: <http://mochileiro.tur.br/copa-1962.htm>. Acessado em: 28 de julho de 2017.

livremente por selecionados de outros países, fato comum até então. Os argentinos, naturalizados italianos, Sivori e Maschio atuaram pela Seleção Italiana, Di Stéfano<sup>275</sup> fez parte da delegação espanhola, ele não jogou por estar contundido, o brasileiro Mazolla também atuou pela Itália. Três dias antes da abertura oficial da Copa do Mundo, a FIFA reuniu-se em Santiago e definiu as regras para a naturalização de jogadores. Ficou definido que, a partir da Copa do Mundo de 1966, um jogador só poderia atuar por uma determinada seleção caso nunca tivesse participado de partidas oficiais defendendo outro país.<sup>276</sup>

As primeiras partidas de todos os grupos, como ocorreu na Suécia, aconteceram no mesmo dia, 30 de maio, uma quarta-feira e o complemento da rodada no dia seguinte. Argentina e Brasil jogaram no dia 30 de maio e, apesar das vitórias conquistadas, não apresentaram um grande futebol. Os primeiros venceram a Bulgária pelo placar mínimo, gol de Facundo<sup>277</sup> e segundo o *La Nación*: “Seu principal defeito foi carecer de poder ofensivo e ter desenvolvido um jogo aceitável somente nos primeiros minutos”.<sup>278</sup> O *Jornal do Brasil* afirmou que argentinos e búlgaros apresentaram um antifutebol em 90 minutos de monotonia.<sup>279</sup> Já a Seleção Brasileira derrotou o México<sup>280</sup> por 2X0, gols no segundo tempo, marcados por Zagallo e Pelé.<sup>281</sup> “O

---

<sup>275</sup> Alfredo Stéfano Di Stéfano Laulhé (Buenos Aires, 26 de julho de 1926 – Madri, 7 de julho de 2014). Um dos maiores jogadores do futebol argentino ao lado de Moreno e Maradona. Era um jogador que realizava jogadas simples, mas sempre muito eficientes, além de ser um goleador nato e que possuía grande senso de colocação no gramado. Começou sua carreira no River Plate e pela equipe de Buenos Aires jogou entre 1945 e 1949 com uma rápida passagem em 1946 pelo Huracán. Conquistou o campeonato argentino em 1945 e 1947. Em 1949 partiu para o *El Dorado* colombiano e atuou na “Liga Pirata” entre 1949 e 1953 pelo Millionarios, equipe pela qual conquistou o campeonato colombiano nos anos de 1949, 1951, 1952 e 1953. Em 1953 transferiu-se para o Real Madrid, equipe em que foi ídolo e jogou até 1964 quando passou dois anos no Espanyol, sua última equipe. Parou de jogar em 1966. Pela equipe da capital espanhola foram inúmeros títulos: 8 campeonatos espanhóis (1954, 1955, 1957, 1958, 1961, 1962, 1963 e 1964); 1 Copa da Espanha (1962); 2 Copas Latinas (1955 e 1957); 5 Ligas dos Campeões da UEFA consecutivas (1956, 1957, 1958, 1959 e 1960) e 1 Copa Intercontinental (1960). Apesar de seu sucesso nos clubes, tal fato não se reproduziu da mesma forma pelas seleções que defendeu, conquistou apenas 1 Sul-Americano em 1947. Também é preciso ressaltar que só defendeu a Seleção da Argentina em 6 partidas. Di Stéfano é um dos raros jogadores que defendeu 3 seleções: Argentina, Colômbia (4 vezes) e Espanha (31 vezes). Pela Argentina, não enfrentou a Seleção Brasileira.

<sup>276</sup> Cf. RIBAS, Lycio Vellozo. *O mundo das Copas*. São Paulo: Lua de Papel, 2010, p. 114.

<sup>277</sup> Escalação da Seleção Argentina: Roma, Alberto Sainz, Paez, Marzolini, Navarro, Sacchi, Rossi, Sanfilippo, Facundo, Belén e Pagani. Escalação da Seleção Búlgara: Naidenov, Dimitrov, Kotov, Rakarov, Kostov, Lakimov, Diev, Kovachev, Iliev, Velichkov e Kolev. O árbitro da partida foi o espanhol Juan Gardeazábal Garay.

<sup>278</sup> *LA NACION*, 31 de maio de 1962, p. 14.

<sup>279</sup> *JORNAL DO BRASIL*, 31 de maio de 1962, p. 11.

<sup>280</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo, Nilton Santos, Zito, Didi, Garrincha, Vavá, Pelé e Zagallo. Escalação da Seleção Mexicana: Carbajal, Del Muro, Cárdenas, Sepúlveda, Villegas, Reyes, Najera, Del Aguilla, Hernández, Jasso e Diaz. O juiz da partida foi o suíço Gottfried Dienst

<sup>281</sup> A partida pode ser integralmente assistida pelo YouTube. Cf. FOOTBALL CLASSICS. “World Cup 1962 Brazil X México”. <https://www.youtube.com/watch?v=O9cQJ9M3cc>. Acessado em 28 de julho de 2017.

ganhador não jogou com o brilho habitual e exerceu notório domínio no segundo tempo no qual o México atuou na defensiva”.<sup>282</sup>

No dia 2 de junho Brasil e Argentina voltaram ao campo para enfrentarem, respectivamente, Tchecoslováquia e Inglaterra. O Brasil começou melhor a partida,<sup>283</sup> mas aos 27 minutos um acontecimento modificou não só o cenário do jogo, mas aparentemente toda a participação brasileira no Mundial. Pelé passou por dois adversários e chutou para o gol, a bola acertou a trave da goleiro Tcheco e retornou para o jogador brasileiro que ao chutar novamente acabou sofrendo um estiramento muscular na coxa esquerda. O principal jogador brasileiro ficou fora do restante da competição. A partida terminou empatada em 0X0.<sup>284</sup> A Argentina, por sua vez, acabou sendo surpreendida pela velocidade da equipe inglesa e perdeu por 3X1.<sup>285</sup>

Argentina e Brasil terminaram a participação na fase de grupos da Copa do Mundo de 1962 no dia 6 de junho. Os argentinos precisavam vencer os húngaros,<sup>286</sup> se possível por uma boa margem de gols, para não dependerem do resultado entre Inglaterra e Bulgária. Foi a melhor apresentação da albiceleste no torneio, mesmo assim o placar não se alterou, com grande atuação do goleiro Grosics.<sup>287</sup> Segundo o Jornal do Brasil, apesar de ter jogado ofensivamente, a Argentina mostrou “que continuam a carregar os mesmos defeitos quando se trata de concluir, pois só o fazem de perto e sem muita perfeição”.<sup>288</sup> A Hungria, com o resultado, garantiu a primeira posição do grupo e a Argentina dependia de uma derrota da Inglaterra para continuar no

<sup>282</sup> Idem, *ibidem*, p. 14.

<sup>283</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo, Nilton Santos, Zito, Didi, Garrincha, Vavá, Pelé e Zagallo. Escalação da Seleção da Tchecoslováquia: Schrojf, Lala, Popluhar, Novak, Pliskal, Masopust, Stibranyi, Scherer, Kvasnak, Adamec e Jelinek II. O árbitro da partida foi o francês Pierre Schwinte.

<sup>284</sup> Algumas jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. TDSPM. “Brasil X Tchecoslováquia Grupo 3 Copa do Mundo de 1962”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M1zO48bKZyQ>. Acessado em: 28 de julho de 2017.

<sup>285</sup> Escalação da Seleção da Argentina: Roma, Marzolini, Paez, Navarro, Vladislao Cap, Sacchi, Rattin, Sanfilippo, Belén, Sosa e Oleniak. Escalação da Seleção Inglesa: Springett, Armfield, Wilson, Norman, Bobby Moore, Flowers, Bobby Charlton, Greaves, haynes, Douglas e Peacock. O árbitro da partida foi o russo Nikolai Latichev. Os gols da partida podem ser visualizados no YouTube. Cf. NORA, Felipe. “Copa de 1962: Inglaterra 3X1 Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7AQhu99JrSo>. Acessado em: 28 de julho de 2017.

<sup>286</sup> Escalação da Seleção Argentina: Dominguez, Marzolini, Sainz, Vladislao Cap, Ramos, Sacchi, Facundo, Pando, Pagani, Oleniak e González. Escalação da Seleção Húngara: Grosics, Mátrai, Mészöly, Sárosi, Solymosi, Sipos, Göröcs, Rákosi, Tichý, Monostori e Kuharszki. O árbitro da partida foi o peruano Arturo Yamasaki.

<sup>287</sup> Algumas jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. TSDPM. “Hungria X Argentina Grupo 4 Copa do Mundo de 1962”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0plVVVvgDYM>. Acessado em: 28 de julho de 2017.

<sup>288</sup> JORNAL DO BRASIL, 7 de junho de 1962, p. 13.

Mundial, contudo os ingleses empataram sem gols com os búlgaros e, em virtude do saldo de gols, avançaram para a próxima etapa.

O Brasil, que só precisava de um empate para avançar para a fase seguinte sem depender do resultado entre Tchecoslováquia e México, fez um jogo disputadíssimo contra a Espanha<sup>289</sup> que, com um gol de Adelardo, foi vitoriosa no primeiro tempo e poderia ter complicado ainda mais a situação brasileira se o árbitro da partida, o chileno Sergio Bustamante, houvesse marcado o pênalti de Nilton Santos<sup>290</sup> sobre Collar. O juiz foi enganado pela malandragem do defensor brasileiro, que após derrubar o espanhol dentro da área, deu um passo para frente e ergueu os braços, com isso induziu o juiz a marcar a falta fora da grande área. Amarildo, que havia substituído Pelé, até então não realizava uma grande partida, mas aos 27 minutos começou a ganhar a fama de “Possesso”,<sup>291</sup> ao empatar a partida após cruzamento de Zagallo. O nomeado por Vinícius de Moraes “anjo de pernas tortas”, Garrincha, driblou três espanhóis pela direita e cruzou na cabeça de Amarildo, Brasil 2X1, classificado em primeiro lugar no grupo.<sup>292</sup>

A atuação de Amarildo foi assim definida pelo *La Nacion*: “Amarildo pareceu inseguro no primeiro tempo, porém voltou para o campo na etapa complementar vigoroso e incisivo e se converteu em um dos melhores homens de sua equipe”.<sup>293</sup>

<sup>289</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo, Nilton Santos, Zito, Didi, Garrincha, Vavá, Amarildo e Zagallo. Escalação da Seleção Espanhola: Araquistain, Rodrí, Echeberría, Gracia, Pachin, Vergés, Collar, Adelardo, Puskas, Peiró e Gento. O árbitro da partida foi o chileno Sergio Bustamante.

<sup>290</sup> Nilton dos Santos (Rio de Janeiro, 16 de maio de 1925 – Rio de Janeiro, 27 de novembro de 2013). Considerado o maior lateral-esquerdo da história do futebol. Tinha o apelido de “A Enciclopédia”. Jogou toda a sua longa carreira pelo Botafogo entre 1948 e 1964. A única camisa que envergou a não ser a do Botafogo foi a da Seleção Brasileira. Pelo Botafogo atuou em 718 partidas e marcou 11 gols. Foi campeão carioca em 1948, 1957, 1961 e 1962 e conquistou a Taça Rio-São Paulo em 1962 e 1964. Defendeu a Seleção Brasileira em 85 oportunidades sendo 75 delas em jogos oficiais. Participou de 4 Copas do Mundo: 1950 (reserva), 1954, 1958 e 1962. Conquistou o Campeonato Sul-Americano de 1949; a Copa Rio Branco em 1950; a Taça Oswaldo Cruz em 1950, 1955, 1961 e 1962; o Campeonato Pan-Americano em 1952; a Taça Bernardo O’Higgins em 1955 e 1961; a Taça do Atlântico em 1956 e 1960; foi vice-campeão mundial em 1950 e ganhou duas Copas do Mundo em 1958 e 1962. Apesar de sua vasta carreira no selecionado brasileiro, só enfrentou a Argentina em duas oportunidades: 1 vitória e 1 empate.

<sup>291</sup> Apelido dado a Amarildo por Nelson Rodrigues em crônica publica no jornal *O Globo* de 7 de junho de 1962. Cf. RODRIGUES, Nelson. *A sombra das chuteiras imortais*: crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 86-88.

<sup>292</sup> A partida está disponível na íntegra. Cf. ARANDA, Joaky. “Mundial 1962: Brasil 2-1 España”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mAjoYQoboPs>. Acessado em 28 de julho de 2017.

<sup>293</sup> LA NACION, 7 de junho de 1962, p. 15.

Viña del Mar, 10 de junho de 1962, assistiu a uma das mais incríveis partidas da carreira de Garrincha. O Brasil enfrentou a Inglaterra e venceu por 3X1.<sup>294</sup> Garrincha marcou dois gols e ainda cobrou a falta que o goleiro inglês rebateu e que Vavá jogou para o fundo das redes.<sup>295</sup> Segundo Guterman:

Em 10 de junho, o mundo saberia que um jogador de pernas tortas era capaz de ganhar sozinho uma Copa. Garrincha estava talvez no melhor dia de sua carreira. Jogou em todas as posições do ataque, deixou vários zagueiros no chão e, fato inédito em sua trajetória, até gol de cabeça ele marcou, abrindo o marcador aos 32 minutos do primeiro tempo.<sup>296</sup>

Nas demais partidas das quartas de finais o Chile venceu a União Soviética pelo placar de 2X1. A Iugoslávia derrotou a Alemanha Ocidental por 1X0 e finalmente a Tchecoslováquia bateu também por 1X0 a Hungria. As semi-finais ficaram definidas da seguinte forma: Chile X Brasil e Iugoslávia X Tchecoslováquia.

As duas semi-finais foram disputadas no dia 13 de junho. A Seleção Brasileira deixou o estádio Sausalito, em Viña del Mar, no qual tinha realizado todas as partidas até o momento e foi para Santiago, enfrentar os donos da casa. Os chilenos estavam muito confiantes e se ouvia por toda a capital a seguinte frase: “*Com Didi o sin Didi los haremos hacer pipi*”.<sup>297</sup> O Estádio Nacional lotado, com 76.500 pagantes, assistiu um Brasil que soube se impor desde o início da partida.<sup>298</sup> Aos 9 minutos a bola foi lançada para Zagallo na esquerda que cruzou alto na área do Chile. Amarildo tentou uma bicicleta, mas falhou. A bola chegou até Vavá que tocou para trás para Garrincha arrematar forte, da entrada da área, no ângulo do goleiro chileno. O Brasil largava na frente.

<sup>294</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo, Nilton Santos, Zito, Didi, Garrincha, Vavá, Amarildo e Zagallo. Escalação da Seleção Inglesa: Springett, Armfield, Wilson, Moore, Norman, Flowers, Douglas, Greaves, Hitchens, Haynes e R. Charlton. O árbitro da partida foi o francês Pierre Schwinte.

<sup>295</sup> Algumas jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. BALEYA, Tom. “Copa do Mundo 1962: Brasil 3 x 1 Inglaterra (Quartas de Final)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5YCELVWtBAY>. Acessado em: 28 de julho de 2017.

<sup>296</sup> GUTERMAN, Marcos. op. cit., p. 141.

<sup>297</sup> SOTER Ivan (et.al). *Todos os jogos do Brasil*. São Paulo: Editora Abril, 2006, p. 205. Em relação à frase, existia uma dúvida se Didi teria ou não condições de enfrentar a Seleção Chilena em virtude de uma contusão.

<sup>298</sup> Escalação da Seleção Chilena: Escuti, Eyzaguirre, Contreras, Raúl Sánchez, Rodríguez, Rojas, Ramírez, Toro, Landa, Tobar e Leonel Sánchez. Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo, Nilton Santos, Zito, Didi, Garrincha, Vavá, Amarildo e Zagallo. O árbitro da partida foi o peruano Arturo Yamasaki.

O Brasil continuou jogando bem, porém, mais no entusiasmo do que efetivamente na qualidade técnica o Chile criava algumas situações de perigo, como no chute de Rojas que acertou a trave de Gilmar. Mas foi o Brasil, aos 32 minutos, que chegou ao segundo gol. Zagallo cobrou o escanteio e Garrincha, de cabeça, ampliou o placar. “A torcida chilena via ruir, em silêncio, o sonho da vitória”.<sup>299</sup> A esperança renasceu para os locais aos 43 minutos quando, em uma cobrança de falta, Toro diminuiu o placar. O primeiro tempo terminou com a vantagem brasileira por 2X1.

Mal a etapa complementar tinha iniciado e Vavá de cabeça, após cobrança de escanteio, alterava o placar para 3X1. Mesmo exercendo o domínio da partida, o Brasil sofreu o segundo gol, de pênalti, batido por Leonel Sánchez. Após o gol, o Chile passou a pressionar por alguns minutos a equipe brasileira, no entanto, aos poucos ela recuperou o domínio da partida. A tranquilidade chegou aos 32 minutos, Zagallo recebeu a bola pela esquerda, próximo a área, ajeitou com um toque e cruzou para a entrada fulminante de cabeça de Vavá. O Brasil, com os 4X2, disputaria a sua segunda final consecutiva e a terceira nas últimas quatro Copas do Mundo.<sup>300</sup>

Para a final contra a Tchecoslováquia, que derrotou a Iugoslávia por 3X1, o Brasil teria que resolver um grave problema. Em decorrência da violência praticada pelos chilenos, Garrincha, de forma inusitada inclusive, reagiu a mais uma entrada violenta que recebeu ao longo do jogo e deu um leve pontapé no traseiro do volante Rojas. Acabou expulso da partida e deveria cumprir suspensão automática, ou seja, não jogaria a grande final.

Dei um pontapé em Rojas para me vingar das agressões sofridas durante todo o jogo. Não aguentava mais e, confesso, perdi a cabeça – disse Garrincha no vestiário dos brasileiros, embora estivesse acabrunhado e fugisse de todo mundo, escondendo-se sempre junto de Aimoré.<sup>301</sup>

Uma operação de guerra foi formada para dar condições de jogo para o ponta

<sup>299</sup> JORNAL DO BRASIL, 14 de junho de 1962, p. 14.

<sup>300</sup> Algumas jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. PORTALDACOPA. Copa do Mundo 1962 - Brasil x Chile”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2KNt9393Tyc>. Acessado em: 28 de julho de 2017.

<sup>301</sup> JORNAL DO BRASIL, 14 de junho de 1962, p. 14.

brasileiro. Em decorrência de um telegrama enviado aos dirigentes da Seleção Brasileira, pelo Primeiro Ministro, Tancredo Neves, afirmou-se que o governo brasileiro pressionava a FIFA para absolver Garrincha.

O Presidente do Conselho de Ministros, Sr. Tancredo Neves, enviou telegrama aos dirigentes da seleção brasileira, expressando a esperança de que a FIFA faça justiça à disciplina dos atletas brasileiros.

Eis o telegrama:

Governo e o povo brasileiros receberam com grande entusiasmo a brilhante atuação do nosso selecionado, conquistando mais um triunfo espetacular valorizado pela soberba atuação e viril combatividade dos nossos irmãos chilenos.

Estamos certos de que a FIFA fará justiça à disciplina dos atletas brasileiros, assegurando para a disputa final a presença de todos os valores de nossa equipe, especialmente dêste admirável Garrincha, a quem peço cumprimentar entusiasticamente. Abrace os valorosos rapazes do nosso selecionado, transmitindo-lhes toda a nossa confiança e votos no triunfo final do Brasil.<sup>302</sup>

Tendo ou não o governo pressionado a FIFA, o certo é que a participação de Garrincha na final contra a Tchecoslováquia foi um dos episódios mais nebulosos da História das Copas do Mundo. Yamazaqui, o árbitro peruano,<sup>303</sup> teria sido contactado por dirigentes da CBD para não registrar na súmula do jogo a expulsão do atleta brasileiro. Além disso, segundo Yallop, foi enviada para Santiago uma valise cheia de dinheiro procedente do Brasil. O juiz imediatamente partiu do Chile para o Rio de Janeiro em companhia de um antigo árbitro paulista João Etzel Filho. Na “Cidade Maravilhosa” teria sido visto em companhia de belas mulheres na noite carioca. O bandeirinha, Esteban Marino, recebeu uma passagem para Paris e rapidamente deixou o Chile. O certo é que a descrição branda realizada pelo árbitro acrescido do sumiço do depoente, o bandeirinha Esteban Marino, é que Garrincha foi absolvido em julgamento promovido pela FIFA por 4 a 3 e pôde, dessa forma, participar da final contra a indignada Tchecoslováquia.<sup>304</sup>

As duas seleções estavam confiantes e acreditavam na vitória, apesar de respeitarem o adversário. A Seleção da Tchecoslováquia era um time bastante perigoso, comandando por um

<sup>302</sup> Idem, *ibidem*, p. 12.

<sup>303</sup> Curiosamente, os peruanos estão envolvidos em duas passagens bastante nebulosas em Copas do Mundo. A passagem aqui discutida sobre a Copa de 1962 e posteriormente, na Copa de 1978, quando a própria Seleção Peruana teria sido “comprada” para facilitar o jogo decisivo contra os argentinos como será relatado no próximo capítulo.

<sup>304</sup> YALLOP, David. *Como eles roubaram o jogo*. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 57-58.

ótimo goleiro, Schrojf (também comumente grafado como Schroiff), uma zaga muito eficiente com Novak e Popluhár e o meio campo contava com o habilidoso Masopust. Era uma equipe que atuava com toques rápidos e seus atletas se movimentavam constantemente com o intuito de confundir a marcação adversária.

O *La Nacion* lembrou que o único ponto perdido pelo Brasil no decorrer da Copa do Mundo foi exatamente contra o adversário da grande final, na primeira fase, quando empataram sem gols. Não obstante, o periódico lembrou que a Seleção Brasileira, em virtude da contusão de Pelé, atuou quase toda a partida com apenas dez jogadores. Também destacou que o Brasil não era só o detentor do melhor ataque como tinha uma das defesas menos vazadas, assim como a Tchecoslováquia, ambas tomaram apenas 4 gols no decorrer de toda a competição. A diferença era que o Brasil havia marcado 11 gols e seu adversário apenas 5 (na verdade foram 6 gols).<sup>305</sup>

A partida final foi disputada no Estádio Nacional de Santiago, para um público de aproximadamente 69 mil pagantes, que torcia majoritariamente para o Brasil, no dia 17 de junho de 1962.<sup>306</sup> De forma até surpreendente, pois a principal característica dos tchecos era o jogo defensivo, eles partiram para o ataque e logo aos 14 minutos, Masopust recebeu um passe perfeito de Pospichal no meio da defesa brasileira e livre, dentro da área brasileira, tocou na saída de Gilmar para o fundo do gol. A situação brasileira deveria se complicar bastante, afinal os tchecos poderiam agora praticar o futebol defensivo que os caracterizaram ao longo do torneio.

Felizmente para o Brasil, a vantagem de seu adversário durou apenas dois minutos. Zagallo tentou avançar pelo lado esquerdo, mas seu marcador colocou a bola para fora. O próprio Zagallo bateu o lateral para Amarildo que se livrou de dois marcadores em direção à linha de fundo, quando todos pensaram que cruzaria a bola, o “Possesso” chutou, com efeito, e empatou a partida. O jogo continuou equilibrado e Garrincha, mesmo causando pavor em seus marcadores, não brilhava com em outras oportunidades em virtude de estar fortemente gripado. Não houve novas alterações no placar na fase inicial.

---

<sup>305</sup> LA NACION, 15 de junho de 1962, p. 12.

<sup>306</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo, Nilton Santos, Zito, Didi, Garrincha, Vavá, Amarildo e Zagallo. Escalação da Seleção da Tchecoslováquia: Schrojf, Tichy, Novak, Pluskal, Popluhar, Masopust, Pospichal, Scherer, Kadraba, Kvasnak e Jelinek II. O árbitro da partida foi o soviético Nicolay Letichev.

Na etapa final, por mais uma vez, a Tchecoslováquia buscou surpreender atacando o Brasil que adotou o contra-ataque como arma. A estratégia brasileira surtiu efeito, aos 25 minutos. Zito dominou a bola na intermediária brasileira, partiu com ela para o ataque, cruzou o meio campo e avançou mais umas duas dezenas de metros e lançou Amarildo pelo lado esquerdo da área adversária, o atacante brasileiro dominou-a, deu um drible desconcertante em seu marcador e cruzou com perfeição na cabeça de Zito que marcou o gol da virada brasileira. Os europeus voltaram a atacar o Brasil e tiveram um pênalti não marcado pelo árbitro soviético quando a bola tocou na mão de Djalma Santos dentro da área brasileira. Aos 34 minutos, Garrincha bateu o lateral do lado direito do ataque brasileiro para Djalma Santos que girou o corpo e chutou para o alto, dentro da área, o excelente goleiro tcheco saiu para agarrar a bola, mas falhou, talvez em virtude do sol, largou a bola nos pés de Vavá que só teve o trabalho de empurrar para o gol vazio. O Brasil repetia o feito conquistado pela Itália, foi bicampeão mundial em duas Copas consecutivas.<sup>307</sup>

**Figura 16: Seleção Brasileira campeã em 1962<sup>308</sup>**



O Mundial teve seis artilheiros que marcaram 4 gols, dentre eles Garrincha<sup>309</sup> e Vavá.

<sup>307</sup> Os gols da partida podem ser assistido no YouTube. Cf. DELAPLATA84. “Brasil X Tchecoslováquia final da Copa do Mundo de 1962”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q8JnoHdEYa8>. Acessado em 29 de julho de 2017. A partida também pode ser assistida na íntegra. Cf. CIRURGIÃO Vídeos. “Final do Copa do Mundo 1962 – Brazil VS Checoslováquia (Jogo Completo)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JxEEYhwZWv8>. Acessado em 29 de julho de 2017.

<sup>308</sup> MINUTO LIGADO. “Copa do Mundo de 1962: bicampeonato da Seleção Brasileira”. Disponível em: <http://minutoligado.com.br/esportes/copa-mundo-de-1962-bicampeonato-da-selecao-brasileira/>. Acessado em: 29 de julho de 2017.

<sup>309</sup> Manuel Francisco dos Santos – Garrincha (Pau Grande-RJ, 28 de outubro de 1933 – Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1983). Um dos maiores jogadores do futebol mundial, exímio driblador, é considerado o maior ponta direita do futebol mundial. Jogou a maior parte da sua carreira, certamente a mais brilhante, no Botafogo. Chegou ao clube em

O ponta direito brasileiro ainda foi eleito o principal jogador do Mundial e o Brasil inovou mais uma vez, com a saída de Pelé, Aymoré Moreira optou por colocar Zagallo<sup>310</sup> jogando mais atrás, ou seja, reforçando o meio campo, o que, para muitos, originou o esquema 4-3-3.

O La Nacion afirmou que o título foi merecido e representou mais uma vitória do futebol sul-americano, do futebol alegre jogado pelo Brasil, sobre o europeu, considerado rígido, hierárquico, quase solene.<sup>311</sup> Porém, a alegria não significa irresponsabilidade ou improvisação na preparação dentro ou fora do campo, havia um padrão tático claro e seguido pelos brasileiros. O excelente domínio de bola dos vencedores, a capacidade de fazer jogadas inesperadas, para o jornal, ora analisado, não deve ser confundido com improvisação.

O Brasil, demonstrou uma vez mais a sólida estrutura de seu jogo ajustada a uma rigorosa estratégia coletiva. Jogou com a classe e a confiança de um autêntico campeão. Nada nele é improvisação ou inspiração, como alguns pretendem. O Brasil não improvisa nem dentro nem fora do campo. Seu padrão de jogo se baseia no 4-3-3 ou 4-2-4. Está servido por homens capazes de aplicar o sistema, porém dotados de um controle de bola e uma técnica inigualáveis. Homens que

---

1953 com 20 anos de idade e lá permaneceu até 1965. A partir daí, já apresentando um futebol decadente, iniciou uma peregrinação: em 1966 jogou pelo Corinthians, em 1967 pela Portuguesa Santista, em 1968 atuou uma única partida pelo Atlético Júnior da Colômbia, jogou nos anos de 1968 e 1969 pelo Flamengo, em 1971 e 1972 pelo Red Star da França e encerrou a carreira em 1972 pelo Olaria. Dois apelidos o acompanharam durante sua vida: “Anjo das pernas tortas” e “Alegria do Povo”. Pelo Botafogo atuou em 614 partidas e marcou 245 gols. Foi campeão carioca em 1957, 1961 e 1962 e do Torneio Rio-São Paulo de 1962 e 1964. Atuou em 60 partidas pela Seleção Brasileira (17 gols), 50 delas oficiais (12 gols), perdeu apenas uma, a última, contra a Hungria na Copa de 1966. Foram inúmeros títulos conquistados envergando a camisa do selecionado nacional: Taça Bernardo O’Higgins (1955, 1959 e 1961); Taça Oswaldo Cruz (1958, 1961 e 1962) e os dois mais importantes, as Copas do Mundo de 1958 e 1962. Enfrentou a Argentina somente duas vezes: 2 empates.

<sup>310</sup> Mario Jorge Lobo Zagallo (Maceió, 9 de agosto de 1931). Um dos brasileiros mais vitoriosos no futebol, seja como atleta, técnico ou componente da comissão técnica. Mesmo não sendo um jogador de habilidade muito destacada, sua facilidade para atacar e também de recompor a marcação o transformou em um dos precursores do denominado “futebol-total”. Dotado de muito fôlego e impressionante senso de futebol coletivo lhe renderam o apelido de “formiguinha”. Jogou em apenas três equipes ao longo de sua carreira que começou em 1948 no América-RJ. Em 1950 foi vendido ao Flamengo, clube pelo qual ganhou projeção nacional e conquistou o tricampeonato carioca (1953, 1954 e 1955). Em 1958 foi atuar no Botafogo e, em um clube recheado de craques como Nilton Santos, Garrincha e Didi, também companheiros na Seleção Brasileira, conquistou o bicampeonato carioca (1961 e 1962). Encerrou a carreira em 1965 defendendo o alvinegro carioca para iniciar a ainda mais vitoriosa carreira de técnico de futebol. Defendeu a Seleção Brasileira em 33 partidas oficiais obtendo 30 vitórias e apenas 3 derrotas. Venceu a Taça Oswaldo Cruz (1958, 1961 e 1962); a Taça Bernardo O’Higgins (1959 e 1961), Taça Atlântico (1960), Copa Roca (1963) e especialmente as duas Copas do Mundo (1958 e 1962). É o treinador que mais dirigiu até o momento a Seleção Brasileira, foram 122 jogos entre 1967 e 1998, obtendo 86 vitórias, 26 empates e apenas 10 derrotas. Foi campeão do mundo em 1970, quarto colocado em 1974 e vice-campeão em 1998. Além disso foi coordenador técnico da Seleção Brasileira de 1994 que conquistou o tetracampeonato mundial. Ainda como técnico, ganhou a medalha de bronze nas Olimpíadas de 1996, no ano seguinte, venceu a Copa América e a Copa das Confederações. Enfrentou a Argentina como atleta em uma única oportunidade, em 1963, conquistando uma vitória. Como treinador foram sete jogos: 3 vitórias, três empates e 1 derrota.

<sup>311</sup> LA NACION, 18 de junho de 1962, p. 1.

recebem, param, conduzem e arrematam com a segurança daqueles para quem o domínio da bola não tem segredos. São, precisamente, essas qualidades individuais as que muitos confundem com a inspiração.<sup>312</sup>

As observações do El Gráfico não são muito distintas: “No Chile, como antes na Suécia, o Brasil impôs seu futebol rico em valores individuais assimilados à disciplina de conjunto”.<sup>313</sup>

#### 4.8. SUL-AMERICANOS, COPA ROCA E TAÇA DAS NAÇÕES: 1963 - 1965:

O Brasil não mais se apresentou no ano de 1962 depois de conquistar o bicampeonato mundial. A Argentina realizou três jogos no referido ano, venceu o Uruguai por 3X1 em agosto e em novembro enfrentou por duas vezes os chilenos: um empate em Santiago por 1X1 e vitória em Buenos Aires por 1X0. A albiceleste foi dirigida nestes jogos por Néstor Rossi<sup>314</sup>

A Bolívia, pela primeira vez, foi escolhida para sediar um Campeonato Sul-Americano de futebol. Sete seleções participaram de sua 28<sup>o</sup> edição: Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Paraguai e Peru. Três seleções declinaram do convite: Chile, Uruguai e Venezuela. Os jogos ocorreram entre 10 e 31 de março de 1963 com todas as seleções se enfrentando em turno único. Todas as partidas foram disputadas na altitude boliviana, ou em Cochabamba (2.500 metros de altitude), ou em La Paz (3.600 metros de altitude).

Nem Brasil, nem Argentina levaram seus principais jogadores para a Bolívia. No caso brasileiro, a CBD decidiu atuar com a base da Seleção de Minas Gerais, incorporada por alguns

<sup>312</sup> Idem, ibidem, p. 10.

<sup>313</sup> EL GRÁFICO, 20 de junho de 1962, p. 3.

<sup>314</sup> Nestor Raúl “Pipo” Rossi (Buenos Aires, 10 de maio de 1925 – Buenos Aires, 13 de junho de 2007). É considerado um dos maiores volantes da história do futebol de seu país. Sua carreira está profundamente vinculada com o River Plate, equipe que defendeu em dois períodos, o primeiro entre 1945 e 1949 e entre 1955 e 1958. Por ela conquistou cinco títulos argentinos (1945, 1947, 1955, 1956 e 1957). Entre as duas passagens pelo River, jogou no *El Dorado Colombiano*, pelo Millonarios de Bogotá, conquistado quatro campeonatos locais (1949, 1951, 1952 e 1953) e uma Copa Colombiana (1953). Ao deixar o River Plate em 1958, atuou pelo Huracán até 1961, ano em que encerrou a carreira de jogador. Defendeu a Seleção Argentina em 26 oportunidades e foi titular na Copa de 1958. Enfrentou o Brasil em quatro oportunidades: 2 vitórias, 1 empate e 1 derrota. Também enfrentou o combinado da Guanabara, partida não reconhecida pela CBF como da Seleção Brasileira. Aqui Rossi também saiu vencedor.

jogadores paulistas e cariocas que não estavam disputando o Torneio Rio-São Paulo.<sup>315</sup> A Argentina, poucos dias antes de embarcar para a Bolívia, também decidiu levar uma delegação formada por jovens jogadores.

Mesmo não contando com suas seleções principais, Brasil e Argentina estrearam vencendo no dia 10 de março os seus adversários: Peru (1X0) e Colômbia (4X2) respectivamente. As duas partidas foram em Cochabamba. Na segunda rodada, a Argentina, no dia 13, perdeu para o Peru por 2X1 e o Brasil, que subiu ainda mais os Andes, jogando em La Paz, venceu com facilidade a Colômbia por 5X1. A vantagem brasileira só duraria até a próxima partida da Argentina, que teve folga na tabela na terceira rodada, quando o Brasil perdeu para o Paraguai por 2X0, novamente em La Paz e a Argentina, já na quarta rodada – a folga agora era do Brasil – derrotou o Equador por 4X2. A representação do Prata jogou todas as suas partidas, até o momento, em Cochabamba.

A quinta rodada reservava o confronto, em La Paz, no dia 24 de março, entre as duas grandes potências do futebol sul-americano. A Bolívia, que havia empatado apenas a partida de estreia com o Equador (4X4) liderava o torneio. Aparentemente a vantagem deveria ser brasileira, que já se encontrava há mais tempo na capital boliviana e com isso deveria estar mais adaptada à altitude do que a Argentina. Não foi o que aconteceu.<sup>316</sup>

Logo aos 3 minutos, em lance bizarro: “Depois de uma defesa, Marcial chutou para frente bate-pronto, e a bola bateu nas costas de Procópio, ficando na área para Rodriguez empurrá-la para o gol vazio”.<sup>317</sup> O gol foi um prenúncio de que o Brasil não se encontraria em campo, a partida apresentou amplo domínio argentino que, segundo o *El Gráfico*, poderia ter construído uma goleada.<sup>318</sup> Aos 33 minutos, mais um erro brasileiro e novo gol argentino. Geraldinho cobrou errado o lateral que acabou nos pés de Savoy que invadiu a área brasileira e

<sup>315</sup> A Seleção de Minas Gerais havia conquistado em janeiro o título do Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais.

<sup>316</sup> Escalação da Seleção Argentina: Andrada, Navarro, Ditro (Cardoso), Martín, Griguol, Vásquez, Juárez, E. Fernández, M. Rodríguez, Savoy e Zárate. Escalação da Seleção Brasileira: Marcial, Jorge, Mário Tito (William), Procópio, Geraldino, Ilton Vaccari (Ari), Amauri, Flávio, Marco Antônio (Amauri Silva), Hilton Chaves e Osvaldo. O árbitro foi o peruano Arturo Yamasaki.

<sup>317</sup> JORNAL DO BRASIL, 26 de março de 1963, p. 15.

<sup>318</sup> EL GRÁFICO, 27 de março de 1963, p. 4.

marcou o segundo gol.

Era a liquidação do time brasileiro ainda no primeiro tempo, pois apenas Jorge e Hilton Chaves continuavam a correr, enquanto que Procópio, William, Hilton Vacari e Amauri nada faziam. Geraldino dava conta apenas de seu setor, e na frente Marco Antônio tentava jogar sozinho, enquanto Flávio e Osvaldo nem sabiam o que fazer.<sup>319</sup>

Na etapa final, ao dividir uma bola com o zagueiro Ditro, Marco Antônio, que entrou solando, acabou por quebrar a perna direita do atleta adversário. Ao contrário de outras partidas que descambariam para a violência, dessa feita a infeliz jogada acabou arrefecendo os ânimos dos jogadores e a qualidade da partida. Quanto tudo indicava que o placar não mais se alteraria, aos 42 minutos, em um chute desprezioso, o goleiro Marcial, ao sair atabalhoadamente, foi encoberto e a Argentina decretava a vitória por 3X0.

Falando aos jornalistas depois do jogo em que a Argentina venceu o Brasil por 3 a 0, o treinador Aimoré Moreira disse que os argentinos venceram porque têm um time melhor que o brasileiro e devem ganhar o campeonato com facilidade.  
– Eles nos dominaram desde o início, driblando, passando e chutando com liberdade, não nos dando chance de armar qualquer jogada. O time argentino é muito bom, enquanto que o nosso sentiu a falta de elementos de mais experiência – disse Aimoré.<sup>320</sup>

Para a Folha de São Paulo: “Os argentinos, que atuaram sempre com maior categoria e com grande serenidade, terminaram por alcançar vitória das mais merecidas”.<sup>321</sup> Aimoré Moreira, ao reclamar da falta de experiência dos brasileiros, parece não ter se lembrado de que a Argentina também não se apresentou com sua seleção principal. Em relação à sua opinião de que os argentinos seriam campeões do torneio, inclusive com facilidade, o treinador se equivocou. Na rodada seguinte, nos dias 27 e 28 de março, o Brasil empatou com o Equador por 2X2, a equipe vencia a partida por 2X0 até os 40 minutos do segundo tempo, em apenas 5 minutos o Equador buscou o empate; enquanto a Argentina era derrotada para a Bolívia, em La Paz, por 3X2.

Na última rodada, apenas duas seleções poderiam chegar ao título, a Bolívia que liderava a competição com 9 pontos e o Paraguai que seguia um ponto atrás. A profecia do

<sup>319</sup> JORNAL DO BRASIL, 26 de março de 1963, p. 15.

<sup>320</sup> Idem, ibidem, p. 15.

<sup>321</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 25 de março de 1963, p. 13.

treinador brasileiro não ocorreu e com o empate em 1X1 entre Argentina e Paraguai, a albiceleste ficou na terceira posição no torneio enquanto os paraguaios foram vice-campeões. Já a Bolívia derrotou por 5X4 o Brasil e pela primeira e única vez na sua história (até 2018) conquistou o título sul-americano. Os bolivianos terminaram invictos, com 5 vitórias e um empate.<sup>322</sup>

Em abril, apenas duas semanas após o encerramento do Sul-Americano, Brasil e Argentina se encontraram para disputar a Copa Roca em território brasileiro. O treinador brasileiro, dessa feita, contaria com um selecionado bem mais experiente e forte, inclusive com vários bicampeões mundiais. A Argentina, por sua vez, resolveu manter a base que disputou o campeonato na Bolívia acrescido de alguns atletas mais experientes com destaque para Cielinsky, escolhido para marcar Pelé.

A primeira partida ocorreu no Morumbi, em São Paulo, no dia 13 de abril de 1963 para aproximadamente 50 mil torcedores.<sup>323</sup> Sob o comando de Pelé, o Brasil começou melhor o encontro, porém, a contusão de Coutinho, ainda aos 20 minutos, e o encaixe da marcação de Cielinsky sobre Pelé, alteraram completamente o cenário do jogo e a Argentina passou a dominar o embate. Aos 29 minutos, Juárez, avançou pela direita após driblar Altair, substituto de Nilton Santos, cruzou a bola para a área, San Lorenzo ganhou no alto de Mauro e a bola chegou até Lallana, que chutou para marcar 1X0. Placar do primeiro tempo.

Mal começou a etapa complementar e os argentinos ampliaram, aos 2 minutos, Lallana, de cabeça, subiu sozinho após cobrança de escanteio e colocou no fundo das redes do Brasil. O sonho brasileiro voltou a ser acalentado seis minutos depois, Pepe recebeu a bola nas costas de Martín, entrou na área e bateu forte, no canto de Andrada.<sup>324</sup> Aos 18 minutos, o ataque argentino entrou com facilidade na defesa brasileira, Fernández lançou Juárez que chutou da entrada da área para fazer Argentina 3X1. Aos 28 minutos, Andrada cobrou mal o tiro de meta e a bola sobrou para Pepe que bateu forte para descontar para o Brasil. A Argentina recuou e

---

<sup>322</sup> O técnico boliviano era o vice-campeão mundial em 1950 pela Seleção Brasileira, Danilo Alvim, “o Príncipe”.

<sup>323</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Dari, Altair, Zequinha, Mengálvio (Gérson), Dorval, Coutinho (Nei – Amarildo), Pelé e Pepe (Zagallo). Escalação da Seleção Argentina: Andrada, Navarro, Iñigo, Martín (Ferreiro), Cielinsky (Messiano), Vázquez, Juárez, E. Fernández, San Lorenzo (M. Rodríguez), Savoy e Lallana (M. Rodríguez). O árbitro da partida foi o uruguaio Esteban Marino.

<sup>324</sup> Andrada é o goleiro que atuando no Vasco da Gama levou, de pênalti, o milésimo gol de Pelé.

garantiu o resultado de 3X2.<sup>325</sup> O domínio argentino foi de tal monta que o Jornal do Brasil considerou o recuo dos visitantes como “o único erro dos argentinos. Dominavam amplamente e se impunham com autoridade no ataque. Sorte deles é que o time do Brasil, ontem, era uma caricatura da seleção bicampeã do mundo”.<sup>326</sup>

A imprensa argentina ficou eufórica e até surpreendida com a merecida vitória de seu selecionado: “Triunfo sem discussão”.<sup>327</sup> O La Nacion inclusive ressaltou que essa era a própria opinião da imprensa brasileira: “Ninguém discute no Brasil a vitória da Argentina”<sup>328</sup> e acrescentou: “Uma grande surpresa deu o selecionado argentino de futebol. O selecionado do Brasil, duas vezes campeão mundial, perdeu hoje por 3 a 2, após ser superado por 1 a 0 ao término da primeira etapa”.<sup>329</sup>

Para o Jornal do Brasil:

A seleção brasileira, pela primeira vez formada depois de bicampeã do mundo, deu ontem uma demonstração de mediocridade e desorientação geral ao ser derrotada pelos argentinos por 3 a 2, no Estádio do Morumbi, na primeira partida da Copa Roca-63 e início dos preparativos para a próxima excursão à Europa.

A equipe argentina, que é a mesma que fez papel apagado no recente e fraco sul-americano da Bolívia, ainda desfalcada, dominou os brasileiros durante todo o tempo com facilidade e teve méritos na vitória, conseguida com base em um bom meio de campo, jogo corrido, rasteiro e inteligente.<sup>330</sup>

Armando Nogueira foi ainda mais ferino em sua coluna: “Se as imagens não mentiram, a seleção brasileira tomou um baile como há muito tempo eu não via: os argentinos, com a sua seleção cacareco, ganharam o jogo andando, caminhando”.<sup>331</sup>

O Maracanã ficou cheio, na noite de 16 de abril, para assistir a segunda e decisiva

<sup>325</sup> Algumas jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. RLUIZ66. “Brasil 2X3 Argentina - 1963”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=hi-HRVKK\\_K4](https://www.youtube.com/watch?v=hi-HRVKK_K4). Acessado em: 31 de julho de 2017.

<sup>326</sup> JORNAL DO BRASIL, 14 de abril de 1963, p. 22.

<sup>327</sup> EL GRÁFICO, 24 de abril de 1963, p. 4.

<sup>328</sup> LA NACION, 15 de abril de 1963, p. 12.

<sup>329</sup> Idem, 14 de abril de 1963, p. 1.

<sup>330</sup> JORNAL DO BRASIL, 14 de abril de 1963, p. 22.

<sup>331</sup> Idem, ibidem, p. 21. O cronista alude as imagens pois assistiu a partida pela televisão.

partida da Copa Roca, foram mais de 130 mil pagantes. O Brasil teria que vencer o jogo para levar a disputa para a prorrogação. Caso isto acontecesse, por ter sido o último campeão, os anfitriões jogariam os 30 minutos adicionais pelo empate. As duas seleções efetuaram poucas alterações em relação ao jogo disputado em São Paulo.<sup>332</sup>

Os brasileiros, desde o início, queriam apagar a péssima impressão deixada no jogo anterior e para isso contaram com Pelé em noite muito inspirada. O camisa 10 do Brasil driblou Vásquez e Navarro e acabou sendo derrubado pelo último dentro da área. Aos 20 minutos, cobrança perfeita de Pelé e Brasil 1X0. Apenas 3 minutos depois, o autor do gol recebeu a bola pela direita, driblou dois adversários e foi até a linha de fundo cruzar na área, Amarildo, na corrida, bateu para marcar 2X0. Os argentinos tentaram equilibrar o jogo e aos 27 minutos tiveram uma falta do lado direito da área brasileira, Juárez bateu para a área e os zagueiros não foram capazes de impedir a cabeçada de Fernández para diminuir o placar. O Brasil voltou a pressionar, mas parou nas grandes defesas de Andrada. Placar final da etapa inicial mostrava a vantagem brasileira por 2X1.

Aos 5 minutos da etapa complementar, Pelé investiu sobre a defesa argentina e acabou sendo novamente derrubado dentro da área. O próprio camisa 10 se encarregou da cobrança da penalidade máxima para ampliar o placar. O quarto gol, foi o mais bonito da noite, Pelé recebeu a bola de Zito na intermediária adversária, passou por três marcadores na corrida e chutou forte, da entrada da área, para marcar o seu terceiro gol no jogo.<sup>333</sup>

Com a vitória brasileira no segundo confronto no tempo regulamentar, o campeão seria conhecido na prorrogação e ela começou de forma surpreendente sob uma forte chuva. Logo aos 4 minutos, Menotti cruzou a bola da direita para a área brasileira e Rodríguez, de cabeça, colocou os visitantes na frente do marcador. Apesar de sentir o gol, o Brasil voltou a atacar o seu adversário. Em cobrança de falta sofrida por Pelé, Amarildo jogou na trave argentina. A pressão continuava e gol amadurecia e ele veio aos 14 minutos. Pelé avançou pela direita, driblou Martín

---

<sup>332</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Cláudio, Altair, Zito (Zequinha), Mengálvio (Gérson), Dorval, Amarildo, Pelé e Pepe (Zagallo). Escalação da Seleção Argentina: Andrada, Navarro, Iñigo (Decaria), Martín, Cielinsky, Vásquez, Juárez, Fernández, San Lorenzo (Menotti), Savoy, Lallana (M. Rodríguez). O árbitro da partida foi o uruguaio Esteban Marino.

<sup>333</sup> Pelé foi o primeiro jogador brasileiro a marcar três gols em uma mesma partida contra a Argentina.

e foi até a linha de fundo para cruzar a bola nos pés de Amarildo que chutou forte, com precisão, para empatar a disputa. Sentindo o desgaste do esforço físico realizado, o segundo tempo apresentou um nível bem mais baixo e o placar não se alterou. Dessa forma, o Brasil manteve a Copa Roca. No placar agregado, vitória brasileira por 5X2.

O Jornal do Brasil sintetizou no título do artigo que relata a partida a grande apresentação da Seleção Brasileira: “Brasil mantém Copa Roca com vitória, empate e ‘olé’”.<sup>334</sup> Já o La Nacion tratou de enfatizar a força do futebol brasileiro assim como a seleção de seu país ter conseguido fazer frente à bicampeã do mundo contrariando a maior parte dos prognósticos que eram bastante pessimistas. Segundo o periódico argentino: “Emoções e esperanças: chegou à seleção nacional”.<sup>335</sup>

A década de 60 foi extremamente tensa para a política brasileira e a argentina. Em 1962 um golpe militar depôs Frondizi e o advogado José Maria Guido assumiu momentaneamente o poder supervisionado pelas Forças Armadas. Em seu curto mandato, que foi de março de 62 até outubro do ano seguinte, decretou um novo Estatuto de Partidos Políticos com o claro objetivo de não legalizar o peronismo, que dessa forma foi impedido de concorrer nas eleições presidenciais de maio de 1963. O vencedor, com apenas 25% dos votos, foi Arturo Umberto Illia.<sup>336</sup> O novo presidente buscou eliminar as restrições que recaíam, tanto sobre o peronismo como ao Partido Comunista. O seu governo também ficou marcado pela recuperação econômica, quando o país atingiu taxas de crescimento entre 9% e 10% ao ano.<sup>337</sup> Porém, seus problemas se iniciaram em 1965 quando o peronismo saiu-se vencedor nas eleições legislativas, fato que desagradou bastante uma parte significativa dos militares. A falta de apoio dos peronistas, a insatisfação de setores econômicos mais conservadores com a política monetária adotada, a anulação de contratos com empresas estrangeiras na área petrolífera assinados por Frondizi e o recrudescimento da atividade sindical foram os principais fatores que detonaram mais um golpe militar no dia 28 de julho de 1966 que ficou conhecido como *Revolución Argentina* e o general Juan Carlos Onganía assumiu o poder.

---

<sup>334</sup> JORNAL DO BRASIL, 17 de abril de 1963, p. 12.

<sup>335</sup> LA NACION, 18 de abril de 1963, p. 14.

<sup>336</sup> SAÉNZ QUESADA, Maria. op. cit., p. 604.

<sup>337</sup> Idem, ibidem, p. 609.

No Brasil, João Goulart recuperou integralmente seus poderes presidenciais através do plebiscito ocorrido em 6 de janeiro de 1963, era o fim da experiência parlamentarista no país. Para combater a inflação e fomentar o desenvolvimento, variáveis difíceis de serem equacionadas economicamente, foi lançado o Plano Trienal que, desde o início, passou a sofrer resistência de diversos setores sociais. No plano internacional, urgia renegociar a dívida externa com os Estados Unidos. Goulart foi amistosamente recebido por John Kennedy, porém, em um mundo marcado pela Guerra Fria e pela bipolaridade – Estados Unidos e União Soviética – a manutenção da política externa independente, adotada ainda por Jânio Quadros, “contrariava as exigências de alinhamento do Brasil diante dos dois pólos de poder mundial”.<sup>338</sup>

Internamente o país estava dividido em uma agenda à esquerda e outra à direita, ambas disputando espaço, para se transformar em um projeto para o país, porém sem muita disposição de resolverem as diferenças dentro das regras democráticas. “Faltava ao governo habilidade de convencimento e, sobrava radicalismo às forças políticas que atuavam dentro e fora do Congresso Nacional”.<sup>339</sup>

Goulart decidiu, em março de 1964, partir para o embate com o Congresso Nacional e aprovar suas Reformas de Base anunciadas no comício da Central do Brasil ocorrido no dia 13 do referido mês, que objetivava também demonstrar a união das esquerdas e o avanço dos trabalhadores ao lado do governo. A resposta da oposição não tardou. No dia 19, em São Paulo, uma multidão saiu da Praça da República e marchou até a Praça da Sé contra Goulart, Brizola e o comunismo. Era a “Marcha da Família com Deus e pela Liberdade”. Ela tinha dois objetivos: “servir como resposta ao comício da Central do Brasil e lançar um eloquente apelo da sociedade à intervenção das Forças Armadas”.<sup>340</sup>

O clima de animosidade se acentuou no restante do mês e a desastrosa intervenção presidencial em um motim de marinheiros iniciada na Semana Santa minou em definitivo a autoridade presidencial junto aos militares.

---

<sup>338</sup> SCHWARCZ, Lilia M e STARLING, Heloisa M. op. cit, p. 438.

<sup>339</sup> Idem, ibidem, p. 442.

<sup>340</sup> Idem, ibidem, p. 444.

No dia 25 de março, (...), o ministro da Marinha detonou a crise que iria comprometer de forma irremediável a autoridade do governo com os militares e fornecer a justificativa para o golpe: mandou prender quarenta marinheiros e cabos que organizaram as solenidades de comemoração do segundo aniversário da Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil (AMFNB). (...) Com a ordem de prisão, explodiu o motim. (...) Na madrugada de 27 de março, Jango voltou para o Rio às pressas, nomeou novo ministro, assumiu as negociações e pôs tudo a perder: pela manhã, acertou a saída dos amotinados e mandou levá-los a um quartel do Exército. No mesmo dia, à tarde, liberou a marujada, declarando-os anistiados. O espetáculo dos marinheiros insubordinados marchando eufóricos pelas ruas do centro do Rio de Janeiro, em direção ao Ministério da Guerra, calou fundo nas Forças Armadas e deixou estarecida a oficialidade. A interpretação era unânime: o que sucedera na Marinha fora quebra de disciplina, rompimento do princípio de hierarquia e desmoralização do comando.<sup>341</sup>

No dia 30 de março, o último ato, Jango foi discursar na festa de posse da nova diretoria da Associação dos Sargentos, no auditório do Automóvel Clube no Rio de Janeiro. Fez um discurso emotivo, porém em mais um ato interpretado como quebra da hierarquia militar, selou o seu destino. Durante a madrugada, o general Olympio Mourão Filho, comandante da 4ª região militar, sediada em Juiz de Fora, Minas Gerais, decidiu descer com sua tropa em direção ao Rio de Janeiro e tomar de assalto o Ministério da Guerra e depor o governo de Goulart. Começava assim mais um período ditatorial no Brasil e que perduraria até 1985.

Os regimes implantados nos dois países e liderados pelo general Onganía e o marechal Castelo Branco, na Argentina e no Brasil, se encaixam no modelo denominado pelo cientista político argentino Guillermo O'Donnell, como "Estado Burocrático-Autoritário".<sup>342</sup> Para o autor, tal estado se caracterizaria pela anulação de mecanismos políticos e democráticos, reduzindo, dessa forma, a cidadania política, com o intuito de retornar a uma ordem social e econômica anterior que havia sido transformada, em especial, pela classe trabalhadora. O uso da violência e da censura eram práticas correntes no sentido de alcançar os objetivos pretendidos.

Nos dois países, universidades, consideradas berços da subversão e do comunismo, foram invadidas. Na Argentina, por exemplo, as forças policiais tomaram, no dia 29 de julho de

---

<sup>341</sup> Idem, *ibidem*, p. 445.

<sup>342</sup> Cf. O'DONNELL, Guillermo. *Modernization and Bureaucratic-Authoritarianism*. Berkeley: Institute of International Studies, University of California at Berkeley, 1973. O'DONNELL, Guillermo. *Análise do autoritarismo burocrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

1966, as instituições de ensino, destruíram laboratórios e bibliotecas e desalojaram professores e alunos a golpes de cassetetes. Tal fato ficou conhecido como a *Noche de los bastones largos*.<sup>343</sup> Os dois países também adotaram políticas econômicas que propiciaram quedas sensíveis nos níveis inflacionários, assim como elevações também acentuadas em seus respectivos PIBs. Ambos, primeiramente a Argentina, nomearam de “milagre econômico” tal crescimento.

Retornando ao futebol, a CBD, com o intuito de comemorar o quinquagésimo aniversário da primeira partida oficial da Seleção Brasileira e da própria Confederação, organizou em 1964 um torneio, disputado entre 30 de maio e 7 de junho, denominado Taça das Nações. Ele contou com a participação da Argentina, Brasil, Inglaterra e Portugal.<sup>344</sup> Segundo o regulamento, todas as seleções se enfrentariam em turno único.

Por ter sido convidada em cima da hora, a Argentina se reuniu apenas duas semanas antes do torneio iniciar. Interessante foi a forma como os jogadores foram escolhidos:

Cerca de duas semanas antes do início da Taça das Nações, Ramos Delgado tinha acabado de participar de um treinamento coletivo no clube em que jogava, o River Plate, quando recebeu um telefonema. Era Valentin Suárez, presidente da AFA, informando que a Itália desistira de disputar o torneio e que a Argentina havia sido convidada às pressas para a competição no Brasil. O jogador deveria se dirigir para a sede da federação argentina imediatamente, junto com Antonio Rattín. Assim, Delgado telefonou para o meio-campista do Boca Juniors e explicou a situação. Pouco depois, os dois se encontraram na sede da AFA, ali se reuniram com José Maria Minella, que seria o treinador do selecionado, e juntos começaram a escrever, de próprio punho em um pedaço de papel de rascunho, quais jogadores representariam o país.<sup>345</sup>

Mesmo sendo chamada às pressas, a Argentina enxergava na competição uma excelente oportunidade de voltar a se afirmar como potência futebolística no cenário internacional. Para o país, apesar de contar com inúmeros títulos continentais, lhe faltava um título de maior expressão internacional, afinal a sua maior conquista havia sido o vice-

<sup>343</sup> Cf. SAÉNZ QUESADA, Maria. op. cit., p. 619-620.

<sup>344</sup> “A ideia inicial era sediar uma espécie de mini-mundial envolvendo algumas das equipes favoritas à Copa de 1966, que aconteceria na Inglaterra. No entanto, a falta de interesse de alguns selecionados e a desistência na última hora por parte de outros levaram a CBD optar por promover um quadrangular com jogos em São Paulo e no Rio de Janeiro. A Argentina foi convidada para a vaga da Itália e Portugal para a vaga da União Soviética”. Cf. SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 264.

<sup>345</sup> Idem, ibidem, p. 266.

campeonato mundial em 1930. Neste sentido, buscou-se mesclar jogadores experientes, como Carrizo,<sup>346</sup> Varacka, Delgado<sup>347</sup> e Rattín, com outros jovens promissores.

A abertura do torneio foi no dia 30 de maio, no Maracanã, com o jogo entre Brasil e Inglaterra. O público foi de aproximadamente 70 mil pagantes. Os ingleses contavam com vários jogadores que seriam campeões mundiais em 1966 e o Brasil, por sua vez, teve Pelé em tarde extremamente inspirada. O resultado foi uma vitória indiscutível do Brasil por 5X1.<sup>348</sup> No dia seguinte a Argentina fez sua estreia, também no Maracanã, contra a Seleção Portuguesa e, mesmo sem ter realizado uma partida empolgante, derrotou seu adversário por 2X0.<sup>349</sup> Para a imprensa brasileira, a maior experiência e malícia dos argentinos garantiram a vitória.

Nos dois momentos em que a malícia argentina foi bastante para punir a ingenuidade portuguesa, decidiu-se a partida em que as seleções da Argentina e de Portugal estrearam na Taça das Nações, domingo, num jogo lento e, em sua maior parte, pobre.<sup>350</sup>

---

<sup>346</sup> Amadeo Raúl Carrizo Larretape (Rufino – Província de Santa Fé, 12 de maio de 1926). É considerado o melhor goleiro argentino nas décadas de 1950 e 1960. Inovador, foi ele quem começou a sair da área para interceptar eventuais ataques dos adversários ao se lançar aos pés do adversário para ficar com a bola, a utilizar o tiro de meta como forma de contra atacar o adversário e também foi o primeiro goleiro argentino a usar luvas. Iniciou sua carreira no River Plate em 1945, com apenas 19 anos. Defendeu a equipe de Buenos Aires por 13 anos, em 513 partidas, e conquistou sete títulos argentinos (1945, 1947, 1952, 1953, 1955, 1956 e 1957). Em 1969 transferiu-se para o Alianza Lima, do Peru, equipe pela qual jogou apenas 1 partida e ainda neste ano foi jogar nos Millionarios, da Colômbia, equipe que defendeu também em 1970 quando deixou o futebol. Jogou entre 1954 e 1964 pela Seleção Argentina e nela teve altos e baixos. Ficou negativamente marcado pela derrota na Copa de 1958 contra a Tchecoslováquia. O atleta foi considerado um dos principais responsáveis pela goleada sofrida. Contudo, se redimiou com uma brilhante atuação da Taça das Nações, disputada no Brasil, sem levar gols durante todo o torneio. Jogou três vezes contra o Brasil: 2 vitórias e 1 derrota. Sofreu 3 gols nestas partidas.

<sup>347</sup> José Manuel Ramos Delgado (Quilmes – Província de Buenos Aires, 26 de agosto de 1935 – Villa Elisa – Província de Buenos Aires, 3 de dezembro de 2010). Um dos maiores zagueiros argentinos, tinha descendência caboverdiana. “El Negro” também se tornou ídolo no futebol brasileiro, jogando ao lado de Pelé no Santos. O início da carreira foi no Lanús, em 1956. Em 1959 transferiu-se para o River Plate, time de coração. Em 1965 jogou no Banfield e em 1967 foi contratado pelo Santos. Foi capitão da equipe paulista entre 1968 e 1972 e conquistou três campeonatos paulistas (1967, 1968 e 1969); um Torneio Roberto Gomes Pedrosa, que é considerado como um brasileiro (1968); a Recopa Sul-Americana e a Recopa Mundial (1968). Em 1973 foi jogar na Portuguesa Santista, ano em que encerrou a carreira. Foi jogador da Seleção Argentina entre 1958 e 1965, disputando duas Copas do Mundo (1958 e 1962). Enfrentou o Brasil em duas oportunidades, conquistando 1 vitória e 1 empate.

<sup>348</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, Carlos Alberto, Brito, Joel, Rildo, Roberto Dias, Gérson, Julinho, Vavá, Pelé e Rinaldo. Escalação da Seleção Inglesa: Waiters, Cohen, Wilson, Milne, Norman, Bobby Moore, P. Thompson, Greaves, J. Bryne, Eastham e Bobby Charlton. O árbitro da partida foi o francês Pierre Schwinte. Os gols brasileiros foram marcados por Rinaldo (2), Pelé, Julinho e Roberto Dias. Greaves fez o gol inglês.

<sup>349</sup> Escalação da Seleção Argentina: Carrizzo, Simeone, Delgado, Videll, Varacka, Ratin, Rendo, Onega, Artime, Rojas e Bielli. Escalação da Seleção Argentina: Américo, Festa, José Carlos, Pedro Gomes, Germano, Hernâni, Fernando Mendes (Custódio Pinto), Coluna, Eusébio, Simões e Torres. O árbitro da partida foi o holandês Leo Horn. Os gols da Argentina foram marcados por Rojas e Rendo.

<sup>350</sup> JORNAL DO BRASIL, 2 de junho de 1964, p. 15.

A segunda rodada do torneio foi disputada em São Paulo, no Pacaembu. No dia 3 de junho disputou-se o clássico sul-americano e no dia seguinte, 4 de junho, Portugal X Inglaterra. A partida entre as seleções europeias terminou empatada em 1X1.

Para os argentinos, a sua seleção não possuía o mesmo nível técnico que a brasileira, no entanto acreditavam que a vitória poderia ser obtida caso fossem eficientes no plano tático. Para isso, estudaram profundamente a Seleção Brasileira e elaboraram um esquema que tinha como objetivo anular Pelé. Ele seria marcado individualmente por José Messiano no meio-campo e por Varacka<sup>351</sup> nos momentos em que o jogador brasileiro se aproximasse da área argentina.

A partida iniciou com a Argentina exercendo forte marcação, impedindo a criação de jogadas ofensivas por parte da Seleção Brasileira.<sup>352</sup> Aos 27 minutos, a agressão de Pelé ao seu marcador, Messiano, começou a definir os rumos da partida. Muito incomodado com a marcação exercida pelo argentino, sem ser visto pelo juiz, Pelé desferiu uma cabeçada no nariz de Messiano. Em virtude da agressão, o argentino acabou sendo substituído pelo jovem Telch, de apenas 20 anos. Pelé afirmou para a Folha de São Paulo que o jogador argentino, o qual não sabia o nome, apenas o número da camisa: “Ele entrou em campo com a camisa número 11 parece que com o objetivo de me inutilizar. Desde o início preocupou-se em dar pontapés sem bola. Suportei a primeira e a segunda investidas, mas, na terceira perdi a calma e dei-lhe uma cabeçada”.<sup>353</sup> Para o Jornal do Brasil, Pelé teria inclusive ressaltado que o goleiro argentino, Carrizo, havia alertado Messiano em relação às faltas que estava cometendo e ainda afirmou: “Quando ganhei um pontapé meti a cabeça para mostrar que eu também podia reagir. Todavia, não tive intenção de fraturar-lhe o nariz”.<sup>354</sup>

Após a agressão, a Seleção Brasileira que já encontrava dificuldades para passar pela

---

<sup>351</sup> José Varacka (Buenos Aires, 27 de maio de 1932). É considerado um dos maiores volantes do futebol argentino, jogador elegante e de muita personalidade. Iniciou a carreira em 1952 no Independiente de Avellaneda. Em 1960 passou a atuar no River Plate, equipe pela qual defendeu em seis temporadas e foi por quatro vezes vice-campeão nacional. Em 1966 transferiu-se para o San Lorenzo. Em 1967 teve uma passagem rápida pelo Colo-Colo do Chile e no ano seguinte encerrou sua carreira jogando pelo Miraflores do Peru. Pela Seleção Argentina disputou o Mundial de 1958 (Suécia) e 1966 (Inglaterra). Enfrentou o Brasil em 4 oportunidades: 2 vitórias e 2 derrotas.

<sup>352</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, Carlos Alberto, Brito, Joel, Rildo, Roberto Dias, Gérson, Julinho, Vavá, Pelé e Rinaldo. Escalação da Seleção Argentina: Carrizo, Ramos Delgado, Vieyetz, Simeone, Rattín, Varacka, Ermindo Onega, Rendo, Prospitti, Alfredo Rojas e Messiano (Telch). O árbitro foi o suíço Gottfried Dienst.

<sup>353</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 4 de junho de 1964, p. 8 (Caderno 4).

<sup>354</sup> JORNAL DO BRASIL, 4 de junho de 1964, p. 16.

marcação argentina, ficou ainda mais abalada enquanto seus adversários se fortaleceram emocionalmente. Segundo o técnico argentino, José Minella: “Pelé causou o único incidente que empanou o brilho do espetáculo, prejudicou seu prestígio de ídolo internacional e a própria equipe brasileira, pois nossos jogadores passaram a atuar com muito mais ‘gana’ de vencer”.<sup>355</sup>

O primeiro tempo foi encaminhando para o seu final com a mesma tônica, a Argentina fechada, buscando o contra-ataque. Aos 38 minutos, Prospitti fez um lançamento em profundidade para Onega, que se aproveitou de uma falha de Brito para, em um chute estranho, que tocou no chão, encobrir Gilmar que saía do gol para tentar agarrar a bola. A equipe visitante ainda teve duas chances, antes do final da primeira etapa, para ampliar o marcador, ambas com Rendo. Gilmar conseguiu defender uma e Carlos Alberto salvou a outra em cima da linha do gol.

O segundo tempo recomeçou da mesma forma, o Brasil atacando sem conseguir superar o setor defensivo de seu adversário que tinha no contra-ataque a sua principal arma. Pelé era agora marcado com extrema eficiência por Rattín e Varacka e pouco produzia. Aos 17 minutos, Rojas avançou nas costas de Brito e chutou forte para grande defesa de Gilmar, contudo, Telch, que havia entrado no lugar de Messiano e estreava pela Argentina, na corrida, ampliou o placar.

Mesmo ficando ainda mais confuso, o Brasil se lançou para o ataque sem nenhuma disciplina ou esquema tático, ainda assim teve a oportunidade de reduzir o placar. Na única vez que Pelé conseguiu superar seus marcadores, acabou aparentemente derrubado dentro da área. Pênalti assinalado pelo juiz sob protestos argentinos. Segundo o *El Gráfico*, Pelé teria dito para Rattín: “Eh, Rattín! Tive que fazê-lo porque ando mal e não me sai nenhuma”.<sup>356</sup> Todos, inclusive os argentinos, esperavam que Pelé fosse bater o pênalti, contudo foi Gérson que colocou a bola na marca da cal e bateu colocado no canto esquerdo de Carrizo. O experiente goleiro de 38 anos, para muitos injustamente culpado pela derrota no Mundial de 1958,<sup>357</sup> saltou no canto certo, tocou com a mão, de leve, na bola, o suficiente para que ela batesse na trave e

---

<sup>355</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 4 de junho de 1964, p. 8 (Caderno 4).

<sup>356</sup> EL GRÁFICO, 10 de junho de 1964, p. 2.

<sup>357</sup> Carrizo foi o goleiro argentino na derrota para a Tchecoslováquia por 6X1. Os torcedores não o perdoavam por ter sofrido meia dúzia de gols na partida e, defendendo o gol de sua equipe, o River Plate, era constantemente chamado pela torcida adversária de “*vendepatria*”.

voltasse para a área, nos pés de Varacka, que chutou forte para longe. O Brasil perdeu a chance de incendiar a partida. “Os 2 a 0 do marcador e o penalty perdido deixavam os brasileiros cada vez mais confusos – o meio campo, então, jamais se encontrou – e os argentinos mais certos da vitória”.<sup>358</sup>

Restando apenas 2 minutos para o encerramento do tempo complementar o placar tomaria números finais. Novamente o estreante Telch, após cruzamento, emendou forte para vencer Gilmar. Com a indiscutível vitória, a Argentina só precisaria empatar a última partida, contra a Inglaterra, para conquistar o título. Os brasileiros, como era de se esperar, saíram do campo vaiados pela torcida, enquanto os argentinos, extremamente felizes, se abraçavam no meio de campo. “Pelé saiu cabisbaixo. Talvez envergonhado de sua cabeça sangrenta na cara do jovem Messiano, que havia tido somente o atrevimento de marcá-lo, de apagar seu gênio. E o Rei não gosta que o dominem os súditos”.<sup>359</sup>

Para os jornais brasileiros a vitória da Argentina foi justa, se apresentou de forma muito superior à Seleção Brasileira. No vestiário, os argentinos comemoraram muito, para eles aquela vitória era um grande feito do futebol de seu país. Titulares e suplentes foram vistos sentados no piso do vestiário chorando. Para os dirigentes argentinos aquela havia sido a maior vitória de seu selecionado contra o Brasil.<sup>360</sup> O êxito final também foi atribuído a Messiano, que foi beijado por todos os demais atletas da sua equipe.

Depois do jogo de ontem à noite no Pacaembu, quando voltaram ao vestiário, os jogadores argentinos, chorando de alegria, passaram pela mesa de massagens onde o zagueiro Messiano estava deitado com o rosto envolto em ataduras ensangüentadas e, um a um, o beijaram carinhosamente, dizendo-lhe que a sua saída dera mais garra à equipe.<sup>361</sup>

Brasil e Portugal fecharam o torneio no dia 7 de junho, no Maracanã. Os donos da casa venceram com facilidade o seu adversário pelo placar de 4X1.<sup>362</sup> A partida deu o vice-

<sup>358</sup> JORNAL DO BRASIL, 4 de junho de 1964, p. 16.

<sup>359</sup> EL GRÁFICO, 10 de junho de 1964, p. 3.

<sup>360</sup> JORNAL DO BRASIL, 4 de junho de 1964, p. 16.

<sup>361</sup> Idem, ibidem, p. 16.

<sup>362</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, Carlos Alberto, Brito, Joel, Rildo, Carlinhos, Gérson, Jairzinho, Airton, Pelé e Rinaldo. Escalação da Seleção Portuguesa: Américo, Festa, Alexandre Baptista, Vicente, Pedro Gomez, F.

campeonato para a Seleção Brasileira, afinal, no dia anterior, a Argentina, que só necessitava empatar com a Inglaterra para ficar com o título, havia vencido os “inventores do futebol” pelo placar mínimo, gol de Rojas.<sup>363</sup>

Apesar do título, a alegria argentina, ainda que intensa, parecia menor do que a constatada no jogo contra o Brasil, o que demonstra o grau de respeito e admiração que a albiceleste tinha, naquele momento, pelo futebol brasileiro.

A alegria no vestiário dos argentinos após o jogo de ontem à noite, embora intensa, porque eles acabavam de conquistar a Taça das Nações, não foi nem a metade da que a apresentada quarta-feira à noite em São Paulo, após a vitória contra o Brasil, e nem tanta emoção houve por parte dos jogadores, pois ontem existiram apenas risos, faltando as lágrimas.<sup>364</sup>

Para Newton César Santos essa foi a maior conquista do futebol argentino até aquele momento, o que considero um exagero em virtude dos múltiplos campeonatos continentais conquistados pelo país e o vice-campeonato mundial de 1930, ainda assim, não se deve menosprezar o feito, especialmente em uma década que lhes foi bastante amarga no campo futebolístico.

Foram três vitórias em três partidas, com seis gols a favor e nenhum sofrido – com direito a goleada sobre os campeões do mundo e vitória simples sobre a Inglaterra, que dois anos antes, no Mundial do Chile, os havia superado por 3 a 1. Aquela havia sido a mais importante conquista da história do futebol argentino até então. Por coincidência, foi também o único triunfo obtido durante uma das décadas mais negativas para o esporte, já que as incertezas e desacertos vividos naquele período levaram a Seleção a registrar um índice de derrotas da ordem de 30% nas partidas realizadas entre 1961 e 1970.<sup>365</sup>

A Seleção Argentina foi ovacionada em seu retorno a país. O aeroporto de Ezeiza foi tomado pelos torcedores que invadiram a pista assim que o avião parou próximo ao terminal de passageiros. A multidão os recebeu como se fossem campeões do mundo.

---

Mendes, José Carlos, Hernani, José Augusto, Coluna e Simões. O árbitro foi o francês Pierre Schwinte. Marcaram para o Brasil: Pelé, Jairzinho, Gérson (2). O gol de Portugal foi feito por Coluna.

<sup>363</sup> Escalação da Seleção da Argentina: Carrizo, Simeone, Delgado, Vieira, Vidal, Rattín, Rendo, Onega, Prospitti (Chalbu), Rojas e Telch. Escalação da Seleção Inglesa: Banks, Thompson, Noeman, Bobby Moore, Wilson, Milne, Eastham, Peter Thompson, Greaves, Bryne e Bobby Charlton.

<sup>364</sup> JORNAL DO BRASIL, 7 de junho de 1964, p. 32.

<sup>365</sup> SANTOS, Newton Cesar de Oliveira. op. cit., p. 269.

A Argentina voltou ao campo em 1964 para disputar a Taça Dittborn<sup>366</sup> contra o Chile, as partidas ocorreram no dia 25 de setembro e 14 de outubro, em Buenos Aires e Santiago respectivamente. No primeiro confronto os argentinos golearam os chilenos por 5X0 e, no seguinte, empataram em 1X1, conquistando, dessa forma a taça. Já nos dias 25 de novembro e 8 de dezembro, argentinos e paraguaios disputaram a Copa Chevalier Boutell. Na primeira partida incontestável vitória dos paraguaios, em Assunção, por 3X0. Porém, em Buenos Aires, os argentinos massacraram seus adversários por 8X1, com quatro gols de Luis Artime.<sup>367</sup> O ano seguinte, 1965, era de grande importância para o futebol argentino, pois o país disputaria as eliminatórias para a Copa do Mundo de 1966, que seria disputada na Inglaterra.

O Brasil, por sua vez, passou praticamente um ano sem jogar partidas oficiais, afinal após a vitória contra os portugueses em 7 de junho de 1964, a seleção só voltou ao gramado no dia 2 de junho de 1965 para se vingar, no Maracanã, da derrota sofrida para a Bélgica em 1963.<sup>368</sup> Nelson Rodrigues escreveu:

Como se sabe, há dois anos a Bélgica venceu o Brasil, em Bruxelas, por 5X1. Essa humilhação ainda pingava no sangue. E todo mundo foi ao estádio para vingar a desfeita. (...) Até o Armando Nogueira, que separa o Brasil do escrete, a

---

<sup>366</sup> A Copa Dittborn foi uma competição de futebol disputada entre os selecionados da Argentina e do Chile em homenagem a Carlos Dittborn Pinto, dirigente chileno, presidente da Confederação Chilena de Futebol e também da Conmebol, um dos principais organizadores da Copa do Mundo de 1962 e que faleceu dois meses antes do início do Mundial. A Copa Dittborn foi disputada entre 1962 e 1976. Ao todo foram 9 torneios e o Chile só se sagrou campeão uma única vez, em 1973. A Argentina conquistou a taça nos anos de: 1962, 1964, 1965, 1968, 1971, 1972, 1974 e 1976. Cf. CAMPEÕES DO FUTEBOL. “Copa Dittborn Pinto (Argentina X Chile)”. Disponível em: [http://www.campeoesdofutebol.com.br/copa\\_dittborn\\_pinto.html](http://www.campeoesdofutebol.com.br/copa_dittborn_pinto.html). Acessado em: 6 de agosto de 2017.

<sup>367</sup> Luis Artime (Mendoza, 2 de dezembro de 1938). É considerado um dos maiores e mais implacáveis atacantes do futebol mundial. Seu estilo era de rompedor de defesas e, mesmo não sendo muito habilidoso, compensava com vontade e com ótimo senso de colocação dentro da área. Foi quatro vezes o artilheiro do campeonato argentino, três vezes do uruguaio e uma vez da Copa Libertadores da América. Começou sua carreira, em 1959, no modesto Atlanta. Jogou na equipe até 1972 e marcou 50 gols em 67 partidas. Nos três anos seguintes, entre 1963 e 1966, defendeu as cores do River Plate, melhorando ainda mais sua média de gols, foram 70 em 80 partidas. Em 1967 e 1968 atuou no Independiente (45 gols em 72 partidas). A partir daí começou seu périplo internacional, jogou em 1969 pelo Palmeiras (48 gols em 57 partidas) e conquistou o Torneio Roberto Gomes Pedrosa. Entre 1960 e 1971 atuou pelo Nacional do Uruguai (61 gols em 56 partidas). Conquistou o tri-campeonato uruguaio e a Copa Libertadores da América, da qual foi artilheiro, em 1971. Em 1972, já no fim da carreira, defendeu o Fluminense (4 gols em 9 partidas) e finalmente retornou ao Nacional do Uruguai para jogar entre 1973 e 1974 (4 gols em 10 partidas). Defendeu as cores da Seleção Argentina entre 1961 e 1967 e marcou 24 gols em 25 partidas. Participou da Copa do Mundo de 1966 e foi o artilheiro da Copa América de 1967. Nunca enfrentou o Brasil.

<sup>368</sup> Em 24 de abril de 1963 os belgas atuando em Bruxelas derrotaram por 5X1 o Brasil. A “revanche” ocorreu em 2 de junho de 1965, no Maracanã, com vitória brasileira por 5X0.

pátria do futebol, pingava de patriotismo.<sup>369</sup>

O mês de junho de 1965 foi intenso para a Seleção Brasileira. Além do confronto contra os belgas, jogou contra a Alemanha Ocidental no dia 6, vitória brasileira por 2X0; venceu a Argélia por 3X0 no dia 17; empatou com Portugal em 0X0 no dia 24 e no último dia do mês derrotou a Suécia por 2X1. Entre os jogos contra a Alemanha e contra a Argélia, mais precisamente no dia 9 de junho, o Brasil disputou um amistoso contra a Argentina.

Se a Confederação Brasileira de Desportos buscou criar um clima amistoso entre brasileiros e argentinos, tal entendimento não se estendeu para os atletas dos dois selecionados e nem para os torcedores brasileiros. Rattín, um dos líderes da Seleção Argentina afirmou: “O público terá um bom espetáculo e Pelé não terá chance de quebrar a perna de ninguém porque meus companheiros estão preparados para qualquer deslealdade”.<sup>370</sup> Rattín referiu-se a fratura da perna sofrida, dias antes, pelo atleta alemão Giesemann, em um choque com Pelé.

A Folha de São Paulo expressa claramente o respeito e admiração pela Seleção Argentina. São os confrontos com este selecionado que permitiriam, segundo o periódico, avaliar efetivamente a qualidade e perspectivas do selecionado brasileiro.

Hoje haverá o teste que poderá ser considerado o final e formal, pois a seleção enfrentará a Argentina, que mesmo nos momentos mais difíceis e de crise mais profunda, sempre teve futebol de primeira categoria e foi o maior adversário do Brasil. Veremos hoje do que realmente é capaz o quadro que derrotou os belgas e os alemães.<sup>371</sup>

O futebol argentino, neste momento, ainda contava, nos confrontos diretos, com ampla vantagem de vitórias sobre o brasileiro. Uma das chamadas para o enfrentamento, publicado pelo Jornal do Brasil, ressaltava: “Na história de Brasil X Argentina seleção da CBD só ganha quanto às pernas quebradas”.<sup>372</sup> O periódico começou o artigo ressaltando:

<sup>369</sup> RODRIGUES, Nelson. “Nunca fomos tão brasileiros”. In: *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 93. A crônica foi originalmente publicada no jornal O Globo de 4 de junho de 1965.

<sup>370</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 9 de junho de 1965, p. 7.

<sup>371</sup> Idem, ibidem, p. 1 (Caderno 2).

<sup>372</sup> JORNAL DO BRASIL, 9 de junho de 1965, p. 17.

Desde a primeira partida entre as duas seleções, em setembro de 1914, até hoje, os argentinos vêm levando sempre vantagens sobre os brasileiros, segundo dizem os números: em 47 jogos, o Brasil venceu apenas 14, os argentinos 26 e os empates foram sete.<sup>373</sup>

A partida, disputada na noite da quarta-feira, 9 de junho, teve um pouco mais de 130 mil pagantes, que devem ter saído relativamente frustrados do Maracanã.<sup>374</sup> A Argentina adotou a mesma tática tomada no ano anterior, exercer forte marcação e anular as jogadas de Pelé. Os brasileiros, por sua vez, empurrados pela torcida, partiram para o ataque desde os minutos iniciais. Similar ao que ocorreu na disputa pela Taça das Nações, Pelé não teve grande atuação e pouco produziu frente a marcação de Albrecht que contava com a cobertura de Rattín. O resultado de uma seleção muito preocupada em se defender e da outra, com um ataque pouco eficiente, não poderia ser outro que o 0X0, o segundo da história dos confrontos (o primeiro foi na partida de 8 de julho de 1956).

O Brasil repetiu ontem, no Maracanã, diante de uma Argentina que voltou a utilizar-se de um rígido esquema defensivo, inclusive com vigilância especial a Pelé, os erros que o levaram a perder por 3X0 a Taça das Nações, ano passado, no Pacaembu, para a mesma Argentina. Desta vez, não marcando o seu gol, mas também não deixando que os adversários o fizessem, os brasileiros ficaram no 0X0.<sup>375</sup>

As opiniões de Armando Nogueira e do técnico argentino, José Maria Minella, após a partida caminhavam na mesma direção, a lentidão do ataque brasileiro. Segundo Nogueira:

A Comissão Técnica brasileira enfrentou, ontem à noite, mais uma prova no seu programa de preparação para o Campeonato do Mundo de 66, na Inglaterra. Teve, ante sua disposição de luta, o mais impiedoso ferrolho que se montou no Maracanã nos últimos tempos. Autêntico superferrolho, em cuja engrenagem foram empregados dois atacantes, além de sete defensores entre médios e volantes.

O teste, independente do resultado do jogo, valeu, sobretudo, para demonstrar uma vez mais que a nova seleção brasileira precisa reformular sua concepção de

<sup>373</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>374</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Manga, Djalma Santos, Bellini, Orlando, Rildo, Dudu, Ademir da Guia, Garrincha (Jairzinho), Flávio (Célio), Pelé e Rinaldo. Escalação da Seleção Argentina: Roma, Ramos Delgado, Leonardi, Ferreiro, Sacchi, Albrecht, Chaldú (L. Medina), Rattín, Rendo, Willington (Raffo) e Alfredo Rojas. O árbitro foi o peruano Arturo Yamasaki.

<sup>375</sup> JORNAL DO BRASIL, 10 de junho de 1965, p. 1.

ataque: a retranca exige invasão pelos flancos, com extremas velozes e de alto poder de penetração. A lição do Pacaembu, infelizmente, não foi aprendida pela Comissão Técnica brasileira.<sup>376</sup>

Para Minella, o seu esquema tático teve sucesso pois impediu que os brasileiros “se desforrassem da derrota sofrida na Taça das Nações, no ano passado, em São Paulo”. Afirmou ainda que “achou o ataque do Brasil muito lento” e isso em virtude do “jogo clássico de Ademir da Guia, responsável direto pela armação dos ataques do Brasil”. Sem a velocidade necessária para romper a defesa argentina, o Brasil abusou dos cruzamentos para dentro da área o que “facilitou muito o nosso trabalho, principalmente por causa das bolas altas que caíam sobre nossa área e que eram facilmente rebatidas pelos zagueiros”.<sup>377</sup>

#### **4.9. COPA DE 1966: O FRACASSO BRASILEIRO E A GARRA ARGENTINA.**

Três países disputaram, no Congresso realizado em Roma em 1960, o direito de sediar o Mundial de 1966, foram eles: a Inglaterra, a Alemanha Ocidental e a Espanha. Um pouco antes da eleição que definiria a sede, a Espanha retirou sua candidatura. A pressão exercida pelos dirigentes ingleses, inclusive com o argumento que celebrariam durante o Mundial o centenário da *Football Association*, entidade que formulou às regras do esporte que havia sido criada em 1863, acabou prevalecendo após uma apertada votação: Inglaterra contou com 34 votos e a Alemanha com 27. A Taça Jules Rimet<sup>378</sup> seria disputada, pela primeira vez, no país que é considerado o inventor do futebol.

A fase final do Mundial seria disputada, como nas edições anteriores, por 16 selecionados.<sup>379</sup> A América do Sul contava com 4 vagas, contudo uma delas, em virtude de ser o último campeão, era do Brasil. As nove outras seleções do continente foram divididas em 3 grupos com 3 equipes que se enfrentariam, todos contra todos, em jogos de ida e volta. O vencedor de cada grupo se classificaria para disputar o Mundial na Inglaterra.

---

<sup>376</sup> Idem, *ibidem*, p. 17.

<sup>377</sup> Idem, *ibidem*, p. 17.

<sup>378</sup> Ela foi inicialmente nomeada de “Vitória”, mas também conhecida como Taça do Mundo ou *Coupe du Monde*, mas em homenagem ao principal idealizador do torneio, ela passou a se chamar, em 1946, Taça Jules Rimet. Destaca-se que a homenagem foi realizada em vida, o dirigente francês faleceu apenas em 1956.

<sup>379</sup> 72 seleções filiadas à FIFA disputaram as 14 vagas disponíveis, uma vez que as equipes da Inglaterra (sede) e Brasil (último campeão) estavam automaticamente classificadas para o Mundial.

O Grupo 1 foi formado por Peru, Uruguai e Venezuela. O Uruguai se classificou ao vencer todas as partidas. O Grupo 2 contava com o Chile, a Colômbia e o Equador e foi o mais disputado, afinal o Chile e o Equador terminaram com o mesmo número de pontos e disputaram uma partida extra, em Lima, para saber quem ficaria com a vaga: os chilenos se classificaram para a Copa do Mundo. Finalmente, no Grupo 3, a Argentina, a Bolívia e o Paraguai se enfrentaram em busca da vaga. A Argentina, no dia 1º de agosto derrotou, em Buenos Aires, o Paraguai por 3X0. Na semana seguinte, em Assunção, um empate sem gols. A classificação ficou bem encaminhada no dia 17 de agosto quando, em Buenos Aires, os argentinos golearam a Bolívia por 4X1. A derrota do Paraguai no jogo de volta para a Bolívia, em 22 de agosto, classificou antecipadamente a Seleção da Argentina para o Mundial. No jogo em La Paz, mesmo enfrentando a altitude, vitória albiceleste por 2X1.

Apesar de ter conquistado a classificação, tensões internas na AFA levaram a demissão de Minella do comando técnico do selecionado de seu país. Para o seu lugar foi escolhido Osvaldo Zubeldía. No início de 1966 a AFA havia organizado o planejamento para a disputa da Copa do Mundo. Em 1º de fevereiro os 28 convocados foram reunidos para iniciarem os trabalhos de preparação para o Mundial que seria disputado a partir de julho. Porém, faltando aproximadamente 40 dias para o início da Copa, uma crise se instalou entre os argentinos. O técnico Zubeldía havia chamado para trabalhar com ele Antonio Faldutti. No período de preparação realizado no Colégio Ward, na cidade de Ramos Mejía, Faldutti solicitou junto à AFA ser equiparado a Zubeldía. A AFA não acatou o pedido e Faldutti solicitou seu afastamento da seleção. Em solidariedade ao amigo, Zubeldía, também renunciou ao cargo. Para o seu lugar assumiu Juan Carlos “Toro” Lorenzo que convocou apenas 14 jogadores que faziam parte do grupo anterior.<sup>380</sup>

Ressalta-se que a situação brasileira não era muito melhor e se há algo em comum entre a preparação dos dois selecionados sul-americanos foi a desorganização. O Brasil começou oficialmente a sua no dia 12 de abril de 1966, quando 47 atletas foram chamados e reunidos na cidade mineira de Lambari. O excesso de jogadores convocados reverberava os interesses dos

---

<sup>380</sup> Um relato mais detalhado da desorganização que tomou conta do final da preparação Argentina, especialmente a partir do embarque para à Europa em junho de 1966, pode ser lido na obra intitulada Brasil X Argentina. Cf. SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 275-276.

clubes e decorria especialmente da confiança no título, inclusive em virtude dos resultados obtidos nos jogos disputados em 1965. Ela era de tal monta que se acreditava que “era só ir a Inglaterra e buscar a taça”.<sup>381</sup>

Como exemplo da desorganização, a CBD chegou a convocar um atleta errado, Ditão. O jogador que deveria ter sido convocado era o do Corinthians, mas o que foi realmente chamado pela Confederação foi o irmão, o do Flamengo. Embora fosse necessário realizar uma renovação no selecionado e para isso a fase de treinamentos com 47 atletas serviria de teste para a escolha dos 22 relacionados para a Copa, o problema surgia na medida em que não havia critérios claros para esses “testes”, conseqüentemente para as escolhas.

Para satisfazer os mais variados interesses propagandísticos foram formadas quatro seleções ao mesmo tempo, cada uma representando uma das cores da bandeira brasileira (a verde, a amarela, a branca e a azul). Cada uma dessas formações tinha uma preparação própria e seguia um itinerário de jogos também independente e que atendessem os interesses políticos da Ditadura e de seus aliados. A situação era tão singular que a partida entre Brasil e Peru, disputado no dia 8 de junho de 1966, no Maracanã, foi um jogo preliminar de Brasil e Polônia, logicamente no mesmo estádio. As Seleções Brasileiras, o plural por contar com equipes distintas, venceram as duas partidas, 3X1 e 2X1 respectivamente.

Entre 14 de maio e 15 de junho de 1966, o Brasil realizou 10 amistosos e em nenhum deles repetiu integralmente a equipe, o que obviamente dificultou a formação de um conjunto e impediu, mesmo após Feola definir os seus 22 atletas, qual seria o time titular do Brasil e isso a apenas duas semanas para o início da competição. Finalmente, contrariando o discurso de renovação, formou-se uma seleção veterana, com muitos dos jogadores em franco declínio em suas carreiras,<sup>382</sup> mesclada por alguns novos talentos como Tostão, Jairzinho e Gérson que brilhariam no Mundial seguinte. “A excessiva deferência aos bicampeões do mundo dificultava a

---

<sup>381</sup> SOTER, Ivan. op. cit., p. 132.

<sup>382</sup> Talvez o exemplo mais paradigmático tenha sido a imposição do nome de Garrincha feito por João Havelange, presidente da CBD e dirigente que comandou a delegação brasileira no Mundial após ter rompido relações com Paulo Machado de Carvalho, o “marechal da vitória” que cumprirá a última função em 1958 e 1962. O então jogador do Corinthians-SP há alguns anos já não apresentava o futebol pelo qual ficou conhecido como “Alegria do Povo” e quando convocado estava fora de forma e envolvido com graves problemas pessoais e com o alcoolismo

renovação do time”.<sup>383</sup> Em síntese, ao contrário do que havia ocorrido nos dois mundiais anteriores, o time não treinou adequadamente e, por consequência, não se condicionou fisicamente, não conseguiu se entrosar e com isso também não havia uma equipe titular.

(...) Administrando interesses políticos vários, a grande trupe do selecionado brasileiro percorreu um intenso circuito pelo interior do País, permanecendo temporadas em cidades como Lambari, Caxambu e Teresópolis. Nessas localidades, os treinamentos eram acompanhados de inúmeras solenidades, jantares, recepções, discursos. Sempre havia interesse, ou popular, ou partidário, de chegar perto dos ídolos. Durante três meses os jogadores e a comissão técnica tiveram que desempenhar muitos papéis, dificultando os ensaios para o grande espetáculo que teriam que encenar na Inglaterra.<sup>384</sup>

A Copa de 1966 foi a primeira a contar com uma mascote, ideia do comitê organizador do evento que objetivava não só divulgar o Mundial, mas também estimular a comercialização de produtos e licenciamentos de imagens vinculadas ao torneio. O leão Willie foi a mascote escolhida e tornou-se não só um sucesso na Inglaterra, como também compôs o próprio cartaz oficial da Copa do Mundo.

A VIII Copa do Mundo foi disputada entre os dias 11 e 30 de julho de 1966 e se tornou marcada, taticamente, por esquemas muito defensivos, como o novo 4-4-2, esquema utilizado pelo Milan em 1963 e a Internazionale nos dois anos seguintes, com o qual as equipes de Milão venceram a Copa dos Campeões entre 1963 e 1965. Outra novidade foi a introdução do exame antidopagem ao final das partidas.

Conforme Giglio, a Copa de 1966 marcou o surgimento do “futebol-força”, caracterizado pelo grande vigor físico e disciplina tática.<sup>385</sup> Ele foi a maneira encontrada pelos europeus para neutralizar e superar o estilo de jogar sul-americano, em especial dos brasileiros, o

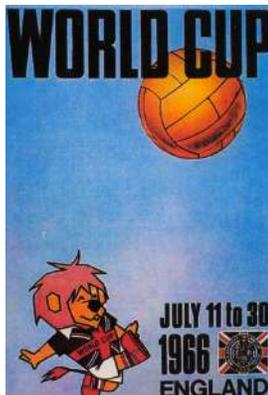
<sup>383</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., v. 1, p. 303.

<sup>384</sup> SARMIENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2006, p. 119.

<sup>385</sup> Considero a afirmação de Giglio muito forte, além disso não é tarefa fácil definir um momento exato para contrapor o futebol praticado na América do Sul e na Europa. Desde os anos iniciais os periódicos buscam fazer tal diferenciação. Apenas como exemplificação, o *La Nacion*, após a vitória do Brasil em 1962 afirma que a Europa pratica um futebol rígido, hierárquico e solene, ao contrário do futebol alegre dos brasileiros.

denominado “futebol-arte”.<sup>386</sup>

**Figura 17: Pôster da VIII Copa do Mundo de Futebol – 1966 – Inglaterra**<sup>387</sup>



Oito estádios em sete cidades receberam os jogos do Mundial. A Argentina ficou no Grupo 2, ao lado de Alemanha Ocidental, Espanha e Suíça. As partidas foram disputadas em Sheffield e Birmingham. O Brasil caiu no Grupo 3 e enfrentou a Bulgária, a Hungria e Portugal. Os jogos ocorreram em duas sedes: Liverpool e Manchester. Enquanto os argentinos estavam preocupados com os seus oponentes, “a Seleção Brasileira deu pouco atenção aos adversários do grupo – na verdade, houve satisfação, pois se achava que o time passaria com facilidades para a fase seguinte da Copa, tal o otimismo existente”.<sup>388</sup>

O Brasil fez sua estreia, contra a Bulgária, no dia 12 de julho, em Liverpool. Apesar de não ter jogado bem, os bicampeões do mundo venceram por 2X0, com gols de falta de Pelé e Garrincha.<sup>389</sup> Esse foi o último jogo em que os dois atuaram juntos pelo selecionado nacional e foi assistido por mais de 52 mil espectadores. Outra característica do jogo foi a violência, que também marcou o Mundial. Pelé apanhou tanto que se lesionou e não jogou na rodada

<sup>386</sup> GIGLIO, Sergio Settani. “Futebol-arte ou futebol-força? O estilo brasileiro em jogo”. In: DAOLIO, Jocimar (org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas-SP: Autores Associados, 2005, p. 62.

<sup>387</sup> PORTAL BRASIL. “Cartaz oficial da Copa de 1966, na Inglaterra”. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/esporte/2010/06/cartazes-das-copas/WorldCup1966poster.jpg/view>. Acessado em: 7 de agosto de 2017.

<sup>388</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., v. 1, p. 306.

<sup>389</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, Djalma Santos, Bellini, Altair, Paulo Henrique, Denílson, Lima, Garrincha, Alcindo, Pelé e Jairzinho. Escalação da Seleção Búlgara: Naydenov, Chalamanov, Vutzov, Gaganelov, Penev, Kitov, Jechev, Yakimov, Dermendjiev, Asparoukoe e Kolev. O árbitro da partida foi o alemão ocidental Kurt Waldemar Tschenschler.

seguinte.<sup>390</sup>

Os argentinos fizeram sua estreia contra a Espanha no dia seguinte, 13 de junho, em Birmingham, para um público estimado em 47 mil espectadores.<sup>391</sup> Apesar da cautela e do jogo defensivo apresentado especialmente no início da partida, a Argentina venceu por 2X1, gols de Artime na etapa final. Pirri fez o gol da Espanha.<sup>392</sup>

No dia 15, novamente em Liverpool, para mais de 51 mil torcedores, mas agora sem Pelé, o Brasil enfrentou e perdeu por 3X1 para a Hungria.<sup>393</sup> Bene abriu o placar para os húngaros, logo no primeiro minuto de partida e Tostão empatou 12 minutos depois. Porém, no segundo tempo Farkas e Mészöly, de pênalti, definiram o placar.<sup>394</sup> A derrota significou o fim de uma invencibilidade em mundiais, a última ocorreu em 1954, quando os brasileiros perderam para a própria Hungria por 4X2.<sup>395</sup> Ela foi também a última partida e única derrota de Garrincha atuando pelo Brasil.

A Argentina enfrentou a forte Seleção da Alemanha Ocidental no dia seguinte, 16 de julho.<sup>396</sup> O jogo, em Birmingham para mais de 46 mil espectadores, foi duro, muito equilibrado e mesmo jogando com um jogador a menos desde os 25 minutos da etapa complementar – Albrecht foi expulso por jogada violenta – os platinos conseguiram arrancar o empate sem gols que a

<sup>390</sup> Os melhores momentos da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. RLUIZ66. “Canal 100 Brasil 2 X 0 Bulgária 1966”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=WH342Y\\_aQd4](https://www.youtube.com/watch?v=WH342Y_aQd4). Acessado em 7 de agosto de 2017.

<sup>391</sup> Escalação da Seleção da Argentina: Roma, Perfumo, Marzolini, Ferreiro, Rattín, Albrecht, Solari, A. González, Artime, Onega e Oscar Mas. Escalação da Seleção da Espanha: Iríbar, Sanchis, Eladio, Del Sol, Zoco, Luis Suárez, Gento, Gallego, Pirri, Peiró e José Ufarte. O árbitro da partida foi o búlgaro Dimitar Roumentchev.

<sup>392</sup> Os melhores momentos da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. SP1873. “1966 (July 13) Argentina 2-Spain 1 (World Cup)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TjUAOF2wN8s>. Acessado em: 7 de agosto de 2017.

<sup>393</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Gilmar, Djalma Santos, Bellini, Altair, Paulo Henrique, Lima, Gérson, Garrincha, Alcindo, Tostão e Jairzinho. Escalação da Seleção Húngara: Gelei, Mátrai, Káposzta, Mészöly, Sipos, Azepesi, Mathesz, Rákosi, Bene, Albert e Farkas. O árbitro da partida foi o inglês Kevin Howley.

<sup>394</sup> Os melhores momentos da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. MRDROBISHA. “World Cup England 1966: Hungary - Brazil 3-1 (Group 3) - HD”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5HMMDeTS0us>. Acessado em 7 de agosto de 2017.

<sup>395</sup> O Brasil ainda é, em 2018, o detentor da mais longa invencibilidade em mundiais, começou na estreia da Copa de 1958, contra a Áustria em 8 de junho de 1958 e durou até a derrota para a Hungria em 15 de julho de 1966. Ao todo foram 13 partidas de invencibilidade.

<sup>396</sup> Escalação da Seleção Argentina: Roma, Perfumo, Marzolini, Ferreiro, Rattín, Albrecht, Solari, A. González, Artime, Onega e Oscar Mas. Escalação da Seleção Alemã: Tilkowski, Höttges, Schnellinger, Beckbauer, Schulz, Weber, Haller, Brülls, Overath, Seeler e Held. O árbitro da partida foi o sérvio Konstantin Zecevic.

imprensa argentina comemorou como se fosse uma vitória.<sup>397</sup>

O Brasil decidiu sua classificação no Mundial de 1966 contra os portugueses.<sup>398</sup> A bicampeã do mundo poderia se classificar até com um empate em sua última partida, caso a Hungria perdesse no dia seguinte para a Bulgária (a única seleção do grupo já eliminada). Para ter a garantia da classificação, sem depender do resultado da partida do dia seguinte, precisava vencer Portugal por uma diferença de 3 gols.

O pânico tomou conta da delegação brasileira e Feola resolveu, para a partida final, trocar nove jogadores. Pelé, que ainda não estava totalmente recuperado da contusão, também foi escalado. O desastre estava anunciado. Portugal, praticando um futebol forte e violento, caçou Pelé em campo. A sequência de agressões cometidas por Moraes sobre Pelé, sob o olhar complacente do árbitro da partida, entrou inclusive para a história dos Mundiais. Já Eusébio, em tarde inspirada, comandava os lusitanos. Simão, de cabeça, aos 15 minutos, após falha de Manga, abriu o placar. Aos 26 minutos foi a vez do craque português ampliar. A defesa brasileira não foi capaz de tirar uma bola cruzada na área, Torres desviou para Eusébio, também de cabeça, fazer 2X0. O Brasil tentou reagir no segundo tempo e aos 24 minutos fez o seu gol por intermédio de Rildo. Faltando apenas 5 minutos para o encerramento da partida, mais um de Eusébio. O Brasil despedia-se de maneira vexatória da Copa do Mundo.<sup>399</sup> Também é interessante ressaltar que não foi apenas o Brasil, das grandes seleções mundiais, desclassificadas na primeira fase do Mundial. A Itália foi eliminada pela grande zebra da Copa do Mundo, o selecionado da Coreia do Norte que enfrentou, nas quartas de final, os portugueses em um dos mais estranhos jogos de um Mundial.<sup>400</sup>

<sup>397</sup> Os melhores momentos da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pela Youtube. Cf. FIFATV. “World Cup Highlights: Germany - Argentina, England 1966” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h28cD08p6SU>. Acessado em: 7 de agosto de 2017.

<sup>398</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Manga, Fidélis, Brito, Orlando, Rildo, Denílson, Lima, Jairzinho, Silva, Pelé e Paraná. Escalação da Seleção Portuguesa: José Pereira, Moraes, Alexandre Baptista, Vicente, Hilário, Jaime Graça, Coluna, José Augusto, Eusébio, Torres e Simões. O árbitro foi o inglês George McCabe.

<sup>399</sup> Os melhores momentos da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. PAMEMUNDIAL. “Portugal Brazil 1 round World Cup 1966”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_HyGZeweBiI](https://www.youtube.com/watch?v=_HyGZeweBiI). Acessado em: 7 de agosto de 2017.

<sup>400</sup> A partida entre Coreia e Portugal foi disputada em Liverpool e foi uma das mais emocionantes do campeonato. Os norte-coreanos começaram de forma implacável e, em apenas 25 minutos da etapa inicial, já venciam por 3X0. A partir daí começou a reação portuguesa liderada por Eusébio que marcou os dois gols lusitanos do primeiro tempo. Portugal, após levar uma bronca do seu técnico, o brasileiro Otto Glória, voltou determinada a vencer a partida na

Em Sheffield, também no dia 19 de julho, Argentina e Suíça se enfrentaram. Mesmo não apresentando um grande futebol, os albicelestes venceram por 2X0, gols de Artime e Onega e se classificaram para as quartas de final do Mundial, fato que não ocorria desde 1930.<sup>401</sup> Na próxima fase, por terem ficado na segunda colocação do grupo, os alemães, em virtude do saldo de gols foram os líderes da chave, enfrentariam os donos da casa, a Inglaterra, em Londres.

A partir da fase de mata-mata da Copa do Mundo ganhou corpo a ideia de que havia um complô para eliminar as seleções sul-americanas do Mundial. Na primeira fase, a vítima foi o Brasil com as arbitragens permitindo o uso indiscriminado da violência contra os jogadores brasileiros. Agora seria a vez de argentinos e uruguaios. O problema surgiu com a escolha dos árbitros para as partidas de quartas de final. Ficou determinado que os membros do comitê arbitral deveriam se encontrar em Londres, no dia 21 de julho, às 9 horas da manhã, para proceder as escolhas. O espanhol Pedro Escartín e o suíço Lidenberg, dois dos quatro delegados, que acompanharam as partidas nas cidades de Sunderland e Sheffield, respectivamente, solicitaram à FIFA um novo horário para o sorteio, pois não teriam condições de chegarem na capital inglesa na hora pré-determinada. A solicitação foi negada e o próprio presidente da entidade, o inglês Sir Stanley Rous, definiu praticamente sozinho os trios de arbitragem que trabalharam na nova etapa do Mundial.

Ocorreu um fato até então evitado, que árbitros de países que ainda disputavam a competição participassem do sorteio e conseqüentemente dos jogos. Não tendo esse cuidado, foi designado o alemão Rudolf Kreitlein para apitar o enfrentamento entre ingleses e argentinos e para o jogo entre o Uruguai e a Alemanha, o escolhido foi o árbitro inglês James Finney.

Todos os jogos das quartas de final ocorreram na tarde de sábado, 23 de julho<sup>402</sup>. Os uruguaios perderam por 4X0 para os alemães. Em virtude de o dilatado placar, pode-se inferir

---

etapa final. Aos 12 e 14 minutos, mais dois gols de Eusébio. Aos 40, José Augusto deu números finais, Portugal 5X3 Coreia da Norte.

<sup>401</sup> Os melhores momentos da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo Youtube. Cf. FIFATV. “World Cup Highlights: Argentina - Switzerland, England 1966”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i9cDuvSe2Co>. Acessado em: 7 de agosto de 2017.

<sup>402</sup> Por questões religiosas não aconteceram jogos aos domingos na Copa da Inglaterra em 1966. O anglicanismo, religião predominante entre os ingleses, manda guardar o referido dia. Tal situação perdurou, no próprio campeonato inglês, até 1973, quando se passou a marcar as partidas para os domingos, mesmo enfrentando os protestos dos grupos religiosos mais conservadores.

que a ajuda do árbitro seria desnecessária. Porém, os sul-americanos reclamaram muito do juiz inglês que não havia marcado um pênalti claro para a sua equipe quando a partida estava 0X0. Os uruguaios, irritados, passaram a jogar com violência, que foi revidada pelos alemães, no entanto, apenas jogadores uruguaios, Horacio Troche e Hector Silva, foram expulsos. Com dois jogadores a menos, ficou muito mais fácil para os alemães alcançarem a goleada.<sup>403</sup>

Em Londres, a partida entre ingleses e argentinos começou equilibrada, mas aos poucos, a seleção anfitriã começou a pressionar com um pouco mais de intensidade o seu adversário, sem se descuidar de sua retaguarda.<sup>404</sup> Os argentinos adotaram então uma tática defensiva, de forte marcação e de, se necessário, interromper a evolução adversária com faltas.

O capitão argentino, Antonio Rattín,<sup>405</sup> pressionava o árbitro todas as vezes que ele marcava contra a alvianil. Um diálogo complicado, pois o argentino falava em castelhano, língua que não era do domínio de Kreitlein. Aos 36 minutos, Booby Moore passou a bola para o atacante Hunt que recebeu, de imediato, a falta de Perfumo, defensor argentino. Rattín, mais uma vez, saiu correndo ao lado do árbitro, reclamando da marcação. O juiz o advertiu. Rattín continuou reclamando e o árbitro expulsou-o de campo. A confusão se formou e o capitão argentino, inconformado e “sem entender” os motivos da expulsão, se recusou a sair de campo, enquanto seus companheiros cercavam o juiz alemão. Os jogadores ingleses também se envolveram na cambulhada, no bafafá e, em meio aos empurrões, alguns deles receberam cusparadas dos argentinos.

A partida só foi retomada nove minutos depois quando Rattín resolveu, lentamente,

---

<sup>403</sup> Os melhores momentos da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. TDSPM. “Alemanha Ocidental x Uruguai Quartas de Final Copa do Mundo 1966”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ok22WdTwo8w>. Acessado em: 8 de agosto de 2017.

<sup>404</sup> Escalação da Seleção Inglesa: Banks, Cohen, Wilson, J. Charlton, Bobby Moore, Stiles, Alan Ball, Bobby Charlton, Peters, Hurst e Hunt. Escalação da Seleção Argentina: Roma, Irusta, Perfumo, Marzolini, Ferreiro, Rattín, Solari, González, Artime, Onega e Oscar Mas. O árbitro da partida foi o alemão Rudolf Kreitlein.

<sup>405</sup> Antonio Ubaldo Rattín (Tigre – Província de Buenos Aires, 16 de maio de 1937). Volante de bola qualidade técnica, sem ser brilhante, era o comandante da equipe em campo, aquele que orientava os seus companheiros com palavras, gritos e gestos. Jogou toda a sua carreira, de 1956 até 1970, pelo Boca Juniors, clube que defendeu em 352 oportunidades e marcou 26 gols. Foi campeão argentino em 1962, 1964 e 1965. Defendeu por dez anos o selecionado nacional, entre 1959 e 1969, participou de duas Copas do Mundo (1962 e 1966). Por ela conquistou a Copa Lipton (1962), a Copa Chevalier Boutell (1962 e 1963), a Copa Dittborn (1964 e 1965) e a Copa das Nações (1964). Enfrentou a Seleção Brasileira em duas oportunidades com o saldo de 1 vitória e 1 empate.

sair de campo e se sentou no tapete vermelho que havia sido estendido em Wembley para o deslocamento da rainha, quando presente no estádio. O público voltou a protestar e a arremessar objetos na direção do atleta argentino. Percebendo a impossibilidade de permanecer no local, Rattín, juntamente com o preparador físico de seu selecionado, encaminhou-se para os vestiários. Ao passar pela bandeirinha de escanteio do lado esquerdo em que a seleção argentina se defendia, amassou-a com a mão. Como era uma réplica da bandeira britânica, o estádio, de olhar fixo no argentino, explodiu em protestos mais uma vez.<sup>406</sup>

Mesmo jogando com um atleta a menos, a Argentina resistiu à pressão inglesa até o final da primeira etapa. Não obstante terem voltado melhores no segundo tempo, os argentinos acabaram sofrendo o gol aos 35 minutos, o lateral Stiles cruzou na área e Hurst, de cabeça, determinou o placar da partida.<sup>407</sup> Ao final do confronto, o técnico inglês, Alf Ramey, invadiu o campo para impedir que seus jogadores trocassem de camisas com os seus adversários e afirmou, em entrevista para uma televisão local, que os argentinos eram uns “animais”.

Segundo o Jornal do Brasil, a partida foi, até aquele momento, a mais fraca de todo o mundial, afinal “os ingleses, evidentemente, jogavam com muito receio de tomar um gol. Os argentinos mostravam uma equipe sem agressividade, de pouca velocidade, que trocava passes em demasia e que era incapaz de ameaçar a meta dos adversários”<sup>408</sup> e ainda destacou que os ingleses venceram com a ajuda do juiz.

Os argentinos terminaram o Mundial na quinta posição, a melhor desde 1930. A seleção foi recebida euforicamente em seu retorno à capital argentina. O aeroporto, Ezeiza, foi tomado por torcedores que gritavam “Argentina Campeã”. Rattín, um dos mais celebrados, foi cercado, beijado e enrolado em uma bandeira nacional. “Ali mesmo foram distribuídos pôsteres de dirigentes da FIFA com cabeças de burros e um gigantesco balão foi inflado como símbolo da

---

<sup>406</sup> O episódio contribuiu para a implantação, já para a Copa de 1970, dos cartões amarelo e vermelho. A expulsão de Rattín e os lances posteriores podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. TDSPM. Inglaterra x Argentina Quartas de Final Copa do Mundo 1966”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1QVUKwpGwno>. Acessado em 8 de agosto de 2017.

<sup>407</sup> Os melhores momentos da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. CLASSICENGLAND. “England v Argentina 1-0 World Cup Quarter Finals 1966”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aq0nxUlgXm8>. Acessado em 8 de agosto de 2017.

<sup>408</sup> JORNAL DO BRASIL, 24 de julho de 1966, p. 27.

vitória moral do país”.<sup>409</sup>

A Inglaterra e a Alemanha decidiram a Copa do Mundo em Wembley no dia 30 de julho de 1966. Mais de 96 mil espectadores lotaram o estádio. Mais um jogo marcado pela polêmica e decidido em erros da arbitragem. O tempo regulamentar terminou empatado em 2X2. Foi na prorrogação que a arbitragem influenciou no resultado do jogo. Aos 12 minutos da etapa inicial do tempo extra, o inglês Hurst dominou a bola dentro da pequena área e de virada desferiu um chute forte que bateu na parte inferior do travessão e quicou no chão, no máximo, em cima da linha do gol. Enquanto os ingleses comemoravam, o árbitro, o suíço Gottfried Dienst, em dúvida, atravessou o campo e consultou o bandeirinha Tofik Bakhramv, da União Soviética, que confirmou erroneamente o gol. Os alemães, em desvantagem no placar, partiram para o ataque, porém, no final da prorrogação, em um contra-ataque, novamente Hurst, outra vez de forma irregular,<sup>410</sup> faria Inglaterra 4X2.<sup>411</sup> “Com o apito final do juiz, os ingleses festejaram o título, com a rainha Elisabeth II entregando a taça Jules Rimet ao capitão Bobby Moore”.<sup>412</sup>

**Figura 18: Seleção Inglesa campeã em 1966**<sup>413</sup>



<sup>409</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 281.

<sup>410</sup> Hurst, ao avançar com a bola pelo lado esquerdo, foi acompanhado por três torcedores que haviam invadido o campo para comemorar o título. Pela regra do futebol, o juiz precisa interromper a partida se pessoas estranhas entrarem no campo. Na ocasião, o árbitro suíço deu continuidade a partida.

<sup>411</sup> Os melhores momentos da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. TDSPM. “Inglaterra x Alemanha Ocidental Final Copa do Mundo 1966”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=003wwtuPssQ&spfreload=10>. Acessado em: 9 de agosto de 2017.

<sup>412</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., p. 320.

<sup>413</sup> PÔSTERCAMPEÃO. “Campeões históricos: pôster Inglaterra campeã mundial de 1966”. Disponível em: <http://www.postercampeao.com.br/2016/03/campeoes-historicos-poster-inglaterra.html>. Acessado em: 13 de agosto de 2018.

Após o Mundial, as expectativas em relação à seleção argentina eram otimistas. O principal compromisso do selecionado, no ano de 1967, foi a disputa do Sul-Americano, disputado no Uruguai. O último campeonato havia sido sediado na Bolívia, em 1963. Brasil e Peru declinaram do convite para disputar essa nova edição do torneio, a vigésima nona. A Venezuela, por sua vez, faria sua estreia na competição. Outro aspecto interessante é que esta foi a última vez em que as seleções jogaram entre si, todos contra todos, em turno único. A partir de 1975, quando a disputa foi retomada, após oito anos, a fórmula do torneio se alterou, assim como o próprio nome, que passou a ser Copa América.

Nos anos de 1975, 1979 e 1983, não houve um país-sede. As partidas eram disputadas em jogos de ida e volta. Em 1987 voltou a existir o país sede e as seleções foram divididas em grupos, em um modelo semelhante ao adotado nas Copas do Mundo. Os países se enfrentam dentro de seus respectivos grupos e aqueles que se classificam jogam, daí em diante, partidas eliminatórias.

Uma curiosidade em relação ao Sul-Americano de 1967 é que houve uma fase eliminatória, disputada em dezembro de 1966. Nela o Chile e Paraguai alcançaram suas classificações derrotando, respectivamente, a Colômbia e o Equador. Dessa forma, a fase final do Sul-Americano contou com seis seleções: Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai, Uruguai e Venezuela.

O campeonato ocorreu entre os dias 17 de janeiro e 2 de fevereiro. Todos os jogos foram realizados no Estádio Centenário de Montevideu. A Argentina chegou na última rodada, quando enfrentaria os donos da casa, na liderança do torneio, com quatro vitórias. A albiceleste havia vencido o Paraguai por 4X1, a Bolívia por 1X0, a Venezuela por 5X1 e o Chile por 2X0. Os uruguaios tinham um ponto a menos, pois haviam empatado com o Chile. Na partida final, bastava um empate para os argentinos conquistarem o título, contudo, por mais uma vez, os uruguaios fizeram valer o fator “casa” e venceram a partida por 1X0, gol de Pedro Rocha.

A cobertura da imprensa brasileira foi mínima, como pode ser atestado pela curta descrição do jogo final:

O Uruguai levantou ontem à noite o Campeonato Sul-Americano de Futebol, ao derrotar a Argentina por 1 a 0, com um gol de Rocha, aos 18 minutos do segundo tempo depois de uma troca de passes entre Rocha, Vera e Techera. A Argentina, a quem bastava um empate para se sagrar campeã, jogou na defensiva na tentativa de garantir o empate, enquanto a seleção uruguaia ia toda a frente, incentivada durante os 90 minutos pela torcida. Faltando 3 minutos para terminar a partida, Marzurkiewicz, goleiro uruguaio, fez uma sensacional defesa, jogando-se aos pés de Artime, quando este ia marcar.<sup>414</sup>

No segundo semestre, os Argentinos realizaram mais 4 partidas, todas foras de casa. Em agosto foram derrotados pelo Chile em Santiago pelo placar de 1X0. Visitaram a capital do México e nova derrota contra a seleção local por 2X1. Em outubro, jogando em Assunção, empataram com o Paraguai por 1X1 e em novembro, retornaram a Santiago, nova derrota, agora por 3X1.

Após a vexatória campanha em 1966, o Brasil só voltou a jogar em junho de 1967. Então com uma seleção renovada, para disputar contra o Uruguai, a Copa Rio Branco. Os jogos ocorreram em Montevideú. A primeira partida, com poucas emoções, terminou empatada em 0X0. O segundo jogo, bem mais emocionante, novo empate por 2X2. Em decorrência dos resultados, uma terceira partida foi marcada e mais uma vez terminou empatada, agora em 1X1. Assim sendo, o Brasil, como último vencedor da disputa, permaneceu com a taça.

A Seleção Brasileira ainda fez um amistoso em setembro contra o Chile que se tornou histórico: “No comando, Zagallo, que havia abandonado a carreira de jogador e começava a trabalhar como treinador, no Botafogo. Na primeira das 121 partidas em que dirigiu a Seleção Brasileira, Zagallo foi feliz: vitória por 1 a 0”.<sup>415</sup>

Em 1968, os argentinos jogaram 11 vezes e os brasileiros em 20 oportunidades. Demonstrando o mau momento enfrentado pelo futebol albiceleste, o saldo foi: 3 vitórias, 3 empates e 5 derrotas. O Brasil venceu 13 partidas, empatou 2 e foi derrotado em outras 5. As

<sup>414</sup> JORNAL DO BRASIL, 3 de fevereiro de 1967, p. 20.

<sup>415</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 287. A partida ocorreu em Santiago e a CBD decidiu enviar um selecionado da Guanabara, com jogadores do Botafogo, Flamengo, Fluminense e Bangu. Em relação ao número de jogos em que a Seleção Brasileira foi comandada por Zagallo há discordâncias, enquanto Newton César, na citação cima, afirmou que foram 121 jogos, Antonio Carlos Napoleão e Roberto Assaf afirmam que foram 133 jogos pela Seleção principal, 96 jogos como coordenador técnico e 23 jogos como técnico da Seleção Olímpica. Cf. NAPOLEÃO, Antonio Carlos. op. cit., p. 336-337.

duas seleções se enfrentaram duas vezes em agosto de 1968.

O primeiro confronto ocorreu na noite de 7 de agosto, quarta-feira, no estádio do Maracanã, Rio de Janeiro, para um público de 39.375 pagantes.<sup>416</sup> A Argentina se apresentou com uma equipe totalmente distinta daquela que havia sido vice-campeã sul-americana no ano anterior. Apenas um jogador, Oscar Más, permaneceu no elenco. Já a CBD definiu que um combinado carioca, dirigido por Zagallo, representaria a Seleção Brasileira.<sup>417</sup>

Zagallo utilizou como titulares, para aproveitar o entrosamento do clube, oito jogadores do Botafogo. A partida começou equilibrada. A Argentina adotou um esquema mais defensivo e o Brasil pecava “por falta de penetração no ataque”.<sup>418</sup> Apesar do domínio territorial, o Brasil fez o seu gol, denominado de “lotérico” pela Folha de São Paulo, aos 41 minutos da primeira etapa. Valtencir aproveitou uma bola rebatida por Perfumo e chutou, sem muita convicção, para os fundos das redes argentinas.

No segundo tempo, os argentinos partiram para o ataque e acabaram dando mais espaço para os donos da casa. Além disso, Gérson passou a comandar com maestria o meio de campo brasileiro e logo aos 4 minutos ele passou pelos seus marcadores e lançou a bola com precisão para Roberto Miranda que, livre, encobriu o goleiro argentino. Aos 30 minutos, Gérson foi se infiltrando e provocando o recuo da defesa adversária. Na altura da marca do pênalti, ao invés de chutar, tocou para Paulo Cesar, na esquerda, que devolveu no meio da área para Roberto Miranda que marcou o terceiro. A torcida, que no início do jogo havia vaiado a seleção, estava agora eufórica e passou minutos gritando “Olé”. Aos 38 minutos, iniciou-se a tabela entre Nei e Jairzinho que levou ao quarto gol brasileiro, marcado pelo último. Ao final do jogo, aos 44 minutos, Alfio Basile<sup>419</sup> descontou para os argentinos. Placar final: Brasil 4X1.<sup>420</sup>

---

<sup>416</sup> Idem, *ibidem*, p.152.

<sup>417</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Félix, Moreira (Murilo), Brito, Leônidas, Valtencir, Carlos Roberto, Gérson, Jairzinho, Roberto (Nei), Paulo César e Nado. Escalação da Seleção Argentina: Sanchez, Ostua, Perfumo, Basile, Malbernat, Rendo, Solari, Aguirre, Veglio, Yazalde e Oscar Más. O árbitro da partida foi o brasileiro Arnaldo Marques.

<sup>418</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 8 de agosto de 1968, p. 1 (Caderno 2).

<sup>419</sup> Alfio Basile (Bahía Blanca, 1º de novembro de 1943). Apesar de ter defendido a Seleção Argentina entre 1968 e 1973, seu destaque não foi como jogador de futebol, mas sim como treinador. Comandou a albiceleste por duas vezes, a primeira passagem entre 1990 e 1994 e posteriormente após a Copa de 2006. Os maus resultados nas eliminatórias para a Copa de 2010 levaram a sua demissão. Como técnico foi campeão sul-americano em 1991 e

No dia 11 de agosto, um novo confronto. A Argentina manteve o seu quadro e a CBD, por sua vez, determinou que o selecionado fosse representado por um combinado mineiro, ao invés do carioca, já que a partida seria disputada no Mineirão. O Brasil foi dirigido pelo jornalista Lísio Juscelino Gonzaga, conhecido como “Biju”, pelo cronista esportivo Carlyle Guimarães e por Jota Júnior. A partida teve um público pagante de 50 mil pessoas.<sup>421</sup>

Os atletas que participaram do confronto foram essencialmente do Atlético Mineiro e do Cruzeiro. Apenas Dirceu Alves era jogador do América Mineiro e entrou no decorrer da partida no lugar de Tostão.<sup>422</sup>

A Seleção Brasileira começou arrasadora e, aos 20 minutos, vencia seu adversário por 2X0, gols de Evaldo e Rodrigues. Porém, a partir da metade do primeiro tempo, os argentinos equilibraram o jogo e Rendo, aos 32 minutos, diminuiu o placar. Animados com o gol, os visitantes, por pouco, não conseguiram o empate na etapa inicial.

O segundo tempo começou equilibrado até que, aos 16 minutos, Dirceu Lopes ampliou para o Brasil. Cabe ressaltar que todos os gols brasileiros foram marcados a partir de jogadas elaboradas por Tostão. Malbernat, volante argentino, passou a comandar a defesa de sua equipe e com o novo acerto em campo passaram a atacar o Brasil e colheram o resultado aos 31 minutos, quando Angel Silva, que substituíra Veglio, marcou o segundo gol do seu selecionado. Os argentinos partiram decisivamente para o ataque, contudo o Brasil soube suportar a pressão

---

1993 e também da Copa das Confederações disputada em 1992. Como jogador enfrentou o Brasil duas vezes e perdeu os dois jogos.

<sup>420</sup> As informações presentes no Jornal do Brasil e da Folha de São Paulo do dia 8 de agosto de 1968 diferem das informações dadas por Antônio Carlos Napoleão, em livro oficial da Confederação Brasileira de Futebol, assim como da obra de Ivan Soter. Nas obras citadas o Brasil venceu o primeiro tempo por 2X0, gols de Valtencir, aos 13 minutos e Roberto de Miranda, aos 27 minutos. No segundo tempo teriam marcado para o Brasil Paulo Cesar e Jairzinho. Pelos relatos jornalísticos, Paulo César não marcou na partida. Há ainda uma discrepância entre Soter e Napoleão na ordem dos autores dos dois gols finais do Brasil: para Napoleão o terceiro gol foi marcado por Jairzinho e o quarto por Paulo César. Para Ivan Soter o terceiro foi de Paulo César e o quarto de Jairzinho. Apesar do caráter oficial das obras, especialmente a confeccionada por Antonio Carlos Napoleão, optei por utilizar os dados presentes nos dois jornais consultados. Cf. NAPOLEÃO, Antonio Carlos. op. cit., p. 152. SÓTER, Ivan. op. cit., p. 374.

<sup>421</sup> NAPOLEÃO, Antonio Carlos. op. cit., p.152.

<sup>422</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Raul, Pedro Paulo, Djalma Dias, Procópio, Oldair, Zé Carlos, Dirceu Lopes, Natal, Tostão (Dirceu Alves), Evaldo e Rodrigues. Escalação da Seleção Argentina: Sanchez, Malvernat, Ostua, Perfumo, Rendo, Basile, Solari, Savoy, Yazalde, Fischer (Minitti) e Veglio (Angel Silva). O árbitro da partida foi o brasileiro Agomar Martins.

até o final e conseguiu mais uma vitória, agora por 3X2. Mesmo derrotados, o El Gráfico afirmou: “A imagem da noite trágica do Rio foi apagada”.<sup>423</sup>

#### **4.10. COPA DE 1970: PRA FRENTE BRASIL**

Os protestos contra o regime militar no Brasil se aprofundaram desde o final de 1967 com alguns setores da sociedade civil buscando novos canais de expressão e levando às ruas suas reivindicações contra o cerceamento democrático. Se por um lado os estudantes, os operários, intelectuais e até setores religiosos mais progressistas aderiram e expressavam as pregações libertárias do 1968 europeu, a reação governamental foi o endurecimento do regime. Em 5 de abril de 1968, a Frente Ampla foi proibida de funcionar. O assassinato em confronto com a polícia do aluno secundarista Edson Luís, em protesto contra os aumentos de preços do restaurante universitário “Calabouço”, acirrou ainda mais os ânimos e elevou o número de protestos populares pelo país. Em julho, ocorreu a histórica passeata dos Cem Mil, no Rio de Janeiro, que levou ao governo, dias depois, proibir as manifestações populares em ruas e praças públicas.

Em setembro, o deputado Márcio Moreira Alves fez um discurso no qual repudiou duramente as forças armadas e também protestou contra a invasão da Universidade de Brasília (UnB) pela Polícia Militar. O governo solicitou o pedido de autorização para abertura de processo contra o deputado, que foi negado no dia 12 de dezembro. Para Marieta de Moraes e Carlos Sarmiento a negação do pedido feito pelo Congresso foi “o teste final dos limites de atuação dos políticos civis no regime militar. No dia seguinte, Costa e Silva decretou o fechamento do Congresso e promulgou o Ato Institucional nº 5 (AI-5)”.<sup>424</sup>

O AI-5 acarretou na perda de mandatos de parlamentares contrários aos militares, permitiu as intervenções ordenadas pelo presidente nos municípios e estados, assim como a suspensão de garantias constitucionais o que contribuiu na institucionalização da tortura,

<sup>423</sup> EL GRÁFICO, 13 de agosto de 1968, p. 4.

<sup>424</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes & SARMENTO, Carlos Eduardo. “A República brasileira: pactos e rupturas”. In: GOMES, Angela de Castro; PANDOLFI, Dulce Chaves e ALBERTO, Verena (orgs.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 2002, p. 486.

comumente utilizada como instrumento pelo Estado.

(...) estabeleceu-se sem subterfúgios uma ordem autoritária militar que, atrelada a uma rígida doutrina de segurança nacional, operou profundas alterações na composição das forças armadas e submeteu a sociedade brasileira a um longo período de arbitrariedades.<sup>425</sup>

A Argentina também vivia um regime ditatorial e continuava sendo conduzida pelo general Onganía que inclusive iria intervir na própria AFA. Argentina e Brasil não se enfrentaram no futebol em 1969. As duas seleções disputariam, naquele ano, as Eliminatórias para a Copa de 1970.

A Argentina escolheu um novo treinador: Humberto Maschio e fez quatro amistosos antes de iniciar a disputa por uma vaga na fase final da Copa do Mundo. Se os resultados não foram muito animadores, 3 empates e apenas 1 vitória, ainda assim parecia que a fase de improvisação do futebol argentino havia terminado. Cinco meses antes de estreiar contra a Bolívia, no dia 27 de julho, um grupo de jogadores foi levado para La Paz com o objetivo de se avaliar os efeitos da já temida altitude e determinar qual equipe jogaria contra os bolivianos e, uma semana depois, enfrentaria os peruanos. As duas partidas seriam fora de casa.

Os problemas começaram quando Maschio, ao final dos quatro amistosos, revelou que não se sentia seguro como treinador, é preciso lembrar que ele havia abandonado a carreira de jogador no ano anterior. Ele também não estabeleceu um bom convívio com a imprensa, o que aumentava ainda mais a pressão. Faltando exatos 45 dias para a estreia contra os bolivianos, o presidente Onganía, insatisfeito com os resultados até ali obtidos, exigiu a renúncia de Armando Ramos Ruiz, que já era um interventor na AFA, e indicou Aldo Porri como seu substituto. Nova comissão técnica foi escolhida encabeçada por Adolfo Pedernera. A nova equipe médica também tinha outros planos, chegar no dia da partida para minimizar os efeitos da altitude.

Armando Nogueira, antes do jogo entre peruanos e argentinos em Lima, escreveu para o Jornal do Brasil:

---

<sup>425</sup> Idem, *ibidem*, p. 486.

Tenho a impressão de que os jogadores identificam, como nós, na política e na péssima administração, os defeitos do seu futebol. Na Argentina, fez-se apenas o seguinte, recentemente: o Governo do General Onganía meteu-se no esporte, transformou o presidente da AFA em interventor na CGT, nomeou outro interventor para o futebol, trocou o técnico da seleção, o qual, por sua vez, a 30 dias da estreia refez a equipe, dispensando uns e convocando outros jogadores. Os médicos da seleção, que há seis meses tinham feito em La Paz pesquisas da maior seriedade sobre os efeitos da altitude na fisiologia dos atletas, esses também foram cortados, em cima da hora.<sup>426</sup>

O interessante é que não se utilizou nem o plano pensado pela comissão anterior, uma aclimatação mais longa, e nem o projetado pela nova comissão, chegar o mais próximo possível da hora do jogo. Acreditando em um novo medicamento que afirmava combater os efeitos da altitude, os jogadores embarcaram 15 dias antes do confronto e passaram a tomar injeções do tal medicamento, contudo, como afirmou o próprio médico da seleção, Dr. Gioiosa, na prática ele não funcionou. O resultado da conturbada preparação foi a vitória da Bolívia por 3X1, frustrando as expectativas da imprensa argentina, mas também da brasileira.

Possuindo um futebol sem tradição, situado entre os mais atrasados da América do Sul, os bolivianos não estão esperando muito desta fase de classificação, onde são considerados os mais fortes candidatos ao último lugar da chave. (...) Nestes últimos 19 anos seu futebol progrediu bastante, mas ainda é cedo para que possa pensar em derrotar argentinos e peruanos, equipes que lhe são sumamente superiores. A sua única esperança, hoje, é que a altitude de La Paz e o público favorável possam influir em alguma coisa.<sup>427</sup>

Os jornais argentinos afirmaram que a derrota foi justa e criticaram duramente o selecionado de seu país. O Jornal do Brasil publicou a opinião de um comentarista do Clarín: “a Bolívia ganhou incontestavelmente, contra uma equipe sem categoria internacional, cujos integrantes falharam em sua quase totalidade”.<sup>428</sup>

Mais um equívoco foi cometido, os argentinos levaram cinco jogadores que estavam relacionados para enfrentar apenas o Peru para a Bolívia, atrapalhando assim a preparação física destes atletas. A partida entre Peru e Argentina ocorreu no dia 2 de agosto e os donos da casa mostraram um futebol superior durante os 90 minutos e acabaram vencendo pelo placar mínimo.

<sup>426</sup> JORNAL DO BRASIL, 4 de agosto de 1969, p. 47.

<sup>427</sup> Idem, 28 de julho de 1969, p. 48.

<sup>428</sup> Idem, 29 de julho de 1969, p. 24.

Analisando o jogo, Armando Nogueira criticou duramente os argentinos, inclusive deixou claro que lhes faltou algo que sempre identificou o futebol local, a garra, o empenho, o espírito de luta, a vontade de vencer. Tais características foram apresentadas apenas pelo futebol peruano que tinha como técnico o brasileiro bicampeão do mundo, Didi.

E que me perdoem os argentinos, mas não contendo a idéia cruel: vista em campo, morta, indiferente, a seleção argentina chegou a me causar pena. Enquanto os peruanos queriam a bola, a qualquer preço, para com ela realizar um triunfo, os argentinos só buscavam a bola com a clara intenção de adormecer a partida. Luta, alguma, espírito de sacrifício, muito pouco; vibração, nenhuma. Foi como se antes de entrar em campo, os jogadores argentinos um por um tivessem tido o cuidado de guardar, junto com os sapatos no respectivo escaninho, o próprio coração.<sup>429</sup>

A Argentina, com a nova derrota, ficou em situação bastante delicada, “entramos na zona do milagre”, proferiu o Clarín, afinal teria agora a obrigação de vencer os dois jogos em casa e ainda torcer para que o Peru e a Bolívia perdessem pelos menos dois pontos nos jogos em que se enfrentariam, ou seja, uma vitória para cada uma das seleções ou dois empates. Neste quesito, os argentinos tiveram êxito, a Bolívia venceu o jogo que fez em La Paz e o Peru a partida em Lima. Com isso, as três seleções poderiam terminar empatadas as Eliminatórias com 4 pontos. O desempate, caso necessário, se daria em jogos que seriam disputados no Paraguai, território neutro.

Com a esperança renascida, os argentinos lotaram, no dia 14 de agosto, o mítico estádio do Boca Juniors, La Bombonera, para torcer por sua seleção. Mesmo não apresentando um futebol de grande qualidade, os argentinos venceram os bolivianos por 1X0, gol de pênalti marcado por Albrecht, aos 18 minutos da etapa final. Na semana seguinte, 31 de agosto, a tarefa final: vencer os peruanos.

Mas o último dia do mês de agosto de 1969 tornou-se uma data trágica para o futebol argentino, os peruanos empataram o jogo por 2X2, novamente no La Bombonera, e conquistaram a vaga para o Mundial do México. A Seleção Argentina, pela primeira (e única) vez desde que passou a disputar as Eliminatórias, não se classificou para a Copa do Mundo e não mais jogou

---

<sup>429</sup> Idem, 5 de agosto de 1969, p. 23.

naquele ano.

Para o Jornal do Brasil, a eliminação argentina refletia um novo futebol que se praticava no mundo, no qual apenas a individualidade e a técnica seriam incapazes de gerar resultados realmente positivos. O futebol moderno, segundo o periódico, exigia um trabalho sério e organizado, pontos que não foram devidamente seguidos pelos argentinos. O jornal também identificou a soberba dos jogadores, mas em alguns momentos resvalando inclusive para toda a população do país, como outro elemento explicativo para o fracasso.

É bem possível que os argentinos jamais tenham pensado, seriamente, em serem eliminados num confronto com peruanos e bolivianos. Confiavam em muita coisa para se acharem antecipadamente classificados às oitavas de final do ano que vem, no México: sua técnica superior, talento individual de seus jogadores, sentido de improvisação, a modéstia dos bolivianos, as limitações dos peruanos e, acima de tudo isso, a tradição, pois esses adversários poucas vezes os ameaçaram em confrontos anteriores.

Por isso, mais uma vez, os argentinos não se preparavam com cautela para as eliminatórias do Grupo X. Convocaram e desconvocaram jogadores, treinaram e pararam de treinar, fizeram amistosos e se entregaram a uma inatividade internacional inexplicável, mudaram técnicos e dirigentes, tudo isso às vésperas da estréia com a Bolívia, em La Paz.

Talvez, se tivessem respeitado os adversários, os argentinos conseguissem melhor resultado no Grupo X. Mas esse respeito, de certa forma, está intimamente ligado ao temperamento do seu jogador e à filosofia do seu futebol. O argentino não costuma respeitar muito os que, no seu entendimento, lhe são inferiores. Tecnicamente inferiores, diga-se.

É claro que a técnica argentina ainda é melhor do que a peruana, mas, no futebol moderno, no plano de competição quase científica que se trava em torno de uma Copa do Mundo, essa técnica desaparece – ou é diluída no meio de uma série de outros fatores: preparo físico e psicológico, seriedade, trabalho planejado, método de treinamento, espírito de equipe, comando – é nisso que os peruanos estão bem melhores.<sup>430</sup>

O Brasil também passou por um período de turbulência em virtude dos resultados obtidos no decorrer de 1968 não terem sido os esperados pelos dirigentes e até torcedores brasileiros. O baixo comparecimento nos estádios reverberava o próprio clima de desesperança entre os últimos. Buscando alterar totalmente esse clima e até afastar a tristeza que ainda perdurava após a derrota na Copa da Inglaterra, o presidente da CBD, João Havelange, convidou o polêmico e popular jornalista João Saldanha para dirigir a Seleção Brasileira.

---

<sup>430</sup> Idem, 2 de setembro de 1969, p. 23.

A conquista do tricampeonato mundial de 1970 no México começou a ganhar fôlego em 4 de fevereiro de 1969, quando João Saldanha aceitou pôr a serviço da CBD as muitas teses que defendia como comentarista de jornal, rádio e TV, e os conceitos que aplicara com algum sucesso como técnico do seu clube, o Botafogo, entre 1957 e 1959. O time foi campeão carioca no primeiro ano.<sup>431</sup>

Saldanha assumiu e não deu margem para as especulações. Na apresentação aos jornalistas, na sede da CBD, tirou “do bolso um pedaço de papel e anunciou os times titular e reserva”,<sup>432</sup> escalando uma equipe formada com base no Santos, Botafogo e Cruzeiro. “As onze feras” eram: Félix, Carlos Alberto Torres, Brito, Djalma Dias, Rildo, Wilson Piazza, Gérson, Dirceu Lopes, Jairzinho, Tostão e Pelé.<sup>433</sup>

As “feras de Saldanha” venceram todos os jogos amistosos antes das Eliminatórias. O grupo do Brasil era composto por outras três equipes: Colômbia, Paraguai e Venezuela. Da mesma forma que os argentinos, os brasileiros faziam as partidas de ida como visitantes, contudo, diferentemente de seu grande rival sul-americano, obteve três vitórias: Colômbia 0X2 Brasil, Venezuela 0X5 Brasil e Paraguai 0X3 Brasil. Nos jogos de volta, no Maracanã, o Brasil goleou a Colômbia por 6X2 e a Venezuela por 6X0. Na última partida, contra o Paraguai, os brasileiros precisavam apenas de um empate. O Maracanã lotado, com mais de 180 mil pessoas, viu Pelé fazer o gol da vitória após um rebote do excelente goleiro Aguillera, no dia 31 de agosto de 1969.<sup>434</sup>

Apesar da classificação e dos ótimos resultados obtidos até então, João Saldanha não era uma unanimidade. O Sindicato dos Treinadores o chamava de “alienígena”, por não ser diplomado. Em janeiro de 1970, quando foi ao México para o sorteio dos grupos da Copa, em uma entrevista, foi questionado se era verdade que havia tortura no Brasil e ele respondeu afirmativamente: “Alguma, não. Muita. É terrível”.<sup>435</sup> E essa não foi a única denúncia que fez em relação às arbitrariedades da ditadura militar contra os comunistas e a esquerda em geral. Obviamente que a declaração acima desagradou bastante aos militares que governavam o país.

<sup>431</sup> NAPOLEÃO, Antonio Carlos. op. cit., p. 66.

<sup>432</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 293.

<sup>433</sup> Das “onze feras”, oito eram titulares na estreia do Brasil no Mundial do México e os outros três estavam na denominada equipe reserva de Saldanha.

<sup>434</sup> O jogo decisivo contra o Paraguai foi realizado no mesmo dia em que um triunvirato militar assumiu o governo brasileiro em decorrência da doença do general Costa e Silva.

<sup>435</sup> SIQUEIRA, André Iki. *João Saldanha: uma vida em jogo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007, p. 328.

“Se João batia no governo sem ter ganhado a Copa, imaginem ganhando”.<sup>436</sup>

A imprensa também passou a criticar o esquema tático por ele adotado, o 4-2-4, argumentando que ele era frágil e que seria facilmente superado pelas seleções que atuavam no 4-3-3. Saldanha também teve problemas com Pelé, exigindo que o atleta se empenhasse mais nos treinamentos e nos jogos, além de ter alegado que o camisa 10 era míope e que não poderia jogar à noite. O temperamento explosivo do técnico, agravado em 1970 quando passou a tomar um remédio chamado Meticorten, em decorrência de seus problemas pulmonares, ao que parece também foi motivo para o seu desligamento da Seleção Brasileira. Finalmente, há ainda o boato de que o general Médici teria solicitado a convocação do centroavante Dario. Perguntado sobre o assunto, Saldanha teria dito: “nem eu escalo ministério, nem o presidente escala time”. Doze dias depois, João “Sem Medo” não era mais técnico da Seleção Brasileira.

Mas antes disso, o Brasil enfrentou por duas vezes, em jogos amistosos, a Seleção Argentina. As partidas ocorreram nos dias 4 e 8 de março de 1970, a primeira em Porto Alegre e a segunda no Rio de Janeiro.

O primeiro amistoso entre as duas seleções foi disputado no estádio Beira-Rio para um público de 69.345 pagantes.<sup>437</sup> Dentre eles, o então presidente da República, um confesso apaixonado pelo futebol e torcedor do Grêmio, Emílio Garrastazu Médici.<sup>438</sup> A Argentina, que não havia se classificado para o Mundial, passava por um novo período de reestruturação e contava com um novo treinador, Juan José Pizzutti. Eram os dois primeiros jogos de ambas seleções no ano de 1970.

---

<sup>436</sup> Idem, *ibidem*, p. 328.

<sup>437</sup> NAPOLEÃO, Antonio Carlos. *op. cit.*, p. 154.

<sup>438</sup> Marcos Guterman publicou um interessante artigo em que analisa a utilização do futebol pelo governo Médici, buscando demonstrar que o governo efetivamente escorou-se na conquista do tricampeonato no México para fortalecer a retórica do Estado nacional-desenvolvimentista, mas que o sucesso de tal empreitada dependeu de muitos outros fatores. Discute ainda se o festejo popular não foi também uma forma de se aproveitar da situação para um “desabafo” que seria impedido em outra situação pela máquina repressiva governamental. Cf. GUTTERMAN, Marcos. “Médici e o futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do Regime Militar”. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/9958>. Acessado em: 16 de agosto de 2017.

A partida começou equilibrada<sup>439</sup> e o primeiro tempo, com poucas emoções, terminou sem gols. O Brasil, mesmo apresentando um futebol superior na etapa final, tendo o domínio territorial da partida, errava muitos passes e sofria com os contra-ataques de seu adversário. Aos 22 minutos, os brasileiros atacavam e a defesa argentina rebateu a bola que caiu no meio de campo nos pés de Fischer, o atleta matou a bola com categoria, levantou a cabeça e lançou Más,<sup>440</sup> o zagueiro Baldochi falhou e o ponta esquerda argentino entrou livre na área brasileira para chutar cruzado e marcar o primeiro gol.

Praticamente não deu tempo para o Brasil assimilar o gol e reagir na partida, apenas cinco minutos depois a Argentina teve um a falta a seu favor na proximidade da área, Más, dono de um potente chute, mandou rasteiro na direção do gol, a bola ainda quicou no gramado dificultando a ação do arqueiro brasileiro, Ado, que rebateu a bola para o lado e Congliario, na corrida, marcou o segundo gol dos argentinos e determinou o placar final deste primeiro confronto. Na narração da partida é interessante perceber, logo após o primeiro gol argentino, que o comentarista brasileiro ressalta que, com a vantagem os adversários iriam “catimbar” ainda mais a partida. Percebe-se que tal estratégia já era um identificador do futebol argentino.<sup>441</sup>

Para o técnico do Brasil, João Saldanha, o placar foi justo: “A Argentina jogou certinho, mereceu a vitória. Nós é que não soubemos nos defender quando era necessário.

---

<sup>439</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Ado, Carlos Alberto, Baldochi, Fontana, Marco Antônio, Gérson, Piazza (Zé Carlos), Jairzinho, Dirceu Lopes, Pelé e Edu. Escalação da Seleção Argentina: Cejas, Malbernat, Perfumo, Rogel, Díaz, Madurga, Pastoriza, Brindisi, Conigliario, Fischer e Más. O árbitro da partida foi o brasileiro Armando Marques.

<sup>440</sup> Oscar Antonio Más (Villa Ballester – Província de Buenos Aires, 29 de outubro de 1946). Excelente ponta esquerda do futebol argentino. Era extremamente veloz, driblador e dotado de um potente chute. Era apelidado de “Pinino”. Foi ídolo do River Plate equipe pela qual jogou entre 1964 e 1973 e depois entre 1975 e 1977. Neste interregno atuou pelo Real Madrid (1973-1974). Realizou 382 partidas pelo River Plate e marcou 199 gols, o que o faz, ainda hoje, o segundo maior artilheiro da história do clube. Pela equipe da capital conquistou dois campeonatos argentinos e foi por duas vezes vice-campeão da Libertadores da América. Peregrinou por oito clubes após sair do River Plate em 1977. Encerrou sua carreira aos 40 anos, no ano de 1987, defendendo o Talleres de Remedios de Escalada. O atleta defendeu as cores de seu país em 37 oportunidades, entre 1965 e 1972, marcou dez gols. Participou do Mundial de 1966, na Inglaterra. Más jogou três vezes contra o Brasil: 1 vitória e 2 derrotas. Marcou um gol.

<sup>441</sup> Os gols do jogo estão disponibilizados pelo canal do YouTube. Cf. PASIÓN Argentina. “Argentina 2 – Brasil 0 04/03/70. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oeqikNF7-iQ&spfreload=10>. Acessado em: 16 de agosto de 2017. Também é possível assistir a partida na íntegra. Cf. MVP MITSUI MVP. “Argentina 2 X 0 Brazil - Amistoso - 04/03/1970 - full game”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wzglRedbvPU>. Acessado em: 16 de agosto de 2017.

Precisávamos nos defender com oito, e não com seis”.<sup>442</sup> Para Armando Nogueira: “Convém destacar que a seleção argentina teve uma noite luminosa em que jogou um futebol ao mesmo tempo bonito, eficiente e implacável”.<sup>443</sup>

O técnico argentino entendeu a vitória como o resgate do prestígio do futebol argentino, extremamente abalado com a eliminação para disputar a fase final da Copa do México. Afirmou que aquele era “o ponto de partida para a recuperação total da seleção de seu país, após o fracasso nas eliminatórias”.<sup>444</sup>

Quatro dias depois, no domingo, o Maracanã recebeu 99.693 pagantes<sup>445</sup> para assistir o segundo confronto entre os grandes rivais do continente.<sup>446</sup> O caminho brasileiro se viu facilitado quando Jairzinho, ainda no primeiro minuto da partida, abriu o placar. Porém, um dos setores que preocupava a imprensa e torcedores era a defesa, que voltou a falhar aos 23 minutos, permitindo que Brindisi empatasse a partida em um cruzamento que acabou caindo dentro do gol.

Aos 22 minutos, contudo, Malbernat lançou Brindisi pela direita. Fontana foi na cobertura, mas não conseguiu evitar que o atacante cruzasse sobre a área. Todos pararam, inclusive o goleiro Leão, esperando que a bola passasse por cima do travessão e saísse, mas ela acabou formando um estranho efeito e caiu dentro das redes.<sup>447</sup>

Mesmo jogando melhor que seu adversário, a partida continuou empatada. Na etapa final, os argentinos se fecharam ainda mais, atuando sempre no contra-ataque. A pressão brasileira finalmente surtiu efeito aos 38 minutos, Jairzinho passou a bola para Pelé na meia lua da grande área, apesar de cercado por defensores adversários, Pelé conseguiu trazer a bola para o pé esquerdo e com categoria e sutileza encobriu Cejas. Era o oitavo gol de Pelé em seu décimo e último jogo contra os rivais.

---

<sup>442</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 6 de março de 1970, p. 14.

<sup>443</sup> JORNAL DO BRASIL, 6 de março de 1970, p. 21.

<sup>444</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 6 de março de 1970, p. 14.

<sup>445</sup> NAPOLEÃO, Antonio Carlos. op. cit., p. 154.

<sup>446</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Leão, Carlos Alberto, Brito, Fontana, Marco Antônio, Piazza (Clodoaldo), Gérson, Jairzinho, Dirceu Lopes, Pelé e Edu (Paulo César). Escalação da Seleção Argentina: Cejas (Santoro), Malbernat, Perfumo, Rogel Díaz, Brindisi, Pastoriza, Madurga, Conigliaro, Fischer (Onega) e Más. O árbitro da partida foi o brasileiro Airton Vieira de Moraes, vulgo “Sansão”.

<sup>447</sup> JORNAL DO BRASIL, 10 de março de 1970, p. 22.

Toda a imprensa argentina reconheceu os méritos da vitória brasileira. “Os principais jornais argentinos concordam que a equipe nacional apesar de jogar corretamente não esteve à altura de sua atuação anterior, quando venceu aos brasileiros por 2 a 0 em Porto Alegre”.<sup>448</sup> O saldo dos amistosos, para o enviado de La Prensa, também foi positivo, apesar da derrota na partida final. Os argentinos se mostravam extremamente preocupados em recuperar o respeito, seja o próprio, seja em relação aos seus adversários. “Foi uma partida totalmente diversa da de Porto Alegre: uma derrota em lugar de uma vitória, mas que não modifica a conclusão: um positivo avanço para o futebol argentino reconquistar o terreno perdido”.<sup>449</sup>

Apesar da vitória, cinco dias depois, a Seleção fez um treino contra a equipe do Bangu. Jogou muito mal e o resultado foi um empate por 1X1. No dia 17 de março, ao final do treinamento, Saldanha, em queda de braço com Pelé, anunciou que o atleta tinha um problema de vista e que não enfrentaria o Chile no dia 22 de março. Contudo, nesta mesma noite, João Havelange resolveu demitir Saldanha.

A CBD agiu rápido, “após tentar o ex-apoiador paulista Dino Sani, campeão mundial em 1958, e o carioca Oto Glória, que levara Portugal ao terceiro lugar na Copa de 1966, a CBD optou por Mário Jorge Lobo Zagallo”. O novo treinador já estava no banco brasileiro na partida contra o Chile, disputada em São Paulo, no Morumbi, que terminou com a vitória da equipe da casa por 5X0. Até o início da Copa, o Brasil comandado por Zagallo realizou, após a partida contra o Chile, disputada no dia 22 de março, mais quatro partidas oficiais obtendo 2 vitórias e 2 empates.<sup>450</sup> Há um mês do início do Mundial a delegação brasileira desembarcou em terras mexicanas, com o objetivo de aclimatar os atletas ao calor e a altitude, assim como aprimorar o preparo físico dos jogadores.

A escolha do México como sede para o Mundial de 1970 ocorreu em 1964, em um encontro da FIFA na cidade de Tóquio, durante a disputa dos Jogos Olímpicos. Os argentinos se viram novamente preteridos na escolha e um dos fatores que pesou foi que a cidade do México

---

<sup>448</sup> Idem, ibidem, p. 22.

<sup>449</sup> Idem, ibidem, p. 22.

<sup>450</sup> Brasil 2X1 Chile (26 de março), Brasil 0X0 Paraguai (12 de abril), Brasil 0X0 Bulgária (26 de abril) e Brasil 1X0 Áustria (29 de abril).

sediaria em 1968 os Jogos Olímpicos e várias estruturas construídas para abrigar as Olimpíadas seriam utilizadas em 1970 para o Mundial, como era o caso do recém-erguido estádio Azteca.

Além da Argentina, outras surpresas ocorreram durante as Eliminatórias. Portugal, grande sensação de 1966, perdeu a vaga para a Romênia. A França foi eliminada pela Suécia e a Bélgica classificou-se no lugar das tradicionais Espanha e Iugoslávia. Ainda assim, Alemanha Ocidental, Itália, Brasil e Uruguai, todos bicampeões do mundo, disputariam o Mundial, o que aumentava as probabilidades de um deles ganhar em definitivo a Taça Jules Rimet. A África, pela primeira vez, teve uma vaga exclusiva para o continente e a equipe classificada foi o Marrocos.<sup>451</sup> A Ásia e a Oceania disputaram uma vaga e a seleção vencedora foi a de Israel.<sup>452</sup>

Com o México classificado para o Mundial por ser o país sede, uma nova vaga se abriu para a América do Norte, Central e Caribe (CONCACAF). A vaga foi conquistada por El Salvador que derrotou na fase final o Haiti. Contudo, na fase anterior, nas semifinais, o confronto entre El Salvador e Honduras acabou servindo de pretexto para a deflagração de uma guerra entre os dois países.<sup>453</sup>

O exemplo maior talvez seja a chamada guerra do futebol, ocorrida em julho de 1969 entre El Salvador e Honduras. Este país, de baixa densidade demográfica, há tempos acusava imigrantes ilegais salvadorenos de se apropriarem de terras fronteiriças. O clima era difícil quando se deu a disputa por uma vaga da Copa do Mundo do ano seguinte. Na primeira partida El Salvador foi derrotado, o que levou uma jovem de dezoito anos ao suicídio. Na partida de volta, o hotel em que se hospedaram os hondurenos foi incendiado, seu hino vaiado, sua bandeira queimada. A vitória salvadorenha obrigou a um encontro de desempate no México, que selou a classificação de El Salvador. Colonos salvadorenos foram expulsos de Honduras, que teria ainda invadido o espaço aéreo do vizinho. A reação foram bombardeios, logo respondidos. A guerra durou apenas

---

<sup>451</sup> O Marrocos foi a segunda equipe africana a disputar um Mundial, a primeira foi o Egito em 1934.

<sup>452</sup> Apesar da pouca projeção internacional da Seleção Israelense, ela era uma força asiática. Havia conquistado dois vice-campeonatos da Copa Asiática em 1956 e 1960 e o título em 1964. Fez belo papel nos Jogos Olímpicos do México alcançando as semifinais quando foi derrotada pela Bulgária em um cara e coroa. Também era favorecida pela proximidade com o continente europeu, o que lhe permitia estar a par das inovações táticas e da preparação física. Como nos lembra Airton de Farias: “A presença do selecionado judeu na Copa tornou-se um ponto de preocupação a mais para as autoridades mexicanas, que temiam um ataque de grupos árabes fundamentalistas”. Cf. FARIAS, Airton de. op. cit. v. 1, p. 337.

<sup>453</sup> AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 191-194.

quatro dias, e ainda assim fez 3 mil mortes e 6 mil feridos.<sup>454</sup>

Ao todo, 69 países se inscreveram para disputar uma das 14 vagas disponíveis, lembrando que Inglaterra (última campeã) e México (país sede) já estavam classificados. As seleções que disputaram o Mundial ficaram divididas em quatro grupos com quatro equipes. As duas melhores classificadas de cada grupo avançavam para a etapa seguinte que passaria a ser de “mata-mata”. A partir desta fase, em caso de empate, haveria uma prorrogação, se ele persistisse o classificado seria conhecido por sorteio.

**Figura 19: Pôster da IX Copa do Mundo de Futebol – 1970 – México**<sup>455</sup>



Os quatro grupos da Copa do Mundo ficaram assim formados: Grupo I: Bélgica, El Salvador, México e União Soviética. Classificaram-se, pela ordem, União Soviética e México. Grupo II: Israel, Itália, Suécia e Uruguai. Os classificados foram Itália e Uruguai. Grupo III: Brasil, Inglaterra, Romênia e Tchecoslováquia, os dois primeiros passaram para a fase seguinte. O Grupo IV: Alemanha Ocidental, Bulgária, Marrocos e Peru. Alemanha Ocidental e Peru avançaram na competição.

A Copa do México também introduziu duas novidades na prática do futebol: foram permitidas substituições durante os jogos (duas por equipe) e foram introduzidos os cartões

<sup>454</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 173-174. Apenas um reparo na afirmação de Hilário Franco Júnior, a vitória contra Honduras não selou a classificação de El Salvador que ainda teve, como já foi afirmado, que jogar a fase final contra o Haiti. A classificação só foi obtida, inclusive, em um jogo extra disputado em Kingstom, Jamaica. O primeiro jogo, no Haiti, a vitória foi de El Salvador por 2X1. No joga da volta, surpreendente vitória do Haiti por 3X0. Na partida de desempate, El Salvador venceu por 1X0, na prorrogação.

<sup>455</sup> REIS JÚNIOR, Dalmir. “Copa do Mundo (México) – 1970”. Disponível em: <http://www.propagandashistoricas.com.br/2014/06/copa-do-mundo-mexico-1970.html>. Acessado em: 17 de agosto de 2017.

amarelo e vermelho. A competição também teve a sua mascote, Juanito, um garotinho vestindo o uniforme da Seleção Mexicana e um sombrero, um desenho estereotipado, que segundo Ribas, não agradou muitos mexicanos.<sup>456</sup>

**Figura 20: Mascote da Copa do Mundo de 1970: Juanito<sup>457</sup>**



O Brasil estreou, no chamado “Grupo da Morte”, no dia 3 de junho de 1970, no estádio Jalisco, na cidade de Guadalajara, para 52.987 pagantes.<sup>458</sup> Os Tchecos começaram assustando, aos 12 minutos, quando Petras marcou para sua equipe.<sup>459</sup> O Brasil, que apresentava bom futebol, não demorou em reagir e empatar a partida, fato que se deu aos 24 minutos depois de Pelé sofrer falta na entrada da área, em cobrança de Rivelino. O jogador brasileiro bateu rasteiro, no canto do goleiro que, no momento da batida, imaginando que Rivelino<sup>460</sup> fosse chutar

<sup>456</sup> RIBAS, Lycio Vellozo. op. cit., p. 160.

<sup>457</sup> REIS JÚNIOR, Dalmir. “Copa do Mundo (México) – 1970”. Disponível em: <http://www.propagandashistoricas.com.br/2014/06/copa-do-mundo-mexico-1970.html>. Acessado em: 17 de agosto de 2017.

<sup>458</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza, Everaldo, Clodoaldo, Gérson (Paulo César), Jairzinho, Tostão, Pelé e Rivelino. Escalação da Seleção da Tchecoslováquia: Viktor, Dobias, Migas, Horvath, Hagara, Hrdlicka (Kvasnak), Kuna, F. Vesely (B. Vesely), Petras, Adamec e Jokl. O árbitro da partida foi o uruguaio Ramon Barreto.

<sup>459</sup> Após marcar o gol, Petras fez o sinal da cruz, clara demonstração de religiosidade de um atleta vindo de um país comunista. No dia seguinte, o jogador e o restante da equipe receberam uma advertência do comando da delegação tcheca.

<sup>460</sup> Roberto Rivellino (São Paulo, 1º de janeiro de 1946). Um dos grandes jogadores do futebol brasileiro, atuava como meia e também na ponta esquerda. Começou sua carreira no Corinthians, equipe que defendeu entre 1965 e 1974. Foram 434 jogos e 141 gols marcados pela equipe de Parque São Jorge. Em 1974, após ser duramente criticado nas finais do Campeonato Paulista, quando o Corinthians foi derrotado pelo Palmeiras, ele acabou se transferindo para o Fluminense, sendo um dos principais jogadores da chamada “Máquina Tricolor”. Pela equipe carioca foi campeão estadual em 1975 e 1976. Em 1979 passou a defender o El-Helal, da Arábia Saudita e se sagrou campeão da Copa do Rei e Campeão Saudita em 1979, 1980 e 1981, ano em que encerrou a carreira. Em virtude do potente chute que tinha com a perna esquerda ficou conhecido como “A Patada Atômica”. Atuou pelo Brasil em 121 oportunidades e fez 43 gols. Jogou as Copas de 1970, 1974 e 1978. Além do tricampeonato mundial no México, conquistou pela Seleção Brasileira os títulos da Taça da Independência (1972), do Torneio Bicentenário dos Estados Unidos (1976), a Taça Oswaldo Cruz (1968 e 1976), a Copa Roca (1971 e 1976), a Copa Rio Branco (1976) e a Taça do Atlântico (1976). Atuou 4 vezes contra os argentinos: 2 vitórias e 2 empates. Marcou 1 gol.

no lado guarnecido pela barreira deu um passo para o lado, o suficiente para não mais alcançar a bola. O placar não mais se alterou no decorrer da primeira etapa, apesar das inúmeras chances criadas pelo Brasil. Uma delas entrou para a história como um dos “quase” gols de Pelé. Após uma dividida no meio de campo, a bola correu para o meio de campo, Pelé correu até ela e, percebendo que o goleiro Viktor estava adiantado, bateu para o gol, antes do meio de campo. A bola passou a centímetros da trave da trave esquerda.

Antes de retornar à partida, será dada voz a Nelson Rodrigues em relação à incrível jogada:

A câmera, numa tomada por trás do gol, mostra toda a curva implacável da bola. Por um momento, ninguém entendeu. Por que Pelé não passou? Por que atirava de tão espantosa distância? E o goleiro custou a perceber que era ele a vítima. Seu horror teve qualquer coisa de cômico. Pôs-se a correr, em pânico. De vez em quando, parava e olhava. Lá vinha a bola, parecia uma cena dos Três Patetas. E, por um fio, não entra o mais fantástico gol de todas as Copas passadas, presentes e futuras. Os tchecos parados, os brasileiros parados, os mexicanos parados – viram a bola tirar o maior fino da trave. Foi um cínico e deslavado milagre não ter consumado esse gol tão merecido. Aquele foi, sim, um momento de eternidade do futebol.<sup>461</sup>

No segundo tempo, o domínio brasileiro se traduziu em gols. Aos 14 minutos, Gérson lançou milimetricamente Pelé na área adversária que matou a bola com maestria no peito, deixou-a dar um toque no solo e fulminou o goleiro tcheco que saía do gol na tentativa de fazer a defesa. No minuto seguinte, Gérson, da linha divisória do meio campo lançou a bola para Jairzinho, dentro da área adversária, o atacante deixou a bola quicar no gramado e deu um lençol no goleiro tcheco e jogou para dentro do gol vazio. Faltando apenas oito minutos para o encerramento da partida Jairzinho<sup>462</sup> dominou a bola no meio de campo e foi em direção ao gol, driblou três

<sup>461</sup> RODRIGUES, Nelson. “O grande sol do escrete”. In: *A sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 174-175.

<sup>462</sup> Jair Ventura Filho – Jairzinho (Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 1944). Atacante muito veloz, de grande explosão muscular e goleador. Iniciou sua carreira em 1962 no Botafogo e ali permaneceu até 1974 quando se transferiu para o Olympique de Marseille. Pelo Botafogo ganhou vários títulos, com destaque para o Torneio Rio-São Paulo (1964 e 1966), o Campeonato Carioca (1967 e 1968) e a Taça Brasil (1968). Retornou em 1976 para o futebol brasileiro para atuar no Cruzeiro e foi extremamente importante para a Conquista da Libertadores da América pelo clube mineiro. A partir daí jogou em vários clubes como a Portuguesa, da Venezuela, da cidade de Acarigua; o Noroeste, de Bauru; o Fast Club, do Amazonas; o Jorge Wilstermann, da Bolívia e finalmente, em 1981, encerrou a carreira no Botafogo. Defendeu o Brasil em 102 oportunidades e marcou 42 gols. Participou de três Copas do Mundo (1966, 1970 e 1974). Sua participação na Copa do Mundo de 1970 foi decisiva, afinal marcou gols em todas as partidas e ganhou o apelido de “Furacão da Copa”. Conquistou ainda defendendo o selecionado nacional os Jogos

adversários antes de chutar cruzado por baixo e assim decretar a vitória brasileira por 4X1.<sup>463</sup>

A vitória e o futebol apresentados foram impactantes, o futebol-arte voltou a ser valorizado pela crônica nacional.

O resultado de 4 a 1 mudou o humor da crônica esportiva brasileira, e logo apareceram comentários segundo os quais a seleção estava confirmando o triunfo de um “estilo de jogo” muito peculiar, o brasileiro, sobre os duros esquemas táticos europeus. Era o resgate do “verdadeiro futebol brasileiro”.<sup>464</sup>

Os argentinos também elogiaram muito o futebol brasileiro, em uma de suas manchetes relativas ao Mundial afirmava: “Brasil: um estilo de magia”.<sup>465</sup> Em edição do dia anterior: “Brasil conseguiu um indiscutível triunfo, com justiça e, sobretudo, com um ingrediente um tanto ausente nos últimos tempos: o futebol”.<sup>466</sup>

O Brasil disputaria a liderança do grupo no dia 7 de junho contra a atual detentora do título, a Inglaterra. A maior parte dos 66.843 pagantes torceu pelo Brasil, que jogou desfalcado de Gérson, um dos grandes destaques da estreia.<sup>467</sup> O jogo foi muito equilibrado e disputado. Uma das jogadas memoráveis do confronto se deu ainda no início do jogo, aos 11 minutos, quando Jairzinho cruzou a bola na área inglesa e Pelé cabeceou forte, contra o chão, no canto direito de Banks. O goleiro inglês fez o que parecia impossível, conseguiu tocar com a mão direita na bola que saiu por cima do travessão. O único gol da partida só ocorreu aos 15 minutos do segundo tempo, Tostão recebeu a bola na esquerda e deu três dribles curtos em seus marcadores, cruzou para dentro da área para Pelé, que dominou e tocou na direita para o chute forte e certo de

---

Pan-Americanos (1963), a Copa Rio Branco (1968) e a Taça Independência (1972). Atuou 5 vezes contra a Argentina: 3 vitórias, 1 empate e 1 derrota. Nestas partidas marcou 3 gols.

<sup>463</sup> Os gols da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. PLATAVIDOESFUTEBOL. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nnKUFVaiDo4>. Acessado em: 17 de agosto de 2017.

<sup>464</sup> GUTTERMAN, Marcos. op. cit., p. 174.

<sup>465</sup> LA NACION, 5 de junho de 1970, p. 20.

<sup>466</sup> Idem, 4 de junho de 1970, p. 18.

<sup>467</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza, Everaldo, Clodoaldo, Paulo César, Jairzinho, Tostão (Roberto), Pelé e Rivelino. Escalação da Seleção Inglesa: G. Banks, T. Wright, Cooper, Mullery, Labone, Moore, F. Lee (Astle), Ball, R. Charlton (Bell), G. Hurst e Peters. O árbitro da partida foi o israelense Abraham Klein.

Jairzinho.<sup>468</sup>

A imprensa argentina afirmou que o Brasil não se apresentou tão bem quanto na partida de estreia, contudo, apesar das dificuldades enfrentadas no decorrer do embate contra os ingleses e da fragilidade mostrada por seu sistema defensivo, conforme afirmou o *El Gráfico*,<sup>469</sup> se firmava, mais uma vez, como uma das favoritas ao título, como ressaltou o *La Nacion*.<sup>470</sup>

O *La Nacion*, analisando a partida entre ingleses e brasileiros, também ressaltou claramente o que caracterizaria o futebol-força, um estilo distinto do praticado pelas equipes sul-americanas:

Os ingleses, como a maioria das equipes europeias, não se distinguem pela variedade de recursos, porém são disciplinados, todos correm, são sóbrios na condução da bola e fazem o uso do físico em todas as oportunidades que lhes apresenta, não evitam os choques.<sup>471</sup>

A última partida do Brasil na fase classificatória, no dia 10 de junho, no Estádio Jalisco, também foi a sua pior apresentação em toda a Copa do Mundo.<sup>472</sup> Paradoxalmente, o início do jogo foi arrasador e antes da metade do primeiro tempo a Seleção Brasileira já vencia por 2X0, gols de Pelé (18 minutos), de falta da entrada da área e de Jairzinho, aos 21, desviando cruzamento rasteiro de Paulo César que partiu da esquerda. Com a vitória aparentemente assegurada, os brasileiros reduziram o ritmo e acabaram sofrendo um gol ainda no primeiro tempo, aos 33 minutos, com Dumitrache. Os romenos, animados com o tento feito, ameaçaram o gol brasileiro nos minutos restantes, mas não alcançaram o empate. Na etapa complementar, Jairzinho cobrou escanteio, Tostão conseguiu, malabaristicamente, tocar a bola de calcanhar para Pelé que com a ponta da chuteira faz mais um gol para os brasileiros. Apesar do gol, o Brasil não

---

<sup>468</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas por filme produzido pelo inesquecível Canal 100, disponível no YouTube. Cf. RLUIZ66. “Canal 100 Brasil 1X0 Inglaterra 1970”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y3Aqç0qFoFI>. Acessado em: 17 de agosto de 2017.

<sup>469</sup> EL GRÁFICO, 9 de junho de 1970, p. 13.

<sup>470</sup> LA NACION, 9 de junho de 1970, p. 3 (Seção 2).

<sup>471</sup> Idem, ibidem, p. 3 (Seção 2).

<sup>472</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Félix, Carlos Alberto, Brito, Fontana, Everaldo (Marco Antônio), Piazza, Clodoaldo (Edu), Jairzinho, Tostão, Pelé e Paulo César. Escalação da Seleção Romena: Adamache (Raducanu Necula), Satmareanu, Lupescu, Dinu, Mocanu, Dumitru, Radu Nunweiller, NEagu, Dembroschi (Tataru), Dumitrache e Lucescu. O árbitro da partida foi o austríaco Frederik Marshall. O público pagante foi de 50.804 espectadores.

jogava bem e aos 37 minutos sofreu o segundo gol romeno, feito por Dembrowski. Apesar da pressão final, o placar terminou com a vitória brasileira e o primeiro lugar do grupo.<sup>473</sup>

Na fase seguinte, quartas de final, o Brasil enfrentou a perigosa Seleção Peruana que havia desclassificado a Argentina nas Eliminatórias. Ela era dirigida pelo bicampeão mundial Didi, ou seja, um grande conhecedor do futebol brasileiro e era composta por bons jogadores. O Peru ficou em segundo lugar em sua chave que terminou com a liderança da Alemanha. O Brasil contava com o importante retorno de Gérson.<sup>474</sup>

A partida foi disputada no dia 14 de junho, no estádio Jalisco em Guadalajara.<sup>475</sup> O Brasil começou arrasador e fez seus dois primeiros gols nos 15 minutos iniciais. Rivelino marcou o primeiro, aos 11 minutos. Em cruzamento mal rebatido pela defesa peruana, a bola sobrou para Tostão, ele rolou para trás, de primeira, para Rivelino, que chutou forte, rasteiro, cruzado, na entrada da grande área pelo seu lado esquerdo. O segundo gol saiu após cobrança de escanteio. Tostão passou curto para Rivelino que tocou para a infiltração de Tostão pelo lado esquerdo da área, que deu um toque na bola e chutou, praticamente sem ângulo, para ampliar a vantagem brasileira. Os peruanos não desistiram da partida e aos 27 minutos, Gallardo, recebeu lançamento do meio de campo e entrou na área brasileira mesmo marcado por Carlos Alberto, chutou, sem ângulo, para descontar para o Peru. O primeiro tempo terminou com a vitória parcial dos brasileiros.

---

<sup>473</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas por filme produzido pelo inesquecível Canal 100, disponível no YouTube. Cf. PEREIRA, Marco Antonio. “Brasil 3X2 Romênia Copa de 70”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0JX7IqiLRC0>. Acessado em: 17 de agosto de 2017.

<sup>474</sup> Gérson de Oliveira Nunes (Niterói, 11 de janeiro de 1941). Atuava no meio de campo e foi um dos maiores passadores e lançadores do futebol brasileiro. Seus precisos lançamentos, de até 40 metros, lhe renderam o apelido de “Canhotinha de Ouro”. Foi ídolo pelas quatro equipes que defendeu ao longo da carreira: Flamengo, Botafogo, São Paulo e Fluminense (clube do coração). Jogou pelo Flamengo entre 1959 e 1963. Pela equipe da Gávea foi campeão do Torneio Rio-São Paulo (1961) e do Carioca (1963). Ainda em 1963 transferiu-se para o Botafogo e conquistou o Torneio Rio-São Paulo (1964 e 1966), o Carioca (1967 e 1968) e a Taça Brasil (1968). Em 1969 foi jogar no São Paulo e conquistou mais dois campeonatos estaduais (1970 e 1971). Em 1972 passou a atuar pelo seu time de coração, o Fluminense, equipe pela qual encerrou a carreira em 1974. Foram 87 jogos pela Seleção Brasileira e 19 gols marcados. Conquistou a Taça Bernardo O’Higgins (1961), a Copa Roca (1963 e 1971), Copa Rio Branco (1968), a Taça Independência (1972) e a Copa do Mundo (1970). Jogou 8 partidas contra a Seleção Argentina: 3 vitórias, 2 empates e 3 derrotas. Não marcou gols.

<sup>475</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza, Marco Antônio, Clodoaldo, Gérson (Paulo César), Jairzinho (Roberto), Tostão, Pelé e Rivelino. Escalação da Seleção Peruana: Rubiños, Campos, Fernández, Chumpitaz, Fuentes, Mifflin, Challe, Cubillas, Baylón (Sotil), Perico León (Eladio Rojas) e Gallardo. O árbitro da partida foi o belga Vital Loraux. O público pagante foi de 54.233 espectadores.

O Brasil voltou a pressionar seu adversário no retorno do intervalo e fez o terceiro gol aos 6 minutos. Pelé avançou no meio de campo e tocou a bola para Jairzinho que devolveu para o camisa 10 quando ele invadia a área adversária. Pelé chutou, a bola desviou em Fernández, enganou o goleiro peruano e sobrou livre para Tostão marcar seu segundo gol na partida. Os peruanos voltariam ao jogo aos 25 minutos. Cubillas, o principal jogador de sua equipe, aproveitou um bate e rebate na defesa brasileira e chutou forte para vencer Félix. O Brasil garantiu sua classificação para a fase seguinte, quando Rivelino lançou Jairzinho dentro da área, o “Furacão da Copa”, como ficou conhecido, driblou o goleiro e quase sem ângulo tocou para o fundo do gol.<sup>476</sup> Com a vitória por 4X2, a Seleção Brasileira enfrentaria, na semifinal, um antigo fantasma, o Uruguai.

As duas semifinais foram disputadas no dia 17 de junho e garantiria uma final entre sul-americanos e europeus, uma vez que, na Cidade do México, disputavam uma vaga para a decisão as seleções da Itália e da Alemanha e, em Guadalajara, o Brasil jogava contra o Uruguai. Das quatro seleções, três delas eram bicampeãs mundiais (Brasil, Itália e Uruguai) e uma campeã (Alemanha). Em uma partida repleta de emoções, a Itália, na prorrogação, derrotou por 4X3 os alemães. Com a classificação da Azurra para a final, inevitavelmente o vencedor da Copa do Mundo ficaria com a posse permanente da Taça Jules Rimet.

Antes das semifinais, Osvaldo Juan Zubeldía, técnico na Argentina e que iniciou a preparação do selecionado de seu país para a Copa de 1966, afirmou que não gostaria que o Brasil fosse o próximo campeão do mundo, pois, segundo ele, o futebol brasileiro não era jogado de forma séria, organizada, taticamente e dependia exclusivamente de seus grandes jogadores. É o claro embate entre os defensores do futebol força e os admiradores do futebol arte. “Eu desejo que o Brasil não ganhe. Prefiro as equipes que trabalham. O Brasil só tem três ou quatro gênios”.<sup>477</sup> Contrapondo a fala de Zubeldía, após a partida entre brasileiros e uruguaios, a seção Mirador Esportivo, do La Nacion, afirmou: “Essa tarde, no estádio Jalisco, Guadalajara, a seleção brasileira exibiu seu futebol festivo, opulentamente criativo, claro, alegre, deslumbrantemente

---

<sup>476</sup> Os gols da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOSDOBASIL. “Copa de 1970: Brasil 4X2 Peru”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=xqW\\_gKRQ\\_6I](https://www.youtube.com/watch?v=xqW_gKRQ_6I). Acessado em: 21 de agosto de 2017.

<sup>477</sup> LA NACION, 18 de junho de 1970, p. 21.

plástico”.<sup>478</sup>

O Brasil enfrentou não apenas o Uruguai, mas também as lembranças de duas décadas atrás, o *Maracanazo*. Talvez por isso, a Seleção Brasileira começou nervosa e passou a ser pressionada pelo adversário.<sup>479</sup> Os uruguaios abriram o placar, quando Brito, ao sair com a bola, tocou errado nos pés de Morales, que lançou Cubilla, que entrava na área pela direita, o atleta uruguaio deu um chute desprezível que entrou contando com a falha de Félix. Apesar do gol sofrido, o Brasil se acalmou, passou a criar as melhores situações da partida e foi premiado aos 44 minutos quando Tostão, do lado esquerdo, tocou para Clodoaldo dentro da área que chutou forte, cruzado para empatar o duelo.

O jogo continuou tenso, disputado e difícil, com o Brasil criando as melhores oportunidades. O empate prevaleceu até os 30 minutos da etapa final, quando Jairzinho partiu rapidamente do campo defensivo do Brasil e tocou para Pelé que de primeira serviu Tostão, o habilidoso jogador deu um toque na bola e lançou o atleta que havia iniciado a jogada, Jairzinho, o atacante brasileiro com uma finta de corpo deixou seu marcador para trás e entrou na área uruguaia para marcar o gol da virada brasileira. No último minuto da partida o Brasil “carimbou” seu passaporte para a grande final. Carlos Alberto estourou a bola da defesa brasileira, Pelé disputou no alto com o zagueiro uruguaio que tirou de cabeça, contudo a bola caiu nos pés de Tostão<sup>480</sup> que rapidamente tocou para Pelé que avançou em direção ao gol uruguaio, ao entrar na área, parou em frente ao seu marcador e tocou para trás, para o chute fulminante, rasteiro e violento de Rivelino. E ainda houve tempo para mais um dos inesquecíveis “quase” gols de Pelé

---

<sup>478</sup> Idem, *ibidem*, p. 21.

<sup>479</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza, Everaldo, Clodoaldo, Gérson, Jairzinho, Tostão, Pelé e Rivelino. Escalação da Seleção Uruguaia: Mazurkiewicz, Ubiñas, Ancheta, Matosas, Mujica, Montero Castillo, Cortês, Maneiro (Espárrago), Cubilla, Fontes e Morales. O árbitro da partida foi o espanhol José Ortiz de Mendizabal. O público pagante foi de 51.261 espectadores.

<sup>480</sup> Eduardo Gonçalves de Andrade – Tostão (Belo Horizonte, 25 de janeiro de 1947). Um dos atacantes mais inteligentes e habilidosos da história do futebol brasileiro. Começou sua carreira jogando pelo América Mineiro em 1962. Em 1964 passou a defender as cores do Cruzeiro, equipe pela qual conquistou o tetracampeonato mineiro (1965, 1966, 1967 e 1968), tendo sido o artilheiro da competição em todos os quatro anos. Pela equipe mineira conquistou ainda a Taça Brasil (1966). Jogou em 1972 e 1973 pelo Vasco da Gama, a sua venda para a equipe carioca foi a maior transação do futebol brasileiro da época. Porém, em 1973, o atleta voltou a sentir os efeitos de um descolamento de retina que havia sofrido em 1969, quando recebeu uma bolada na vista. Tal fato levou a sua saída prematura do futebol, com apenas 26 anos. Jogou 65 partidas oficiais pelo Brasil e marcou 35 gols. Esteve nos mundiais de 1966 e 1970. Conquistou a Copa Rio Branco (1968 e 1969), a Copa Roca (1971), Taça Independência (1972) e a Copa do Mundo (1970). Atuou 3 vezes contra a Argentina: 1 vitória e 2 empates. Marcou 1 gol.

no Mundial. Tostão, no meio de campo, enxergou a entrada de Pelé e tocou a bola em profundidade, o goleiro uruguaio saiu do gol e o camisa 10, ao invés de ir em direção da bola, foi para o lado oposto, enganando o arqueiro do Uruguai, Pelé então, em velocidade, chutou para o gol, mas a bola passou, caprichosamente, ao lado da trave.<sup>481</sup>

Brasil e Itália se enfrentaram no Estádio Asteca, na Cidade do México, para 107.412 pagantes, no domingo, 21 de junho de 1970.<sup>482</sup> Depois de 40 anos, a Taça Jules Rimet teria um dono definitivo. A Itália, se não tinha uma campanha tão perfeita quanto a brasileira, afinal havia empatado duas partidas ao longo do Mundial, era uma seleção muito forte e respeitável. Atual campeã europeia, título conquistado em 1968, acumulava 17 jogos de invencibilidade. Já o Brasil, além de contar com todos os seus titulares, ainda teria o apoio da maior parte da torcida que lotava o estádio.

A Itália começou pressionando, contudo o Brasil foi aos poucos impondo seu futebol e aos 18 minutos abriu o placar. Tostão bateu um lateral para Rivelino que, da ponta esquerda e de primeira, chutou para o alto, dentro da área italiana, Pelé subiu mais alto que seu marcador e testou forte, preciso, para o fundo do gol italiano. Os brasileiros continuaram jogando melhor, no entanto, Clodoaldo falhou ao tentar, de forma displicente, tocar de calcanhar para o seu companheiro no momento em que a marcação o pressionava. Bonisegna passou pelo primeiro marcador, dividiu a bola com Brito e Félix, que saiu afobado da meta, e tocou para o gol vazio.

O segundo tempo começou a cobrar seu preço sobre a Seleção Italiana que havia, dias antes, disputado uma acirrada prorrogação contra os alemães. O Brasil, muito bem preparado fisicamente, impôs seu melhor futebol na etapa complementar, o que foi comum em todo o Mundial. Aos 20 minutos, Jairzinho foi desarmando por Rosato, mas a bola sobrou para Gérson que ajeitou para a pena esquerda e chutou forte para marcar Brasil 2X1. Seis minutos depois, Gérson recebeu a bola de Everaldo no meio de campo, em cobrança curta de falta, e lançou Pelé

---

<sup>481</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOS DO BRASIL. “Copa de 1970: Brasil 3X1 Uruguai”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=exrgtcuM91Q>. Acessado em: 21 de agosto de 2017.

<sup>482</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza, Everaldo, Clodoaldo, Gérson, Jairzinho, Tostão, Pelé e Rivelino. Escalação da Seleção Italiana: Albertosi, Burgnich, Facchetti, Bertini (Juliano), Rosato, Cera, Domenghini, Mazzola, Bonisegna (Rivera), De Sisti e Riva. O árbitro da partida foi o alemão ocidental Rudi Glökner.

que entrava na área italiana. O genial jogador brasileiro tocou-a com a cabeça para a entrada de Jairzinho, pelo meio da área, que matou na coxa e preparou para chutá-la, apesar de não conseguir alcançá-la com o bico da chuteira, a bola lentamente morreu nas redes da Itália. Faltando dois minutos para o encerramento da partida, Clodoaldo,<sup>483</sup> no meio de campo, passou por quatro adversários e tocou para Rivelino, este lançou Jairzinho, na ponta esquerda, que partiu para o meio e tocou para Pelé que, por sua vez, dominou a bola, girou o corpo para a direita e rolou com precisão para a entrada de Carlos Alberto,<sup>484</sup> a bola ainda quicou levemente no gramado, subindo o suficiente para que o lateral direito do Brasil chutasse forte, de primeira e certeiro, fazendo Brasil 4X1. A partir daí foi só esperar o apito final do juiz para iniciar a festa do primeiro tricampeão do mundo. A Seleção Brasileira de 1970 tornou-se um mito no futebol mundial.<sup>485</sup>

A manchete do *La Nacion* no dia seguinte à final sintetiza a percepção argentina sobre o futebol brasileiro em 1970: “Brasil e a vitória da habilidade”.<sup>486</sup> Para o periódico, a Itália foi derrotada por um adversário superior e afirmou ainda que a Jules Rimet foi conquistada, em caráter definitivo pelos sul-americanos, pela seleção que apresentou o melhor futebol, o Brasil, e que o verdadeiro vencedor foi sim o próprio futebol. “O futebol alegre, confiante, imprevisto e

<sup>483</sup> Clodoaldo Tavares de Santana (Aracaju, 26 de setembro de 1949). Habilidoso volante do futebol brasileiro. Sua carreira se desenvolveu quase integralmente no Santos, equipe que defendeu em 510 jogos entre 1965 e 1979. Defendeu o Tampa Bay Rowdies, dos Estados Unidos, em 1980 e encerrou a carreira no ano seguinte no Nacional do Amazonas. Mas, em virtude de uma grave contusão sofrida no joelho esquerdo, não jogou oficialmente pelas duas últimas equipes. Era um jogador que tinha muita facilidade para defender, exigência de sua posição, assim como de atacar e aliava técnica apurada e raça. Foi o substituto de Zito tanto no Santos quanto na Seleção Brasileira. Foi campeão paulista em cinco oportunidades (1967, 1968, 1969, 1973 e 1978), venceu o Torneio Rio-São Paulo (1968), a Recopa Sul-Americana (1968). Defendeu o Brasil em 54 jogos e marcou 3 gols. Só foi derrotado em duas oportunidades, em 1973 pela Itália (0X2) e em sua última partida, em 1976, em um amistoso contra o Flamengo (0X2). Pela Seleção Brasileira foi Campeão do Mundo (1970), da Copa Roca (1971) e da Taça Independência (1972). Foi cortado da equipe que jogaria o Mundial de 1974 em virtude de uma contusão. Realizou 3 partidas contra a Argentina: 1 vitória e 2 empates. Não marcou gols.

<sup>484</sup> Carlos Alberto Torres (Rio de Janeiro, 17 de julho de 1944 – Rio de Janeiro, 25 de outubro de 2016). Um dos maiores laterais direito da história do futebol mundial. Capitão da Seleção Brasileira de 1970 que lhe valeu o apelido de “Capita” ou “Capitão do Tri”. Iniciou sua carreira pelo Fluminense em 1963. Entre 1965 e 1971 atuou no lendário Santos de Pelé. Teve rápida passagem pelo Botafogo ainda em 1971 e retornou ao Santos neste ano para jogar pela equipe paulista até 1974. Entre 1974 e 1977 atuou pelo Fluminense. Defendeu o Flamengo em 1977 por 20 partidas e ainda naquele ano se transferiu para o New York Cosmos dos Estados Unidos. Em 1981 defendeu o Califórnia Surf e no ano seguinte, encerrou a carreira, jogando novamente no New York Cosmos. Atuou pelo Brasil em 69 oportunidades e marcou 9 gols. Conquistou o Pan-Americano (1963), Copa Rio Branco (1968), Taça Oswaldo Cruz (1968) e a Copa do Mundo (1970). Jogou 3 partidas contra os argentinos: 1 vitória e 2 derrotas.

<sup>485</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube em HD. Cf. MrDOBRISHA. “World Cup Mexico 1970: Brazil - Italy 4-1 (Final) – HD”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z2PJnLgOPyo>. Acessado em: 21 de agosto de 2017.

<sup>486</sup> LA NACION, 22 de junho de 1970, p. 6 (Seção 2).

criativo dos brasileiros, que colocou por terra velhos mitos, como a preponderância atlética, os esquemas defensivos (...). Tudo isso morreu em uma jornada emocionante que foi vista em todo o mundo através da televisão. (...) Por isso, a festa e a alegria não foi só dos ganhadores, mas de todos aqueles amantes do belo, do que implica o futebol assim jogado”.<sup>487</sup>

Em outra coluna, o La Nacion, seguindo a mesma linha, destacava:

Um mesmo sangue latino unia as duas equipes, porém uma distinta concepção de jogo as separava. Os europeus, com seu sistema ultra defensivo e de contra ataque fulminante; os brasileiros, com seu acionar sutil e a plasticidade e a beleza de seus passes e a repetida contundência de suas definições.<sup>488</sup>

**Figura 21: Seleção Brasileira campeã em 1970: comissão técnica e jogadores<sup>489</sup>**



Em decorrência da polêmica levantada por Zubeldía, após o triunfo brasileiro o El Gráfico entrevistou o técnico argentino para saber o que ele realmente pensava sobre o futebol tricampeão do mundo e suas afirmações realizadas antes das semifinais. Diante do fato consumado, o profissional argentino teceu considerações bastante interessantes. Inicialmente deixou claro que realmente afirmou que preferia a vitória dos outros três semifinalistas, em especial a Alemanha ou a Itália, e não do Brasil, pela forma com que ele entende que o futebol deva ser jogado e que o argentino deveria buscar.

<sup>487</sup> Idem, ibidem, p. 6 (Seção 2).

<sup>488</sup> Idem, ibidem, p. 6 (Seção 2).

<sup>489</sup> SIQUEIRA, Robinho. “Seleção Brasileira tri-campeã mundial - 1970”. Disponível em: <https://futeboldecoracao.wordpress.com/2013/03/05/selecao-brasileira-tri-campea-mundial-1970/>. Acessado em: 21 de agosto de 2017.

Quando disse que preferia ver como campeões do mundo a Inglaterra ou a Alemanha, foi porque via nessas duas equipes o exemplo da disciplina, de trabalho em equipe, de ritmo, de funcionamento, que considero necessário para que os argentinos levantem o nível de nosso futebol. Aqui temos o mau costume de imitar aos que ganham. E digo má costume porque imitamos o bom e o mal, o útil e o negativo, sem analisar previamente se convém fazê-lo.<sup>490</sup>

O repórter perguntou se a vitória brasileira seria um mau exemplo, pois seria um prêmio à indisciplina, à falta de trabalho, ao futebol sem organização. Cabe aqui ressaltar que tal identidade, sempre associada ao futebol mais técnico e imprevisível, esconde, conforme foi relatado nas vitórias brasileiras em 1958, 1962 e também 1970, o esforço, o trabalho, a apurada preparação física, o bom ambiente interno e a organização com que essas seleções se prepararam para as disputas dos mundiais. A técnica, conforme os cronistas brasileiros ressaltaram, precisa ser acompanhada da preparação física, dos treinos táticos e da boa organização. Dessa forma, a construção completamente antagonica entre o futebol-arte e o futebol-força é falaciosa.

A resposta de Zubeldía reforça a afirmativa acima:

Vamos supor que esta fosse uma partida que se jogavam Brasil X Zubeldía. Se esse resultado é minha derrota, me alegro de ter perdido... Porém, não é minha derrota. Ainda que custe entendê-lo, o triunfo do Brasil é o triunfo das minhas ideias. O que ocorreu é que Zagallo, a quem rendo toda minha admiração como técnico, me enganou. O Brasil que eu conhecia, o que vi jogar na Colômbia contra os Millonarios, na etapa de preparação para o Mundial, foi algo bastante distinto. Quando terminou a partida, comentei com Bilardo que o Brasil não iria a nenhum lado com esse tipo de jogo, baseado em onze individualidades, algumas geniais, mas que não funcionavam nunca como equipe. E eu creio nos gênios, creio na inspiração, creio no futebol alegre, creio no jogo de ataque, creio em tudo o que o Brasil demonstrou... Porém, fundamentalmente, creio em trabalho, no funcionamento coletivo, no ritmo que permite impor essa genialidade e essa inspiração.<sup>491</sup>

O medo de Zubeldía era que os argentinos valorizassem e copiassem, a partir da vitória brasileira, a individualidade, a criatividade, o improvisado, em detrimento do trabalho físico e tático. A imprensa argentina não se cansou de tecer elogios ao futebol brasileiro e, em virtude do futebol extremamente técnico apresentado, não destacava a dura e séria preparação que os brasileiros realizaram para disputar o Mundial. Praticamente dez dias após o encerramento do

<sup>490</sup> EL GRÁFICO, 30 de junho de 1970, p. 14.

<sup>491</sup> Idem, ibidem, p. 14-15.

Mundial, o El Gráfico fez um balanço da competição recém encerrada e afirmava que o Brasil se utilizou de tudo o que o futebol poderia criar, “harmonia, precisão, habilidade, manejo, toques, gols..., TUDO. Foi a demonstração quase inalcançável do futebol perfeito”.<sup>492</sup>

Osvaldo Ardizzone, o jornalista responsável pela reportagem para o El Gráfico, assumiu que ele, assim como a maioria das pessoas que se encontrava no México, torceram pelo Brasil, pois foi a equipe que demonstrou um futebol ofensivo, criativo e de grande qualidade técnica. Não foi, segundo o autor da reportagem, um triunfo apenas brasileiro, mas de todos aqueles que defendem a habilidade e o talento, assim como a vitória do jogador sobre os esquemas táticos. Este seria o legado da Seleção Brasileira de 1970.<sup>493</sup>

O exemplo mais claro do domínio brasileiro na competição foi o fato de que na eleição do selecionado do Mundial, mais da metade dos jogadores eram brasileiros, foram eles: Carlos Alberto, Clodoaldo, Gerson, Jairzinho, Pelé e Rivelino. Pelé foi eleito também o melhor jogador da competição.

---

<sup>492</sup> Idem ibidem, p. 44.

<sup>493</sup> Idem, ibidem, p. 48.

## CAPÍTULO 5 – PRIMEIRO TEMPO: O MUNDO É ALBICELESTE

### 5.1. A COPA ROCA E A TAÇA DA INDEPENDÊNCIA

Argentina e Brasil viviam, no campo futebolístico, momento completamente distinto em 1970. Os primeiros, inicialmente otimistas após a vitória obtida contra a Seleção Brasileira na partida disputada em 4 de março, acreditavam que o seu selecionado havia iniciado um processo de recuperação. Contudo, tal sensação se frustrou no restante daquele ano. Disputaram mais três partidas ao longo do período, na primeira venceram os uruguaios, que se preparavam para o Mundial, em Buenos Aires por 2X1. Na semana seguinte, em novo confronto, agora em Montevideu, os donos da casa devolveram o placar. No segundo semestre, os argentinos realizaram apenas uma partida, contra o Paraguai, em Assunção, empate em 1X1. “Essa vitória contra o Brasil, que meses mais tarde ficaria definitivamente com a Copa Jules Rimet, foi um pequeno mito, que teve pouco tempo de vida”.<sup>1</sup>

Já o futebol brasileiro, com a conquista do tricampeonato, vivia um momento de êxtase interno e de completo reconhecimento internacional. No segundo semestre de 1970 disputou dois jogos, o primeiro contra os mexicanos, em 30 de setembro, partida comemorativa da conquista ao título mundial. O Maracanã ficou lotado, com quase 140 mil pagantes,<sup>2</sup> para ver pela primeira vez a seleção campeã do mundo. O Brasil não decepcionou e venceu por 2X1. No dia 4 de outubro, em Santiago do Chile, os brasileiros golearam os anfitriões por 5X1.

Com o intuito de recuperar o prestígio perdido, a AFA manteve Juan José Pizzutti no comando da seleção do seu país e agendou dez partidas ao longo de 1971, sendo sete delas disputadas em julho. Já o Brasil perdia o seu principal jogador, Pelé, que, no final do ano anterior, avisou a CBD que estava encerrando seu ciclo, após 14 vitoriosos anos, na Seleção Brasileira. Foram duas partidas de despedida, disputadas nos dias 11 e 18 de julho de 1971. Na primeira, em São Paulo, o Brasil empatou com a Áustria por 1X1. Pelé marcou o 77º e último gol com a camisa brasileira. A derradeira partida foi disputada no Maracanã, com mais de 140 mil pessoas, contra a Iugoslávia. Assim como ocorrera em São Paulo, o “Rei do futebol”, no intervalo

---

<sup>1</sup> *Desde 1893 hasta 1981: toda la historia de la Selección Argentina*. Buenos Aires: GAM Ediciones, 1982, p. 475.

<sup>2</sup> NAPOLEÃO, Antonio Carlos. *Seleção Brasileira: 1914-2006*. Rio de Janeiro: Mauá X, 2006, p. 155.

da partida, deu a volta olímpica sendo aclamado pelos torcedores presentes que gritavam: “Fica, Fica”. A partida terminou empatada em 2X2. Sem o seu maior ídolo, o Brasil partiu para Buenos Aires para disputar a Copa Roca.

**Figura 1: Despedida de Pelé da Seleção Brasileira no Maracanã (18 de julho de 1971).<sup>3</sup>**



Na noite fria do inverno argentino, 28 de julho de 1971, mais de 65 mil espectadores assistiram, no Monumental de Núñez, a primeira partida entre argentinos e brasileiros pela Copa Roca daquele ano. A Argentina se apresentou com uma seleção bastante renovada em relação àquela que havia enfrentado o Brasil no ano anterior, apenas 4 jogadores foram mantidos: Pastoriza, Brindisi,<sup>4</sup> Madurga e Fischer. Já a Seleção Brasileira manteve a base campeã do mundo no ano anterior. Tostão herdou a camisa 10 de Pelé e o capitão passou a ser Gérson.<sup>5</sup>

<sup>3</sup> SILVA, Jonathan. “Há exatos 45 anos, Pelé dava adeus à Seleção Brasileira”. Disponível em: <http://blogs.lance.com.br/gol-de-canela-fc/ha-exatos-45-anos-pele-dava-adeus-selecao-brasileira/>. Acessado em: 9 de setembro de 2017.

<sup>4</sup> Miguel Ángel Brindisi (Buenos Aires, 8 de outubro de 1950). Meia-armador de grande habilidade e recursos técnicos. Ficou fortemente vinculado ao Húrcan, equipe que defendeu entre 1967 e 1976. Foram 320 partidas e 155 gols marcados. Retornou a equipe argentina, no final de 1979, após jogar pelo Las Palmas da Espanha. Sua nova passagem pelo Huracán foi breve, pois na temporada de 1981 foi atuar pelo Boca Juniors. Foi capitão da equipe que contava com uma grande promessa do futebol local: Maradona. Defendeu ainda o Unión de Santa Fé, o Nacional do Uruguai, o Racing e terminou a carreira, em 1985, no Municipal da Guatemala. Conquistou dois campeonatos metropolitanos argentinos, em 1973 pelo Huracán e em 1981 pelo Boca Juniors. Foi campeão uruguaio em 1983 pelo Nacional. Defendeu a Seleção Argentina em 46 oportunidades e marcou 17 gols. Fez parte do grupo que não se classificou para a Copa de 1970, conseguiu superar o fracasso e esteve na equipe que disputou a Copa de 1974. Jogou 5 partidas contra o Brasil: 1 vitória, 2 empates e 2 derrotas. Marcou 2 gols contra os brasileiros, um deles na Copa do Mundo da Alemanha.

<sup>5</sup> Escalação da Seleção Argentina: Sánchez, Dominichi, Bargas, Larraigné, Heredia, Brindisi, Pastoriza, Madurga, Ayala, Bianchi e Fischer (Verde). Escalação da Seleção Brasileira: Félix, Zé Maria (Marco Antônio), Brito, Piazza, Everaldo, Clodoaldo, Gérson, Vaguinho, Claudiomiro (Paulo César), Tostão e Rivelino. O árbitro da partida foi o belga Vital Loraux.

Foi um primeiro tempo fraco, as equipes não se arriscaram, pouquíssimas situações de gol surgiram. Claudiomiro chegou a marcar para o Brasil, porém o gol foi corretamente anulado. Os argentinos acertaram a trave brasileira. O placar estava inalterado quando o árbitro apitou o fim dos 45 minutos iniciais.

O jogo não se modificou significativamente na etapa final com as duas seleções muito preocupadas com suas respectivas defesas. Aos 34 minutos, em uma das poucas escapadas do ataque brasileiro, Paulo César, que havia entrado no lugar de Claudiomiro, lançou Marco Antônio pela ponta esquerda, o lateral brasileiro avançou e cruzou na área para o próprio Paulo César, que com habilidade matou a bola no peito, deixou-a quicar e chutou no canto esquerdo do goleiro argentino. Com a vantagem no placar o Brasil recuou ainda mais a equipe, com o objetivo de garantir a vitória. O castigo veio no último minuto da partida, o meia Madurga acertou chute violento da entrada da área e deu números finais para o confronto.<sup>6</sup>

A partida seguinte foi disputada três dias depois, no sábado, 31 de julho de 1971, novamente no Monumental de Núñez, para um público semelhante ao do duelo anterior, aproximadamente 65 mil espectadores. Uma interessante curiosidade é que a partida iniciada às 15h30, não foi transmitida ao vivo para o Brasil, porque no mesmo horário os brasileiros assistiam os astronautas norte-americanos David Scott e James Irwin realizarem na Lua com um jipe, um passeio como parte da missão Apollo 15.

A equipe da Argentina iniciou o confronto com a mesma escalação que também havia começado o jogo anterior. O Brasil era praticamente o mesmo. Eurico entrou na vaga do contundido Zé Maria e Paulo César no lugar de Claudiomiro.<sup>7</sup> A Argentina mostrou mais disposição desde os minutos iniciais e apresentou um futebol de melhor qualidade, como resultado saiu para o intervalo com o placar favorável, gol de Fischer aos 37 minutos. Ela continuou a exercer seu domínio na etapa complementar, porém, em rápido contra-ataque, aos 37

---

<sup>6</sup> Algumas jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. CANARINHOGOLS. “Copa Roca 1971-28-Jul: Argentina 1X1 Brasil”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a3NIXm9FPIg>. Acessado em: 9 de setembro de 2017.

<sup>7</sup> Escalação da Seleção Argentina: Sánchez, Dominichi, Bargas, Larraigné, Heredia, Brindisi, Pastoriza, Madurga (Landucci), Ayala (Onega), Bianchi e Fischer. Escalação da Seleção Brasileira: Félix, Eurico, Brito, Piazza, Everaldo (Marco Antônio), Clodoaldo (Claudiomiro), Gérson, Vaguinho (Lula), Tostão, Rivelino e Paulo César. O árbitro da partida foi o suíço Rudolf Scheurer.

minutos, Tostão empatou a partida de cabeça após cobrança de escanteio. O empate prosseguiu até o apito final.

Seguindo o regulamento das edições anteriores, em caso de igualdade de pontos nas duas partidas, haveria uma prorrogação de 30 minutos e se não houvesse vencedor no tempo extra o campeão seria o selecionado que havia ganhado o último torneio, no caso, o Brasil. No tempo extra, a Argentina continuou pressionando os brasileiros e logo no primeiro minuto voltou a ficar em vantagem no marcador. Brindisi lançou a bola para um companheiro que se encontrava dentro da área adversária, ao tentar chutar foi abafado pela defesa brasileira, na sequência da jogada Clodoaldo tentou sair driblando, perdeu a bola que foi tocada para Onega que serviu para Fischer, na entrada da área, o jogador argentino matou a bola, deixou-a tocar uma vez no gramado e chutou forte para marcar o segundo gol dos locais. O panorama da partida não se alterou, os donos da casa atacando e os visitantes se defendendo. Em um dos poucos ataques brasileiros, aos 10 minutos da etapa final da prorrogação, Gérson lançou a bola em direção da área argentina, os defensores falharam e a bola sobrou livre para Paulo César empatar o jogo. O Brasil ainda teve a chance de “matar” a disputa em um contra-ataque. Lula recebeu a bola, passou pelo goleiro, Claudiomiro pediu a bola livre, no meio, mas o atacante brasileiro chutou para fora. Final, o Brasil continuava detentor da Taça Roca com o empate em 2X2.<sup>8</sup>

O Jornal do Brasil ressaltou o desentrosamento da Seleção Brasileira e a garra com que lutou para conseguir o empate. Os argentinos, por sua vez, segundo o periódico, mostraram melhor entrosamento, um jogo paciente de toques de bola com o intuito de abrir espaços na defesa brasileira.<sup>9</sup> A Folha de São Paulo foi mais eloquente no que se referia ao domínio argentino: “A seleção argentina mostrou um futebol mais objetivo, jogando em função do gol, enquanto os brasileiros permaneceram no individualismo excessivo e ineficiente”.<sup>10</sup> O jornal paulista concordou com o carioca em relação à disposição e a garra demonstrada pela Seleção Brasileira. A imprensa argentina afirmou que o selecionado do seu país dominou seu adversário

---

<sup>8</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. RLUIZ66. “Argentina 2X2 Brasil 31-jul-71”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I7oGZ-TDoaU>. Acessado em: 9 de setembro de 2017.

<sup>9</sup> JORNAL DO BRASIL, 2 de agosto de 1971, p. 52.

<sup>10</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 1º de agosto de 1971, p. 1 (Caderno 4).

no primeiro tempo da partida de quarta-feira e durante os 120 minutos do jogo de sábado, mas não foi o suficiente para conquistar o título.

Em 1972, como parte das comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil, a CBD organizou um torneio reunindo 18 países, além de duas seleções continentais, o Combinado da África e o Combinado da Concacaf.<sup>11</sup> A competição foi denominada de Taça Independência, também chamada de Minicopa. A primeira fase foi disputada por quinze seleções, enquanto outras cinco (Brasil, Escócia, Tchecoslováquia, União Soviética e Uruguai) estavam automaticamente classificadas para a etapa seguinte. Foram então formados três grupos com cinco equipes cada e o melhor classificado de cada um deles disputaria a próxima fase. Grupo 1: Argentina, Colômbia, Combinado da África, Combinado da Concacaf e França. A Argentina passou para a fase seguinte. Grupo 2: Chile, Equador, Irã, Irlanda do Norte e Portugal. Os lusitanos se sagraram vencedores. Grupo 3: Bolívia, Iugoslávia, Paraguai, Peru e Venezuela. A Seleção Iugoslava foi a classificada.

Na etapa seguinte as seleções foram divididas em 2 grupos com quatro equipes. O Brasil ficou na Chave A e enfrentou a Escócia, Iugoslávia e Tchecoslováquia. Já a Chave B foi formada por: Argentina, Portugal, União Soviética e Uruguai. O Brasil classificou-se para disputar a grande final ao empatar sem gols com a Tchecoslováquia, vencer a Iugoslávia por 3X0 e a Escócia por 1X0. Na chave B os portugueses classificaram-se para a decisão após vencerem a Argentina por 3X1, a União Soviética por 1X0 e empatarem com os uruguaios por 1X1. A Argentina, por sua vez, venceu a União Soviética e o Uruguai, ambas por 1X0 e se classificou para a disputa do terceiro lugar contra a Iugoslávia.

As partidas finais ocorreram no domingo, 9 de julho. Na preliminar, em jogo bastante confuso, com briga generalizada, invasão de campo por parte dos reservas e das delegações dos dois selecionados, os iugoslavos venceram os argentinos por 4X2 e conquistaram a terceira colocação. Já o Brasil, mesmo não apresentando um grande futebol, derrotou os portugueses por

---

<sup>11</sup> As comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil extrapolaram o futebol, no espaço cinematográfico a realização e estreia do filme, estrelado por Tarcísio Meira no papel de D. Pedro I, *Independência ou Morte*, do cineasta Carlos Coimbra, parcialmente financiado pela Embrafilme, também fez parte das festas relativas à data.

1X0, gol de Jairzinho aos 43 minutos da etapa complementar. Gérson, capitão da equipe, ergueu a taça em sua última partida pela Seleção Brasileira.

O Brasil não atuou mais em 1972 e a Argentina voltou a mudar o comando de seu selecionado. Pizzuti foi substituído por Omar Sívori. O novo técnico, para aceitar o cargo, exigiu total apoio da AFA no sentido de que lhe fosse dado tempo para preparar a equipe para a disputa das eliminatórias para a Copa de 1974 e também para o próprio Mundial de 1978 que seria disputado na Argentina. O início do trabalho foi relativamente promissor, venceu a Copa Dittborn contra o Chile, ao superar em Buenos Aires seu adversário por 2X0. Em outubro jogou na Espanha, contra a seleção local, em disputa a Copa Hispanidad, perdeu por 1X0 e finalmente, no final de outubro, jogou em Lima contra o Peru e conquistou a Copa Mariscal Ramón Castilla após bater os anfitriões por 2X0.

Em 1973 o Brasil realizou dez partidas. Venceu 7, empatou 1 e perdeu 2.<sup>12</sup> A derrota sofrida para a Itália (2X0), em jogo disputado em 9 de junho de 1973, em Roma, encerrou uma invencibilidade do selecionado brasileiro que perdurava desde 4 de março de 1970, quando o Brasil havia sido derrotado por 2X0 pelos argentinos em Porto Alegre.

A Argentina teve como grande desafio no ano de 1973 a disputa das eliminatórias para a Copa da Alemanha. Todos os amistosos lhe serviram como preparação. Ao todo, entre fevereiro e setembro, os argentinos jogaram 8 partidas.<sup>13</sup> Desta feita, a classificação para a maior competição mundial de futebol foi obtida sem maiores sustos. Nos meses de setembro e outubro, Argentina, Bolívia e Paraguai se enfrentaram em turno e retorno. A equipe com maior número de pontos estaria classificada para o Mundial de 1974. No dia 9 de setembro, em Buenos Aires, os argentinos venceram os bolivianos por 4X0. Na rodada seguinte, dia 16 de setembro, um empate em 1X1 com o Paraguai, em Assunção. Na semana seguinte, 23 de setembro, os argentinos superaram a altitude e a Seleção Boliviana por 1X0. A vaga seria decidida na partida contra os

---

<sup>12</sup> Resultados de 1973: Brasil 5X0 Bolívia; Argélia 0X2 Brasil; Tunísia 1X4 Brasil; Itália 2X0 Brasil; Áustria 1X1 Brasil; Alemanha Ocidental 0X1 Brasil; União Soviética 0X1 Brasil; Suécia 1X0 Brasil; Escócia 0X1 Brasil e Irlanda Unida 3X4 Brasil.

<sup>13</sup> Resultados da Argentina antes da disputa das Eliminatórias: México 2X0 Argentina; Alemanha Ocidental 2X3 Argentina; Israel 1X1 Argentina; Argentina 1X1 Uruguai; Uruguai 1X1 Argentina; Argentina 5X4 Chile; Chile 3X1 Argentina e Argentina 3X1 Peru.

paraguaios, que estavam com os mesmos 5 pontos dos argentinos, em jogo em Buenos Aires. Vitória da equipe da casa por 3X1 e a classificação garantida para a Copa do Mundo da Alemanha.

Na política, as expectativas dos dois países também eram distintas nos primeiros anos da década de 1970. O Brasil vivia simultaneamente “os anos de ouro e de chumbo”.<sup>14</sup> Desde 1968, com a edição do Ato Institucional número 5 (AI-5), a repressão, a censura e a violência governamental se aprofundaram no país. Os sistemas de segurança e informação foram aperfeiçoados e a tortura foi utilizada como política de Estado. Por outro lado, o acelerado crescimento da economia, especialmente entre 1969 e 1974, deu origem a ideia do “Milagre Econômico Brasileiro” e com ele uma fé praticamente inabalável no progresso do país que reverberava em *slogans* governamentais, tais como: “O país do futuro” ou “Esse é um país que vai para frente”. Paradoxalmente, o período de expansão econômica também assistiu ao aumento da concentração de renda no país.<sup>15</sup> Janaina Cordeiro chama a atenção para a necessidade de fugir dos inflexíveis binarismos:

Para além dos binarismos, por vezes simplificadores, a verdade é que os anos 1970, particularmente o período que vai de 1969 a 1974, não foram anos de ouro ou anos de chumbo. Foram, muitas vezes, os dois ao mesmo tempo, ou ainda: se foram um e outro, é preciso perceber que há um enorme espaço entre quem viveu como *anos de ouro* e quem viveu como *anos de chumbo*, configurando, entre um pólo e outro, uma diversidade enorme de comportamentos sociais.<sup>16</sup>

A Argentina, ao contrário do seu vizinho, vivia o fracasso da denominada *Revolución Argentina* e passava por um processo de abertura conduzido pelo general Lanusse. Nele, o dentista Héctor José Cámpora, importante personagem do movimento peronista, desempenhou destacado papel ao articular, com sucesso, o retorno de Perón ao país. Após 17 anos de exílio, o líder argentino chegou a Buenos Aires, em voo especial que partiu de Roma, em novembro de

<sup>14</sup> Janaina Martins Cordeiro faz o jogo entre essas duas percepções em seu excelente artigo abordando o governo Médici. Cf. CORDEIRO, Janaina Martins. “Anos de chumbo ou anos de ouro?: a memória social sobre o governo Médici”. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol. 22, n° 43, janeiro-junho de 2009, p. 85-104. O texto também se encontra disponível na internet, dentre outros, no sítio eletrônico do Scielo: [www.scielo.br/pdf/eh/v22n43/v22n43a05.pdf](http://www.scielo.br/pdf/eh/v22n43/v22n43a05.pdf). Acessado em: 10 de setembro de 2015.

<sup>15</sup> Para o aprofundamento das discussões econômicas: Cf. LAGO, Luiz Aranha Corrêa do. “A retomado do crescimento e as distorções do ‘Milagre’”. In: ABREU, Marcelo de Paiva. *A ordem do progresso: cem anos de política econômica republicana, 1889-1989*. Rio de Janeiro: Campus, 1992, p. 233-294.

<sup>16</sup> CORDEIRO, Janaina Martins. op. cit., p. 91.

1972. Como não estava autorizado a concorrer às eleições presidenciais de março de 1973, antes de retornar para a Espanha, Perón indicou a chapa Héctor Cámpora e Solano Lima, da Frente Justicialista de Liberação (Frejuli), como os seus candidatos para a presidência e vice-presidência, respectivamente. Durante a campanha, uma das frases mais ouvidas era: “Cámpora no governo, Perón no poder”.<sup>17</sup> A Frejuli obteve 49,56% dos votos e Cámpora assumiu o mais alto cargo do executivo argentino.

O retorno definitivo de Perón ao país ocorreu em 20 de junho de 1973. Uma multidão estimada em mais de um milhão de peronistas, das mais distintas facções, se dirigiu para o aeroporto de Ezeiza para recepcioná-lo. Contudo, o que era para ser uma grande festa nacional, tornou-se um enfrentamento armado entre as diferentes tendências do partido, foi o “primeiro ajuste de contas entre a direita e a esquerda do justicialismo”.<sup>18</sup> Com Perón de volta, Cámpora também se tornou um estorvo e em 13 de julho tanto ele quanto Lima renunciaram ao poder. Novas eleições foram marcadas para setembro e Perón poderia concorrer. A chapa foi “Perón e Perón”, ou seja, Perón para presidência e sua esposa, María Estela Martínez Cartas de Perón, ou simplesmente Isabel ou Isabelita, ocupando a vice-presidência. Venceram as eleições com 61,85% dos votos.

## **5.2. COPA DE 1974: BRASIL E ARGENTINA SE ENCONTRAM EM MUNDIAIS**

Poucos dias antes do início da Copa de 1966, na Inglaterra, reuniu-se o 35º Congresso da FIFA que, dentre as várias decisões, deliberaria sobre os países sedes para as Copas de 1974, 1978 e 1982. Mantendo o rodízio continental, as Copas de 1974 e 1982 deveriam ocorrer na Europa. Duas candidaturas se apresentaram: a Alemanha e a Espanha. Os dirigentes dos dois países fecharam um acordo: a Espanha retirava sua candidatura para 1974 e a Alemanha para 1982. Dessa forma, os dois pretendentes ganharam o direito de sediar as competições e a Espanha foi o país que recebeu, até o momento, o maior prazo de preparação para o torneio, 16 anos. A Argentina, após longa espera (e frustrações), sediaria, enfim, o Mundial de 1978.

---

<sup>17</sup> SÁENZ QUESADA, María. *La Argentina: historia del país y de su gente*. Buenos Aires: Sudamericana, 2012, p. 644.

<sup>18</sup> Idem, *ibidem*, p. 644.

A fase final da Copa de 1974 seria disputada mais uma vez por 16 países. Inscreveram-se para disputar as 14 vagas restantes o total de 94 seleções de todos os continentes. Alemanha e Brasil, respectivamente país-sede e o atual campeão do mundo, já estavam automaticamente classificados para a competição. Como de praxe, algumas surpresas aconteceram durante a fase eliminatória. A Inglaterra perdeu sua vaga para a Polônia e a Espanha para a Iugoslávia. Na Concacaf, o Haiti eliminou o México.

Duas seleções também fizeram suas estreias em Copas do Mundo: o Zaire (atual República Democrática do Congo) foi a primeira seleção da África Subsaariana, também denominada “África Negra”, a se classificar para um Mundial. Na Oceania, a Austrália carimbou seu passaporte para a Alemanha com uma seleção formada por iugoslavos e ingleses naturalizados.

Outro fato curioso se deu com a União Soviética. Apesar de ter sido a primeira colocada de seu grupo, ela ainda deveria disputar a vaga para a Copa enfrentando um time da América do Sul, o Chile. A primeira partida, realizada em Moscou, ocorreu no dia 26 de setembro de 1973 e terminou empatada sem gols. A partida de volta, em Santiago, deveria ter sido disputada no dia 21 de novembro de 1973, porém, em protesto contra o golpe perpetrado pelo General Augusto Pinochet, a União Soviética se negou a realizar o jogo.<sup>19</sup> Dessa forma, o Chile venceu a partida por W.O. e ficou com a vaga para o Mundial.

A fórmula de disputa do Mundial se alterou em alguns aspectos em relação às edições anteriores. A primeira fase foi mantida sem alterações, quatro grupos formados por quatro seleções. As duas melhores de cada grupo avançavam para a etapa seguinte. Aqui verificou-se a mudança: ao invés dos tradicionais “mata-matas”, as oito classificadas seriam divididas em dois grupos com quatro seleções, os vencedores de cada grupo disputariam a grande final enquanto as segundas colocadas disputariam a definição do terceiro e quarto lugar do torneio. Se houvesse

---

<sup>19</sup> Para Agostino, a justificativa soviética não é convincente e tal posição é até hoje muito questionada. Neste caso, acreditava-se que o temor de ser derrotada na casa do adversário teria sido a verdadeira causa da desistência e ainda teria permitido com que o time soviético fosse resguardado para os Jogos Olímpicos de Montreal em 1976, “uma vez que a FIFA proibira que jogadores que disputassem mundiais pudessem participar também das Olimpíadas, medida que visava exatamente o enquadramento dos esportes amadores dos países socialistas”. Cf. AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 123.

empate nos pontos, a vantagem seria da equipe com o melhor saldo de gols. A nova fórmula implicou uma elevação no número de partidas, agora o campeão teria que realizar um total de 7 jogos e não apenas 6 como nos torneios anteriores. Para Ribas, a medida tinha um caráter comercial: “Quanto mais jogos, mais espaços para publicidades. Quanto mais publicidade, mais dinheiro”.<sup>20</sup>

O cartaz da Copa da Alemanha ficou marcado pelo estilo exótico. O desenhista brincou com as cores e fez um jogador a partir de pinceladas coloridas. Ele utilizou um fundo preto e colocou informações sobre a competição em diferentes línguas. A bola da competição seria a mesma utilizada no México, a Adidas Terstar Durlast.

**Figura 2: Pôster da X Copa do Mundo de Futebol – 1974 – Alemanha<sup>21</sup>**



Seguindo a tradição dos últimos dois mundiais, os alemães também tiveram as mascotes, a dupla *Tip e Tap*. Dois meninos sorridentes vestindo o uniforme da seleção da Alemanha Ocidental. Um deles tinha as iniciais de Copa do Mundo em alemão (WM – *Weltmeisterschaft*) em sua camisa e o outro o ano da Copa (74). “Representavam as Alemanhas Ocidental e Oriental. O objetivo do Comitê Organizador da Copa era passar um clima positivo

<sup>20</sup> RIBAS, Lycio Vellozo. *O mundo das Copas*. São Paulo: Lua de Papel, 2010, p. 182.

<sup>21</sup> REIS JÚNIOR, Dalmir. “Copa do Mundo (Alemanha) – 1974”. Disponível em: <http://www.propagandashistoricas.com.br/2014/06/copa-do-mundo-alemanha-1974.html>. Acessado em 15 de setembro de 2017.

para o país”<sup>22</sup> que ainda estava marcado pelos atentados terroristas ocorridos nas Olimpíadas disputadas dois anos antes em Munique.

**Figura 3: Mascotes da Copa do Mundo de 1974: Tip e Tap<sup>23</sup>**



Os grandes favoritos para o torneio eram: Alemanha, Argentina, Brasil, Holanda, Itália e Uruguai. Também havia expectativa em relação à Polônia e à Alemanha Oriental. Perón, que no seu longo exílio, acompanhou de perto o futebol europeu apontou, sem hesitar, as seleções que disputariam as semifinais: “os semifinalistas serão Alemanha, Brasil, Holanda e Itália”.<sup>24</sup> Ele se equivocou apenas com a *Azzurra*.

A 10ª Copa do Mundo foi disputada entre 13 de junho e 7 de julho de 1974. Uma vez que a Jules Rimet havia sido conquistada em definitivo pelo Brasil, a Taça FIFA era o novo alvo de desejo das 16 seleções que ficaram assim divididas: Grupo 1 – Alemanha Ocidental, Alemanha Oriental, Austrália e Chile. Grupo 2 – Brasil, Escócia, Iugoslávia e Zaire. Grupo 3 – Bulgária, Holanda, Suécia e Uruguai. Grupo 4 – Argentina, Haiti, Itália e Polônia. Os classificados, pela ordem, foram: Grupo A – Alemanha Oriental e Alemanha Ocidental. Grupo B – Iugoslávia e Brasil. Grupo C – Holanda e Suécia. Grupo D – Polônia e Argentina.

<sup>22</sup> FARIAS, Airton de. *Uma história das Copas do Mundo: futebol e sociedade*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014, v.1, p. 377.

<sup>23</sup> REIS JÚNIOR, Dalmir. “Copa do Mundo (Alemanha) – 1974”. Disponível em: <http://www.propagandashistoricas.com.br/2014/06/copa-do-mundo-alemanha-1974.html>. Acessado em 15 de setembro de 2017.

<sup>24</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. *Brasil X Argentina: histórias do maior clássico do futebol mundial (1908-2008)*. São Paulo: Scortecci, 2009, p. 329.

Argentina e Brasil enfrentaram vários problemas na preparação para o Mundial. Os primeiros, segundo seus próprios atletas, não foram capazes de formar um grupo coeso, fundamental para a disputa de uma Copa do Mundo. Além disso, não se restringiu o acesso à concentração, o que facilitou o assédio dos empresários sobre os jogadores argentinos. É interessante ressaltar que pela primeira vez a Seleção Argentina convocou jogadores que atuavam no exterior para disputar um Mundial.<sup>25</sup>

O Brasil ainda não havia superado a ausência de Pelé, inclusive a CBD tentou demovê-lo da ideia de não jogar mais pela Seleção e participar da Copa do Mundo, porém o atleta declinou do pedido. O jogador conta em sua autobiografia que: “A filha de Geisel (general que ocupava a presidência da República) veio me procurar e me pediu para que reconsiderasse. Fiquei irredutível”.<sup>26</sup> Além da recusa de Pelé, havia um clima ruim entre a comissão técnica e a imprensa que não foi atenuado durante os jogos preparatórios.<sup>27</sup>

No dia 15 de junho de 1974, os argentinos estrearam, em Stuttgart, no Neckarstadion, para um público de aproximadamente 31 mil espectadores.<sup>28</sup> Foi uma tarde infeliz para dois “estrangeiros” do selecionado alvianil, o goleiro Carnevali e o zagueiro Perfumo, ambos, falharam logo no início do primeiro tempo e permitiram que a Polônia, que havia conquistado a medalha de ouro nas Olimpíadas de 1972, fosse para o intervalo vencendo por 2X0, gols de Lato (7 minutos) e Szarmach (8 minutos). Aos 15 minutos da etapa complementar os sul-americanos, por intermédio de Heredia, diminuíram o placar. Apenas 2 minutos depois, Lato marcou o seu segundo gol, ampliando o resultado em prol dos poloneses. Carlos Babington recolocou a

---

<sup>25</sup> Os jogadores argentinos que atuavam no exterior e foram convocados para disputar o Mundial de 1974: Perfumo (Cruzeiro – Brasil), Heredia (Atlético de Madrid – Espanha), Bargas (Nantes – França), Ayala (Atlético de Madrid – Espanha), Yazalde (Sporting – Portugal) e Carnevali (Las Palmas – Espanha).

<sup>26</sup> NASCIMENTO, Edson Arantes do. *Pelé: a autobiografia*. São Paulo: Sextante, 2006, p. 206.

<sup>27</sup> Foram chamados 40 atletas para iniciarem os preparativos para a Copa do Mundo na primeira semana de março de 1974. A Seleção realizou 9 partidas até o início do Mundial contra a Iugoslávia (13/6/1974). Venceu seis deles e empatou os outros três. Apesar da invencibilidade, o futebol apresentado não empolgava os torcedores.

<sup>28</sup> Escalação da Seleção Argentina: Carnevali, Bargas (Telch), Perfumo, Pedro Sá, Wolff, Brindisi (Houseman), Heredia, Ayala, Babington, Balbuena e Kempes. Escalação da Seleção da Polonesa: Tomaszewski, Szymanowski, Grogón, Zmuda, Musial, Deyna, Kasperczak, Maszczyk, Lato, Szarmach (Domarski) e Gadocha (Ćmikiewicz). O árbitro da partida foi o galês Clive Thomas

Argentina no jogo aos 22 minutos. Porém, a superioridade demonstrada pelos poloneses ao longo da partida acabou prevalecendo e a partida terminou com o placar de 3X2.<sup>29</sup>

A análise do Jornal do Brasil em relação ao estilo de futebol praticado na América do Sul foi extremamente dura: “A velha e superada escola sul-americana não resistiu, mais uma vez nesta Copa, à velocidade, condição física e disciplina tática do futebol europeu”.<sup>30</sup> Os adjetivos demonstram como os resultados influenciam inteiramente as análises, apenas quatro anos antes, o “velho e superado” estilo sul-americano era louvado em todo o mundo. O periódico ainda ressaltou que a Polônia, apesar de ser relativamente desconhecida no mundo do futebol, poderia, sem dúvida alguma, sonhar com uma boa colocação no Mundial.

A Polônia, desconhecida e pouco cotada, mostrou um futebol de extraordinária velocidade e capacidade ofensiva, além de uma disciplina tática que poderá levá-la a uma ótima colocação no Mundial. Marcou três gols e perdeu pelo menos uns cinco muito fáceis.<sup>31</sup>

Segundo a reportagem, os próprios atletas argentinos consideravam extremamente difícil superar o futebol europeu naquela competição. A inesgotável disputa e antagonismo entre o futebol-arte e o futebol-força prosseguia.

O resultado não causou surpresa a ninguém, muito menos aos jogadores argentinos, que depois de assistirem aos jogos do Brasil contra a Iugoslávia, Uruguai contra a Holanda e Chile contra a Alemanha Ocidental já admitiam que vencer os europeus aqui, jogando de igual para igual, será uma façanha difícil de acontecer. O futebol virtuoso, do toque de bola, drible com o pé por cima da bola e lançamentos longos, não conseguiu superar a velocidade e disciplina tática dos europeus, que mostraram, também, qualidades técnicas como qualquer jogador sul-americano.<sup>32</sup>

Na sequência da competição, um clássico mundial, Argentina X Itália. A partida foi disputada no dia 19 de junho de 1974 no mesmo local em que se encontraram argentinos e

---

<sup>29</sup> Os gols da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo Dailymotion. CF. MRDROBISHA. “World Cup West Germany 1974: Poland - Argentina 3-2 (Group 4) - HD”. Disponível em: <http://www.dailymotion.com/video/x4amg9f>. Acessado em 22 de setembro de 2017.

<sup>30</sup> JORNAL DO BRASIL, 16 de junho de 1974, p. 41.

<sup>31</sup> Idem, ibidem, p. 41.

<sup>32</sup> Idem, ibidem, p. 41.

poloneses.<sup>33</sup> Aproximadamente 70.500 espectadores presenciaram o embate. A Argentina realizou sua melhor partida na competição. Abriu o placar logo aos 19 minutos por intermédio de Housemann, dominou o confronto, manteve a posse de bola e criou várias oportunidades de ampliar o placar, porém, aos 35 minutos do primeiro tempo, um bizarro gol contra de Perfumo decretou o empate italiano.<sup>34</sup> O marcador não se alterou na etapa final e o 1X1 foi considerado injusto pela imprensa argentina e também pela brasileira. Com o resultado a classificação da Argentina para a fase seguinte se complicava, pois não dependia apenas de seu jogo. “Empate injusto ameaça classificação da Argentina”<sup>35</sup> era o título da reportagem do Jornal do Brasil que analisava a partida. A imprensa brasileira ressaltou duas características identitárias do futebol argentino: a habilidade e a garra. Além disso, o jornal voltou a valorizar, após a boa apresentação dos albicelestes, ao contrário do que fez na partida contra a Polônia, a prática do futebol-arte em detrimento do futebol-força, como característico do futebol europeu.

A Argentina lutou, jogou um futebol misto de arte e coração e mostrou um esquema quase idêntico ao adotado pelo Brasil na final da Copa de 70 mas ainda assim teve mais uma vez contra si a má sorte, que a persegue desde o início desta Copa e está ameaçando sua classificação.

No empate de 1 a 1 com a Itália (...), a Argentina deu uma bela exibição de futebol e mostrou, ao imenso público que assistiu o jogo pela televisão ou ao vivo dois jogadores exuberantes: o pequenino Houseman com seus dribles irresistíveis, e Babington, um talento no meio de campo.

Os 70.500 torcedores que compareceram ao estádio, em sua quase totalidade formado por italianos, aplaudiram o time argentino reconhecendo nele o toque de bola espetacular e os dribles sensacionais que o futebol mecânico de hoje na Europa ainda não conseguiu eliminar.<sup>36</sup>

Para continuar na competição a Seleção Argentina teria que vencer o Haiti, preferencialmente com uma boa margem de gols e torcer para que a Polônia superasse os italianos. Foi o que aconteceu, a Polônia derrotou a Itália por 2X1 e a Argentina ganhou por 4X1

<sup>33</sup> Escalação da Seleção Argentina: Carnevali, Perfumo, Pedro Sá, Wolff (Glaría), Heredia, Telch, Ayala, Babington, Houseman, Kempes e Yazalde (Chazarreta). Escalação da Seleção Italiana: Zoff, Spinosi, Facchetti, Morini (Giuseppe Wilson), Burgnich, Benetti, Fabio Capello, Rivera (Causio), Mazzola, Riva e Anastasi. O árbitro de partida foi o russo Pavel Kasakov.

<sup>34</sup> Os gols da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. MRDROBISHA. “World Cup West Germany 1974: Argentina - Italy 1-1 (Group 4) - HD”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zuI46bF0ETs>. Acessado em: 22 de setembro de 2017.

<sup>35</sup> JORNAL DO BRASIL, 20 de junho de 1974, p. 22.

<sup>36</sup> Idem, ibidem, p. 22.

do Haiti em jogo realizado em Munique no Olympiastadion.<sup>37</sup> Yazalde marcou duas vezes aos 15 minutos do primeiro tempo e aos 23 minutos da etapa complementar, Houseman aos 18 minutos do primeiro tempo e Ayala aos 10 minutos do segundo tempo. O haitiano Sanon descontou aos 18 minutos da etapa final. O público foi de aproximadamente 24 mil torcedores.<sup>38</sup> Com os resultados da última rodada do grupo, a Polônia e a Argentina, em virtude do saldo de gols, passaram para a fase seguinte da competição.

O Brasil, por ser o atual campeão do mundo, fez a partida de abertura da Copa do Mundo da Alemanha no dia 13 de junho de 1974 contra a sempre perigosa e técnica Iugoslávia.<sup>39</sup> A partida foi disputada no Waldstadion, em Frankfurt, para um público de 59 mil pagantes.<sup>40</sup> A chuva que caiu durante todo o jogo deixou o campo pesado e escorregadio e, segundo os jogadores brasileiros, prejudicou a sua apresentação. O confronto foi de baixo nível técnico com as duas seleções sem ousadia e muito preocupadas com a defesa. A Iugoslávia ainda conseguiu colocar uma bola na trave brasileira no tempo final, contudo o placar não se alterou e os dois times saíram de campo sob vaias da torcida.<sup>41</sup>

Contrariando as desconfianças da própria torcida brasileira, tanto Zagallo, quanto os jogadores brasileiros consideraram o empate um bom resultado, por se tratar da estreia, do estado do gramado e por terem enfrentado a considerada equipe mais difícil do grupo.

---

<sup>37</sup> Escalação da Seleção Argentina: Carnevali, Perfumo, Pedro Sá, Wolff, Heredia, Telch, Ayala, Babington, Houseman (Brindisi), Kempes (Balbuena) e Yazalde. Escalação da Seleção do Haiti: Francillon, Ducoste, Bayonne, Nazaire, Louis (Joseph-Marion Léandre), Vorge, Jean-Claude Désir, Antoine, Racine, Saint-Vil (Fritz Léandre) e Sanon. O árbitro da partida foi o espanhol Pablo Sánchez Ibáñez.

<sup>38</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. INTERNAZIONALCALCIO. “1974 Mondiali, Argentina - Haiti 4-1 (24)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=apFr9gRFlys&t=21s>. Acessado em: 22 de setembro de 2017.

<sup>39</sup> A partir desta competição criou-se a tradição do campeão da Copa anterior realizar o jogo de abertura no mundial seguinte. Essa “tradição inventada”, aproveitando-se do termo cunhado por Hobsbawm, perdurou até a Copa de 2002, quando a França jogou e perdeu para o Senegal por 1X0 no dia 31 de maio. Com o fim da classificação automática do último campeão para o torneio seguinte, a seleção anfitriã passou a realizar o jogo inaugural. Em 2006 a Alemanha fez o jogo inaugural contra a Costa Rica e venceu por 4X2. Em 2010 foi a vez da África do Sul abrir a Copa do Mundo, no dia 11 de junho, ao empatar com o México por 1X1. Em 2014 o Brasil derrotou a Croácia por 3X1 em São Paulo, no dia 12 de junho. Finalmente, em 2018, a Rússia venceu, em Moscou, a Arábia Saudita por 5X0, no dia 14 de junho.

<sup>40</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Leão, Nelinho, Luiz Pereira, Marinho Peres, Marinho Chagas, Piazza, Rivelino, Paulo César, Valdomiro, Jairzinho e Leivinha. Escalação da Seleção Iugoslava: Maric, Buljan, Hadziabdic, Katalinski, Bogicevic, Petkovic, Oblak, Surjak, Acimovic e Dzajic. O árbitro da partida foi o suíço Rudolf Scheurer.

<sup>41</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. MRDROBISHA. “World Cup West Germany 1974: Brazil - Yugoslavia 0-0 (Group 2) - HD”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_q5WWdZ6o6M](https://www.youtube.com/watch?v=_q5WWdZ6o6M). Acessado em: 22 de setembro de 2017.

Todos os jogadores brasileiros atribuíram o empate contra a Iugoslávia ao estado pesado e escorregadio do campo, alegando que dificultava muito o controle e o toque da bola. E foi isso que levou o time em certos momentos a perder a tranquilidade, errando jogadas que tinham sido treinadas. No entanto, não se mostravam perturbados com o empate, achando que foi um bom resultado, porque consideram o time iugoslavo o mais forte adversário da chave. O importante para eles era não perder o primeiro jogo.<sup>42</sup>

No dia 18 de junho o Brasil voltou a entrar em campo, no mesmo estádio da partida anterior. Seu adversário foi a Escócia.<sup>43</sup> Mais uma vez apresentou um futebol sofrível, defensivo e sem muita criatividade. Apesar de ter acertado a trave escocesa no primeiro tempo do jogo, Leão, o goleiro brasileiro, foi um dos grandes destaques da equipe, especialmente na etapa final. Segundo jogo na Copa e outro 0X0.<sup>44</sup> O Brasil, que se caracterizou por contar com ataques temíveis, ainda não havia marcado um único gol na Copa do Mundo de 1974, fato inédito em sua história. Os torcedores estavam cada vez mais frustrados com o futebol apresentado.

Já naquela altura, o discurso confiante do técnico brasileiro contrastava com o clima hostil entre os torcedores do Brasil. Uma marchinha foi composta para recepcionar Zagallo quando aquela seleção voltasse: “Todo mundo de espingarda na mão/esperando o seu Zagallo descer do avião”.<sup>45</sup>

Ao final da segunda rodada, a Seleção Brasileira ocupava a modesta terceira colocação do grupo, ou seja, corria o risco de repetir o fiasco de 1966 quando não se classificou para a segunda fase da Copa do Mundo. A Iugoslávia, com 3 pontos e saldo de 9 gols (havia goleado o Zaire por 9X0), liderava o grupo com o mesmo número de pontos da Escócia que contava com saldo de 2 gols. O Brasil tinha 2 pontos e saldo nulo de gols. Iugoslávia e Escócia se enfrentariam na última rodada e o Brasil enfrentaria o fraco e abalado Zaire. As duas partidas

---

<sup>42</sup> JORNAL DO BRASIL, 14 de junho de 1974, p. 24.

<sup>43</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Leão, Nelinho, Luiz Pereira, Marinho Peres, Marinho Chagas, Piazza, Rivelino, Paulo César, Mirandinha, Jairzinho e Leivinha (Paulo César Carpegiani). Escalação da Seleção Escocesa: Harvey, Jardine, McGrain, Holton, Buchan, Bremmer, Hay, Dalglish, Morgan, Jordan e Lorimer. O árbitro da partida foi o holandês Arie Van Gemmert.

<sup>44</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo Dailymotion. CF. MACALINARI.COM. “18.06.1974 – FIFA World Cup 1974 Group B Matchday 2 Scotland 0-0”. Disponível em: <http://www.dailymotion.com/video/x4xqvc5>. Acessado em 22 de setembro de 2017.

<sup>45</sup> GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 190.

foram disputadas no dia 22 de junho de 1974, às 16:00 horas. Para se classificar, sem depender do resultado do outro jogo, o Brasil precisava vencer por, no mínimo, 3 gols de diferença.<sup>46</sup>

O Brasil fez outra apresentação sofrível, atribuído muito mais em decorrência da fragilidade do adversário do que de suas próprias virtudes, os tricampeões conseguiram o placar exato que lhe garantia a classificação: 3X0.<sup>47</sup> Jairzinho abriu o placar ainda aos 13 minutos da etapa inicial e no segundo tempo, Rivelino aos 22 e Valdomiro aos 34 minutos deram números finais ao enfrentamento, após falha do goleiro do Zaire. Segundo o Clarín, o Brasil poderia ter feito um placar bem mais folgado, caso seu ataque não tivesse falhado tanto nas finalizações. Além disso, o jornal também ressaltou que a partida marcou a melhor apresentação do Zaire na Copa do Mundo.<sup>48</sup> Com o empate entre Iugoslávia e Escócia, por 1X1, as três equipes terminaram empatadas com 4 pontos e a definição se deu pelo saldo de gols.<sup>49</sup> A Iugoslávia com 9 gols de saldo avançou em primeiro lugar no grupo e o Brasil com saldo de 3 gols ficou na segunda posição.

Com o novo regulamento as oito seleções classificadas para as quartas de final foram divididas em dois grupos com quatro equipes. Grupo A: Alemanha Oriental, Argentina, Brasil e Holanda. Grupo B: Alemanha Ocidental, Iugoslávia, Polônia e Suécia.

A Holanda era a grande sensação da Copa do Mundo com o seu “Carrossel Mágico”. Ainda no final da década de 1960, Rinus Michels, técnico do Ajax e comandante da Holanda em 1974, havia inovado na forma de jogar do clube holandês. O princípio básico do esquema por ele aplicado era contar com defensores que soubessem jogar no ataque e atacantes que ajudassem na

---

<sup>46</sup> Caso houvesse um vencedor entre Iugoslávia e Escócia bastaria que o Brasil derrotasse o Zaire por qualquer placar, pois a equipe vencedora alcançaria 5 pontos, a equipe derrotada manteria os seus 3 pontos e o Brasil ficaria com 4 pontos. Porém, em caso de empate no jogo entre as seleções europeias, o Brasil precisava superar o saldo de gols da Escócia (2 gols), por isso, para não depender de seus adversários, era necessário vencer por 3 ou mais gols de diferença.

<sup>47</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Leão, Nelinho, Luís Pereira, Marinho Peres, Marinho Chagas, Piazza (Mirandinha), Carpegiani, Jairzinho, Leivinha (Valdomiro), Rivelino e Edu. Escalação da Seleção do Zaire: Kazadi, Mwepu, Mikombo, Buhanga, Lobilo, Kibonge, Tshinabu (Kembo), Mana, N'Tumba, Kidumu (Kilasú) e Mayanga. O árbitro da partida foi o romeno Nicolae Rainea.

<sup>48</sup> CLARÍN, 23 de junho de 1974, p. 2 (Deportes).

<sup>49</sup> Os gols da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOSDOBRAZIL. “Copa 1974 - Brasil 3x0 Zaire”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bo-zIFmlgxs>. Acessado em: 22 de setembro de 2017. O locutor do filme comete um engano ao afirmar que o segundo gol brasileiro, de Rivelino, ocorreu no primeiro tempo. O gol foi marcado aos 22 minutos da etapa complementar.

defesa. Dessa forma, os jogadores trocavam de posição por diversas vezes na partida, dificultando bastante a marcação individual, como se estivessem circulando em um carrossel, daí o apelido de “Carrossel Holandês”.

Era algo diferente, um estilo de praticar futebol inovador. Verdade que a rotatividade de jogadores já havia acontecido na Seleção Húngara de 1954, mas nada comparado com o que a Holanda passou a desenvolver no começo dos anos 70. Era o “futebol total”.<sup>50</sup>

Também é preciso ressaltar que o êxito da Holanda não era fruto apenas do esquema tático inovador e de jogadores disciplinados, mas, sobretudo, da presença de atletas extremamente habilidosos e com ótima qualidade de passes como Ruud Krol, Rob Resenbrink, Johan Neeskens, o espetacular Johan Cruyff, dentre outros. Para Airton de Farias, o Carrossel Holandês era “uma perfeita mescla do futebol-força com futebol-arte”.<sup>51</sup>

A primeira rodada ocorreu no dia 26 de junho. No Grupo 1, simultaneamente, enfrentaram-se Brasil e Alemanha Oriental em Hanôver, no Niedersachsenstadion, enquanto a Argentina jogava contra a Holanda no Parksation, em Gelsenkirchen. Pelo Grupo 2, às 16 horas, no Rheinstadion, em Düsseldorf, a Alemanha venceu a Iugoslávia por 2X0 e um pouco mais tarde, às 19:30 horas, a Polônia venceu a Suécia por 1X0 no Neckarstadion em Stuttgart.

Brasil e Alemanha Oriental realizaram um cotejo equilibrado para praticamente 58 mil e 500 pagantes. A equipe do Leste Europeu tinha uma defesa muito forte e se encontrava invicta há 16 jogos. A partida ilustrou o que foi o futebol brasileiro neste Mundial, o Brasil venceu por 1X0 utilizando-se muito mais da força do que da técnica para vencer o seu adversário.<sup>52</sup> As chances de gols foram raras e Rivelino acabou marcando, aos 15 minutos do segundo tempo, em uma forte cobrança de falta. O batedor brasileiro contou com o auxílio

---

<sup>50</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., v. 1, p. 360.

<sup>51</sup> Idem, *ibidem.*, p. 362.

<sup>52</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Leão, Zé Maria, Luís Pereira, Marinho Peres, Marinho Chagas, Carpegiani, Rivelino, Valdomiro, Jairzinho, Paulo César e Dirceu. Escalação da Seleção da Alemanha Oriental: Croy, Bransch, Kische, Weise, Watzlich, Kurbjuweit, Lauck (Lowe), Hamann (Irmscher), Streich, Sparwasser e Hoffmann. O árbitro da partida foi o galês Jhon Thomas.

luxuoso de Jairzinho que se colocou no meio da barreira alemã e se agachou no momento do chute. A bola passou exatamente no local em que ele se encontrava.<sup>53</sup>

No mesmo horário, em Gelsenkirchen, a Argentina teria a oportunidade de se vingar da derrota por 4X1 sofrida para a Holanda em um amistoso ocorrido um mês antes em Amsterdam. Contudo, o que se viu em campo foi mais uma grande partida da “Laranja Mecânica” que simplesmente não tomou conhecimento do rival e aplicou outra goleada, agora por 4X0.<sup>54</sup> Gols de Cruyff (2), Krol e Rep.<sup>55</sup>

A segunda rodada marcaria o primeiro encontro em Copas do Mundo entre a Argentina e o Brasil. As autoridades dos dois países ficaram bastante preocupadas com os efeitos deste enfrentamento:

Apesar das campanhas discretas no Mundial até aquele momento, o interesse e a preocupação nas duas nações era tamanho que, depois de dias de negociações bilaterais, ficou decidido que a ponte internacional de Uruguaiana, que une os dois países, não seria fechada, mas teria um forte esquema de segurança com as presenças do Exército Brasileiro e da *Gendarmería Nacional Argentina*.<sup>56</sup>

Perfumo, até então titular, foi barrado pelo técnico Cap. O argumento utilizado à época era que o atleta atuava no Cruzeiro e, por isso, sua participação na partida seria inconveniente. Posteriormente, uma nova versão circulou apesar de não ter sido oficializada. O jogador argentino não realizava uma boa Copa do Mundo e havia falhado em várias partidas, dessa forma, utilizou-se a desculpa de atuar no futebol brasileiro para afastá-lo do time.<sup>57</sup> Mesmo

<sup>53</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOS DO BRASIL. “Copa 1974 - Brasil 1x0 Alemanha Oriental”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-tvcPdV7tgM>. Acessado em: 22 de setembro de 2017.

<sup>54</sup> Escalação da Seleção Argentina: Carnevali, Ayala, Balbuena, Heredia, Houseman (Glaría), Perfumo, Francisco Sá, Squeo, Telch, Wolff (Kempes) e Yazalde. Escalação da Seleção Holandesa: Jongbloed, Haan, Van Hanegem, Jansen, Krol, Neeskens, Cruyff, Resenbrink, Rep, Rijsbergen e Suurbier (Israel). O árbitro da partida foi o escocês Bob Davidson.

<sup>55</sup> Os gols da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. FIFATV. “World Cup Highlights: Netherlands - Argentina, Germany 1974”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EYPS5JuBmdc>. Acessado em: 22 de setembro de 2017.

<sup>56</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 333.

<sup>57</sup> Uma rádio da Alemanha informou aos seus ouvintes que Perfumo não jogaria pois existia uma cláusula legal capaz de tirá-lo da partida. Segundo a emissora, o Cruzeiro só concordou em cedê-lo à Seleção Argentina, com uma cláusula especial de que ele não poderia jogar contra o Brasil. Contudo, a Folha de São Paulo afirmou que ninguém, na delegação argentina quis explicar o motivo do afastamento de Perfumo, mas acreditava-se que era por problemas

fora do confronto, Perfumo<sup>58</sup> não perdeu a oportunidade de provocar os brasileiros e apimentar o clássico: “Os brasileiros têm mais medo de nós do que a gente deles. Depois, o estilo é o mesmo e isso nos dá grande tranquilidade. Acho que vamos ganhar”.<sup>59</sup> Todos na delegação argentina estavam confiantes. Vladislavo Cap, técnico da equipe, afirmou: “Vai ser um jogo difícil, contra os tricampeões do mundo, mas vamos derrotá-los, provavelmente por 2 a 1. O Brasil não tem mais Pelé e é, assim, um time como os outros”.<sup>60</sup>

Apesar dos argentinos não passarem por um bom momento, a imprensa brasileira não acreditava em uma partida fácil. Para ela, o rival deveria se lançar para o ataque se tivesse a pretensão de continuar sonhando em alcançar as 4 primeiras posições do torneio.

Embora a seleção da Argentina não esteja lá muito bem, pode ser considerada um adversário dos mais perigosos, levando-se em consideração a rivalidade existente entre os dois países. No retrospecto geral dos 58 jogos realizados, a Argentina leva nítida vantagem no número de vitórias. E, este mesmo retrospecto prova que, mesmo que uma das duas equipes não esteja bem tecnicamente (é o caso da atual seleção da Argentina), os jogos sempre foram duros, agressivos.<sup>61</sup>

O clima na concentração brasileira era mais tranquilo do que o do seu adversário. Dois motivos contribuíram para isso: o primeiro, a vitória na primeira rodada, enquanto o seu adversário havia sido goleado pelos holandeses. O segundo aspecto é que Zagallo parecia, enfim, ter encontrado a melhor formação da equipe e poderia repetir a mesma escalação.

---

técnicos e psicológicos. Ainda segundo o periódico: “O jogador perdera o lugar, depois de ter falhado seguidamente nos jogos anteriores”. Cf. FOLHA DE SÃO PAULO, 30 de junho de 1974, p. 24 (Caderno 3).

<sup>58</sup> Roberto Alfredo Perfumo (Sarandí, 3 de outubro de 1942 – Buenos Aires, 10 de março de 2016). Um dos grandes zagueiros do futebol argentino. Além da habilidade, do senso de colocação, da garra, exercia forte liderança. Tais atributos lhe renderam o apelido de “El Mariscal”. Começou sua carreira em 1962 no Racing, equipe que defendeu até 1971 em 207 jogos, quando se transferiu para o futebol brasileiro para atuar pelo Cruzeiro. Pelo Racing foi campeão argentino de 1966, da Libertadores e Intercontinental em 1967. Jogou pela equipe mineira por 3 temporadas, até 1974, sendo tricampeão mineiro (1972, 1973 e 1974) e também conquistou a Taça Minas Gerais de 1973. Retornou para o futebol argentino em 1975, para defender o River Plate, equipe que o havia reprovado em um teste no início da carreira e que o fez tentar a sorte no Racing. Conquistou dois torneios metropolitanos (1975 e 1977) e o Campeonato Nacional de 1975. Encerrou a carreira em 1978, aos 35 anos. Defendeu a Argentina entre 1964 e 1974 em 37 oportunidades. Jogou as Olimpíadas de 1964, no Japão e os Mundiais de 1966 e 1974, na Inglaterra e Alemanha respectivamente. Sua maior frustração foi a eliminação para a Copa de 1970 para o Peru em plena Bombonera. Pela albiceleste conquistou apenas a Copa Dittborn (contra o Chile) e a Copa Lipton (contra o Uruguai), ambas em 1968. Enfrentou a Seleção Brasileira em 4 oportunidades: 1 vitória e 3 derrotas.

<sup>59</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 30 de junho de 1974, p. 24 (Caderno 3).

<sup>60</sup> Idem, *ibidem*, p. 24 (Caderno 3).

<sup>61</sup> Idem, *ibidem*, p. 23 (Caderno 3).

A partida ocorreu no dia 30 de junho de 1974, às 16 horas, em Hannover, para aproximadamente 38 mil torcedores, um público pequeno na história do clássico. A Argentina entrou em campo com seu tradicional uniforme, a camisa albiceleste e calções pretos. O Brasil jogou com calções brancos e a camisa azul.<sup>62</sup>

A entrada de Dirceu como ponta-direita fez com que o Brasil adotasse um esquema tático ainda mais defensivo. No entanto, a Seleção Brasileira realizou a sua melhor apresentação no Mundial. Ao contrário do propagado pelo técnico argentino, sua seleção não atuou ofensivamente, dessa forma, o jogo foi lento, com muitas trocas de passes laterais, pegado e com muitas faltas. As chances de gol foram raras. Aos 32 minutos, Rivelino, em chute forte da entrada da área no canto direito rasteiro, abriu o placar. A vantagem brasileira não durou muito, apenas 3 minutos depois Brindisi, cobrando falta na entrada da grande área, empatou a partida, o primeiro gol sofrido pelo Brasil no Mundial. O primeiro tempo terminou empatado em 1X1.

O Brasil voltou pressionando e acabou, aos 4 minutos, ampliando o placar. Zé Maria, tomou a bola de Babington,<sup>63</sup> entrou na área argentina e perto da linha de fundo centrou para Jairzinho que cabeceou de forma inapelável para o fundo da rede argentina. O Brasil então recuou a equipe e suportou a pressão de seu adversário até o final.<sup>64</sup> Com a vitória o Brasil definiu a vaga para a grande final no jogo contra a Holanda que, por sua vez, havia derrotado os

---

<sup>62</sup> Escalação da Seleção Argentina: Carnevali, Glariá, Bargas, Heredia, Francisco Sá (Carrascosa), Brindisi, Squeo, Babington, Balbuena, Ayala e Kempes (Houseman). Escalação da Seleção Brasileira: Leão, Zé Maria, Luís Pereira, Marinho Peres, Marnho Chagas, Carpegiani, Rivelino, Valdomiro, Jairzinho, Paulo César e Dirceu. O árbitro da partida foi o belga Vital Loraux.

<sup>63</sup> Carlos Alberto Babington (Buenos Aires, 20 de setembro de 1949). Talentoso volante ofensivo do futebol argentino. Também chamado de “El Inglês” era dono de chutes certos e passes precisos. Iniciou sua carreira pelo Huracán, equipe que defendeu em duas oportunidades, a primeira entre 1967 e 1974, quando se sagrou campeão argentino em 1973 na equipe dirigida pelo lendário Menotti e depois entre 1978 e 1982. Entre 1974 e 1978, como resultado de suas apresentações na Copa do Mundo de 1974, jogou no futebol alemão, no SG Wattencheid 09. Em 1982 foi jogar nos Estados Unidos, no Tampa Bay Rowdies, equipe pela qual encerrou sua carreira ao final da temporada. Defendeu a Seleção Argentina em 13 partidas entre 1971 e 1974 e marcou 2 gols. Jogou cinco das seis partidas que a Argentina realizou na Copa de 1974. Enfrentou o Brasil em uma única oportunidade, na Copa do Mundo aqui destacada: 1 derrota.

<sup>64</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme do Canal 100 disponibilizado pelo YouTube. Cf. PEREIRA, Marco Antonio. “Brasil 2 x 1 Argentina Copa de 1974”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=50hnuiXM8fk>. Acessado em: 24 de setembro de 2017.

alemães orientais por 2X0. A Argentina, sem chances de avançar, faria sua última partida contra a também eliminada Alemanha Oriental.<sup>65</sup>

A Folha de São Paulo afirmou que a Argentina não demonstrou um bom futebol e acabou sendo anulada pela Seleção Brasileira.

Esperava-se mais do futebol de jogadores como Babington, Kempes e Ayala, os melhores das últimas partidas, que levaram a Argentina à classificação. (...) Porém, mais do que as falhas individuais dos seus jogadores, a Argentina foi fraca como equipe, como estrutura tática, como conjunto, como condicionamento físico e técnico.<sup>66</sup>

A imprensa argentina ressaltou que sua seleção não jogou mal, contudo a vitória brasileira, mesmo conquistada sem muito brilho, não foi injusta. Também ficou claro que ressentiram do poder ofensivo do Brasil, uma das características principais do seu futebol. “(...) Este Brasil não é e nem foi melhor que nós. Este Brasil que pensa mais em defender-se do que em atacar. (...) Foi um Brasil discreto, discretíssimo em riqueza ofensiva”.<sup>67</sup>

A imprensa e também os jogadores argentinos criticaram duramente o técnico, Vladislao Cap: “Os jogadores, entretanto, estavam revoltados com Cap, que mais uma vez alterou o sistema do time, modificando as características de alguns, prejudicando-os”.<sup>68</sup> Perfumo, em declaração para uma emissora de televisão de seu país e reproduzido pelo Jornal do Brasil, foi ainda mais duro não só em relação ao técnico da equipe, mas também quanto à preparação realizada antes da Copa do Mundo:

Nós não poderíamos ganhar do Brasil por vários motivos claros. Em primeiro lugar, o Brasil tem um treinador que estuda o futebol, possui uma condição física que possibilita aos jogadores cumprir as determinações táticas, pois o time não ficou fazendo jogo caça-niquel pela Europa como nós, e, além disso, não se

<sup>65</sup> Argentina e Alemanha Oriental jogaram no dia 3 de julho de 1974 em Gelsenkirchen. A partida terminou empatada em 1X1. Os argentinos terminaram o Mundial na oitava colocação, com 4 pontos ganhos durante toda a competição. Escalação da Seleção da Alemanha Oriental: Croy, Kurbjuweit, Bransch, Weise, Schnuphase, Kische, Pommerenke, Sparwasser, Löwe (Vogel), Streich (Ducke) e Hoffmann. Escalação da Seleção Argentina: Fillol, Bargas, Carrascosa, Wolff, Brindisi, Heredia, Telch, Ayala, Babington, Houseman e Kempes. O árbitro da partida foi o inglês Jack Taylor.

<sup>66</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 1º de julho de 1974, p. 19.

<sup>67</sup> EL GRÁFICO, 2 de julho de 1974, p. 6.

<sup>68</sup> JORNAL DO BRASIL, 1º de julho de 1974, p. 22.

pode deixar de reconhecer que conta com Rivelino, Luís Pereira, os dois Marinhos, Paulo César (Inter) e Jairzinho, todos jogadores de nível. Marcá-los homem a homem é suicídio, é vontade de perder. Ou então, o mais certo, é burrice. Eu pergunto a vocês: qual o sistema tático da Argentina até agora? Eu, sinceramente, não vi nenhum e também até hoje não recebi instrução alguma. As modificações efetuadas durante as partidas foram organizadas pelos próprios jogadores.<sup>69</sup>

Além da derrota, os argentinos também receberam outra má notícia. Um dia após o enfrentamento com a Seleção Brasileira, o presidente Perón faleceu “às 13h 15m de ontem (mesma hora do Rio), aos 78 anos, vítima de uma parada cardíaca, consequência da doença que vinha sofrendo há 14 dias”.<sup>70</sup>

O Brasil, lutando pela vaga na grande final, precisava vencer os holandeses. A Holanda era apontada, em virtude do seu futebol vistoso e eficiente, como a grande favorita para conquistar o Mundial. Zagallo não concordava com tal favoritismo e na véspera da partida fez a seguinte declaração: “A Holanda? Um bom time, mas nada de especial. Seu ataque não finaliza bem. Joga um futebol na base do tico-tico do fubá”.<sup>71</sup>

O Brasil conheceria, no dia 3 de julho de 1974, em Dortmund, o “tico-tico do fubá” da “Laranja Mecânica”.<sup>72</sup> Os brasileiros adotaram, mais uma vez, um esquema de jogo defensivo e os holandeses, que no início da partida respeitaram bastante a Seleção Brasileira, passaram a dominar o confronto, destarte algumas oportunidades criadas pelo Brasil, especialmente no primeiro tempo, que terminou 0X0. Vendo-se dominados, os sul-americanos apelaram para o jogo violento que era respondido na mesma medida pelos europeus, foram marcadas 50 faltas, que resultaram em cinco cartões amarelos e um vermelho.<sup>73</sup>

<sup>69</sup> Idem, *ibidem*, p. 22.

<sup>70</sup> Idem, 2 de julho de 1974, p. 8.

<sup>71</sup> PLACAR, 19 de maio de 1986, p. 45.

<sup>72</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Leão, Zé Maria, Luís Pereira, Marinho Peres, Marinho Chagas, Carpegiani, Rivelino, Valdomiro, Jairzinho, Paulo César (Mirandinha) e Dirceu. Escalação da Seleção Holandesa: Jongbloed, Suurbier, Haan, Rijsbergen, Krol, Jansen, Neeskens (Israel), Van Hanegem, Rep, Cruyff e Rensebrink (De Jong). O árbitro da partida foi o alemão ocidental Kurt Tschenscher.

<sup>73</sup> Receberam cartão amarelo: Suurbier e Rep pela Holanda e Luís Pereira, Zé Maria e Marinho Perez pelo Brasil. Luís Pereira ainda recebeu o cartão vermelho aos 39 minutos da etapa complementar.

A Holanda voltou ainda mais determinada na etapa final e aos 5 minutos abriu o placar com Neskens, que desviou de bico um cruzamento e aos 20, Cruyff, impedido, definiu o placar do jogo. Holanda 2X0 e classificada para disputar a final contra os anfitriões, a Alemanha Ocidental.<sup>74</sup> Ao terminar a partida, Zagallo, agora derrotado, confessou: “Fui colhido de surpresa. Não sabia que os holandeses jogavam todo esse futebol. Hoje, foi um erro não tê-los visto antes. Agora, infelizmente, é tarde demais”.<sup>75</sup>

O Brasil disputou a terceira colocação contra a Seleção Polonesa no sábado, dia 6 de julho.<sup>76</sup> A partida foi equilibrada, contudo os poloneses souberam aproveitar uma das oportunidades criadas, aos 31 minutos da etapa complementar e venceram o Brasil por 1X0, gol de Lato. A jogada que resultou nesse gol, em um contra-ataque em que o polonês correu vários metros sozinho com a bola dominada pelo lado direito, acarretou, já no vestiário, na agressão de Leão sobre Marinho Chagas, acusado-o de não ter marcado o atleta da Polônia. “Era o final melancólico de uma seleção que jogava para empatar”.<sup>77</sup>

A derrota também “revelou o que já se insinuava desde a vitória no México: a geração mágica dos anos 1950 e 1960 não existia mais”<sup>78</sup> e que:

A “safra” de futebolistas dos anos 1970, apesar de boa, não apresentava jogadores fora de série, por mais que o ufanismo de dirigentes, cartolas, atletas, torcedores, setores da imprensa insistissem em dizer que o País “continuava a ter o melhor futebol do mundo”.<sup>79</sup>

No domingo, 7 de julho de 1974, no Olympiastadion, na cidade de Munique, Alemanha Ocidental e Holanda disputaram o título mundial.<sup>80</sup> Apesar do favoritismo holandês, a

---

<sup>74</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme do Canal 100 disponibilizado pelo YouTube. Cf. PEREIRA, Marco Antonio. “Brasil 0 x 2 Holanda 1974 Canal 100”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=brJrzbVgVKs>. Acessado em: 24 de setembro de 2017.

<sup>75</sup> PLACAR, 19 de maio de 1986, p. 45.

<sup>76</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Leão, Zé Maria, Marinho Peres, Alfredo, Marinho Chagas, Carpegiani, Rivelino, Valdomiro, Jairzinho, Ademir da Guia (Mirandinha) e Dirceu. Escalação da Seleção Polonesa: Tomaszewski, Symanowski, Gorgon, Zmuda, Musial, kasperczak (Cmikiewicz), Deynam Maszczyk, Lato, Szarmach (Kapka) e Gadocha. O árbitro da partida foi o italiano Aurelio Angonese.

<sup>77</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., v. 1, p. 389.

<sup>78</sup> GUTERMAN, Marcos. op. cit., p. 191.

<sup>79</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., v. 1, p. 389.

<sup>80</sup> Escalação da Seleção da Alemanha Ocidental: Maier, Vogts, Schwarsenbeck, Bonhof, Breitner, Beckenbauer, Overath, Grabowski, Hoeness, Muller e Holzenbein. Escalação da Seleção Holandesa: Jongbloed, Suurbier, Haan,

Seleção Alemã, além de muito respeitável, havia inclusive conquistado a Eurocopa disputada dois anos antes, contava com o apoio da maior parte dos mais de 75 mil torcedores que lotaram o estádio. Coube a Holanda iniciar a partida. Após 45 segundos e 15 passes, Cruyff arrancou quase do meio campo em direção à área alemã, foi parado com um falta dentro da área. Pênalti convertido por Neeskens.

A Seleção Alemã não se abateu e passou a pressionar o seu adversário. Aos 25 minutos, Holzebein recebeu a bola pela esquerda, invadiu a área e foi derrubado por Janden. O juiz inglês, Jack Taylor marcou a penalidade. Breitner converteu e empatou a partida. A Holanda sentiu o gol e a Alemanha intensificou sua pressão. O capitão Franz Beckenbauer liderava, com sua habitual classe e técnica, a sua equipe.

Nos final do primeiro tempo, aos 43 minutos, Bonhof entrou na área holandesa pelo lado direito, tocou para Müller marcado por Haan, o artilheiro alemão dominou a bola e praticamente da risca da pequena área girou e chutou para o fundo das redes holandesas. Os anfitriões viravam o placar.

A Holanda pressionou grande parte do segundo tempo, mas o excepcional arqueiro alemão, Josef Dieter “Sepp” Maier, realizou defesas inacreditáveis. O imponderável, o inesperado, o inacreditável voltava a acontecer em uma final de Copa do Mundo e pela segunda vez com a Seleção da Alemanha:<sup>81</sup> o favorito era derrotado. Com a vitória por 2X1 a Alemanha tornou-se bicampeã do mundo.<sup>82</sup>

---

Rijsbergen (van Kerkhof), Krol, Jansen, Neeskens, van Hanegen, Rep, Cruyff e Resenbrinck (De Jong). O árbitro da partida foi o inglês Jack Taylor.

<sup>81</sup> Vinte anos antes, em 1954, a Hungria era a grande favorita para conquistar a Copa do Mundo da Suíça, mas acabou derrotada pela Alemanha por 3X2.

<sup>82</sup> Os gols da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. FIFATV. “1974 World Cup Final: Netherlands 1-2 Germany FR”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qSzZ9spb6A>. Acessado em: 24 de setembro de 2017.

**Figura 4: Seleção Alemã campeã em 1974<sup>83</sup>**



### 5.3. COPA AMÉRICA DE 1975 E TAÇA ATLÂNTICO DE 1976

A situação política argentina, com a morte de Perón, tornou-se mais delicada, afinal a nova presidente, Isabelita, terceira esposa de Perón e a primeira mulher a exercer o mais alto cargo do Poder Executivo na América Latina, enfrentou um cenário conturbado, violento, complicado economicamente e não apresentava o preparo suficiente para conduzir o país.

O governo buscava inutilmente um rumo, Isabel, ante o acúmulo de problemas insolúveis, passava mais tempo em uma clínica privada, cuidando de mal-estares indefinidos, do que na Casa de Governo. Seu discurso nervoso e simplista “para que todos os argentinos sejam felizes” não convencia a ninguém, e menos ainda aos empresários e aos chefes militares que já haviam começado a planejar o golpe. (...) A medida que se aprofundava o “vazio de poder”, os militares voltavam a ocupar o cenário.<sup>84</sup>

O governo aproximou-se da direita na medida em que os conservadores do partido Justicialista ganharam espaço político. A crise econômica agravava-se, o que reverberava em conflitos com os sindicatos, apesar dos aumentos salariais oferecidos. As ações dos grupos de guerrilheiros e paramilitares recrudesceram a violência urbana no país. Em novembro de 1974, o governo impôs o estado de sítio. As organizações subversivas estavam muito debilitadas em 1975. Ainda assim, a ERP (*Ejército Revolucionário del Pueblo*) conseguiu, em 23 de dezembro, ocupar o arsenal militar de Monte Chingolo (Buenos Aires). A operação do ERP não teve sucesso, contudo acentuou a insatisfação dos militares com o governo de Isabelita. “Era evidente

<sup>83</sup> MOCHILEIRO. “Copa do Mundo de 1974 Alemanha Ocidental”. Disponível em: <http://mochileiro.tur.br/copa-1974.htm>. Acessado em: 24 de setembro de 2017.

<sup>84</sup> QUESASA, Maria Sáenz. op. cit., p. 653.

que os militares estavam decididos a retornar e que o governo havia entrado na contagem regressiva”.<sup>85</sup>

Com a inflação alta, a ordem social sem controle e com o desejo militar de voltar ao poder, era uma questão de tempo para que ocorressem mudanças na linha de comando da Argentina. Isabelita foi deposta da presidência em 24 de março de 1976 pelas Forças Armadas, a apenas um ano para que ela finalizasse o mandato. O golpe foi comandado por uma junta liderada pelo general Jorge Rafael Videla, que decretou a prisão da ex-presidente. Isabelita ficou cinco anos presa, após esse período exilou-se em Madri.

No Brasil, em 15 de janeiro de 1974, o general Ernesto Beckmann Geisel era eleito, de forma indireta, para substituir o general Emílio Garrastazu Médici. O novo presidente assumiu seu cargo no dia 15 de março enfrentando uma situação econômica muito mais difícil que a do seu antecessor. Com o fim do milagre econômico, o novo presidente teria que enfrentar a grave crise do petróleo que iniciara em 1973 e, nesse sentido, lançou o II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND), fechou um acordo nuclear com a Alemanha Ocidental e deu início ao projeto de utilização do álcool como combustível.

No campo político, mesmo que de forma “lenta, gradual e segura”, como foi ressaltado pelo próprio Geisel, o Brasil iniciava o seu processo de redemocratização. A chamada “linha dura”, insatisfeita com a decisão do presidente, resolveu intensificar o processo repressivo. Duas prisões e mortes tornaram-se ícones no período, a do jornalista Wladimir Herzog, em outubro de 1975, nas dependências do DOI-Codi (Departamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna) e a do líder operário, o metalúrgico Manuel Fiel Filho, em janeiro de 1976, nas dependências do II Exército, ambas em São Paulo e com sinais de tortura. Geisel agiu destituindo do comando do II Exército o general Ednardo D’Ávila Mello. No ano seguinte, exonerou do Ministério do Exército o general Sílvio Frota que buscava apoio na “linha dura” para concorrer no próximo pleito presidencial. O presidente atuou duramente para evitar a perda de controle por parte do governo, seja para a direita ou para a esquerda, do processo de distensão.

---

<sup>85</sup> Idem, *ibidem*, p. 654.

O presidente manobrou para conter interferências tanto à esquerda como à direita. De um lado, expediu uma rígida regulamentação eleitoral que ganharia o nome do ministro da Justiça – Lei Falcão –, pela qual se impedia o livre acesso de políticos aos meios de comunicação. De outro lado, procurou coibir a prática sistemática de tortura e radicalizações dos elementos mais próximos à “linha dura”. Em um episódio definidor dos rumos de seu governo, em janeiro de 1976 Geisel afastou o general Ednardo D’Ávila do comando do II Exército, em São Paulo. Esse afastamento foi ordenado logo após a morte do operário José Manuel Fiel Filho, ocorrida nas dependências do Destacamento de Operações de Informações – Coordenação das Operações de Defesa Interna (DOI-Codi), subordinado ao II Exército, onde, em outubro do ano anterior, havia sido morto o jornalista Vladimir Herzog.

(...)

Ao mesmo tempo, algumas das correntes militares mais radicais questionavam enfaticamente os propósitos do projeto de distensão. O episódio mais evidente dessa disputa aberta pelo poder ocorreu em 12 de outubro de 1977, quando o presidente destituiu o ministro do Exército, o general Sílvio Frota, que angariava apoios dos setores mais “duros” para se lançar candidato à sucessão presidencial.<sup>86</sup>

Ao final da Copa de 1974, o novo presidente da AFA, David Bracuto, que havia assumido o cargo duas semanas antes do início do Mundial, resolveu apostar em um plano de longo prazo com o objetivo de preparar adequadamente o escrete para jogar o Mundial de 1978 que seria na própria Argentina. O primeiro passo era escolher o técnico e o nome indicado foi o de César Luis Menotti, que havia conduzido o Huracán, equipe que era então presidida pelo próprio Bracuto, ao título nacional no ano anterior, 1973.

Menotti, que já havia sido sondado para o cargo um ano antes, aceitou, em agosto de 1974, o convite do novo presidente para encabeçar o projeto de quatro anos, até o final da Copa de 1978. Após o primeiro contato e convite, ele apresentou suas ideias para a seleção e seu nome foi aprovado pelos demais dirigentes da AFA em 17 de setembro. No dia 1º de outubro de 1974, Menotti foi oficializado como o novo treinador da Seleção Argentina. Em dezembro encerrou-se seu contrato com o Huracán e a partir de janeiro de 1975 ele passou a trabalhar exclusivamente para a alvianil.

---

<sup>86</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes e SARMENTO, Carlos Eduardo. “A República brasileira: pactos e rupturas”. In: GOMES, Angela de Castro; PANDOLFI, Dulce Chaves e ALBERTO, Verena (orgs.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 2002, p. 488-489.

Ao apresentar seus planos para a imprensa, Menotti ressaltou alguns aspectos importantes: a intenção de acompanhar os jogadores de todas as regiões do país e não apenas de Buenos Aires, com o objetivo de formar uma verdadeira seleção nacional; que a seleção fosse priorizada, ou seja, que os clubes não impedissem a apresentação dos jogadores convocados e para isso ele queria conscientizar os dirigentes da importância de ter atletas em um selecionado de nível mundial e, nesse sentido, o modelo a ser seguido era o brasileiro que, com as vitórias obtidas conseguiu valorizar internacionalmente os próprios clubes do país.<sup>87</sup>

O novo treinador estreou no dia 12 de outubro, pela Copa Hispanidad, contra a Espanha em Buenos Aires. A Argentina, com poucos dias de treino e muitas modificações em relação à equipe que havia disputado o Mundial, empatou contra a seleção europeia por 1X1. No mês seguinte, novembro, disputou a Copa Dittborn contra o Chile. Foram duas partidas, no dia 6, em Santiago, a primeira vitória de Menotti no comando da Seleção Argentina, por 2X0. A partida de volta, em Buenos Aires, ocorreu no dia 20 e o resultado foi um empate em 1X1.

Menotti quase deixou o cargo em 1975, em decorrência de uma queda de braço com os clubes. Em meados de julho ele enfrentaria, pela Copa Newton, o Uruguai em Montevideú. Boca Juniors e River Plate negaram-se a ceder seus jogadores para os treinamentos porque pretendiam utilizá-los em suas partidas válidas pelo campeonato local. A decisão dos clubes chocou-se com o acordo firmado com a AFA e Menotti, insatisfeito, apresentou sua demissão para Bracuto. Uma solução foi buscada e o conflito acabou contornado com uma multa aos clubes. Menotti continuou conduzindo a albiceleste e em virtude deste enfrentamento foi elaborado o *Estatuto de Selecciones Nacionales*. Tal documento determinou, dentre outros aspectos, que os jogadores convocados para a Seleção Argentina não poderiam jogar pelos seus clubes.

O Brasil igualmente passou por mudanças no comando do futebol. Entre 14 de janeiro de 1958 até 10 janeiro de 1975 a CBD foi dirigida por João Havelange. Em 1974 o dirigente brasileiro foi eleito para presidir a FIFA, cargo que ocupou até junho de 1998. Dessa forma, Havelange foi sucedido pelo almirante Heleno Nunes. O novo presidente da CBD,

---

<sup>87</sup> MENOTTI, César Luis. *Como ganamos la Copa del Mundo*. Buenos Aires: El Gráfico, 1978, p. 10.

cumpriu a promessa de que os clubes não seriam prejudicados com os compromissos da seleção como havia ocorrido nos dois anos anteriores, quando se preparava para disputar a Copa do Mundo. Neste sentido, o selecionado brasileiro jogou apenas a Copa América, o novo nome dado para o Campeonato Sul-Americano, e mesmo assim com uma equipe formada basicamente por jogadores mineiros.

Para comandar inicialmente a equipe foi escolhido o treinador do Cruzeiro, Hilton Chaves, porém os maus resultados contra combinados locais fizeram com que a CBD, no dia 14 de julho, chamasse Oswaldo Brandão para conduzir o escrete enquanto Hilton Chaves seria o seu assistente. Sem poder convocar livremente os atletas brasileiros, Brandão montou sua equipe com jogadores do Atlético Mineiro e do Cruzeiro e, no dia 30 de julho de 1975, estreou na Copa América contra a Venezuela sem ter realizado um único amistoso contra selecionados internacionais.<sup>88</sup>

O Campeonato Sul-Americano, em sua trigésima edição, mudava de nome e também de formato. Todas as dez seleções do continente, pela primeira vez na história, participaram do campeonato. Em relação ao nome, passou a se chamar Copa América e em relação ao formato deixou de ter sede fixa, os jogos seriam disputados, desde a primeira fase, em confrontos de ida e volta.

As equipes foram divididas em 3 grupos, cada um com 3 seleções. O Uruguai, por ser o último campeão, já estava automaticamente classificado para a etapa seguinte, a semifinal. As seleções foram agrupadas da seguinte forma: Grupo A: Argentina, Brasil e Venezuela. Grupo B: Bolívia, Chile e Peru. Grupo C: Colômbia, Equador e Paraguai. Classificava-se para a fase seguinte apenas o vencedor de cada grupo.

No dia 30 de julho de 1975, em Caracas, o Brasil enfrentou e venceu a fraca Seleção Venezuelana por 4X0. A Argentina, no dia 3 de agosto, também jogou fora de casa contra os

---

<sup>88</sup> Como a Conmebol proibia a participação de selecionados regionais nos Campeonatos Sul-Americanos, a CBD usou do subterfúgio de convocar alguns poucos jogadores de outros estados antes do início da competição. Primeiramente foram chamados: Ivo (America-RJ), Tecão (Saad-SP) e Jorge Valença (Vitória-BA); Eles não chegaram a jogar. Posteriormente foram chamados e atuaram: Luís Pereira (Palmeiras), Amaral (Guarani), Geraldo (Flamengo) e Roberto Dinamite (Vasco).

venezuelanos e venceu por 5X1. Cabe ressaltar que os argentinos, assim como os brasileiros, não jogaram com o que tinham de melhor. Menotti havia formado 4 seleções, pois desejava inicialmente trabalhar com aproximadamente 80 jogadores para, a partir de suas observações, escolher aqueles que ele considerasse os melhores. Dessa forma, surgiram a Seleção Metropolitana, formada por jogadores de Buenos Aires; a Seleção do Interior, com jogadores das províncias de Salta, Jujuy, Córdoba, Tucumán e Mendoza; a Seleção de Santa Fé, contando com futebolistas da citada província e a Seleção Juvenil que ainda se desmembrou, posteriormente, na Juvenil A, com garotos de 18 anos e a Juvenil B com meninos com menos de 18 anos. Retornando a Copa América, a Argentina foi representada pela Seleção de Santa Fé e Rosário, ou seja, por jogadores que atuavam no Newll's Old Boys, no Rosário Central, no Colón e no Unión Santa Fé.

Após derrotarem o fraco adversário, Brasil e Argentina se enfrentaram no dia 6 de agosto de 1975 no estádio do Mineirão que recebeu mais de 71 mil pagantes.<sup>89</sup> Do lado brasileiro, apenas o zagueiro Amaral não atuava no Atlético ou Cruzeiro. Mesmo não contando com alguns dos melhores jogadores que atuavam no país, a Seleção Argentina era respeitável e como prova disso basta lembrar que Ardiles,<sup>90</sup> Gallego, Luque e Kempes, atletas que jogariam o Mundial de 1978 e o último já havia atuado na Copa do Mundo de 1974, faziam parte da equipe.

---

<sup>89</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Raul, Nelinho, Piazza, Amaral, Getúlio, Vanderlei, Danival, Roberto Batata, Marcelo (Palhinha), Campos (Dirceu Lopes) e Romeu. Escalação da Seleção Argentina: Gatti, Rebottaro, Pavoni, D. Killer, Pavón, Ardiles (Zanabria), Gallego, Asad, Bóveda (Valdano), Luque e Kempes. O árbitro da partida foi o uruguaio Ramon Barreto.

<sup>90</sup> Osvaldo Cesar Ardiles (Córdoba, 3 de agosto de 1952). É considerado um dos maiores volantes ofensivos da história do futebol argentino. Era um jogador baixo e magro, jogava sempre de cabeça erguida, distribuindo passes com maestria. Além da habilidade, era veloz e tinha forte senso coletivo. Começou sua carreira em 1973 no Instituto de Córdoba. No ano seguinte, 1974, transferiu-se para o Belgrano e entre 1975 e 1978 defendeu as cores do Huracán. Com o sucesso obtido na Copa do Mundo de 1978 ele foi atuar no Tottenham Hotspur da Inglaterra. Tornou-se ídolo do clube londrino, equipe que defendeu até 1988. Pelo Tottenham foi campeão da Copa da UEFA 1983-1984, venceu por duas vezes a Copa da Inglaterra, nas temporadas 1980-1981 e 1981-1982 e ainda conquistou a Supercopa da Inglaterra de 1981. Saiu brevemente da equipe inglesa na temporada 1982-1983 em virtude da Guerra das Malvinas, atuou emprestado pelo Paris Saint Germain. Em 1988 foi atuar pelo Blackburn Rovers e, no mesmo ano, transferiu-se para o Queens Park Rangers. Em 1989 teve uma breve passagem pelo futebol norte-americano, jogou no Fort Lauderdale Strikers e ainda em 1989 retornou à Inglaterra e defendeu o seu último clube, o Swindon Town, equipe pela qual não só encerrou a carreira em 1991, como também iniciou a de treinador. Defendeu a Seleção Argentina entre 1973 e 1982, por ela jogou as Copas de 1978 e 1982. Foi campeão mundial em 1978. Ardiles jogou cinco vezes contra o Brasil, duas delas em Copas do Mundo (1978 e 1982), nunca saiu vencedor, foram 2 empates e 3 derrotas.

A Argentina, com uma equipe jovem e veloz, começou melhor a partida, aproveitando-se, segundo o Jornal do Brasil, do nervosismo brasileiro.<sup>91</sup> Aos 10 minutos, o árbitro da partida marcou uma falta de Nelinho sobre Asad, na entrada da área brasileira, próxima a meia-lua; Kempes rolou a bola para o próprio Asad que chutou forte, rasteiro, abrindo o placar. A Argentina continuou dominando o embate, aproveitando-se das dificuldades brasileiras em articular as jogadas no meio de campo. Entretanto, o Brasil empatou o jogo: Marcelo sofreu falta de Pavoni próximo a grande área argentina e Nelinho, conhecido pela violência de seus chutes, colocou nas redes do adversário. O placar não se alterou até o final do primeiro tempo.

O Brasil modificou sua equipe para a etapa final, Palhinha entrou no lugar de Marcelo e Dirceu Lopes no de Campos. As mudanças deixaram o time mais ofensivo. Aos 9 minutos, Vanderlei realizou um lançamento perfeito para Palhinha que invadiu a área argentina e foi derrubado por Rebottaro. Nelinho foi encarregado para a cobrança e por colocar o Brasil na frente do placar. O Brasil ainda criou outras oportunidades de ampliar o placar, como não o fez, recuou a equipe com o intuito de garantir o resultado, no final, o Brasil venceu por 2X1.<sup>92</sup>

O retorno começou no dia 10 de agosto com a Argentina massacrando os venezuelanos por 11X0. O Brasil, no dia 13, no Mineirão, também venceu a Venezuela, de forma mais “modesta”, por 6X0. A decisão do grupo seria definida no dia 16 de agosto. O Brasil precisava de um empate para garantir a liderança do grupo e avançar para as semifinais.<sup>93</sup> A partida foi disputada na fria tarde de sábado do inverno argentino no estádio Gigante de Arroyito, em Rosário para 55 mil pagantes, segundo o Jornal do Brasil.<sup>94</sup>

A equipe brasileira atuou cautelosamente, com o intuito de suportar a pressão inicial dos anfitriões e buscar a vitória nos contragolpes. A tática foi bem sucedida, o aparente domínio argentino não se traduzia em efetivas jogadas de perigo. “O domínio argentino durante o primeiro

---

<sup>91</sup> JORNAL DO BRASIL, 7 de agosto de 1975, p. 30.

<sup>92</sup> Os gols da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOSDOBASIL. “Copa América 1975 - Brasil 2x1 Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=upxNZeO5t9Q>. Acessado em: 25 de setembro de 2017.

<sup>93</sup> Escalação da Seleção Argentina: Gatti, Rebottaro, Pavoni, M. Killer, Gallego, D. Killer, Bóveda, Ardiles (Asad), Luque, Zanabria e Kempes. Escalação da Seleção Brasileira: Raul, Nelinho, Luís Pereira, Amaral, Getúlio, Vanderlei, Danival, Roberto Batata, Palhinha, Campos e Romeu (Reinaldo). O árbitro foi o chileno Carlos Robles.

<sup>94</sup> O Jornal do Brasil em sua reportagem sobre o jogo afirma que foram 55 mil espectadores, contudo a obra de Antonio Carlos Napoleão, patrocinada pela CBF, afirma que o público pagante foi de 35 mil pessoas.

tempo nunca foi absoluto, porque o Brasil fechava-se bem na frente da área e contra-atacava com velocidade”.<sup>95</sup> Ao final do primeiro tempo, o Brasil acertou a trave argentina. Nos acréscimos, aos 46 minutos, Getúlio cobrou falta da esquerda por elevação. Gatti, goleiro argentino, tirou a bola da área com um soco, porém ela caiu nos pés de Danival que, com calma e de bico, encobriu o arqueiro argentino, marcando o gol do Brasil.

A Argentina voltou disposta a empatar a partida no segundo tempo, contudo o Brasil se fechou ainda mais e suportou a pressão dos donos da casa e garantiram a vitória e a classificação para a próxima etapa da Copa América.

A coluna escrita por José Inácio Werneck, denominada “Campo Neutro”, chamava a atenção para a dificuldade que a Argentina poderia ter para organizar o Mundial de 1978. Nesta coluna ele ressaltou a impossibilidade de se transmitir a partida pela televisão.

Fiquei muito impressionado com a história da impossibilidade de se transmitir uma partida de televisão de Rosário na Argentina para o Brasil. Afinal, trata-se da segunda cidade do país, o que dá um panorama muito negro sobre os preparativos locais para a Copa do Mundo. É certo que, tecnicamente, as dificuldades seriam fáceis de sanar – mas num país de condições políticas normais, o que não ocorre na Argentina. A verdade é que dia a dia a realização da Copa lá parece mais remota. Mas aos que já a querem transferir para o Brasil ou a Colômbia lembro que nada impede sua realização na Europa. A tão falada rotatividade entre os dois continentes é apenas tradicional, não obrigatória. Nem poderia ser de outro modo, há que os europeus têm, se não me engano, 30 filiados na FIFA, enquanto contamos com apenas 10.<sup>96</sup>

Nas semifinais, após sorteio, ficou definido que o Brasil enfrentaria o Peru. O outro confronto seria entre a Colômbia e o Uruguai. Nele, os colombianos desclassificaram, no saldo de gols, os uruguayos, vitória por 3X0 em Bogotá e derrota em Montevideu por 1X0. Na outra semifinal, a classificação foi bem mais dramática e inusitada. Na partida disputada no Brasil, no Mineirão, contando com os reforços de Geraldo, Miguel e Roberto Dinamite, o Brasil acabou derrotado por 3X1. A classificação peruana para a final estava bem encaminhada, afinal jogariam em casa e ainda poderiam perder por 1 gol de diferença. Contudo, em Lima, o Brasil conseguiu vencer a partida por 2X0 e as duas seleções ficaram empatadas em pontos e também no saldo de

---

<sup>95</sup> JORNAL DO BRASIL, 17 de agosto de 1975, p. 47.

<sup>96</sup> Idem, ibidem, p. 47.

gols. O regulamento previa, caso isso ocorresse, que a definição se daria por sorteio, com o nome dos países escritos em pedaços de papel. O Peru foi disputar a final com a Colômbia.

A Copa América de 1975 foi decidida em outubro por dois adversários de menor tradição no continente. A Colômbia chegava pela primeira vez a uma final, enquanto o Peru decidia o título pela segunda vez. Nesta fase, o saldo de gols não seria critério de desempate. Caso as equipes terminassem empatadas em pontos jogariam uma terceira partida em campo neutro. Atuando em casa, dia 16, a Colômbia venceu o Peru por 1X0. Em Lima, os colombianos precisavam apenas de um empate para chegar ao seu primeiro título continental. Mas valendo-se de sua boa equipe e do apoio da torcida, os peruanos venceram por 2X0. Com o resultado era preciso jogar a partida de desempate e ela ocorreu em Caracas, Venezuela, no dia 28 de outubro. O Peru voltou a vencer, agora por 1X0, conquistando o seu segundo título sul-americano.<sup>97</sup>

O ano de 1976 marcou o início de uma das mais violentas e repressivas ditaduras da Argentina. Com a deposição de Isabelita, no dia 24 de março, o país passou a ser inicialmente governado por uma junta militar formada pelo general Jorge Rafael Videla, do Exército; pelo almirante Emilio Eduardo Masera, da Marinha; e pelo brigadeiro Orlando Agosti, da Aeronáutica. Ela se autodenominava *Proceso de Reorganización Nacional* (PRN). Dois dias depois, 26 de março, a lei 21.256 regulamentou o funcionamento da Junta Militar e nomeou para a presidência o general Videla.

O governo militar utilizou-se, desde os seus primeiros dias, da censura e da violência com o intuito de reprimir a oposição. Iniciou-se uma sistemática perseguição aos grupos armados e ativistas em geral. O ano de 1976 marcou o início da denominada *Guerra Sucia*. Segundo Pablo Alabarces, estima-se que ao longo de 1976 aconteciam, em média, 30 sequestros diários, sendo que a grande maioria das vítimas jamais reapareceu. Os sequestros não se restringiam aos adultos e geraram mais uma prática repugnante: o sequestro e a entrega para famílias vinculadas aos militares de bebês nascidos em cativeiro, inclusive com a falsificação das certidões de nascimento.<sup>98</sup>

---

<sup>97</sup> O primeiro título foi conquistado em 1939, quando o Peru sediou o Campeonato Sul-Americano.

<sup>98</sup> ALABARCES, Pablo. *Fútbol y patria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo libros, 2002, p. 120-121.

Em relação às torturas é dado voz a Quesada:

A partir de 24 de março de 1976 se torturou e se reprimiu no mais absoluto silêncio. Muitos dos mortos eram civis não guerrilheiros. Alguns não podiam ser liberados devido ao seu estado físico calamitoso, outros porque “havia visto demais” ou por serem considerados ideologicamente “irrecuperáveis”.<sup>99</sup>

Além da repressão os opositores e a conseqüente “disciplinarização” da sociedade, outro objetivo básico do PRN era reordenar a economia. José Martínez de Hoz foi nomeado para chefiar o Ministério da Economia com a missão de combater a inflação, que pelas projeções deveria alcançar a taxa de 566% para 1976, e retomar o crescimento do PIB. O Plano Econômico, anunciado em abril de 1976, pretendia estimular o crescimento industrial e agropecuário sem as travas que representavam as reivindicações sindicais. Ele também deveria estimular a entrada de capitais estrangeiros no país. Apesar das medidas, a inflação não foi dominada e ainda instalou-se uma economia fortemente especulativa, sem que inversões duráveis ocorressem na Argentina.<sup>100</sup>

Geisel também recuou no processo de redemocratização do Brasil ao impor o denominado “Pacote de Abril”. O Congresso foi fechado por duas semanas e as novas deliberações entregaram ao país suas novas regras eleitorais. Dentre elas, a introdução dos apodados “senadores biônicos”, em alusão a uma série norte-americana que fazia sucesso na televisão brasileira. Tais senadores não concorreriam no pleito eleitoral, sua escolha vinha diretamente do presidente da República.

Entre fevereiro e junho, Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, disputaram a terceira e última edição da Taça do Atlântico.<sup>101</sup> O início do torneio, em fevereiro, também marcou as primeiras partidas de Argentina e Brasil para o ano de 1976. As duas seleções jogaram como visitantes. A Argentina foi a Assunção e venceu o Paraguai por 3X2<sup>102</sup> e o Brasil também foi um

---

<sup>99</sup> SÁENZ QUESADA, María. op. cit., p. 660.

<sup>100</sup> Idem, ibidem, p. 662.

<sup>101</sup> As partidas da Taça do Atlântico também foram consideradas válidas para disputas envolvendo a Argentina e as demais seleções em outras competições. Dessa forma, os jogos contra o Brasil também valeram pela 11ª edição da Copa Roca. Apenas como curiosidade, as partidas contra o Paraguai valeram também a Copa Félix Bogado e contra o Uruguai a Copa Lipton e a Copa Newton.

<sup>102</sup> Com o empate no jogo em Buenos Aires por 2X2 e a vitória em Assunção, por 3X2, a Argentina conquistou a Taça Bogado

visitante indesejado, pois venceu o Uruguai em Montevideu por 2X1. Este jogo marcou não só a estreia como também o primeiro gol de Zico<sup>103</sup> na Seleção Brasileira.

Argentina e Brasil se enfrentaram na segunda rodada, mais precisamente na noite de sexta-feira, 27 de fevereiro, no estádio do River Plate, o Monumental de Núñez. A partida recebeu um público de 35 mil pagantes.<sup>104</sup> O Brasil começou mais objetivo e aproveitando-se da hesitação argentina, marcou o seu gol inaugural logo aos 5 minutos do primeiro tempo por intermédio de Lula. Marinho Chagas cobrou falta na lateral da grande área para Lula que avançou na área argentina e chutou forte para vencer La Volpe, arqueiro adversário.

O gol deixou os donos da casa intranquilos e o Brasil passou a dominar o jogo. Aos 20 minutos os argentinos equilibraram as ações e passaram a levar perigo ao gol defendido por Valdir Peres. Com dificuldade em conseguir o empate, os argentinos perderam ímpeto no final da primeira etapa e o Brasil reequilibrou a situação.

A Argentina voltou do intervalo melhor e determinada a empatar o confronto. Empurrados pela torcida, os locais passaram a criar inúmeras jogadas de perigo. O empate não ocorreu em virtude das falhas nas finalizações dos atletas anfitriões e das boas defesas do arqueiro brasileiro. “Mas quando esse domínio chegava ao auge, e o gol argentino ficava cada

---

<sup>103</sup> Artur Antunes de Coimbra – Zico (Rio de Janeiro, 3 de junho de 1953). Um dos grandes jogadores do futebol brasileiro e ídolo máximo do Flamengo. Atleta de grande habilidade, dotado de passe refinado, ótima visão de jogo, excelente batedor de faltas e exímio lançador. Iniciou sua carreira no clube em que se tornaria ídolo, o Flamengo. Por ele teve duas passagens, a primeira entre 1971 e 1983 quando disputou 635 partidas e marcou 476 gols. Em 1983 transferiu-se para o futebol italiano para defender a Udinese, foram 79 partidas e 57 gols marcados. Em 1985 retornou ao rubro-negro carioca e o defendeu por mais 4 anos. Neste período entrou em campo em 98 oportunidades e marcou 32 gols. Zico resolveu encerrar sua carreira no segundo semestre de 1989, contudo retornou aos campos em 1991 para ajudar no desenvolvimento do futebol japonês. Jogou entre 1991 e 1994 pelo Kashima Antlers, foram 88 partidas e 54 gols marcados. Conquistou inúmeros títulos pelo Flamengo podendo-se destacar o tri-campeonato brasileiro (1980, 1982 e 1983), a Libertadores da América e o Mundial Interclubes de 1981. Venceu a polêmica Copa União de 1987, a CBF não reconhece o Flamengo como campeão brasileiro do referido ano. Defendeu a Seleção Brasileira Sub-23 em 1971 e foi atleta recorrentemente convocado para a Seleção principal entre 1976 e 1989, pela qual atuou em 89 oportunidades com 66 gols marcados. Jogou três Copas do Mundo: 1978, 1982 e 1986. Alguns anos após encerrar a carreira de jogador, tornou-se técnico de futebol. Jogou cinco vezes contra a Argentina: 3 vitórias e 2 empates. Marcou 3 gols.

<sup>104</sup> Escalação da Seleção Argentina: La Volpe, Rebottaro, M. Killer, Cárdenas, Tarantini, Trobbiani (Asad), Gallego, Bochini, Schotta (Houseman), Kempes e Ortiz. Escalação da Seleção Brasileira: Valdir Peres, Getúlio, Miguel, Amaral, Marinho Chagas, Chicão, Falcão, Flecha, Geraldo (Palhinha), Zico e Lula (Edu). O árbitro da partida foi o argentino Roberto Osvaldo Barreiro.

vez mais iminente, o Brasil fez 2 a 0 e esfriou novamente o adversário”.<sup>105</sup> Tarantini cometeu falta em Flecha, na entrada da grande área pelo lado direito. Zico, aos 21 minutos, em cobrança magistral no ângulo esquerdo, marcou o seu primeiro gol contra o rival com a camisa do Brasil e ampliou o placar para 2X0.

A Argentina partiu desordenadamente para cima do Brasil, que teve algumas chances de “matar” o jogo. Contudo, aos 30 minutos, Flecha derrubou Ortiz dentro da área. Kempes cobrou a penalidade e reduziu o placar para 2X1. “Daí até o final, os argentinos tentaram conseguir o empate, mas o time brasileiro firmou-se no meio campo, e as poucas jogadas que por aí passaram, os zagueiros e o goleiro Valdir Peres se encarregaram de neutralizar”.<sup>106</sup> Paraguai e Uruguai empataram por 2X2.

A última rodada do turno foi disputada nos dias 7 e 8 de abril de 1976. O Brasil, no dia 7, empatou em Assunção contra o Paraguai, conquistando seu 5 ponto no torneio e garantindo a liderança na competição. A Argentina, por sua vez, recebeu o Uruguai em Buenos Aires e realizou uma exibição de gala, vencendo seus tradicionais rivais por 4X1.

Em virtude do êxodo de jogadores argentinos para atuar em clubes de outros países, ocorrido em abril de 1976, dentre eles os selecionáveis Kempes, Alonso, Schotta e Trobbiani, a AFA resolveu publicar uma “lista de 60 atletas considerados intransferíveis para o exterior, para que eles pudessem permanecer à total disposição de Menotti até o Mundial”.<sup>107</sup>

No dia 28 de abril, o Brasil recebeu e venceu o Uruguai pelo placar de 2X1. A partida terminou em briga generalizada e com a icônica imagem de Rivelino correndo e escorregando na entrada do túnel brasileiro enquanto era perseguido pelo uruguaio Sérgio Ramirez.<sup>108</sup> No mesmo dia, Argentina e Paraguai empataram por 2X2 em jogo disputado em Buenos Aires. O Brasil

---

<sup>105</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 28 de fevereiro de 1976, p. 22.

<sup>106</sup> Idem, ibidem, p. 22.

<sup>107</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 349.

<sup>108</sup> A confusão pode ser assistida, desde a falta cometida em Zico até o apito final em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. SAMGZO. “Brasil x Uruguai Briga Generalizada Maracanã 1976 Completa”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VeNZ7aF2sqE>. Acessado em 27 de setembro de 2017.

abria dois pontos de vantagem na classificação geral em relação à Argentina, segunda colocada na classificação.

Na noite quente de quarta-feira, 19 de maio, no Rio de Janeiro, o Brasil poderia conquistar antecipadamente a Taça do Atlântico desde que derrotasse os argentinos. Acorreram para o Maracanã quase 43 mil pagantes.<sup>109</sup> O Brasil dominou o meio campo desde o início do confronto com Rivelino executando lançamentos perfeitos para a corrida dos ponteiros Gil e Lula. O ataque argentino, muito isolado, pouco produziu ao longo de todo o jogo. Apesar do domínio brasileiro, o primeiro tempo não teve grandes oportunidades e o placar não se modificou.

O cenário continuou o mesmo na etapa complementar, exceto porque os gols saíram. Aos 19 minutos, Gil driblou seu marcador e chutou forte em direção ao gol, La Volpe rebateu a bola e Lula, atento, completou. Faltando cinco minutos para o encerramento da partida, a bola foi cruzada por Orlando, o goleiro e o lateral direito da Argentina vacilaram e o estreante Neca ampliou para o Brasil. Com a vitória por 2X0 o Brasil conquistava mais uma vez a Taça do Atlântico<sup>110</sup> e de quebra também a Copa Roca, que só voltaria a ser disputada em 2011.<sup>111</sup>

O Brasil, após derrotar os argentinos, embarcou para os Estados Unidos para disputar contra a Inglaterra, a Itália e um time de estrelas da liga profissional norte-americana, o Torneio Bicentenário de Independência do referido país. A Seleção Brasileira sagrou-se campeã ao vencer os ingleses por 1X0, o *Team America* por 2X0 e finalmente a Itália por 4X1.

A última rodada da Copa do Atlântico foi disputada no dia 9 de junho. A Argentina visitou o Uruguai em Montevideu e venceu por 3X0 e garantiu pela terceira vez, o vice-campeonato da competição. O Brasil, no Maracanã, venceu o Paraguai por 3X1. No restante do

---

<sup>109</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Valdir Peres, Orlando, Jaime, Amaral (Beto Fuscão), Marco Antônio, Chicão (Falcão), Rivelino, Gil, Geraldo, Neca e Lula. Escalação da Seleção Argentina: La Volpe, Tarantini, Olguín, Passarella, Carrascosa, Trobbiani, Gallego, Bochini (Valencia), Houseman, Luque (Alonso) e Kempes. O árbitro da partida foi o brasileiro Agomar Martins.

<sup>110</sup> O Brasil venceu todas as três edições da Taça do Atlântico: 1956, 1960 e 1976.

<sup>111</sup> Os gols da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. CF. PEREIRA, Marco Antonio. "Brasil 2 x 0 Argentina 1976". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MRV-rY5z2fU>. Acessado em 27 de setembro de 2017.

ano, a Argentina realizou quatro partidas, entre outubro e novembro: pela Copa Dittborn, venceu o Chile em Buenos Aires por 2X0. Pela Copa Castilla venceu o Peru por 3X1 em Buenos Aires e por 1X0 em Lima. Finalmente, empatou sem gols contra a União Soviética. Enquanto o Brasil, fez apenas uma partida no restante de 1976, no dia 1º de dezembro, contra a União Soviética. Vitória por 2X0, gols de Falcão e Zico.

Argentina e Brasil tiveram caminhos e objetivos completamente distintos em 1977. Como sediariam o próximo Mundial, os argentinos não precisavam disputar as eliminatórias, assim, aproveitaram o tempo para enfrentar os selecionados europeus, especialmente em Buenos Aires. As partidas se concentraram entre o fim de maio e meados de julho. Neste período a equipe entrou em campo sete vezes, venceu 3 partidas (3X1 na Polônia; 1X0 na Iugoslávia e 2X0 na Alemanha Oriental), empatou 3 jogos (Inglaterra e Escócia por 1X1 e a França por 0X0) e perdeu apenas em 1 oportunidade (3X1 para a Alemanha Ocidental). “Assim, durante o período entre 29 de maio e 12 de julho a AFA conseguiu o que seria impensado anos antes: em todos os domingos houve partida da Seleção, na Bombonera”.<sup>112</sup> Além das partidas entre maio julho, a Seleção Argentina abriu o ano de 1977 goleando a Hungria por 5X1 (27 de fevereiro), empatou com o Irã, em Madri, por 1X1 (22 de março) e perdeu para o Real Madri por 1X0 (24 de março de 1977). Em agosto os argentinos realizaram suas duas últimas partidas do ano, contra o Paraguai, pela Copa Bogado.<sup>113</sup> Venceram a primeira partida em Buenos Aires, no dia 24 de agosto por 2X1 e perderam em Assunção por 2X0. Como cada equipe havia vencido uma partida, a taça foi definida na disputa de pênaltis e o Paraguai saiu vencedor por 3X1.

A partida contra a Hungria, no dia 27 de fevereiro de 1977, se tornou histórica pois aos 17 minutos do segundo tempo estreou, com 16 anos, no lugar de Luque, uma grande promessa do futebol argentino, Diego Maradona.<sup>114</sup>

---

<sup>112</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 351.

<sup>113</sup> A Copa Félix Bogado foi um torneio amistoso de futebol disputado entre as Seleções da Argentina e do Paraguai. Foram disputadas 3 edições: 1976, 1977 e 1983. A primeira edição do torneio foi disputada simultaneamente durante a Copa do Atlântico e a Argentina se sagrou campeã. Nas duas outras edições o título coube aos paraguaios.

<sup>114</sup> Diego Armando Maradona (Lanús, 30 de outubro de 1960). O maior jogador do futebol argentino e um dos maiores do futebol mundial. Idolatrado na Argentina, há inclusive uma igreja dedicada a ele. Cresceu em Villa Fiorito, bairro pobre da periferia de Buenos Aires, local em que começou a praticar o futebol. Pouco antes de completar 16 anos estreou no futebol profissional, no dia 20 de outubro de 1976, atuando pelo Argentino Juniors contra o Talleres, de Córdoba. Em fevereiro de 1977 estreou pela Seleção Argentina, dirigida por Menotti. Atuou pelo Argentino Juniors até 1981 quando foi contratado pelo Boca Juniors, seu clube de coração. Contudo, “*El pibe de*

**Figura 5: Maradona em sua estreia profissional<sup>115</sup>**



Menotti, em virtude dos resultados obtidos em 1977, estava pressionado e muitos davam como certa sua saída da Seleção. No entanto, o novo presidente da AFA, Alfredo Cantilo, manteve o técnico, certo da importância de dar estabilidade para o trabalho que ele desenvolvia e que tinha como objetivo conquistar o Mundial de 1978.

---

oro” permaneceu pouco tempo no Boca pois foi comprado pelo Barcelona em 1982. Defendeu a equipe da Catalunha por 2 temporadas. Em 1984 transferiu-se para o Napoli, equipe que defendeu até 1991 e tornou-se ídolo máximo. Seus problemas começam em março de 1991 quando seu exame *antidoping*, após partida contra o Bari, deu positivo para cocaína. Foi suspenso por quinze meses do futebol. Mesmo sem o seu maior ídolo, o Napoli terminou a temporada 1991-92 na quarta colocação. Em 1992, após uma batalha judicial, Maradona conseguiu deixar o Napoli e retornou ao futebol espanhol. Defendeu o Sevilla na temporada 1992-1993. Em 1994, após se desentender com seu compatriota, Carlos Bilardo, técnico do Sevilla, voltou para o futebol argentino para defender o Newell’s Old Boys. Realizou apenas 5 partidas em seu novo clube, em virtude das constantes lesões musculares que acarretaram o término do seu contrato. Deprimido, o atleta intensificou o uso de drogas. Acima do peso, desmotivado e sem clube, tudo indicava que não jogaria a Copa de 1994. Não foi o que aconteceu, ele emagreceu, entrou em forma e foi disputar o Mundial, no entanto, na partida contra a Nigéria, ele foi sorteado para o exame *antidoping* que acusou a utilização de efedrina, droga usada para emagrecer. A FIFA puniu o argentino com mais 15 meses de suspensão. Com o fim da punição, Maradona retornou ao Boca Juniors em 1995 e jogou pela equipe de Buenos Aires até encerrar sua carreira de jogador em 1997. Enquanto cumpria a suspensão dada na Copa de 1994, Maradona dirigiu, sem êxito, as equipes do Têxtil Mandiyú (1994) e o Racing (1995). Em 2008 foi chamado para dirigir a Seleção Argentina, classificou, com dificuldades, a equipe para o Mundial disputado na África do Sul e dirigiu a equipe até a eliminação nas quartas de finais do citado campeonato. Dirigiu o Al Wasi, dos Emirados Árabes Unidos, entre 2011 e 2012 e atualmente, 2017, é técnico do Al-Fujairah também dos Emirados Árabes Unidos. Defendeu a Seleção da Argentina em 91 partidas e marcou 34 gols entre 1977 e 1994. Sua maior frustração, segundo seus depoimentos, também se deu com a Seleção, ao ser cortado no dia 19 de maio de 1978, do grupo que disputaria o Mundial daquele ano na Argentina. Defendeu o seu país em 4 mundiais (1982, 1986, 1990 e 1994). Conquistou a Copa do Mundo de 1986 (México) e o segundo lugar na Copa de 1990 (Itália). Jogou, entre 1979 e 1993, seis vezes contra o Brasil: 1 vitória, 2 empates e 3 derrotas. Marcou apenas um gol contra o rival.

<sup>115</sup> ESPN. “Estreia como jogador profissional de Diego Maradona completa 40 anos”. Disponível em: [http://espn.uol.com.br/noticia/640479\\_estreia-como-jogador-profissional-de-diego-maradona-completa-40-anos](http://espn.uol.com.br/noticia/640479_estreia-como-jogador-profissional-de-diego-maradona-completa-40-anos). Acessado em: 4 de outubro de 2017.

O Brasil, por sua vez, precisava se classificar para a Copa do Mundo e para isso era preciso passar pelas eliminatórias. Com a Argentina já classificada, as nove seleções restantes filiadas à Conmebol foram divididas em 3 grupos com 3 equipes. As melhores colocadas de cada chave, em jogos de ida e volta, disputariam um triangular no qual os dois primeiros colocados estariam automaticamente classificados para a Copa do Mundo e o terceiro colocado disputaria uma partida de repescagem contra um selecionado europeu.

O Brasil ficou no Grupo 1 ao lado da Colômbia e Paraguai. O Brasil iniciou a disputa em Bogotá, no dia 20 de fevereiro, contra a Colômbia. Os brasileiros fizeram algo impensável para os dias atuais, chegaram três semanas antes na capital colombiana para se adaptarem à altitude, no entanto, mesmo preparando-se previamente para a partida, a Seleção jogou muito mal e empatou por 0X0. Apenas seis dias depois, o técnico Osvaldo Brandão foi substituído pelo treinador do Flamengo, Claudio Coutinho. No dia 9 de março, na estreia do novo comandante, fácil vitória por 6X0 sobre a Colômbia, no Maracanã. Apenas 4 dias depois, a equipe enfrentou e venceu o Paraguai, em Assunção, por 1X0. Na semana seguinte, dia 20 de março, brasileiros e paraguaios empataram em 1X1 no Maracanã. O Brasil classificou-se para disputar na cidade de Cali, na Colômbia, o triangular final contra o Peru e a Bolívia, que surpreendentemente eliminou o Uruguai.

As partidas contra peruanos e bolivianos ocorreram, respectivamente, nos dias 10 e 14 de julho. O Brasil venceu o Peru por 1X0 e goleou os bolivianos por 8X0. A Bolívia ainda sofreu nova goleada, para o Peru, por 5X0. Dessa forma, Brasil e Peru classificaram-se para o Mundial da Argentina. A Bolívia, por sua vez, perdeu os dois jogos da repescagem para a Hungria, por 6X0 (Budapeste) e 3X2 (La Paz) e não se classificou para o Mundial.

#### **5.4. COPA DE 1978: A ARGENTINA TRIUNFA, O BRASIL É “CAMPEÃO MORAL” (...) E O PERU?**

Desde 1928, a Argentina, o país mais rico da América do Sul no início do século XX, mostrou interesse em sediar o Mundial, não obstante, suas pretensões sempre foram frustradas. Em 1966, no Congresso da FIFA realizado dias antes do início da Copa do Mundo na Inglaterra, o país platino, enfim, foi escolhido para sediar o Mundial de 1978.

Quando, finalmente, foi escolhido como país sede, ironicamente, a Argentina já não gozava de uma situação econômica tão próspera, fato que se agravou nos anos seguintes simultaneamente às dificuldades sociais e políticas vivenciadas pelo país. “A nação platina sofrera lenta decadência na segunda metade do século XX, o que aguçou as contradições da sociedade”<sup>116</sup> e, em 1976, um golpe militar implantou uma das mais violentas ditaduras da América do Sul.

Apesar de ter sido escolhida como sede do Mundial de 1978 com 12 anos de antecedência, os problemas econômicos, políticos e sociais enfrentados pelo país, o pequeno comprometimento na organização do evento, o preocupante atraso nas obras de infra-estrutura e ainda os pedidos de setores da sociedade argentina para que se abrisse mão de sediar a competição colocaram em risco a realização do evento no local escolhido anteriormente. A Holanda e a Bélgica, inclusive, já haviam se prontificado para sediar conjuntamente a Copa caso ocorresse a desistência dos argentinos.

Em maio de 1976, pouco depois do golpe militar, a FIFA exigiu uma definição por parte da Argentina em relação à realização do torneio. Apesar dos militares terem percebido uma oportunidade de legitimação do regime, havia oposição dentro do próprio governo. O ministro da Economia, Martínez de Hoz, era contrário à realização do evento, pois acreditava que os custos seriam elevados e os recursos poderiam ser alocados em áreas prioritárias. Ainda assim:

Como inúmeros outros momentos e países, o regime argentino usou o futebol com fins políticos, para fortalecer sua imagem interna e externamente, se aproximando e buscando se legitimar perante um povo que amava o esporte e tinha em sua seleção um dos maiores símbolos e orgulhos nacionais.<sup>117</sup>

Como ressaltou Newton César de Oliveira Santos, o golpe militar foi decisivo para que a Copa fosse realizada na Argentina.<sup>118</sup> Uma semana após o golpe de 1976, os militares intervieram na AFA. A presidência da entidade passou para as mãos de Alfredo Francisco Cantilo, homem de confiança do novo governo. O almirante Massera assumiu pessoalmente a

---

<sup>116</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., v. 1, p. 398.

<sup>117</sup> Idem, ibidem, p. 399.

<sup>118</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 355.

bandeira para a realização do Mundial. “O futebol estava sob controle dos militares e a realização da uma ‘boa Copa’ e a conquista do título mundial foram colocadas como prioridade”.<sup>119</sup>

Decididos a sediar o Mundial, o governo criou um organismo independente para se encarregar exclusivamente dos preparativos e da realização da competição, desta forma surgiu o EAM 78 (*Ente Autárquico Mundial 78*) e no dia 6 de junho foi outorgada a lei 21.349 que declarou a Copa de “interesse nacional”. Dentro da própria EAM as opiniões eram conflitantes.

O primeiro presidente do EAM 78 foi o general Omar Actis, amigo pessoal do general Videla e favorável à organização de um torneio austero, condizente com a situação do país. Como Massera pensava exatamente o oposto, conseguiu impor ao almirante Carlos Alberto Lacoste, seu delegado pessoal, como vice-presidente da entidade. O resultado era previsível: ao final de inúmeros atritos, Actis demitiu Lacoste. No entanto, um mês e meio depois, em 19 de agosto, Actis convocou uma reunião com a imprensa para anunciar seus planos, mas foi assassinado na manhã desse dia – crime inicialmente atribuído aos Motoneros, mas que extra-oficialmente ganhou fama como um “ajuste de contas” do masserismo. Com isso, no dia 27 de agosto o general Antonio Merlo foi nomeado para assumir o comando do EAM 78, conservando Lacoste na vice-presidência que, na prática, foi quem conduziu todo o processo de preparação da Copa.<sup>120</sup>

Os problemas vivenciados pelos argentinos para a realização do Mundial não se deram apenas no plano interno. A grave situação política vivida pela Argentina levou várias entidades internacionais a questionarem a FIFA, dirigida pelo brasileiro João Havelange, em relação a promover a competição em uma nação que desrespeitava os direitos humanos. Havelange, envolvido na realização do primeiro Mundial sob o seu comando, ignorou os questionamentos e após receber o “sinal verde” das autoridades argentinas, confirmou a realização da Copa no local já definido.

São várias as causas possíveis para que Havelange adotasse tal posicionamento. O primeiro é que o dirigente da FIFA tinha vínculos com os militares brasileiros que governavam o país e eles apoiavam a realização da Copa na Argentina. Outro aspecto que precisa ser levado em conta é que a AFA apoiou a candidatura de Havelange para a presidência da FIFA. Finalmente, o jornalista Pablo Llonto argumenta que os militares fizeram um acordo com Havelange, o último

<sup>119</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., v. 1, p. 398.

<sup>120</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 356.

garantiria a realização da Copa e em troca seria liberado Paulo Antonio Paranaguá, filho de um diplomata brasileiro, amigo de Havelange, que havia sido detido no país, juntamente com sua namorada, pelo exército argentino em 1977.<sup>121</sup>

Em reportagem para a Folha de São Paulo, em junho de 2008, Havelange confirmou sua participação na liberação do filho do diplomata brasileiro.

**Folha – O senhor era conhecido de Paulo Paranaguá [cujo filho homônimo acabou preso na Argentina como um militante de esquerda]?**

**Havelange** – Sim, muito, ele faleceu. A senhora dele ainda é viva, era filha do ex-presidente do Fluminense Antônio Leite. Ele [Paulo pai] foi embaixador no Kuwait. Eles tinham um filho que se meteu naquela questão de revolução na Argentina. O Antônio Leite, pai da Glorinha, chegou ao meu escritório e disse: “O meu neto foi preso na Argentina, a Glorinha já foi lá não sei quantas vezes e não consegue falar com ele, ela está com medo”.

Eu disse: “Faço futebol, sou administrador de uma entidade, não sou político”. Ele: “O senhor faz isso para mim. É meu neto”. E começou a chorar. Isso me doeu muito, e disse: “Estou saindo para o Oriente. Quando voltar, em vez de vir ao Brasil, desço em Lima e vou a Buenos Aires”. Assim fiz.

**Folha – E aí negociou a libertação do Paulo [como diz Pablo Llonto, autor do livro “A Vergonha de Todos”, sobre a Copa de 1978]?**

**Havelange** – Cheguei e pedi audiência com o presidente Videla. Expliquei a ele e disse: “Se o senhor acha que estou me intrometendo, ponha-me para fora, não me atenda, e eu o respeitarei da mesma maneira”. Chamou o general Viola por telefone e disse: “O doutor Havelange vai aí lhe falar e veja tudo o que pode fazer”. Saí do gabinete e fui ao general Viola, décimo andar. O general me abre a porta do elevador. Entrei e falei do que se tratava. Chamou o coronel.

“Verifica o caso desse rapaz e me ponha a par”. E assim o fez. Em novembro, e disse ao Antônio Leite o que tinha feito. A Glorinha pensava que o filho já estava... No princípio de janeiro, saí de Concorde para Paris. Quando ia fechar a porta do avião, entrou um sujeito da Polícia Federal e me disse: “Doutor Havelange, acabaram de telefonar de Buenos Aires. Mandaram avisar que a pessoa que o senhor pediu já está em Buenos Aires e amanhã já estará em um avião da Air France, como o senhor determinou, a destino de Paris. Esse rapaz vive hoje em Paris, é o filho de Paranaguá.<sup>122</sup>

Como ressaltou Newton Santos, se no plano político a realização do Mundial e o triunfo da Seleção Argentina foram expressões de sucesso para a ditadura, o mesmo não se deu no campo econômico.

<sup>121</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 356.

<sup>122</sup> BUENO, Rodrigo. “Havelange, maior cartola da história disse que salvou até preso político”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2016/08/1803492-havelange-maior-cartola-da-historia-disse-que-salvou-ate-preso-politico.shtml>. Acessado em: 3 de outubro de 2017.

De início, o EAM 78 divulgou que o custo total da organização da Copa seria de US\$ 200 milhões; mas no final o montante oficial foi de US\$ 521.494.931 milhões. Descontando-se US\$ 9.642.360 em ingressos, o balanço final alcançou US\$ 511.852.571 milhões – 3,5 vezes mais do que o investido pela Espanha em 1982 (cerca de US\$ 150 milhões). Os organizadores esperavam receber entre 50 e 60 mil turistas, mas somente sete mil chegaram ao país, além de 2.400 jornalistas e 400 convidados. Parte desse desinteresse foi devido às denúncias de violação de direitos humanos que circulavam pelo mundo, e pela Europa em particular. Essas mesmas denúncias levaram o jogador holandês Johan Cruyff e outros de menor transcendência a se negarem a participar do torneio. Algumas seleções chegaram a ameaçar boicotar a competição, mas voltaram atrás – comentou-se, na época, por pressão da FIFA.<sup>123</sup>

Inscreveram-se para participar da Copa do Mundo de 1978 o total de 107 seleções. Destas, 96 disputaram as eliminatórias. Alemanha, como última campeã, e Argentina, país sede, já estavam classificados para o Mundial. Algumas equipes tradicionais como a Inglaterra, a União Soviética e o Uruguai não tiveram êxito em suas caminhadas para a competição.

A fórmula da competição foi a mesma adotada em 1974. Na primeira fase, quatro grupos com quatro equipes, classificando-se os dois melhores de cada um deles. Na fase seguinte, dois grupos de quatro equipes, os primeiros colados de cada uma das chaves jogariam a grande final e os segundos colocados disputariam a terceira e quarta posição do torneio. O critério de desempate adotado foi o saldo de gols.

O sorteio dos grupos da primeira fase da Copa do Mundo ocorreu no dia 14 de janeiro de 1978, no teatro General San Martín, em Buenos Aires. Os grupos ficaram assim divididos: Grupo A: Argentina, França, Itália e Hungria. Grupo B: Alemanha, México, Polônia e Tunísia. Grupo C: Áustria, Brasil, Espanha e Suécia. Grupo D: Escócia, Holanda, Irã e Peru. No sorteio a Argentina ficou no denominado “Grupo da Morte”, considerado o mais difícil da competição.

Algo impensável atualmente, os donos da casa reuniram-se três meses e meio antes do início da Copa com um grupo de 25 jogadores em regime de concentração. Eles só saíam da Villa Marista, em Mar del Plata, local de treinos, para realizarem os amistosos. Faltando apenas 11 dias para o início do Mundial, já na concentração na quinta Natalio Salvatori, em José Carlos Pax, Menotti decidiu quais seriam os 22 jogadores inscritos para o Mundial. Foram cortados 3

---

<sup>123</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 356.

atletas: Victor Bottaniz, do Unión Santa Fe, Humberto Bravo, do Talleres de Córdoba e Diego Armando Maradona, com 17 anos, que atuava pelo Argentino Juniors. Este corte foi, segundo o genial jogador argentino, o momento mais melancólico de sua carreira.

O Brasil, dirigido por Cláudio Coutinho, também contou com excelentes jogadores, mesclando jovens promessas como Zico (Flamengo) e Reinaldo (Atlético Mineiro) com jogadores experientes como Rivelino (Fluminense) e Leão (Palmeiras). A grande ausência, segundo a imprensa brasileira, foi a não convocação do volante do Internacional, Paulo Roberto Falcão. Como era cabeça de chave de seu grupo, a Seleção Brasileira jogaria suas partidas da primeira fase no mesmo local, Estádio Mundial-78, em Mar del Plata.

Foram realizadas 38 partidas entre os dias 1º e 25 de junho de 1978. Seis estádios foram utilizados. A Adidas, fornecedora oficial do material esportivo para o evento, produziu uma bola especialmente para a competição, a Tango. Mesmo com a delicada situação social e política, a população local prestigiou o Mundial e, obviamente, a Ditadura Militar aproveitou-se disto. “O nacionalismo futebolístico alcançou seu pico durante a Copa, impulsionado pelos slogans produzidos e difundidos pelo governo militar: *“Venticinco millones de argentinos jugaremos el Mundial”* e *“En el Mundial usted juega de argentino”*”.<sup>124</sup>

**Figura 6: Logo da XI Copa do Mundo de Futebol – 1978 – Argentina<sup>125</sup>**



<sup>124</sup> Apesar de sempre traduzir os textos ou mensagens em línguas estrangeiras no decorrer do trabalho, julguei que realizar tal procedimento neste tópico retiraria a força das expressões acima destacadas.

<sup>125</sup> WIKIPEDIA. “Copa do Mundo FIFA de 1978”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa\\_do\\_Mundo\\_FIFA\\_de\\_1978](https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_FIFA_de_1978). Acessado em 4 de outubro de 2017.

A Argentina também teve a sua mascote, o *Gauchito Mundialito*, um menino vestindo a camisa albiceleste, de chapéu, lenço no pescoço e chicote na mão, que remetia às tradições dos pampas argentinos.

**Figura 7: Mascote da Copa do Mundo de 1978: Gauchito Mundialito<sup>126</sup>**



Para Farias foi uma “Copa tensa e polêmica, dentro e fora de campo, uma das mais politizadas de todos os tempos. Como na Alemanha, em 1974, era grande a quantidade de policiais fortemente armados nos estádios e nas concentrações dos times”.<sup>127</sup> A segurança reforçada se justificou, afinal três semanas antes do Mundial explodiu uma bomba no Centro Cultural San Martí e outro artefato explosivo foi encontrado, horas antes do início do campeonato, no centro de imprensa do Estádio Monumental de Núñez, local da festa de abertura e da partida entre Alemanha e Polônia.

A cerimônia de abertura iniciou-se às 13h45 do dia 1º de junho de 1978. Ela foi tida como muito militarizada e “não foram poucos que a compararam aos eventos políticos e esportivos da Alemanha nazista”.<sup>128</sup> Inicialmente 1.700 estudantes e 53 professores entraram no gramado do Estádio Monumental de Núñez realizando formações alegóricas e movimentos de ginástica, seguidos pela soltura de balões coloridos, pela interpretação de marchas militares por

<sup>126</sup> SEEKLOGO. “Gauchito 1978 Logo Vector”. Disponível em: <https://seeklogo.com/vector-logo/59463/gauchito-1978>. Acessado em 4 de outubro de 2017.

<sup>127</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., v. 1, p. 410.

<sup>128</sup> Idem, ibidem, p. 410.

várias bandas musicais e pelo desfile das delegações. Foi tocado o hino nacional da Argentina e três discursos se seguiram: o primeiro do presidente da AFA, Alfredo Cantilo; o segundo foi do presidente da FIFA, João Havelange e o terceiro do presidente da República, o general Jorge Rafael Videla que condecorou Havelange, “o que poderia ser visto como um ‘obrigado’ pela manutenção e realização da Copa num país que vivia um ‘momento político tão especial’”.<sup>129</sup>

**Figura 8: Cartaz da XI Copa do Mundo de Futebol – 1978 – Argentina<sup>130</sup>**



Às 15 horas, 67 mil espectadores assistiram a primeira partida da Copa de 1978, que retornava para a América do Sul após 16 anos, entre Alemanha e Polônia. O jogo teve poucas emoções e terminou empatado sem gols. A grande surpresa deste grupo (B) foram os tunisianos que ao vencerem, na primeira rodada, o México por 3X1, assinalaram a primeira vitória de uma seleção africana em Copas do Mundo. Na rodada seguinte foram derrotados pelos poloneses por 1X0 e na última rodada, se vencessem os alemães, não só se classificariam para a próxima fase como eliminariam o último campeão mundial. A partida terminou 0X0.

O Grupo A, o qual abrigava a Seleção da Argentina, começou a ser disputado no dia 2 de junho. Itália e França, em Mar del Plata, às 13h45, se enfrentaram. Os italianos venceram por 2X1. Às 19h15, os anfitriões receberam, no Estádio Monumental de Núñez, a Hungria.

<sup>129</sup> Idem, ibidem, p. 410.

<sup>130</sup> ALMEIDA, Bruno. “Os pôsteres e mascotes da Copa do Mundo: 1982 - Espanha”. Disponível em: <http://publistagram.com/os-posteres-e-mascotes-da-copa-do-mundo/>. Acessado em 22 de outubro de 2017.

Uma curiosidade: em cada rodada, tanto na primeira como na segunda fases, as duas partidas de cada grupo eram realizadas no mesmo horário. A exceção foi a Seleção Argentina, que sempre entrou em campo às 19h15, já sabendo do resultado do jogo de seu grupo, realizado antes. A justificativa para esse privilégio foi a solicitação das emissoras de televisão argentinas, que alegaram ainda estarem se adaptando à tecnologia de transmissão em cores e que queriam proporcionar essa satisfação à população local no horário mais conveniente. A FIFA aceitou os argumentos, e isso foi considerado um fator decisivo para a definição de um dos finalistas – justamente a Argentina.<sup>131</sup>

O estádio estava lotado com quase 72 mil espectadores e eles fizeram um show de papéis picados no momento da entrada da Argentina no gramado.<sup>132</sup> A partida foi bastante difícil, disputada e violenta. A Argentina partiu para o ataque, empurrado pela torcida, desde o início, contudo foi a Hungria que abriu o placar aos nove minutos, com Csapó. Felizmente para os argentinos, o empate ocorreu apenas cinco minutos depois por intermédio de Luque. Os donos da casa passaram o restante do primeiro tempo pressionando seu adversário, mas sem sucesso. O cenário não se alterou na etapa complementar. A Hungria bem postada na defesa e pressionada pela Argentina. O placar só voltou a se alterar aos 38 minutos do segundo tempo, Bertoni, que havia entrado dezesseis minutos antes, marcou o gol da vitória dos donos da casa.<sup>133</sup> Para a Folha de São Paulo: “Argentina supera os nervos e a violência”.<sup>134</sup>

Pelé, escrevendo uma coluna para o Clarín, percebeu que os argentinos foram recebidos de forma calorosa por sua torcida, contudo se mostraram nervosos no começo do confronto. Com o decorrer do jogo se acalmaram e mostraram um elemento, que segundo ele, diferenciava a atual equipe de suas antecessoras, o espírito de luta (incomum nas equipes sul-americanas) aliado à habilidade. Finalizou sua análise sobre a albiceleste afirmando que eles possuem boas individualidades, com destaque para Passarella, e uma garra e temperamento capaz de tirá-los de situações difíceis.<sup>135</sup>

<sup>131</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 360. O autor, ao tratar de um dos finalistas, faz alusão à partida entre Argentina e Peru que será discutida posteriormente.

<sup>132</sup> Escalação da Seleção Argentina: Fillol, Galván, Olguin, Passarella, Tarantini, Ardiles, Gallego, Valencia (Alonso), Houseman (Bertoni), Kempes e Luqué. Escalação da Seleção Húngara: Gujdár, Török (Martos), Kocsis, Toth, Kereki, Zombori, Nyilasi, Pintér, Csapó, Nagy e Töröcsik. Foram expulsos dois jogadores da Hungria: Nyilasi e Töröcsik. O árbitro da partida foi o português Antônio Guarrido.

<sup>133</sup> Os gols da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. PEREIRA, Marco Antonio. “Argentina 2X1 Hungria – Copa 1978”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jueL13f1O3s>. Acessado em: 7 de outubro de 2017.

<sup>134</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 3 de junho de 1978, p. 26.

<sup>135</sup> CLARIN, 3 de junho de 1978, p. 6.

Na segunda rodada, dia 6 de junho, os italianos venceram os húngaros por 3X1 e ficaram aguardando o resultado entre argentinos e franceses para garantirem sua classificação antecipada para a próxima etapa, para isso, bastava que os argentinos vencessem ou empatassem o jogo. Mais de 71 mil torcedores lotaram novamente o Monumental de Núñez. A partida teve início às 19h15.<sup>136</sup> A França era uma seleção forte e precisava de um bom resultado para manter as esperanças de classificação. A Argentina também obteria a classificação antecipada se vencesse seu adversário. Alfio Basile preparou um relatório sobre os franceses para Menotti destacando as fraquezas defensivas que ele havia notado no rival.

A partida foi mais uma vez extremamente disputada e difícil, as duas seleções apresentaram um futebol ofensivo e foram criadas muitas chances de gols para os dois lados. Apesar disso, o primeiro tempo se encaminhava para o 0X0 quando, aos 45 minutos, Trésor, zagueiro francês, ao disputar a jogada com o atacante argentino, caiu e a bola bateu em sua mão dentro da área, o juiz assinalou pênalti, marcação muito contestada pelos franceses. Passarella converteu a cobrança, abrindo o placar para os donos da casa.

As duas equipes voltaram do intervalo com a mesma disposição apresentada na etapa inicial e o jogo continuou oferecendo jogadas de grande emoção. Os argentinos apresentaram um leve domínio e tiveram duas chances claras de ampliar o placar, contudo isso não abalou os franceses que, aos 17 minutos, por intermédio do jovem e talentoso Michel Platini, aproveitando o rebote da bola no travessão, empatou o jogo. Os argentinos sentiram o gol e aos 25 minutos a França perdeu a chance de liderar o placar, Lacombe recebeu excelente passe, driblou Passarella<sup>137</sup> e na saída de Fillol<sup>138</sup> tocou para fora, em meio ao silêncio de todo o estádio.

---

<sup>136</sup> Escalação da Seleção Argentina: Fillol, Galván, Olguin, Passarella, Tarantini, Ardiles, Gallego, Valencia (Alonso e Ortiz), Houseman, Kempes e Luque. Escalação da Seleção Francesa: Bertrand-Demanès (Baratelli), Battiston, Bossis, López, Trésor, Bathenay, Michel, Platini, Lacombe, Rocheteau e Six. O árbitro da partida foi o suíço Jean Dubach. Ressalta-se que Valencia foi substituído por Alonso aos 18 minutos da etapa complementar, contudo, nove minutos depois, Alonso teve uma distensão muscular na perna direita e foi substituído por Ortiz.

<sup>137</sup> Daniel Alberto Passarella (Chacabuco, 25 de maio de 1953). É considerado o maior zagueiro da história do futebol argentino. Além de vigoroso e técnico era dotado de grande espírito de liderança fato que lhe rendeu o apelido de “El Kaiser” e “El Gran Capitán”. Era ótimo no cabeceio, apesar de ser um jogador baixo para sua posição, tinha apenas 1.76 m, ele compensava a baixa estatura com excelente senso de colocação e uma grande impulsão. Passarella também era veloz, cobrava faltas muito bem, era ótimo no desarme e realizava lançamentos longos precisos para contra-ataques. Iniciou a carreira profissional em 1971 pelo Club Atlético Sarmiento, de Junín. Em 1974 transferiu-se para o River Plate, equipe que defendeu em 226 partidas marcando 90 gols e conquistou sete títulos nacionais. Foi jogar na Europa em 1982, pela Fiorentina e em 1986 defendeu por duas temporadas a

Após o susto, os argentinos voltaram a equilibrar o jogo. Aos 28 minutos, Luque recebeu a bola de Ardiles, próximo da entrada da área, e acertou um violento chute de rara felicidade que venceu o goleiro francês. A França ainda teve algumas oportunidades de empatar a partida nos últimos 15 minutos, mas não teve êxito.<sup>139</sup> A Argentina venceu e se classificou, juntamente com a Itália, para a próxima etapa do Mundial.

A partida entre França e Hungria, na última rodada do grupo, era apenas para “cumprir tabela”, afinal as duas seleções já estavam eliminadas do Mundial. Ela foi disputada no dia 10 de junho em Mar del Plata, no Estádio José María Minella e terminou com a vitória francesa por 3X1.

O outro jogo da chave foi disputado às 19h15, no Monumental de Núñez, para mais de 71 mil espectadores. Ele definiria a primeira e segunda colocação do grupo.<sup>140</sup> Os italianos garantiriam a liderança com um simples empate, pois tinham um gol de saldo a mais que os argentinos. Conseguir a primeira colocação no grupo manteria a Argentina atuando em Buenos Aires, o segundo colocado, por sua vez, teria que jogar a próxima fase na cidade de Rosário.

Internazionale de Milão. Retornou ao River Plate em 1988 e encerrou a carreira no ano seguinte. Atuou entre 1974 e 1986 pela Seleção Argentina. Realizou pela albiceleste 70 partidas e marcou 22 gols. Foi convocado para as Copas de 1978, 1982 e 1986. É o único jogador do país bicampeão do mundo. Após encerrar a carreira em 1989 tornou-se técnico, inclusive dirigiu a Seleção de seu país entre 1994 e 1998. Enfrentou o Brasil em 6 oportunidades: 3 empates e 3 derrotas, marcou um gol.

<sup>138</sup> Ubaldo Matildo Fillol (San Miguel del Monte, 21 de julho de 1950). “El Pato”, como também era chamado, é considerado um dos maiores goleiros da história do futebol mundial. Goleiro muito ágil e de grande elasticidade, também jogava muito bem com os pés. Exímio defensor de pênaltis. Começou sua carreira em 1969 no Quilmes. Defendeu entre 1971 e 1974 o Racing. Entre 1974 e 1983 jogou pelo River Plate, equipe que lhe deu projeção nacional e os títulos nacionais de 1975, 1977, 1979 e 1981. Atuou uma temporada, 1983, pelo Argentino Juniors e veio para o futebol brasileiro, para o Flamengo, equipe que defendeu entre 1984 e 1985. Pela equipe carioca o atleta conquistou a Taça Guanabara de 1984 e a Taça Rio de 1985, contudo o título estadual nos dois anos foi vencido pelo Fluminense. Ainda em 1985 transferiu-se para o Atlético de Madrid equipe que jogou em duas temporadas e ganhou a Supercopa da Espanha de 1985. Retornou para o Racing em 1987 e venceu, no ano seguinte, a Supercopa Sul-Americana. Atuou ainda pelo Vélez Sarsfield entre 1989 e 1990, ano em que encerrou a carreira aos 40 anos. Defendeu a Seleção da Argentina em 58 partidas entre 1974 e 1985. Jogou três Copas do Mundo (1974, 1978 e 1982). Jogou as eliminatórias para o Mundial de 1986, mas não foi convocado para jogar a Copa. Enfrentou o Brasil 7 vezes: 1 vitória, 4 empates e 2 derrotas. Sofreu seis gols nestas partidas.

<sup>139</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. NORA, Felipe. “Copa 1978 – Argentina 2X1 França”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9wFN35Zpyhc>. Acessado em: 7 de outubro de 2017.

<sup>140</sup> Escalação da Seleção Argentina: Fillol, Galván, Olguin, Passarella, Tarantini, Ardiles, Gallego, Valencia, Bertoni, Kempes e Ortiz (Houseman). Escalação da Seleção Italiana: Zoff, Cabrini, Gentile, Scirea, Bellugi (Cuccureddu), Antognoni (Zaccarelli), Benetti, Tardelli, Causio, Bettega e Paolo Rossi. O árbitro da partida foi o israelense Abraham Klein.

A Argentina fez sua melhor apresentação na primeira fase do Mundial, mesmo assim não foi o suficiente para derrotar os italianos. Foram criadas muitas jogadas de perigo no primeiro tempo, mas Zoff e Fillol não foram vazados. Para a Folha de São Paulo, os argentinos, mesmo mostrando calma, estavam abalados com a morte do irmão do artilheiro Luque que, em virtude de uma luxação no cotovelo direito ocorrida na partida contra a França, não atuou contra os italianos.<sup>141</sup>

O único gol da partida foi marcado aos 23 minutos do segundo tempo por intermédio de Bettega. O atleta italiano tabelou com Paolo Rossi, ganhou de Passarella e chutou forte, rasteiro, no canto esquerdo de Fillol.<sup>142</sup> Os italianos jogariam a próxima etapa no Grupo 1, em Buenos Aires e os argentinos, no Grupo 2, se deslocaram para Rosário.

Havia expectativa na imprensa argentina em relação à estreia dos tricampeões mundiais, o discurso era respeitoso e simultaneamente desconfiado em relação aos valores que o Brasil contava naquele momento. As comparações com as gerações anteriores, especialmente a de 1970, eram inevitáveis.

A mera presença dos tricampeões evita maiores considerações prévias. Seu futebol – como de costume – se apresenta sozinho. Sobra-lhe tradição, experiência e talento. Porém, disto tampouco nos restam dúvidas, o Brasil que entrará em campo não é o mesmo de antes. Pelo menos não é aquele de Pelé, de Tostão, de Garrincha, de Zagalo, de Zito ou de Carlos Alberto. A este Brasil de agora faltam monstros e sobram pressões desconfortáveis. Somente continua Rivelino como representante da velha guarda de honra. Do que ele será capaz de resolver dependerá bastante a sorte de sua equipe.<sup>143</sup>

O Brasil, que estava no Grupo C, fez sua estreia contra os suecos no dia 3 de junho de 1978, no Estádio José María Minella, em Mar del Plata.<sup>144</sup> O campo, em virtude das partidas já

<sup>141</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 11 de junho de 1978, p. 39 (Caderno 3).

<sup>142</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. NORA, Felipe. “Copa 1978 – Itália 1X0 Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1SLLNdyxyBU>. Acessado em: 7 de outubro de 2017.

<sup>143</sup> CLARIN, 3 de junho de 1978, p. 20 (Clarín Mundial).

<sup>144</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Leão, Toninho, Oscar, Amaral, Edinho, Toninho Cerezo (Dirceu), Batista, Rivelino, Zico, Gil (Nelinho) e Reinaldo. Escalação da Seleção Sueca: Hellstrom, Borg, Roy Andersson, Erlandsson, Nordovist, Lennart Larsson (Edstrom), Sjöberg, Tapper, Linderoth, Bo Larsson e Wendt. O árbitro da partida foi o galês Clive Thomas.

disputadas no local e do gramado ter sido colocado pouco antes do início do torneio, estava bastante ruim. Placas de grama se soltavam constantemente. A Seleção Brasileira começou mal, desentrosada, sem levar perigo ao adversário. Aos 37 minutos da primeira etapa, Sjöberg, marcou para a Suécia e apenas quatro minutos depois teve a chance de praticamente definir o jogo em uma cabeçada que estourou no travessão de Leão.<sup>145</sup> A partida se encaminhava para o final do primeiro tempo, quando Reinaldo, aos 45 minutos, marcou o gol de empate para o Brasil.

Mesmo não jogando bem no segundo tempo, a Seleção Brasileira poderia ter alcançado a vitória se não fosse vítima de um dos lances mais bizarros de todos os Mundiais. Nos descontos, o Brasil teve um escanteio ao seu favor. Nelinho cruzou na cabeça de Zico que jogou para as redes do adversário. Contudo, o árbitro galês, não se sabe o motivo, apitou o final do jogo enquanto a bola fazia sua trajetória no ar. Com isso, o confronto terminou empatado em 1X1.<sup>146</sup> A FIFA, suspendeu o árbitro do Mundial insatisfeita com sua atuação. Na outra partida do grupo, a Áustria derrotou a Espanha por 2X1.

Fazendo uma brincadeira com a bandeira brasileira, o El Gráfico no título de sua reportagem em que analisou a estreia brasileira afirmou: “O Brasil não teve nem ordem nem

---

<sup>145</sup> Emerson Leão (Ribeirão Preto-SP, 11 de julho de 1949). Leão foi um dos maiores goleiros brasileiros de todos os tempos. Atleta que se colocava bem, tinha reflexos apurados e era muito seguro. Também era um dos principais líderes em todas as equipes que defendeu em virtude de sua forte personalidade. Sua carreira profissional iniciou-se no Comercial de Ribeirão Preto, equipe que defendeu entre 1966 e 1967. Defendeu o São José entre 1967 e 1968. Ainda em 1968 transferiu-se para a equipe que lhe projetou, o Palmeiras. Permaneceu no Parque Antártica até 1978 quando quando foi jogar no Vasco da Gama. Em 1981 passou a defender o Grêmio. Em 1983 jogou no Corinthians, mas teve vários problemas na equipe do Parque São Jorge que vivia, naquele momento, a “Democracia Corinthiana”. No ano seguinte retornou para o Palmeiras e em 1987 foi atuar pelo Sport de Recife quando encerrou a carreira. Atuou 105 vezes pelo Brasil entre 1970 e 1986. Jogou quatro Copas do Mundo (1970, 1974, 1978 e 1986) e foi titular em duas delas (1974 e 1978). Após parar de jogar tornou-se técnico de futebol. Chegou a dirigir a Seleção Brasileira entre 2000 e 2001. Conquistou inúmeros títulos pelos clubes que defendeu. Pelo Palmeiras foram 3 Campeonatos Brasileiros (1969, 1972 e 1973) e 3 Campeonatos Paulistas (1972, 1974 e 1976). Pelo Grêmio voltou a vencer o Brasileiro em 1981, além do Gaúcho de 1980. Pelo Corinthians foi campeão paulista de 1983. Pela Seleção Brasileira venceu a Copa Roca em 1971 e em 1976, a Taça Independência em 1972, o Torneio Bicentenário da Independência dos Estados Unidos em 1976, a Taça Atlântico em 1976, a Taça Oswaldo Cruz em 1976 e fez parte do plantel que ganhou a Copa do Mundo de 1970. Leão jogou 7 vezes contra os argentinos: 3 vitórias, 3 empates e 1 derrota. Sofreu 6 gols nestas partidas.

<sup>146</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. PEREIRA, Marco Antonio. “Brasil 1X1 Suécia Copa do Mundo 1978”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GyQhtEAAeNE>. Acessado em: 7 de outubro de 2017. Neste filme é possível ouvir o apito final do juiz momentos antes da bola ser cabeçada por Zico.

progresso”<sup>147</sup> e na continuidade da matéria ressaltou que o Brasil foi “vulnerável na defesa e débil no ataque”<sup>148</sup>.

Para o jornalista argentino Antonio Turrís, a equipe comandada por Cláudio Coutinho passou, em sua primeira partida, uma imagem muito pobre, muito longe do futebol que, não muito distante temporalmente, era considerado o melhor do mundo. Segundo ele, a Suécia não venceu a partida em virtude de não ter sido mais atrevida.<sup>149</sup> Para os jornalistas argentinos, o futebol apresentado pelos brasileiros na partida de estreia, sem criatividade e habilidade, estava muito distante daquele que levou o país a conquistar três Copas do Mundo e frustrou os aproximadamente 10 mil brasileiros que foram ao estádio torcer pelo seu país.<sup>150</sup> “O Brasil tem a dinâmica, mas lhe falta os talentos”<sup>151</sup>.

Na segunda rodada, disputada no dia 7 de junho, o Brasil enfrentou a Espanha e a Áustria a Suécia. Os austríacos garantiram a classificação ao vencerem os suecos por 1X0. Novamente em Mar del Plata, para 34.771 espectadores, às 13h45, brasileiros e espanhóis iniciaram o jogo em um gramado que se encontrava ainda em piores condições do que na rodada inicial.<sup>152</sup>

O Brasil voltou a atuar mal contra a Espanha. O jogo foi equilibrado, com bola na trave das duas equipes, Olmo acertou o travessão brasileiro, no primeiro tempo, enquanto Oscar, zagueiro brasileiro, cabeceou a bola na trave esquerda do goleiro espanhol. Contudo, o Brasil só não deixou o campo derrotado porque o atacante Cardenosa desperdiçou duas oportunidades consecutivas sob a baliza brasileira, finalizando-as nos pés do zagueiro Amaral. O placar da

---

<sup>147</sup> EL GRÁFICO, 6 de junho de 1978, p. 38-39.

<sup>148</sup> Idem, ibidem, p. 38.

<sup>149</sup> LA NACION, 4 de junho de 1978, p. 2 (Seção 2).

<sup>150</sup> Idem, ibidem, p. 3 (Seção 2).

<sup>151</sup> CLARIN, 4 de junho de 1978, p. 15 (Clarín Mundial).

<sup>152</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Leão, Toninho, Oscar, Amaral, Edinho, Toninho Cerezo, Batista, Zico (Gil), Nelinho (Jorge Mendonça), Reinaldo e Dirceu. Escalação da Seleção Espanhola: Angel, Pérez, Migueli (Biosca), Olmo, Uria (Guzmán), San José, J. Manuel Asensi, Leal, Juanito, Santillana e Cardenosa. O árbitro da partida foi o italiano Sergio Gonella.

partida não se alterou.<sup>153</sup> Na rodada final, o Brasil, para se classificar, sem depender do resultado de Suécia e Espanha precisaria vencer a Áustria.

O clima na concentração brasileira ficou muito ruim após o jogo contra a Espanha. Correram boatos de que Cláudio Coutinho seria demitido imediatamente do cargo. O *La Nacion* chegou mesmo a anunciar a destituição de Coutinho e que o Almirante Heleno Nunes, presidente da CBD, assumiria a comando da Seleção auxiliado por um grupo de jogadores.<sup>154</sup> O jovem técnico brasileiro permaneceu no cargo.

Para a imprensa argentina o jogo contra os espanhóis foi fraco, monótono, sem ambição e com poucas chances de gols. “Emoções sim, porém foram tão poucas, que na hora de efetuar um balanço, não é preciso recorrer aos apontamentos para recordá-las”.<sup>155</sup> Ou ainda, “Foi como um filme de terror”, assim o jornalista Juan C. Lorenzo escreveu sua crônica. Helenio Herrera afirmou que o Brasil parecia “uma equipe de segunda”.<sup>156</sup> Mais uma vez, a imprensa ressaltou a falta de organização, criatividade, habilidade e ofensividade da Seleção Brasileira. Uma pálida lembrança de tempos idos muito bem sintetizada pelo genial jogador argentino Alfredo Di Stefano. “O Brasil era favorito, porém não deu esse tom de grande categoria que teve outras seleções. Só foi perigoso por seu nome e por ter conseguido três títulos”.<sup>157</sup> Para ele, ninguém, nem a mais pessimista das pessoas acreditariam que o Brasil jogaria tão mal a ponto da Espanha, especialmente nos últimos quinze minutos, levar tanto perigo ao gol brasileiro.

A última rodada foi disputada no dia 11 de junho. O Brasil se classificaria se vencesse a Áustria ou, em caso de empate, se a Suécia e a Espanha também empatassem. As partidas, como todas as anteriores do grupo, ocorreram simultaneamente. Em Buenos Aires, no Estádio José Amalfitani, a Espanha derrotou por 1X0 a Suécia.

---

<sup>153</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. PEREIRA, Marco Antonio. “Brasil 0X0 Espanha Copa do Mundo 1978”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v1QVnfvnpT0>. Acessado em: 8 de outubro de 2017.

<sup>154</sup> LA NACION, 8 de junho de 1978, p. 4 (Seção 2).

<sup>155</sup> Idem, ibidem, p. 4.

<sup>156</sup> CLARIN, 8 de junho de 1978, p. 10 (Clarín Mundial).

<sup>157</sup> Idem, ibidem, p. 11.

Cláudio Coutinho, para a partida decisiva, resolveu (ou foi obrigado por ordem do almirante Heleno Nunes) substituir Edinho, Zico e Reinaldo por Rodrigues Neto, Jorge Mendonça e Roberto Dinamite.<sup>158</sup> O jogo foi disputado, mais uma vez, no Estádio José Maria Minella, em Mar del Plata.<sup>159</sup>

O Brasil mostrou um futebol ligeiramente melhor, embora ainda bastante distante do futebol vistoso e envolvente que conquistou a admiração mundial e, em particular, dos argentinos. “No futebol houve pouca melhoria”, afirmou Jorge Ruprecht para o Clarín.<sup>160</sup> É comum, nos relatos das partidas, os jornalistas do citado país fazerem afirmações saudosistas e mesmo frustradas em relação ao futebol brasileiro apresentado na Copa do Mundo. Retornando a partida, o Brasil, precisando da vitória, foi uma equipe um pouco mais ofensiva desde o início do jogo e acabou vencendo com um gol de Roberto Dinamite, aos 40 minutos do primeiro tempo. Em uma jogada rápida, Gil cruzou da direita para o lado esquerdo da área brasileira, lá estava Roberto que dominou a jogada e chutou forte para vencer o arqueiro adversário.<sup>161</sup> Com a vitória, Brasil e Áustria terminaram empatadas em número de pontos e saldo de gols e foi necessário uma reunião da FIFA no dia 12 de junho para decidir se o critério de desempate seria o número de gols feitos, o que colocaria a Áustria em primeiro lugar do grupo (o que de fato ocorreu) ou se as colocações seriam definidas por sorteio.<sup>162</sup>

Com a vitória, a torcida brasileira, seja em Mar del Plata, seja por todo o Brasil, se encheu novamente de esperança. Já para a imprensa argentina, o Brasil “ganhou da Áustria e

---

<sup>158</sup> Marcos Guterman afirma que o almirante Heleno Nunes resolveu intervir na Seleção. “Mandou que Coutinho escalasse Jorge Mendonça (Palmeiras) e Roberto Dinamite (Vasco da Gama) e fizesse o time atacar. Mandou também tirar o zagueiro Edinho (Fluminense), que vinha jogando improvisado na lateral esquerda, substituindo-o por Rodrigues Neto (Botafogo). Cf. GUTERMAN, Marcos. op. cit., p. 197. As notícias da intervenção do presidente da CBD foram vastamente divulgadas nos meios de comunicação brasileiros e argentinos.

<sup>159</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Leão, Toninho, Oscar, Amaral, Rodrigues Neto, Toninho Cerezo (Chicão), Batista, Gil, Jorge Mendonça (Zico), Roberto Dinamite e Dirceu. Escalação da Seleção Austríaca: Koncilia, Sara, Obermayer, Pezzey, Breitenberger, Prohaska, Hickersberger (Weber), Krieger (Happich), Jará, Kreuz e Krankl. O árbitro da partida foi o francês Robert Wurtz.

<sup>160</sup> CLARIN, 12 de junho de 1978, p. 9 (Clarín Mundial).

<sup>161</sup> O gol da partida pode ser assistido em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOSDOBASIL. “Copa 1978: Brasil 1X0 Áustria”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XxNFTlocrIQ>. Acessado em: 8 de outubro de 2017.

<sup>162</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 12 de junho de 1978, p. 1. Curiosamente, o Brasil gostaria de ficar em segundo lugar por entender que a chave que iria jogar na próxima etapa seria mais fácil do que se ficasse na primeira colocação.

segue na Copa ainda que sua equipe não apareça”.<sup>163</sup> Silvio Marzolini, em coluna para o El Gráfico, afirmou que apesar de classificado, não via um futuro muito promissor para o Brasil no restante da competição, para o jornalista a seleção precisava modificar o seu esquema tático assim como alguns jogadores. Ressaltou que a equipe não contava com individualidades importantes, capazes de desequilibrar uma partida, exceto por Rivelino e Zico.<sup>164</sup>

Rivelino, que não jogou contra a Áustria em virtude de uma contusão, foi questionado em relação ao futebol apresentado pelo Brasil e ele afirmou que o futebol no mundo estava mudando, os espaços eram menores e era preciso tocar de primeira, rapidamente, com constantes deslocamentos para abrir as defesas adversárias. O respeito e saudosismo dos argentinos em relação à Seleção Brasileira ficou claro quando o jornalista afirmou como era distinto o Brasil de hoje daquele de 1970. Rivelino respondeu:

Claro! Como não iria ser distinto? Hoje dou fé que nunca mais conseguiremos reunir em uma equipe gente de talento de um Pelé, um Gérson, Tostão e tantos outros. Esses eram craques e se acabaram.<sup>165</sup>

Para o La Nacion, o Brasil teve mais virtudes que a Áustria, o resultado foi justo, afinal foi uma equipe mais decidida e que lutou desde o primeiro minuto pelo triunfo, enquanto seu adversário foi pouco agressivo e mostrou muito respeito pelos brasileiros. A “escassa predisposição para a luta que mostrou a equipe austríaca foi um importante aliado para o Brasil”.<sup>166</sup>

O periódico também ressaltou a esperança de que o Brasil, a partir de agora, mostrasse um futebol de melhor qualidade:

Sem dúvida, com essa vitória do Brasil renasceu uma esperança, a esperança de que esse futebol medroso, sem nenhuma luz, troque definitivamente de rumo. E o de ontem, se não conseguiu dissipar todas as sombras, não se pode negar que foi um verdadeiro sintoma de recuperação.<sup>167</sup>

<sup>163</sup> EL GRÁFICO, 13 de junho de 1978, p. 93.

<sup>164</sup> Idem, ibidem, p. 95.

<sup>165</sup> Idem, ibidem, p. 97.

<sup>166</sup> LA NACION, 12 de junho de 1978, p. 2 (Seção 2).

<sup>167</sup> Idem, ibidem, p. 2.

Opinião semelhante era compartilhada por Di Stefano em sua coluna para o Clarín. Para ele, a vitória do Brasil, que não apresentou um futebol empolgante e de efetiva qualidade contra a Áustria, poderia ter sido bem mais tranquila se não fosse o péssimo estado do gramado. A classificação, sem dúvida alguma, deu uma nova “moral” para a equipe brasileira que poderia se tornar, na próxima etapa, em rival perigoso para qualquer outra seleção.<sup>168</sup>

As equipes classificadas para a segunda fase do Mundial foram: Grupo A – Itália e Argentina; Grupo B – Polônia e Alemanha; Grupo C: Áustria e Brasil e Grupo D – Peru e Holanda. As oito equipes foram divididas em dois grupos com quatro seleções. O Grupo 1, considerado o mais difícil, foi composto por: Alemanha, Áustria, Holanda e Itália. Os jogos foram realizados em Buenos Aires e Córdoba. O componentes do Grupo 2 foram: Argentina, Brasil, Peru e Polônia. As partidas ocorreram em Rosário e Mendoza.<sup>169</sup> Assim como ocorreu na primeira fase, todos os jogos de cada grupo em suas respectivas rodadas seriam disputados no mesmo horário, exceto os da Argentina, os donos da casa sempre realizariam a partida de encerramento, obtendo com isso a vantagem de saber o resultado de seus adversários.<sup>170</sup>

Apesar do Grupo 1 ser considerado o mais difícil, ele acabou tendo um grau de dramaticidade muito inferior ao do Grupo 2. A Holanda arrasou no seu primeiro jogo a Áustria, por 5X1, enquanto a Alemanha e Itália empataram por 0X0. Na segunda rodada, os finalistas da Copa de 74 empataram em 2X2 e a Itália derrotou a Áustria por 1X0. Com isso, o vencedor do jogo entre Holanda e Itália disputaria a grande final. A Alemanha, por sua vez, teria que vencer, com pelo menos 5 gols de diferença, os austríacos, o que não ocorreu, pois foi derrotada por 3X2, e ainda torcer por um empate entre Holanda e Itália, para se classificar pelo critério do saldo de gols. Os holandeses classificaram-se para disputar sua segunda final de Copa do Mundo consecutiva ao derrotarem os italianos por 2X1.

---

<sup>168</sup> CLARIN, 12 de junho de 1978, p. 11 (Clarín Mundial).

<sup>169</sup> As três equipes sul-americanas que começaram o Mundial se classificaram para a fase seguinte e se enfrentaram no mesmo grupo o que impediu uma final sul-americana, o que foi lamentado por Menotti.

<sup>170</sup> As rodadas duplas do Grupo 1 foram assim definidas: dia 14, às 13h45; dia 18, às 16h45 e dia 21, às 13h45. Já as partidas do Grupo 2 foram disputadas no mesmo dia, mas em horários distintos, cabendo a Argentina realizar as partidas das 19h15.

O Grupo 2 iniciou-se com o confronto sul-americano entre Brasil e Peru. A partida foi disputada em Mendoza, no dia 14 de junho de 1978, às 16h45. A partida contou com mais de 31 mil pagantes. O Brasil entrou em campo com a mesma equipe que havia se classificado três dias antes contra a Áustria.<sup>171</sup> Coincidência ou não, com o gramado melhor, o Brasil também apresentou um futebol de maior qualidade e venceu, sem maiores dificuldades, o seu adversário pelo placar de 3X0, com dois gols de Dirceu<sup>172</sup> no primeiro tempo, o primeiro em uma cobrança perfeita de falta e o segundo em um chute forte de fora da área, e um de Zico, de pênalti cometido sobre Roberto Dinamite, na etapa final.<sup>173</sup>

Para o Clarín, a vitória do Brasil foi muito mais fruto das falhas do seu adversário do que de seus próprios méritos. Além disso, ainda para o citado periódico, a camisa e a tradição do futebol brasileiro também pesaram para o resultado. Alberto Fernández intitulou sua crônica como: “O peso de um nome histórico”.<sup>174</sup> Contudo, outro cronista, do mesmo periódico, afirmava que o Brasil reencontrou seu bom futebol e, em um bom gramado, era um adversário muito difícil de ser derrotado.

---

<sup>171</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Leão, Toninho, Oscar, Amaral, Rodrigues Neto, Toninho Cerezo (Chicão), Batista, Gil (Zico), Jorge Mendonça, Roberto Dinamite e Dirceu. Escalação da Seleção Peruana: Quiroga, Duarte, Manzo, Chumpitaz, Díaz (Navarro), Valásquez, Cueto, Muñante, Cubillas, La Rosa e Oblitas (Percy Rojas). O árbitro da partida foi o romeno Nicolae Rainea.

<sup>172</sup> Dirceu José Guimarães (Curitiba, 15 de junho de 1952 – Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1995). Dirceuzinho, como era conhecido, foi um dos principais jogadores da Seleção Brasileira nas décadas de 1970 e 1980, com três Copas do Mundo e uma Olimpíada no currículo. Jogador canhoto, hábil, veloz, versátil e de grande senso coletivo. Em virtude do seu preparo físico invejável, corria por todo o campo durante o jogo, fechando os espaços, perseguindo os adversários e colocando velocidade nas jogadas. Sua disposição, técnica e habilidade lhe renderam o apelido de “formiguinha”. Começou profissionalmente em 1970 no Coritiba. Em 1973 foi atuar no futebol carioca, pelo Botafogo, em 1976 defendeu o Fluminense e no ano seguinte foi comprado pelo Vasco da Gama. A partir daí partiu para seu périplo estrangeiro. Jogou a temporada 1978-1979 no América do México e depois foi para o futebol europeu. Defendeu o Atlético de Madrid entre 1979 e 1982. Entre 1982 e 1987 atuou no futebol italiano, cada temporada por um clube (Verona, Napoli, Ascoli, Como e Avellino), em 1988 teve uma rápida passagem pelo Vasco da Gama antes de defender, em 1989 o Miami Sharks dos Estados Unidos. Retornou ainda em 1989 para o futebol italiano, jogou pelo Empoli (1989-1990 e 1992, Bologna (1990-1991) e Ancara (1993-1994). Por fim, tinha contrato com o Yucatán, do México, em 1995, quando faleceu em um acidente automobilístico no Rio de Janeiro. Defendeu o Brasil em 33 partidas entre 1973 e 1986. Marcou 7 gols. Participou de 3 Copas do Mundo (1974, 1978 e 1982). Fazia parte do grupo que jogaria a Copa de 1986, mas contundiu-se dias antes do embarque para o México, após um choque, em um treino, com o goleiro Paulo Víctor. Enfrentou a Argentina em 2 oportunidades, ambas em Copas do Mundo: 1 vitória e 1 empate.

<sup>173</sup> Os gols da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOSDOBASIL. “Copa 1978 - Brasil 3X0 Peru”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RX6ut2Vnn18>. Acessado em: 9 de outubro de 2017.

<sup>174</sup> CLARÍN, 15 de junho de 1978, p. 21 (Clarín Mundial).

Eu vi um Brasil ressuscitado. Nenhuma comparação com as partidas da primeira fase. Jogando em um bom gramado, voltamos a admirar o grande jogo brasileiro.

Os passes chegaram outra vez a perfeição. Os jogadores se encontraram “de memória”. E, finalmente, reapareceram os disparos, sobretudo, os realizados pelos meio-campista.<sup>175</sup>

Às 19h15, mais de 37 mil torcedores se espremeram no Gigante de Arroyito, em Rosário, para torcer pela Argentina contra a Polônia.<sup>176</sup> O dono da partida foi Mario Kempes,<sup>177</sup> que marcou seus dois primeiros gols no Mundial. O primeiro deles foi marcado de cabeça aos 16 minutos, ao se antecipar ao zagueiro, após cruzamento, pela esquerda de Bertoni. Aos 21 minutos o atacante argentino evitou, com a mão, gol certo dos poloneses. Pênalti assinalado pelo árbitro. A chance da Polônia empatar o jogo. Deyna, que realizava sua 100ª partida pela Seleção foi designado para a cobrança. A batida rasteira, sem muita força, no meio do gol, foi defendida por Fillol.

---

<sup>175</sup> Idem, *ibidem*, p. 21.

<sup>176</sup> Escalação da Seleção Argentina: Fillol, Galván, Olguin, Passarella, Tarantini, Ardiles, Gallego, Valencia (Villa), Bertoni, Houseman (Ortiz) e Kempes. Escalação da Seleção Polonesa: Tomaszewski, Maculewicz, Szymanowski, Zmuda, Nawalka, Kasperczak, Masztaler (Mazur), Deyna, Lato, Szarmach e Boniek. O árbitro da partida foi o sueco Ulf Eriksson.

<sup>177</sup> Mario Alberto Kempes (Bell Ville – Província de Córdoba, 15 de julho de 1954). Um dos maiores jogadores da história do futebol argentino e considerado o grande condutor da Seleção de seu país no título mundial de 1978. Jogador habilidoso e valente. Foi apelidado por sua vontade e força de “El Toro” e por seus gols de “El Matador”. Tinha o estereótipo clássico do jogador argentino na Copa de 1978, cabelos compridos, um jeito displicente de caminhar acentuado por sua forma de jogar com as meias abaixadas. Era um jogador polivalente e se adequava as várias posições de ataque de acordo com as necessidades táticas de sua equipe, atuando como ponta-de-lança, ponta-esquerda e centroavante. Começou sua carreira em 1970 no Instituto de Córdoba e sua estreia profissional se deu em 1973 quando marcou 13 gols em 11 partidas e ficou, aos 19 anos, em terceiro lugar na artilharia do campeonato argentino. Em 1974 se transferiu para uma das equipes que marcaria sua carreira, o Rosário Central. Defendeu a equipe por dois anos, foram 107 jogos e 85 gols marcados. Em 1977 foi jogar no futebol espanhol, pelo Valência, demonstrando mais uma vez seu faro para a artilharia. Foram 95 gols em 142 partidas e conquistou a artilharia do campeonato espanhol em duas temporadas (1976/1977 e 1977/1978). A temporada 1979-1980 reservou dois títulos para ele no Valência: a Copa do Rei e a Recopa Europeia. Venceu ainda Superpoca da Europa 1980. Retornou para a Argentina para defender o River Plate na temporada 1981/1982, conquistando o campeonato argentino. Regressou, ainda em 1982 ao Valência equipe que defendeu até 1984 quando foi atuar pelo Hércules. Já no ocaso da carreira passou a defender clubes de menor expressão no futebol austríaco como o First Viena (1986/1987), o St. Pölten (1987/1990) e o Kremser (1990/1992). Se despediu do futebol por três anos, contudo em 1995 resolveu retornar pelo pequeno Fernández Vial, da segunda divisão do campeonato chileno e em 1996 foi contratado para ser jogador e treinador no futebol da Indonésia pelo Pelita Jaya, mas não chegou a atuar em jogos oficiais. Seguiu com a carreira de técnico até 2001 quando treinou o Independiente Petrolero, da Bolívia. Defendeu a Seleção Argentina entre 1973 e 1982. Foram 42 jogos e 20 gols marcados. Participou de três Copas do Mundo (1974, 1978 e 1982). Foi o artilheiro da Copa de 1978, com 6 gols e eleito o melhor jogador do Mundial. Não marcou em 1974 e 1982. Campeão do Mundo em 1978. Enfrentou o Brasil em 7 oportunidades: 1 empate e 6 derrotas. Marcou apenas 1 gol. É o único jogador argentino a enfrentar o Brasil em 3 Copas do Mundo (1974, 1978 e 1982). Ressalte-se que nenhum atleta brasileiro teve tal privilégio.

O segundo tempo estava equilibrado até o momento em que o goleiro polonês repôs a bola no meio de campo, ela foi dominada por Ardiles que avançou até a entrada da área adversária e tocou para Kempes que, aos 26 minutos, com um toque para a esquerda, livrou do seu marcador e bateu forte, rasteiro, para vencer Tomaszewski.<sup>178</sup> Ao final da rodada, pelo saldo de gols, o Brasil liderava seguido pela Argentina. Com isso, o próximo jogo, que colocava em confronto os dois gigantes da América do Sul, seria certamente, até aquele momento, a partida mais importante da história entre as duas seleções, afinal o vencedor estaria praticamente classificado para a grande final da Copa do Mundo de 1978. “O Peru foi mais fácil do que o Brasil esperava. Contra a Argentina, praticamente uma decisão domingo”.<sup>179</sup>

A Folha de São Paulo foi muito comedida em seus comentários sobre o futebol apresentado pela Argentina. Ressaltou que a Polônia fez uma boa partida e chegou a ter o domínio do jogo em vários momentos e que a Argentina venceu em virtude de sua garra.<sup>180</sup> Opinião semelhante foi compartilhada pelo Jornal do Brasil que afirmou que “Argentina vence com justiça e um pouco de sorte”.<sup>181</sup>

Nos dias que antecederam o clássico não faltaram provocações, dúvidas, rumores dos dois lados. Ardiles e Luque eram dúvidas na Argentina enquanto Reinaldo, Roberto Dinamite, Rivelino e Cerezo eram as incertezas do lado brasileiro. O técnico argentino, Menotti, declarado admirador do futebol brasileiro, sempre que podia provocava afirmando que a atual equipe do Brasil não era um verdadeiro representante do futebol daquele país. Chicão, volante brasileiro, ao saber que jogaria no lugar de Toninho Cerezo, respondeu: “Vou matar aqueles caras, acabo com o time deles”.<sup>182</sup> Contra a Argentina pesava uma escrita, desde 1970 não vencia a Seleção Brasileira, entretanto Menotti adotava um discurso otimista:

Sobre o Brasil, do qual a Argentina não ganha desde 1970, o técnico expressou que ambas as equipes se conhecem bem: “sabemos que possibilidades temos mutuamente, mas o Brasil não me preocupa, repito, com exceção de algumas de

<sup>178</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. PASSIÓN Argentina. “Argentina 2 - 0 Polonia Resumen Mundial 1978”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HqHUREJuIRs>. Acessado em: 9 de outubro de 2017.

<sup>179</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 15 de junho de 1978, p. 32.

<sup>180</sup> Idem, ibidem, p. 31.

<sup>181</sup> JORNAL DO BRASIL, 15 de junho de 1978, p. 27.

<sup>182</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 363.

suas individualidades”. Menotti mostrou-se sereno e otimista, da mesma forma que seus jogadores.<sup>183</sup>

O barulho feito pela torcida argentina para dificultar com que os brasileiros dormissem no hotel em que estavam concentrados demonstrou que o clima de guerra criado não ficou restrito apenas aos jogadores e comissões técnicas. O discurso presente na imprensa brasileira também reverberava tal atmosfera, o título da reportagem da Folha de São Paulo no dia da partida era intitulado: “Brasil na batalha de Rosário: Vencer a Argentina significa praticamente ir à final da Copa e é meio caminho para ganhar a guerra”<sup>184</sup> e insistia que os jogadores brasileiros não se intimidassem perante o futebol duro e até mesmo desleal praticado pelos argentinos.

Confronto difícil e perigoso para os dois lados, com a Argentina sentindo-se na obrigação de ganhar, principalmente porque joga “em casa”, perante a sua grande torcida, o que, em hipótese alguma, não poderá influir psicologicamente em cima dos jogadores brasileiros, principalmente os mais novos. Não havendo pressões de fora para dentro do campo (o que é muito normal aqui na Argentina), até que a equipe brasileira poderá atuar com maiores possibilidades, mas será obrigada a partir para o jogo duro, porque os argentinos não são de alisar. Têm um jogo pesado e, às vezes, brutal e desleal, que eles chamam “garra argentina”.

Para este tipo de jogo pesado os brasileiros precisam estar também devidamente preparados. Não podem aceitar tranquilamente para que o pior não lhes venha acontecer.<sup>185</sup>

A segunda rodada do Grupo 2 começou na tarde do dia 18 de junho de 1978 com a partida entre Peru e Polônia disputada em Mendoza. A vitória coube a seleção europeia pelo placar de 1X0, gol de Szarmach. Com o placar, o Peru não teria como avançar para a fase final enquanto a Polônia dependeria dos resultados da última rodada.

Mais tarde, às 19 horas, para um público de um pouco mais de 37 mil pagantes, dentre eles o presidente Videla, Argentina e Brasil entraram em campo no estádio Gigante de Arroyito em Rosário, também conhecido como o “Caldeirão do Diabo”.<sup>186</sup> A torcida recebeu sua

<sup>183</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 17 de junho de 1978, p. 28.

<sup>184</sup> Idem, 18 de junho de 1978, p. 42.

<sup>185</sup> Idem, ibidem, p. 42.

<sup>186</sup> Idem, ibidem, p. 1.

seleção euforicamente, fazendo jus ao apelido do local da partida. Uma chuva de papéis picados deixou o gramado repleto de papelotes.

As duas equipes, cientes que a derrota praticamente encerraria o sonho de chegar à grande final, entraram em campo prontas para disputar cada jogada, cada metro do gramado. O número de cartões amarelos dados, apenas quatro (Chicão, Edinho e Zico, pelo Brasil, e Villa, pela Argentina), não condiz com a dureza e violência do jogo. A partida entrou para a história como a “Batalha de Rosário”.<sup>187</sup>

O Brasil conseguiu, demonstrando um pouco mais de tranquilidade do que seu adversário, o domínio do meio-campo e com isso criou as melhores, ainda que raras, situações de gol ao longo do primeiro tempo. No segundo tempo, Ardiles, que não havia entrado nas condições ideais, teve que deixar o jogo e com isso a Argentina perdeu um dos seus principais articuladores no meio de campo, contudo Villa, que entrou em seu lugar, deu mais velocidade a equipe que ficou um pouco mais agressiva, ainda assim o Brasil apresentou-se superior, “mas esbarrou mais uma vez na incompetência do seu ataque para penetrar e, principalmente, para concluir com êxito”.<sup>188</sup> A partida acabou empatada em 0X0.<sup>189</sup> O grupo seria definido na rodada final quando o Brasil enfrentaria a Polônia e a Argentina o Peru.

Para o *La Nacion*, “A Argentina não teve a necessária clareza ofensiva”,<sup>190</sup> a partida foi ruim e o empate acabou sendo um resultado justo para o que as equipes apresentaram. O *La Nacion*, o *Clarín*<sup>191</sup> e a *Folha de São Paulo* concordaram que o resultado, apesar de manter o Brasil na liderança do grupo, era melhor para a Argentina que jogaria a rodada final contra o Peru, que já estava eliminado, enquanto o Brasil enfrentaria a Polônia, ainda com chances de classificação e considerada, pelo dois periódicos, uma seleção mais forte que a peruana.

---

<sup>187</sup> Escalação da Seleção Argentina: Filloi, Olguín, Galván, Passarella, Tarantini, Ardiles (Villa), Gallego, Kempes, Bertoni, Luque e Ortiz (Alonso). Escalação da Seleção Brasileira: Leão, Toninho, Oscar, Amaral, Rodrigues Neto (Edinho), Chicão, Batista, Fil, Jorge Mendonça (Zico), Roberto Dinamite e Dirceu. O árbitro da partida foi o húngaro Karoly Palotai.

<sup>188</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 19 de junho de 1978, p. 11.

<sup>189</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. INTERNAZIONALCALCIO. “1978 Mondiali, Argentina - Brasile 0-0 (32)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Rvw20lvAy8>. Acessado em: 11 de outubro de 2017.

<sup>190</sup> LA NACION, 19 de junho de 1978, p. 2 (Seção 2).

<sup>191</sup> CLARÍN, 19 de junho de 1978, p. 4 (Clarín Mundial).

Mas a Argentina terá um compromisso bem mais fácil na rodada de quarta-feira, que decidirá o finalista do Grupo B, pois jogará com o Peru, já desclassificado, enquanto a Seleção Brasileira encontrará um adversário difícilíssimo na Polônia, que precisará de uma vitória para ter chances de passar à final. Além disso, a Argentina jogará à noite já sabendo o resultado de Brasil e Polônia.<sup>192</sup>

Se para a imprensa e jogadores brasileiros, o Brasil jogou melhor e deveria ter vencido a partida, já os jornalistas e atletas argentinos entenderam que o Brasil jogou defensivamente e a maior preocupação era não perder a peleja, ao ponto de não ter conseguido aproveitar os momentos oferecidos pelos albicelestes no decorrer do jogo, que, segundo sua imprensa, fez a sua pior apresentação no Mundial, opinião compartilhada por Menotti, técnico argentino. De qualquer forma eles admitiram que o Brasil esteve mais perto da vitória e foi uma equipe que teve melhor coordenação em todas as suas linhas em relação ao seu adversário.

O El Gráfico foi bastante duro com sua seleção, afirmando que ela não gerou nenhum momento de alegria durante os noventa minutos do jogo: “Do minuto zero ao noventa, a seleção não produziu nada que ajudasse a gritar, a cantar, a rir, a vibrar como nas partidas anteriores da Argentina”.<sup>193</sup> O semanário argentino ressaltou que o futebol brasileiro continua muito difícil de ser derrotado, pese a sua alegada decadência, sempre comparado aos esquadrões formados em 1958, 1962 e 1970, e que, na partida em Rosário, foi exatamente o Brasil que deixou a impressão que poderia ter vencido a partida, se fosse um pouco mais atrevido no ataque.<sup>194</sup>

Internamente, Menotti demonstrou toda a sua irritação com o resultado, pois acreditava que tinha uma equipe mais talentosa e organizada do que a brasileira. Chateado, chegou a deixar a concentração para “esfriar a cabeça” e preparar a equipe para o jogo decisivo contra o Peru.

Para o treinador, nas partidas anteriores o Brasil havia apresentado um compêndio de erros, das coisas que não se devem fazer no futebol: utilizaram mal a lei do impedimento; às vezes marcavam por zona e às vezes homem-a-homem, sempre de maneira ineficiente; não tinham jogadas ensaiadas; e além de tudo, sequer haviam mostrado o talento que se espera dos brasileiros. Seu mau humor afetou a todos, a tal ponto que seus colaboradores recomendaram que

---

<sup>192</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 19 de junho de 1978, p. 11.

<sup>193</sup> EL GRÁFICO, 20 de junho de 1978, p. 6.

<sup>194</sup> Idem, ibidem, p. 9-10.

deixasse a concentração para espalhar e que voltasse somente no dia seguinte. Foi o que fez, e quando voltou reuniu o elenco e juntos conversaram sobre a partida diante dos brasileiros. No final, chegaram a duas conclusões: a pressão por devolver com um bom futebol todo o carinho que vinham recebendo por parte dos torcedores estava prejudicada; para a partida contra o Peru, em que estaria em jogo a vaga na final, iriam para campo com a determinação de jogar sob o estilo que haviam incorporado desde o início do processo iniciado quatro anos antes.<sup>195</sup>

Cláudio Coutinho, por sua vez, com o apoio da CBD, apelava junto à FIFA para que a partida entre Argentina e Peru fosse disputada no mesmo horário em que o Brasil estivesse jogando contra a Polônia. “Segundo Cláudio Coutinho, jogar conhecendo o resultado da partida anterior é uma grande vantagem para a Argentina”.<sup>196</sup> O apelo brasileiro não sensibilizou a entidade máxima do futebol mundial e os horários das partidas da rodada final do Grupo 2 foram mantidas, alegando não ter como arcar com a multa por quebra de contrato firmado com as emissoras de televisão. Dessa forma, o Brasil iria enfrentar a Polônia, em Mendoza, às 16h45 e a Argentina faria o jogo de fundo, em Rosário, a partir das 19h15.

A rodada marcou uma das maiores polêmicas, até hoje discutidas, na história das Copas do Mundo. A rodada disputada no dia 21 de junho de 1978 começou com a partida, entre Brasil e Polônia, no estádio Ciudad de Mendoza, acompanhada por 39.586 pagantes.<sup>197</sup> O Brasil, sonhando em jogar mais uma final, não fez um bom primeiro tempo, apesar de ter aberto o placar aos 12 minutos após cobrança de falta de Nelinho. Lato, aos 45 minutos, empatou a partida. Foi o primeiro gol sofrido pelo Brasil no Mundial.

O Brasil adotou uma postura mais ofensiva na etapa final e acabou maracando duas vezes, ambas com Roberto Dinamite, aos 12 minutos (em impedimento) e o outro aos 17 minutos, depois da Seleção Brasileira ter bombardeado por três vezes seguidas a trave polonesa.

---

<sup>195</sup> SANTOS, Newton César Oliveira. op. cit., p. 365.

<sup>196</sup> CLARÍN, 19 de junho de 1978, p. 13 (Clarín Mundial).

<sup>197</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Leão, Nelinho, Oscar, Amaral, Toninho, Batista, Toninho Cerezo (Rivelino), Zico (Jorge Mendonça), Gil, Roberto Dinamite e Dirceu. Escalação da Seleção Polonesa: Jujla, Szymanowski, Gorgon, Zmuda, Maculewicz, Kaspercak (Lubanski), Boniek, Deyna, Nawalka, Lato e Szarmach. O árbitro da partida foi o chileno Juan Silvagno.

A partir daí o Brasil ficou mais preocupado em não tomar o segundo gol do que em ampliar o placar. A partida terminou com a vitória dos tricampeões por 3X1.<sup>198</sup>

Os atletas argentinos já estavam se preparando para enfrentar os peruanos quando souberam do final do jogo em Mendoza. Com o resultado obtido pelo Brasil, eles teriam que vencer os peruanos por quatro, ou mais gols, de diferença. Era um placar elástico para qualquer equipe, ainda mais para os argentinos que não fizeram mais do que dois gols em nenhuma de suas partidas anteriores no torneio. Além disso, o Peru havia feito uma boa primeira fase e, mesmo sofrendo duas derrotas na segunda fase, nada indicava que estavam tão fragilizados ou desinteressados para sofrerem uma derrota acachapante.

A partida começou às 19h15 e os argentinos, em busca do resultado e empurrados pela torcida, começaram a partida nervosos, errando passes e um pouco afobados.<sup>199</sup> Os peruanos aproveitaram-se para contra-atacar, aos 11 minutos Muñante acertou a trave de Fillol e quatro minutos depois Oblita quase marcou. A partir daí iniciou-se o massacre da albiceleste.

Aos poucos, os argentinos foram encurralando o seu adversário em seu próprio campo e envolvendo a sua frágil retaguarda com incrível facilidade. As jogadas eram criadas uma na sequência da outra. Depois de dois arremates contra a trave de Quiroga, a Argentina, aos 21 minutos, marcou o seu primeiro gol. Houve uma rápida troca de passes, Kempes penetrou, driblou um zagueiro e chutou sem defesa para o goleiro peruano. Apesar da pressão, o segundo gol da equipe local só saiu aos 43 minutos. Tarantini, de cabeça, após cobrança de escanteio.

Ninguém tinha dúvidas de que nos 45 minutos finais, a Argentina marcaria os gols de que necessitava para a sua classificação. Entretanto, esperava-se, pelo menos, que eles demorassem um pouco mais para serem obtidos.

Tal não aconteceu e, nos primeiros 5 minutos desta etapa, a Argentina já estava com a sua passagem para a final garantida, ampliando o marcador para 4 a 0, através de Kempes aos 4 minutos e Luque (completamente impedido) um minuto depois, com uma facilidade que não se observou em nenhuma partida do

<sup>198</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. PEREIRA, Marco Antonio. “Brasil 3 x 1 Polônia Copa 1978”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vt0Sj9OLkiA>. Acessado em: 11 de outubro de 2017.

<sup>199</sup> Escalação da Seleção Argentina: Fillol, Galván, Olguín, Passarella, Tarantini, Larrosa, Gallego (Oviedo), Bertoni (Houseman), Kempes, Luque e Ortiz. Escalação da Seleção Peruana: Quiroga, Duarte, Manzo, Chumpitaz, Rojas, Velásquez (Gorriti), Cueto, Cubillas, Quesada, Muñante e Oblitas. O árbitro da partida foi o francês Robert Wurtz.

Peru no torneio. Daí para a frente o que se viu foi o Peru acabar por se entregar inteiramente e a Argentina, sentido que o adversário não demonstrava a menor condição técnica e psicológica para reduzir a contagem, diminuiu o seu ritmo. Mesmo assim, Houseman, aos 21 minutos (havia substituído a Bertoni um pouco antes) e Luque aos 27 minutos, deram números finais ao marcador.<sup>200</sup>

No dia seguinte, 22 de junho, a Folha de São Paulo publicou uma charge, produzida por Laerte, de um jogador vestido com o uniforme da Seleção Argentina, jantando. A mesa em que se sentou estava forrada com uma toalha com o símbolo da Copa do Mundo de 1978. O garçom carregava um longo espeto com seis aves, que podem ser entendidas como seis frangos, no vocabulário do futebol o frango significa o gol que ocorre em virtude da falha do goleiro, no caso específico da figura representava o número de gols feitos pelos argentinos contra os peruanos, e em uma grande travessa, exalando um ótimo odor, vinha um enorme peru, para o deleite do argentino que esperava ansiosamente pela refeição.

**Figura 9: Charge da Folha de São Paulo – Argentina 6X0 Peru – Copa de 1978<sup>201</sup>**



A Argentina venceu por 6X0, com dois gols a mais do que o necessário para disputar a grande final contra a Holanda, para delírio da torcida que lotava o “Caldeirão do Diabo”.<sup>202</sup> Nós, brasileiros, sabemos, especialmente após 2014, que é possível sofrer uma goleada em uma semifinal de Copa do Mundo, até mesmo jogando em seus próprios domínios, contudo, em decorrência das circunstâncias em que se deram a realização da Copa do Mundo de 1978, a obsessão dos militares argentinos com a conquista do Mundial e da forma com que o Peru se

<sup>200</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 22 de junho de 1978, p. 26.

<sup>201</sup> Idem, ibidem, p. 27.

<sup>202</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. FUTEBOL Clássico Seleções. “Argentina 6x0 Peru (21/06/1978) - 2a Fase Copa de 1978 (Jogo da marmelada)”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=8v5J2ugV\\_34](https://www.youtube.com/watch?v=8v5J2ugV_34). Acessado em: 16 de agosto de 2018.

portou perante o seu adversário surgiram inúmeras versões de que o resultado da partida havia sido manipulado e que alguns atletas peruanos haviam sido, inclusive, subornados.

Uma daquelas versões diz que o goleiro Ramon Quiroga, argentino de nascimento, mas naturalizado peruano, teria se vendido por alta soma de dinheiro ofertado pelo governo argentino de Videla. Outra versão diz que Videla procurara a ditadura militar do Peru, comandada pelo general Francisco Morales Bermúdez, em busca de “apoio para o jogo” – teria ofertado ao governo peruano um carregamento de 35 mil toneladas de trigo argentino e liberara uma linha de crédito de 50 milhões de dólares pela derrota. Fala-se também que a ditadura argentina teria utilizado um narcotraficante colombiano, Fernando Rodríguez Mondragón, como intermediário para realizar um milionário suborno à Federação Peruana de Futebol. Afirma-se que a Ditadura chefiada por Videla teria pago US\$ 50 mil a todos os jogadores peruanos ou a apenas alguns deles, porém, nunca identificados especificamente (e que nunca assumiram nada).<sup>203</sup>

Há ainda a versão de que antes do início da partida, o presidente Videla, acompanhado do ex-Secretário de Estado dos Estados Unidos, Henry Kissinger, teria ido ao vestiário dos peruanos e tal fato teria abalado e intimidado os atletas peruanos. Um dos principais jogadores do Peru, Oblitas, teria dito sobre a presença de Videla no vestiário momento antes da partida: “foi terrível... Eu estava atrás de uma parede e ali fiquei. Não queria que isso interrompesse minha concentração”.<sup>204</sup> Seguindo uma linha ainda mais agressiva:

Diz-se ainda que os jogadores peruanos foram ameaçados de morte pela ditadura argentina – seriam assassinados depois do jogo num atentado de “algum grupo terrorista” (era prática das ditaduras latino-americanas eliminar seus desafetos ou integrantes “incômodos” dos próprios regimes autoritários e colocar a culpa nas guerrilhas de esquerda).<sup>205</sup>

À época pouco se falou sobre o assunto na imprensa mundial e Havelange sempre negou que houvesse ocorrido algo de errado no jogo. Após o término das ditaduras militares no continente sul-americano, jornalistas e historiadores se debruçaram sobre o assunto e apesar de conseguirem novas informações e pistas, o assunto ainda hoje não foi esclarecido.

<sup>203</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., v. 1, p. 421.

<sup>204</sup> Cf. PALACIOS, Ariel. “21 de junho de 1978: Videla entra no vestiário dos jogadores peruanos e fala sobre ‘solidariedade’”. Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/blogs/ariel-palacios/21-de-junho-de-1978-videla-entra-no-vestiario-dos-jogadores-peruanos-e-fala-sobre-solidariedade/>. Acessado em: 20 de setembro de 2014.

<sup>205</sup> Idem, *ibidem*, p. 421.

Emir Nogueira, cronista na Folha de São Paulo, escreveu uma coluna intitulada “Linhas tortíssimas”, no dia seguinte à definição dos finalistas da Copa de 1978, e sintetizou com extrema felicidade a opinião presente nos demais artigos do periódico. Nela, já se percebe indícios de um discurso que se fortaleceu com o passar do tempo de que o jogo foi “arranjado”. Outro aspecto importante ressaltado pelo autor é que o Brasil não mereceu, pelo futebol de baixa qualidade apresentado, jogar a final do Mundial.

A respeitabilidade futebolística do Peru sai seriamente arranhada da jornada de ontem. Não se pedia aos peruanos que fizessem pelo Brasil o que o próprio Brasil não soube fazer por si. O que se esperava é que dignificassem sua participação na Copa do Mundo, despedindo-se com uma derrota honrosa. A de ontem à noite não foi. Se não se pode dizer que o Peru entregou o jogo, é perfeitamente lícito afirmar que se entregou – jogando com displicência, com desinteresse, com passividade de quem não tinha por que esforçar-se. Um espetáculo melancólico para aqueles que chegaram a saudar o selecionado peruano como uma grata surpresa e faziam votos que se classificasse bem na Copa.

A Áustria ontem, também estava desclassificada e sua derrota facilitaria as coisas para a Alemanha. Jogou, lutou, ganhou. Do Peru, esperava-se que jogasse e lutasse, ainda que perdesse até por alta contragem. Não jogou nem lutou. Enganou um pouquinho no começo e no fim da partida. A Argentina nem precisou fazer força para chegar à goleada.

Pelo que fez durante toda a Copa, o Brasil não merecia mesmo chegar à final. Só chegou a mostrar algum mérito no jogo com a Argentina (assim mesmo o mérito do “machismo”, triste compensação para a incapacidade técnica) e com a Polônia, ontem, quando a velha e insuperável categoria brasileira chegou a luzir em alguns instantes. Mas isso foi pouco, mesmo num campeonato de baixo nível como o da Argentina. Não se erra impunemente como errou Coutinho, armando um time sem jogadas ofensivas, sem pontas, sem um meio de campo criativo.<sup>206</sup>

Em Lima, os comentaristas esportivos locais denunciaram o revés do Peru por 6X0 diante da Argentina afirmando que o resultado “não era normal” e exigiram uma “severa investigação”.<sup>207</sup> A Seleção Peruana foi “recebida com pedras e paus pela torcida ao regressar a Lima”.<sup>208</sup> A imprensa argentina, controlada pela ditadura, estava eufórica com a vitória, apenas teceu elogios para a apresentação de seu selecionado, o máximo que fez foi reverberar as opiniões da imprensa brasileira e peruana em relação ao ocorrido.

<sup>206</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 22 de junho de 1978, p. 27.

<sup>207</sup> LA NACION, 23 de junho de 1978, p. 4.

<sup>208</sup> BAGGIO, Luiz Fernando. *Enciclopédia das Copas do Mundo*. Rio de Janeiro: Novaterra Editora e Distribuidora, 2010, p. 120.

No sábado, dia 24 de junho, decidiu-se quem seria o terceiro e quarto colocado da Copa do Mundo. A partida foi disputada em Buenos Aires, no estádio Monumental de Núñez, local que receberia, no dia seguinte, a grande final. A partida que teve início às 15 horas foi presenciada por quase 70 mil pagantes.<sup>209</sup>

A Itália, um dos gigantes do futebol mundial, tinha uma equipe forte, que havia inclusive derrotado a Argentina na primeira fase do Mundial e com vários atletas que seriam campeões do mundo em 1982. Ela começou melhor a partida, “iniciado o jogo, a Seleção não cumpriu a promessa de Coutinho, de um futebol ofensivo, ou motivado. Quem saiu atacando foi a Itália”.<sup>210</sup> Aos 38 minutos, Paolo Rossi avançou pela ponta direita e cruzou na área brasileira, Leão hesitou e Causio completou de cabeça, livre, para as redes. O primeiro tempo terminou com a vantagem italiana que poderia ter sido ampliada caso a *Azzurra* tivesse aproveitado as oportunidades que criou.

Na etapa final entraram Reinaldo e Rivelino (foi sua última partida pela Seleção Brasileira) e a equipe melhorou de rendimento. Nelinho, aos 18 minutos, em um avanço pelo lado direito do ataque brasileiro, recebeu a bola e arriscou um chute com muito efeito. A bola fez uma curva incrível e saiu inteiramente do alcance do goleiro italiano, morrendo no fundo das redes.

Aos 26 minutos, o Brasil tomou a bola em sua defesa e partiu para o ataque, ela chegou até Dirceu, que recebeu fora da área, de frente para o gol, o jogador ajeitou e bateu forte, de pé esquerdo, no canto direito do goleiro. Brasil 2X1. Com a vantagem no placar, o Brasil tomou conta da partida e poderia ter ampliado o resultado, apesar dos italianos terem acertado uma cabeçada no travessão do arqueiro brasileiro.<sup>211</sup> No final, a vitória garantiu a terceira colocação para o Brasil e em virtude da invencibilidade no torneio Coutinho soltou a lapidar frase: “o Brasil foi campeão moral”.

---

<sup>209</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Leão, Nelinho, Oscar, Amaral, Rodrigues Neto, Toninho Cerezo (Rivelino), Batista, Jorge Mendonça, Gil (Reinaldo), Roberto Dinamite e Dirceu. Escalação da Seleção Italiana: Zoff, Gentile, Cuccureddu, Scirea, Cabrini, Maldera, Antognoni (Claudio Sala), Patrizio Sala, Causio, Paolo Rossi e Bettega. O árbitro da partida foi o israelense Abraham Klein.

<sup>210</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 25 de junho de 1978, p. 40.

<sup>211</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. PEREIRA, Marco Antonio. “Brasil 2 x 1 Itália Copa do Mundo 1978”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w29dKaj4LFk>. Acessado em: 12 de outubro de 2017.

A imprensa argentina, mesmo admitindo que os tricampeões do mundo ainda eram uma força futebolística, não deixou de tratar com nostalgia o futebol brasileiro, aquele que publicamente admirava e que tinha inclusive como modelo: “É inevitável que ao falar do Brasil de hoje nos assalte a nostalgia do Brasil de ontem. Isso nos vem sucedendo desde o Mundial da Alemanha (...).<sup>212</sup> Entre este Brasil e o que conhecemos e admiramos no México ou no Chile há tanta diferença, que este terceiro lugar é quase uma façanha. Porque nesta equipe da CBD já não há mais gênios”.

O embate final do Mundial de 1978 foi disputada no domingo, dia 25 de junho, no lotado estádio Monumental de Núñez, com mais de 71 mil pagantes.<sup>213</sup> Foi uma partida digna de uma grande final, emocionante e dramática. Os donos da casa, empurrados pela torcida, pressionaram o primeiro tempo, ainda assim a Holanda não se acovardou e criou boas chances de gols, como a defesa espetacular de Fillol, colocando a bola para escanteio, após chute forte de Rep da altura da marca do pênalti. Aos 38 minutos, após trama do ataque da equipe da casa, Kempes dominou a bola na entrada da área holandesa e avançou, passou por Hann e quando Krol chegava para travar a jogada, já perdendo o equilíbrio, Kempes conseguiu chutar na saída do Jongbloed e abrir o placar para o delírio da quase totalidade dos torcedores no estádio. A Holanda ainda criou outra boa chance de marcar, mas Fillol voltou a salvar sua equipe.

A Argentina retornou no segundo tempo com a defesa bem postada, disposta a garantir a vitória. A Holanda iniciou a etapa final um pouco tímida, mas aos poucos foi aumentando a pressão e imprimindo velocidade ao jogo. Os argentinos recuaram e tentaram liquidar o jogo nos contra-ataques. Aos 37 minutos, o meio de campo holandês avançou trocando passes, buscando abrir espaços na defesa argentina, até que a bola foi tocada para René van der Kerkhof, aos 36 minutos, livre do lado direito da grande área argentina, ele cruzou de primeira para a cabeçada certa de Nanninga. A Holanda calava o Monumental de Núñez.

---

<sup>212</sup> EL GRÁFICO, 27 de junho de 1978, p. 101.

<sup>213</sup> Escalação da Seleção Argentina: Fillol, Galván, Olguin, Passarella, Tarantini, Ardiles (Larrosa), Gallego, Bertoni, Kempes, Luque e Ortiz (Houseman). Escalação da Seleção Holandesa: Jongbloed, Poortvliet, Krol, Brandts, Jansen (Suurbier), Haan, Neeskens, René van de Kerkhof, Willy van de Kerkhof, Resenbrink e Rep (Nanninga). O árbitro da partida foi o italiano Sergio Gonella. Em relação ao árbitro da final, a escolha de Gonella foi entendida como uma vitória da ditadura comandada por Videla, que vetou o nome do árbitro israelense, Abraham Klein (que apitou a partida entre Brasil e Itália). Ele havia apitado o único jogo que a Argentina havia perdido na competição, contra a Itália, na primeira fase do torneio, com uma atuação bastante questionada pelos dirigentes platinos. Após a final, foi a vez dos holandeses questionarem a atuação do árbitro italiano. FARIAS, Airton de. op. cit., v. 1, p. 424.

Os argentinos sentiram o gol feito pelos batavos e por muito pouco não perderam o jogo quando Resenbrink, aos 45 minutos, acertou a trave de Fillol. Com o placar marcando 1X1 no tempo normal, a Copa do Mundo iria para a prorrogação. Caso o empate permanecesse, ela seria decidida nas penalidades máximas.

A Argentina aproveitou os minutos de descanso para “colocar os nervos no lugar” e voltou mais determinada na prorrogação. Praticamente não perdeu uma dividida e, desde o primeiro minuto, partiu para o ataque com determinação, sufocando a seleção europeia. Sua tática foi recompensada no último minuto do primeiro tempo extra quando Kempes recebeu a bola pelo lado esquerdo da entrada da área holandesa, driblou Suurbier e depois Krol, ambos caíram no chão, Kempes então chutou, mas a bola bateu no goleiro, novamente no atacante argentino, raspou mais uma vez na perna e cabeça do arqueiro, quicou uma vez dentro da pequena área e quando dois holandeses se preparavam para chutá-la para longe, Kempes empurrou-a, de sola, para dentro do gol.

A Argentina voltou a dominar as ações no segundo tempo da prorrogação. A seleção europeia dava claros sinais de cansaço e desânimo, ao contrário de seus adversários. Aos nove minutos, o “tiro de misericórdia”, Kempes e Bertoni começaram a tabelar na entrada da área holandesa e a bola acabou sobrando para o último, livre, chutar rasteiro para dentro do gol adversário. A Argentina venceu por 3X1 e alcançou o seu primeiro título mundial.<sup>214</sup> A Holanda perdia sua segunda final consecutiva de Copa do Mundo.<sup>215</sup>

Os jogadores da Holanda, inconformados com as condutas da FIFA, do Comitê Organizador do Mundial, com a arbitragem e ainda em protesto contra a ditadura argentina, se recusaram a ficar em campo e apertar a mão dos militares. O capitão Passarella recebeu a taça do general e presidente Videla. Ele a beijou e a ergueu para o público, para depois dar a tradicional volta olímpica juntamente com os demais jogadores.

---

<sup>214</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. ELKEKELY. “World Cup 1978 Final: Argentina 3 - 1 Netherlands”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9GDq0E8M8kg>. Acessado em: 12 de outubro de 2017.

<sup>215</sup> Apenas como curiosidade, a Holanda já disputou três finais de Copa do Mundo até 2014. Em todas elas, o país que sediava a Copa começava com a letra “a”, Alemanha, Argentina e África do Sul. Nos dois primeiros casos, ela perdeu para os anfitriões e no último para a Espanha, em 2010.

Apesar das concentrações públicas estarem proibidas, as festas tomaram conta das ruas do país.

Na época as reuniões e concentrações públicas estavam proibidas, mas as ruas de Buenos Aires e das principais cidades do país foram tomadas pela população, que gritava “Argentina, Argentina”, em uníssono. Houve casos de pessoas que voltaram a rever conhecidos pela primeira vez desde o golpe militar, dois anos antes.<sup>216</sup>

**Figura 10: Seleção Argentina campeã em 1978<sup>217</sup>**



O evento se tornou, ao menos provisoriamente, um sucesso para a ditadura. Videla, por exemplo, chegou a ser ovacionado pelo público na *Plaza de Mayo*. Mesmo com alguns sobressaltos, a Copa aconteceu, a albiceleste foi campeã e o apoio ao governo, embalado com o triunfo obtido, alcançou o seu apogeu.

A conquista, fruto de um planejamento de quatro anos, acrescido de uma nova mentalidade quanto a importância do próprio selecionado nacional, transformou, em alguns aspectos, o futebol argentino, que ainda sofre, assim como o brasileiro, com a corrupção, com os interesses políticos, com problemas de calendários, entre outros. De qualquer forma:

A partir daquela conquista, muita coisa mudaria no futebol argentino. A Seleção passaria a ser protagonista, despertando paixões tão ou mais intensas do que os clubes mais tradicionais do país. Os treinadores do selecionado nacional receberiam todo o apoio necessário, e as seleções de base passariam a ter

<sup>216</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 370.

<sup>217</sup> BRANDÃO, Caio. “35 anos da Copa de 1978: Argentina 3-1 Holanda”. In: *Futebol portenho*. Disponível em: <http://www.futebolportenho.com.br/2013/06/25/35-anos-da-copa-1978-argentina-3-1-holanda/>. Acessado em: 12 de outubro de 2017.

atenção redobrada. (...) Os resultados não tardaram a vir: o apoio popular incondicional nunca mais faltou, e vários títulos foram conquistados desde então – mais uma Copa do Mundo, seis títulos mundiais juvenis, duas Copas América e duas medalhas de ouro olímpicas (até 2008). Muito contribuiu para isso o surgimento de Diego Armando Maradona, que elevaria a identificação entre Argentina e o futebol a níveis jamais registrados no país.<sup>218</sup>

Para a Folha de São Paulo, a Argentina usou uma fórmula simples e certa para vencer o Mundial, jogou com garra e ofensivamente, crítica clara a Seleção Brasileira que adotou uma postura defensiva, e por isso mereceu entrar no seleto clube dos campeões do mundo.

O futebol-total saiu derrotado ontem do estádio River Plate, por 3 a 1, pelo futebol ofensivo. A Argentina sagrou-se campeã mundial vencendo a Holanda com um sistema muito simples: atacando, com garra, para fazer mais gols do que o adversário, a única fórmula conhecida para se obter a vitória no futebol.<sup>219</sup>

A imprensa brasileira, ao contrário do que ocorreu com a congênera argentina na fase áurea do futebol brasileiro, ao menos nas fontes aqui pesquisadas, não enxergava em seu rival caminhos para serem seguidos para a melhoria de seu próprio futebol. Não teríamos o que aprender com o futebol vizinho. Inicialmente há uma depreciação da própria qualidade da competição, afinal o título argentino foi obtido no Mundial que teria apresentado “o mais baixo índice técnico de todos os tempos”.<sup>220</sup> Além disso, “a Argentina se valeu mais das facilidades de dona da casa do que da técnica e qualidades para chegar ao ponto a que chegou”.<sup>221</sup>

A autossuficiência do futebol brasileiro, o ego inflado, não era privilégio apenas de dirigentes, técnicos e atletas, mas atingiu também os próprios jornalistas, assim como discursos ressentidos bem mais incomuns entre os argentinos à época.

Farisaísmos à parte, o futebol brasileiro não tem razão alguma para estar satisfeito com a vitória da Argentina na Copa. As rivalidades esportivas entre as duas nações são públicas, notórias, antigas e irreversíveis. A Argentina nunca engoliu o nosso tri, como nós não engoliremos o título que ela ganhou agora. “Tudo nos une, nada nos separa”, disse um presidente argentino em saudação ao Brasil. Pode ser. Menos no futebol.

<sup>218</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 371.

<sup>219</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 26 de junho de 1978, p. 11.

<sup>220</sup> Idem, ibidem, p. 15.

<sup>221</sup> Idem, ibidem, p. 15.

De maneira que, à amargura de perdermos a Copa, soma-se o dissabor de vê-la conquistada pelo nosso maior rival. Isso dói. E isso é mais um desserviço que o público deve cobrar dos dirigentes, da comissão técnica – e dos jogadores, por que não? A verdade é que, nos últimos anos, com toda a visível e reconhecida decadência do futebol brasileiro, ainda conseguimos manter a hegemonia sul-americana. Mesmo em 74, de triste memória, saímos melhor do que os argentinos na disputa mundial. Heleno, Coutinho e Cia, conseguiram fazer com que ficássemos agora atrás da Argentina.<sup>222</sup>

Muito mais comedido foi João Saldanha, lembrando que a Argentina sempre figurou entre as grande potências do futebol mundial. “O fato de jogar em casa foi muito importante na final da Copa para a Argentina, mas é mais do que sabido que desde a 1ª Copa do Mundo o futebol argentino esteve sempre na primeira linha do futebol mundial”.<sup>223</sup> Em outra matéria, no mesmo periódico, a conclusão era de que os argentinos mereciam o título em virtude de terem adotado uma postura mais ofensiva, por ter revelado “um ímpeto para o ataque”.<sup>224</sup>

### **5.5. A COPA AMÉRICA DE 1979, O MUNDIALITO DE 1981 E AS ELIMINATÓRIAS DA COPA DE 1982**

O presidente Geisel, no segundo semestre de 1978, preocupado em manter sua abertura “lenta, gradual e segura”, preparava-se para deixar o poder. Com seu aval, foi escolhido para sucedê-lo, em março de 1979, o general e então chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI), João Baptista de Oliveira Figueiredo. Um dos mais temíveis instrumentos da repressão, o AI-5, foi revogado em janeiro de 1979. Também se deu o fim da censura nos jornais.

O novo presidente, dando continuidade no processo de abertura, promulgou, em agosto de 1979, a Lei da Anistia (Lei 6.683, de 28/8/1979). Ela permitiu, por um lado, o retorno ao país de muitos exilados políticos, assim como, evitou a culpabilização dos responsáveis pelas violências praticadas pelo regime. Em dezembro do mesmo ano foi aprovada a Lei nº 6.767, que restabelecia o pluripartidarismo no país.

---

<sup>222</sup> Idem, ibidem, p. 15.

<sup>223</sup> JORNAL DO BRASIL, 26 de junho de 1978, p. 2 (Caderno de Esportes).

<sup>224</sup> Idem, ibidem, p. 3.

Para a Argentina, eufórica com a Conquista do Mundial, os últimos meses de 1978 também marcaram o ocaso do denominado “triênio sombrio”, ou seja, o período mais repressivo da ditadura comandado pelo general Videla e que quase deflagrou um conflito militar contra o Chile em decorrência da disputa pelo Canal de Beagle que fez com que uma respeitosa simpatia que Videla nutria por Pinochet se transformasse em ódio.<sup>225</sup>

Os piores anos foram os do “triênio sombrio” entre 1976 e 1978, quando o Exército Revolucionário do Povo (ERP), oriundo do trotskismo, foi praticamente liquidado, e os Montoneros se converteram em um grupo capaz de realizar apenas algumas ações terroristas isoladas. Mas a repressão prosseguiu, alcançando militantes políticos democráticos, sacerdotes, intelectuais, jornalistas, defensores dos direitos humanos, numa demonstração de que o governo pretendia aterrorizar a população e abafar qualquer atividade social ou política. Uma Comissão de Investigação, instaurada em 1984, documentou a morte de 9 mil pessoas, que teriam sido na realidade 30 mil, segundo organizações defensoras dos direitos humanos.<sup>226</sup>

Se no Brasil a abertura ainda se processou de forma lenta, na Argentina, os sintomas de aberta insatisfação com o regime já se expressavam no início da década de 1980 e vinham de muitas partes. O chamado Processo de Reorganização Nacional, encarnado pelo ministro Martínez de Hoz, provocou amplos descontentamentos, ao privilegiar o setor financeiro e as grandes empresas. Contudo, as maiores dificuldades eram provenientes das divisões existentes dentro da própria cúpula do aparelho militar.

Em março de 1981 Viola substituiu Videla na presidência da Argentina. Esperava-se a manutenção do quadro político-econômico com a nomeação de um dos colaboradores de Martínez de Hoz para o Ministério da Economia. Viola, mesmo não adotando uma política econômica radicalmente distinta, buscou outra via, contudo a Argentina dependia fundamentalmente do capital externo e o mundo entrava em um novo período de encarecimento do crédito internacional que desgastou ainda mais o já frágil governo de Viola. Ele foi substituído no final do ano pelo general Galtieri que levou a Argentina para sua mais desastrosa aventura militar: as Malvinas.

---

<sup>225</sup> SÁENZ QUESADA, María. op. cit., p. 668.

<sup>226</sup> FAUSTO, Boris e DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1980-2002)*. São Paulo: Editora 34, p. 456.

Após a Copa do Mundo, Argentina e Brasil não entraram em campo no ano de 1978. Apesar dos apelos da imprensa para que Coutinho fosse substituído do comando da Seleção Brasileira, o técnico foi mantido e começou um processo de ligeira renovação com as convocações de jogadores como, Júnior, Sócrates e Falcão para amistosos contra o Paraguai, Uruguai e Ajax, da Holanda. O Brasil preparava-se para disputar a Copa América.

Fato relevante ocorrido em 1979, no campo político-desportivo, foi a criação da CBF (Confederação Brasileira de Futebol). A FIFA havia publicado um decreto pelo qual todas as entidades nacionais de futebol deveriam se encontrar apenas vinculadas àquele esporte, o que não ocorria no Brasil, uma vez que a CBD era responsável por quase todos os esportes do país.

Com a determinação do Governo João Baptista Figueiredo, através do Ministério da Educação e Cultura, de serem criadas entidades específicas para outros esportes, deram-se enfim condições para a transformação da CBD em Confederação Brasileira de Futebol, cujo estatuto foi aprovado em Assembleia Geral Extraordinária realizada em 24 de setembro de 1979, homologada pelo Conselho Nacional de Desportos.<sup>227</sup>

Menotti também foi mantido no comando da Argentina. O ano de 1979 marcou ainda o início da gestão na AFA do mais longo, vitorioso e talvez polêmico dirigente argentino: Julio Humberto Grondona. Ele comandou o futebol argentino, ininterruptamente, até a data de sua morte em 30 de julho de 2014. Com ele, a Argentina conquistou o Mundial de 1986, o vice-campeonato de 1990, duas medalhas de ouro olímpicas (2004 e 2008), a Copa das Confederações (1992), duas Copas Américas (1991 e 1993) e vários títulos sul-americanos e mundiais em categoriais inferiores. Inclusive, em seu primeiro ano na presidência da AFA, comandada por Menotti, e contando com Maradona em campo, a Argentina conquistou a segunda edição do Campeonato Mundial Juvenil, disputado no Japão.<sup>228</sup>

<sup>227</sup> NAPOLEÃO, Antonio Carlos. op. cit., p. 76.

<sup>228</sup> A ditadura comandada por Viola utilizou-se mais uma vez do futebol, desta vez para afrontar uma comissão da Organização dos Estados Americanos que visitava o país com o intuito de averiguar as denúncias de violações praticadas pelo regime. O radialista José María Muñoz, a pedido do governo, afirmou que o povo argentino deveria “demonstrar a estes senhores da Comissão Interamericana de Direitos Humanos qual é a verdadeira Argentina. Não se deixem enganar por uma campanha manejada do exterior. Este povo vive em paz e quer a paz. Somos direitos e humanos”. Aproveitando-se da euforia da conquista no Japão, ele convocou os torcedores para se reunirem no local em que diversas famílias se encontrariam com membros da comissão para formalizarem as denúncias de desaparecimento de seus parentes pela ditadura argentina. Cf. FERREIRA, Fernando. *Hechos pelota: el periodismo deportivo durante la dictadura militar (1976-1983)*. Buenos Aires: Al Arco, 2008, p. 79.

Em 1979, entre 18 de julho e 12 de dezembro, foi disputada a 31ª edição da Copa América. A competição seguiu o mesmo modelo do torneio anterior. Não havia sede fixa. O Peru, como último campeão, só jogaria a partir da segunda fase. As demais nove seleções seriam divididas em 3 grupos com 3 seleções e a melhor classificada de cada grupo passaria para a próxima etapa, em jogos de ida e volta. O Grupo A foi composto por: Chile, Colômbia e Venezuela. O Grupo B por: Argentina, Bolívia e Brasil e o Grupo C por: Equador, Paraguai e Uruguai.

A disputa no Grupo A foi intensa e o Chile classificou-se em primeiro lugar superando a Colômbia no saldo de gols, as duas seleções terminaram com 5 pontos. No Grupo C, o Paraguai, com 6 pontos e invicto, passou para a fase seguinte, desclassificando o Uruguai em Montevideu, na última partida, com um empate em 2X2.

Argentina e Brasil estrearam enfrentando a Bolívia e a altitude de La Paz. Os resultados foram similares. No dia 18 de julho os argentinos foram derrotados por 2X1 e no dia 26 de julho foi a vez dos brasileiros caírem pelo mesmo placar. Dessa forma, a partida seguinte, entre brasileiros e argentinos, no Maracanã, ganharia uma importância especial, afinal a equipe derrotada estaria praticamente eliminada da competição.

O Maracanã recebeu mais de 118 mil pagantes, no dia 2 de agosto de 1979, para assistir o confronto entre o Brasil e a então campeã do mundo.<sup>229</sup> É verdade que Menotti apresentou uma equipe bastante modificada em relação àquela que havia conquistado o Mundial, afinal a alvianil já passava pelo processo de renovação tendo como objetivo a Copa do Mundo de 1982. Dentre os novos jogadores, um se destacava, Maradona.

No dia do jogo, Maradona, em entrevista para a Folha de São Paulo ressaltou que não gostaria de ser comparado a Pelé, afirmando que: “Sou apenas Diego Maradona. Por favor, não me comparem a Pelé. Sou uma pessoa igual a outras. Vi Pelé jogar e, sinceramente, acho que tão

---

<sup>229</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Leão, Toninho, Amaral, Edinho, Pedrinho, Carpegiani, Zenon (Batista), Tita, Palhinha (Juari), Zico e Zé Sérgio. Escalação da Seleção Argentina: Vidallé, Barbas, Van Tuyne, Passarella, Bordón, Gáspari, Larraquy, Gaitán (Carlos López), Coscia, Maradona e Roberto Diaz (Castro). O árbitro da partida foi o peruano Edson Perez Nuñez.

cedo não aparecerá outro igual”.<sup>230</sup> Em relação à Argentina não vencer o Brasil desde 1970, pode-se dizer que eles criaram o seu próprio “complexo de vira-latas” em relação ao futebol brasileiro:

O argentino, depois do tricampeonato brasileiro, passou a ter um complexo. Achava que não poderia ganhar dos brasileiros. O complexo acabou depois que conquistamos a Copa do Mundo e estamos jogando um futebol ofensivo, para ganhar. É isso que os brasileiros vão ver no Maracanã.<sup>231</sup>

O Brasil começou melhor a partida na noite de quinta-feira e abriu o placar logo aos 2 minutos de jogo. Zenon dividiu a bola no meio de campo que ficou livre para Palhinha, ele tocou dentro da área argentina para Zé Sérgio que simultaneamente tirou do zagueiro e do goleiro adversário e tocou para Zico, o novo camisa 10 do Brasil, livre, tocar para o fundo das redes. O jogo seguia equilibrado até que Zenon foi derrubado pelo seu marcador no meio campo, o juiz considerou a jogada legal e mandou a partida prosseguir, Maradona conduziu a bola e lançou na área brasileira, Edinho, que tinha a situação sob controle, tentou tocar para um companheiro, mas foi interceptado pelo seu marcador e a bola sobrou livre para Coscia empatar a partida, aos 32 minutos da primeira etapa. O Brasil sentiu o gol, a defesa pareceu perder a confiança e o meio de campo passou a ser dominado pelo adversário.

Os visitantes também começaram melhor o segundo tempo, com Maradona se destacando. Contudo, foi o Brasil que marcou o segundo gol aos nove minutos. Zico teve um chute interceptado pelo zagueiro argentino, a bola ficou na ponta direita, Tita correu para ficar com ela, tocou para Zico que a devolveu dentro da área, do lado direito, e Tita, com um toque sutil, encobriu o goleiro Vidalle e fez Brasil 2X1. O restante da partida foi equilibrada com as duas seleções buscando o gol, no entanto o placar não mais se alterou.<sup>232</sup>

A imprensa argentina levou em conta, em suas análises, que a equipe que se apresentou no Brasil se encontrava em fase de formação, não há euforia no Brasil, nem drama na

---

<sup>230</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 2 de agosto de 1979, p. 32.

<sup>231</sup> Idem, ibidem, p. 32.

<sup>232</sup> Os gols da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOSDOBASIL. “Copa América 1979: Brasil 2x1 Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QbOkvtVVCBE>. Acessado em: 14 de outubro de 2017.

Argentina, era a ideia síntese apresentada pelo El Gráfico.<sup>233</sup> Maradona foi muito elogiado pela imprensa brasileira.

Maradona, na medida que o jogo transcorria e, principalmente, depois do gol do Brasil, foi simplesmente primoroso. Lançou com a precisão de um Rivelino, e quase surpreendeu Leão aos 24 de jogo, com um chute rasteiro, no canto esquerdo, por pouco não levando o time ao empate. Justificou a fama.<sup>234</sup>

Na semana seguinte, 8 de agosto, a Argentina derrotou os bolivianos em Buenos Aires pelo placar de 3X0 e no dia 16 de agosto, em São Paulo, foi a vez dos brasileiros superarem o mesmo oponente por 2X0. A Bolívia, com os resultados, apesar de ter o mesmo número de pontos do Brasil, em virtude do saldo de gols, já estava eliminada. A Argentina para se classificar, precisava vencer o Brasil, por qualquer diferença no placar, pois empataria em pontos, mas ficaria na frente no saldo de gols.

Nem a chuva forte que caiu durante toda a tarde na capital argentina, ameaçando inclusive a realização da partida, afastou os torcedores de encherem o Monumental de Núñez para apoiarem o selecionado de seu país. “Para eles, uma partida contra o Brasil ultrapassa os limites do mero confronto esportivo, constituindo-se num verdadeiro desafio entre inimigos cordiais e, ao mesmo tempo, numa festa ruidosa e de grandes proporções”.<sup>235</sup>

Dessa vez, a Argentina não contou com Maradona e Menotti, ambos estavam no Japão com a seleção juvenil que conquistaria o Mundial da categoria. O técnico para o confronto do dia 23 de agosto com o Brasil foi Federico Sacchi. A partida foi extremamente disputada, nervosa e emocionante.<sup>236</sup> A Argentina começou melhor, mas a defesa brasileira impedia que esse domínio se traduzisse em uma pressão mais efetiva. Aos 19 minutos, Sócrates, de cabeça, após Zé Sérgio passar pelo seu marcador e cruzar da linha de fundo, marcou para o Brasil. Aos 26 minutos, Leão foi punido dentro da área com um lance de dois toques e na formação da

<sup>233</sup> EL GRÁFICO, 7 de agosto de 1979, p. 60.

<sup>234</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 3 de agosto de 1979, p. 32.

<sup>235</sup> JORNAL DO BRASIL, 24 de agosto de 1979, p. 26.

<sup>236</sup> Escalação da Seleção Argentina: Vidallé, Ocaño, Van Tuyne, Passarella, Bordón, Gáspari, Gallego, Bochini, Coscia (Valencia), Fortunato (Castro) e Roberto Diaz. Escalação da Seleção Brasileira: Leão, Toninho, Amaral, Edinho, Júnior, Batista, Carpegiani (Falcão), Tita, Zico, Sócrates e Zé Sérgio. O árbitro da partida foi o uruguaio Roque Tito Cerullo.

barreira houve uma pequena confusão entre os jogadores que acarretou nas expulsões de Zico e Gallego.<sup>237</sup> A saída de Zico, segundo o Jornal do Brasil beneficiou a Argentina, que passou a pressionar mais intensamente e empatou o jogo aos 37 minutos em cobrança de falta por Passarella, no canto defendido por Leão.

O Brasil voltou melhor no segundo tempo, tendo um gol de Sócrates anulado sob alegação de impedimento do atleta. Aos 19 minutos, Toninho, lateral brasileiro, foi lançado dentro da área por Carpegiani e ao driblar o goleiro foi derrubado, pênalti marcado. Sócrates teve que bater duas vezes, a primeira cobrança foi anulada por causa da “paradinha”, a segunda foi validada e o Brasil voltou a ficar em vantagem no marcador. Aos 26 minutos, em uma falha da defesa, a bola rebatida sobrou para Diaz, que chutou fraco e Leão não conseguiu segurá-la. Nos minutos finais, os brasileiros tiveram que suportar o ataque em massa dos argentinos, que tentavam o gol que lhes daria a classificação, contudo a defesa suportou bem a pressão e o empate seguiu até o apito final.<sup>238</sup> O Brasil se classificou para as semifinais, enquanto a Argentina obtinha a pior colocação (oitava) em toda a sua história nos campeonatos sul-americanos.

Para os comentaristas brasileiros o Brasil jogou melhor e mereceu até mesmo vencer a partida. Sacchi, que dirigiu a Seleção Argentina, também reconheceu a superioridade de seu adversário. “Para o técnico Sacchi, a classificação do Brasil foi perfeita, pois Coutinho contava com um time bem mais armado que o seu, reunindo condições até de obter a vitória”.<sup>239</sup>

---

<sup>237</sup> Américo Rubén Gallego (Morteros – Província de Córdoba, 25 de abril de 1955). Um dos grandes volantes defensivos do futebol argentino. Jogava de forma eficiente, por vezes dura, dono de um passe preciso, o atleta iniciou sua carreira em 1974 no Newell’s Old Boys. Em 1981 transferiu-se para o River Plate, clube que defendeu até 1988 quando encerrou a carreira. Seus títulos foram conquistados defendendo o River Plate: Campeonato Nacional (1981), Campeonato da Primeira Divisão (temporada 1985/1986), Copa Libertadores da América (1986), Copa Intercontinental (1986) e a Copa Interamericana (1987). Defendeu a Seleção Argentina entre 1975 e 1982. Participou de duas Copas do Mundo (1978 e 1982). Foi titular e campeão do mundo em 1978. Enfrentou a Seleção Brasileira em 7 oportunidades: 3 empates e 4 derrotas.

<sup>238</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOS DO BRASIL. “Copa América 1979: Brasil 2x2 Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iKXQjKP20xI>. Acessado em: 15 de outubro de 2017.

<sup>239</sup> JORNAL DO BRASIL, 24 de agosto de 1979, p. 25.

As provocações racistas, antes do jogo, em relação aos brasileiros, mais uma vez se fizeram presentes e foram ressaltadas pelo Jornal do Brasil, que também não perdeu a oportunidade de “ironizar” e dar o tom da rivalidade existente entre os países.

Os jogadores e toda a delegação brasileira ficaram revoltados com o jornal **Cronica**, que os chamou de “macacos”, tratamento dispensado não apenas na chegada da Seleção para o jogo da Copa América, mas sobretudo porque a Argentina perdeu para o Brasil, por um ponto de diferença, a partida pelo Campeonato Mundial Juvenil de Basquete, em Salvador. A manchete de **Cronica** na primeira página foi: Escandalo: El Juvenil de Basquet fue robado y golpeado por los “macacos”. (...) Se a intenção de **Cronica**, como tudo indica, era fazer guerra de nervos com os brasileiros, o tiro saiu pela culatra. Em vez de perturbar os jogadores da Seleção, o noticiário ofensivo, pouco elegante, serviu justamente para incentivá-los mais ainda, como todos demonstraram durante os 90 minutos.

De certa forma dá até para se perceber por que a provocação de **Cronica**. Afinal, em menos de uma semana, os argentinos perderam para os brasileiros no vôlei – que conquistou invicto aqui em Buenos Aires um torneio de que participou inclusive o Japão – no basquete e também foram eliminados da Copa América no futebol, esporte em que são os campeões mundiais. Campeões mundiais que há nove anos não vencem o Brasil.<sup>240</sup>

Na continuidade da Copa América, após sorteio, ficou determinado que o Brasil enfrentasse o Paraguai, enquanto que o Chile tivesse como adversário o Peru. No dia 17 de outubro, em Lima, o Peru foi derrotado pelo Chile por 2X1 e na semana seguinte, 24 de outubro, em Santiago, a partida terminou empatada em 0X0. O Chile era um dos finalistas da Copa América.

No mesmo dia em que Chile e Peru definiam a vaga para a final em Santiago, Paraguai e Brasil faziam a primeira partida em Assunção, no estádio Defensores del Chaco. Os donos da casa venceram por 2X1, gols de Eugenio Morel e Hugo Talavera para o Paraguai e Palhinha para o Brasil. Na semana seguinte, dia 31 de outubro, os guaranis precisariam empatar o jogo da volta no Maracanã.

Um grande público foi ao “Maior do Mundo”, na noite de quarta-feira, dia 31 de outubro, com a esperança de ver o Brasil se classificar para a final da Copa América. Para isto, bastava vencer, por qualquer placar, a Seleção do Paraguai. O Brasil, além de não se apresentar

---

<sup>240</sup> Idem, ibidem, p. 26.

bem, não conseguiu mostrar competência para manter a vantagem no placar obtida por duas vezes e o jogo terminou empatado em 2X2. O Paraguai avançou para disputar a final da Copa América contra os chilenos. A partida foi a última em que a Seleção Brasileira foi comandada por Cláudio Coutinho, quando ela voltou a ser reunida, em junho de 1980, para enfrentar o México, já tinha como técnico Telê Santana.

Paraguai e Chile começaram a decidir o título no dia 28 de novembro em Assunção. Os donos da casa venceram por 3X0. Em Santiago, os chilenos venceram por 1X0, no dia 5 de dezembro. Como cada equipe havia vencido uma partida, o regulamento definia que seria disputado um jogo desempate em campo neutro, no caso em Buenos Aires, no dia 11 de dezembro. Para este último jogo, o Paraguai, em virtude do saldo de gols, levava a vantagem do empate. O confronto terminou 0X0 e o Paraguai se sagrou, pela segunda vez, campeão sul-americano de futebol.

Em 1980, o Brasil, de Telê Santana, tinha como objetivo básico “resgatar por completo o futebol comumente chamado de arte”.<sup>241</sup> Foram realizados oito amistosos, sete deles em casa e o saldo foi positivo, seis vitórias, um empate e uma derrota. “O Brasil perdeu de 2 a 1 para a URSS, no jogo dos 30 anos de inauguração do Maracanã, mas cumpriu atuações de razoáveis para boas nos amistosos que se seguiram até o Mundialito”.<sup>242</sup> Já a Argentina disputou dez partidas amistosas, sete em casa e três na Europa. O saldo foi de sete vitórias, dois empates e apenas uma derrota, para a Inglaterra, em Londres, por 3X1. Os dois países não se enfrentaram no ano aqui destacado.

A FIFA, na virada de 1980 e início de 1981, com o intuito de comemorar os 50 anos da realização da primeira Copa do Mundo, no Uruguai, em 1930, resolveu promover uma competição que deveria reunir todas as seleções que haviam sido campeãs mundiais. A competição foi batizada de *Copa de Oro de Campeones Mundiales*, ou simplesmente Mundialito. Sua disputa se deu em Montevideu, no mítico estádio Centenário, entre os dias 30 de dezembro

---

<sup>241</sup> NAPOLEÃO, Antonio Carlos. op. cit., p. 76

<sup>242</sup> Idem, ibidem, p. 76. O Brasil não era derrotado no Maracanã desde 1968, foram 44 partidas de invencibilidade no estádio. A última derrota havia ocorrido no dia 31 de outubro de 1968, por 2X1, para o México.

de 1980 até 10 de janeiro de 1981. A Inglaterra foi a única campeã mundial que recusou o convite e foi substituída pela Holanda.

As seis seleções foram divididas em dois grupos com 3 equipes que jogariam entre si. O primeiro colocado de cada grupo se classificaria para a grande final. O Grupo A foi formado por Holanda, Itália e Uruguai. O Grupo B por Alemanha Ocidental, Argentina e Brasil. O Uruguai abriu o torneio contra a Holanda, no dia 30 de dezembro, vencendo a partida por 2X0. Na rodada seguinte, dia 3 de janeiro, derrotou os italianos pelo mesmo placar, garantindo a vaga para a final. Na última rodada da fase, Holanda e Itália, já desclassificadas, empataram em 1X1.

O Grupo B iniciou no dia 1º de janeiro com a partida entre Alemanha Ocidental e Argentina. A partida terminou com a vitória dos sul-americanos por 2X1. Na rodada seguinte, domingo, dia 4 de janeiro, Argentina e Brasil se enfrentariam em uma tarde quente e ensolarada do verão uruguaio. As duas equipes chegavam com importantes ausências em virtude de contusões: Kempes pela Argentina e Zico pelo Brasil.<sup>243</sup>

A Seleção Brasileira começou a partida buscando a vitória e aos cinco minutos Zé Sérgio obrigou Fillol a realizar sua primeira intervenção. O jogo, como ressaltado pelo *La Nacion*, era ríspido e duro e ainda aos 7 minutos, Passarella recebeu o cartão amarelo após fazer falta dura em Batista. A partida ficou equilibrada a partir dos quinze minutos da primeira etapa, com as duas equipes criando bons lances. Aos 30 minutos, Ardiles dominou a bola no meio campo e lançou Maradona pela direita, o jovem craque argentino passou por Batista (os brasileiros reclamaram de falta no lance), entrou na área em diagonal, tirou da marcação de Oscar para chutar no canto de Carlos e abrir o placar. Esse foi o primeiro e único gol que Maradona marcou contra o Brasil em toda a sua carreira.

O Brasil não sentiu o gol e continuou jogando bem. Aos 36 minutos, Sócrates recebeu ótimo passe de Toninho Cerezo quase na pequena área, mas escorregou na hora de chutar,

---

<sup>243</sup> Escalação da Seleção Argentina: Fillol, Olguín, Galván, Passarella, Tatantini, Ardiles, Gallego, Barbas (Luque), Díaz, Maradona e Bertoni (Valencia). Escalação da Seleção Brasileira: Carlos (João Leite), Edevaldo, Oscar, Luisinho, Júnior, Batista, Toninho Cerezo, Tita, Renato (Paulo Isidoro), Sócrates e Zé Sérgio. O árbitro da partida foi o austríaco Erich Linnemayr.

perdendo grande oportunidade de empatar o jogo. Ambas as seleções ainda realizaram dois ataques perigosos no primeiro tempo que terminou que a vantagem argentina por 1X0.

Os dois técnicos promoveram substituições no intervalo, Menotti, com o intuito de reforçar o meio campo, trocou Bertoni por Valencia e Telê Santana, querendo ampliar a força ofensiva de sua equipe, tirou Renato e colocou em seu lugar Paulo Isidoro para jogar na ponta direita. A substituição foi exitosa, afinal foi com a ajuda de Isidoro que o Brasil chegou ao empate. Aos 90 segundos, o atleta conquistou escanteio para o Brasil. A cobrança foi mal rebatida pela defesa argentina para o lado direito e a bola se ofereceu livre para Edvaldo, de primeira, chutar forte para o fundo das redes defendidas por Fillol.

Os argentinos, que se classificariam para a final com a vitória, partiram para o ataque e pressionaram o Brasil por alguns minutos, de maneira desordenada. Aos poucos, a Seleção Brasileira foi retomando o controle da partida, criando novas oportunidades de marcar e não fosse pela grande atuação do arqueiro argentino teria virado o placar. No último minuto, Sócrates teve um gol anulado, em virtude de um impedimento passivo de Tita. Contudo, a Argentina também levou perigo, aos 22 minutos, por exemplo, Valencia acertou a trave brasileira. Nos acréscimos, Paulo Isidoro cometeu falta dura em Valencia, foi cercado pelos atletas adversários o que quase resultou em uma briga generalizada no gramado, tão comum em décadas anteriores.<sup>244</sup>

O Brasil, de positivo, voltava a apresentar um futebol ofensivo e habilidoso. O sempre exigente Telê Santana se mostrava bastante satisfeito após o duro confronto: “O jogo foi bom e as duas equipes criaram oportunidades boas. Mas nós estivemos mais próximos da vitória”.<sup>245</sup> A imprensa argentina apresentou uma opinião semelhante ao afirmar que a Argentina não perdeu a partida porque o Brasil lhe respeitou demasiadamente e que lhes faltou capacidade de criação.<sup>246</sup>

---

<sup>244</sup> Os gols da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. SP1873. “1981 (January 4) Argentina 1-Brazil 1 (Mundialito).avi”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AZk3KeGWqho>. Acessado em: 16 de outubro de 2017. A partida pode ser assistida na íntegra: NEDVED, Pedro. “Mundialito 1981 Brasil vs Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H-PBREF58Zc>. Acessado em: 9 de agosto de 2016.

<sup>245</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 5 de janeiro de 1981, p. 22.

<sup>246</sup> LA NACION, 5 de janeiro de 1981, p. 2 (Seção 2).

Não podemos nos queixar do resultado que obtivemos diante do Brasil. Tal como se deu o jogo, tal como funcionaram os brasileiros, tal como não funcionaram os nossos, com saldo futebolisticamente negativo para a Argentina, o empate nos conforma plenamente. Assim como outras vezes nos últimos tempos consideramos que nossa Seleção respeitava em excesso o conjunto da CBF – mas em função de antecedentes, da história, que por motivos da real superioridade brasileira –, acreditamos que em Montevideu nos salvou de uma derrota o respeito que nos teve o quadro de Telê Santana no decorrer de todo o encontro.<sup>247</sup>

O Brasil, para prosseguir na competição e disputar a final contra o Uruguai, precisava vencer a Alemanha por dois ou mais gols de diferença ou a partir de 3X2. Se vencesse por 2X1 o classificado para a final seria conhecido por sorteio, pois terminaria empatado com a Argentina em pontos e em todos os demais critérios de desempate.<sup>248</sup>

Os argentinos, em particular Maradona, não acreditavam que o Brasil iria superar a Alemanha. Para o El Gráfico, a Alemanha era uma Seleção, naquele momento, considerada “muito superior a do Brasil”.<sup>249</sup>

Contrariando as expectativas dos argentinos, o Brasil realizou uma grande apresentação no dia 7 de janeiro. A Seleção Brasileira partiu para o ataque desde o início da partida e criou boas oportunidades para marcar, contudo o primeiro tempo terminou 0X0. Na etapa complementar, como um castigo para quem apresentava o melhor futebol, Allofs abriu o placar para a Alemanha. O Brasil não se abateu e intensificou suas ações ofensivas e “em 33 minutos arrasadores, esmagou o campeão europeu por 4 a 1”<sup>250</sup> e se classificou para disputar contra o Uruguai a final do Mundialito.<sup>251</sup>

Foram 33 minutos maravilhosos, arrasadores. E neles, os últimos da partida, o Brasil conseguiu o que parecia impossível, quase inacreditável: esmagar a temível Alemanha Ocidental, campeã europeia de 80, por 4 a 1 (após estar em desvantagem), ganhando, assim, o direito de decidir o título do Mundialito com

<sup>247</sup> EL GRÁFICO, 6 de janeiro de 1981, p. 6.

<sup>248</sup> Caso dois times terminassem empatados na primeira posição, os critérios de desempate eram: I. Diferença entre os gols marcados e sofridos. II. Gols pró. III. Sorteio.

<sup>249</sup> EL GRÁFICO, 6 de janeiro de 1981, p. 15.

<sup>250</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 8 de janeiro de 1981, p. 29.

<sup>251</sup> Os gols da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. SP1873. “1981 January 7 Brazil 4 West Germany 1 Mundialito”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uWCpR9ZVfEE>. Acessado em: 16 de outubro de 2017.

o Uruguai, sábado. Um jogo histórico, o de ontem. Deslumbrou os torcedores e fez os alemães abandonarem o velho Estádio Centenário sem saber direito o que havia acontecido. A seleção brasileira lembrou 70 (México), não só pela goleada, mas pelas fintas, toque de bola, velocidade e disposição de luta até o último segundo. Mais ainda: também saiu do Brasil desacreditada e mostrou o seu valor.<sup>252</sup>

Na final, no dia 10 de janeiro, o Brasil realizou uma partida equilibrada e muito difícil contra o Uruguai. Os donos da casa abriram o placar aos 5 minutos da etapa complementar com Barrios. Sócrates, cobrando pênalti, empatou aos 17. Mas, Victorino, de cabeça, aos 35 minutos, deu números finais ao jogo e o título ao Uruguai.<sup>253</sup>

O Brasil, diferentemente da Argentina, tinha uma responsabilidade distinta em 1981, qual seja, classificar-se para a Copa do Mundo da Espanha que seria disputada no ano seguinte. A Argentina, atual detentora do título, estava automaticamente classificada e após a disputa do Mundialito realizou apenas dois amistosos, ambos em Buenos Aires. Em outubro foi derrotada pela Polônia por 2X1 e em novembro empatou por 1X1 com a Tchecoslováquia.

Nove seleções vinculadas à Conmebol foram divididas em três grupos e disputaram três vagas para a Copa do Mundo de 1982. As partidas de ida e volta disputadas em cada grupo classificaria o líder de cada um para disputar o Mundial da Espanha. O Grupo 1 foi formado por Bolívia, Brasil e Venezuela. O Grupo 2 teve como participantes a Colômbia, o Peru e Uruguai e no Grupo 3 alinhou-se o Chile, o Equador e o Paraguai.

A grande surpresa foi o campeão do Mundialito, o Uruguai, perder a vaga para o Peru em seu grupo, a equipe foi inclusive derrotada pelos peruanos no jogo disputado em Montevideu. No Grupo 3 o Chile classificou-se com facilidade para o Mundial, com uma campanha de 3 vitórias e 1 empate.

O Brasil iniciou sua trajetória enfrentando seus adversários fora de casa e encontrou alguma dificuldade. Estreou contra a Venezuela, no dia 8 de fevereiro, no Estádio Olímpico de

---

<sup>252</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 8 de janeiro de 1981, p. 29.

<sup>253</sup> Os gols da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. SP1873. “1981 (January 10) Uruguay 2-Brazil 1 (Mundialito).avi”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=1JitjFM\\_O5k](https://www.youtube.com/watch?v=1JitjFM_O5k). Acessado em: 16 de outubro de 2017.

Caracas e conseguiu uma vitória apertada, de pênalti, gol de Zico, aos 37 minutos da etapa final. No dia 22 de fevereiro jogou na altitude de La Paz contra a Seleção Boliviana, a equipe não apresentou um grande futebol, não obstante venceu por 2X1, gols de Sócrates e Reinaldo. Aragonés descontou para os bolivianos.

No retorno, nas partidas disputadas no Brasil, além de vitórias fáceis, a Seleção apresentou um belo futebol. No dia 20 de março, no Maracanã, venceu os bolivianos por 3X1, com três gols de Zico e, mais uma vez, Aragonés marcou para a Bolívia. Com o resultado positivo, a seleção comandada por Telê Santana classificou-se antecipadamente para o Mundial. O time encerrou sua participação nas eliminatórias em Goiânia, no Estádio Serra Dourada, no dia 29 de março. Mesmo levando em conta a fragilidade de seu adversário, realizou ótima apresentação e goleou a Venezuela por 5X0.

Em maio a Seleção Brasileira excursionou pela Europa. Venceu as três partidas, jogando um bom futebol. O primeiro jogo, no dia 12 de maio, foi contra a Inglaterra em Wembley, vitória por 1X0, a primeira do Brasil na terra dos inventores do futebol, gol de Zico. O Brasil cruzou o Canal da Mancha para jogar contra os franceses no dia 15 de maio. Nova vitória, agora por 3X1, gols de Zico, Reinaldo<sup>254</sup> e Sócrates e de Six pelos franceses. No dia 19 de maio foi a vez de enfrentar os alemães ocidentais em Stuttgart. O Brasil, assim como ocorreu no Mundialito no início do ano, venceu de virada, agora por um placar mais modesto, 2X1. Fischer

---

<sup>254</sup> José Reinaldo de Lima (Ponte Nova-MG, 11 de janeiro de 1957). É considerado um dos mais talentosos jogadores brasileiros de sua era. Sua carreira foi muito prejudicada pelas constantes contusões que sofreu, especialmente no joelho, que sofreu. Surgiu, ainda aos 15 anos, em 1971, ao participar de um treino no Atlético, equipe que defendeu por quase toda a carreira, no ataque reserva contra a defesa titular que ganharia o Campeonato Brasileiro daquele ano. Mesmo chamando atenção de todos, só estreou na equipe profissional do Atlético em janeiro de 1973. Atuou pela equipe mineira entre 1973 e 1985. Neste período conquistou o hexacampeonato mineiro entre 1978 e 1983. Foi ainda campeão mineiro invicto de 1976. Foi vice-campeão brasileiro em duas oportunidades (1977 e 1980). Foi campeão da Taça Minas Gerais em 1975, 1976 e 1979 e foi campeão da Copa dos Campeões da Copa do Brasil de 1978. Ao longo de sua carreira pelo Atlético, Reinaldo participou de 475 jogos, marcou 255 gols, obteve 289 vitórias, 113 empates e 73 derrotas. Foi para o Palmeiras em 1985 para uma rápida passagem de 3 meses. Depois foi atuar no futebol do Amazonas, pelo Rio Negro. Fez duas partidas pelo Cruzeiro em 1986. Em 1987 atuou pela equipe sueca do BK Häcken e em 1988 encerrou a carreira, prematuramente em virtude dos problemas físicos, atuando na segunda divisão do futebol holandês, pelo Telstar. Defendeu a Seleção Brasileira em 29 partidas oficiais entre 1975 e 1985, marcou 11 gols. Participou da Copa de 1978. Atuou 2 vezes contra a Argentina: 2 vitórias.

marcou para os alemães. Toninho Cerezo<sup>255</sup> e Júnior para os brasileiros. O grande destaque da partida foi o brasileiro Valdir Peres que defendeu as duas cobranças de pênaltis de Breitner.<sup>256</sup>

Ao todo, incluindo as partidas realizadas em maio e relatadas acima, a Seleção Brasileira jogou doze amistosos antes da estreia contra a União Soviética na Copa da Espanha. O saldo foi de 9 vitórias e 3 empates, 26 gols marcados e 6 gols sofridos. “O Brasil parecia reviver a mágica do futebol arte de 1958, 62 e 70. A seleção encantava, com jogadas de efeito e craques”.<sup>257</sup> Era apontada pela imprensa não só brasileira, mas mundial, como uma das favoritas para a Copa do Mundo.

## 5.6. COPA DE 1982: A MALDIÇÃO OU TRAGÉDIA DO SARRIÁ

A ditadura brasileira entrava em sua fase terminal no começo da década de 80. O país endividado, marcado por profunda injustiça social e vivendo grave crise econômica, o presidente Figueiredo buscava dar prosseguimento a abertura política. “Um processo de transição pactuada com as oposições conservadoras visando estabelecer uma democracia liberal sem alteração das estruturas socioeconômicas”.<sup>258</sup>

As pressões de vários setores da sociedade em prol da democratização aumentavam e naquele começo de década, poucas atividades e manifestações escapavam da politização e da crítica à Ditadura. “Tal como a música, teatro, etc., o futebol também foi alvo desse fenômeno”.<sup>259</sup> Para além dos jogadores, que em distintas épocas questionaram o sistema autoritário do futebol e também do país, como Heleno de Freitas, Leônidas, Paulo César “Caju”, Reinaldo, Alfonsinho, Mário Sérgio,<sup>260</sup> dentre outros, a mais marcante vinculação entre o futebol

<sup>255</sup> O gol de empate de Cerezo foi também o milésimo gol da história da Seleção Brasileira em partidas oficiais.

<sup>256</sup> Aos 34 minutos do 2º tempo Rummenigge cruzou e a bola bateu na mão de Edevaldo e o árbitro inglês marcou pênalti; Paul Breitner cobrou e Valdir Peres defendeu mas o árbitro mandou cobrar de novo alegando que o goleiro brasileiro se antecipou à cobrança; Breitner, na nova cobrança, bateu no canto esquerdo e Valdir Peres espalmou para escanteio.

<sup>257</sup> FARIAS, Airton de. op cit., v. 1, p. 441.

<sup>258</sup> Idem, ibidem, p. 432.

<sup>259</sup> Idem, ibidem, p. 432.

<sup>260</sup> Vários jogadores foram taxados de indisciplinados, desagregadores, mercenários ou rebeldes por defenderem seus direitos. Cf. FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. COUTO, Euclides de Freitas. “A esquerda contra-ataca: rebeldia e contestação política no futebol

e a política na primeira metade da década de 80 se deu com a chamada “Democracia Corinthiana”. Nela o clube permitiu que os jogadores pudessem participar de decisões que até aquele momento eram tomadas apenas pelos cartolas. Os principais jogadores da equipe; Wladimir, Casagrande e, especialmente, Sócrates; também eram os líderes do movimento.

Na base do voto igualitário e por decisão da maioria, direção, jogadores e comissão técnica (roupeiros, massagistas, etc. incluídos) discutiam sobre vários assuntos, a exemplo de concentração, dispensa de jogadores, escolha de técnico, viagens, etc. Num país que vivia uma ditadura desde 1964, em que as pessoas não podiam eleger seus governantes, a experiência do time paulista era algo impactante.<sup>261</sup>

A experiência não durou muito. Em 1984, Sócrates foi para a Fiorentina. Logo depois Casagrande também foi atuar no futebol italiano. Tais saídas enfraqueceram não só o movimento, mas também o elenco. Surgiram divisões internas e os cartolas aproveitaram-se para retomar o “espaço perdido”. A eleição de Roberto Pasqua para dirigir o clube marcou o fim da “Democracia Corinthiana”.<sup>262</sup>

A Argentina, enfrentando grave crise econômica e política, buscava por algo que gerasse um sentimento de unidade nacional e nesse sentido surgiu a aventura das Malvinas, que, como nos lembra Quesada, “desde a escola primária, a criança argentina aprende a história da perda das ilhas Malvinas para os ingleses”.<sup>263</sup> A invasão começou em maio de 1982.

O alvo era simbolicamente bem escolhido, mas a avaliação das possibilidades de êxito, desastrosa. Ela se fundava na expectativa de contar com a simpatia ou, quem sabe, com o apoio dos Estados Unidos, dada a aproximação da Argentina com aquele país, ao se colocar ao lado do presidente Reagan, na guerra encoberta que vinha promovendo na América Central.<sup>264</sup>

---

brasileiro (1970-1978). In: *Recorde: Revista de História do Esporte*, v. 3, n. 1, junho de 2010. MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *História do futebol*. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010. RIBAS, Lycio Vellozo. op. cit.

<sup>261</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., v. 1, p. 436.

<sup>262</sup> SÓCRATES; GOZZI, Ricardo. *Democracia corinthiana: a utopia em jogo*. São Paulo: Boitempo, 2002. NEGRELLO, Michele. *Democracia corinthiana: da gestão que contrariou a cartolagem até as “Diretas Já” no Corinthians de hoje*. Campinas: Monografia em Educação Física, UNICAMP, 2008.

<sup>263</sup> SÁENZ QUESADA, María. op. cit., p. 672.

<sup>264</sup> FAUSTO, Boris e DEVOTO, Fernando J. op. cit., p. 457.

Os dirigentes argentinos também acreditaram, erroneamente, que os ingleses se desinteressariam pelo destino daquelas longínquas ilhas. Não foi o que aconteceu. Margaret Thatcher vislumbrou na aventura argentina a oportunidade de reforçar seu próprio prestígio internamente.

A invasão das Malvinas gerou efetivamente um fenômeno de unidade nacional no país. Ao menos momentaneamente foram esquecidas as violências cometidas pelo regime militar e as agruras econômicas pelas quais o país atravessava. Recuperar as Malvinas seria simultaneamente a afirmação da soberania e um golpe sobre uma potência imperialista. Mas, ela não veio. Os ingleses derrotaram os argentinos e retomaram as ilhas. Com isso, a dor da derrota militar se somou a de milhares de famílias vítimas da repressão governamental, o governo encontrava a sua derrocada.

É duvidoso e talvez inútil especular sobre os destinos da Argentina, caso não tivesse sido desfechada a invasão das Malvinas, ou caso os argentinos obtivessem a soberania da ilha. O certo é que a derrota, em condições lamentáveis (junho de 1982), acelerou a derrubada do regime militar, como nenhuma circunstância anterior propiciara. Mais do que isso, a desmoralização dos militares naquele episódio e as extensas revelações dos atentados contra os direitos humanos por eles praticados fizeram com que, depois de dezenas de anos, as Forças Armadas voltassem a suas funções constitucionais.<sup>265</sup>

Se for duvidoso e até inútil especular sobre o que teria ocorrido com a Argentina se ela não tivesse invadido as Malvinas ou se o desfecho tivesse sido o da vitória, o certo é que a derrota, gerou várias consequências, dentre elas, ao contrário do que ocorreu no cenário político brasileiro, “os militares não puderam negociar sua desordenada saída, fato que marcou profundamente a transição para o regime democrático”.<sup>266</sup>

A Espanha disputou com a Alemanha o direito de sediar a Copa de 1974. Os dois países acordaram, no Congresso da FIFA em 1966, que a Alemanha receberia o evento em 74 e, em troca, a Espanha receberia o apoio para realizá-lo oito anos depois. O acordo foi finalmente oficializado em uma reunião do Comitê Executivo da FIFA ocorrido em Montreal, em 1976.

---

<sup>265</sup> Idem, *ibidem*, p. 458.

<sup>266</sup> Idem, *ibidem*, p. 458.

Quando se candidatou para sediar a Copa do Mundo, a Espanha ainda era governada por Francisco Franco, que implantou uma ditadura que se utilizou amplamente do futebol como instrumento de propaganda. O franquismo chegou ao fim em 1975, com a morte do ditador, dessa forma, ironicamente, a Copa do Mundo de 1982 serviu para celebrar uma nova Espanha, recém democratizada após quase 40 anos de ditadura.

A XII Copa do Mundo teria uma importante novidade: o aumento no número de participantes. Ao invés das tradicionais 16 seleções, o Mundial contaria com 24 países. João Havelange cumpria com o que havia prometido quando de sua eleição para a FIFA em 1974. Pessoalmente, tal medida lhe rendeu frutos, pois sua liderança se viu fortalecida entre os representantes das federações afro-asiáticas, garantindo sucessivas reeleições no comando do futebol mundial. A medida tomada, afora estimular ainda mais a prática do futebol pelo mundo, afinal, ao menos “em tese”, seria mais fácil alcançar uma Copa do Mundo, significaria mais lucros com a venda de direitos de transmissão de jogos, propagandas, patrocinadores, ingressos, etc., lembrando que com mais equipes também ocorreriam mais partidas.

Juntas, Ásia e África, representavam um mercado de 2,5 bilhões de consumidores, mais da metade da população mundial da época. Definitivamente, com João Havelange, o futebol virava um negócio milionário e a Copa do Mundo uma grande vitrina. A mercantilização do esporte atingia patamares nunca antes vistos.<sup>267</sup>

Foram colocadas em disputa 22 vagas. A Espanha, como sede, já estava classificada, assim como a Argentina, a então campeã. Um número recorde de seleções também se inscreveu para disputar a fase final do Mundial, foram 105 seleções. O continente mais beneficiado com a ampliação no número de vagas foi o europeu que passou das antigas 9 vagas para 14 (13 foram colocadas em disputa). A América Central passou a contar com 2 vagas, assim como a África. A chave que envolveu Ásia e Oceania também contou com 2 vagas. A América do Sul passou a contar com 4 vagas, sendo 3 em disputa.<sup>268</sup>

---

<sup>267</sup> GEHRINGER, Max. *Almanaque dos Mundiais*. São Paulo: Globo, 2010, p. 280.

<sup>268</sup> Como a Argentina já estava classificada, três vagas foram disputadas pela região.

Na Europa, as grandes seleções se classificaram, exceto a envelhecida Holanda, que terminou em quarto lugar em seu grupo, atrás das classificadas Bélgica e França e ainda da Irlanda. Na América Central a “zebra” foi a eliminação do México, tradicional representante do continente. As seleções classificadas foram Honduras e El Salvador. Os representantes africanos foram os selecionados de Camarões e da Argélia. Kuwait e Nova Zelândia classificaram-se pela Ásia-Oceania.

Os espanhóis criaram a mascote do Mundial com o objetivo de promover o evento, o *Naranjito*, uma laranja com braços, pernas e vestindo o uniforme da Espanha. A personagem, uma referência a um dos principais produtos de exportação do país, criado por dois jovens publicitários, suscitou muitas críticas, pela sua pouca afinidade com a cultura e a história nacional. Apesar disso, tornou-se muito popular.

**Figura 11: Mascote da Copa do Mundo de 1982: Naranjito<sup>269</sup>**



Os 24 participantes foram divididos em seis grupos com quatro seleções. As duas melhores classificadas de cada grupo avançariam para a fase seguinte. Os grupos ficaram divididos da seguinte forma, após sorteio dirigido: Grupo A – Camarões, Itália, Peru e Polônia. Grupo B – Alemanha Ocidental, Argélia, Áustria e Chile. Grupo C – Argentina, Bélgica, El Salvador e Hungria. Grupo D – França, Inglaterra, Kuwait e Tchecoslováquia. Grupo E – Espanha, Honduras, Irlanda do Norte e Iugoslávia. Grupo F – Brasil, Escócia, Nova Zelândia e

<sup>269</sup> EPICHURUS. “Naranjito e Fuleco no divã”. Disponível em: <https://epichurus.com/2014/07/07/naranjito-e-fuleco-no-diva/>. Acessado em 22 de outubro de 2017.

União Soviética. A competição foi disputada entre os dias 13 de junho e 11 de julho de 1982. A bola da disputa foi a mesma da Copa anterior, a Tango.

As quartas de final contariam com doze equipes. Elas foram divididas em 4 grupos com 3 equipes cada. A melhor equipe de cada grupo passaria para as semifinais que seriam jogadas no tradicional “mata-mata”. Os vencedores fariam a grande final e os perdedores disputariam terceiro lugar.

**Figura 12: Logo da XII Copa do Mundo de Futebol – 1982 – Espanha<sup>270</sup>**

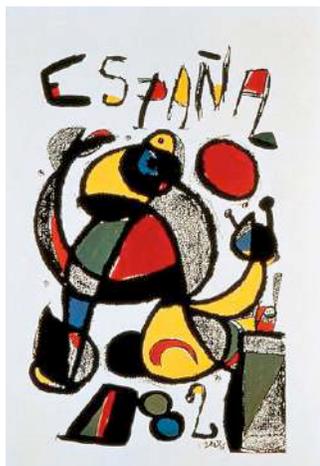


O Grupo A, surpreendentemente, com Itália, Camarões, Peru e Polônia, foi um dos mais disputados e também mais fracos. Dos seis jogos, cinco terminaram empatados, três deles em 0X0. A *Azzurra* vivia um grande escândalo fora de campo, o *Totonero*, que envolveu dirigentes e jogadores na venda de resultados de partidas da loteria esportiva. Dentro de campo, os resultados também não eram satisfatórios e Enzo Bearzot era tido pela imprensa local como um técnico “ultrapassado”. O clima entre os atletas, a comissão técnica e a imprensa era tão ruim que os primeiros resolveram, durante a Copa, não falarem mais com os jornalistas, foi instituída uma “greve de silêncio”.

---

<sup>270</sup> GONÇALVES, Guilherme. “Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014: Copas Anteriores”. Disponível em: <http://bloggerdacopanobrasil.blogspot.com.br/p/copas-do-mundo-fifa-antieriores.html>. Acessado em 22 de outubro de 2017.

**Figura 13: Pôster da XII Copa do Mundo de Futebol – 1982 – Espanha<sup>271</sup>**



Após empatar, sem gols, com a Polônia na estreia e em 1X1 com o Peru, a Itália, para se classificar, precisava de um empate contra Camarões. Para ficar em primeiro lugar no grupo, após a boa vitória da Polônia sobre o Peru, era preciso golear os africanos. Camarões, por sua vez, se vencesse, passaria para a etapa seguinte. A Itália, mostrando evolução, fez sua melhor apresentação até aquele momento no Mundial. Abriu o placar aos 16 minutos da etapa final, contudo, um minuto depois, Camarões empatou o jogo, mantendo em aberto a disputa da vaga. A partida terminou sem novas alterações no placar e a Itália, mesmo recebendo duras críticas da imprensa de seu país, avançou para a etapa seguinte.

No Grupo B, Alemanha e Áustria macularam, na última rodada, a esportividade da Copa do Mundo e prejudicaram a Seleção da Argélia. Os africanos surpreenderam e ganharam na rodada inicial da forte seleção alemã. Na rodada seguinte foram derrotados pela Áustria e na última rodada venceram o Chile. Dessa forma, Alemanha e Áustria chegaram para o último jogo na seguinte situação: as duas seleções europeias se classificariam para a etapa seguinte se a Alemanha vencesse o jogo por um gol de diferença, qualquer outro resultado classificaria os argelinos.

Os alemães marcaram o gol e as duas seleções, a partir daí, passaram a tocar a bola no meio de campo, esperando o tempo passar. A falta de empenho foi tão flagrante que o juiz

---

<sup>271</sup> ALMEIDA, Bruno. “Os pôsteres e mascotes da Copa do Mundo: 1982 - Espanha”. Disponível em: <http://publistagram.com/os-posteres-e-mascotes-da-copa-do-mundo/>. Acessado em 22 de outubro de 2017.

escocês, Robert Valentine, chegou a interromper a partida e solicitar aos dois capitães que orientassem os seus comandados para que “jogassem bola”. Alemanha e Áustria se classificaram em “uma das mais vergonhosas antidesportividades acontecidas numa competição internacional de futebol”.<sup>272</sup>

A Argentina foi cabeça de chave do Grupo C. Mesmo contando com a base que vencera o Mundial anterior e ainda reforçada com a presença de Diego Maradona, a alvianil decepcionou na estreia e foi derrotada pela a Bélgica por 1X0, na partida que abriu a Copa do Mundo, no dia 13 de junho, no Camp Nou, em Barcelona.<sup>273</sup> Vanderbergh fez o gol único do jogo aos 18 minutos da etapa final.<sup>274</sup> Também quebrou-se, positivamente, um tabu iniciado em 1966: uma partida de abertura de Mundial não terminou empatada em 0X0.

Mesmo levando-se em conta a tensão natural da estréia, esperava-se bem mais dos dois times. Afinal, a Argentina manteve a base da equipe campeã em 78 e agora conta com Diego Maradona, um raro talento. E a Bélgica, atual vice-campeã européia, vinha sendo apontada como uma reedição da Holanda de 74, que encantou a todos com seu sistema “carrossel”, ou “futebol-total”. Mas o que se viu, na maior parte do jogo, foi uma sequência irritante de passes errados e uma inesperada falta de criatividade de quase todos os jogadores.<sup>275</sup>

Apesar de não encontrar nos documentos pesquisados, relatos dos efeitos do conflito no rendimento do selecionado argentino contra os belgas, é interessante ressaltar que a estreia da Argentina se deu no dia anterior à rendição do país na Guerra das Malvinas.

No dia 18 de junho, pressionada, a Argentina enfrentou a Hungria em Alicante, no Estádio José Rico Peréz.<sup>276</sup> Esperava-se um jogo difícil, afinal a seleção europeia em sua estreia

<sup>272</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., v. 1, p. 451.

<sup>273</sup> Escalação da Seleção Argentina: Fillol, Galván, Olguin, Passarella, Tarantini, Ardiles, Gallego, Maradona, Bertoni, Díaz (Valdano) e Kempes. Escalação da Seleção Belga: Pfaff, Gerets, Millicamps, Baecke, Schrijver, Vercauteren, Coeck, Ceulemans, Vanderbergh, Vandersmissen e Czerniatynski. O árbitro da partida foi o eslovaco Vojtěch Christov.

<sup>274</sup> O gol da partida pode ser assistido em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. MRDROBISHA. “World Cup Spain 1982: Argentina - Belgium 0-1 (Group 3) - HD”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UemgM67Veqk>. Acessado em: 22 de outubro de 2017.

<sup>275</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 14 de junho de 1982, p. 22.

<sup>276</sup> Escalação da Seleção da Argentina: Fillol, Galván, Olguin, Passarella, Tarantini (Barbas), Ardiles, Gallego, Maradona, Bertoni, Kempes e Valdano (Calderón). Escalação da Seleção Húngara: Mészáros, Martos (Fazekas), balint, Tóth, Rab, Sallai, Varga, Garaba, Nyilasi, Kiss (Szentes) e Pölöskei. O árbitro da partida foi o argelino Belaid Lacame.

havia aplicado a que seria a maior goleada do Mundial, 10X1, em El Salvador. Não foi o que ocorreu. A Argentina se impôs desde o começo da partida, mostrou autoridade de uma campeã mundial e Maradona brilhou com dois gols e belas jogadas. Precisando da vitória, os argentinos partiram para o ataque desde o início da partida e criaram várias oportunidades antes de Bertoni abrir o placar aos 27 minutos da primeira etapa. Apenas dois minutos depois, Bertoni chutou forte, o goleiro defendeu parcialmente e no rebote Maradona marcou o segundo gol de sua equipe, o seu primeiro em uma Copa do Mundo. Mesmo mantendo a pressão, o placar não se alterou no restante da primeira etapa.

O panorama da partida permaneceu inalterado na etapa complementar e Maradona ampliou aos 12 minutos, chutando forte, de esquerda. Quatro minutos depois, Olguín acertou a trave húngara, na volta Ardiles marcou para os argentinos. Com a vitória assegurada, a albiceleste reduziu o ritmo, apesar de continuar exercendo o domínio territorial, permitiu que a Hungria se aventurasse no ataque e marcasse o seu gol aos 31 minutos por intermédio de Tóth.<sup>277</sup> Como a Bélgica havia vencido El Salvador por apenas 1X0, bastava uma vitória na última rodada, por qualquer placar, para que a Argentina avançasse na competição.

Finalmente, depois da derrota da seleção para a Bélgica na abertura da Copa, da rendição de suas tropas nas Malvinas e da crise política que se seguiu, os argentinos tiveram ontem um motivo para alegria: jogando em Alicante, o time de Menotti goleou a Hungria por 4 a 1, mostrou um futebol digno de campeões mundiais e, principalmente, teve um Maradona brilhante em campo, comandando todas as ações do time e marcando dois gols.<sup>278</sup>

No dia 23 de junho, novamente em Alicante, a Argentina enfrentou a fraca seleção de El Salvador.<sup>279</sup> A vitória foi obtida sem muita dificuldade, mas em um jogo violento, por 2X0,

---

<sup>277</sup> Os gols da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. SP1873. “1982 (June 18) Argentina 4-Hungary 1 (World Cup).mpg”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P--ztW4YADc>. Acessado em: 22 de outubro de 2017.

<sup>278</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 19 de junho de 1982, p. 30.

<sup>279</sup> Escalação da Seleção Argentina: Fillol, Gaván, Olguín, Passarella, Tarantini, Ardiles, Gallego, Maradona, Bertoni (Díaz), Calderón (Santamaría) e Kempes. Escalação da Seleção de El Salvador: Luis Mora, Cruz, Recinos, Osorto (Arvelado), Rodríguez, Ventura (Alfaro), Rugamas, Huevo, Rivas, Ramirez e González. O árbitro da partida foi o boliviano Luis Barrancos.

gols de Passarela de pênalti, no primeiro tempo e Bertoni, na etapa complementar.<sup>280</sup> Com o resultado, os atuais campeões mundiais classificaram-se em segundo lugar na chave para a etapa seguinte. O primeiro lugar do grupo foi conquistado pela Bélgica que na véspera havia empatado por 1X1 com a Hungria e terminado a primeira fase com 5 pontos ganhos. A Argentina, em segundo lugar, conquistou 4 pontos. Com isso formou-se um dos grupos das quartas de final, com três campeões mundiais: Argentina, Brasil e Itália, um autêntico “grupo da morte”.

Dentre os favoritos para o Mundial, foi o Brasil que melhor confirmou tal condição na primeira fase da competição. A estreia, no dia 14 de junho, foi contra a União Soviética, equipe que a havia derrotado no Maracanã dois anos antes, em 1980. A partida, para 68 mil pagantes, foi disputada no Estádio Ramón Sánchez Pizjuán, em Sevilha.<sup>281</sup> O Brasil, como era esperado, partiu para o ataque desde o início do embate e desperdiçou algumas oportunidades de abrir o placar. Aos 34 minutos, em um chute desprezioso de Bal, Valdir Peres falhou e a bola entrou. O Brasil sentiu o gol e a União Soviética passou a comandar a partida. Aos 43 minutos, Bessonov chutou rente ao poste brasileiro. O primeiro tempo terminou com a vantagem soviética.

Telê Santana resolveu substituir Dirceu por Paulo Isidoro no intervalo. A equipe voltou determinada a empatar o jogo, apesar de se expor um pouco mais aos contragolpes de seu adversário. Aos poucos os soviéticos foram encurralados e as oportunidades brasileiras se multiplicaram. Finalmente, aos 29 minutos, Sócrates<sup>282</sup> foi à frente, driblou Susloparov, que havia

---

<sup>280</sup> Os gols da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. SP1873. “1982 (June 23) Argentina 2-El Salvador 0 (World Cup).mpg”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8LQ5YG0J-sY>. Acessado em: 22 de outubro de 2017.

<sup>281</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Valdir Peres, Leandro, Oscar, Luisinho, Júnior, Zico, Falcão, Sócrates, Dirceu (Paulo Isidoro), Serginho e Éder. Escalação da Seleção Soviética: Dasayev, Sulakvelidze, Chivadze, Demianenko, Baltacha, Daraselia, Shengelia (Andreyev), Bessonov, Gavrlov (Susloparov), Bal e Blokhin. O árbitro da partida foi o espanhol Augusto Lamo Castillo.

<sup>282</sup> Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira (Belém-PA, 19 de fevereiro de 1954 – São Paulo, 4 de dezembro de 2011). Ídolo do futebol brasileiro na década de 1980, também ficou conhecido como “Doutor Sócrates” ou Magrão, o primeiro apelido era uma alusão ao curso de medicina que tinha feito e o segundo ao seu tipo físico, magro e alto. Fora do futebol, Sócrates teve uma vida política bastante ativa, participou da campanha Diretas Já e foi um dos grandes líderes da Democracia Corinthiana. Iniciou a carreira em 1974 no Botafogo de Ribeirão Preto. Em 1978 transferiu-se para o Corinthians, equipe que se tornou ídolo e atuou até 1984 quando foi jogar, com pouco êxito, no futebol italiano, mais precisamente na Fiorentina (1984/1985). Pelo Corinthians conquistou três campeonatos paulistas (1979, 1982 e 1983). Retornou ao Brasil em 1985 para defender o Flamengo. Em 1988 atuou pelo Santos e em 1989 encerrou a carreira na equipe que o lançou para o futebol, o Botafogo de Ribeirão Preto. Tentou posteriormente seguir a carreira de técnico, com pouco êxito. Estreou na Seleção Brasileira em 17 de maio de 1979 contra o Paraguai e realizou sua última partida no dia 21 de junho de 1986, contra a França, no Mundial disputado no México. Jogou duas Copas do Mundo (1982 e 1986) e foi uma das maiores estrelas da Seleção

substituído Gavrilov, e chutou com violência, de forma indefensável, no ângulo direito do até então intransponível Dasayev.

Animados com o gol e demonstrando melhor preparo físico, o Brasil continuou pressionando o seu adversário. O gol da virada brasileira surgiu após os soviéticos reclamarem de um pênalti não marcado, aos 43 minutos, quando o habilidoso zagueiro Luisinho teria tocado a mão na bola dentro da área. Na sequência do jogo, aos 44 minutos, Paulo Isidoro recebeu pela direita, tocou para Falcão<sup>283</sup> que abriu as pernas e deixou a bola passar para Éder. O pontasquerda brasileiro levantou levemente a bola com esquerda e sem deixar que ela tocasse no chão bateu forte. A violência do chute foi tal que o goleiro sequer se mexeu. O Brasil ganhava sua primeira partida de virada por 2X1.<sup>284</sup>

Passado o nervosismo da estreia, era a vez de encarar a Escócia. A partida também foi disputada em Sevilha, agora no Estádio Benedito Villamarín, do Real Betis, no dia 18 de junho.<sup>285</sup> A Escócia havia vencido a Nova Zelândia por 5X2 na primeira rodada. Se o Brasil derrotasse os escoceses já estaria classificado para a próxima etapa, pois na rodada seguinte a União Soviética e Escócia se enfrentariam e pelo menos uma delas não teria como alcançar a pontuação da Seleção Brasileira.

---

Brasileira que encantou o mundo em 1982. Defendeu o Brasil em 63 jogos e marcou 25 gols. Atuou 4 vezes contra a Argentina: 1 vitória e 3 empates. Marcou dois gols.

<sup>283</sup> Paulo Roberto Falcão (Aberlardo Luz-SC, 16 de outubro de 1953). Volante ofensivo, jogava de cabeça erguida, elegante, ótima visão de jogo e passes perfeitos. É considerado um dos melhores jogadores já produzidos no Brasil em sua posição. Começou sua carreira em 1973 no Internacional de Porto Alegre, equipe que lhe deu notoriedade especialmente após conquistar três campeonatos brasileiros (1975, 1976 e 1979). Em 1980 foi atuar pela Roma da Itália e conquistou a Copa Itália em 1981 e 1984 e o Campeonato Italiano de 1983 (título que a equipe não ganhava desde 1942). Em virtude das suas grandes atuações e de sua importância para a equipe recebeu o apelido de “Rei de Roma”. Em 1985 retornou ao futebol brasileiro para defender as cores do São Paulo, equipe pela qual foi campeão paulista naquele ano. Encerrou sua carreira no ano seguinte. Jogou pela Seleção Brasileira entre 1976 e 1986. Conquistou no ano de estreia a Copa Roca, a Taça do Atlântico e o Torneio Bicentenário dos Estados Unidos. Disputou duas Copas do Mundo (1982 e 1986) e foi cortado no último momento da lista de convocados para a Copa de 1978. Enfrentou a Argentina em 4 oportunidades: 3 vitórias e 1 empate.

<sup>284</sup> Os gols da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. ARAÚJO, Gabriel. “Brasil 2 x 1 União Soviética (Copa 82) - Fiori Gigliotti”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ojypvgp1Wjg&t=30s>. Acessado em: 22 de outubro de 2017.

<sup>285</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Valdir Peres, Leandro, Oscar, Luisinho, Júnior, Toninho Cerezo, Falcão, Sócrates, Zico, Serginho (Paulo Isidoro) e Éder. Escalação da Seleção Escocesa: Rough, Narey, Gray, Souness, Hansen, Miller, Strachan (Dalglish), Hartford (McLeish), Archibald, Wark e Robertson. O árbitro da partida foi o costarriquenho Luis Paulino Siles.

O Brasil não começou bem a partida e a Escócia manteve o jogo equilibrado até os 30 minutos da etapa inicial. Mesmo jogando defensivamente, coube a Narey, aos 18 minutos, abrir o placar para os escoceses. Apresentando grande dificuldade tática, a Seleção Brasileira buscou compensar as deficiências apresentadas com a criatividade de seus valores individuais e grande espírito de luta e acabou sendo recompensada aos 33 minutos. Toninho Cerezo foi derrubado perto da área. Zico, com incrível precisão, colocou a bola no canto do goleiro, mas fora do seu alcance, empatando a partida, o que acalmou o Brasil que passou a pressionar e a desperdiçar várias oportunidades de virar o placar até o encerramento da etapa inicial.

No segundo tempo, Júnior cobrou escanteio aos 4 minutos. Oscar<sup>286</sup> subiu mais alto que seu marcador, Souness, e cabeceou sem chances para o goleiro da Escócia. O Brasil, a partir daí, tomou conta do jogo. Sócrates e Cerezo começaram a atuar pela direita, Zico a penetrar pela meia e Falcão a apoiar o ataque. Serginho, que até então atuava muito isolado, passou a contar com o auxílio do meio campo brasileiro. Aos 19 minutos, o atacante brasileiro tocou a bola para Éder que entrava livre pela esquerda. O goleiro, esperando um chute forte, se adiantou para fechar o ângulo, mas o habilidoso atleta brasileiro, percebendo a atitude do arqueiro adversário, deu um leve toque para encobri-lo. Brasil 3X1. A Escócia, extenuada fisicamente, não ameaçava a equipe brasileira que passou a tocar lateralmente a bola. Mesmo diminuindo o ritmo, o Brasil chegou, aos 42 minutos, no quarto gol. Falcão, depois de Sócrates ajeitar a bola, chutou forte no canto direito.<sup>287</sup>

---

<sup>286</sup> José Oscar Bernardi (Monte Sião-MG, 20 de junho de 1954). Foi um dos grandes zagueiros brasileiros que atuou nas décadas de 1970 e 1980. Era um jogador calmo, que não abusava da violência, com ótima impulsão e excelente senso de colocação. Foi revelado nos juvenis do Guarani, mas começou sua carreira profissional em 1973 na Ponte Preta, equipe que defendeu até 1979 quando foi jogar por uma temporada no New York Cosmos. Suas boas atuações na equipe de Campinas chamaram a atenção não só das equipes da capital paulista (contudo as negociações não avançaram), mas também lhe rendeu a convocação para disputar a Copa de 1978 na Argentina. Retornou ao Brasil em 1980 para defender até 1987 o São Paulo. Entre 1987 e 1990 atuou no futebol japonês, pelo Nissan Motors. No São Paulo formou uma memorável dupla de zaga com o uruguaio Dario Pereyra. Os dois foram fundamentais para os títulos paulistas de 1980, 1981, 1985 e 1987 e também para o Brasileiro de 1986. No Japão, antes de encerrar a carreira, conquistou o bicampeonato japonês (1988 e 1989). Defendeu a Seleção Brasileira entre 1978 e 1986, foram 59 partidas e 2 gols marcados, sendo um deles em Copa do Mundo (contra a Escócia em 1982). Foi convocado para as Copas de 1978, 1982 e 1986, sendo titular nas duas primeiras. Enfrentou a Argentina em 5 oportunidades: 2 vitórias e 3 empates.

<sup>287</sup> Os gols da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOSDOBASIL. “Copa 1982 - Brasil 4x1 Escócia”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=snxmDI\\_LwNk](https://www.youtube.com/watch?v=snxmDI_LwNk). Acessado em: 22 de outubro de 2017.

A última partida da Seleção Brasileira na primeira fase foi contra a já desclassificada Nova Zelândia.<sup>288</sup> Zico fez grande partida e marcou os dois primeiros gols do Brasil e deu os passes para Falcão e Serginho definirem a goleada. O Brasil venceu por 4X0 e terminou em primeiro lugar no grupo.<sup>289</sup> Os soviéticos, que empataram com a Escócia por 2X2, classificaram-se em segundo lugar graças ao saldo de gols.

A etapa seguinte foi disputada por 12 seleções divididas em quatro grupos de três equipes. Somente a melhor colocada de cada grupo passaria para as semifinais. O Grupo 1 foi formado por: Bélgica, Polônia e União Soviética. O Grupo 2 foi composto por: Alemanha Ocidental, Espanha e Inglaterra. No Grupo 3 alinharam-se: Argentina, Brasil e Itália. O grupo 4 foi disputado por: Áustria, França e Irlanda do Norte.

O Brasil estava no denominado “Grupo da Morte”, afinal eram três grandes forças mundiais que disputariam a vaga, juntas somavam 6 títulos mundiais. No entanto:

A albiceleste estava longe de apresentar o futebol competitivo de quatro antes, sem falar que os jogadores e os demais argentinos estavam angustiados com a derrota na chamada Guerra das Malvinas, que custara a morte de centenas de seus compatriotas, e com o destino do país, visto que o presidente-general Galtieri renunciara e a crise econômica e social só avolumava-se. A Itália, por sua vez, estava envolta em seus problemas internos ainda em consequência do *Totonero* e brigas com a imprensa, e apresentara um futebol medíocre na primeira fase. Ante a magia demonstrada até ali pelos jogadores de Telê Santana, parecia pouco provável que a equipe verde e amarela não passasse às semifinais.<sup>290</sup>

Mesmo otimista, o Brasil pregava muito respeito pelos seus adversários e isso ficou claro nas declarações feitas por Telê Santana, técnico da Seleção Brasileira, após a partida contra a Nova Zelândia, ao analisar os seus dois próximos confrontos.

---

<sup>288</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Valdir Peres, Leandro, Oscar (Edinho), Luisinho, Júnior, Toninho Cerezo, Falcão, Sócrates, Zico, Serginho (Paulo Isidoro) e Éder. Escalação da Seleção da Nova Zelândia: Van Hattum, Dodds, Herbert, Almond, Elrick, Boath, Sumner, McKay, Creswell (Cole), Woodin e Rufer (Brian Turner). O árbitro da partida foi o iugoslavo Damar Matovinovic.

<sup>289</sup> Os gols da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. FABIOQ. “Brasil x Nova Zelândia na Copa da Espanha 1982”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dYaaFW6wbo0>. Acessado em: 4 de dezembro de 2017.

<sup>290</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., v. 1, p. 461.

O técnico Telê Santana prevê uma partida difícil contra a Argentina, jogo aliás já esperado por toda a imprensa que cobre o Mundial como o mais sensacional da Copa. Telê diz que o jogo será equilibrado não apenas pela técnica das duas seleções, mas principalmente pela rivalidade entre o futebol dos dois países.

— Será realmente um jogo empolgante. Tudo leva a crer que será assim. São os dois melhores times da América do Sul e, talvez, do mundo. A Seleção da Argentina é praticamente a mesma de 1978 e seus jogadores são experientes e muito técnicos. Será uma partida difícil, mas o que importa é que a Seleção Brasileira atravessa excelente fase.

(...)

Em relação à Itália, outro adversário do Brasil na próxima chave, o treinador diz que o (sic) todo respeito é pouco. Acho que o fato de os italianos empatarem todos os jogos não quer dizer que eles estão em má fase.

— A Itália não venceu um só jogo, mas possui excelentes jogadores e estou certo de que vai melhorar.<sup>291</sup>

A opinião dos argentinos também não era muito distinta da proferida pelo técnico brasileiro e pode ser sintetizada pelas palavras de Maradona.

O Brasil tem um jogo aberto, que oferece possibilidades de desequilibrar individualmente. Não utilizam marcações estritas por todos os setores. Por isso, penso que nesse encontro haverá um bom futebol. Temos idênticas características e será um dos enfrentamentos mais interessantes do mundial. (...) Maradona, em seguida passou a analisar a partida contra a Itália, adversário que considerou mais duro: — Sim. Itália é complicado; entendo que se classificou sem jogar bem. A prova é que o fez com três empates. Porém, apesar de tudo, conseguiu o objetivo. Agora, talvez mudem, porém não acredito muito. Eles estão aferrados a um esquema e se preocuparão por marcar ainda que, em algum momento, deverão arriscar.<sup>292</sup>

No dia 29 de junho de 1982, argentinos e italianos abriram os confrontos do Grupo 3, no estádio Sarriá em Barcelona.<sup>293</sup> A Argentina teve o domínio territorial da partida e criou as principais jogadas de perigo, especialmente na etapa inicial. A Itália, apostou em um jogo mais defensivo e, por vezes, violento, fato que foi destacado não só por Menotti, técnico argentino, mas que também chamou a atenção de Telê Santana, futuro adversário dos italianos.

<sup>291</sup> JORNAL DO BRASIL, 24 de junho de 1982, p. 10 (Caderno de Esportes).

<sup>292</sup> LA NACION, 25 de junho de 1982, p. 2 (Seção 2).

<sup>293</sup> Escalação da Seleção Argentina: Fillol, Galván, Olguin, Passarella, Tarantini, Ardiles, Gallego, Maradona, Bertoni, Díaz (Valencia) e Kempes (Calderón). Escalação da Seleção Italiana: Zoff, Cabrini, Collovati, Gentile, Scirea, Antognoni, Orioli (Marini), Tardelli, Conti, Graziani e Paolo Rossi (Altobelli). O árbitro da partida foi o romeno Nicolae Rainea.

Na etapa complementar, os italianos passaram a agredir um pouco mais o seu adversário, principalmente tentando alguns chutes a gol. Aos 11 minutos, os italianos aproveitaram a desatenção da defesa argentina e Tardelli, pela esquerda de seu ataque, acertou um belo chute que venceu Fillol. O gol fez com que a Itália recuasse ainda mais a equipe. Os argentinos passaram a atacar mais intensamente, porém o faziam de forma desordenada e sem aproveitar as laterais do campo. Em cobrança de falta, Maradona acertou a trave defendida por Zoff.

Minutos depois, a Argentina cobrou falta na lateral da área, a bola foi cruzada e Passarella cabeceou para a uma defesa magistral de Zoff, na continuidade da jogada os italianos partiram para o ataque e Paolo Rossi recebeu a bola livre, após se infiltrar no meio da defesa adversária, o atacante italiano chutou para a defesa parcial de Fillol, no rebote o goleiro argentino dividiu a bola com Bruno Conti que a conduziu até a linha de fundo e tocou para Cabrini ampliar o placar.

Aos 38 minutos, a Argentina teve uma falta na entrada da área. Enquanto o juiz e os italianos conversavam sobre a formação da barreira, Passarella bateu a infração, forte, surpreendendo a todos. Apesar das reclamações, o juiz validou o gol. Os argentinos pressionaram até o final, porém sem êxito.<sup>294</sup> Para a Folha de São Paulo:

O resultado foi justo, mais pelo empenho dos italianos do que pela técnica que apresentaram. Os argentinos, em boa parte do jogo, estiveram superiores, mas também não corresponderam totalmente, apresentando uma equipe sem imaginação.<sup>295</sup>

Com a derrota, os albicelestes teriam que vencer os brasileiros, e se possível com uma boa margem de gols, para continuar sonhando com o bicampeonato. Ardiles, em entrevista para a Folha de São Paulo, ressaltou o respeito que tinha pela Seleção Brasileira, mas também a obrigação de vencer a partida em virtude da derrota para a Itália: “O time está saindo do trauma de ter perdido na estréia pela segunda fase, e agora nosso único objetivo é derrotar o Brasil, cujo

---

<sup>294</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. EAGLEFROMSYRIA. “Argentina Italy 1982 Mundial de Fútbol España”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bVOLphodJ-Q>. Acessado em: 4 de dezembro de 2017.

<sup>295</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 30 de junho de 1982, p. 23.

futebol acho estupendo e, algumas vezes, brilhante”.<sup>296</sup> Os brasileiros, mesmo mais tranquilos, esperavam não apenas um jogo difícil, mas também uma partida violenta: “Eles são sujos mesmo. Cospem, xingam, passam a mão, chutam fora do lance. E olha que o jogador brasileiro está acostumado com tudo isso...” afirmou Paulo Isidoro.<sup>297</sup> Segundo Sócrates:

Pancada você está arriscado a levar em qualquer partida. Não vai ser novidade. Que eles batem muito e com maldade não há dúvida, os italianos são testemunhas. Não se espere moleza nem muita lealdade. Vai ser uma partida dura, difícil, provavelmente violenta, e resta só ter a cabeça no lugar e muita disposição para vencer.<sup>298</sup>

Telê Santana repetiu, em suas entrevistas, diversas vezes, que não admitiria revide por parte de seus jogadores caso seu adversário apelasse para a violência, discurso semelhante ao do treinador argentino, César Luis Menotti: “Poderíamos anular a atuação de Zico com uma marcação violenta, mas não o faremos e esperamos que o Brasil também não o faça”.<sup>299</sup> Ele ainda esperava fazer uma marcação alta, ou seja, na saída de bola da Seleção Brasileira e com isso vencer a partida. Para a delegação argentina, o estilo de jogo brasileiro, mais ofensivo, também os favorecia, ao contrário das seleções europeias que adotavam um estilo defensivo, que dificultava a atuação dos jogadores mais habilidosos.

Os integrantes da delegação argentina que estão na Espanha disputando a segunda fase da Copa acreditam que os brasileiros respeitarão os princípios do bom futebol, jogando abertamente e procurando o gol ao invés de se fecharem na defesa. Os argentinos acreditam que a concepção brasileira do futebol pode favorecer jogadores hábeis que precisam de espaço para praticar seu futebol de muitos toques.<sup>300</sup>

No entanto, tal otimismo não era compartilhado, ao menos na mesma proporção, pela imprensa de Buenos Aires. Clóvis Rossi, jornalista brasileiro residindo em Buenos Aires, escreveu para a Folha de São Paulo, destacando que a palavra “milagre” era comumente utilizada pela imprensa local, não apenas no que tange ao jogo contra o Brasil, mas especialmente em

<sup>296</sup> Idem, 1º de julho de 1982, p. 28.

<sup>297</sup> Idem, ibidem, p. 32.

<sup>298</sup> Idem, ibidem, p. 32.

<sup>299</sup> Idem, 2 de julho de 1982, p. 33.

<sup>300</sup> Idem, ibidem, p. 33.

relação à classificação da Seleção Argentina para a fase seguinte do Mundial. Simultaneamente, o jornalista traçou um rápido quadro da grave situação que o país atravessava naquele momento.

Mais ou menos conformados com a fria realidade (a de que é muito difícil a classificação de sua seleção para as semifinais), os argentinos, no fundo, ainda esperam um milagre que lhes permita festejar pelo menos alguma coisa nestes tempos de derrota militar, crise política galopante, inflação desenfreada, desemprego recorde, neve no Sul e enchentes no Norte.

Milagre, aliás, é a palavra básica dos comentários dos enviados especiais tanto do “Clarín” como do “Diário Popular”. Naquele, Juan de Biase reconhece que a classificação argentina transita pela “zona do milagre”. No “DP”, o tamanho do milagre é exposto cruamente: “Ganhar do Brasil, que brilha como o melhor, descansado para seguir sua marcha triunfal, com uma baixa como a de Gallego e, como se fosse pouco, triunfar com clareza esperando que nossos vencedores de terça-feira caiam frente ao tricampeão. São demasiadas pretensões para o pouco que a Argentina mostrou no Sarriá”.<sup>301</sup>

Para Ernesto Muñiz, enviado especial do La Nacion para a Copa do Mundo:

O Brasil tem sido mais constante, tem respeitado plenamente suas convicções. Sabe o que possui e o utiliza plenamente. Se diverte e faz divertir. É um futebol quimicamente puro, sem falsas fórmulas. Não é invencível, por certo, porém tem uma alta dose de brilhantismo e eficiência.<sup>302</sup>

O terceiro confronto em Copas do Mundo e que se deu de forma sucessiva (1974, 1978 e 1982) entre argentinos e brasileiros ocorreu na ensolarada sexta-feira, 2 de julho de 1982, no Estádio Sarriá, em Barcelona.<sup>303</sup>

Cumprindo o que seu técnico prometeu, obviamente também por precisar da vitória, a Argentina começou a partida fazendo uma marcação no campo brasileiro e logo aos dois minutos teve boa chance de abrir o placar. Kempes cruzou pela esquerda e Galván cabeceou para a excelente e segura intervenção de Valdir Peres. Os argentinos mantiveram a pressão nos minutos seguintes, contudo tal tática abria espaços em sua defesa. No primeiro contragolpe brasileiro, Serginho sofreu uma falta na entrada da área adversária. Éder foi designado para a cobrança e,

<sup>301</sup> Idem, ibidem, p. 33.

<sup>302</sup> LA NACION, 2 de julho de 1982, p. 1 (Seção 2).

<sup>303</sup> Escalação da Seleção Argentina: Fillol, Olguín, Galván, Passarella, Tarantini, Barbas, Ardiles, Kempes (Ramon Díaz), Bertoni (Santamaría), Maradona e Calderón. Escalação da Seleção Brasileira: Valdir Peres, Leandro (Edevaldo), Oscar, Luisinho, Júnior, Toninho Cerezo, Falcão, Sócrates, Zico (Batista), Serginho e Éder. O árbitro da partida foi o mexicano Mario Rubio Vasquez.

como de costume, mandou um chute extremamente potente em direção à meta adversária. Fillol ainda conseguiu tocar com os dedos na bola que bateu no travessão e quicou próxima a linha do gol, Zico e Serginho correram para aproveitar um eventual rebote e o primeiro conseguiu empurrar a bola para o fundo das redes, abrindo o placar para os brasileiros, eram decorridos 11 minutos da etapa inicial.

No restante do primeiro tempo a Argentina apresentou domínio territorial e maior tempo de posse de bola, contudo era o Brasil, comandado por Falcão, que desperdiçava as boas chances de gol. “Como um boxeador nocauteado em pé, a Argentina não mais se recuperou, apesar de seu domínio territorial”.<sup>304</sup> O primeiro tempo terminou com a vantagem mínima para a Seleção Brasileira.

Sem alternativa, a Argentina partiu para o ataque na etapa complementar, contudo sem muita eficácia. Maradona pouco produzia e, em uma das raras vantagens que levou sobre a defesa brasileira, teria sido derrubado dentro da área por Júnior, penalidade ignorada pelo juiz mexicano que preferiu anotar escanteio para os argentinos. A partir daí “alguns jogadores começaram a subir de produção, principalmente Zico e Sócrates. E os argentinos entraram na roda”.<sup>305</sup>

Aos 21 minutos, Passarella falhou e perdeu a bola no meio de campo, os jogadores brasileiros trocaram passes até que Zico viu Falcão infiltrando livre pelo lado direito da defesa adversária, ele deu um toque na bola e imediatamente cruzou na cabeça de Serginho, na segunda trave, que só teve o trabalho de cabecear para o gol. Aos 27 minutos, o Brasil voltou a marcar, no entanto, o gol foi anulado. Zico, que partia em direção à área adversária, sofreu falta, a bola sobrou para Éder que marcou o gol, o árbitro preferiu não considerar a vantagem e marcou a falta sobre o atleta brasileiro. O gol não seria necessário. Dois minutos depois, aos 29 minutos, Júnior<sup>306</sup> tocou para Zico e se projetou em direção à área adversária, o camisa 10 dominou a bola

---

<sup>304</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 3 de julho de 1982, p. 23.

<sup>305</sup> JORNAL DO BRASIL, 3 de julho de 1982, p. 3 (Caderno de Esportes).

<sup>306</sup> Leovegildo Lins da Gama Júnior – Júnior (João Pessoa-PB, 29 de junho de 1954). É considerado um dos maiores laterais esquerdos do futebol brasileiro. Era um jogador ambidestro e polivalente, isto lhe permitiu atuar em várias posições ao longo da carreira, jogou nas duas laterais, foi volante e também meio campista. Era bom marcador, dono de excelente passe, dotado de rara técnica e habilidade, exímio cobrador de falta e escanteios. O atleta se tornou

e a meteu entre dois adversários, fazendo-a passar limpa para Júnior que, livre diante de Fillol, colocou a bola entre as pernas do goleiro argentino.

Com o placar elástico e eliminada da Copa, a Argentina passou a apelar para a violência. Zico, após aplicar um drible seco e desconcertante na lateral, foi atingido por trás, de forma desleal por Passarella. Em decorrência da falta, o atleta brasileiro foi substituído por Batista e passou a ser dúvida para o jogo contra os italianos. Batista, por sua vez, receberia uma entrada muito dura do outro camisa 10, Maradona, que também não terminaria o jogo, pois foi expulso após a falta cometida.

No minuto final, Batista perdeu a jogada na intermediária brasileira, a bola sobrou para Ramón Díaz, na entrada da área, que girou o corpo rapidamente para chutar no ângulo direito de Valdir Peres. Após o reinício do jogo, o Brasil tratou de tocar a bola até o apito final do juiz. O Brasil venceu seu grande adversário continental por 3X1.<sup>307</sup> O Jornal do Brasil finalizou a descrição da partida afirmando: “A Argentina se despedia da Copa com um gol e com seu maior astro expulso de campo. O Brasil terminava o jogo também sem seu maior astro – Zico, atingido covardemente – mas com uma bela vitória e ainda na luta pelo título”.<sup>308</sup>

Para o La Nacion, a derrota para o Brasil era o “último capítulo de uma história sem glória”.<sup>309</sup> Para Ernesto Muñiz, enviado do citado jornal:

Etapa de felicidade plena para o Brasil que resolveu impecavelmente a partida, sem apressar-se, convencido do poderio de suas forças. Seguro que seu jogo, mais tempo, menos tempo, iria dar os seus frutos. Não foi, por certo, uma vitória

---

ídolo do Flamengo, equipe que defendeu em duas oportunidades, a primeira entre 1974-1984 e a segunda entre 1989-1993. Em 1984 foi vendido para o Torino da Itália, equipe que defendeu por três temporadas. Jogou pelo Pescara entre 1987 e 1989. Conquistou inúmeros títulos pelo Flamengo: seis campeonatos cariocas (1974, 1978, 1979, 1979 [especial], 1981 e 1991) quatro campeonatos brasileiros (1980, 1982, 1983 e 1992), a Copa Libertadores da América (1981), o Mundial Interclubes (1981) e a Copa do Brasil (1990). Passou a defender a Seleção Brasileira em 17 de maio de 1979 quando o Brasil derrotou por 6X0 o Paraguai em amistoso disputado no Maracanã. Foram 74 partidas pela Seleção Brasileira e duas participações em Copas do Mundo (1982 e 1986). Enfrentou a Argentina em 5 oportunidades: 1 vitória, 3 empates e 1 derrota. Marcou um gol.

<sup>307</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. SÓ ESPORTES. “Brasil 3 X 1 Argentina – Fase final Copa 1982”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l7uxi1LRQaM>. Acessado em: 18 de dezembro de 2017.

<sup>308</sup> JORNAL DO BRASIL, 3 de julho de 1982, p. 3 (Caderno de Esportes).

<sup>309</sup> LA NACION, 3 de julho de 1982, p. 1 (Seção 2).

espetacular, porém, futebol por futebol, saiu triunfante o melhor. Disso não cabe a menor dúvida.<sup>310</sup>

Para o Clarín, Juan de Biasi escreveu:

A derrota, sobretudo para a Itália, nos custa assimilar. Porém, frente ao Brasil não. (...) Nos coube um Brasil que tem os fundamentos de seu melhor futebol e homens como Júnior, Falcão, Toninho Cerezo, Zico, Sócrates, que são capazes de fazer que o resto os acompanhe nesta ressurreição do futebol de seu país (...). As derrotas “doem” sempre. Porém, dependem como e com quem. Nesta, sem desculpas, não se pode torcer o destino, porque o rival tem um nível superior. Tentou-se tudo o que se pôde, porém não se alcançou. Quando ganha o melhor, não há razão para o melodrama.<sup>311</sup>

Com a derrota, os argentinos estavam eliminados do Mundial e Menotti deixava, após quase oito anos, o comando do selecionado nacional, cargo que ocupava desde 1º de outubro de 1974. Neste período enfrentou o Brasil em oito oportunidades e o saldo não foi positivo, foram 3 empates e cinco derrotas. Com a vitória conquistada na Espanha, o Brasil completava 12 anos sem perder para o seu rival, a “escrita” estava mantida.

Três dias após a vitória contra o oponente sul-americano, na tarde de 5 de julho, o Brasil retornou ao Estádio Sarriá para definir a vaga de semifinalista com a Itália. Em decorrência do futebol até então apresentado e ainda por jogar pelo empate, a Seleção Brasileira era considerada a favorita para avançar para a etapa seguinte.<sup>312</sup> Contudo, a partida entrou para a história do futebol brasileiro como “A tragédia do Sarriá”.<sup>313</sup>

---

<sup>310</sup> Idem, *ibidem*, p. 1 (Seção 2).

<sup>311</sup> CLARIN, 3 de julho de 1982, p. 5 (Mundial).

<sup>312</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Valdir Peres, Leandro, Oscar, Luisinho, Júnior, Toninho Cerezo, Falcão, Sócrates, Zico, Serginho (Paulo Isidoro) e Éder. Escalação da Seleção Italiana: Zoff, Gentile, Cabrini, Orriali, Collovati (Bergomi), Scirea, Conti, Tardelli (Marini), Paolo Rossi, Antognoni e Graziani. O árbitro da partida foi o israelense Abraham Klein.

<sup>313</sup> O estádio Sarriá, de triste lembrança para o futebol brasileiro, foi vendido pelo Espanyol, que precisava sanar algumas dívidas no final da década de 1990. A última partida disputada no local foi em 20 de junho de 1997 quando o Espanyol venceu o Valencia pelo placar de 3X2. Logo depois o antigo estádio, inaugurado em 1923, foi demolido e em seu lugar surgiu um conjunto de prédios de classe média alta em uma área nobre de Barcelona. Para entender melhor o destino do estádio Cf. TRAVAGLIA, Julyana. “Palco de tragédia para brasileiros, Sarriá some da memória de Barcelona”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2010/05/palco-de-tragedia-para-brasileiros-sarria-some-da-memoria-de-barcelona.html>. Acessado em: 20 de setembro de 2014.

Mesmo precisando da vitória, os italianos mantiveram a mesma tática utilizada contra os argentinos, ou seja, equipe recuada, forte marcação e velocidade nos contragolpes. A estratégia surtiu efeito logo aos 5 minutos Cabrini recebeu a bola pelo lado direito da defesa brasileira e cruzou para a área, Paolo Rossi, livre, entre Luisinho e Júnior, cabeceou para o fundo das redes. O Brasil não se abateu e apenas 7 minutos depois empatou a partida. Zico e Sócrates tabelaram e o último chutou entre Zoff e a trave. Ao contrário do esperado, o empate não trouxe maior tranquilidade para o selecionado brasileiro. Toninho Cerezo falhou na saída de bola que foi recuperada por Paolo Rossi que avançou praticamente sem marcação para, aos 24 minutos, colocar a Itália novamente em vantagem no placar e definir o resultado do primeiro tempo.

O Brasil voltou ainda mais ofensivo na etapa complementar e aos 23 minutos, com belo chute de Falcão, chegou ao empate. O resultado classificava a Seleção Brasileira que ao invés de recuar e contragolpear o seu adversário continuou a atacá-lo em busca da vitória, fato que gerou muitas críticas por parte da imprensa nacional. Aos 29 minutos a Itália teve um escanteio a seu favor, Oscar dividiu a bola no alto, ela caiu nos pés de Tardelli que chutou em direção ao gol e na confusão formada na área ela sobrou para Paolo Rossi que, de primeira e mais uma vez livre, colocou no fundo das redes brasileiras. Júnior, lateral esquerdo brasileiro, ao invés de avançar com seus companheiros de defesa para forçar o impedimento do atacante italiano, permaneceu ao lado de Valdir Peres. O erro foi fatal. Os atletas brasileiros pressionaram e perderam oportunidades de empatar a partida até o apito final do árbitro israelense. Itália 3X2 Brasil.<sup>314</sup>

Mesmo não conquistando o “caneco”, a Seleção Brasileira foi considerada uma autêntica representante do futebol do país. O técnico italiano, Enzo Bearzot, em entrevista para o La Nacion, afirmou, após a classificação italiana para as semifinais:

Brasil? Foi algo tremendo, muito difícil de esquecer nos anos que restam de vida. Nossa equipe deixou a alma e a vida no campo; nunca poderei agradecer a este grupo o que fez. Ganhamos bem, muito bem, porém isso não me impede de dizer que o futebol do Brasil é o melhor. Seja quem for o campeão mundial,

---

<sup>314</sup> Os gols da partida podem ser assistidos em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. CLASSIC Football. “1982 World Cup .. Italy - Brazil 3-2”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yu0-PL99oEU>. Acessado em: 18 de dezembro de 2017.

ninguém poderá apagar e esquecer o que fez o Brasil, a cujo o jogo me inclino.<sup>315</sup>

O mesmo *La Nacion*, ao fazer um balanço do Mundial afirmou que o Brasil, apesar de alguns erros e de não ter sido campeão, foi a seleção que apresentou o melhor futebol, um jogo alegre, preocupado não apenas com o resultado, mas também com o espetáculo, “o Brasil deixou gravado no coração de todos como o que entregou o melhor jogo, cujos conceitos básicos bem valem ser respeitados”.<sup>316</sup>

A Itália, que havia sofrido tanto para passar na primeira fase, derrotou a Seleção da Polônia na semifinal por 2X0, com Paolo Rossi novamente marcando todos os gols. Na outra chave, uma partida épica entre franceses e alemães. O tempo normal terminou empatado em 1X1, placar modesto dada as inúmeras chances criadas pelas duas seleções. A prorrogação foi eletrizante com os seus quatro gols. Os franceses chegaram a abrir uma vantagem de 3X1 e para muitos espectadores eles tinham assegurado a vaga para a grande final, só que a Alemanha não desistiu e empatou a partida com um gol de bicicleta de Fischer, no início do segundo tempo da prorrogação. Nos pênaltis, mais emoção. Na série de cinco cobranças, franceses e alemães empataram em 4X4. O regulamento determinava que, a partir daquele momento, as cobranças seriam alternadas. Na primeira, Schumacher, goleiro alemão, defendeu o chute do francês Bassis. Por sua vez, Hrubesch marcou e os alemães venceram por 5X4.

A França, extremamente desgastada física e emocionalmente, não foi páreo para os poloneses e acabou derrotada, por 3X2, na disputa pela terceira posição, em jogo disputado em Alicante, no dia 10 de julho de 1982, no Estádio José Rico Pérez.

No dia seguinte, domingo, 11 de julho, Itália e Alemanha decidiram em Madri, no Estádio Santiago Bernabeu, quem se tornaria, ao lado da Seleção Brasileira, tricampeã do mundo. Além disso, Rummenigge e Paolo Rossi também disputavam um duelo particular, o da artilharia do Mundial, ambos estavam com cinco gols.<sup>317</sup>

---

<sup>315</sup> LA NACION, 8 de julho de 1982, p. 2 (Seção 2).

<sup>316</sup> Idem, 12 de julho de 1982, p. 3 (Seção 2).

<sup>317</sup> Escalação da Seleção Alemã: Schumacher, Briegel, Breitner, Karl-Heiz Forster, Bernd Forster, Dremmler, (Hrubesch), Littbarski, Fischer, Rummenigge (Mueller), Stielike e Kaltz. Escalação da Seleção Italiana: Zoff,

A Itália começou bem a partida, não obstante, após desperdiçar uma cobrança de pênalti, ocorrido aos 26 minutos, a *Azzurra* sentiu o erro e a Alemanha aproveitou para equilibrar o jogo. O primeiro tempo acabou sem alterações no placar. Na etapa complementar, os alemães sentiram o desgaste físico da semifinal extenuante disputada contra os franceses. Aos 12 minutos, aproveitando-se de uma falha na defesa adversária, Paolo Rossi marcou para os italianos. Atuando dentro de suas características, fechados na defesa e partindo em rápidos contra-ataques, Tardelli, aos 24 minutos, acertou um forte chute no lado esquerdo do gol alemão e ampliou a vantagem. Aos 36 minutos foi a vez de Altobelli marcar para os italianos. O jogador recebeu a bola na marca do pênalti, driblou o goleiro adversário e chutou para o fundo do gol. Minutos depois, Breitner ainda descontou para os alemães. Ao apito final de Arnaldo César Coelho, árbitro brasileiro, o placar anotava Itália 3X1 Alemanha.<sup>318</sup>

**Figura 14: Seleção Italiana campeã em 1982<sup>319</sup>**



## 5.7. FIM DO TABU: VITÓRIA DA ARGENTINA

Após a eliminação do Mundial de 1982, Brasil e Argentina não entraram em campo no restante daquele ano. A AFA e a CBF também decidiram reformular as suas respectivas seleções nacionais. César Luis Menotti, na alvianil, foi substituído por Carlos Salvador Bilardo. No Brasil, Telê Santana foi trabalhar na Arábia Saudita e da mesma região veio o seu sucessor,

---

Bergomi, Cabrini, Collovati, Gentile, Scirea, Oriali, Tardelli, Conti, Graziani (Altobelli) (Causio), Paolo Rossi. O árbitro da partida foi o brasileiro Arnaldo César Coelho.

<sup>318</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. FUTEBOL Clássico Seleções. “Itália 3x1 Alemanha (11/07/1982) - Final Copa de 1982 (Itália campeã)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9qOWCzkPQB0>. Acessado em: 18 de dezembro de 2017.

<sup>319</sup> FANPICTURES. “1982 FIFA World Cup Spain. Italy national team”. Disponível em: [http://fanpicture.ru/world\\_cup/1982/italy.html](http://fanpicture.ru/world_cup/1982/italy.html). Acessado em: 19 de dezembro de 2017.

Carlos Alberto Parreira, credenciado por ter classificado a Seleção do Kuwait para o Mundial da Espanha.

O primeiro grande desafio dos dois novos treinadores, a partir de agosto de 1983, era a disputa da 32<sup>a</sup> Copa América, a terceira e última que seria realizada sem uma sede fixa. Como preparação para a competição continental, a Argentina realizou dois amistosos contra o Chile em maio e junho e posteriormente disputou duas partidas pela Copa Bogado contra o Paraguai.<sup>320</sup> Para estes confrontos, Bilardo optou por convocar jogadores jovens e não chamou Maradona para as partidas.<sup>321</sup>

Parreira fez sua estreia no dia 29 de abril de 1983 em um amistoso contra o Chile no Maracanã. Vitória brasileira por 3X2. Em junho excursionou pela Europa, com uma seleção bastante renovada. Enfrentou Portugal, País de Gales, Suíça e Suécia. Em julho enfrentou o Chile em Santiago.<sup>322</sup>

As nove seleções foram, mais uma vez, divididas em três grupos e somente as primeiras colocadas de cada chave avançavam para as semifinais, que já contava com o Paraguai, campeão da edição anterior. Os grupos foram definidos por sorteio e Brasil e Argentina ficaram no Grupo B junto com o Equador. O Grupo A foi formado por: Chile, Uruguai e Venezuela e o Grupo C por: Bolívia, Colômbia e Peru.

A Copa América iniciou no dia 10 de agosto quando Equador e Argentina se enfrentaram no Estádio Olímpico Atahualpa, em Quito. A Argentina chegou a abrir dois gols de vantagem no placar, ambos de Burruchaga, contudo permitiu que o Equador empatasse a partida. Na semana seguinte, dia 17 de agosto, foi a vez do Brasil visitar Quito. Vitória brasileira por

---

<sup>320</sup> Resultados das partidas contra o Chile: 12/5/1983 – Santiago: Chile 2X2 Argentina; 23/6/1983 – Buenos Aires: Argentina 1X0 Chile. Resultado das partidas contra o Paraguai pela Copa Bogado: 14/7/1983 – Assunção: Paraguai 1X0 Argentina; 21/7/1983 – Buenos Aires – Argentina 0X0 Paraguai.

<sup>321</sup> Ao assumir o selecionado nacional, Carlos Bilardo viajou até o balneário de Lloret de Mar, na Catalunha, local em que Maradona se encontrava em processo de recuperação de uma hepatite e se reuniu com o jogador para saber se ele estaria interessado em participar da Seleção e se tinha alguma exigência econômica a fazer. Ao tomar consciência da disposição do craque argentino de defender a albiceleste Billardo, ao desembarcar em Buenos Aires, afirmou que seu selecionado tinha somente um jogador garantindo, Maradona.

<sup>322</sup> Resultado das partidas: 8/6/1983 – Portugal 0X4 Brasil; 12/6/1983 – País de Gales 1X1 Brasil; 17/6/1983 – Suíça 1X2 Brasil; 22/6/1983 – Suécia 3X3 Brasil e 29/7/1983 Chile 0X0 Brasil.

1X0, gol de Roberto Dinamite. Na outra quarta-feira, 24 de agosto, em Buenos Aires, os dois gigantes do futebol sul-americano se enfrentaram. O vencedor do confronto assumiria a liderança do grupo.

O El Gráfico realizou uma longa entrevista com o treinador argentino e percebia-se claramente o peso que o tabu dos 13 anos e 13 partidas sem vitória sobre o Brasil exercia sobre a imprensa e também sobre os albicelestes, a última vitória havia ocorrido em 4 de março de 1970, em Porto Alegre, nos amistosos preparatórios do Brasil para a Copa daquele ano.

- A superioridade do Brasil nos últimos treze anos, é real ou fictícia?
- Não vejo grande diferença entre Argentina e Brasil. Realmente não a vejo.
- Qual é tua preocupação?
- O único problema que tenho é que não sei quanto pode render a Argentina como equipe porque recém estamos dando os primeiros passos.
- (...)
- Acredita que os jogadores sentem o complexo Brasil?
- Claro que sentem! O comprovei em Toulon quando a grande maioria dos jogadores preferia como rival da final a Alemanha Federal e não o Brasil.<sup>323</sup>

O jornalista Clóvis Rossi, radicado em Buenos Aires, escreveu para a Folha de São Paulo, lembrando que os fantasmas que assombraram o Brasil no passado, agora assustavam os argentinos:

“O Brasil é como qualquer outro”. A frase – do técnico da seleção argentina de futebol, Carlos Salvador Bilardo – soa falsa quando toda a imprensa faz questão de rememorar, às vésperas da partida Brasil X Argentina, pela Copa América, que há 13 anos os argentinos não ganham dos brasileiros. Apesar de Bilardo, o Brasil é um fantasma para a Argentina, como acontecia ao contrário no passado, um fantasma atizado pelas recentes decisões que envolveram equipes dos dois países. Na Espanha, o Brasil eliminou a Argentina com uma cômoda vitória. Em Toulon (França), no Torneio de Novos, nova vitória brasileira. Nas finais do Sul-americano e do Mundial juvenis, outra vez a escrita. “La Voz”, o jornal da esquerda peronista, exumou fantasmas ainda mais antigos, para lembrar que, em jogos na Argentina, o Brasil não perde fez nada menos que 23 anos. Desde os 4 a 2 impostos pelos argentinos em 25 de maio de 1960.<sup>324</sup>

<sup>323</sup> EL GRÁFICO, 23 de agosto de 1983, p. 8-9. Bilardo referiu-se, nesta última passagem, ao Torneio criado em 1967 e que passou a ser disputado anualmente a partir de 1974, na cidade francesa de Toulon, normalmente por seleções nacionais formadas por jogadores com idade inferior a 20 anos. Em 1983, em sua 11ª edição, a final foi disputada entre Argentina e Brasil. O jogo, com dois tempos de 40 minutos, terminou empatado em 1X1 e o Brasil se sagrou campeão nas penalidades, vencendo por 3X0.

<sup>324</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 23 de agosto de 1983, p. 20.

A “escrita” também criava ansiedade entre os brasileiros e Parreira tentava minimizar o peso que ela poderia ter sobre os atuais atletas brasileiros:

Essa série começou com Gérson, Tostão e companhia, uma época em que alguns dos atuais selecionados nem pensavam em jogar futebol. Não teria sentido que esses jovens, além da responsabilidade de defender os dois pontos, tivessem que se preocupar com o tabu.<sup>325</sup>

Em relação à qualidade dos atletas e ao estilo de jogo das atuais equipes, as considerações de Parreira são bastante elucidativas, tecnicamente os jogadores se equivalem e taticamente era necessário que as seleções buscassem aprimorar a marcação, especialmente sem a bola e a Argentina, após a mudança de treinador, havia adotado um modelo mais próximo ao europeu.

Parreira também analisa o selecionado rival, mas com mais cautela: “O sistema de jogo mudou inteiramente de Menotti para Bilardo. O jogador argentino é mais ou menos como o brasileiro, muito técnico. Agora, Bilardo está procurando impor a marcação homem-a-homem, tipicamente européia.” Dos jogadores, Parreira fala pouco. Apenas menciona, como elemento de preocupação para o Brasil, o centroavante Gareca, que viu jogar no Torneio de Toulon. E aproveita para defender-se da idéia de que pretende impor um estilo europeu ao futebol brasileiro. “A única coisa que quero é que aprendam a jogar sem bola. Isso não significa jogar na defesa, mas fazer sempre a marcação. O tempo de jogar e deixar jogar acabou no Mundial de 66, quando apareceram os europeus correndo o tempo todo e engoliram tranquilamente os sul-americanos. A hora em que o time aprender a jogar sem bola, a cuidar da marcação, será imbatível”.<sup>326</sup>

Na noite de quarta-feira, dia 24 de agosto, aproximadamente 70 mil torcedores encheram o Estádio Monumental de Núñez para assistir Argentina e Brasil. Os dois quadros que entraram em campo eram completamente distintos daqueles que se enfrentaram um pouco mais de um ano antes no Mundial da Espanha, apenas dois atletas atuaram naquela partida, Fillol pelos argentinos e Júnior defendendo o Brasil.<sup>327</sup>

<sup>325</sup> Idem, 24 de agosto de 1983, p. 22.

<sup>326</sup> Idem, ibidem, p. 22.

<sup>327</sup> Escalação da Seleção Argentina: Fillol, Camino, Mouzo, Trossero, Garré, Russo (Marangoni), Ponce, Sabella, Burruchaga, Márcico (Ramos) e Gareca. Escalação da Seleção Brasileira: Leão, Paulo Roberto, Mozer, Toninho Carlos, Júnior, China, Tita, Renato (Geraldo), Careca, Roberto Dinamite e Jorginho. O árbitro da partida foi o uruguaio Juan Cardelino.

O primeiro tempo foi bastante monótono, sem grandes oportunidades criadas, apesar de a Argentina ter buscado mais intensamente o ataque, sem se descuidar da defesa. O Brasil, por sua vez, dificultou as ações de seu adversário congestionando o meio de campo e cometendo faltas não violentas naquele setor do campo com o claro intuito de parar as jogadas e arrefecer o ímpeto do oponente.

O panorama modificou-se plenamente na etapa complementar. Os donos da casa voltaram mais agressivos, velozes e determinados. Aos 10 minutos, o meio campo brasileiro perdeu a bola, Garega e Burruchaga tabelaram até que o primeiro bateu forte, de perna direita, na saída do goleiro Leão. A Argentina abria o marcador. A Seleção Brasileira sentiu o gol e a Argentina criou três outras chances claras de ampliar o placar nos cinco minutos seguintes. A partir daí o Brasil equilibrou a peleja, no entanto, sem ameaçar claramente a meta adversária. Ao final do jogo,<sup>328</sup> com a quebra da escrita, a comoção tomou conta do gramado e das arquibancadas do estádio, era o “final de um mito, a morte de um fantasma”.<sup>329</sup>

O editorial do El Gráfico destacava a importância da vitória contra o Brasil, mas alertava para o longo caminho que a Seleção Argentina ainda deveria percorrer.

Há momentos em que a história tende a transformá-los em marcos. Este pode ser um deles. Depois de 13 anos a Argentina conseguiu derrotar o Brasil. Um pesado estigma foi destruído. E, embora um objetivo importante tenha sido cumprido, devemos alertar sobre falsos triunfalismos. Esta vitória deve ser o meio para fins mais importantes e transcendentales.<sup>330</sup>

A imprensa argentina também foi bastante crítica em relação à qualidade do futebol apresentado pela Seleção Brasileira e, seguindo a linha do editorial do El Gráfico, o articulista do Clarín alertou os argentinos contra uma falsa euforia, ressaltando que a vitória da equipe local se deu, em grande medida, em decorrência da fragilidade mostrada pelo seu adversário.

---

<sup>328</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOS DO BRASIL. “Copa América 1983: Brasil 0 X 1 Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N6vSOxFp7o4>. Acessado em: 20 de dezembro de 2017.

<sup>329</sup> EL GRÁFICO, 30 de agosto de 1983, p. 67.

<sup>330</sup> Idem, ibidem, p. 3.

“É o pior Brasil que vi e é uma vergonha que apresente uma equipe assim” (do ex-jogador do Vasco e da seleção, Delém, hoje treinador na Argentina).

“Este Brasil deve ser o mais medíocre em matéria de seleções dos últimos treze anos” (do comentarista esportivo do matutino “Clarín”, Juan de Biase).

(...)

Ficou, é claro, a satisfação pela quebra da série de derrotas, estampada no grande título do “Clarín”: “Se acabo la macumba”. De Biase completa o título afirmando que “podemos agora continuar ganhando ou perdendo, mas acabou-se a macumba”.

Seu comentário mostra que a Argentina ganhou menos por seus próprios méritos e mais pelas notórias deficiências do rival: “A Argentina tinha mais presença que o Brasil, mais jogadores criativos, mas não os aproveitava plenamente. Não apertava essa cambaleante defesa brasileira em seu campo. Dava oxigênio a volantes em vôo, ao tomá-los no meio campo. Havia que apertá-los na saída, afogá-los”.<sup>331</sup>

Para Osvaldo Pepe, do “La Voz”: “Este Brasil do tempo de crise se parece muito mais, a qualquer equipe sul-americana que à sua rica tradição futebolística. Uma equipe que não deixa jogar, mas que tampouco tem a capacidade de criação para jogar quando consegue a bola”.<sup>332</sup>

O retorno começou na semana seguinte, no dia 1º de setembro quando o Brasil recebeu e goleou o Equador por 5X0 no Estádio Serra Dourada em Goiânia.<sup>333</sup> No dia 7 de setembro, no Estádio Monumental de Núñez, a Argentina frustrou sua torcida ao não superar o Equador, empate por 2X2.<sup>334</sup> Com este resultado, Brasil e Argentina chegaram na última rodada, para o enfrentamento no Maracanã, empatados com 4 pontos, contudo, os brasileiros tinham a vantagem de jogar pelo empate pois apresentavam um saldo positivo de 5 gols enquanto os seus adversários tinham o saldo de apenas 1 gol positivo.

A partida foi disputada na noite de 14 de setembro de 1983 para um público de quase 54 mil pagantes. O Brasil apresentou seis modificações em relação à equipe que jogou em Buenos Aires enquanto seu adversário promoveu duas alterações.<sup>335</sup> Os argentinos estavam

<sup>331</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 26 de agosto de 1983, p. 18.

<sup>332</sup> Idem, ibidem, p. 18.

<sup>333</sup> Roberto Dinamite marcou dois gols, Renato Gaúcho, Éder e Tita completaram a goleada.

<sup>334</sup> Víctor Ramos e Burruchaga marcaram pela Seleção Argentina e Quiñónez e Maldonado pelo Equador.

<sup>335</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Leão, Leandro, Márcio Rossini, Mozer, Júnior, Andrade, Jorginho, Sócrates, Renato Gaúcho, Roberto Dinamite e Éder. Escalação da Seleção Argentina: Fillol, Olarticoechea, Brown, Trossero, Garré, Russo, Marangoni, Sabella (Ramos), Márcico (Ponce), Gareca e Burruchaga. O árbitro da partida foi o chileno Mario Lira.

confiantes na vitória e acreditavam que a tática a ser adotada era se postar bem na defesa e aproveitar os contra-ataques.<sup>336</sup> A Folha de São Paulo ainda ressaltou que, mesmo sendo duas seleções em fase de renovação, o resultado da partida e a consequente classificação para a etapa seguinte da Copa América seria fundamental para o prosseguimento do trabalho dos dois treinadores.<sup>337</sup>

Como apregoado pela imprensa conterrânea, os argentinos iniciaram o jogo bem postados defensivamente e buscando sair em rápidos contra-ataques. Criaram duas boas oportunidades para marcar ao longo da etapa inicial, com Burruchaga e Garega, mas Leão realizou as defesas. O Brasil também teve suas oportunidades, a primeira com Éder, em cobrança de falta defendida por Fillol e outra com Jorginho que desperdiçou na frente do arqueiro adversário. Diante do futebol pouco produtivo apresentado, a torcida presente no Maracanã, antes mesmo do fim do primeiro tempo, não só vaiava a Seleção como também, em coro, gritava para Parreira: “Burro! Burro!”.

O segundo tempo foi ainda pior que o primeiro. Se os brasileiros ainda criaram duas novas jogadas de perigo, os argentinos foram ainda menos efetivos. Nos últimos 15 minutos, os donos da casa, satisfeitos com o empate que lhes garantia a classificação e diante de um adversário incapaz de reagir, passaram a tocar a bola e a gastar o tempo, aguardando apenas o apito final do juiz. Novas vaias ecoavam por todo o estádio.

A fase semifinal ficou assim dividida: o Brasil enfrentou o Paraguai e o Uruguai teve como adversário o Peru. Os jogos de ida foram marcados para o dia 13 de outubro e os de volta no dia 20 de outubro. O Uruguai visitou o Peru na primeira partida e venceu por 1X0, gol de Aguilera. Na volta, em Montevideú, o empate em 1X1, gols de Wilmar Cabrera (Uruguai) e Malásquez (Peru), levou a Celeste Olímpica para a disputa de mais uma final sul-americana.

A classificação brasileira foi bem mais dramática e teve que contar com a ajuda da sorte. No dia 13 de outubro o Brasil empatou com o Paraguai em Assunção por 1X1. Morel abriu

---

<sup>336</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 14 de setembro de 1983, p. 22.

<sup>337</sup> Idem, ibidem, p. 22.

o placar para os donos da casa aos 25 minutos do segundo tempo e Éder, aos 43 minutos da etapa final, decretou o empate. O resultado foi considerado muito bom pela imprensa brasileira afinal bastaria uma vitória simples no próximo jogo, que seria disputado em Uberlândia, para o Brasil se classificar para a final da competição.

Parreira, jogando em casa e precisando da vitória, alterou a escalação da equipe para torná-la mais ofensiva e ainda fez um pedido para a torcida:

Aqui, as circunstâncias são outras. A começar pelo gramado, um verdadeiro tapete, que vai facilitar nosso toque de bola. Há também o apoio da torcida, que vai ser muito importante. Espero que ela tenha paciência, pois o Paraguai, apesar do seu treinador declarar o contrário, certamente será um adversário retrancado e que tentará dificultar o máximo, jogando nos contra-ataques.<sup>338</sup>

A torcida compareceu em peso no Estádio Parque do Sabiá, na mineira Uberlândia, para prestigiar a Seleção Brasileira. O que ela não esperava era uma apresentação pouco inspirada dos donos da casa, que mesmo dominando o seu adversário durante praticamente toda a partida, cometeu muito erros de finalização, abusou da individualidade e não conseguiu superar a retranca montada pelo seu adversário. O placar final foi um frustrante 0X0.

A Seleção Brasileira jogou melhor, mesmo sem exibir um bom futebol. Dominou as ações, mas seus atacantes – principalmente Jorginho e Roberto – desperdiçaram muitas oportunidades. Além disso, abusou do individualismo: todos queriam decidir a partida sozinhos.<sup>339</sup>

As críticas feitas pela Folha de São Paulo foram bem mais contundentes: “O Brasil jogou um futebol medíocre, indigente, ontem à noite em Uberlândia, e por isso apenas empatou com o fraco Paraguai por 0 a 0”.<sup>340</sup>

Com o novo empate, o finalista seria conhecido por sorteio, no cara e coroa. O título da reportagem da Folha de São Paulo traduz o que se passou naquela noite: “Seleção decepciona,

---

<sup>338</sup> Idem, 20 de outubro de 1983, p. 26.

<sup>339</sup> JORNAL DO BRASIL, 21 de outubro de 1983, p. 24.

<sup>340</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 21 de outubro de 1983, p. 22.

mas é salva pela moeda”.<sup>341</sup> Deu Brasil, no sorteio, forma de resolução tida como “uma palhaçada” por João Saldanha, para decidir com o Uruguai o título da 32ª Copa América.

Devo dizer que para mim a noite de ontem pode ser chamada de a “chanchada sul-americana”. Nunca assisti a tanta palhaçada, pois onde já se viu decidir um jogo e definir um finalista de taça pelo sorteio. Essa é uma lição que o futebol brasileiro precisava infelizmente.

(...)

Foi um desrespeito ao futebol, ao público, que foi para casa sem saber quem tinha vencido o jogo e a classificação. Foi um espetáculo digno de Fellini, infelizmente, para todos. Onde já viu decidir classificação de um jogo de futebol em um sala de sorteio?

Isso só não mata o futebol porque o esporte está acima de tudo isso. Quanto ao jogo, quase nada para se falar. Os brasileiros muito egoístas e individualistas, como se estivessem se exibindo para algum empresário árabe ou europeu. Uma lástima.<sup>342</sup>

Nas duas semanas seguintes foram jogadas as partidas finais. No dia 27 de outubro o Uruguai, jogando em casa, no mítico Estádio Centenário, venceu o Brasil por 2X0, gols de Francescoli e Victor Diogo. O jogo da volta foi disputado no dia 4 de novembro, em Salvador, no Estádio da Fonte Nova para praticamente 86 mil pagantes que estavam dispostos a empurrar a Seleção Brasileira que precisava vencer a partida para forçar a realização de um terceiro jogo (em Assunção, local neutro). No entanto, a partida terminou empatada em 1X1, Jorginho abriu o placar para o Brasil e Aguilera empatou para o Uruguai que com o resultado conquistou a Copa América pela 12ª vez.

Politicamente, o final de 1983 assistiu o fim da ditadura militar argentina e seu retorno ao caminho democrático. Em 30 de outubro, Raúl Alfonsín foi eleito presidente do país pela *Union Cívica Radical*, com 52% dos votos, derrotando o candidato peronista, Ítalo Luder que teve 40% dos votos.<sup>343</sup> A polarização política havia deixado pouco espaço para os demais candidatos como Manrique, Frigerio, Alende e Alsogaray. Ainda assim, a vida do novo

---

<sup>341</sup> Idem, ibidem, p. 22.

<sup>342</sup> JORNAL DO BRASIL, 21 de outubro de 1983, p. 24.

<sup>343</sup> SÁENZ QUESADA, María. op. cit., p. 684.

presidente não seria fácil, pois o Partido Justicialista havia obtido a maioria no Senado, o que retirava do chefe do executivo parte substancial do seu poder.<sup>344</sup>

No Brasil, o processo foi distinto e a ditadura ainda tardaria dois anos para se afastar do poder. A economia brasileira, similarmente a sua vizinha, passava por grandes dificuldades, tanto que o presidente Figueiredo decretou a moratória da dívida externa em 1983. No ano seguinte o país foi sacudido por grandes mobilizações populares que ficaram conhecidas como o movimento “Diretas Já”, o intuito era aprovar uma emenda constitucional que permitisse as eleições diretas para a presidência da República, já em 1985. Contudo ela não foi aprovada no Congresso. Dessa forma, Tancredo Neves foi eleito, indiretamente, pelo Colégio Eleitoral, em janeiro de 1985.<sup>345</sup>

Parreira, muito pressionado pela torcida e também pela imprensa, deixou o comando da Seleção no início de 1984, assumiu em seu lugar Edu Coimbra, o irmão mais velho de Zico, contudo sua permanência foi efêmera, apenas 3 partidas, exatamente as que o Brasil disputou naquele ano.<sup>346</sup> Cabe ressaltar que em 1984 não houve competições oficiais agendadas nem pela FIFA e nem pela Conmembol.

A Argentina, por sua vez, teve um ano mais agitado, realizou 15 partidas,<sup>347</sup> sendo nove amistosos e cinco partidas pela Copa Nehru,<sup>348</sup> realizada na Índia, ainda no mês de janeiro. Foram 6 vitórias (Romênia, Índia, Vasas Budapeste, Suíça, Bélgica e Alemanha Ocidental); 5 empates (Polônia, Brasil, Uruguai e México em duas oportunidades) e 4 derrotas (China, Uruguai, Colômbia e Iraque).

---

<sup>344</sup> Para aprofundar a temática da ditadura e democratização argentina: Cf. HALPERIN DONGHI, Tulio. *La larga agonía de la Argentina peronista*. Buenos Aires: Ariel, 1994. NOVARO, Marcos y PALERMO, Vicente. *La dictadura Militar. 1976/1983: del golpe de Estado a la restauración democrática*. Buenos Aires: Paidós, 2003. NOVARO, Marcos. *Historia de la Argentina: 1955-2010*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2013.

<sup>345</sup> Para aprofundar a temática da democratização brasileira: Cf. SALLUM JUNIOR, Brasílio. *Labirintos: dos generais à Nova República*. São Paulo: Hucitec, 1996.

<sup>346</sup> A Seleção Brasileira, em 1984, realizou apenas 3 partidas no mês de junho. No dia 10/6 foi derrotada pela Inglaterra por 2X0 no Maracanã (gols de John Barnes e Mark Hateley); no dia 17 de junho empatou sem gols com a Argentina e no dia 21 de junho venceu por 1X0 0 Uruguai (gol de Arthurzinho).

<sup>347</sup> Dependendo da fonte consultada haverá discordância no número de partidas disputadas entre 13 e 15 em 1984, isto em virtude da Argentina ter enfrentado na Copa Nehru a Seleção sub-21 da Romênia e também a equipe do Vasas Budapeste.

<sup>348</sup> A Copa Nehru foi disputada por 6 equipes: Argentina, China, Índia, Polônia, Romênia sub-21 e Vasas Budapeste. A Polônia foi a campeã, a China conquistou o vice-campeonato e a Argentina ficou com a terceira colocação.

No domingo, 17 de junho de 1984, no Estádio do Morumbi, em São Paulo, Brasil e Argentina realizaram partida amistosa. Os visitantes já procuravam dar uma configuração para o seu selecionado, dessa forma veio para a capital paulista, após 20 anos do seu último jogo na cidade, com a base da equipe que jogou a Copa América no ano anterior e também a Copa Nehru no início do ano. O seu adversário, por sua vez, havia trocado de técnico e iniciava novo trabalho.<sup>349</sup>

O Brasil buscou atacar de forma mais intensa o seu oponente que jogou cautelosamente, no entanto, mostrando o natural desentrosamento de uma nova seleção, inclusive com três jogadores estreantes, chutou poucas vezes ao gol defendido por Fillol no primeiro tempo. A tônica da partida não se alterou na etapa complementar, com os visitantes jogando ainda mais recuados com a clara intenção de não perder o jogo. A Seleção Brasileira não aproveitou duas boas chances de marcar, uma com Roberto Dinamite<sup>350</sup> e outra com Renato Gaúcho. No final, sob vaias da torcida paulista, o placar mostrava 0X0.

A AFA e a CBF tinham como grande objetivo para 1985 a classificação dos seus respectivos selecionados para o Mundial de 1986 que seria disputado no México. Enquanto a Argentina manteve o trabalho que vinha em desenvolvimento desde 1983 com Bilardo, o Brasil passou por nova mudança, Edu Coimbra, após três amistosos deixou o comando da Seleção Brasileira. Para o seu lugar, o desejo da CBF era repatriar da Arábia, Telê Santana, no entanto, o Al Ahli, equipe pela qual o treinador tinha contrato, não o liberou. Evaristo de Macedo, que havia

---

<sup>349</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Paulo Vítor, Edson, Oscar, Mozer, Vladimir, Pires (Jandir), Zenon, Tita, Renato Gaúcho, Roberto Dinamite e Marquinhos. Escalação da Seleção da Argentina: Fillol, Clausen, Brown, Trossero, Garré, Burruchaga, Marangoni (Giusti), Sabella, Márcico, Trobbiani (rinaldi) e Garega. O árbitro da partida foi o argentino Arturo Ithurralde.

<sup>350</sup> Carlos Roberto de Oliveira – Roberto Dinamite (Duque de Caxias-RJ, 13 de abril de 1954). Atacante, maior goleador e ídolo da história do Vasco da Gama. Roberto Dinamite, Pelé e Rogério Ceni são os únicos jogadores brasileiros até 2018 que defenderam um único clube por mais de mil jogos. O atacante começou sua carreira profissional em 1971 defendendo o Vasco da Gama. Teve uma passagem rápida em 1980 (por volta de 3 meses) pelo futebol espanhol quando defendeu o Barcelona, contudo, o técnico que solicitou sua contratação foi demitido logo depois de sua chegada e o novo treinador da equipe catalã, Helenio Herrera, não lhe deu muito espaço. Retornou ao Vasco e lá permaneceu até 1989 quando foi atuar na Portuguesa Paulista. Em 1990 retornou ao Vasco, em 1991 atuou pelo Campo Grande e em 1992 defendeu, mais uma vez, a equipe da Cruz de Malta. Encerrou sua carreira em um jogo comemorativo em 24 de março de 1993 contra o La Coruña. Neste jogo festivo o grande rival, Zico, homenageando Roberto, jogou ao seu lado envergando a camisa do Vasco da Gama. Foi campeão brasileiro em 1974 e conquistou cinco campeonatos cariocas (1977, 1982, 1987, 1988 e 1992). Defendeu a Seleção brasileira entre 1974 e 1985 em 47 partidas com 25 gols marcados. Disputou 2 Copas do Mundo (1978 e 1982). Enfrentou a Argentina em 3 oportunidades: 2 empates e 1 derrota. Não marcou gols. Sua última partida pela Seleção Brasileira foi exatamente o jogo descrito acima contra a Seleção Argentina.

retornado ao Brasil e assumido o comando do América (RJ), foi o escolhido pela CBF. Ele realizou seis amistosos<sup>351</sup> e, em virtude dos resultados e do futebol apresentado, a Seleção mudou novamente o comando técnico. Para os jogos das eliminatórias, Telê Santana já estava no banco do Brasil. A Argentina, por sua vez, realizou quatro amistosos, dois contra o Paraguai, um contra o Chile e outro contra o Brasil.<sup>352</sup>

Um dos amistosos comandados por Evaristo de Macedo foi contra a Argentina, partida disputada no Estádio da Fonte Nova, em Salvador. A Argentina, mais uma vez, apresentou-se com sua base formada, ainda que sem o seu astro principal, Maradona. Já o Brasil, não contou com os jogadores que atuavam na Itália, as suas grandes esperanças eram: Careca e o soteropolitano Bebeto que fazia sua terceira partida com a camisa da Seleção.

Caiu uma forte chuva no sábado, dia 4 de maio, na cidade de Salvador. Na hora do jogo, no dia 5 de maio, o gramado estava encharcado e ainda caía uma garoa fina que não impediu que 77.258 pagantes enchessem o Estádio da Fonte Nova para apoiar a Seleção Brasileira.<sup>353</sup>

Os anfitriões começaram bem a partida, tocavam a bola de primeira e buscavam impor um ritmo veloz para o jogo. A primeira grande jogada de perigo dos donos da casa, aos 7 minutos, foi coroada com a abertura do placar. Mozer cruzou para a área, Casagrande escorou de cabeça para trás e Careca, de bicicleta, jogou para dentro do gol. A Argentina, aos 11 minutos, em cobrança de falta exigiu grande defesa de Paulo Vítor. Na cobrança de escanteio, confusão na área brasileira e os argentinos reclamaram que a bola bateu na mão de Casagrande. Aos 18 minutos foi a vez do Brasil reclamar de pênalti, Careca recebeu a bola dentro da área, livre e sofreu um empurrão por trás dado por Garré, o juiz mandou a jogada prosseguir para desespero do centroavante brasileiro. Aos 31 minutos, o meio campo argentino tocava a bola até que Barbas

---

<sup>351</sup> Brasil 2X1 Colômbia – 25/4/1985; Brasil 0X1 Peru – 28/4/1985; Brasil 2X0 Uruguai – 2/5/1985; Brasil 2X1 Argentina – 5/5/1985; Colômbia 1X0 Brasil – 15/5/1985 e Chile 2X1 Brasil – 21/5/1985.

<sup>352</sup> Paraguai 1X0 Argentina – 28/4/1985; Brasil 2X1 Argentina – 5/5/1985; Argentina 1X1 Paraguai – 9/5/1985 e Argentina 2X0 Chile – 14/5/1985.

<sup>353</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Paulo Vitor, Edson, Oscar, Mozer, Branco, Dema, Alemão, Casagrande, Bebeto (Mário Sérgio), Careca (Reinaldo) e Éder. Escalação da Seleção Argentina: Fillol, Clausen (Rinaldi), Brown, Ruggeri, Garré, Barbas, Ponce (Vanemerak), Trobbiani (Trossero), Burruchaga, Pasculli e Gareca (Dertycia). O árbitro da partida foi o peruano Edson Perez Nuñez.

abriu na direita para Clausen que cruzou, Paulo Vítor socou mal a bola para frente da sua área que se apresentou para Burruchaga<sup>354</sup> chutar forte, com precisão, no canto superior esquerdo do gol brasileiro, para empatar a partida. As duas seleções ainda criaram algumas jogadas de perigo e a chuva voltou a cair forte no final do primeiro tempo, mas o placar não se alterou.

O Brasil voltou determinado a desempatar a partida no segundo tempo e criou algumas chances de gol até que aos 20 minutos, Éder recebeu de Mozer no meio do campo, tocou para Branco que avançou pelo lado esquerdo do ataque brasileiro e cruzou baixo para a área, Careca desviou a bola com um leve toque de calcanhar deixando Alemão na frente dos seus marcadores com o trabalho apenas de deslocar Fillol. O Brasil voltava a abrir vantagem no marcador.

Logo depois começaram as expulsões. Alemão e Pasculli se agrediram e foram expulsos. Mais alguns minutos foi a vez de Éder seguir o mesmo caminho após entrada dura em Clausen. Com a vantagem no placar e um jogador a menos, o Brasil fechou-se na defesa e passou a contra atacar o seu adversário. “Com a Argentina atacando sem muita convicção, sem saber como tirar proveito do homem a mais que tinha em campo, o Brasil foi deixando o tempo passar”.<sup>355</sup> No final, vitória brasileira por 2X1<sup>356</sup> e a Seleção foi aplaudida e apoiada “pela primeira vez pela torcida nestes jogos de preparação para as eliminatórias”.<sup>357</sup>

---

<sup>354</sup> Jorge Luis Burruchaga (Guauguay – Província de Entre Rios, 9 de outubro de 1962). Atuava tanto como meia-atacante como atacante. Era um jogador habilidoso, que atuava sempre com muita garra e costumava liderar as equipes em que atuava. Iniciou sua carreira profissional em 1979 no Arsenal de Sarandi. Em 1982 passou a atuar no Independiente, equipe pela qual jogou até 1985 e conquistou títulos importantes tais como o Campeonato Argentino de 1983, a Libertadores da América de 1984 e a Copa Intercontinental também em 1984. Em 1985 foi atuar no futebol francês, no Nantes, clube que defendeu até 1992 quando foi jogar por uma temporada pelo Valenciennes. Em 1994 acabou sendo banido do futebol francês por envolvimento em um escândalo de manipulação de resultados no campeonato local. Voltou para a Argentina e em 1995 voltou a jogar pelo Independiente equipe pela qual encerrou sua carreira em 1998. Nesta segunda passagem conquistou a Recopa Sulamericana e a Supercopa Sulamericana, ambas em 1995. Foi atleta da Seleção Argentina entre 1983 e 1990. Jogou 59 partidas e fez 13 gols, sendo um deles o gol do título Mundial em 1986 contra a Alemanha. Jogou as Copas de 1986 e 1990, sendo respectivamente campeão e vice-campeão do mundo. Ele enfrentou a Seleção Brasileira em 6 oportunidades: 2 vitórias, 2 empates e 2 derrotas. Marcou um gol nestes confrontos.

<sup>355</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 6 de maio de 1985, p. 22.

<sup>356</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOS DO BRASIL. “Amistoso 1985: Brasil 2x1 Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WNM2eWp4nwk>. Acessado em: 25 de dezembro de 2017.

<sup>357</sup> Idem, *ibidem*, p. 22.

Os argentinos, após a partida, reclamaram da chuva, dos critérios adotados pelo árbitro da partida e afirmaram terem realizado uma boa apresentação, Carlos Bilardo, técnico da albiceleste “achou que sua seleção foi melhor do que a brasileira durante todo o jogo”.<sup>358</sup> Fillol, que já atuava no Flamengo, seguiu na mesma linha de argumentação de Bilardo e considerou inclusive normal que a sua seleção se apresentasse melhor, “já que a Argentina vem se preparando há mais tempo que o Brasil”.<sup>359</sup>

Na América do Sul, 10 equipes disputaram 4 vagas nas eliminatórias para a Copa do Mundo de 1986. Elas foram divididas em 3 grupos e os jogos eram em turno e retorno. O grupo 1 foi formado por 4 equipes e os grupos 2 e 3 tinham 3 equipes. Os primeiros colocados de cada grupo estavam automaticamente classificados. Os segundos colocados dos grupos 2 e 3 assim como o segundo e terceiro colocados do grupo 1 avançariam para a fase dos play-offs. No grupo 1 foram alinhadas as seguintes seleções: Argentina, Colômbia, Peru e Venezuela. O Grupo 2 foi formado por: Chile, Equador e Uruguai e finalmente no Grupo 3 estavam: Bolívia, Brasil e Paraguai.

A Argentina fez sua estreia contra a Venezuela, em San Cristóbal, no dia 26 de maio de 1985. Os problemas começaram no desembarque, quando um torcedor local conseguiu se aproximar de Maradona e desferir um violento chute em seu joelho direito. O atleta argentino passou a ser dúvida para a partida. Graças ao tratamento realizado, ele não apenas participou do enfrentamento como ainda fez dois gols que ajudaram na difícil vitória por 3X2 contra os venezuelanos. O outro gol argentino foi marcado por Passarella. Os venezuelanos descontaram com Torres e Marquez.<sup>360</sup>

Na outra semana, 2 de junho, os argentinos visitaram os colombianos em Bogotá, no Estádio El Campín. Nova vitória por 3X1 que lhes deu a liderança do grupo, com gols de Pasculli

---

<sup>358</sup> Idem, ibidem, p. 22.

<sup>359</sup> Idem, ibidem, p. 22.

<sup>360</sup> Os gols da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. SP1873. “1985 (May 26) Venezuela 2-Argentina 3 (World Cup Qualifier).avi”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vdX3P-X7hCI>. Acessado em: 26 de dezembro de 2017.

(dois) e Burruchaga. Para a Colômbia marcou Prince.<sup>361</sup> Na rodada seguinte, 9 de junho, os argentinos receberam, em Buenos Aires, os venezuelanos no jogo da volta. Ao contrário do que o placar pode sugerir, 3X0, a partida não foi tão fácil, pois os argentinos só marcaram os dois últimos gols nos minutos finais do jogo, quando já eram vaiados pela torcida que havia comparecido no Estádio Monumental de Núñez. Russo abriu o placar aos 27 minutos da etapa inicial, Clausen fez o segundo aos 43 do segundo tempo e Maradona marcou o último gol aos 45 minutos da etapa complementar.<sup>362</sup>

As rodadas das eliminatórias eram semanais e no dia 16 de junho a Argentina enfrentou novamente no Estádio Monumental de Núñez a Colômbia. Vitória magra, por 1X0, gol de Valdano.<sup>363</sup> Só faltavam os jogos contra a Seleção do Peru, a única seleção que ainda poderia atrapalhar a classificação direta dos argentinos para o Mundial. O mesmo Peru que havia desclassificado a albiceleste do mundial de 1970, disputado no México, local da próxima Copa do Mundo.

A primeira partida foi disputada em Lima no dia 23 de junho e a vitória foi da seleção local por 1X0, gol de Oblitas.<sup>364</sup> Com o resultado, o grupo seria definido no dia 30 de junho. Os argentinos enfrentariam os peruanos precisando de um empate para ficar no primeiro lugar do grupo. Jogando em casa, no mesmo estádio em que havia enfrentado Venezuela e Colômbia, os donos da casa começaram pressionando e abriram o placar logo aos 12 minutos com Pasculli. A classificação parecia encaminhada... Mas como recordou Maradona: “¡Mamita, cómo sufrimos,

---

<sup>361</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. FUTBOLRETROCBA. “Colombia 1 vs Argentina 3 Eliminatorias 1985 FUTBOL RETRO TV”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wrf97hw2Yo>. Acessado em: 27 de dezembro de 2017.

<sup>362</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. FUTBOLRETROCBA. “Argentina 3 vs Venezuela 0 Eliminatorias 1985 Clausen, Russo, Maradona FUTBOL RETRO TV”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aW9PB1Zqyxg>. Acessado em: 27 de dezembro de 2017.

<sup>363</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. ANDREWFPB. “Argentina (1) vs Colombia (0) - Eliminatorias al Mundial 1986 - Gol de Valdano”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=PH\\_4Vg5ixWk](https://www.youtube.com/watch?v=PH_4Vg5ixWk). Acessado em: 27 de dezembro de 2017.

<sup>364</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. FUTBOLRETROCBA. “Peru 1 vs Argentina 0 Eliminatorias 1985 Maradona, Burruchaga, Fillol, Oblitas, Franco Navarro”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uJ6xHmZ9XK0>. Acessado em: 27 de dezembro de 2017.

*Mamita!*".<sup>365</sup> Em dois contra-ataques os peruanos viraram o jogo, o empate saiu aos 23 minutos com Velásquez e o segundo gol, marcado por Barbadillo, foi aos 39 minutos. O primeiro tempo terminou com a vantagem peruana.

A Argentina voltou para o segundo tempo pressionando o seu adversário, mas como o próprio Maradona ressaltou, ele sabia que não seria fácil, pois a equipe estava nervosa. Com o passar do tempo, o jogo também foi ficando mais violento, especialmente por parte dos donos da casa que abusavam das faltas duras. Aos 31 minutos, o Peru teve a chance de definir o confronto, mas Velasquez falhou na hora de concluir diante de Fillol. O gol de empate, que explodiu o Monumental de Núñez, só saiu aos 35 minutos da etapa complementar, quando Gareca, após chute cruzado de Passarella no qual a bola bateu na trave e correu por cima da linha do gol, empurrou para o fundo das redes. Quando o árbitro brasileiro, Romulado Arppi Filho, apitou o final da partida, o empate de 2X2 classificou a Argentina para a Copa do México.<sup>366</sup> A Folha de São Paulo ressaltou: "Argentina sofre para garantir a vaga".<sup>367</sup> Peru e Colômbia, respectivamente segundo e terceiro colocados do grupo, disputaram a última vaga do continente na fase denominada de Play-offs.

O Brasil enfrentou a Bolívia e o Paraguai pelo Grupo 3. O primeiro desafio a ser superado era a própria desorganização do comando da CBF que, faltando apenas 10 dias para o início das eliminatórias, no dia 23 de maio, resolveu trocar mais uma vez o técnico (a quarta troca desde o fim da Copa do Mundo de 1982) Evaristo de Macedo cedeu seu lugar para Telê Santana, que ainda estava vinculado ao Al Ahli que o liberou para dirigir o Brasil apenas durante a competição. Sem muito tempo para preparar a equipe, Telê convocou atletas que atuavam no futebol europeu, especialmente no campeonato italiano, definiu a equipe titular, realizou alguns coletivos contra as equipes juvenis do Atlético Mineiro e do Cruzeiro e foi enfrentar a Bolívia.

---

<sup>365</sup> SEMANA. "Maradona se confiesa". Disponível em: <http://www.semana.com/deportes/articulo/maradona-confiesa/43645-3>. Acessado em: 26 de dezembro de 2017.

<sup>366</sup> Os gols da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. 1986SOCCERMAN. "QWC 1986 Argentina vs. Peru 2-2 (30.06.1985)". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-7dOmfAy0gc>. Acessado em: 26 de dezembro de 2017.

<sup>367</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 1º de julho de 1985, p. 18.

Felizmente, ou melhor, provavelmente em troca de dinheiro,<sup>368</sup> a Federação Boliviana de Futebol abriu mão de um forte aliado em suas partidas em casa, a altitude de La Paz e transferiu a contenda para a cidade de Santa Cruz de la Sierra, somente 400 metros acima do nível do mar. A partida foi disputada no dia 2 de junho de 1985, no Estádio Ramon Tahuichi Aguillera. O Brasil entrou em campo com sete jogadores que foram titulares na Copa de 1982, mas o futebol apresentado era bastante distante daquele que havia encantado o mundo no Mundial anterior.

O Brasil não jogou bem no primeiro tempo, a falta de entrosamento acarretou muitos erros de passes e dificuldades para a Seleção se aproximar do gol adversário. No segundo tempo, a equipe melhorou e conseguiu marcar duas vezes, com Casagrande e Miguel Angel (contra) e venceu seu adversário por 2X0.<sup>369</sup> A Folha de São Paulo sintetizou da seguinte forma a apresentação do selecionado brasileiro:

Embora tenha conseguido vencer a Bolívia por 2 a 0, ontem em Santa Cruz de la Sierra, a estréia da seleção brasileira nas eliminatórias da Copa do Mundo não foi convincente. Sem entrosamento, talvez em função do curto período (sete dias) de treinamento do atual grupo, o time errou muitos passes e só melhorou no segundo tempo, quando marcou os dois gols e garantiu o resultado na base do toque de bola.<sup>370</sup>

Antes de enfrentar o Paraguai, a Seleção Brasileira realizou um amistoso no dia 8 de junho contra o Chile e venceu por 3X1 em Porto Alegre. No dia 16 de junho viajou até Assunção para jogar contra o Paraguai. Desta feita, jogou bem e venceu por 2X0, gols de Casagrande e Zico.<sup>371</sup> Com as duas vitórias obtidas fora de casa a classificação para a Copa do México estava bastante próxima e ela seria confirmada no jogo da volta contra o Paraguai, no Maracanã, no dia 23 de junho, no empate por 1X1. Sócrates abriu o placar para o Brasil e Romerito, então jogador

<sup>368</sup> SANTOS, Newton Cesar de Oliveira. op. cit., p. 408.

<sup>369</sup> Os gols da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. CANARINHOGOLS. “ELIMINATÓRIAS 1985-02-JUN - BOLÍVIA 0X2 BRASIL”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Obv7NbPvrec>. Acessado em: 27 de dezembro de 2017.

<sup>370</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 3 de junho de 1985, p. 20.

<sup>371</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. GEFOT 1000. “Paraguai 0x2 Brasil (16/06/1985) - 1985 (Eliminatórias Copa de 1986)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LGUQNaz8N98>. Acessado em: 27 de dezembro de 2017.

do Fluminense, empatou para os paraguaios.<sup>372</sup> O incômodo surgiu com a queda de produção da equipe, afinal com um número maior de partidas, com mais entrosamento e jogando em casa, esperava-se que ela apresentasse um melhor futebol.

A última partida, no jargão do futebol, para “cumprir tabela”, foi disputada em São Paulo contra os bolivianos, no dia 30 de junho de 1985. A torcida que encheu o Estádio do Morumbi disposta a apoiar e festejar a apresentação da Seleção Brasileira terminou decepcionada não só com o resultado, empate em 1X1, Careca abriu o placar e Carlos Sanchez empatou para os bolivianos, mas, especialmente, com a baixa qualidade do futebol apresentado pela equipe mandante.<sup>373</sup> No final, a festa que estava preparada não aconteceu e a frustração do torcedor acabou transformando os aplausos em vaias. De qualquer forma, o Brasil jogaria a Copa do Mundo de 1986. O Paraguai, como segundo colocado do grupo, classificou-se para disputar a fase de Play-offs.

Apesar da classificação, as indefinições ainda pairavam no ar, a primeira delas era a permanência de Telê no comando da equipe. O treinador aguardava um acordo entre os dirigentes do seu clube na Arábia Saudita e a CBF para que pudesse assumir integralmente e de forma exclusiva o cargo de treinador da Seleção Brasileira. A situação só foi resolvida em janeiro de 1986 quando Telê foi anunciado como o técnico do Brasil para a Copa do Mundo daquele ano. Em tempo: o Brasil não atuou mais em 1985 após o empate contra a Bolívia pelas eliminatórias. A Argentina, por sua vez, entrou em campo duas vezes, nos dias 14 e 17 de novembro, no México, para enfrentar a seleção local. As partidas terminaram empatadas em 1X1.

No Grupo 2, o Uruguai e Chile disputaram a vaga na última rodada em Montevideu. Os donos da casa venceram a partida por 2X1 e, com 6 pontos ganhos, se classificaram em primeiro lugar do grupo. O Chile, que terminou com 5 pontos, foi jogar os Play-offs.

---

<sup>372</sup> Os gols da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. SP1873. “1985 (June 23) Brazil 1-Paraguay 1 (World Cup Qualifier).avi”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IYtdm14nqgA>. Acessado em: 27 de dezembro de 2017.

<sup>373</sup> Os gols da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. SP1873. “1985 (June 30) Brazil 1-Bolivia 1 (World Cup Qualifier).avi”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=14gXxoc-8zw>. Acessado em: 27 de dezembro de 2017.

Nos Play-offs, ficou determinado por sorteio que o Paraguai enfrentaria a Colômbia e o Chile jogaria contra o Peru. As partidas seriam de ida e volta e os vencedores definiriam, também em jogos dentro e fora de casa, a última vaga do continente para o Mundial. Em Assunção, na primeira partida, o Paraguai abriu boa vantagem ao vencer os colombianos por 3X0. No jogo em Bogotá, apesar da derrota, por 2X1, os paraguaios, pelo saldo de gols, se classificaram para a fase final. O Chile, por sua vez, venceu as duas partidas: em Santiago por 4X2 e em Lima por 1X0.

A última vaga continental para a Copa do Mundo de 1986 foi decidida entre Chile e Paraguai. Na primeira partida, em Assunção, os paraguaios, mais uma vez, abriram importante vantagem com nova vitória por 3X0, complicando bastante a situação dos chilenos para o jogo da volta em Santiago. Na capital chilena, o empate por 2X2 garantiu a classificação do Paraguai para a Copa do Mundo do México, juntando-se à Argentina, ao Brasil e ao Uruguai.

#### **5.8. COPA DE 1986: A ARGENTINA É MARADONA E “LA MANO DE DIOS”**

Seguindo o critério adotado desde 1958, da rotatividade dos continentes, a Copa do Mundo de 1986 deveria ser disputada no continente americano e ainda em 1974 a FIFA havia escolhido a Colômbia como sede do Mundial. Contudo, a delicada situação econômica vivenciada pelo país, agravada pelos problemas políticos, sociais e de segurança, exemplificados nos combates entre as tropas do governo, as guerrilhas de esquerda e os grupos paramilitares de direita, além do aumento do tráfico de drogas e da violência, todos estes elementos aliados ainda aos altos investimentos exigidos pela FIFA fizeram com que o governo colombiano renunciasse “à promoção do evento a 25 de outubro de 1982”.<sup>374</sup>

O desafio da FIFA era encontrar uma nova sede, preferencialmente respeitando o rodízio continental, faltando menos de 4 anos para o próximo Mundial. O Brasil foi um dos candidatos sondados, mas o então presidente da República, o general João Figueiredo, recusou a proposta em um momento em que o país enfrentava uma séria crise econômica e mesmo política, com o desmoronar da Ditadura Civil-Militar. Para Yallop, havia ainda uma outra questão, o

---

<sup>374</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., v. 1, p. 481.

desentendimento entre o presidente da CBF, Giulitte Coutinho, e o dirigente máximo da FIFA, João Havelange, em virtude do primeiro ter assinado um contrato de fornecimento de material esportivo para a Seleção Brasileira com a empresa Topper, o que teria irritado Horst Dassler, dono da Adidas, antiga fornecedora do Brasil e aliado de Havelange.<sup>375</sup>

As candidaturas foram se restringindo entre os Estados Unidos e o México. O primeiro, apesar de não ter tradição no esporte, percebia uma oportunidade de negócio ao sediar o evento. Os dois principais defensores da candidatura norte-americana foram o ex-secretário de Estado Henry Kissinger e Pelé. Contudo, as divergências entre a Liga Norte Americana de Futebol (NASL) e a FIFA minaram as pretensões dos Estados Unidos.<sup>376</sup> No dia 20 de maio de 1983 o México foi oficialmente escolhido como a nova sede da Copa do Mundo, o país seria o primeiro a receber o evento pela segunda vez em sua história.

Para tanto, pesou a infraestrutura do país, seus estádios, o interesse da população pela modalidade, a competência demonstrada na Copa de 70 e as articulações de bastidores realizadas por Guillermo Cañedo, ex-vice presidente da FIFA, amigo de João Havelange e alto executivo da Televisa, poderosa e influente emissora de televisão mexicana.<sup>377</sup>

Para a disputa das 22 vagas ofertadas pela FIFA para a fase final da Copa do Mundo se inscreveram 119 países de todos os continentes. Como de costume, as duas outras vagas eram destinadas ao país sede e ao último campeão mundial, México e Itália respectivamente. Dentre os inscritos, ocorreram algumas desistências, a mais famosa delas foi a da Seleção do Irã que se negou a jogar em campo neutro e acabou excluído da disputa. A medida era uma questão de segurança, afinal o país estava em guerra contra o Iraque de Saddam Hussein, que, ao contrário, aceitou realizar os seus jogos no Kuwait e acabou sendo um dos países classificados para o Mundial. O outro país da Ásia que também conquistou tal direito foi a Coreia do Sul.

---

<sup>375</sup> YALLOP, David. *Como eles roubaram o jogo*. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 203.

<sup>376</sup> A NASL, com o intuito de dar mais dinamismo e interesse ao futebol (*soccer*), alterou algumas regras da modalidade, irritando a FIFA e, sobretudo a extremamente conservadora *International Football Association Board* (IFAB). Além disso, a entidade norte-americana enfrentava dificuldades financeiras e não contava com recursos suficientes para organizar uma Copa do Mundo. Os problemas eram tão sérios que a NASL foi extinta em 1984. Em 2010 foi fundada outra liga com a mesma nomenclatura, *North American Soccer League* (NASL). Não há ligação direta com a liga anterior, apesar de algumas cidades terem times em ambas as ligas e épocas.

<sup>377</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., v. 1, p. 482.

Na Europa, as principais seleções do continente que disputaram as eliminatórias se classificaram, tais como: Alemanha Ocidental, França, Inglaterra, União Soviética e Espanha. A grande ausência no Mundial, por mais uma vez, foi a Holanda, eliminada pela forte equipe belga. Ausente desde 1966, Portugal voltou a se classificar para uma Copa do Mundo. Disputariam o torneio ainda: Polônia, Irlanda do Norte, Bulgária, Hungria, Dinamarca e Escócia. Além, é claro, da Itália.

Na África, duas seleções que já haviam disputado Copas do Mundo, se classificaram: a Argélia e o Marrocos. Pela Concacaf, a única vaga em disputa, uma vez que o anfitrião (o México) já estava classificado, coube ao Canadá, equipe que faria sua estreia em uma Mundial.

O México teve como mascote para a Copa de 1986 o Pique, uma pimenta verde vestida com uma camisa vermelha e calção branco, as cores da bandeira do país. A mascote tinha longo bigode, um típico sombrero mexicano e carregava uma bola de futebol.

**Figura 15: Mascote da Copa do Mundo de 1986: Pique<sup>378</sup>**



Tudo corria exatamente como o esperado até que o México foi atingido, nos dias 19 e 20 de setembro de 1985, por dois terremotos muito fortes, de 8,1 e 7,3 graus na Escala Richter respectivamente.<sup>379</sup> Após o impacto da tragédia, que deixou como saldo mais de 9.500 mortos,

<sup>378</sup> DUARTE, Marcelo “Todas as mascotes da Copa do Mundo”. Disponível em: <http://guiadoscuriosos.uol.com.br/blog/2012/11/26/todas-as-mascotes-da-copa-do-mundo>. Acessado em 28 de dezembro de 2017.

<sup>379</sup> Inicialmente a Escala Richter estava graduada entre 0,0 e 9,0; mas teoricamente não existia limite superior ou inferior para a escala. Atualmente há instrumentos que conseguem detectar tremores menores do que os associados à magnitude 0,0; permitindo, desta forma, a medição de sismos de magnitude negativa na escala Richter. É

30 mil feridos e 100 mil desabrigados, questionou-se se o México ainda teria condições para sediar o evento. Assim como ocorreu em 1962, com o Chile, o governo mexicano garantiu que o país realizaria o Mundial e que isto seria importante para elevar o moral da população. Por sorte, os estádios em que ocorreriam as partidas não tinham sofrido danos com os terremotos.<sup>380</sup>

**Figura 16: Logo da XIII Copa do Mundo de Futebol – 1986 – México<sup>381</sup>**



A fórmula de disputa do Mundial se alterou em relação à Copa anterior. Na primeira fase, as 24 equipes foram divididas em 6 grupos de quatro seleções. Passariam para a etapa seguinte os dois primeiros colocados de cada grupo e os quatro melhores terceiros colocados dentre todos os grupos. Dessa forma, a segunda fase do mundial contaria com 16 seleções que jogariam daí em diante, até a final, no formato de “mata-mata”. Outra inovação, para evitar possíveis combinações de resultados, determinou-se que os dois jogos da última rodada de cada grupo ocorreriam simultaneamente.

---

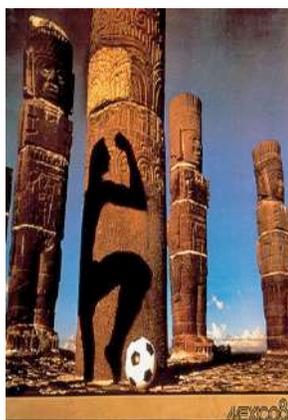
interessante ressaltar que tremores abaixo da escala 3,5 Richter, geralmente só são percebidos pelos sismógrafos. Sismos a partir da magnitude 5,5 já começam a causar danos sobretudo nas construções que apresentem baixa resistência às vibrações e oscilações e a elevação da magnitude afeta não só a área mais próxima atingida como aqueles de magnitude 8,0 podem causar grandes danos em áreas muito distantes do epicentro do fenômeno. Sismos de magnitude 9,0 e superior são excepcionais com efeitos pouco conhecidos. O Sismo da Cidade do México de 1985, ocorreu às 7:19 da manhã no dia 19 de setembro de 1985, tendo seu epicentro no mar de Michoacán, litoral do México. Ele foi considerado o pior terremoto da história mexicana e deixou um rastro de destruição não só na capital, mas também em outros estados do país. Cf. BRANCO, Pérsio de Moraes. “Terremoto”. Disponível em: <http://www.cprm.gov.br/publique/Redes-Institucionais/Rede-de-Bibliotecas---Rede-Ametista/Canal-Escola/Terremotos-1052.html>. Acessado em: 28 de dezembro de 2017. FOLHAONLINE. “No mesmo dia, em 1985, terremoto matou 10 mil na cidade do México”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/banco-dados/2017/09/1919992-no-mesmo-dia-em-1985-terremoto-matou-10-mil-na-cidade-do-mexico.shtml>. Acessado em: 28 de dezembro de 2016.

<sup>380</sup> RIBAS, Lycio Vellozo. op. cit., p. 262.

<sup>381</sup> GONÇALVES, Guilherme. “Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014: Copas Anteriores”. Disponível em: <http://bloggerdacopanobrasil.blogspot.com.br/p/copas-do-mundo-fifa-antiores.html>. Acessado em 29 de dezembro de 2017.

Os grupos iniciais ficaram divididos da seguinte forma, após sorteio dirigido: Grupo A – Argentina, Bulgária, Coreia do Sul e Itália. Grupo B – Bélgica, Iraque, México e Paraguai. Grupo C – Canadá, França, Hungria e União Soviética. Grupo D – Argélia, Brasil, Espanha e Irlanda do Norte. Grupo E – Alemanha Ocidental, Dinamarca, Escócia e Uruguai. Grupo F – Inglaterra, Marrocos, Polónia e Portugal. A Copa foi disputada entre os dias 31 de maio e 29 de junho de 1986. A bola utilizada na Copa foi a Azteca.<sup>382</sup>

**Figura 17: Cartaz da XIII Copa do Mundo de Futebol – 1986 – México<sup>383</sup>**



A Argentina foi a primeira delegação a desembarcar no México, no dia 5 de maio. Ela utilizou o complexo esportivo de uma das equipes mais populares do país, o América, sediado na própria capital. A comissão técnica preparou muito bem fisicamente o selecionado argentino, como o Brasil havia feito em 1970. Taticamente, Bilardo armou os seus jogadores para marcar forte e realizar rápidos contra-ataques. Por ser considerado um representante do futebol pragmático e de resultado, o técnico foi duramente criticado, especialmente pelo seu antecessor, Menotti, por estar descaracterizando o estilo argentino de jogar, o denominado futebol *criollo*.

A estreia da Seleção Argentina foi contra a Coreia do Sul, no dia 2 de junho de 1986, no Estádio Olímpico Universitário, na Cidade do México.<sup>384</sup> Os asiáticos buscaram fazer uma

<sup>382</sup> Foi a primeira bola usada em um Mundial feita inteiramente de material sintético.

<sup>383</sup> ALMEIDA, Bruno. “Os pôsteres e mascotes da Copa do Mundo”. Disponível em: <http://publistagram.com/os-posteres-e-mascotes-da-copa-do-mundo/>. Acessado em 22 de outubro de 2017.

<sup>384</sup> Escalação da Seleção Argentina: Pumpido, Brown, Clausen, Garré, Ruggeri, Batista (Olarticoechea), Burruchaga, Maradona, Giusti, Valdano e Pasculi (Tapia). Escalação da Seleção Sul Coreana: Yun-Kyo Ho, Kyung-Hoon Park, Yong-Hwan Jung, Pyung-Seok Kim (Kwang-Rae Cho), Soon-Ho Choi, Min-Kook Cho, Jung-Moo Huh, Chang-Sun

marcação “homem a homem” e não raramente abusaram da violência, especialmente contra Maradona, que respondia com dribles e mais dribles. Os dois primeiros gols da equipe sul-americana, não por acaso, surgiram de cobranças de faltas sobre o camisa 10, o primeiro convertido por Valdano e o segundo por Ruggeri (aos 6 e aos 18 minutos respectivamente). O primeiro tempo terminou com a vantagem argentina por 2X0.

No início do segundo tempo, Valdano, após passe de Maradona, ampliou a vantagem. Os sul-coreanos ainda descontaram com Chang-Sun aos 28 minutos. No final, os argentinos, com a vitória por 3X1,<sup>385</sup> eram alçados à liderança do grupo após, o empate por 1X1, na partida que abriu a Copa, no dia 31 de maio, entre Itália e Bulgária. Para a Folha de São Paulo, os argentinos, diante da fragilidade do adversário se acomodaram e perderam uma boa oportunidade de aplicar uma goleada.<sup>386</sup> Já o Jornal do Brasil era bem mais ácido quanto ao próprio futuro dos albicelestes na competição a partir do que tinham demonstrado na partida de estreia e que reverberava as críticas entre o futebol pragmático, de resultado e a prática do *futbol criollo*, um futebol mais criativo e ofensivo que caracterizaria o país.

Já esta Seleção Argentina – hesitações de estreia à parte – não é tão boa quanto a de 78. Sequer se equivale à de 82. Perdeu o fôlego e, em alguns momentos, deixou-se atemorizar pelo ímpeto exagerado dos coreanos. A defesa marca bem (se bem que, ontem, os adversários não chegaram a ser um bom teste). O meio-campo é mais de desarme do que de criação. O ataque tem Maradona, tem Valdano, mas é difícil saber se isso será o bastante para levá-la tão longe quanto Bilardo espera.<sup>387</sup>

A segunda rodada aguardava o quarto encontro consecutivo em Copas do Mundo entre argentinos e italianos com retrospecto favorável aos últimos (2 vitórias e 1 empate). O jogo foi disputado em Puebla, no Estádio Cuauthémoc, no dia 5 de junho.<sup>388</sup> A Argentina iniciou

---

Park, Beom-Geun Cha, Joo-Sung Kim e Young-Sae Kim (Byung-Ok Yoo). O árbitro da partida foi o espanhol Victoriano Sánchez Arminio.

<sup>385</sup> Os gols da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. TJS Sports. “Argentina v South Korea World Cup Finals 1986”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VrgSycF2OGY>. Acessado em: 29 de dezembro de 2017.

<sup>386</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 3 de junho de 1986, p. 31.

<sup>387</sup> JORNAL DO BRASIL, 3 de junho de 1986, p. 6 (Esportes).

<sup>388</sup> Escalação da Seleção Argentina: Pumpido, Brown, Cuciuffo, Garré, Ruggeri, Batista (Olarticoechea), Burruchaga, Maradona, Giusti, Borghi (Enrique) e Valdano. Escalação da Seleção Italiana: Galli, Bergomi, Cabrini, Scirea, Vierchowod, Bagni, De Napoli (Baresi), Di Gennaro, Conti (Vialli), Altobelli e Galderisi. O árbitro da partida foi o holandês Jan Keizer.

melhor a partida, mas aos 6 minutos, um pênalti duvidoso (a bola bateu na mão de Burruchaga) convertido por Altobeli permitiu que a Itália abrisse o placar. Aos 34 minutos, Maradona recebeu a bola na área e com um toque sutil no canto direito deslocou o goleiro italiano. A partida havia iniciado ao meio dia e em virtude do intenso calor o ritmo do jogo caiu muito no segundo tempo e as equipes não produziram um futebol de grande qualidade, no final o placar apontava 1X1.<sup>389</sup>

Na última rodada, disputada no dia 10 de junho, a Itália venceu a Coreia do Sul por 3X2 e a Argentina jogou contra a Bulgária no Estádio Olímpico Universitário, na Cidade do México.<sup>390</sup> Sem muita dificuldade e com grande apresentação de Maradona, os sul-americanos venceram os búlgaros por 2X0, gols de Valdano, logo aos 3 minutos da etapa inicial e Burruchaga aos 33 minutos da etapa final. Com o resultado a equipe comandada por Bilardo terminou em primeiro lugar em seu grupo, com 5 pontos, seguida da Itália com 4 pontos. A Bulgária foi uma das quatro melhores terceiras colocadas, com 2 pontos e saldo negativo de 2 gols e também avançou para a fase seguinte.

O Brasil, já no sorteio dos grupos se viu “favorecido”, afinal mandaria os seus jogos no mítico Estádio Jalisco, em Guadalajara, que havia abrigado a seleção em 1970. Mas, ao contrário do que ocorreu na vitoriosa campanha 16 anos antes, desta vez, a CBF não se preparou adequadamente e a equipe chegou a ficar até sem campo para treinar. O clima entre os jogadores e a comissão técnica também não era harmonioso como se viu, ainda durante a fase de preparação para o Mundial, com o corte de Renato Gaúcho em virtude dos “excessos” cometidos nos dias de folga.<sup>391</sup>

---

<sup>389</sup> Os gols da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. MRDROBISHA. “World Cup Mexico 1986: Italy - Argentina 1-1 (Group A) - HD”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d32kCViOuNE>. Acessado em: 29 de dezembro de 2017.

<sup>390</sup> Escalação da Seleção Argentina: Pumpido, Brown, Cuciuffo, Garré, Ruggeri, Batista (Olarticochea), Burruchaga, Maradona, Giusti, Borghi (Enrique) e Valdano. Escalação da Seleção Búlgara: Mihailov, Petrov, Dimitrov, Aleksandar Markov, Sirakov (Zdravkov), Jeliaskov, Sadakov, Getov, Iordanov, Mladenov (Velichkov) e Plamen Markov. O árbitro da partida foi o costarricense Berny Ulloa Morera.

<sup>391</sup> Após uma noitada, para escapar da bronca de Telê, Renato Gaúcho e Leandro resolveram pular o muro da Toca da Raposa, em Belo Horizonte, local em que a Seleção Brasileira se encontrava concentrada. Trôpego, Leandro não foi capaz de realizar a proeza. Renato Gaúcho então entrou pelo portão de frente da Toca da Raposa carregando Leandro, os dois acabaram “apanhados”. Telê, que era um técnico disciplinador, irritado, queria dispensar os dois imediatamente, mas foi dissuadido pelos demais atletas. Contudo, o nome de Renato não constou da lista final dos convocados para ir ao México. Leandro foi mantido. No dia do embarque, o lateral direito, abandonou a Seleção. Segundo apurou a Revista Placar, o atleta do Flamengo já havia confessado que não estava mais conseguindo jogar na lateral direita, em virtude de seus problemas nos joelhos (as dores eram tão intensas que era obrigado a tomar duas

A estreia ocorreu no dia 1º de junho contra, ao menos teoricamente, o adversário mais difícil do grupo, a Espanha. Telê Santana, de acordo com a imprensa, não tinha um time ainda definido: “Telê continua a fazer mistério e mantém o ambiente de confusão em Guadalajara” era a Manchete da Folha de São Paulo.<sup>392</sup> Em campo, apenas dois atletas que atuaram na Copa anterior, Sócrates e Júnior.<sup>393</sup> Antes de iniciar a partida, uma gafe da organização do evento: executou-se o hino da bandeira no lugar do hino nacional brasileiro.

Foi uma partida bastante nervosa, truncada, com 26 faltas (14 brasileiras e 12 espanholas). As duas seleções começaram o jogo muito fechadas, mais preocupadas em não se expor do que em criar boas jogadas e essa foi a tônica dos primeiros 45 minutos. “Foi um primeiro tempo difícil – especialmente de assistir”.<sup>394</sup> Sem alterações no placar, as duas seleções foram para os seus vestiários sob vaias da torcida, especialmente a Seleção Brasileira, “a paixão dos mexicanos”.<sup>395</sup>

No início do segundo tempo, o árbitro australiano, Christopher Bambridge, interferiu no placar. Aos 7 minutos, Michel soltou um chute forte, de fora da área, a bola bateu no travessão e quicou claramente dentro do gol antes de voltar para o campo. O juiz, mal colocado, mandou o jogo seguir para desespero dos espanhóis. O lance serviu para acordar o Brasil que melhorou e aos 17 minutos chegou ao seu gol, Júnior tocou a bola para Careca dentro da área que chutou no travessão, na volta, Sócrates, de cabeça, completou para o gol.<sup>396</sup> Para o Clarín, o futebol apresentado pelo Brasil era “uma sombra do velho esplendor”,<sup>397</sup> especialmente se comparado

---

injeções analgésicas por dia) e que ele desejava jogar como zagueiro (posição que já vinha atuando no Flamengo), mas não tinha coragem de falar abertamente sobre o assunto com Telê Santana. Certo de que faria uma péssima Copa acrescido da mágoa com o que tinha ocorrido com o seu amigo Renato, ele decidiu, no dia 8 de maio, momentos antes do embarque para o México, abandonar a delegação. Cf. PLACAR, 19 de maio de 1986, p. 16-23.

<sup>392</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 1 de junho de 1986, p. 37.

<sup>393</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Carlos, Edson, Júlio César, Edinho, Branco, Alemão, Elzo, Júnior (Falcão), Sócrates, Careca e Casagrande (Müller). Escalação da Seleção Espanhola: Zibizarreta, Tomás, Goicoechea, Maceda, Camacho, Michel, Victor, J. Francisco (Señor), Julio Alberto, Julio Salinas e Butragueño. O árbitro da partida foi o australiano Christopher Bambridge.

<sup>394</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 2 de junho de 1986, p. 17.

<sup>395</sup> Idem, ibidem, p. 17.

<sup>396</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. ALVES, Alexandre. “Melhores momentos: Brasil 1 x 0 Espanha pela Copa do Mundo de 1986”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LzVAPmk1bLs>. Acessado em: 29 de dezembro de 2017.

<sup>397</sup> CLARIN, 2 de junho de 1986, p. 8 (Clarín Mundial).

aquele que apresentou em 1970. Para o mesmo periódico o Brasil jogou um pouco melhor que a Espanha em partida que só será lembrada pelas polêmicas.<sup>398</sup>

No dia 6 de junho, o Brasil enfrentou a Argélia pela segunda rodada, no Estádio Jalisco. Telê Santana, com o intuito de dar maior conjunto à equipe, escalou a mesma equipe da estreia.<sup>399</sup> A Seleção Brasileira, mesmo não se apresentando bem, inclusive de forma lenta, teve o domínio da partida. Dentre as jogadas de perigo criadas, acertou a trave adversária duas vezes e acabou fazendo o seu gol, após uma falha da defesa argelina, por intermédio de Careca, aos 21 minutos da etapa final. O goleiro da Argélia, que fez excelentes defesas, foi considerado o melhor jogador da partida. A vitória garantiu a classificação brasileira para a fase seguinte,<sup>400</sup> mas não a poupou das críticas. A Folha de São Paulo estampou: “Devagar, o Brasil quer ser o 1º do grupo”.<sup>401</sup> Ainda segundo o periódico, a Seleção Brasileira continuava sendo um mito no México, “embora ontem tenha lembrado um velho leão de circo do interior – cansado, sem dentes e com a juba prejudicada”.<sup>402</sup> E ainda alertava, que mesmo classificada, a torcida não deveria alimentar muitas ilusões.

Telê Santana afirmou aos repórteres, após a partida, que o futebol havia mudado bastante depois da Copa de 1982 e que, ao contrário do que ele esperava, as demais seleções não estavam preocupadas em praticar um futebol ofensivo, mas sim em não perder, o que inviabiliza o bom espetáculo.

Que ninguém espere do Brasil um “futebol mágico” como o da Copa de 82, alerta Telê, ao responder a um repórter nostálgico. “Nesses quatro anos, o futebol mundial mudou muito. Eu esperava um futebol mais ofensivo por parte de todos, mas estou vendo que todos só se preocupam em não perder. Não é desse futebol que gosto. Gostaria que sempre as duas equipes jogassem

---

<sup>398</sup> Idem, *ibidem*, p. 9.

<sup>399</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Carlos, Edson (Falcão), Júlio César, Edinho, Branco, Alemão, Elzo, Júnior, Sócrates, Careca e Casagrande (Müller). Escalação da Seleção Argelina: Drid, Medjaji, Megharia, Guendouz, Mansouri, Kaci Said, Assad (Bensaoula), Benmabrouck, Belloumi (Zidane), Madjer e Menad. O árbitro da partida foi o guatemalteco Romulo Mendez Molina.

<sup>400</sup> O gol da partida pode ser assistido em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. MRDROBISHA. “World Cup Mexico 1986: Brazil - Algeria 1-0 (Group D) - HD”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S6yv5j5fB9o>. Acessado em: 31 de dezembro de 2017.

<sup>401</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 7 de junho de 1986, p. 29.

<sup>402</sup> Idem, *ibidem*, p. 29.

ofensivamente para dar um bonito espetáculo, mas até agora só vimos uma goleada nesta Copa, da União Soviética contra a Hungria<sup>403</sup>

O Clarín foi bem menos crítico com a Seleção Brasileira. Segundo o jornal argentino, o Brasil realizou uma boa apresentação, teve o domínio da partida, respeitou seu estilo de jogo e o que faltou foi converter as boas jogadas que criou em gols. A excelente atuação de Drid, goleiro da Argélia,<sup>404</sup> e o excesso de cruzamentos na área feitos pelo ataque brasileiro também contribuíram para o “magro” resultado.

Este Brasil de hoje, perseguido pela má sorte e com várias ausências que se lamentam (Leandro e Renato, entre elas), mantém um total respeito por seu estilo, porém carece de potência na definição, uma faceta que há muito tempo não padecia o conjunto brasileiro.<sup>405</sup>

A última rodada do grupo foi disputada no dia 12 de junho. A Espanha que havia vencido na rodada anterior a Irlanda do Norte por 2X1, derrotou a Argélia por 3X0 e se classificou em segundo lugar no grupo. O Brasil, por sua vez, enfrentou a Irlanda do Norte, em Guadalajara, com algumas mudanças: Josimar entrou no lugar de Edson que havia se contundido no jogo anterior e Müller começou na vaga de Casagrande.<sup>406</sup> Zico, principal jogador brasileiro e recuperando-se de contusão, entrou no decorrer da partida, fazendo sua estreia no Mundial.

O Brasil apresentou um futebol de melhor qualidade e venceu seu adversário por 3X0, o que garantiu a primeira colocação do grupo e a desejada permanência em Guadalajara, até a final, caso chegasse até ela, assim como ocorreu em 70. O primeiro gol do Brasil saiu logo aos 15 minutos, Müller recebeu a bola na ponta direita de Josimar, mesmo cercado por Stewart e Donaghy o atleta brasileiro conseguiu cruzar rasteiro entre os dois; Careca, dentro da área, arrematou forte, de primeira, no canto esquerdo de Jennings. Na jogada, Müller se contundiu e minutos depois foi substituído por Casagrande.

---

<sup>403</sup> Idem, ibidem, p. 29.

<sup>404</sup> CLARIN, 7 de junho de 1986, p. 6 (Clarín Mundial).

<sup>405</sup> Idem, ibidem, p. 6 (Clarín Mundial).

<sup>406</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Carlos, Josimar, Júlio César, Edinho, Branco, Alemão, Elzo, Sócrates (Zico), Júnior, Careca e Müller (Casagrande). Escalação da Seleção da Irlanda do Norte: Jennings, Nicholl, Donaghy, O'Neill, McDonald, McCreery, McIlroy, Stewart, Clarke, Whiteside (Hamilton) e Campbell (Armstrong). O árbitro da partida foi o alemão ocidental Sigfried Kirschen.

O Brasil continuou pressionando o seu adversário e aos 40 minutos, após trocar passes no meio de campo, Josimar, que havia sido convocado para o lugar de Leandro, recebeu a bola, pelo lado direito do ataque brasileiro, avançou alguns metros e chutou no ângulo, indefensável para Jennings.

Com a boa vantagem construída na etapa inicial, o Brasil procurou cadenciar o confronto no segundo tempo e com isso o nível do jogo caiu. Mesmo assim, aos 42 minutos, Careca recebeu pela direita e tocou para Zico em diagonal na área, o craque brasileiro devolveu de calcanhar para Careca que ajustou a bola para chutar no canto esquerdo do gol.<sup>407</sup> O Brasil terminava a primeira fase com três vitórias e nenhum gol sofrido.

Após a boa partida e vitória da Seleção Brasileira, o Clarín ressaltou: “O Brasil foi novamente Brasil”.<sup>408</sup> Uma série de características, como a magia, o bom futebol, o ritmo de samba, que a imprensa argentina espera do futebol brasileiro são apresentadas pelo periódico.

O estádio Jalisco se iluminou com o futebol do Brasil. E ele ficou envolto naquela magia que transmitem os brasileiros jogando futebol, quando querem ser eles, o de toda sua história, os que colocam música e ritmo de samba na partida.<sup>409</sup>

Pelo Grupo E, a Dinamarca, estreante em Copas do Mundo, surpreendeu. Ela venceu seus três adversários, dentre eles a Alemanha Ocidental e terminou na liderança de sua chave. Os dinamarqueses apresentaram excelente futebol na primeira fase da competição, fato que lhe valeu até a alcunha de “Dinamáquina”.

O Brasil enfrentaria, na próxima fase, a Polônia, que se classificou como uma das quatro melhores terceiras colocadas. A equipe europeia disputou a primeira fase pelo Grupo F que terminou com a surpreendente liderança de Marrocos, com 4 pontos, seguido pela Inglaterra com 3 pontos e da Polônia, também com 3 pontos, mas com saldo de gols inferior ao dos

---

<sup>407</sup> Os gols da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. MRDROBISHA. “World Cup Mexico 1986: Northern Ireland - Brazil 0-3 (Group D) - HD”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YHDxhmJr7sk>. Acessado em: 31 de dezembro de 2017.

<sup>408</sup> CLARIN, 13 de junho de 1986, p. 1 (Clarín Mundial).

<sup>409</sup> Idem, ibidem, p. 4.

ingleses. Já a Argentina faria o clássico do Rio da Prata contra o Uruguai, que também foi um dos quatro melhores terceiros colocados.

Nas oitavas de final, com os “mata-matas”, a Copa do Mundo ficou ainda mais emocionante e propícia às surpresas, que de fato começaram a ocorrer. As disputas começaram no dia 15 de junho com duas partidas, a vitória do México sobre a Bulgária por 2X0 e a emocionante partida entre Bélgica e União Soviética, decidida na prorrogação, com vitória belga por 4X3. Coincidentemente, Argentina X Uruguai e Brasil X Polônia, foram disputadas no mesmo dia, 16 de junho de 1986. Em 17 de junho a França, liderada por Platini, derrotou a Itália por 2X0, enquanto a Alemanha derrotou, com dificuldade, a surpreendente e aguerrida Seleção Marroquina por 1X0, com o gol marcado aos 43 minutos do segundo tempo por intermédio de Lothar Mathaus. As últimas partidas desta fase foram disputadas no dia 18 de junho. A Inglaterra venceu com facilidade o Paraguai por 3X0 e ocorreu também a maior surpresa das oitavas de final, a goleada que a Espanha aplicou na Dinamarca, por 5X1, com quatro gols de Butrageño.

Apesar dos uruguaios terem realizado uma primeira fase sofrível, empataram duas partidas (Alemanha Ocidental e Escócia) e foram goleados por 6X1 pela Dinamarca, esperava-se um jogo muito difícil e disputado entre os dois tradicionais rivais. O jogo, disputado no Estádio Cuauthémoc, em Puebla, a partir das 16 horas, foi extremamente “catimbado”, nervoso, viril e, não raras vezes, violento.<sup>410</sup> Os argentinos iniciaram o jogo pressionando e Maradona, que não recebeu uma marcação especial, realizou ótima partida. Os uruguaios procuraram equilibrar “a melhor técnica argentina (...) com garra”<sup>411</sup> e jogadas de perigo foram criadas pelos dois esquadrões. No final do primeiro tempo, aos 42 minutos, Valdano tentou avançar pela direita da área adversária. Acevedo cortou mal a bola que sobrou livre para Pasculli marcar para a albiceleste.

Mesmo com a vantagem no placar, os argentinos não recuaram e criaram várias oportunidades de ampliar o marcador no segundo tempo. Os uruguaios, em busca do empate,

---

<sup>410</sup> Escalação da Seleção Argentina: Pumpido, Brown, Cuciuffo, Garré, Ruggeri, Batista (Olarticoechea), Burruchaga, Maradona, Giusti, Valdano e Pasculli. Escalação da Seleção Uruguiaia: Alvez, Gutiérrez, Acevedo (Ruben Paz), Dario Pereira, Rivero, Bossio, Barrios, Santin, Francescoli, Ramos, Cabrera (Da Silva). O árbitro da partida foi o italiano Luigi Agnolin.

<sup>411</sup> JORNAL DO BRASIL, 17 de junho de 1986, p. 10 (Esportes).

também partiram para o ataque e o jogo ganhou ainda mais em emoção e dramaticidade, especialmente nos minutos finais quando caiu uma forte chuva. Ao final, os argentinos se classificaram para a fase seguinte com a vitória por 1X0.<sup>412</sup>

Para Solon Campos, cronista da Folha de São Paulo, o grande equívoco cometido pelos uruguaiois foi não ter exercido uma marcação especial sobre Maradona, ao contrário de Bilardo, que designou Cuciuffo, para seguir todos os passos de Francescoli, principal jogador adversário.

Inexplicavelmente o técnico uruguaio, Omar Borrás, que, suspenso, viu o jogo das arquibancadas, não determinou marcação especial sobre Diego Maradona. E pagou caro por isso. Com espaço para dominar a bola e partir para a área, o craque argentino desequilibrou a partida. Deixou duas vezes Pasculli livre, na cara do gol, fez um cruzamento sob medida para Valdano e ainda chutou uma bola no travessão. A Argentina, que conseguiu o gol aos 42m do primeiro tempo. Poderia ter marcado pelo menos mais dois, se as jogadas inteligentes de Maradona fossem aproveitadas. Ao contrário de Omar Borrás, o treinador argentino, Carlos Billardo (sic), colocou Cuciuffo “em cima” da grande estrela uruguaia, Francescoli, e neutralizou metade da opção ofensiva do adversário.<sup>413</sup>

Mais cedo, ao meio-dia, em Guadalajara, o Brasil enfrentou a Polônia. Demonstrando estar em uma “crescente”, a Seleção Brasileira realizou sua melhor apresentação até aquele momento na competição.<sup>414</sup> A Polônia, considerada a primeira equipe realmente forte que o Brasil enfrentou, começou bem a partida e chegou a acertar por duas vezes a trave defendida por Carlos. “Parecia até que a sorte do Brasil nesta Copa estava chegando ao fim”.<sup>415</sup> Júlio César, que já fazia grande partida na defesa, sua posição de origem, começou a se aventurar também no ataque. “(...) na terceira descida levou meia dúzia de poloneses no peito”<sup>416</sup> e pelo lado direito do ataque tocou para Müller que serviu Careca que entrava livre na área pelo lado esquerdo. “Durante muito tempo ainda se vai discutir se o lateral Stefan derrubou Careca ou se o artilheiro

<sup>412</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. BATELOCHE, Guilherme. “Argentina 1 X 0 Uruguai Copa do Mundo 1986”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FbxAgulR1Y>. Acessado em: 1º de janeiro de 2018.

<sup>413</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 17 de junho de 1986, p. 21.

<sup>414</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Carlos, Josimar, Júlio César, Edinho, Branco, Elzo, Alemão, Júnior, Sócrates (Zico), Müller (Silas) e Careca. Escalação da Seleção Polonesa: Mlynarczyk, Kazimierz (Furtok), Ostrowski, Wojcicki, Ryszard, Urban (Zmuda), Karas, Majeewsky, Smoralek, Moniek e Dariusz. O árbitro da partida foi o alemão ocidental Volker Roth.

<sup>415</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 17 de junho de 1986, p. 17.

<sup>416</sup> Idem, ibidem, p. 17.

do Brasil forçou o pênalti”.<sup>417</sup> O juiz alemão marcou o polêmico pênalti<sup>418</sup> convertido, aos 30 minutos, por Sócrates.

No segundo tempo, Josimar, logo aos 9 minutos, recebeu a bola pela direita, entrou na área polonesa driblando seus marcadores e chutou, sem ângulo, para fazer o segundo gol do Brasil. “De novo. A bola saiu de seus pés como um raio e queimou a rede lá no ângulo. O goleiro polonês – como acontecera com o da Irlanda – jamais poderia imaginar que Josimar fosse acertar um chute daqueles, quase sem ângulo e com tamanha violência”. A partir daí o Brasil tomou conta do jogo e chegou facilmente a goleada por 4X0.

A Seleção Polonesa, sem alternativa, partiu para o ataque e passou a dar espaços para o Brasil contra-atacar. Em um dos avanços dos poloneses, Edinho cortou um passe e lançou Careca pelo setor esquerdo. O atacante brasileiro avançou até a entrada da área e, de calcanhar, deu um passe perfeito para Edinho, que seguiu acompanhando a jogada. O defensor brasileiro invadiu a área adversária, driblou simultaneamente o zagueiro Wojcicki e o goleiro Mlynarczyk antes de chutar forte no canto. Careca, novamente de pênalti, faltando 7 minutos para o encerramento da partida, deu números finais para o confronto.<sup>419</sup>

Para o Clarín, a Polônia começou pressionando e as duas bolas na trave assustariam qualquer equipe, menos o Brasil, que continuou calma e jogando com elogiável precisão. Aos poucos os jogadores brasileiros foram criando as jogadas de perigo e dominando a partida e os gols foram saindo com naturalidade, especialmente na etapa final. O periódico estampou em sua Manchete: “Brasil voltou a exibir calma e gols”<sup>420</sup> e que mesmo “sem chegar a brilhar, dominou comodamente e selou a vitória com uma ampla diferença”.<sup>421</sup>

---

<sup>417</sup> Idem, *ibidem*, p. 17.

<sup>418</sup> A polêmica sobre o pênalti é levantada pela imprensa brasileira, os jornais argentinos consultados não discutem tal possibilidade, para eles houve a falta dentro da área.

<sup>419</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOS DO BRASIL. “Copa 1986: Brasil 4x0 Polônia”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=joUc7cu27jI>. Acessado em: 1º de janeiro de 2018.

<sup>420</sup> CLARIN, 17 de junho de 1986, p. 8-9 (Clarín Mundial).

<sup>421</sup> Idem, *ibidem*, p. 8.

As quartas de final reservaram partidas extremamente emocionantes, três delas sendo decididas nas penalidades máximas. Brasil e França, no dia 21 de junho, ao meio dia, abriram os confrontos. Mais tarde, às 16 horas, foi a vez dos donos da casa, o México enfrentarem a Alemanha Ocidental. O placar durante os 90 minutos do tempo normal e os 30 da prorrogação não se alterou. Nas penalidades, a Alemanha derrotou o México por 4X1, com Schumacher, goleiro alemão, defendendo duas cobranças.

No Estádio Jalisco, Brasil e França realizaram um dos melhores jogos da Copa do Mundo.<sup>422</sup> Após a vitória sobre a Polônia, a expectativa da imprensa brasileira era de que o time continuaria em ascensão e que, apesar de enfrentar um adversário forte, teria total condições de superá-lo. Obviamente que esta era a mesma expectativa e esperança da torcida verde e amarela. Para os supersticiosos, o Brasil ainda teria outra “vantagem”. A partida seria disputada no mesmo dia em que 16 anos antes a Seleção Brasileira havia conquistado o tricampeonato ali mesmo no México.

A imprensa argentina também percebia o crescimento da Seleção Brasileira e lamentava que duas seleções de grande qualidade técnica tivessem que se enfrentar nesta fase e que a derrotada saísse da Copa.

Se a Copa da FIFA (o prêmio para o campeão do mundo) pudesse falar, certamente derramaria uma lágrima porque o Brasil ou a França jogarão hoje sua última partida. Uma lágrima provocada pelo destino, já que regularmente a que caia derrotada deverá deixar o México. (...) Porém o destino vai tirar uma estrela deste Mundial. É uma lástima...<sup>423</sup>

O Brasil começou melhor a partida, sufocando os *Bleus*. Aos 18 minutos, Careca abriu o placar, após rápida troca de passes entre Müller e Júnior, o atacante brasileiro recebeu a bola na entrada da grande área para chutar forte e estufar as redes de Bats. Minutos depois, em rápido ataque, Careca fugiu pela esquerda e cruzou para o chute de Müller na trave. Aos poucos, no entanto, a França equilibrou o embate e começou a levar perigo ao ainda invicto gol brasileiro,

---

<sup>422</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Carlos, Josimar, Júlio César, Edinho, Branco, Elzo, Alemão, Júnior (Silas), Sócrates, Müller (Zico) e Careca. Escalação da Seleção Francesa: Bats, Amoros, Battiston, Tusseau, Giresse (Ferreri), Tigana, Platini, Fernandez, Stopyra e Rocheteau (Bellone). O árbitro da partida foi o romeno Ioan Igna.

<sup>423</sup> CLARIN, 21 de junho de 1986, p. 4 (Clarín Mundial).

especialmente com as subidas do lateral direito Amoros. Em uma delas, aos 40 minutos, Rocheteau cruzou, a bola desviou em Branco, enganou o francês Stopyra e o goleiro Carlos que trombaram na pequena área, e sobrou livre para Platini empurrar para dentro do gol.

O segundo tempo foi extremamente emocionante, com as duas equipes perdendo chances claras de gol. Aos 25 minutos, Careca acertou de cabeça o travessão do arqueiro francês, após cruzamento certo de Josimar. Logo depois, aos 28 minutos, Zico, que havia acabado de entrar em campo, lançou Branco dentro da grande área na corrida e o lateral brasileiro foi derrubado pelo goleiro adversário. Pênalti assinalado pelo árbitro. “Sócrates, o cobrador oficial de pênaltis, pediu para Zico batê-lo, talvez como uma homenagem ao jogador, por seu talento e o esforço que fizera para jogar aquela Copa”.<sup>424</sup> O exímio cobrador, ainda frio, chutou à meia altura, fraco, entre o centro do gol e o lado esquerdo, Bats defendeu. O goleiro francês ainda fez duas difíceis intervenções antes do final do segundo tempo, a primeira quando Careca entrou livre na área e tentou deslocá-lo com um leve chute na bola e o segundo em uma cabeçada de Zico.

Com o empate, veio a prorrogação para testar a capacidade física dos jogadores, lembrando que o jogo havia começado ao meio-dia. Novamente as duas equipes criaram e perderam chances incríveis de marcar. Ao final dos extenuantes 30 minutos a decisão foi para as penalidades máximas. Nelas, a sorte foi francesa.<sup>425</sup> Sócrates e Júlio César perderam para o Brasil, Platini para os franceses e ao final das cobranças os *Bleus* venceram por 4X3.<sup>426</sup>

Para Saldanha, “a equipe do Brasil perdeu muitos gols. Bolas na trave, pênalti e outras. Muita coisa num jogo só e isto não se faz impunemente”.<sup>427</sup> Ele então traçou duras críticas a dois jogadores, Sócrates e Júnior. Sobre o primeiro ele afirmou: “Sócrates estava de dar pena.

<sup>424</sup> FARIAS, Airton de. op cit., v. 1, p. 503.

<sup>425</sup> Esse jogo também marca o início de uma escrita de derrotas dos brasileiros para os franceses em Copas do Mundo. Após a partida de 1986, as duas seleções se enfrentaram no final do Mundial de 1998, vitória francesa por 3X0 e nas quartas de final da Copa de 2006: França 1X0.

<sup>426</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOS DO BRASIL. “Copa 1986: Brasil 1x1 França”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oRT4aMbFb4E>. Acessado em: 1º de janeiro de 2018.

<sup>427</sup> JORNAL DO BRASIL, 22 de junho de 1986, p. 2 (Esportes).

Seu cansaço era daqueles homens que atravessam o deserto e caminham trôpegos pela areia”.<sup>428</sup>  
Em relação ao segundo: “Júnior apareceu nesta copa, desde a primeira partida, querendo ser o herói do filme. Jogava sua própria partida como se quisesse provar algo”.<sup>429</sup>

Com a derrota, como lembra Aquino, os críticos voltaram a enfatizar a necessidade de mudar o estilo de jogo praticado pelo Brasil, alegando que ele estava “ultrapassado”, que era necessário, adotar a forte marcação europeia, retrancar as equipes e jogar de forma mais pragmática, em busca do resultado.<sup>430</sup> Já o técnico francês “disse que o Brasil jogou como ‘uma superequipe’ ao ser eliminado numa ‘partida muito vistosa’ contra a seleção da França. Para os dois times, o técnico francês atribuiu a ‘nota dez’”.<sup>431</sup>

Para o Clarín, a partida entre brasileiros e franceses foi um monumento ao futebol e nenhuma das duas equipes deveria ter deixado o Mundial. “Os dois quiseram ganhar respeitando suas tradições, apostando uma e outra vez em suas características, dando ao espetáculo um brilho incomum por sua riqueza técnica, pelas manobras coletivas e individuais que iam desenhando os jogadores por todos os setores do terreno”.<sup>432</sup>

Em outro artigo, o periódico salientou que o regulamento condenou o Brasil, sugerindo que a FIFA encontrasse outras maneiras de desempatar uma partida que não fosse pelas penalidades máximas.

Angústia pela injustiça de uma regra (que não podemos discutir com argumentos válidos, precisamente porque estava aceita desde antes) que antepõe sua fria realidade numérica ao calor deste jogo. Angústia porque um dos dois protagonistas deste espetáculo fenomenal tenha que ir do torneio, um campeonato Mundial nada menos, sem haver perdido no campo.<sup>433</sup>

Segue o cronista:

---

<sup>428</sup> Idem, ibidem, p. 2.

<sup>429</sup> Idem, ibidem, p. 2.

<sup>430</sup> AQUINO, Rubin Santos Leão de. *Futebol: uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002, p. 107.

<sup>431</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 22 de junho de 1986, p. 39.

<sup>432</sup> CLARIN, 22 de junho de 1986, p. 6 (Clarín Mundial).

<sup>433</sup> Idem, ibidem, p. 8.

Nem Bossis, nem Amoros, nem Platini, nem o arqueiro Bats, nem seus outros sete companheiros mereciam perder por esse “detalhe” regulamentar. Porém, tampouco, o mereceram Branco, Josimar, Elzo, Alemão, Careca... nem os outros brasileiros. Porém ocorreu, está definido. França segue e o Brasil fica. Este não é o lugar das considerações técnicas, nem o da avaliação dos merecimentos. Este é o rincão do sentimento futebolístico. E os sentimentos não se pensam. Por isso gritamos que sigam os dois. Agora lembramos que não pode ser. E a única homenagem que podemos oferecer é o de não esquecermos desta partida<sup>434</sup>

Antes de prosseguir na análise das partidas da Copa do Mundo, a crônica acima oferece importante elemento de reflexão no que se refere ao posicionamento da imprensa argentina, ou ao menos de parcela dela, em relação ao futebol brasileiro e que não encontramos em sua congênere tupiniquim. O lamento da saída do Mundial do grande rival do continente e que apresentava um futebol em crescimento na competição e que poderia vir a ser um importante postulante ao título caso continuasse no torneio. “Que sigam os dois” não será uma expressão encontrada entre os jornalistas (e torcedores) brasileiros.

No dia 22 de junho foram disputados os outros dois jogos das quartas de final. Às 16 horas, no Estádio Cuauhtémoc, na cidade de Puebla, a Bélgica armou-se na retranca e ainda contou com uma atuação impecável do goleiro Pfaff para tentar superar a *Fúria*. Aos 35 minutos os denominados “diabos rubros”, como os belgas eram apelidados, abriram o placar com Ceulemans. A partir daí a Espanha passou a sufocar o seu adversário, mas o gol de empate só surgiu aos 40 minutos da etapa complementar, marcado por Señor. Na prorrogação o placar não se alterou e nas disputas de pênaltis, a vitória coube aos belgas por 5X4.

Mais cedo, ao meio-dia, a única partida da fase que terminou dentro dos 90 minutos regulamentares, mas, nem por isso, com menos emoção. Argentina e Inglaterra fizeram um jogo inesquecível, seja pelas polêmicas e jogadas geniais que ocorreram dentro do campo, seja pelas tensões geradas fora do futebol. Como ressaltou Airton de Farias, a partida foi “um dos mais politizados e tensos jogos da história do futebol mundial”.<sup>435</sup> Além da rivalidade já existente entre os dois selecionados, inclusive com os problemas vivenciados na Copa de 1966, ela foi aguçada,

---

<sup>434</sup> Idem, *ibidem*, p. 8.

<sup>435</sup> FARIAS, Airton de. *op. cit.*, v. 1, p. 505.

quatro anos antes, com a Guerra das Malvinas e torcedores da albiceleste fizeram questão de levar faixas e cartazes os quais se liam: “*Las Malvinas son Argentinas*”.

A partida foi disputada no Estádio Azteca, na cidade do México. Mesmo com o forte esquema de segurança preparado pelos organizadores da Copa, os *Barra Bravas*, torcida argentina e os *Hooligans*, ingleses, trocaram insultos, socos, rasgaram bandeiras do adversário, dentre outras agressões, não só nas imediações do estádio como também em suas arquibancadas. O clima de tensão se espalhou pelos atletas que, perfilados, durante a execução dos hinos, de cara fechada, pouco se olhavam.<sup>436</sup>

Os dois técnicos adotaram posturas extremamente cautelosas no primeiro tempo, tal fato acrescido do nervosismo dos jogadores acarretaram em inúmeros erros de passes e fizeram com que poucas jogadas de perigo fossem construídas durante os 45 minutos iniciais. “O primeiro tempo de jogo foi de dar sono. Várias vezes abaixei os olhos para não ver a partida em que duas equipes parece que tinham combinado ninguém perturbar o outro” foram as palavras de Saldanha.<sup>437</sup>

O segundo tempo reservou fortes emoções e Maradona mostrou tanto “esperteza” quanto “genialidade” segundo o Jornal do Brasil. “Do esperto foi o gol de mão – num lance tão rápido que iludiu o juiz e o bandeira”.<sup>438</sup> Ele ocorreu aos 6 minutos da etapa complementar. O craque argentino recebeu a bola na intermediária inglesa, passou por quatro marcadores e tocou para Valdano que tentou matar a bola, contudo ela subiu e Steve Hodge na tentativa de interceptá-la acabou chutando para o alto, em direção ao centro da sua própria grande área. Shilton saiu da meta para agarrá-la. Maradona, esperando receber de volta de Valdano, continuou correndo em direção à área e dividiu a jogada com o goleiro, aparentemente com a cabeça, quando, na verdade, *El Diez* deu um leve toque com a mão esquerda que se encontrava bem próxima a sua cabeça para fazer a bola entrar no gol. Como se nada tivesse acontecido,

---

<sup>436</sup> Escalação da Seleção Argentina: Pumpico, Brown, Cuciuffo, Ruggeri, Batista, Burruchaga (Tapia), Maradona, Enrique, Giusti, Olarticoechea e Valdano. Escalação da Seleção Inglesa: Shilton, Stevens, Sansom, Butcher, Fenwick, Hoddle, Reid (Waddle), Steven (Barnes), Hodge, Lineker e Beardsley. O árbitro da partida foi o tunisiano Ali Bin Nasser.

<sup>437</sup> JORNAL DO BRASIL, 23 de junho de 1986, p. 1 (Esportes).

<sup>438</sup> Idem, ibidem, p. 8.

Maradona, maroto, correu para comemorar enquanto seus adversários cercaram, inutilmente, o árbitro tunisiano. A Argentina abria o placar.

Segundo artigo escrito por Wagner Bordin:

O lance foi rápido. O árbitro tunisiano Ali Bennaceur não viu, e o bandeirinha que acompanhava a jogada também não. Maradona recorda, em sua biografia, que somente Fenwick, que estava atrás dele, reclamou do lance. Mas, segundo ele, não por ter visto a mão, mas sim por não entender como que a bola entrou. — Coloquei o punho esquerdo e a cabeça, o goleiro Shilton, Peter Shilton, nem viu e Fenwick, que estava atrás, foi o primeiro que começou a pedir mão. Não porque viu o lance, mas por não entender como eu podia ter ganhado a bola do goleiro.<sup>439</sup>

Apenas três minutos depois, a marca da genialidade, o gol antológico, considerado por muitos admiradores do futebol como o mais belo de todas as Copas do Mundo.<sup>440</sup> Maradona recebeu a bola antes do meio de campo, livrou-se de imediato de dois marcadores e arrancou pela direita em direção ao gol adversário, percorreu aproximadamente 60 metros conduzindo-a em apenas 11 segundos e, além dos dois marcadores iniciais, driblou mais três adversários além do goleiro, antes de chutar para dentro do gol.<sup>441</sup>

O gol foi de tal importância e beleza que o locutor uruguaio, radicado na Argentina, Victor Hugo Morales, ao narrar a partida, se emociona na medida em que a jogada vai se sucedendo e praticamente explode em lágrimas quando o *El Pibe d'Oro* jogou a bola para o fundo das redes.

(...) Com a bola Maradona. Dois na marcação. Pisa na bola, Maradona. Arranca pela direita o gênio do futebol mundial. Pode tocar para Burruchaga... Sempre Maradona... Gênio, Gênio, Gênio... tá, tá, tá... Gooooool! Gooooool! Quero

<sup>439</sup> BORDIN, Wagner. “Jogador da seleção da Inglaterra relembra gols de Maradona em 86”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2011/06/jogador-da-selecao-da-inglesa-relembra-gols-de-maradona-em-86.html>. Acessado em: 11 de setembro de 2015.

<sup>440</sup> Cf. SANTOS, Newton César de Oliveira, op. cit., p. 411. FARIAS, Airton de. op. cit., v. 1, p. 507.

<sup>441</sup> Maradona fez o seguinte relato sobre o seu gol: “Foi um gol incrível. Sabem o que eu queria fazer com este gol? Eu queria colocar toda a sequência em fotos bem grandes em cima da cabeceira da minha cama, junto com uma foto de Dalmita (sua filha) com uma inscrição embaixo: o melhor de minha vida. Nada mais”. Cf. BORDIN, Wagner. “Jogador da seleção da Inglaterra relembra gols de Maradona em 86”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2011/06/jogador-da-selecao-da-inglesa-relembra-gols-de-maradona-em-86.html>. Acessado em: 11 de setembro de 2015.

chorar... Deus santo... viva o futebol... Golaaaaçoóóó... Diegooooool... É para chorar, me desculpem... Maradona numa corrida memorável, na jogada de todos os tempos. *Barrilete* cósmico... De que planeta vieste para deixar tantos ingleses pelo caminho? Para que o país seja um punho apertado gritando pela Argentina!... Argentina 2, Inglaterra 0... Diegol, Diegol, Diego Armando Maradona... Graças a Deus. Pelo futebol, por Maradona, por estas lágrimas... por este Argentina 2, Inglaterra 0...<sup>442</sup>

Os ingleses ainda tentaram reagir e aos 36 minutos conseguiram descontar o placar com Lineker. Na saída de bola, Tapia poderia ter liquidado o jogo quando chutou na trave adversária. Apesar do susto, os ingleses não desistiram e partiram para o ataque nos minutos que restaram e por pouco, em jogada similar ao primeiro gol, Lineker não voltou a marcar. No término da partida, a Argentina era semifinalista da Copa do Mundo de 1986.<sup>443</sup>

Para João Saldanha o resultado foi justo, pois “a Argentina jogou bem melhor do que a Inglaterra. Bilardo armou uma defesa bastante sólida, que eu mesmo duvidava que pudesse ser feita por sul-americanos”.<sup>444</sup> Contudo, assinalou o cronista, que a albiceleste tinha Maradona que no segundo tempo desequilibrou a partida e “ganhou o jogo. Se Maradona fosse inglês, ganharia a Inglaterra”.<sup>445</sup> Para ele, “a não ser que alguém faça ‘barbaridades’ na finalíssima”,<sup>446</sup> o atleta argentino seria indiscutivelmente o craque da Copa.

Segundo José Sérgio Branco:

O técnico Carlos Bilardo deve ter tirado uma lição do jogo entre Brasil e França: não adianta jogar bonito e acabar desclassificado. Por isso, não pensou duas vezes em armar a Argentina com a intenção de ocupação total do meio-campo, à base de uma marcação disciplinada e vigorosa. (...) O futebol-força acabou caindo diante do futebol-arte-estratégia.<sup>447</sup>

<sup>442</sup> A narração pode ser acessada pelo YouTube. Cf. NINTEYONE, Luigi. “Maradona gol en Mexico 86!!!”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8ivsCk0kMMs&version=3&hl=pt%5FBR&rel=0>. Acessado em: 3 de janeiro de 2018.

<sup>443</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. BFDMOURA. “Argentina 2 x 1 Inglaterra - Cuartos de final de la Copa del Mundo de 1986”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GIK630oVPQU>. Acessado em: 2 de janeiro de 2018.

<sup>444</sup> JORNAL DO BRASIL, 23 de junho de 1986, p. 1 (Esportes).

<sup>445</sup> Idem, ibidem, p. 1.

<sup>446</sup> Idem, ibidem, p. 1.

<sup>447</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 23 de junho de 1986, p. 20.

O cronista da Folha de São Paulo fez considerações, no mínimo, curiosas, para não dizer levianas. Inicialmente, as equipes procuram taticamente, em seus treinamentos, criar um padrão de jogo e não seria, ao assistir possíveis adversários na véspera de uma partida tão importante de Copa do Mundo, que o técnico argentino alteraria substancialmente o padrão tático de sua equipe. Outro ponto que precisa ser ressaltado, Bilardo, desde sua chegada ao selecionado nacional, foi duramente criticado, especialmente por Menotti, por implantar um estilo “mais europeu” na equipe, ou seja, a intenção de ocupação de meio-campo e a marcação disciplinada e vigorosa não era uma novidade para os argentinos.

Além disso, ao afirmar que não adianta jogar bonito e acabar desclassificado, o jornalista se esqueceu de dois aspectos, o primeiro que a Seleção Francesa praticava um futebol criativo e habilidoso e o segundo que, até então, o Brasil era criticado por, apesar de vencer, não estar apresentando um bom futebol, especialmente em seu aspecto ofensivo e que, defensivamente, não havia, até o jogo contra a França sofrido gols. A Seleção Brasileira foi desclassificada sem derrotas e com apenas 1 gol sofrido em 5 partidas no Mundial. Isso não seria um exemplo de marcação disciplinada e vigorosa? E para terminar, cria um novo termo para diferenciar o “novo” futebol sul-americano do europeu, o futebol-arte-estratégia.<sup>448</sup>

As duas partidas semifinais da Copa do Mundo foram disputadas no dia 25 de junho. Na primeira delas, no Estádio Jalisco, ao meio dia, reeditou-se uma das semifinais de quatro anos antes, na Copa da Espanha. Alemanha X França. As duas seleções estavam fisicamente desgastadas por terem obtido suas classificações apenas nas penalidades máximas. Os franceses,

---

<sup>448</sup> Muitos analistas esportivos afirmaram (e ainda afirmam) que a derrota da Seleção Brasileira de 1982 significou “a morte do futebol-arte” e a comprovação da eficiência do “futebol-força”. Contudo, tal afirmação precisa ser matizada, afinal desde o início da década de 60 os esquemas táticos adotados no futebol já demonstravam que ele estava ficando mais defensivo (do WM ou 3-2-5 passou-se para o 4-2-4, posteriormente para o 4-4-2, dentre outras variações). A Copa do Mundo de 1966, com todos os finalistas europeus, também foi um marco neste processo e era comum ler na imprensa brasileira e argentina a necessidade de aliar a preparação física e a tática com a técnica do jogador sul-americano. Wisnik entende que tal discussão ganha intensidade no período por ele denominado de *intermezzo*, ou seja, entre 1974 e 1994: “Trata-se de um longo *intermezzo* sem vitórias, em que a questão discutida no Brasil passava a ser a do dilema entre o “futebol-arte” e o “futebol-força”. As vitórias da Alemanha, Argentina e Itália, nesse período, além da fulgurante passagem do “carrossel holandês” em 1974, colocavam na ordem do dia a ideia de que era preciso adotar um futebol eminentemente coletivo, taticamente responsável, compactamente defensivo, fisicamente forte, e que abrisse mão dos devaneios individualistas”. Nesse momento é interessante ressaltar que o intelectual brasileiro não associa as características do futebol argentino à prática dita sul-americana, um futebol mais individualista e técnico, como se o do denominado “futebol-arte” tivesse características completamente distintas do futebol *criollo* e que o último se assemelhasse ao “futebol-força” europeu. Cf. WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 321.

por terem uma equipe mais técnica, eram apontados como favoritos, contudo, logo aos 6 minutos do primeiro tempo, o herói da partida anterior, o goleiro Bats, falhou na cobrança de falta realizada por Brehme e a Alemanha abriu o placar. Os franceses sentiram o gol e, nervosos, começaram a errar muitos passes, enquanto o seu adversário passou a explorar os contra-ataques. A França criou várias jogadas de perigo, contudo Schumacher, inspirado, realizou grandes defesas. No último minuto do jogo, os franceses partiram para o ataque e tiveram a chance de empatar, mas o chute, da altura da marca do pênalti saiu mascado e terminou nos braços do goleiro alemão que saiu jogando rapidamente com as mãos, a bola quicou próxima ao meio campo e alcançou Magath, do lado esquerdo, que a deixou correr mais um pouco e centrou para o meio, na direção de Voeller que entrava livre, o arqueiro francês, saiu da área para tentar matar o lance, tomou um “lençol” do atacante alemão que só teve o trabalho de empurrar a bola para o gol vazio. A Alemanha disputaria sua quinta final de Copa do Mundo, a segunda consecutiva e, tal como ocorreu na Copa anterior, na Espanha, a talentosa geração francesa perdia para os mesmos adversários nas semifinais.

Às 16 horas, no Estádio Azteca, a Argentina enfrentou a Bélgica,<sup>449</sup> equipe que a havia derrotado no jogo de abertura da Copa de 1982. Por isso, apesar de tecnicamente superior, os argentinos entraram em campo muito concentrados. Os belgas estavam bastante desgastados fisicamente, afinal nas oitavas de final derrotaram os soviéticos na prorrogação e na fase seguinte avançaram depois de ganharem, na disputa de pênaltis, da Espanha. A tática para enfrentar Maradona e seus companheiros era armar uma forte retranca e contra-atacar. Dessa forma, desde o início da partida, a tônica do jogo foi os sul-americanos pressionarem e os “diabos vermelhos” se defenderem. O planejamento da seleção europeia surtiu efeito no primeiro tempo, que terminou sem gols.

A Argentina voltou na etapa complementar ainda mais decidida a atacar e a vencer o confronto. Para isso contou, por um lado, com Maradona, que “voltou a exhibir ontem a sua arte e firmou-se definitivamente como o maior jogador da Copa”<sup>450</sup> e por outro com o cansaço dos

---

<sup>449</sup> Escalação da Seleção Argentina: Pumpido, Brown, Cuciuffo, Ruggeri, Batista, Burruchaga (Bochini), Maradona, Enrique, Giusti, Olarticoechea e Valdano. Escalação da Seleção Belga: Pfaff, Gerets, Renquin (Desmet), Grün, Vercauteren, Scigo, Demol, Vervoort, Ceulemans, Claesen e Veyt. O árbitro da partida foi o mexicano Antonio Márquez Ramírez.

<sup>450</sup> JORNAL DO BRASIL, 26 de junho de 1986, p. 28.

belgas. O craque argentino marcou o primeiro gol aos 6 minutos da etapa final, Burruchaga lançou Maradona na corrida dentro da área, que com um toque sutil, de primeira, por baixo da bola, na saída de Pfaff, encobriu o goleiro adversário.

Apenas 12 minutos depois, Maradona voltou a marcar, ao receber a bola na intermediária belga, passar no meio de dois marcadores, driblar mais um adversário e chutar cruzado na saída de Pfaff. A Argentina estava classificada para disputar a final da Copa do Mundo contra a Alemanha.<sup>451</sup>

A Folha de São Paulo, após o jogo contra a Bélgica, sintetizou a opinião da imprensa brasileira sobre a Seleção Argentina: um craque e dez operários.

Com espaço para trabalhar, deslocções surpreendente (sic) e arrancadas objetivas, Maradona foi o dono do espetáculo. Os demais operários do time argentino cumpriram o esquema armado por Carlos Bilardo: pressão no início do jogo e no começo do segundo tempo, ocupação do meio-campo a partir da saída de bola do adversário, deixando com Maradona a trama de ataque.<sup>452</sup>

Para Saldanha, antes de iniciar o torneio, a grande favorita para ganhar a Copa do Mundo seria a Alemanha, salvo pelos vários problemas físicos apresentados pelos seus atletas que inclusive enfraqueceram o plantel que foi para o Mundial. Segundo o cronista, eram muitos jogadores que estavam mal fisicamente ao mesmo tempo e a final, ainda mais na altitude da Cidade do México, exigiria excelente condicionamento físico. A Argentina havia se desgastado menos em suas partidas anteriores e também estava mais bem preparada para enfrentar a altitude, pois já vinha realizando partidas no Estádio Azteca. Finalmente, mas não menos importante, contava com Maradona. Ele também traçou na sua crônica o estereótipo emocional das equipes argentinas e que Bilardo havia conseguido dar um espírito de conjunto para a Seleção.

Bilardo conseguiu conscientizar seu time, um tanto temperamental como qualquer equipe argentina, mas o Doutor Bilardo pôde transmitir-lhes um notável espírito coletivo e de solidariedade.

---

<sup>451</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. FIFATV. “World Cup Highlights: Argentina - Belgium, Mexico 1986”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kecR3RCb0No>. Acessado em: 3 de janeiro de 2018.

<sup>452</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 26 de junho de 1986, p. 29.

Sempre foram bons jogadores, da primeira linha do futebol mundial e agora estão com grande merecimento na final.<sup>453</sup>

O saudoso Sandro Moreyra, para o Jornal do Brasil, elaborou um comentário relativamente incomum na imprensa brasileira. Ele ressaltou que a Argentina era uma representante do “futebol-arte” e aqueles que gostam do “bom” futebol devem torcer pela a equipe da América do Sul.

Argentina e Alemanha, duas escolas bem diferentes de futebol, disputam no domingo a quem caberá reinar por esses quatro próximos anos. De um lado, os germânicos com seu futebol força. De outro, os argentinos, que têm a seu serviço o gênio e a arte inigualável de Diego Maradona.

Para o bem do futebol, ou para aqueles que gostam do verdadeiro futebol, sem correrias, sem entortamentos, esticamentos e outras tolas novidades, é de todo interesse que ganhe Maradona. Em nome de Pelé e de Garrincha, de Didi e Nilton Santos, de Zizinho e Danilo, de Di Stéfano e Puskas, de Gerson, Tostão e Carlos Alberto e de todos os que sempre honraram e exaltaram o futebol com seu talento de craques imortais, domingo é preciso que ganhe o futebol arte. E creio que o gênio de Diego Maradona garante.<sup>454</sup>

No sábado, dia 28 de junho, a França derrotou a Bélgica por 4X2 na prorrogação, a partida terminou empatada em 2X2, e conquistou a terceira posição no Mundial. No dia seguinte, 29 de junho, no Estádio Azteca, na cidade do México, Alemanha e Argentina decidiram a XIII Copa do Mundo.<sup>455</sup>

A Argentina era tida como a grande protagonista da final, jogava um bom futebol e contava com o craque da Copa. Contudo, como esquecer os dois Mundiais vencidos pela Alemanha? Em 1954, contra a praticamente invencível Hungria? E, em 1974, contra a revolucionária Holanda? A história iria se repetir em 1986? A Folha de São Paulo perguntava: “Será destino do futebol alemão chegar à decisão de uma Copa do Mundo como coprotagonista do ‘gran finale’ do espetáculo maior do futebol mundial?”<sup>456</sup> Já o técnico alemão, Franz

<sup>453</sup> JORNAL DO BRASIL, 27 de junho de 1986, p. 24.

<sup>454</sup> Idem, ibidem, p. 23.

<sup>455</sup> Escalação da Seleção Alemã: Schumacher, Briegel, Brehme, Förster, Berthold, Jakobs, Eder, Matthaus, Magath (Hoeness), Rummenigge e Allofs (Voller). Escalação da Seleção Argentina: Pumpido, Brown, Cuciuffo, Ruggeri, Batista, Burruchaga (Trobiani), Maradona, Enrique, Giusti, Olarticoechea e Valdano. O árbitro da partida foi o brasileiro Romualdo Arppi Filho.

<sup>456</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 29 de junho de 1986, p. 37.

Beckenbauer, afirmou que não havia uma favorito para a final “e que não teme o futebol arte da Argentina, nem a sua maior estrela, Diego Maradona”.<sup>457</sup>

A Alemanha começou a partida marcando forte, “apresentando o seu habitual futebol-força”<sup>458</sup> e designou Matthäus para exercer marcação individual sobre Maradona. Esperava-se que, anulando o craque argentino, a sua equipe pouco produzisse. A partida começou bastante truncada. Aos 22 minutos, Cuciuffo sofreu falta na lateral direita do ataque, Burruchaga cruzou, alto, forte, para dentro da área, Schumacher saiu muito mal do gol, na linguagem do futebol “catando borboleta”, e o zagueiro Brown cabeceou para o gol vazio para abrir o placar. Até o final do primeiro tempo, poucas chances foram criadas pelas duas equipes e o resultado permaneceu inalterado.

Bilardo armou sua equipe na etapa complementar com o intuito de aproveitar os contra-ataques e a tática deu certo. Logo aos 10 minutos a Argentina ampliou o resultado. Enrique recebeu a bola de Maradona no meio de campo e partiu para o ataque, Valdano<sup>459</sup> se deslocou para a esquerda e recebeu a bola, entrou na grande área livre e chutou com categoria no canto do goleiro alemão. O título parecia garantido... A Alemanha passou a pressionar, especialmente por intermédio do jogo aéreo e em duas cobranças de escanteio conseguiu empatar a partida, gols de Rummenigge, aos 29 minutos, e de Voeller, aos 37 da etapa final.

“O empate era um castigo imerecido para a Argentina. A ameaça, no entanto, não durou mais que dois minutos”. Aos 39, mesmo cercado por três alemães no meio de campo, Maradona recebeu a bola e de primeira lançou em profundidade Burruchaga que, na saída do

---

<sup>457</sup> Idem, *ibidem*, p. 37.

<sup>458</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 30 de junho de 1986, p. 19.

<sup>459</sup> Jorge Alberto Valdano Castellano (Las Parejas-Provincia de Santa Fé, 4 de novembro de 1955). Atacante argentino que fez grande parte de sua carreira futebolística no futebol espanhol. Tanto por sua maneira de se expressar como de atuar em campo foi apelidado de “El Filósofo”, “Válcrates” e ainda “Valdanágoras”. Começou sua carreira em 1973 pelo Newell’s Old Boys, equipe que atuou até 1975 quando foi atuar na segunda divisão do campeonato espanhol pelo Deportivo Alavés. Em 1979 transferiu-se para o Real Zaragoza equipe da primeira divisão da Espanha. Em 1984 foi negociado para o Real Madrid, clube que defendeu até 1º de março de 1987 (sua última partida), pois contraiu hepatite C e se retirou do futebol. Pela equipe madrilenha conquistou três campeonatos espanhóis (temporadas 1985/1986 e 1986/1987) e duas Copas da UEFA (atual Liga Europa) 1985 e 1986. Atuou 22 partidas pela Seleção Argentina e participou de duas Copas do Mundo (1982 e 1986). Apesar de ter parado de jogar em 1987, preparou-se por vários meses para jogar a Copa de 1990, mas foi cortado, no último momento por Carlos Bilardo. Nunca enfrentou a Seleção Brasileira.

arqueiro alemão, chutou com precisão, rasteiro, no canto direito, marcando o gol da vitória, o gol do título.<sup>460</sup> A Argentina era bicampeã mundial de futebol e desta vez sem as suspeitas de irregularidades como ocorreu em 1978.<sup>461</sup>

Os comentários da imprensa brasileira valorizaram, por um lado, aspectos que são inerentes ao futebol-arte, como a criatividade, a habilidade e de outro a força do conjunto, da disciplina tática e da determinação, marcas do futebol-força. Enfim, percebe-se claramente que a dicotomia criada entre os dois modelos não é tão forte e não são necessariamente excludentes. A Argentina, como foi observado, preparou-se por quatro anos taticamente, criou um padrão de jogo com Bilardo no comando da equipe e contou também com jogadores qualificados, de bom nível técnico, além de Maradona, um fora de série.

O título ficou para a criatividade. Antes da decisão entre Argentina e Alemanha, o técnico alemão Franz Beckenbauer declarava à imprensa que sua preocupação era impedir o livre exercício da habilidade de Maradona. Trata-se, na verdade, do exemplo específico de como a disciplina tática não pode resistir quando o controle e a genialidade de jogadores funcionam em campo.

A Argentina conquistou o título porque não depende somente de sua maior estrela. Maradona ganhou a companhia obediente – o alemão Matthaus – e quando conseguia desvencilhar-se dela, encontrava pela frente Jacobs, responsável pela cobertura. Tanta preocupação – tomada sabiamente por um técnico de um time aplicado e só isso – tem preço. A Alemanha acabou deixando livres, jogadores importantes da Argentina.<sup>462</sup>

Para o Jornal do Brasil:

O gesto de Maradona, ao erguer a taça, simbolizou não apenas a conquista do título (o segundo da história da Argentina), mas, e principalmente, a afirmação do talento, da disciplina tática impecável e da determinação. E ninguém mais do que Maradona, reconhecidamente o maior jogador do mundo da atualidade, encarnou todas estas virtudes, que foram também as virtudes da Seleção Argentina não só na vitória de 3 a 2 sobre a Alemanha, na final disputada ontem no Estádio Azteca, como em toda a sua campanha na Copa do Mundo.<sup>463</sup>

<sup>460</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. ALEXZR74. “1986 WC final Argentina - Germany FR 3:2”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QpDc3HiuTnM>. Acessado em: 3 de janeiro de 2018.

<sup>461</sup> Gilberto Agostino afirma: “Neste sentido, a vitória possibilitou não só o troco aos ingleses, como também um ajuste com o mundo do futebol, uma vez que a floria argentina de 1978 continuava marcada pelas suspeitas de suborno e irregularidades”. Cf. AGOSTINO, Gilberto. op. cit., p. 186-187.

<sup>462</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 30 de junho de 1986, p. 19.

<sup>463</sup> JORNAL DO BRASIL, 30 de junho de 1986, p. 2 (Esportes).

**Figura 18: Seleção Argentina campeã em 1986<sup>464</sup>**



### **5.9. DEPOIS DE 4 DÉCADAS O BRASIL RECONQUISTA A AMÉRICA**

Argentina e Brasil não voltaram a jogar em 1986, após a Copa do Mundo. As duas equipes passaram praticamente um ano inativas. Enquanto a Argentina manteve o comando técnico para o próximo ciclo mundial, o Brasil voltou a passar por mudanças. Em 1987, a CBF entregou o comando da Seleção Principal e da que disputaria o Pré-Olímpico para Carlos Alberto Silva, técnico campeão brasileiro pelo Guarani em 1978.

Em julho de 1987 foi disputada mais uma edição da Copa América e a campeã do mundo realizou dois amistosos antes de sua estreia na competição: duas derrotas, no dia 10 de junho para a Itália por 3X1 e no dia 20 de junho para o Paraguai por 1X0. O Brasil começou a se preparar um pouco mais cedo, em maio, conquistou a Copa Stanley Rous ao empatar com a Inglaterra por 1X1 e vencer a Escócia por 2X0. A equipe ainda realizou até o dia 28 de junho, data em que estreou na competição, mais cinco amistosos.<sup>465</sup>

A Conmebol resolveu, para a 33<sup>a</sup> edição da Copa América, retornar com a sede fixa e manter parcialmente a fórmula utilizada nas últimas competições. Em relação à fórmula: nove seleções divididas em três grupos, cada um com três equipes e a primeira colocada de cada grupo

<sup>464</sup> ÉPOCA. “Maradona vira Deus, carrega a Seleção e garante o bi da Argentina”. Disponível em: <http://essaenossa.epoca.globo.com/1986.html>. Acessado em: 3 de janeiro de 2018.

<sup>465</sup> Amistosos – 23/5: Eire 1X0 Brasil; 28/5: Finlândia 2X3 Brasil; 1º/6: Israel 0X4 Brasil; 21/6: Brasil 4X0 Equador e 28/6: Brasil 1X0 Paraguai.

avançaria de fase. O Uruguai, último campeão, jogaria apenas a partir da semifinal. A Argentina foi o país escolhido para sediar o torneio.

Os grupos estavam assim formados: Grupo A, com sede em Buenos Aires – Argentina, Peru e Equador. Grupo B, com sede em Córdoba – Brasil, Chile e Venezuela. Grupo C, com sede em Rosário – Bolívia, Colômbia e Paraguai.

A Argentina, forte candidata ao título não só por jogar em casa, mas também por contar com a base campeã do mundo, inclusive com Maradona, apenas empatou na estreia contra o Peru por 1X1, no dia 27 de junho, gol da sua principal estrela. Na rodada seguinte, no dia 2 de julho, enfrentou o Equador, com a obrigação de vencer com uma boa margem de gols, pois na última rodada o Peru enfrentaria os equatorianos. A vitória por 3X0 (dois de Maradona e um de Caniggia) deixou encaminhada a classificação dos anfitriões. Na última rodada Equador e Peru empataram por 1X1. A Argentina não apresentava um bom futebol e a imprensa brasileira já tinha um culpado: Carlos Bilardo, que queria implantar – e eu diria – aprofundar, o estilo europeu no futebol local, como indiretamente o próprio jornalista reconhece.

Desde a conquista da Copa do México, em 86, o técnico Bilardo tenta mudar o futebol argentino, adequando-o ao estilo europeu – sem pontas fixos e com até cinco jogadores no meio-campo. A experiência teve êxito no ano passado, mas agora prejudica o desempenho do time na Copa América. (...) Bilardo usou tudo que a escola europeia ensinou. Inverteu laterais, revezou volantes no apoio ao ataque e tentou manter apenas um jogador (Percudani) na frente. Diante da ineficiência desse esquema, colocou outro atacante (Caniggia) depois do intervalo. Deu sorte.<sup>466</sup>

Se a Argentina não apresentou um grande futebol, mas se classificou, o desempenho da Seleção Brasileira seria ainda mais decepcionante. Santos atribuiu o resultado a três fatores: a desorganização administrativa da CBF;<sup>467</sup> ao conflito entre a entidade e os jogadores em relação à premiação, fato que já havia ocorrido na Copa do Mundo do México e que se verificaria novamente na Itália em 1990 e a falta de talentos.<sup>468</sup> Em relação ao último aspecto, é preciso

<sup>466</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 3 de julho de 1987, p. 18.

<sup>467</sup> A desorganização era tal que o técnico da Seleção Brasileira, Carlos Alberto Silva, já falava em deixar o cargo ao final da Copa América pois ainda não havia conseguido sua liberação junto ao Cruzeiro, equipe a qual mantinha vínculo empregatício e, além disso, estava sem contrato com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

<sup>468</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 412-413.

matizar tal afirmação, lembrando que se iniciou à época um importante período de observação e testes dos quais saíram, desta geração, sete futuros campeões mundiais (1994), são eles: Gilmar, Jorginho, Ricardo Rocha, Dunga, Raí, Bebeto e Romário. O último, por exemplo, foi lançado na Seleção nos amistosos realizados na Europa em 1987.

O Brasil fez sua estreia na competição no dia 28 de junho contra a Venezuela. Para um público pequeno, fato comum na competição daquele ano, inclusive para os jogos da dona da casa, aproximadamente oito mil pagantes, a Seleção Brasileira venceu com facilidade o seu rival por 5X0.<sup>469</sup> No dia 30 de junho, o Chile venceu a Venezuela por 3X1. Dessa forma, com melhor saldo de gols, o Brasil jogaria por um empate contra os chilenos para passar para a semifinal da Copa América.

Na noite de inverno, sexta-feira, 3 de julho, Brasil e Chile se enfrentaram em Córdoba. Nas palavras de Sandro Moreyra: “Fazia um frio de alegrar pinguim”.<sup>470</sup> A seleção verde amarela só precisava de um empate, começou melhor a partida e criou várias chances de gols: “O jogo parecia fácil para os brasileiros, que chegaram por diversas vezes à área defendida por Rojas”.<sup>471</sup> Contudo, o gol não se concretizava e o Chile, aos poucos, equilibrou o embate. No final do primeiro tempo, aos 42 minutos, Basay abriu o placar para a equipe do Pacífico.

Enquanto o Chile cresceu na partida, o Brasil não se encontrou mais em campo. Letelier, logo aos 3 minutos da etapa complementar, ampliou a vantagem para os chilenos. Aos 13 minutos da etapa final, o lateral esquerdo Nelsinho fez falta dura em Letelier e acabou expulso. Com um jogador a mais, a vantagem no placar, o desespero brasileiro e jogando com inteligência, a Seleção Chilena ampliou aos 21 minutos com Basay e fechou a goleada aos 30 minutos, novamente com Letelier. Para o Jornal do Brasil, a humilhação poderia ter sido ainda pior: “O Brasil deu adeus à Copa América de forma melancólica: levou uma goleada de 4 a 0 do Chile, no Estádio Chateau Carrera, e deve ficar satisfeito de não ter sofrido mais gols”.<sup>472</sup>

---

<sup>469</sup> Os gols foram feitos por: Edu Marangón, Sdenko Morovic (contra), Careca, Nelsinho e Romário

<sup>470</sup> JORNAL DO BRASIL, 4 de julho de 1987, p. 20.

<sup>471</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 4 de julho de 1987, p. 18.

<sup>472</sup> JORNAL DO BRASIL, 4 de julho de 1987, p. 21.

Para a fase semifinal estavam classificadas: a Argentina, o Chile e a Colômbia (respectivamente líderes dos Grupos A, B e C) e o Uruguai (campeão da última edição). Os confrontos já estavam definidos antecipadamente. No dia 8 de julho, em Córdoba, o Chile e a Colômbia se enfrentaram. O tempo normal terminou empatado em 0X0. Na prorrogação os chilenos venceram por 2X1 e avançaram para a final do torneio.<sup>473</sup>

No dia seguinte, 9 de julho, data de comemoração da independência da Argentina, o Monumental de Núñez recebeu 75 mil torcedores para assistir a seleção da casa enfrentar o Uruguai. Mesmo contando com o apoio da torcida, os argentinos não superaram a forte marcação adversária que apostou na velocidade do contra-ataque para vencer a partida. A tática, muito bem executada, surtiu efeito e com um gol de Alzamendi, no minuto final do primeiro tempo, o Uruguai se classificou para disputar a final do torneio.

No campo, a bola rolou sem violência – apenas algumas jogadas mais duras, marca registrada destes clássicos. E a Argentina conheceu o outro lado da moeda, o da saída prematura de uma competição que julgava ser sua por direito. Afinal, é a campeã do mundo, tem o melhor jogador da atualidade (Maradona) e estava em casa. Mais: levou o que se chama na gíria do futebol de “banho de bola”, pois sempre o Uruguai esteve mais bem armado em campo, mais perigoso no ataque, mais seguro na defesa.<sup>474</sup>

Desanimada após a derrota para o Uruguai, a Argentina foi novamente derrotada, agora para a Colômbia, por 2X1, na disputa pelo terceiro lugar.<sup>475</sup> Na grande final, o Uruguai manteve o título ao vencer o Chile por 1X0, gol de Bengoechea. O país alcançava o seu 13º título sul americano e voltava a ficar na frente da Argentina em número de conquistas.

Com o término da Copa América e até contrariando os prognósticos, Carlos Alberto Silva foi mantido no comando da Seleção Brasileira. Realizou mais duas partidas em 1987, ambas em dezembro, no dia 9, no Estádio Sabiá, em Uberlândia, derrotou o Chile por 2X1 e no dia 12, em Brasília, no Estádio Mané Garrincha, empatou com a Alemanha Ocidental por 1X1. A

---

<sup>473</sup> Astengo e Vera marcaram para o Chile e Redín descontou para a Colômbia.

<sup>474</sup> JORNAL DO BRASIL, 10 de julho de 1987, p. 24.

<sup>475</sup> Gomez e Galeano marcaram para a Colômbia aos 8 e 27 minutos da etapa inicial e Caniggia diminuiu para a Argentina aos 41 minutos do segundo tempo.

Argentina, por sua vez, realizou apenas uma partida no segundo semestre de 1987, no dia 16 de dezembro, quando venceu os alemães, em Buenos Aires, por 1X0.

A Argentina foi convidada e aceitou participar, entre março e abril de 1988, de uma competição na Europa, a Copa das Quatro Nações, também conhecida como Torneio de Páscoa de Berlim.<sup>476</sup> No dia 31 de março os argentinos foram derrotados pelos soviéticos por 4X2 enquanto, no mesmo dia, os suecos empataram no tempo normal com os alemães por 1X1 e ganharam nos pênaltis por 4X2. No dia 2 de abril, a Alemanha ficou com a terceira posição após derrotar os argentinos por 1X0. A Suécia venceu a União Soviética por 2X0 e conquistou o título do torneio.

Em julho, a Federação Australiana de Futebol, com o intuito de comemorar o bicentenário do país, convidou para um torneio a Arábia Saudita, a Argentina e o Brasil. As quatro seleções se enfrentariam em turno único e as duas primeiras colocadas disputariam o título. Classificadas para as Olimpíadas daquele ano, as duas seleções sul-americanas aproveitaram a oportunidade para treinarem suas respectivas equipes olímpicas, contudo, levando em conta que foi uma decisão interna de cada uma das confederações, a partida entre os dois selecionados consta das estatísticas dos jogos entre as suas seleções principais, pois não foi considerado um jogo “oficial restritivo”.<sup>477</sup>

A Argentina fez sua estreia no dia 6 de julho contra a Arábia Saudita, dirigida pelo ex-técnico da Seleção Brasileira, Carlos Alberto Parreira. O resultado de 2X2 foi considerado o melhor já obtido, até então, pelos sauditas em partidas internacionais. O Brasil enfrentou os donos da casa, a Austrália, no dia seguinte, 7 de julho, venceu por 1X0, gol de Romário.

---

<sup>476</sup> Por razões políticas, Berlim Ocidental não sediaria partidas da Eurocopa 1988, torneio que teve como anfitriã a Alemanha Ocidental. A União Soviética e a Alemanha Oriental, para que a Federação de Futebol da Alemanha Ocidental (DFB), contasse com os seus votos na escolha da sede do europeu, impôs que não fossem realizadas partidas na citada cidade. Visando uma compensação, bem como uma preparação para o torneio continental, a DFB organizou um torneio amistoso no Estádio Olímpico de Berlim Ocidental. A disputa ocorreu durante a Páscoa daquele ano e o formato era simples, duas semifinais com os perdedores disputando o terceiro lugar e os vencedores a final. As seleções participantes foram: Alemanha Ocidental, Argentina, Suécia e União Soviética.

<sup>477</sup> Jogos “oficiais restritivos” são aqueles disputados em uma competição em que há limite de idade para os atletas, por exemplo, os Jogos Olímpicos. É interessante ressaltar que ainda em 1988, em agosto, Brasil e Argentina voltaram a se enfrentar pela Copa das Nações em Los Angeles e depois em setembro, em Seul, nas Olimpíadas, contudo, por serem considerados jogos “oficiais restritivos” não constam das estatísticas dos enfrentamentos entre as seleções principais dos dois países.

Argentina e Brasil se enfrentaram no dia 10 de julho em Melbourne.<sup>478</sup> O péssimo estado do gramado, muito enlameado, prejudicou bastante as duas equipes e logicamente a qualidade técnica do jogo. Ambas iniciaram a partida mais preocupadas com seus esquemas defensivos, não obstante a Argentina foi mais incisiva na primeira etapa, aproveitando-se especialmente dos inúmeros passes errados dos atletas brasileiros. O Brasil voltou melhor no período complementar e passou a levar mais perigo a meta defendida por Islas, ainda assim o placar da partida não se alterou. As duas equipes deixaram o gramado, ao final, sob vaias dos aproximadamente 14 mil torcedores que assistiram o confronto.

Tanto o Jornal do Brasil quanto a Folha de São Paulo teceram críticas duras quanto à qualidade do confronto. Por certo, os periódicos, ressaltaram, que o estado do gramado prejudicou o jogo, mas não se poderia atribuir toda a culpa por uma partida considerada tão ruim apenas a esse fato.

O empate de 0 a 0 entre Brasil e Argentina deve ter deixado arrependidos os torcedores que preferiram ficar acordados até mais tarde no Brasil, à espera da transmissão pela TV. (...) Foi um dos mais melancólicos espetáculos proporcionados por uma Seleção Brasileira – e também por uma Argentina – nos últimos anos. Todo mundo fala mal do campo, crítica o barro, lamenta a falta de equilíbrio nessas condições. Mas será que em campo seco um apoiador limitado como Ademir saberia o fundamento básico de um simples passe?<sup>479</sup>

Os comentários de Silvio Lancelotti para a Folha de São Paulo não foram menos mordazes:

Num jogo abominável, disputado num gramado sumariamente horroroso, a mais medíocre seleção brasileira das últimas três décadas conseguiu empatar, 0 a 0, com uma desentrosada seleção argentina de futebol. (...) No lugar do toque de bola esperto e cativante que sempre caracterizou os times de Brasil e Argentina, viu-se muito pontapé, tesouras voadoras em sucessão, agarrões e empurrões. (...) Igualmente defensivistas, o platino Carlos Bilardo e o mineiro Carlos Alberto Silva optaram pelas táticas de congestionamento do meio de campo. Quem passasse era derrubado, não importando o método de busca e apreensão. A frente dos beques ficavam o sólido “xerife” Batista, pela Argentina, e o ridículo

---

<sup>478</sup> Escalação da Seleção Argentina: Islas, Lorenzo, Lucca, Ruggeri, Garré, Giusti, Batista, Cabrera (Dertycia), H. Díaz, José Luis Rodríguez e Siviski (Lanzidei). Escalação da Seleção Brasileira: Taffarel, Luís Carlos Winck, Aloísio, Ricardo Gomes, Jorginho, Ademir, Geovani, Careca (Milton), Müller, Romário (Edmar) e Valdo. O árbitro da partida foi o australiano Donald Campbell.

<sup>479</sup> JORNAL DO BRASIL, 11 de julho de 1988, p. 18.

Ademir, pelo Brasil, um volante incapaz de um passe correto ou de um lampejo de inteligência superior. (...) Sem os astros que estão no exterior – como Júlio Cesar, Mozer, Branco, Dunga, Alemão, Casagrande, Renato e Careca – o Brasil viverá de sufoco em sufoco até as eliminatórias para a Copa de 90. Deste time, apenas Taffarel transmite alguma esperança e segurança.<sup>480</sup>

No dia 13 de julho o Brasil derrotou com facilidade a Arábia Saudita por 4X1 e garantiu a primeira posição no quadrangular, conseqüentemente sua vaga para disputar a final do torneio. A segunda vaga foi definida no dia 14 de julho no confronto entre Austrália e Argentina. As duas seleções estavam empatadas com dois pontos, a Austrália havia perdido para o Brasil por 1X0 na primeira rodada e na rodada seguinte vencido por 3X0 a Arábia Saudita. Já a Argentina havia empatado os seus dois jogos iniciais (Arábia Saudita e Brasil). Por ter um saldo de gols superior, a Austrália jogava pelo empate. Contudo, o placar surpreendeu até mesmo o técnico australiano, os donos da casa golearam os atuais campeões do mundo por 4X1. “Ganhar da Argentina e de goleada vai além de todos os meus sonhos”,<sup>481</sup> relatou o iugoslavo Frank Arok, o comandante da seleção vencedora.

A final do torneio foi disputada no dia 17 de julho e o Brasil não encontrou maiores dificuldades para vencer a Austrália por 2X0 e ficar com a taça. Destaca-se que os australianos estavam na mesma chave que a Seleção Brasileira nas Olimpíadas de Seul. Mesmo com a vitória, o estilo defensivo adotado por Carlos Alberto Silva foi extremamente criticado e que as conquistas obtidas por ele até aquele momento são motivos de orgulho para seleções menos tradicionais e exigentes, não para o Brasil.

(...) O time conquistou o torneio Pré-Olímpico da América do Sul, a medalha de ouro dos Jogos Pan-americanos de Indianápolis e a Taça Stanley Rous da Grã-Bretanha. Ontem, ao bater os “cangurus”, por 2 a 0, (...), acrescentou um novo troféu a sua coleção, a Copa do Bicentenário da Austrália (...).

Uma performance auspiciosa de orgulhar qualquer nação menos tradicional e menos exigente no departamento do esporte. O Brasil, porém, sabe que meramente cumpriu a sua obrigação ao ganhar da precaríssima e violenta seleção australiana. E o torcedor do Brasil sabe que não pode engolir as falsas ilusões que a sua atual seleção está lhe oferecendo. Os times de Telê Santana/82 ou de Mário Zagallo/70, no mínimo, teriam feito uma meia dúzia de gols nos robôs sem cintura do iugoslavo Frank Arok.<sup>482</sup>

<sup>480</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 11 de julho de 1988, p. A-24.

<sup>481</sup> Idem, 15 de julho de 1988, p. A-18.

<sup>482</sup> Idem, 18 de julho de 1988, p. A-21.

Ainda em 1988, reuniu-se em Buenos Aires, o 51º Congresso Ordinário da Confederação Sul-Americana de Futebol. Nele ficou definido que a Copa América seria disputada a cada dois anos e também foi aceita a solicitação da CBF de sediar o torneio previsto para 1989, como parte das comemorações do 75º aniversário da fundação da CBD, entidade que representou por décadas o futebol brasileiro.

Se no futebol a Argentina manteve o seu comandante, no campo político o país passou por mudanças. Com Alfonsín, a Argentina foi o primeiro país do Cone Sul a retornar ao regime democrático e sua presidência foi exitosa no que tange à transição política, da ditadura à democracia. O presidente sempre se colocou ao lado dos direitos humanos e em sua gestão os principais responsáveis pela *Guerra Súcia* foram julgados e condenados. “É único em seu gênero na América Latina, onde nunca se havia sentado no banco dos acusados os chefes militares golpistas e, excepcional também no mundo, salvo no caso dos coronéis gregos, responsáveis pelo golpe de 1967”.<sup>483</sup> Na política internacional, melhorou o relacionamento com os países vizinhos, notadamente com o Chile. Em relação ao Brasil houve uma aproximação política e econômica. Contudo, não logrou o mesmo sucesso no campo econômico e os seus planos neste setor, o Austral e o Primavera, redundaram em fracassos e consequente elevação nas taxas de inflação, que alcançaram cifras superiores a 3.000% ao ano em 1989. Nem a vitória da oposição nas eleições presidenciais, em maio de 1989, acalmou a economia. Em decorrência da fome, a população, especialmente a mais humilde, começou a saquear os supermercados, a tensão social se agravava. Sentindo que havia perdido a capacidade de governar, Alfonsín renunciou à presidência em julho de 1989, cinco meses antes do encerramento legal do seu mandato. Passou a faixa presidencial para Carlos Saúl Menem, candidato eleito por um partido político de oposição. Como lembra Quesada: “Era a primeira vez no século que se dava este fato histórico”.<sup>484</sup>

Há similaridades ao caso brasileiro, apesar dele ter características próprias. Inicialmente, não houve eleições diretas no Brasil quando da transição dos governos militares para o civil. Tancredo Neves foi eleito pelo Congresso Nacional. Contudo, com problemas de saúde, que levaram ao seu falecimento, José Sarney, vice-presidente, governou o país entre 1985

---

<sup>483</sup> SÁENZ QUESADA, María. op. cit., p. 687.

<sup>484</sup> Idem, ibidem, p. 694.

e 1990. No campo político, Sarney também obteve êxito, instalou em 1987 a Assembleia Nacional Constituinte que elaborou para o país sua nova Constituição aprovada em 1988. Assim como o seu símile argentino, os planos econômicos instituídos por Sarney, especialmente para combater a inflação, Plano Cruzado, Cruzado Novo, Bresser e Verão, fracassaram. No final de 1989 o Brasil voltou, após quase três décadas, a eleger de forma direta um presidente da República, o escolhido foi Fernando Collor de Mello que superou, no segundo turno, Luiz Inácio Lula da Silva.

No futebol, o Brasil também passou por mudanças. Um novo presidente foi eleito para a CBF em 1989. Ricardo Teixeira, então genro de João Havelange (presidente da FIFA) foi aclamado pelas 26 federações estaduais no dia 16 de janeiro. Durante a campanha, Teixeira já havia contactado Carlos Alberto Parreira com o intuito de que ele retornasse ao comando da Seleção Brasileira. No entanto, Parreira, com contrato em vigor no mundo árabe, declinou do convite e Ricardo Teixeira nomeou Sebastião Lazaroni para comandar a nova Comissão Técnica. Apesar de novo na profissão, Lazaroni havia começado a carreira como técnico em 1984 no Flamengo, ganhou projeção ao vencer seguidamente três campeonatos cariocas, 1986 com o Flamengo e 1987 e 1988 com o Vasco da Gama. Ainda em 1988 passou rapidamente pelo Ah Ahli da Arábia Saudita e pelo Grêmio de Porto Alegre e em 1989 dirigia a equipe do Paraná.

Como preparação para jogar a Copa América e também disputar as eliminatórias para a Copa do Mundo de 1990, que se iniciavam exatamente duas semanas após o fim da disputa da competição continental, o Brasil realizou oito amistosos. As quatro primeiras partidas foram contra adversários do próprio continente, venceu os três primeiros jogos disputados no Brasil contra o Equador, o Paraguai e o Peru, respectivamente e empatou a última partida, disputada em Lima, contra a Seleção Peruana.<sup>485</sup> As críticas ao trabalho do técnico começaram a ganhar corpo com a desastrosa excursão realizada na Europa entre 8 e 21 de junho. A Seleção só foi capaz de vencer a primeira partida, contra Portugal por 4X0, depois foram três derrotas consecutivas e com direito a goleada: Suécia 2X1 Brasil; Dinamarca 4X0 Brasil e Suíça 1X0 Brasil.

---

<sup>485</sup> Os resultados das partidas: Brasil 1X0 Equador; Brasil 2X0 Paraguai; Brasil 4X1 Peru e Peru 1X1 Brasil.

A Argentina fez três amistosos preparatórios nos primeiros meses de 1989, todos fora de casa, perdendo para a Colômbia por 1X0 no dia 9 de março, empatou com o Equador no dia 13 de abril e com o Chile no dia 20 de abril por 2X2 e 1X1 respectivamente. Já classificados para o Mundial de 1990, por serem os atuais campeões, não jogariam as eliminatórias. Após a Copa América fizeram apenas um amistoso, em dezembro, contra a Itália, empatando em 1X1.

A 34ª edição da Copa América foi disputada entre os dias 1º e 16 de julho. As dez seleções filiadas a Conmebol participaram da competição. As equipes foram divididas em dois grupos, cada um com cinco seleções que jogariam entre si. O Grupo A foi formado por: Brasil, Colômbia, Paraguai, Peru e Venezuela. O Grupo B contava com as seleções dos seguintes países: Argentina, Bolívia, Chile, Equador e Uruguai. As duas melhores classificadas passariam para o quadrangular final e a equipe campeã seria aquela que somasse o maior número de pontos. Quatro cidades foram escolhidas para receberem os jogos da primeira fase, foram elas: Goiânia, Recife, Salvador e Rio de Janeiro. Já a fase final seria inteiramente disputada no Maracanã.

As críticas à Lazaroni se acentuaram ainda mais após a convocação dos atletas para a Copa América, que seria disputada no Brasil após 40 anos. A Seleção Brasileira realizou três partidas, das quatro da primeira fase, em Salvador. A torcida baiana, indubitavelmente inflamada pela atitude do presidente do Bahia, Paulo Maracajá, havia ficado muito incomodada em virtude de Charles, centroavante do Bahia, ter sido cortado da lista final dos convocados para a competição.<sup>486</sup>

O Brasil fez sua estreia no dia 1º de julho contra a Venezuela no Estádio da Fonte Nova em Salvador. O pequeno público que assistiu a partida, apenas 9.213 pagantes,<sup>487</sup> foi hostil à Seleção antes mesmo do início da partida.

A seleção entrou em campo vaiada pelo público da Fonte Nova. O principal alvo foi o técnico Sebastião Lazaroni. A torcida chegou a disparar rojões sobre a

---

<sup>486</sup> A Folha de São Paulo relata a crise que se instalou na Seleção Brasileira com o corte de Charles, fato que causou inclusive atrito entre Ricardo Teixeira e Lazaroni. O jornal alertou que, em caso de maus resultados, Lazaroni poderia inclusive perder o cargo antes mesmo do final da Copa América. Na sequência do artigo, o periódico relata como o presidente do Bahia invadiu o hotel em que a Seleção Brasileira se encontrava, retirou Charles do quarto e exigiu que ele deixasse imediatamente a concentração. Cf. FOLHA DE SÃO PAULO, 2 de julho de 1989, p. D-3.

<sup>487</sup> NAPOLEÃO, Antonio Carlos & ASSAF, Roberto. op. cit., p. 83.

comissão técnica. Os jogadores que não estavam no banco de reservas e que iriam assistir o jogo nas cadeiras foram obrigados a se retirar por causa dos protestos dos torcedores.<sup>488</sup>

Mesmo com a falta de receptividade da torcida, o Brasil, contando com a fragilidade do adversário, venceu sem dificuldades a Venezuela por 3X1, gols de Bebeto, Geovani e Baltazar. Carlos Maldonado descontou para os Venezuelanos. É interessante destacar que Bebeto, que é baiano, ao fazer o primeiro gol, ainda aos 2 minutos do primeiro tempo, pediu o apoio da torcida, em vão, ela continuou vaiando a equipe.

Enfrentando a mesma hostilidade e sob pressão, a equipe de Lazaroni enfrentou os peruanos no dia 3 de julho e os colombianos no dia 7 de julho e empatou as partidas por 0X0. O Paraguai, que havia vencido suas três compromissos anteriores, já estava classificado e jogaria contra o Brasil na última rodada. Os ares seriam outros, a partida foi disputada no Estádio do Arruda em Recife. Na preliminar, a Colômbia e o Peru empataram em 1X1, com esse placar o Brasil precisava de um empate para avançar para a próxima fase. Com o amplo apoio dos mais de 60 mil torcedores que lotaram o estádio, o Brasil fez uma boa partida e venceu por 2X0, gols de Bebeto. O Paraguai, que tinha um melhor saldo de gols, classificou-se em primeiro lugar no grupo e o Brasil terminou na segunda colocação.

A classificação da Argentina, no grupo B, foi um pouco menos dramática. Ela iniciou a competição derrotando o Chile no dia 2 de julho por 1X0, gol de Caniggia. No dia 4 de julho empatou sem gols com Equador. Voltou a vencer, com gol de Caniggia, o Uruguai por 1X0 no dia 8 de julho e terminou sua participação, jogando com o time reserva, na primeira fase empatando em 0X0 com a Bolívia. Apesar de classificada, o futebol apresentado decepcionava, “era um time entrosado, mas cansado”.<sup>489</sup> A disputa pela segunda vaga do grupo foi bastante emocionante e quatro equipes terminaram empatadas com quatro pontos: Uruguai, Chile e Equador. O Uruguai se classificou em virtude do saldo de gols.

Não fossem os equatorianos tão ingênuos e poderiam estar agora comemorando a classificação para a segunda fase da Copa América. Na derrota de 2 a 1 para o

---

<sup>488</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 2 de julho de 1989, p. D-3.

<sup>489</sup> Idem, 3 de julho de 1989, p. D-7.

Chile, ontem à noite no Serra Dourada, o time desperdiçou muitas oportunidades e perdeu a partida injustamente. O resultado deixou o Uruguai como o segundo colocado do Grupo B.<sup>490</sup>

O quadrangular final, disputado no Maracanã, reuniu a Argentina, o Brasil, o Paraguai e o Uruguai. As rodadas seriam duplas, ou seja, com duas partidas por dia. No dia 12 de julho, na preliminar, o Uruguai passou com facilidade pelo Paraguai, 3X0, gols de Francescoli, Alzamendi e Paz. Brasil e Argentina fizeram o segundo jogo da noite. O Maracanã recebeu 89.608 pagantes<sup>491</sup> e público total superior a 100 mil espectadores para o choque dos colossos, como foi anunciado pelo La Nacion.<sup>492</sup>

Bilardo resolveu modificar a escalação da Argentina, para atuar mais defensivamente e aproveitar os contra-ataques, neste sentido sacou da equipe Caniggia, que havia marcado os dois únicos gols da equipe na competição, e colocou Calderón. Maradona, mesmo cansado, foi mantido na equipe.<sup>493</sup>

Os brasileiros, enfim, realizaram uma grande apresentação e desde os minutos iniciais surpreenderam os seus adversários com grande volume de jogo. Taffarel só fez sua primeira intervenção na partida aos 24 minutos do primeiro tempo, ao interceptar um cruzamento de Troglio. Mesmo tendo o domínio territorial, o Brasil não conseguiu marcar e o primeiro tempo terminou 0X0, contudo saiu sob aplausos da torcida.

A pressão brasileira se intensificou na etapa final e logo aos dois minutos, Silas cruzou para a pequena área, Romário ajeitou a bola para Bebeto, que de voleio, no ar, bateu, com efeito, enganando o goleiro Pumpido, para marcar o primeiro gol. Perdendo, os argentinos tiveram que sair um pouco mais para o jogo, deixando espaços para o ataque brasileiro. Aos 10 minutos a torcida explodiu novamente. Silas lançou Bebeto que tocou na direção de Romário, Brown tentou tirar a bola da área, mas falhou e Romário ficou livre para driblar o goleiro e tocar

---

<sup>490</sup> JORNAL DO BRASIL, 11 de julho de 1989, p. 22.

<sup>491</sup> NAPOLEÃO, Antonio Carlos & ASSAF, Roberto. op. cit., p. 177.

<sup>492</sup> LA NACION, 12 de julho de 1989, p. 5 (Seção 2).

<sup>493</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Taffarel, Mazinho, Ricardo Gomes, Aldair, Mauro Galvão, Branco, Dunga, Silas (Alemão), Bebeto, Romário (Renato Gaúcho) e Valdo. Escalação da Seleção Argentina: Pumpido, Clausen, Brown, Ruggeri, Sensini, Basualdo, Batista, Troglio, Burruchaga (Caniggia), Calderón (Giusti) e Maradona. O árbitro da partida foi o uruguaio Juan Cardelino.

para o fundo das redes. Sem forças para reagir, com um Maradona cada vez mais cansado e anulado pela boa marcação, o Brasil criou mais algumas boas jogadas, mas não ampliou o placar.<sup>494</sup>

Para Maradona, a Argentina jogou com medo do Brasil: “Me parece que jogamos com medo, muito na defesa e, assim, nunca faríamos um gol no Brasil”.<sup>495</sup> Para Bilardo, a diferença no condicionamento físico foi fundamental para explicar a derrota: “Para tirar alguém, eu teria que tirar o time todo. Como só se pode substituir dois...”.<sup>496</sup>

Para o El Gráfico:

O Brasil (...) nos passou por cima, nos deu um toque memorável, nos fez dois gols, poderia ter feito muito mais, nos envolveu com a sensualidade de sua torcida gigantesca em transe eufórica – mais de cem mil uivos incessantes – nos desfrutaram e nos fizeram desfrutar do seu futebol<sup>497</sup>

A segunda rodada foi disputada na noite de 14 de julho. Na primeira partida o Uruguai venceu a Argentina por 2X0 e no segundo jogo o Brasil derrotou por 3X0 o Paraguai. Dessa forma, as seleções derrotadas não tinham mais possibilidades de alcançar o título e, como ocorreu em 1950, novamente em 16 de julho, domingo, Brasil e Uruguai definiriam, no Maracanã, quem conquistaria a Copa América de 1989. A diferença é que, desta vez, nenhuma das duas equipes era favorecida pelo empate pois tinham o mesmo saldo de pontos e de gols. Caso, após os 90 minutos, não houvesse um vencedor, o campeão seria conhecido por meio das penalidades máximas.

No dia 16 de julho de 1950, quando 200 mil pessoas choraram no Maracanã a derrota do Brasil para o Uruguai por 2 a 1 na decisão da Copa do Mundo, nenhum dos atuais jogadores da Seleção Brasileira era nascido. Hoje, exatos 39 anos depois, os jogadores prometem entrar em campo para decidir a Copa América com o Uruguai, ignorando o fantasma de 50.<sup>498</sup>

---

<sup>494</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOS DO BRASIL. “Copa América 1989: Brasil 2x0 Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VbFGVjnwYYM>. Acessado em: 5 de janeiro de 2018.

<sup>495</sup> JORNAL DO BRASIL, 13 de julho de 1989, p. 23.

<sup>496</sup> Idem, ibidem, p. 23.

<sup>497</sup> EL GRÁFICO, 18 de julho de 1989, p. 12.

<sup>498</sup> JORNAL DO BRASIL, 16 de julho de 1989, p. 1.

Atuando de forma firme na marcação, o Brasil neutralizou os ataques uruguaios (foram 142 desarmes no decorrer da partida), mas também teve dificuldade em “furar” a retranca montada pelo seu adversário. O único gol da final saiu aos 4 minutos da etapa complementar, Mazinho e Bebeto tabelaram e o lateral brasileiro cruzou na área, Romário se antecipou ao arqueiro uruaio e marcou de cabeça. Com o único gol e a vitória, “Maracanã não repete 50 e o Brasil é o novo campeão da Copa América”.<sup>499</sup> Era a quarta vez que o Brasil conquistava a competição, a última havia sido em 1949, além disso, era o título mais importante obtido desde a Copa do Mundo de 1970.

Ao contrário da Argentina, já classificada para o Mundial de 1990, as demais seleções sul-americanas disputariam as eliminatórias. As 9 equipes foram divididas em três grupos com 3 seleções. Os dois melhores primeiros colocados se classificariam direto e o terceiro melhor primeiro colocado, disputaria um play-off. Os grupos ficaram assim formados: Grupo 1 – Bolívia, Peru e Uruguai (Uruguai classificou-se); Grupo 2 – Colômbia, Equador e Paraguai (Colômbia classificou-se para disputar a vaga contra Israel)<sup>500</sup> e Grupo 3 – Brasil, Chile e Venezuela.

O Brasil estreou no dia 30 de julho em Caracas vencendo a Venezuela por 4X0. Os chilenos também venceram os venezuelanos, em Caracas, por 3X1, no dia 6 de agosto. Dessa forma, a partida entre Chile e Brasil, em Santiago, no dia 13 de agosto, daria a liderança do grupo e aproximaria bastante o vencedor da vaga do Mundial. O jogo foi extremamente tenso, tumultuado, com brigas e expulsões, ao final, o empate em 1X1 foi um ótimo resultado para o Brasil que definiria a vaga jogando em seu território.

No dia 20 de agosto, em São Paulo, o Brasil “atropelou” a Venezuela por 6X0. Em virtude dos incidentes ocorridos na partida contra o Brasil, o Chile jogou contra a Venezuela em Mendonza, na Argentina, o campo neutro não interferiu no resultado e os chilenos venceram por 5X0.

---

<sup>499</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 17 de julho de 1989, p. D-1.

<sup>500</sup> A Colômbia classificou-se para o Mundial ao vencer Israel na partida de ida em Barranquilla por 1X0 e empatar sem gol no segundo jogo em Ramat Gan, distrito de Tel Aviv.

A vaga para o Mundial de 1990 foi decidida no dia 3 de setembro de 1989 na partida entre brasileiros e chilenos no Maracanã. Os anfitriões jogavam pelo empate, pois tinham melhor saldo de gols. No início do segundo tempo, o Brasil fez 1X0, gol de Careca e, como já havia feito na etapa inicial, dominava o jogo. A classificação estava muito bem encaminhada... Aos 24 minutos da etapa complementar, a torcedora Rosenery Mello do Nascimento, que ficou conhecida como a “Fogueteira do Maracanã”, disparou um sinalizador usado em embarcações. O artefato atingiu o gramado e a chama caiu bem próxima ao goleiro chileno, Roberto Rojas. Ele, então, jogou-se no chão, sangrando, como se tivesse sido atingido. Revoltados com a “falta de segurança”, os chilenos se retiraram do campo carregando o ensanguentado goleiro. O árbitro argentino Juan Lostau aguardou o retorno dos atletas chilenos, como não ocorreu dentro do prazo legal, deu por encerrada a partida.

O Brasil corria risco de ser punido pela FIFA e não ir à Copa, contudo imagens da televisão e fotos de jornais comprovaram a má-fé do goleiro chileno. Além do sinalizador não ter atingido Rojas, este tinha uma lâmina de barbear escondida dentro da luva e, assim que o objeto lançado pela torcedora caiu no gramado, ele desabou e cortou o próprio supercílio.<sup>501</sup> Com a comprovação da farsa chilena, foi confirmada a vitória brasileira pelo placar de 2X0 e a vaga para o Mundial da Itália.

#### **5.10. COPA DE 1990: SEM CONVENCER A ARGENTINA VAI A FINAL E O BRASIL (...)**

A Itália e a União Soviética disputaram o direito de sediar a Copa de 1990. A escolha da Itália se deu em maio de 1984, momento em que os soviéticos articulavam o boicote aos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em represália ao fato dos Estados Unidos e seus aliados terem boicotado as Olimpíadas de 1980, sediada em Moscou. “Com isso, várias federações de futebol

---

<sup>501</sup> Os exames de corpo de delito não encontraram vestígios de pólvora no ferimento. Os chilenos acabaram duramente punidos pela FIFA. Rojas, o técnico Orlando Avarena, o médico Daniel Rodríguez e o dirigente Sergio Stoppel, os três últimos por terem conhecimento de que o goleiro teria ido a campo com a intenção de armar uma farsa e o sinalizador foi uma oportunidade surgida ao acaso, acabaram banidos do futebol. A Federação Chilena foi suspensa por quatro anos e assim não disputou as eliminatórias para a Copa de 1994. Fernando Astengo, capitão da equipe, também foi suspenso por quatro anos.

ocidental decidiram votar na Itália para sediar a Copa de 90, derrotando as pretensões do país comunista”.<sup>502</sup>

Para Gehringer, a decisão, mesmo não tendo como saber antecipadamente, acabou sendo acertada e evitou problemas, afinal a Copa de 90 ocorreu simultaneamente ao desmoronamento dos regimes comunistas do Leste Europeu e a própria União Soviética marchava para a sua fragmentação e final.<sup>503</sup>

Um total de 116 seleções se inscreveu para o Mundial de 1990. Duas delas estavam automaticamente classificadas: Itália e Argentina, país sede e última campeã respectivamente. As demais 22 vagas foram definidas nas eliminatórias ressaltando que alguns países inscritos, por exemplo, Índia, Bahrein, Iêmen do Sul, Lesoto, Ruanda e Togo desistiram de disputar tal etapa.

Na Europa, como de costume, algumas surpresas ocorreram, como a desclassificação da França, já sem Platini que havia se aposentado em 1987 e da Polônia, que havia disputado as últimas quatro Copas do Mundo (1974, 1978, 1982 e 1986). A Holanda, ausente em dois mundiais, retornou à competição. Alemanha, Espanha e Inglaterra, tradicionais seleções do continente, classificaram-se. Também é interessante ressaltar que União Soviética, Iugoslávia e Tchecoslováquia fariam sua última Copa do Mundo – os três países fragmentariam-se no início dos anos 90.

Representando a África, o Egito, que havia participado da Copa de 1934, também na Itália, retornava a um Mundial. O outro classificado do continente, que se tornou uma das sensações da competição, foi o time de Camarões. A Coreia do Sul e os Emirados Árabes Unidos, estreante na competição, foram os classificados asiáticos. Israel, que disputou as eliminatórias pela Oceania, na disputa do play-off contra a Colômbia, acabou eliminada. Na Concacaf, o México foi proibido de disputar as eliminatórias das Copas de 1990 e 1994,<sup>504</sup> desta forma os

---

<sup>502</sup> FARIAS, Airton de. *Uma história das Copas do Mundo: futebol e sociedade*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014, v. 2, p. 31.

<sup>503</sup> GEHRINGER, Max. *Almanaque dos mundiais*. São Paulo: Globo, 2010, p. 326.

<sup>504</sup> A punição da FIFA se deu ao fato do selecionado mexicano sub-20 ter disputado o Mundial da categoria de 1989 com vários jogadores acima do limite de idade. Foi o denominado escândalo dos *Cachirules*. Além da proibição da

classificados da região para o Mundial da Itália foram os Estados Unidos, que retornavam ao Mundial após 40 anos e a Costa Rica que se classificava pela primeira vez para a competição.

O modelo de disputa foi idêntico ao da Copa anterior. Na primeira fase, as 24 equipes foram divididas em 6 grupos de quatro seleções. Passariam para a fase seguinte os dois primeiros colocados de cada grupo e os quatro melhores terceiros colocados dentre todos os grupos. Dessa forma, a segunda fase do mundial contaria com 16 seleções que jogariam daí em diante, até a final, no formato de “mata-mata”.

O Mundial foi disputado entre os dias 8 de junho e 8 de julho de 1990. A bola oficial do torneio foi a *Etrusco Unico*, fabricada com espuma de poliuretano que aumentava a velocidade dos passes e chutes a gol. Os gomos tinham três cabeças de leão, evocando o Império Romano. A mascote da Copa foi *Ciao*, uma figura que tinha as cores da bandeira italiana, parecendo um boneco de lego cuja a cabeça era uma bola de futebol. Fez bastante sucesso à época.

**Figura 19: Mascote da Copa do Mundo de 1990: Ciao<sup>505</sup>**



As equipes ficaram divididas da seguinte forma, após sorteio dirigido: Grupo A – Áustria, Estados Unidos, Itália, e Tchecoslováquia. Grupo B – Argentina, Camarões, Romênia e União Soviética. Grupo C – Brasil, Costa Rica, Escócia e Suécia. Grupo D – Alemanha

---

seleção local disputar qualquer competição internacional organizada pela FIFA por oito anos, foi aplicada uma pesada multa à federação mexicana de futebol.

<sup>505</sup> DUARTE, Marcelo “Todas as mascotes da Copa do Mundo”. Disponível em: <http://guiadoscuriosos.uol.com.br/blog/2012/11/26/todas-as-mascotes-da-copa-do-mundo>. Acessado em 28 de dezembro de 2017.

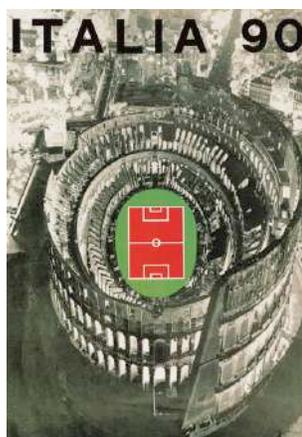
Ocidental, Colômbia, Emirados Árabes Unidos e Iugoslávia. Grupo E – Bélgica, Coreia do Sul Espanha e Uruguai. Grupo F – Egito, Holanda, Inglaterra e Irlanda.

**Figura 20: Logo da XIV Copa do Mundo de Futebol – 1990 – Itália**<sup>506</sup>



A Argentina, cabeça de chave do grupo B e uma das favoritas do Mundial, realizou cinco partidas preparatórias em 1990 antes do início da Copa do Mundo. Os resultados não animaram os seus torcedores. Foram 2 derrotas, 2 empates e apenas 1 vitória.<sup>507</sup> Como última campeã, ela fez o jogo inaugural da Copa do Mundo, dia 8 de junho, contra a Seleção Camaronesa.

**Figura 21: Cartaz da XIV Copa do Mundo de Futebol – 1990 – Itália**<sup>508</sup>



<sup>506</sup> ALMEIDA, Bruno. “Os pôsteres e mascotes da Copa do Mundo”. Disponível em: <http://publistagram.com/os-posteres-e-mascotes-da-copa-do-mundo/>. Acessado em 22 de outubro de 2017.

<sup>507</sup> A Argentina perdeu, jogando em campo neutro, para o México em janeiro de 1990 por 2X0. Posteriormente jogou as demais partidas fora de casa, com os seguintes resultados: 28/3 – Escócia 1X0 Argentina; 3/5 – Áustria 1X1 Argentina; 8/5 – Suíça 1X1 Argentina e 22/5 – Israel 1X2 Argentina.

<sup>508</sup> ALMEIDA, Bruno. “Os pôsteres e mascotes da Copa do Mundo”. Disponível em: <http://publistagram.com/os-posteres-e-mascotes-da-copa-do-mundo/>. Acessado em 22 de outubro de 2017.

Argentina e Camarões abriram a Copa do Mundo atuando em Milão, no Estádio Giuseppe Meazza para mais de 70 mil espectadores.<sup>509</sup> A albiceleste tinha como base a equipe campeã do mundo em 1986, contudo vários jogadores não se encontravam em seu esplendor físico, dentre eles, Maradona, que havia sido campeão italiano quinze dias antes. Já os “Leões Indomáveis”, como os camaroneses eram conhecidos, contavam com a segurança e a experiência do goleiro N’Kono, com a habilidade do veterano Roger Milla (que só entrou no final da partida), ambos remanescentes da Copa de 1982, com um time veloz e também, por vezes, violento.<sup>510</sup>

A Argentina, favorita, começou pressionando o seu adversário e teve duas chances de abrir o placar nos minutos iniciais, não o fez e os camaroneses equilibraram o jogo, ajustaram a marcação, especialmente sobre Maradona e começaram a criar jogadas de perigo ao gol defendido por Pumpido. “Em poucos minutos, ninguém mais duvidava de que o osso seria duro para os dentes de Maradona”.<sup>511</sup> O primeiro tempo terminou sem gols.

Bilardo trocou Ruggeri, com problemas físicos, por Caniggia. Os sul-americanos melhoraram, mas não o suficiente para dominarem o seu adversário que quase marcou aos 6 e depois aos 11 minutos. Aos 15 minutos, o árbitro francês, “numa recaída colonialista”<sup>512</sup> expulsou Kana-Biyik, após uma falta cometida em Caniggia. Curiosamente, a expulsão deixou os argentinos ainda mais nervosos e aos 22 minutos, Pumpido falhou na cabeçada de Oman Biyik, deixando a bola bater em seu joelho e entrar em seu canto direito. Apesar da pressão exercida no final e de ainda contar com mais um jogador camaronês expulso, os argentinos não conseguiram empatar o jogo.<sup>513</sup> “Os deuses do futebol estavam em transe. Um alegre Dionísio africano presidiu o rito de abertura da 14ª Copa do Mundo, e deu festa a quem é de festa: aos leões indomáveis de Camarões”.<sup>514</sup> Aos argentinos restou “o travo da derrota na garganta”.<sup>515</sup>

---

<sup>509</sup> Escalção da Seleção Argentina: Pumpido, Fabbri, Lorenzo, Sensini (Calderón), Ruggeri (Caniggia), Simon, Batista, Basualdo, Burruchaga, Maradona e Balbo. Escalção da Seleção Camaronesa: N’Kono, André Kaná-Biyik, Massing, Ewellé, Kundé, Tataw, N’Dip, M’Bouth, M’Fedé (Libiih), Makanaky (Roger Milla) e Omam-Biyik. O árbitro da partida foi o francês Michel Vautrot.

<sup>510</sup> Apenas contra os argentinos, a Seleção de Camarões foi punida com 3 cartões amarelos e 2 vermelhos.

<sup>511</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 9 de junho de 1990, p. D-1.

<sup>512</sup> Idem, *ibidem*, p. D-1.

<sup>513</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. BACCARAT, Flávio. “Argentina 0x1 Camarões Copa 1990 Rede Manchete”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pAEZcXjaYOs>. Acessado em: 10 de janeiro de 2018.

<sup>514</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 9 de junho de 1990, p. D-1.

<sup>515</sup> Idem, *ibidem*, p. D-1.

Bilardo confessou após a derrota que: “Foi a pior coisa que aconteceu em toda a minha vida, como técnico, como jogador, como tudo”.<sup>516</sup> Para ele, a partida estava se desenvolvendo conforme o esperado, até o momento em que Kana-Biyik foi expulso. “Nesse momento o time se desorganizou e, na ansiedade de ganhar, deixou a defesa desprotegida”.<sup>517</sup> Também afirmou algo, no mínimo curioso, levando em conta que ele esteve no comando da equipe nos quatro anos de preparação para o Mundial, que “alguns jogadores não tiveram oportunidade ainda de se adaptar ao esquema da seleção”.<sup>518</sup>

A segunda rodada reservava o confronto entre as duas seleções que haviam perdido suas partidas de estreia, sendo assim, a partida entre Argentina e União Soviética<sup>519</sup> ganhava contornos decisivos, o derrotado estaria desclassificado do Mundial. A partida foi disputada em Nápoles, no Estádio San Paolo, no dia 13 de junho. A Seleção Argentina, ao contrário do que ocorreu em Milão, teve todo o apoio da torcida uma vez que Maradona jogava e era ídolo da equipe local, o Napoli.<sup>520</sup>

Os soviéticos começaram melhor a partida e ainda contaram com um fato que ajudou a desestabilizar os argentinos, a fratura da tíbia e perônio da perna direita que o goleiro Pumpido sofreu logo aos 11 minutos do primeiro tempo ao se chocar com outro jogador da própria equipe. No minuto seguinte, o lance mais polêmico da partida: “Maradona usa a mão e ajuda a Argentina a vencer a URSS”.<sup>521</sup> Dessa vez, ao contrário de 1986, Maradona não marcou um gol, mas evitou que os soviéticos abrissem o placar. Para a Folha de São Paulo, a jogada era o retrato do retrocesso do futebol argentino:

---

<sup>516</sup> Idem, 9 de junho de 1990, p. D-14.

<sup>517</sup> Idem, ibidem, p. D-14.

<sup>518</sup> Idem, ibidem, p. D-14.

<sup>519</sup> Romênia 2X0 União Soviética. Pode-se afirmar que foi uma partida emblemática, pois há seis meses os romenos tinham derrubado a ditadura comunista de Nicolae Ceausescue. Ainda mais simbólico foi a Seleção Soviética não envergar o tradicional uniforme com as letras CCCP, a cor vermelha (ou branca) foi mantida. O país já passava pelo processo de fragmentação com várias repúblicas reivindicando suas respectivas soberanias. Sem dúvida a situação política soviética influenciou o desempenho da equipe, afinal vários atletas eram de repúblicas separatistas, especialmente da Ucrânia, e não viam mais aquela como a “seleção do seu país”, inclusive, alguns jogadores que foram campeões olímpicos em 1988, contra a Seleção Brasileira, se recusaram a jogar pela União Soviética em 1990.

<sup>520</sup> Escalação da Seleção Argentina: Pumpido (Goycochea), Monzón (Lorenzo), Serrizuela, Simón, Batista, Basualdo, Burruchaga, Maradona, Olarticoechea, Troglio e Caniggia. Escalação da Seleção Soviética: Uvarov, Bezsonov, Khidiyatullin, Kuznetsov, Gorlukovich, Aleynikov, Zavarov (Lyutiy), Zygmantovich, Shalimov, Protasov (Litovchenko) e Dobrovolskiy. O árbitro da partida foi o sueco Erik Fredriksson.

<sup>521</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 14 de junho de 1990, p. D-1.

Foi todo um símbolo do retrocesso do futebol argentino, atual campeão do mundo; a mão de Diego Armando Maradona, 29, o maior “deus dos estádios”, voltou a ajudar seu time a conseguir uma vitória. Mas, desta vez, Diego estava debaixo de suas próprias traves quando desviou com a mão uma cabeçada de Kuznetsov, sem que o juiz marcasse o pênalti.<sup>522</sup>

A alvianil conseguiu equilibrar a partida e aos 27 minutos, Olarticochea cruzou para Troglio, de cabeça, sozinho no “miolo” da zaga soviética, marcar o primeiro gol do jogo. No segundo tempo, aos 34 minutos, Troglio caiu próximo da área, o juiz entendeu como jogada normal e na continuidade Kuznetsov afobou-se, recuou mal a bola, entregando-a nos pés de Burruchaga, que sozinho na grande área, concluiu para as redes e deu não só números finais para o confronto, como também manteve a Argentina viva na Copa do Mundo.<sup>523</sup>

Camarões derrotou a Romênia por 2X1, dessa forma, os “Leões Indomáveis” garantiram sua passagem antecipada para a próxima fase do Mundial. Argentina e Romênia, ambas com 2 pontos ganhos, se enfrentaram na última rodada, na noite de 18 de junho, novamente no Estádio San Paolo, em Nápoles. A Romênia, por ter um saldo de gols superior, jogava por um empate para ficar com a segunda colocação do grupo<sup>524</sup> e a Argentina, caso este fosse o resultado da partida, garantiria, na pior das hipóteses, a última vaga dos terceiros colocados. A maior dúvida dos sul-americanos era a participação de Maradona no jogo, afinal ele havia machucado o joelho esquerdo ao se chocar com Fabbri em um treino da equipe no dia anterior ao confronto.<sup>525</sup>

A Argentina, que contou com seu principal astro, começou melhor a partida, no entanto, o seu domínio foi efêmero, durou os dez minutos iniciais. A partir daí o jogo

---

<sup>522</sup> Idem, *ibidem*, p. D-1.

<sup>523</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. BACCARAT, Flávio. “Argentina 2x0 URSS Copa 1990 Rede Manchete”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ix3km3M7YAM>. Acessado em: 10 de janeiro de 2018.

<sup>524</sup> O clima entre os atletas romenos não era bom, os jogadores, liderados pelo artilheiro Lacatus, realizaram com o treinador Emerich Jeny uma reunião de desagravo ao armador Gheorge Hagi, publicamente criticado. Além disso, os problemas internos no país, especialmente os tumultos que aconteciam em Bucareste, afetavam também todos da delegação. Segundo o técnico da equipe, “as notícias divulgadas pela imprensa teriam influenciado negativamente o comportamento dos atletas na derrota para Camarões”. Cf. FOLHA DE SÃO PAULO, 18 de junho de 1990, p. D-10.

<sup>525</sup> Escalação da Seleção Argentina: Goycochea, Monzón, Serrizuela, Simón, Batista, Basualdo, Burruchaga (Dezotti), Maradona, Olarticochea, Troglio (Giusti) e Caniggia. Escalação da Seleção Romena: Lung, Rednic, Androne, Klein, Rotariu, Popescu, Sabau (Mateut), Hagi, Lupescu, Lacatus e Balint (Lupu). O árbitro da partida foi o português Carlos Valente.

“adormeceu”. As emoções só foram retomadas nos últimos 20 minutos, agora com a predominância romena e com grandes intervenções do goleiro argentino, impedindo a abertura do placar. A etapa inicial terminou 0X0.

A Romênia voltou mais disposta após o intervalo e desperdiçou várias oportunidades para abrir o placar. Sabendo que o empate lhe daria a segunda vaga do grupo, a equipe recuou e acabou castigada, aos 16 minutos. Maradona cobrou escanteio e Mozón desviou de cabeça para as redes. Com a derrota para a Argentina e a vitória soviética por 4X0 sobre Camarões, a Romênia de segunda colocada virava a quarta no grupo. Por isso, na base do desespero, passou a pressionar o seu oponente e aos 22 minutos, Lacatus cruzou, Hagi, também conhecido como Maradona dos Cárpatos, ajeitou para trás e Balint cabeceou para empatar o jogo. A partir daí, as duas equipes resolveram não correr mais riscos e a partida terminou empatada em 1X1.<sup>526</sup>

Paulo Cesar Matin, para a Folha de São Paulo, afirmou que os argentinos não estavam entrosados e que o time era extremamente defensivo, “atua como um funil”.<sup>527</sup> Tal disposição tática incomodava bastante o técnico campeão em 1978: “Não importa perder a Copa, o que não podemos perder é o estilo, a personalidade”,<sup>528</sup> Menotti afirmou inconformado com a retranca que a argentina apresentava no Mundial da Itália.

A Seleção Brasileira ficou no Grupo C e fez sua estreia contra a Suécia no dia 10 de junho no Estádio Delle Alpi, na cidade de Turim. Segundo a imprensa brasileira e também argentina, o Brasil deixava de lado sua história e estilo ao escalar cinco zagueiros e apenas dois atacantes.<sup>529</sup>

O novo esquema de Lazaroni não é polêmico apenas no Brasil. Desde que os treinos da seleção na Itália e as coletivas de Lazaroni passaram a ser

<sup>526</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. BACCARAT, Flávio. “Romênia 1x1 Argentina Copa 1990 Rede Manchete”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uLwaaqxELx8>. Acessado em: 10 de janeiro de 2018.

<sup>527</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 19 de junho de 1990, p. D-6.

<sup>528</sup> Idem, ibidem, p. D-6.

<sup>529</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Taffarel, Jorginho, Mauro Galvão, Mozer, Ricardo Gomes, Branco, Dunga, Alemão, Valdo (Silas), Müller e Careca. Escalação da Seleção Sueca: Ravelli, Roland Nilsson, Larsson, Ljung (Stromberg), Schwarz, Limpar, Thern, Joakim Nilsson, Ingesson, Magnusson (Pettersson) e Brolin. O árbitro da partida foi o italiano Tulio Lanese.

acompanhadas por jornalistas de outros países, sempre surge uma pergunta a respeito do que os europeus chamam de “estilo italiano (ou europeu)” de um futebol que fez fama como sinônimo de fantasia.<sup>530</sup>

Para o Clarín:

Os brasileiros, nas mãos de seu treinador Sebastião Lazaroni, pretendem impor uma mudança na tradição futebolística de seu país, mais preocupados com a disposição tática e a obtenção de resultados do que pelo aspecto estético. De qualquer forma, seguem abundando os bons jogadores no Brasil e essa equipe não é a exceção a este respeito.<sup>531</sup>

A Suécia, jogando no tradicional 4-4-2, se postou atrás, esperando o seu adversário, que por sua vez, trocava passes laterais com o intuito de abrir espaços na rígida defesa adversária. Aos 40 minutos, em uma das poucas jogadas de perigo que o Brasil criou, Branco fez ótimo lançamento para Careca que entrou livre na área, driblou o goleiro sueco, fez o gol e foi comemorar dançando lambada, ritmo musical bastante popular no período, próximo à bandeirinha de escanteio.

A Seleção Brasileira voltou um pouco melhor no segundo tempo, ainda que continuasse errando muitos passes. Aos 19 minutos, Müller recebeu ótimo lançamento na ponta, deixou a bola correr para dentro da área e de primeira cruzou para Careca, no meio, livre, bater forte e marcar o segundo gol da equipe.

Depois de ampliar a vantagem, os brasileiros começaram a errar demasiadamente e os suecos partiram para o ataque, expondo as dificuldades que a Seleção Brasileira ainda encontrava em atuar com um líbero. Aos 34 minutos Thomas Brolin recebeu a bola dentro da área, girou com facilidade sobre Mozer e diminuiu para os suecos que, animados, pressionaram o Brasil e criaram várias chances de empatar a partida e só não o fizeram graças às boas intervenções de Taffarel e a entrada de Silas que ajudou a cadenciar o jogo. No final, o Brasil venceu por 2X1 e os suecos

---

<sup>530</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 10 de junho de 1990, p. D-1.

<sup>531</sup> CLARIN, 10 de junho de 1990, p. 4 (Mundial '90).

ficaram com a sensação de que se tivessem partido para o ataque mais cedo poderiam ter alcançado um resultado bem mais interessante.<sup>532</sup>

A manchete da Folha de São Paulo já alertava o que se deveria esperar do futebol da Seleção Brasileira, um futebol pragmático, burocrático e longe de ser empolgante: “Brasil joga o seu ‘futebol de resultados’ e vence a Suécia”.<sup>533</sup>

Para Horacio Pagani, enviado do Clarín, o resultado foi justo, afinal o Brasil havia criado um maior número de situações de perigo do que seu adversário, apesar da pressão exercida pelos suecos nos minutos finais, o que também deu espaço para os contra-ataques brasileiros. Para ele, os brasileiros venceram sem apresentar o brilho de outros tempos, porém seguro de suas pretensões.<sup>534</sup>

Passada a ansiedade da estreia, esperava-se por uma apresentação mais convincente dos comandados de Lazaroni na rodada seguinte, contra um adversário teoricamente mais frágil, a Costa Rica, que havia surpreendido e vencido a Escócia por 1X0. O treinador adversário, o iugoslavo Borá Milutinovic, armou um esquema defensivo para enfrentar os brasileiros. Ainda assim, a imprensa, inclusive argentina, esperava por uma vitória fácil do Brasil: “Consequentemente, presume-se que sua alegria inicial pode ser esmagada hoje ao enfrentar uma equipe com maiores recursos como o Brasil”.<sup>535</sup> O treinador brasileiro, por sua vez, não alterou o esquema tático de sua equipe, continuou atuando com um líbero.<sup>536</sup>

A partida teve início às 17 horas no Estádio Delle Alpi, Turim, no dia 16 de junho. O Brasil começou atacando o seu adversário e com 28 segundos já dava o seu primeiro chute. Um minuto depois, Dunga lançou Jorginho na ponta direita, o lateral cruzou para Careca e na

---

<sup>532</sup> Os gols da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOSDOBASIL. “Copa 1990: Brasil 2x1 Suécia”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G3SDCXIs2bs>. Acessado em: 10 de janeiro de 2018.

<sup>533</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 11 de junho de 1990, p. D-1.

<sup>534</sup> CLARIN, 11 de junho de 1990, p. 5 (Mundial '90).

<sup>535</sup> Idem, 16 de junho de 1990, p. 9 (Mundial '90).

<sup>536</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Taffarel, Jorginho, Mauro Galvão, Mozer, Ricardo Gomes, Branco, Alemão, Dunga, Valdo (Silas), Careca (Bebeto) e Müller. Escalação da Seleção da Costarriquenha : Conejo, Chavarría, Chávez, Marchena, Montero, R. Flores, Gonzales, Gómez, Cayasso (Alexandre Guimarães), Ramírez e Claudio Jará (Mayers). O árbitro da partida foi o tunisiano Naji Jouini.

tentativa de cortar a bola o zagueiro de Costa Rica cabeceou no travessão, no rebote Careca chutou por cima do gol. O jogo se desenvolveu como um “ataque contra defesa”, apesar disso a Seleção Brasileira, por paradoxal que possa parecer, tocava muito a bola e mostrava pouca objetividade. Aos 24 minutos, voltou a acertar a bola na trave defendida por Conejo, em chute de Valdo da entrada da área que resvalou na zaga. Enfim, aos 33 minutos, Jorginho bateu o lateral dentro da grande área, Mozer disputou com um zagueiro e a bola sobrou para Müller, que chutou meio desajeitado. A bola desviou em Monteiro e entrou.

O panorama da partida se manteve inalterado na etapa final e o Brasil ainda colocou uma terceira bola na trave costarriquenha, aos 13 minutos, Jorginho chegou na linha de fundo e cruzou preciso para Müller. O atacante cabeceou para baixo, a bola tocou no chão, passou pelo goleiro e bateu no travessão. Ao final, a torcida frustrada, vaiou a Seleção Brasileira e gritou o famoso “Burro! Burro! Burro!” para Lazaroni que revidou com palavrões.<sup>537</sup>

A mais eloquente cena de Brasil 1X Costa Rica 0 (Montero contra, aos 33min do primeiro tempo) não aconteceu no campo, mas na porta do estádio Delle Alpi de Turim: sete torcedores brasileiros fizeram questão de posar para uma foto ao lado de Telê Santana, o técnico que perdeu as Copas de 1982 e 1986, com as mãos pedindo para que ele volte à seleção. A foto diz tudo: os 58.007 espectadores vaiaram estrepitosamente a seleção ao final da partida, chamaram o técnico Sebastião Lazaroni de burro, ouviram um palavrão de volta e, se tivessem participado da entrevista coletiva no final do jogo, ficariam ainda mais frustrados.<sup>538</sup>

Segundo os enviados da Folha de São Paulo:

Um comprimido para dormir não teria melhor efeito. Esse é o primeiro pensamento que ocorre ao torcedor que ontem assistiu mais uma exibição do futebol “conta-gotas” do Brasil. Um motivo perfeito para uma propaganda de colchão. A pragmática (para não dizer sem graça) seleção de Sebastião Lazaroni conseguiu ser mais irritante do que no jogo de estréia contra a Suécia.<sup>539</sup>

<sup>537</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. VIDEOSDASELECAO. “Brasil 1x0 Costa Rica - Copa do mundo 1990 - Fifa World Cup”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tVcWBFA1fDE>. Acessado em: 11 de janeiro de 2018.

<sup>538</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 17 de junho de 1990, p. D-5.

<sup>539</sup> Idem, ibidem, p. D-6.

A crítica feita pelo Clarín, por um lado denota a identidade criada pelo futebol brasileiro ao longo de sua história e que por tanto tempo encantou aos argentinos, por outro a frustração sentida em virtude da Seleção Brasileira ter alterado sua forma de jogar ofensiva, artística e técnica. O título da matéria destacava que o Brasil ganhou, porém se parece menos com o Brasil.

O Brasil sempre foi uma diversão. Um prazer para os olhos. O Brasil sempre teve o futebol que melhor se adéqua ao gosto do nosso paladar. Ao longo dos anos, e além dos nomes que utilizou, gerou uma renovação constante das emoções futebolísticas. Brasil era um selo, uma forma de jogar, uma atitude ofensiva constante, uma busca permanente ao arco oposto. (...) O Brasil sempre se divertiu e conseguiu divertir as pessoas, além de qualquer resultado, no triunfo e na derrota, nos grandes objetivos cumpridos ou não. O Brasil foi este jogo...

Mas as coisas mudaram, também no Brasil. Porque não pôde subtrair a aparição de uma raça de técnicos que se pensam mais importantes do que os jogadores. (...) Primeiro o esquema, primeiro cuidar-se, primeiro proteger-se para não perder. Então, com tanta precaução dando volta, o Brasil acaba ganhando de um a zero para a recém inventada Costa Rica, a do milagre de ganhar da Escócia. Então, o Brasil termina criticado, vaiado, censurado, sem divertir, sem divertir-se, sem gostar, sem convencer.<sup>540</sup>

Com a vitória, o Brasil alcançou antecipadamente sua classificação para a segunda fase do Mundial e isso é o que mais importava para Lazaroni, ao menos em suas respostas aos jornalistas. A Suécia, tida como a outra força da chave, perdeu sua partida para a Escócia por 2X1. Na rodada final, dia 20 de junho, a surpreendente Costa Rica derrotou a Suécia e se classificou na segunda colocação do grupo para a fase de oitavas de final em sua primeira participação em um mundial. O Brasil, por sua vez, enfrentou a Escócia, mais uma vez em Turim, no Estádio Delle Alpi.

Inicialmente, Lazaroni pensou em modificar a equipe, poupar alguns de seus titulares uma vez que ela já estava classificada, contudo, após reunir-se com os atletas, foi demovido de tal ideia e as alterações foram mínimas. Mozer saiu compulsoriamente em virtude de ter recebido o segundo cartão amarelo e a outra modificação foi a entrada de Romário no lugar de Müller.<sup>541</sup>

<sup>540</sup> CLARIN, 17 de junho de 1990, p. 6-7 (Mundial '90).

<sup>541</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Taffarel, Jorginho, Mauro Galvão, Ricardo Rocha, Ricardo Gomes, Branco, Alemão, Dunga, Valdo, Careca e Romário (Müller). Escalação da Seleção Escocesa: Leighton, McKimmie,

Um dos motivos apresentados pelos jogadores para a manutenção da equipe era que, garantindo a primeira colocação do grupo, provavelmente enfrentariam na próxima fase a Argentina, tradicional adversário, e o entrosamento seria importante no futuro confronto, contudo o relacionamento entre os jogadores e entre eles e a comissão técnica também se encontrava abalado.<sup>542</sup>

Os escoceses adotaram uma postura defensiva pois sabiam que um empate os classificaria para a próxima etapa do Mundial. Os jogadores brasileiros prometiam um jogo mais ofensivo, no entanto, mais uma vez, o que se viu foi um futebol “conta-gotas”, incapaz de criar muitas jogadas de perigo. O primeiro tempo foi “digno de sono”,<sup>543</sup> com intermináveis toques laterais, lançamentos a esmo e tabelas mal completadas. O placar: 0X0. João Saldanha, em uma de suas últimas crônicas,<sup>544</sup> assim relatou a etapa inicial da partida:

Uma coisa foi evidente no resultado do primeiro tempo entre Brasil e Escócia: os escoceses verificaram com facilidade que nosso time era muito superior e se plantaram na defesa. Ora, se um time não vai ao ataque e o outro também, não acontece nada. E nada aconteceu.<sup>545</sup>

---

McPherson, McLeish, Malpas, McCall, Aitken, McStay, McLeod (Gary Gillespie), McCoist (Fleck) e Mo Johnston. O árbitro da partida foi o alemão ocidental Helmut Kohl.

<sup>542</sup> O clima entre os atletas e o técnico Sebastião Lazaroni não era bom, após a vitória contra Costa Rica, Romário criticou abertamente as substituições realizadas pelo treinador brasileiro. Müller, sacado da equipe titular para a partida contra a Escócia, afirmou desconhecer os critérios utilizados pelo técnico para efetuar a troca. As poucas trocas realizadas para a última partida também frustraram alguns atletas que esperavam participar do jogo contra a Escócia, como Tita, Aldair e Mazinho. O que chama a atenção não é a frustração ou insatisfação dos jogadores, mas a facilidade com que eram noticiadas pela imprensa demonstrando claramente que o grupo não estava fechado. A Folha de São Paulo tinha como título de uma reportagem no dia do jogo contra a Escócia: “Rivals, Careca e Romário acertam tregua”. Cf. FOLHA DE SÃO PAULO, 20 de junho de 1990, p. D-3.

<sup>543</sup> JORNAL DO BRASIL, 21 de junho de 1990, p. 1 (Esportes).

<sup>544</sup> Em 1990, ano da Copa do Mundo da Itália, João Saldanha estava com a saúde bastante fragilizada, passou inclusive o mês de maio internado, com graves problemas respiratórios, no Hospital São Lucas, Rio de Janeiro. Apesar dos apelos dos médicos, amigos e da sua quinta mulher, insistiu que iria para a Itália assistir e acompanhar mais uma Copa do Mundo. Assim o fez. Porém, sua estadia na Itália foi bastante dolorosa. O próprio esforço da viagem fez com que Saldanha agravasse sua situação respiratória e ele acabou tendo que ficar sob os cuidados do médico Franco Sebastiani, um jovem especialista em doenças respiratórias. Dias depois de iniciar o tratamento com o Dr. Sebastiani, a saúde de Saldanha apresentou melhoras consideráveis e ele voltou a se animar, discutir e até se indignar com a Seleção Brasileira. No dia 3 de julho Saldanha completou 73 anos e além de ter participado da longa transmissão do jogo Argentina versus Itália ainda esteve presente na mesa-redonda que discutiu aquele jogo. Saldanha parecia aparentemente recuperado, inclusive ele e os seus colegas da Manchete festejaram a data com um bolo de aniversário. No dia 4 de julho, acordou extremamente cansado e nem mesmo se levantou da cama e, no dia 5 de julho teve que ser, mais uma e pela última vez, internado na UTI do Hospital Santo Eugenio, em Roma, vindo a falecer na noite de 12 de julho de 1990. Cf. BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. *Do complexo de vira-latas ao homem genial: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues*, João Saldanha e Armando Nogueira. Brasília, Dissertação de Mestrado, UnB, 2006, p. 131-132.

<sup>545</sup> JORNAL DO BRASIL, 21 de junho de 1990, p. 9 (Esportes).

O Brasil melhorou no segundo tempo, com Careca e Romário começando a se entender a equipe ficou mais incisiva, entretanto, Lazaroni, indefectível ao seu esquema tático, substituiu o último por Müller quando se esperava, dada a própria inoperância do ataque escocês, que seleção atuasse com três jogadores de frente.

A estrela do atacante do Torino brilhou. Aos 36 minutos, Alemão chutou de fora da área, Leighton largou e Careca dividiu o rebote com um zagueiro. A bola sobrou para Müller tocar para o gol vazio. Nos minutos finais, em busca do empate e da classificação, a Escócia pressionou a defesa adversária. No último lance, aos 46 minutos, a bola caiu nos pés de Mo Johnston, em um rebote mal feito pela defesa brasileira, ele chutou forte para Taffarel desviar para escanteio e evitar o empate e consequente classificação da Escócia para a fase seguinte do Mundial.<sup>546</sup> A vitória garantiu ao Brasil a primeira colocação do grupo e na próxima fase a equipe enfrentaria a sua histórica rival, a Argentina.

O Clarín continuou, eivado de nostalgia, demonstrando sua insatisfação com o futebol apresentado pela Seleção Brasileira. Contra a Escócia era uma seleção comum, sem brilho, sem a arte que consagrou o futebol brasileiro.

Sempre pensamos, ou concordamos com o que já havíamos escutado, que se os brasileiros jogarem sem camisa, ou com a camisa de qualquer cor, levam em seu jogo um estilo e sobre sua pele um sentimento futebolístico irrepetível. Ontem, duvidamos disso. Imaginamos-os sem a amarela e verde e era o mesmo. Além disso, os vimos com a amarela e verde e não era o mesmo.<sup>547</sup>

Antes mesmo da definição dos confrontos das oitavas de final, diante da simples possibilidade de argentinos e brasileiros se enfrentarem, a guerra de nervos teve início e se intensificou com a confirmação do embate. Romário afirmou: “Agora chegou a hora do show. Talvez essa seja uma boa oportunidade para todo mundo ver que o futebol-arte ainda vive. Eles marcam homem-a-homem. No Maracanã, pela Copa América, foi assim. Vencemos por 2 a 0”.<sup>548</sup>

---

<sup>546</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. VIDEOSDASELECAO. “Brasil 1x0 Escócia - Copa do mundo 1990 - Fifa World Cup”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jp7hyeVkWXs>. Acessado em: 11 de janeiro de 2018.

<sup>547</sup> CLARIN, 21 de junho de 1990, p. 5 (Mundial '90).

<sup>548</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 22 de junho de 1990, p. D-1.

Do lado argentino, Maradona afirmou que “os argentinos devem dar a vida para vencer os brasileiros”<sup>549</sup> e o atleta ainda teria confidenciado para Bilardo que jogaria até engessado.<sup>550</sup>

Em livro de sua autoria, Maradona confirmou que jogaria engessado e que acreditava em milagres, e a vitória de seu selecionado seria um deles, o que também não deveria causar surpresa, afinal muitos favoritos estavam ficando pelo caminho, exemplificou com a União Soviética que deveria ter passado para a segunda fase do Mundial e não conseguiu, o Brasil e a Itália que deveriam ter goleado, respectivamente, a Costa Rica e os Estados Unidos e não o fizeram. Reconheceu ainda que o Brasil estava em um momento melhor que o da Argentina, contudo a vitória não estava, de forma alguma, garantida para os brasileiros. Em relação às críticas que o futebol da Seleção Brasileira recebia afirmou que certamente o seu próximo adversário não deixou de jogar como sabe, apenas que ele agora cuida um pouco mais do sistema defensivo.<sup>551</sup>

Domingo, 24 de junho de 1990, Argentina e Brasil se enfrentaram pela quarta vez em Copas do Mundo. O retrospecto era favorável aos brasileiros, 2 vitórias e 1 empate. “Os argentinos, apesar de confiantes, tinham reservado as passagens de volta para Buenos Aires para a quarta-feira seguinte”.<sup>552</sup> Em virtude das inúmeras contusões, a Argentina precisou modificar a equipe mais uma vez enquanto o Brasil mantinha sua base,<sup>553</sup> lembrando que havia uma declarada insatisfação dos atletas que estavam na reserva. Como curiosidade, Maradona, para entrar em campo, tomou cinco injeções de analgésicos para suportar as dores que sentia.<sup>554</sup> A torcida que compareceu ao Estádio Delle Alpi torceu majoritariamente para os brasileiros.

A Seleção Brasileira começou melhor a partida, não apenas em relação ao seu adversário, como realizava a sua melhor apresentação no campeonato. Com um minuto de jogo criou sua primeira oportunidade, desperdiçada por Careca. Aos 18 minutos, Branco cruzou e

<sup>549</sup> Idem, *ibidem*, p. D-10.

<sup>550</sup> Idem, *ibidem*, p. D-10.

<sup>551</sup> MARADONA, Diego Armando. *Yo soy el Diego de la gente*. Buenos Aires: Booklet, 2005, p. 209.

<sup>552</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. *op. cit.*, p. 427.

<sup>553</sup> Escalação da Seleção Argentina: Goycochea, Simón, Ruggeri, Monzón, Basualdo, Giusti, Burruchaga, Troglio (Calderón), Olarticochea, Caniggia e Maradona. Escalação da Seleção Brasileira: Taffarel, Jorginho, Mauro Galvão (Renato Gaúcho), Ricardo Rocha, Ricardo Gomes, Branco, Alemão (Silas), Dunga, Valdo, Careca e Müller. O árbitro da partida foi o francês Joel Quiniou.

<sup>554</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 25 de junho de 1990, p. D-6.

Dunga cabeceou na trave. Careca, aos 28 minutos entrou na área argentina, passou por dois defensores, mas chutou em cima do goleiro. A partir daí o ritmo da partida caiu, embora o Brasil mantivesse a iniciativa do jogo.

O Brasil retornou para a etapa final pressionando o seu adversário e aos 6 minutos acertou por duas vezes a trave argentina. Careca avançou pela esquerda e cruzou na área, a bola foi em direção ao gol e Goycochea esticou-se para espalmá-la na trave, no rebote Alemão chutou forte, a bola foi novamente encontrar a trave esquerda. A partida tornou-se mais equilibrada até que aos 35 minutos Maradona recebeu a bola no meio de campo e partiu em velocidade pelo lado direito da defesa brasileira, deixou Alemão para trás, escapou do carrinho de Dunga, passou por Ricardo Rocha e quando Mauro Galvão partiu para a marcação juntamente com Ricardo Gomes, Caniggia correu para o espaço deixado pelo primeiro, Maradona, de forma soberba, tocou entre as pernas de Mauro Galvão para Caniggia<sup>555</sup> que driblou Taffarel e tocou para o gol vazio. O lançamento de Maradona foi tão inusitado que os dois defensores brasileiros, Mauro Galvão e Ricardo Gomes, acabaram trombando na jogada.

Depois do gol, o desespero tomou conta dos jogadores e do técnico brasileiro que desmontou seu esquema tático e colocou o terceiro atacante no lugar do tão contestado líbero e ainda substituiu um volante de contenção por um outro de criação. A situação se agravou quando Ricardo Gomes foi expulso ao fazer falta providencial em Basualdo, aos 39 minutos, para evitar o segundo gol argentino. Aos 43 minutos, Müller perdeu, frente a frente com Goycochea, a chance

---

<sup>555</sup> Claudio Paul Caniggia (Henderson-Provincia de Buenos Aires, 9 de janeiro de 1967). Perigoso e veloz, é considerado um dos grandes atacantes da Argentina da década de 90. Por conta da sua velocidade ganhou o apelido de "El Pájaro" e também "Filho do Vento". Começou sua carreira profissional em 1985 no River Plate, conquistando o campeonato argentino de 1986, assim como a Libertadores, a Copa Intercontinental e a Copa Interamericana naquele ano. Em 1988 passou a atuar no futebol italiano, pelo Verona. No ano seguinte foi adquirido pelo Atalanta. Em 1992 e 1993 defendeu a Roma. Em 1994 jogou pelo Benfica de Portugal. No ano seguinte retornou ao futebol argentino para o Boca Juniors. Em 1999 voltou para a Europa, envergou a camisa da Atalanta na temporada 1999-2000 e parte então para o futebol escocês, atua no Dundee entre 2000-2001 e no Glasgow Rangers entre 2001 e 2003, clube pelo qual conquistou vários títulos. Já no final da carreira, jogou no Qatar SC em 2003-2004. Foi convencido, aos 45 anos, de retomar a carreira em 2012 por uma equipe da nona divisão do futebol inglês, o Wembley FC. Atuou em duas partidas e marcou um gol. Como a equipe não avançou na Copa da Inglaterra, o atleta retomou a aposentadoria. Defendeu a Seleção Argentina entre 1987 e 2002. Participou das Copas de 1990, 1994 e 2002, marcou quatro gols. Foi campeão da Copa América em 1991 e da Copa das Confederações em 1992. Enfrentou o Brasil em 5 oportunidades: 2 vitórias, 2 empates e 1 derrota. Marcou 2 gols.

de empatar o jogo ao chutar a bola para fora.<sup>556</sup> Maradona venceu, em seu quinto confronto contra o Brasil, pela primeira e única vez o seu rival. Como estampou o Jornal do Brasil: “E a bola chegou até ele. O Brasil cercou o quanto pôde, mas bastou um minuto para Maradona acabar com tudo”.<sup>557</sup>

Como já era esperado, com a eliminação, Sebastião Lazaroni foi duramente criticado pela imprensa e pelos torcedores. De nada adiantaram as afirmações de Maradona e Caniggia de que o Brasil atuou melhor e de que merecia vencer.<sup>558</sup> O treinador brasileiro afirmou que a culpa não foi do sistema tático, mas o não aproveitamento das chances que o Brasil criou, afirmação contestada por Saldanha.

(...) Diz o livro primeiro do futebol que só atacando se faz gols. Mas, como sempre, temos pouca gente no ataque e o goleiro Goycochea nada sério a fazer. No final, de nosso ataque falta sempre mais gente para poder fazer de um domínio o gol, os gols necessários. A gente domina o jogo, mas e daí? O que fez ou que faz o goleiro adversário? E o Maradona está lá. Numa jogada largou o companheiro na frente do gol. Gol para eles.<sup>559</sup>

Com a derrota os jornalistas brasileiros, na desgastada polêmica futebol-arte X futebol-força, passaram a questionar ainda mais abertamente a eficácia do “futebol pragmático” ou do “futebol de resultados”:

A Era Dunga foi um pesadelo que adiou por mais quatro anos o sonho do tetra. E que vai embora sem deixar saudades. Ao contrário da seleção de 82, que jogava bonito, para frente. Só futebol feio também não ganha Copa. O talento, sim. Ontem, no Delle Alpi, ele estava em campo, com a camisa 10. Mas do outro lado.<sup>560</sup>

A imprensa platina, por sua vez, ficou eufórica e a vitória, sintetizou o El Gráfico, “Rondou as fronteiras do sonho. Mas era verdade. Incrível e maravilhosamente verdadeiro”. O periódico ainda afirmou que a Argentina jogou mal, que foi superada pelo adversário e que esteve

---

<sup>556</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. AZUL, Hernandez. “Brasil vs Argentina en Italia 90”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TWDRkcIEVR0>. Acessado em: 12 de janeiro de 2018.

<sup>557</sup> JORNAL DO BRASIL, 25 de junho de 1990, p. 1 (Esportes).

<sup>558</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 25 de junho de 1990, p. D-3 e D-4.

<sup>559</sup> JORNAL DO BRASIL, 25 de junho de 1990, p. 5 (Esportes).

<sup>560</sup> Idem, ibidem, p. 1.

muito próxima da derrota: “três bolas nas traves parecem ser exemplo suficiente”. E finalizou afirmando que “desta vez a sorte esteve do nosso lado”.<sup>561</sup>

As reportagens presentes no Clarín também são claras quanto ao domínio que o Brasil exerceu na partida e o título da reportagem resume: “A Seleção, ao final, abraçou um milagre”.<sup>562</sup> Seguramente, a crônica de Julio Marini nos é mais interessante, pois volta a tratar da identidade do futebol brasileiro:

Ouvimos muitas vezes o aborrecimento brasileiro por deixar os mundiais sem merecê-lo nos últimos 20 anos. Agora, irão igual, antes do tempo, porém deixando muito menos do que em 82 e em 86. (...) O Brasil apesar de não ser o de sempre, deixou uma imagem de superioridade total e notórios desequilíbrios individuais. Outra vez não alcançou. Voltará a revisar os livros? Se o fizer, que volte aos velhos, os que revelam sua verdadeira identidade.<sup>563</sup>

Juan de Biase deixou claro em suas palavras que ganhar do Brasil é especial: “Agora, se pretende saber se gostamos da Argentina, já conhece antecipadamente a resposta. Futebolisticamente, foi pouco. (...) Mas ficamos felizes com a vitória, é claro. E sobretudo se é contra o Brasil”.<sup>564</sup> Os seus comentários em relação ao futebol brasileiro são semelhantes ao de outros cronistas argentinos, que o Brasil deixou de lado as suas principais características, a ousadia, o toque veloz e preciso, pelos cruzamentos e cabeçadas, ao estilo europeu.<sup>565</sup> E arremata:

É que quando uma equipe mentaliza que o que o oponente realiza é mais importante do que o que ele faz, tratando-se dos brasileiros, é como mudar-lhes a estirpe futebolística. E isso se paga. Por último, para perder, é melhor seguir sempre com o de toda vida.<sup>566</sup>

A Iugoslávia derrotou a Espanha por 2X1 na prorrogação e seria o próximo adversário da Argentina. A equipe sul-americana estava otimista pois havia descansado dois dias a mais que seu oponente, além de não ter jogado o tempo extra. A partida foi disputada no dia 30

<sup>561</sup> EL GRÁFICO, 26 de junho de 1990, p. 9.

<sup>562</sup> CLARÍN, 25 de junho de 1990, p. 2 (Mundial '90).

<sup>563</sup> Idem, ibidem, p. 5 (Mundial '90).

<sup>564</sup> Idem, 26 de junho de 1990, p. 3 (Mundial '90).

<sup>565</sup> Idem, ibidem, p. 2.

<sup>566</sup> Idem, ibidem, p. 3.

de junho, em Florença. Negativamente, a Argentina seguia sua saga de jogadores contundidos.<sup>567</sup> Havia grande expectativa da imprensa brasileira em relação ao jogo, afinal seria o embate entre dois grandes jogadores: Maradona pela Argentina e Stojkovic pela Iugoslávia.

Com Maradona em campo, mas ainda machucado, a Argentina adotou uma postura semelhante a que havia apresentado contra o Brasil, jogar mais defensivamente e contra-atacar. Os iugoslavos, mesmo atuando com um jogador a menos desde os 31 minutos da etapa inicial, criaram várias oportunidades de marcar, contudo não aproveitaram as chances. O tempo normal terminou empatado sem gols. Na prorrogação, sob o intenso calor do verão florentino, as equipes sentiram o cansaço e produziram menos e voltaram a não aproveitar as oportunidades criadas. A decisão da vaga para as semifinais foi decidida nas penalidades máximas e, ironicamente, Maradona e Stojkovic, que realizou boa partida, perderam suas cobranças. Brilhou o goleiro Goycochea, que ao defender duas batidas, começou a ganhar a fama de “pegador de pênalti” e a albiceleste venceu por 3X2.<sup>568</sup> A sua próxima adversária seria a “dona da casa”, a Itália, que passou com dificuldades pela Irlanda.

A sensação da Copa, a Seleção de Camarões, se despediu do Mundial nas quartas de final, em um jogo eletrizante contra a Inglaterra. Em partida repleta de alternativas, os camaroneses começaram pressionando os ingleses, mas acabaram sofrendo um gol aos 25 minutos. Buscando incessantemente o ataque, a seleção africana chegou ao empate aos 16 minutos da etapa complementar, com Kunde, batendo pênalti. Aos 20 minutos, Ekeké virou o jogo para Camarões. Os africanos, ao contrário do que os analistas pediam, continuou atacando e perdendo chances de liquidar a peleja. Foi castigado aos 38 minutos, com um pênalti sofrido e convertido por Lineker. Com 2X2 no placar, veio a prorrogação. As duas equipes criaram múltiplas chances de alterar o marcador, contudo, Lineker, derrubado novamente dentro da área, bateu o pênalti e deu a vitória para a sua equipe.

---

<sup>567</sup> Escalação da Seleção Argentina: Goycochea, Serrizuela, Ruggeri, Simón, Basulado, Burruchaga, Maradona, Giusti, Olarticoechea (Troglío), Calderón (Dezotti) e Caniggia. Escalação da Seleção Iugoslava: Ivkovic, Vulic, Hadzibegic, Sabanadzovic, Josic, Brnovic, Susic (Savicevic), Stojkovic, Prosinecki e Vujovic. O árbitro da partida foi o suíço Kurt Röthlisberger.

<sup>568</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. SUVAD75. “Yugoslavia-Argentina 1990”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dGgtnyMAUpc>. Acessado em: 12 de janeiro de 2018.

Quatro campeões do mundo jogariam as semifinais da Copa de 1990. Alemanha Ocidental X Inglaterra se enfrentaram em Turim, no Estádio Delle Alpi, no dia 4 de julho. A partida foi muito disputada, equilibrada e com chances para os dois lados. Ela terminou empatada em 1X1, gols de Brehme para os alemães e Lineker para os ingleses. O placar também não se alterou na prorrogação, apesar das múltiplas chances. Nos pênaltis, a Alemanha venceu por 4X3 e chegou a sua terceira final de Copa consecutiva.

No dia anterior, 3 de julho, em Nápoles, Itália e Argentina se enfrentaram.<sup>569</sup> Maradona, atleta do Napoli, que conquistara o título nacional, semanas antes, sabia que sua equipe contaria com a simpatia de parte da torcida local e conhecedor das rivalidades entre o norte e o sul da Itália “chegou a pedir ao povo de Nápoles para torcer não pela *Azzurra*, mas pela Argentina”.<sup>570</sup> Na verdade, desde o início da Copa, torcedores e ativistas políticos napolitanos já pediam para que a população local não torcesse para a Seleção Italiana. A Folha de São Paulo havia noticiado logo após a vitória da Argentina sobre os soviéticos, em partida disputada em Nápoles, ainda na segunda rodada da primeira fase.

O Sul, onde fica Nápoles, é a região pobre e atrasada da Itália. É dela que saem os migrantes que vão fazer o trabalho pesado em cidades como Milão e Turim, no Norte. Por isso, Nápoles odeia Milão. “Os milaneses têm muito dinheiro e pensam que têm tudo”, reclama Alessandro Strifezzi, 26, que foi ontem ao estádio San Paolo torcer para a Argentina e dar o troco aos milaneses, que, na abertura da Copa, vairam até o hino nacional argentino. A raiva napolitana contra o Norte se estende ao futebol. Antonello Scelza escreveu um artigo no número especial do “Ultra Napolissimo”, boletim oficial da torcida, distribuído de graça no San Paolo, pedindo aos torcedores que apoiem a Argentina e o Brasil, mas não a Itália.<sup>571</sup>

A Itália era a favorita, além de ter vencido todas as partidas que havia feito no Mundial (cinco até aquele momento), não tinha levado um único gol. A anfitriã começou pressionando a Argentina, que atuou da forma costumeira, na defesa e contra-atacando. Os italianos foram premiados aos 18 minutos depois de tabela entre De Napoli, Giannini, Vialli e

<sup>569</sup> Escalação da Seleção Italiana: Zenga, Baresi, Bergomi, Ferri, Maldini, Agostini, De Napoli, Giannini (Roberto Baggio), Donadoni, Schillaci e Vialli (Serena). Escalação da Seleção Argentina: Goycochea, Serrizuela, Ruggeri, Simón, Basualdo (Batista), Burruchaga, Maradona, Giusti, Olaticoechea, Calderón (Troglio) e Caniggia. O árbitro da partida foi o francês Michel Vautrot.

<sup>570</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., v. 2, p. 63.

<sup>571</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 14 de junho de 1990, p. D-1.

Schillaci. Giannini ainda deu um “lençol” em Simón dentro da área e tocou de cabeça para Vialli que chutou para a intervenção parcial do goleiro argentino, no rebote Schillaci só teve o trabalho de chutar para o gol vazio. A Itália criou algumas outras oportunidades, mas não ampliou o placar.

Na etapa complementar, a Argentina, precisando empatar a partida, passou a pressionar o seu adversário e conseguiu vazar a até então invicta defesa italiana aos 22 minutos. Maradona recebeu a bola na intermediária italiana e viu Olaticoechea livre na esquerda. O lateral recebeu o passe e levantou para a área, Caniggia cabeceou de costas, pressionado por Bergomi e Baresi. Zenga saiu mal do gol e a Argentina alcançava o empate. O placar se manteve até o apito final do tempo normal.

Na prorrogação, os jogadores, mesmo exaustos, atuaram com raça e tentaram ser ofensivos, contudo o placar não se alterou. O árbitro da partida ainda cometeu um engano no primeiro tempo da prorrogação, ele afirmou que se distraiu e esqueceu-se de olhar o relógio e com isso deu oito minutos a mais em relação ao tempo regulamentar. A vaga para a grande final da Copa do Mundo foi decidida nas penalidades máximas e nestas, Goycochea brilhou novamente ao defender duas cobranças (Donadoni e Serena): Argentina 4X3.<sup>572</sup> A final da Copa de 1986 seria reeditada.

Segundo a Folha de São Paulo, a sensação vivida pelos italianos era a mesma que os brasileiros tinham passado em 1950.

A Itália vive a mesma frustração que os brasileiros sentiram na Copa de 1950. Após a derrota, nos pênaltis (4 a 3), diante da Argentina, ontem em Nápoles, um silêncio sepulcral se apoderou das cidades italianas, principalmente em Roma, capital do país e local onde a “Azzurra” venceu todos os seus jogos nessa Copa.<sup>573</sup>

---

<sup>572</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. BACCARAT, Flávio. “Itália 1x1 Argentina Copa Itália 1990. Rede Globo”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=0bwRnNERv\\_0](https://www.youtube.com/watch?v=0bwRnNERv_0). Acessado em: 14 de janeiro de 2018.

<sup>573</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 4 de julho de 1990, p. D-10.

Os periódicos brasileiros ressaltaram a euforia na Argentina e a justiça do resultado. A albiceleste realizou uma boa apresentação e mereceu o resultado, enquanto os italianos fizeram a sua pior partida no Mundial.

A Itália fez, tecnicamente, sua pior exibição no Mundial. E a Argentina, sobretudo estrategicamente – mas também com técnica –, exibiu bem mais do que vinha apresentando em sua campanha dramática, desde a estréia, contra Camarões. Teve méritos para entristecer todo um país, com a despedida do time da casa.<sup>574</sup>

Armando Nogueira, em sua coluna para o Jornal do Brasil, afirmou que a derrota italiana foi surpreendente, afinal era a seleção que apresentava o melhor futebol coletivo e uma implacável marcação individual, enquanto o seu adversário é uma equipe desarrumada.

A Argentina está na final da Copa. E agora? Os anjos do futebol vão ter que explicar direitinho ao mundo inteiro, como é que uma equipe desarrumada, jogando um futebol sem sal, alcança, da noite pro dia, a nobre posição de finalista do Mundial. E o mais estarecedor, é que a Argentina se classifica, destronando a seleção, até aqui, mais perfeita coletivamente e com marcantes atuações individuais.

(...)

Deu-se o primeiro grande milagre da Copa. Aos italianos, que mereciam tudo, menos a desconcertante eliminação, só resta, agora, tocar um tango argentino.<sup>575</sup>

Na disputa pelo terceiro lugar, em Bari, no dia 7 de julho, normalmente um jogo pouco atrativo e com equipes desmotivadas, a Itália venceu a Inglaterra por 2X1 em uma boa partida de futebol, Roberto Baggio e Schillaci marcaram para os donos da casa e Platt descontou para os ingleses.

A final da XIV Copa do Mundo já trazia algo de inédito, pela primeira vez, desde 1930, duas seleções repetiriam uma decisão, exatamente a que tinha ocorrido quatro anos antes. Desta vez, a Alemanha era a favorita, não só pelo futebol que havia apresentado ao longo da competição, mas também pelas ausências de quatro titulares da Seleção Argentina: Giusti fora

---

<sup>574</sup> JORNAL DO BRASIL, 4 de julho de 1990, p. 3 (Esportes).

<sup>575</sup> Idem, ibidem, p. 3.

expulso contra a Itália e Batista, Caniggia e Olarticoechea estavam suspensos por cartões amarelos recebidos.<sup>576</sup>

Mais de 70 mil espectadores lotaram o estádio Olímpico de Roma para assistir e torcer majoritariamente pela Alemanha, no dia 8 de julho. Os *tifosi* (torcedores italianos) vaiaram Maradona toda vez que ele tocava na bola. Por sinal, as vaias começaram antes mesmo do início do confronto, elas surgiram durante a execução do hino nacional argentino. O camisa 10 argentino, perfilado, diante das câmaras de televisão, respondeu, por duas vezes com *hijos de puta!*<sup>577</sup>

A partida foi ruim e o árbitro mexicano ajudou a deixá-la mais confusa e polêmica. A Argentina, desfalcada, se posicionou na defesa e praticamente não agrediu o seu adversário, tanto que o lance mais perigoso que criou saiu de um erro alemão, Brehme recuou a bola e quase marcou um gol contra. “(...) o time do ‘kaiser’ Franz Beckenbauer literalmente seqüestrou o elenco de Carlos Salvador Bilardo em sua metade do gramado”.<sup>578</sup> A Alemanha criou sete boas chances de gol na etapa inicial, todas desperdiçadas.

O panorama do jogo também não mudou na etapa complementar. A retranca argentina se intensificou aos 20 minutos com a expulsão de Monzón, após falta dura em Klinsmann. Foi a primeira vez que um jogador foi expulso em uma final de Copa do Mundo. Muito nervosa, a Argentina praticamente não ameaçava o gol alemão. Aos 39 minutos, Voller foi lançado pela direita da área adversária, ao se chocar com Sensini o alemão se jogou no campo.

Então, aos 39min, o juiz perpetrou o crime que maculou a decisão, ao indicar pênalti em um mero entrechoque de Roberto Sensini e Voller. Codesal Mendez foi peitado por três platinos, foi chutado por Pedro Troglio, mas se acovardou.<sup>579</sup>

<sup>576</sup> Escalação da Seleção Alemã: Illgner, Brehme, Kohler, Augenthaler, Buchwald, Berthold (Reuter), Littbarski, Habler, Matthaus, Voller e Klinsmann. Escalação da Seleção Argentina: Goycochea, Lorenzo, Sensini, Serrizuela, Ruggeri (Monzón), Simón, Basualdo, Burruchada (Calderón), Maradona, Troglio e Dezotti. O árbitro da partida foi o mexicano Edgardo Codesal Méndez.

<sup>577</sup> É possível entender as palavras ditas por Maradona no momento das vaias dirigidas ao hino nacional de seu país em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. PO, Rodrigo. “Maradona se estressa após torcida vaiar hino argentino na final da Copa da Itália 1990”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=pm\\_xizqhCLs](https://www.youtube.com/watch?v=pm_xizqhCLs). Acessado em: 14 de janeiro de 2018.

<sup>578</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 9 de julho de 1990, p. D-3.

<sup>579</sup> Idem, ibidem, p. D-3.

O árbitro assinalou o polêmico e contestado pênalti. Brehme cobrou bem a infração e venceu Goycochea, que pulou para o lado certo. Alemanha 1X0. Ainda houve tempo para o árbitro expulsar Dezotti e de Klinsmann desperdiçar a chance de ampliar o placar.<sup>580</sup>

De todo modo, pelo que produziu na busca da vitória (e do tri), e pelo que a Argentina omitiu, a Alemanha – que já conquistou duas vezes o terceiro lugar e três vezes a segunda colocação – sagrou-se, com justiça, a campeã de uma Copa que os apitadores quase estragaram.<sup>581</sup>

**Figura 22: Seleção Alemã campeã em 1990<sup>582</sup>**



Defensor do bom futebol, Armando Nogueira considerou justo o título alemão e foi bastante ácido em relação aos argentinos.

A Alemanha ganhou a Copa. O futebol está salvo porque saiu premiado com o título o time que mais fez pelo espetáculo, jogando, sempre, com grande autoridade técnica e moral. Foi a melhor equipe do Mundial, e merecia ter tido na final uma equipe tão corajosa quanto ela. Não teve. (...) As partidas que disputou a Argentina, neste Mundial, deviam ser apagadas das súmulas. A não ser por algumas invenções de Maradona, raríssimas, a equipe campeã do mundo

<sup>580</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. LUGLI, Alessandro. “ITALIA 90, GERMANIA-ARGENTINA 1-0 FINALE COPPA DEL MONDO BY ALESSANDRO LUGLI 2011”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_WDcUA8ZJq8](https://www.youtube.com/watch?v=_WDcUA8ZJq8). Acessado em: 14 de janeiro de 2018.

<sup>581</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 9 de julho de 1990, p. D-3.

<sup>582</sup> IMORTAIS do Futebol. “Seleções imortais: Alemanha 1990”. Disponível em: <https://www.imortaisdofutebol.com/2013/02/22/selecoes-imortais-alemanha-1990/>. Acessado em: 14 de janeiro de 2018.

fez o possível e o impossível para não jogar nem deixar jogar. Nunca vi mediocridade igual numa seleção de conceito internacional.<sup>583</sup>

Brasil e Argentina fariam mudanças em suas comissões técnicas após o Mundial. O ex-jogador Paulo Roberto Falcão assumiu o comando da Seleção Brasileira menos de dois meses depois da eliminação na Copa da Itália e realizou quatro amistosos no último trimestre de 1990. O objetivo declarado era renovar a equipe. Os resultados mostravam que o caminho seria árduo: derrota na estreia para a Espanha por 3X0, em Gijón e três empates sem gols, dois deles contra o Chile em Santiago e em Belém e México em Los Angeles.

Carlos Bilardo foi convidado por Julio Grondona, presidente da AFA, a permanecer no comando da albiceleste, no entanto, como já havia anunciado logo depois do Mundial, não renovou o contrato. O novo nome escolhido, Alfio “Coco” Basile, foi uma surpresa, pois não figurava na lista dos candidatos calorosamente discutida pela imprensa e pela torcida local. Ao contrário do Brasil, a Argentina não voltou a atuar em 1990 e Basile só estreou em fevereiro de 1991.

O novo treinador comandou os albicelestes em um dos momentos mais brilhantes vividos pela seleção de seu país. Eles conquistaram duas vezes a Copa América, estabeleceram no período um recorde mundial, 31 partidas invictas<sup>584</sup> e apesar de terem enfrentado dificuldades

---

<sup>583</sup> JORNAL DO BRASIL, 9 de julho de 1990, p. 7 (Esportes).

<sup>584</sup> O recorde não perduraria muito tempo e seria superado pela Seleção Brasileira com 36 jogos e pela Seleção Espanhola com 35 jogos de invencibilidade. A primeira entre 16 de dezembro de 1993 e 21 de janeiro de 1996 quando foi derrotado para o México por 2X0 e foi representado pela seleção olímpica, ou seja, com atletas sub-23 e a segunda entre 7 de fevereiro de 2007 e 24 de junho de 2009, quando foi derrotada por 2X0 para os Estados Unidos na semifinal da Copa das Confederações. Nos sites consultados constam 35 partidas invictas para brasileiros e espanhóis, contudo o Brasil permaneceu 36 jogos invicto, na ordem: 1. México (1X0); 2. Argentina (2X0); 3. Islândia (3X0); 4. Canadá (1X1); 5. Honduras (8X2); 6. El Salvador (4X0); 7. Rússia (2X0); 8. Camarões (3X0); 9. Suécia (1X1); 10. Estados Unidos (1X0); 11. Holanda (3X2); 12. Suécia (1X0); 13. Itália (0X0); 14. Iugoslávia (2X0); 15. Eslováquia (5X0); 16. Honduras (1X1); 17. Israel (2X1); 18. Suécia (1X0); 19. Japão (3X0); 20. Inglaterra (3X1); 21. Polônia (2X1); 22. Equador (1X0); 23. Peru (2X0); 24. Colômbia (3X0); 25. Argentina (2X2); 26. Estados Unidos (1X0); 27. Uruguai (1X1); 28. Japão (5X1); 29. Coreia do Sul (1X0); 30. Romênia (2X2); 31. Uruguai (2X0); 32. Argentina (1X0); 33. Colômbia (3X1); 34. Canadá (4X1); 35. Honduras (5X0); 36. Estados Unidos (1X0). Derrota para o México por 2X0. Em relação à invencibilidade brasileira há uma discussão referente às partidas contra Canadá, Honduras, Estados Unidos até a derrota para o México. O Brasil não atuou com sua seleção principal, mas com a equipe Sub-23. Estes jogos, por exemplo, não são computados nas estatísticas oficiais das partidas realizadas pela Seleção Brasileira e sintetizados na obra de Napoleão e Assaf, levando isto em consideração, a invencibilidade brasileira seria ampliada de 36 jogos para 45 jogos. Levando isto em consideração, o Brasil só seria derrotado em 30 de maio de 1997 para a Noruega por 4X2, em amistoso em Oslo.

para se classificarem para o Mundial dos Estados Unidos, chegaram como uma das grandes favoritas da competição. Aparentemente, o domínio argentino seria mantido, a realidade mudou rapidamente...

## **CAPÍTULO 6 – SEGUNTO TEMPO: A ERA DOS Rs: O BRASIL EM 3 FINAIS**

### **6.1. A AMÉRICA É DA ARGENTINA**

O grande desafio de argentinos e brasileiros em 1991 era a disputa, em julho, da Copa América. Como foi ressaltado no final do capítulo anterior, o Brasil iniciou sua preparação em setembro de 1990 com Falcão no comando técnico. Com a missão de renovar o selecionado nacional e com o posicionamento da CBF de que não queria, ao menos naquele momento, “estrangeiros” na equipe, os resultados foram ruins. Em 1990 perdeu para a Espanha, empatou duas vezes com o Chile e posteriormente com o México. Em fevereiro de 1991 empatou com o Paraguai, por 1X1. Em março enfrentou, amistosamente, a Argentina e para o confronto foram convocados cinco atletas que atuavam na Itália, contudo seus clubes não os liberaram para atuar. Falcão buscava, em sua sexta partida, a sua primeira vitória e a manutenção no cargo que já se encontrava ameaçado.

A alvianil só retornou aos campos em fevereiro de 1991, para dar início à série invicta de 31 partidas. No dia 19 de fevereiro, em Rosário, derrotou a Hungria por 2X0. O terceiro desafio de Basile, com uma equipe que também não contava com “estrangeiros” foi contra o Brasil, antes, no dia 13 de março, havia empatado sem gols contra o México, em Buenos Aires. Houve, por parte dos argentinos, grande expectativa quanto a participação de Maradona no jogo. Após a decepção com a perda do Mundial, o atleta afirmou que não envergaria novamente a camisa da seleção em sinal de desaprovação aos dirigentes esportivos, no entanto, Basile deixou claro que contava com o craque e o convocou para atuar contra o Brasil. Com a esperança de ver novamente Diego Maradona, a partida ganhou um novo atrativo. O jogador, segundo os dirigentes argentinos, tentou sua liberação junto ao Napoli, que, da mesma forma que negou a ida de Careca para a Seleção Brasileira, o fez igualmente em relação ao astro do futebol platino. Na noite de 27 de março, quarta-feira, no estádio do Vélez Sarsfield, duas renovadas equipes entraram em campo.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Escalação da Seleção Argentina: Goycochea, Cravioetto (Unali), Gamboa, Ruggeri, Altamiro, Franco, Ludueña (giunta), Latorre, Bisconti (Sergio Vázquez), Claudio Garcia e Ferreyra (Boldrini). Escalação da Seleção Brasileira: Sérgio, Gil Baiano (Paulão), Ricardo Rocha, Wilson Gottardo, Leonardo, Mauro Silva, Cafu (Luís Henrique) (Dener), Donizete, Mazinho Oliveira, Renato Gaúcho e Bebeto (Careca). O árbitro da partida foi o argentino Juan Bava.

Os donos da casa começaram marcando duro e de forma violenta obrigando inclusive o técnico brasileiro a realizar a primeira substituição aos 4 minutos de jogo. Um minuto antes, Altamirano entrou de forma muito forte sobre Cafu, que saiu de campo com suspeita, posteriormente não confirmada, de fratura da tíbia da perna direita. O Brasil não se intimidou e aos 6 minutos, aproveitando cruzamento de Mazinho,<sup>2</sup> Renato Gaúcho abriu o placar. A partida continuou equilibrada até que aos 33 minutos, em falha da defesa brasileira, Claudio Garcia recebeu a bola na área e ajeitou para o forte voleio, de Ferreyra, no ângulo superior direito, para empatar o jogo.

“Com uma determinação inexistente nos outros amistosos”, a Seleção Brasileira partiu para o ataque e desempatou o jogo apenas dois minutos depois. Luís Henrique, que havia substituído Cafu, tabelou com Bebeto e, na entrada da área, tocou na saída do arqueiro argentino. A alegria brasileira não durou muito, aos 42 minutos os donos da casa voltaram a igualar o marcador. Ricardo Rocha e Gottardo falharam e Franco marcou. O castigo pior ainda estava por vir, aos 46 minutos, quando tudo indicava que o empate seria o placar do primeiro tempo, Bisconti cobrou falta pela esquerda e, na tentativa de cabecear para fora, Renato Gaúcho marcou contra.

O segundo tempo continuou equilibrado, disputado e nervoso. Luís Henrique também foi substituído por contusão. Em seu lugar atuou uma promessa do futebol brasileiro, Dener.<sup>3</sup> A Seleção lutou muito durante toda a etapa complementar e acabou alcançando o empate aos 40 minutos, quando Renato Gaúcho avançou pela direita e passou a bola para Careca Bianchezzi,<sup>4</sup> que acabara de entrar no lugar de Bebeto, ele chutou no canto de Goycochea. Antes de terminar a partida, Renato Gaúcho e Claudio Garcia se desentenderam e

---

<sup>2</sup> Mazinho Oliveira atuava no Bragantino, jogou pela Seleção Brasileira entre 1990 e 1991. Não se trata do atleta Mazinho tetracampeão do Mundo e que defendeu o Brasil em duas Copas do Mundo (1990 e 1994).

<sup>3</sup> Dener Augusto de Sousa (São Paulo, 02 de abril de 1971 – Rio de Janeiro, 19 de abril de 1994). Era uma jovem promessa do futebol brasileiro. Fez sua estreia pela Seleção Brasileira exatamente contra a Argentina e ainda atuou mais uma vez contra a Bulgária, em maio de 1991. Era jogador da Portuguesa de São Paulo. Em 1993 foi emprestado por 3 meses ao Grêmio, quando conquistou seu primeiro e único título profissional, o campeonato gaúcho daquele ano. Em 1994 foi novamente emprestado, agora para o Vasco da Gama, realizou 17 partidas pela equipe carioca antes de sofrer o acidente que tirou sua vida.

<sup>4</sup> O atleta atuava no Palmeiras e tinha o mesmo apelido do famoso atacante do Napoli. Ele atuou pela Seleção Brasileira em 12 jogos entre 1990 e 1991. Ele fez apenas um gol pela Seleção Brasileira, exatamente contra a Argentina. Também era conhecido como Careca Bianchezzi, nome que será dado no corpo do texto.

foram expulsos. O resultado de 3X3 agradou a torcida e os dirigentes argentinos e brasileiros.<sup>5</sup> Para a Folha de São Paulo foi a melhor apresentação do Brasil na “era Falcão”.<sup>6</sup>

O futebol mundial e, particularmente, o futebol argentino seria duramente atingido por um escândalo que explodiu no final de março e início de abril. Exatamente dez dias antes do confronto entre argentinos e brasileiros, no dia 17 de março de 1991, em uma partida em que o Napoli enfrentou e venceu o Bari por 1X0, Maradona foi sorteado para o exame antidoping. Na semana seguinte, 24 de março, o argentino realizaria sua última partida pela equipe italiana, em Gênova, contra a Sampdoria, cinco dias depois o resultado do exame apontava positivo para cocaína. A Federação Italiana de Futebol (Federcalcio) suspendeu o atleta por 15 meses e o Napoli decidiu rescindir o contrato de seu principal ídolo.

Maradona afirmou que o laboratório em que o exame foi realizado estava sob suspeita e que o resultado havia sido manipulado pelo presidente da Federcalcio, Antonio Matarreste, como vingança devido ao fato da Argentina ter impedido a Itália de alcançar a final da Copa do Mundo do ano anterior. Ainda na Itália, o atleta afirmou que não havia consumido drogas, contudo, na noite de 26 de abril, já em Buenos Aires, foi preso em um apartamento da cidade sob o efeito de cocaína.<sup>7</sup>

Basile e Falcão continuaram preparando as suas equipes para a disputa da Copa América em julho, no Chile. A Argentina realizou três partidas em maio, vitória contra os Estados Unidos (1X0) e pela England Challenge Cup contra a União Soviética (1X1) e a Inglaterra (2X2). Em junho enfrentou mais uma vez o Brasil, no estádio Pinheirão, em Curitiba. O Brasil, venceu em abril a Romênia por 1X0 (Falcão alcançava o seu primeiro triunfo) e em maio derrotou a Bulgária por 3X0.

A Argentina entrou em campo no Pinheirão, na noite de 27 de junho, com o reforço de Caniggia, carrasco do Brasil na Copa do Mundo e ainda contou com a estreia de

---

<sup>5</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. GONZALEZ, Isabel. “Argentina 3 Brasil 3 - Amistoso Internacional 1991”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zuWpWmBud3o>. Acessado em: 15 de janeiro de 2018.

<sup>6</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 28 de março de 1991, p. 5 (Esporte).

<sup>7</sup> MARADONA, Diego Armando. *Yo soy el Diego de la gente*. Buenos Aires: Booklet, 2005, p. 109. Nesta mesma obra, em relação à suposta armação de Antonio Matarreste, o jogador afirma que ele se cuidava e fazia exames por conta própria para não ser flagrado nos exames antidoping, e que na partida contra o Bari ele estava “limpo”. Cf. Idem, *ibidem*.

Gabriel Batistuta com a camisa da albiceleste. No Brasil, os grandes destaques eram Taffarel, Branco, Bebeto e o corintiano Neto, que estava em grande fase em seu clube.<sup>8</sup> A partida teve um público de 44.429 pagantes.<sup>9</sup>

Falcão lançou na partida o seu denominado “esquema elástico”, que consistia em dotar o meio campo da seleção com cinco jogadores sempre que a equipe não estivesse com a posse de bola. Obviamente que o congestionamento criado pelo técnico brasileiro, dificultava as ações do seu adversário que ficou o primeiro tempo “sem dar um chute a gol”.<sup>10</sup> Já o Brasil, tendo como principal arma a velocidade, chegou com perigo ao gol adversário por cinco vezes, no entanto, não conseguiu marcar. O primeiro tempo acabou 0X0.

Logo aos 5 minutos da etapa final, Caniggia, depois de um corte mal feito por Mauro Silva, fugiu pela esquerda, passou por Cléber e Ricardo Rocha e marcou para os argentinos. Sete minutos depois, o lateral Enrique, na ânsia de cortar o cruzamento, colocou a mão na bola dentro da área, pênalti assinalado pelo árbitro, que Neto cobrou com precisão para empatar o jogo. Minutos depois, por reclamação, o mesmo Enrique acabou expulso. Com um a menos, a Argentina recuou o time mas o Brasil foi incapaz de superar a defesa adversária.<sup>11</sup>

A 35ª edição da Copa América foi disputada no inverno chileno entre os dias 6 e 21 de julho de 1991. Quatro cidades receberam as partidas: Concepción, Santiago, Valparaíso e Viña del Mar. As dez seleções inscritas foram divididas em dois grupos, cada um com cinco equipes que jogavam entre si. Os dois melhores classificados de cada grupo disputariam o quadrangular final. O Grupo A foi formado por: Argentina, Chile, Paraguai, Peru e Venezuela. O Grupo B contava com: Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador e Uruguai.

---

<sup>8</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Taffarel, Mazinho, Cléber, Ricardo Rocha (Wilson Gottardo), Branco (Cafu), Mauro Silva, Valdir, Neto, Renato Gaúcho (Mazinho Oliveira), Careca Bianchezzi (Bebeto) e João Paulo. Escalação da Seleção Argentina: Goycochea, Craviootto, Vásquez, Ruggeri, Enrique, Franco, Astrada, Simeone, Latorre (Basualdo), Caniggia (Claudio García) e Batistuta. O árbitro da partida foi o brasileiro Wilson Carlos dos Santos.

<sup>9</sup> NAPOLEÃO, Antonio Carlos & ASSAF, Roberto. *Seleção Brasileira: 1914-2006*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006, p. 180.

<sup>10</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 28 de junho de 1991, p. 7 (Esporte).

<sup>11</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. FUTBOLREROCBA. “Brasil 1 vs Argentina 1 Amistoso en Curitiba 1991 Neto, Caniggia FUTBOL RETRO TV”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=vW95vMWfn\\_I](https://www.youtube.com/watch?v=vW95vMWfn_I). Acessado em: 15 de janeiro de 2018.

A Argentina simplesmente não tomou conhecimento dos adversários desta fase e apresentando bom futebol venceu as quatro partidas: 3X0 Venezuela; 1X0 Chile; 4X1 Paraguai e 3X2 Peru. No Grupo B, a situação foi bem diferente, o Brasil jogou mal, foi vaiado nas quatro partidas que realizou em Viña del Mar e só se classificou por ter feito mais gols que a Seleção Uruguaia. A Seleção Brasileira começou vencendo a Bolívia por 2X1, na rodada seguinte empatou com o Uruguai por 1X1, depois perdeu para a Colômbia por 2X0 e jogou toda a sua sorte na competição na rodada final quando venceu o Equador por 3X1, com um gol salvador de Luís Henrique no minuto final da partida. O Brasil, a Colômbia e o Uruguai terminaram a fase com 5 pontos. A Colômbia, com melhor saldo de gols, garantiu a primeira colocação. O Brasil e o Uruguai ficaram empatados no saldo de gols, 1 gol positivo, mas o Brasil havia marcado 6 gols a favor e o Uruguai 4, dessa forma o Brasil ficou com a segunda colocação do grupo.

No dia 17 de julho foi disputada a primeira rodada do quadrangular final da Copa América. O regulamento da competição definiu que nesta rodada o primeiro colocado de cada grupo enfrentaria o segundo colocado do grupo oposto ao seu. Dessa forma, a partida de abertura desta fase, disputada em Santiago, às 18h30, foi Argentina X Brasil. Na partida de fundo enfrentaram-se os chilenos e colombianos (o confronto terminou empatado em 1X1).

As expectativas das duas equipes eram bem distintas, enquanto a Argentina estava confiante, inclusive em relação à conquista do título, em virtude da ótima campanha realizada na fase anterior e “que tem encantado a todos com seu futebol de toques rápidos e contra-ataques fulminantes”.<sup>12</sup> O Brasil, por sua vez, assumiu publicamente a posição de “zebra” para aquele encontro.

A Seleção Brasileira assumiu um discurso derrotista para enfrentar a Argentina hoje, na abertura da fase final da Copa América. Os jogadores e o técnico Falcão apontam o adversário desta noite, às 18h30 (19h30 em Brasília), como o favorito não apenas para vencer a partida como também para conquistar o título.<sup>13</sup>

De qualquer forma, Falcão ressaltou que a tradição do futebol brasileiro, talvez até maior que a do futebol argentino, segundo o treinador, deveria equilibrar o confronto: “No

---

<sup>12</sup> JORNAL DO BRASIL, 17 de julho de 1991, p. 16.

<sup>13</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 17 de julho de 1991, p. 8 (Esporte).

momento, vamos valorizar a tradição. Temos tradição igual ou maior que os argentinos e isso pesa numa decisão”.<sup>14</sup>

Argentinos e brasileiros fizeram uma partida nervosa, disputada, emocionante e também marcada pela violência, foram cinco expulsões (Márcio, Mazinho e Careca Bianchezzi pelo Brasil e dos argentinos Enrique e Caniggia), além de muita discussão entre os atletas ao fim do confronto.<sup>15</sup> A Argentina começou arrasadora, “como Mike Tyson: para nocautear logo no primeiro assalto”. Aos 52 segundos, o meia Franco desviou de cabeça um escanteio cobrado da direita por Rodriguez para abrir o placar. Os brasileiros não se abateram e apenas 4 minutos depois empataram a partida, em cobrança de falta por Branco, indefensável, da intermediária. A partir daí ao jogo ganhou em rispidez, os lances violentos começaram a se suceder, pois o objetivo era terminar, de qualquer forma, com o lance adversário ainda no meio de campo.

Aos 30 minutos, as duas primeiras expulsões, Mazinho cometeu falta dura em Caniggia que revidou com uma cotovelada, os dois foram para os seus vestiários mais cedo. O primeiro tempo terminou com a vantagem argentina por 2X1. Aos 39 minutos, após novo cruzamento de Rodriguez, agora em jogada realizada pela esquerda, Franco, em outra cabeçada, vazou a defesa adversária.

A Argentina começou o segundo tempo da mesma forma que havia iniciado a partida, arrasadora. Aos 40 segundos Batistuta aproveitou-se da fragilidade da zaga brasileira nas bolas alçadas na área para marcar o terceiro gol de sua equipe, também de cabeça. A Seleção Brasileira que realizava sua melhor apresentação no torneio não desistiu e tentou reagir. Aos 7 minutos, Renato tocou para Branco que cruzou na área, Luís Henrique e o defensor argentino dividiram no alto e a bola sobrou para João Paulo que chutou de primeira, para descontar. As equipes ainda criaram algumas jogadas de perigo, mas o que prevaleceu foi a forte marcação, as jogadas duras e a catimba.

---

<sup>14</sup> Idem, *ibidem*, p. 8.

<sup>15</sup> Escalação da Seleção Argentina: Goycochea, Basualdo, Vázquez, Ruggeri, Enrique, Simeone, Astrada, Franco, Leonardo Rodríguez (Giunta), Caniggia e Batistuta. Escalação da Seleção Brasileira: Taffarel, Mazinho, Ricardo Rocha, Márcio Santos, Branco, Márcio, Mauro Silva, Neto, Luís Henrique, Sílvio (Renato Gaúcho) e João Paulo (Careca Bianchezzi). O árbitro da partida foi o paraguaio Carlos Maciel.

Aos 15 minutos, Márcio deu um carrinho em Enrique, que revidou com um pisão na perna do volante brasileiro. Os dois foram expulsos. Aos 35 minutos, Careca Bianchezzi, que dois minutos antes havia entrado no lugar de João Paulo, deu uma cotovelada em Ruggeri e foi expulso, sem sequer tocar na bola. No final do jogo, um rápido entrevero entre os atletas e a vitória argentina por 3X2.<sup>16</sup>

A tensão se prolongou na saída das delegações do estádio e por pouco não houve novas brigas entre os jogadores. A partida ganhou o epíteto de “Batalha do Atlântico”:

A “batalha do Atlântico” prosseguiu fora do campo e do estádio Nacional. Por pouco não houve novas brigas entre os jogadores na saída dos vestiários. Já dentro dos respectivos ônibus, os argentinos fizeram gestos provocativos, mostrando com os dedos o placar do jogo. O zagueiro Ruggeri, que levou uma cotovelada no rosto do atacante Careca, quis descer do ônibus para agredir o jogador brasileiro.<sup>17</sup>

A competição prosseguiu dois dias depois, 19 de julho, com a segunda rodada. Nela o Brasil venceu a Colômbia por 2X0 enquanto a Argentina empatou sem gols com o Chile em 0X0. Com os resultados, a Argentina dependia apenas dela para conquistar o título, para isso deveria vencer a Colômbia na rodada final. O Brasil e o Chile, que se enfrentavam, também tinham chances, mas contavam com um tropeço da Argentina.<sup>18</sup>

A rodada começou com a vitória brasileira por 2X0 sobre os chilenos, o resultado obrigava os argentinos vencerem os colombianos caso quisessem conquistar o título. A Seleção Argentina abriu 2X0 no placar e até aos 24 minutos da etapa complementar parecia que não teria dificuldade de quebrar o seu jejum de 32 anos sem títulos da Copa América. A Colômbia descontou com De Avila e ainda criou uma boa oportunidade de empatar a partida, mas Goycochea defendeu. Com a vitória, os platinos conquistaram o título e o Brasil ficou com o vice-campeonato e manteve a escrita de nunca ter vencido uma Copa América disputada no exterior.

---

<sup>16</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. BACCARAT, Flávio. “Copa América 1991 Brasil 2x3 Argentina Globo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xp1kFi9jhpw>. Acessado em: 16 de janeiro de 2018.

<sup>17</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 19 de julho de 1991, p. 9 (Esporte).

<sup>18</sup> A situação chilena era mais complicada, precisava vencer o Brasil e a Colômbia derrotar a Argentina. O Brasil, caso vencesse o Chile, poderia se sagrar campeão se a Argentina empatasse com a Colômbia, pois empataria com os argentinos no número de pontos, mas ficaria na primeira posição pelo saldo de gols.

A 35ª Copa América coroou a melhor campanha nos seus 15 dias de competição e 26 jogos. Em sete partidas, a Argentina do técnico Alfio Basile ganhou seis e empatou apenas uma. Marcou 16 gols (uma média de 2,3 gols por jogo) e consagrou o artilheiro Gabriel Batistuta, com seis tentos. A defesa sofreu apenas cinco gols.

(...)

A Argentina mostrou sua força. Sem Maradona, ratificou sua hegemonia no futebol sul-americano ao vencer a Colômbia por 2 a 1, no Estádio Nacional e garantiu o título da Copa América. Foi seu 13º título da competição e quebrou um jejum de 32 anos.<sup>19</sup>

O Jornal do Brasil destacou a festa dos atletas argentinos, especialmente do jovem Simeoni, que conquistava o seu primeiro título profissional e do já experiente Ruggeri<sup>20</sup> que obteve o troféu que lhe faltava em uma carreira coroada de êxitos. A alvianil, sob o comando de Basile chegava a sua 14ª partida invicta e não retornaria mais aos gramados em 1991.

A Seleção Brasileira continuava vivenciando momentos conturbados. Ao final da Copa América não havia nenhuma garantia de que Falcão seguiria no comando da equipe, apesar do treinador contar com o apoio aberto dos atletas que participaram da competição: “Jogadores pedem por Falcão: todos defendem a permanência do treinador”.<sup>21</sup> No entanto, no dia 20 de agosto, por não aceitar a exigência da CBF de submeter suas listas de convocação à entidade com 72 horas de antecedência, preferiu se desvincular do cargo. Como a Seleção tinha um amistoso marcado contra o País de Gales, em Cardiff, para o dia 11 de setembro, a CBF nomeou Ernesto Paulo para dirigir a equipe.<sup>22</sup> No dia 25 de setembro foi anunciado o técnico que se esperava completasse o ciclo até o Mundial de 1994: Carlos Alberto Parreira.

---

<sup>19</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 22 de julho de 1991, p. 1 (Esporte).

<sup>20</sup> Oscar Alfredo Ruggeri (Rosário, 26 de janeiro de 1962). Um dos maiores zagueiros do futebol argentino e um dos poucos jogadores que teve sucesso nos três grandes clubes de Buenos Aires: Boca Juniors, River Plate e San Lorenzo. Iniciou sua carreira, atuando ao lado de Maradona, no Boca Juniors em 1981. Foi campeão da Liga neste ano. Em 1985 foi atuar no grande rival dos xeneizes, o River Plate. Atuou pelo *Los Millonarios* até se transferir para o futebol espanhol em 1988. Pelo River conquistou a Liga Argentina da temporada 1985/1986, a Copa Libertadores da América, a Taça Intercontinental e a Copa Interamericana todas em 1986. Em 1988 atuou pelo Logroñes e em 1989 foi defender o gigante Real Madrid, pelo qual foi campeão da Liga Espanhola de 1990. Retornou para a Argentina para jogar pelo Vélez Sarsfield. Em 1992 teve uma rápida passagem pelo futebol italiano, no Ancona e ainda no mesmo ano foi atuar no futebol mexicano, no América do México, equipe pela qual conquistou a Copa de Campeões da Concacaf de 1992. Retornou em 1994 ao futebol espanhol para defender o Real Jaén e no mesmo ano transferiu-se para o San Lorenzo da Argentina, equipe pela qual conquistou o Torneio Clausura de 1995 e defendeu até 1997, quando encerrou a carreira pelo Lanús. Atuou pela Seleção Argentina entre 1985 e 1994 e representou seu país em três Copas do Mundo (1986, 1990 e 1994). Foi campeão do mundo em 1986 e vice campeão em 1990. Conquistou ainda a Copa América duas vezes (1991 e 1993), além da Copa das Confederações em 1992. Enfrentou o Brasil em 9 oportunidades: 2 vitórias, 5 empates e 2 derrotas.

<sup>21</sup> JORNAL DO BRASIL, 22 de julho de 1991, p. 6 (Esportes).

<sup>22</sup> País de Gales 1X0 Brasil.

Segundo o Jornal do Brasil, o provável diretor técnico seria Mário Lobo Zagallo.<sup>23</sup> O novo treinador teve dois desafios ainda em 1991, o primeiro no dia 30 de outubro contra a Iugoslávia e venceu por 3X1 em Maringá e o segundo, em Goiânia, no dia 18 de dezembro, contra a Tchecoslováquia, vitória por 2X1.

O ano de 1992 foi movimentado, tanto para a Argentina, quanto para o Brasil. A albiceleste retornou aos gramados para vencer a Copa Kirin, disputada no Japão. A equipe sul-americana derrotou os donos da casa e posteriormente o País de Gales, ambos os jogos por 1X0, nos dias 30 de maio e 3 de junho, respectivamente. Realizou um amistoso em 18 de junho, em Buenos Aires, contra a Austrália e venceu por 2X0. Em 23 de setembro, pela Copa Lipton, jogou em Montevideu contra o Uruguai e empatou sem gols o que garantiu a 18ª conquista do torneio pelos argentinos.<sup>24</sup> Em outubro, na Arábia Saudita, venceu, no dia 16, a Costa do Marfim por 4X0 e quatro dias depois os donos da casa por 3X1 e com isso os argentinos conquistaram a Copa Rei Fahd, que foi posteriormente reconhecida pela FIFA como a Copa das Confederações.<sup>25</sup> Em novembro, realizou amistoso, em Buenos Aires, contra a Polônia e venceu por 2X0. A Argentina somava agora 21 partidas sem perder, a última derrota havia sido na final da Copa de 1990.

O Brasil atuou oficialmente em 10 oportunidades em 1992. Além disso, jogou contra o Milan e venceu por 1X0, no dia 19 de maio. Nas partidas contra selecionados nacionais, venceu em fevereiro os Estados Unidos por 3X0; em abril a Finlândia por 3X1, ambas disputadas no Brasil. No dia 30 de abril enfrentou e foi derrotado pelo Uruguai no estádio Centenário de Montevideu por 1X0. No dia 17 de maio empatou em 1X1, em Wembley, com a Inglaterra. No final de julho e início de agosto conquistou o Torneio da Amizade ao vencer o México por 5X0 e os Estados Unidos por 1X0, os dois jogos disputados em Los Angeles. No dia 26 de agosto foi a Paris e venceu a Seleção Francesa por 2X0.

---

<sup>23</sup> JORNAL DO BRASIL, 26 de setembro de 1991, p. 14.

<sup>24</sup> A Copa Lipton foi disputada em 29 oportunidades entre 1905 e 1992. A Argentina conquistou a taça 18 vezes (1906, 1907, 1908, 1909, 1913, 1915, 1916, 1917, 1918, 1928, 1937, 1942, 1945, 1957, 1962, 1968, 1976 e 1992) e o Uruguai 11 vezes (1905, 1910, 1911, 1912, 1919, 1922, 1923, 1924, 1927, 1929 e 1973). Cf. PIERREND, José Luis. “Copa Lipton”. Disponível em: <http://www.rsssf.com/tables/lipton.html>. Acessado em: 16 de janeiro de 2018.

<sup>25</sup> Para aprofundar há o texto produzido por Emmanuel do Valle e disponibilizado pela internet denominado “A história da Copa Rei Fahd, o torneio que abriu caminho à Copa das Confederações”. Cf. VALLE, Emmanuel. “A história da Copa Rei Fahd, o torneio que abriu caminho à Copa das Confederações”. Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/a-historia-da-copa-rei-fahd-o-torneio-que-abriu-caminho-a-copa-das-confederacoes/>. Acessado em: 11 de novembro de 2017.

Realizou mais três partidas até o final daquele ano, todas realizadas no Brasil, em 23 de setembro, vitória contra a Costa Rica por 4X2, em 26 de novembro uma nova derrota para o Uruguai agora por 2X1 e finalmente, em 16 de dezembro, venceu a Alemanha por 3X1.

No campo político, o ano de 92 também foi bastante agitado no Brasil. O presidente eleito no final de 1989 e que havia assumido o cargo em março de 1990 lançou um duro plano econômico para combater a inflação – o Plano Collor – que, dentre as suas medidas, bloqueava os depósitos bancários, incluindo a poupança, por 18 meses.<sup>26</sup> A “postura imperial assumida pelo governo”,<sup>27</sup> o fracasso do plano econômico, aliado a denúncias de corrupção<sup>28</sup> e a mobilização popular contra o seu governo levaram o Congresso Nacional a dar início a um processo de *impeachment* contra o presidente. Collor, que já se encontrava afastado do cargo desde setembro, em uma tentativa de evitar a condenação a oito anos de inelegibilidade renunciou ao mandato. A manobra não teve sucesso e o Senado Federal aprovou o *impeachment* por 76 votos a 3 e Collor teve seus direitos políticos suspensos. O vice-presidente, Itamar Franco, que governava o país desde setembro, agora assumia definitivamente os rumos do executivo até a posse do novo presidente em 1995.

O ano de 1993 seria bastante agitado para os dois países no espaço futebolístico. Teriam pela frente a Copa América e as eliminatórias para o Mundial de 1994 nos Estados Unidos. A AFA, comemorando o seu centenário, resolveu convidar o Brasil para um amistoso comemorativo. Argentina X Brasil abriam o calendário de jogos das duas seleções. A partida ainda teria um sabor especial: o retorno de Maradona à Seleção. O craque argentino, após cumprir os 15 meses de suspensão, foi atuar pelo Sevilla, sob o comando do seu velho

---

<sup>26</sup> Foi bloqueado, nos bancos, parte do dinheiro das contas-correntes, das aplicações financeiras e das cadernetas de poupanças. Essa quantia seria devolvida depois de dezoito meses, assim mesmo em doze prestações, o que significava que iria ocorrer uma redução real do valor do dinheiro. No momento em que o Plano Collor foi anunciado, cada brasileiro poderia sacar apenas 50 mil cruzeiros – o equivalente a 1250 dólares – na antiga moeda que acabava de ser ressuscitada. Além disso, os salários estavam congelados, as tarifas de serviços públicos seriam aumentadas e o Banco Central decretou feriado bancário de três dias. Os jornalistas calcularam que o país tinha, em conta corrente, aplicações e poupança, cerca de 120 bilhões de dólares e perceberam que o governo estava confiscando 95 bilhões de dólares, ou seja, 80% de todo o dinheiro que circulava nos bancos. Cf. SCHWARCZ, Lilia M. & STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 493.

<sup>27</sup> Termo cunhado por Lilia Schwarcz e Heloísa Starling, no qual o governo Collor ao mesmo tempo que espetacularizou a presidência, também desdenhou da luta política e do Congresso, desconsiderou a precariedade de sua equipe e agia como se nada pudesse atingi-lo. Cf. Idem, *ibidem*, p. 494.

<sup>28</sup> Para aprofundar no tema da corrupção no governo Collor. Cf. CONTI, Mario Sergio. *Notícias do Planalto: a imprensa e o poder nos anos Collor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. SUASSUNA, Luciano & PINTO, Luís Costa. *Os fantasmas da Casa da Dinda*. São Paulo: Contexto, 1992. FIGUEIREDO, Lucas. *Morcegos negros*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

conhecido Carlos Bilardo. Convocado, Basile lhe entregou a camisa 10 e Ruggeri a faixa de capitão.

Argentina e Brasil, com Maradona em campo, se enfrentaram na noite de quinta-feira de carnaval, 18 de fevereiro, no estádio Monumental de Núñez para um público de 78 mil pagantes<sup>29</sup> para a disputa da *Copa Centenário de la Asociación del Fútbol Argentino*.<sup>30</sup> A expectativa de Basile em relação ao jogo era imensa. O Brasil, pela primeira vez, contaria com os atletas que atuavam na Europa, por isso, na véspera da partida o técnico platino demonstrou bastante respeito pelo futebol do seu adversário.

O técnico da seleção argentina Alfio Basile afirmou ontem em Buenos Aires que o Brasil é o “máximo” no futebol mundial. Para ele, os triunfos conquistados pela seleção brasileira em 92 demonstram o surgimento de uma nova geração de jogadores que formam uma equipe temível. “O jogo contra o Brasil será a prova mais exigente para a Argentina”, disse o técnico.<sup>31</sup>

O Brasil começou bem o confronto, atacando o seu tradicional adversário. Antes dos dez minutos iniciais, Bebeto e Careca criaram duas oportunidades para abrir o placar. No entanto, melhor entrosada, a Argentina não só equilibrou como passou a ter o domínio da partida. Aos 16 minutos, Luís Henrique e Mauro Silva foram seguidamente desarmados por Mancuso que avançou e chutou da intermediária, rasteiro; Taffarel falhou, a bola passou por baixo de seu corpo e entrou. O gol abateu os brasileiros e animou os argentinos que criaram várias oportunidades de ampliar, na melhor delas, Maradona, de falta, carimbou o travessão do rival. O primeiro tempo terminou com a vantagem mínima para os donos da casa.

O Brasil voltou mais calmo na etapa final. Ajustou a marcação e equilibrou o jogo. A Argentina também deu sinais de desgaste físico. Utilizando os lados do campo, a

---

<sup>29</sup> JORNAL DO BRASIL, 19 de fevereiro de 1993, p. 19. Os dados oferecidos pelo Jornal do Brasil são superiores aos valores presentes na obra compilada por Antonio Carlos Napoleão e Roberto Assaf e referendada pela CBF, nela o público pagante foi estimado em 68 mil espectadores. Cf. NAPOLEÃO, Antonio Carlos & ASSAF, Roberto. op. cit., p. 183. Em relação aos valores em dólares, Newton César de Oliveira Santos afirmou que a renda foi de U\$ 2 milhões, provavelmente utilizou como fonte a Folha de São Paulo do dia 17 de fevereiro que afirmou que as vendas dos ingressos já tinham superado a cifra acima citada, contudo o mesmo periódico publicou, na ficha da partida, no dia 19 de fevereiro, o montante em U\$ 1.127.160. Cf. SANTOS, Newton César de Oliveira. *Brasil X Argentina: histórias do maior clássico do futebol mundial (1908-2008)*. São Paulo: Scortecci, 2009, p. 441. FOLHA DE SÃO PAULO, 19 de fevereiro de 1993, p. 9 (Esporte).

<sup>30</sup> Escalação da Seleção Argentina: Islas, Basualdo, Vásquez, Ruggeri, Altamirano, Simeone, Franco (Zapata), Mancuso, Maradona, Caniggia (Acosta) e Batistuta. Escalação da Seleção Brasileira: Taffarel, Cafu, Célio Silva, Ricardo Gomes, Branco, Mauro Silva, Luís Henrique (Dunga), Raí, Valdo, Bebeto e Careca (Müller). O árbitro da partida foi o uruguaio Ernesto Filippi.

<sup>31</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 17 de fevereiro de 1990, p. 8 (Esporte).

Seleção Brasileira chegou ao empate. Bebeto, aos 16 minutos, lançou Cafu pela direita, o lateral foi até a linha de fundo e cruzou, Luís Henrique se antecipou ao goleiro Islas e marcou de cabeça. A partida também contou com lances ríspidos. Aos 30 minutos, Valdo e Ruggeri, após trocarem agressões, foram expulsos pelo árbitro uruguaio. A sexta e última partida de Maradona contra a Seleção Brasileira terminou empatada em 1X1.<sup>32</sup>

A Argentina fez apenas mais uma partida antes do início da Copa América, foi na semana seguinte ao jogo contra o Brasil. Enfrentou a Dinamarca no dia 24 de fevereiro em Mar del Plata pela disputa da Copa Artemio Franchi.<sup>33</sup> A partida terminou empatada no tempo normal em 1X1. O placar não se alterou na prorrogação e a Argentina garantiu a conquista ao bater o seu adversário por 5X4 nas penalidades máximas, inclusive Maradona foi o responsável pela primeira cobrança de sua equipe a qual converteu em gol.

O Brasil realizou quatro partidas antes de estreiar no torneio continental. Em março, em Ribeirão Preto, empatou por 2X2 com a Polônia. Em junho foi aos Estados Unidos disputar a U.S. Cup. Venceu os donos da casa por 2X0, empataram com a Alemanha por 3X3 e com a Inglaterra por 1X1. Com os resultados obtidos, a Seleção Brasileira terminou na segunda colocação. A Alemanha foi a campeã.

A 36ª edição da Copa América foi disputada no Equador entre os dias 15 de junho e 14 de julho de 1993. De forma inédita, a Conmebol decidiu convidar duas seleções da Concacaf (Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe) para disputar a competição. As equipes convidadas foram: Estados Unidos e México. Dessa forma, o torneio contou com as dez seleções filiadas à Conmebol e as duas da Concacaf. Na primeira fase, as 12 seleções foram divididas em 3 grupos com 4 equipes, que jogavam entre si e as duas melhores classificadas de cada grupo e os dois melhores terceiros colocados avançavam para as quartas de final. As equipes foram assim divididas: Grupo A – Equador, Estados Unidos,

---

<sup>32</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOSDOBASIL. “Amistoso 1993: Brasil 1x1 Argentina”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=0t0L\\_WEpJak](https://www.youtube.com/watch?v=0t0L_WEpJak). Acessado em: 17 de janeiro de 2018.

<sup>33</sup> A Copa Artemio Franchi pode ser considerada uma precursora da Copa Rei Fahd que, por sua vez, antecede a Copa das Confederações como foi ressaltado na nota 25 deste capítulo. A Copa Intercontinental de Seleções recebeu o nome de Troféu Artemio Franchi em homenagem ao Presidente da UEFA entre 1972 e 1983, morto em um acidente automobilístico. O torneio consistia na disputa de uma partida entre as seleções campeãs da Europa (Eurocopa) e América (Copa América). Só foi disputada em duas oportunidades, em 1985 e 1993. Em 1985 a França se sagrou campeã ao vencer o Uruguai por 2X0 em partida disputada em Paris, no Parc des Princes.

Uruguai e Venezuela. Grupo B – Brasil, Chile, Paraguai e Peru. Grupo C – Argentina, Bolívia, Colômbia e México.

A Argentina chegou à competição desfalcada de dois importantes atletas, Maradona, que além de contundido, havia brigado com Bilardo, treinador do Sevilla. O clube que já estava insatisfeito com a conduta do astro argentino, especialmente fora dos gramados, o desligou da equipe em junho de 1993 e o atleta retornou ao futebol argentino para atuar pelo Newell's Old Boys.<sup>34</sup> O outro desfalque era Caniggia, mais um jogador flagrado, durante partida do campeonato italiano, em exame antidoping, por consumo de cocaína. Ele recebeu 13 meses de suspensão.<sup>35</sup> O Brasil foi ainda mais desfalcado para o Equador, com exceção de Taffarel, o país não contou com os jogadores que atuavam no exterior.

Dessa forma, as duas seleções encontraram dificuldades nos seus respectivos grupos. O Brasil, começou sua campanha no dia 18 de junho, com um empate sem gols contra o Peru. No dia 21 de junho perdeu para o Chile por 3X2 e passou a ocupar a incômoda última posição ao final da rodada. Para a partida do dia 24 de junho, só um resultado o manteria Brasil na competição, a vitória sobre o Paraguai, que naquele momento liderava a chave. A Seleção Brasileira jogou bem, venceu com tranquilidade o seu adversário por 3X0 e se classificou na segunda posição. O Peru, com quatro pontos, ficou com a primeira posição e o Paraguai foi um dos dois melhores terceiros colocados.

A Argentina debutou na competição no dia 17 de junho e ganhou da Bolívia por 1X0. No dia 20 de junho empatou em 1X1 com o México e apenas 3 dias depois voltou a empatar, pelo mesmo placar, contra a Colômbia. Os colombianos, pelo número de gols feitos, terminaram na primeira posição da chave, os argentinos na segunda posição. O México, com dois pontos, classificou-se como um dos dois melhores terceiros colocados.

---

<sup>34</sup> Para aprofundar a passagem de Maradona pelo Sevilla, Cf. PORTES, Felipe. “O ano intenso de Maradona como jogador do Sevilla”. Disponível em: <http://www.todofutebol.com/2016/03/16/o-ano-intenso-de-maradona-como-jogador-do-sevilla/>. Acessado em: 20 de agosto de 2017.

<sup>35</sup> O atleta consumiu cocaína antes do jogo entre Roma e Napoli disputado no dia 21 de março de 1993. A reportagem do El País destaca inclusive que não era a primeira vez que o jogador argentino estava envolvido com drogas. Em 1988, atuando pelo Verona, foi investigada a sua relação com uma rede de narcotráfico. Cf. EL PAÍS. “El contraanálisis confirma que Caniggia se drogo”. Disponível em: [https://elpais.com/diario/1993/04/07/deportes/734133608\\_850215.html](https://elpais.com/diario/1993/04/07/deportes/734133608_850215.html). Acessado em: 15 de agosto de 2017.

Pelo Grupo A, a Seleção Equatoriana, anfitriã do torneio, foi a única a vencer todas as partidas daquela fase e terminou em primeiro lugar em sua chave.<sup>36</sup> A segunda posição foi ocupada pelo Uruguai, com 3 pontos, vitória sobre os Estados Unidos (1X0) e um empate contra a Venezuela (2X2).

A tabela da competição, para as quartas de final, previa o encontro entre os segundos colocados dos Grupos B e C, dessa forma, no dia 27 de junho de 1993, na cidade de Guayaquil, Argentina e Brasil realizaram o seu septuagésimo sexto encontro.<sup>37</sup> A partida teve início às 11 horas da manhã sob forte calor. Era a vez dos argentinos defenderem, contra o Brasil, a invencibilidade que já alcançava 5 partidas ou 3 anos, 11 meses e 14 dias, a última derrota para o rival foi na Copa América de 1989.

O Brasil fez ótimo primeiro tempo e pressionou bastante o adversário que recuou e pouco ameaçou o gol defendido por Zetti. A Seleção Brasileira mostrava bastante entrosamento, fruto de uma base formada por jogadores que atuavam no São Paulo (Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Válber, Palhinha e Müller). A rápida movimentação dos brasileiros incomodava e confundia seus oponentes. Aos 30 minutos, Cafu avançou pela direita e, dentro da área, caído, chutou na trave. O esforço e a boa apresentação do Brasil foi recompensada sete minutos depois, o defensor Antônio Carlos avançou e passou pelo meio de campo, tocou para Müller na entrada da área, que imediatamente chutou forte, sem chances para o goleiro argentino. O Brasil ainda criou e desperdiçou novas oportunidades antes do final da primeira etapa. O placar terminou com a vantagem de 1X0.

Basile, no intervalo, alterou a equipe, tirou José Basualdo e Batistuta e colocou respectivamente Leonardo Rodríguez e Acosta. Taticamente adiantou a marcação no meio de campo. Além disso, contou com o intenso desgaste físico brasileiro sofrido na primeira etapa, quando a partida teve início a temperatura era de 31°C. A Argentina equilibrou o jogo e começou a levar perigo à Seleção Brasileira. Aos 24 minutos, no único escanteio que tiveram a seu favor em todo o jogo, Gorosito cruzou da direita e Leonardo Rodríguez cabeceou sozinho no ângulo esquerdo de Zetti, era o empate argentino. A albiceleste pressionou, queria

---

<sup>36</sup> Equador 6X1 Venezuela; Equador 2X0 Estados Unidos e Equador 2X1 Uruguai.

<sup>37</sup> Escalação da Seleção Argentina: Goycochea, Fabián Basualdo, Borelli, Ruggeri, Altamirano, Zapata, José Basualdo (Leonardo Rodríguez), Simeone, Gorosito, Medina Bello e Batistuta (Acosta). Escalação da Seleção Brasileira: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Válber, Roberto Carlos, Luisinho, Boiadeiro, Palhinha (Marquinhos), Zinho, Edmundo (Almir) e Müller. O árbitro da partida foi o peruano Alberto Tejada.

a virada e, logo após o gol, Acosta foi derrubado dentro da área, infração que o árbitro preferiu ignorar. O esforço em busca do empate sob o forte calor de Guayaquil também cobrou seu preço dos argentinos que, assim como os brasileiros, também diminuíram o ritmo e o placar de 1X1 se manteve até o apito final.

Em caso de empate no tempo normal, o regulamento da competição definiu que a vaga seria definida diretamente nas cobranças de penalidades máximas, ou seja, sem prorrogação. Na primeira série de cobranças, cinco pênaltis alternados para cada lado, os dez cobradores converteram. A partir daí, alternavam-se uma batida para cada equipe. O escolhido pelo Brasil foi Marco Antônio Boiadeiro. Sua cobrança fraca e a meia altura facilitou o trabalho de Goycochea, exímio defensor de pênaltis, que defendeu a batida. Era a vez dos argentinos cobrarem e o zagueiro Borelli não desperdiçou a oportunidade, marcou o gol e classificou o seu país para a próxima fase da Copa América.<sup>38</sup>

No dia 1º de julho, pelas semifinais, os argentinos voltaram a enfrentar os colombianos, que desclassificaram nos pênaltis o Uruguai. Após um primeiro tempo sonolento, com poucas chances de gol, as duas equipes criaram várias oportunidades de marcar na etapa final, no entanto os dois times pararam nas defesas de Goycochea e Cordoba. O classificado para disputar a final da Copa América foi decidido nas penalidades máximas e, mais uma vez, “foi a hora e a vez do defensor de penais Sergio Goycochea”.<sup>39</sup> Nova vitória por 6X5. Os argentinos enfrentariam outra equipe que havia participado de seu grupo na primeira fase da competição, o México, que nas quartas de final passou pelo Peru por 4X2 e pelo Equador por 2X0 nas semifinais.

Argentina e México se enfrentaram em Guayaquil no dia 4 de julho de 1993. Forte defensivamente, a Argentina não permitiu que os mexicanos criassem muitas jogadas de perigo. O primeiro tempo terminou sem gols. Basile não alterou radicalmente a proposta de jogo de sua equipe na etapa final, continuou apostando nos contra-ataques, contudo avançou a marcação no meio de campo. A tática surtiu efeito aos 18 minutos, Batistuta, exatamente em um contra-ataque, foi lançado pela direita na corrida, se livrou de um marcador e chutou no

---

<sup>38</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. BACCARAT, Flávio. “Copa América 1993 Brasil 1(5) x 1(6) Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wOvi7eY5MuA>. Acessado em: 17 de janeiro de 2018.

<sup>39</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 2 de julho de 1993, p. A-3 (Esporte).

canto esquerdo. O México não se abateu, com o seu futebol de dribles e toques rápidos empatou o jogo aos 23 minutos em cobrança de pênalti cometido por Goycochea sobre Vaguinho, Galindo marcou.

Aos 27 minutos, Simeone cobrou rapidamente o lateral na ponta direita, Batistuta dominou na área, driblou o marcador para o meio e chutou forte, indefensável, no canto esquerdo, para recolocar os argentinos na frente no placar. “Depois a equipe se segurou na marcação”<sup>40</sup> e comemorou o seu 14º título sul-americano.<sup>41</sup> Com a conquista, tornava-se o maior vencedor continental, superando os uruguaios com treze títulos e abria uma vantagem de dez para o Brasil que até aquele momento só havia vencido o torneio quatro vezes.

A Argentina, em 1993, também instituiu uma novidade constitucional antes do Brasil: reformas que permitiram a reeleição do presidente da República. Menem, graças a estabilidade econômica e a imagem de autoridade que inspirava o seu governo buscava reformar a constituição para lhe permitir a reeleição. Seguindo o exemplo de governadores de províncias que reformularam as suas constituições para incluir cláusulas que a permitissem.

Em novembro de 1993, Alfonsín, líder da oposição, percebendo que não seria possível deter o avanço dos partidários do então presidente e que a reforma constitucional seria de qualquer forma aprovada pelo Congresso, firmou com Menem o denominado *Pacto de Olivos*. Uma série de acordos foi costurado, dentre elas o princípio das eleições diretas para a presidência, sem a intermediação dos Colégios Eleitorais, e autorizou a reeleição.<sup>42</sup> Menem, em 1995, foi o primeiro presidente argentino reeleito seguidamente pelo voto popular.<sup>43</sup>

---

<sup>40</sup> Idem, 5 de julho de 1993, p. 4 (Esporte).

<sup>41</sup> Este foi o último título de grande relevância internacional que a Seleção Argentina conquistou até agosto de 2018. Em relação à Copa América, depois de 1993 ela disputou 4 outras finais (2004 e 2007 – contra o Brasil e 2015 e 2016 contra o Chile) e perdeu todas elas. Em 2011 sediou a competição, mas foi eliminada pelo Uruguai na fase de quartas de final. Disputou 2 finais de Copa das Confederações e foi derrotada (1995 para a Dinamarca e 2005 para o Brasil) e finalmente perdeu a final da Copa do Mundo de 2014 para a Alemanha.

<sup>42</sup> SÁENZ QUESADA, María. *La Argentina: historia del país y de su gente*. Buenos Aires: Sudamericana, 2012, p. 708-709.

<sup>43</sup> Em 1995, Menem venceu José Octávio Bordón obtendo 51% votos dos eleitores argentinos. De acordo com a reforma constitucional de 1994, o mandato presidencial da Argentina é de quatro anos com direito a uma reeleição consecutiva para mais quatro anos. O indivíduo que cumpriu dois mandatos presidenciais está apto a candidatar-se após transcorrido o período de um mandato desde a data em que deixou o cargo. Pela Constituição de 1853, o mandato presidencial equivalia a seis anos sem possibilidade de reeleição. Em 1949, o termo foi alterado para reeleições ilimitadas, mas não chegou a ser cumprido devido ao regime militar, que restabeleceu as

Itamar Franco assumiu a presidência com o país em situação extremamente delicada. O PIB em queda, o desemprego e a inflação elevada. Depois de trocar o ministro da Fazenda por três vezes, o presidente convidou Fernando Henrique Cardoso para assumir a pasta com a incumbência de preparar um novo plano econômico que levou ao Plano Real. O seu sucesso, especialmente em conter a espiral inflacionária, deu projeção ao então ministro da Fazenda que lançou sua candidatura à presidência da República e ele venceu as eleições, ainda no primeiro turno, com 54,24% dos votos, em outubro de 1994.<sup>44</sup> Ao final do seu primeiro mandato, FHC passou a pressionar o Congresso para reformar a Constituição no sentido de permitir a reeleição. Em um processo bastante desgastante, inclusive com várias denúncias de compra de votos de parlamentares, a emenda constitucional foi aprovada em julho de 1997 e FHC tornou-se o primeiro presidente reeleito seguidamente no Brasil em outubro de 1998.

Retornando ao ano de 1993, após a Copa América, o Brasil e a Argentina passaram a enfrentar o grande desafio do ano, as eliminatórias para a Copa do Mundo de 1994. Com o Chile impedido de disputar as eliminatórias em virtude dos incidentes ocorridos na partida contra o Brasil em 1989, as nove demais seleções filiadas a Conmebol foram divididas em dois grupos. No Grupo A ficaram alinhadas 4 equipes, sendo que a primeira colocada classificava-se diretamente para o Mundial e a segunda disputaria um play-off com o vencedor entre o confronto entre o Canadá e a Austrália.<sup>45</sup> O Grupo B foi formado por 5 equipes e as duas primeiras garantiam presença na Copa do Mundo. As seleções foram assim alinhadas: Grupo A – Argentina, Colômbia, Paraguai e Peru. Grupo B – Bolívia, Brasil, Equador, Uruguai e Venezuela.

A Argentina, recém campeã da Copa América, estreou 28 dias depois da conquista do título. Ela estava invicta desde a final da Copa de 1990, era a favorita de seu grupo, mesmo após um desentendimento entre Basile e Maradona, que acarretou no afastamento do craque argentino das eliminatórias. O primeiro desafio foi contra o Peru, em

---

bases constitucionais de 1853. Em 1966, o mandato presidencial foi declarado definitivamente de quatro anos de duração.

<sup>44</sup> Para o Plano Real. Cf. LEITÃO, Miriam. *Saga brasileira: a longa luta de um povo por sua moeda*. Rio de Janeiro: Record, 2011. FILGUEIRAS, Luiz. *História do Plano Real*. São Paulo: Boitempo, 2000.

<sup>45</sup> A Austrália se classificou para disputar a vaga com a seleção norte-americana. Na primeira partida, disputada no dia 31 de julho de 1993, em Edmonton, o Canadá venceu por 2X1. Em Sidney, na partida de volta, em 15 de agosto de 1993, a Austrália devolveu o placar de 2X1. Desta forma, a classificação foi definida nas cobranças de penalidades máximas e a Austrália venceu por 4X1.

Lima, no dia 1º de agosto e mantendo a base que venceu a Copa América os argentinos derrotaram os donos da casa por 1X0 e passaram a liderar o grupo pois Colômbia e Paraguai empataram sem gols em Barranquila.

Na semana seguinte, 8 de agosto, os argentinos visitaram Assunção e venceram com autoridade os paraguaios, em um jogo violento, por 3X1, ampliando a sua série invicta para 31 partidas. O Peru, que havia recebido a Seleção Colombiana, praticamente se despedia da Copa do Mundo ao ser derrotado por 1X0.

No dia 15 de agosto, enquanto o Paraguai derrotava os peruanos por 2X1, a sorte argentina começava a mudar em Barranquila. A Colômbia venceu a alvianil por 2X1, protagonizando a “principal surpresa da rodada”<sup>46</sup> e assumiu a liderança do Grupo A. Além disso, interrompeu a longa invencibilidade dos argentinos. De qualquer forma, a classificação argentina ainda era muito provável, afinal todas as três partidas restantes seriam disputadas em casa e a Colômbia, por sua vez, só teria um jogo em seus domínios.

A disputa entre as duas seleções ficou ainda mais acirrada na rodada seguinte, disputada no dia 22 de agosto. Em Assunção, Paraguai e Colômbia empataram em 1X1 e no Monumental de Núñez a Argentina venceu o Peru por 2X1 e voltou a assumir a primeira posição do grupo no saldo de gols. O primeiro imprevisto ocorreu na semana seguinte, 29 de agosto. A Colômbia, atuando em casa, derrotou com facilidade o Peru, por 4X0. Sendo assim, a Argentina, para ter o direito de jogar pelo empate na última partida do grupo, exatamente contra os colombianos, precisava vencer os paraguaios por, pelos menos, 3 gols de diferença.

Maradona, das arquibancadas, assistiu a dona da casa atacar sem sucesso a impenetrável defesa paraguaia durante 90 minutos. O placar não se alterou e o 0X0 mantinha o Paraguai no páreo<sup>47</sup> e permitia que a Colômbia, na semana seguinte, jogasse em Buenos Aires, por um empate contra a Argentina.

O grupo foi definido no dia 5 de setembro de 1993. A Colômbia estava em uma situação relativamente tranquila, afinal mesmo que perdesse a partida ficaria na segunda

---

<sup>46</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 16 de agosto de 1993, p. 6 (Esporte).

<sup>47</sup> O Paraguai poderia alcançar a segunda posição do grupo e disputar o play-off, para isso precisaria, na última rodada, vencer o Peru em Lima e torcer para que a Colômbia derrotasse a Argentina em Buenos Aires.

posição do grupo com oito pontos e disputaria com a Austrália uma vaga na repescagem. A realidade argentina era um pouco mais complexa, afinal uma derrota acompanhada de uma vitória paraguaia em Lima deixaria a alvianil fora da Copa do Mundo, uma catástrofe similar a ocorrida apenas nas eliminatórias da Copa de 1970.

O Monumental de Núñez estava lotado para apoiar e, posteriormente, se tudo ocorresse como era esperado, comemorar a classificação de sua seleção para o Mundial, contudo o dia 5 de setembro tornou-se “um dos mais tristes da história do futebol argentino”.<sup>48</sup> A anfitriã jamais havia perdido uma partida em casa em eliminatórias e ela ocorreu de forma vexatória. A Colômbia, comandada por Valderrama, Rincón e Asprilla, não apenas venceu como goleou seu adversário por 5X0; com dois Rincón (2), Asprilla (2) e Valencia (1).

O primeiro gol dos colombianos, aos 41 minutos da etapa inicial, desarticulou inteiramente a equipe argentina que não se encontrou em campo na etapa complementar quando partiu para o ataque de forma desordenada e nervosa. Os colombianos aproveitaram-se logo aos 5 minutos para ampliar o placar. Basile, sem opções, substituiu jogadores do meio campo por atacantes. Batistuta teve duas chances de marcar, mas o goleiro colombiano realizou boas intervenções. Com mais espaço para jogar e mostrando ótimo toque de bola, a Colômbia acabou com qualquer pretensão dos anfitriões aos 28 e aos 30 minutos, quando fez mais dois gols. Com a torcida local revoltada, gritando “olé, olé”, Valencia ainda marcou mais um e fechou o placar. A situação só não foi mais catastrófica porque o Paraguai, em Lima, empatou por 2X2 com o Peru e não eliminou automaticamente a Argentina do Mundial. O caminho agora era disputar com a Austrália a repescagem nos meses de outubro e novembro.

No final de setembro, após o vexame, Basile e Maradona se reaproximaram e o atleta foi integrado a equipe que jogaria contra os australianos e que já se encontrava concentrada no CT de Ezeiza. A primeira partida ocorreu em Sidney, em 31 de outubro. O confronto foi extremamente difícil, com os australianos marcando forte e imprimindo muita velocidade no jogo. “Exibisse mais habilidade, um pouco de talento além da sua mera

---

<sup>48</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 449.

disposição, a Austrália obteria uma vitória de antologia”.<sup>49</sup> Maradona, felizmente para os argentinos, foi fundamental para o empate de sua equipe, foi dele o “passe milimétrico para o gol da Argentina”.<sup>50</sup> O placar final de 1X1 permitiria que a Argentina alcançasse sua classificação para o Mundial com uma vitória simples em Buenos Aires, o que, para a Folha de São Paulo, certamente aconteceria. “Em Buenos Aires, no próximo dia 15 de novembro, a Argentina seguramente abocanhará a sua vaga. Precisa vencer o jogo por um placar mínimo de um gol”.<sup>51</sup> O Jornal do Brasil esperava uma partida também equilibrada em Buenos Aires.

O empate de 1X1 entre Austrália e Argentina no Sidney Football Stadium comprovou a tese do equilíbrio generalizado entre as potências e os países do terceiro mundo futebolístico. Os argentinos esperavam uma torcida fria, um adversário respeitoso. Encontraram um estádio lotado e barulhento e um time australiano agressivo e prático.<sup>52</sup>

A decisão da vaga ocorreu no dia 17 de novembro de 1993 no estádio Monumental de Núñez, lotado, em completo êxtase.<sup>53</sup> Mesmo exercendo amplo domínio da partida, a Seleção Argentina teve grande dificuldade para superar o seu adversário. O gol da vitória só surgiu na etapa complementar. Batistuta tentou cruzar para a área, a bola bateu em um zagueiro adversário, tomou efeito, fez um arco, encobriu o goleiro, tocou na trave e caiu nas redes adversárias. A Argentina carimbou o seu passaporte rumo aos Estados Unidos para a Copa de 1994.

O caminho da Seleção Brasileira nas eliminatórias foi um pouco menos dramático, mas bastante tumultuado e com inúmeras críticas. Em números, a campanha pode ser considerada boa, a equipe terminou na primeira colocação de seu grupo totalizando 12 pontos, com cinco vitórias, dois empates e apenas uma derrota. A “frieza” dos números não mostra, no entanto, o futebol apresentado, as vitórias apertadas, as vaias da torcida, o drama do último confronto e as críticas dos jornalistas. Parreira era acusado de ser retranqueiro e “teimoso”.

---

<sup>49</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 1º de novembro de 1993, p. 7 (Esporte).

<sup>50</sup> Idem, ibidem, p. 7.

<sup>51</sup> Idem, ibidem, p. 7. A data da partida publicada no periódico Folha de São Paulo estava equivocada, o jogo ocorreu no dia 17 de novembro.

<sup>52</sup> JORNAL DO BRASIL, 1º de novembro de 1993, p. 8 (Esportes).

<sup>53</sup> A festa da torcida argentina, o gol da partida e as palavras de Maradona após a classificação podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. MISIMAGENESRETRO. “Argentina 1 - Australia 0 (Eliminatorias 1993)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fRvm0mcXJH0>. Acessado em: 18 de janeiro de 2018.

Muitos torcedores e jornalistas esportivos defendiam a saída de Parreira e ele mesmo pensou em pedir demissão. Contava, porém, com o apoio dos jogadores. O time, para demonstrar união, passou a entrar em campo de mãos dadas, gesto que repetiria até a final da Copa.<sup>54</sup>

A primeira grande polêmica foi o corte de Romário dentre os atletas que participariam das eliminatórias. Parreira e Zagallo, avessos a qualquer tipo de quebra de hierarquia, haviam afastado o “Baixinho” por indisciplina. O caso havia ocorrido ainda em dezembro de 1992, quando o Brasil enfrentou a Alemanha em um amistoso em Porto Alegre.<sup>55</sup> Ao ser informado que não seria titular, os escolhidos foram Bebeto e Careca, Romário teve áspera discussão com a comissão técnica, quase abandonou a concentração e demonstrou publicamente sua insatisfação.

Ao saber que não jogaria entre os titulares, Romário baixou a cabeça e ficou quase um minuto olhando para o gramado. Depois, chiou: “Viajei 16 horas até aqui para jogar. Tinha certeza que seria titular. Vou conversar com o Parreira porque não estou satisfeito”.<sup>56</sup>

Romário só voltaria a ser convocado para a última partida do Brasil nas eliminatórias, no dia 19 de setembro de 1993, no Maracanã contra o Uruguai. O atleta afirmou, em 2008, ao anunciar o fim da carreira, que sua convocação para aquele confronto havia sido uma imposição do presidente da CBF, Ricardo Teixeira.<sup>57</sup>

— Só fui convocado porque o Ricardo Teixeira (presidente da CBF) mandou me convocar. Vocês podem acreditar nisso. Senão, talvez, não seria convocado. Por isso fui para aquele jogo. E aquele jogo me levou para a Copa — revelou Romário, que teve uma atuação espetacular na partida e marcou os dois gols da vitória brasileira.<sup>58</sup>

Antes de estreiar nas eliminatórias, o Brasil fez um amistoso contra o Paraguai, no dia 14 de julho, venceu por 2X0, no estádio de São Januário, contudo, o distanciamento entre os torcedores e a equipe pode ser notado pelo público pagante, de apenas 5.120

---

<sup>54</sup> FARIAS, Airton de. *Uma história das Copas do Mundo: futebol e sociedade*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014, v. 2, p. 84-85.

<sup>55</sup> A partida ocorreu no dia 16 de dezembro de 1992 e o Brasil venceu a Alemanha por 3X1, gols de Luís Henrique, Bebeto e Jorginho. O gol alemão foi de Mathias Sammer.

<sup>56</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 16 de dezembro de 1992, p. 6 (Esporte).

<sup>57</sup> RIBAS, Lycio Vellozo. *O mundo das Copas*. São Paulo: Lua de Papel, 2010, p. 335.

<sup>58</sup> GLOBOESPORTE.COM. “Romário: ‘Teixeira mandou me convocar’”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/0,,MUL418390-4274,00.html>. Acessado em: 19 de janeiro de 2018.

espectadores.<sup>59</sup> O caminho rumo a Copa dos Estados Unidos iniciou-se no dia 18 de julho, na cidade de Guayaquil. Apesar de Careca ter acertado por duas vezes a trave equatoriana, a Seleção Brasileira não jogou bem, mostrou um time desentrosado e, na maior parte do tempo, foi dominado pelo seu adversário.

Para um time sem pernas e sem brilhos individuais, o empate contra o Equador, na estréia do Brasil nas eliminatórias, caiu do céu. (...) Mas, no segundo tempo, quando o fôlego acabou, a entrada de Dunga foi simbólica: agarrávamos o empate com as unhas de um naufrago.<sup>60</sup>

Na semana seguinte, dia 25 de julho, o Brasil enfrentaria a líder da chave e a implacável altitude de La Paz. Para além dos efeitos de se jogar a 3.660 metros do nível do mar, a Seleção Boliviana era uma equipe bem montada e que apresentava um bom futebol. O Brasil voltou a jogar mal, contudo segurou o empate até os últimos minutos da partida. Taffarel, de herói, tornou-se vilão. O goleiro que havia defendido uma penalidade máxima, aos 36 minutos, sofreu um “frango” sete minutos depois, permitindo que os bolivianos abrissem o placar. No minuto seguinte, a equipe da casa ampliou o resultado. No final, a derrota por 2X0 foi a primeira que o Brasil sofreu em sua história em eliminatórias e, pior, ficava na quarta colocação em sua chave. Para Alberto Helena Júnior: “Brasil está flertando com a desclassificação”<sup>61</sup> e Parreira, em certa medida, no cargo: “Não gostei do resultado e não estou gostando da Seleção Brasileira”<sup>62</sup> sentenciou Ricardo Teixeira, presidente da CBF, após a partida.

No dia 1º de agosto, em San Cristóbal, o Brasil tinha um jogo fundamental para as suas pretensões de ir ao Mundial, contra a Venezuela. Era o confronto, naquele momento, entre as duas piores equipes do grupo. A mercantilização do futebol ficava clara nas palavras de Ricardo Teixeira, quando alertou que o problema não era apenas o prestígio da Seleção Brasileira, mas os vários negócios que giram em volta da equipe e por isso, o presidente da CBF exigia de Parreira uma equipe mais ofensiva.

Não é apenas o prestígio da seleção, que jamais deixou de disputar uma Copa do Mundo que se encontra sob ameaça, “É uma quantia alta demais,

---

<sup>59</sup> NAPOLEÃO, Antonio Carlos & ASSAF, Roberto. op. cit., p. 184.

<sup>60</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 19 de julho de 1993, p. 2 (Esporte).

<sup>61</sup> Idem, 26 de julho de 1993, p. 2 (Esporte).

<sup>62</sup> JORNAL DO BRASIL, 26 de julho de 1993, p. 1 (Esportes).

envolvendo negócios com diversas empresas”, informa o presidente da CBF, Ricardo Teixeira.

O risco levou o dirigente a se reunir com a comissão técnica na semana passada, para traçar um plano de vitória em San Cristobal. Alterações foram feitas a pedido de Teixeira, que exigiu uma “equipe mais ofensiva”.<sup>63</sup>

A fraca equipe da Venezuela não criou dificuldades para a Seleção Brasileira que venceu a partida por 5X1 e assumiu, momentaneamente, a segunda posição do grupo. A vitória aliviou um pouco a pressão sobre Parreira e também sobre a maior parte da equipe. Careca,<sup>64</sup> por exemplo, insatisfeito com o seu rendimento e com as críticas que sofria, solicitou sua dispensa. Foi sua última partida defendendo o Brasil.

Buscando dar maior entrosamento para a equipe, a Seleção Brasileira realizou amistoso no dia 8 de agosto contra o México, em Maceió, empatou em 1X1. As pressões voltaram a se elevar: “Brasil só empata e ouve ‘Telê’”.<sup>65</sup> Na semana seguinte, 15 de agosto, Uruguai e Brasil fizeram o denominado “duelo dos desesperados”.

A sorte está lançada. Brasil e Uruguai se enfrentam hoje à tarde em Montevideu num embate decisivo. Do resultado dependem os empregos de dois treinadores e a própria classificação dos times à Copa do Mundo de 94. A derrota pode ser fatal; a vitória, até consagrada.<sup>66</sup>

A partida foi extremamente disputada, difícil, dura e, em alguns momentos, violenta. O Brasil fez uma boa apresentação e foi inclusive superior ao seu adversário. Abriu o placar no primeiro tempo com Raí de cabeça, contudo, na etapa final, depois da expulsão de Ricardo Rocha, não suportou a pressão exercida pelo oponente, que empatou com Fonseca.

---

<sup>63</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 1º de agosto de 1993, p. 1 (Esporte).

<sup>64</sup> Antonio de Oliveira Filho – Careca (Araraquara-SP, 5 de outubro de 1960). Atacante brasileiro muito rápido e habilidoso. Tinha ótima impulsão e posicionamento dentro da área. Chutava forte com os dois pés e foi artilheiro pelas equipes que defendeu. Seu apelido é derivado do fato de ter sido fã, quando criança, do palhaço Carequinha. Iniciou sua carreira profissional pelo Guarani de Campinas, equipe pela qual foi campeão brasileiro em 1978. Em 1983 foi contratado pelo São Paulo, que lhe deu mais títulos e projeção. Pela equipe da capital foi campeão paulista em 1985 e 1987 e voltou a conquistar o Campeonato Brasileiro em 1986. Em 1987 foi jogar ao lado de Maradona no Napoli. Pela equipe italiana conquistou, juntamente com o craque argentino, a Copa da UEFA em 1989, a Supercopa Italiana de 1990 e o Campeonato Italiano da temporada 1989-1990. Em 1993 foi atuar no futebol japonês, pelo Kashiwa Reysol. Em 1997 retornou ao futebol brasileiro para defender o seu clube de coração, o Santos, contudo realizou apenas 7 jogos no Campeonato Paulista de 1997. Em 1998 atuou algumas vezes pelo Campinas, equipe fundada por ele e pelo ex-jogador Edmar Bernardes dos Santos. Em 1999 foi atuar no São José de Porto Alegre. Atuou pela Seleção Brasileira em 65 jogos entre 1982 e 1993. Marcou 30 gols. Foi convocado para três Copas do Mundo, contudo atuou em apenas duas (1986 e 1990) pois, em virtude de uma contusão, foi cortado da equipe que já se encontrava concentrada na Espanha para disputar a Copa de 1982. Enfrentou a Argentina em 4 oportunidades: 1 vitória, 1 empate e 2 derrotas. Marcou 1 gol.

<sup>65</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 9 de agosto de 1993, p. 1 (Esporte).

<sup>66</sup> Idem, 15 de agosto de 1993, p. 1 (Esporte).

Com o 1X1, findava o primeiro turno das eliminatórias, a Bolívia liderava com 8 pontos; o Brasil, o Equador e o Uruguai estavam empatados com 4 pontos. De positivo para Parreira e seus comandados, as quatro partidas restantes seriam jogadas em casa.

Em 22 de agosto, o Brasil iniciou o retorno das eliminatórias. Jogou no Morumbi, em São Paulo, contra o Equador e venceu o jogo por 2X0, contudo a torcida não gostou do que a Seleção apresentou em campo. O nome de Telê Santana era entoado pelas arquibancadas assim como xingamentos eram proferidos aos borbotões ao atual comandante da equipe.

Na semana seguinte, 29 de agosto, em Recife, a Seleção Brasileira enfrentou a líder do grupo e virtual classificada para o Mundial, a surpreendente Bolívia que somava 10 pontos. O Brasil com 6 pontos mantinha-se na segunda posição. Enfim, o Brasil fez uma grande apresentação e goleou os bolivianos por 6X0. O Uruguai, ao vencer o Equador, fora de casa por 1X0, afastou o adversário da disputa pela vaga e se manteve vivo nas eliminatórias.

No dia 5 de setembro, enquanto a Argentina era goleada pela Colômbia em Buenos Aires, o Brasil derrotava, em Belo Horizonte, por 4X0, a fraca Venezuela. Os uruguaios venceram os bolivianos por 2X1 e o grupo chegou na última rodada com três equipes com 10 pontos: Bolívia, Brasil e Uruguai. A Bolívia enfrentaria o desclassificado Equador enquanto Brasil e Uruguai fariam a outra partida. Mesmo jogando em Guayaquil, a Bolívia vivia uma situação relativamente cômoda. Para se classificar, sem depender do resultado da partida do Maracanã, bastaria empatar com o Equador. Em caso de derrota, ainda poderia alcançar a vaga para o Mundial, desde que houvesse um vencedor entre brasileiros e uruguaios.

Com a contusão de Müller, a pressão de jornalistas, da torcida e o claro temor de um novo *Maracanazo*, o velho fantasma de 50, Parreira resolveu convocar Romário. Como havia ocorrido na final Copa de 1950, dois resultados favoreciam o Brasil, o empate ou a vitória e os jornais lembravam com certa dose de mau agouro: “Em 50, um empate no Maracanã daria o título aos brasileiros. Os uruguaios venceram de virada por 2 a 1, na maior tragédia da história futebolística nacional”.<sup>67</sup>

---

<sup>67</sup> Idem, 19 de setembro de 1993, p. 1 (Esporte).

Os principais jornais argentinos deram pequena importância para a definição dos classificados no grupo do Brasil. O Clarín ressaltou que Parreira ainda não havia derrotado o Uruguai, apesar disso, a Seleção Brasileira era a favorita para o confronto. O *Maracanazo* também foi destacado na imprensa daquele país. O jornalista Marco Chiaretti, da Folha de São Paulo, construiu e valorizou o discurso de afastamento entre argentinos e brasileiros. Ele afirma: “Para os argentinos, este jogo só tem interesse se o Brasil perder. A mística do ‘Maracanazo’, o dia do vexame de 1950, mantidas as proporções, é quase mais lembrada em Buenos Aires que em Montevidéu”.<sup>68</sup>

O Maracanã recebeu mais de 101 mil pagantes, no dia 19 de setembro, para assistir uma grande partida da Seleção Brasileira e, particularmente, uma atuação de gala de Romário que marcou os dois gols da vitória brasileira sobre os uruguaios. Com isso “aniquilou o que restava do fantasma da derrota por 2 a 1, na final da Copa de 1950”<sup>69</sup> para o Uruguai e classificou o Brasil, em primeiro lugar do grupo, com 12 pontos, para disputar a Copa do Mundo dos Estados Unidos em 1994.

Após obter suas respectivas classificações para o Mundial, tanto o Brasil, quanto a Argentina realizaram sete partidas amistosas, visando preparar suas equipes para a disputa da Copa do Mundo. Em dezembro de 1993, nos Estados Unidos, a Argentina venceu a Alemanha por 2X1. Já o Brasil, no mesmo ano, realizou dois jogos, em novembro contra a Alemanha, em Colônia, derrota por 2X1 e encerrou o ano vencendo, em dezembro, o México por 1X0 em Guadalajara.

As duas seleções debutaram em 1994 se enfrentando em Recife. A partida foi disputada no dia 23 de março no estádio do “Arruda”. Faltava pouco menos de três meses para o início do Mundial. Era a fase final de observações dos dois treinadores que preparavam suas listas de convocados para a Copa do Mundo. Maradona, apesar de ter desembarcado no dia anterior ao confronto, não jogou, ficou no banco de reservas. O atleta estava sendo submetido a um intenso programa de recuperação física, segundo dirigentes da AFA. Pelo lado brasileiro, Romário também estava ausente. Faria sua estreia nesta partida, substituindo

---

<sup>68</sup> Idem, ibidem, p. 6 (Esporte).

<sup>69</sup> Idem, 20 de setembro de 1993, p. 1 (Esporte).

no decorrer da partida Bebeto, uma jovem promessa do futebol brasileiro, Ronaldo Luiz Nazário de Lima, doravante chamado de Ronaldinho ou Ronaldo.<sup>70</sup>

O Brasil começou bem o confronto e abriu o placar logo aos 6 minutos. Ricardo Rocha recebeu a bola no meio de campo e avançou alguns metros antes de lançar Müller que girou diante da zaga adversária e tocou para Bebeto que entrava livre na área, o atacante brasileiro chutou forte, Goycochea espalmou mal a bola que caiu dentro do gol. A Seleção Brasileira continuou pressionando e Müller acertou a trave argentina aos 22 minutos. Mesmo melhor, os donos da casa não ampliaram o placar no tempo inicial.

O ímpeto brasileiro não arrefeceu na etapa final e os argentinos apelavam para o jogo mais brusco e até violento na tentativa de conter o seu adversário. O Brasil desperdiçava chances e a Argentina não ameaçava. Aos 32 minutos, Mazinho tomou a bola na lateral esquerda de Hernán Diaz, que ao invés de tentar retomá-la ficou preocupado em pisar no jogador brasileiro, Müller sem marcação cruzou na área para a cabeçada certa de Bebeto. Vitória por 2X0 e o Brasil quebrava um tabu, desde julho de 1989 não derrotava os argentinos.<sup>71</sup>

Até a Copa, os argentinos jogaram contra o Marrocos em abril, a última partida realizada em casa, vitória por 3X1; em maio realizaram 3 jogos, enfrentaram o Chile, empate em 3X3; perderam para o Equador por 1X0 e ganharam de Israel por 3X0. Finalmente, em junho, praticamente duas semanas antes de estreiar na Copa do Mundo, a equipe empatou sem gols com a Croácia.

O Brasil, em maio, fez sua despedida do país derrotando a Seleção da Islândia por 3X0 em Florianópolis. Já instalado nos Estados Unidos, jogou três vezes, nos dias 5, 8 e 12 de junho e obteve os seguintes resultados: empatou com o Canadá por 1X1; derrotou Honduras por 8X2 e em sua última apresentação venceu El Salvador por 4X0.

---

<sup>70</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Zetti, Cafu, Ricardo Rocha, Ricardo Gomes (Mozer), Branco (Leonardo), Mauro Silva, Dunga (Mazinho), Raí (Rivaldo), Zinho, Bebeto (Ronaldo) e Müller. Escalação da Seleção Argentina: Goycochea, Hernán Diaz, Vázquez, Cáceres, Chamot, Redondo, Cagna (Montserrat), Simenone, Leonardo Rodríguez (Ortega), Claudio García e Batistuta. O árbitro da partida foi o brasileiro Wilson de Souza Mendonça.

<sup>71</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. MEMENTO. “Brasil 2 x 0 Argentina - Amistoso em Recife 1994”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XmEZLyHu7gE>. Acessado em: 19 de janeiro de 2018.

## 6.2. COPA DE 1994: É TETRA E O OCASO DE MARADONA

Os Estados Unidos foram escolhidos para sediar o Mundial de 1994 na eleição ocorrida em Zurique em 4 de julho de 1988, superando as candidaturas do Marrocos e do Brasil. O país precisou realizar poucos investimentos pois já era dotado de excelente infraestrutura na área de transportes, comunicação e hospedagem. Os estádios tiveram que sofrer adaptações, uma vez que eram usados, principalmente, para beisebol e futebol americano.

Um total de 138 países se inscreveram para disputar as 22 vagas disponíveis nas eliminatórias, uma vez que as duas outras eram dos Estados Unidos e da Alemanha, respectivamente país anfitrião e a última campeã. Na Europa, dentre as seleções tradicionais, a Inglaterra e a França<sup>72</sup> foram as ausências mais notadas. A Rússia, principal herdeira da antiga União Soviética, classificou-se. Interessante perceber que outras repúblicas que faziam parte do território soviético tais como a Lituânia, Letônia e Estônia, embora tivessem poucas possibilidades de classificação, percebiam a disputa das eliminatórias, assim como de outros jogos oficiais, como afirmação de suas nacionalidades e das independências recém-conquistadas.

Três vagas foram destinadas ao continente africano. Camarões, sensação da Copa de 90, Marrocos e a estreante Nigéria foram as seleções classificadas. Ocorreu uma tragédia aérea envolvendo a Seleção Zambiana. No dia 27 de abril de 1993, o avião que levava a delegação à cidade de Dacar para a partida contra o Senegal, caiu no mar, logo após decolar em Libreville, no Gabão, onde havia reabastecido. Os 18 atletas que estavam no voo morreram.

Da região da Ásia e Oriente Médio, a decisão final das duas vagas ocorreu em um torneio realizado no Catar em 1993. Classificaram-se Arábia Saudita e Coreia do Sul. O Japão perdeu a classificação no último minuto, quando os iraquianos empataram a partida em 2X2 e

---

<sup>72</sup> Os franceses perderam a vaga de forma dramática, restando duas rodadas do final, precisavam apenas de um empate para classificarem-se. A primeira oportunidade, no Parc des Princes, em Paris, foi contra Israel, em 10 de outubro de 1993. Os franceses que haviam goleado os seus adversários em Tel Aviv foram surpreendidos e derrotados por 3X2, com o gol da vitória israelense nos acréscimos. A vaga seria decidida, no Parc des Princes, em confronto direto contra a Bulgária no dia 13 de outubro. A França abriu o placar, mas a Bulgária conseguiu virar a partida aos 46 minutos do segundo tempo e se classificar para o Mundial. Os franceses, atônitos, amargavam a segunda desclassificação consecutiva.

a vaga foi para a Coreia do Sul. Na América do Sul, como já foi ressaltado, os países classificados foram: Argentina, Brasil, Bolívia e Colômbia. As duas vagas da Concacaf ficaram com o México e o Canadá.

O modelo de disputa foi idêntico ao dos dois últimos Mundiais. Na primeira fase, as 24 equipes foram divididas em 6 grupos de quatro seleções. Passariam para a fase seguinte os dois primeiros colocados de cada grupo e os quatro melhores terceiros colocados dentre todos os grupos. Dessa forma, a segunda fase do mundial contaria com 16 seleções que jogariam daí em diante, até a final, no formato de “mata-mata”.

No que se refere ao regulamento da competição, a grande novidade é que a vitória passou a contabilizar 3 pontos e o empate continuou a valer um ponto apenas. A FIFA tinha como interesse na medida incentivar um futebol mais ofensivo, lembrando que a Copa anterior foi a que apresentou a menor média de gols da história, apenas 2,21 por jogo.<sup>73</sup> Vale ressaltar que o futebol inglês já havia aderido aos 3 pontos por vitória desde a temporada de 1981-82.<sup>74</sup>

As 52 partidas do Mundial foram disputadas entre 17 de junho e 17 de julho de 1994. Muitas partidas, para atender os interesses das televisões, foram disputadas ao meio-dia, em pleno verão nos Estados Unidos, sob o sol e calor intensos. A Copa também teve sua própria bola, a *Questra*.

A mascote escolhida pelos organizadores do Mundial de 94 foi um cãozinho chamado *Striker*, que em inglês significa atacante. O animal, criação dos estúdios Warner Bro., vestia um uniforme com as cores da bandeira americana, pisando em uma bola de futebol. O cachorro é o principal animal de estimação dos norte-americanos e a ideia era a

---

<sup>73</sup> Com o objetivo de reduzir a chamada “cera”, gerar mais tempo de jogo e com isso elevar a possibilidade de se ter gols, a FIFA também promoveu, em 1993, outra mudança nas regras, a proibição de que os goleiros pegassem com as mãos as bolas intencionalmente recuadas pelos pés por seus companheiros de equipe. Segundo Hilário Franco Júnior, “A decisão resultou da observação sistemática que a FIFA realizara do campeonato italiano ao longo de dez anos anteriores e que tinha mostrado que um goleiro podia ficar com a bola cerca de dez minutos por partida, o que quebrava o ritmo de jogo e o prejudicava enquanto espetáculo”. Cf. JÚNIOR FRANCO, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 117.

<sup>74</sup> PEREIRA, Miguel Lourenço. “Jimmy Hill, o homem que inventou os três pontos por vitória”. Disponível em: <http://www.futebolmagazine.com/jimmy-hill-o-homem-que-inventou-os-tres-pontos-por-vitoria>. Acessado em: 11 de dezembro de 2017.

partir dele atrair a atenção para o futebol em um país que não se sentia atraído pela modalidade. “Segundo uma pesquisa realizada em 1994, apenas um em cada quatro americanos sabia que tipo de esporte se praticava na ‘tal Copa do Mundo’ a ser disputada em seu próprio país”.<sup>75</sup> Pior ainda, “outra pesquisa, do Instituto Gallup, mostrava que 66% da população local nem sequer sabia que os Estados Unidos era a sede da Copa”.<sup>76</sup> O simpático *Striker* não vingou e ele sequer esteve na cerimônia de abertura do Mundial.

**Figura 1: Mascote da Copa do Mundo de 1994: Striker<sup>77</sup>**



Os jogos foram disputados em nove cidades e, mesmo que internamente a Copa do Mundo não tenha se tornado um grande sucesso, internacionalmente aconteceu exatamente o contrário. “(...) os negócios gerados pelo Mundial movimentaram mais de 4 bilhões de dólares”.<sup>78</sup>

**Figura 2: Logo da XV Copa do Mundo de Futebol – 1994 – Estados Unidos<sup>79</sup>**



<sup>75</sup> UNZELTE, Celso. *O livro de ouro do futebol*. São Paulo: Ediouro, 2002, p. 269.

<sup>76</sup> Idem, *ibidem*.

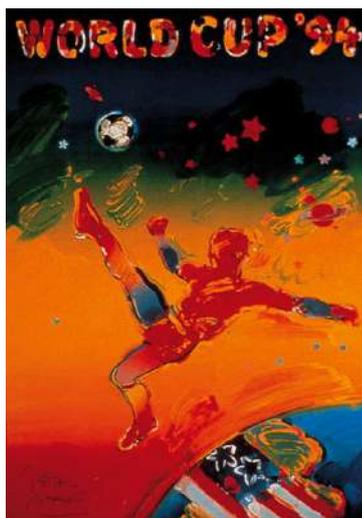
<sup>77</sup> DUARTE, Marcelo “Todas as mascotes da Copa do Mundo”. Disponível em: <http://guiadoscuriosos.uol.com.br/blog/2012/11/26/todas-as-mascotes-da-copa-do-mundo>. Acessado em 28 de dezembro de 2017.

<sup>78</sup> UNZELTE, Celso. *op. cit.*, p. 270.

<sup>79</sup> ALMEIDA, Bruno. “Os pôsteres e mascotes da Copa do Mundo”. Disponível em: <http://publistagram.com/os-posteres-e-mascotes-da-copa-do-mundo/>. Acessado em 22 de outubro de 2017.

As equipes ficaram divididas da seguinte forma, após sorteio dirigido: Grupo A – Colômbia, Estados Unidos, Romênia e Suíça. Grupo B – Brasil, Camarões, Rússia e Suécia. Grupo C – Alemanha, Bolívia, Coreia do Sul e Espanha. Grupo D – Argentina, Bulgária, Grécia e Nigéria. Grupo E – Irlanda, Itália, México e Noruega. Grupo F – Arábia Saudita, Bélgica, Holanda e Marrocos.

**Figura 3: Cartaz da XV Copa do Mundo de Futebol – 1994 – Estados Unidos<sup>80</sup>**



O Brasil era apontado pela imprensa argentina como uma das grandes favoritas para a conquista da Copa do Mundo. Segundo o El Grafico, “O Brasil sempre chega como favorito. Desta vez, reforça suas pretensões o grande momento em que vive ao nível de clubes e na destacada confluência de individualidades”.<sup>81</sup>

A Seleção Brasileira ficou no Grupo B e fez sua estreia no dia 20 de junho, às 13 horas, sob intenso calor, mais de 35°C., no Stanford Stadium, em San Francisco. A adversária era uma “velha” conhecida, a Rússia, herdeira da União Soviética. Taticamente o Brasil adotou um sistema que privilegiava a defesa, um 4-4-2 com dois volantes de marcação, mas a equipe contava com a perigosa dupla de ataque, Bebeto e, sobretudo, Romário.<sup>82</sup>

<sup>80</sup> ALMEIDA, Bruno. “Os pôsteres e mascotes da Copa do Mundo”. Disponível em: <http://publistagram.com/os-posteres-e-mascotes-da-copa-do-mundo/>. Acessado em 22 de outubro de 2017.

<sup>81</sup> EL GRÁFICO, 7 de junho de 1994, p. 42.

<sup>82</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Taffarel, Jorginho, Ricardo Rocha (Aldair), Márcio Santos, Leonardo, Mauro Silva, Dunga (Mazinho), Raí, Zinho, Bebeto e Romário. Escalação da Seleção Russa: Kharin, Khlestov, Nikiforov, Ternavski, Gorlukovic, Kuznetsov, Piatniski, Karpin, Tsybalar, Radchenko (Borodjuk) e Iuran (Salenko). O árbitro da partida foi o mauriciano (natural das Ilhas Maurício) Na-Yan Lim Kee Chong.

O Brasil dominou o seu adversário nos dois tempos de jogo e apesar de ter dado 17 chutes, não criou muitas chances reais de gol. Romário inaugurou o placar após cobrança de escanteio de Bebeto pelo lado esquerdo do ataque brasileiro, a defesa russa não afastou a bola e o “Baixinho” tocou com a parte externa do pé para o fundo das redes. Logo no início da etapa complementar Romário foi derrubado dentro da área, pênalti assinalado pelo árbitro. Raí, aos 8 minutos, bateu e deu números finais para o confronto.<sup>83</sup> Dentro do pragmatismo de Parreira, o Brasil venceu, mesmo sem dar espetáculo. Na outra partida do grupo, Camarões e Suécia empataram em 2X2.

Na segunda rodada, 24 de junho, a Seleção Brasileira enfrentou Camarões, no mesmo local da estreia. A vitória daria ao Brasil antecipadamente a classificação para a próxima etapa do Mundial e caso Rússia e Suécia terminassem empatadas, já garantiria inclusive a primeira posição do grupo. Parreira realizou apenas uma mudança na equipe, a saída de Ricardo Rocha, que se contundiu na partida contra a Rússia, para a entrada de Aldair.<sup>84</sup> Taticamente ele prometeu que o Brasil seria mais ofensivo, adiantando Raí para que ele atuasse mais próximo da dupla de ataque. Camarões enfrentava uma grave crise interna, os atletas cobravam da federação local o pagamento de valores atrasados e as desavenças lhes tiravam o foco da competição. O goleiro Bell afirmou: “Assim fica difícil porque Copa do Mundo exige concentração total. Como podemos pensar só em futebol quando não temos ideia de quando vão pagar o que nos devem?”<sup>85</sup>

O Brasil não realizou um bom primeiro tempo e na única jogada efetiva de perigo nesta etapa, aos 38 minutos, Dunga roubou a bola e lançou Romário que, em velocidade, entre três defensores e o goleiro, tocou para o fundo do gol. Aos 18 minutos da etapa final, o caminho brasileiro se viu facilitado, o jovem defensor camaronês Song fez falta dura sobre Bebeto e foi expulso. No minuto seguinte, para desestruturar completamente a equipe africana, Márcio Santos aproveitou de cabeça o cruzamento de Jorginho e marcou o segundo gol do Brasil. Dez minutos depois, Romário entrou na área driblando a defesa oponente, o

---

<sup>83</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. PLATAVIDEOESFUTEBOL. “Brasil x Rússia 1 fase Copa do Mundo 1994”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=52MYqgA4zU8>. Acessado em: 20 de janeiro de 2018.

<sup>84</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Taffarel, Jorginho, Aldair, Márcio Santos, Leonardo, Mauro Silva, Dunga, Raí (Müller), Zinho (Paulo Sérgio), Bebeto e Romário. Escalação da Seleção Camaronesa: Bell, Tataw, Kalla, Song, Agbo, Libih, Foe, Mbouh, Mfede (Maboang), Oman-Biyik e Embe (Roger Milla). O árbitro da partida foi o mexicano Arturo Brizio Carter.

<sup>85</sup> JORNAL DO BRASIL, 21 de junho de 1994, p. 4 (Esportes).

goleiro dividiu com ele e a bola sobrou, quase sem ângulo, para Bebeto chutar e marcar o terceiro e último gol da partida.<sup>86</sup> A Seleção Brasileira estava classificada para a próxima fase do Mundial. A Suécia, por sua vez, venceu a Rússia por 3X1 e jogaria contra os brasileiros por um empate para prosseguir na competição.

A terceira e última rodada do grupo reservou a já tradicional partida em Copas do Mundo: Brasil X Suécia. Foi a primeira vez que a Seleção Brasileira jogou em um estádio coberto em Mundiais. O jogo ocorreu em 28 de junho, no estádio Pontiac Silverdome, em Detroit. Mesmo classificada para a próxima fase, Parreira resolveu pela manutenção da equipe titular<sup>87</sup> e justificou: “Esse time jogou muito pouco e precisa de ritmo de jogo”.<sup>88</sup>

A Suécia fez um excelente primeiro tempo, soube marcar com precisão a equipe brasileira, que pouco criou. Foram dos europeus as jogadas de maior perigo, inclusive a que resultou no único gol da etapa, aos 23 minutos, marcado por Kennet Anderson, que recebeu o lançamento de Brolin, ajeitou no peito dentro de área e deu um toque de direita, cruzado, com grande categoria, para encobrir Taffarel.

Os brasileiros voltaram mais motivados na etapa final e logo aos 2 minutos Romário tabelou com Zinho na entrada da área adversária e marcou o gol de empate. A Suécia optou por recuar a equipe e faltando 20 minutos para o encerramento do jogo, ou seja, a partir dos 25 minutos do segundo tempo, “Parreira pediu à equipe que garantisse o empate”.<sup>89</sup> A partida ficou, obviamente, mais monótona. A torcida brasileira começou a pedir a entrada do atacante Ronaldinho, mas o técnico colocou Paulo Sérgio e teve que ouvir o coro de “burro” até o final da partida. Com as duas equipes satisfeitas com o empate, o placar de 1X1 não se alterou.<sup>90</sup>

---

<sup>86</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. PLATAVIDEOESFUTEBOL. “Brasil x Camarões 1 Fase Copa do Mundo 1994”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6DSOK9X9XLU>. Acessado em: 22 de janeiro de 2018.

<sup>87</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Taffarel, Jorginho, Aldair, Márcio Santos, Leonardo, Dunga, Mauro Silva (Mazinho), Raí (Paulo Sérgio), Zinho, Bebeto e Romário. Escalação da Seleção Sueca: Ravelli, Roland Nilsson, Andersson, Kamark, Ljung, Schwarz (Mild), Ingesson, Thern, Henrik Larsson (Blomqvist), Brolin e Kennet Andersson. O árbitro da partida foi o húngaro Sandor Puhl.

<sup>88</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 28 de junho de 1994, p. 1 (Copa 94).

<sup>89</sup> Idem, 29 de junho de 1994, p. 5 (Copa 94).

<sup>90</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. PLATAVIDEOESFUTEBOL. “Brasil x Suecia 1 Fase Copa do Mundo 1994”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ATNVLqOs0Co>. Acessado em: 22 de janeiro de 2018.

O Jornal do Brasil ressaltou, depois do jogo, que a torcida brasileira, sempre tão esperançosa com o título, não se mostrava, naquele momento, tão confiante e, fazendo um jogo de palavras, brincou com a moeda recém lançada no país: “Enfim, o jogo de ontem serviu para que o país onde a moeda passara a se chamar Real, caísse na real”.<sup>91</sup>

No Grupo D, a Argentina, jogando toda de azul, em Boston, fez sua estreia contra a Grécia, no dia 21 de junho.<sup>92</sup> Apresentando um futebol rápido, envolvente, criativo, eficiente, vistoso, arrasou sua adversária. Maradona parecia estar em sua plenitude física. Com apenas 2 minutos do primeiro tempo, em um contra-ataque que deixou praticamente 4 atacantes argentinos contra 1 defensor grego, Batistuta abriu o placar. A albiceleste produziu algumas outras jogadas de perigo, mesmo sem pressionar muito a equipe grega ao longo da primeira etapa. O segundo gol só surgiu aos 44 minutos, após jogada de Chamot, Batistuta recebeu na entrada da área e acertou um belo chute no ângulo esquerdo da meta defendida do Minou.

Aos 14 minutos da etapa complementar, o ataque argentino produziu “o momento supremo”,<sup>93</sup> Maradona, Caniggia e Batistuta avançaram tabelando sobre a defesa grega e ao passar a meia lua da grande área Maradona ajeitou a bola e chutou de forma indefensável. Na comemoração, olhando fixamente para a câmara, o craque argentino correu em direção a uma delas que se encontrava na lateral do campo, gritando, aparentemente com raiva, como se fosse um desabafo (outros interpretaram como um descontrole). Outras chances de gols foram criadas, mas só aos 45 minutos o placar foi ampliado. Batistuta de pênalti. A Argentina, com a vitória por 4X0, liderava o grupo.<sup>94</sup>

O futebol apresentado, segundo o cronista Matinas Suzuki Júnior, da Folha de São Paulo, expressava a redenção do futebol argentino, que havia, antes da Copa, alcançado o “fundo do poço”, com os dopings de Maradona e Caniggia acrescido da humilhante derrota

---

<sup>91</sup> JORNAL DO BRASIL, 29 de junho de 1994, p. 1 (Esportes).

<sup>92</sup> Escalação da Seleção Argentina: Islas, Chamot, Sensini, Ruggeri, Cáceres, Redondo, Maradona (Ortega), Simeone, Caniggia, Batistuta e Balbo (Mancuso). Escalação da Seleção Grega: Minou, Apostolakis, Kolitsidakis, Manolas, Kalitzakis, Tsalouchidis, Nioplias, Tsiantakis (Marangos), Kofidis, Saravakos e Machlas (Mitropoulos). O árbitro da partida foi o norte-americano Arturo Angeles.

<sup>93</sup> JORNAL DO BRASIL, 22 de junho de 1994, p. 5 (Esportes).

<sup>94</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. MADADDY, Alexander. “Argentina-Grecia 4:0 Copa del Mundo Estados Unidos 1994”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=8\\_wdQO61X28](https://www.youtube.com/watch?v=8_wdQO61X28). Acessado em: 22 de janeiro de 2018.

sofrida para a Colômbia durante as eliminatórias. “O time argentino foi à queda. Foi às profundezas do abismo esportivo e humano”.<sup>95</sup> Prossegue:

Maradona, condenado e humilhado. Caniggia, condenado e humilhado. O time, humilhado e pisoteado em casa pela Colômbia. Mas esta parece ser mesmo a irreduzível força portenha.

Sua gana de vencer nasce de algum velho ressentimento, de uma perfídia, de um “remordimiento” que só as maravilhosas letras dos tangos sabem contar. Mas, além da gana, da hombridade (palavra que vale tanto para eles), a Argentina de ontem mostrava um prazer de jogar bola que poucas vezes se vê. Um futebol com o sorriso nas chuteiras.<sup>96</sup>

Percebe-se que, além do impacto positivo causado pelo bom futebol apresentado pelos argentinos, pela superação, ao menos momentânea do difícil período vivido pela equipe meses antes, há críticas implícitas aos brasileiros, especialmente em dois momentos, o primeiro quando o jornalista ressalta a hombridade “(palavra que vale tanto para eles)”, deixando subentendido que, para os atletas brasileiros, ela não teria o mesmo valor. O segundo, é preciso lembrar que o Brasil sempre foi conhecido por sua alegria e prazer ao jogar bola, era a “Pátria em Chuteiras” para Nelson Rodrigues, mas o cronista da Folha de São Paulo deixou claro que agora o prazer, o “sorriso nas chuteiras”, era argentino.

Quatro dias depois da estreia, no mesmo estádio que enfrentou e venceu a Grécia, a Argentina jogou contra a outra seleção vitoriosa da primeira rodada em seu grupo, a Nigéria. Os africanos derrotaram a Bulgária por 3X0. A partida valia a liderança e a classificação antecipada para a segunda fase do Mundial. A Nigéria havia apresentado um bom futebol e deveria ser um excelente adversário para a albiceleste.<sup>97</sup> A equipe liderada por Maradona começou pressionando, contudo foram os nigerianos, aos 8 minutos, que abriram o placar em um belo gol de Siasia.

A Seleção da Nigéria, com o intuito de impedir a evolução do seu oponente, cometia muitas faltas, foram 31 ao longo de todo o jogo e, em uma delas, Maradona rolou para o chute forte de Batistuta, o goleiro Rugai rebateu mal a bola que sobrou para Caniggia,

---

<sup>95</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 22 de junho de 1994, p. 2 (Copa 94).

<sup>96</sup> Idem, *ibidem*, p. 2.

<sup>97</sup> Escalação da Seleção Argentina: Islas, Chamot, Sensini, Hernán Díaz, Ruggeri, Cáceres, Redondo, Maradona, Simeone, Caniggia, Batistuta e Balbo (Mancuso). Escalação da Seleção Nigeriana: Rugai, Eguavoen, Okechukwu, N’Wanu, Emenalo, Oliseh (Okocha), Finidi Geoge, Yekini, Amunike, Siasia (Adepoju) e Amokachi. O árbitro da partida foi o sueco Bo Karlsson.

o melhor jogador em campo naquela partida, empurrar para dentro das redes. Aos 29 minutos, nova falta para a Argentina, a defesa nigeriana parou para conversar, Caniggia pediu a bola para Maradona que cobrou rapidamente, o atacante argentino entrou pelo canto esquerdo da área da seleção africana e chutou cruzado para virar o placar.

Mais nervosa, a Nigéria pouco produziu no segundo tempo e a seleção sul-americana desperdiçou pelo menos três boas oportunidades de ampliar o resultado. No final, vitória da albiceleste por 2X1 e classificação garantida.<sup>98</sup> Dois jogos, duas vitórias e o melhor futebol apresentado até aquele momento dentre os participantes do Mundial. Para os periódicos brasileiros era uma séria candidata ao título, era o “time com o maior tesão de ganhar nesta Copa”.<sup>99</sup> Maradona, muito feliz, afirmava: “Há três meses não me queriam, nem em time de bairro. Agora tenho várias ofertas”.<sup>100</sup>

A partida também marcou o ocaso da Argentina na competição e a última partida de Maradona em Copas do Mundo. Ao final do jogo, para o exame antidoping, obrigatório em todos os jogos da competição, o craque argentino foi um dos atletas sorteados. Ao saber, saiu de campo tranquilo e sorridente. Ele estava acompanhado de uma funcionária do Comitê Antidopagem que foi encontrá-lo ainda no gramado, a médica Sue Ellen Carpenter,<sup>101</sup> até mesmo porque, como ele afirma, havia realizado vários exames de tal natureza antes do Mundial e todos haviam dado negativo, “Não tomei nada, nada de nada!”.<sup>102</sup> Os periódicos brasileiros, por exemplo, sequer comentaram que Maradona havia sido sorteado para o exame. Ninguém imaginava o que estava por acontecer três dias depois, no dia 28 de junho de 1994. Por exemplo, o craque holandês da Copa de 1974, Cruyff, assinava uma coluna para a

---

<sup>98</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. CRISTIANLBANAYNEWS10. “Argentina 2 Nigeria 1 Mundial 1994 (Los goles)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FP3Fb0EN8J0>. Acessado em: 22 de janeiro de 2018.

<sup>99</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 26 de junho de 1994, p. 12 (Copa 94).

<sup>100</sup> Idem, *ibidem*, p. 12.

<sup>101</sup> Em algumas obras Sue Ellen Carpenter é chamada de “enfermeira” quando, de fato, a profissional formou-se em medicina pela Universidade de Columbia em 1983. Outro equívoco frequente, inclusive presente na obra de Newton César Oliveira Santos, refere-se ao nome dado à profissional, como Ingrid Maria. Em todas as partidas, existiam quatro mulheres que deveriam levar os jogadores sorteados para o exame antidoping até o consultório e Sue Carpenter era uma delas. Cf. BURGO, Andrés. “La viuda blanca: Diego al antidoping”. Disponível em: <http://www.elgrafico.com.ar/2014/06/24/C-5475-la-viuda-blanca-diego-al-antidoping.php>. Acessado em: 15 de agosto de 2016. MÁS DESPORTES. “Sue Carpenter, la ‘enfermera’ de Maradona”. Disponível em: <http://www.losandes.com.ar/articulo/sue-carpenter-la-enfermera-de-maradona>. Acessado em: 19 de novembro de 2017.

<sup>102</sup> MARADONA, Diego Armando. *Yo soy el Diego de la gente*. Buenos Aires: Booklet, 2005, p. 245.

Folha de São Paulo e apontava no dia 27 de junho, véspera do escândalo, o Brasil e a Argentina como duas favoritas ao título de 94.<sup>103</sup>

**Figura 4: A saída de Maradona ao lado da “enfermeira” para o exame antidoping após a partida contra a Nigéria<sup>104</sup>**



Na verdade, no dia 28 de junho, o assunto ainda não seria divulgado para o público. Maradona, que descansava na concentração da Seleção Argentina foi contactado por seu procurador, Marcos Franchi, e pelo presidente da AFA, Julio Grondona. Eles o informaram que o exame de dopagem feito dias antes havia dado positivo. Este também lhe disse que já havia solicitado a contraprova. No dia seguinte, dia 29 de junho, o exame de contraprova manteve o resultado e o presidente da AFA esclareceu que a substância encontrada nos exames de Maradona era a efedrina, que é proibida pela FIFA e pode ser encontrada até em descongestionantes nasais.

No dia anterior ao início da circulação do Real no Brasil, 30 de junho, o doping de Maradona foi anunciado. Pode-se ler na principal manchete da Folha de São Paulo: “Real entra em circulação no país amanhã e vale CR\$ 2.750,00”, na coluna abaixo: “Doping ameaça tirar Maradona da Copa”.<sup>105</sup>

A AFA buscou uma saída a partir de um caso ocorrido em 1986 na Seleção Espanhola. O exame do atleta Ramón Calderé também detectou substâncias proibidas na urina. Neste caso, o médico da delegação espanhola assumiu a responsabilidade. Ele havia

<sup>103</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 27 de junho de 1994, p. 3 (Copa 94).

<sup>104</sup> BURGO, Andrés. “La viuda blanca: Diego al antidoping”. Disponível em: <http://www.elgrafico.com.ar/2014/06/24/C-5475-la-viuda-blanca-diego-al-antidoping.php>. Acessado em: 15 de agosto de 2016.

<sup>105</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 30 de junho de 1994, p. 1.

autorizado o atleta a fazer uso de um medicamento que continha a substância encontrada no exame e admitiu que não o incluiu na lista dos remédios ministrados aos jogadores da delegação. A FIFA decidiu punir o atleta com apenas uma partida de suspensão e multar a Espanha em 25 mil francos suíços. A dificuldade, no caso da Argentina, era que o chefe da equipe médica do selecionado, Ernesto Ugaldi, não assumiu tal responsabilidade.

Maradona negou o uso de qualquer substância ilícita: “Não me droguei. Na única vez em que me droguei contei tudo à juíza. Mas dessa vez não fiz nada, morro pelas minhas filhas”. Disse ainda sobre o episódio: “Tenho os braços caídos e a alma destroçada. Me cortaram as pernas, a minha família e aos que estão comigo”.<sup>106</sup>

O exame antidoping constatou a presença de cinco substâncias estimulantes na urina do jogador. Para o chefe da Comissão Médica da FIFA, o atleta teria feito um coquetel de remédios, afinal não havia, segundo ele, “medicamento que tenha todas as substâncias juntas”.<sup>107</sup>

Maradona foi imediatamente afastado pela AFA e a FIFA o excluiu da Copa. A punição pelo doping só saiu após o encerramento do Mundial e o atleta foi suspenso por 15 meses. Os protestos de inocência do jogador de nada adiantaram e ele sempre negou que tivesse se dopado de forma intencional. Assumiu, no entanto, que havia tomado um medicamento para emagrecimento, mas por engano do seu preparador físico pessoal, ele acabou ingerindo uma amostra com as substâncias proibidas.<sup>108</sup>

Em meio à tempestade formada pelo doping de Maradona, a Argentina, em 30 de junho, enfrentou a Bulgária.<sup>109</sup> Muito abalada pela ausência de seu maior craque e líder, a alvianil foi derrotada por 2X0. Como ressaltou a Folha de São Paulo, sem Maradona a equipe

---

<sup>106</sup> GANTMAN, Marcelo e BURGO, Andrés. *Diego dijo*. Buenos Aires: Distral, 2005, p. 98.

<sup>107</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 1º de julho de 1994, p. 1 (Copa de 94).

<sup>108</sup> Para manter seu peso, Maradona tomava regularmente um remédio chamado Universal Ripped Fast, de venda livre. Ao acabar o último frasco, já nos Estados Unidos, o preparador físico pessoal do atleta, Daniel Cerrini, foi a uma farmácia local para comprá-lo, mas acabou adquirindo o Ripped Fuel, também de venda livre, contudo com efedrina em sua composição. Cerrini inclusive assumiu o equívoco cometido, mas de nada adiantou. Cf. PLACAR. n° 1315, fevereiro de 2008, p. 72-78. SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 454.

<sup>109</sup> Escalação da Seleção Argentina: Islas, Chamot, Ruggeri, Cáceres, Rondono, Simeone, Hernán Díaz, Rodriguez (Medina Bello), Caniggia (Ortega), Batistuta e Balbo. Escalação da Seleção Búlgara: Mihailov, Kremenliev, Ivanov, Tzvetanov, Hubchev, Yankov, Letchkov (Borimirov), Sirakov, Balakov, Kostadinov (Kiriakov) e Stoichkov. O árbitro da partida foi o tunisiano Neji Jouini.

perdeu “a agressividade, a imponência”.<sup>110</sup> Com a derrota, combinado com a vitória da Nigéria sobre a Grécia também por 2X0, a Argentina, mesmo classificada, caiu da primeira para a terceira colocação em seu grupo. As três seleções classificadas, a Nigéria, a Bulgária e a Argentina, na ordem de colocação, terminaram empatadas com 6 pontos e o saldo de gols definiu a posição final no grupo.

As seleções mais tradicionais avançaram para as oitavas de final. A Itália, mais uma vez, encontrou muita dificuldade. Em seu grupo, todas as equipes terminaram empatadas com 4 pontos e as colocações foram definidas no saldo de gols. Os italianos ficaram em terceiro lugar no grupo e se classificaram como a quarta melhor campanha entre os terceiros colocados, ou seja, ficaram com a última vaga.

As oitavas de final começaram no dia 2 de julho com dois confrontos: a Espanha ganhou da Suíça por 3X0 e a Alemanha venceu os belgas por 3X2. No dia seguinte, a Suécia derrotou a Arábia Saudita por 3X1 e a Argentina tentaria superar o trauma da exclusão de Maradona, uma viagem inesperada para a Costa Oeste dos Estados Unidos<sup>111</sup> e a contusão de Caniggia que ficaria fora do confronto, enfrentando a bem estruturada equipe da Romênia. O craque argentino, mesmo extremamente frustrado, afirmou que continuaria nos Estados Unidos seguindo a sua seleção. De fato, ele estava nas tribunas do estádio Rose Bowl, em Los Angeles, Califórnia, para assistir os seus ex-companheiros de equipe.

A partida foi extremamente disputada, com muita disposição e velocidade, especialmente no primeiro tempo. Ela foi considerada um dos melhores jogos da Copa do Mundo.<sup>112</sup> Os romenos abriram o placar aos 10 minutos, em cobrança de falta, pela lateral do campo, de Dumitrescu. A vantagem da equipe europeia pouco durou, aos 15 minutos, Batistuta cavou um pênalti que ele mesmo bateu para empatar o duelo. Os argentinos mal tiveram tempo para comemorar, pois sofreram o segundo gol três minutos depois. Hagi, o “Maradona dos Cárpatos” lançou magistralmente Dumitrescu dentro da área que só teve o

---

<sup>110</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 1 de julho de 1994, p. 7 (Copa 94).

<sup>111</sup> Se tivessem ocupado a primeira colocação do grupo, como esperado, os argentinos permaneceriam na Costa Leste, em Boston e depois em Nova York. Só viajariam para Los Angeles, local da partida contra a Romênia, se chegassem as finais do mundial, ou seja, para a disputa das quatro primeiras colocações. Neste sentido, a Argentina também teria que se adaptar ao calor mais acentuado da região.

<sup>112</sup> Escalação da Seleção Argentina: Islas, Chamot, Sensini (Medina Bello), Ruggeri, Cáceres, Redondo, Basualdo, Simeone, Batistuta, Ortega e Balbo. Escalação da Seleção Romena: Prunea, Petrescu, Prodan, Belodedici, Selymes, Mihali, Lupescu, Popescu, Munteanu, Hagi (Gálca), Dumitrescu (Papura). O árbitro da partida foi o italiano Pierluigi Pairetto.

trabalho de tocar de primeira para dentro do gol defendido por Islas. A partir daí, o enredo da etapa inicial foi essencialmente um, pressão argentina, apesar de seu adversário ter criado duas boas situações de gol, uma delas já nos descontos, todas sem sucesso.

A situação da albiceleste ficou mais complicada aos 13 minutos. Dumitrescu partiu em velocidade do meio de campo, avançou até a proximidade da entrada da área adversária para rolar a bola para Hagi, que entrava livre, chutar forte e marcar o terceiro gol da Romênia. O sonho argentino voltou a ser alentado aos 30 minutos, o zagueiro Cáceres chutou de longe, forte, o goleiro romeno falhou e rebateu a bola para frente, Balbo, na corrida, chutou com raiva para diminuir o placar. Os argentinos partiram para o “abafa”, pressionaram até o fim, mas o empate não saiu.<sup>113</sup> A delegação da Argentina voltou com Maradona para Buenos Aires, eliminada.

No dia da comemoração da independência do país anfitrião da Copa do Mundo, foram disputadas duas partidas, a primeira envolvendo a Holanda e a Irlanda, com vitória tranquila dos holandeses por 2X0. O outro confronto, no estádio de Stanford, em San Francisco, foi entre o Brasil e o “aniversariante”, os Estados Unidos. Mais de 80 mil torcedores encheram o estádio para empurrar a seleção local.<sup>114</sup>

Mesmo não sendo uma equipe com tradição, os Estados Unidos complicaram bastante a partida. Bebeto, em entrevista para Jamil Chade para o Estadão em 2012, chegou a afirmar que foi, para ele, a partida mais difícil da Copa do Mundo, aquela em que estiveram mais “à beira de um desastre”.<sup>115</sup>

Os Estados Unidos, com muita garra, marcaram bem a Seleção Brasileira que, mais uma vez, mostrava dificuldade na geração das jogadas ofensivas. Os tricampeões exerceram o domínio territorial da partida, contudo criaram poucas chances reais de gol e,

---

<sup>113</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. BACCARAT, Flávio. “Argentina 2x3 Romênia Oitavas Copa 1994 Globo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hw2axspbPXc>. Acessado em: 23 de janeiro de 2018.

<sup>114</sup> Escalação da Seleção dos Estados Unidos: Meola, Clavijo, Balboa, Lalas, Caligiuri, Tab Ramos (Wynalda), Sorber, Dooley, Pérez (Wegerle), Cobi Jones e Stewart. Escalação da Seleção Brasileira: Taffarel, Jorginho, Aldair, Márcio Santos, Leonardo, Mauro Silva, Dunga, Mazinho, Zinho (Cafu), Bebeto e Romário. O árbitro da partida foi o francês Joel Quiniou.

<sup>115</sup> CHADE, Jamil. “Bebeto conta bastidores de EUA X Brasil, em 1994”. Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/blogs/jamil-chade/bebeto-conta-bastidores-de-eua-x-brasil-em-1994/>. Acessado em: 14 de setembro de 2016.

quando as concretizava, encontrava o goleiro Meola em dia inspirado. No final da etapa inicial, a situação brasileira pareceu se agravar quando o lateral esquerdo Leonardo, um atleta reconhecidamente disciplinado, ao ser agarrado por Tab Ramos, perdeu inteiramente o controle e desferiu-lhe uma violenta cotovelada no rosto (acarretou inclusive a fratura do osso parietal logo acima da orelha esquerda). O árbitro francês, de imediato, expulsou o atleta brasileiro. Curiosamente, no último lance do primeiro tempo, já nos descontos, Romário acertou a trave dos Estados Unidos.

Ao contrário das expectativas, os Estados Unidos, com um jogador a mais, não voltaram melhor na etapa final. O domínio brasileiro se acentuou, o gol, no entanto... Já se aproximava dos 30 minutos do segundo tempo, alguns torcedores já vislumbravam a possibilidade de disputar a prorrogação, quando Romário partiu do meio de campo com a bola dominada e cercado por marcadores, chegando na entrada da área deu um passe preciso para Bebeto<sup>116</sup> que chutou cruzado, de bico, para marcar 1X0 para o Brasil e a classificação para enfrentar a Holanda na fase seguinte.<sup>117</sup>

A expectativa em relação ao confronto entre brasileiros e holandeses era grande. A imprensa brasileira esperava por um jogo franco, uma vez que a equipe europeia atuava de forma ofensiva.

---

<sup>116</sup> José Roberto Gama de Oliveira – Bebeto (Salvador-BA, 16 de fevereiro de 1964). Atacante ágil, rápido, habilidoso e driblador. Um dos mais vitoriosos jogadores de futebol do Brasil. Tinha como uma das marcas registradas o gol de voleio. Iniciou sua carreira atuando pelo Vitória da Bahia em 1982. No ano seguinte transferiu-se para o Flamengo, logo após Zico ter sido vendido para a Udinese da Itália. Pela equipe da Gávea conquistou o Campeonato Carioca de 1986 e o Brasileiro do ano seguinte. Em 1989 foi jogar no grande rival, o Vasco da Gama, permaneceu até 1992 e ajudou a conquistar o Campeonato Brasileiro de 1989. Entre 1992 e 1996 defendeu o Deportivo La Coruña da Espanha, mais uma equipe na qual se tornou ídolo e venceu a Copa do Rei da Espanha e a Supercopa da Espanha, ambas em 1995. Também ganhou o Troféu Emma Cuervo de 1994 e o Troféu Teresa Herrera de 1995. Voltou ao Flamengo em 1996 e passou defender vários clubes até o encerramento da carreira. Em 1997 teve rápida passagem pelo Sevilla, Vitória e Cruzeiro. Em 1998 e 1999 atuou pelo Botafogo, aventurou-se no futebol mexicano em 1999 defendendo o Toros Neza. Em 2000 foi jogar no futebol japonês, pelo Kashima Antlers. Voltou ao Vitória ainda no ano 2000, defendeu o Vasco em 2001 e, no ano seguinte, atuou no Al Ittihad, da Arábia Saudita, clube pelo qual encerrou a carreira. Defendeu a Seleção Brasileira em 81 partidas entre 1985 e 1999. Esteve presente em 3 Copas do Mundo (1990, 1994 e 1998). Foi campeão em 1994 e vice-campeão em 1998. Ainda conquistou pela Seleção a Copa América de 1989, a Copa da Amizade de 1992 e a Copa das Confederações de 1997. Ganhou duas medalhas olímpicas, prata em Seul em 1988 e bronze em Atlanta em 1996. Atuou em 15 partidas nos Mundiais e marcou 7 gols. Enfrentou a Argentina em 6 oportunidades: 3 vitórias e 3 empates. Marcou 3 gols.

<sup>117</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOS DO BRASIL. “Copa 1994: Brasil 1x0 Estados Unidos”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_NbBVCnLjfE](https://www.youtube.com/watch?v=_NbBVCnLjfE). Acessado em: 24 de janeiro de 2018.

Tinha que ser no Texas, de tantos duelos famosos, onde bandidos e mocinhos escreveram seus nomes a bala. Só que os modernos duelistas vão marcar sua passagem por esta Copa na bola. Será um jogo daqueles de mexer com os nervos de um monge budista, de alterar o batimento cardíaco até de pessoas que fazem do *lowprofile* um modo de vida.<sup>118</sup>

Os cronistas não se enganaram. Brasil e Holanda, disputado em 9 de julho, no estádio Cotton Bowl, em Dallas, foi uma das melhores partidas do Mundial de 94. As duas seleções apresentaram-se muito bem, especialmente na etapa complementar. O Brasil não contou com Leonardo, que em virtude da cotovelada desferida ao jogador norte-americano foi penalizado pela FIFA com quatro jogos de suspensão e, desta forma, não atuaria mais no decorrer do Mundial.<sup>119</sup>

A etapa inicial foi equilibrada e até mesmo monótona, poucas chances de gols foram criadas e o placar de 0X0 não prenunciava o que ocorreria no segundo tempo. Desde o apito do árbitro para os últimos 45 minutos, a partida se tornou emocionante e imprevisível. A Seleção Brasileira começou de forma arrasadora e aos 8 minutos, Rijkaard errou um passe que foi facilmente interceptado por Márcio Santos, próximo à grande área brasileira, o zagueiro dominou a bola e fez excelente lançamento para Bebeto, ele percebeu Romário invadindo livre a área, então cruzou para o atacante tocar para dentro do gol holandês.

Minutos depois, Jorginho partiu da defesa e tocou para Bebeto que invadiu a área e chutou na trave. Aos 18 minutos, o goleiro holandês repôs a bola para o ataque, Branco devolveu de cabeça para o ataque, Romário, impedido, deixou a bola passar e ela chegou até Bebeto, em posição normal, o atleta brasileiro passou pelo seu marcador, driblou o goleiro, tocou para o fundo das redes<sup>120</sup> e comemorou o gol como se estivesse embalando uma criança. Era uma homenagem ao seu filho, nascido dois dias antes. Tal comemoração passou a ser imitada por jogadores de todo o mundo.

---

<sup>118</sup> JORNAL DO BRASIL, 9 de julho de 1994, p. 1 (Esportes).

<sup>119</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Taffarel, Jorginho, Aldair, Márcio Santos, Branco (Cafu), Mauro Silva, Dunga, Mazinho (Rai), Zinho, Bebeto e Romário. Escalação da Seleção Holandesa: De Goej, Winter, Valckx, Koeman, Rob Witchge, Rijkaard (Ronald de Boer), Wouters, Jonk, Overmars, Bergkamp e Van Vossen (Roy). O árbitro da partida foi o costarriquenho Rodrigo Badilla Sequeira.

<sup>120</sup> Os holandeses reclamaram muito do gol, a cabeçada de Branco foi na direção de Romário, que estava impedido. O jogador brasileiro, efetivamente, não participou da jogada, contudo, pelas regras da época deveria ter sido assinalado o impedimento.

Com a vantagem de 2X0 no placar e apresentando-se bem, o Brasil parecia classificado para as semifinais do Mundial. Mas, não foi bem assim. A Holanda, que também jogava bem, marcou dois minutos depois do gol brasileiro. A defesa falhou em uma cobrança de lateral e Bergkamp recebeu a bola dentro da área, livrou-se de Márcio Santos e do bico da pequena área chutou para diminuir o placar. Animados com o gol, os holandeses intensificaram a pressão e foram premiados aos 31 minutos, em novo erro do sistema defensivo brasileiro e da saída equivocada de Taffarel do gol, Overmars cobrou o escanteio para Winter cabecear livre dentro para dentro das redes. Era o empate da Holanda e “os bons ventos” pareciam ter mudado de lado.

Aos 36 minutos, Branco avançou com a bola dominada, o lateral fez falta em Overmars ao tentar se desvencilhar da marcação, o juiz não assinalou, na sequência da jogada acabou derrubado por Jonk e depois foi chutado, no chão, por Koeman. O próprio atleta cobrou a infração. Chutou muito forte, a bola passou pela barreira, contou com um gesto de malabarismo de Romário, arqueando o corpo, para que ela não tocasse em suas costas, chocou-se ainda no “pé da trave” de De Goej e o Brasil marcava o seu terceiro gol. Branco, muito criticado, chamado por torcedores e jornalistas de “velho”, foi às lágrimas durante a comemoração. O Brasil soube controlar a partida nos minutos finais e alcançou, depois de 16 anos, uma semifinal de Copa do Mundo.<sup>121</sup> Para o El Gráfico, o Brasil (enfrentou) e eliminou o seu primeiro grande rival, “de estirpe”, no Mundial de 1994.<sup>122</sup>

O La Nacion ressaltou, no dia 12 de julho, que os brasileiros estavam em êxtase e com a certeza da conquista do título, afinal os grandes adversários, as principais seleções, especialmente a Argentina, já estavam desclassificadas. O periódico destacou ainda que foram até esquecidas as inúmeras críticas sofridas por Carlos Alberto Parreira, elas seriam tantas, que superariam as feitas para Menotti, Bilardo e Basile conjuntamente.<sup>123</sup> Finalmente, o jornal ainda destacou que os brasileiros estavam tristes pela eliminação de Maradona e da Seleção da Argentina do Mundial.<sup>124</sup>

---

<sup>121</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. VIDEOSDASELECAO. “Brasil 3x2 Holanda - Copa de 1994”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zy6bt38WGKE>. Acessado em: 29 de janeiro de 2018.

<sup>122</sup> EL GRÁFICO, 12 de julho de 1994, p. 86.

<sup>123</sup> LA NACION, 12 de julho de 1994, p. 3 (Mundial '94).

<sup>124</sup> Idem, ibidem, p. 3.

Espanha e Itália, ainda no dia 9 de julho, fizeram outra grande partida das quartas de final. A *Azzurra*, como de costume, havia enfrentado tantas dificuldades para se classificar na primeira fase, ascidia na competição e derrotou os espanhóis por 2X1. No dia seguinte, 10 de julho, a Bulgária derrotou uma das favoritas ao título, a Alemanha, também por 2X1. Finalmente, Suécia e Romênia disputaram a última partida desta fase. Ela terminou empatada em 1X1 no tempo normal. Na prorrogação mais um gol para cada equipe e o placar de 2X2 levou a decisão para as penalidades. O goleiro Ravelli, da Suécia, tornou-se o herói do dia, ao defender duas cobranças e garantir a classificação de sua equipe para as semifinais do Mundial.

O Brasil voltaria a enfrentar a Suécia, equipe que havia duelado na primeira fase da competição e a Itália teria como adversária a surpreendente Bulgária. O jornalista Natalio Gorin, do *El Gráfico*, cravou a final do Mundial: Brasil X Itália. Em sua análise, o Brasil não era uma surpresa, afinal “Era o grande candidato quando todos nós fazíamos as malas para irmos aos Estados Unidos. E segue sendo, em maior medida quando passam as horas”.<sup>125</sup>

As duas partidas foram disputadas no dia 16 de julho de 1994. Com uma diferença de apenas meia hora. Bulgária e Itália iniciaram o embate às 16 horas, no Giants Stadium, em East Rutherford (Nova Jérsei). Os italianos começaram de forma arrasadora e marcaram aos 20 e 25 minutos, com Roberto Baggio. No final do primeiro tempo, Stoichkov, de pênalti, descontou para os búlgaros. No segundo tempo, a Bulgária pouco ameaçou o gol italiano e a partida terminou com a vitória da *Azzurra* por 2X1. Superando as críticas e um início de campeonato bastante ruim, os italianos chegavam novamente à final do torneio. Além da alegria pela conquista obtida, uma preocupação havia surgido, aos 26 minutos da etapa final, Roberto Baggio, principal jogador da equipe, foi substituído por Signori em virtude de um estiramento na coxa e era dúvida para a grande final.

Brasil e Suécia jogaram em Pasadena, no estádio Rose Bowl. A partida teve início às 16h30. Era o duelo das duas únicas equipes ainda invictas no torneio e a sétima vez que se enfrentavam em um Mundial. O Brasil iniciou o confronto com a mesma equipe que havia derrotado os holandeses, era considerado o favorito e ainda tinha ao seu favor o desgaste

---

<sup>125</sup> EL GRÁFICO, 12 de julho de 1994, p. 90.

físico sofrido por seu adversário que enfrentou uma prorrogação e a disputa de pênaltis três dias antes.<sup>126</sup>

A partida, ao contrário do que havia ocorrido na primeira fase do Mundial, teve um único ator: o Brasil. Mesmo dominando o jogo, não foi fácil superar a retranca sueca. O goleiro Ravelli realizou ótima partida e quando era superado, aparecia um zagueiro para salvar “em cima da linha”. Apesar do amplo domínio brasileiro, o primeiro tempo terminou 0X0.

O Brasil voltou com Raí no lugar de Mazinho na etapa final, a ideia era deixar a equipe mais ofensiva e de fato, a pressão brasileira se acentuou com o novo jogador atuando mais próximo de Bebeto e Romário. A situação sueca se complicou aos 18 minutos com a expulsão de Thern, após cometer falta em Dunga. A pressão da equipe comandada por Parreira era bastante intensa, contudo o grande número de chances desperdiçadas pelo ataque brasileiro começou a irritar e a trazer ansiedade ao time.

Quando já começava a se imaginar uma prorrogação, o imponderável, o inesperado e o imprevisível ocorreu. Jorginho recebeu a bola, cruzou pela direita, Romário, com seus 1,68m, saltou entre dois defensores suecos, bem mais altos e cabeceou para o chão de forma inapelável para marcar o gol brasileiro. O Brasil que tinha como grande preocupação, as jogadas áreas suecas, não só anulou tais investidas como marcou o seu gol de cabeça e graças ao jogador mais baixo que se encontrava em campo. Após abrir o placar, os brasileiros ainda criaram duas boas oportunidades de ampliar, mas o jogo terminou 1X0.<sup>127</sup> Parreira, recordando-se do confronto, afirmou: “O jogo diante da Suécia foi o mais fácil. Parecia treino de ataque contra defesa. O Taffarel quase não pegou na bola”.<sup>128</sup> Os números da partida comprovam a afirmação do técnico da seleção, o Brasil finalizou 25 vezes contra o gol adversário (11 finalizações certas e 14 erradas) contra apenas 2 finalizações da Suécia

---

<sup>126</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Taffarel, Jorginho, Aldair, Márcio Santos, Branco, Mauro Silva, Dunga, Mazinho (Raí), Zinho, Bebeto e Romário. Escalação da Seleção Sueca: Ravelli, Roland Nilsson, Bjorklund, Andersson, Ljung, Thern, Ingesson, Mild, Brolin, Dahlin (Rehn) e Kennet Andersson. O árbitro da partida foi o colombiano Jose Joaquim Torres Cadena.

<sup>127</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. PLATAVIDOESFUTEBOL. “Brasil x Suecia Copa Do Mundo 1994 Semi Final”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NBULfxR18pA>. Acessado em: 29 de janeiro de 2018.

<sup>128</sup> COSTA, Fabrício & MONTEIRO, Marcelo. “Capítulo 6 do tetra: 'Semifinal contra a Suécia foi o jogo mais fácil', diz Parreira”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Memoria/0,,MUL1232613-16319,00.html>. Acessado em: 19 de setembro de 2015.

(ambas certas), teve 4 escanteios a seu favor e não cedeu nenhum à equipe europeia e teve praticamente o dobro do tempo de posse de bola.

Para o *La Nacion*, o Brasil dominou inteiramente o seu adversário. A “Suécia, sem reação, dava toda a impressão de se conformar em perder de pouco”.<sup>129</sup> Com as chances desperdiçadas, o 0X0 no placar, o periódico não perdeu a chance de relembrar o feito da albiceleste na Copa anterior e destacou que muitos brasileiros devem ter recordado da “partida com a Argentina na Itália ’90, quando desperdiçaram uma dezena de oportunidades e após uma genialidade de Maradona, o gol de Caniggia os despachou de volta para a sua pátria com o inconfundível sabor da frustração”.<sup>130</sup> Mas, a Suécia não contava em seu elenco com um jogador do nível de Maradona e ao final, “o implacável Romário impulsionou os brasileiros a uma nova final”.<sup>131</sup>

Depois de 24 anos, o Brasil voltava a decisão da Copa do Mundo, justamente contra a Seleção Italiana que havia derrotado no México, quase duas décadas e meia, antes. Duas curiosidades: os dois países fariam sua quinta final em Copas do Mundo e, se em 1970, disputaram quem seria o primeiro tricampeão mundial, agora, em 1994, quem alcançaria o inédito tetracampeonato.

Para os argentinos, o Brasil de 94 não apresentava um futebol deslumbrante como em outros tempos e a Itália também não tem o mesmo “ferrolho” defensivo. O *La Nacion* deixou claro que os brasileiros possuem “dois ás de espadas” para derrotarem seu adversário, Romário e Bebeto, e que os dois atletas estão acima dos outros, tanto da sua equipe como das demais que disputaram o Mundial.<sup>132</sup>

Na mesma edição, o *La Nacion* afirmou que a maior parte dos argentinos torceria pelo Brasil, o título da reportagem já anunciava: “Mais próximo do samba do que da tarantela”.<sup>133</sup> Um dos motivos apresentados pelo periódico era que, mesmo após quatro anos, os platinos não tinham esquecido que o seu hino nacional foi vaiado pelos italianos na Copa anterior. Há também uma preferência dos torcedores locais em relação à forma de jogar do

---

<sup>129</sup> LA NACION, 14 de julho de 1994, p. 1 (Mundial ’94).

<sup>130</sup> Idem, ibidem, p. 1.

<sup>131</sup> Idem, ibidem, p. 1.

<sup>132</sup> LA NACION, 17 de julho de 1994, p. 1 (Mundial ’94).

<sup>133</sup> Idem, ibidem, p. 2.

futebol brasileiro, mais preocupado com o ataque, mais bonito e, acreditavam, ser uma equipe melhor que a italiana. Outro argumento comum é a ligação geográfica, o Brasil é um país sul-americano, logo o título não deve ficar com os “gringos”. Contudo, o mesmo quesito, em uma escala um pouco menor, também aparece para justificar a torcida pela Itália: “Espero que não ganhem os brasileiros, já que são os nossos grandes rivais” ou ainda que um rival do continente não abra dois títulos de vantagem em relação à Argentina. Finalmente, é importante lembrar a forte influência da imigração italiana no país.<sup>134</sup>

No domingo, 17 de julho, às 12h30, em Pasadena, no estádio Rose Bowl completamente lotado, com 94.194 espectadores, Brasil e Itália decidiram a XV Copa do Mundo da FIFA. O Brasil, mais uma vez, entrava de mãos dadas, representando a união do grupo. Roberto Baggio foi para o jogo, mas não estava em sua plenitude física. Outra novidade, na equipe italiana, foi a entrada do zagueiro Baresi. O jogador havia machucado o joelho no jogo inaugural da Itália na Copa, passou por uma artroscopia e, surpreendentemente, estava entre os onze titulares contra a Seleção Brasileira.<sup>135</sup>

A partida foi muito tensa e apesar do domínio brasileiro, as chances reais de gols foram poucas. O lateral direito Jorginho, atleta que apoiava bastante o ataque brasileiro, machucou-se aos 20 minutos da etapa inicial. Em seu lugar entrou Cafu, jogador que atuaria em três finais consecutivas de Copas de Mundo, envergando a camisa da Seleção Brasileira. O primeiro tempo ficou marcado pelo jogo truncado, pelo “perde e ganha” no meio de campo.

O cenário da partida não se alterou na etapa final. O Brasil tinha o domínio territorial, mas a defesa italiana se impunha com Baresi realizando uma partida impecável. Romário chegou a afirmar que aquela havia sido “a marcação mais implacável que já sofri em toda minha carreira”.<sup>136</sup> Faltando 15 minutos para terminar o tempo regulamentar, Mauro Silva chutou em direção ao gol, a batida sequer foi muito forte. Pagliuca tentou encaixar a bola, mas ela caprichosamente escapou de seus braços e foi bater na trave antes de voltar para

---

<sup>134</sup> Idem, *ibidem*, p. 2.

<sup>135</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Taffarel, Jorginho (Cafu), Aldair, Márcio Santos, Branco, Mauro Silva, Dunga, Mazinho, Zinho (Viola), Bebeto e Romário. Escalação da Seleção Italiana: Pagliuca, Mussi (Apoloni), Baresi, Maldini, Benarrivo, Albertini, Dino Baggio (Evani), Donadoni, Berti, Roberto Baggio e Massari. O árbitro da partida foi o húngaro Sandor Puhl.

<sup>136</sup> ESPECIAL PLACAR. “O professor da Azzurra”. São Paulo: abril, nov. 1999, p. 30.

as suas mãos. Em retribuição o goleiro se benzeu, beijou a luva e a pousou na trave salvadora. O tempo regulamentar terminou 0X0.

O panorama da partida não se alterou no tempo extra. O Brasil mais agressivo<sup>137</sup> e a Itália buscando contra-atacar e em uma das suas raras jogadas ofensivas, Baggio, ao chutar forte para a defesa de Taffarel, voltou a sentir a lesão. No segundo tempo da prorrogação, Romário perdeu a melhor chance da partida, após cruzamento de Cafu, o atacante, livre, dentro da pequena área, chutou fraco, para fora. A Itália ainda criou duas jogadas de relativo perigo, ambas defendidas pelo goleiro brasileiro. Ao final dos extenuantes 120 minutos, pela primeira vez na história, uma final terminava sem gols, empatada e seria decidida nas penalidades máximas.

Baresi, até então herói, havia “parado” Romário, transformou-se em um dos vilões. Foi designado como primeiro cobrador, bateu mal e isolou por cima do travessão. O Brasil não aproveitou a oportunidade, Márcio Santos, também não cobrou bem e Pagliuca defendeu. Na sequência Albertini converteu para a Itália, Romário<sup>138</sup> para o Brasil (a bola ainda tocou na trave), Evani voltou a colocar os italianos em vantagem e Branco empatou em 2X2. Massaro foi o quarto cobrador para a *Azurra*, escolheu o lado esquerdo e Taffarel defendeu. Dunga converteu sua cobrança e o Brasil ficou em vantagem. Roberto Baggio,

---

<sup>137</sup> A Seleção Brasileira deu 22 chutes ao gol (9 deles foram na direção certa), seu oponente chutou apenas 6 vezes (3 finalizações certas e 3 finalizações erradas). Cf. FOLHA DE SÃO PAULO, 18 de junho de 1994, p. 4 (Tetra 94).

<sup>138</sup> Romário de Souza Faria (Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1966). Um dos maiores atacantes produzidos pelo futebol brasileiro e mundial. Jogador ambidestro, colocava-se de forma perfeita dentro da área, capaz de efetuar dribles curtos e finalizações precisas. Começou sua longa carreira em 1985 no Vasco da Gama, equipe que defendeu até 1988 quando foi atuar na Holanda pelo PSV Eindhoven, pela equipe holandesa realizou 167 jogos e incríveis 165 gols. Em 1993 foi jogar no Barcelona. Em 1995, após se consagrar na Copa de 1994, o atleta resolveu retornar ao futebol brasileiro e atuou pelo Flamengo. Teve uma rápida passagem pelo Valencia entre 1996 e 1997 e voltou, por empréstimo, ao Flamengo ainda em 1997. Permaneceu na Gávea até o final de 1999. No ano 2000 foi defender o Vasco da Gama. Entre 2002 e 2004 jogou pelo Fluminense, contudo, em 2003 fez 3 jogos, pelo Al Sadd do Catar. Em 2005 retornou ao Vasco da Gama. Em 2006 aventurou-se pelo futebol norte-americano e australiano, no Miami FC e Adelaide United respectivamente. Voltou, para sua quarta e última passagem no Vasco da Gama em 2007 e 2008, quando anunciou sua aposentadoria em abril. Em 2009 suspendeu temporariamente sua aposentadoria e realizou uma partida pelo clube do coração de seu pai, o América. Após a vitória contra a equipe do Artsul, que garantiu o título da segunda divisão do Campeonato Carioca para a equipe americana e o acesso a elite do futebol carioca em 2010, Romário encerrou definitivamente a carreira e naquele momento tornou-se dirigente do América. O craque brasileiro defendeu a Seleção Brasileira Sub-23 em 1988 e conquistou a Medalha de Prata em Seul. Atuou pela seleção principal em 74 jogos oficiais entre 1987 e 2005, marcou 55 gols. Jogou duas Copas do Mundo (1990 e 1994) e foi cortado por contusão do grupo que jogou a Copa de 1998. Além de ter sido campeão do mundo em 1994 também foi eleito o melhor jogador do Mundial e do mundo naquele ano. Ainda conquistou pela Seleção Brasileira: a Copa Stanley Rous (1987), o Torneio Bicentenário da Austrália (1988), a Copa América (1989 e 1997) e a Copa das Confederações (1997). Enfrentou a Argentina em 3 oportunidades: 1 vitória, 1 empate e 1 derrota. Marcou apenas 1 gol.

mesmo lesionado, foi escolhido para fechar a série de penalidades pela Itália. Se errasse, o Brasil seria campeão sem a necessidade de bater o último pênalti (Bebeto era o batedor escolhido). O principal jogador italiano bateu mal e mandou por cima do gol. O Brasil conquistava o tetracampeonato mundial com a vitória de 3X2 nos pênaltis.<sup>139</sup>

Mesmo sem apresentar um futebol encantador, os brasileiros celebraram efusivamente o título. Segundo Tostão: “O Brasil venceu mas não brilhou. Ganhamos com um sistema de jogo eficiente para o momento, graças ao talento de Bebeto e à genialidade de Romário. Foi um futebol triste, contido, feio”.<sup>140</sup> Para Airton de Farias, seria este o modelo que ganharia mais adeptos entre treinadores, atletas, torcedores e jornalistas esportivos.<sup>141</sup> Mauricio Stycer, enviado pela Folha de São Paulo durante o Mundial, escreveu em seu blog, quinze anos depois da conquista, uma análise já reveladora em seu título: “A estranha Copa que o Brasil ganhou, mas não ficou feliz”.<sup>142</sup> Nela, o autor afirma:

Até hoje, 15 anos depois, essa vitória é considerada uma conquista “menor”, por conta do desempenho esquemático, eventualmente tedioso, da seleção de Parreira. O troféu levantado pelo capitão Dunga não suporta a comparação com as outras quatro copas vencidas e chega a ser questionado até mesmo diante da derrota em 1982. Para piorar, a final contra a Itália, debaixo do sol de meio-dia, no estádio Rose Bowl, em Pasadena, terminou 0 a 0 depois de 120 minutos e foi decidida nos pênaltis – fato inédito e inusitado em uma final de Copa do Mundo.<sup>143</sup>

Para o La Nacion, o Brasil apresentou uma proposta mais interessante de jogo, mais ofensiva que seu adversário. A Itália, preocupada apenas em defender-se e em um contra-ataque marcar o gol que lhe garantisse a vitória. A partida foi avaliada como monótona e esperava-se mais emoção de uma final de Copa do Mundo. Ao final, a vitória brasileira foi justa, pois foi a equipe mais audaz, a que procurou mais insistentemente o ataque e o gol. Assim sintetizou o periódico: “O selecionado brasileiro, com uma melhor proposta e com

---

<sup>139</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. VIDEOSDASELECAO. “Brasil 0x0 Italia - Final da Copa 1994 - World cup”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6T4eSJWamEE>. Acessado em: 29 de janeiro de 2018.

<sup>140</sup> TOSTÃO. *Lembranças, opiniões, reflexões sobre futebol*. São Paulo: DBA, 1997, p. 104.

<sup>141</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., v. 2, p. 130.

<sup>142</sup> STYCER, Mauricio. “A estranha Copa que o Brasil ganhou, mas não ficou feliz”. Disponível em: <http://www.mauriciostycer.com.br/a-estranha-copa-que-o-brasil-ganhou-mas-nao-ficou-feliz>. Acessado em: 30 de agosto de 2014.

<sup>143</sup> Idem, ibidem.

maiores intenções para atacar, resultou um justo ganhador frente a um rival mesquinho e que jogou sua sorte no contra-ataque”.<sup>144</sup>

Ex-atletas e treinadores ouvidos pelo jornal expressaram que a vitória brasileira foi justa, contudo sem apresentar o futebol que encantou o mundo em outros momentos. Segundo Guillermo Schelloto, atacante do Gimnasia: “Brasil ganhou, porém não brilhou”. Jorge Burruchaga, naquele momento jogador do Independiente, foi bastante crítico:

Como toda final foi difícil e, muito mais desta vez, que se confrontaram duas táticas muito parecidas. Por outro lado, imperou o temor e isso foi o que tirou o brilho da conquista do Brasil. Sua falta de audácia o impediu de conquistar o triunfo durante a partida e no tempo suplementar. De qualquer forma, a equipe de Parreira foi justificadamente a campeã pelo que realizou ao longo do torneio e porque teve em Romário a grande figura do campeonato.<sup>145</sup>

Roberto Avanzi, ex-jogador do Vélez e na época diretor da Sociedade Argentina de Traumatologia argumentou de forma muito semelhante a de Burruchaga:

O Brasil foi um vencedor justo de um Mundial muito pobre, o mais fraco de todos os que vi. A cada dia vale mais o atleta que o habilidoso e por isso que quase não havia jogadores para se destacar. Só Romário foi a exceção, com baixa estatura, porém um grande talento.<sup>146</sup>

“Havia príncipes, faltou um rei”.<sup>147</sup> Assim o Clarín analisou os principais atletas que participaram do Mundial de 1994. E na matéria seguinte entrevistou trinta jornalistas, de diversas nacionalidades, se o Brasil havia sido um grande campeão. Eles foram praticamente unânimes em afirmar que a Seleção Brasileira havia sido campeã de forma justa, contudo 24 deles afirmaram que não era um grande campeão. Algumas falas valem ser reproduzidas, pois deixam claro que o futebol apresentado pelos brasileiros foi muito distante daquele que encantou o mundo, especialmente entre 1958 e 1970.

Para o já falecido Francis Huertas, correspondente em Buenos Aires do L’Equipe:

---

<sup>144</sup> LA NACION, 18 de julho de 1994, p. 1 (Mundial ’94).

<sup>145</sup> Idem, ibidem, p. 6.

<sup>146</sup> Idem, ibidem, p. 6.

<sup>147</sup> CLARÍN, 19 de julho de 1994, p. 50.

Não, o Brasil foi um campeão de m... Foi o pior campeão brasileiro e creio que o pior campeão da história dos mundiais. Para o futebol brasileiro o que sucedeu na final foi o pior que podia acontecer. Porque a Copa do Mundo marca uma tendência e há um risco sério de que no Brasil eles comecem a copiar este futebol. Tomará que o bom gosto dos brasileiros seja mais forte.<sup>148</sup>

Já Adrian Maladesky, do El Gráfico, ressaltou:

Não, porque foi muito menos equipe do que nos últimos mundiais, especialmente 82 e 86. Foi um bom campeão comparando-o ao resto, porém não foi um grande campeão. O único brilho que teve foi dado por Romário.<sup>149</sup>

Carlos Losauro, do La Nacion, afirmou: “Não. Foi um dos melhores, porém de maneira nenhuma deslumbrou. E chegou ao título pelo caminho mais ingrato, o dos pênaltis”. Daniel Aller, da *Agencia Intermediarios*, ressaltou que o Brasil sequer respeitou a essência do seu futebol. “Não, foi o campeão e nada mais. Não ficará na memória. Nem sequer respeitou a essência histórica de seu futebol”.<sup>150</sup>

**Figura 5: Seleção Brasileira campeã em 1994<sup>151</sup>**



### 6.3. DECEPÇÕES DA ARGENTINA X CONQUISTAS E PRESTÍGIO DO BRASIL

Carlos Alberto Parreira deixou o comando da Seleção Brasileira após a Copa de 1994. Alegou que havia cumprido o seu ciclo e foi dirigir a equipe espanhola do Valencia.<sup>152</sup>

<sup>148</sup> Idem, *ibidem*, p. 50.

<sup>149</sup> Idem, *ibidem*, p. 50.

<sup>150</sup> Idem, *ibidem*, p. 50.

<sup>151</sup> IMORTAIS do futebol. “Seleções imortais: Brasil 1994”. Disponível em: <https://www.imortaisdofutebol.com/2012/12/19/selecoes-imortais-brasil-1994/>. Acessado em: 31 de janeiro de 2018.

A CBF anunciou que Zagallo, diretor técnico do antigo treinador, assumiria, depois de duas décadas, o comando do escrete. Duas prioridades se descortinavam naquele momento com possibilidades de obtenção de títulos inéditos: a Copa América de 1995, que seria disputada no Uruguai – o Brasil jamais havia vencido a competição fora de seus domínios – e o torneio Pré-Olímpico de 1996 que permitiria com que a seleção disputasse as Olimpíadas de Atlanta, no mesmo ano, em busca da medalha de ouro olímpica. No prazo mais longo, iniciava-se o ciclo preparatório para a Copa de 1998, lembrando que o Brasil, por ser o atual campeão do mundo não disputaria a fase eliminatória.

Na Argentina, com a eliminação precoce, Alfio Basile passou a ser criticado. Um dos aspectos mais ressaltados foi o excesso de liberalidade que envolveu o seu trabalho. A AFA resolveu então adotar um caminho disciplinador e escolheu o “*El Gran Capitán*”, Daniel Passarella, para dirigir a seleção. Em sua ainda curta carreira de técnico, quase cinco anos, já havia conquistado quatro títulos com o River Plate. Nesse período ficou conhecido exatamente pela sua linha de trabalho mais rígida. Seguindo tal direcionamento, Passarella exigiu que os atletas convocados usassem corte de cabelo curto. Alguns jogadores acataram as novas determinações do treinador, contudo, outros não o fizeram, como Fernando Redondo,<sup>153</sup> Caniggia e Scoponi.<sup>154</sup> Os três, coincidentemente, não foram convocados para a Copa de 1998.

---

<sup>152</sup> Parreira, em entrevista para o site da UOL Esportes, alegou que se arrependeu de deixar a Seleção Brasileira para dirigir a equipe espanhola logo após o final da Copa de 1994. Segundo ele, ao assumir o Valencia, não vivenciou o clima de ter sido campeão do mundo no Brasil e quando retornou ao país, obviamente a empolgação já não era a mesma. Também assumiu outro equívoco cometido, em relação ao seu contrato com o clube europeu, que foi de apenas um ano, enquanto outros treinadores exigem que eles, os contratos, sejam mais longos, “de quatro, cinco temporadas”. Cf. MEDICI, João Henrique & TOZZI, Daniel. “Errei ao deixar a Seleção em 1994, revela Parreira”. Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2005/09/05/ult59u96061.jhtm>. Acessado em: 26 de agosto de 2016.

<sup>153</sup> Fernando Carlos Redondo Neri (Adrogué-Provincia de Buenos Aires, 6 de julho de 1969). Um dos maiores volantes do futebol mundial, capaz de produzir tanto defensiva quanto ofensivamente. Muito habilidoso, especialmente com a perna esquerda, tinha ampla visão de jogo e dava passes precisos. Ao contrário de muitos outros atletas, Redondo era proveniente de família de classe média, estudioso e tinha boas notas na escola. Começou a mostrar habilidade no futebol de salão e seu pai o levou para fazer testes no Argentinos Juniors, equipe pela qual se profissionalizou em 1985 e defendeu até 1990 quando foi atuar no futebol europeu, pelo Tenerife, da Espanha. Em 1994 foi comprado pelo Real Madrid, clube no qual viveu seu apogeu no futebol. Pela equipe *merengue* venceu dois campeonatos espanhóis (1995 e 1997) e duas Ligas dos Campeões da Europa – UEFA Champions League (1997/1998 e 1999/2000). Em 2000, após ser eleito o melhor jogador da Liga dos Campeões da Europa, foi atuar no futebol italiano, pelo Milan. As inúmeras contusões atrapalharam bastante sua carreira na equipe italiana, pela qual se aposentou em 2004. Conquistou vários títulos no período, mesmo que em alguns deles não tenha participado de forma mais efetiva: campeonato italiano temporada 2003/2004, a Liga dos Campeões da Europa temporada 2002/2003, Supercopa da UEFA 2003, Copa da Itália temporada 2002/2003 e Supercopa da Itália 2004. Defendeu a Seleção Argentina entre 1992 e 1999 em 29 partidas, tendo o seu melhor momento entre 1992 e 1994, sob o comando de Alfio Basile. Neste período ganhou a Copa Rei Fahd (1992) e a Copa América (1993). Jogou a Copa do Mundo de 1994. Posteriormente entrou em atrito com o novo técnico da

As duas seleções voltaram ao campo ainda em 1994. O Brasil, no dia 23 de dezembro de 1994, realizou um amistoso contra a Iugoslávia, em Porto Alegre. Venceu por 2X0, gols de Viola e Branco. Anteriormente, em outubro, realizou um jogo contra o Chile, contudo Zagallo optou por convocar a Seleção Pré-Olímpica, vitória brasileira por 5X0. Por não se tratar da seleção principal, o jogo não consta da lista oficial das partidas do Brasil.

A Argentina, por sua vez, realizou três amistosos, enfrentou e venceu, fora de casa, os chilenos por 3X0, em novembro. No mês seguinte, mais duas vitórias, ambas em Buenos Aires, nos dias 21 e 27, por 1X0, contra a Romênia e Iugoslávia, respectivamente. Era um início promissor de Passarella no comando da equipe.

A equipe do Prata começou o novo ano defendendo o título da Copa Rei Fahd, em sua segunda e última edição, pois ela foi rebatizada, a partir da próxima disputa (1997), como Copa das Confederações. A competição ocorreu em janeiro de 1995, na Arábia Saudita, e contou, além da equipe local, com as cinco seleções campeãs continentais: Dinamarca, Japão, Argentina, México e Nigéria.<sup>155</sup> As equipes foram, na primeira fase, divididas em dois grupos de três participantes, os segundos colocados de cada grupo disputariam a terceira colocação enquanto os primeiros colocados disputariam a grande final. O Grupo A foi composto por: Arábia Saudita, Dinamarca e México. O Grupo B foi formado por: Argentina, Japão e Nigéria.

A Dinamarca e o México chegaram na última rodada do Grupo A empatados em pontos e saldo de gols, ambas seleções venceram a Arábia Saudita pelo placar de 2X0. As equipes empataram no tempo regulamentar em 1X1 e a vaga para a final foi decidida nas penalidades máximas. Os dinamarqueses superaram os mexicanos por 4X2.

---

albiceleste, Daniel Passarella, pois se negou a cortar os longos cabelos como o treinador exigia. Sabe-se ainda, que o novo treinador exigia que ele atuasse em uma posição em campo na qual não se sentia tão confortável. Enfrentou o Brasil em 3 oportunidades: 1 vitória e 2 derrotas. Não marcou gols.

<sup>154</sup> Segundo Tales Torraga, Passarella, próximo à Copa de 1998 precisava de um terceiro goleiro e queria convocar o experiente Scopponi, contudo pediu para que seu assistente, Gallego, conversasse com o arqueiro, outro notório cabeludo. A resposta teria sido: “Só corto meu cabelo se você emagrecer 30 quilos”. Cf. TORRAGA, Tales. “Há 20 anos, ‘Corte o cabelo ou te corto da seleção’. Os bastidores”. Disponível em: <https://patadasygambetas.blogosfera.uol.com.br/2016/02/19/ha-20-anos-corte-o-cabelo-ou-te-corto-da-selecao-os-bastidores/>. Acessado em: 27 de outubro de 2017.

<sup>155</sup> As seleções eram campeãs: Dinamarca – Eurocopa de 1992; Japão – Copa da Ásia de 1992; Argentina – Copa América de 1993; México – Copa Ouro da CONCACAF de 1993 e Nigéria – Copa das Nações Africanas de 1994.

Na primeira partida do Grupo B, no dia 6 de janeiro, a Nigéria venceu o Japão por 3X0. Dois dias depois, a equipe comandada por Passarella não tomou conhecimento dos asiáticos e goleou por 5X1,<sup>156</sup> gols de Batistuta (2), Chamot, Ortega e Rambert, descontou para os japoneses Kazuyoshi Miura, atleta que jogou em vários clubes brasileiros entre 1986 e 1990 e era conhecido como Kazu. O resultado dava aos argentinos a vantagem do empate contra os nigerianos na partida seguinte.

Argentina e Nigéria se enfrentaram no dia 10 de janeiro.<sup>157</sup> Foi uma partida com dois tempos distintos. Na etapa inicial, o domínio foi exercido pela equipe africana, no entanto, os argentinos melhoraram no segundo tempo e criaram as melhores oportunidades, inclusive Hugo Pérez acertou o travessão em cobrança de falta. No final, o empate de 0X0 levou o representante da América do Sul para a decisão.

Em 13 de janeiro, o estádio Rei Fahd, em Riad, recebeu o campeão europeu e o sul-americano para a decisão do torneio.<sup>158</sup> A partida começou favorável aos dinamarqueses, Bassedas calçou Högh dentro da área e o juiz assinalou pênalti que foi convertido por Michael Laudrup. Os ventos pareciam mudar de lado quando, aos 26 minutos, o autor do gol e principal jogador da equipe europeia se contundiu e foi substituído. No entanto, nervosos, os argentinos passaram a jogar de forma violenta e não aproveitaram a ausência do craque dinamarquês.

A Dinamarca voltou melhor na segunda etapa e perdeu boa chance de marcar com Rasmussem de cabeça nos minutos iniciais da segunda etapa. Aos 30 minutos, em um contra-ataque letal, ele se reabilitou e ampliou para a Dinamarca. Os argentinos buscaram, nos minutos finais, pressionar os seu adversário, mas a situação ficou ainda mais complicada aos 43 minutos quando Chamot, ao perder a jogada, puxou a camisa de Högh para impedir o

---

<sup>156</sup> Escalação da Seleção Argentina: Bossio, Ayala, Chamot, Zanetti, Fabbri, Hugo Pérez, Escudero (Gustavo López), Bassedas, Ortega (Marcelo Gallardo), Batistuta e Rambert. Escalação da Seleção Japonesa: Matsunaga, Natsuka, Tsunami, Ihara, Horiike (Yanagimoto), Hashiratani, Isogai, Motohiro Yamaguchi, Toshihiro Yamaguchi (Kitazawa), Miura e Fukuda. O árbitro da partida foi o costarrriquenho Rodrigo Badilla.

<sup>157</sup> Escalação da Seleção Argentina: Bossio, Ayala, Chamot, Zanetti, Fabbri, Hugo Pérez, Escudero, Bassedas, Ortega, Batistuta e Rambert. Escalação da Seleção Nigeriana: Rufai, Eguavoen, Iroha, Okechukwu, Okafor, Adepoju, Okocha (Sam Pam), Ekoku (Mutari), Amunile, Siasia e Amokachi. O árbitro da partida foi o emirático Ali Mohamed Bujsaim.

<sup>158</sup> Escalação da Seleção Argentina: Bossio, Ayala, Chamot, Zanetti, Fabbri, Escudero, Bassedas, Ortega, Batistuta, Rambert (Espina) e Jiménez (Gustavo López). Escalação da Seleção Dinamarquesa: Krogh, Friis-Hansen, Rieper, Högh, Schjonberg, Laursen (Risager), Nielsen, Michael Laudrup (Wieghorst), Kristensen, Brian Laudrup e Rasmussen. O árbitro da partida foi o emirático Ali Mohamed Bujsaim.

contragolpe e, após a marcação da falta, deliberadamente jogou a bola no jogador adversário que estava caído no campo. O juiz imediatamente o expulsou. O título foi erguido por Michael Laudrup e a Dinamarca derrotava outro gigante do futebol mundial.

Depois do vice-campeonato, Passarella voltou o seu olhar para a Copa América que seria disputada em julho, no vizinho Uruguai. Realizou seis amistosos como preparação para a competição continental na qual defendia o título, com o saldo de 5 vitórias e 1 empate. Venceu, em fevereiro, a Bulgária por 4X1. Em 13 de maio, empatou, na única partida realizada fora da Argentina, com a África do Sul por 1X1 e no último dia do mês derrotou o Peru por 1X0. Em junho, acelerando a preparação, realizou três partidas, nos dias 14, 23 e 30, ganhou do Paraguai por 2X1, da Eslováquia por 6X0 e finalmente da Austrália por 2X0. A equipe estava pronta para estreiar na Copa América no dia 8 de julho contra a Bolívia.

A grande preocupação do Brasil para 1995 era a Copa América e, neste sentido, a equipe realizou 4 amistosos e participou da Copa Umbro, torneio disputado na Inglaterra. A primeira partida ocorreu no dia 22 de fevereiro contra a Eslováquia, vitória tranquila, especialmente no segundo tempo, por 5X0, em Fortaleza.<sup>159</sup> Em 29 de março o Brasil jogou em Goiânia contra Honduras. Nesta partida não contou com os atletas que atuavam no exterior e apenas empatou em 1X1.<sup>160</sup> Em maio, dia 17, o Brasil jogou em Tel Aviv contra a Seleção de Israel e venceu por 2X1.<sup>161</sup>

Em junho, o Brasil jogou três partidas contra Suécia, Japão e Inglaterra, todas válidas pela Copa Umbro e disputadas em solo inglês. O torneio foi organizado pela *The Football Association* e patrocinado pela fabricante de materiais esportivos que as fornecia para as quatro equipes que participaram da disputa e que deu o nome à competição. O Brasil realizou sua primeira partida contra uma velha conhecida, a Suécia, no dia 4 de junho, em Birmingham, e venceu por 1X0, gol de Edmundo. Dois dias depois, enfrentou e venceu o Japão, por 3X0, em Liverpool. Gols de Roberto Carlos e dois de Zinho. O título foi decidido no dia 11 de junho contra a Inglaterra, no lendário estádio de Wembley. O Brasil, com melhor campanha, jogava com a vantagem do empate.<sup>162</sup> Não foi preciso “jogar com o regulamento”.

---

<sup>159</sup> Marcaram os gols do Brasil: Bebeto (2), Márcio Santos, Souza e Túlio.

<sup>160</sup> Presley Carson abriu o placar para Honduras e Túlio empatou para o Brasil.

<sup>161</sup> Túlio e Rivaldo marcaram para o Brasil e Gad Brumer descontou para Israel.

<sup>162</sup> A Inglaterra venceu o Japão por 2X1 e posteriormente empatou com a Suécia por 3X3.

A equipe comandada por Zagallo realizou grande exibição e derrotou os donos da casa por 3X1, com direito a aplausos do público ao final do jogo e um show de Juninho Paulista, que pouco depois seria adquirido pelo Middlesbrough.<sup>163</sup>

No dia 29 de junho, os tetracampeões jogaram seu último amistoso antes de iniciar a Copa América, contra a Polônia, no Recife. Com dois gols de Túlio e um de Juskowiak, o Brasil venceu a partida por 2X1 e partiu para o Uruguai com o intuito de conquistar, pela primeira vez, o título continental fora de seus domínios.

A 37ª edição da Copa América foi disputada no Uruguai entre os dias 5 e 23 de julho de 1995. Participaram as 10 filiações da Conmebol e duas convidadas da Concacaf, no caso, Estados Unidos e México. Quatro cidades receberam as partidas dos três grupos: Maldonado, Montevideu, Paysandú e Rivera. Cada grupo foi formado por quatro equipes e as duas melhores de cada um deles avançavam para a fase seguinte juntamente com os dois melhores terceiros colocados.

Os grupos foram formados da seguinte maneira: Grupo A – México, Paraguai, Uruguai e Venezuela. Grupo B – Brasil, Colômbia, Equador e Peru. Grupo C – Argentina, Bolívia, Chile e Estados Unidos.

O Brasil fez sua estreia no dia 7 de julho em uma partida sem brilho contra o Equador e venceu por 1X0, gol do zagueiro Ronaldão. A equipe retornou aos gramados na noite fria de 10 de julho, mais uma vez em Rivera, para jogar contra o Peru. Mesmo alcançando um resultado aparentemente tranquilo, 2X0, a Seleção Brasileira não realizou uma boa apresentação e era inclusive vaiada pela torcida aos 32 minutos da segunda etapa quando fez o seu primeiro gol, em cobrança de pênalti convertida por Zinho. Cinco minutos depois, Edmundo deu números finais ao confronto.

A última partida do grupo, Brasil X Colômbia, foi disputada no mesmo local, Rivera, no dia 13 de julho. As duas equipes já estavam classificadas e definiriam as posições dentro da chave. O Brasil precisava apenas de um empate para terminar na liderança. Foi uma

---

<sup>163</sup> A Inglaterra começou vencendo com o gol de Graeme Le Saux. O Brasil empatou, virou e venceu a partida com gols de: Juninho Paulista, Ronaldo e Edmundo. Outro detalhe desse jogo é que Zagallo tornava-se o treinador com o maior número de jogos no comando da Seleção Brasileira, alcançando 73 partidas.

partida mais aberta, com as duas seleções procurando o ataque. Os tetracampeões apresentaram um bom futebol e venceram a Colômbia com autoridade, por 3X0, com direito a um gol de bicicleta de Túlio e outro olímpico de Juninho, em falha do folclórico goleiro Higuita. Leonardo havia aberto o marcador.

Com a liderança conquistada, o Brasil jogaria contra o segundo colocado do Grupo C, que muito provavelmente seria, segundo a Folha de São Paulo, a equipe da Bolívia.<sup>164</sup> Surpresas estavam reservadas para a última rodada do citado grupo que derrubariam todos os prognósticos.

A Argentina, campeã das últimas duas edições da Copa América, realizou suas partidas da primeira fase na cidade de Paysandú. Iniciou sua caminhada contra a Bolívia no dia 8 de julho com uma vitória por 2X1, construída na etapa complementar depois que Daniel Ortega entrou no lugar de Gallardo e deu nova movimentação para a equipe, “fazendo ruir o sistema defensivo da Bolívia”.<sup>165</sup> Batistuta marcou para os argentinos, Angola empatou o jogo e Balbo deu números finais para o confronto. A classificação para a próxima fase foi conquistada “na melhor exibição de uma equipe na competição”<sup>166</sup> com a fácil vitória sobre os chilenos, no dia 11 de julho, por 4X0, Batistuta duas vezes, Balbo e Simeone marcaram os gols.

Na última rodada, a Argentina entrou em campo como a virtual campeã do seu grupo. A situação parecia tão tranquila que Passarella resolveu poupar vários titulares no último confronto da fase. A Bolívia, para assumir a primeira colocação, teria que golear o Chile e ainda torcer por uma derrota da Argentina para os Estados Unidos. A rodada iniciou com o empate entre bolivianos e chilenos por 2X2.<sup>167</sup> A albiceleste com 6 pontos e saldo positivo de 5 gols enfrentou, no dia 14 de julho, às 21 horas, os Estados Unidos, com 3 pontos e saldo nulo de gols. Ou seja, para alcançar a liderança do grupo, a equipe norte-americana teria que vencer a partida por uma diferença mínima de 3 gols. Placar final: Estados Unidos 3X0 Argentina. A pequena cidade de Rivera assistiria, inesperadamente, nas quartas de final: Argentina X Brasil.

---

<sup>164</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 14 de julho de 1995, p. 1 (Esporte).

<sup>165</sup> Idem, 10 de julho de 1995, p. 4 (Esporte).

<sup>166</sup> Idem, 12 de julho de 1994, p. 4 (Esporte).

<sup>167</sup> A Bolívia classificou-se como uma das duas melhores terceiras colocadas.

Para Simeone, a partida era uma final antecipada, uma vez que, para o atleta, tanto o Brasil, quanto a Argentina se encontravam em um patamar acima das demais equipes.<sup>168</sup> Telê Santana foi ainda mais enfático em crônica publicada na Folha de São Paulo, afirmou que o Brasil tinha que impor o seu estilo na Copa América e completou: “Hoje, temos melhores jogadores até que a Argentina, nosso maior adversário, e somos favoritos ao título”.<sup>169</sup>

As duas equipes entraram na fria noite de 17 de julho confiantes na vitória.<sup>170</sup> A Argentina começou melhor o confronto e abriu o marcador logo aos 2 minutos, quando Balbo recebeu um lançamento livre pela direita, avançou na área e chutou sem chances para Taffarel. Os brasileiros reagiram rapidamente, Roberto Carlos cruzou rasteiro e Edmundo, aos 9 minutos, escorou para dentro do gol. A partida seguiu equilibrada e em ritmo um pouco mais lento.

Aos 30 minutos, Batistuta recebeu a bola dentro da área brasileira, novamente pelo lado direito do ataque, chutou forte em direção do gol e contou com a falha de Taffarel que deixou a bola passar ao lado do seu corpo. Com a vantagem no placar, os argentinos buscaram fechar a equipe para conter os ataques brasileiros. Aos 44 minutos, Astrada cometeu falta extremamente violenta sobre Sávio e acabou expulso.

Com um jogador a menos, o panorama da partida modificou-se bastante na etapa complementar. Os argentinos voltaram excessivamente defensivos com o intuito de explorar os contra-ataques. Já o Brasil, sem alternativa, adotou postura ofensiva. Faltando 10 minutos para o término do tempo regulamentar, Túlio, que havia entrado no lugar de Leonardo aos 14 minutos da etapa final, marcou o gol de empate. Jorginho cruzou da direita, Túlio, impedido, matou a bola no braço e na saída do goleiro argentino, jogou para o fundo das redes. O árbitro peruano, diante das reclamações dos atletas argentinos, faz sinais de que o atacante brasileiro havia matado a bola no peito, o que de fato não aconteceu. O Brasil alcançou o empate. Aos

---

<sup>168</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 17 de julho de 1994, p. 8 (Esporte).

<sup>169</sup> Idem, 9 de julho de 1994, p. 4 (Esporte).

<sup>170</sup> Escalação da Seleção Argentina: Cristante, Zanetti, Fabbri, Cáceres, Chamot, Borrelli, Astrada, Simeone, Ortega (Hugo Pérez), Balbo (Acosta) e Batistuta (Ayala). Escalação da Seleção Brasileira: Taffarel, Jorginho, Aldair, André Cruz, Roberto Carlos, César Sampaio, Dunga, Juninho Paulista, Leonardo, Edmundo (Túlio) e Sávio. O árbitro da partida foi o peruano Alberto Tejada Noriega.

40 minutos o número de jogadores também se igualou, César Sampaio cometeu falta dura sobre Acosta e foi expulso.

Ao apito final o placar assinalava o resultado de 2X2, a decisão da vaga foi definida pelas penalidades máximas. Enquanto Roberto Carlos, Túlio, Dunga e Edmundo converteram para o Brasil (apenas André Cruz perdeu a cobrança), somente Hugo Pérez e Acosta foram felizes para os argentinos, Taffarel defendeu as batidas de Simeone e Fabbri. Dessa forma, o Brasil venceu por 4X2<sup>171</sup> e classificou-se para jogar uma das semifinais contra os Estados Unidos que derrotaram o México, também nas penalidades máximas, depois de um empate sem gols no tempo regulamentar.

A derrota para a Seleção Brasileira não foi a única e, nem mesmo a pior perda dos argentinos, naquele 17 de julho de 1995. Indubitavelmente a morte de Juan Manuel Fangio, detentor de 5 títulos da F-1, maior ídolo do automobilismo de seu país e mito mundial, aos 84 anos, foi muito mais sentida e lamentada.<sup>172</sup>

Para Armando Nogueira, o jogo entre argentinos e brasileiros foi inesquecível ao ponto do cronista se sentir de volta “aos anos dourados do Sul-Americano (...) Gols feitos, gols perdidos, gols falsificados, expulsões, bravura, requinte técnico – nada faltou pra que o jogo passasse à história como a grande epopeia do futebol continental”.<sup>173</sup> Em relação ao futebol argentino, Nogueira ressaltou que ele retomava suas tradições futebolísticas, enumerou suas principais e históricas características e virtudes e percebeu ainda uma dupla libertação, a primeira de Maradona e a segunda da influência deletéria do futebol europeu que, segundo o autor, também atingiu o Brasil.

A seleção da Argentina foi muito bem no primeiro tempo. Reviveu, em dados momentos, a magia de sua respeitável escola. Futebol de aproximação, toques curtos, de primeira, envolvente. Um luxo técnico. Admirável. Com um padrão tão refinado, não precisava abusar do jogo

---

<sup>171</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. BFDMOURA. “Brasil 2 (4) X 2 (2) Argentina - semifinal da Copa América de 1995”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IHgFI1ShcZs>. Acessado em: 1º de fevereiro de 2018.

<sup>172</sup> O presidente da Ferrari, o italiano Luca di Montezemolo afirmou: “Com sua morte, desaparece a figura mais representativa da história do automobilismo”. O brasileiro Emerson Fittipaldi, que corre na Indy, disse que o automobilismo mundial perdeu o maior piloto de todos os tempos. Para o presidente da Argentina, Carlos Menem, o ex-piloto “foi um dos homens mais extraordinários do esporte mundial” e o dia de sua morte tornou “a data mais triste para o país”. Cf. FOLHA DE SÃO PAULO, 18 de julho de 1995, p. 6 (Esporte).

<sup>173</sup> JORNAL DO BRASIL, 19 de julho de 1995, p. 23.

violento. O futebol argentino começa a se libertar de Maradona. E o que é mais importante: liberta-se, também, de uma longa influência européia que asfixiava o talento argentino. Tal como andou acontecendo com o futebol brasileiro.<sup>174</sup>

Retornando às quartas de final, apenas uma das partidas não terminou empatada e foi definida nas penalidades máximas. Os donos da casa, os uruguaiois, derrotaram os bolivianos por 2X1. No jogo que abriu esta fase da competição, a Colômbia empatou com o Paraguai em 1X1 e venceu nos pênaltis por 5X4. Uruguaiois e colombianos fariam a outra semifinal.

No dia 19 de julho o Uruguai, em Montevideu, derrotou a Colômbia por 2X0 e classificou-se para a grande final. No dia seguinte, 20 de julho, em Maldonado, os Estados Unidos montaram um esquema defensivo para enfrentar o Brasil que não foi desfeito sequer quando Aldair marcou de cabeça, ainda aos 13 minutos do primeiro tempo. Com dificuldade de romper a forte marcação imposta pelos norte-americanos e jogando de forma lenta, o Brasil, para irritação de sua torcida, venceu por apenas 1X0.

Uruguai e Brasil decidiram na tarde de domingo, 23 de julho de 1995, no mítico e lotado estádio Centenário, em Montevideu, a 37ª edição da Copa América. Era uma partida de “vencedores”, tanto os donos da casa, quanto o técnico adversário, se gabavam:

Os uruguaiois, que não costumam perder no Estádio Centenário, se engalanaram para a vitória final. Montevideu estava em festa. Balões azuis esvoaçavam por cima do estádio. Zagallo costumava dizer que nunca fora derrotado por seleções sul-americanas.<sup>175</sup>

A partida começou muito equilibrada e com as equipes se respeitando bastante. O Brasil conseguiu abrir o placar aos 30 minutos, depois de boa troca de passes entre Juninho, Zinho e Edmundo, que cruzou para Túlio concluir de peito para as redes. O primeiro tempo terminou com a vantagem mínima para os brasileiros.

O Uruguai partiu para o ataque na etapa final e passou a pressionar o Brasil. Aos 5 minutos Aldair cometeu falta em Otero na entrada da área, Bengoechea cobrou com precisão,

---

<sup>174</sup> Idem, *ibidem*, p. 23.

<sup>175</sup> SOTER, Ivan. *Enciclopédia da seleção: as seleções brasileiras de futebol 1914-2002*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002, p. 201.

no ângulo, e empatou a peleja. Quatro minutos depois o árbitro mexicano, Arturo Brizio, anulou um gol de Edmundo, alegando impedimento. Como ocorreu nas fases anteriores, o regulamento previa que, em caso de empate no tempo regulamentar, não haveria prorrogação e o campeão seria conhecido nas penalidades máximas. Foi exatamente o que ocorreu. Ao final dos 90 minutos, o placar no Centenário mostrava Uruguai 1X1 Brasil.

Desta feita, a sorte não sorriu para o Brasil. Túlio errou sua cobrança, a terceira do Brasil, e como os uruguaios acertaram todas as cinco, que lhes cabiam, venceram por 5X3 e conquistaram a taça de campeões pela décima quarta vez, empatando a sua batalha particular com a grande rival, a Argentina, em número de sucessos continentais.

No segundo semestre de 1995 a Argentina realizou quatro amistosos. Foi a Madri, em setembro, e perdeu para a Espanha por 2X1. Em outubro empatou sem gols com a Colômbia em Buenos Aires e em dezembro, também em casa, goleou a Venezuela por 6X0. Antes disso, em novembro, comemorando o 50º aniversário do Diário Clarín, o Brasil foi convidado para um enfrentamento contra a Argentina.

A Seleção Brasileira realizou seis amistosos no restante de 1995. Goleou o Japão, por 5X1, na última partida do lateral direito Jorginho<sup>176</sup> pelo selecionado, e venceu a Coreia por 1X0, as partidas foram realizadas em agosto em excursão pela Ásia. Em setembro, com uma seleção formada apenas por jogadores que atuavam no Brasil, empatou em 2X2 com a Romênia. Em outubro derrotou os uruguaios em Salvador por 2X0, com dois gols de

---

<sup>176</sup> Jorge de Amorim Campos – Jorginho (Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1964). Lateral direito que começou a carreira profissional em 1983 no América-RJ. Tornou-se mais conhecido quando foi contratado pelo Flamengo em 1984. Ganhou rapidamente a titularidade na equipe da Gávea uma vez que Leandro, titular da lateral, resolveu mudar de posição, atuar na zaga central, em virtude da grave artrose nos joelhos que sofria e assim prolongar sua carreira. Jorginho defendeu o Flamengo até 1989 e conquistou o Campeonato Carioca de 1986 e a Copa União de 1987. Entre 1989 e 1995 jogou no futebol alemão, primeiro no Bayer Leverkusen (até 1992), quando foi deslocado da lateral para o meio de campo e conquistou a Copa da Alemanha da temporada 1992-1993. Suas boas atuações o levaram para o gigante alemão, o Bayer de Munique, equipe pela qual conquistou a Bundesliga da temporada 1993-1994 e a Copa UEFA (atual Liga Europa) da temporada 1995-1996. Partiu para o futebol japonês para defender o Kashima Antlers entre 1996 e 1998, conquistou 2 campeonatos japoneses (1996 e 1998), 1 Copa da Liga Japonesa (1997), 2 Supercopas Japonesas (1997 e 1998) e 1 Copa do Imperador (1997). Em 1999 jogou pelo São Paulo. Em 2000 e 2001 defendeu o Vasco da Gama e aumentou suas conquistas, ganhou o Campeonato Brasileiro e a Copa Mercosul, ambas em 2000. Finalmente, em 2001, teve uma rápida passagem pelo Fluminense, equipe pela qual encerrou sua carreira de jogador de futebol profissional. Defendeu a Seleção Brasileira em 68 jogos oficiais entre 1987 e 1995. Foi titular do Brasil em duas Copas do Mundo (1990 e 1994). Pela Seleção Brasileira conquistou a Taça Stanley Rous em 1987, a Copa Umbro em 1995, a Copa América de 1989 e, especialmente, a Copa do Mundo de 1994. Também foi medalhista de prata nas Olimpíadas de Seul em 1988. Enfrentou a Argentina em 3 oportunidades: 2 empates e 1 derrota.

Ronaldo, firmando-se como o dono da camisa 9. Em novembro jogou contra a Argentina e em dezembro, em Manaus, venceu a Colômbia por 3X1.

A partida amistosa entre Argentina e Brasil, em comemoração ao 50º aniversário do Diário Clárin, foi disputada na noite de 8 de novembro de 1995. A imprensa brasileira se mostrava preocupada com o confronto, uma vez que a seleção estava bastante “desfigurada”, com inúmeros desfalques. Três invencibilidades estavam em jogo, Zagallo gabava-se de nunca ter sido derrotado pela Argentina como treinador, a equipe comandada por ele estava invicta desde que assumira a sua direção com a saída de Parreira, perfaziam 18 partidas com a seleção principal e não 19, como ressaltado pela Folha de São Paulo.<sup>177</sup> Finalmente, o Brasil defendia uma série de 31 partidas sem perder. O experiente treinador ressaltou uma dificuldade a mais que teriam na partida: “(...) os argentinos estão sedentos por vitória, desde que o Túlio fez aquele gol com a mão, contra eles, na última Copa América”.<sup>178</sup> Para o defensor brasileiro, Aldair: “No momento, eles estão melhores que nós e são favoritos”.<sup>179</sup>

Passarella, provocador, afirmou que o Brasil, antes mesmo da partida, estava se utilizando dos desfalques para justificar uma eventual derrota. “Eles querem jogar toda a responsabilidade para a Argentina. Se ganharmos, já estão dizendo que o Brasil não está completo, que não está levando o jogo a sério”.<sup>180</sup> Os argentinos também defendiam um “tabu”, não eram derrotados pelos brasileiros em Buenos Aires há 19 anos.

Ao contrário do que se inicialmente anunciava, um bom público, um pouco mais de 58 mil pagantes, se dirigiu ao Monumental de Núñez para acompanhar o duelo.<sup>181</sup> Os esperançosos argentinos foram surpreendidos com o domínio que a Seleção Brasileira exerceu na primeira etapa da partida. O ataque argentino foi amplamente dominado pelo setor defensivo brasileiro e não criou praticamente nenhuma jogada de grande perigo para a meta defendida por Carlos Germano. O Brasil, ao contrário, teve uma boa chance de marcar, com Juninho Paulista, logo aos 2 minutos. Aos 20 minutos, Amaral foi lançado pela direita, passou

---

<sup>177</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 8 de novembro de 1995, p. 1 (Esporte).

<sup>178</sup> Idem, *ibidem*, p. 1.

<sup>179</sup> Idem, *ibidem*, p. 1.

<sup>180</sup> Idem, *ibidem*, p. 3.

<sup>181</sup> Escalação da Seleção Argentina: Cristante, Zanetti, Cáceres, Trotta, Altamirano, Astrada, Simeone (“Killi” González), Gallardo (Gustavo López), Berti (Ortega), Balbo e Batistuta. Escalação da Seleção Brasileira: Carlos Germano, Cafu (Rodrigo), Aldair (Narciso), André Cruz, Roberto Carlos, Flávio Conceição (Charles Guerreiro), Amaral, Rivaldo, Juninho Paulista, Donizete e Túlio (Arílson). O árbitro da partida foi o uruguaio Ernesto Filippi.

pelo seu marcador, cruzou rasteiro na entrada da área para Donizete que livre dominou a bola, deu dois toques e chutou forte para vencer Cristante. O Brasil reclamou uma penalidade máxima aos 26 minutos quando Rivaldo recebeu a bola dentro da área e ao girar teria sido derrubado, o árbitro uruguaio mandou a jogada prosseguir. O primeiro tempo terminou com a vantagem brasileira.

Sem opções e pressionados pela torcida, os argentinos se lançaram mais incisivamente ao ataque na etapa complementar, especialmente com as entradas de Ortega e Gustavo López nos lugares de Gallardo e Berti, e adiantaram a marcação. A partida se tornou mais equilibrada, no entanto, eram oferecidos espaços para os contra-ataques brasileiros. Os donos da casa perderam excelente chance aos 28 minutos, em uma rebatida da defesa a bola sobrou livre para Ortega, na entrada da grande área, mas o chute foi para fora.

A necessidade de virar o resultado havia se transformado em tensão para os jogadores argentinos e isso ficou evidente na sequência de expulsões ocorridas no final do jogo. Aos 37 minutos, Arílson, que havia entrado no lugar de Túlio, fez falta violenta e acabou expulso e a Argentina não soube aproveitar a vantagem numérica pois, três minutos depois, “Killi” González também foi expulso ao cometer falta em Donizete. A partir daí, os torcedores locais, irritados, começaram a vaiar sua seleção e a aplaudir os brasileiros. O “tabu” estava quebrado, o Brasil vencia a Argentina na casa da adversária, depois de 19 anos. De quebra Zagallo somava 19 partidas de invencibilidade e a Seleção Brasileira alcançava sua trigésima segunda partida sem perder.<sup>182</sup>

Passarella, ao final da partida, foi muito criticado pela imprensa local. Além do resultado negativo, ressaltou-se o mau relacionamento mantido com os jornalistas e também por não ter convocado, para o amistoso contra o Brasil, o seu desafeto, Maradona. O experiente e idolatrado jogador já havia cumprido a pena imposta pela FIFA em decorrência do exame antidopagem ocorrido na Copa de 1994 e estava atuando pelo Boca Juniors desde 30 de setembro de 1995.

---

<sup>182</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOSDOBRAZIL. “Amistoso 1995 - Brasil 1x0 Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HZ-Z0cyjalE>. Acessado em: 3 de fevereiro de 2018.

No início de 1996, o Brasil foi convidado para disputar a Copa Ouro, o campeonato de nações da Concacaf. Zagallo, que disputaria o Pré-Olímpico a partir de meados de fevereiro, optou por levar a equipe sub-23. Após derrotar o Canadá, Honduras e Estados Unidos, a Seleção Brasileira disputou a final do torneio contra o México, em Los Angeles, e perdeu por 2X0.

Brasil e Argentina se classificaram para as Olimpíadas de Atlanta em 1996. O Pré-Olímpico foi disputado na Argentina, em Mar del Plata, e a equipe comandada por Zagallo conquistou o título ao empatar por 2X2 com os donos da casa, dirigidos por Passarella. As presenças dos técnicos das seleções principais dos dois países demonstraram a seriedade com que as respectivas confederações estavam dando para os Jogos Olímpicos. As duas seleções buscavam a inédita medalha de ouro olímpica. Pelas novas regras acordadas entre o COI (Comitê Olímpico Internacional) e a FIFA, as equipes poderiam atuar nas Olimpíadas com atletas profissionais, desde que com idade inferior a 23 anos e 3 livres de quaisquer restrições, ainda assim, é importante ressaltar que tais partidas não contam como jogos das seleções principais.

O Brasil perdeu a chance de jogar a final olímpica, depois de abrir uma vantagem de 3X1 para a Nigéria, ao ser derrotado por 4X3, na prorrogação, quando Kanu fez o “gol de ouro”. Os brasileiros tiveram que se contentar com a medalha de bronze conquistada depois de golear Portugal por 5X0. Já a Argentina, que chegou na disputa final, também teve o sonho adiado. A surpreendente Nigéria ficou por duas vezes atrás do placar, 1X0 e 2X1, nos dois momentos teve calma para buscar o empate e posteriormente a vitória. No final, o placar de 3X2 deu a medalha de ouro para os nigerianos.

Como já estava classificada para o Mundial de 98, a Seleção Brasileira aproveitou o ano de 1996 para realizar sete amistosos: venceu cinco (Gana, África do Sul, Lituânia, Camarões e Bósnia) e empatou dois (Rússia e Holanda). No final do ano, em dezembro, Ronaldo foi escolhido o melhor jogador do mundo pela FIFA.

A Argentina, além do Pré-Olímpico e Olimpíadas, começou a enfrentar um novo desafio em 1996 o qual se completou no ano seguinte, a disputa por uma vaga no Mundial de 1998. As regras da disputa das eliminatórias modificaram-se, pela primeira vez na América do Sul todas as seleções jogariam entre si em turno e retorno. As quatro primeiras colocadas

garantiriam passagem para a Copa do Mundo. Sem o Brasil no páreo, já classificado, nove países disputaram as vagas.

As partidas disputadas em 1996 pelas eliminatórias assinalaram uma campanha bastante irregular da Argentina, foram 2 vitórias, 3 empates e 1 derrota. A equipe iniciou vencendo em casa a Bolívia por 3X1. Na rodada seguinte foi derrotada pelo Equador, em Quito, por 2X0. Em julho, um empate sem gols com o Peru, em Lima. Em setembro, em Buenos Aires, Chilavert, goleiro do Paraguai, garantiu o empate de sua equipe por 1X1 ao marcar um gol de falta. A pressão sobre Passarella diminuiu na rodada seguinte ao vencer a Venezuela fora de casa por 5X2, mas as críticas retornaram ao empatar em dezembro, em Buenos Aires, com o Chile por 1X1, “que põe em risco o cargo do técnico Passarella”.<sup>183</sup> Para agravar a situação, em 28 de dezembro, em Mar del Plata, a Argentina foi derrotada, em um amistoso, para a Iugoslávia por 3X2. Muitos acreditavam na troca de comando na seleção alvianil.

As eliminatórias foram retomadas em janeiro de 1997 e a equipe enfrentou até abril três difíceis adversários, todos fora de casa: Uruguai, Colômbia e a altitude da Bolívia. Empatou sem gols em Montevideu, conquistou importante vitória por 1X0 diante dos colombianos e perdeu o último jogo por 2X1 em La Paz. A partir daí a Argentina venceu seus cinco próximos compromissos (Equador, Peru, Paraguai, Venezuela e Chile) e empatou os dois últimos confrontos (Uruguai e Colômbia). A equipe terminou na primeira colocação com 30 pontos conquistados (8 vitórias, 6 empates e 2 derrotas). O Paraguai ficou com a segunda colocação com 29 pontos (9 vitórias, 2 empates e 5 derrotas), a Colômbia alcançou o terceiro posto com 28 pontos (8 vitórias, 4 empates e 4 derrotas) e o Chile conquistou a última vaga com 25 pontos, mesma contagem do Peru, contudo por ter um saldo de gols superior “carimbou o passaporte”.

Em 1997, as duas rivais tinham o desafio comum de jogar a Copa América. A Argentina, envolvida ao longo do ano com as eliminatórias (que duraram até novembro) e com a própria Copa América, que foi disputada em junho, não realizou amistosos. O Brasil, além de realizar dez amistosos<sup>184</sup> ao longo do ano, aceitou o convite para participar do

---

<sup>183</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 16 de dezembro de 1996, p. 6 (Esporte).

<sup>184</sup> O primeiro amistoso do Brasil em 1997, disputado no dia 26 de fevereiro em Goiânia, marcou o retorno de Romário à Seleção Brasileira e a formação da dupla “Ro-Ro”, Romário e Ronaldo, grande esperança de gols da

Torneio da França, competição no formato de quadrangular, que tinha como intuito servir de teste para os organizadores da Copa do Mundo, que seria disputada no ano seguinte. Finalmente, em dezembro, disputou na Arábia Saudita, a antiga Copa Rei Fahd, agora organizada oficialmente pela FIFA e rebatizada com o nome de Copa das Confederações. Ao todo, a Seleção Brasileira entrou em campo 24 vezes, igualando o recorde de partidas em uma única temporada estabelecido em 1956.

No Torneio da França, o Brasil fez sua estreia, no dia 3 de junho, contra os anfitriões e empatou por 1X1. Roberto Carlos marcou o gol brasileiro, cobrando falta, em que a bola fez uma inacreditável curva antes de entrar na meta francesa, foi o destaque da partida e, ainda hoje, costuma ser reprisado pelas emissoras de televisão.

Em 8 de junho, “em um partida para a memória”,<sup>185</sup> brasileiros e italianos empataram por 3X3. Com o resultado, os ingleses, que venceram seus dois primeiros confrontos, conquistaram antecipadamente o título do torneio. Na rodada final, 10 de junho, o Brasil não se deixou abater pela impossibilidade de conquistar a taça e venceu a Inglaterra por 1X0, gol de Romário.

A Bolívia sediou, entre 11 e 29 de junho de 1997, a 38ª edição da Copa América. Novamente, 12 seleções participaram do torneio, todas as dez filiadas à Conmebol, mais as duas convidadas da Concacaf, no caso, Costa Rica e México. Quatro cidades receberam as partidas: Cochabamba, La Paz, Santa Cruz de La Sierra e Sucre. Os donos da casa, contando com a altitude da La Paz como aliada, esperavam conquistar o título.

As equipes foram divididas em três grupos com quatro equipes e as duas melhores classificadas avançavam para a fase seguinte, acrescida das duas melhores terceiras colocadas. As seleções foram divididas da seguinte forma: Grupo A: Argentina, Chile, Equador e Paraguai. Grupo B: Bolívia, Peru, Uruguai e Venezuela. Grupo C: Brasil, Colômbia, Costa Rica e México.

---

torcida brasileira. Os brasileiros venceram o confronto por 4X2 contra os poloneses com Ronaldo marcando duas vezes.

<sup>185</sup> LA NACION, 9 de junho de 1997. “Vuelve Maradona”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/70513-vuelve-maradona>. Acessado em: 5 de fevereiro de 2018.

Passarella, mais preocupado com as eliminatórias, resolveu poupar seus principais atletas e levar para a Bolívia uma equipe alternativa, repleta de reservas. As partidas de sua seleção na primeira fase foram disputadas em Cochabamba. A estreia foi no dia 11 de junho, contra o Equador. O empate em 0X0 retratou uma partida de pouca qualidade técnica e com poucas chances de gols. “Tanto que a maior ‘emoção’ da torcida foi a presença do goleiro José Luiz Chilavert nas arquibancadas do estádio”.<sup>186</sup> O La Nacion afirmou: “O 0X0 foi sintoma de pobreza e presságio de preocupação sobre o que o futuro trará”.<sup>187</sup>

Na rodada seguinte, disputada três dias depois, a alvianil se recuperou ao derrotar o Chile por 2X0 e com a vitória equatoriana sobre os paraguaios, pelo mesmo placar, as equipes da Argentina e Equador estavam empatadas na liderança do grupo. Mesmo vencendo, os argentinos não empolgavam. Na rodada final, disputada em 17 de junho, os equatorianos derrotaram os chilenos e com isso os argentinos, para conquistarem a primeira posição do grupo, teriam que vencer a Seleção do Paraguai. Não conseguiram, a partida terminou em um sofrido 1X1, o gol argentino foi convertido de pênalti, por Gallardo, no último minuto da partida. Cristian Grosso, para o La Nacion, sintetizou que naquele momento “salvou a permanência no campeonato, contudo essa Argentina não convida ao otimismo. Seu futebol é tão dramático e incerto como sua passagem às quartas de final”.<sup>188</sup> O Equador terminou na liderança da chave, a Argentina em segundo lugar e o Paraguai avançou como um dos dois melhores terceiros colocados.

Os brasileiros, atuando em Santa Cruz de La Sierra, levaram seus principais atletas com o intuito de conquistar pela primeira vez, fora de casa, a Copa América. O início foi mais promissor que o do seu rival. No dia 13 de junho enfrentou e venceu com facilidade a Costa Rica por 5X0. “Sem esforçar-se, o conjunto de Zagallo, impôs seu poderio tanto individual como coletivo (...)”,<sup>189</sup> sentenciou o La Nacion. Ainda segundo o periódico, o Brasil contava com “o temível duplo R”, um luxo e uma “carta na manga” para qualquer

---

<sup>186</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 12 de junho de 1997, p. 8 (Esporte).

<sup>187</sup> LA NACION, 12 de junho de 1997. GROSSO, Cristian. “Un frío empate de presentación”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/70704-un-frio-empate-de-presentacion>. Acessado em: 5 de fevereiro de 2018.

<sup>188</sup> Idem, 18 de junho de 1997. GROSSO, Cristian. “La clasificación, lo único positivo”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/71082-la-clasificacion-lo-unico-positivo>. Acessado em: 5 de fevereiro de 2018.

<sup>189</sup> Idem, 14 de junho de 1997. “Para Brasil fue como un entrenamiento”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/70832-para-brasil-fue-como-un-entrenamiento>. Acessado em: 5 de fevereiro de 2018.

seleção. “Contar com Ronaldo e Romário no ataque é ter dois trunfos decisivos em um momento em que no mundo os gols são cotados ao preço de ouro”.<sup>190</sup>

Contra o México, 16 de junho, a Seleção Brasileira protagonizou uma virada espetacular, mesmo “sem mostrar ou oferecer uma grande exibição de futebol”.<sup>191</sup> De forma considerada inesperada pelos periódicos brasileiros e argentinos, a Seleção do México terminou a etapa inicial com a boa vantagem de 2X0, sem que a temida dupla Ronaldo e Romário incomodasse o gol defendido por Adolfo Ríos. Contudo, o Brasil partiu para o ataque no segundo tempo e conseguiu superar os mexicanos por 3X2 (o empate foi alcançado ainda aos 14 minutos da etapa final) e desta forma garantir antecipadamente a classificação para a etapa seguinte da competição.

O Brasil encerrou sua participação na primeira fase no dia 19 de junho, contra a Colômbia, que jogou fechada. Mesmo apresentando um futebol pouco objetivo e lento, o Brasil derrotou seu adversário por 2X0. O título da reportagem do La Nacion anunciou: “Brasil, sem sinfonia, venceu”<sup>192</sup> e no decorrer da matéria: “Sem brilhar como nas jornadas anteriores, só com alguns toques de seu futebol sutil, o Brasil se impôs à Colômbia por 2 a 0”.<sup>193</sup> O México, com 4 pontos, avançou em segundo lugar no grupo e a Colômbia classificou-se na última vaga, a da segunda melhor terceira colocada.<sup>194</sup>

A Argentina abriu a fase de quartas de final no dia 21 de junho enfrentando a Seleção Peruana em Sucre. Mesmo não contando com a seleção principal, os argentinos eram os favoritos, até mesmo em virtude dos peruanos terem adotado a mesma postura de seus adversários, ou seja, terem levado uma “equipe B” com o intuito de também pouparem os seus titulares para as partidas das eliminatórias, que seriam retomadas dias depois do encerramento da Copa América. Em jogo tumultuado, “vítima de seus próprios erros e de um

---

<sup>190</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>191</sup> Idem, 17 de junho de 1997. “Brasil supo darlo vuelta”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/71026-brasil-supo-darlo-vuelta>. Acessado em: 5 de fevereiro de 2018.

<sup>192</sup> Idem, 20 de junho de 1997. “Brasil, sin sinfonia, venció”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/71216-brasil-sin-sinfonia-vencio>. Acessado em: 5 de fevereiro de 2018.

<sup>193</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>194</sup> A Colômbia, nas quartas de final, enfrentou a Bolívia, em La Paz, e foi derrotada por 2X1. O México superou o Equador por 4X3 nos pênaltis após empatar no tempo normal por 1X1.

nervosismo incompreensível”<sup>195</sup> a Argentina foi derrotada e eliminada da competição por 2X1. O tom das críticas ao trabalho de Passarella elevaram-se bastante.<sup>196</sup>

Ao contrário do *La Nacion*, que analisa minuciosamente as atuações da Seleção Brasileira no certame, fato comum em todas as competições estudadas, os periódicos brasileiros não possuem o mesmo cuidado analítico e, geralmente, trazem o resultado do jogo, os artilheiros, a ficha técnica e, no máximo, algum fato extraordinário ocorrido. No caso específico da partida contra o Peru, por exemplo, que o jogo foi tumultuado. Isto denota claramente um interesse maior por parte da imprensa, e logicamente dos leitores argentinos, pelo futebol brasileiro do que o caminho inverso.

No dia seguinte, 22 de junho, o Brasil enfrentou em Santa Cruz de La Sierra,<sup>197</sup> o Paraguai, dirigido pelo brasileiro Paulo César Carpegiani. Era o duelo entre o ataque brasileiro, “o mais espetacular” e a defesa paraguaia, “a mais firme”.<sup>198</sup> Ou seja, como tão bem ressaltou o *La Nacion*, era o embate entre dois estilos distintos. O Brasil realizou uma apresentação convincente e venceu por 2X0, gols de Ronaldo (que ainda perdeu um pênalti). Mesmo “sem deslumbrar”, para o *La Nacion*, o Brasil era uma máquina de somar pontos e, segundo o periódico, apesar de ainda ter que jogar a semifinal, prognosticou que “o único rival temível do Brasil é a altitude”.<sup>199</sup>

Na semifinal o Brasil enfrentou a equipe alternativa do Peru, que estava animada e esperançosa depois da ter derrotado e eliminado a Argentina. A noite de 26 de junho de 1997 foi catastrófica para os peruanos que foram massacrados pelos brasileiros por 7X0, que ainda

---

<sup>195</sup> LA NACION, 22 de junho de 1997. GROSSO, Cristian. “Ni fútbol ni grandeza en la caída Argentina”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/71340-ni-futbol-ni-grandeza-en-la-caida-argentina>. Acessado em: 5 de fevereiro de 2018.

<sup>196</sup> Idem, 22 de junho de 1997. “Un fiasco por varios motivos”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/71341-un-fiasco-por-varios-motivos>. Acessado em: 5 de fevereiro de 2018.

<sup>197</sup> A Seleção Brasileira optou, desde o início da competição, por não realizar aclimatação à altitude. Nesta etapa faria todos os seus jogos da cidade de Santa Cruz de La Sierra, situada a pouco mais de 400 metros acima do nível do mar e, caso ficasse em primeiro lugar do grupo só deixaria a cidade para jogar uma eventual final contra a Bolívia, em La Paz. Caso os donos da casa não se classificassem para a decisão do torneio, o jogo do título seria disputado em Santa Cruz de La Sierra. Zagallo havia inclusive afirmado: “Não tivemos tempo para fazer uma adaptação adequada. Se a final for contra a Bolívia, vamos com a cara e a coragem”. FOLHA DE SÃO PAULO, 17 de junho de 1997, p. 13 (Caderno 3).

<sup>198</sup> LA NACION, 22 de junho de 1997. “Las estrellas de Brasil ante Paraguay”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/71343-las-estrellas-de-brasil-ante-paraguay>. Acessado em: 5 de fevereiro de 2018.

<sup>199</sup> Idem, 23 de junho de 1997. “El único rival temible de Brasil es la altura”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/71410-el-unico-rival-temible-de-brasil-es-la-altura>. Acessado em: 5 de fevereiro de 2018.

jogaram os últimos 25 minutos da etapa complementar com dez jogadores, pois Romário saiu de campo contundido e o Brasil já havia realizado as três substituições permitidas. O placar foi a maior goleada não só da vigente edição do torneio, como também a que a Seleção Brasileira já impôs ao seu adversário na história do confronto.

Nunca poderia supor uma semifinal de Copa América com tamanha diferença individual e coletiva entre dois selecionados de prestígio. O Brasil derrotou o Peru de uma maneira esmagadora: 7 a 0, de modo que não restasse qualquer dúvida de sua notável superioridade.<sup>200</sup>

O periódico argentino continuou:

O Brasil exibiu toda a gama de seu belo e vigoroso futebol ao mesmo tempo. E as cifras não aumentaram porque os homens de Zagallo tentaram chegar a rede com a bola dominada. Agora, depois do show, a Bolívia aguarda, em La Paz.<sup>201</sup>

No dia anterior, 25 de junho, os bolivianos haviam derrotado os mexicanos na outra semifinal por 3X1. Bolívia e Brasil era o confronto entre duas equipes invictas e que derrotaram todos os seus adversários até então. Os donos da casa contavam ainda com a altitude como aliada e a Seleção Brasileira, para amenizar os efeitos dos mais de 3.600 metros acima do nível do mar, embarcou para a cidade horas antes do jogo. A Bolívia tentaria repetir a façanha de 1963, quando conquistou o seu único título continental, atuando em casa e o Brasil sonhava com a sua quinta conquista, a primeira atuando fora de seus domínios.

Jogando de forma inteligente, a Seleção Brasileira, desfalcada de Romário, conteve o ímpeto dos bolivianos na etapa inicial, tocando a bola e se poupando. Aos 40 minutos conseguiu inaugurar o placar. Roberto Carlos cobrou com costumeira violência uma falta, o arqueiro boliviano rebateu, Denílson chutou e Edmundo resvalou para dentro do gol, Brasil 1X0. O árbitro anotou o gol para Denílson.<sup>202</sup> A Bolívia, que estava melhor na partida, não desanimou e nos descontos Erwin Sánchez arriscou um chute de fora da área, Taffarel falhou e a Bolívia empatou. A etapa inicial terminou 1X1.

---

<sup>200</sup> Idem, 27 de junho de 1997. “Brasil contó hasta siete y descansó”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/71601-brasil-conto-hasta-siete-y-descanso>. Acessado em: 5 de fevereiro de 2018.

<sup>201</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>202</sup> Nas estatística da CBF o gol foi computado para Edmundo. Cf. NAPOLEÃO, Antonio Carlos & ASSAF, Roberto. *op. cit.*, p. 192.

A Bolívia voltou melhor na etapa final e o Brasil se mostrou apático e lento. Os donos da casa chegaram a colocar duas bolas na trave de Taffarel. Aos poucos a Seleção Brasileira equilibrou a partida e aos 33 minutos, Ronaldo tabelou com Denílson e chutou forte, da entrada da área, marcando o seu quinto gol no torneio. O Brasil voltava a liderar o marcador.

Perdendo o confronto e contando com o apoio da torcida, a Bolívia se lançou toda ao ataque e deu espaços para o Brasil contra-atacar. Nos acréscimos, aos 47 minutos, Zé Roberto recebeu ótimo passe de Denílson e chutou na saída do arqueiro boliviano para marcar o terceiro gol brasileiro. Com a vitória por 3X1, pela primeira vez, o Brasil vence a Copa América fora de casa. Depois do jogo, revidando as inúmeras críticas que havia recebido ao longo da competição, Zagallo saiu com a inesquecível frase: “Vocês vão ter que me engolir”. Ele estava certo, as ameaças ao cargo se dissiparam e o experiente técnico comandou os tetracampeões na Copa da França em 1998.

Para o *La Nacion*, o Brasil foi dominado em grande parte do embate pelo seu adversário e tal fato, para o periódico, devia-se a empolgação dos locais e, especialmente, a altitude:

Nos 3600 metros desta capital começou outra Copa América para o Brasil. Na planície de Santa Cruz de La Sierra ficaram as energias, a resistência física e a lucidez que sustentaram sua contundência e as rajadas de seu brilhante futebol.<sup>203</sup>

No entanto, a habilidade individual do jogador brasileiro, característica admirada pelos argentinos, foi capaz de alterar drasticamente o panorama de uma partida, “por mais desorientado que possa parecer, o Brasil tem individualidades para mudar uma história em um abrir e fechar de olhos”,<sup>204</sup> e foi exatamente isso que ocorreu na capital boliviana.

Ostentando o título de campeão mundial, o Brasil foi convidado para participar da Copa das Confederações, torneio que, a partir de 1997, passou a ser organizado pela FIFA. Como nas duas edições anteriores, a atual também foi disputada em Riad, na Arábia

---

<sup>203</sup> LA NACION, 30 de junho de 1997. GROSSO, Cristian. “Brasil se impuso a los fantasmas y a la historia”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/71815-brasil-se-impuso-a-los-fantasmas-y-a-la-historia>. Acessado em: 5 de fevereiro de 2017.

<sup>204</sup> Idem, ibidem.

Saudita.<sup>205</sup> Oito seleções participaram da competição e foram divididas em dois grupos com quatro equipes. As duas melhores classificadas de cada grupo passariam para a fase seguinte. Os grupos foram formados com as seguintes seleções: Grupo A – Arábia Saudita, Austrália, Brasil e México. Grupo B – África do Sul, Emirados Árabes Unidos, República Tcheca e Uruguai. O torneio foi disputado entre os dias 12 e 21 de dezembro.

A Alemanha, campeã da Eurocopa de 1996, desistiu de participar do torneio e em seu lugar foi convidada a República Tcheca, vice-campeã. Os Emirados Árabes Unidos eram vice campeões da Copa da Ásia e participaram em virtude do campeão ser a Arábia Saudita que já estava classificada por ser o país sede. O Brasil participou, como foi ressaltado anteriormente, como o último campeão do mundo. Todos os demais países eram campeões em seus respectivos campeonatos continentais.<sup>206</sup>

A abertura do torneio ocorreu no dia 12 de dezembro com a partida entre Arábia Saudita e Brasil, que não apresentou nenhuma surpresa e os tetracampeões venceram por 3X0, contudo o La Nacion explicitou que o placar foi mais elástico do que a comodidade encontrada pela Seleção Brasileira no decorrer do jogo. A partida só se definiu a partir dos 20 minutos da etapa final quando Zubromawi foi expulso e os donos da casa tiveram que atuar apenas com dez atletas. “A partir daí, o Brasil impôs o seu estilo e criou numerosas situações de perigo”.<sup>207</sup>

O ataque brasileiro, na partida seguinte, pela primeira vez em jogos pela seleção principal, foi formado por Ronaldo e Bebeto que atuaram juntos nas Olimpíadas de 1996. Sem um bom entrosamento, o setor ofensivo não funcionou e o Brasil apenas empatou sem

---

<sup>205</sup> As duas primeiras edições da Copa Rei Fahad foram disputadas em 1992 e 1995. A partir de 1997, já sob os desígnios da FIFA, passou-se a chamar Copa das Confederações e, inicialmente, disputava-se a cada dois anos. A partir de 2005 a periodicidade passou a ser quadrienal. Desde o ano de 2001, o país sede do Mundial que é disputado ano seguinte organiza a Copa das Confederações, desta forma o torneio já serve como um teste para os organizadores do evento. Desta forma o Japão sediou em 2001, a Alemanha em 2005, a África do Sul em 2009, o Brasil em 2013 e a Rússia em 2017. Como o torneio até 2005 era disputado em intervalos de 2 anos, em 2003 houve uma edição disputada na França.

<sup>206</sup> Participantes da Copa das Confederações de 1997: Arábia Saudita – País sede e campeão da Copa da Ásia de 1996, África do Sul – campeã do Campeonato Africano das Nações de 1996, Austrália – campeã da Copa das Nações da OFC de 1996, Brasil – campeão da Copa do Mundo de 1994, Emirados Árabes Unidos – vice campeão da Copa da Ásia de 1996, México – campeão da Copa Ouro da Concacaf de 1996, República Tcheca – vice campeã da Eurocopa 1996 e Uruguai – campeão da Copa América de 1995.

<sup>207</sup> LA NACION, 13 de dezembro de 1997. “En Riad, Romari puso la historia en su lugar”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/82980-en-riad-romario-puso-la-historia-en-su-lugar>. Acessado em: 8 de fevereiro de 2018.

gols contra a Austrália no dia 14 de dezembro. Com o resultado a definição do grupo ficou para a última rodada, o Brasil e a Austrália lideravam com 4 pontos e o México, vivo na disputa, estava em terceiro lugar com três pontos.

Na rodada final, disputada em 16 de dezembro, a Austrália surpreendentemente foi derrotada pela Arábia Saudita, o que permitiria que o Brasil perdesse até por um gol de diferença para avançar na competição. No entanto, na última partida em que Romário e Bebeto atuaram juntos com a camisa do selecionado brasileiro, a vitória coube aos atuais campeões do mundo pelo placar de 3X2, em um jogo que, apesar do placar, não foi muito empolgante, especialmente no primeiro tempo. O gol de abertura, do Brasil, foi marcado aos 41 minutos da etapa inicial, por Romário, até lá “o jogo arrancava bocejos da torcida”.<sup>208</sup> Para o *La Nacion*, o Brasil classificou-se, mas não apresenta um futebol convincente.<sup>209</sup>

O Brasil terminou na primeira posição de seu grupo e enfrentou na semifinal, 19 de dezembro, o segundo colocado do Grupo B, a República Tcheca. A Seleção não esteve bem no primeiro tempo, mesmo criando duas boas oportunidades de marcar desperdiçadas por Ronaldo. A equipe voltou melhor na etapa final, com Romário e Ronaldo incontroláveis,<sup>210</sup> venceu os europeus por 2X0 e classificou-se para jogar a final contra a Austrália que derrotou o Uruguai por 1X0.

A final foi disputada no dia 21 de dezembro e o Brasil, ao contrário da partida da primeira fase, não tomou conhecimento do seu adversário. Goleou implacavelmente os australianos por 6X0, com 3 gols de Ronaldo e 3 gols de Romário. Além do título, Denílson foi eleito o melhor jogador do torneio e Romário, com 7 gols, foi o artilheiro da competição e amechou a chuteira de ouro.

O Brasil terminou o ano na primeira colocação do ranking da FIFA e Ronaldo, pelo segundo ano consecutivo, foi eleito o melhor jogador do mundo, seguido por Roberto Carlos. A Argentina encontrava-se naquele momento na décima sétima colocação do ranking

---

<sup>208</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 17 de dezembro de 1997, p. 18 (Esporte).

<sup>209</sup> LA NACION, 17 de dezembro de 1997. “Brasil se clasificó, pero no convence”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/83295-brasil-se-clasifico-pero-no-convence>. Acessado em: 8 de fevereiro de 2018.

<sup>210</sup> Idem, 20 de dezembro de 1997. “Brasil es finalista”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/83566-brasil-es-finalista>. Acessado em: 8 de fevereiro de 2018.

da FIFA e Batistuta havia sido considerado o oitavo melhor jogador do mundo. Para 1998, o mesmo objetivo: conquistar a Copa da França.

#### 6.4. COPA DE 1998 EM UM PALAVA: ZIDANE

Antes de iniciar sua caminhada na Copa da França, a Argentina realizou nove amistosos preparatórios começando em 19 de fevereiro e terminando em 25 de maio. A estreia no Mundial, contra o Japão, ocorreu em 14 de junho de 1998. Os resultados foram extremamente animadores, 8 vitórias e apenas 1 derrota,<sup>211</sup> por sinal, uma “zebra”. Mantendo uma tradição iniciada na Copa de 1986, os argentinos no ano do Mundial sempre realizavam um amistoso contra Israel e não foi diferente em 1998, o que não saiu conforme os outros enfrentamentos (1986, 1990 e 1994) é que a equipe foi derrotada, em Jerusalém, por 2X1, no dia 15 de abril.<sup>212</sup> Demonstrando que havia sido um “acidente de percurso”, a albiceleste derrotou, quatorze dias depois, os brasileiros em pleno Maracanã por 1X0. Exceto pela partida contra o Brasil, não há praticamente comentários por parte da Folha de São Paulo e Jornal do Brasil em relação aos confrontos realizados pelo rival sul-americano.

A Seleção Brasileira voltou a disputar, em fevereiro de 1998, a Copa Ouro, nos Estados Unidos. Para não entrar em conflito com as equipes europeias, optou por levar para a competição atletas que atuavam no futebol nacional, com algumas poucas exceções, como Zé Maria (Parma – Itália), Mauro Silva e Flávio Conceição (Deportivo La Coruña – Espanha), Edmundo (Fiorentina – Itália) e Élber (Bayern Munchen – Alemanha). Os resultados não foram animadores. Estreou no dia 3 de fevereiro com um empate sem gols contra a Jamaica. Dois dias depois um novo resultado frustrante, empate de 1X1 com a Guatemala. Em 8 de fevereiro, vitória sobre El Salvador por 4X0 e classificação para a semifinal. O La Nacion, que ainda não havia escrito nenhuma reportagem sobre a participação brasileira no torneio ressaltou no título da reportagem: “O Brasil voltou a ser Brasil, com jogo bonito e gols”.<sup>213</sup> É

---

<sup>211</sup> Os resultados obtidos pela seleção comandada por Passarella foram: Argentina 2X1 Romênia (19/2), Argentina 3X1 Iugoslávia (24/2), Argentina 2X0 Bulgária (10/3), Israel 2X1 Argentina (15/4), Irlanda 0X2 Argentina (22/4), Brasil 0X1 Argentina (29/4), Argentina 5X0 Bósnia e Herzegovina (14/5), Argentina 1X0 Chile (19/5) e Argentina 2X0 África do Sul (25/5).

<sup>212</sup> Os argentinos realizaram as partidas sempre em Israel. Em 1986 venceram por 7X2; em 1990 por 2X1 e em 1994 a vitória foi pelo placar de 3X0.

<sup>213</sup> LA NACION, 9 de fevereiro de 1998. “Brasil volvió a ser Brasil, con *jogo bonito* y goles”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/87440-brasil-volvio-a-ser-brasil-con-jogo-bonito-y-goles>. Acessado em: 8 de fevereiro de 2018.

importante ressaltar que “jogo bonito” está escrito em português, caracterizando uma maneira própria dos brasileiros atuarem. O periódico complementou: “Depois de dois empates muito ruins, contra Jamaica e Guatemala, Brasil recuperou o caminho dos êxitos”.<sup>214</sup>

Além dos escassos comentários do *La Nacion*, porém existentes, sobre as partidas da Seleção Brasileira na primeira fase da Copa Ouro, há uma reportagem interessante sobre Maradona, que naquele momento, fevereiro de 1998, estava em São Paulo, em contato com a equipe do Santos, para um possível regresso ao futebol pela equipe paulista e o craque afirmou que: “Jogar no Brasil é para mim o primeiro passo para transformar em realidade um velho sonho: ser técnico da seleção brasileira”.<sup>215</sup> E completou: “Eu sempre quis dirigir a seleção do Brasil. É um velho sonho que tenho. Espero poder cumpri-lo algum dia”.<sup>216</sup>

Retornando ao torneio disputado nos Estados Unidos, o Brasil enfrentou os anfitriões na semifinal em 10 de fevereiro. Apesar de ter realizado uma boa partida, com inúmeras chances desperdiçadas, a equipe comandada por Zagallo acabou derrotada por 1X0, foi a primeira derrota brasileira para o rival. Na decisão do terceiro lugar, o Brasil venceu a Jamaica por apenas 1X0.

Preocupado com a má campanha realizada nos Estados Unidos, a CBF anunciou, no início de março, que Zico assumiria um cargo semelhante ao que Zagallo ocupou em 1994 ao lado de Parreira, ou seja, de coordenador técnico. A Folha de São Paulo considerava Zagallo enfraquecido e não apostava em sua permanência no comando da equipe para o Mundial.

O Brasil, com o encerramento da Copa Ouro, realizou apenas três amistosos antes de iniciar sua caminhada na Copa do Mundo de 1998. Dois destes amistosos contra adversários muito respeitáveis. O primeiro foi contra a Alemanha, em Stuttgart, no dia 25 de março. Em um jogo duro, por vezes violento, com duas expulsões, o Brasil superou seu adversário por 2X1. O placar foi inaugurado por César Sampaio, de cabeça após cobrança de escanteio de Cafu. No início do segundo tempo Kirsten empatou a partida e aos 42 minutos,

---

<sup>214</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>215</sup> Idem, 6 de fevereiro de 1998. “Maradona: ‘Sueño con dirigir al seleccionado de Brasil’”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/87159-maradonasueno-con-dirigir-al-seleccionado-de-brasil>. Acessado em: 8 de fevereiro de 2018.

<sup>216</sup> Idem, *ibidem*.

quando o empate já parecia ser o resultado final, Ronaldo recebeu lançamento de Roberto Carlos, driblou o goleiro e marcou o gol da vitória da Seleção Brasileira.

Ao contrário da Folha de São Paulo e Jornal do Brasil que praticamente não comentaram os amistosos realizados pela Seleção Argentina, conforme já assinalado, o La Nacion analisou detalhadamente o amistoso entre alemães e brasileiros. Para ele, a vitória do Brasil, agora com a equipe completa, apagou a má impressão deixada na Copa da Concacaf (Copa Ouro) e que apesar do encontro ter apresentado baixo nível técnico e características pouco amistosas em virtude da dureza das disputas, “os campeões do mundo reivindicaram seu prestígio com um grande triunfo: ganharam da Alemanha em sua casa por 2X1”.<sup>217</sup>

O segundo amistoso, disputado no Maracanã, no dia 29 de abril, foi contra o grande rival sul-americano, a Argentina. Passarella apostava em jogadores chamados “multiuso”, ou seja, que eram capazes de atuar em várias posições. Ele afirmou que no futebol moderno “não interessa ter uma tática definida. O melhor é fazer como a Juventus, que muda o tempo todo”<sup>218</sup> e neste aspecto reside a importância dos jogadores que podem realizar múltiplas funções. O técnico estava confiante em conquistar um bom resultado: “Só times sólidos e com personalidade ganham uma Copa. É isso que estamos fazendo com a Argentina”.<sup>219</sup>

Se a Argentina buscava manter e dar “rodagem” para uma equipe base, aquela que deveria estreiar no Mundial, do lado brasileiro, Zagallo optou por fazer os últimos testes no selecionado nacional. O treinador carregava algumas dúvidas, especialmente em relação aos jogadores Cafu, Raí e Zé Elias.

Por se tratar de um clássico do continente, o enfrentamento entre argentinos e brasileiros sempre ganha uma conotação especial, mesmo quando a partida é um simples amistoso e sequer vale pontos em uma competição.

É certo que não define absolutamente nada. Porém, tampouco ninguém poderá negar que uma vitória no máximo duelo futebolístico da América

---

<sup>217</sup> Idem, 26 de março de 1998. “El Panzer fue Ronaldo”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/91543-el-panzer-fue-ronaldo>. Acessado em: 8 de fevereiro de 1998.

<sup>218</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 29 de abril de 1998, p. 15 (Esporte).

<sup>219</sup> Idem, ibidem, p. 15.

significará uma injeção inestimável de ânimo, como também um duro revés será difícil de digerir.<sup>220</sup>

Duas curiosidades envolveram a partida de despedida da equipe do território brasileiro antes do Mundial. Ela era o centésimo confronto do Brasil contra outro selecionado nacional no Maracanã<sup>221</sup> e foi a primeira partida de Ronaldo no estádio defendendo a Seleção Brasileira profissional.

O Maracanã se encheu para o duelo, foram 95.797 pagantes.<sup>222</sup> Os argentinos taticamente buscaram povoar o meio de campo e iniciaram a partida com o esquema 3-5-2, enquanto o Brasil apresentou o tradicional 4-4-2, com Denílson auxiliando o meio campo e permitindo que, com a posse de bola, o Brasil pudesse atuar até no 4-3-3.<sup>223</sup> Mais organizados e ousados, como foi definido pela Folha de São Paulo,<sup>224</sup> os argentinos dominaram a maior parte da partida, inclusive na segunda etapa quando Zagallo alterou definitivamente a formação brasileira para o 4-3-3, para a qual Passarella respondeu modificando também o seu 3-5-2 para o 3-4-3. Independente da “guerra dos números” do parágrafo, o interessante é perceber que os argentinos sempre tiveram um jogador a mais no meio de campo, nos dois esquemas táticos empregados.

O domínio exercido pela equipe visitante, nos minutos iniciais, irritou de tal forma a torcida que compareceu ao Maracanã que ainda aos 26 minutos ela já vaiava e pedia “raça” à equipe. Cafu, em uma noite pouca inspirada, tornou-se um dos alvos da “massa”, em decorrência dos inúmeros passes e cruzamentos equivocados. Aos 38 minutos, ao tocar errado a bola para Romário a torcida explodiu: “Cafu, vai tomar...”. Mas, o foco principal do ódio do torcedor foi direcionado para Raí, responsabilizado pela lentidão e falta de criatividade do meio campo brasileiro: “Raí, pede para sair” vociferava o Maracanã a partir dos 15 minutos

---

<sup>220</sup> LA NACION, 29 de abril de 1998. “El Maracaná pone en juego mucho más que un clásico”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/94999-el-maracana-pone-en-juego-mucho-mas-que-un-clasico>. Acessado em: 10 de fevereiro de 2018.

<sup>221</sup> SOTER, Ivan. op. cit., p. 206.

<sup>222</sup> NAPOLEÃO, Antonio Carlos & ASSAF, Roberto. op. cit., p. 194.

<sup>223</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Taffarel, Cafu, Júnior Baiano, Aldair (Cléber), Roberto Carlos, Zé Elias, Cesar Sampaio, Raí (Leonardo), Denílson (Edmundo), Ronaldo e Romário. Escalação da Seleção Argentina: Burgos, Vivas, Ayala, Sensini, Zanetti, Verón, Almeyda, Simeone, Ortega (Delgado), Batistuta e Claudio López (Piñeda). O árbitro da partida foi o francês Alain Sars.

<sup>224</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 30 de abril de 1998, p. 3 (Esporte).

do segundo tempo. O ex-atleta do São Paulo e então ídolo do Paris Saint-Germain (PSG) não foi convocado para o Mundial.<sup>225</sup>

As substituições e mudanças táticas realizadas por Zagallo na segunda etapa não surtiram os efeitos desejados e apesar do equilíbrio na posse de bola, a Argentina sempre levava mais perigo ao gol brasileiro. Finalmente, aos 38 minutos, quando o empate já seria uma dádiva para os brasileiros, Claudio López recebeu a bola pela esquerda, passou por Júnior Baiano, invadiu a área e, quase sem ângulo, chutou forte, no alto, para marcar o gol argentino.

O clima que já era ruim, tornou-se ainda pior para o Brasil, a cada troca de passes da alvianil a torcida gritava “olé”. Com o passar dos minutos crescia o tradicional coro chamando a Seleção Brasileira de “timinho”. Zagallo, obviamente, não foi poupado e as arquibancadas “presentearam-no” com o também clássico “burro”. No final, vitória da Argentina por 1X0<sup>226</sup> e uma série de tabus quebrados.

Com o resultado de 1 a 0 a favor dos argentinos uma série de escritas foi quebrada: Zagallo conheceu sua primeira derrota ante o mais tradicional rival; Passarella obteve sua primeira vitória sobre os brasileiros (como jogador havia enfrentado o Brasil seis vezes, com saldo de três empates e três derrotas; como treinador, colecionava dois empates e uma derrota); o Brasil perdia uma invencibilidade frente aos argentinos de sete anos e, além disso, voltava a conhecer uma derrota no Maracanã depois de 14 anos; e a Argentina voltava a vencer no Rio de Janeiro depois de 41 anos.<sup>227</sup>

Zagallo buscou minimizar o resultado do confronto, afirmando que ele não representava nada,<sup>228</sup> enfim, tratava-se apenas de um amistoso preparatório, momento propício para fazer testes. Mas, como ressaltou o La Nacion, se a vitória era uma injeção de ânimo e a derrota era um revés difícil de digerir, efetivamente criou-se, como não poderia deixar de ser, apreensão na torcida em relação às possibilidades da Seleção no Mundial.

---

<sup>225</sup> Para Ivan Soter, o que se assistiu no Maracanã naquela noite foi o bairrismo da torcida carioca. Os jogadores vaiados, Cafu, Raí e Zé Elias, iniciaram suas carreiras no futebol paulista. Ainda segundo o Soter, ao massacrar Raí, a torcida carioca afastou do time um jogador que poderia ser a solução para Zagallo arrumar o lado direito do meio campo. O que Soter não ressaltou é que Raí não era um dos atletas preferidos de Zagallo. Cf. SOTER, Ivan. op. cit., p. 206.

<sup>226</sup> O gol argentino e a irritação da torcida brasileira podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. URUTARABRASIL. “Brasil 0x1 Argentina - 1998 - Amistoso”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4FobFscEttc>. Acessado em: 10 de fevereiro de 2018.

<sup>227</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 476.

<sup>228</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 30 de abril de 1998, p. 3 (Esporte).

Do lado oposto passou a imperar entre atletas, comissão técnica, jornalistas e torcedores, um clima de alegria e otimismo que atingiu até o quase sempre comedido Passarella: “Mais importante que a vitória foi o time mostrar personalidade. Isso é o início de boa Copa”.<sup>229</sup>

Um bom indicador do respeito dos argentinos em relação ao futebol brasileiro é perceber a importância que foi dado ao resultado obtido no Maracanã. Ele foi definido pelo *La Nacion* como inesquecível. “A categoria de vários jogadores argentinos alcançou uma vitória inesquecível, no próprio estádio do Maracanã”.<sup>230</sup> O triunfo foi entendido como: “Um êxito para ir ao Mundial com a confiança bem no topo”.<sup>231</sup> Para o periódico, a vitória foi um *Maracanazo*, “ao derrotar o Brasil em seu templo, algo que não acontecia desde 1957”.<sup>232</sup>

Já na França, o Brasil realizou, em 3 de junho, seu último amistoso, contra a Seleção de Andorra e venceu por 3X0. A vitória contra uma equipe de pouca expressão não poderia abafar o grande assunto que envolveu a Seleção Brasileira no dia 2 de junho, o corte do atacante Romário. O atleta havia se contundido em uma partida pelo Flamengo ainda em 6 de maio. Ao embarcar para a Copa reclamou de dores na panturrilha. Iniciou-se a primeira grande, mas não a última, confusão da equipe médica do Brasil, gerando desconforto, insegurança e constrangimento para toda a comissão técnica. O médico, Lídio Toledo, garantiu que a contusão de Romário não era grave e que ele logo estaria recuperado, contudo, nas vésperas da estreia, o atacante brasileiro foi cortado.

O fisioterapeuta particular de Romário, Nílton Petrone, conhecido como “Filé”, alimentou as discussões ao afirmar que recuperaria o jogador em dez dias e que ele estaria pronto para atuar, na sua plenitude física, a partir da terceira partida da primeira fase do

---

<sup>229</sup> Idem, *ibidem*, p. 4 (Esporte).

<sup>230</sup> LA NACION, 30 de abril de 1998. “Actuaciones de jerarquía para un éxito inolvidable”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/95106-actuaciones-de-jerarquia-para-un-exito-inolvidable>. Acessado em: 10 de fevereiro de 2018.

<sup>231</sup> Idem, 30 de abril de 1998. “Un éxito para ir al Mundial con la confianza bien al tope”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/95105-un-exito-para-ir-al-mundial-con-la-confianza-bien-al-tope>. Acessado em: 10 de fevereiro de 2018.

<sup>232</sup> Idem, *ibidem*.

Mundial. Romário, que chorou muito ao ser cortado, retornou ao Brasil e iniciou o tratamento e voltou a atuar oficialmente pelo Flamengo antes do encerramento da Copa do Mundo.<sup>233</sup>

A França foi escolhida em 1992 pelo Comitê Executivo da FIFA para sediar o Mundial de 1998. Inicialmente a competição ofereceria 24 vagas, contudo, Havelange, segundo Yallop, com o intuito de esvaziar uma possível candidatura de oposição à presidência da entidade em 1994, aumentou o número para 32 equipes, o que irritou bastante os franceses, pois implicava em custos elevados e que não haviam sido projetados inicialmente. Para contornar a situação e arrefecer a irritação dos anfitriões, Havelange teria obtido junto aos patrocinadores os recursos adicionais.<sup>234</sup>

As 30 vagas em disputa, afinal a França e o Brasil, país sede e último campeão respectivamente, já estavam classificados, foram disputadas por 172 seleções. A Europa contou com catorze vagas, os denominados “gigantes” classificaram-se. Dois tradicionais participantes se ausentaram: a Suécia e a Rússia. O processo de fragmentação territorial vivenciado pelo bloco socialista fez com que várias nações recém independentes disputassem as eliminatórias, tais como a Croácia, a Bósnia, a “nova” Iugoslávia (contava apenas com jogadores da Sérvia e Montenegro), a Eslovênia, a Macedônia, a República Tcheca, a Geórgia, a Moldávia, dentre outros.

Mesmo que a maioria de tais seleções tivesse pouquíssimas chances de se classificar, novamente o futebol deixava claro sua importância para a afirmação da soberania e identidade nacionais. Apenas em jogar uma partida internacional, como um país independente e membro da FIFA, era muito para aqueles povos.<sup>235</sup>

A Ásia contou com três vagas diretas para o Mundial e os seus representantes foram: a Arábia Saudita, a Coreia do Sul e o estreante Japão. O Irã classificou-se na repescagem ao disputar a vaga com o vencedor da Oceania, no caso, a Austrália. A África em decorrência do aperfeiçoamento do futebol praticado no continente e dos bons resultados

---

<sup>233</sup> Romário atuou e marcou um gol contra o Internacional de Porto Alegre em partida disputada no dia 5 de julho de 1998, a Seleção Brasileira havia derrotado a Seleção da Dinamarca e classificado para a semifinal do Mundial no dia 3 de julho de 1998.

<sup>234</sup> YALLOP, David A. *Como eles roubaram o jogo: segredos dos subterrâneos da FIFA*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 238-270.

<sup>235</sup> FARIAS, Airton. op. cit., v. 2, p. 162.

obtidos, obteve cinco vagas que foram conquistadas pelas seguintes seleções: África do Sul, Camarões, Marrocos, Nigéria e Tunísia.

Na Concacaf a tradicional Seleção Mexicana retornou ao Mundial, o emergente Estados Unidos obteve a segunda vaga e a grande surpresa foi a Jamaica ter obtido a terceira vaga destinada à região. Na América do Sul, como já foi ressaltado, classificaram-se a Argentina, o Chile, a Colômbia e o Paraguai.

Com o aumento no número dos participantes, a Copa também teve uma nova fórmula de disputa. As 32 seleções foram divididas em oito grupos com quatro equipes. As duas melhores de cada grupo avançavam para as oitavas de final. A partir desta fase até a final, os jogos seriam eliminatórios. Uma novidade foi a introdução da “morte súbita” ou, como a FIFA preferia chamar, “Gol de Ouro”,<sup>236</sup> ou seja, em caso de prorrogação nas fases eliminatórias, a equipe que marcasse o primeiro gol ganharia a partida. Se o empate persistisse, o confronto seria decidido nas penalidades máximas.

A mascote da Copa foi definida após um concurso realizado pela federação de futebol francesa e a escolhida foi um galo que ganhou o nome de *Footix*. A ave, um dos símbolos do país, apresentava as cores da bandeira francesa e carregava a bola do Mundial, a *Tricolore*. Seu nome, um neologismo, foi a junção de futebol (*football*) com o mundialmente famoso personagem de histórias em quadrinhos produzido por Alberto Uderzo e René Goscinny, Asterix.

---

<sup>236</sup> O “Gol de Ouro” ou “Morte Súbita”, originou-se do futebol americano e do hóquei. Sua intenção era estimular o futebol ofensivo nas prorrogações e reduzir o número de decisões por pênalti. Na prática, a medida teve efeito contrário, ante a possibilidade da derrota e eliminação imediata da competição, as equipes passaram a jogar mais precavidamente nos tempos extras. A UEFA ainda chegou a criar o “Gol de Prata”, usado na Eurocopa de 2004. Nele, caso o gol ocorresse no primeiro tempo da prorrogação não determinava o fim imediato da partida, o adversário teria ainda os minutos restantes daquele tempo para buscar o empate. Se ele não acontecesse, então, não haveria o segundo tempo extra. Dessa forma, a equipe que terminasse em vantagem ao final do primeiro tempo da prorrogação seria declarado o vencedor. O “Gol de Ouro” foi utilizado apenas nas Copas de 1998 e 2002 pois tanto ele quanto o “Gol de Prata” foram extintos pela *International Board* em 2004.

**Figura 6: Mascote da Copa do Mundo de 1998: Footix<sup>237</sup>**



Em relação a *Tricolore*, ela foi a primeira bola multicolorida utilizada em uma Copa do Mundo. Seu desenho guardava muitas semelhanças com a sua antecessora, a *Questra*, porém com as cores da bandeira francesa e, nos triângulos, havia galos em desenhos estilizados.

**Figura 7: Logo da XVI Copa do Mundo de Futebol – 1998 – França<sup>238</sup>**



Apesar da inicial insatisfação francesa com o aumento no número de participantes, tal fato não representou custos adicionais tão relevantes, afinal como um dos maiores destinos turísticos mundiais, a França já apresentava ótima infraestrutura de transporte, hospedagem e comunicação. O país reformou nove estádios já existentes e construiu apenas um novo palco para as partidas, o Stade de France, em Saint-Denis.

---

<sup>237</sup> DUARTE, Marcelo “Todas as mascotes da Copa do Mundo”. Disponível em: <http://guiadoscuriosos.uol.com.br/blog/2012/11/26/todas-as-mascotes-da-copa-do-mundo>. Acessado em 28 de dezembro de 2017.

<sup>238</sup> ALMEIDA, Bruno. “Os pôsteres e mascotes da Copa do Mundo”. Disponível em: <http://publistagram.com/os-posteres-e-mascotes-da-copa-do-mundo/>. Acessado em 22 de outubro de 2017.

**Figura 8: Cartaz da XVI Copa do Mundo de Futebol – 1998 – França<sup>239</sup>**



O Mundial foi disputado entre 10 de junho e 12 de julho de 1998. As equipes ficaram divididas da seguinte forma, após sorteio dirigido: Grupo A – Brasil, Escócia, Marrocos e Noruega. Grupo B – Áustria, Camarões, Chile e Itália. Grupo C – África do Sul, Arábia Saudita, Dinamarca e França. Grupo D – Bulgária, Espanha, Nigéria e Paraguai. Grupo E – Bélgica, Coreia do Sul, Holanda e México. Grupo F – Alemanha, Estados Unidos, Irã e Iugoslávia. Grupo G – Colômbia, Inglaterra, Romênia e Tunísia. Grupo H – Argentina, Croácia, Jamaica e Japão.

Uma semana antes do início do Mundial, no dia 3 de junho, Maradona assinou uma coluna para a Folha de São Paulo, analisando o futebol da Seleção Brasileira e o prazer que ele sentiria caso o Brasil conquistasse o seu quinto título. Fez ainda um importante alerta, que apenas o talento não era suficiente para vencer um Mundial.

No começo do ano, em entrevista à revista esportiva argentina “El Gráfico”, eu dizia que o Brasil estava dois passos à frente das seleções que de costume são assinaladas como favoritas para ganhar a Copa. Em relação às demais equipes, minha opinião era de que a vantagem não era de dois passos, mas de cinco. As vésperas do início da Copa do Mundo, minha opinião não se alterou. Em uma análise individual, jogador por jogador, equipe por equipe, é o Brasil que reúne os mais talentosos do mundo. Se os brasileiros forem campeões, ficarei satisfeito.

(...)

Enfrentei o Brasil em duas ocasiões em Mundiais. Na primeira vez não tive sorte, e perdemos por 3 a 1. Foi na Espanha, em 1982. E é aí que está o perigo para o Brasil. Ser o melhor não é suficiente. Os brasileiros tinham os

<sup>239</sup> ALMEIDA, Bruno. “Os pôsteres e mascotes da Copa do Mundo”. Disponível em: <http://publistagram.com/os-posteres-e-mascotes-da-copa-do-mundo/>. Acessado em 22 de outubro de 2017.

jogadores mais talentosos do torneio, porém caíram diante da aplicação dos italianos, para minha surpresa e a de muita gente, provando que só talento não ganha partida. É necessário mais que isso. É necessário ter uma estratégia, uma estrutura de jogo sólida e muita força de vontade.

(...)

E é aí que quero chegar. Talento não basta. Para que vocês, brasileiros, consigam o quinto campeonato mundial, fazendo valer os passos em que estão à frente de seus adversários, seus jogadores terão que suar a camisa como fizemos em 1990.<sup>240</sup>

Coube ao Brasil, como campeão mundial, realizar o jogo de abertura da competição, no dia 10 de junho, no Stade de France, contra a Escócia.<sup>241</sup> Apesar dos comandados por Zagallo abrirem o placar, logo aos 5 minutos da etapa inicial, com César Sampaio desviando de ombro uma cobrança de escanteio e dominar o seu adversário nos primeiros minutos, a partida não foi fácil e a equipe voltou a apresentar as mesmas deficiências táticas, lentidão e falhas defensivas que impediam que o jogo fluísse com mais desenvoltura.

O mesmo César Sampaio, aos 38 minutos, segurou Gallancher dentro da área, penalidade assinalada e convertida por Collins. O primeiro tempo terminou com o empate em 1X1. As substituições efetuadas por Zagallo na segunda etapa melhoraram a equipe que pressionava seu adversário, sem, contudo, desempatar o jogo. Aos 29 minutos, Cafu avançou pela direita na pequena área após lançamento de Dunga, o lateral tentou encobrir Leighton que fez a defesa parcial, no entanto, ao espalmar a bola ela rebateu no ombro de Boyd e morreu no fundo das redes,<sup>242</sup> o “Brasil vence com gols de ombro”, sintetizou a Folha de São Paulo.<sup>243</sup>

Os comentários feitos por Juca Kfourri sintetizaram os dos demais cronistas da Folha de São Paulo: o nervosismo da estreia, a importância da vitória e, o mais importante, que o Brasil dava a impressão que poderia apresentar um bom futebol, pois como afirmou

<sup>240</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 3 de junho de 1990, p. 3 (Copa 98).

<sup>241</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Taffarel, Cafu, Júnior Baiano, Aldair, Roberto Carlos, César Sampaio, Dunga, Giovanni (Leonardo), Rivaldo, Bebeto (Denilson) e Ronaldo. Escalação da Seleção Escocesa: Leighton, Boyd, Calderwood, Hendry, Burley, Collins, Lambert, Dailly (Tosh McKinlay), Durie, Gallancher e Jackson (Billy McKinlay). O árbitro da partida foi o espanhol José Maria Garcia Aranda.

<sup>242</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. CENTRALDACOPA. “Copa 1998 - 1ª Fase - Brasil 2 x 1 Escócia”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ut0Q4HGt94>. Acessado em: 11 de fevereiro de 2018.

<sup>243</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 11 de junho de 1998, p. 5 (Copa 98).

Alberto Helena Júnior, “houve (...) aqueles lampejos que continuam a sugerir a possibilidade de uma hora a roda pegar e o time desembestar”.<sup>244</sup> Para Kfourri:

O time amarelo deixou sempre a impressão de que poderia fazer uma grande jogada, embora tenha deixado mais a impressão do que as tenha realizado. (...) Enfim, a seleção começou com uma vitória que não esconde seus erros, mas que também, justiça se faça, revelou um enorme potencial, que bem explorado...<sup>245</sup>

Os argentinos esperavam que o Brasil apresentasse o que eles denominavam de “jogo bonito”, escrito exatamente desta forma e isto não foi oferecido na partida contra os escoceses. “O Brasil havia melhorado com as entradas de Leonardo e Denílson, porém seguia sem ser o Brasil do jogo bonito”.<sup>246</sup>

Para o diário argentino Olé, “O Brasil ganhou na estreia com um gol de presente. O campeão demorou para definir (o resultado) diante de um rival fraco. O melhor que teve foi Rivaldo. O pior: a defesa”.<sup>247</sup> Percebe-se que os comentários dos jornalistas brasileiros e argentinos, em relação ao primeiro jogo do Brasil, são convergentes.

Seis dias depois, 16 de junho, os tetracampeões enfrentaram o Marrocos pela segunda rodada, no Sttade de La Beaujoire, em Nantes.<sup>248</sup> Já sem o “peso” da estreia, a equipe se apresentou melhor e ganhou com certa facilidade por 3X0, apesar dos erros defensivos voltarem a ocorrer e que acarretaram em uma duríssima discussão entre Dunga e Bebeto. Os deslocamentos dos atacantes foram fundamentais para a construção da vitória. O primeiro gol do Brasil também foi o primeiro gol de Ronaldo em Mundiais, logo aos 9 minutos Bebeto tocou para Rivaldo, que lançou Ronaldo. O atacante recebeu por trás da defesa adversária e teve a tranquilidade de bater forte, da entrada da área, no canto direito. Mesmo tendo amplo domínio da partida, o segundo gol só foi convertido nos descontos da primeira etapa, aos 47

---

<sup>244</sup> Idem, *ibidem*, p. 2.

<sup>245</sup> Idem, *ibidem*, p. 2.

<sup>246</sup> LA NACION, 11 de junho de 1998. “Brasil se acordó de ganar y se olvidó del juego bonito”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/99596-brasil-se-acordo-de-ganar-y-se-olvido-del-jogo-bonito>. Acessado em: 11 de fevereiro de 2018.

<sup>247</sup> OLÉ, 11 de junho de 1998. “Escocia, qué país generoso”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/1998/06/11/index.html>. Acessado em: 11 de fevereiro de 2018.

<sup>248</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Taffarel, Cafu, Júnior Baiano, Aldair, Roberto Carlos, César Sampaio (Doriva), Dunga, Leonardo, Rivaldo (Edmundo), Bebeto (Denílson) e Ronaldo. Escalação da Seleção Marroquina: Benzekri, Saber (Abrami), Rossi, Naybet, El Hadrioui, Chipppo, Tahar El Khalej, Chiba (Amzine), Bassir, Hadji e Haddah (El Kattabi). O árbitro da partida foi o russo Nikolai Levnikov.

minutos, depois de trama rápida do ataque brasileiro, Cafu cruzou rasteiro para Rivaldo que entrou livre na entrada da pequena área para marcar.

No segundo tempo, logo aos cinco minutos, os marroquinos tentaram sair com a bola pelo lado direito de seu ataque, Ronaldo, próximo ao meio de campo, tomou a bola e arrancou em diagonal e já dentro da área tocou para Bebeto apenas empurrar para as redes e dar números finais para o jogo.<sup>249</sup> Com a vitória conquistada, o Brasil garantiu não só sua classificação para a próxima fase da competição, mas também, antecipadamente, o primeiro lugar do grupo, uma vez que a segunda colocada, a Noruega, tinha naquele momento apenas dois empates, provenientes dos jogos contra Marrocos e Escócia.

Para o La Nacion:

Agora sim, Brasil. Com este jogo, com Ronaldo ligado, com Rivaldo completo, com a torcida enlouquecida, com dois laterais impactantes e, em cima, com boa recuperação da bola, já não há margem para críticas internas nem desconfianças. Este é o Brasil que se queria ver. O do jogo bonito, o dos gols e dos toques, o da alegria, o que gera mais adesões do que qualquer outro ao redor do planeta. Este é o Brasil que todos dão como favorito, o que aponta o direito ao pentacampeonato. O Brasil que ontem goleou Marrocos por 3 a 0 e que assegurou sua presença em Paris, no dia 27 deste mês, nas oitavas de final, ao classificar-se em primeiro no Grupo A, é o que tanto tempo se fez desejar.<sup>250</sup>

Não se percebe qualquer tipo de regozijo a má apresentação do futebol brasileiro, ao contrário, os argentinos esperam e desejam, ao menos nas palavras do periódico, assistirem ao “jogo bonito” e ao fazê-lo estão certos de que o seu grande rival futebolístico capacitava-se claramente para a conquista do título. Independente da rivalidade, o jornalista externalizou o desejo de assistir o que se espera da Seleção Brasileira: habilidade, toques, gols e que se traduzem em alegria ao jogar futebol.

---

<sup>249</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOS DO BRASIL. “Copa 1998 - Brasil 3x0 Marrocos”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qZGs574i9KE>. Acessado em: 11 de fevereiro de 2018.

<sup>250</sup> LA NACION, 17 de junho de 1998. “El *jogo bonito* depositó a Brasil en los octavos de final”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/100256-el-jogo-bonito-deposito-a-brasil-en-los-octavos-de-final>. Acessado em: 11 de fevereiro de 2018.

O Olé, diário esportivo bem mais irônico, por vezes debochado, analisou de forma muito semelhante ao La Nacion a apresentação realizada pela Seleção Brasileira no jogo contra Marrocos.

O tempo de espera acabou: o campeão do mundo já está na França. Em toda sua essência e também com quase todas suas facetas: a demolidora, a caótica, a suficiente e até a luxuosa. Necessitava de algo que lhe tocasse o orgulho e para isso nada melhor que enfrentar a revelação do Mundial. Então, o Brasil despachou como quis e quando quis o Marrocos e já pode dedicar-se a pensar seriamente no penta, com mais tranquilidade. Mudam-se os nomes e as Copas, porém esta instável equipe de Zagallo cumpre com um velho costume do futebol brasileiro: se lhe dão um metro de vantagem, liquida.<sup>251</sup>

Na última rodada, o Brasil foi até Marselha para enfrentar, no dia 23 de junho, os noruegueses. Simultaneamente jogavam Marrocos contra Escócia. Com a vitória marroquina por 3X0, o único resultado que interessava aos europeus era a vitória. Zagallo, mesmo classificado e em primeiro lugar do grupo, optou por manter a base da equipe.<sup>252</sup> O adversário, apesar dos empates nas partidas anteriores, era qualificado e havia inclusive, dois anos antes, em 30 de maio de 1997, derrotado o Brasil por 4X2 em amistoso disputado em Oslo. A Seleção Brasileira, mesmo com as vitórias, apresentava divisões entre os atletas e a ríspida discussão entre Dunga e Bebeto, na partida anterior, era uma demonstração clara das eventuais dificuldades de relacionamento enfrentadas pelo grupo.<sup>253</sup>

Foi uma partida monótona, com poucas jogadas de emoção. Mesmo tendo o domínio da bola por mais tempo que seu adversário, o Brasil mostrou um futebol improdutivo. Apenas aos 33 minutos da etapa final, Denílson cruzou na cabeça de Bebeto, para este, livre dentro da pequena área, testar para dentro das redes. O gol relaxou mais a pouco concentrada tetracampeã mundial “permitindo que os noruegueses armassem suas

---

<sup>251</sup> OLÉ. 17 de junho de 1998. “Apareció la aplanadora”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/1998/06/17/r-02201b.htm>. Acessado em: 11 de fevereiro de 2018.

<sup>252</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Taffarel, Cafu, Júnior Baiano, Gonçalves, Roberto Carlos, Leonardo, Dunga, Rivaldo, Bebeto, Denílson e Ronaldo. Escalação da Seleção Norueguesa: Grodas, Berg, Eggen, Johnsen, Bjernebye, Harvard Flo (Solskjaer), Leonhardsen, Rekdal, Strand (Mykland), Riseth (Jostein Flo) e Tore Andre Flo. O árbitro da partida foi o norte americano Esfandiar Baharmast.

<sup>253</sup> A Folha de São Paulo destacou em longa reportagem no dia 25 de junho a desavenças no grupo brasileiro. O periódico chamou de “guerra de vaidades”. Ribas também relatou os problemas entre Bebeto e Edmundo, os dois atacantes disputavam uma vaga na equipe titular de Zagallo. Edmundo acusou Bebeto de boicotá-lo nos treinos e chegou inclusive a explodir com o colega ao afirmar: “Você sempre quis dar uma de bom moço. Vai tomar no cu”. Pressionado, Edmundo se desculpou publicamente, mas os recorrentes desentendimentos demonstravam que o clima entre os atletas não era dos melhores. Cf. RIBAS, Lycio Velozzo. op. cit., p. 389.

jogadas ofensivas sem assédio dos brasileiros”. Aos 38 minutos, depois de um lançamento longo pela esquerda, Andre Flo, dentro da área, disputou na corrida com Júnior Baiano e passou pelo marcador com um drible seco, ajeitou a bola e chutou na saída de Taffarel para empatar o jogo.

Os noruegueses, esperançosos, aumentaram a pressão, afinal somente a vitória os levariam para as oitavas de final. No último minuto, a equipe europeia cruzou da esquerda e Júnior Baiano, de forma bisonha e desnecessária, puxou a camisa de Andre Flo. Penalidade assinalada pelo árbitro. Muitas reclamações por parte dos brasileiros, dos jornalistas e da torcida presente.<sup>254</sup> Rekdal bateu e deu a vitória para a Noruega.<sup>255</sup> Com o placar de 2X1, os escandinavos mantinham a invencibilidade contra a Seleção Brasileira<sup>256</sup> e garantiram sua classificação para a próxima etapa do Mundial.

Duas escritas foram quebradas, a primeira derrota brasileira na fase inicial da Copa do Mundo desde 1966, a única derrota de virada em um Mundial desde a final de 1950. Elas não passariam incólume. A falta de criatividade e de velocidade na saída das jogadas voltaram a ser lembradas, da mesma forma a incapacidade da equipe de superar um adversário montado defensivamente. Nem mesmo Ronaldo escapou das críticas: “não conseguiu terminar uma única jogada, em nenhum momento mostrou o brilho que fez dele o melhor jogador do mundo”<sup>257</sup> e o cronista, Carlos Heitor Cony, não tratava apenas do jogo contra a Noruega, mas das três partidas realizadas pelo atacante brasileiro.

O *La Nacion* ressaltou as críticas provenientes dos próprios brasileiros, em especial as proferidas por Romário, Pelé e Falcão. A reclamação mais comum era em relação à lentidão com que o Brasil arquitetava o jogo.<sup>258</sup> Em outro artigo o periódico sentenciou:

---

<sup>254</sup> Taffarel, ao fim da partida, afirmou que o árbitro havia marcado corretamente a penalidade.

<sup>255</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. CENTRALDACOPA. “Copa 1998 - 1ª Fase - Brasil 1 x 2 Noruega”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jkPEv5Yb3u0>. Acessado em: 11 de fevereiro de 2018.

<sup>256</sup> Brasil e Noruega jogaram em 4 oportunidades até fevereiro de 2018. A Noruega tem 2 vitórias e 2 empates. Noruega 1X1 Brasil, em Oslo, 28 de julho de 1988; Noruega 4X2 Brasil, em Oslo, 30 de maio de 1997; Noruega 2X1 Brasil, em Marselha, 23 de junho de 1988 e Noruega 1X1 Brasil, em Oslo, 16 de agosto de 2006.

<sup>257</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 24 de junho de 1998, p. 5 (Copa 98).

<sup>258</sup> LA NACION, 24 de junho de 1998. “Una derrota que renovó las críticas”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/101086-una-derrota-que-renovo-las-criticas>. Acessado em: 13 de fevereiro de 2018.

O Brasil voltou a perder para a Noruega. Recebeu uma merecida bofetada por viver da incerteza e não saber o que quer jogar. (...) Este Brasil que pretende ser pentacampeão, contudo vive envolto em brigas e falta de comunicação entre os jogadores e o corpo técnico. (...) Tão mal vinham jogando que em qualquer momento poderia vir a bofetada. E veio. (...) Incrivelmente, os reis do toque e da circulação foram principiantes nesta matéria. Foram onze individualidades com escassa conexão.<sup>259</sup>

A Argentina fez sua estreia no dia 14 de junho, em Toulouse, contra o Japão.<sup>260</sup> Manteve a sua tradição de enfrentar e ter dificuldades contra adversários menos bem classificados no ranking em suas primeiras partidas em Mundiais, ao vencer por 1X0, gol de Batistuta, em falha da defesa adversária que, ao tentar cortar o lançamento, deixou o atacante livre para marcar.<sup>261</sup> Passarella reclamou bastante da apatia demonstrada pela equipe na etapa final, que quase acarretou o empate do adversário. Para Verón, um dos líderes entre os atletas, a ansiedade foi a grande culpada pelo fraco desempenho do seu selecionado. A Folha de São Paulo destacou a falta de inspiração dos argentinos e a ausência de jogadores habilidosos e, neste sentido, fez uma referência à Maradona que assistia a partida no estádio.

À Argentina de ontem, que bateu o Japão por 1 a 0, faltou algo que sobrava nas tribunas do Stadium Municipal de Toulouse: referencias que fizessem lembrar o astro Diego Maradona. (...) Mas, em campo, a equipe sul-americana se mostrou sem inspiração, errando muito no meio campo e marcando o gol em uma falha de saída de bola dos rivais.<sup>262</sup>

Para o La Nacion, na terra que alguns dizem ter nascido Carlos Gardel, o que valeu foi a vitória e nada mais. “Em terra gardeliana, o selecionado estreou no Mundial com um triunfo sem brilho: 1 a 0 contra o Japão”.<sup>263</sup> O periódico ainda destacou que, se o objetivo era alçar voos mais altos, teria que mostrar um futebol de maior qualidade.

<sup>259</sup> Idem, ibidem. “Noruega dio o gran golpe”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/101085-noruega-dio-el-gran-golpe>. Acessado em: 13 de fevereiro de 2018.

<sup>260</sup> Escalação da Seleção Argentina: Carlos Roa, Ayala, Sensini (Chamot), Vivas, Almeyda, Simeone, Verón, Zanetti, Claudio López (Balbo), Batistuta e Ortega. Escalação da Seleção Japonesa: Kawaguchi, Narahashi, Soma (Hirano), Ihara, Akita, Nakanishi, Yamaguchi, Nakata, Nanami, Nakayama (Wagner Lopes) e Shoji Jo. O árbitro da partida foi o holandês Mario van der Ende.

<sup>261</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. SP1873. “1998 (June 14) Argentina 1-Japan 0 (World Cup).mpg”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=DnhF3\\_zrsro](https://www.youtube.com/watch?v=DnhF3_zrsro). Acessado em: 13 de fevereiro de 2018.

<sup>262</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 15 de junho de 1998, p. 13 (Copa 98).

<sup>263</sup> LA NACION, 15 de junho de 1998. MAURI, Claudio. “La Argentina, el triunfo e nada más”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/100057-la-argentina-el-triunfo-y-nada-mas>. Acessado em: 13 de fevereiro de 2018.

Na semana seguinte, 21 de junho, no Parc des Princes, em Paris, a seleção comandada por Passarella derrotou com facilidade a equipe da Jamaica.<sup>264</sup> O primeiro tempo, mais complicado, terminou com a vantagem mínima para os argentinos. Aos 32 minutos do primeiro tempo, Verón lançou Ortega dentro da área que tocou por cima do goleiro para abrir o placar. Abusando da violência, a Jamaica perdeu Powell, expulso, no final do primeiro tempo.

Na segunda etapa, com um jogador a mais e com o intuito de melhorar o saldo de gols, os argentinos passaram a atacar com mais veemência e os gols foram naturalmente ocorrendo. Aos 12 minutos, após tabelas com Claudio López, Ortega voltou a marcar. As chances argentinas se multiplicavam e Batistuta entrou em ação. Aos 30 minutos, recebeu a bola de Ortega e chutou cruzado, da entrada da área, para fazer o terceiro gol. Seis minutos depois, Batistuta fez novo gol, muito parecido com o anterior, em passe dado por Simeone. Para encerrar a goleada e marcar o seu terceiro gol na partida, Batistuta cobrou a penalidade máxima sofrida por Ortega. A Argentina venceu a Jamaica por 5X0,<sup>265</sup> estava classificada para a próxima fase do Mundial e jogaria, na última rodada, contra a Croácia, por um empate para terminar na primeira colocação do grupo.

A Folha de São Paulo destacou que, ao contrário da partida contra o Japão, desta vez a Argentina soube superar a marcação adversária, contando com a boa atuação de seus atletas, como Verón, Almeyda, Ortega e Batistuta. Contudo, percebe-se claramente uma diferença entre a imprensa brasileira e argentina, enquanto a última busca analisar mais detidamente as apresentações realizadas pelo Brasil, a primeira relata o que ocorreu na partida não tecendo comentários mais aprofundados em relação à qualidade técnica e tática do futebol argentino. A análise de Alberto Helena Júnior exemplifica a ausência de profundidade nos comentários sobre o futebol argentino e, que fique claro, isso não significa que o cronista não entenda do assunto a que se propõe escrever.

---

<sup>264</sup> Escalação da Seleção Argentina: Carlos Roa, Ayala, Chamot, Sensini (Vivas), Almeyda, Siemone (Pineda), Verón, Zanetti, Claudio López (Marcelo Gallardo), Batistuta e Ortega. Escalação da Seleção Jamaicana: Barrett, Goodison, Gardner, Sinclair, Malcolm (Boyd), Dawes, Simpson, Whitmore (Earle), Powell, Burton (Cargill) e Hall. O árbitro da partida foi o norueguês Rune Pedersen.

<sup>265</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. RODRÍGUEZ, Benjamín. “World Cup 1998 Argentina Vs Jamaica”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=4dn4t\\_p1O0Q](https://www.youtube.com/watch?v=4dn4t_p1O0Q). Acessado em: 13 de fevereiro de 2018.

Foi divertido enquanto durou. E durou só meia hora, até o primeiro gol da Argentina. Era de ver a gringalhada toda com aquela pose de galã italiano do ciclo do telefone branco, ar grave e compenetrado, tentando jogar futebol de Copa do Mundo diante desse bando de jamaicanos, todos de um amarelo-mais-que-cheguei. A bola, sacana, simplesmente negava-se a entrar no gol jamaicano, preferindo ir divertir-se nos pés lúdicos dos crioulos caribenhos. Depois, veio o gol de Orteguita, a expulsão de Powell; então, o jogo descambou para o óbvio. Aí, perdeu a graça.<sup>266</sup>

Pode-se ainda inferir da crônica que os argentinos, apesar de seus atletas extremamente habilidosos, para o cronista, identificam-se com um futebol mais tático, afinal é nos pés dos “crioulos caribenhos” que a bola encontra o seu momento lúdico. Outro aspecto a ser ressaltado é que a partida só apresenta graça ou atração na medida em que há dificuldade para a Argentina vencer seu adversário, ou seja, mesmo que de forma discreta, o cronista torce contra o rival sul-americano. Finalmente, o óbvio, os gols argentinos, em última análise, não possuem valor, pois tiraram a graça do espetáculo, como se eles, assim como as belas jogadas construídas pela albiceleste fossem sem importância. Se a análise fosse realizada para um jogo da Seleção Brasileira, ela teria o mesmo teor? Se a resposta for negativa, o cronista escreveu muito distanciado da, certamente inatingível, porém necessária, busca pela objetividade e imparcialidade jornalística e confortavelmente disposto, na posição de torcedor.

Na rodada final, disputada no dia 26 de junho, os argentinos foram a Bordeaux para definir a primeira colocação do Grupo H contra a forte e perigosa equipe da Croácia que também havia vencido suas duas primeiras partidas. Com um saldo de gols superior, a Argentina tinha a vantagem do empate e Passarella aproveitou o jogo para fazer algumas modificações na equipe titular.<sup>267</sup>

A Argentina mostrou-se melhor que o seu adversário e o dominou na maior parte do embate, vencendo-a por 1X0. O gol aconteceu aos 36 minutos da etapa inicial quando Ortega descobriu Pineda livre dentro da área croata, o atleta matou a bola no peito e chutou

---

<sup>266</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 22 de junho de 1998, p. 2 (Copa de 98).

<sup>267</sup> Escalação da Seleção da Argentina: Carlos Roa, Ayala, Pineda, Paz, Vivas, Almeyda, Verón, Marcelo Gallardo (Berti), Zanetti (Simeone), Batistuta e Ortega (Claudio López). Escalação da Seleção Croata: Ladic, Bilic, Asanovic, Prosinecki (Stimac), Boban, Maric (Vlaovic), Stanic, Soldo, Jarni, Simic e Suker. O árbitro da partida foi o marroquino Said Belqola.

forte na saída de Ladic.<sup>268</sup> Era a primeira vez que a albiceleste vencida os seus três primeiros adversários na fase inicial de uma Copa do Mundo. A equipe também alcançou sua oitava vitória consecutiva e somou 729 minutos sem tomar gols. O *La Nación* destacou: “Os números argentinos assombram no Mundial”.<sup>269</sup>

Com o fim da primeira fase e o ingresso nas oitavas de final, as partidas ganhavam a conotação eliminatória. O Brasil teria um adversário bastante conhecido, a Seleção Chilena, que se classificou em segundo lugar no Grupo B, atrás da Itália. Já os argentinos fariam um clássico mundial, contra a Inglaterra, segunda colocada em seu grupo.

A nova fase foi aberta no dia 27 de junho com duas partidas, às 16h30 a Itália derrotou os noruegueses por 1X0 e às 21 horas o Brasil jogou contra o Chile, no Parc des Princes, em Paris.<sup>270</sup> Antes da partida, os chilenos estavam confiantes para a disputa e Zamorano chegou a afirmar: “Não tememos a ninguém. Nem sequer ao Brasil. Não somos nós que precisamos nos preocupar, mas eles”.<sup>271</sup>

Para o *La Nación*, o Brasil enfrentava um momento de tensão e, neste sentido, as palavras do atacante chileno pareciam acertadas.

O tempo havia se convertido no pior inimigo do Brasil. Há 17 dias que Ronaldo e os seus haviam estreado no Mundial e toda a expectativa que haviam despertado se converteu em pressão. Seu jogo não se ajustou nem aos jogadores, nem ao técnico, nem à imprensa e a derrota para a Noruega, por 2 a 1, ativou um vulcão de críticas. Não era o melhor momento do Brasil e o encontro com o Chile aparecia como salvação divina ou a catástrofe.<sup>272</sup>

---

<sup>268</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. FUTBOLPASIONMUNDIAL3. “Argentina 1 Croacia 0 Mundial Francia 1998 Gol de Pineda”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xeyAIVs-5co>. Acessado em: 13 de fevereiro de 2018.

<sup>269</sup> LA NACION, 27 de junho de 1998. “Los números argentinos asombran en el Mundial”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/101445-los-numeros-argentinos-asombran-en-el-mundial>. Acessado em: 13 de fevereiro de 2018.

<sup>270</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Taffarel, Cafu, Júnior Baiano, Aldair (Gonçalves), Roberto Carlos, César Sampaio, Dunga, Leonardo, Rivaldo, Bebeto (Denílson) e Ronaldo. Escalação da Seleção Chilena: Tapia, Reyes, Fuentes, Margas, Aros, Ramírez (Estay), Acuña (Musri), Sierra (Vega), Cornejo, Salas e Zamorano. O árbitro da partida foi o francês Marc Batta.

<sup>271</sup> LA NACION, 24 de junho de 1998. “Que tiemble Ronaldo”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/101087-que-tiemble-ronaldo>. Acessado em: 14 de fevereiro de 2018.

<sup>272</sup> Idem, 28 de junho de 1998. “Con cuatro goles, Brasil hizo añicos la ilusión chilena”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/101550-con-cuatro-goles-brasil-hizo-anicos-la-ilusion-chilena>. Acessado em: 14 de fevereiro de 2018.

O Chile, esperançoso e animado, ensaiou o domínio do jogo nos primeiros dez minutos, quando tocaram a bola sem que os brasileiros conseguissem tomá-la. Mas, aos 11 minutos, a história da partida começou a se alterar. Dunga cobrou falta da esquerda, o cruzamento foi perfeito para César Sampaio cabecear livre e abrir o placar. A partir daí, o domínio da partida tornou-se brasileiro. Aos 27 minutos, Roberto Carlos bateu outra falta, a bola tocou na barreira, bateu em Bebeto e sobrou limpa para César Sampaio chutar da entrada da grande área, deslocando o arqueiro chileno. Nos descontos da primeira etapa, o ataque brasileiro fez excelente tabela e Ronaldo foi derrubado dentro da área, ao driblar o goleiro. O árbitro marcou a penalidade máxima convertida pelo próprio Ronaldo.

Com a vitória praticamente garantida, o Brasil voltou mais tranquilo na etapa final e continuou dominando o confronto, inclusive acertando a trave adversária. Os chilenos, moribundos, deram algum sinal de resistência aos 23 minutos, quando Zamorano cabeceou no peito de Taffarel que saiu para abafar a jogada, a bola sobrou na cabeça de Salas que jogou para dentro do gol. A reação durou apenas 2 minutos, Rivaldo e Denílson fizeram rápida troca de passes envolvendo o sistema defensivo do Chile, Ronaldo recebeu a bola livre, avançou e dentro da área só teve o trabalho de deslocar o goleiro e marcar o quarto gol do Brasil.<sup>273</sup> Com a goleada por 4X1, a Seleção Brasileira avançou para a fase seguinte e aguardava o vencedor de Dinamarca e Nigéria para saber quem seria o seu adversário.

Fazendo prognósticos em relação às próximas fases, para a semifinal, caso avançasse, a Folha de São Paulo alertava que o adversário seria provavelmente uma equipe tradicional: Holanda, Argentina, Inglaterra ou Iugoslávia. Todas elas, seleções que mereciam respeito. Os argentinos acrescentavam um tempero adicional: “ainda há rivalidades regionais”.<sup>274</sup>

Apesar do placar construído na etapa inicial, o La Nacion alertou que o primeiro tempo do Brasil não foi bom, “tão pobre foi o primeiro ato dos brasileiros que seus próprios seguidores pediram a entrada de Edmundo, dois minutos antes de Ronaldo marcar o terceiro

---

<sup>273</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOSDOBRAZIL. “Copa 1998: Brasil 4x1 Chile”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fSmZ6obxwAc>. Acessado em: 14 de fevereiro de 2018.

<sup>274</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 28 de junho de 1998, p. 4 (Copa 98).

gol”.<sup>275</sup> O segundo tempo, mostrou um Brasil diferente, especialmente depois da entrada de Denílson, apresentando um futebol de grande qualidade.

E o Brasil apareceu. Com os quatro gols banuiu todas as críticas e com a entrada de Denílson mostrou o melhor jogo do certame. Senhores, o Brasil está de pé. Pronto para defender o título que ganhou nos Estados Unidos<sup>276</sup>

O Olé analisou de forma semelhante a partida. O Brasil, apesar dos três gols na primeira etapa, não jogava tão bem, era um time “demasiado estático, apagado”.<sup>277</sup> O jornal também ressaltou que a torcida pedia a entrada de Edmundo, pois ela queria divertir-se com o jogo bonito, também escrito em português. Apesar do “Animal”, apelido do atacante brasileiro e utilizado pelo periódico argentino, não ter entrado em campo como desejava os torcedores, o Brasil da segunda etapa, mesmo que só tenha feito um gol, deu “mais espetáculo, toque, magia”.<sup>278</sup> O Olé sentenciou em uma lúcida análise:

Clássicos são clássicos, mas nomes são nomes. Por isso o Brasil passou com facilidade pelo Chile no derby sul americano e está nas quartas de final e até pode começar a desfrutar um choque com a Nigéria. Ficou claro que lhe sobra futebol, categoria, jogadores e que por isso é temível. E que lhe falta um pouco de sacrifício e regularidade. O Brasil não jogou como uma ótima equipe, tudo o que se espera desta seleção, mas, muitas vezes coloca o pé no acelerador.<sup>279</sup>

Coube, ao Brasil atuar na data inaugural das oitavas de final. A Argentina realizou a última e talvez mais empolgante partida desta etapa do Mundial. Mais uma vez as rivalidades históricas, esportivas e políticas entre argentinos e ingleses entraram em campo, desta feita, na noite de 30 de junho, em Saint-Étienne, no estádio Geoffroy-Guichard.<sup>280</sup> “É um daqueles choques que pulsam muito antes que a bola comece a rolar. O rival de hoje

---

<sup>275</sup> LA NACION, 28 de junho de 1998. “Con cuatro goles, Brasil hizo añicos la ilusión chilena”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/101550-con-cuatro-goles-brasil-hizo-anicos-la-ilusion-chilena>. Acessado em: 14 de fevereiro de 2018.

<sup>276</sup> Idem, ibidem.

<sup>277</sup> OLÉ, 28 de junho de 1998. DAYAN, Mariano. “Acá está el Tetra”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/1998/06/28/r-00401f.htm>. Acessado em: 14 de fevereiro de 2018.

<sup>278</sup> Idem, ibidem.

<sup>279</sup> Idem, ibidem.

<sup>280</sup> Escalação da Seleção Argentina: Carlos Roa, Ayala, Chamot, Vivas, Almeyda, Simeone (Berti), Verón, Zanetti, Claudio López (Marcelo Gallardo), Batistuta (Crespo) e Ortega. Escalação da Seleção Inglesa: Seaman, Campbell, Le Xaux (Southgate), Tony Adams, Gary Neville, Paul Ince, Beckham, Scholes (Merson), Shearer, Anderton (Batty) e Owen. O árbitro da partida foi o dinamarquês Kim Milton Nielsen.

poderia ser a Romênia, mas, como o destino futebolístico queria que fosse a Inglaterra, a ressonância se amplifica”.<sup>281</sup>

A partida começou muito emocionante, logo aos 6 minutos Simeone foi derrubado na área e Batistuta marcou o gol argentino em cobrança que Seaman quase defendeu. A vantagem da equipe sul-americana durou escassos 4 minutos, Ayala derrubou Owen na área, nova penalidade marcada pelo árbitro. Shearer aos 10 minutos empatou o jogo. Aos 16 minutos, Owen arrancou do meio de campo, ganhou na corrida de Chamot e driblou Ayala, na saída de Carlos Roa, chutou no ângulo esquerdo virando o placar. Melhor na partida, os ingleses perderam duas oportunidades de ampliar o resultado e foram castigados aos 45 minutos quando Campbell cometeu falta na entrada da área em Claudio López. Em jogada ensaiada, Verón tocou para Zanetti que deslocou-se rapidamente por trás da barreira inglesa para receber a bola livre ao lado dela e, de primeira, chutou forte, no ângulo direito, para fazer 2X2.

O segundo tempo começou com a expulsão de Beckham, por ter revidado, no chão, uma entrada dura de Simeone por trás. O atleta argentino ganhou o cartão amarelo pela entrada. Os ingleses, mesmo com um jogador a menos, não se intimidaram e criaram boas chances de gol, assim como os argentinos, não obstante, o placar terminou 2X2. O resultado persistiu na prorrogação e a vaga para as quartas de final foi decidida nas penalidades máximas. Desta feita, o goleiro Roa brilhou, com duas defesas, a Argentina venceu e avançou de fase pelo placar de 4X3.<sup>282</sup> O resultado dava ainda mais confiança para a albiceleste.<sup>283</sup>

Juca Kfoury lembrou das “malandrags” argentinas para derrotar a Inglaterra, equipe que se apresentou melhor que seu adversário, mas acabou desclassificada do Mundial. Além disso, ele já temia por um possível confronto entre os rivais do continente.

---

<sup>281</sup> LA NACION, 30 de junho de 1998. MAURI, Claudio. “La Argentina va por un paso decisivo frente a Inglaterra”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/101758-la-argentina-va-por-un-paso-decisivo-frente-a-inglesa>. Acessado em: 14 de fevereiro de 2018.

<sup>282</sup> Os cobradores da Argentina foram, pela ordem: Berti (converteu), Crespo (errou), Verón (converteu), Marcelo Gallardo (converteu) e Ayala (converteu). Os cobradores da Inglaterra foram, pela ordem: Shearer (converteu), Ince (errou), Merson (converteu), Owen (converteu) e Batty (errou).

<sup>283</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. KAZMARAZIN. “1998 World Cup Argentina vs England”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TMhY2eqj8M>. Acessado em: 14 de fevereiro de 2018.

Ninguém pode acusar ingleses e argentinos de terem feito propaganda enganosa. Aquilo que prometeram, cumpriram fielmente. Fizeram o melhor jogo da Copa até aqui – e sem violência. Os ingleses eram francamente superiores até ficarem com apenas dez jogadores. Foram duas vezes, no entanto, vítimas da velha picardia portenha: no gol de empate em jogada ensaiada e no lance da expulsão bem dramatizado por Simeone. (...) A Argentina terá agora a Holanda pela frente, outra parada indigesta. Se passar, bem, se passar, nem é bom pensar, pelo menos por enquanto...<sup>284</sup>

As partidas das quartas de final foram disputadas nos dias 3 e 4 de julho. Ao contrário do que muitos brasileiros esperavam, a Nigéria foi derrotada pela Dinamarca, por surpreendentes 4X1, candidatando-se a disputar uma vaga na semifinal contra a Seleção Brasileira. Os argentinos, por sua vez, teriam pela frente a forte Seleção Holandesa. Do outro lado da chave, a França enfrentaria a Itália enquanto a Alemanha iria confrontar-se com a Croácia.

Brasil e Dinamarca jogaram no dia 3 de julho, em Nantes, no Stade de La Beaujoire.<sup>285</sup> Mais cedo, a França havia eliminado a Itália nas cobranças de pênaltis após um empate em 0X0. A Dinamarca, apesar de ausente na Copa de 94, ainda era lembrada pela “Dinamáquina” da Copa de 1986, pela equipe que conquistou a Eurocopa de 1992 e a Copa das Confederações de 1995. Tinha nos irmãos Laudrup os seus grandes nomes. Brasileiros e dinamarqueses realizaram uma grande apresentação.

Mal a partida tinha iniciado, aos 2 minutos, Dunga cometeu falta quase no “bico” esquerdo da grande área brasileira. Aproveitando-se da desatenção da defesa brasileira, Michael Laudrup tocou rapidamente para o seu irmão, Brian, que avançou em diagonal para a linha de fundo e rolou para trás, para o chute indefensável de Jorgensen. Aos 11 minutos, o troco brasileiro. Dunga tocou da intermediária brasileira para Ronaldo que matou a bola, puxou a marcação sobre ele e lançou, com precisão, Bebeto, livre, avançou até a entrada da meia lua da grande área e chutou rasteiro no canto direito de Schumacher. Com o empate o Brasil se acalmou e passou a pressionar mais intensamente a equipe europeia, até que, aos 27 minutos, virou o placar. Desta vez, a falha foi da defesa dinamarquesa que saiu jogando

---

<sup>284</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 1º de julho de 1998, p. 2 (Copa 98).

<sup>285</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Taffarel, Cafu, Júnior Baiano, Aldair, Roberto Carlos, César Sampaio, Dunga, Leonardo (Emerson), Rivaldo (Zé Roberto), Bebeto (Denilson) e Ronaldo. Escalação da Seleção Dinamarquesa: Schmeichel, Coldng, Rieper, Högh, Heintze, Jorgensen, Helveg (Schjonberg), Nielsen (Tofting), Brian Laudrup, Möller (Sand) e Michael Laudrup. O árbitro da partida foi o egípcio Mohammed Gamal Ghandour.

errado e permitiu com que Dunga tomasse a bola que sobrou nos pés de Ronaldo. Este viu a entrada de Rivaldo pelo lado esquerdo e lhe deu o passe. Rivaldo avançou em direção da linha de fundo e tocou com sutileza por cima do goleiro que saiu para tentar abafar a jogada. O Brasil continuou melhor, mas não ampliou o placar mesmo tendo criado algumas oportunidades.

A equipe voltou a se desconcentrar no início da etapa complementar e sofreu o gol de empate, aos 5 minutos. Jorgensen avançou e dividiu com César Sampaio, a bola subiu em direção da área do Brasil, Roberto Carlos “furou” ao tentar tirar de bicicleta, e Brian Laudrup ajeitou e bateu forte para empatar o jogo. Aos 15 minutos, Rivaldo, avançou sozinho pela intermediária, ao se aproximar da meia lua da grande área, chutou forte e rasteiro para vencer, mais uma vez, o excelente goleiro Schmeichel. Sem opções, a Dinamarca passou a pressionar e graças as boas intervenções de Taffarel e a trave, que salvou o Brasil no último minuto, os tetracampeões mundiais avançaram para as semifinais,<sup>286</sup> o adversário seria conhecido no dia seguinte na partida entre Argentina e Holanda.

“Exigido por seu rival, o Brasil mostrou o seu repertório”.<sup>287</sup> Assim era o título da reportagem do La Nacion, que seguiu na mesma toada. “O Brasil é um luxo quando é forçado a ser. O Brasil coloca a música quando a festa começa a ficar sem graça”.<sup>288</sup> O periódico afirmou que a Seleção Brasileira mereceu estar entre as quatro melhores do mundo, ainda que, para alcançar tal colocação, esteja sofrendo mais do que o necessário.

Para o Olé, o Brasil teve um adversário muito mais complicado e competitivo do que havia sido o Chile na semana anterior e, por isso mesmo, a vitória foi muito mais convincente. A Dinamarca pressionou, foi um oponente que criou problemas e exigiu atenção do Brasil durante toda a partida. Foi excelente teste, no sentido de “azeitar a máquina para a

---

<sup>286</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. CENTRALDACOPA. “Copa 1998 - Quartas de Final - Brasil 3 x 2 Dinamarca”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AXi6cHaXNyo>. Acessado em: 14 de fevereiro de 2018.

<sup>287</sup> LA NACION, 4 de julho de 1998. “Exigido por su rival, Brasil mostró su repertorio”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/102247-exigido-por-su-rival-brasil-mostro-su-repertorio>. Acessado em: 14 de fevereiro de 2018.

<sup>288</sup> Idem, ibidem.

revanche com a Argentina (ou enfrentar a Holanda)”.<sup>289</sup> Assim como o La Nacion, o Olé também concluiu que quando provocado, o Brasil é capaz de responder.

Na ensolarada e quente tarde de Marselha, no dia 4 de julho, Argentina e Holanda se enfrentaram no Stade Vélodrome.<sup>290</sup> A seleção europeia fez sua melhor apresentação no Mundial e dominou os argentinos praticamente nos 90 minutos, ainda assim, a partida foi bastante difícil e disputada. Antes mesmo do gol, aos 12 minutos, os holandeses já haviam acertado a trave argentina. O gol decorreu de uma rápida jogada, com toques de primeira do ataque holandês, Kluivert recebeu a bola livre na frente de Roa. Mesmo em desvantagem no placar, a Argentina continuou posicionada atrás e conseguiu, cinco minutos depois, em um dos raros contra-ataques da partida, o seu gol de empate. Verón recebeu a bola de Ortega no meio de campo e fez um lançamento certeiro para Claudio López que entrou livre (os holandeses reclamaram de impedimento injustificadamente) para marcar o gol de empate. Era o 100º gol dos argentinos em Copas do Mundo. Novas jogadas de perigo foram criadas no decorrer do primeiro tempo, Roa realizou boas defesas, Ortega acertou a trave de Van der Sar e já nos descontos Simeone quase colocou uma bola no ângulo. O primeiro tempo terminou 1X1.

A Argentina voltou melhor na etapa decisiva e a partida foi mais equilibrada. Batistuta teve uma chance ímpar de colocar a Argentina em vantagem no marcador quando Verón disparou de seu campo e partiu para o terreno do adversário em diagonal, lançou Batistuta pela direita, que cortou seu marcador para o meio e chutou forte na trave holandesa. O jogo encaminhava-se para a prorrogação quando, há 4 minutos do final, Ortega entrou na área e simulou uma penalidade máxima, irritado com a não marcação, o atleta levantou-se, agrediu o goleiro holandês e acabou expulso. Aos 44 minutos, Claudio López cruzou na área para Batistuta que não alcançou a bola, Frank de Boer dominou-a com tranquilidade e partiu, sem marcação, em direção do meio de campo, ainda de sua intermediária realizou um ótimo lançamento para Bergkamp, dentro da área Argentina. O holandês matou a bola com habilidade, cortou o seu marcador, Ayala, e chutou cruzado para marcar o gol da vitória dos

---

<sup>289</sup> OLÉ, 4 de julho de 1998. DAYAN, Mariano. “Pra frente Brasil”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/1998/07/04/r-02401e.htm>. Acessado em: 14 de fevereiro de 2018.

<sup>290</sup> Escalação da Seleção Argentina: Carlos Roa, Ayala, Chamot (Balbo), Sensini, Almeyda (Pineda), Simeone, Verón, Zanetti, Claudio López, Batistuta e Ortega. Escalação da Seleção Holandesa: Edwin van der Sar, Reiziger, Stam, Frank de Boer, Numan, Jonk, Ronald de Boer (Overmars), Cocu, Davids, Bergkamp e Kluivert. O árbitro da partida foi o mexicano Arturo Brizio Carter.

holandeses.<sup>291</sup> Era a despedida da Argentina da Copa da França e de Passarella do comando da seleção.

Os cronistas da Folha de São Paulo, em graus diferentes, concordavam com a desclassificação sofrida pelos rivais na medida em que Passarella montou um time defensivo e abriu mão de atletas como Fernando Redondo. Kfoury, comparando com eliminação italiana, considerou que a ocorrida com a Argentina teria sido menos merecida, “embora um time que abra mão de Redondo – Daniel Passarella campeão mundial seria impossível engolir – sempre mereça uma punição drástica”.<sup>292</sup>

A opinião da imprensa argentina não foi distinta do que foi comentando, mesmo de forma escassa, no Brasil. “A Argentina pagou com a eliminação sua atitude mesquinha. Faltava grandeza e o preço de tanto escamoteio foi a eliminação. (...) Um conservadorismo que não ajudou a continuar na Copa do Mundo. (...) A Argentina ficou mais atrás do que o esperado”.<sup>293</sup> Ortega e Passarella foram considerados os principais culpados pela derrota do país diante da Holanda.

Com a surpreendente vitória da Croácia por 3X0 sobre a Alemanha, os quatro finalistas da Copa de 1998 foram: Brasil, Croácia, França e Holanda. Os confrontos das semifinais: Brasil X Holanda e França X Croácia.

No mesmo Stade Vélodrome, em Marselha, em que havia despachado a Argentina, a Holanda, às 21 horas do dia 7 de julho, enfrentou o Brasil. Era o terceiro confronto entre as duas seleções em mundiais, cada uma delas havia vencido um embate e como ocorreu em 1974 e em 1994, a partida foi extremamente disputada. O Brasil não contaria com um dos seus principais jogadores, Cafu, que estava suspenso em virtude de ter recebido o segundo cartão amarelo. Em seu lugar entrou Zé Carlos, praticamente sem experiência com a camisa da seleção.<sup>294</sup>

---

<sup>291</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. BACCARAT, Flavio. “Holanda 2x1 Argentina Copa 1998 Band”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=DpljaNSxU\\_s](https://www.youtube.com/watch?v=DpljaNSxU_s). Acessado em: 15 de fevereiro de 2018.

<sup>292</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 6 de julho de 1998, p. 2 (Copa 98).

<sup>293</sup> LA NACION, 5 de julho de 1998. MAURI, Claudio. “Sin pena ni gloria”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/102348-sin-pena-ni-gloria>. Acessado em: 15 de fevereiro de 2018.

<sup>294</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Taffarel, Zé Carlos, Júnior Baiano, Aldair, Roberto Carlos, César Sampaio, dunga, Leonardo (Emerson), Rivaldo, Bebeto (Denilson) e Ronaldo. Escalação da Seleção Holandesa: Edwin

A partida foi emocionante, de bom nível técnico e com as duas equipes buscando a vitória. No primeiro tempo a Holanda foi levemente superior ao Brasil, mas as equipes, apesar de criarem jogadas de perigo, não abriram o marcador. A Seleção Brasileira voltou mais ofensiva na etapa final e com menos de 1 minuto Rivaldo recebeu a bola e lançou com precisão para Ronaldo, dentro da área, mesmo sendo agarrado pelo calção pelo seu marcador, o atacante brasileiro conseguiu finalizar para o fundo do gol. A Holanda quase empatou, aos 7 minutos, em cobrança de escanteio, a bola sobrou para Bergkamp chutar para a excelente defesa de Taffarel. O jogo continuou animado, Ronaldo perdeu duas chances diante de Van der Sar, assim como Rivaldo. A Holanda também desperdiçava as oportunidades criadas. Restando apenas três minutos para o encerramento do tempo regulamentar, Ronald de Boer cruzou na cabeça de Kluyvert que subiu livre no meio da defesa brasileira para marcar o gol de empate. A vitória escapava em mais uma falha do sistema defensivo da equipe comandada por Zagallo.

Com o empate no tempo normal a partida foi para a prorrogação. As oportunidades criadas não foram aproveitadas. Com o empate, a vaga para a final encaminhou-se para a disputa de pênaltis. Taffarel, com duas difíceis defesas, garantiu a vitória do Brasil por 4x2<sup>295</sup> e manteve aceso o sonho da conquista do quinto título mundial.<sup>296</sup>

A partida foi tão empolgante que Clóvis Rossi afirmou:

Brasil e Holanda foi mesmo a final da Copa da França. Só mesmo um milagre, raros em futebol, para que França ou Croácia consiga demonstrar, hoje, e na final formal do torneio, domingo, que é capaz de jogar mais que qualquer um dos dois adversários de ontem. O resultado correto da partida foi o 1 a 1 dos 120 minutos de futebol. (...) Não fosse a necessidade de definir um vencedor, o ideal seria que ambas as seleções se classificassem. Ou que a final fosse adiada para que Brasil e Holanda pudessem fazer uma tira-teima até decidir o finalista.<sup>297</sup>

---

van der Sar, Reiziger (Winter), Stam, Frank de Boer, Cocu, Jonk (Seedorf), Ronald de Boer, Zenden (Van Hooijdonk), Davids, Bergkamp e Kluyvert. O árbitro da partida foi o emiratí Ali Mohamad Bujsaim

<sup>295</sup> A Seleção Brasileira iniciou as cobranças de pênalti e, em virtude dos erros holandeses, não se fez necessária a quinta batida das duas equipes. Os cobradores do Brasil foram, pela ordem: Ronaldo (converteu), Rivaldo (converteu), Emerson (converteu) e Dunga (converteu). Os cobradores da Holanda foram, pela ordem: Frank de Boer (converteu), Bergkamp (converteu), Cocu (errou), Ronald de Boer (errou).

<sup>296</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOS DO BRASIL. “Copa 1998: Brasil 1x1 Holanda (Pênaltis: 4x2 Brasil)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V6arcTYj2IA>. Acessado em: 15 de fevereiro de 2018.

<sup>297</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 8 de julho de 1998, p. 8-9 (Copa 98).

Ainda segundo o cronista: “Brasil e Holanda exibiram, rigorosamente, os mesmos defeitos e qualidades das partidas anteriores. Talvez defeitos algo menores e qualidades superiores aos dos jogos prévios”.<sup>298</sup>

Ao contrário de seu colega brasileiro, Claudio Mauri, do La Nacion, que até então cobria a Argentina, a partida foi abaixo do que ele esperava e isso em virtude das duas seleções serem apenas boas equipes, nada, além disso. “Não foi o grande jogo que se podia imaginar. Provavelmente, porque nenhum deles é mais do que uma boa equipe”.<sup>299</sup> Ele também entende que o Brasil possui uma mentalidade vencedora e por isso, ao contrário da Holanda,<sup>300</sup> mesmo demonstrando apenas flashes de sua qualidade, estão em mais uma final.

O diário Olé analisou de forma diametralmente oposta de Mauri, para o periódico o enfrentamento entre Brasil e Holanda foi uma final antecipada. As duas seleções poderiam ter saído de campo, vencedoras e realizaram um jogo soberbo. “Foi uma partida dessas para recordar, que se deve passar nas escolas para que as crianças entendam o que é o futebol, para que os desleixados tenham menos espaço para contaminar a cabeça das pessoas falando sobre a previsibilidade do futebol”.<sup>301</sup> As duas equipes realizaram um “*partidazo*” e por isso foram, ao final do duelo, aplaudidas durante 20 minutos pelos 55 mil espectadores no estádio.

Na outra semifinal, disputada no dia 9 de julho, a França, visivelmente nervosa, passou com dificuldades pela surpreendente Croácia, que em sua primeira participação em Mundiais<sup>302</sup> já alcançava uma das quatro primeiras colocações. Os croatas chegaram a abrir o placar no primeiro minuto da etapa final, com Suker. Thuram, que havia falhado ao não fazer corretamente a linha de impedimento, no gol do adversário, a denominada vulgarmente de “linha burra”, empatou a partida no minuto seguinte. O empate levantou a torcida e empurrou

---

<sup>298</sup> Idem, ibidem, p. 8-9.

<sup>299</sup> LA NACION, 8 de julho de 1998. MAURI, Claudio. “En los penales apareció Taffarel y Brasil va por otro campeonato”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/102668-en-los-penales-aparecio-taffarel-y-brasil-va-por-otro-campeonato>. Acessado em: 15 de fevereiro de 2018.

<sup>300</sup> Idem, ibidem. Claudio Mauri afirma: “Passam os anos e o jogo de os laranjas segue sendo superior a sua mentalidade”.

<sup>301</sup> OLÉ, 8 de julho de 1998. HAMILTON, Mariano. “O mais grande”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/1998/07/08/r-00401b.htm>. Acessado em: 15 de fevereiro de 2018.

<sup>302</sup> Entre 1930 e 1994 a Croácia fez parte da Iugoslávia. A partir de 1998, os croatas só não se classificaram para disputar o Mundial de 2010. Inclusive, no momento da escritura desta nota, fevereiro de 2018, a equipe está classificada para disputar o Mundial da Rússia e jogará no Grupo D, terá como um dos adversários a Seleção da Argentina. Na revisão do texto, após a Copa de 2018, a Croácia havia decidido o Mundial da Rússia contra a França quando foi derrotada por 4X2 e conquistou a segunda posição.

a equipe. O mesmo Thuram, aos 24 minutos, tomou a bola de Jarni e chutou com efeito no canto direito do goleiro croata e deu números finais ao confronto. Em 14 anos defendendo a Seleção Francesa foram os únicos gols marcados pelo atleta.

A Croácia enfrentou uma desmotivada Holanda, no Parc des Princes, em Paris, no dia 11 de julho. Ela conquistou a terceira colocação ao vencer o seu adversário por 2X1, gols de Prosinecki e Suker (que terminou como artilheiro da competição). Zenden marcou para os holandeses. A Seleção Croata repetiu o feito de Portugal, em 1966, quando uma seleção estreante em mundiais terminou na terceira posição.

Era grande a expectativa para a partida final. “Marselhesa ou batucada. Europa ou América. O dono da casa ou o candidato. O primeiro título ou o maior campeão da história. Zidane ou Ronaldo”.<sup>303</sup> Assim começava o artigo do *La Nacion* que destacava que a França e o Brasil colocariam o corpo e a alma na disputa da final e que, em 16 Mundiais, ao longo de quase 70 anos, muitas coisas alteraram na história da humanidade, “mudanças sociais, a Segunda Guerra Mundial no meio, a hiperprofissionalização do futebol, o fim da guerra fria, a queda do Muro de Berlim”. Contudo, a hegemonia no futebol pouco se alterou, até aquele momento apenas seis seleções conquistaram o título, já há vinte anos não se conhecia um campeão inédito, a última foi a Argentina em 1978.<sup>304</sup>

França e Brasil, no dia 12 de julho, decidiram, no Stade de France em Saint-Dennis, o título da XVI Copa do Mundo da FIFA. Horas antes da partida, o futebol brasileiro iria proporcionar uma das suas mais famosas e obscuras polêmicas, a convulsão de Ronaldo.<sup>305</sup>

Após o almoço, os atletas da Seleção Brasileira foram para os seus quartos na concentração para descansarem, posteriormente iriam se dirigir para o palco da grande final da Copa do Mundo. Enquanto dormia, Ronaldo sofreu uma convulsão e isto causou, e não

---

<sup>303</sup> LA NACION, 12 de julho de 1998. MAURI, Claudio. “Brasil y Francia, listos para la gloria”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/103146-brasil-y-francia-listos-para-la-gloria>. Acessado em: 16 de fevereiro de 2018.

<sup>304</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>305</sup> O *Lance A+* editado em janeiro de 2002 revelou que injeções de xilocaína e cortisona podem ter causado a convulsão no jogador brasileiro. Ronaldo, segundo o periódico, sofreu oito infiltrações de xilocaína e um antiinflamatório derivado da cortisona durante a Copa. A última foi pouco antes de sofrer uma convulsão, no dia da final do Mundial, contra a França. O conteúdo da injeção entrou numa veia e provocou a convulsão no jogador. Cf. TERRA. “Caso Ronaldo pode voltar a ser investigado”. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/2002/01/14/060.htm>. Acessado em: 5 de abril de 2015.

poderia seria diferente, grande preocupação nos demais atletas e membros da comissão técnica. Segundo Roberto Carlos, que dividia o quarto com o atacante brasileiro:

— Fui comentar algo com Ronaldinho e vi que ele estava fazendo caretas (...) Pensei que fosse brincadeira, mas ele começou a babar e tremer. Achei melhor pedir ajuda. Assustado, Roberto Carlos saiu aos gritos pedindo socorro. (...) Rapidamente o médico da seleção, Lídio Toledo, e outros jogadores adentraram ao quarto. A crise de Ronaldo teria durado menos de dois minutos e seus companheiros entraram em desespero, alguns chorando. O médico tentou acalmar a situação e pediu para todos saírem do quarto e deixarem o jogador descansar.<sup>306</sup>

Segundo Farias, o doutor Lídio Toledo optou por deixar Ronaldo dormindo ao invés de levá-lo imediatamente ao hospital. Ao acordar, o atleta afirmou que não se lembrava da convulsão e que apenas sentia muita dor nos músculos e também bastante sono. Somente neste momento decidiu-se levá-lo a uma clínica. O Dr. Joaquim da Mata, assistente do Dr. Lídio Toledo, foi o encarregado de acompanhar o atleta. Depois de submeter-se a uma bateria de testes, que não foram capazes de determinar a causa da crise convulsiva, o jogador deixou o hospital faltando apenas 75 minutos para o início da final.

A equipe já se encontrava no estádio e “estava bem avançada no trabalho de mudança tática quando, apenas 40 minutos antes do pontapé inicial, surgiram Ronaldo e o Dr. Joaquim da Mata”.<sup>307</sup> O médico anunciou que o exame nada provaria, sendo assim, os médicos da CBF não poderiam se opor a uma eventual participação do jogador na final.

Ronaldo disse a Zagalo que estava pronto para jogar, e se abriram as portas do inferno. Todos os medos, as ansiedades que estiveram cozinhando em fogo lento por baixo da superfície explodiram nesse momento e escaparam ao controle. Em um único momento, a seleção não era mais uma única seleção. Dividiu-se em duas facções. Uma delas, liderada pelo capitão Dunga, exigia que a equipe não fosse mudada, mais uma vez. Que Edmundo jogasse. Zagalo, inicialmente, inclinou-se a aceitar essa opinião. Disse a Ronaldo que havia mudado as táticas para levar em conta a escalação de Edmundo. A folha de escalação já havia sido impressa e distribuída a mídia. Era tarde demais, segundo as regras da FIFA, para mudar o onze inicial. A outra facção, liderada por Leonardo, defendia a inclusão de Ronaldo. A anarquia foi geral e clamorosa. Gilmar Rinaldi, observador da seleção, foi despachado para contar a Teixeira a situação. (...) No vestiário, Ricardo

---

<sup>306</sup> FARIAS, Airton de. op.cit., v.2, p. 195.

<sup>307</sup> YALLOP, David A. op. cit., p. 362.

Teixeira entrou na discussão. Decidiu que, se Ronaldo havia sido declarado apto pelo médico da seleção, ele deveria jogar.<sup>308</sup>

Para Yallop, uma seleção dividida entrou em campo e Ronaldo, por razões óbvias, estava inapto para atuar. A França, sem os problemas enfrentados pela Seleção Brasileira, não contava, entre os titulares, apenas com o zagueiro Blanc, suspenso em virtude dos cartões amarelos.<sup>309</sup>

Desde o início da partida o que se viu foi um Brasil temeroso e apático e uma França motivada, coesa e praticando um futebol envolvente. Os anfitriões pressionaram os seus oponentes desde os primeiros minutos e a defesa brasileira demonstrou as mesmas falhas de partidas anteriores, especialmente nas bolas alçadas na área. O Brasil ainda buscou equilibrar o jogo, após um cruzamento de Ronaldo, o goleiro Barthez quase jogou a bola para dentro do seu próprio gol. Posteriormente, em uma cobrança de escanteio, Rivaldo cabeceou e Barthez defendeu em cima da linha. No entanto, os franceses estavam mais próximos de inaugurar o placar e ele se deu aos 28 minutos. Roberto Carlos tentou tirar a bola de Karembeu, contudo ao invés de tocá-la para a lateral, tentou dominá-la no peito, ela quicou e correu para a linha de fundo enquanto o jogador, tardiamente, tentava dar um chute para o lado. Escanteio para a França. Na cobrança de Petit, Zidane, na entrada da pequena área, ganhou de cabeça de Leonardo e fez seu primeiro gol na Copa do Mundo. Com o gol, o Brasil se perdeu inteiramente em campo e a França teve duas excelentes chances de ampliar em falhas clamorosas do sistema defensivo, na primeira chance Petit chutou na rede pelo lado de fora e na segunda oportunidade Taffarel<sup>310</sup> salvou o chute “cara a cara” de Guivarc’h.

---

<sup>308</sup> Idem, *ibidem*, p. 362-363.

<sup>309</sup> Escalação da Seleção Francesa: Barthez, Thuram, Leboueuf, Desailly, Lisarazu, Karembeu (Boghossian), Deschamps, Petit, Guivarc’h, Zidane e Djorkaeff (Vieira). Escalação da Seleção Brasileira: Taffarel, Cafu, Júnior Baiano, Aldair, Roberto Carlos, César Sampaio (Denilson), Dunga, Leonardo (Edmundo), Rivaldo, Bebeto e Ronaldo. O árbitro da partida foi o marroquino Saïd Belqola.

<sup>310</sup> Cláudio André Mergen Taffarel (Santa Rosa-RS, 8 de maio de 1966). Goleiro extremamente seguro, tranquilo e com ótima colocação. Um especialista em defender penalidades máximas. Começou sua carreira em 1985 no Internacional de Porto Alegre. Defendeu a equipe gaúcha até 1990 quando foi atuar no Parma da Itália, na temporada 1993-1994 jogou, emprestado, pelo Reggiana. Retornou ao futebol brasileiro em 1995, para o Atlético Mineiro. Em 1998 foi atuar no futebol turco, pelo Galatasary e voltou para o futebol italiano, para o Parma, em 2001. Permaneceu na equipe italiana até o início de 2003 quando encerrou a carreira, aos 37 anos. Conquistou vários títulos pelas equipes que defendeu: foi duas vezes campeão da Copa Itália (1992 e 2002) e uma vez da Recopa Europeia (1993) todos pelo Parma. Pelo Atlético Mineiro conquistou: o Campeonato Mineiro de 1995, a Copa Centenário de Belo Horizonte (1997) e a Copa Conmebol (1997). Pelo Galatasaray foi bicampeão turco (1999 e 2000), bicampeão da Copa da Turquia (1999 e 2000), campeão da Liga da Europa da UEFA (2000) e campeão da Supercopa Europeia (2000). Atuou em 108 partidas oficiais pela Seleção Brasileira e sofreu 72 gols. Sua última partida pelo Brasil foi exatamente na final do Mundial de 1998 contra a França. Ainda é dele o recorde de minutos sem sofrer gols pela seleção: 881 minutos. Atuou em 3 Copas do Mundo:

Finalmente, já nos descontos da primeira etapa, novo escanteio, agora pelo lado esquerdo do ataque francês, Djorkaeff cobrou, ninguém subiu com Zidane que cabeceou livre, a bola ainda passou entre as pernas de Roberto Carlos, resultado: França 2X0.

Na etapa final, apesar das alterações promovidas por Zagallo, o panorama da partida não se alterou significativamente. Aos 11 minutos, Ronaldo teve grande chance, dentro da pequena área, mas Barthez fez ótima defesa. A França, por sua vez, desperdiçava ótimas oportunidades para ampliar. Mesmo perdendo um jogador aos 23 minutos, Dessailly foi expulso depois de cometer falta dura sobre Cafu, os franceses continuaram exercendo o domínio do jogo. Para deixar a torcida mais eufórica, aos 48 minutos, em um contra-ataque, Vieira tocou para Petit que ganhou na corrida de Cafu, invadiu a área e deslocou Taffarel para dar números finais para o confronto, a França vencia por 3X0 e conquistava sua primeira Copa do Mundo.<sup>311</sup>

**Figura 9: Seleção Francesa campeã em 1998<sup>312</sup>**



A imprensa brasileira considerou o título francês como justo. A anfitriã havia feito uma boa campanha e na final derrotou com autoridade o seu oponente. “Foi justo, foi indiscutível, foi impecável. O título francês é inapelável”,<sup>313</sup> sentenciou Juca Kfourri. Para Matinas Suzuki Júnior: “A vitória francesa é merecida. Fez a melhor campanha na primeira

---

1990, 1994 e 1998. Foi bicampeão da Copa América 1989 e 1997, foi campeão do mundo em 1994 e vice em 1998. Também conquistou a medalha de Prata nas Olimpíadas de 1988 em Seul. Enfrentou a Argentina em 8 oportunidades: 1 vitória, 4 empates e 3 derrotas. Sofreu 9 gols.

<sup>311</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. NAS CANETA. “Final Copa 98 - Melhores momentos”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RzQOoMptDC8>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2018.

<sup>312</sup> IMORTAIS do futebol. “Seleções imortais: Brasil 1994”. Disponível em: <https://www.imortaisdofutebol.com/2012/03/14/selecoes-imortais-franca-1998-2000/>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2018.

<sup>313</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 13 de julho de 1998, p. 2 (Copa 98).

fase, eliminou a seleção da Itália, passou pela seleção da Croácia, que ficou em terceiro lugar. E, na final, passou pelo Brasil”.<sup>314</sup>

Tostão, além de considerar a vitória francesa justa, fez uma análise bastante ácida dos equívocos cometidos na preparação da Seleção Brasileira para o Mundial.

A França, mesmo sem bons atacantes – Guivarc’h perdeu três gols fáceis –, mereceu o título, pela determinação e pelo trabalho feito durante esses quatro anos. (...) O Brasil cometeu muitos erros durante esses quatro anos e chegou à Copa sem conjunto e sem variações táticas. (...) Espero que a Seleção se prepare melhor para a próxima Copa e faça menos treinos recreativos.<sup>315</sup>

Sérgio Noronha, em sua crônica para o Jornal do Brasil, criticou duramente a Seleção Brasileira, tanto individual, quanto coletivamente ao longo de todo o torneio e não somente na final. Finalmente, teceu elogios aos vencedores que “armaram um time disciplinado, determinado e ciente de suas limitações. Chegaram com mérito à final e mostraram toda determinação quando venceram, apesar de ter um homem a menos e ainda fizeram um gol no final”.<sup>316</sup>

Para o jornalista argentino Claudio Mauri, a França não só rompia com a aura vencedora do Brasil, em que as finais pareciam lhe servir sob medida, como o país europeu galgava uma nova hierarquia no futebol, deixava de ser uma seleção competitiva para ser uma potência futebolística.<sup>317</sup>

Daniel Arcucci, escreveu para o La Nacion:

A França não permitiu que o respeito e a admiração se convertessem em medo: quando entendeu que o Brasil havia chegado até o Stade de France quase sem dar-se conta, só pela inércia de uma camisa que empurra – porém que também necessita de homens que a levem adiante – assumiu o seu papel:

---

<sup>314</sup> Idem, ibidem, p. 2.

<sup>315</sup> JORNAL DO BRASIL, 13 de julho de 1998, p. 7 (Copa 98).

<sup>316</sup> Idem, ibidem, p. 8.

<sup>317</sup> LA NACION, 13 de julho de 1998. MAURI, Claudio. “Francia jugó el partido de su vida para ganar la Copa”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/103262-gloria-mundialbr-francia-jugo-el-partido-de-su-vida-para-ganar-la-copa>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2018.

foi dona da casa, impôs sua autoridade e jogou o jogo que melhor joga e que mais gosta. Assim ganhou.<sup>318</sup>

Na continuidade da matéria, descreveu a fraca atuação de Ronaldo no confronto final, falou da grande pressão sofrida pelo atleta brasileiro, que entrou em campo, segundo o jornalista, com a cara de “coelho assustado”, expressando o excesso de responsabilidade que lhe havia sido imposta. Contudo, vaticinou, lembrando da experiência vivida por Maradona na Copa da Espanha em 1982, que havia sofrido pressão semelhante à vivenciada agora por Ronaldo e que, quatro anos depois, em 1986, havia amadurecido, aprendido as lições para tornar-se não só o melhor jogador do Mundial do México (e do mundo) como também campeão daquela competição. “Quando chegar o tempo da revanche, dentro de quatro anos, no Japão-Coreia 2002, terá justamente 25. Se sabe: nessa idade nasceu o último número 1”.<sup>319</sup>

Para o Olé, a alegria não é apenas brasileira. Uma certa dose de soberba, o excesso de precauções táticas e certamente a pouca inspiração contribuíram bastante para a perda do pentacampeonato em 1998:

O Brasil saiu para o campo de jogo em Saint Denis para mostrar ao mundo que eram os donos absolutos da bola. Os delírios hegemônicos passaram pela cabeça de cada um dos 22 jogadores, do técnico Zagallo e do inspetor Zico. (...) Porque para sair campeão é preciso mais do que desejo. É preciso convicções e compromisso de assumir os riscos que devem ter os heróis. Por mais ilustre que seja a verde-amarela para qualquer rival, quando a bola rola só falam os pés dos jogadores. E os pés dos brasileiros estiveram pesados, sem inspiração; foram só chuteiras trêmulas.

Embora o mundo do futebol lhes tenha atribuído as melhores chances, ninguém melhor que os brasileiros sabem que os festejos antecipados podem terminar muito mal. O célebre Maracanazo de 1950 é o antecedente preciso. Foi a outra final que perderam, a que também tinham ganhado sem terem jogado. E lhes custou um mar de lágrimas que inundou o Rio de Janeiro. Na noite passada, a França produziu “o Saint Denisazo” e ensinou aos seus rivais que o sonho dos heróis pode transformar-se em pesadelo, quando os guerreiros constroem sua estátua antes de terem ganhado o bronze. Como em 1994 enterrou sua técnica por precauções táticas e terminou consagrando o que a esta altura já é uma lei do futebol moderno: os campeões não se repetem.<sup>320</sup>

---

<sup>318</sup> Idem. ARCUCCI, Daniel. “Valía la pena esperar”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/103264-valia-la-pena-esperar>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2018.

<sup>319</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>320</sup> OLÉ, 13 de julho de 1998. ZUANICH, Juan & BIASE, Pablo de. “La alegría no es solo brasileña”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/1998/07/13/r-00401g.htm>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2018.

É importante ressaltar que os periódicos argentinos não abordaram, certamente por não terem conhecimento, da convulsão sofrida por Ronaldo. O Olé, em virtude da confusão ocorrida na lista de jogadores titulares da Seleção Brasileira e já tendo ciência que Ronaldo havia realizado exames em um hospital momentos antes da partida, creditou a um problema estomacal pois o jogador, segundo relatos coletados pelo periódico, depois do almoço, havia se sentido mal e vomitado. O jornal também ressaltou a séria inflamação no tornozelo esquerdo do jogador como mais uma possível causa, a ser somada, para o seu baixo rendimento. De qualquer forma, ao final da reportagem restava uma pergunta: “Ronaldo não conseguiu dissimular sua inferioridade física. Foi uma imagem virtual: parecia Ronaldo, mas não era. Por quê? Qual era a verdade?”.<sup>321</sup>

#### **6.5. “EL LOCO” BIELSA E A ESTABILIDADE ARGENTINA. A DANÇA DE TREINADORES NO BRASIL: DO FUTURO PROMISSOR À DIFÍCIL CLASSIFICAÇÃO PARA A COPA DE 2002**

Argentina e Brasil trocaram de comando com o fim da Copa do Mundo da França. A AFA convidou José Pekerman para o lugar de Passarella e, para surpresa de Julio Grondona, presidente da Associação de Futebol Argentino, Perkerman recusou o convite, no entanto aceitou ser o diretor-geral das Seleções Nacionais. Foi então convidado, por indicação do próprio Pekerman, Marcelo Bielsa, que em virtude de seu perfeccionismo no trabalho e também pelo tique nervoso é apelidado de Marcelo “El Loco” Bielsa. O novo treinador assumiu o cargo em setembro de 1998, contudo a Seleção Argentina só retornou aos gramados em fevereiro de 1999.

A CBF anunciou a saída de Zagallo duas semanas depois do encerramento do Mundial e mais duas semanas se passaram até que no dia 11 de agosto, o então treinador do Corinthians, Vanderlei Luxemburgo fosse confirmado para o cargo. No decorrer de 1998, Luxemburgo acumulou o cargo no clube e na seleção, inclusive sagrando-se campeão brasileiro pela equipe paulista. Ao contrário de seu rival no continente, o Brasil realizou três amistosos ainda em 1998, já sob o comando do novo treinador, o primeiro, no dia 23 de setembro, empate em 1X1 contra a Iugoslávia, posteriormente duas boas vitórias, no dia 14 de outubro contra o Equador por 5X1 e pelo mesmo placar, em 18 de novembro, contra a Rússia.

---

<sup>321</sup> OLÉ, 13 de julho de 1998. DAYAN, Mariano. “El gallo e el pollito”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/1998/07/13/r-01201g.htm>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2018.

No espaço político argentino, o chamado menemismo, dava claro sinais de enfraquecimento, desde 1996. Os efeitos da Crise Mexicana, ocorrida em 1995, afetaram bastante os países emergentes, dentre eles a Argentina e o Brasil. Menem conseguiu manter o regime de conversibilidade no país, não obstante os fortes ataques especulativos sofridos. Em virtude da valorização cambial e os altos custos internos, os produtos argentinos se tornavam caros quando medidos em dólares. As próprias empresas multinacionais localizadas no país preferiam adquirir seus insumos, mais baratos, em filiais de outras partes do mundo. Tal realidade fez com que a taxa de desemprego atingisse o patamar de 17%.<sup>322</sup>

O desgaste de Menem ficou claro nas eleições para a Câmara dos Deputados em 1997, quando o peronismo foi derrotado nos principais distritos, inclusive na importante Província de Buenos Aires. Em 1998, o projeto de Menem de aprovar uma nova reeleição foi bloqueado pelo também peronista Eduardo Duhalde. Neste mesmo ano, a economia argentina começa a se desacelerar, fato que se acentuou nos anos seguintes, gerando ainda mais desconforto para o partido governante e que tinha como candidato o próprio Duhalde. Nas eleições presidenciais de 1999, o senador Fernando de la Rúa obteve 48,5% dos votos e venceu o peronista, candidato do governo, com os seus 38,8%.<sup>323</sup>

No Brasil, Fernando Henrique Cardoso conseguiu aprovar a emenda da reeleição, o que gerou várias acusações de compra de votos de parlamentares. Mesmo tendo o seu nome e o do seu partido envolvido em outras denúncias de corrupção, especialmente nos processos de privatizações efetuados no país, o então presidente ainda “surfava” nos benefícios gerados pela estabilidade criada pelo Plano Real e como havia ocorrido quatro anos antes, FHC venceu as eleições ainda no primeiro turno, novamente contra Luís Inácio “Lula” da Silva.

A principal competição para as seleções sul-americanas em 1999 foi a Copa América, em sua 39ª edição. Ela foi disputada entre 29 de junho e 18 de julho no Paraguai. O Brasil ainda disputaria no final de julho e início de agosto, no México, a Copa das Confederações.

---

<sup>322</sup> SÁENZ QUESADA, María. op. cit., p. 710.

<sup>323</sup> Idem, ibidem, p. 715.

Preparando-se para a Copa América, a Argentina realizou seis amistosos, todos fora do país, exceto o último. Em fevereiro derrotou a Venezuela e o México, respectivamente por 2X0 e 1X0. Em março empatou em 1X1 com a Holanda. Em junho empatou com o México por 2X2, perdeu por 1X0 dos Estados e empatou com a Lituânia por 0X0. A imprensa local considerava prematuro julgar o trabalho de Bielsa, no entanto os últimos resultados preocupavam. “O drama é descartado. Não é para tanto. Acreditar em fantasmas não faz sentido nesta fase do processo de Bielsa. Mas tampouco é uma questão de minimizar o chamado de atenção que a Lituânia fez ao selecionado argentino”.<sup>324</sup>

O Brasil realizou cinco amistosos, antes de iniciar a busca pelo bicampeonato da Copa América. Tais partidas faziam parte do controverso e obscuro contrato que a CBF havia assinado com a empresa fornecedora de materiais esportivos e uma das patrocinadoras da Seleção, a Nike. Segundo o acordo firmado, a empresa tinha o direito de organizar cinco amistosos para o Brasil, em troca de uma cota de US\$ 500 mil por partida. Os dois primeiros jogos foram realizados na Ásia, contra os países que sediariam o próximo Mundial. No dia 28 de março o Brasil foi derrotado por 1X0 para a Coreia do Sul e três dias depois recuperou-se e venceu o Japão por 2X0. Em junho, enfrentou por duas vezes a Holanda, no dia 5 e no dia 8, a primeira partida foi no estádio da Fonte Nova, em Salvador, empate por 2X2 e a segunda em Goiânia, no Serra Dourada, vitória brasileira por 3X1. Finalmente, no dia 26 de junho, em Curitiba, na “Arena da Baixada”, estádio do Atlético Paranaense, os brasileiros derrotaram a fraca equipe da Letônia por 3X0.

A 39ª Copa América, disputada no Paraguai, contou, mais uma vez, com 12 seleções, além das 10 que compõem a Conmebol, mais duas convidadas: o México e o Japão. As seleções foram divididas em três grupos com quatro equipes e os dois melhores de cada grupo avançavam para a fase seguinte, assim como os dois melhores terceiros colocados. Quatro cidades abrigaram as partidas: Assunção, Ciudad del Este, Luque e Pedro Juan Caballero. As equipes ficaram assim divididas: Grupo A – Bolívia, Japão, Paraguai e Peru. Grupo B – Brasil, Chile, México e Venezuela. Grupo C – Argentina, Colômbia, Equador e Uruguai.

---

<sup>324</sup> LA NACION, 27 de junho de 1999. GROSSO, Cristian. “La Argentina no da para dramas, aunque sí preocupa”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/143606-la-argentina-no-da-para-dramas-aunque-si-preocupa>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2018.

A Argentina participou do torneio com uma equipe constituída principalmente por jogadores que atuavam no futebol local. Isso se deu em virtude de um problema, cada vez mais frequente, relativo à inadequação do calendário europeu com a competição sul-americana. Neste período os jogadores que atuam no Velho Continente gozam suas férias e Batistuta, Almeyda, Verón, Redondo, Crespo, Balbo, dentre outros, teriam recusado a convocação para aproveitarem o período de descanso. Maradona criticou duramente a atitude dos atletas ao afirmar que: “A mística de se jogar na seleção se perdeu; afinal, há muitas estrelas e estrelinhas que se esquecem de que existe um país por trás deles. A camiseta argentina não se vende e não se cotiza em dólares”.<sup>325</sup> Alguns atletas vieram a público negar a versão que circulou nos meios de comunicação argentinos de que as ausências eram decorrentes de uma dívida que a AFA teria com cada um deles ou que o valor pago para atuarem pela Argentina era muito inferior ao que ganhavam na Europa. “Fico chateado que duvidem do meu amor pela seleção. Não existe nada de dinheiro, nem de cansaço. Só não fui porque estava machucado” afirmou Crespo.<sup>326</sup> Dos atletas mais tarimbados e chamados “históricos”, a equipe contava apenas com Ayala, Ortega, Simeone e Zanetti.

Sem enfrentar os mesmos problemas de seu rival, a Seleção Brasileira iniciou sua campanha, em Ciudad del Este, de forma arrasadora contra a Venezuela no dia 30 de junho, goleou o adversário por 7X0. Além da boa vitória, a partida também marcou a apresentação de Ronaldinho Gaúcho<sup>327</sup> para o mundo do futebol. Ele entrou aos 27 minutos da etapa final quando o Brasil vencia por 4X0. Dois minutos depois, em sua primeira jogada, o jovem atleta recebeu a bola de Cafu pelo lado direito da grande área da Venezuela, deu um chapéu no zagueiro Rojas, passou por Alvarez com um leve toque com o lado externo do pé e, diante do goleiro, chutou forte, rasteiro, para marcar seu primeiro gol pela Seleção Brasileira.<sup>328</sup> Para o La Nacion o Brasil deu uma pequena exibição de suas maravilhas e não por acaso é o favorito do campeonato.<sup>329</sup>

---

<sup>325</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 11 de julho de 1999, p. 4 (Esporte).

<sup>326</sup> Idem, *ibidem*, p. 4.

<sup>327</sup> O meia Edílson, por ter sido o pivô de uma confusão no clássico entre Corinthians e Palmeiras na final do Campeonato Paulista, disputada em 20 de junho de 1999, ao fazer embaixadinhas próximo ao término da partida no meio de campo, foi cortado da Seleção Brasileira, para o seu lugar foi convocado e fez inclusive a sua estreia um jovem atleta do Grêmio, muito promissor, Ronaldinho Gaúcho,

<sup>328</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOS DO BRASIL. “Copa América 1999: Brasil 7x0 Venezuela”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IbzJcmnPRY8>. Acessado em: 19 de fevereiro de 2018.

<sup>329</sup> LA NACION, 1º de julho de 1999. LEBLEBIDJIAN, Christian. “Brasil fue un show de goles”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/144111-brasil-fue-un-show-de-goles>. Acessado em: 19 de fevereiro de 2018.

O Brasil retornou ao gramado, no dia 3 de julho, para disputar a liderança do grupo contra o México que havia vencido na rodada inicial os chilenos. Debaixo de muita chuva, a equipe não conseguiu repetir o bom desempenho da partida anterior e mesmo não realizando uma boa apresentação conseguiu vencer os mexicanos por 2X1 e garantir a classificação antecipada para a próxima fase da Copa América.

Para o Clarín, apesar da Seleção Brasileira ter jogadores de grande qualidade e, por isso, poderia praticar um futebol mais ofensivo, capaz de assumir maiores riscos, prefere adotar o caráter “mesquinho” do futebol atual.<sup>330</sup> Ainda assim, tanto para o citado periódico quanto para o La Nacion, a vitória contra o México foi justa. A imprensa argentina, em seu discurso, esperava do Brasil um futebol agressivo, ofensivo e de qualidade. Percebe-se sempre um tom de frustração quando isto não é apresentado.

No dia 6 de julho o Brasil encerrou sua participação na primeira fase da competição com uma vitória por 1X0 sobre o Chile, gol de pênalti, convertido por Ronaldo, em uma partida em que a névoa interrompeu o jogo aos 40 minutos da etapa final. A vitória poderia ter sido mais ampla caso o ataque brasileiro tivesse aproveitado melhor as chances criadas e que poderiam inclusive ter feito falta não fosse o goleiro Dida ter defendido uma penalidade máxima cobrada por Pedro González aos 28 minutos da etapa final. De qualquer forma: “Vistoso e generoso, o Brasil constrói o seu futuro pelo caminho do bom futebol”, assim o La Nacion abriu sua análise sobre o confronto.<sup>331</sup>

O Clarín, mais crítico que o seu concorrente, afirmou que o Brasil atuava de forma previsível, “embora seus jogadores sejam muitas vezes os reis da imprevisibilidade”.<sup>332</sup> Apesar da frustração, o diário considerou a vitória justa pelas inúmeras oportunidades criadas mesmo que, em sua maioria, desperdiçadas e os comandados de Luxemburgo continuavam como favoritos da competição para o jornal. O Olé destacou a grande apresentação do goleiro

---

<sup>330</sup> CLARÍN, 4 de julho de 1999. “Dos chispazos, un triunfo y las dudas”. Disponível em: [https://www.clarin.com/deportes/chispazos-triunfo-dudas\\_0\\_BJQv46lCFe.html](https://www.clarin.com/deportes/chispazos-triunfo-dudas_0_BJQv46lCFe.html). Acessado em: 19 de fevereiro de 1999.

<sup>331</sup> LA NACION, 7 de julho de 1999. LEBLEBIDJIAN, Christian. “Brasil ganó en las sombras”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/144838-brasil-gano-en-las-sombras>. Acessado em: 19 de fevereiro de 2018.

<sup>332</sup> CLARÍN, 7 de julho de 1999. “La niebla paró todo”. Disponível em: [https://www.clarin.com/deportes/niebla-paro\\_0\\_r1u-xE6xRFI.html](https://www.clarin.com/deportes/niebla-paro_0_r1u-xE6xRFI.html). Acessado em: 19 de fevereiro de 2018.

chileno que impediu uma goleada brasileira.<sup>333</sup> Com o primeiro lugar do Grupo B o Brasil esperava a definição do Grupo C, mais precisamente entre Colômbia, Argentina e Uruguai para saber quem seria o seu adversário na fase seguinte.

No dia 1º de julho a Argentina enfrentou e venceu com facilidade o Equador pelo placar de 3X1 em Luque. Simeone abriu o placar e Martín Palermo, atacante de confiança de Bielsa, marcou os dois gols seguintes. Ao contrário dos congêneres argentinos em relação aos jogos do Brasil, os periódicos brasileiros relatam de forma breve e sem profundidade analítica a partida. Transcrevo por inteiro a passagem para exemplificar.

Com dois gols de Palermo, um dos cinco atletas do Boca Juniors escalado pelo técnico Marcelo Bielsa, a Argentina derrotou o Equador por 3 a 1 ontem à noite, em Luque, confirmando o seu favoritismo na Copa América. Simeone abriu o placar para os argentinos com o único gol marcado no primeiro tempo. Palermo, que estava sem marcar pela seleção havia cinco partidas, definiu o placar ainda no início da segunda etapa. O Equador criou várias oportunidades, mas só conseguiu descontar perto do final da partida.<sup>334</sup>

De qualquer forma, ao analisar o México, que enfrentaria o Brasil na competição, Juca Kfourri, para a Folha de São Paulo, demonstrou o respeito que o futebol argentino inspirava: “Enfim, o México, adversário de amanhã, se está longe de ser uma Argentina, mesmo desfalcada, também não tem nada a ver com a frágil Venezuela”.<sup>335</sup>

No dia 4 de julho a Argentina foi atropelada pelos colombianos, por 3X0. Mais uma vez Palermo ficaria marcado, desta vez não pelos gols feitos, mas por ter perdido três cobranças de penalidades ao longo do jogo.<sup>336</sup> O atacante Hamilton Ricard da Colômbia também desperdiçou uma cobrança para sua equipe. Com o resultado adverso, a Argentina foi para a derradeira rodada contra o Uruguai podendo, tanto classificar-se na primeira colocação do grupo, quanto ser eliminada da competição.

---

<sup>333</sup> OLÉ, 7 de julho de 1999. ROMANO, Leonardo. “Brasil lo jugo la media maquina”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/1999/07/07/r-01201b.htm/> Acessado em: 19 de fevereiro de 2018.

<sup>334</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 2 de julho de 1999, p. 15 (Esporte).

<sup>335</sup> Idem, ibidem, p. 16.

<sup>336</sup> Palermo foi o primeiro jogador do mundo a perder em uma única partida oficial três cobranças de pênalti. A primeira, ainda aos 5 minutos, bateu na trave; a segunda foi desferida por cima do gol, aos 31 minutos da segunda etapa e aos 45 minutos, o arqueiro Oscar Córdoba defendeu a terceira e derradeira cobrança. Para assistir as cobranças: Cf. MAISMUSICA. “O dia em que Palermo perdeu 3 Pênaltis no mesmo jogo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=de2d9CO4Yg0>. Acessado em: 19 de fevereiro de 2018.

Contra o Uruguai, partida disputada em 7 de julho, Palermo se redimiou e marcou um dos gols da vitória da albiceleste por 2X0. Os uruguaios disputaram a Copa América com uma equipe quase juvenil, pois também tiveram problemas na convocação de seus principais atletas. Com uma equipe mais experiente, os argentinos tiveram amplo domínio do jogo. O Uruguai só agrediu com mais determinação o seu adversário nos minutos finais depois que o zagueiro argentino Vivas foi expulso. Com os resultados da última rodada, a Colômbia, 100% em seu grupo, garantiu a primeira colocação, a Argentina ficou com a segunda vaga e enfrentaria o Brasil nas quartas de final e o Uruguai classificou-se como um dos dois melhores terceiros colocados.

Algumas “zebras” apareceriam nesta etapa da competição. No dia 10 de julho, o Uruguai, com sua jovem seleção, enfrentou os anfitriões, o Paraguai, que era o favorito. A partida terminou empatada em 1X1 e o Uruguai eliminou os guaranis nas cobranças de penalidades máximas. No dia seguinte, a outra seleção que havia se classificado como uma das duas melhores terceiras colocadas, o Chile, derrotou por 3X2 a favorita Colômbia, que ao lado do Brasil havia vencido as três partidas da primeira fase. Chile e Uruguai, as seleções que se classificaram em terceiro lugar, enfrentar-se-iam nas semifinais.

Brasil e Argentina, adversários no dia 11 de julho, estavam confiantes na vitória. Simeone afirmou: “Estou convencido de que podemos ganhar, porque esta seleção tem fome de vitórias”.<sup>337</sup> No Brasil, a opinião não era diferente e seus atletas esperavam muita catimba e até certa violência de seu adversário, elementos que caracterizariam a prática futebolística argentina. “Se eles baterem na gente lá na frente, podem ficar sabendo que lá atrás vamos ter gente para revidar nos atacantes deles”, foi o alerta, em tom de ameaça feito, por Amoroso.<sup>338</sup> Para Ronaldo: “Vai ser a batalha da catimba. Eles adoram provocar e sabem como fazer, mas nós já estamos acostumados”.<sup>339</sup> O jornalista Juca Kfoury, por sua vez, estava muito entusiasmado com a possibilidade não só de vencer, mas de golear a “desfalcada” Seleção Argentina.

A Argentina tem hoje um considerável reforço, a presença de Ariel Ortega, aquele que pintou como sucessor de Diego Maradona e que, se não chega a tanto – ou nem perto – é, de fato, um belo jogador. Mas não será por isso que

---

<sup>337</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 11 de julho de 1999, p. 4 (Esporte).

<sup>338</sup> Idem, ibidem, p. 3.

<sup>339</sup> Idem, ibidem, p. 3.

o time argentino poderá fazer frente ao selecionado brasileiro e a velha rivalidade deve servir, isso sim, para que o time nacional aplique uma bela goleada no adversário. Daqueles que um dia, ao consultar a retrospectiva dos confrontos diretos, o torcedor não lembrará que os argentinos jogaram praticamente com seu time reserva.<sup>340</sup>

Por ser tratar de um clássico, Tostão foi bem mais comedido que Kfoury em seus comentários e afirmou que mesmo sem contar com a presença de Batistuta, Sensini, Verón, Redondo e Claudio López, a Argentina “é um time forte, com bons jogadores” e fez um prognóstico tático de como a partida deveria se desenvolver.

A Seleção comandada pelo Bielsa tem o mesmo desenho tático da do Passarela na Copa de 98. (...) Se os argentinos adotarem a marcação por pressão, como fizeram no amistoso contra o Brasil, no Maracanã, antes da Copa de 98, a Seleção Brasileira correrá novamente o risco de ser dominada e pressionada em seu campo. Em compensação, abrirão espaços na defesa argentina, para os lançamentos longos para Ronaldo e Amoroso.<sup>341</sup>

“O clássico de sempre, com sabor de final antecipada”.<sup>342</sup> Assim o La Nacion entendia a partida entre os dois grandes rivais e acrescentou que seria um excelente teste para o sistema defensivo argentino, afinal ele teria que enfrentar “três dos homens de ataque mais temíveis do planeta”.<sup>343</sup>

Domingo, 11 de julho de 1999, no estádio Antonio Oddone Sarubbi, também conhecido como Tres de Febrero, em Ciudad del Este, a partir das 18 horas, foi escrito mais um capítulo dos enfrentamentos entre argentinos e brasileiros, o octogésimo primeiro.<sup>344</sup> A partida começou com domínio e pressão da albiceleste, “marcando em cima, não dando espaço e ganhando o duelo no meio de campo”,<sup>345</sup> fato traduzido em duas boas chances de abrir o placar antes dos dez primeiros minutos. No décimo minuto, Sórin recebeu a bola na esquerda e chutou forte ainda da intermediária, Dida se posicionou para defendê-la, mas não

<sup>340</sup> Idem, ibidem, p. 2.

<sup>341</sup> JORNAL DO BRASIL, 11 de julho de 1999, p. 2 (Esportes).

<sup>342</sup> LA NACION, 11 de julho de 1999. MAURI, Claudio. “El clásico de siempre, con sabor a final anticipada”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/145315-el-clasico-de-siempre-con-sabor-a-final-anticipada>. Acessado em: 22 de fevereiro de 2018.

<sup>343</sup> Idem. GROSSO, Cristian. “Los guardianes del orden”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/145317-los-guardianes-del-orden>. Acessado em: 22 de fevereiro de 2018.

<sup>344</sup> Escalação da Seleção Argentina: Burgos, Zanetti, Ayala, Samuel, Pocchetino, Sorín (Gustavo López), Siemone (Cagna), Riquelme, González, Ortega e Palermo. Escalação da Seleção Brasileira: Dida, Cafu, João Carlos, Antônio Carlos, Roberto Carlos, Flávio Conceição (Beto), Emerson, Zé Roberto, Rivaldo, Ronaldo (Ronalinho Gaúcho) e Amoroso (Alex). O árbitro da partida foi o uruguaio Gustavo Méndez.

<sup>345</sup> JORNAL DO BRASIL, 12 de julho de 1999, p. 1 (Esportes).

contava que João Carlos tentaria cortar a batida e ao fazê-lo desviaria com o joelho para o fundo do gol. A Argentina continuou marcando com eficiência os avanços da Seleção Brasileira que não conseguia levar perigo a meta defendida por Burgos. No entanto, aos 32 minutos, Cafu foi derrubado próximo à entrada da área por Sórin, Rivaldo cobrou com precisão, por cobertura, indefensável. A Argentina sentiu o gol de empate e a partida tornou-se equilibrada. O primeiro tempo terminou empatado.

No intervalo, Luxemburgo procurou corrigir “os defeitos de marcação e exigiu ainda que os jogadores de meio campo tocassem a bola mais rapidamente”. O Brasil avançou a marcação e logo aos três minutos o novo posicionamento surtiu efeito. Emerson passou a bola para Zé Roberto, na entrada da área, que escorou para Ronaldo. O atacante brasileiro teve pela primeira vez liberdade para concluir e o fez com precisão, no canto direito de Burgos. Os argentinos não se entregaram e partiram para o ataque, terminaram a partida com 23 finalizações contra apenas 12 do oponente. Contudo, o Brasil jogava com muita disposição e mantinha a vantagem no placar placar. Aos 32 minutos, o meia Beto derrubou Gustavo López dentro da área, penalidade máxima assinalada pelo árbitro uruguaio. Ayala ficou responsável pela cobrança. O capitão argentino chutou rasteiro, no canto direito, mas Dida, exímio defensor de pênaltis, saltou no canto certo, espalmou já amortecendo a bola com a mão para em seguida levantar-se e agarrá-la em definitivo. A Argentina não se abateu com o pênalti desperdiçado e buscou o empate até o apito final do juiz, mas ele não veio e o Brasil venceu a partida por 2X1.<sup>346</sup>

O Jornal do Brasil exaltou uma característica identitária encontrada em seu rival e que foi fundamental para a vitória brasileira: a raça. “Seleção vence argentinos na raça e joga semifinal contra o México”.<sup>347</sup> Sérgio Noronha, em coluna para o mesmo periódico, afirmou que o melhor jogador da partida, apesar de não ter saído de campo com a vitória, aquele que desequilibrou o jogo, foi Ariel Ortega, “o talento que faltou ao meio campo da Seleção Brasileira”<sup>348</sup> e ressaltou: “O título parece fácil mas o time precisa jogar muito mais”.<sup>349</sup> A Folha de São Paulo, nesta mesma linha, afirmou: “Enfim, se quiser conquistar essa Copa

---

<sup>346</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. SP1873. “1999 (July 11) Brazil 2-Argentina 1 (Copa America).mpg”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e27jtD152nc>. Acessado em: 22 de fevereiro de 2018.

<sup>347</sup> JORNAL DO BRASIL, 12 de julho de 1999, p. 1.

<sup>348</sup> Idem, ibidem, p. 4.

<sup>349</sup> Idem, ibidem, p. 4.

América, a seleção brasileira tem que deixar de ser um amontoado de craques para se tornar uma equipe de futebol”.<sup>350</sup>

Os jogadores brasileiros, por sua vez, estavam eufóricos. Ronaldo afirmou que foi uma partida extremamente complicada, “eles são sempre adversários difíceis”<sup>351</sup> e o atacante brasileiro expressou uma sensação de alívio e alegria quando se derrota um tradicional rival “foi ótimo mandar a Argentina para casa. Agora, temos que desfrutar desse momento especial, porque é sempre bonito e legal ganhar dos argentinos”.<sup>352</sup>

Já Bielsa e seus atletas não se sentiam completamente frustrados ao final do encontro, afinal, em suas avaliações, haviam jogado melhor que o seu oponente. “Não existe só vitória ou fracasso. Há várias matizes entre os dois, e hoje tivemos mais chances claras de gol e mais posse de bola em um jogo muito disputado”, afirmou o treinador platino.<sup>353</sup> Para o Clarín, o técnico afirmou: “Houve um claro dominador e foi o que perdeu”.<sup>354</sup> Para Simeone: “Tanto no Brasil como na Argentina, as pessoas logo pensam em fracasso, mas aqui houve muito sucesso também”.<sup>355</sup>

O Olé, em sua manchete, questionava: “O Brasil foi superior?”. Na avaliação do periódico, a Argentina soube se defender muito bem e com isso arrefeceu o poderio ofensivo brasileiro, mas não foi capaz de otimizar o seu próprio. Se foi capaz de equilibrar a partida no plano coletivo, o mesmo não se deu no aspecto individual e a vitória brasileira era algo lógica, afinal a equipe atuou com seus principais atletas enquanto a Argentina não o fez.

A Seleção maneja bem a cartilha defensiva, conseguiu cumprir em parte com a premissa de levar o tremendo poder ofensivo do Brasil a uma expressão menor, porém não o de otimizar o seu. E aqui esteve a chave. Quando o Brasil pôde jogar, definiu; quando a Argentina pôde fazê-lo, não. (...) E embora tenha equilibrado no coletivo, não conseguiu fazê-lo no

---

<sup>350</sup> Idem, *ibidem*, p. 2.

<sup>351</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 12 de julho de 1999, p. 3 (Esportes).

<sup>352</sup> Idem, *ibidem*, p. 3.

<sup>353</sup> Idem, *ibidem*, p. 3.

<sup>354</sup> CLARÍN, 12 de julho de 1999. “Hubo un claro dominador, y fue el que perdió”. Disponível em: [https://www.clarin.com/deportes/claro-dominador-perdio\\_0\\_ryXewmpxRFx.html](https://www.clarin.com/deportes/claro-dominador-perdio_0_ryXewmpxRFx.html). Acessado em: 22 de fevereiro de 2018.

<sup>355</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 12 de julho de 1999, p. 3 (Esportes).

individual. Algo lógico: o Brasil vinha com todos, Argentina não. Na soma, então, ganharam eles.<sup>356</sup>

O “inferno astral” da alvianil prosseguiu no aeroporto de Assunção quando Bielsa se desentendeu publicamente com o atacante José Luis Calderón e os dois por pouco não trocaram agressões físicas no local. “O treinador justificou a atitude destemperada afirmando que o jogador fora leviano ao revelar intimidades da delegação a uma emissora de rádio argentina”.<sup>357</sup>

As duas partidas das semifinais foram disputadas no dia 14 de julho. O Brasil voltou a encontrar o México, que havia derrotado na fase anterior o Peru nas penalidades máximas, depois de empatar no tempo normal por 3X3. A outra partida, disputada em Assunção, foi entre as surpreendentes seleções do Chile e do Uruguai. No tempo normal o jogo terminou empatado em 1X1 e o Uruguai, como na fase anterior, classificou-se nas penalidades máximas, repetindo inclusive o placar, nova vitória por 5X3.

Brasil e México jogaram em Ciudad del Este. Adiantando a marcação e pressionando o adversário, a Seleção Brasileira o dominou e construiu sua vitória por 2X0, gols de Amoroso e Rivaldo, ambos ainda no primeiro tempo da partida. O México, aproveitando-se de certo relaxamento do Brasil, tentou infrutiferamente diminuir o placar na segunda etapa. Brasil e Uruguai fariam a grande final da Copa América de 1999.

Pela primeira vez na competição, o Brasil deixou a Ciudad del Este e foi para Assunção disputar, no dia 18 de julho, o título com a inexperiente Seleção Uruguaia. Os brasileiros tinham amplo favoritismo em relação ao confronto e para conquistar o bicampeonato. Não houve surpresas ou “zebras”. O Uruguai ainda tentou nos minutos iniciais, ao adiantar a marcação, impedir que a Seleção Brasileira armasse as suas jogadas. Por se tratar de uma equipe jovem buscou imprimir também um ritmo forte, na base da correria. “Mas o Brasil jamais se perturbou. Continuou tocando a bola, esperando que a euforia dos meninos uruguaio arrefecesse, e que surgissem os espaços”.<sup>358</sup> A tática brasileira começou a surtir efeito aos 21 minutos, Vespa derrubou Zé Roberto, pela esquerda. Na

---

<sup>356</sup> OLÉ, 12 de julho de 1999. MALADESKY, Adrián. “¿Brasil fue superior?”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/1999/07/12/r-01201g.htm>. Acessado em: 22 de fevereiro de 2018.

<sup>357</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 493.

<sup>358</sup> JORNAL DO BRASIL, 19 de julho de 1999, p. 1 (Esportes).

cobrança da falta, Flávio Conceição alçou a bola na cabeça de Rivaldo, que com um leve toque surpreendeu o goleiro uruguaio e inaugurou o placar.

Os uruguaios sentiram o gol, a marcação já não estava tão bem encaixada e o Brasil aumentou o volume de jogo, criando novas oportunidades. O segundo gol, convertido aos 27 minutos, iniciou com Zé Roberto tocando a bola nos pés de Rivaldo que driblou seu marcador e colocou com categoria na saída de Carini. O Brasil foi para o intervalo com uma boa vantagem no placar.

Logo aos 2 minutos da etapa complementar, Rivaldo fez ótimo lançamento para Ronaldo, que bateu de canhota para marcar o terceiro gol da Seleção Brasileira. Com o adversário entregue, o Brasil reduziu o ritmo, contudo ainda criou novas oportunidades de ampliar o resultado que não se concretizaram. Ao final, o bicampeonato foi conquistado com uma vitória por 3X0.

O título brasileiro não gerou euforia na imprensa nacional e o resultado foi entendido como uma “obrigação” dada a diferença técnica entre as equipes que disputaram o campeonato uma vez que somente o Brasil, dentre as favoritas, levou seu time principal.

A vitória de 3X0 da Seleção Brasileira sobre a uruguaia, que valeu o bicampeonato da Copa América, foi a vitória do Brasil sobre o Brasil. Só isso. Uma vitória desenhada desde que o time brasileiro chegou ao Paraguai. Ao contrário de outros adversários – que em sua maioria estavam por lá para ganhar experiência – aos brasileiros não restava outra alternativa. Era vencer.<sup>359</sup>

O jornalista Juan Zuanich buscou explicar os motivos pelos quais a Argentina estava atualmente no futebol em uma posição inferior ao rival. Para o jornalista, o futebol brasileiro conseguiu, com dificuldades é certo, superar a ausência de Pelé, enquanto a Argentina não foi ainda capaz de suplantar a falta de Maradona. O jornalista ressaltou que, 12 anos após a conquista de 1970, o Brasil foi capaz de montar uma ótima seleção, repleta de grandes jogadores e que a fatalidade, personificada em Paulo Rossi, impossibilitou que ela voltasse com mais um título mundial. Mesmo ressaltando que em alguns momentos o Brasil perdeu sua essência, sua identidade, como ocorreu na Copa de 1990 quando foi dirigida por

---

<sup>359</sup> Idem, *ibidem*, p. 1.

Lazaroni e mesmo na conquista em 1994, quando adotou um conservador esquema 4-4-2, ainda assim:

Os vizinhos inventores da bossa nova perceberam, apesar desse quarto título mundial, que deveriam voltar as fontes. E como seus jogadores nunca perderam esse toque que os faz únicos, quando se recostaram em seus instintos e a sua maneira de sentir o futebol voltaram para o caminho da felicidade. Eles ficaram com a Copa América da Bolívia e ontem festejaram novamente. Porém, o mais importante, é que eles fizeram com suas armas, com o toque, com a tentativa de um jogo bonito acima de tudo. (...) Dizer que os brasileiros são hoje melhores que os argentinos não é descobrir a América. E o são por uma soma de elementos, porém a chave é o respeito por sua maneira de sentir o futebol.<sup>360</sup>

Ao término da Copa América, a Seleção Brasileira embarcou para o México para disputar, já na semana seguinte, entre os dias 24 de julho e 4 de agosto, a segunda edição da Copa das Confederações. Com a desistência da França, campeã mundial, o Brasil participou não como o campeão sul-americano, título conquistado dois anos antes, mas como vice-campeão mundial e com isso abriu a vaga para a Bolívia, que havia sido vice-campeã continental em 1997. Outra seleção beneficiada foi os Estados Unidos, segunda colocada na Copa Ouro da Concacaf, uma vez o México, equipe campeã, jogaria a competição por ser o país sede. As demais seleções participantes eram as respectivas campeãs continentais: Alemanha, campeã europeia de 1996; Arábia Saudita, campeã da Copa da Ásia de 1996; Egito, campeão da Copa das Nações Africanas de 1996 e Nova Zelândia, campeã da Copa das Nações da Oceania de 1996.

As oito seleções foram divididas em dois grupos com quatro equipes e as duas melhores de cada chave avançavam para a fase seguinte. O Grupo A foi formado por: Arábia Saudita, Bolívia, Egito e México. No Grupo B se alinharam: Alemanha, Brasil, Estados Unidos e Nova Zelândia.

Luxemburgo optou por dispensar os principais atletas que disputaram a Copa América, como Ronaldo, Rivaldo, entre outros. Ainda assim, o Brasil realizou uma ótima competição. Na estreia, 24 de julho, goleou a equipe mais forte do grupo, a Alemanha, por

---

<sup>360</sup> OLÉ, 19 de julho de 1999. ZUANICH, Juan. “¿Por qué?”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/1999/07/19/r-00401g.htm>. Acessado em: 25 de fevereiro de 2018.

4X0, encantando o público presente no estádio Jalisco, em Guadalajara, que aplaudiu de pé a atuação brasileira.

Não estão Ronaldo, Rivaldo, Amoroso, Roberto Carlos e Cafu, porém o Brasil encontrou outros nomes para prolongar seu excelente momento internacional, a menos de uma semana de ter levantado a Copa América no Paraguai.<sup>361</sup>

Na partida seguinte, dia 28 de julho, uma vitória por apenas 1X0 sobre os Estados Unidos e no último jogo da fase, dois dias depois, com uma equipe repleta de reservas, o Brasil venceu a Nova Zelândia por 2X0. A grande surpresa da última rodada foi a vitória dos Estados Unidos sobre a Alemanha, por 2X0, conquistando a segunda vaga do grupo.

O Brasil enfrentou em 1º de agosto a equipe da Arábia Saudita na semifinal. Em menos de 10 minutos os brasileiros venciam por 2X0. A fragilidade do adversário fez com que os brasileiros relaxassem e o inesperado ocorreu, aos 30 minutos, o placar assinalava 2X2 e apenas dois minutos depois os sauditas perderam ótima chance de virar o jogo. Diante do inusitado, a seleção despertou e o resultado foi uma chuva de gols em Guadalajara. Ao final dos 90 minutos o Brasil se credenciou para jogar a final ao bater seu oponente por 8X2.

O México, donos da casa, derrotou por 1X0 os Estados Unidos e se classificou para disputar a final contra o Brasil. A torcida, no dia 4 de agosto, encheu o estádio Azteca para torcer pela seleção local. Os mexicanos começaram melhor e abriram 2X0. O Brasil reagiu, diminui o placar ainda na primeira etapa e no início do segundo tempo empatou o jogo. Os mexicanos voltaram a dominar o seu adversário e abriram mais dois gols de vantagem. O Brasil ainda fez o terceiro gol, aos 17 minutos, mas não conseguiu empatar o confronto. O México, com a vitória por 4X3, conquistou a Copa das Confederações.

O diário gaúcho “Zero Hora”, para comemorar seus 35 anos de fundação, fechou acordo com a AFA e a CBF para a realização de dois jogos amistosos entre argentinos e brasileiros em setembro de 1999. A primeira partida, em Buenos Aires, foi disputada no dia 4 de setembro, no Monumental de Núñez, e Bielsa contaria com os seus principais jogadores.<sup>362</sup>

---

<sup>361</sup> LA NACION, 25 de julho de 1999. “Ni Alemania detiene a Brasil”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/147064-ni-alemania-detiene-a-brasil>. Acessado em: 25 de fevereiro de 2018.

<sup>362</sup> Escalação da Seleção Argentina: Bonano, Vivas, Ayala, Samuel, Sorín, Zanetti, Fernando Redondo, Verón (Simeone), Ortega (Gallardo), Crespo (Berizzo) e Claudio López (Kili González). Escalação da Seleção

Mais motivado e determinado, os donos da casa partiram para o ataque desde os minutos iniciais. O Brasil se viu acuado e seu adversário criava inúmeras oportunidades de marcar. Verón, em tarde muito inspirada, comandava a albiceleste e era acompanhado pelas boas atuações de Ortega, Crespo e Sorín. Com a partida dominada e exercendo forte marcação, os argentinos abriram o placar aos 29 minutos, Ortega recebeu uma falta dura de Scheidt próximo ao meio de campo, Verón bateu curto para Ortega e recebeu de volta para chutar, de fora da área, fraco, Dida falhou ao escorregar e não conseguiu alcançar a bola. Sem fazer uma boa apresentação, após o gol, o Brasil se perdeu, ainda mais, em campo. O primeiro tempo terminou com a vantagem mínima dos donos da casa.

Luxemburgo, insatisfeito com a atuação de sua equipe, realizou três modificações no intervalo, no meio de campo tirou Vampeta e Zé Roberto e colocou em seus lugares, respectivamente, Marcos Assunção e Alex. No ataque também trocou Ronaldinho Gaúcho por Élber. O treinador também adiantou a marcação brasileira. A postura do time melhorou e deu até a impressão de equilibrar a disputa, no entanto, as melhores oportunidades continuavam sendo construídas pela Argentina. Aos 12 minutos, depois de uma boa troca de passes entre Sorín e Redondo, o primeiro tocou para Kili González, que deixou Crespo livre para ampliar o placar. A Seleção Brasileira, na base da vontade, criou alguns lances para diminuir o resultado, mas era a anfitriã que sempre esteve mais próxima de marcar o terceiro gol. Ao final, Argentina 2X0 e a sensação de terem perdido a oportunidade de ganhar por um placar bem mais amplo.<sup>363</sup>

O Olé destacou, sem a necessidade de realizar a tradução, em sua manchete: “*Baila moreno baila*”.<sup>364</sup> Na continuidade da reportagem, escrita por Juan Zuanich:

Como descrevê-lo? Como incluir em duas, três, cinco palavras, em uma frase, essa paixão desenfreada que golpeou o Monumental? As respostas podem ser e de fato são muitas, porém há uma verdade irrefutável, uma verdade que tem a ver com a atitude de procurar, com o desejo de vencer. Com tudo o que sobrou para a Argentina e o que faltou ao Brasil. Por isso,

---

Brasileira: Dida, Cafu, Antônio Carlos, Scheidt, Roberto Carlos, Emerson, Vampeta (Marcos Assunção), Rivaldo, Zé Roberto (Alex), Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho (Élber). O árbitro da partida foi o uruguaio Gustavo Mendez.

<sup>363</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. FUTBOLRETROCBA. “Argentina 2 vs Brasil 0 amistoso 04/09/1999 Era Bielsa FUTBOL RETRO”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tD2Vd3RLzqo>. Acessado em: 25 de fevereiro de 2018.

<sup>364</sup> OLÉ, 5 de setembro de 1999. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/1999/09/05/index.html>. Acessado em: 25 de fevereiro de 2018.

pelo temperamento, pelo sangue e pelo futebol de nossos jogadores, a tarde de sábado se encerrou com duas notícias: a primeira é que não existe o Brasil invencível, a segunda é que a equipe de Bielsa entusiasmou as massas.<sup>365</sup>

A opinião da imprensa brasileira em nada foi destoante, nem mesmo na metáfora da dança:

O Brasil dançou no compasso argentino ontem à tarde, no estádio Monumental de Núñez, em Buenos Aires. Perdeu por 2 a 0 para a Argentina num drama digno dos mais rasgados tangos. Sem entrosamento, criatividade ou sequer força de vontade para tentar superar a má atuação coletiva, os brasileiros foram especialmente abatidos *por una cabeza*: a de Verón, maestro do baile portenho na casa do River Plate.<sup>366</sup>

A apresentação dos argentinos foi considerada a melhor, até aquele momento, da era Bielsa. A equipe realizou integralmente a cartilha desejada pelo seu treinador.

Nunca antes, como ontem, se cumpriu na era Bielsa o ABC do técnico. A: pressionar, B: jogar no campo rival, C: recuperar a bola o mais distante possível do próprio gol. A ordem dos fatores não altera o produto e os três são complementares, quase a mesma coisa. Tudo isso deve convergir para o que se pretende: uma equipe protagonista e ofensiva.<sup>367</sup>

Claudio Mauri, do La Nacion, destacou que a Seleção Argentina “entusiasmou em um tempo e convenceu no outro. E deixou vontade de vê-la outra vez”.<sup>368</sup> Ele também ressaltou que o resultado não deve gerar uma euforia desmedida, mas demonstrou que a equipe tem um estilo de jogo e que nele deve perseverar. Segundo o jornalista, o Brasil é um dos três rivais mais fortes da atualidade no futebol mundial e no choque entre as estrelas das duas equipes “as únicas que brilharam foram as argentinas, com radiações tão potentes que deixaram opacas as brasileiras”.<sup>369</sup> Assim como seus colegas brasileiros, o argentino entendeu que o Brasil jogou de forma passiva, contemplativa e não foi capaz de surpreender nem mesmo nos contra ataques.<sup>370</sup>

---

<sup>365</sup> Idem. ZUANICH, Juan. “Acá estoy yo”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/1999/09/05/r-00501f.htm>. Acessado em: 25 de fevereiro de 2018.

<sup>366</sup> JORNAL DO BRASIL, 5 de setembro de 1999, p. 8 (Esportes).

<sup>367</sup> OLÉ, 5 de setembro de 1999. MALADESKY, Adrian. “Presionar es jugar”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/1999/09/05/r-00601f.htm>. Acessado em: 25 de fevereiro de 2018.

<sup>368</sup> LA NACION, 5 de setembro de 1999. MAURI, Claudio. “Brillo propio: el choque de las estrellas mostró lo mejor de la Argentina”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/152193-brillo-propio-el-choque-de-las-estrellas-mostro-lo-mejor-de-la-argentina>. Acessado em: 25 de fevereiro de 2018.

<sup>369</sup> Idem, ibidem.

<sup>370</sup> Idem, ibidem.

Três dias depois do primeiro confronto, no dia da Independência do Brasil, 7 de setembro, em Porto Alegre, no estádio Beira-Rio, um novo confronto entre as duas equipes. Apesar de extremamente satisfeito com a atuação em Buenos Aires, Bielsa anunciou que faria algumas modificações na equipe titular com o intuito de testar alguns jogadores que não atuaram no primeiro embate e também observar o comportamento dos atletas atuando fora de casa. Luxemburgo, por sua vez, estava confiante e convicto de que o Brasil faria uma apresentação muito melhor do que a realizada na capital da Argentina. “Os jogadores sabem aquilo que podem fazer. Agora vão jogar com muita vontade. A Argentina pode até ganhar, mas não como em Buenos Aires, quando só eles jogaram”.<sup>371</sup> Ao contrário de seu colega, o técnico brasileiro manteve a equipe que iniciou o jogo anterior.<sup>372</sup>

O Beira-Rio recebeu quase 70 mil espectadores para, em sua maioria, empurrar a seleção local, que não decepcionou e partiu para o ataque desde o apito do árbitro. Aos quatro minutos, após boa jogada de Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo jogou a bola para o fundo das redes, no entanto o juiz assinalou impedimento do atacante brasileiro e o gol não foi consignado. Oito minutos depois, Ronaldo recebeu a bola dentro da área e chutou de primeira, Bonano espalmou e Rivaldo marcou no rebote. O árbitro marcou novo impedimento e o gol também foi anulado. Apesar do flagrante domínio brasileiro, o gol validado só surgiu aos 41 minutos da primeira etapa. Zé Roberto e Vampeta avançaram tocando rapidamente a bola até a entrada da área, quando o primeiro passou para Rivaldo, livre, driblar Bonano e empurrar para o gol vazio. Se o primeiro gol demorou a sair, o segundo foi feito 2 minutos depois. Aos 43. Roberto Carlos avançou até a linha de fundo e cruzou para Rivaldo cabecear sem chances para o arqueiro. No minuto seguinte o Brasil teve seu terceiro gol anulado, Ronaldo dividiu a bola com Samuel e chutou da entrada da área encobrendo o goleiro argentino. Oscar Ruiz, árbitro colombiano, alegou que o atacante havia cometido falta sobre o zagueiro rival e anulou o gol. Na sequência da jogada, o castigo, Verón cobrou falta na intermediária, os zagueiros se atrapalharam na marcação e Ayala de cabeça, sozinho, encobriu Dida e descontou para a Argentina. O primeiro tempo terminava com o placar favorável aos brasileiros por 2X1.

---

<sup>371</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 7 de setembro de 1999, p. 1 (Esportes).

<sup>372</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Dida, Cafu, Antônio Carlos, Scheidt, Roberto Carlos, Emerson, Vampeta (Marcos Assunção), Rivaldo, Zé Roberto (Juninho Pernambucano), Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho (Élber). Escalação da Seleção Argentina: Bonano, Vivas (Husáin), Ayala, Samuel, Sorín, Zanetti, Fernando Redondo (Simeone), Verón (Schelotto), Ortega, Crespo (Claudio López) e Kili González (Gallardo). O árbitro da partida foi o colombiano Oscar Ruiz.

A Seleção Brasileira retornou do intervalo com o mesmo ímpeto apresentado no período inicial e novas chances de gols foram criadas. Aos 25 minutos, Scheidt arrancou da intermediária, lançou Ronaldo que invadiu a área e chutou prensado, a bola sobrou livre no meio para Rivaldo bater forte no canto e ampliar a vantagem de sua equipe. Aos 37 minutos, Ortega errou o passe próximo à entrada da área brasileira, Rivaldo tomou a bola e partiu rapidamente para o campo de ataque, ao passar a linha divisória do meio campo, deu passe preciso para Ronaldo entrar na área e chutar sem chance para Bonano. No final, aos 43 minutos, Ortega recebeu a bola dentro da área brasileira, livrou-se de seus marcadores e descontou para a Argentina. Placar final: Brasil 4X2.<sup>373</sup>

Luxemburgo, depois do jogo, fez a seguinte análise: “Gostei muito. A gente entrou como eu queria, com muita pegada e força na marcação. Na Argentina, eles jogaram no limite; aqui foi a nossa vez”.<sup>374</sup> O capitão da seleção tricampeã do mundo, Carlos Alberto Torres, afirmou: “A Seleção Brasileira esteve muito bem mesmo, jogando da maneira que deve. Tocou bem a bola. No primeiro gol, com o toque de bola, desmanchou o esquema de marcação dos argentinos. Foi uma atuação de se tirar o chapéu”.<sup>375</sup>

A análise de Tostão, intitulada “Brilhante Vitória”, publicada no Jornal do Brasil e também na Folha de São Paulo merece ser descrita, detalhadamente, pois ela sintetizou a nova forma de atuação contra o Brasil e que foi aplicada com sucesso pela Argentina em confrontos recentes

No primeiro jogo, em Buenos Aires, não faltou vontade aos jogadores brasileiros, e sim, capacidade individual e coletiva de se fugir da marcação por pressão. A história desta partida foi a repetição dos últimos confrontos contra a Argentina: no Maracanã, antes da Copa de 98, e a recente partida pela Copa América mesmo o Brasil vencendo. O mesmo aconteceu nos jogos finais contra a França, na Copa do Mundo, e contra o México, na Copa das Confederações. O Brasil não perdeu estes jogos porque foi apático e sim porque foi totalmente anulado.

Em outras épocas, as seleções que enfrentavam o Brasil, mesmo em casa, atuavam recuadas, tentando surpreender o time brasileiro no contra-ataque. O Brasil dominava o jogo, trocava passes no meio-campo e no ataque e vencia em lances individuais (...).

---

<sup>373</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOS DO BRASIL. “Amistoso 1999: Brasil 4x2 Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pecJCiC8ah4>. Acessado em: 25 de fevereiro de 2018.

<sup>374</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 8 de setembro de 1999, p. 1 (Esportes).

<sup>375</sup> JORNAL DO BRASIL, 8 de setembro de 1999, p. 22 (Esportes).

Os adversários estão percebendo que a melhor maneira de enfrentar a Seleção Brasileira é fazer o contrário: marcar a saída de bola e evitar que o Brasil troque passes até o seu ataque. Desta maneira, os argentinos, no primeiro jogo, tomavam a bola com facilidade no meio-campo e chegavam rapidamente ao gol brasileiro.

Na partida de ontem, o técnico e os jogadores brasileiros, independente do desenho tático, mudaram a filosofia de jogo da equipe e fizeram, contra a Argentina, a mesma marcação que os argentinos utilizaram, com sucesso, nos três últimos jogos. Há muito tempo, o Brasil não realizava uma partida tão vibrante e brilhante. Foi um show de talento e de eficiência.

A derrota e a péssima atuação, na Argentina, despertaram, na Seleção Brasileira, que é preciso buscar outros caminhos. Esta belíssima vitória pode ser o início de uma mudança importante na maneira de jogar, não somente da Seleção, mas em todo o futebol brasileiro.<sup>376</sup>

O Olé, comparando os dois confrontos, ressaltou: “Os papéis se inverteram: a Argentina foi uma sombra e o Brasil, muito irritado com o sábado, afogou a Seleção, pressionou todo o campo e se vingou”.<sup>377</sup> Para Zuanich, do citado periódico: “É baile com todas as letras e em maiúsculas”.<sup>378</sup> Para o jornalista, os atletas brasileiros são malabaristas que envolveram a equipe argentina que não jogou bem, não pressionou e correu sempre atrás de seu adversário. Para o periodista: “O Brasil jogou o seu melhor primeiro tempo em muito tempo e é outra vez o gigante da América”.<sup>379</sup>

A decepção também era a marca dos comentários no La Nacion. O título da matéria já é elucidativo: “Uma sombra: a Argentina não teve respostas ante a técnica brasileira”.<sup>380</sup>

Duas partidas tão próximas no tempo e tão distantes em suas características. O Brasil reluziu tudo o que não mostrou no Monumental e a Argentina não deu continuidade àquela produção convincente. Não pesou à equipe de Luxemburgo a responsabilidade de apagar a imagem de quatro dias atrás; ao contrário, parece que passada a letargia de Buenos Aires, iluminou-se como seu melhor futebol (...). O Brasil demonstrou que é verdadeiramente grande; porque é aquele que tem um poder de recuperação assombroso e imediato para superar um rival que o havia superado há pouco com tanta nitidez.<sup>381</sup>

---

<sup>376</sup> Idem, *ibidem*, p. 21.

<sup>377</sup> OLÉ, 8 de setembro de 1999. ZUANICH, Juan. “Quién te ha visto, quién te ve”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/1999/09/08/r-00501b.htm>. Acessado em: 25 de fevereiro de 2018.

<sup>378</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>379</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>380</sup> LA NACION, 8 de setembro de 1999. MAURI, Claudio. “Una sombra: la Argentina no tuvo respuestas ante la técnica brasileña”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/152578-una-sombra-la-argentina-no-tuvo-respuestas-ante-la-tecnica-brasilena>. Acessado em: 25 de fevereiro de 2018.

<sup>381</sup> Idem, *ibidem*.

Bielsa, ao dar sua entrevista para a imprensa, não deu voltas e afirmou que para derrotar o Brasil a equipe adversária precisa atuar no seu mais alto nível, tanto individual quanto coletivo:

Acredito que o resultado foi justo, o Brasil mereceu ganhar pela diferença que conseguiu. Hoje não encontramos o poder que tivemos no sábado passado porque falhamos na recuperação, nos faltou a pressão e a dinâmica desenvolvida em Buenos Aires. (...) Para vencer uma equipe como a do Brasil necessitamos de uma melhor versão futebolística, o que significa dizer uma boa resposta física complementada por atuações individuais e funcionamento coletivo.<sup>382</sup>

O Brasil ainda realizou mais duas partidas em 1999, em outubro contra a Holanda em Amsterdã e empatou em 2X2. Posteriormente, em novembro, foi a Vigo enfrentar a Espanha, novo empate, agora por 0X0. Já a Argentina também realizou duas partidas, em outubro venceu a Colômbia por 2X1 atuando em casa e no mês seguinte venceu a Espanha por 2X0 em partida disputada em Sevilha. No ano seguinte as duas seleções teriam como principal compromisso o início da longa disputa das eliminatórias para a Copa de 2002.

Tal como ocorrido para a Copa da França, as eliminatórias na América do Sul seriam disputadas com todos os filiados da Conmebol se enfrentando entre si em turno e retorno. Os quatro primeiros colocados classificavam-se diretamente para a Copa do Mundo e, como novidade, o quinto colocado disputaria uma vaga na repescagem com a vencedora da Oceania. O primeiro turno seria disputado entre os meses de março e outubro de 2000.

Seria a primeira vez que o Brasil jogaria a eliminatória em tal formato, por não ter sido preciso disputá-la para a Copa de 1998. Antes de iniciar sua caminhada, jogou um amistoso em fevereiro de 2000 contra a fraca Tailândia, venceu por 7X0. A Argentina, por sua vez, buscou um adversário bem mais qualificado, enfrentou a Inglaterra no estádio Wembley. O confronto terminou empatado sem gols.

Brasil e Argentina seguiriam rumos muito distintos nas eliminatórias para a Copa de 2002. Enquanto o Brasil sofreu para alcançar sua classificação, obtida apenas no último confronto, em casa, contra a fraca Venezuela, a Argentina classificou-se antecipadamente, em

---

<sup>382</sup> OLÉ, 8 de setembro de 1999. “Brasil nos superó”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/1999/09/08/r-01501b.htm>. Acessado em: 26 de fevereiro de 2018.

primeiro lugar e terminou as eliminatórias com confortáveis 43 pontos ganhos, doze a mais que a segunda colocada, a Seleção do Equador (31 pontos).

Brasil e Argentina se enfrentaram, no turno, na sexta rodada das eliminatórias, em 26 de julho, em São Paulo. As campanhas das duas seleções eram bem distintas. Enquanto a Argentina tinha 100% de aproveitamento, derrotou os seus cinco primeiros adversários<sup>383</sup> e liderava com cinco pontos de vantagem as eliminatórias, o Brasil havia vencido duas partidas, empatado duas e perdido uma,<sup>384</sup> somava oito pontos, ao lado da Colômbia que ocupava a quarta posição, porém, em virtude do saldo de gols inferior, a Seleção Brasileira estava na incômoda quinta colocação.

Alguns jogadores se mostravam apreensivos em relação ao confronto, como o zagueiro Antônio Carlos, que seria o capitão da equipe em virtude da suspensão de Cafu. Ele afirmou à Folha de São Paulo que preferia, naquele momento, enfrentar uma seleção mais fraca, pois a vitória era essencial para dar tranquilidade ao grupo: “No momento difícil em que estamos, seria melhor pegar a Venezuela. Uma vitória não seria uma reação tão forte, mas daria tranquilidade”.<sup>385</sup> O treinador brasileiro, Vanderlei Luxemburgo, estava confiante na reação dos seus comandados: “Independente do adversário, temos a obrigação da vitória. Estou há 24 anos trabalhando no futebol. Sei o que é um momento difícil, mas também sei que 90 minutos mudam muita coisa”.<sup>386</sup>

Os argentinos pregavam respeito pelo seu adversário e, ao menos publicamente, afirmavam que a dificuldade vivenciada pelo Brasil não era entendida como uma vantagem para sua equipe. Para Crespo: “O que aconteceu nos jogos anteriores pode pesar antes da partida começar, durante a preparação das equipes. Mas quando a bola começar a rolar, nada

---

<sup>383</sup> A campanha da Argentina nas primeiras cinco rodadas, cada uma delas foi sintetizada pela letra “R” seguida de seu respectivo número, logo R1 significa Rodada 1: (R1) 29 de março – Argentina 4X1 Chile; (R2) 26 de abril – Venezuela 0X4 Argentina; (R3) 4 de junho – Argentina 1X0 Bolívia; (R4) 29 de junho – Colômbia 1X3 Argentina e (R5) 19 de julho – Argentina 2X0 Equador.

<sup>384</sup> A campanha da Seleção Brasileira nas primeiras cinco rodadas, seguindo a mesma notação utilizada para os jogos da Seleção Argentina: (R1) 28 de março – Colômbia 0X0 Brasil; (R2) 26 de abril – Brasil 3X2 Equador; (R3) 4 de junho – Peru 0X1 Brasil; (R4) 28 de junho – Brasil 1X1 Uruguai e (R5) 18 de julho – Paraguai 2X1 Brasil.

<sup>385</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 26 de julho de 2000, p. D-1.

<sup>386</sup> Idem, ibidem, p. D-1.

disso tem importância”.<sup>387</sup> Para Simeone, a Argentina terá que jogar com muita raça e pensando na vitória.

Nesse tipo de partida, temos que jogar com a faca entre os dentes. A ideia é atuar do mesmo modo que fizemos até agora, impondo o nosso estilo, independentemente do rival ou do lugar em que estamos. Conhecemos as virtudes do Brasil, mas confiamos em nós.<sup>388</sup>

A imprensa argentina estava bastante confiante em uma boa apresentação da albiceleste e na obtenção de um resultado positivo. “Nunca a Argentina, na era moderna ao menos, chegou pisando tão forte nas nestas terras de Pelé”.<sup>389</sup> O periódico argentino também realizou um levantamento com cem jornalistas, de todo o continente, inclusive brasileiros, para saber quem venceria a partida, quarenta deles vaticinaram a vitória para a Argentina e apenas 18 para o Brasil.<sup>390</sup>

Percebe-se no discurso do La Nacion o tom de respeito pelo futebol brasileiro, afinal o mau momento vivido pelo último é saudado como um ponto positivo para os argentinos, uma “facilidade” inesperada. “Se antes das eliminatórias fosse idealizada pela Seleção Argentina a melhor maneira de se chegar ao encontro com o Brasil, a representação mental se aproximaria do que é essa realidade”.<sup>391</sup> Para o periódico a sua seleção apresentava uma “formação definida e uma ideia de jogo que impõem com autoridade e maturidade”<sup>392</sup> e mais surpreendente que a impecável caminhada da Argentina era o descarrilamento da Seleção Brasileira, sem padrão de jogo. Apesar da campanha ruim, ocupando a quinta posição das eliminatórias, o jornal argentino ainda assim adverte: “Presume-se que esta situação estatística adversa brasileira é temporária”.<sup>393</sup>

Para Armando Nogueira a Seleção Argentina não era primorosa, contudo sua força de vontade e garra poderia compensar os seus eventuais defeitos. Para vencê-los, o

---

<sup>387</sup> Idem, ibidem, p. D-2.

<sup>388</sup> JORNAL DO BRASIL, 26 de julho de 2000, p. 25.

<sup>389</sup> OLÉ, 26 de julho de 2000. “El alma y el pizarrón”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/2000/07/26/r-00401b.htm>. Acessado em: 26 de fevereiro de 2018.

<sup>390</sup> Idem. “Argentina por nocaut”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/2000/07/26/r-00801b.htm>. Acessado em: 26 de fevereiro de 2018.

<sup>391</sup> LA NACION, 26 de julho de 2000. MAURI, Claudio. “La urgencia de Brasil, ante la tranquilidad de la Argentina”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/26209-la-urgencia-de-brasil-ante-la-tranquilidad-de-la-argentina>. Acessado em: 26 de fevereiro de 2018.

<sup>392</sup> Idem, ibidem.

<sup>393</sup> Idem, ibidem.

cronista alertava que os atletas brasileiros precisavam deixar de lado o preciosismo e a autossuficiência e equiparar seus adversários no brio e na disposição.

Hoje à noite, tem seleção. Prepare-se, amigo, pra mais uma noite de aflição. Ou os nossos jogadores deixam de lado a auto-suficiência ou tomam outra sova. Não que a seleção argentina seja um desses colossos invejáveis do futebol. Não é, e nesse ponto concordo com Alfredo Di Stéfano: a equipe de Bielsa tem suas imperfeições, mas compensa os defeitos defensivos e ofensivos, esbanjando espírito de luta que é, ao meu ver, um dos mais enervantes pecados da seleção brasileira. (...)

Como ninguém tem dúvida de que, no momento, a seleção argentina está jogando melhor que a brasileira, o jeito é a equipe ouvir o conselho de Pelé e do campeão Branco. Ambos têm dito que é hora de ensopar a camisa de brio e vergonha. Que seja, pois, a vitória do coração, o triunfo do suor, que tem cheiro de coragem.<sup>394</sup>

A partida disputada na noite de 26 de julho, no estádio do Morumbi, em São Paulo, também foi o primeiro confronto entre as duas seleções em eliminatórias para Copas do Mundo. O Brasil não contaria com Cafu, suspenso e também Ronaldo, que havia se submetido a uma segunda operação no joelho direito, após romper o tendão patelar. Batistuta era a grande ausência do lado argentino. De qualquer forma, a Argentina entraria em campo com praticamente a mesma equipe que havia atuado nas partidas anteriores nas eliminatórias enquanto o Brasil apresentava sua sexta formação em seis jogos.<sup>395</sup>

A Seleção Brasileira, empurrada pela torcida, adiantou a marcação e partiu para o ataque desde os minutos iniciais. A equipe aproveitou a primeira boa chance criada, aos 5 minutos. O Brasil cobrou o escanteio, a zaga da Argentina não conseguiu tirar a bola de dentro da área e ela sobrou para Antônio Carlos que cruzou para Alex, livre, do lado direito, no bico da pequena área, cabecear cruzado para abrir o placar. Depois do gol a partida ficou equilibrada e, apesar da forte marcação brasileira eram os argentinos que criavam as jogadas mais perigosas. Somente aos 41 minutos, o Brasil voltou a ameaçar efetivamente o gol defendido por Bonano. Aos 45 minutos, Vampeta avançou pelo meio de campo, tocou para Ronaldinho Gaúcho, recebeu de calcanhar e passou para Alex, que chutou forte da entrada da área. Bonano se atrapalhou com o efeito da bola, rebateu e o próprio Vampeta completou a

---

<sup>394</sup> JORNAL DO BRASIL, 26 de julho de 2000, p. 23.

<sup>395</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Dida, Evanílson, Antônio Carlos, Roque Júnior, Roberto Carlos, Emerson, Vampeta, Zé Roberto (Marques), Alex (César Sampaio), Rivaldo e Ronaldinho Gaúcho. Escalação da Seleção Argentina: Bonano, Ayala, Sensini, Samuel, Zanetti (Almeyda), Verón, Ortega (Gustavo López), Killy González (Sorín), Simeone, Claudio López e Crespo. O árbitro da partida foi o uruguaio Gustavo González Méndez.

jogada: Brasil 2X0. Na saída de bola, a torcida ainda comemorava, os argentinos tabelaram no meio campo e a bola chegou até Verón, ele tocou para Almeida, este passou para Crespo que de calcanhar devolveu para Almeida entrar livre e diminuir o placar. O Brasil foi para o intervalo ganhando por 2X1.

O segundo tempo iniciou com um susto para a Seleção Brasileira, com Crespo quase empatando o jogo, mas o alívio brasileiro veio no minuto seguinte. Roberto Carlos cobrou uma falta pela intermediária, do lado esquerdo, a bola cruzou toda a área e Ronaldinho Gaúcho a recolheu fora da grande área pelo lado direito, mesmo marcado por dois jogadores, o habilidoso atleta brasileiro encontrou espaço entre Samuel e Gonzáles e tocou para Vampeta, o meio campista dominou a bola e chutou, de bico, para o fundo das redes. Para tranquilizar as arquibancadas, a defesa brasileira passou a marcar melhor e a partida ficou sob o controle dos donos da casa. No último duelo do século XX entre as duas seleções a vitória coube ao Brasil pelo placar de 3X1.<sup>396</sup> O triunfo também representou, pelos dados oficiais da CBF, a primeira vez que o Brasil liderava as estatísticas de confrontos entre as duas equipes: 32 vitórias, 21 empates e 31 derrotas. Para a AFA, as duas seleções estavam empatadas com 32 vitórias.<sup>397</sup>

As análises da Folha de São Paulo e Jornal do Brasil tiveram um tom bastante semelhante, ressaltando, enfim, a boa exibição da Seleção Brasileira, ainda que não tenha apresentado um futebol primoroso. Para o periódico paulista:

Foi a primeira exibição convincente da Seleção Brasileira nas eliminatórias para a Copa do Mundo de 2002. Depois de cinco atuações que oscilaram entre o sofrível e o razoável, o time derrotou o seu maior rival no futebol por 3 a 1.<sup>398</sup>

Já para o Jornal do Brasil:

---

<sup>396</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. URUTARABRASIL. “Brasil 3x1 Argentina - 2000 - Eliminatórias Copa 2002”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XVr4TFJo3gI>. Acessado em: 26 de fevereiro de 2018.

<sup>397</sup> Como já foi ressaltado, a discrepância se dá em decorrência dos argentinos incluírem em seus números a partida disputada em 5 de dezembro de 1956, no Rio de Janeiro, em que venceram por 2X1. Para a CBF, a equipe que esteve em campo não foi a Seleção Brasileira, mas um selecionado da Federação Metropolitana de Futebol.

<sup>398</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 27 de julho de 2000, p. D-1.

O Brasil que derrotou ontem a Argentina por 3 a 1 pode não ser o Brasil dos sonhos de ninguém – especialmente do técnico Wanderley Luxemburgo. Mas esteve a quilômetros de distância da equipe que foi derrotada pelo Paraguai, semana passada, e serviu como tomada de fôlego para o treinador, que (por enquanto) segue firme no cargo. Para os jogadores, a convincente vitória da Seleção Brasileira serviu como injeção de moral. Para o torcedor, uma vitória capaz de lavar a alma. Mesmo porque não é todo dia que se derrota a Argentina por 3 a 1. Ainda mais quando se joga com a garra que parecia esquecida e reapareceu ontem em grande estilo.<sup>399</sup>

A imprensa argentina também reconheceu a superioridade brasileira e isto já ficou patente em título da matéria do diário Olé: “Despertou o gigante!”<sup>400</sup> e completou com o tom de lamento: “Justo agora! O Brasil, com o orgulho ferido e questionado por seu povo, jogou com uma determinação impressionante para quebrar uma Argentina que a noite passada voou baixo”.<sup>401</sup>

O La Nacion também demonstrou grande respeito pelo futebol brasileiro ao afirmar após a derrota: “Por mais ferido que esteja, o Brasil nunca perde a sua força. (...) Porque, em definitivo, Brasil é Brasil, e isso nunca deve ser tomado como um dado menor”.<sup>402</sup> Afirmações com tal teor, em que se percebe clara admiração pelo adversário, não são costumeiramente encontradas na imprensa escrita brasileira. O jornal argentino ressalta ainda, na busca da explicação para a derrota de sua equipe, a importância das individualidades brasileiras que foram (e são) capazes de desequilibrar a força coletiva adversária assim como de aproveitar com êxito as jogadas construídas.

(...) Pelas individualidades, pelo desequilíbrio de suas figuras sobre o coletivo adversário, pela sua contundência, pelo aproveitamento integral de suas oportunidades. (...) Por tudo isto, e porque a Argentina raramente conseguiu impor seu jogo coletivo sobre a capacidade individual dos brasileiros, as eliminatórias terminaram dando o primeiro golpe ao selecionado nacional. (...) E a diferença foi a exposição de recursos que cada um dispôs em campo. Dentro de um contexto de forças bastante parelhas, o Brasil tirou vantagens pelo poder de desequilíbrio que os seus jogadores têm.<sup>403</sup>

---

<sup>399</sup> JORNAL DO BRASIL, 27 de julho de 2000, p. 24.

<sup>400</sup> OLÉ, 27 de junho de 2000. “Se despertó el gigante!”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/2000/07/27/r-00401c.htm>. Acessado em: 28 de fevereiro de 2018.

<sup>401</sup> Idem, ibidem.

<sup>402</sup> LA NACION, 27 de junho de 2000. MAURI, Claudio. “Sin invicto: la Argentina y una derrota que no condena”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/26341-sin-invicto-la-argentina-y-una-derrota-que-no-condena>. Acessado em: 28 de fevereiro de 2018.

<sup>403</sup> Idem, ibidem.

Mais comedido que o seu concorrente, o Clarín entendeu que a vitória brasileira foi justa, mas centrou-se nos erros e falhas de sua seleção e não nos méritos de seu adversário, narrativa comum nos jornais brasileiros. “A Argentina cometeu muitos erros e não repetiu as atuações anteriores. Essas foram as causas que deixaram a partida favorável ao Brasil. Os donos da casa vinham mal e se recuperaram sem discussão”.<sup>404</sup>

As eliminatórias continuaram em meados de agosto e a Argentina não se recuperou imediatamente da derrota sofrida para o Brasil. Atuando em Buenos Aires empatou por 1X1 com o Paraguai e o Brasil, por sua vez, mostrou toda a sua instabilidade ao ser facilmente derrotado pelos chilenos, em Santiago, por 3X0. Em setembro, o Brasil goleou a Bolívia por 5X0 e a Argentina venceu, em Lima, o Peru por 2X1. Foi a última partida dirigida por Luxemburgo nas eliminatórias. Na segunda metade de setembro, o treinador brasileiro dirigiu a Seleção Olímpica em Sydney, em busca da então inédita medalha de ouro. Ao ser eliminado da competição nas quartas de final, pela Seleção de Camarões, na prorrogação, aliado aos graves problemas pessoais e tributários vivenciados pelo treinador, a CBF resolveu demiti-lo no dia 2 de outubro de 2000 e chamou Candinho para comandar interinamente a Seleção Brasileira na partida contra a Venezuela em Maracaibo, no dia 8 de outubro. O Brasil venceu com tranquilidade por 6X0 e terminou o primeiro turno na terceira posição com 17 pontos, empatado com o segundo colocado, o Paraguai. A Argentina liderava com folga a competição com 22 pontos.

No dia 19 de outubro a CBF anunciou um nome pouco ventilado para comandar a Seleção Brasileira, a do ex-goleiro Emerson Leão.<sup>405</sup> O técnico prometeu recuperar o “futebol alegre, bailarino, mas com responsabilidade”.<sup>406</sup> Ele estreou ainda em novembro de 2000, pela primeira rodada do retorno das eliminatórias, em São Paulo, contra a Colômbia. Uma vitória difícil, sob vaias intensas da torcida, por 1X0, com um gol de cabeça de Roque Júnior aos 48 minutos do segundo tempo em cobrança de escanteio.

---

<sup>404</sup> CLARÍN, 27 de julho de 2000. “La Selección tuvo otra cara y Brasil supo aprovecharlo”. Disponível em: [https://www.clarin.com/deportes/seleccion-cara-brasil-supo-aprovecharlo\\_0\\_r1TxP8qgCKg.html](https://www.clarin.com/deportes/seleccion-cara-brasil-supo-aprovecharlo_0_r1TxP8qgCKg.html). Acessado em: 28 de fevereiro de 2018.

<sup>405</sup> Os técnicos mais comentados pela imprensa e tidos como favoritos eram: Carlos Alberto Parreira, Luís Felipe Scolari e Oswaldo de Oliveira, no entanto, nenhum deles estavam ou se mostraram disponíveis para assumir o cargo naquele momento.

<sup>406</sup> JORNAL DO BRASIL, 20 de outubro de 2000, p. 3 (Esportes).

Enquanto a Argentina retomou sua caminhada sem grandes turbulências nas eliminatórias, o rumo brasileiro continuava bastante complicado. Leão comandou a equipe por mais duas partidas na competição, em 28 de março de 2001, derrota em Quito, por 1X0 para o Equador e no dia 25 de abril, um empate sofrível com o Peru, no Morumbi, novamente sob vaias intensas, por 1X1. O Brasil estava na quarta posição com 21 pontos, seguido pela Colômbia com 19 e o Uruguai, próximo adversário no dia 1º de julho, em Montevidéu, com 18 pontos, ou seja, a Seleção Brasileira poderia ficar fora inclusive da vaga da repescagem na décima terceira rodada das eliminatórias, fato que não ocorreu em virtude da Argentina ter derrotado a Colômbia por 3X0 em Buenos Aires.

Antes da partida contra o Uruguai, a Seleção Brasileira disputou a Copa das Confederações na Coreia do Sul e Japão entre 31 de maio e 9 de junho.<sup>407</sup> Leão não pôde convocar os principais jogadores brasileiros, sendo assim montou uma equipe alternativa. Foi-lhe garantindo que não se preocupasse com os resultados, mas a realidade foi outra.

Veio a Copa das Confederações de 2001. Era tempo das decisões dos campeonatos estaduais. Leão estava impedido de chamar os jogadores mais importantes que atuavam no país. Mesmo do exterior só conseguiu pescar os que estavam em clubes deslocados nas classificações e os reservas dos principais times estrangeiros. Os dirigentes da CBF reconheceram que os problemas eram graves e que, portanto, Leão não se incomodasse com os resultados. Perdendo ou ganhando, Leão estaria garantido. E Leão acreditou.<sup>408</sup>

No Grupo A se alinharam: Austrália, Coreia do Sul, França e México. O Brasil ficou no Grupo B ao lado de Camarões, Canadá e Japão. As duas melhores seleções de cada grupo classificavam-se para a fase seguinte. O Brasil realizou sua primeira partida no dia 31 de maio derrotando Camarões por 2X0, sua única vitória na competição. Nos dias 2 e 4 de junho empatou por 0X0 com Canadá e Japão respectivamente. O Japão terminou em primeiro lugar no grupo com 7 pontos e o Brasil em uma sofrível segunda posição, contra equipes de pouca tradição, com 5 pontos e em virtude disso enfrentaria o primeiro colocado do grupo A, a perigosa Seleção Francesa.

---

<sup>407</sup> A partir desta edição a Copa das Confederações passou a ser disputada um ano antes do Mundial e no mesmo local em que seria disputada a Copa do Mundo.

<sup>408</sup> JORNAL DO BRASIL, 12 de junho de 2001, p. 24.

Brasil e França se enfrentaram no dia 7 de junho de 2001 em partida disputada na Coreia do Sul. Apesar da vitória francesa por apenas 2X1, o placar não retratou a ampla superioridade apresentada pela equipe europeia que desperdiçou inúmeras chances de gols. “Brasil escapa de goleada da França” destacou o Jornal do Brasil.<sup>409</sup> Mas o vexame ainda não havia finalizado, a equipe permaneceu na Coreia do Sul para disputar a terceira colocação no dia 9 de junho, nova derrota, agora para a Austrália por 1X0. A promessa feita ao treinador brasileiro foi quebrada ainda no aeroporto de Narita, em Tóquio, momentos antes de embarcar de volta para o Brasil.

Leão faz parte do passado na Seleção Brasileira. Foram 225 dias e 10 jogos (três derrotas, três vitórias e quatro empates) na rápida passagem do treinador demitido na segunda-feira, na sala de embarque do aeroporto de Narita, em Tóquio, à espera do vôo que o deixará hoje de madrugada em São Paulo.<sup>410</sup>

O escolhido para substituir Emerson Leão foi o gaúcho Luís Felipe Scolari, então técnico do Cruzeiro. O novo treinador, o terceiro em um ano, mesmo contando com o apoio popular, enfrentou muitas dificuldades no cargo. Seu primeiro desafio foi contra o Uruguai, em Montevideu, no dia 1º de julho. O otimismo que cercava a estreia do novo comandante se desmanchou em decorrência de mais uma atuação ruim que culminou na derrota por 1X0. O Brasil ainda se mantinha na quarta posição na tabela das eliminatórias, com o mesmo número de pontos do Uruguai, graças ao saldo de gols e a já comentada derrota da Colômbia para a Argentina, que encaminhava com tranquilidade sua classificação para o Mundial de 2002.

As eliminatórias sofreram nova interrupção, ainda em julho, para a disputa da 40ª edição da Copa América. A competição foi disputada na Colômbia entre os dias 11 e 29 de julho e em virtude dos problemas envolvendo o exército colombiano e o narcotráfico, o torneio chegou a ser cancelado pela Conmebol. Contudo, os patrocinadores e a empresa responsável pela organização do evento pressionaram os dirigentes para que a competição ocorresse inclusive nas datas previamente determinadas. De qualquer forma, o campeonato se viu esvaziado. A AFA alegou que alguns de seus atletas receberam ameaças de morte e que a Colômbia vivia em estado de guerra civil e por isso não enviaria sua seleção para o torneio. O Brasil, mais preocupado com a classificação para o Mundial, decidiu não convocar os seus

---

<sup>409</sup> Idem, 8 de junho de 2001, p. 24.

<sup>410</sup> Idem, 12 de junho de 2001, p. 24.

principais jogadores, poupando-os para as eliminatórias. Outras seleções na mesma situação tomaram a mesmo caminho.

Como havia ocorrido nas edições anteriores, a Conmebol convidou duas seleções de outras confederações para a disputa da Copa América, desta feita o México e o Canadá. Apresentando as mesmas razões da Argentina, os canadenses declinaram do convite. Para substituir os argentinos a Conmebol convidou a Seleção de Honduras e para o lugar do Canadá veio a Costa Rica.

O método de disputa também não se alterou em relação às últimas edições: 3 grupos com 4 seleções, as duas melhores de cada grupo se classificavam para a próxima etapa, assim como as duas melhores terceiras colocadas. Os grupos foram compostos da seguinte maneira: Grupo A – Chile, Colômbia, Equador e Venezuela. Grupo B – Brasil, México, Paraguai e Peru. Grupo C – Bolívia, Costa Rica, Honduras e Uruguai.

O Brasil, campeão das duas últimas edições, estreou no dia 12 de julho contra o México. A Seleção voltou a apresentar um futebol muito ruim. A equipe esteve desorganizada, sem inspiração e errava passes simples. Resultado: vitória mexicana por 1X0. Carlos Bilardo, técnico campeão do mundo pela Argentina em 1986, admirador do futebol brasileiro, diante do que viu contra o México, alertou para o risco do Brasil não se classificar para o Mundial da Coreia e Japão. “Além de a Seleção estar jogando mal, noto que os jogadores estão sentido o peso da camisa, das cobranças da torcida e da crítica”.<sup>411</sup> Bilardo chegou a sugerir que o Brasil jogasse contra o Paraguai, pelas eliminatórias, em outro país, em virtude das pressões. “Se fosse vocês, eu transferiria esse jogo para um lugar qualquer bem longe do Brasil”.<sup>412</sup>

O periódico carioca ainda ressaltou que em virtude de suas atuações o “Brasil é piada de argentino”.<sup>413</sup>

O *Olé*, principal diário esportivo, estampou a seguinte manchete: “Che, Brasil tampouco foi”. No subtítulo, mais ironia: “Pelo menos nós avisamos. Eles foram... um desastre. Perderam de 1 a 0 para o México. Pelé anda

---

<sup>411</sup> Idem, 14 de julho de 2001, p. 23.

<sup>412</sup> Idem, ibidem, p. 23.

<sup>413</sup> Idem, ibidem, p. 23.

chorando”. Tudo isso sobre um fundo verde e amarelo, ao lado de uma foto do rei em lágrimas.<sup>414</sup>

O *La Nacion*, mais comedido, trouxe uma reportagem com Luís Felipe Scolari afirmando que ele gostaria de ver a Seleção Brasileira atuando no sistema de Pekerman e Bielsa<sup>415</sup> e que atualmente as duas seleções mais poderosas do mundo eram a Argentina e a França e um degrau abaixo estariam o Paraguai, o Brasil e a Inglaterra. Para a partida de 5 de setembro contra a Argentina, pelas eliminatórias, Scolari afirmou: “Esses confrontos são clássicos e imprevisíveis. É como um River e Boca. Não tenho medo, nem receio da Argentina, sim respeito. Só posso dizer que essa partida pode marcar a história”.<sup>416</sup>

O Brasil, mesmo sem apresentar um grande futebol, recuperou-se momentaneamente na Copa América e venceu o Peru por 2X0 no dia 15 de julho. Na última rodada, 18 de julho, uma apresentação convincente contra a também desfalcada equipe paraguaia e vitória por 3X1. O resultado lhe garantiu a primeira colocação do grupo e o direito de enfrentar na fase seguinte a inexpressiva Seleção de Honduras que se classificou na segunda posição no Grupo C.

A partida válida pelas quartas de final, jogada em 23 de julho, no estádio Palo Grande, em Manizales, transformou-se em um dos maiores vexames da história futebolística do Brasil. Derrota e eliminação para os hondurenhos por 2X0. O ceticismo em relação a classificação para o Mundial tornou-se mais agudo na imprensa nacional.

A Seleção que um dia foi a mais aclamada e temida da Terra agora passa seus dias sofrendo humilhações mundo afora. Vai à Oceania ser humilhado por Camarões; vai ao Oriente perder da Austrália, vai ao norte da América do Sul, perder do México e sofrer o supremo vexame da derrota para a seleção de Honduras. Por razões tão variadas quanto conhecidas – e toleradas –, a Seleção Brasileira não consegue bater os adversários mais banais, deixando a sombria perspectiva que aterroriza a torcida nacional: vamos conseguir a classificação à Copa do Mundo?<sup>417</sup>

---

<sup>414</sup> Idem, *ibidem*, p. 23.

<sup>415</sup> LA NACION, 14 de julho de 2001. “Scolari: ‘quiero para Brasil el sistema de Pekerman y Bielsa’”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/319687-scolari-quiero-para-brasil-el-sistema-de-pekerman-y-bielsa>. Acessado em: 28 de fevereiro de 2018.

<sup>416</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>417</sup> JORNAL DO BRASIL, 24 de julho de 2001, p. 23.

O Olé, que altera comentários de admiração pelo futebol brasileiro com ironias e deboches, aproveitou o péssimo momento do Brasil para tripudiar sobre o rival. Lembrou que Honduras, que substituiu a própria Argentina na competição, joga com um uniforme também albiceleste, semelhante ao seu, e destacou no título da reportagem: “Honduras ganhou com a camisa” e no subtítulo destaca: “A seleção que substituiu a Argentina na Copa América, vestida de azul e branco, derrubou o Brasil e lhe provocou uma das piores humilhações da sua história”.<sup>418</sup> O periódico destilou o seu “veneno”:

Incrível, louco. Aproveite, Che. Honduras eliminou o Brasil. Quê? Como? Estamos *crazy*? Sim. E é divino, lindo, sublime. Ele bateu com a camisa, com o azul e o branco, com a camisa argentina. E também, em nosso nome: porque Honduras chegou à Copa América graças ao lugar deixado pela Equipe Nacional de Bielsa. E não foi mal, pelo contrário. Venceu a Bolívia, venceu o Uruguai e ontem à noite, grande festa, enviou para casa a verde-amarela, um Brasil desbotado, frio, frio e de desordem inveterada. Sim, aproveite.<sup>419</sup>

Mais comedido, o La Nacion ressaltou que o Brasil buscou a vitória, com insistência, porém sem organização e que a situação se tornou ainda mais caótica após o gol marcado por Julio César León. Os hondurenhos, astutamente, souberam aproveitar-se do desespero brasileiro para “matar” a partida.<sup>420</sup> O jornal também repercutiu o impacto da derrota na imprensa brasileira.<sup>421</sup>

Na fase seguinte, nas semifinais, Honduras foi derrotada pelos anfitriões, a Colômbia, por 2X0. Os mexicanos, por sua vez, derrotaram os uruguaios por 2X1. Na disputa pela terceira colocação, Honduras empatou com o Uruguai por 2X2 e venceu por 5X4 nas penalidades máximas. Já os colombianos conquistaram o seu primeiro título continental ao derrotarem por 1X0 os mexicanos.

As eliminatórias foram retomadas em agosto de 2001. A Argentina seguiu sua trilha de vitórias e derrotou o Equador, em Quito, por 2X0. Ao final da rodada, a décima

---

<sup>418</sup> OLÉ, 24 de julho de 2001. “Honduras ganó con la camiseta”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/2001/07/24/r-02001a.htm>. Acessado em: 5 de março de 2018.

<sup>419</sup> Idem, ibidem.

<sup>420</sup> LA NACION, 24 de julho de 2001. “Honduras hizo historia y eliminó a los brasileños”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/322312-honduras-hizo-historia-y-elimino-a-los-brasilenos>. Acessado em: 5 de março de 2018.

<sup>421</sup> Idem, ibidem. “Las percusiones en Brasil de la derrota ante Honduras”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/322343-las-repercusiones-en-brasil-de-la-derrota-ante-honduras>. Acessado em: 5 de março de 2018.

quarta, a equipe comandada por Bielsa, estava classificada para a Copa do Mundo de 2002 e abriu um total de 9 pontos em relação ao segundo colocado.

Já o Brasil iniciou uma série de partidas decisivas. A primeira delas contra o Paraguai, segundo colocado na tabela das eliminatórias com 26 pontos. No dia 15 de agosto, no estádio Olímpico, em Porto Alegre. Em caso de derrota, a Seleção Brasileira poderia inclusive cair para a sexta colocação. Mesmo sem jogar um futebol primoroso, o Brasil se impôs, em um jogo tenso, e venceu seu adversário por 2X0.<sup>422</sup> Com a vitória, a Seleção alcançou 24 pontos e se manteve na quarta posição.<sup>423</sup> “Alívio geral. Pela primeira vez, em muito tempo, o Brasil começou como um autêntico tetracampeão mundial, partindo para cima do adversário, procurando mostrar que a camisa amarela deve impor respeito”.<sup>424</sup> No entanto, o alívio era momentâneo, na rodada seguinte enfrentaria, em Buenos Aires, a praticamente imbatível Argentina.

Ao desembarcar em Buenos Aires, preocupado com a partida, com o atual momento das duas seleções e também com a pontuação na tabela das eliminatórias, Scolari armou sua equipe defensivamente para enfrentar seu adversário e isto foi reverberado pelo zagueiro Lúcio: “Nossa primeira atitude tem de ser defender, marcar bem, para depois tentar o gol”.<sup>425</sup> As equipes se enfrentaram no dia 5 de setembro de 2001, em Buenos Aires, no estádio Monumental de Núñez. Enquanto os donos da casa mantinham a equipe base, o Brasil, mais uma vez, modificava sua escalação. Como exemplificação, apenas três jogadores brasileiros que atuaram na partida entre as duas equipes disputada em São Paulo, no ano anterior entraram em campo em Buenos Aires.<sup>426</sup>

Os atletas argentinos afirmaram que lutariam pela vitória, não como uma vingança à derrota sofrida em São Paulo, mas para dar uma alegria ao sofrido povo argentino que vivia

---

<sup>422</sup> O aspecto negativo do confronto ocorreu ao final da partida quando Chilavert, polêmico goleiro paraguaio, cuspiu no rosto de Roberto Carlos. Em decorrência desta atitude o goleiro foi punido com quatro jogos de suspensão e multado pela FIFA em dez mil dólares.

<sup>423</sup> O Brasil se viu favorecido pela vitória surpreendente da Venezuela sobre o Uruguai por 2X0 e com isso abriu uma vantagem de três pontos em relação ao oponente que ocupava a quinta colocação.

<sup>424</sup> JORNAL DO BRASIL, 16 de agosto de 2001, p. 26.

<sup>425</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 5 de setembro de 2001, p. D-1.

<sup>426</sup> Escalação da Seleção Argentina: Burgos, Vivas, Ayala, Samuel, Zanetti, Simeone, Aimar (Gallardo), Placente (Ortega), Claudio López (Almeida), Crespo e Killy González. Escalação da Seleção Brasileira: Marcos, Cris, Roque Júnior, Lúcio, Cafu, Eduardo Costa (Denílson), Mauro Silva (Vampeta), Marcelinho Paraíba, Roberto Carlos, Rivaldo e Élber (Euller). O árbitro da partida foi o suíço Urs Meiers.

uma crise econômica, política e social sem precedentes em sua história. Afirmou Simeone: “Na verdade, pensamos mais no povo que no Brasil”.<sup>427</sup> Já Crespo, respondeu ao repórter da TV Globo que não tinha intenção de desrespeitar a Seleção Brasileira ao afirmar que ganhar do Brasil seria “a cereja da sobremesa” e contextualizou sua afirmação: “Eu disse que, para nós, ganhar do Brasil seria o máximo, a cereja da sobremesa. Porque já estamos classificados, porque jogamos no Monumental e porque as pessoas desfrutam muito com estes tipos de triunfos”.<sup>428</sup>

A polêmica se acirrou com a capa do diário esportivo Olé. O jornal exibiu uma morena, trajando apenas um short branco e perguntado: “O que você tem que fazer esta noite?”.<sup>429</sup> Ciente da polêmica criada e da revolta da delegação brasileira, Leonardo Farinella, responsável pelas capas do periódico, afirmou: “Entendo que os brasileiros se ofendam, mas não foi essa a nossa intenção. Sem dúvida, uma das leituras que se pode fazer é que a seleção argentina quer f... a brasileira; mas dizer que chamamos o Brasil de prostituta já é exagerado”.<sup>430</sup>

**Figura 10: Capa do diário esportivo Olé no dia de Argentina X Brasil pelas eliminatórias para a Copa de 2002<sup>431</sup>**



<sup>427</sup> OLÉ, 5 de setembro de 2001. “Para toda la alegría de la gente”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/2001/09/05/r-00401b.htm>. Acessado em: 5 de março de 2018.

<sup>428</sup> Idem, 4 de setembro de 2001. “No me atosiguis”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/2001/09/04/r-00801a.htm>. Acessado em: 5 de março de 2018.

<sup>429</sup> Idem, 5 de setembro de 2001. “¿Que tenés que hacer esta noche?”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/2001/09/05/>. Acessado em: 5 de março de 2018.

<sup>430</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 6 de setembro de 2001, p. D-3.

<sup>431</sup> OLÉ. *Tapas de Olé*. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/2001/09/05/>. Acessado em: 5 de março de 2018. Outras discussões, que fogem ao escopo deste trabalho, podem ser realizadas a partir de tal capa, como a erotização da mulher brasileira assim como a questão racial que frequentemente se apresenta no confronto entre os dois países.

A torcida argentina estava empolgada e quando as seleções entraram em campo o Monumental de Núñez explodiu de alegria. A torcida cantava euforicamente. No entanto, a alegria e o barulho não perdurou durante muito tempo. Roberto Carlos cobrou um lateral do lado esquerdo lançando a bola para dentro da área adversária, Rivaldo e Ayala subiram juntos, o defensor argentino acabou raspando na bola e enganando o goleiro Burgos que não conseguiu evitar com que ela cruzasse a linha do gol. Era um alento para a Seleção Brasileira que abria o placar. Para os argentinos, o gol foi um desastre e a equipe demorou bastante para reagir. O Jornal do Brasil ressaltou a falta de brilho do gol brasileiro, dentro do estilo proposto por Felipão e comparou o futebol apresentado pelos donos da casa com a sua então combalida economia.

Totalmente dentro do estilo sem arte imposto por Felipão, o lance foi feio como a necessidade – ainda que pudores estéticos sejam mais apropriados a eventos esportivos. Brasil X Argentina não se enquadra nessa categoria. Além da óbvia vantagem, a utilidade do gol de lateral foi aprisionar os ditos bichos-papões do continente, a falada melhor seleção da Terra, num colapso terrível. E o futebol da Argentina ficou a cara da economia do país.<sup>432</sup>

Os brasileiros não souberam aproveitar as dificuldades apresentadas pelo seu adversário. Com um esquema extremamente defensivo, destruía as investidas da Argentina, no entanto, era bastante ineficaz ofensivamente. “Talvez aqui tenha faltado ambição ofensiva à Seleção Brasileira, diante do nervosismo dos adversários”<sup>433</sup> que apelavam para a violência: “Em campo, Simeone tentava o jiu-jítsu no lugar do futebol (...)”<sup>434</sup> E a etapa inicial terminou com a vantagem brasileira “tão inesperada quanto sublime”.<sup>435</sup>

Sem perder o apoio da torcida, os donos da casa adotaram outra postura na etapa final, mais ofensiva, enquanto o Brasil se retraiu ainda mais. O Jornal do Brasil criticou duramente Scolari pelo futebol defensivo e pouco atrativo apresentado por sua equipe.

O problema é que Felipão decidiu radicalizar seu modelo, órfão de arte e poesia, no segundo tempo. Sua equipe virou um emblema de covardia futebolística, jogando em seu próprio campo, como os mais abjetos times pequenos.<sup>436</sup>

---

<sup>432</sup> JORNAL DO BRASIL, 6 de setembro de 2001, p. 22.

<sup>433</sup> Idem, ibidem, p. 22.

<sup>434</sup> Idem, ibidem, p. 22.

<sup>435</sup> Idem, ibidem, p. 22.

<sup>436</sup> Idem, ibidem, p. 22.

Tal postura também serviu de convite para a pressão dos donos da casa que passaram a criar e desperdiçar inúmeras chances de empatar o confronto. De tanto insistir, aos 32 minutos, Ortega, mesmo marcado por Roberto Carlos, cruzou da direita para Gallardo, que se posicionou à frente de Cafu e cabeceou livre na linha da pequena área para empatar o jogo. Como o empate era ainda considerado um bom resultado, o Brasil se fechou ainda mais com o intuito de garantir um ponto na tabela de classificação. Aos 39 minutos, Claudio López recebeu lançamento longo na ponta esquerda, ele deixou a bola quicar duas vezes no chão e cruzou para dentro da área, Cris esticou a perna para tentar tirar a bola e com a ponta da chuteira jogou para o fundo de suas próprias redes. Festa da torcida argentina que, ao som de “olé” aguardou o apito final.<sup>437</sup> A Argentina venceu por 2X1 e a realidade brasileira complicava-se, apesar das chances de classificação continuarem boas,<sup>438</sup> a situação não se tornou mais difícil em virtude da Colômbia ter tropeçado em casa contra o Equador e empatado em 0X0.

Marcelo Bielsa, além de analisar o comportamento de sua equipe, destacou que a vitória foi contra um grande adversário, o Brasil, mesmo que ele não esteja no seu melhor momento.

A disposição dos jogadores foi a arma mais importante. (...) Dentro das partidas mais importantes. Primeiro porque é contra o Brasil e não se pode ignorar sua hierarquia para além de sua atualidade. Segundo porque foi por pontos e não em um amistoso. E terceiro porque houve um domínio muito claro com poucos momentos concebidos. Não é fácil não conceder minutos de igualdade ao Brasil.<sup>439</sup>

Segundo o Olé em seu artigo intitulado “Olé, olé, olé”:

Assim é mais bonito, se desfruta melhor e dura para sempre. Lentamente, lentamente. Houve má sorte no início, faltou futebol no primeiro tempo, sobrou coragem nos 90 minutos e a felicidade transbordou ao final no

---

<sup>437</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. SP1873. “2001 (September 5) Argentina 2-Brazil 1 (World Cup Qualifier).avi”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=YE\\_KieelOtM](https://www.youtube.com/watch?v=YE_KieelOtM). Acessado em: 5 de março de 2018.

<sup>438</sup> Para o matemático Tristão Garcia o Brasil ainda tinha 83% de chances de classificar-se para o Mundial de 2002, afinal nas três partidas restantes enfrentaria adversários já eliminados, sendo dois desses jogos no Brasil. Cf. JORNAL DO BRASIL, 6 de setembro de 2001, p. 22.

<sup>439</sup> OLÉ, 6 de setembro de 2001. “Luz para el Loco”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/2001/09/06/r-01001c.htm>. Acessado em: 5 de março de 2018.

Monumental cheio. Os jogadores da Seleção queriam ganhar pelo povo, dar uma alegria em tempos duros.<sup>440</sup>

O Jornal do Brasil não perdoou: “Castigo merecido à Seleção sem arte: Brasil sai na frente da Argentina, mas, covarde, sofre a virada com gol contra de Cris a seis minutos do fim do jogo”.<sup>441</sup>

A Argentina terminou as eliminatórias na primeira colocação com 43 pontos. Após vencer o Brasil, empatou por 2X2 com o Paraguai em Assunção, derrotou o Peru em Buenos Aires por 2X0 e finalizou sua participação, em Montevideu, empatando com os uruguaios por 1X1.

Mesmo enfrentando adversários desclassificados, o Brasil só garantiu sua classificação na última rodada. No dia 7 de outubro disputou uma partida fundamental contra o Chile no estádio Couto Pereira, em Curitiba. Venceu por 2X0 e se aproximou bastante da vaga que poderia vir, até mesmo, na rodada seguinte contra a Bolívia. Contudo, no dia 7 de novembro, na altitude de La Paz, a Seleção Brasileira atuou muito mal e foi facilmente derrotada por 3X1. O empate entre Colômbia e Uruguai, por 1X1, manteve as chances das duas seleções.

Na última rodada, quatro seleções disputavam duas vagas, o Equador, com 29 pontos, estava praticamente classificado. O Brasil, em quarto lugar, somava 27 pontos, o Uruguai e a Colômbia estavam com 26 e 24 pontos respectivamente. A grande vantagem do Brasil é que jogaria em casa e contra, teoricamente, o adversário mais frágil, a Venezuela, no entanto, o antigo “saco de pancadas” do continente vinha de uma sequência de quatro vitórias consecutivas. Os uruguaios enfrentariam os argentinos em Montevideu e os colombianos encarariam o já classificados paraguaios em Assunção. Para o Brasil se classificar, sem depender dos resultados de seus adversários, teria que derrotar os venezuelanos.

Brasil e Venezuela se enfrentaram em São Luís do Maranhão, no estádio Governador João Castelo, no dia 14 de novembro de 2001 e para alívio dos jogadores,

---

<sup>440</sup> Idem, 6 de setembro de 2001. “Olé, olé, olé”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/2001/09/06/r-00201c.htm>. Acessado em: 5 de março de 2018.

<sup>441</sup> JORNAL DO BRASIL, 6 de setembro de 2001, p. 22.

comissão técnica, dirigentes e, especialmente, da torcida brasileira, dois gols de Luizão e um de Rivaldo garantiram a vitória do Brasil por 3X0, a terceira colocação nas eliminatórias e a vaga para o Mundial de 2002.<sup>442</sup>

Os uruguaios, por sua vez, empataram com os argentinos em 1X1 e os colombianos golearam em Assunção o Paraguai por 4X0. Uruguai e Colômbia terminaram empatados com 27 pontos, no entanto, os uruguaios com um saldo de 6 gols pró contra 5 dos colombianos garantiram a quinta posição e o direito de disputar a repescagem contra a Seleção Australiana.<sup>443</sup>

Fernando de la Rúa assumiu a presidência da Argentina em 10 de dezembro de 1999 com a promessa de por um fim à disseminada corrupção que havia marcado, especialmente, o segundo mandato de Carlos Menem. Contudo, os problemas econômicos que o novo mandatário herdou eram acentuados, a dívida externa girava em torno de US\$ 130 bilhões, déficit fiscal superior a US\$ 10 bilhões, altas taxas de desemprego, o peso extremamente valorizado o que dificultava bastante as exportações argentinas e incentivava as importações exaurindo as suas já combalidas reservas cambiais. Foram tomadas medidas impopulares e que afetavam em especial a classe média, tais como rebaixar os salários dos funcionários públicos, aumento de impostos e generalização do IVA (Imposto de Valor Agregado).<sup>444</sup> Elas também tiveram o efeito de reduzir ainda mais as atividades econômicas.

Mantendo seu compromisso eleitoral, Fernando de la Rúa negou-se a desvalorizar o peso e a manter a paridade de “um peso, um dólar”, fato que prejudicava as exportações locais. O cumprimento de tal promessa apresentava uma séria dificuldade: a compra, por parte do Banco Central Argentino, dos dólares necessários para respaldar o peso circulante. Como afirmou Gerardo Tresca, apesar de poucos se atreverem a questionar tal esquema, era certo

---

<sup>442</sup> Brasil e Paraguai terminaram empatados com 30 pontos, mas em virtude de um saldo de gols superior a Seleção Brasileira assumiu a terceira colocação.

<sup>443</sup> As partidas entre Uruguai e Austrália foram disputadas ainda em novembro de 2001. Apenas seis dias depois do encerramento das eliminatórias na América do Sul, no dia 20, em Melbourne, a Austrália venceu o Uruguai por 1X0. Cinco dias depois, em Montevideu, os uruguaios venceram seus adversários por 3X0 e garantiram sua participação na Copa de 2002.

<sup>444</sup> O IVA é o equivalente do ICMS no Brasil.

que “o país vivia acima de suas possibilidades”.<sup>445</sup> No final do ano 2000, o país enfrentava profunda recessão econômica.

A denúncia de subornos no Senado para lograr a aprovação de uma nova lei trabalhista abalou profundamente o governo no ano 2000 e levou a renúncia do vice-presidente, Carlos “Cacho” Alvarez, em protesto a inação de De la Rúa. O presidente se viu sozinho, isolado e com a popularidade em baixa.

A situação se agravou em março de 2001 quando Domingo Cavallo foi chamado de volta para comandar a economia do país com o objetivo de tentar salvar o Plano de Conversibilidade. A austeridade marcou o início da nova gestão de Cavallo, cortes nos gastos públicos e de salários que impactaram no aumento do desemprego e na redução ainda mais acentuada do padrão de vida da população. Para impedir que as empresas e as pessoas enviassem dinheiro ao exterior, o ministro também impôs o limite de saques em contas bancárias em 250 pesos semanais – o chamado *corralito*. A decisão revoltou a população. A fome se alastrava não só nos bolsões de pobreza, mas atingia setores mais amplos e em 18 de dezembro começaram os saques nas províncias e no dia seguinte atingiram Buenos Aires. No dia 20, a violência atingiu o centro da capital do país e os choques entre manifestantes e policiais deixaram um saldo de cinco mortos e quarenta feridos. Em meio ao caos, Fernando de la Rúa renunciou no dia 21 de dezembro.

Ramon Puerta, presidente provisório do Senado, assumiu de forma efêmera a presidência da República, uma vez que dois dias depois Adolfo Rodrigues de Saá, escolhido pelo Congresso, recebia a dura incumbência de governar o país. De imediato, o novo presidente criou uma nova moeda e suspendeu o pagamento da dívida externa, mas a instabilidade política era tamanha que na semana seguinte renunciou, ainda em 30 de dezembro de 2001. O deputado Oscar Eduardo Camaño dirigiu o país até o dia 2 de janeiro de 2002 quando Eduardo Duhalde foi escolhido pela Assembleia Legislativa para um mandato provisório que durou quase um ano e meio. Ele pôs fim à paridade do peso com o dólar e manobrou habilmente a crise política e econômica até a realização de nova eleição presidencial, em abril de 2003, que conduziu Nestor Kirchner à chefia do executivo.

---

<sup>445</sup> TRESKA, Gerardo. *El colapso de la convertibilidad y el nuevo modelo de desarrollo argentino*. Buenos Aires: Realidad Argentina, 2004, p. 111.

Em 25 de maio, com a posse do presidente Kirchner e de seu companheiro de chapa, Daniel Scioli, começou uma nova etapa. Duhalde cumpriu seu compromisso e se retirou. Assim se encerrou um dos ciclos mais dramáticos vividos pelos argentinos.<sup>446</sup>

Apesar do susto vivido em 1999, quando o Brasil se viu envolvido em mais uma crise financeira internacional, a situação econômica e, conseqüentemente política, do país era bem mais tranquila que a do seu vizinho no mesmo período. O país também enfrentou a fuga de capitais, mas adotou o câmbio flutuante entre o real e o dólar, além de ter desvalorizado a moeda e elevado os juros de forma acentuada. Um importante passo no sentido de equilibrar as contas públicas foi a aprovação da Lei de Responsabilidade Fiscal no ano 2000. No ano de 2001, o país enfrentou uma grave crise energética que levou o governo a adotar medidas de restrições ao consumo da energia elétrica. A popularidade de Fernando Henrique Cardoso já não era tão elevada no final do seu mandato e ele não foi capaz de fazer seu sucessor nas eleições de 2002, com isso o ex-metalúrgico e sindicalista, Luiz Inácio Lula da Silva, em sua quarta tentativa, assumiu em 1º de janeiro de 2003 a presidência do Brasil.

## **6.6. OS OPOSTOS: A COPA DE 2002**

As expectativas para o Mundial de 2002 eram diversas para argentinos e brasileiros. Os primeiros, especialmente em virtude dos resultados obtidos nas eliminatórias, estavam muito confiantes no trabalho até então desenvolvido e esperavam transformar o favoritismo a eles atribuído no tricampeonato mundial. A albiceleste realizou, antes da estreia na Copa do Mundo, no dia 2 de julho, apenas três amistosos. Em 13 de fevereiro, em Cardiff, a equipe empatou com o País de Gales, em 1X1. No mês seguinte, no dia 27 de março, empatou com Camarões, por 2X2, em partida disputada em Genebra, Suíça. Finalmente, no dia 17 de abril, em Stuttgart, venceu de forma convincente a seleção alemã por 1X0. Em relação à vitória, o Jornal do Brasil apenas destacou que ela gerou ainda mais otimismo na imprensa do país vizinho.<sup>447</sup>

O Brasil, que ainda não tinha uma equipe formada e um esquema tático definido, ao contrário do seu rival, realizou sete jogos preparatórios, sendo seis deles oficiais e outro contra um selecionado da Catalunha, antes de iniciar sua caminhada na Coreia e Japão. No dia

---

<sup>446</sup> SÁENZ QUESADA, María. op. cit., p. 740.

<sup>447</sup> JORNAL DO BRASIL, 19 de abril de 2002, p. 22.

31 de janeiro venceu com facilidade, em Goiânia, a Bolívia por 6X0. O fato mais importante nessa partida foi a certeza dada por Felipão de que ele não contaria com Romário para a Copa do Mundo, fato que gerou muita discussão na imprensa e entre os torcedores do país. O atacante brasileiro efetivamente não constou na lista dos 23 jogadores que disputariam o Mundial, divulgada pelo técnico no dia 6 de maio de 2002.

Em 6 de fevereiro, em Riad, o Brasil venceu por 1X0 a Arábia Saudita. No dia 7 de março goleou a então inexpressiva Islândia por 6X1, em Cuiabá. Contando com o retorno de Ronaldo, recuperado da séria lesão, o Brasil venceu a Iugoslávia, em Fortaleza, por 1X0, no dia 27 de março. No dia 17 de abril, em Lisboa, a equipe empatou com Portugal por 1X1. No mês seguinte, em 18 de maio, enfrentou e venceu por 3X1, em Barcelona, um combinado da Catalunha. Finalmente, no dia 25 de maio, realizou sua última partida, em Kuala Lumpur, quando venceu a Seleção da Malásia por 4X0.

A primeira Copa do novo século e milênio trouxe algumas novidades. Era a primeira que não seria disputada nos continentes europeu ou americano, além disso, inovou ao ter dois países sede: a Coreia do Sul e o Japão.<sup>448</sup> Finalmente, mais uma novidade, três equipes já estavam classificadas: Coreia e Japão, por sediarem o evento e a França, atual campeã mundial. Cabe ressaltar que esta foi a última Copa do Mundo em que o campeão mundial estava automaticamente classificado, a partir da competição seguinte, em 2006, ele também disputaria as eliminatórias em sua região.

No total, 196 países se inscreveram para disputar as eliminatórias, ou seja, uma das 29 vagas disponíveis para a fase final da competição. Dessas, duas seleções, Guiana e Guiné, foram impedidas de participar, a primeira por problemas na documentação e a segunda por utilizar atletas acima da idade no Mundial sub-20 de 1999.

Como havia ocorrido na Copa anterior, o maior número de vagas diminuiu as chances de que as seleções mais tradicionais e fortes não se classificassem, no entanto, as decepções e surpresas inevitavelmente ocorrem. Na Europa, a maior ausência foi a Seleção

---

<sup>448</sup> Inicialmente, João Havelange, ainda presidente da FIFA, foi contrário a ideia do cosediamento do Mundial, no entanto, as delegações do Japão e da Coreia chegaram a um acordo e decidiram dividir a Copa na noite anterior à decisão do Comitê Executivo da FIFA, em Zurique, em uma reunião secreta. Tal fato marcou a primeira grande derrota de Havelange no comando da instituição máxima do futebol mundial. Cf. YALLOP, David A. op. cit., p. 272-276.

Holandesa que havia realizado boas campanhas nas duas últimas edições do evento. As demais potências continentais, tais como: Alemanha, Espanha, Inglaterra e Itália estavam classificadas. Outras duas seleções habituais na competição, Rússia e Suécia também marcariam presença nos campos asiáticos. Portugal, ausente desde 1986 e a Turquia, desde 1954, retornavam ao Mundial. Croácia, Dinamarca, Eslovênia, Polônia, Bélgica e Irlanda disputariam o Mundial, assim como a França, considerada, ao lado da Argentina, como uma das favoritas para a conquista do título.

Pela Concacaf as duas principais forças se classificaram, México e Estados Unidos, mas a grande surpresa foi a Costa Rica que terminou folgadoamente na liderança das eliminatórias entre as seleções da América Central e do Norte. Na Ásia, as vagas diretas ficaram para a Arábia Saudita e a estreante China.<sup>449</sup> Na repescagem asiática os Emirados Árabes Unidos garantiram sua participação.

Pela África, seleções já tradicionais classificaram-se, como Camarões, Nigéria e Tunísia. A ascendente África do Sul e a estreante Senegal completaram as cinco vagas destinadas ao continente. Os representantes da América do Sul foram: Argentina, Brasil, Equador, Paraguai e Uruguai.

Com a dupla sede da Copa, cada país contou com seu próprio comitê organizador, subordinados à FIFA e gerenciou dez sedes regionais. A abertura da Copa coube à Coreia e o encerramento ao Japão. Foram escolhidas, em uma votação pela internet, como mascote para o evento, três personagens que faziam referência aos desenhos animados e filmes orientais de monstros – Ato, Nik e Kaz – monstros tridimensionais.

---

<sup>449</sup> A Seleção Chinesa era treinada pelo sérvio Borá Milutinovic que, ao obter a inédita classificação de sua equipe, estabeleceu o feito de participar de cinco Copas do Mundo por seleções diferentes (México - 1986, Costa Rica - 1990, Estados Unidos - 1994, Nigéria - 1998 e China - 2002). O brasileiro Carlos Alberto Parreira também dirigiu cinco seleções diferentes em Mundiais (Kuwait – 1982, Emirados Árabes Unidos – 1990, Brasil – 1994, Arábia Saudita – 1998 e África do Sul – 2010), além disso ainda comandou a Seleção Brasileira na Copa de 2006 e foi coordenador técnico em 2014.

**Figura 11: Mascote da Copa do Mundo de 2002: Footix<sup>450</sup>**



A *Fevernova* foi a bola do Mundial de 2002. Ela apresentou um visual inspirado na Ásia, de acordo com a empresa fabricante. A lâmina no centro, com detalhes de chamas vermelhas, foi escolhida para simbolizar o esforço e a energia que os dois países investiram para a realização do evento. Seguindo as inovações tecnológicas, utilizou-se para a sua fabricação materiais internos de alta performance como espuma sintética, um tipo de composto preenchido com “balões” ocos para diminuir o peso, fato que gerou muita reclamação entre os goleiros.

**Figura 12: Logo da XVII Copa do Mundo de Futebol – 2002 – Coreia/Japão<sup>451</sup>**



<sup>450</sup> DUARTE, Marcelo “Todas as mascotes da Copa do Mundo”. Disponível em: <http://guiadoscuriosos.uol.com.br/blog/2012/11/26/todas-as-mascotes-da-copa-do-mundo>. Acessado em 28 de dezembro de 2017.

<sup>451</sup> ALMEIDA, Bruno. “Os pôsteres e mascotes da Copa do Mundo”. Disponível em: <http://publistagram.com/os-posteres-e-mascotes-da-copa-do-mundo/>. Acessado em 22 de outubro de 2017.

A fórmula de disputa era a mesma da Copa da França e o torneio prometia ser muito competitivo, afinal todas as campeãs mundiais estavam classificadas. Foram formados oito grupos com quatro equipes, classificando-se as duas melhores colocadas para a fase seguinte. A partir daí, as partidas seriam eliminatórias até se conhecer o campeão. As seleções foram alinhadas da seguinte maneira: Grupo A – Dinamarca, França, Senegal e Uruguai. Grupo B – África do Sul, Eslovênia, Espanha e Paraguai. Grupo C – Brasil, China, Costa Rica e Turquia. Grupo D – Coreia do Sul, Estados Unidos, Polônia e Portugal. Grupo E – Alemanha, Arábia Saudita, Camarões e Irlanda. Grupo F – Argentina, Inglaterra, Nigéria e Suécia. Grupo G – Croácia, Equador, Itália e México. Grupo H – Bélgica, Japão, Rússia e Tunísia. Os grupos A, B, C e D tiveram todos os seus jogos da primeira fase realizados na Coreia do Sul e os grupos E, F, G e H realizaram suas partidas desta etapa no Japão. As partidas foram disputadas entre 31 de maio de 30 de junho de 2002.

**Figura 13: Cartaz da XVII Copa do Mundo de Futebol – 2002 – Coreia/Japão**<sup>452</sup>



A França, campeã mundial de 1998 e tida como uma das favoritas em 2002, apresentou um sério desfalque, seu principal jogador, Zinédine Zidane, contundiu-se na coxa esquerda poucos dias antes do início do torneio. O craque só entrou em campo, no sacrifício, na última partida, mas não evitou a humilhante desclassificação de sua equipe ainda na primeira fase do torneio. Os campeões do mundo foram derrotados na estreia pela debutante Seleção Senegalesa por 1X0. A situação complicou-se ainda mais na segunda rodada ao empatar, sem gols, com o Uruguai. No último jogo, contra a Dinamarca, só a vitória interessava e os franceses perderam por 2X0. *Les Blues* voltavam para casa com apenas um

<sup>452</sup> Idem, ibidem. Acessado em 22 de outubro de 2017.

ponto, sem assinalar um único gol e com a pior campanha, na história dos mundiais, de uma seleção que defendia o seu título.

A outra grande favorita era a Argentina. A sorte da albiceleste parecia ter-lhe abandonado antes do início do Mundial, ela caiu no denominado “Grupo da Morte”, ou seja, enfrentaria outras fortes seleções. Ela fez sua estreia no dia 2 de junho contra a Nigéria, no estádio Kashima, na cidade de mesmo nome.<sup>453</sup> Apesar das dificuldades que iriam enfrentar todos na equipe demonstravam confiança.

E a vitória obtida contra a Nigéria, por 1X0, gol de Batistuta<sup>454</sup> de cabeça aos 18 minutos da etapa final, elevou ainda mais as expectativas dos argentinos, uma vez que o placar não havia traduzido a superioridade que a equipe demonstrou em campo nos 90 minutos em que sufocou o seu adversário.<sup>455</sup>

---

<sup>453</sup> Escalação da Seleção Argentina: Cavallero, Sorín, Pochettino, Samuel, Placente, Zanetti, Verón (Aimar), Simeone, Claudio López (Killy González), Batistuta (Crespo) e Ortega. Escalação da Seleção Nigeriana: Shorunmu, Babayaro, Okoronkwo, West, Sodje (Christopher), Yobo, Okocha, Lawal, Kanu (Ikedia), Ogebeche e Aghahowa. O árbitro da partida foi o francês Gilles Veissière.

<sup>454</sup> Gabriel Omar Batistuta (Reconquista-Província de Santa Fé, 1º de fevereiro de 1969). É o segundo maior artilheiro da história da Seleção Argentina com 56 gols. Exímio cabeceador e capaz de chutar forte e com precisão com as duas pernas. Começou tarde a carreira de jogador de futebol, somente em 1988 deixou o basquetebol para dedicar-se ao esporte que o consagraria. Atuou em 1988 e 1989 pelo Newell's Old Boys, equipe pela qual conseguiu ser vice-campeão da Copa Libertadores da América e despertou o interesse do gigante River Plate, clube que defendeu entre 1989-1990 e conquistou o seu primeiro campeonato argentino. Ainda jovem e sem ter muitas oportunidades no River Plate comandado por Daniel Passarella, na temporada seguinte foi atuar no arquirrival, o Boca Juniors, por ele conquistou o torneio Clausura. Neste ano, os campeões do Apertura e do Clausura disputaram uma final, em dois jogos, para conhecer o campeão argentino. Batistuta, servindo a Seleção Argentina, não participou das partidas em que o Boca Juniors perdeu o título nas penalidades máximas para o Newell's Old Boys. No ano seguinte, determinou-se que os times que vencessem o Apertura e o Clausura seriam considerados campeões conjuntamente. Batistuta iniciou sua longa carreira no futebol italiano em 1991 defendendo a Fiorentina equipe em que atuou até 2000 quando foi comprado pela Roma. Sua última temporada no futebol italiano foi em 2002-2003 quando jogou pela Internazionale de Milão. Pela Fiorentina conquistou o Campeonato Italiano da Série B na temporada 1993-1994, a Copa Itália 1994-1995 e a Supercopa da Itália de 1996. Na equipe da Roma venceu o campeonato italiano da temporada 2000-2001 e voltou a ganhar a Supercopa da Itália em 2001. Antes do término do campeonato italiano 2002-2003, no qual a Internazionale ficou na segunda colocação, Batistuta foi atuar no futebol do Catar, pelo Al-Arabi Doha, conquistando o campeonato local de 2004. O atleta encerrou sua carreira em 2005. Defendeu a Argentina entre 1991 e 2002 e foi bicampeão da Copa América (1991 e 1993) e da Copa das Confederações em 1992. Atuou em três Copas do Mundo (1994, 1998 e 2002) e marcou dez gols, inclusive o último deles pela seleção foi na vitória de seu país contra a Nigéria na Copa de 2002. Enfrentou a Seleção Brasileira em 8 oportunidades: 2 vitórias, 4 empates e 2 derrotas, marcou 2 gols.

<sup>455</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. FUTVIDEOS6. “Argentina 1x0 Nigéria - Copa do Mundo 2002 - HQ”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L2cGCpdjff4>. Acessado em: 7 de março de 2018.

O Jornal do Brasil utilizou adjetivos como “impressionante” e “ arrasadora” para classificar a vitória da Argentina.<sup>456</sup> Das equipes que haviam jogado até aquele momento, “a de Marcelo Bielsa foi a que exibiu padrão mais arrebatador”.<sup>457</sup> O periódico brasileiro concluiu, sem se esquecer do grave momento econômico, político e social vivenciado pelo país vizinho: “Mesmo magro, o resultado ampliou a expectativa para o jogo de sexta-feira com a Inglaterra. Depois de inúmeras decepções, os argentinos parecem ter encontrado algo em que podem confiar: sua seleção”.<sup>458</sup>

O La Nacion ressaltou que a vitória sobre a Nigéria e o empate entre ingleses e suecos já daria, em caso de vitória dos argentinos na próxima rodada, a classificação antecipada para a outra fase do Mundial. Ainda segundo o periódico, a estreia mostrou, mais uma vez, a maturidade competitiva da equipe que teve personalidade diante de um adversário que atuou fechado, emboscado em seu campo.<sup>459</sup> Os argentinos ainda não sabiam, mas eram suas últimas alegrias na competição.

A segunda rodada do “Grupo da Morte” foi disputada no dia 7 de junho. A Nigéria se despedia da Copa do Mundo ao ser derrotada pela Suécia por 2X1. A partida de fundo era o clássico mundial de grande rivalidade. Pela história recente construída nos mundiais de 1966, 1986 e 1998, além das Malvinas (1982), o confronto entre ingleses e argentinos era um dos mais aguardados da Copa do Mundo. As duas seleções ainda se enfrentaram no Mundial do Chile em 1962, desta forma, este seria o quinto confronto entre elas nesta competição.

Marcelo Bielsa, técnico argentino, estava preocupado com o jogo e esperava por um enfrentamento ainda mais difícil do que o ocorrido contra a Nigéria. Prometeu praticar um jogo ofensivo e acreditava que a Inglaterra se portaria da mesma forma. “Nós iremos atacar. E eu imagino que a Inglaterra fará o mesmo, então certamente será uma partida muito intensa, com muita mobilidade de ambas as partes”.<sup>460</sup> Conhecedor da história do confronto, o técnico afirmou: “É uma partida com muita história, isso não ignoramos. Sabemos que por trás de

---

<sup>456</sup> JORNAL DO BRASIL, 3 de junho de 2002, p. 8 (Esportes).

<sup>457</sup> Idem, ibidem, p. 8.

<sup>458</sup> Idem, ibidem, p. 8.

<sup>459</sup> LA NACION, 3 de junho de 2002. MAURI, Claudio. “Paso firme”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/402110-paso-firme>. Acessado em: 8 de março de 2018.

<sup>460</sup> Idem, 6 de junho de 2002. “Bielsa: seguridad y convicción”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/403005-bielsa-seguridad-y-conviccion>. Acessado em: 8 de março de 2018.

cada camisa há muita tradição e muita história. Isso se reflete sempre nesta classe de encontros. Além do mais, é uma partida que potencializa o antagonismo”<sup>461</sup>.

O confronto teve início às 20h30 no Sapporo Dome, em Sapporo.<sup>462</sup> A partida foi tensa e a Argentina buscou, no início, impor sua dinâmica envolvente de jogo, no entanto, a equipe se mostrou nervosa e colecionou passes errados e faltas. Mesmo tendo menor domínio da bola, eram os ingleses que criavam as jogadas mais perigosas, por exemplo, aos 23 minutos acertaram a trave argentina. Ortega e Verón, dois dos principais jogadores da alvianil, não realizavam boa apresentação. A partida estava equilibrada e encaminhava-se para o final da primeira etapa quando, aos 43 minutos, Owen passou por Pochettino e foi derrubado pelo zagueiro dentro da área. Beckham, vilão quatro anos antes, responsabilizado pela derrota por ter sido infantilmente expulso, cobrou forte, no centro do gol, batida de segurança, para marcar 1X0.

No etapa complementar, Bielsa colocou sua equipe ainda mais avançada e a Argentina pressionou praticamente todos os últimos 45 minutos, no entanto, sem grande efetividade. A Inglaterra, por sua vez, muito bem postada na defesa, esteve muito próxima de ampliar o placar nos contra ataques. Ao apito final, os ingleses festejaram largamente a histórica vitória.<sup>463</sup> Com a derrota, os argentinos caíram para a terceira posição na tabela e teriam que vencer na rodada final os suecos. De quebra, perdiam quase dois anos de invencibilidade, a última derrota havia acontecido, em São Paulo, para o Brasil, em 26 de julho de 2000.

Para o Jornal do Brasil:

O jogo foi eletrizante e, surpreendentemente, disputado sem violência. Após um início cauteloso, típico de adversários que se respeitam, a Argentina começou a pressionar um pouco mais, ainda que visivelmente nervosa e sem grande inspiração. (...) No segundo tempo, enquanto tiveram pernas, os ingleses continuaram pressionando e construindo fulminantes contra-

---

<sup>461</sup> Idem, ibidem.

<sup>462</sup> Escalação da Seleção Argentina: Cavallero, Sorín, Pochettino, Samuel, Placente, Zanetti, Verón (Aimar), Simeone, Batistuta (Crespo), Ortega e Killy González (Claudio López). Escalação da Seleção Inglesa: Seaman, Mills, Cole, Ferdinand, Campbell, Beckham, Scholes, Hargreaves (Sinclair), Butt, Owen (Bridge), Heskey (Sheringham). O árbitro da partida foi o italiano Pierluigi Collina.

<sup>463</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. FUTVIDEOS6. “Argentina 0x1 Inglaterra - Copa do Mundo 2002 - HQ”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b5EmkA5g22g>. Acessado em: 8 de março de 2018.

ataques. Com um pouco de sorte, poderiam ter conseguido um placar mais elástico. Entretanto, a partir dos 25 minutos, os argentinos pareceram finalmente ter conseguido deixar de lado a inacreditável pressão que estão recebendo da população de seu país – que espera que o futebol os salve da profunda crise – e passaram a jogar melhor. Tentaram muito, mas os ingleses, fechadinhos como eles sempre souberam jogar, aguentaram até o fim.<sup>464</sup>

O periódico carioca também ressaltou que apesar de decepcionados com a derrota, os torcedores argentinos entendiam que “foi apenas um tropeção, não uma queda”<sup>465</sup> e continuavam convictos na classificação para a próxima rodada do Mundial.

As pessoas se concentraram no Obelisco, ponto tradicional de comemorações populares no centro da capital, para demonstrar seu apoio. Em Córdoba, Tucumán e outras cidades, os torcedores exibiam sua tristeza pela derrota, mas, com pulos e cantos, mostravam ainda confiar na classificação.<sup>466</sup>

A Folha de São Paulo foi mais irônica em sua manchete para o Caderno de Esportes: “Inglaterra implode a Argentina”<sup>467</sup> e abaixo complementou: “Todo mundo para o tudo ou nada menos o Brasil, que ainda se diverte”.<sup>468</sup> Na matéria, o periódico paulista ressaltou as dificuldades vivenciadas pela Argentina, pela Alemanha, pela França e pela Inglaterra; enquanto o Brasil, favorecido por enfrentar adversários teoricamente mais fracos, já poderia encaminhar sua classificação se vencesse a China.

Tostão, em sua coluna, elogiou a partida entre ingleses e argentinos e deixou uma pergunta ao seu final de difícil interpretação. Seria de prazer pela saída de dois importantes e perigosos adversários ou de pesar com a desclassificação de duas equipes que acrescentam bom nível técnico à competição?

A Argentina perdeu para a Inglaterra, numa excelente partida entre as duas equipes. Agora, para classificar-se terá de vencer a boa seleção da Suécia. Já imaginou França e Argentina fora da Copa, logo na primeira fase? (...) Será esta a Copa da zebra?<sup>469</sup>

---

<sup>464</sup> JORNAL DO BRASIL, 8 de junho de 2002, p. 3 (Esportes).

<sup>465</sup> Idem, ibidem, p. 1.

<sup>466</sup> Idem, ibidem, p. 1.

<sup>467</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 8 de junho de 2002, p. D-1.

<sup>468</sup> Idem, ibidem, p. D-1.

<sup>469</sup> Idem, ibidem, p. D-3.

Para Claudio Mauri, do La Nacion, o resultado foi justo.

Quase uma sombra foi a Argentina na partida mais significativa desta primeira fase do Mundial. O compromisso mais esperado provocou um sabor amargo no selecionado nacional. A Inglaterra deixou uma imagem melhor de equipe (...). A Argentina não pôde impor o seu jogo, porque a Inglaterra soube evitar a habitual pressão da equipe de Bielsa com bolas do fundo. (...) A Inglaterra conseguiu melhor funcionamento com a entrada de Sinclair pela esquerda (no lugar de Hargreaves, contundido) e Scholes, colocado mais ao meio, deram agressividade a sua equipe.<sup>470</sup>

No dia 12 de junho de 2002 argentinos e suecos definiram suas participações no Mundial de 2002. Os sul-americanos precisavam vencer para dar continuidade na competição e para os europeus bastava um empate. A partida foi disputada na cidade de Miyagi, no estádio de mesmo nome e Bielsa realizou algumas alterações na escalação.<sup>471</sup> A torcida argentina estava apreensiva em relação à partida:

Antes do início do Mundial, os argentinos estavam confiantes e, abertamente, diziam que a Seleção ia à Copa para conquistar o terceiro título de sua história. Agora os torcedores argentinos têm medo da desclassificação e passam horas discutindo a melhor formação para ganhar da Suécia, na madrugada de terça para quarta-feira, e garantir um lugar nas oitavas-de-final.<sup>472</sup>

A Argentina dominou seu adversário nos dois períodos e realizou, em alguns momentos, a sua melhor partida na competição. Ao final do jogo as estatísticas apontavam: os argentinos tiveram o domínio da bola em 65% do tempo, chutaram 14 vezes contra o gol adversário e sofreram apenas 5 chutes contra a sua própria meta. No entanto, o que prevaleceu foi o resultado de 1X1 assinalado pelo placar do estádio.

Aos 14 minutos da etapa final, Anders Svensson foi literalmente “atropelado” por Almeyda na intermediária de ataque sueco. O próprio atleta sueco que recebeu a infração realizou a cobrança da falta, um chute, venenoso, com curva, no ângulo. Cavallero saltou

---

<sup>470</sup> LA NACION, 7 de junho de 2002. MAURI, Claudio. “Mal trago”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/403318-mal-trago>. Acessado em: 8 de março de 2018.

<sup>471</sup> Escalação da Seleção Argentina: Cavallero, Sorín (Verón), Pochettino, Samuel, Chamot, Almeyda (Killy González), Zanetti, Aimar, Claudio López, Batistuta (Crespo) e Ortega. Escalação da Seleção Sueca: Hedman, Mellberg, Mjälby, Jakobsson, Lucic, Linderthm Alexandersson, Anders Svensson (Jonson), Magnus Svensson, Allbäck (Andersson) e Larsson (Ibrahimovic). O árbitro da partida foi o emiratício Ali Mohamed Bujsaim.

<sup>472</sup> JORNAL DO BRASIL, 11 de junho de 2002, p. 1 (Esportes).

atrasado e apenas raspou na bola, sem força suficiente para colocá-la para fora. A Suécia abriu o placar e elevou o nervosismo e desespero dos argentinos. As duas equipes criaram boas chances de marcar até que aos 43 minutos Ortega cavou uma penalidade máxima. O próprio jogador bateu mal, o goleiro defendeu e no rebote Crespo, livre, chutou para empatar o jogo. Os argentinos mantiveram a postura ofensiva nos poucos minutos restantes, mas o placar não se alterou e o país estava eliminado da Copa do Mundo.<sup>473</sup>

O Jornal do Brasil, irônica e debochadamente, estampou na capa do seu Caderno de Esportes: “Hasta la vista, Argentina”.<sup>474</sup> Além da grave crise econômica, os argentinos teriam que viver com a frustração esportiva.

Os argentinos vão custar a se recuperar do baque. A eliminação da seleção, na madrugada de ontem, após o amargo empate em 1 a 1 com a Suécia, foi como um choque para os torcedores, já traumatizados pela crise econômica. (...) Após jogo, os bares e cafés da capital, que estiveram apinhados de torcedores, se esvaziaram. Cabisbaixos, os argentinos saíram às ruas geladas da capital. Foram dormir em estado de choque. E acordaram com a sensação de derrota, companheira inseparável em tempos de crise – a mais grave da história do país e que ganhou tons ainda mais dramáticos depois do inesperado trauma de ontem.<sup>475</sup>

Para Marcos Caetano, comentarista do Jornal do Brasil, a Seleção da Argentina não suportou o peso nela depositado por toda uma nação desesperada pela crise econômica, política e social que o país atravessava.

Menciono Batistuta e chego à Argentina. Terá sido ela vítima de seleções magistrais? Infelizmente, a resposta é não. A Suécia é uma equipe absolutamente comum, e a Inglaterra classificou-se graças a dois empates e um gol de pênalti. Os argentinos caíram porque fizeram apenas dois gols em três jogos, um dos quais de Pênalti – convertido irregularmente. Raros grupos de jogadores são capazes de suportar a pressão irracional de toda uma nação. O povo da Argentina apostou todas as fichas da recuperação do país no sucesso da sua seleção. Na hora H, sob tamanho peso, o time desabou.<sup>476</sup>

---

<sup>473</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. FUTVIDEOS6. “Suécia 1x1 Argentina - Copa do Mundo 2002 - HQ”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nYLbAaGqgII>. Acessado em: 10 de março de 2018.

<sup>474</sup> JORNAL DO BRASIL, 13 de junho de 2002, p. 1 (Esportes).

<sup>475</sup> Idem, ibidem, p. 1.

<sup>476</sup> Idem, ibidem, p. 6.

A tônica das reportagens da Folha de São Paulo também versou sobre a crise econômica e frustração com a eliminação do rival. O periódico paulista ressaltou ainda os discursos dos atletas argentinos e a consciência (e peso) que eles carregavam no Mundial.

Nem o futebol serviu para elevar a auto-estima da Argentina. Se antes da Copa os jogadores diziam que um possível título daria uma certa força para a população do país, que atravessa grave crise econômica, ontem lamentaram muito que nem esse consolo possam dar a seus compatriotas. (...) Alguns jogadores simplesmente desabaram, não só pelo fracasso em campo, mas pela situação que atravessa o país.<sup>477</sup>

Cavallero, goleiro argentino, afirmou:

Agora, mais do que nunca, o povo argentino precisava de uma alegria. Futebol não enche barriga de ninguém, mas seria uma forma de levar a Argentina de novo ao noticiário, só que por um feito positivo. Pena que não deu.<sup>478</sup>

**Figura 14: Ansiedade e desespero da torcida Argentina em Buenos Aires minutos antes do final da partida contra a Suécia na Copa de 2002<sup>479</sup>**



Para Tostão:

(...) Os argentinos têm o atenuante de terem perdido somente para a excelente equipe da Inglaterra. Além dos erros cometidos, a Argentina teve o azar de jogar num forte grupo. A Argentina mostrou um bom futebol coletivo, mas faltaram excepcionais atacantes. Não foi surpresa a péssima atuação do Cláudio López. Batistuta é um jogador decadente. Ortega tem muita habilidade, mas pouca técnica.

<sup>477</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 13 de junho de 2002, p. D-1.

<sup>478</sup> Idem, ibidem, p. D-1.

<sup>479</sup> Idem, ibidem, p. D-3.

José Geraldo Couto, em sua coluna para a Folha de São Paulo, reproduz uma série de estereótipos que os brasileiros criaram e identificam nos argentinos. Eles, acrescidos da rivalidade entre os dois países, seriam motivos suficientes para festejar a eliminação do sempre perigoso rival, contudo o cronista ressaltou que a Copa perdeu um dos seus grandes protagonistas.

Motivos não faltariam para festejar a queda argentina: a empáfia de seus jogadores, as provocações de sua imprensa contra o Brasil, o racismo de suas elites... Complete a lista como quiser. Mas, sem falar da situação social difícil do país vizinho, há um motivo que me impede de comemorar: o futebol argentino. A Copa do Mundo vai ficar muito mais pobre sem ele. (...) Continuo achando que a Argentina era o melhor time da Copa do Mundo. Só que, em futebol, nem sempre vence o melhor. Vide 1982.<sup>480</sup>

Com o mundo globalizado, as notícias dadas pelos periódicos de outros países rapidamente foram destacadas nos jornais argentinos. O Clarín, por exemplo, relatou que a imprensa e os torcedores brasileiros festejaram a eliminação dos rivais:

No Brasil houve festejos. Centenas de pessoas saíram para celebrar a eliminação argentina, sobretudo nas ruas de São Paulo. E em algumas rádios e estações de televisão se escutou o tema “Não chores por mim Argentina”, canção que também foi entoada por um grupo de jornalistas brasileiros diante dos jogadores na concentração da sua equipe na Coreia. O site da Internet Oul Sports fez uma pesquisa e 77% se mostrou “feliz” com a notícia. O diário esportivo Lance intitulou: “Volta para casa Argentina; volta para Cuba Maradona”. E o Globo destacou em sua capa: “Não chore (llore), Argentina”.<sup>481</sup>

Além dos relatos ressaltados acima dos jornais brasileiros, o La Nacion destacou outros, como o do diário esportivo Gazeta Sportiva que teria comparado as cores dos uniformes do Brasil e da Suécia: “Argentina treme diante do amarelo e faz suas malas”.<sup>482</sup>

Para Bielsa, faltou sorte para a sua equipe e não apenas no jogo contra a Suécia, mas também contra a Inglaterra na rodada anterior. Para ele, nas duas partidas, a Argentina

---

<sup>480</sup> Idem, ibidem, p. D-9.

<sup>481</sup> CLARÍN, 13 de julho de 2002. “De la alegría ajena a las más duras críticas”. Disponível em: [https://www.clarin.com/deportes/alegria-ajena-duras-criticas\\_0\\_r1oI64x0Kg.html](https://www.clarin.com/deportes/alegria-ajena-duras-criticas_0_r1oI64x0Kg.html). Acessado em: 11 de março de 2018.

<sup>482</sup> LA NACION, 12 de junho de 2002. “La eliminación vista por los medios internacionales”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/404721-la-eliminacion-vista-por-los-medios-internacionales>. Acessado em: 11 de março de 2018.

atuou melhor que seu adversário, mas não conseguiu converter em gols o domínio obtido e as chances criadas.

“Lamento ter que dizer o mesmo, porém a Argentina teve má sorte, a mesma má sorte que teve com a Inglaterra. Tivemos cerca de 20 oportunidades de gol e a bola não queria entrar”. Expressou o treinador sobre o empate de 1 a 1 com os escandinavos, que eliminou os argentinos do Mundial.<sup>483</sup>

Para os torcedores, imprensa e técnicos argentinos, a má sorte foi apenas uma das culpadas, mas a teimosia e erros de Bielsa na escalação da equipe e na manutenção do esquema tático quando a realidade exigia mudanças, a incapacidade do ataque em converter em gols as oportunidades criadas, atletas que não chegaram na competição em sua plenitude física, o próprio peso criado pela crise econômica vivida pelo país explicariam o naufrágio da albiceleste.

Mesmo não sendo uma das francas favoritas para o título, a Seleção Brasileira era alvo da imprensa internacional. Apesar da campanha sofrível nas eliminatórias, o Brasil chegou no Mundial contando com a tradição do futebol tetracampeão e com jogadores reconhecidos internacionalmente como Roberto Carlos, Rivaldo, Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho e Cafu. Ao contrário da Argentina, o Brasil caiu em grupo bem mais fácil o que, em tese, seria interessante para uma equipe que ainda procurava um padrão de jogo e que há tempos não atuava de forma convincente.

Na véspera da partida de estreia, um susto, o volante Emerson, capitão da equipe, contundiu-se com gravidade em um recreativo, quando estava inclusive atuando de goleiro, e acabou cortado da delegação.<sup>484</sup> Para o seu lugar foi convocado Ricardinho, atleta do Corinthians.<sup>485</sup> Outra apreensão de Scolari era em relação à Ronaldo, que mesmo recuperado fisicamente, preocupava o treinador pela falta de ritmo.

---

<sup>483</sup> Idem, ibidem. “Cuando la pelota no entra, no entra”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/404720-cuando-la-pelota-no-entra-no-entra>. Acessado em: 11 de março de 2018.

<sup>484</sup> Emerson envolveu-se em situação semelhante em 1998, contudo daquela vez ele foi convocado às pressas para substituir Romário que havia se contundido dias antes da estreia do Brasil contra a Escócia.

<sup>485</sup> Era a terceira Copa que o Brasil precisava convocar atletas para substituir jogadores importantes pouco antes do início da competição. Em 1994 a equipe perdeu Mozer e Ricardo Rocha, o último já no primeiro jogo. E em 1998, como ressaltado na nota anterior, fora a vez de Romário.

Como ficou no Grupo C, as partidas da primeira fase foram disputadas na Coreia. A estreia foi contra a Turquia, no dia 3 de junho, em Ulsan, no Munsu Cup Stadium.<sup>486</sup> Nervoso em campo, o Brasil não se impunha sobre seu adversário e o primeiro tempo foi bastante equilibrado, apesar da Seleção Brasileira ter criado duas boas oportunidades de marcar. Nos descontos, aos 47 minutos, Juninho perdeu a bola no meio de campo para Basturk que avançou até a intermediária e lançou Sas dentro da área brasileira, do lado esquerdo, livre, o atacante deixou a bola quicar no chão e chutou forte, na saída de Marcos, para abrir o placar.

O Brasil voltou para a etapa final pressionando o seu adversário e o empate ocorreu aos 5 minutos, Rivaldo fez boa jogada pelo lado esquerdo, cruzou na área, e Ronaldo se esticou para desviar a bola e colocá-la para o fundo das redes. Aos 17 minutos, Rivaldo chegou a marcar, mas o árbitro invalidou o gol, alegando impedimento. Mesmo não atuando bem, o Brasil criava as melhores oportunidades, mas não virava o placar. Aos 40 minutos, o excelente goleiro turco saiu jogando mal, Luizão, que havia entrado no lugar de Ronaldo, roubou a bola e partiu em direção do gol quando foi agarrado próximo da entrada da área, o juiz equivocadamente marcou a penalidade máxima para o Brasil e ainda expulsou, desta vez acertadamente, Alpay. Rivaldo, aos 42 minutos, cobrou e deu número finais para o encontro. O Brasil venceu, sem convencer, o seu primeiro adversário por 2X1.<sup>487</sup>

Os jornais brasileiros avaliaram duramente a apresentação do Brasil. “Sufoco do início ao fim” foi a manchete do Jornal do Brasil.<sup>488</sup> O jornal carioca ainda destacou a insegurança da defesa brasileira que não deixou “nenhum torcedor brasileiro sofrer de tédio”.<sup>489</sup> A Folha de São Paulo não foi mais condescendente:

Apesar de a seleção ter conseguido a primeira vitória na Copa, os jogadores esqueceram as três semanas de ensaio comandadas pelo técnico Luiz Felipe Scolari ao entrar no estádio Munsu. Nada funcionou como planejado pelo

---

<sup>486</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Marcos, Lúcio, Edmilson, Roque Júnior, Cafu, Gilberto Silva, Juninho Paulista (Vampeta), Rivaldo, Roberto Carlos, Ronaldinho Gaúcho (Denílson) e Ronaldo (Edílson). Escalação da Seleção Turca: Rustu, Korkmaz (Mansiz), Fatih Akiel, Alpay Ozalan, Tugay (Erdem), Umit Ozat, Emre, Hakan, Basturk (Davala), Sas e Sukur. O árbitro da partida foi o sul-coreano Kim Young-Joo

<sup>487</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. SANCHEZ, Oswaldo. “BRASIL VS TURQUIA, RONALDO, COREA-JAPON 2002”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GN5LYh8ZleU>. Acessado em: 11 de março de 2018.

<sup>488</sup> JORNAL DO BRASIL, 4 de junho de 2002, p. 1 (Esportes).

<sup>489</sup> Idem, ibidem, p. 3.

treinador desde as prometidas blitzes até o entrosamento do trio de ataque formado por Ronaldo, Rivaldo e Ronaldinho.<sup>490</sup>

Eles também foram unânimes em afirmar a ajuda do árbitro. “Favor do juiz salva a estreia do Brasil” foram as palavras do periódico carioca.<sup>491</sup> Já a Folha de São Paulo afirmou: “O coreano Kim Young-joo, 44, mostrou ontem que, no apito, o Brasil parece estar protegido”.<sup>492</sup> Obviamente que a atuação do árbitro também foi assunto dos jornais argentinos:

A história brasileira não precisa ganhar assim. Os craques não jogaram bem contra a Turquia e, de fato, a partida foi muito complicada, ao ponto que o empate parecia um resultado imutável. Mas não. Ganhou o Brasil. E ganhou como não o aceita o mundo do futebol. Quando Brasil e Turquia empatavam em um gol, apareceu o árbitro sul-coreano Kim e se converteu no personagem principal de uma partida que não será recordada pelo jogo, mas pela ajuda que o juiz deu ao Brasil para que a estreia na Copa do Mundo dos canarinhos fosse triunfante.<sup>493</sup>

O Clarín também destacou, por um lado, o erro do árbitro da partida, a dependência do Brasil da dupla Ronaldo - Rivaldo, da atuação abaixo do esperado da Seleção Brasileira, e por outro lado, demonstrou um aspecto positivo, a de buscar a vitória ao longo de toda a partida.

Não é ruim que o Brasil dependa tanto de Ronaldo e Rivaldo. No final, são seus jogadores que mais desequilibram [uma partida] e toda equipe, por melhor que seja coletivamente, sempre joga no ritmo de suas individualidades. No entanto, esperava-se mais do Brasil. A Turquia, que mostrou um jogador muito interessante como Hasan Sas, esteve a ponto de condenar o Brasil a uma das páginas mais humilhantes de sua história. O Brasil foi, em desvantagem, para o intervalo e caminhou uma boa parte da partida próximo do abismo. Porém, no fim, por virtudes próprias e ajudas externas, somou três pontos que o deixam próximos das oitavas de final. Claro que o Brasil também mostrou algo substancial: sua intenção de ir buscar a vitória em todos os momentos.<sup>494</sup>

---

<sup>490</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 4 de junho de 2002, p. D-4.

<sup>491</sup> JORNAL DO BRASIL, 4 de junho de 2002, p. 3 (Esportes).

<sup>492</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 4 de junho de 2002, p. D-1.

<sup>493</sup> LA NACION, 3 de junho de 2002. “Brasil: demasiada historia para ganar asi?”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/402226-brasil-demasiada-historia-para-ganar-asi>. Acessado em: 11 de março de 2018.

<sup>494</sup> CLARÍN, 3 de junho de 2002. “Brasil: muchas dudas e dos estrellas?”. Disponível em: [https://www.clarin.com/deportes/brasil-muchas-dudas-estrellas\\_0\\_HyzWUkBeCFE.html](https://www.clarin.com/deportes/brasil-muchas-dudas-estrellas_0_HyzWUkBeCFE.html). Acessado em: 11 de março de 2018.

Cinco dias depois, 8 de junho, no Jeju World Cup Stadium, em Seogwui, o Brasil enfrentou o adversário teoricamente mais frágil do grupo, a China. A vitória praticamente garantiria a equipe na fase seguinte da competição.<sup>495</sup> Sem grande tradição no futebol, os chineses foram facilmente derrotados pelo Brasil por 4X0, em uma partida que foi quase um treino “ataque contra defesa”. Aos 14 minutos, Roberto Carlos, em cobrança de falta violenta, abriu o placar. Aos 31 minutos Cafu cruzou para Ronaldo, a zaga cortou parcialmente e a bola ficou com Ronaldinho Gaúcho do lado esquerdo da área, ele então cruzou certo para Rivaldo chutar e marcar o segundo gol do Brasil. Antes de terminar a primeira etapa, Ronaldo foi puxado pela camisa dentro da área, pênalti que Ronaldinho Gaúcho converteu aos 44 minutos.

Com a vitória assegurada, o Brasil reduziu o ritmo na etapa final, mesmo assim marcou o quarto gol, aos 9 minutos. Rivaldo fez primoroso lançamento para Cafu que ao matar no peito se livrou de um marcador, passou por outro e na linha de fundo cruzou para Ronaldo, livre, dentro da área, apenas completar para as redes.<sup>496</sup>

Armando Nogueira resumiu o que foi a partida:

A Seleção Chinesa, muito voluntariosa, ainda está nos cueiros do futebol. Sua bola é diminuta como a bola de ping-pong, esse sim, o esporte em que são mestres incomparáveis. A partida, como eu disse acima, não passou de um alegre bate-bola brasileiro.<sup>497</sup>

Para o *La Nación*, a “fórmula R” enfim funcionou, é verdade que diante de um frágil adversário, que pouco exigiu da Seleção Brasileira. A equipe atuou de forma lenta e pouco se esforçou para construir o confortável resultado. Opinião semelhante a do *Olé* e a do *Clarín*.

A Fórmula R do Brasil apareceu. Se falou muito dela antes do início do Mundial, porém na estreia apenas se vislumbrou. Se temia que seus

---

<sup>495</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Marcos, Lúcio, Anderson Polga, Roque Júnior, Cafu, Gilberto Silva, Juninho Paulista (Ricardinho), Ronaldinho Gaúcho (Denílson), Roberto Carlos, Rivaldo e Ronaldo (Edílson). Escalação da Seleção Chinesa: Jiang Jin, Xu Yunlong, Du Wei, Li Weifeng, Wu Chengying, Li Tié, Li Xiaopeng, Zhao Junzhe, Qi Hong (Saho Jiayi), Ma Mingyu (Yang Pu) e Hão Haidong (Qu Bo). O árbitro da partida foi o sueco Anders Frisk.

<sup>496</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. DANESOUZACOPAS. “Copa do Mundo 2002 - Brasil 4 x 0 China”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KeV3edoY0Bo>. Acessado em: 11 de março de 2018.

<sup>497</sup> JORNAL DO BRASIL, 9 de junho de 2002, p. 3 (Esporte).

componentes – Rivaldo, Ronaldo e Ronaldinho – não conseguissem encaixar a mistura necessária. Mas funcionou, ao menos, ante o débil conjunto da China. (...) No entanto, os jogadores brasileiros se moveram em um ritmo lento, sem esforço, sem marcar demasiado (...). A vantagem não modificou a situação do jogo. O Brasil era dominador da partida, embora mais pela enorme incapacidade e debilidade de seu rival do que por seu próprio esforço e qualidade.<sup>498</sup>

A rodada final foi disputada no dia 13 de junho. Com o empate entre Turquia e Costa Rica no dia 9 de junho, ainda pela segunda rodada, o Brasil entrou em campo já classificado para enfrentar a seleção da América Central<sup>499</sup> que, por sua vez, dependia de um empate para avançar para a fase seguinte sem depender do resultado entre China e Turquia. A partida foi disputada no Suwon World Cup Stadium, em Suwon. Scolari aproveitou a oportunidade para escalar alguns reservas nos lugares de atletas que haviam recebido cartão amarelo ou que mostravam algum desgaste físico.<sup>500</sup>

A Seleção Brasileira começou dominando o seu adversário e antes dos primeiros quinze minutos, Ronaldo já havia balançado a rede duas vezes. No primeiro gol, aos 10 minutos, Edílson foi acionado pela esquerda e cruzou para Ronaldo, o zagueiro Marin, no desespero, acabou fazendo contra, mas o árbitro assinalou para o atacante brasileiro. Três minutos depois, Rivaldo cobrou escanteio pela esquerda, Ronaldo matou a bola, livrou-se dos zagueiros e chutou cruzado para vencer o goleiro da Costa Rica. Aos 37 minutos, Edmilson, de meia bicicleta, após cruzamento de Júnior da esquerda, marcou o terceiro do Brasil. Mas, se o ataque funcionava, a defesa continuava falhando, “insônia garantida: defesa do Brasil tira mais sono do que horário dos jogos” afirmou o Jornal do Brasil.<sup>501</sup> E em virtude das inúmeras falhas, um minuto depois do gol de Edmilson a Costa Rica diminuiu o placar com Wanchope. “Os toques macabros começaram ainda no primeiro tempo, no gol de Wanchope, que tabelou impunemente com Wright no meio da área antes de marcar”.<sup>502</sup> O Brasil ainda criou duas

---

<sup>498</sup> LA NACION, 3 de junho de 2002. “La Fórmula R: el camino al gol de Brasil”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/403654-la-formula-r-el-camino-al-gol-de-brasil>. Acessado em: 12 de março de 2018.

<sup>499</sup> A Costa Rica era dirigida por Alexandre Guimarães que se tornou, nesta partida, o primeiro brasileiro a enfrentar a Seleção Brasileira como jogador (1990) e como treinador (2002).

<sup>500</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Marcos, Lúcio, Anderson Polga, Edmilson, Cafu, Gilberto Silva, Juninho Paulista (Ricardinho), Rivaldo (Kaká), Júnior, Edílson (Kléber) e Ronaldo. Escalação da Seleção Costarriquenha: Lonnis, Wright, Marin, Martinez (Parks), Wallace (Bryce), Solis, López, Castro, Centeno, Gomez e Wanchope. O árbitro da partida foi o egípcio Gamal El Ghandour.

<sup>501</sup> JORNAL DO BRASIL, 14 de junho de 2002, p. 1 (Esportes).

<sup>502</sup> Idem, *ibidem*, p. 3.

oportunidades de ampliar o resultado no primeiro tempo com Rivaldo, uma delas inclusive acertando a trave da Costa Rica.

A equipe dirigida por Alexandre Guimarães, precisando de um empate, voltou determinada a atacar e aproveitar a fragilidade da defesa do Brasil na segunda etapa. Criou algumas chances de marcar até que Gomez concluiu, aos 9 minutos, de cabeça, depois de cruzamento de Bryce.

Os zagueiros foram responsáveis pelos desnecessários 15 minutos de drama na vitória sobre a Costa Rica (...). No início do segundo tempo, a Costa Rica encurralou o Brasil, até o gol de Gomez, numa falha conjunta de Lúcio, Anderson Polga e Edmílson.<sup>503</sup>

Scolari tirou Juninho e Edílson e colocou Ricardinho e Kleberson respectivamente, a equipe voltou a dominar o seu adversário. Aos 17 minutos, Júnior fez boa jogada pela esquerda e cruzou rasteiro para Rivaldo completar para o gol. No minuto seguinte, o próprio Júnior deu números finais para o confronto, ao receber passe de Edmílson e entrar livre na área para marcar.<sup>504</sup> Desde 1958, o Brasil não vencera uma partida de Mundial marcando cinco gols. Com a vitória, o Brasil garantiu, juntamente com a Espanha no Grupo B, 100% de aproveitamento na primeira fase da Copa do Mundo. A Costa Rica acabou desclassificada no saldo de gols, pois a Turquia venceu a China por 3X0.

Marcos Caetano, colunista do Jornal do Brasil, chamava atenção para a ironia enfrentada por Scolari, que havia moldado sua carreira nos clubes e apostado suas fichas na Seleção Brasileira em um forte sistema defensivo, no entanto, era o ataque, símbolo do futebol nacional, que brilhava e dava alento aos torcedores do Brasil, enquanto a defesa lhe dava preocupações.

O técnico da Seleção apostou todas as suas fichas na defesa. Acreditava com total sinceridade que ela definiria o padrão de jogo do time, lhe daria o ritmo e lhe emprestaria alma e personalidade. O Brasil, segundo ele, seria uma equipe reconhecida, antes de mais nada (sic), pelo enorme poder de marcação. (...) O time brasileiro, concebido para ser implacável na marcação, tem hoje uma das mais frágeis defesas do torneio. (...) E eis aqui a

---

<sup>503</sup> Idem, ibidem, p. 3.

<sup>504</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOS DO BRASIL. “Copa 2002: Brasil 5x2 Costa Rica”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4jjgDHbzWdQ>. Acessado em: 12 de março de 2018.

derradeira ironia, desta Copa cheia de ironias: Felipão construiu sua carreira e pensou seu projeto para a Seleção Brasileira sobre o ideal de um time sólido na defesa e econômico no ataque. Agora, poderá se consagrar com um time que joga de forma diametralmente oposta. Esqueça os três zagueiros, caro leitor. Se o Brasil ganhar esta Copa será graças ao nosso ataque. Os *strikers*, que andavam tão esquecidos pelo Felipão.<sup>505</sup>

Para a imprensa argentina, o Brasil se consolidava como uma das seleções favoritas ao título e com opinião semelhante a que foi expressa por Marcos Caetano, descrita acima, era uma equipe com mostrava formidável poder ofensivo e uma defesa preocupante. “É letal, mortal no lugar decisivo; (...) é totalmente permeável em sua parte defensiva”, resumiu o *La Nacion*.<sup>506</sup>

O Brasil partiu para o Japão para enfrentar a Bélgica nas oitavas de final. A equipe europeia se classificou na segunda posição no Grupo H que teve como líder um dos anfitriões do torneio, a Seleção Japonesa. Para muitos analistas brasileiros, em decorrência da fragilidade dos adversários até agora enfrentados, a Copa “efetivamente” começaria a partir desta etapa. Os belgas, também conhecidos como “diabos vermelhos” jogavam seu sexto Mundial consecutivo e o décimo primeiro de sua história.

Brasileiros e belgas enfrentaram-se na noite de 17 de junho, no estádio Kobe Wing, na cidade de Kobe, Japão. Scolari voltou a colocar em campo a equipe que considerava a principal.<sup>507</sup> O primeiro tempo foi muito equilibrado, com os dois times exercendo forte marcação, da mesma forma que criaram boas chances de marcar. Nesta etapa, um gol anulado do atacante Wilmots, ensejou muito debate e reacendeu a discussão sobre o favorecimento da arbitragem em relação ao Brasil. O árbitro jamaicano considerou que Wilmots havia cometido falta sobre Roque Júnior antes de cabecear para o gol brasileiro. “Pode ter sido – mas, a olho nu, pareceu mais uma ajuda da arbitragem para a coleção brasileira nas Copas. Foi, no mínimo, uma marcação incomum do árbitro”.<sup>508</sup>

---

<sup>505</sup> JORNAL DO BRASIL, 14 de junho de 2002, p. 3 (Esportes).

<sup>506</sup> LA NACION, 13 de junho de 2002. “Brasil se consolidó como candidato con una goleada”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/404992-brasil-se-consolido-como-candidato-con-una-goleada>. Acessado em: 12 de março de 2018.

<sup>507</sup> Escalação da Seleção Belga: De Vlieger, Peeters (Sonck), Vanderhaeghe, Van Buyten, Van Kerckhoven, Simons, Walem, Goor, Wilmots, Verheyen e Mpenza. Escalação da Seleção Brasileira: Marcos, Lúcio, Roque Júnior, Edmilson, Cafu, Gilberto Silva, Juninho Paulista (Denílson), Ronaldinho Gaúcho (Kléberson), Roberto Carlos, Rivaldo (Ricardinho) e Ronaldo. O árbitro da partida foi o jamaicano Peter Prendergart.

<sup>508</sup> JORNAL DO BRASIL, 19 de junho de 2002, p. 3 (Esportes).

O segundo tempo começou com a Bélgica exercendo forte pressão e exigindo excelentes defesas de Marcos, goleiro do Brasil, que se transformou no principal jogador da partida. Aos 21 minutos, quando mais agudo era o sufoco, “a Copa do Mundo fez uma daquelas maldades inesquecíveis dessa vez com os belgas”.<sup>509</sup> Ronaldinho Gaúcho cruzou de trivela para Rivaldo, ele matou no peito, da meia-lua, virou e bateu forte. A bola ainda desviou na ponta da chuteira do zagueiro Simons impedindo a defesa do goleiro belga. Brasil 1X0.

A Bélgica, sem alternativa, lançou-se ao ataque e a fragilidade da defesa brasileira voltou a aparecer, assim como as defesas de Marcos. A entrada de Kléberson melhorou a marcação da equipe de Scolari. Faltando três minutos para o encerramento do tempo regulamentar, Gilberto Silva dividiu uma bola próximo ao meio de campo, a bola sobrou para Kléberson que avançou em velocidade até a proximidade da área belga, o meio campista cruzou rasteiro para Ronaldo concluir entre as pernas do goleiro adversário e garantir a vitória e a classificação do Brasil para as quartas de final.<sup>510</sup> De quebra, o então atleta do Atlético Paranaense garantiu a titularidade para os jogos seguintes.

Mesmo ciente das dificuldades apresentadas pelo sistema defensivo brasileiro, Tostão percebia chances reais em relação à conquista do título em virtude do poderio ofensivo.

Foi uma ótima partida. Equilibrada. A melhor apresentação brasileira, já que a Bélgica é bem melhor do que os adversários anteriores. (...) Apesar de algumas deficiências, a seleção brasileira mostrou que tem condições de ganhar o título. Não será fácil contra a Inglaterra. Mas nenhuma seleção do mundo tem três atacantes tão bons quanto os do Brasil. Se Rivaldo e os dois Ronaldos estivessem do outro lado, provavelmente o placar teria sido de 2 a 0 para a Bélgica. Felizmente, eles atuam no Brasil.<sup>511</sup>

No entanto, a euforia não era unânime, outros cronistas do periódico paulista reclamavam bastante da Seleção, especialmente da falta de articuladores no meio de campo.

---

<sup>509</sup> Idem, *ibidem*, p. 3.

<sup>510</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOS DO BRASIL. “Copa 2002: Brasil 2x0 Bélgica”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ts9Z7u6d3B4>. Acessado em: 12 de março de 2018.

<sup>511</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 19 de junho de 2002, p. D-3.

“Até o mais obscuro parafuso do estádio de Kobe via que o que faltava ao Brasil era articulação no meio-de-campo”.<sup>512</sup>

O La Nacion ressaltou “Brasil segue com polêmica” chamando atenção para o gol que o periódico considerou mal anulado pelo árbitro da partida e ainda lembrou o “auxílio” que a Seleção recebeu na partida de estreia contra a Turquia. De qualquer forma, o jornal argentino destacou que o Brasil é uma das poucas seleções do mundo que, quando “confrontada com um rival de qualidade inferior, transmite a sensação que o tirará do seu caminho, mesmo jogando mal”. Para o jornal foi exatamente o que ocorreu na partida contra a Bélgica, “quando ele está prestes a atingir o limite, algumas de suas muito boas individualidades se conectam e as questões são resolvidas”.<sup>513</sup> Ou seja, a habilidade do jogador brasileiro é um diferencial a seu favor segundo o periódico citado.

Daniel Arcucci teceu duras críticas aos árbitros que atuaram nas partidas da Seleção Brasileira, para ele não só os adversários, mas ao que parecia, também os juizes, passaram a temer a camisa amarela. O cronista afirmou que as individualidades brasileiras não necessitam e não merecem a ajuda dos árbitros para alcançarem as vitórias. Para ele, a chamada “Bomba R” deveria ser o suficiente para impor a “Bomba M”, do medo, em seus adversários, contudo, ironiza: “Esse medo insuportável que apenas o Brasil infunde em seus rivais, e não precisamente por seu jogo. Esse medo insuportável que alguém sente quando tem a intuição de que, no dia, na hora e no lugar indicados, alguém vai lhe roubar”.<sup>514</sup>

As oitavas de final reservou outras surpresas, a primeira foi a vitória por 2X0 dos Estados Unidos sobre o México. Mas, a maior “zebra” foi a eliminação da tricampeã, Itália, para a Coreia do Sul. O tempo regulamentar terminou empatado em 1X1. Os italianos reclamaram muito da arbitragem que anulou um gol legítimo de sua equipe aos 5 minutos da etapa final da prorrogação. Aos 12 minutos, Jung-hwan fez o “gol de ouro” para os coreanos que classificou a equipe anfitriã.<sup>515</sup>

---

<sup>512</sup> Idem, *ibidem*, p. D-11.

<sup>513</sup> LA NACION, 13 de junho de 2002. MAURI, Claudio. “Cuestión de poder”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/406179-cuestion-de-poder>. Acessado em: 12 de março de 2018.

<sup>514</sup> Idem, *ibidem*. ARCUCCI, Daniel. “Brasil y el otro miedo”. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/406200-brasil-y-el-otro-miedo>. Acessado em: 12 de março de 2018.

<sup>515</sup> A desclassificação por erro da arbitragem revoltou os italianos, a ponto do Perugia, equipe em que Jung-hwan atuava, tê-lo demitido. Logo depois, dada a repercussão negativa da decisão, a equipe se arrependeu e voltou atrás, mas aí foi o atleta que resolveu não jogar mais pela equipe italiana. Cf. CARLOS JURADO, J. “Ahn

Nas quartas de final o Brasil enfrentou a Inglaterra, que havia eliminado a Dinamarca na fase anterior. Embora as estatísticas fossem amplamente favoráveis ao Brasil, com duas vitórias e um empate em três confrontos em Copas do Mundo, muitos analistas, diante das dificuldades apresentadas, especialmente no setor defensivo da Seleção Brasileira, acreditavam que dificilmente a equipe superaria os ingleses.

A partida entre brasileiros e ingleses foi disputada no dia 21 de junho, no estádio Shizuoka Ecopa, em Shizuoka.<sup>516</sup> O início da partida foi equilibrado, os ingleses começaram mais retraídos e com isso o Brasil teve o domínio territorial. Aos 22 minutos, Lúcio cometeu falha grosseira ao tentar interceptar um lançamento inglês para o seu ataque e a bola sobrou para Owen, livre, avançar e tocar por cima, na saída de Marcos. O Jornal do Brasil, que criticava muito a atuação da defesa brasileira, não perdeu a oportunidade para afirmar que com a jogada “Lúcio garantiu, sem esforço, o lugar de pior entre os horríveis zagueiros da Seleção”.<sup>517</sup> O Brasil sentiu o gol e os ingleses criaram oportunidades de ampliar o placar. Aos poucos o jogo novamente se equilibrou e nos acréscimos, aos 46 minutos, Rivaldo empatou a partida. Ronaldinho Gaúcho, que realizou excelente apresentação, arrancou do meio campo, deu uma “pedalada” memorável e desconcertante em Ashley Cole e, na entrada da grande área, tocou para Rivaldo, na direita, que chutou rasteiro, cruzado, no canto do goleiro Seaman. O empate trouxe maior tranquilidade para a Seleção Brasileira.

O Brasil voltou melhor na etapa final e aos 4 minutos Kléberson recebeu falta na intermediária direita, Ronaldinho Gaúcho se prontificou para a cobrança. Ciente que o goleiro inglês se adiantava, com o intuito de interceptar os possíveis cruzamentos, o jogador brasileiro, a 30 metros do gol, chutou com veneno, até hoje se discute se ele efetivamente chutou ou se cruzou, mas o fato é que ela encobriu o goleiro inglês e morreu dentro das redes. Um inesperado golaço. O jogador sempre afirmou que o seu chute foi intencional. A Seleção Brasileira virou o placar. Oito minutos depois, Ronaldinho Gaúcho voltou a marcar o seu nome na partida, desta vez por uma expulsão desnecessária, ao solar o zagueiro Mills.

---

elimino a Itália... y fue despedido”. Disponível em: [http://www.marca.com/reportajes/2010/05/corea\\_y\\_japon\\_2002/2010/05/10/seccion\\_01/1273512046.html](http://www.marca.com/reportajes/2010/05/corea_y_japon_2002/2010/05/10/seccion_01/1273512046.html). Acessado em: 12 de março de 2018.

<sup>516</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Marcos, Lúcio, Roque Júnior, Edmilson, Cafu, Gilberto Silva, Kléberson, Ronaldinho Gaúcho, Roberto Carlos, Rivaldo e Ronaldo (Edílson). Escalação da Seleção Inglesa: Seaman, Mills, Ferdinand, Campbell, Cole (Sheringham), Butt, Scholes, Sinclair (Dyer), Beckham, Owen (Vassell) e Heskey. O árbitro da partida foi o mexicano Felipe Ramos Rizo.

<sup>517</sup> JORNAL DO BRASIL, 22 de junho de 2002, p. 3 (Esportes).

Esperava-se que a Inglaterra, com 30 minutos ainda por jogar, sufocasse o Brasil, mas isso não aconteceu. Aparentemente extenuados fisicamente, os ingleses trataram de alçar bolas altas na área brasileira que a zaga afastava sem maiores dificuldades a ponto do “sempre seguro goleiro Marcos ter encerrado o dia sem fazer uma defesa difícil sequer”.<sup>518</sup> Com a vitória por 2X1,<sup>519</sup> a imprensa nacional acreditava que o país disputaria a final da Copa do Mundo, afinal, segundo ela, a seleção dificilmente seria eliminada pelo próximo adversário, na semifinal, que sairia do confronto entre Turquia e Senegal.

A imprensa brasileira, depois da vitória contra os ingleses, começou a dar mostras de otimismo e da real possibilidade da conquista do título. José Geraldo Couto, até então extremamente crítico, afirmou:

Contra o melhor adversário, o Brasil, como era esperado, jogou sua melhor partida. Mais que isso: pela primeira vez, jogamos como campeões do mundo. Isso não quer dizer que a seleção tenha sido perfeita contra a Inglaterra, ou que não haja nada a ser consertado. Houve erros, mas foram, em sua maioria pontuais (...). O importante é que a equipe mostrou ao mesmo tempo força, equilíbrio e habilidade. Pela primeira vez nesta Copa, a seleção apresentou-se como um organismo coletivo, e não um amontoado de talentos individuais.<sup>520</sup>

Para o jornalista argentino Claudio Mauri, apesar de o Brasil praticar um futebol de resultados, de não ser uma equipe muito audaciosa, quando, em alguns momentos, ela se remete, ao que ele denomina, à sua essência, ou seja, as jogadas individuais e à riqueza técnica do seu futebol, não só oferece ao mundo um belo espetáculo como conquista vitórias como a que foi obtida contra a Inglaterra.

A audácia não abunda, o resultado é o que impera e o respeito ao rival respondeu com doses similares de cautela, mas o Brasil todavia conserva pequenos e determinantes reflexos que o remetem a sua essência, essa que o tem como o melhor produtor mundial de um futebol rico em matizes, inesgotável em individualidades capazes de desequilibrar e em vocação vencedora. Por mais que tenha incorporado a modernidade das equipes lutadoras, dessas que pensam que o principal é não dar nada, o Brasil segue oferecendo alguns gestos técnicos deliciosos, arranques individuais demolidores e um apego pela bola que, embora não seja mais o de seus

---

<sup>518</sup> Idem, *ibidem*, p. 3.

<sup>519</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. ARTILES, Fabiano. “Brasil 2 X 1 Inglaterra - Copa do Mundo 2002 (Quartas de Finais)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Oe9FiNPoPuM>. Acessado em: 15 de março de 2018.

<sup>520</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 22 de junho de 2002, p. D-13.

tempos mais gloriosos, o coloca acima da média das seleções deste Mundial.<sup>521</sup>

O jornalista também acreditava que o Brasil estaria na final da Copa do Mundo, pois não acreditava que Turquia ou Senegal seriam capazes de superá-lo na etapa seguinte. Já o Clarín, afirmou que a tática inglesa utilizada contra a Argentina, fechar-se na defesa e contra-atacar, não gerou os resultados esperados contra o Brasil e, finalmente, destacou a festa promovida entre centenas de brasileiros e argentinos, torcendo contra a Inglaterra e, assim, deixava de lado as rivalidades continentais, em bares de Buenos Aires.

Ontem deu vontade de ser brasileiro. Pelo menos, isso aconteceu com 500 argentinos que assistiram ao jogo contra a Inglaterra em um bar no centro de Buenos Aires. Durante três horas não dissimularam sua adoração por um povo alegre como poucos e se aliaram aos brasileiros em uma sociedade intolerável para a clássica rivalidade futebolística, mas irresistíveis pela simpatia que geram. (...) A madrugada de Buenos Aires estava gelada, mas o bar Celta era um inferno. Pelo calor e, claro, pelas meninas que se requebravam com a música baiana. “Aquele que não pula é um inglês”, cantavam os argentinos e seguiram os brasileiros. “Tetracampeão”, gritavam os brasileiros e seguiram os argentinos, desfazendo os códigos de inimizade esportiva com o Brasil.<sup>522</sup>

A Alemanha derrotou os Estados Unidos por 1X0 e avançou para as semifinais, quando enfrentaria a Seleção da Coreia do Sul que havia eliminado, em mais uma partida com muita polêmica em relação à arbitragem, a Seleção da Espanha na disputa por pênaltis. A Turquia venceu o Senegal por 1X0 e seria a adversária do Brasil.

O novo confronto entre Brasil e Turquia, agora valendo uma vaga para a grande final da Copa do Mundo, ocorreu no dia 26 de junho de 2002, em Daegu, no Daegu World Cup Stadium.<sup>523</sup> A Turquia, primeiro país muçulmano a chegar a fase semifinal de uma Copa do Mundo, percebia a partida como uma possibilidade de “revanche” do confronto contra os brasileiros na primeira fase quando foi prejudicada pela arbitragem. A grande diferença para o

---

<sup>521</sup> LA NACION, 21 de junho de 2002. MAURI, Claudio. “Brasil apelo a sus raíces”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/407316-brasil-apelo-a-sus-raices>. Acessado em: 15 de março de 2018.

<sup>522</sup> CLARÍN, 22 de junho de 2002. “Fiesta en la madrugada”. Disponível em: [https://www.clarin.com/deportes/fiesta-madrugada\\_0\\_HyzJ2NIAFI.html](https://www.clarin.com/deportes/fiesta-madrugada_0_HyzJ2NIAFI.html). Acessado em: 15 de março de 2018.

<sup>523</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Marcos, Lúcio, Roque Júnior, Edmilson, Cafu, Gilberto Silva, Kléberson (Beletti), Rivaldo, Roberto Carlos, Edílson (Denílson) e Ronaldo (Luisão). Escalação da Seleção Turca: Rustu, Fatih Akiel, Korkmaz, Alpay Ozalan, Ergun, Tugay, Davala (Izzet), Emre (Mansiz), Basturk (Erdem), Sas e Sukur. O árbitro da partida foi o dinamarquês Kim Milton-Nielsen.

novo confronto era que a seleção sul-americana havia se encorpado no decorrer da competição.

Sem Ronaldinho Gaúcho, expulso no jogo contra a Inglaterra, o duelo começou equilibrado, Edílson não realizava grande partida e Rivaldo, deslocado de sua posição, também não se apresentava tão bem, no entanto, por conta própria, a partir dos 20 minutos da primeira etapa, Rivaldo buscou se aproximar da área adversária, tal como jogou nas partidas anteriores e a produção da equipe brasileira cresceu. As chances criadas paravam na boa atuação do goleiro Rustu. O primeiro tempo terminou empatado sem gols.

No início do segundo tempo, aos 4 minutos, Ronaldo, dúvida para o jogo em virtude de cansaço muscular, já com o cabelo ao estilo “Casção”, recebeu a bola pelo lado esquerdo da área adversária e, mesmo cercado por quatro adversários, chutou com o bico da chuteira e marcou o gol da vitória brasileira. “Nenhum gol de bico que eu fiz foi tão importante quanto esse”, confidenciou o atacante.<sup>524</sup> Depois do gol a Seleção Brasileira ainda criou e perdeu pelo menos três outras excelentes oportunidades de ampliar o placar. A Turquia nervosa, pouco produzia. Ao final dos 90 minutos, Brasil 1X0 e vaga garantida para disputar sua terceira final de Copa do Mundo consecutiva,<sup>525</sup> feito inédito dos brasileiros e que somente seus adversários na grande final, os alemães, haviam conseguido realizar.

Na outra semifinal, a Alemanha superou a denominada “maré vermelha”, ou seja, a Coreia do Sul. Dessa vez, sem erros de arbitragem, a equipe da casa, que criou chances reais de gols, foi superada pelo seu adversário aos 30 minutos da etapa final. Ballack marcou para os alemães. O habilidoso atleta alemão, no entanto, não atuaria na partida final, pois recebeu o segundo cartão amarelo na partida e teria que cumprir a suspensão automática contra o Brasil.

É incrível como tudo pode mudar tão rapidamente. O Brasil, antes da Copa totalmente desacreditado, está na final, assim com a Alemanha, que também não estava convencendo ninguém. França e Argentina, os bicho-papões, foram para casa antes dos outros.<sup>526</sup>

---

<sup>524</sup> GLOBOESPORTE.COM. “10 anos do Penta: Seleção derrota Turquia, novamente, e avança à final”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2012/08/10-anos-do-penta-selecao-derrota-turquia-novamente-e-avanca-final.html>. Acessado em: 19 de março de 2018.

<sup>525</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOSDOBASIL. “Copa 2002: Brasil 1x0 Turquia”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B9LBUj2WpOo>. Acessado em: 19 de março de 2018.

<sup>526</sup> JORNAL DO BRASIL, 27 de junho de 2002, p. 7 (Esportes).

O *La Nacion* sintetizou: “Que jamais se dê por descartado o Brasil”.<sup>527</sup> O periódico relatou a desconfiança que a Seleção Brasileira gerou entre os seus próprios torcedores em virtude da sofrível campanha nas eliminatórias e das derrotas inesperadas, como a sofrida para Honduras, na Copa América. No entanto: “Hoje, com a classificação para a final do Mundial Coreia-Japão, o Brasil demonstrou mais uma vez que os tropeços circunstanciais não o afetam, e que graças a sua matéria-prima é capaz de avançar na hora da verdade”.<sup>528</sup>

Seguindo o mesmo discurso de outros jornalistas argentinos sobre a importância da capacidade técnica de um atleta em desequilibrar uma partida, Claudio Mauri afirmou que foi a individualidade brasileira que superou a coletividade turca. A qualidade dos jogadores brasileiros, sua hierarquia, levaram a equipe para a terceira final consecutiva, sentenciou o cronista.<sup>529</sup> “Foi um choque de estilos muito marcados, com os turcos movendo-se em função coletiva, com toque e uma sólida estrutura grupal, e com o Brasil mostrando mais desequilíbrio graças às individualidades”.<sup>530</sup>

A opinião expressa pelo *Clarín* não era distinta:

Nada que não seja conhecido. Nenhuma revolução conceitual, nenhuma surpresa profunda. O Brasil atingiu o penúltimo salto porque conta com jogadores que os outros não têm. Em uma idade em que o futebol é muito cauteloso e os encantos são escassos, ele expõe alguns nomes que sabem quebrar a monotonia.<sup>531</sup>

O periódico argentino não deixou de expressar sua saudade pelo futebol encantador apresentado pela Seleção Brasileira em outros mundiais e que não é mais capaz de reproduzir na mesma intensidade, mesmo tendo uma equipe superior as demais. Por essa visão o conjunto brasileiro conta com um duplo parentesco, a lembrança de seu grande futebol, demonstrado nos jogadores capazes de fazer a diferença e no pragmatismo dos

---

<sup>527</sup> LA NACION, 26 de junho de 2002. “Brasil siempre es protagonista”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/408587-brasil-siempre-es-protagonista>. Acessado em: 19 de março de 2018.

<sup>528</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>529</sup> Idem. MAURI, Claudio. “Brasil quiere el penta”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/408601-brasil-quiere-el-penta>. Acessado em: 19 de março de 2018.

<sup>530</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>531</sup> CLARÍN, 27 de junho de 2002. “Ahora Brasil quiere el quinto título y toda la gloria”. Disponível em: [https://www.clarin.com/deportes/ahora-brasil-quiere-quinto-titulo-toda-gloria\\_0\\_S1uVsEeRYx.html](https://www.clarin.com/deportes/ahora-brasil-quiere-quinto-titulo-toda-gloria_0_S1uVsEeRYx.html). Acessado em: 19 de março de 2018.

resultados. Por isso, a vitória contra a Turquia (como as demais no decorrer da Copa) não foi uma “exibição deslumbrante, nem vitória irresistível, nem um convite para não parar de aplaudir. (...) como quando foi campeão em 1994, faz o que é necessário e até o extraordinário, mas não o encantador para marcar a diferença”.<sup>532</sup>

Na disputa pela terceira posição, a Turquia derrotou a Coreia do Sul por 3X2, em partida disputada no dia 29 de junho em Daegu. Os turcos alcançaram sua melhor posição em mundiais e a Coreia obteve a mais elevada colocação de uma seleção asiática na história das Copas do Mundo.

A final da Copa de 2002 reuniu duas das maiores potências do futebol mundial, ambas disputando sua sétima decisão de Copa do Mundo. O Brasil contava com quatro títulos e a Alemanha com três. Eram as duas seleções com o maior número de partidas disputadas em Copas do Mundo e, curiosamente, jamais se haviam enfrentado em Mundiais. A expectativa em relação ao confronto era imensa, a Folha de São Paulo ressaltou que era o encontro entre o melhor ataque contra a melhor defesa.

Deverá ser gato contra rato. A seleção brasileira venceu os seis jogos que fez na Copa. Possui o melhor ataque da competição, com 16 gols. A Alemanha não sofreu gols nas últimas quatro partidas. Só foi vazada uma vez, aliás. (...) O estilo alemão, pouco vistoso, mas muito competitivo, já parou ataques que fizeram história como o da Hungria de 1954 e o da Holanda de 1974. Na final, em Yokohama, novamente a ideia é breçar a criatividade do rival. (...) Isso mostra bem a característica dos dois países. Nesta Copa, as duas “escolas” mais vitoriosas do futebol, tão antagônicas, triunfaram com seus estilos.<sup>533</sup>

O La Nacion também ressaltou o encontro entre o ataque mais positivo da competição contra a defesa menos vazada. Para o jornal argentino, o confronto seria uma oportunidade de pôr frente a frente “duas maneiras de entender e colocar o futebol em prática”.<sup>534</sup> O Clarín afirmou que o Brasil, “Rei de Copas, o tetracampeão, o do jogo bonito”, buscava mais um título.<sup>535</sup>

---

<sup>532</sup> Idem, ibidem.

<sup>533</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 27 de junho de 2002, p. D-3.

<sup>534</sup> LA NACION, 29 de junho de 2002. MAURI, Claudio. “Choca la historia”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/409638-choca-la-historia>. Acessado em: 19 de março de 2018.

<sup>535</sup> CLARÍN, 30 de junho de 2002. “Brasil: sentir el fútbol”. Disponível em: [https://www.clarin.com/deportes/brasil-sentir-futbol\\_0\\_r17WhqVxRKg.html](https://www.clarin.com/deportes/brasil-sentir-futbol_0_r17WhqVxRKg.html). Acessado em: 19 de março de 2018.

A grande final da XVII Copa do Mundo foi disputada no Estádio Internacional de Yokohama, na cidade de mesmo nome, no dia 30 de junho de 2002. As duas seleções, chegaram à competição relativamente desacreditadas, mas fizeram ótimas campanhas. A Seleção Brasileira venceu os seus seis jogos e os alemães ganharam cinco partidas e empataram uma. A Alemanha tinha o desfalque de Balack, suspenso em virtude dos cartões amarelos e o Brasil contava com o retorno de Ronaldinho Gaúcho.<sup>536</sup>

A partida começou nervosa e equilibrada. Aos 7 minutos a defesa alemã falhou, Kléberson tomou a bola mas chutou fraco e Khan defendeu com facilidade no centro do gol. A resposta alemã foi dada dois minutos depois, em bola cruzada na pequena área que a defesa e Marcos colocaram para escanteio. O Brasil, mais efetivo no ataque, chegava com mais perigo na meta adversária. Aos 18 minutos, Ronaldinho Gaúcho deixou Ronaldo diante do goleiro alemão, mas o atacante brasileiro acabou chutando a bola para fora. Melhor na partida, aos 29 minutos, Ronaldo recebeu novo passe dentro da área de Ronaldinho Gaúcho, desequilibrado ainda tocou com o bico da chuteira, mas Khan saiu bem do gol e ficou com a bola. Aos 44 minutos, Kléberson recebeu na entrada da área e chutou colocado na trave. A última boa oportunidade ocorreu aos 46 minutos, Roberto Carlos cruzou da lateral esquerda, Ronaldo dominou dentro da área e girou rápido para chutar forte, Khan defendeu com as pernas. “O Brasil, na verdade, poderia ter resolvido a partida no primeiro tempo. (...) Terminou injusta a primeira metade da final, com o 0 a 0 no placar” era a opinião do Jornal do Brasil.<sup>537</sup>

A Alemanha voltou melhor na segunda etapa e o Brasil passou pelo seu pior momento no jogo. Aos 3 minutos, Lúcio cometeu falta em Schneider, a 30 metros do gol defendido por Marcos. Neville bateu forte, a bola fez uma curva para fora e o goleiro brasileiro precisou esticar-se todo para tocar levemente nela, que ainda chocou-se na trave. Os alemães chutaram duas bolas sobre o gol brasileiro e aos 17 minutos Neville não alcançou, por pouco, um lançamento dentro da área brasileira. O Brasil encontrava, até aquele momento, dificuldade para articular suas jogadas de ataque. A sorte começou a mudar entre os 21 e 22 minutos, Ronaldo recebeu o passe de Gilberto Silva pela esquerda, ao tentar driblar

---

<sup>536</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Marcos, Lúcio, Edmilson, Roque Júnior, Cafu, Gilberto Silva, Kléberson, Ronaldinho Gaúcho (Juninho Paulista), Roberto Carlos, Rivaldo e Ronaldo (Denilson). Escalação da Seleção Alemã: Kahn, Linke, Ramelow, Matzelder, Frings, Hamann, Jeremies (Asamoah), Schneider, Bode (Ziege), neville e Klose (Bierhoff). O árbitro da partida foi o italiano Pierluigi Colina.

<sup>537</sup> JORNAL DO BRASIL, 1º de julho de 2002, p. 4 (Esportes).

o seu marcador, foi desarmado, mas não desistiu da jogada. Retomou a bola de Hamann, passou para Rivaldo que a ajeitou e chutou forte, rasteiro. O goleiro alemão ao tentar encaixá-la, falhou, popularmente “bateu roupa” e a bola sobrou para Ronaldo, livre, chutar para o gol vazio. Os alemães tentaram reagir, contudo o Brasil se portava bem no sistema defensivo. Aos 33 minutos, o golpe de misericórdia, Kléberson avançou rapidamente pela direita, livre, tocou para Rivaldo na entrada da área alemã, com astúcia, o atleta deixou a bola passar entre as suas pernas para Ronaldo ajeitar e chutar sem chances para o goleiro alemão. A Alemanha ainda criou uma excelente oportunidade de marcar, contudo Marcos defendeu o chute forte de Bierhoff aos 37 minutos. Com os 2X0 o Brasil chegava ao sonhado pentacampeonato.<sup>538</sup>

**Figura 15: Seleção Brasileira campeã em 2002<sup>539</sup>**



Além do título, da hegemonia no futebol mundial, a Seleção Brasileira conquistou o título com sete vitórias em sete jogos. Ronaldo foi o artilheiro da competição com oito gols e o Brasil ainda contou com quatro atletas na Seleção da Copa: os quatro “RS” – Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho, Rivaldo e Roberto Carlos.

Claudio Mauri sintetizou em sua análise da partida final intitulada “Cinco Estrelas” que as individualidades do Brasil foram o diferencial não só na decisão, mas ao longo de todo o campeonato, e deram mais um título, o pentacampeonato, para a Seleção

<sup>538</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. SOOCERGOLSHD. “Brasil 2x0 Alemanha - Melhores Momentos - Copa do Mundo 2002 Final - 30/6/2002 (HD)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5muQ-1PiQO8>. Acessado em: 19 de março de 2018.

<sup>539</sup> FOLHAONLINE. “Seleção pentacampeã folha on line”. Disponível em: [http://www1.folha.uol.com.br/folha/interacao/images/wpp\\_posterpenta\\_1024.jpg](http://www1.folha.uol.com.br/folha/interacao/images/wpp_posterpenta_1024.jpg). Acessado em: 19 de março de 2018.

Brasileira.<sup>540</sup> Em outra reportagem, o *La Nacion* delineou uma rápida abordagem da história do futebol no Brasil, ressaltou a “habilidade inata” do brasileiro e atribuiu o sucesso do país no futebol ao “jogo bonito” por ele praticado que também é a sua marca identitária.

Com seu jogo sempre vistoso, a seleção verde-amarela sintetizou o fascínio de um país inteiro por este esporte em 17 Copas do Mundo. Em cada encontro, ele disse presente, como nenhum outro conjunto nacional. E, como produto de suas cinco consagrações, é a que acumula a maior quantidade de pontos em relação a qualquer outra seleção. (...) Outras seleções brasileiras ficaram na lembrança, mesmo que não alcançassem a glória, como a que participou na Espanha 82 – terminou 5<sup>o</sup> – e no México 86 – caiu nas quartas de final. Ambas equipes mostram este selo tão puro: o do jogo bonito.<sup>541</sup>

No dia seguinte, as palavras do argentino Claudio Mauri descreveram o respeito que ele sentia pelo futebol brasileiro.

A felicidade foi para quem jogou com mais alegria. O baile triunfante ficou para aquele que deu os melhores passos no campo. Levantou o troféu a equipe que transmitiu uma superioridade incontestável. (...) O futebol pode ser tão lógico, linear e agradável quando o Brasil se converte no que é muitas vezes: uma equipe irresistível, um conjunto que transborda qualquer rival por condições e presença. Uma seleção que quando começa a sentir-se campeã completa o trabalho sem concessões, dando o melhor de si e aproveitando tudo o que os adversários lhe deixam no caminho.<sup>542</sup>

Na mesma linha dos cronistas argentinos, o saudoso Armando Nogueira escreveu após a conquista do pentacampeonato e são com suas inspiradas palavras que se encerra o capítulo.

Passei a Copa inteira dividido entre dois pensamentos: ora acreditava, logo depois, duvidava. A Seleção sempre me surpreendia, alternando bons e maus momentos. Desconjugada coletivamente e, de repente, luminosa, individualmente. Felizmente, o que sempre acaba salvando a pátria é o jeitinho brasileiro, essa irresistível parábola da alma do nosso povo. A saga brasileira nos Mundiais não fala de outra coisa a não ser do sopro divino que transforma em obra de arte o gesto singelo de chutar uma bola.<sup>543</sup>

---

<sup>540</sup> LA NACION, 30 de junho de 2002. MAURI, Claudio. “Cinco estrellas”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/409914-cinco-estrellas>. Acessado em: 20 de março de 2018.

<sup>541</sup> Idem. TURIN, Ignacio. “Artistas con la pelota”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/409903-artistas-con-la-pelota>. Acessado em: 20 de março de 2018.

<sup>542</sup> Idem, 1<sup>o</sup> de julho de 2002. MAUXRI, Claudio. “Pentacampeón”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/410023-pentacampeon>. Acessado em: 20 de março de 2019.

<sup>543</sup> JORNAL DO BRASIL, 1<sup>o</sup> de julho de 2002, p. 6 (Esportes).

## CAPÍTULO 7 – O APITO FINAL: O DECLÍNIO SUL-AMERICANO NOS MUNDIAIS E A RIVALIDADE CONTINENTAL

### 7.1. COPA AMÉRICA DE 2004: O IMPERADOR ADRIANO

Após a conquista do pentacampeonato, o Brasil entrou em campo mais duas vezes em 2002. Scolari despediu-se do comando da equipe na derrota para o Paraguai por 1X0 no estádio Castelão em Fortaleza, no dia 21 de agosto de 2002. O treinador optou por trabalhar na Europa, convidado para comandar a Seleção de Portugal, ele aceitou a proposta. Uma vez que a Seleção Brasileira tinha um compromisso agendado para novembro, contra a Coreia do Sul, em Seul, a CBF aproveitou a oportunidade para homenagear Zagallo, que fez, no dia 20 de novembro de 2002, o seu jogo de despedida como técnico efetivo da Seleção, que não decepcionou e derrotou o seu adversário, de virada, por 3X2, com dois gols de Ronaldo<sup>1</sup> e um de Ronaldinho Gaúcho.

---

<sup>1</sup> Ronaldo Luís Nazário de Lima (Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1976). Um dos maiores atacantes produzidos pelo futebol brasileiro. Como muitos outros jogadores do país, Ronaldo também teve uma infância pobre, tal realidade o impediu de treinar no Flamengo pois não era capaz de pagar as conduções até a sede do clube, por isso seu início foi no São Cristóvão, que além de ser mais próximo de sua casa, ainda lhe pagava o transporte. Aos 14 anos, teve seu passe adquirido por dois empresários, Alexandre Martins e Reinaldo Pitta. Eles chegaram a oferecer o promissor atleta a dois outros grandes clubes brasileiros, o Botafogo e o São Paulo, mas o negócio não prosperou com as duas equipes. Jairzinho, que o viu atuando pelo São Cristóvão, comprou o seu passe e o vendeu para o Cruzeiro, equipe pela qual iniciou a sua carreira profissional e defendeu até 1994. Pela equipe mineira conquistou a Copa do Brasil de 1993 e o Campeonato Mineiro de 1994, além de ter marcado 44 gols em 47 partidas oficiais. Ainda em 1994 se transferiu para o PSV Eindhoven. Pelo clube holandês realizou 57 partidas e marcou 54 gols. Conquistou a Copa da Holanda de 1996. Em virtude de suas grandes atuações chamou a atenção de um gigante europeu, o Barcelona, que comprou o seu passe em meados de 1996. Pela equipe catalã ganhou projeção mundial, além de conquistar a Copa da Espanha, a Supercopa da Espanha e a Recopa Europeia, todos os títulos em 1997, marcou 47 gols em 49 partidas. No final de 1997 partiu para a Itália, para defender a Internazionale de Milão. Suas grandes atuações lhe renderam o apelido de “Fenômeno”. Pela equipe milanesa conquistou a Copa da UEFA de 1998. Fisicamente, sua passagem pela equipe italiana também ficou marcada por graves contusões. Após a conquista da Copa do Mundo de 2002, a Internazionale o recebeu de braços abertos, no entanto Ronaldo se mostrava insatisfeito e queria sair do clube. O atleta alegava que o técnico Hector Cúper o utilizava sem as condições físicas adequadas. A torcida da Inter ficou profundamente ressentida com o jogador e passou a chamá-lo de “*Il Fuggitivo*”. Comentava-se também na imprensa que o verdadeiro motivo de sua saída era a insatisfação em receber um salário inferior ao de Álvaro Recoba e Christian Vieri. Em agosto de 2002 o passe do atleta foi comprado pelo Real Madrid, equipe que defendeu até 2007 e conquistou dois campeonatos espanhóis (2003 e 2007), Copa Intercontinental (2002), Supercopa da UEFA (2002) e Supercopa da Espanha (2003). Em 2007 voltou para Milão, agora para defender o Milan, mas, em virtude das contusões pouco atuou pela equipe rubro-negra que decidiu não renovar o seu contrato. Em 2009 retornou ao Brasil para defender o Corinthians, equipe pela qual atuou até 2011 quando “pendurou as chuteiras”. Foram 69 jogos e 35 gols marcados. Pela equipe paulista conquistou o Campeonato estadual e a Copa do Brasil de 2009. Defendeu a Seleção Brasileira regularmente entre 1994 e 2006. Disputou quatro Copas do Mundo conquistando dois títulos mundiais (1994 e 2002) e um vice campeonato (1998). Defendeu o Brasil em 105 oportunidades e marcou 67 gols. Após a Copa de 2006 voltou a ser convocado para um jogo de despedida contra a Romênia em 7 de junho de 2011. Além dos dois títulos mundiais, conquistou pela seleção duas Copas Américas (1997 e 1999) e a Copa das Confederações (1997). Enfrentou a Argentina em 6 oportunidades: 4 vitórias e 2 derrotas. Marcou 5 gols. Somente Ronaldo, Pelé e Rivaldo fizeram 3 gols em uma mesma partida contra os albigestres.

A Argentina, ao contrário do que normalmente ocorria, após perder uma Copa do Mundo, resolveu manter Marcelo Bielsa no comando da equipe. A Seleção fez um único amistoso em 2002, contra o Japão, na casa do adversário, em 20 de novembro, vitória por 2X0, gols de Sorín e Crespo.

No campo político, os dois países passaram por mudanças. Nestor Carlos Kirchner tornou-se o 54º presidente argentino em 25 de maio de 2003. O novo dirigente manteve o ministro da economia da administração anterior, conseqüentemente a política econômica em vigor, com isso a moeda seguiu seu rumo de desvalorização, o que auxiliou nas exportações, especialmente de grãos. O país voltou a apresentar um bom crescimento econômico o que reduziu drasticamente as taxas de desemprego e a pobreza registrada nos anos anteriores.

No Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva assumiu o governo em 1º de janeiro de 2003 e também manteve a política econômica efetivada pelo governo anterior. Durante a sua primeira administração houve geração de empregos e, mesmo com os programas de transferência de renda, como Fome Zero, Bolsa Família e aumentos reais do salário mínimo, a inflação seguiu controlada.

O relacionamento entre os dois países foi bem menos pacífico do que os discursos dos dois dirigentes poderiam deixar prever. Antes de tomarem posse, os dois futuros presidentes realizaram visitas recíprocas, sempre com o intuito de fortalecer o Mercosul. Contudo, as dificuldades competitivas, especialmente das indústrias argentinas, fizeram com que Kirchner adotasse um discurso antibrasileiro e as relações entre os dois mandatários ficaram estremecidas até o final de 2005. Apesar disso:

As exportações brasileiras para a Argentina cresceram a uma taxa geométrica chegando a 13,1% ao ano, entre 1989 e 2008, ao passo que as da Argentina para o Brasil apresentaram taxa geométrica de crescimento de 10,1% ao ano, no mesmo período. Com isso, o fluxo de comércio elevou-se, no período em análise, a uma taxa de 11,5% ao ano.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> SOUZA, Elvanio Costa de; VIEIRA, Wilson da Cruz. “O comércio entre Brasil e Argentina: uma análise à luz da teoria dos jogos”. *Revista Nexos*. Salvador, v. n. 9, 23 nov. 2012, p. 141. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revnexeco/article/download/6771/4632>. Acessado em: 30 de março de 2018.

A CBF anunciou, em 8 de janeiro de 2003, que Carlos Alberto Parreira assumiria, pela terceira vez, o comando da Seleção Brasileira. Zagallo, como na vitoriosa campanha de 1994, seria o auxiliar técnico. O início do novo trabalho não foi animador. Empate sem gols com a China em fevereiro, derrota para Portugal, comandada por Scolari e com gol do brasileiro naturalizado português, Deco, por 2X1, em março e um novo empate sem gols, em abril, contra o México. A primeira vitória só ocorreu em 11 de junho contra a Argélia por 3X0. Todas as partidas foram disputadas fora de casa, fato que se tornaria cada vez mais constante na história da Seleção Brasileira.

Ainda em junho, entre os dias 18 e 28, foi realizada na França a quarta edição da Copa das Confederações. Mais uma vez, as oito seleções foram divididas em dois grupos com quatro equipes, os confrontos eram dentro das chaves e os dois primeiros colocados de cada grupo avançariam para a fase seguinte. O Grupo A foi formado pela França, Colômbia, Japão e Nova Zelândia. O Grupo B foi composto por: Brasil, Camarões, Estados Unidos e Turquia.

Os brasileiros estrearam no dia 19 de junho contra Camarões. Atuaram muito mal e foram derrotados por 1X0. Na partida seguinte, dois dias depois, vitória sem brilho, por 1X0, contra os Estados Unidos. Na última rodada, a Seleção Brasileira teria que vencer a Turquia para avançar na competição, o empate de 2X2 eliminou a então campeã do mundo. A França conquistaria o título ao derrotar a Seleção de Camarões na final, por 1X0, na prorrogação.<sup>3</sup>

No mês seguinte, em junho, o Brasil aceitou o convite da Concacaf para disputar mais uma edição da Copa Oro. A CBF não enviou sua equipe principal, mas um selecionado pré-olímpico, desta forma essas partidas não constam das estatísticas oficiais da Seleção Brasileira. Os 12 participantes foram divididos em quatro grupos com três seleções, sendo que as duas primeiras de cada grupo passariam para a etapa seguinte. O Brasil estreou com derrota para o México, dono da casa, por 1X0. Na partida seguinte venceu Honduras por 2X1 e classificou-se para a fase seguinte, quando enfrentou e derrotou, com dois gols do jovem Kaká, os colombianos por 2X0. Na semifinal jogou melhor que os Estados Unidos, mas a partida terminou empatada em 1X1. Na prorrogação, Diego, marcou o “gol de ouro” e

---

<sup>3</sup> A competição ficou marcada pela triste lembrança da morte do atleta camaronês Marc-Vivien Foé que sofreu uma parada cardíaca durante a disputa da partida semifinal contra a Colômbia em que os camaroneses venceram, em Lion, por 1X0.

classificou a equipe brasileira para a final. Na partida decisiva, novamente contra o México, o Brasil voltou a ser derrotado, na prorrogação, por 1X0.

A FIFA havia decidido que o campeão mundial não teria mais vaga garantida para a Copa do Mundo seguinte, com isso, o Brasil teria que disputar as eliminatórias para o Mundial de 2006. A fórmula de disputa da Conmebol seria a mesma das últimas edições, todos os países filiados à confederação enfrentar-se-iam em turno e retorno, seguindo inclusive a mesma ordem da edição anterior e os quatro primeiros colocados estariam automaticamente classificados e o quinto participaria de uma repescagem contra o representante da Oceania. Os enfrentamentos começariam de imediato, em setembro de 2003, e perdurariam até outubro de 2005.

A Argentina, preparando-se para a disputa, realizou até setembro de 2003 nove amistosos e obteve um saldo bastante positivo de sete vitórias, um empate e uma derrota. Exceto pelo empate com o Uruguai, por 2X2, todas as partidas foram disputadas fora de casa. A equipe venceu: Honduras (3X1), México (1X0), Estados Unidos (1X0), Líbia (3X1), Japão (4X1), Coreia do Sul (1X0) e o Uruguai (3X2). A única derrota foi contra a Holanda, em 12 de fevereiro, pelo placar de 1X0.

Os argentinos pareciam muito bem preparados para o início da longa competição continental, contudo não iniciaram bem a disputa. Atuando em Buenos Aires, em 6 de setembro, contra o Chile, terminaram o primeiro tempo vencendo por 2X0, mas permitiram que o adversário empatasse a partida na etapa final. No dia seguinte, 7 de setembro, em Barranquilla, o Brasil atuou de forma convincente e venceu os colombianos por 2X1. Nos dias 9 e 10 de setembro, tanto argentinos, quanto brasileiros disputaram a segunda rodada da competição. A Argentina, no dia 9, foi a Caracas e ganhou com facilidade por 3X0 da Venezuela, tranquilizando a equipe e a imprensa local após o empate na rodada anterior.

A Argentina retomou o controle da situação nas eliminatórias. Após o empate diante do Chile que causou espanto pela surpreendente forma em que se produziu, saltou o obstáculo da Venezuela com um triunfo cômodo, que tomou cifras de goleada muito rapidamente.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> LA NACION, 10 de setembro de 2003. “Despegó: la Argentina recuperó el ánimo con una goleada”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/526228-despego-la-argentina-recupero-el-animo-con-una-goleada>. Acessado em: 1º de abril de 2018.

O Jornal do Brasil também ressaltou a recuperação da equipe de Bielsa na competição e a facilidade com que o resultado foi construído ainda na etapa inicial. “Na etapa final, diminuí o ritmo e apenas administrou o marcador”.<sup>5</sup> E concluiu que “apesar da torcida a favor, a Venezuela não conseguiu resistir ao poderio argentino”.<sup>6</sup>

A expectativa era grande, tanto na imprensa brasileira, quanto na argentina em relação ao confronto entre o Brasil e o Equador. Os pentacampeões mundiais realizaram ótima atuação na partida de estreia e, sobretudo, pelo retorno de Ronaldinho Gaúcho à equipe titular. O La Nacion destacou já no título da reportagem: “Brasil, com o triplo R”, ou seja, Ronaldo, Ronaldinho e Rivaldo. Para o periódico argentino era a promessa de um jogo alegre e mais uma oportunidade para que os atuais campeões mostrassem sua categoria.<sup>7</sup> Para o Jornal do Brasil era “promessa de espetáculo”.<sup>8</sup> Até o sempre comedido Tostão mostrava-se eufórico.

Após o jogo contra a Colômbia, deveria dizer que não há motivos para se ficar eufórico, por causa de uma simples vitória fora de casa contra um adversário inferior. Seria sensato e prudente. Mas, tive a sensação, baseado não no que o time jogou (a atuação foi excelente) e sim no que poderá jogar, que estamos diante de uma grande possibilidade, a de ver nos próximos anos uma Seleção inesquecível.<sup>9</sup>

Ao contrário do esperado, o Brasil, em Manaus, não repetiu a boa atuação da estreia, ainda assim venceu o Equador por 1X0. O La Nacion destacou: “O Brasil venceu e ponto”. O jornal argentino destacou que a Seleção Brasileira não repetiu a boa atuação da rodada anterior e ressaltou que o calor e a postura defensiva equatoriana, que não se alterou mesmo após sofrer o gol, dificultaram os anfitriões de mostrar todo o seu potencial.<sup>10</sup> O tom do Jornal do Brasil não era distinto em relação ao seu congênere argentino: “Não houve o show esperado pelo torcedor brasileiro”,<sup>11</sup> mas destacou que a vitória, mesmo magra, deixou o Brasil na liderança das eliminatórias, afinal era a única equipe que havia vencido seus dois

---

<sup>5</sup> JORNAL DO BRASIL, 10 de setembro de 2003, p. C4.

<sup>6</sup> Idem, ibidem, p. C4.

<sup>7</sup> LA NACION, 10 de setembro de 2003. “Brasil, con la triple R”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/526263-brasil-con-la-triple-r>. Acessado em 1º de abril de 2018.

<sup>8</sup> JORNAL DO BRASIL, 10 de setembro de 2003, p. C1.

<sup>9</sup> Idem, ibidem, p. C3.

<sup>10</sup> LA NACION, 11 de setembro de 2003. “Brasil ganó y punto”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/526504-brasil-gano-y-punto>. Acessado em: 1º de abril de 2018.

<sup>11</sup> JORNAL DO BRASIL, 11 de setembro de 2003, p. C3.

primeiros compromissos. O periódico brasileiro também ressaltou o forte calor como mais uma dificuldade que a equipe enfrentou para apresentar um futebol de melhor qualidade.

Antes da disputa das duas próximas rodadas, marcadas para meados de novembro, o Brasil, em outubro, disputou um amistoso contra a Jamaica, na Inglaterra, e venceu por 1X0. Seria cada vez mais frequente o Brasil (e também a Argentina) realizar tais tipos de jogos em solo estrangeiro, reforçando os cofres da CBF e também demonstrando a globalização do futebol. Tais aspectos se conjugavam na convocação crescente de atletas que atuam fora do país, especialmente na Europa, o que propiciava maior facilidade de realizar as partidas no citado continente evitando, desta forma, a longa viagem até o Brasil. Negativamente, tal fato provoca, no entender do pesquisador, um afastamento da equipe do seu torcedor.<sup>12</sup>

Os dois últimos compromissos de argentinos e brasileiros em 2003 ocorreram em novembro, pela terceira e quarta rodadas das eliminatórias e elas não foram muito auspiciosas para a Seleção Brasileira. A Argentina entrou em campo antes do Brasil pela terceira rodada, no dia 15 de novembro, em Buenos Aires, contra a Bolívia. Os anfitriões, após dificuldades na etapa inicial, se impuseram no segundo tempo e derrotaram a seleção andina por 3X0.

No dia seguinte, 16 de novembro, o Peru recebeu o Brasil em Lima. A Seleção Brasileira não jogou bem, mas ainda conseguiu trazer “um ponto na bagagem”, ao empatar o jogo por 1X1. O *La Nacion* vibrou com o resultado, afinal a Seleção Argentina, no saldo de gols, assumia a liderança da competição. Para o periódico argentino, a disposição e o jogo coletivo peruano foram capazes de equilibrar a maior categoria individual da equipe brasileira e, ao final dos 90 minutos, o resultado de empate foi justo. “Apesar da superior categoria

---

<sup>12</sup> Sem aprofundar na discussão, que não é alvo deste trabalho, as atuações cada vez mais frequentes da Seleção Brasileira no exterior, em detrimento de atuar em casa, próximo ao seu torcedor, no entender do pesquisador, enfraqueceu o sentimento de identidade entre as partes, torcedor e seleção, e de responsabilidade dos atletas em relação à torcida brasileira, acrescido do fato que os jogadores, ao final dos jogos e competições retornam imediatamente para os países em que atuam e com isso não sofrem a pressão que sentiriam, especialmente em caso de derrota, se estivessem jogando e vivendo no Brasil. Esta é uma outra temática que merece uma reflexão mais acurada em pesquisa própria. A mesma reflexão também se aplica ao futebol argentino. Em novembro de 2003, o *La Nacion* destacava o pouco interesse da torcida local em relação ao confronto que a Seleção da Argentina faria contra a Bolívia pela terceira rodada das eliminatórias para a Copa da Alemanha e uma das razões apontadas pelo periódico era “uma formação 100% europeizada, sem a familiaridade que pode provocar algum jogador do torneio local”. *LA NACION*, 15 de novembro de 2003. “Contra a frialdad: la Argentina, por otro paso ante Bolivia”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/545510-contra-la-frialdad-la-argentina-por-otro-paso-ante-bolivia>. Acessado em: 1º de abril de 2018.

individual dos pentacampeões, o selecionado peruano teve a valentia e o bom jogo associado para suprir deste modo as diferenças”.<sup>13</sup>

As duas seleções voltaram a jogar no dia 19 de novembro. A Argentina foi até Barranquilla enfrentar a Colômbia e o Brasil, em Curitiba, encarou o Uruguai. As duas equipes empataram seus confrontos. A Argentina não atuou bem individual e coletivamente e empatou em 1X1 com o seu adversário. O Brasil enfrentou o Uruguai. Após ótimo primeiro tempo no qual abriu 2X0 no placar e desperdiçou várias oportunidades de ampliar o placar, permitiu que a Celeste Olímpica reagisse e virasse o resultado e, apenas aos 41 minutos da etapa final, Ronaldo empatou o jogo e evitou a primeira derrota em casa do Brasil em eliminatórias. O Jornal do Brasil afirmou que no segundo tempo o jogo mudou: “O time inteiro caiu. A partir daí, ressuscitaram o Brasil apático e o velho Uruguai guerreiro, encurralando o adversário”.<sup>14</sup> Os jornais argentinos também lembraram da garra uruguaia e do *Maracanazo*.

No segundo tempo, quando parecia que os brasileiros aumentariam a vantagem, o Uruguai descontou com um gol de Forlán. Depois do gol, os rioplatenses começaram a reluzir a famosa garra charrua para, 53 anos depois, recordar aos torcedores verde amarelos o famoso *Maracanazo*.<sup>15</sup>

Com os resultados, o Paraguai que havia vencido suas duas últimas partidas (Equador, em casa e o Chile, fora) alcançou 9 pontos e passou a liderar as eliminatórias, seguido por Argentina e Brasil, ambas com 8 pontos, contudo a primeira tinha vantagem no saldo de gols. Depois de um início promissor, os jornais brasileiros já afirmavam que a campanha brasileira no torneio classificatório para o Mundial era bastante irregular.

Em 2004 seriam disputadas mais sete rodadas das eliminatórias. Seu reinício seria em março. Além desses compromissos, as duas seleções ainda jogariam, em julho, mais uma edição da Copa América, sediada no Peru. Antes de retornar às eliminatórias, o Brasil, em fevereiro, jogou e empatou com o Eire, em Dublin, por 0X0. Já os argentinos não realizaram partidas amistosas.

---

<sup>13</sup> LA NACION, 16 de novembro de 2003. “Perú se hizo fuerte en Lima ante Brasil”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/546006-peru-se-hizo-fuerte-en-lima-ante-brasil>. Acessado em: 2 de abril de 2018.

<sup>14</sup> JORNAL DO BRASIL, 20 de novembro de 2003, p. C3.

<sup>15</sup> LA NACION, 19 de novembro de 2003. “Estirpe charrúa: Uruguay se recupero ante Brasil”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/546831-estirpe-charrua-uruguay-se-recupero-ante-brasil>. Acessado em: 2 de abril de 2018.

A Argentina voltou aos gramados no dia 30 de março, em Buenos Aires, para, com gol de Crespo, vencer o Equador por 1X0 e assumir, pela primeira vez de forma isolada, a liderança das eliminatórias, uma vez que Paraguai e Brasil, em partida realizada em Assunção, no dia seguinte, disputaram um jogo muito equilibrado, sem brilho e empataram por 0X0. A surpreendente Venezuela, venceu o Uruguai em Montevideu por 3X0, alcançava sua terceira vitória consecutiva e pelo saldo de gols ultrapassava o Brasil na tabela de classificação, que agora passava a ocupar a quarta posição nas eliminatórias.

A competição seria retomada em junho, justamente com o embate Brasil X Argentina. Em abril, no dia 28, as duas equipes realizaram amistosos. A Argentina foi a Casablanca e derrotou o Marrocos por 1X0. O Brasil enfrentou a Hungria em Budapeste e venceu facilmente por 4X1. Em maio, a FIFA decidiu comemorar seu centenário realizando um amistoso entre a França, uma das seleções fundadoras da entidade e o Brasil, o maior vencedor de Copas do Mundo. A partida foi disputada no Stade de France e terminou em um frustrante 0X0.

As eliminatórias foram reiniciadas no início de junho. O Mineirão, depois de nove anos sem receber a Seleção Brasileira, seria o local de mais um confronto entre brasileiros e argentinos. A expectativa em relação à partida era imensa:

Carlos Alberto Parreira está confiante. Tem certeza que está muito próximo de encontrar a formação ideal e vê a Seleção Brasileira em nítido progresso. Porém, sabe igualmente que o jogo de hoje contra a Argentina, no Mineirão, às 21h45, além do tira-teima entre dois rivais históricos (em 85 jogos, há 32 vitórias para cada lado e 21 empates), servirá como um teste para o futebol, que a despeito de ser pentacampeão do mundo tem de provar a cada jogo que continua sendo o melhor.<sup>16</sup>

Tanto o Jornal do Brasil, quanto o técnico brasileiro, reconheciam o poderio do adversário, atual líder das eliminatórias. Parreira ainda ressaltou que vencer a Argentina tinha uma importância ainda maior em virtude da rivalidade existente entre as duas seleções.

— Com a Seleção Brasileira, não existe meio-termo. Tem de vencer sempre, não importa o adversário. Ainda mais a Argentina, um time de muita qualidade, e num jogo de grande rivalidade. É com esse espírito que vamos entrar, estamos jogando em casa e temos de impor o nosso futebol — disse.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> JORNAL DO BRASIL, 3 de junho de 2004, p. C1.

<sup>17</sup> Idem, ibidem, p. C1.

Sorín, atleta da seleção adversária, fez um discurso muito semelhante ao realizado pelo técnico brasileiro para a Folha de São Paulo, apimentando o confronto: “Vencer o Brasil é mais importante do que ser o primeiro das eliminatórias. As eliminatórias são importantes, mas é uma obrigação para a Argentina estar na Copa”.<sup>18</sup>

O respeito pela Seleção Brasileira ficou claro nas palavras de Claudio Mauri para o La Nacion. “O Brasil, de local e com grande parte do seu potencial, é um Everest até para o mais exímio escalador”.<sup>19</sup> O jornalista complementa:

É um clássico e o que tem de especial para a Argentina é que ela não é apontada como favorita. O Brasil é como um parque temático futebolístico. Se se percorre a sua formação abundará a qualidade técnica, a experiência, a imaginação, a explosão ofensiva. Por onde se olhe, o desafio não tem nada de simples para o nosso selecionado, cuja sorte dependerá, dentro das estreitas margens de previsão que concede o futebol, de sua capacidade defensiva e da recuperação da bola.<sup>20</sup>

Mais de 60 mil pagantes encheram o Mineirão para torcer pelo Brasil na noite de quarta feira, dia 2 de junho de 2004.<sup>21</sup> Como no dia anterior a Bolívia havia derrotado o Paraguai em La Paz, o Brasil, em caso de vitória, poderia assumir novamente a liderança das eliminatórias. Um aspecto curioso que ocorreu na partida é que nenhum jogador, das duas seleções, envergou em campo a tradicional “camisa 10”.<sup>22</sup>

Mesmo jogando fora de casa, foi a Argentina que se mostrou mais bem organizada no início e dominou boa parte da partida, especialmente no primeiro tempo. No entanto, foi o Brasil que abriu o placar. Ronaldo, aos 13 minutos, avançou pelo canto esquerdo da grande área, passou por dois marcadores e, de forma imprudente, o zagueiro

<sup>18</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 2 de junho de 2004, p. D-2.

<sup>19</sup> LA NACION, 2 de junho de 2004. MAURI, Claudio. “Choque de alta tensión”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/606654-choque-de-alta-tension>. Acessado em: 4 de abril de 2018.

<sup>20</sup> Idem, ibidem.

<sup>21</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Dida, Roberto Carlos, Juan, Edmilson, Cafu, Roque Júnior, Juninho Pernambucano (Júlio Baptista), Zé Roberto, Kaká (Alex), Luís Fabiano (Edu) e Ronaldo. Escalação da Seleção Argentina: Cavallero, Quiroga, Samuel Heinze, Mascherano, Zanetti, Sorín, Lucho González (Pablo Aimar), Delgado (Rosales e depois Saviola), Crespo e Killy González. O árbitro da partida foi o colombiano Oscar Ruiz.

<sup>22</sup> A Argentina havia desde novembro de 2001, por decisão de seus dirigentes, aposentado a “camisa 10”, em homenagem ao então maior jogador da história do futebol do país, Diego Maradona. Contudo, os próprios dirigentes não sabiam se a FIFA acataria a decisão nas competições que ela organizava, o que de fato não ocorreu. Para a Copa de 2002, a AFA apresentou para a FIFA a relação de convocados para a competição com a numeração fixa de 1 a 24, pulando a 10, mas a principal entidade do futebol mundial não aceitou e os argentinos tiveram que refazer a lista no padrão 1 a 23, deixando a 10 nas costas de Ortega. Dada a dificuldade imposta pela FIFA e o surgimento de um atleta da estirpe de Messi, que ainda atuou na Copa do Mundo de 2006 utilizando a camisa número 19, a discussão caiu no esquecimento.

Heinze, tentou tirar a bola com um carrinho e acabou derrubando o atacante brasileiro. O juiz colombiano, imediatamente, assinalou a penalidade máxima. O próprio Ronaldo bateu aos 15 minutos, com grande categoria, do lado direito, deslocando o goleiro, mas o juiz mandou repetir a cobrança, em virtude da invasão da área por parte de atletas brasileiros. No minuto seguinte, Ronaldo bateu forte, no meio do gol, o goleiro voltou a cair para o lado esquerdo. Brasil 1X0. A partida seguiu equilibrada com as duas equipes perdendo algumas chances de marcar. O primeiro tempo terminou com a vantagem mínima brasileira.

Os visitantes voltaram mais ofensivos na etapa final e Mascherano quase acertou um chute de fora da área logo aos três minutos. O Brasil voltou a equilibrar o jogo e Ronaldo criou duas boas oportunidades para marcar, aos oito e aos treze minutos. Aos 23, Ronaldo arrancou pela direita, passou por dois marcadores e acabou parado por um carrinho, agora de Mascherano, dentro da área. Nova penalidade máxima assinalada. Ronaldo bateu no canto esquerdo e o goleiro foi para o lado direito, o Brasil ampliava o resultado.

A Argentina não esmoreceu e aos 34 minutos, após trabalhar a bola na intermediária brasileira, Zanetti cruzou da direita na cabeça de Aimar, Dida resvalou na bola, que bateu na trave e no rebote, Sorín, se jogou em sua direção para empurrar para o fundo das redes. O alívio brasileiro veio já nos descontos, aos 48 minutos, quando Ronaldo recebeu pela direita, invadiu a área e ao tentar passar pelo goleiro acabou sendo derrubado sofrendo sua terceira penalidade máxima na partida. Ronaldo bateu com precisão e deu números finais ao confronto,<sup>23</sup> vitória brasileira por 3X1.<sup>24</sup> O Brasil retornava à liderança das eliminatórias, mantinha sua invencibilidade na competição e ainda quebrava a sequência de 17 jogos sem derrotas de seu grande rival.

A manchete do Caderno de Esportes da Folha de São Paulo sintetizou com precisão o que foi a partida: “Argentinos derrubam Ronaldo, e Ronaldo derruba a Argentina”.<sup>25</sup> Apesar do resultado, o periódico paulista ressaltou a força do adversário ao

---

<sup>23</sup> Ronaldo igualou o feito de Pelé e Rivaldo: marcou três gols em uma mesma partida contra a Argentina.

<sup>24</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. COBERTURASELEÇÃOBRASILEIRAMASCULINA. “Brasil 3 x 1 Argentina 2004 (02-06-2004) - Hat-Trick Ronaldo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C3GBNUHdSV4>. Acessado em: 4 de abril de 2018.

<sup>25</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 3 de junho de 2004, p. D-1.

afirmar: “No jogo em que mais foi ameaçado nas eliminatórias para a Copa de 2006, o Brasil derrotou o maior rival, a Argentina, por 3 a 1”.<sup>26</sup>

Alguns jogadores argentinos se mostraram bastante chateados com a arbitragem de Oscar Ruiz. Crespo chegou a afirmar que se Ronaldo fosse atleta da Seleção da Jamaica, o árbitro não assinalaria as três penalidades que resultaram nos gols do Brasil.<sup>27</sup> Os jornais argentinos foram bem mais comedidos, ressaltaram o domínio exercido pela sua seleção na etapa inicial, quando a vitória parcial brasileira foi considerada injusta, contudo exaltaram a excelente atuação de Ronaldo e, especialmente no segundo tempo, a individualidade brasileira, que acabou desequilibrando o jogo. “Mudou o conceito na segunda parte. A Argentina perdeu a bola e entrou em cena um ponto forte do Brasil, a capacidade individual. Sobretudo, a de Ronaldo”,<sup>28</sup> considerado pelo jornalista Claudio Mauri uma “arma mortal”.

O Olé, em sua edição eletrônica, na noite da partida, destacou a vitória brasileira e no dia seguinte, na versão impressa, estampou na capa a foto do tenista local, David Nalbandián, que havia derrotado o brasileiro Gustavo Kuerten em Roland Garros e afirmou: “O que importa é o tênis”.<sup>29</sup> Apesar da boa campanha da Seleção Argentina nas eliminatórias, percebia-se certa desconfiança, distanciamento e até irritação do torcedor com a equipe dirigida por Bielsa, como fruto da desclassificação na Copa de 2002 e destacado na reportagem de Cristian Grosso. Para ele, uma vitória no Mineirão teria reconciliado a torcida argentina com a sua seleção.<sup>30</sup>

As duas equipes teriam confrontos difíceis na rodada seguinte, já no final de semana. Os brasileiros foram até Santiago para enfrentar os chilenos, no dia 6 de junho. A partida terminou empatada em 1X1. Os argentinos, no mesmo dia, receberam os paraguaios e não foram capazes de superar a retranca adversária e tão pouco de “fazer as pazes com a

---

<sup>26</sup> Idem, ibidem, p. D-2.

<sup>27</sup> LA NACION, 3 de junho de 2004. “Sin autocrítica”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/606974-sin-autocritica>. Acessado em: 4 de abril de 2018.

<sup>28</sup> Idem, ibidem. MAURI, Claudio. “Arma mortal”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/606950-un-arma-mortal>. Acessado em: 4 de abril de 2018.

<sup>29</sup> OLÉ, 3 de junho de 2004. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/2004/06/03/index.html>. Acessado em: 4 de abril de 2018.

<sup>30</sup> LA NACION, 3 de junho de 2004. GROSSO, Cristian. “La reconciliación esperada quedo para otra ocasión”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/606961-la-reconciliacion-esperada-quedo-para-otra-ocasion>. Acessado em: 4 de abril de 2018.

torcida”. Mesmo realizando uma boa partida, demonstrou mais uma vez, segundo Claudio Mauri, sua impotência ofensiva o que acarretou no empate sem gols.<sup>31</sup>

Ao final da sétima rodada das eliminatórias, a disputa era bastante acirrada. O Brasil estava na liderança com 13 pontos, a Argentina ocupava a segunda posição com 12, Paraguai e Chile, com 11 ocupavam a terceira e quarta colocação respectivamente. Equador e Venezuela seguiam na perseguição com 10 pontos cada um. A competição só seria retomada em setembro em virtude de dois outros eventos: em julho seria disputada a 41ª edição da Copa América e no mês seguinte era a vez dos Jogos Olímpicos de Atenas.

A Copa América foi disputada entre 6 e 25 de julho no Peru e contou com 12 participantes – os dez filiados da Conmebol e mais dois convidados da Concacaf, o México e a Costa Rica. Assim como nas edições anteriores, as seleções foram divididas em três grupos com quatro equipes, que se enfrentavam entre si em turno único e as duas melhores classificadas de cada grupo avançavam para a fase seguinte, assim como os dois melhores terceiros colocados.

Os grupos ficaram assim formados: Grupo A – Bolívia, Colômbia, Peru e Venezuela. Grupo B – Argentina, Equador, México e Uruguai. Grupo C – Brasil, Chile, Costa Rica e Paraguai.

Argentina e Brasil adotaram posturas diferentes em relação à competição. O representante do Prata, que havia conquistado seu último título continental em 1993, resolveu levar sua equipe principal, formada com quase todos os atletas que estavam disputando as eliminatórias. Além do título, era sua intenção galgar uma posição melhor no ranking da FIFA, afinal na lista divulgada em julho de 2004, pela primeira vez, desde 1998, o país não se encontrava entre os “*top ten*”.<sup>32</sup> Carlos Alberto Parreira, por sua vez, resolveu poupar os seus principais atletas e decidiu participar da competição com uma equipe alternativa.

---

<sup>31</sup> LA NACION, 7 de junho de 2004. MAURI, Claudio. “No supo ganar: la Argentina, con el gol atragantado”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/608164-no-supog-ganar-la-argentina-con-el-gol-atragantado>. Acessado em: 4 de abril de 2018.

<sup>32</sup> Idem, ibidem. “La Argentina quedo afuera del top ten del ranking de la FIFA”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/616454-la-argentina-quedo-afuera-del-top-ten-del-ranking-de-la-fifa>. Acessado em: 5 de abril de 2018.

A Argentina fez sua estreia no dia 7 de julho, contra o Equador. A expectativa inicial era de uma partida difícil, afinal em março as equipes se enfrentaram em Buenos Aires pelas eliminatórias e a albiceleste venceu com dificuldades por 1X0. No entanto, com confiança e segurança, a Argentina derrotou com facilidade o seu adversário por 6X1, a maior goleada da competição.

No dia seguinte, 8 de julho, foi a vez de o Brasil estreiar. A rivalidade com os argentinos pode ser mensurada na capa do Jornal do Brasil. Abaixo da foto do local em que a seleção treinava, além do Chile, adversário daquela noite, a Argentina era lembrada: “Um Brasil esvaziado de estrelas inicia hoje, às 21h45, contra o Chile, a batalha para o sétimo título. Terá de vencer a hegemonia da Argentina, 17 (sic) vezes campeã”.<sup>33</sup> O Brasil não realizou uma boa partida, iniciou muito recuado e teve dificuldade de articular jogadas de ataque. A equipe melhorou na etapa final, mas não o suficiente para impor-se ao adversário, que ainda desperdiçou uma cobrança de pênalti aos 25 minutos do primeiro tempo. Reverberando as dificuldades encontradas, Luís Fabiano, que atuou isolado toda a partida, em lance de oportunismo, cabeceou certo o escanteio cobrado por Alex, acabou marcando o gol da vitória brasileira aos 45 minutos da etapa final.

Pela segunda rodada, uma surpresa, a Argentina, que já era apontada com a grande favorita da competição após “esmagar” o Equador, perdeu para o México por 1X0 em jogo disputado no dia 10 de julho. Para o La Nacion, a sua seleção “perdeu-se novamente na imprecisão e na falta de efetividade”,<sup>34</sup> velhos defeitos alertados pela imprensa local. Com a derrota a equipe caiu para a terceira posição na tabela e decidiria sua continuação no torneio contra um tradicional adversário: o Uruguai.

O Brasil também enfrentou um adversário da Concacaf, a Costa Rica, que foi bem menos “indigesto”. Com três gols de Adriano e um de Juan a seleção venceu por 4X1 e garantiu sua classificação antecipada para as quartas de final. Para Ariel Ruya, o Brasil venceu com autoridade e se “não criou um festival de futebol e jogo bonito” foi “porque não

---

<sup>33</sup> JORNAL DO BRASIL, 8 de julho de 2004, p. 1. O jornal se equivoca no número de títulos conquistados pela Argentina, eram, e ainda são, 14.

<sup>34</sup> LA NACION, 11 de julho de 2004. “La temida contracara”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/617567-la-temida-contracara>. Acessado em: 5 de abril de 2018.

pretendeu”.<sup>35</sup> O jornalista ainda destacou que mesmo sem contar com os seus principais atletas, a equipe era uma das fortes candidatas ao título.

Na rodada final, no dia 13 de julho, a pressionada Argentina teria que vencer o Uruguai para avançar no sul-americano sem depender de outros resultados, pois ainda poderia classificar-se como uma das duas melhores terceiras colocadas. Os argentinos voltaram a realizar um boa apresentação e derrotaram seu rival por 4X2 e classificaram-se na segunda posição do grupo, atrás do México. O Uruguai também avançou como um dos dois melhores terceiros colocados.

O Brasil atuou no dia 14, um empate contra o Paraguai bastava para ser o primeiro colocado do grupo. Já classificado, Parreira resolveu fazer experiências e modificou a equipe titular. O Paraguai jogou melhor, venceu a Seleção Brasileira por 2X1 e classificou-se em primeiro lugar da chave. O Brasil ficou na segunda colocação.

As quartas de final se iniciaram com o confronto, no dia 17 de julho, entre os donos da casa, o Peru, e a Argentina. Esta voltou a jogar mal, no entanto, desta vez saiu vitoriosa e seguiu em direção ao desejado título. Tévez, em cobrança de falta, no ângulo do goleiro Oscar Ibañez, deu a vitória para a sua equipe por 1X0. Após o gol, os comandados por Bielsa foram capazes de conter a pressão exercida pela Seleção Peruana que era dirigida pelo brasileiro Paulo Autuori.

No dia seguinte, fechando as quartas de final, o Brasil voltou a jogar bem e goleou os mexicanos por 4X0. Adriano marcou dois gols, Alex e Ricardo Oliveira completaram o placar. O Uruguai seria o próximo adversário da equipe comandada por Parreira.

Com as equipes apresentando muitas oscilações, os papéis voltaram a se inverter nas partidas da fase semifinal. A Argentina, no dia 20 de julho, derrotou com facilidade a Colômbia por 3X0, gols de Tévez, Lucho González e Sórin. No dia seguinte, o Brasil saiu perdendo para o Uruguai no primeiro tempo, empatou na etapa final, com Adriano e ainda criou algumas oportunidades de virar o placar, mas que foram desperdiçadas. O empate de

---

<sup>35</sup> Idem, 12 de julho de 2004. RUYA, Ariel. “Brasil, voluntad”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/617830-brasil-a-voluntad>. Acessado em: 6 de abril de 2018.

1X1 levou à disputa de pênaltis. Júlio César, que havia falhado no gol uruguaio, redimiou-se e tornou-se o herói da noite, defendendo duas cobranças, garantindo a vitória por 5X3 e a classificação do Brasil para a grande final contra a Argentina. O Jornal do Brasil anunciava: “Prepare o coração”.<sup>36</sup>

Pela primeira vez na história da competição, Brasil e Argentina iriam decidir o título em uma final direta, pois nas outras oportunidades em que definiram a Copa América, ou ocorreu em jogo “extra” ou foi o último confronto de uma série de pontos corridos e os argentinos sempre conquistaram o posto mais alto.<sup>37</sup> Para Cristian Grosso não seria apenas mais um clássico entre as duas equipes, mas “O choque esperado”.<sup>38</sup>

A pressão pela vitória era maior do lado argentino. Eles estavam sem conquistar títulos de maior relevância desde 1993, levaram seus melhores atletas para o Peru e o Brasil estava com um “time B”. A torcida e a imprensa argentina não desrespeitavam ou menosprezavam o Brasil e nem mesmo apontavam a Argentina como a grande favorita na decisão, mas entendiam que ela tinha a obrigação de ganhar, seus próprios jogadores reverberavam tal responsabilidade: “Todos nós necessitamos ganhar a Copa América” afirmou Sórin e completou quando questionado sobre os onze anos sem conquistas: “Sim, muito tempo. E os jogadores sofrem como os torcedores a falta dos triunfos”.<sup>39</sup>

Uma desastrada afirmação de Julio Grondona, presidente da AFA, minimizada posteriormente, aumentou a pressão sobre os seus atletas.

O presidente da AFA, Julio Grondona, que chegou a declarar que a Seleção Argentina estava em um beco sem saída – “Se vencer, ganhou do time B; se perder, nem deve voltar para Buenos Aires”, tratou de minimizar um eventual fracasso. “Hoje em dia há poucas diferença entre os jogadores.

---

<sup>36</sup> JORNAL DO BRASIL, 22 de julho de 2004, p. C1.

<sup>37</sup> Em 1925 a partida terminou empatada em 2X2, os argentinos jogavam pelo empate; em 1937, as duas seleções terminaram empatadas em pontos e realizaram um jogo extra, vitória Argentina por 2X0; em 1946, os argentinos precisavam de um empate, venceram por 2X0; em 1957 foi a vez dos brasileiros jogarem pelo empate, mas foram derrotados por 3X0 e a última vez que disputaram o título foi em 1959, mais uma vez a Argentina precisava apenas de um empate e o resultado foi 1X1.

<sup>38</sup> LA NACION, 23 de julho de 2004. GROSSO, Cristian. “El choque esperado”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/621028-el-choque-esperado>. Acessado em: 8 de abril de 2018.

<sup>39</sup> Idem, 22 de julho de 2004. RUYA, Ariel. “Todos necesitamos ganar la Copa”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/620581-todos-necesitamos-ganar-la-copa>. Acessado em: 8 de abril de 2018.

Depois de Maradona, todos são iguais”, ressaltou – mas lembrou que Aimar, Verón e Riquelme não estavam na delegação que foi ao Peru.<sup>40</sup>

A ideia de “time B”, que também era repetida pela própria imprensa brasileira, não foi bem recebida pelos jogadores da verde-amarela, Alex, o camisa 10 do Brasil na competição, em entrevista ao jornalista Ariel Ruya para o *La Nacion* afirmou:

Nós não nos consideramos uma Seleção B de nada. (...) A gente sabe que vai enfrentar uma Argentina com quase todos os seus jogadores, porém nós representamos o futebol brasileiro no torneio mais importante do continente. Nós temos que ganhar o título, é nossa obrigação.<sup>41</sup>

Mascherano, um dos principais atletas da equipe argentina, foi bastante ponderado e evitou qualquer tipo de acirramento da rivalidade entre os adversários na entrevista para a *Folha de São Paulo*, o jogador afirmou: “O Brasil é uma equipe que tem muito jogo. Não tem a garra do Uruguai, mas isso é melhor porque vamos jogar mais com a bola. Não podemos negar que é uma seleção poderosa. Vai ser uma final linda”.<sup>42</sup>

Os brasileiros demonstravam muito tranquilidade e Carlos Alberto Parreira empurrou o favoritismo e a responsabilidade da vitória para o lado argentino, pedindo aos seus jogadores que entrassem em campo e se divertissem.<sup>43</sup> Já o jornalista Rodrigo Bueno, da *Folha de São Paulo*, entrevistou o jogador Iarley, que atuava no Boca Juniors, para entender como os argentinos encaravam o futebol brasileiro. O estereótipo do jogador habilidoso, porém “pipoqueiro”, ou seja, que se incomodava com as jogadas mais duras, ainda povoava o imaginário argentino.

*Folha* – Como os argentinos encaram os jogos contra o Brasil?

Iarley – Eles respeitam muito o Brasil. Quando vão jogar contra a seleção, ficam mais tensos do que contra qualquer outro time. Mas eles acham que o brasileiro pipoca. Às vezes, se equivocam pensando que vão ganhar na porrada. Acham que o Brasil, pelo estilo de toque, de tranquilidade, vai pipocar.<sup>44</sup>

<sup>40</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. *Brasil X Argentina: história do maior clássico do futebol mundial* (1908-2008). São Paulo: Scortecci, 2009, p. 537.

<sup>41</sup> LA NACION, 25 de julho de 2004. RUYA, Ariel. “Alex: ‘Nosotros no somos un equipo B’”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/621673-alex-nosotros-no-somos-un-equipo-b>. Acessado em: 9 de abril de 2018.

<sup>42</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 25 de julho de 2004, p. D-6.

<sup>43</sup> Idem, ibidem, p. D-1.

<sup>44</sup> Idem, 24 de julho de 2004, p. D-1.

A final foi disputada na tarde de domingo, dia 25 de julho, no Estádio Nacional de Lima.<sup>45</sup> A partida começou tensa e bastante disputada. Com uma equipe mais experiente, os argentinos tomaram a iniciativa do jogo, pressionando a saída de bola brasileira e criando as melhores oportunidades de marcar. Aos 19 minutos, Maicon saiu jogando errado em virtude da pressão exercida pelos adversários que retomaram a bola, Lucho González entrou na área e ao driblar Luisão acabou derrubado. Na cobrança da penalidade assinalada pelo árbitro, Kily González, bateu forte, quase no meio do gol, para abrir o placar. Quando tudo sugeria que os argentinos teriam a vantagem parcial mínima no primeiro tempo, o Brasil teve uma falta a seu favor pelo lado esquerdo. Alex lançou a bola dentro da área, o zagueiro Luisão subiu mais alto que seus marcadores para cabecear no canto esquerdo inferior do goleiro argentino. O Brasil foi para os vestiários saboreando o empate. Para o Jornal do Brasil: “Foi o primeiro duro golpe nos argentinos, que dominaram o primeiro tempo com a forte marcação por pressão, dificultando a saída de bola do Brasil. E imprimiam toque de bola insinuante”.<sup>46</sup>

A Argentina continuou dominando a partida na segunda etapa, mas o Brasil ameaçava em jogadas individuais, como também havia ocorrido na fase inicial. Aos 4 minutos, os platinos cruzaram a bola dentro da área brasileira, Tévez tocou na bola que bateu na trave e saiu. Só aos 24 minutos o Brasil conseguiu chegar com algum perigo no ataque, Luiz Fabiano chutou dentro da área, mas foi abafado pela defesa adversária. A partida ficou mais equilibrada nos últimos quinze minutos com as duas equipes chegando com perigo à meta adversária. Aos 42 minutos, Zanetti avançou e cruzou pela direita, Sorín dividiu com a zaga, a bola foi em direção ao lado direito da área brasileira, na altura da marca de pênalti, Renato “furou” ao tentar tirar a bola e ela sobrou livre para César Delgado chutar forte, cruzado e marcar para sua equipe.

Com o resultado favorável, a seleção que havia atuado melhor e faltando poucos minutos para o fim da partida, começou a fazer jogadas de efeito, especialmente Tévez, que no lado direito da defesa brasileira, próximo a linha de fundo, com o intuito de fazer o tempo passar, ficou pisando na bola, provocando os defensores do Brasil. Talvez preocupado com a possibilidade de provocar confusão e ter o jogador expulso, além de ter a oportunidade de

---

<sup>45</sup> Escalação da Seleção Argentina: Abbondanzieri, Ayala, Sorín, Heinze, Zanetti, Coloccini, Mascherano, Lucho González (D’Alessandro), Killy González, Tévez (Quiroga) e Rosales (Delgado). Escalação da Seleção Brasileira: Júlio César, Luisão (Cris), Juan, Gustavo Nery, Maicon, Renato, Kléberson (Diego), Alex (Felipe), Edu, Adriano e Luis Fabiano. O árbitro da partida foi o paraguaio Carlos Amarilla.

<sup>46</sup> JORNAL DO BRASIL, 26 de julho de 2004, p. C4.

parar mais uma vez a partida e ganhar mais alguns segundos, Bielsa decidiu substituir Tévez por Quiroga já nos descontos do árbitro. O que ninguém mais esperava é que praticamente aos 48 minutos, Diego recebesse a bola no meio de campo, avançasse até a intermediária e cruzasse para dentro da área argentina, Luís Fabiano e Coloccini subiram juntos, a bola foi mal rebatida e sobrou para o “iluminado da Copa América”.<sup>47</sup> Adriano girou levantando a bola e finalizou forte, indefensável no canto esquerdo defendido por Abbondanzieri. Na saída de bola o juiz deu por encerrada a partida. O empate de 2X2 levou à disputa de pênaltis.

A Argentina sentiu o golpe e nas penalidades desperdiçou as duas primeiras cobranças. Na primeira, Júlio César defendeu o chute de D’Alessandro e na batida seguinte Heinze chutou por cima do gol. Os brasileiros não desperdiçaram a oportunidade e abriram a vantagem de dois gols. Kily González e Sorín não erraram suas cobranças, mas como Diego e Juan também não o fizeram, o Brasil venceu por 4X2 e conquistou o seu sétimo título sul americano.<sup>48</sup> Adriano foi escolhido o melhor jogador do torneio, além de ter sido o seu artilheiro, com sete gols.

Os atletas argentinos, extremamente decepcionados, não contiveram o choro e ao receberem as medalhas de prata, ostensivamente, após sair do palco montado no gramado, demonstrando toda a frustração com a derrota, a tiravam do pescoço e a guardavam no bolso dos seus agasalhos.<sup>49</sup>

Bielsa repetiu aos vários jornalistas presentes que o resultado não havia sido justo:

Está claro que, se a partida tinha o objetivo de determinar quem era o melhor do torneio, a posição final se contradiz, sem que isso pressuponha desmerecer o que o rival fez. (...) A Argentina definitivamente foi superior ao seu rival e a vitória brasileira pode-se vincular aos resultados que se obtém casualmente.<sup>50</sup>

<sup>47</sup> Idem, ibidem, p. C4.

<sup>48</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. PLATAVIDOESFUTEBOL. “Brasil x Argentina Copa America 2004 Final”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iqAhw8h5ZaE>. Acessado em: 11 de abril de 2018.

<sup>49</sup> LA NACION, 25 de julho de 2004. “Los jugadores se desahogaron con las medallas”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/621819-los-jugadores-se-desahogaron-con-las-medallas>. Acessado em: 11 de abril de 2018.

<sup>50</sup> Idem, ibidem. “Bielsa: ‘El resultado se contradice con quien fue el mejor del torneo’”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/621837-bielsa-el-resultado-se-contradice-con-quien-fue-el-mejor-del-torneo>. Acessado em: 11 de abril de 2018.

A percepção de Bielsa foi a mesma da imprensa local, o Olé destacou na capa de sua edição impressa: “Argentina de ouro”<sup>51</sup> e na versão digital destacou os aplausos com que a equipe foi recebida no aeroporto de Ezeiza.<sup>52</sup>

Claudio Grosso, indiretamente, lamentou a chance desperdiçada pela seleção de seu país, sobretudo por enfrentar o grande rival e, com a vitória, recuperar sua confiança e estima perdida desde o fracasso na Copa de 2002. Antes da partida, o jornalista afirmou:

Eles sabem que a memória coletiva distingue os ganhadores e por isso, de uma vez por todas, querem pertencer a esse clube de inesquecíveis. O plantel da seleção sente que a rivalidade histórica com o Brasil, que aparece justamente na final da Copa América, talvez, como a oportunidade de um projeto reparador. Porque a ressonância de um triunfo em um clássico eterno inexoravelmente teria efeitos restauradores no plano afetivo.<sup>53</sup>

Os jornais brasileiros reconheceram a superioridade exercida pela Argentina ao longo dos 90 minutos, mas isso não tirou o mérito e o sabor da vitória contra o maior rival. Ao contrário, os brasileiros estavam de “alma lavada”, ao menos segundo a manchete do Caderno de Esportes do Jornal do Brasil.<sup>54</sup> O periódico ainda afirmava em tom irônico e reverberando a rivalidade entre as equipes:

Pouco importa que o time jogou mal, foi dominado e só conseguiu o empate (2 a 2) aos 48 minutos do segundo tempo. O improvável gol de Adriano, artilheiro da Copa América com sete gols, surgiu como uma artimanha da bola para tirar o doce da boca dos argentinos.<sup>55</sup>

E finalizou aludindo a uma vingança histórica: “Quarenta e cinco anos após ter perdido o sul-americano para o rival, a Seleção deu o troco. Lavou a alma com uma vitória forjada no imponderável que habita o futebol – e que o torna irresistível”.<sup>56</sup>

Marcos Caetano, para o Jornal do Brasil, lembrando Nelson Rodrigues, ressaltou que o cronista pernambucano definiu o Fla-Flu como os irmãos Karamazov do

<sup>51</sup> OLÉ, 26 de julho de 2004, p. 1.

<sup>52</sup> Idem, ibidem. “Aplausos para la Selección en el regreso”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/2004/07/26/index.html>. Acessado em: 11 de abril de 2018.

<sup>53</sup> LA NACION, 25 de julho de 2004. GROSSO, Claudio. “A 90 minutos del recuerdo”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/621725-a-90-minutos-del-recuerdo>. Acessado em: 11 de abril de 2018.

<sup>54</sup> JORNAL DO BRASIL, 26 de julho de 2004, p. C1.

<sup>55</sup> Idem, ibidem, p. C1.

<sup>56</sup> Idem, ibidem, p. C1. O jornal remete ao título argentino conquistado em 1956.

futebol brasileiro. Ampliando a ideia rodriguiana, Caetano afirmou: “Se Flamengo e Fluminense são os irmãos Karamazov dos clubes, Brasil e Argentina reeditam tal rivalidade no âmbito das seleções nacionais”. O cronista também reconheceu a superioridade do adversário no jogo, mas não deixou de se regozijar com a vitória e de realizar uma estúrdia.

Pois bem. Ganhamos nos pênaltis um jogo que deveríamos ter perdido no tempo normal. A Argentina é um dos países com maior quantidade de psicanalistas e onde mais se faz análise. Se depender do futebol brasileiro, essa situação será mantida ainda por muito tempo.<sup>57</sup>

Bem menos irreverente foi a análise de José Geraldo Couto para a Folha de São Paulo, que apesar da satisfação com a vitória destacou a pouca preocupação coletiva demonstrada pela Seleção Brasileira e sua extrema dependência das individualidades.

Vibrei até ficar rouco com o gol de Adriano no último minuto, e mais ainda com a vitória nos pênaltis, mas agora é hora de botar a bola no chão – quero dizer, a cabeça no lugar – e pensar com frieza no que aconteceu. A Argentina jogou muito melhor que o Brasil e merecia vencer. Se tecnicamente os dois elencos são mais ou menos equivalentes, em termos de conjunto não há comparação. A Argentina foi um time, o Brasil foi um amontoado. Isso não deve espantar ninguém. Essa equipe argentina, embora com alguns desfalques importantes (Samuel, Aimar, Crespo) está formada há mais tempo e conta com atletas de larga experiência de seleção. O Brasil, como se sabe, não contou com seus titulares. À parte isso, o time teve pouco tempo para treinar e ganhar entrosamento. Até aí, tudo bem. Mas há um fator a mais a ser levado em conta: os jogadores escalados, com raras exceções, têm pouca consciência tática e espírito coletivo. Apostam tudo no jogo individual. (...) Foi lindo, foi emocionante, premiou um dos maiores lutadores do time, mas não podemos nos deixar cegar pela euforia. O Brasil fez um jogo ruim e uma Copa América não mais que razoável.<sup>58</sup>

## 7.2. BRASIL SACA CRACKS Y ARGENTINA, GRANDES JUGADORES

Antes de retomar as eliminatórias, em setembro, a Argentina, ao contrário do Brasil que perdeu a vaga no pré-olímpico, disputou as Olimpíadas de Atenas e o fez com uma seleção muito forte. Com uma campanha irretocável, a alvianil derrotou todos os seus adversários e encarou na disputa final o outro classificado da América do Sul, o Paraguai, e o venceu por 1X0, gol de Tévez, conquistando, pela primeira vez, a medalha de ouro olímpica. Marcelo Bielsa, após o fracasso na Copa de 2002 e na Copa América finalizada no mês

<sup>57</sup> Idem, *ibidem*, p. C3.

<sup>58</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 26 de julho de 2004, p. D-5.

anterior, finalmente, conquistou um título de expressão pelo selecionado de seu país, ainda que não fosse pela equipe principal.

As eliminatórias foram retomadas no início de setembro. A Argentina visitou novamente a cidade de Lima para enfrentar o Peru no dia 4 de setembro. Tendo como base a seleção que conquistou a medalha de ouro olímpica e atuando com muita garra, os visitantes ganharam a partida por 3X1. No dia seguinte, em São Paulo, o Brasil recebeu a Bolívia e venceu, sem dificuldades, apresentando-se de forma convincente apenas no primeiro tempo, também por 3X1. As duas seleções seguiam firmes no topo da tabela das eliminatórias.

De forma surpreendente para alguns e esperada para outros, no dia 14 de setembro, alegando não ter mais energias para seguir comandando a Seleção da Argentina, Marcelo Bielsa anunciou sua saída. Segundo ele, a decisão amadureceu depois da vitória contra o Peru, pelas eliminatórias.<sup>59</sup> Sem tempo a perder, na semana seguinte, a AFA anunciou José Pekerman como o novo técnico da seleção.

Em outubro, foi disputada a última rodada do turno e a primeira do retorno das eliminatórias. No dia 9, tanto Brasil, quanto a Argentina entraram em campo. O Brasil foi a Maracaibo enfrentar os venezuelanos e venceu, sem muitas dificuldades, o seu oponente, por 5X2. Os argentinos, estreando o novo treinador, receberam um adversário de grande tradição, o Uruguai. A equipe apresentou um bom futebol, especialmente no primeiro tempo, despertando os aplausos no Monumental, quando saiu de campo com a vantagem de 3X0 no placar. Final do jogo, vitória por 4X2. Ao terminar o turno, os cinco primeiros colocados eram: o Brasil, com 19 pontos; a Argentina, com 18; o Paraguai, com 15; o Equador, com 13 e o Chile, com 12.

No dia 12 de outubro iniciou-se a disputa do retorno e das cinco partidas disputadas, quatro terminaram empatadas, apenas a Venezuela derrotou o Equador por 3X1 e passou a disputar com o próprio Equador e o Chile uma das vagas para a Copa do Mundo. A Argentina e o Brasil jogaram no dia seguinte. Ambas as seleções empataram seus jogos por 0X0. O resultado foi mais decepcionante para o Brasil que enfrentou a Colômbia, equipe que terminou o turno na penúltima colocação, com apenas 9 pontos, em Maceió. Além disso, pela

---

<sup>59</sup> LA NACION, 14 de setembro de 2004. “Me quedé sin energías”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/636325-me-quede-sin-energias>. Acessado em: 12 de abril de 2018.

primeira vez, o Brasil não marcava gols em eliminatórias quando atuava em casa: “Havia 50 anos o Brasil sempre deixava sua marca no placar quando jogava em casa no qualificatório para o Mundial”.<sup>60</sup> A Argentina, por sua vez, foi até Santiago enfrentar o Chile e o empate foi considerado um bom resultado pela Folha de São Paulo, pois a “equipe de José Pekerman foi pressionada durante quase todo o jogo” e mesmo com as substituições realizadas pelo técnico o “time não criou oportunidades”.<sup>61</sup>

No dia 17 de novembro foi disputada a última rodada das eliminatórias para o ano de 2004 e nela a liderança da competição foi trocada de mãos uma vez que a Argentina recebeu e derrotou a Venezuela pelo placar de 3X2, enquanto o Brasil foi derrotado pelo Equador em Quito por 1X0. Enquanto os brasileiros só retornaram ao campo no ano seguinte, os argentinos foram a Barcelona e derrotaram a seleção da Catalunha, em um amistoso, disputado em dezembro, pelo placar de 3X0.

Os objetivos das duas seleções eram praticamente idênticos para 2005. O primeiro, e mais importante, era finalizar as eliminatórias e garantir a classificação para a Copa do Mundo de 2006. O segundo era a disputa da Copa das Confederações que ocorreria em junho na Alemanha, sede do próximo Mundial. Antes de reiniciar as eliminatórias, o Brasil jogou em fevereiro uma partida amistosa contra Hong Kong e goleou seu adversário por 7X1. A Argentina realizou dois amistosos, o primeiro no dia 9 de fevereiro, quando empatou com a Alemanha por 2X2, em Düsseldorf e o segundo, nos Estados Unidos, no dia 10 de março, contra o México. Novo empate, agora por 1X1.

No final de março foram disputadas duas novas rodadas das eliminatórias, que sofreriam nova parada e só seriam retomadas em junho. No dia 26 de março, a Argentina subiu os Andes e enfrentou a Bolívia, em La Paz e conseguiu um excelente resultado. Depois de sair perdendo a partida, virou o jogo e venceu por 2X1. Era a primeira vitória argentina em La Paz depois de 32 anos. Pekerman afirmou ao final do confronto: “O futebol prevaleceu sobre a altitude”.<sup>62</sup> No dia seguinte, o Brasil recebeu os peruanos, em Goiânia, e sob forte calor, venceu seu adversário pelo placar mínimo. O La Nacion destacou os relatos divulgados

---

<sup>60</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 14 de outubro de 2004, p. D1.

<sup>61</sup> Idem, ibidem, p. D1.

<sup>62</sup> LA NACION, 26 de março de 2005. “Pekerman: El fútbol prevaleció sobre la altura”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/690821-pekerman-el-futbol-prevalecio-sobre-la-altura>. Acessado em: 12 de abril de 2018.

pela imprensa brasileira que classificaram como má a atuação do seu selecionado<sup>63</sup> e seguindo uma linha próxima de raciocínio escreveu: “Não houve esplendor: sem brilho, o Brasil lutou e venceu”.<sup>64</sup>

No dia 30 de março, a Argentina recebeu e venceu a Colômbia por 1X0 em Buenos Aires, enquanto o Brasil empatou por 1X1 com o Uruguai em Montevideú. A Argentina consolidava sua liderança nas eliminatórias com quatro pontos de vantagem sobre a Seleção Brasileira que, por sua vez, também tinha quatro pontos de diferença para o terceiro colocado. Faltando cinco rodadas para o fim da competição, a Argentina já poderia, se vencesse o Equador e com uma combinação adequada de resultados, classificar-se na rodada seguinte para o Mundial. O Brasil também estava com a vaga bem encaminhada.

Em junho foram disputadas duas novas rodadas das eliminatórias. No dia 4 de junho a Argentina enfrentou o Equador em Quito. A equipe da casa, na disputa por uma vaga na Copa do Mundo, consolidou-se na terceira posição da tabela ao derrotar os argentinos por 2X0. José Pekerman, em virtude do enfrentamento com o Brasil na rodada seguinte, optou por colocar em campo uma equipe praticamente reserva e não levou para o Equador jogadores como Crespo, Luis Gonzáles, Ayala e Saviola, que ficaram treinando em Buenos Aires exclusivamente para o jogo contra os brasileiros. Além do mau resultado, que impediu a classificação antecipada da albiceleste para o Mundial, Pekerman ainda perdeu Cambiasso, um dos três titulares em campo, expulso, para o próximo jogo. Os jornais argentinos criticaram a equipe após a derrota para o Equador. Claudio Mauri ressaltou no título de sua matéria: “Uma derrota sem atenuantes: a Argentina fez muito pouco contra o Equador”.<sup>65</sup>

Para elevar o clima de expectativa para o confronto entre Argentina e Brasil, os brasileiros receberam, no dia 5 de junho, os paraguaios e com uma exibição considerada de gala pelo Jornal do Brasil, derrotaram seus adversários por 4X1. Os periódicos argentinos, no entanto, estavam mais preocupados em ressaltar o próximo embate entre as duas equipes, que

---

<sup>63</sup> Idem, 28 de março de 2005. “Eliminatorias: críticas a Brasil, pese a la Victoria sobre Perú”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/691171-eliminatorias-criticas-a-brasil-pese-a-la-victoria-sobre-peru>. Acessado em: 12 de abril de 2018.

<sup>64</sup> Idem, ibidem. “No hubo resplendor: sin brillo, Brasil luchó y ganó”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/691041-no-hubo-resplendor-sin-brillo-brasil-lucho-y-gano>. Acessado em: 12 de abril de 2018.

<sup>65</sup> Idem, 5 de junho de 2005. “Una derrota sin atenuantes: la Argentina hizo muy poco ante Ecuador”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/710369-una-derrota-sin-atenuantes-la-argentina-hizo-muy-poco-ante-ecuador>. Acessado em: 18 de abril de 2018.

seria disputada no dia 8 de junho, do que analisar com mais vagar a atuação da Seleção Brasileira.

O Olé, diário que adota um tom mais provocativo, afirmou que o Brasil foi favorecido pela arbitragem na partida contra o Paraguai e que os dois primeiros gols ocorreram em marcações polêmicas do árbitro da partida. O título da matéria em que analisava a vitória brasileira sobre os paraguaios é esclarecedor: “Não os olhe fixo que te marcam pênalti”.<sup>66</sup> Apesar do periódico afirmar que os pênaltis assinalados para o Brasil não existiram, ele deixa claro que a vitória foi justa e que eles não seriam necessários para que os brasileiros vencessem a partida.

Mal acabara o confronto contra o Paraguai e Parreira já planejava a formação da equipe que enfrentaria a Argentina e prometeu uma equipe ofensiva no Monumental de Núñez. “Não vamos ficar encolhidos não, muito pelo contrário, vamos sair para o jogo” afirmou o treinador.<sup>67</sup> Mas, com o intuito de reduzir a pressão sobre a sua equipe afirmou: “Brasil e Argentina já estão classificados para a Copa do Mundo e farão um amistoso de luxo, que vale a liderança das eliminatórias”.<sup>68</sup>

Pekerman não concordou com o seu colega brasileiro e afirmou que a partida era, do ponto de vista argentino, decisiva.

Sou respeitoso em relação a declarações. Não sei qual é o pensamento de Parreira, mas digo qual é meu pensamento: a Argentina toma essa partida como decisiva. Queremos jogar com o melhor e queremos confrontá-los em qualquer circunstância.<sup>69</sup>

Na Argentina, o interesse e a expectativa pela partida contra o Brasil foram imensos. Os 60 mil ingressos foram vendidos em algumas horas. As provocações começaram cedo, contudo sem gerar um clima de hostilidade.<sup>70</sup> O La Nacion, no dia 4 de junho, ou seja, antes mesmo do início da rodada anterior, publicou que a Seleção Brasileira, denominada de conjunto carioca, traria sua própria água para Buenos Aires para não ter o risco de beber uma

---

<sup>66</sup> OLÉ, 6 de junho de 2005. “No lo mires fijo que te cobran penal”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/jsp/v3/pagina.jsp?pagId=990157>. Acessado em: 18 de abril de 2018.

<sup>67</sup> JORNAL DO BRASIL, 6 de junho de 2005, p. C3.

<sup>68</sup> Idem, ibidem, p. C3.

<sup>69</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 7 de junho de 2005, p. D-4.

<sup>70</sup> Ronaldinho Gaúcho, por exemplo, desde que chegou em Buenos Aires foi idolatrado pela torcida local.

“água batizada”, como teria ocorrido na Copa de 1990. “O conjunto carioca trará sua própria água em sua visita à Argentina; o técnico Parreira considerou oportuna a decisão”.<sup>71</sup>

Se existia rivalidade, ela foi comprovada na fala do goleiro argentino, Pato Abbondanzieri, que lembrou a derrota nos pênaltis na Copa América de 2004 e que ele esperava uma revanche em relação àquela partida ou ainda expresso no desejo de Sórin de conseguir a classificação para o Mundial ganhando do Brasil, também havia muito respeito dos argentinos ao falarem do seu adversário. Crespo afirmou que a Seleção Brasileira era o “*Dream Team*” e pelos seus valores individuais o favorito para conquistar o Mundial de 2006.<sup>72</sup> O técnico argentino também afirmou que o “Brasil está um pouco acima dos demais”,<sup>73</sup> mas lembrou de que se tratava de um clássico e que o adversário não encontraria facilidades.

Maradona, em entrevista dada à Rádio Rivadavia, reproduzido pelo La Nacion, afirmou que o “Brasil tem um timaço. Está um nível acima. Porém, a valentia dos rapazes argentinos servirá para que essa diferença não se note. Tenho muita confiança em lograr uma vitória”.<sup>74</sup> O eterno astro argentino repetiu sua afirmação ao visitar a concentração da Seleção Brasileira na antevéspera do jogo.<sup>75</sup>

Sem dúvida a declaração mais polêmica e que acalorou os debates no país partiu de Diego Simeone, ex-capitão e símbolo da Seleção Argentina. Para o diário Olé, *El Cholo*, como era conhecido, afirmou: “O Brasil saca craques e a Argentina, grandes jogadores”. Segundo ele, a força argentina se encontra no coletivo e quando a equipe responde adequadamente os argentinos são melhores, contudo, o “Brasil tem o dom de ganhar com a inspiração de um”.<sup>76</sup>

---

<sup>71</sup> LA NACION, 4 de junho de 2005. “Brasil reaviva las polémica”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/710107-brasil-reaviva-las-polemicas>. Acessado em: 18 de abril de 2018.

<sup>72</sup> Idem, 6 de junho de 2005. TRENADO, Juan Manuel. “Crespo: ‘Es un desafío jugar contra los mejores’”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/710446-crespo-es-un-desafio-jugar-contra-los-mejores>. Acessado em: 18 de abril de 2018.

<sup>73</sup> Idem, 7 de junho de 2005. GROSSO, Cristian. “Difícil, pero no imposible”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/710779-difícil-pero-no-imposible>. Acessado em: 18 de abril de 2018.

<sup>74</sup> Idem, ibidem.

<sup>75</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 8 de junho de 2006, p. D-2. Nas palavras de Maradona: “Torço para a Argentina, mas, no mundo, o Brasil está um nível acima dos demais”.

<sup>76</sup> OLÉ, 6 de junho de 2005. “Brasil saca cracks y Argentina, grandes jugadores”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/jsp/v3/pagina.jsp?pagId=990290>. Acessado em: 18 de abril de 2018.

Ecoando a receita ofertada por Simeone, Claudio Mauri afirmou que, mesmo não se encontrando em seu melhor momento, são pouquíssimas as partidas internacionais que a Argentina não entra em campo como favorita e este seria o caso do confronto contra o Brasil. O jornalista completou ressaltando que os atuais campeões do mundo possuem mais recursos para ganhar o jogo e isto em virtude de três fatores: “hierarquia individual, qualidade atlética e personalidade ganhadora”.<sup>77</sup> Para superar o brilho dos jogadores brasileiros, sair com a vitória e a classificação garantida para o Mundial, a Seleção Argentina dependeria da força coletiva, do esforço e da solidariedade de todos, ou seja, para derrotar os brasileiros aciona-se, segundo Ronaldo Helal, “atributos ‘menos criollistas’ para poder vencer os que tem ‘brilho individual’”.<sup>78</sup> Era preciso adotar um estilo mais europeizante.

Argentinos e brasileiros foram ovacionados pela torcida que lotou, na fria noite de quarta-feira, 8 de junho, o Monumental de Núñez.<sup>79</sup> As duas equipes entraram com praticamente o que tinham de melhor naquele momento. No Brasil, a grande ausência era Ronaldo, o atleta havia solicitado sua dispensa da disputa da Copa das Confederações, tal fato irritou os dirigentes da CBF que resolveram não convocá-lo para as partidas contra o Paraguai e a Argentina. Cambiasso, expulso na partida anterior, era o desfalque dos anfitriões.<sup>80</sup>

Desde o apito inicial, os donos da casa adotaram um esquema de forte marcação e jogo ofensivo. Mais determinada e roubando bolas em sequência no meio campo, a Argentina foi premiada logo aos 4 minutos. Crespo recebeu passe de Lucho González, Cafu dava condição legal para o centroavante argentino, que entrou livre na área para inaugurar o placar.

<sup>77</sup> LA NACION, 8 de junho de 2005. MAURI, Claudio. “El partido que todos esperan”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/711036-el-partido-que-todos-esperan>. Acessado em: 18 de abril de 2018.

<sup>78</sup> HELAL, Ronaldo. “Como ‘eles’ nos vêem: futebol brasileiro e imprensa argentina”. Disponível em: [http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_04/contemporanea\\_n04\\_07\\_RonaldoHelal.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_04/contemporanea_n04_07_RonaldoHelal.pdf). Acessado em: 8 de abril de 2013.

<sup>79</sup> Há uma interessante discussão que não é aprofundada no trabalho ora apresentado no que se refere ao preço dos ingressos cobrados pela AFA e pela CBF e o relacionamento que se pretendia criar entre os selecionados nacionais e seus respectivos torcedores. Enquanto a primeira cobrava pelos ingressos preços bem acessíveis, inclusive para as classes menos favorecidas, a CBF cobrava preços muito mais elevados. Para o jogo contra o Brasil, os ingressos vendidos variavam entre 10 e 50 pesos o que equivaleria, no câmbio da época, entre R\$ 8 e R\$ 40. O ingresso mais barato comercializado pela CBF no jogo disputado no Beira-Rio, em Porto Alegre, contra o Paraguai, foi de R\$ 50,00. A Folha de São Paulo inclusive acusava: “Para os brasileiros, o time nacional virou um programa de convidados da CBF (Confederação Brasileira de Futebol) e para aqueles que podem pagar em média, R\$ 70 por um bilhete”. Cf. FOLHA DE SÃO PAULO, 7 de junho de 2005, p. D-2.

<sup>80</sup> Escalação da Seleção Argentina: Abbondanzieri, Coloccini, Ayala, Heize, Lucho González (Zanetti), Mascherano, Riquelme, Sorín, Killy González, Saviola (Tévez) e Crespo. Escalação da Seleção Brasileira: Dida, Cafu, Juan, Roque Júnior, Roberto Carlos, Emerson, Zé Roberto, Kaká, Ronaldinho, Robinho (Renato) e Adriano. O árbitro da partida foi o uruguaio Gustavo Méndez.

Os argentinos é que pareciam o “*Dream Team*” e mantendo a marcação firme, aos 18 minutos, Riquelme deu belo passe de calcanhar para Mascherano. O meia argentino tocou para Lucho González, que devolveu para Riquelme, que com habilidade, livrou-se de Roque Júnior e chutou no ângulo: Argentina vencia e dava espetáculo.

O esquema ofensivo de Parreira, com apenas um fixo na marcação no meio campo, não surtiu efeito. Aos 39 minutos, após cobrança de escanteio, Saviola recebeu dentro da área e não foi incomodado até cruzar para Crespo cabecear no canto. Ao final do primeiro tempo, a Argentina vencia com facilidade por 3X0.

O Brasil voltou com outra postura na etapa final e os argentinos, por sua vez, recuaram, buscando contra-atacar. A partida ficou equilibrada. Aos 26 minutos, Roberto Carlos, em cobrança de falta, bateu forte, no ângulo, para diminuir o placar. O Brasil ainda teve boa oportunidade, aos 39 minutos, com Adriano, que acertou a trave. No último lance da partida, aos 46 minutos, Ronaldinho Gaúcho cobrou falta da entrada da área, mas o goleiro argentino espalmou a bola para fora. Ao final, Argentina estava garantida na Copa do Mundo com a vitória por 3X1<sup>81</sup> e o Brasil ainda tinha o seu passaporte retido.<sup>82</sup>

A imprensa argentina ficou eufórica com a vitória. Claudio Mauri destacou no título da sua matéria: “Fantástico: para o Mundial, com passagem de primeira classe”. E seguiu tecendo elogios à atuação da equipe de seu país, mas sempre realçando a qualidade do adversário.

Ao fim, a classificação para o Mundial chegou envolta com um rendimento soberbo, agigantado porque foi à custa dos campeões do mundo, nada menos. Se algum dia o selecionado argentino necessitar promover as qualidades de seu futebol em algum lugar do mundo, poderá mostrar o vídeo do primeiro tempo de ontem como um produto irresistível, quase impecável. Esperava-se, pelo menos, uma partida digna da Argentina contra um rival multiestrelar. (...) O selecionado, nesses primeiros 45 minutos, deu uma função completa: correu, jogou, teve garra, disciplina tática, coragem, gols.

---

<sup>81</sup> A Argentina quebrou uma escrita que perdurava 41 anos, desde a partida disputada no Pacaembu pela Taça das Nações, em 3 de junho de 1964, os argentinos não marcavam três gols na Seleção Brasileira. Na ocasião a vitória da albiceleste foi pelo placar de 3X0.

<sup>82</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOS DO BRASIL. “Eliminatórias Copa 2006: Brasil 1x3 Argentina (2005)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2wKypBrNbnE>. Acessado em: 19 de abril de 2018.

Levou o Brasil a um estado de nervosismo e impotência que certamente não sentia há algum tempo.<sup>83</sup>

A batucada, símbolo do samba e do Brasil, foi ressaltado pelo Olé em sua manchete, mas para lembrar que, dessa vez, ela foi argentina. “Batucada no Monumental: a Seleção, 3-1 sobre o Brasil e se classifica”. A matéria prossegue com um teor muito próximo ao apresentado pelo La Nacion de Claudio Mauri: “A noite perfeita. No superclássico do futebol sul-americano, a Argentina com um primeiro tempo de novela, conseguiu a classificação para o Mundial de 2006 diante do seu eterno rival no Monumental”.<sup>84</sup>

A imprensa brasileira entendeu o resultado como justo e, inicialmente, ao invés de destacar pontos positivos do seu rival, preferiu criticar a atuação da sua equipe: “E o ‘time dos sonhos’ caiu diante de um rival muito menos badalado, recheado por veteranos longe do auge e garotos que ainda não têm o mesmo sucesso dos brasileiros na Europa”.<sup>85</sup> Em outra reportagem sobre a partida, o mesmo periódico destacou a inversão de papéis que ocorreu no jogo, a habilidade e técnica, marcas da escola brasileira, pertenceram ao futebol argentino e a garra e vontade, que seriam características da escola argentina, restaram ao Brasil.

É interessante ressaltar, no entanto, que as origens do futebol argentino e brasileiro são similares, a habilidade e técnica são marcas das escolas dos dois países e que foram aprendidas, miticamente, na várzea ou no *potrero*. Contudo, quando as duas escolas se enfrentam, a construção identitária, especialmente a partir do final da década de 1950, representa o futebol brasileiro como mais habilidoso e técnico. E o argentino mais aguerrido e coletivo. Outra característica que marcaria o futebol brasileiro e muito ressaltada pelos argentinos é que o primeiro “treme”, se apequena quando precisa jogar no país vizinho. Ao inverter as identidades futebolísticas dos dois países, a Folha de São Paulo não faz mais do que reforçá-las.

A técnica argentina superou a força brasileira. O duelo de ontem prometia, por declarações de atletas e técnicos, colocar a habilidosa escola do Brasil contra a aguerrida escola argentina. Mas a tônica que era esperada foi invertida. A equipe de José Pekerman esbanjou toques de categoria, manteve

<sup>83</sup> LA NACION, 9 de junho de 2006. MAURI, Claudio. “Fantástico: al Mundial, con pasaje de primera”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/711397-fantastico-al-mundial-con-pasaje-de-primera>. Acessado em: 19 de abril de 2018.

<sup>84</sup> OLÉ, 8 de junho de 2006. “Batucada en El Monumental: la Selección, 3-1 a Brasil y se clasifica”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/2005/06/08/index.html>. Acessado em: 19 de abril de 2018.

<sup>85</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 9 de junho de 2005, p. D-1.

a posse de bola com maestria, deu dribles de efeito e fez gols nos primeiros 45 minutos. O time de Carlos Alberto Parreira mostrou nervosismo, exagero de vontade em alguns lances e conseguiu mais cartões do que inspiração.<sup>86</sup>

Na semana seguinte, as duas seleções jogariam a Copa das Confederações, na Alemanha. Antes de tratar deste assunto, será realizado um salto temporal para se abordar as três últimas rodadas das eliminatórias para a Copa de 2006 que foram retomadas apenas em setembro de 2005.

No início de setembro foi disputada a antepenúltima rodada das eliminatórias.<sup>87</sup> A Argentina, já classificada, foi até Assunção para enfrentar o Paraguai e acabou derrotada por 1X0, no dia 3 de setembro. Com o resultado a equipe guarani consolidava-se na quarta posição das eliminatórias. O Brasil, no dia seguinte, jogou em Brasília, contra o Chile. A vitória garantiria a classificação da equipe para o Mundial. Como havia ocorrido em sua última apresentação em solo pátrio, contra o Paraguai, o Brasil deu show e venceu com facilidade os chilenos por 5X0, com três gols de Adriano, um de Juan e outro de Robinho.

A sensação de inferioridade argentina, obviamente ainda reverberando a derrota na final da Copa das Confederações que será abordada no próximo tópico, ficou patente na análise realizada por Cristian Grosso após a vitória do Brasil sobre o Chile. Para o jornalista:

É verdade que a tabela de classificação das eliminatórias sul-americanas mostra a Argentina um ponto acima do Brasil (31 pontos contra 30), depois de 16 rodadas. Porém a realidade não se pode esconder por trás dessas estatísticas. O conjunto de Carlos Alberto Parreira transmite uma sensação de superioridade inegável.<sup>88</sup>

Dentre as várias razões apresentadas pelo cronista para a atual superioridade brasileira, ele retoma a discussão levantada por Simeone, de o Brasil contar com craques e a Argentina com bons jogadores:

---

<sup>86</sup> Idem, *ibidem*, p. D-6.

<sup>87</sup> Antes da retomada das eliminatórias, após a disputa da Copa das Confederações, o Brasil empatou por 1X1 com a Croácia em jogo ocorrido em 17 de agosto e a Argentina derrotou por 3X1 a Hungria na mesma data. As duas partidas foram disputadas fora de casa.

<sup>88</sup> LA NACION, 5 de setembro de 2005. GROSSO, Cristian. “Contracara: por qué Brasil está cada vez más lejos”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/736174-contracara-por-que-brasil-esta-cada-vez-mas-lejos>. Acessado em: 19 de abril de 2018.

O peso das individualidades é determinante nesta queda de braços. Enquanto o Brasil conta com vários craques, a Argentina dispõe de muitos bons jogadores e apenas de um punhado de muito bons futebolistas. Porém nenhum alcança a categoria de diferente. Quem deixará a titularidade para dar lugar a Ronaldinho, que ontem não jogou por estar suspenso? Imaginar um Robinho, um Kaká, ou um Adriano no banco expressa a abundância de talento do scratch. (...) Se até no gol, um histórico ponto fraco do Brasil, também são superiores: Dida e Júlio César, titular e suplente em uma seleção, são os donos das metas de Milan e Internazionale, respectivamente. Nada menos.<sup>89</sup>

Em outubro foram disputadas as duas últimas rodadas das eliminatórias. Argentina e Brasil entraram em campo no dia 9 contra Peru e Bolívia, respectivamente. Em Buenos Aires, os argentinos derrotaram o Peru por 2X0 enquanto os brasileiros enfrentaram os bolivianos em La Paz e voltaram com um empate por 1X1. A Argentina seguia líder das eliminatórias com 3 pontos de vantagem sobre a Seleção Brasileira, restando uma rodada. Equador e Paraguai também garantiram suas classificações antecipadas para o Mundial.

Na última rodada, uma única vaga estava em disputa, a repescagem. O Uruguai, a Colômbia e o Chile estavam na disputa. Os uruguaios, para não dependerem dos resultados dos seus adversários, teriam que vencer seu rival platino, a Argentina, em jogo disputado em Montevideu no dia 12 de outubro. No Centenário repleto, as duas equipes fizeram uma partida bastante difícil e ríspida que terminou com a vitória, por 1X0, dos donos da casa que, dessa forma, classificaram-se para enfrentar a Austrália, em novembro, pela repescagem.<sup>90</sup>

O Brasil, no mesmo dia, encerrou sua participação nas eliminatórias recebendo no estádio Mangueirão, em Belém, a Seleção Venezuelana. Sem dificuldades, os brasileiros derrotaram seu adversário por 3X0. A vitória fez com que o Brasil e a Argentina terminassem a competição com o mesmo número de pontos, mas como a Seleção Brasileira tinha um saldo de gols superior (18 contra 12) acabou ultrapassando seu adversário no primeiro posto da competição.

Finalizando o ano de 2005, o Brasil, no dia 12 de novembro derrotou os Emirados Árabes Unidos por 8X0, em amistoso disputado em Abu Dhabi e terminou na primeira

---

<sup>89</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>90</sup> A Austrália conseguiu sua classificação para o Mundial de 2006 de forma dramática. Os uruguaios venceram a primeira partida, em Montevideu, disputada no dia 12 de novembro, por 1X0. Quatro dias depois, 16 de novembro, em Sydney, a Austrália devolveu o placar no tempo normal e empatou sem gols na prorrogação. A decisão foi para os pênaltis e os donos da casa, conhecidos como Socceros, venceram por 4X2.

colocação do ranking da FIFA. Ronaldinho Gaúcho foi, pela segunda vez consecutiva, eleito o melhor jogador do mundo e o país teve outros dois jogadores, relacionados entre os dez principais do planeta, Adriano em quinto lugar e Kaká na oitava posição.

No mesmo dia, 12 de novembro, a Argentina foi derrotada pelos ingleses por 3X2 em amistoso disputado na Suíça e quatro dias depois realizou sua última apresentação no ano contra o Catar, em Doha, vitória por 3X0. No ranking da FIFA, a albiceleste finalizou 2005 na quarta posição e o melhor argentino dentre os jogadores do mundo foi Riquelme, na décima sexta posição. Um nome despontava para o cenário mundial, Lionel Messi, Campeão Mundial Sub-20 e principal jogador da competição disputada naquele ano na Holanda.

### **7.3. COPA DAS CONFEDERAÇÕES: “ERROR 30\_06\_2005”**

Entre 15 e 29 de junho foi disputada, na Alemanha, país sede da Copa do Mundo de 2006, a sétima edição da Copa das Confederações – a quinta organizada pela FIFA. A competição transformou-se em oportunidade para a entidade máxima do futebol mundial verificar, na prática, as condições em que se encontrava o país sede um ano antes da competição. Como das outras vezes, oito seleções disputaram o torneio. O Brasil esteve presente por ser o atual campeão mundial e por ser também o campeão sul-americano abriu uma vaga para o vice-campeão, no caso, a Argentina.

As seleções foram divididas em dois grupos com quatro equipes que se enfrentavam entre si e as duas primeiras colocadas avançavam para as semifinais. Os vencedores fariam a grande final. As seleções foram assim divididas: Grupo A: Alemanha, Argentina, Austrália e Tunísia. Grupo B: Brasil, Grécia, Japão e México.

A Argentina realizou a partida inaugural contra a Tunísia, no dia 15 de junho, no Commerzbank-Arena, em Frankfurt. Os argentinos dominaram amplamente a primeira etapa, mas foram para o intervalo com a vantagem mínima, após Riquelme converter uma cobrança de pênalti. A representante africana, apesar de ter perdido uma penalidade, pouco produziu. A albiceleste continuou melhor e chegou ao seu segundo gol com Saviola. A vitória parecia garantida quando os tunisianos reagiram e marcaram com Guemamdia de pênalti. Faltando 15 minutos para o encerramento do jogo, a Tunísia pressionou em busca do empate que não ocorreu. Ao final, vitória da Argentina por 2X1.

Três dias depois, no Frankenstadion, em Nuremberg, a Argentina enfrentou a Austrália e venceu por 4X2 com grande apresentação do atacante Figueroa que marcou três vezes. Riquelme fez, de pênalti, o outro gol dos sul-americanos. Com a vitória, garantida aos 43 minutos da etapa final, os argentinos estavam classificados antecipadamente para a fase seguinte da competição.

No dia 21 de junho, novamente em Nuremberg, argentinos e alemães, já classificados por terem vencido seus dois primeiros adversários, decidiram as duas primeiras colocações da chave. A Alemanha, com um saldo positivo de 4 gols contra 3 gols da Argentina, jogava pelo empate para ficar em primeiro lugar do grupo. O equilíbrio foi a marca do clássico internacional. Ao contrário dos confrontos anteriores, as duas seleções não repetiram a postura ofensiva, mas realizaram um confronto de bom nível técnico que terminou empatado em 2X2, gols de Kurányi e Asamoah para os anfitriões e Riquelme e Cambiasso para os argentinos.

No dia 16 de junho, no Zentralstadion, em Leipzig, Brasil e Grécia estrearam no Grupo B. Os brasileiros realizaram excelente partida e derrotaram seu adversário por 3X0. João Henrique Medice, enviado especial do UOL Esporte, ainda impactado com a derrota sofrida em Buenos Aires para os argentinos escreveu: “O bom futebol esquecido na derrota para a Argentina nas eliminatórias voltou à seleção”.<sup>91</sup>

O rival do Brasil no dia 19 de junho, em Hannover, foi a Seleção Mexicana, que estava invicta há 18 jogos e ocupava a sexta posição do ranking da FIFA. Os comandados por Carlos Alberto Parreira voltaram a oscilar e não foram capazes de superar a excelente marcação adversária. Melhores em campo, os mexicanos venceram por 1X0 e garantiram a passagem para a semifinal.

Na última rodada, disputada no dia 22 de junho, o Brasil foi até Colônia, para enfrentar a Seleção Japonesa, dirigida por Zico. Por ter melhor saldo de gols, a Seleção Brasileira jogava pelo empate. Em jogo de grande dramaticidade, os japoneses tiveram um gol mal anulado no início da partida, o Brasil não voltou a apresentar um bom futebol e apenas empatou com o adversário por 2X2. Na última jogada do confronto, Marcos, goleiro

---

<sup>91</sup> UOL Esporte. “Quarteto engrena e faz o Brasil estreiar com vitória sobre a Grécia”. Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2005/06/16/ult59u94281.jhtm>. Acessado em: 21 de abril de 2018.

brasileiro, fez grande defesa e evitou a derrota e desclassificação da seleção. O México, por sua vez, ficou na primeira colocação do grupo ao empatar, sem gols, com a Grécia.

Em 25 de junho, Alemanha e Brasil abriram as semifinais no Frankenstadion, em Nuremberg. A partida foi emocionante, disputada e repleta de alternativas. O Brasil começou recuado e a Alemanha aproveitou-se para pressionar seu adversário. No momento em que a pressão se intensificava, aos 19 minutos, Adriano cobrou falta da intermediária, a bola bateu na barreira e entrou no meio do gol, após enganar o goleiro alemão. A vantagem não perdurou muito tempo. Três minutos depois, em jogada área, a Alemanha empatou com Podolski de cabeça. No final da primeira etapa, dois pênaltis movimentaram o placar. Aos 43 minutos Ronaldinho Gaúcho marcou para o Brasil e dois minutos depois Ballack empatou o jogo.

A partida continuou equilibrada na etapa complementar. O Brasil voltou melhor postado defensivamente, no entanto o quarteto ofensivo não ameaçava a defesa alemã. Contudo, aos 31 minutos, Adriano recebeu um passe de Robinho, invadiu a área e chutou cruzado para estufar as redes. A Seleção Brasileira se animou e quase ampliou na sequência. Temendo a pressão do adversário, Carlos Alberto Parreira realizou duas substituições com o intuito de reforçar a marcação de sua equipe que passou a tocar a bola até o apito final. Com a vitória o Brasil estava classificado para disputar a final da Copa das Confederações. Seu adversário seria conhecido no dia seguinte entre a Argentina e o México.

Em Hanover, no Hanover World Cup Stadium, argentinos e mexicanos realizaram, no tempo regulamentar, uma partida com poucas emoções e que terminou empatada sem gols. Na prorrogação, as duas seleções aumentaram o ritmo. Salcido, abriu o placar para os mexicanos no final da primeira etapa e aos cinco minutos do segundo tempo, Figueroa empatou para os argentinos. Com o empate em 1X1 na prorrogação a vaga para a final foi decidida nas penalidades máximas. Na primeira série de cinco cobranças, todos converteram. No início da série alternada, German Lux, goleiro argentino, defendeu o chute de Ricardo Osório e Pablo Aimar converteu para os argentinos garantindo sua seleção na decisão do torneio.

Após a partida disputada dias antes em Buenos Aires pelas eliminatórias, Argentina e Brasil se enfrentariam novamente. Por conta da vitória anterior, a torcida e a imprensa argentina estavam mais otimistas para este confronto e com isso o elemento

“europeu” do seu futebol foi menos acionado. Se para o embate anterior os argentinos ressaltavam o favoritismo brasileiro, agora havia um tom de igualdade nas reportagens.

A verdade é que não há um clássico no planeta futebol que se possa comparar com este: sete títulos mundiais no campo de jogo, uma rivalidade histórica marcada pela proximidade geográfica e pelo duelo de estilos, os nomes dos maiores jogadores da história como reis e muitos príncipes de cada lado disputando a herança (...).<sup>92</sup>

Os dois técnicos adotaram discursos respeitosos e que o equilíbrio seria a tônica do enfrentamento. Os atletas esperavam uma partida difícil, mas estavam ansiosos, otimistas e motivados, especialmente por enfrentarem o principal rival. Robinho, pelo Brasil, afirmou: “Brasil e Argentina são as maiores forças do futebol mundial (...) Nós é que fizemos o jogo contra a Alemanha ficar fácil. Vamos fazer o mesmo agora”.<sup>93</sup>

Galletti, atacante argentino também esbanjava confiança: “Somos melhores, mas temos que demonstrar isso. Durante a partida será visto como sentimos, mas por vontade e força não duvidamos que vamos ganhar do Brasil”.<sup>94</sup>

Argentina e Brasil decidiram a sétima edição da Copa das Confederações na noite de quarta-feira, 29 de junho de 2005, no Waldstadion, em Frankfurt. Era a primeira vez que os dois grandes rivais decidiam um torneio de seleções principais promovido pela FIFA.<sup>95</sup> Os mais de 45 mil espectadores que se encontravam no estádio assistiram apenas uma dezena de minutos de uma partida equilibrada e tensa, pois o Brasil, com uma defesa bem postada e com o denominado “quarteto mágico” extremamente inspirado, começou a construir sua vitória aos 11 minutos da etapa inicial. Adriano recebeu a bola de Cicinho, deu um corte para o meio no qual deixou seu marcador, Heinze, no chão e chutou forte, no ângulo superior direito, para abrir o placar.

---

<sup>92</sup> LA NACION, 28 de junho de 2005. ARCUCCI, Daniel. “Un partido para todo el mundo”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/716604-un-partido-para-todo-el-mundo>. Acessado em: 21 de abril de 2018.

<sup>93</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 28 de junho de 2005, p. D-1.

<sup>94</sup> JORNAL DO BRASIL, 28 de junho de 2005, p. A25.

<sup>95</sup> Escalação da Seleção Argentina: Germán Lux, Sorín, Zanetti, Heinze, Placente, Coloccini, Cambiasso (Aimar), Riquelme, Bernardi, Delgado (Galletti) e Figueroa (Tévez). Escalação da Seleção Brasileira: Dida, Lúcio, Roque Júnior, Cicinho (Maicon), Emerson, Gilberto, Kaká (Renato), Ronaldinho Gaúcho, Zé Roberto, Robinho (Renato) e Adriano. O árbitro da partida foi o eslovaco Lubos Michel.

Os argentinos buscaram equilibrar a partida e criaram duas jogadas de perigo para o gol brasileiro, mas o Brasil continuava atuando de forma segura. O quadrado mágico de Parreira dava provas de que era viável e que tudo seria completamente diferente do que havia ocorrido em Buenos Aires, algumas semanas antes. O segundo gol começou com uma inversão de Cicinho da direita para a esquerda até Robinho que matou no peito e tocou para Kaká chutar colocado, aos 16 minutos, no ângulo esquerdo da meta defendida por Lux. Brasil 2X0. Novas jogadas de perigo foram criadas, especialmente pelo Brasil, mas o placar não mais se alterou nos 45 minutos iniciais.

O Brasil voltou disposto a “liquidar a fatura” no início da etapa complementar. Logo aos 2 minutos, Cicinho, mais uma vez, recebeu a bola pela direita, na velocidade passou por Placente e cruzou a meia altura para o chute forte de Ronaldinho Gaúcho que ainda passou entre as pernas do arqueiro argentino.

A Argentina tentou reagir com Riquelme aos 6 minutos em cobrança de falta, a bola sobrou para Coloccini que chutou forte, por cima do gol. A ciranda brasileira seguia, com a bola de pé em pé e aterrorizando a defesa albiceleste. Em um rápido contra-ataque, aos 7 minutos, em que o Brasil tinha a vantagem de 4 contra 2, Kaká chutou para grande defesa de Lux. Aos 13 minutos, Robinho passou por Coloccini, driblou Zanetti e chutou no travessão. Cinco minutos depois, após longa troca de passes, a bola chegou na direita para Cicinho que cruzou na área, na cabeça de Adriano que testou forte para o chão e marcou o quarto gol brasileiro. Dois minutos depois, aos 20, Delgado cruzou da direita do ataque argentino e Aimar mergulhou de peixinho, antecipando-se à Roque Júnior, para marcar o gol de honra de sua seleção. As duas equipes buscaram o ataque até o final da partida, agora sem novos êxitos. Ao final, grande vitória brasileira por 4X1, a maior goleada brasileira sobre o tradicional rival desde 1968, impediu que a albiceleste voltasse a ganhar um torneio adulto organizado pela FIFA após 12 anos.<sup>96</sup>

A vitória do Brasil foi incontestável para a imprensa dos dois países. Segundo a Folha de São Paulo:

---

<sup>96</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. CRISWILL TM. “Copa das Confederações 2005 - Brasil 4x1 Argentina - Final”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZmVPUx2jrIA>. Acessado em: 25 de abril de 2018.

Quarteto acerta o passo, repica a Argentina e samba no pódio. (...) O placar não traduziu a quase irretocável atuação da seleção ontem. O time verde-amarelo, que dominou do início ao final a partida, desperdiçou inúmeras outras boas oportunidades.<sup>97</sup>

Para o Jornal do Brasil:

Foi uma vitória com viagem no tempo. Trinta e cinco anos depois da conquista do tricampeonato mundial no México com o marcante 4 a 1 sobre a Itália, a Seleção Brasileira repetiu o placar e o show de bola. Melhor ainda que sobre o maior rival, a Argentina. A atuação mágica no moderníssimo estádio Waldstadion, em Frankfurt, valeu o bicampeonato da Copa das Confederações.<sup>98</sup>

O Clarín e o La Nacion colocaram fotos dos jogadores argentinos de cabeça baixa, recebendo a medalha de vice-campeões, na primeira página de suas edições. Da mesma forma que havia ocorrido em 2004, os derrotados receberam visivelmente decepcionados suas medalhas de prata que imediatamente eram retiradas do pescoço.

Daniel Arcucci, do La Nacion; Miguel Vicente e Miguel Bossio, do Clarín, retomaram a temática expressada por Simeone, da existência de craques entre os brasileiros e bons jogadores entre os argentinos. Segundo Arcucci:

A imagem é a mesma, repetida tantas vezes nos últimos anos que já convida a habituação perigosa. O Brasil levantando uma Copa por lá, a Argentina lamentando-se por aqui. Os craques com a camisa verde-amarela, os bons jogadores com a camisa da Argentina. As finais deles, as partidas nossas.<sup>99</sup>

Para Miguel Vicente:

A Seleção (...) estava cheia de entusiasmo porque enfrentava o rival que havia vencido há pouco tempo atrás e que havia comemorado a classificação para a Alemanha 2006. Porém, ficou claro que o potencial do Brasil é de outra categoria, que supera amplamente o bom material que a Argentina pode ter.<sup>100</sup>

<sup>97</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 30 de junho de 2005, p. D-1.

<sup>98</sup> JORNAL DO BRASIL, 30 de junho de 2005, p. A 27.

<sup>99</sup> LA NACION, 30 de junho de 2005. ARCUCCI, Daniel. “Sensaciones de un naufragio”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/717187-sensaciones-de-un-naufragio>. Acessado em: 27 de abril de 2018.

<sup>100</sup> CLARÍN, 30 de junho de 2005. VICENTE, Miguel. “Brasil brilló a pleno y esta vez el baile lo sufrió Argentina”. Disponível em: [https://www.clarin.com/ediciones-antiores/brasil-brillo-pleno-vez-baile-sufrio-argentina\\_0\\_HJwWROdkAtl.html](https://www.clarin.com/ediciones-antiores/brasil-brillo-pleno-vez-baile-sufrio-argentina_0_HJwWROdkAtl.html). Acessado em: 27 de abril de 2018.

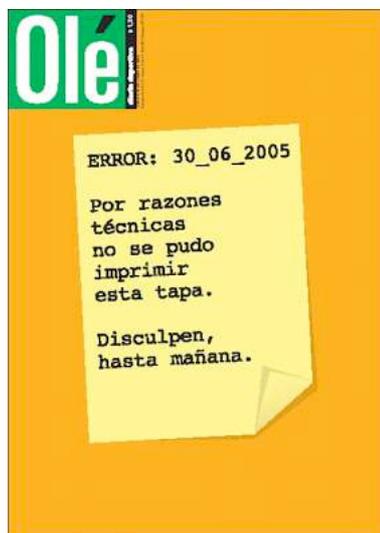
Já Miguel Bossio escreveu:

Aqui, na Manhattan alemã, ficou comprovada mais uma vez a máxima que anda dando voltas há muito tempo no mundo do futebol: que a Argentina conta com muitos bons jogadores, sim, mas o Brasil é o único que têm os craques.<sup>101</sup>

Desta feita, Tostão, ex-craque brasileiro e agora cronista, compartilhou a mesma opinião de seus colegas argentinos. Em sua coluna para a Folha de São Paulo o brasileiro afirmou: “No primeiro tempo, foi um jogo igual, mas Kaká e Adriano fizeram dois gols espetaculares. Essa é a diferença. O Brasil tem mais craques no ataque”.<sup>102</sup>

O sempre irônico diário esportivo argentino “Olé” proporcionou em sua capa uma das mais debochadas, esclarecedoras e enfáticas expressões do que foi a partida. Sobre o fundo amarelo, cor do uniforme da Seleção Brasileira, lia-se “ERROR: 30\_06\_2005 – *Por razones técnicas no se pudo imprimir esta tapa. Disculpen, Hasta mañana*”.

**Figura 1: Capa do diário esportivo “Olé” de 30/06/2005<sup>103</sup>**



<sup>101</sup> Idem, ibidem. BOSSIO, Miguel. “Selección con claroscuros”. Disponível em: [https://www.clarin.com/ediciones-antiores/seleccion-claroscuros\\_0\\_H1LW0u\\_kCK1.html](https://www.clarin.com/ediciones-antiores/seleccion-claroscuros_0_H1LW0u_kCK1.html). Acessado em: 27 de abril de 2018.

<sup>102</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 30 de junho de 2005, p. D-1.

<sup>103</sup> BELTRAMO, Lucas. “El día que Olé salió sin título”. In: *Tinta Deportiva: una pasión a diario*. Disponível em: <http://tintadeportiva.blogspot.com.br/2010/12/el-dia-que-ole-salio-sin-titulo.html>. Acessado em: 16 de maio de 2018.

#### 7.4. COPA DE 2006: A ARGENTINA CAI INVICTA. O BRASIL DECEPCIONA

A Argentina, em 2006, realizou dois amistosos preparatórios antes do Mundial. Como ocorreu com a Seleção Brasileira, os argentinos também se transformaram em exportadores de atletas, sendo assim, a maioria dos convocados atuava na Europa, por isso, os dois jogos, em datas FIFA, foram disputados em território europeu. No primeiro, em 1º de março, disputado na cidade suíça da Basileia, a Argentina foi derrotada pela Croácia por 3X2. A partida guardou alguns fatos interessantes. A avalanche de gols nos minutos iniciais, a Croácia abriu o placar aos 3 minutos, a Argentina empatou aos 4 e virou aos 6 minutos. A virada final da Croácia ocorreu aos 45 minutos da etapa final e, finalmente, Leonel Messi marcou o seu primeiro gol com a Seleção principal de seu país.

Com a Seleção convocada para o Mundial e concentrada na Europa, foi disputada a partida seguinte, no dia 30 de maio, em Roma, contra a Seleção da Angola. Vitória argentina por 2X0, gols de Maxi Rodriguez e Sorín. No dia 10 de junho ela iniciou sua campanha visando acabar com o jejum de 20 anos sem vencer uma Copa do Mundo, contra a Costa do Marfim.

Nas mesmas datas FIFA, a Seleção Brasileira entrou em campo. No dia 1º de março enfrentou e venceu a Seleção Russa em Moscou por 1X0, gol de Ronaldo. Da mesma forma que a Argentina, já concentrada na Europa para a Copa, enfrentou no dia 30 de maio um selecionado de Lucerna, na Suíça, e goleou por 8X0. Nove dias antes da estreia na Copa, no dia 4 de junho, o Brasil venceu a Nova Zelândia por 4X0.

A escolha da Alemanha para sediar a Copa de 2006 foi bastante disputada e segundo o jornalista Andrew Jennings, suspeita.<sup>104</sup> Seguindo o estilo de João Havelange, seu sucessor, Joseph Sepp Blatter, realizou várias promessas para ser eleito presidente da FIFA em 1998, dentre elas a de que a Copa do Mundo de 2006 seria disputada no continente africano, mais precisamente na África do Sul. Havia, entretanto, um forte obstáculo: a candidatura da Alemanha para sediar o evento. Os demais candidatos tinham poucas chances, eram eles: Marrocos, Brasil e Inglaterra.

---

<sup>104</sup> JENNIGNS, Andrew. *Jogo sujo: o mundo secreto da FIFA*. São Paulo: Panda Books, 2011.

Blatter, pensando em sua continuidade na direção da entidade, ficou em uma situação delicada. Para continuar dirigindo a FIFA era importante obter os 50 votos das federações africanas, mas para isso não poderia romper com a palavra empenhada em 1998; simultaneamente, temia que os alemães, não sediando o Mundial, articularassem uma campanha entre as federações europeias contra a sua candidatura. A solução por ele encontrada foi, por um lado, declarar o apoio formal aos sul-africanos e, por outro lado, informalmente, afirmar que os alemães eram os mais bem preparados para realizar o evento.

O presidente da FIFA ainda temia um possível empate na votação do Comitê Executivo, formado por 24 representantes. Se isso ocorresse, ele teria que dar o voto de minerva, o que seria politicamente desgastante. Segundo Agostino, “contando com os votos da própria África, da Ásia, da América do Sul, da Concacaf e da Oceania, tudo indicava, nos dias que antecederam a votação, que a África do Sul iria ser a escolhida”.<sup>105</sup> Os dois países tinham fortes embaixadores. A África do Sul contava com Néelson Mandela e a Alemanha com os recursos do magnata das comunicações, Leo Kirch e também com o *kaiser* Franz Beckenbauer.

A escolha da sede do Mundial de 2006 ocorreu em uma reunião em Zurique, Suíça, em 6 de julho de 2000. Foram três rodadas de votação. Na primeira, a Alemanha recebeu 10 votos, a África do Sul teve 6, a Inglaterra somou 5 e Marrocos 2. No segundo pleito, Alemanha e África do Sul empataram com 11 votos e a Inglaterra teve apenas 2. Finalmente, no último pleito, a Alemanha venceu os africanos por 12X11.

Por que não deu empate? Foi a pergunta feita e respondida por Airton de Farias.

O representante da Oceania, Charlie Dempsey, compromissado anteriormente em votar na África do Sul, não compareceu à reunião – misteriosamente deixou a sede da FIFA pela manhã do dia 6 e não mais regressou. Assim, não aconteceu aquilo que Blatter temia, a desgastante posição de decidir tudo com o voto de minerva (e confirmar o voto na África do Sul, despertaria a fúria europeia). A estratégia de Blatter dera certo. Sua reeleição em 2002 contaria com os votos dos europeus, felizes com a escolha da Alemanha, e dos africanos, certos que o homem forte da FIFA “havia feito o que podia por eles”.<sup>106</sup>

---

<sup>105</sup> AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 219.

<sup>106</sup> FARIAS, Airton de. *Uma história das Copas do Mundo: futebol e sociedade*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014, v. 2, p. 280.

Cabe ressaltar que em 2015, com os escândalos de corrupção que atingiram a FIFA, Charlie Dempsey, que morreu em 2008, foi acusado pelo antigo presidente da Federação Alemã de Futebol, Theo Zwanziger, de receber 250 mil dólares de suborno na véspera da votação para a escolha da sede da Copa do Mundo de 2006.<sup>107</sup>

Este foi o segundo Mundial realizado na Alemanha e a primeira após a sua unificação em 1990. Com as novas regras em vigor, apenas o país anfitrião tinha a classificação assegurada. Dessa forma, 198 países participaram das eliminatórias, que distribuíram 31 vagas para a fase final da competição. Quase todas as forças do futebol mundial se classificaram para a Copa. Entre os campeões mundiais, a ausência foi o Uruguai, que perdeu sua vaga na repescagem para a Austrália.<sup>108</sup>

A América do Sul foi representada pelos seguintes países: Argentina, Brasil, Equador e Paraguai. Os classificados da Ásia foram: Arábia Saudita, Coreia do Sul, Irã e Japão. Classificaram-se pela Concacaf: Costa Rica, Estados Unidos, México e Trindad e Tobago.<sup>109</sup> Dos cinco representantes africanos no Mundial, quatro eram estreantes: Togo, Gana, Costa do Marfim e Angola. O único que já havia disputado a competição era a Tunísia. Os países europeus classificados, além da Alemanha, e que já haviam disputado outros mundiais eram: Croácia, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Itália, Polônia, Portugal, Suécia e Suíça. Os estreantes: Ucrânia, República Tcheca e Sérvia e Montenegro.<sup>110</sup> Da Oceania, como destacado, o representante foi a Austrália.

Após as futurísticas mascotes da Copa de 2002, os alemães buscaram algo mais tradicional e escolheram um leão para representar o país. A mascote era de pelúcia, não um desenho animado. O nome, Goleo, era a junção de “gol” com “leo”, latim para leão. A simpática mascote era acompanhada por uma bola falante, apelidada de “Pille”.

---

<sup>107</sup> NZHERALD. “Charlie Dempsey took US\$250,000 bribe on eve of World Cup vote, claims former German football boss”. Disponível em: [https://www.nzherald.co.nz/sport/news/article.cfm?c\\_id=4&objectid=11535947](https://www.nzherald.co.nz/sport/news/article.cfm?c_id=4&objectid=11535947). Acessado em: 17 de maio de 2018.

<sup>108</sup> Foi a última vez que a Austrália disputou a vaga pela Oceania, a partir de 1º de janeiro de 2006, o país oficialmente deixou a Confederação de Futebol da Oceania (OFC) e passou a ser membro da Confederação Asiática de Futebol (AFC), em busca de aprimorar seu futebol ao enfrentar adversários melhor qualificados. A mudança não impediu que o país disputasse os próximos mundiais (2010, 2014 e 2018).

<sup>109</sup> Primeira participação de Trindad e Tobago. O país classificou-se ao vencer a repescagem contra o Bahrein.

<sup>110</sup> Estreantes com experiências de Copas do Mundo, afinal antes da desagregação do Leste Europeu, especialmente no início da década de 90, ucranianos, tchecos e sérvios jogaram pelas seleções da União Soviética, da Tchecoslováquia e da Iugoslávia, respectivamente. A antiga Tchecoslováquia foi inclusive duas vezes vice-campeã do mundo (1934 e 1962).

**Figura 2: Mascote da Copa do Mundo de 2006: Goleo<sup>111</sup>**



A bola utilizada no Mundial foi a Teamgeist, composta por 14 painéis curvos e produzida com material praticamente impermeável à água para evitar alterações em seu desempenho. Em todos os jogos, foi personalizada com impressão contendo a data do jogo, o nome do estádio e os adversários. Para o jogo final, foi produzida uma versão especial, chamada Teamgeist Berlin.

**Figura 3: Logo da XVIII Copa do Mundo de Futebol – 2006 – Alemanha<sup>112</sup>**



A fórmula de disputa foi a mesma utilizada nas duas Copas anteriores, oito grupos de quatro equipes, classificando-se as duas melhores colocadas em cada um deles para a fase seguinte. Daí em diante, jogos eliminatórios até se conhecer o grande campeão. As seleções foram alinhadas da seguinte maneira: Grupo A – Alemanha, Costa Rica, Equador e Polônia. Grupo B – Inglaterra, Paraguai, Suécia e Trinidad e Tobago. Grupo C – Argentina, Costa do Marfim, Holanda e Sérvia e Montenegro. Grupo D – Angola, Irã, México e Portugal. Grupo E

<sup>111</sup> DUARTE, Marcelo “Todas as mascotes da Copa do Mundo”. Disponível em: <http://guiadoscuriosos.uol.com.br/blog/2012/11/26/todas-as-mascotes-da-copa-do-mundo>. Acessado em 17 de maio de 2018.

<sup>112</sup> ALMEIDA, Bruno. “Os pôsteres e mascotes da Copa do Mundo”. Disponível em: <http://publistagram.com/os-posteres-e-mascotes-da-copa-do-mundo/>. Acessado em 22 de outubro de 2017.

– Estados Unidos, Gana, Itália e República Tcheca. Grupo F – Austrália, Brasil, Croácia e Japão. Grupo G – Coreia do Sul, França, Suíça e Togo. Grupo H – Arábia Saudita, Espanha, Ucrânia e Tunísia.

Apesar da presença das grandes forças do futebol mundial, Argentina e Brasil eram as seleções que mais geravam expectativa entre torcedores, jornalistas e até mesmo atletas. O Brasil contava com Ronaldinho Gaúcho, eleito pela segunda vez consecutiva, o melhor jogador do mundo, Kaká, Ronaldo, Roberto Carlos, Robinho, Cafu, Adriano, uma comissão técnica que havia vencido o Mundial de 1994 e era a Seleção que terminou o ano anterior na liderança do ranking da FIFA. A Argentina, por sua vez, quarta colocada no mesmo ranking, contava com atletas já consagrados como Riquelme, Crespo, Sorín, Tévez, entre outros, e com o despontar da jovem promessa, Lionel Messi. Além disso, as duas seleções, um ano antes, disputaram a final da Copa das Confederações.

**Figura 4: Cartaz da XVIII Copa do Mundo de Futebol – 2006 – Alemanha<sup>113</sup>**



Voltando ao favoritismo brasileiro, a expectativa era enorme. Tostão em artigo para a Folha de São Paulo afirmou a força da equipe, mas também fez um alerta:

A seleção atual tem jogadores tão excepcionais quanto as de 70, 58 e 62. A diferença é Pelé. O time de 70 tinha um ótimo conjunto. Ainda não temos certeza se a atual será tão forte coletivamente. Preocupa-me a consagração do time antes da competição. No virtual duelo entre a seleção de 70 e a de hoje, haveria equilíbrio. Não estou sendo diplomático nem sou tucano. (...) A

<sup>113</sup> Idem, ibidem. Acessado em 22 de outubro de 2017.

seleção atual tem grandes chances de ganhar a Copa, encantar e ficar na história como uma das maiores de todos os tempos. Tomara!<sup>114</sup>

A competição foi disputada entre os dias 9 de junho e 9 de julho de 2006. Os jogos foram distribuídos em 12 cidades e apenas uma delas era situada em território da antiga Alemanha Oriental, Leipzig. O mundial seria lembrado pela organização, pelos excelentes estádios, pela impecável infra-estrutura de transportes, hospedagem, comunicação e segurança. Houve preocupação por parte da organização local em abrir espaços públicos com telões para abrigar confortavelmente os milhares de turistas e torcedores locais que não conseguiram adquirir ingressos, eram as *Fan Fests*. O seu sucesso foi tal que a FIFA, a partir daí, encampou suas realizações.

A partida que abriu a competição, em Munique, foi entre a Alemanha, que começou desacreditada, e a Costa Rica. Os alemães venceram por 4X2 e ao longo da disputa, apesar de contarem com uma seleção bastante renovada, jovem e, por isso mesmo, inexperiente, foram mostrando um futebol rápido, eficiente e de toques precisos que empolgou sua torcida. Ainda na fase de grupos, derrotaram a Polônia por 1X0 e o Equador por 3X0 e terminaram em primeiro lugar em sua chave.

A Argentina, no Grupo C, iniciou sua caminhada no Mundial no dia 10 de junho, em Hamburgo, no Volksparkstadion, contra uma estreante em Copas do Mundo, a Seleção da Costa do Marfim.<sup>115</sup> Ao contrário do que havia ocorrido em 2002, em que o país passava por uma grave crise econômica e poucos torcedores puderam ir ao Japão para torcer pela equipe, desta vez mais de 6 mil torcedores argentinos apoiaram seu selecionado em sua estreia na Copa do Mundo.<sup>116</sup>

A Argentina, mesmo não realizando uma grande apresentação, que a Folha de São Paulo denominou como “sonífera”<sup>117</sup> dominou o seu adversário na primeira etapa e venceu por 2X0, graças as duas jogadas de Riquelme concluídas por Crespo e Saviola. Na segunda

---

<sup>114</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 11 de junho de 2006, p. D-3.

<sup>115</sup> Escalação da Seleção Argentina: Abbondanzieri, Ayala, Sorín, Heinze, Burdisso, Cambiasso, Mascherano, Riquelme (Aimar), Maxi Rodriguez, Saviola (Lucho González) e Crespo (Palacio). Escalação da Seleção da Costa do Marfim: Tizié, Boka, Meité, Eboué, Akalé (Bakari Koné), Zokora, Yaya Touré, Kalou (Dindane), Drogba e Keita (Arouna Koné). O árbitro da partida foi o belga Frank De Bleeckere.

<sup>116</sup> LA NACION, 10 de junho de 2006. “Hamburgo, teñida de celeste y blanco”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/813484-hamburgo-tenida-de-celeste-y-blanco>. Acessado em: 17 de maio de 2018.

<sup>117</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 11 de junho de 2006, p. D-6.

etapa, o time se desarrumou na marcação e passou a ser pressionado pelo seu adversário que a nove minutos do final do jogo diminuiu o placar com Drogba. No final, vitória por 2X1<sup>118</sup> e a promessa do técnico que a equipe iria melhorar “aproveitando a confiança que dá o triunfo na estreia”.<sup>119</sup>

É difícil entender a atuação da seleção argentina. Amarrada, atrapalhada, não exibiu as características usualmente a ela atribuídas. Nem a decantada garra e o hábil toque de bola nem atuações individuais de qualidade. (...) Talvez a explicação esteja na escalação. Em vez de usar Lionel Messi, titular do Barcelona, hoje o melhor time da Europa, Pekerman, preferiu um jogador (Saviola) do modesto Sevilla, além de deixar no banco o ídolo corintiano Carlos Tevez.<sup>120</sup>

Claudio Mauri, para o La Nacion, fez uma análise semelhante para a estreia dos argentinos: “A Argentina alcançou o êxito desejado, mas não teve a atuação sonhada”.<sup>121</sup> Para ele, a vitória não foi isenta de angústia e sofrimento. É uma equipe que apresenta “momentos interessantes e em outros desaparece perigosamente”<sup>122</sup> e que deu à Costa do Marfim, especialmente nos últimos 25 minutos, o direito de sonhar com um resultado melhor.

No dia 16 de junho os argentinos realizaram uma brilhante atuação contra a equipe da Sérvia e Montenegro em Gelsenkirchen.<sup>123</sup> A melhor defesa das eliminatórias europeias sucumbiu perante a habilidade do ataque argentino que venceu a partida, desta vez com um inquestionável 6X0.<sup>124</sup> Messi fez sua primeira apresentação em um Mundial e marcou seu primeiro gol na competição, o último de sua equipe no confronto.<sup>125</sup> Segundo a Folha de São Paulo, após uma longa troca de bolas dos argentinos que resultou no segundo

<sup>118</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. SAJ3000. “Argentina VS Ivory Coast World Cup 06”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t9j7oxFtXrI>. Acessado em: 17 de maio de 2018.

<sup>119</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 11 de junho de 2006, p. D-6.

<sup>120</sup> Idem, ibidem, p. D-6.

<sup>121</sup> LA NACION, 11 de junho de 2006. MAURI, Claudio. “La Argentina logró el éxito deseado, pero no tuvo una actuación soñada”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/813738-la-argentina-logro-el-exito-deseado-pero-no-tuvo-una-actuacion-sonada>. Acessado em: 17 de maio de 2018.

<sup>122</sup> Idem, ibidem.

<sup>123</sup> Escalação da Seleção Argentina: Abdonanzieri, Ayala, Sorín, Heinze, Burdisso, Mascherano, Riquelme, Maxi Rodríguez (Messi), Lucho González (Cambiasso), Saviola (Tévez) e Crespo. Escalação da Seleção da Sérvia e Montenegro: Jevric, Gavrancic, Dudic, Krstajic, Duljaj, Koroman (Ljuboja), Stankovic, Dordevic, Nadj (Ergic), Kezman e Milosevic (Vukic). O árbitro da partida foi o italiano Roberto Rosetti.

<sup>124</sup> Os argentinos só haviam vencido um adversário por placar tão dilatado uma vez em uma Copa do Mundo, contra o Peru, em 1978, mas daquela feita o placar causou muita polêmica e até hoje é discutida a forma com que ele foi construído, como foi discutido no capítulo que tratou da Copa da Argentina.

<sup>125</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. AARONTAWIL. “Argentina X Serbia y Montenegro (6-0) – Mundial 2006 Resumem”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZEd8TxEbMXU>. Acessado em: 11 de junho de 2018.

gol da albiceleste, marcado por Cambiasso, o técnico adversário, Ilija Petkovic, “se encolheu no banco. Olhos fechados, cabeça baixa. Parecia querer sumir”.<sup>126</sup> E o jornal prosseguiu:

Jogada magnífica, daquelas que dificilmente se repetem num mesmo jogo de futebol. Para azar do treinador de Sérvia e Montenegro, porém, a Argentina construiu outras cinco, também temperadas com precisas trocas de bola ou arroubos individuais. No final, um 6 a 0 histórico, a maior goleada de um país sul-americano sobre um europeu em Mundiais desde 1954, na Suíça.<sup>127</sup>

A Argentina, após a vitória, já classificada para a etapa seguinte, se colocava como uma das mais fortes postulantes ao título, segundo a imprensa mundial. O jornalista Clóvis Rossi destacou em sua coluna que a mágica era azul e que a Argentina havia realizado o que se esperava que o Brasil tivesse feito.

O que encantou até o comedido locutor da TV alemã foi um punhado de jogadas que nós brasileiros acostumamos a imaginar que só os patrícios são capazes de cometer. (...) Em outras palavras: tudo o que o mundo esperava dos brasileiros viu dos argentinos, sem esperar. Afinal, a partida de estreia, contra a Costa do Marfim, havia sido bem mediocrezinha, a ponto da Argentina ter chutado na direção do gol apenas quatro vezes.<sup>128</sup>

O La Nacion destacou a opinião da imprensa mundial que colocava a Argentina como uma das favoritas ao título, no mesmo patamar da Seleção Brasileira.<sup>129</sup> Claudio Mauri, no mesmo periódico destacou a grande vitória do selecionado pátrio, mas não deixou de compará-lo ao Brasil, que até aquele momento era o modelo de futebol a ser atingido.

Se o Mundial é o espetáculo futebolístico por excelência, até agora na Alemanha não houve uma festa maior, mais luminosa nem completa, que a montada ontem pela Argentina. Um deleite de toques e gols do princípio ao fim, com uma exibição de individualidades tão brilhantes como só o Brasil pode apresentar nos dias de hoje. Foi uma dessas atuações que ultrapassam o reduzido escopo de uma partida para transformar-se em um motivo de atração geral. Ontem, o Mundial foi da Argentina.<sup>130</sup>

<sup>126</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 17 de junho de 2006, p. D-1.

<sup>127</sup> Idem, ibidem, p. D-1.

<sup>128</sup> Idem, ibidem, p. D-12.

<sup>129</sup> LA NACION, 17 de junho de 2006. “A los pies de la Argentina”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/815612-a-los-pies-de-la-argentina>. Acessado em: 11 de junho de 2018.

<sup>130</sup> Idem 17 de junho de 2006. MAURI, Claudio. “Arrasó la Argentina con un lujoso concierto de toques y goles”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/815416-arraso-la-argentina-con-un-lujoso-concierto-de-toques-y-goles>. Acessado em: 11 de junho de 2018.

No dia 21 de junho, Argentina e Holanda, ambas classificadas, enfrentaram-se em Frankfurt, para decidir quem ficaria no primeiro lugar do grupo.<sup>131</sup> Mesmo mostrando-se superior ao seu adversário, especialmente no primeiro tempo, os argentinos não conseguiram repetir a excelente apresentação anterior e “voltasse à Terra, depois dos 6 a 0 contra Sérvia e Montenegro”.<sup>132</sup> O empate sem gols garantiu a primeira colocação da chave para a albiceleste<sup>133</sup> e também foi comemorado pelos holandeses, afinal, segundo eles: “A Argentina é uma equipe sensacional. Está jogando um futebol muito bom”.<sup>134</sup> Afirmação tida como um pouco exagerada pela Folha de São Paulo.<sup>135</sup>

A Seleção Brasileira, considerada a principal candidata ao título, estreou no dia 13 de junho no Olympiastadion, em Berlim, contra a Croácia.<sup>136</sup> Em um jogo truncado, duro e sem mostrar “futebol de favorito”, o Brasil venceu a partida por 1X0 com um belo gol de Kaká que acertou um chute no ângulo, de fora da área aos 44 minutos da primeira etapa.<sup>137</sup> Apesar de se apresentar bastante aquém da expectativa, de Ronaldo ter saído vaiado de campo, da inoperância do ataque brasileiro, Parreira considerou o resultado muito expressivo.

Em Copa do Mundo, a vitória no primeiro jogo é fundamental, para criar um clima de confiança. É o primeiro degrauzinho que a gente sobe numa longa escadaria. Então acho que o resultado foi excepcional. A performance do time, evidentemente, vai melhorar.<sup>138</sup>

---

<sup>131</sup> Escalação da Seleção Argentina: Aboondanzieri, Ayala, Milito, Cufre, Burdisso (Coloccini), Cambiasso, Mascherano, Riquelme (Aimar), Maxi Rodriguez, Tévez e Messi (Julio Cruz). Escalação da Seleção Holandesa: Edwin van der Sar, Jaliens, Boulahrouz, Ooijer, Tim de Cler, Phillip Cocu, Van der Vaart, Sneijder (Maduro), Kuyt, Ruud van Nistelrooy (Babel) e Robin van Persie (Landzaat). O árbitro da partida foi o espanhol Luis Medina Cantalejo. A Folha de São Paulo, equivocadamente, na publicação do dia 22 de junho, afirma que o juiz é mexicano. Ele nasceu em Sevilha em 1º de março de 1964.

<sup>132</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 22 de junho de 2016, p. D-9.

<sup>133</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. SP1873. “2006 (June 21) Argentina 0-Holland 0 (World Cup).avi”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QiccR8rDx6w>. Acessado em: 13 de junho de 2018.

<sup>134</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 22 de junho de 2016, p. D-9.

<sup>135</sup> Idem, ibidem, p. D-9.

<sup>136</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Dida, Cafu, Lúcio, Juan, Emerson, Roberto Carlos, Zé Roberto, Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Adriano e Ronaldo (Robinho). Escalação da Seleção Croata: Pletikosa, Simic, Robert Kovac, Simunic, Srna, Niko Kovac (Leko), Tudor, Babic, Kranjcar, Prso e Klasnic (Olic). O árbitro da partida foi o mexicano Benito Archundia.

<sup>137</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo Dailymotion. Cf. ROKKI, Arne. “Brasil 1x0 Croacia - Copa do mundo 2006 - Fifa World Cup”. Disponível em: <https://www.dailymotion.com/video/x2ywrji>. Acessado em: 13 de junho de 2018.

<sup>138</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 14 de junho de 2006, p. D-1.

O La Nacion destacou na sua manchete: “Brasil deixou o brilho para outra ocasião e conseguiu um triunfo austero”.<sup>139</sup> A reportagem prosseguiu, não sem uma ponta de decepção, fazendo um alerta: “Se esta é a verdadeira imagem do Brasil, devemos rever urgentemente a suposição que está largamente acima do resto”.<sup>140</sup> O periódico não deixou de enfatizar a qualidade dos jogadores brasileiros, acreditando ainda que poderia ter sido apenas uma noite ruim.<sup>141</sup>

O Olé, também com alguma surpresa, ressaltou: “São humanos: Brasil é deste planeta. Croácia dominou, porém não teve chegada”.<sup>142</sup> Indubitavelmente, os argentinos esperavam uma apresentação mais convincente e mais próxima do que eles consideravam o “jogo bonito” praticado pelos brasileiros.

Contra a Austrália, cinco dias depois, 18 de junho, a imagem deixada, mesmo com a vitória, não melhorou. A equipe brasileira voltou a apresentar um futebol abaixo do esperado.<sup>143</sup> Sem se encontrar em campo e demonstrando não ter uma equipe pronta, ainda assim, venceu seu adversário por 2X0, com gols de Adriano e Fred, aos 4 e 45 minutos da etapa final, respectivamente.<sup>144</sup> O empate entre Japão e Croácia na outra partida do grupo garantiu a classificação antecipada do Brasil para a outra etapa da competição, no entanto, “à luz do que fez o time de Carlos Alberto Parreira nos dois primeiros jogos, é pouco. (...) Em vez do jogo vistoso que tanto se espera dos originalmente ‘megafavoritos’, o que se viu foi, uma vez mais, o oponente vender caro a derrota”.<sup>145</sup>

Os argumentos apresentados pelo La Nacion eram muito semelhantes aos da Folha de São Paulo, ou seja, a Seleção Brasileira tinha vencido os dois primeiros adversários e estava classificada para a próxima etapa do Mundial, porém não havia apresentado um

<sup>139</sup> LA NACION, 14 de junho de 2001. “Brasil dejó el brillo para otra ocasión y logró un triunfo austero”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/814481-brasil-dejo-el-brillo-para-otra-ocasion-y-logro-un-triunfo-austero>. Acessado em: 13 de junho de 2018.

<sup>140</sup> Idem, ibidem.

<sup>141</sup> Idem, ibidem.

<sup>142</sup> OLÉ, 14 de junho de 2006. “Son Humanos”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/2006/06/14/index.html>. Acessado em: 13 de junho de 2018.

<sup>143</sup> Escalação da Seleção Australiana: Schwarzer, Moore (Aloisi), Neill, Popovic (Bresciano), Emerton, Grella, Chipperfield, Sterjovski, Tim Cahill (Kewell), Culina e Viduka. Escalação da Seleção Brasileira: Dida, Cafu, Lúcio, Juan, Emerson (Gilberto Silva), Roberto Carlos, Zé Roberto, Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo (Robinho) e Adriano (Fred). O árbitro da partida foi o alemão Markus Merk.

<sup>144</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOS DO BRASIL. “Copa 2006: Brasil 2x0 Austrália”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=XRBa\\_7vtMtA](https://www.youtube.com/watch?v=XRBa_7vtMtA). Acessado em: 13 de junho de 2018.

<sup>145</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 19 de junho de 2006, p. D-1.

futebol convincente como era esperado. O jornalista Daniel Arcucci, para o citado periódico argentino, apresentou uma síntese, em dez pontos, do que havia sido, até aquele momento a apresentação do Brasil na Copa do Mundo. Alguns deles merecem ser ressaltados:

1. Em nenhum dos dois encontros acabou impondo absolutamente a superioridade que os nomes e até a atitude supõem (...).
3. Em nenhum dos dois encontros apareceu o Ronaldinho que, todos imaginam, terminará aterrissando um dia destes por aqui. (...)
5. Em nenhum dos dois encontros Ronaldo conseguiu dissipar todas as dúvidas que há ao redor da sua figura.
6. Nos dois encontros houve uma baixa vital nos rivais (...).<sup>146</sup>

Mas, sem dúvida alguma, o mais expressivo foi o décimo ponto destacado pelo jornalista argentino: “10. Em nenhum dos dois encontros, nem em Berlim, nem em Munique, o Brasil foi Brasil”.<sup>147</sup>

O Brasil enfrentou, na última rodada, disputada em 22 de junho, a Seleção do Japão, dirigida por Zico, em Dortmund. Já classificado, Parreira optou por alterar a equipe e entrou com vários reservas em campo.<sup>148</sup> O treinador manteve Ronaldo, um dos jogadores mais criticados e visivelmente acima do peso, estava com 90 quilos naquele momento. O atacante marcou dois gols na partida e igualou o recorde de Gerard Müller de gols marcados em Copas do Mundo, totalizando 14.

Curiosamente, com as mudanças, o time ficou mais solto, rápido e fluido em campo e acabou realizando uma boa apresentação, que a Folha de São Paulo denominou de “show de calouros”.<sup>149</sup> As rápidas trocas de passes e os dribles desmontaram o sistema defensivo japonês. O Brasil começou melhor o confronto, mas foi o Japão que abriu o placar aos 34 minutos, gol de Tamada. Ronaldo empatou nos descontos, aos 46 minutos, de cabeça, após receber passe de Cicinho.

<sup>146</sup> LA NACION, 19 de junho de 2006. ARCUCCI, Daniel. “Del campeón del mundo, sólo la marca”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/816095-del-campeon-del-mundo-solo-la-marca>. Acessado em: 13 de junho de 2018.

<sup>147</sup> Idem, ibidem.

<sup>148</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Dida (Rogério Ceni), Cicinho, Lúcio, Juan, Gilberto, Kaká (Zé Roberto), Juninho, Gilberto Silva, Ronaldinho Gaúcho (Ricardinho), Ronaldo e Robinho. Escalação da Seleção Japonesa: Kawaguchi, Kaji, Tsuboi, Nakazawa, Alex, Ogasawara (Koji Nakata), Hidetoshi Nakata, Inamoto, Nakamura, Maki (Takaha e depois Oguro) e Keili Tamada. O árbitro da partida foi o francês Eric Poulat.

<sup>149</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 23 de junho de 2006, p. D-1.

Na etapa final, a pressão brasileira surtiu resultado. Aos 7 minutos, Juninho acertou um belo chute de fora da área para virar o placar. Aos 14 minutos, Ronaldinho Gaúcho lançou Gilberto Silva na esquerda, que entrou na área adversária e chutou cruzado na saída de Kawaguchi. O último gol brasileiro foi marcado por Ronaldo, aos 36 minutos, após receber a bola de Juan na proximidade da meia-lua da grande área e chutar forte para as redes.<sup>150</sup>

Tostão sintetizou a opinião de grande parte da imprensa nacional:

Foi uma belíssima exibição do Brasil. Com os novos jogadores, que nunca tinham treinado juntos, o time ficou muito mais rápido, imprevisível e habilidoso. Parecia uma grande Seleção Brasileira e não da Europa como nos dois primeiros jogos. O Brasil fez quatro gols e criou mais umas 10 chances para marcar.<sup>151</sup>

Vários jornalistas também destacaram, dentre eles Juca Kfuri, que Parreira além de corajoso, por ter realizado várias mudanças na equipe, havia criado um problema para si, afinal os substitutos se apresentaram melhor que os titulares. Segundo as palavras do jornalista:

A Seleção Brasileira apareceu em Dortmund. Em alguns momentos, em grande, brilhante estilo. Graças, diga-se, à coragem que Parreira teve em criar uma porção de problemas para ele mesmo. Porque todos que entraram como titulares jogaram melhor do que os que vinham jogando, Ronaldo, inclusive, se o raro leitor me permite a piada.<sup>152</sup>

Em relação à Ronaldo, Juan Pablo Varsky escreveu para o La Nacion: “Ronaldo: gordo e tudo, segue sendo um fenômeno”.<sup>153</sup> O jornalista também destacou as substituições realizadas pelo técnico brasileiro, que responderam apresentando um ótimo futebol.

<sup>150</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. NOGUEIRA, Miqueias. “Copa do Mundo 2006 Brasil 4 x 1 Japão Goals e Melhores momentos”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XLORyZKcvsU>. Acessado em: 20 de junho de 2018.

<sup>151</sup> JORNAL DO BRASIL, 23 de junho de 2006, p. C6.

<sup>152</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 23 de junho de 2006, p. D-5.

<sup>153</sup> LA NACION, 23 de junho de 2006. VARSKY, Juan Pablo. “Ronaldo: gordo y todo, sigue siendo el fenómeno”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/817221-ronaldo-gordo-y-todo-sigue-siendo-el-fenomeno>. Acessado em: 20 de junho de 2018.

Diante da boa apresentação da Seleção Brasileira, os jornalistas argentinos voltaram a acreditar que o Brasil reencontrou o seu “jogo bonito”. Antonio Serpa, para o Olé, em seu artigo intitulado “O Banco Mundial”, escreveu:

Há um estilo que não se rompe. Uma escola que com pequenas diferenças humanas, produz em cadeia folhas secas, dribles, passes de 50 metros, chapéus, canetas, jogadas de calcanhar... Uma técnica requintada. E assim como não se notam diferenças ao longo dos anos, tampouco há entre titulares e suplentes... Não há riqueza como a do Brasil. É o Banco Mundial, o que tem bilhetes de todas as cores.<sup>154</sup>

Argentina e Brasil classificaram-se em primeiro lugar em seus grupos e enfrentariam, na fase de oitavas de final, México e Gana, respectivamente. Os argentinos jogaram em Leipzig no dia 24 de junho, enquanto os brasileiros enfrentaram os africanos no dia 27 de junho, em Dortmund.

No dia em que a imprensa brasileira divulgou que Lula era candidato a reeleição presidencial no Brasil,<sup>155</sup> a Argentina entrou em campo, apontada como favorita contra o México,<sup>156</sup> em virtude da campanha sofrível na primeira fase da equipe comandada por Ricardo Lavolpe.<sup>157</sup> No entanto, o domínio inicial foi dos mexicanos, “jogando como ainda não haviam atuado”<sup>158</sup> no Mundial. A pressão surtiu efeito aos cinco minutos, Pardo cobrou falta pela direita do ataque, sofrida por Castro, Méndez cabeceou a bola, que sobrou para Rafael Marquez, livre, marcar. A vantagem mexicana não durou e os argentinos empataram apenas quatro minutos depois. Riquelme cobrou escanteio, Borgetti tentou tirar de cabeça, mas Crespo dividiu a jogada e conseguiu desviar a bola para o fundo das redes.

A expectativa, após o empate, era que a Argentina passasse a exercer o domínio da partida, mas não foi o que aconteceu. Bem marcado, Riquelme não atuava com desenvoltura. Os toques rápidos e envolventes não saíam e poucas oportunidades foram criadas nos 80 minutos restantes. A melhor chance dos argentinos ocorreu nos descontos da

---

<sup>154</sup> OLÉ, 23 de junho de 2006, p. 23.

<sup>155</sup> JORNAL DO BRASIL, 24 de junho de 2006, p. 1.

<sup>156</sup> Escalação da Seleção Argentina: Abbondanzieri, Ayala, Sorín, Heinze, Cambiasso (Aimar), Mascherano, Riquelme, Scaloni, Maxi Rodriguez, Saviola (Messi) e Crespo (Tévez). Escalação da Seleção Mexicana: Sánchez, Salcido, Rafa Márquez, Osorio, Castro, Méndez, Pardo (Torrado), Morales (Zinha), Guardado (Pineda), Borgetti e Fonseca. O árbitro da partida foi o suíço Massimo Busacca.

<sup>157</sup> A Seleção Mexicana jogou a primeira fase no Grupo D. Venceu sua partida de estreia contra o Irã por 3X1, sua única vitória na competição. Na partida seguinte empatou sem gols contra a estreante Seleção Angolana e finalmente perdeu para Portugal, na última rodada, por 2X1.

<sup>158</sup> JORNAL DO BRASIL, 25 de junho de 2006, p. C6.

segunda etapa quando Riquelme recebeu livre e tocou para Messi concluir para o gol, no entanto, equivocadamente, o árbitro da partida assinalou impedimento. O placar de 1X1 acarretou a disputa da prorrogação.

Mostrando melhor preparo físico, a Argentina dominou os 30 minutos suplementares e logo aos 8 minutos do primeiro tempo extra, Maxi Rodriguez dominou no peito um cruzamento longo de Sorín e acertou um belo chute no ângulo direito defendido por Sánchez.<sup>159</sup> O gol classificou a Argentina para enfrentar, na próxima fase, uma conhecida e tradicional adversária, a anfitriã, a Alemanha.

A imprensa brasileira teceu poucos comentários sobre a atuação argentina, destacou que a equipe “uma vez mais, não brilhou. Ontem, jogou apenas o suficiente para derrotar o México por 2 a 1, avançar às quartas-de-final e seguir na luta pelo título da Copa”.<sup>160</sup> José Geraldo Couto, em sua coluna para a Folha de São Paulo, afirmou que, ao ver a forma com que os mexicanos cantaram o hino do seu país, sabia que os argentinos teriam “um osso duro de roer”, o que de fato ocorreu. “Valentia asteca contra valentia platina. Acabaram predominando a tradição e o talento dos ‘hermanos’ aqui do sul”.<sup>161</sup> O cronista antecipava um duelo de gigantes na próxima fase, “entre duas equipes que se enfrentaram em duas finais seguidas de Copas do Mundo: na primeira (1986) deu Argentina; na segunda (1990), Alemanha. Sai de baixo”.<sup>162</sup>

No Jornal do Brasil, além da descrição do jogo, o jornalista Augusto Nunes ressaltou a “teimosia” de José Pekerman em não colocar entre os titulares dois jogadores jovens e preferidos pela torcida argentina: Tévez e Messi. Por isso, o jornalista brasileiro declarou que Pekerman é chamado da versão argentina de Carlos Alberto Parreira. “Os dois amam submeter a vontade nacional às próprias preferências. E escalam só no fim do jogo craques que os torcedores gostariam de aplaudir já no apito inicial”.<sup>163</sup>

---

<sup>159</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. RAZV15. “mexico vs argentina world cup 2006”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f2LKEWvL7jg>. Acessado em: 21 de junho de 2018.

<sup>160</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 25 de junho de 2006, p. D-7.

<sup>161</sup> Idem, ibidem, p. D-7.

<sup>162</sup> Idem, ibidem, p. D-7.

<sup>163</sup> JORNAL DO BRASIL, 25 de junho de 2006, p. C6.

A imprensa argentina também considerou a vitória contra os mexicanos mais difícil do que o esperado. Claudio Mauri escreveu: “No momento em que as partidas do Mundial deixam de ser um mar de rosas, a Argentina fez de sua classificação para as quartas de final uma história todavia mais espinhosa e intrincada”.<sup>164</sup>

Daniel Arcucci ressaltou que a equipe sentiu os 20 anos de frustrações nas competições mundiais, tais fatos pesaram na fraca e confusa atuação dos argentinos em parte significativa da partida e que isso deveria servir de aprendizado para os próximos confrontos do Mundial, caso a equipe tivesse alguma pretensão maior na disputa.

Quando chegou a hora do tudo ou nada, a seleção argentina pareceu sentir a responsabilidade dos 20 anos de frustrações mundiais. Este enorme peso agarrou suas pernas, nublou sua cabeça, quebrou seu espírito e a converteu, de repente e por durante uma hora, ou algo assim, em uma equipe sem ordem, o que não havia acontecido no triunfo contra Costa do Marfim, muito menos na gloriosa goleada contra a Sérvia e Montenegro e nem sequer no empate sem gols contra a Holanda.<sup>165</sup>

No dia 27 de junho, em Dortmund, o Brasil enfrentou a Seleção de Gana.<sup>166</sup> Depois da vitória contra o Japão, esperava-se que a Seleção voltasse a jogar solta em campo e que Carlos Alberto Parreira, em virtude da boa atuação dos jogadores que entraram no lugar dos até então titulares, mantivesse as alterações realizadas. Não foi o que ocorreu. Na véspera da partida, Robinho, que entrara nas partidas anteriores e dado nova movimentação para o ataque, sentiu uma contusão na virilha e foi vetado. Parreira escalou o escrete que estreou na Copa do Mundo.

O placar final, vitória brasileira por 3X0, é bastante enganoso. A partida foi muito mais complicada do que o resultado do enfrentamento sugere. O Brasil abriu o placar logo aos 5 minutos, Kaká recebeu a bola na intermediária brasileira, avançou até o meio de campo e lançou com precisão Ronaldo que, na corrida, entrou livre dentro da área, driblou o goleiro e

<sup>164</sup> LA NACION, 25 de junho de 2006. MAURI, Claudio. “La Argentina salvó dudas y defectos con una firme voluntad para ganar”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/817912-la-argentina-salvo-dudas-y-defectos-con-una-firme-voluntad-para-ganar>. Acessado em: 21 de junho de 2018.

<sup>165</sup> Idem, 25 de junho de 2006. ARCUCCI, Daniel. “Prohibido olvidarse de esos 60 minutos de terror”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/817848-prohibido-olvidarse-de-esos-60-minutos-de-terror>. Acessado em: 21 de junho de 2018.

<sup>166</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Dida, Cafu, Lúcio, Juan, Roberto Carlos, Emerson (Gilberto Silva), Zé Roberto, Kaká (Ricardinho), Ronaldinho Gaúcho, Adriano (Juninho) e Ronaldo. Escalação da Seleção Ganense: Kingson, Pantsil, Pappoe, John Mensah, Shilla, Draman, Muntari, Appiah, Eric Addo (Boateng), Gyan e Amoah (Tachie-Maensah). O árbitro da partida foi o eslovaco Lubos Michel.

abriu o placar. Era a primeira falha na linha de impedimento montada pela defesa ganense. Era o 15º gol de Ronaldo em Copas do Mundo e assim o artilheiro superava Gerd Müller como o maior artilheiro da história dos mundiais (até 2014). Vários recordes estavam sendo quebrados na partida.<sup>167</sup>

Gana não se abateu e criou várias chances de empatar o duelo, contudo, ora falhava na finalização, ora parava nas boas defesas de Dida. O segundo gol saiu já nos descontos do primeiro tempo. Lúcio tomou a bola na intermediária, avançou armando um rápido contra-ataque, passou para Kaká que chegou próximo à área adversária e tocou para a direita para a infiltração de Cafu, o lateral brasileiro cruzou para Adriano, em impedimento, escorar de coxa para o gol. O lance foi reprisado no telão do estádio, os ganenses pressionaram o auxiliar, mas o gol foi mantido. A torcida presente, que em grande parte era favorável ao time africano, passou a vaiar o juiz e a Seleção Brasileira.

O Brasil voltou a subir de produção a partir dos 15 minutos da etapa final quando Adriano foi substituído por Juninho. A situação ficou ainda mais difícil para Gana, quando Gyan foi expulso ao se jogar dentro da área brasileira aos 35 minutos. Aproveitando-se da vantagem numérica, Zé Roberto definiu o resultado aos 39 minutos, ao receber lançamento de Ricardinho, entrar livre na área, passar pelo goleiro e empurrar para o fundo das redes.<sup>168</sup> Novamente a denominada “linha burra” de Gana falhou.<sup>169</sup> O Brasil teria na fase seguinte a chance de se “vingar” de 1986 e 1998, a França seria a adversária. O Jornal do Brasil estampou em sua capa: “Brasil X França, revanche: seleção terá chance de vingar derrotas de 1986 e 1998”.<sup>170</sup>

<sup>167</sup> Além do 15º gol de Ronaldo, Cafu tornou-se o brasileiro que mais atuou pela Seleção em Copas do Mundo (19 vezes) e o jogador com mais vitórias no torneio: 16, superando os alemães Matthäus e Overath com 15. Após a desclassificação do país da competição, a incessante busca pelos recordes pessoais foi apontada pela imprensa brasileira como uma das causas do fracasso da equipe. O Brasil também alcançou sua 11ª vitória consecutiva em Mundiais.

<sup>168</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. DANESOUZACOPAS. “Copa do Mundo 2006 - Oitavas - Brasil x Gana”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=3J6fOQqmj\\_A](https://www.youtube.com/watch?v=3J6fOQqmj_A). Acessado em: 23 de junho de 2018.

<sup>169</sup> Dois anos depois da partida vencida pelo Brasil por 3X0 surgiram suspeitas de que o jogo foi manipulado. Segundo o jornalista canadense Declan Hill, a máfia tailandesa apostou em uma vitória brasileira por pelo menos dois gols de diferença sobre Gana. Ninguém da Seleção Brasileira estaria envolvido na armação, segundo Hill, os tailandeses fizeram contato com pelo menos um jogador ganês, Abukari Damba. O jornalista afirmou ainda que a citada máfia tentou manipular outros resultados, como os da seleção italiana contra Gana e Ucrânia e o da Inglaterra contra o Equador. As federações de Gana e do Equador entraram com processos contra o jornalista. O argumento de Gana é que o alegado suborno, no valor de US\$ 70 mil, era menor que a premiação em caso de vitória sobre o Brasil. Cf. RIBAS, Lycio Vellozo. *O mundo das Copas: as curiosidades e os momentos históricos do maior espetáculo do esporte mundial*. São Paulo: Academia do Livro, 2014, p. 373.

<sup>170</sup> JORNAL DO BRASIL, 28 de junho de 2006, p. A1.

A imprensa brasileira destacou o retrocesso da equipe, “time piorou até em relação ao jogo com a Austrália”<sup>171</sup> e classificou a partida como a pior do Brasil em toda a competição. Mesmo com a vitória, a equipe terminou o jogo vaiada pela torcida em Dortmund.

O placar só não foi mais dilatado que os 4 a 1 sobre o Japão. Mas não foram só as vaias em Dortmund que colocam a atuação da seleção brasileira contra Gana como a pior do time até agora na Copa da Alemanha. Isso fica evidente nas estatísticas da partida feitas pelo Datafolha. Em praticamente todos os fundamentos, o time nacional apresentou números bem inferiores aos do resto da competição.<sup>172</sup>

Para Tostão foi um jogo atípico e com bastante sagacidade descreveu a partida:

No primeiro minuto de jogo estava evidente que haveria muitos lances idênticos ao do primeiro gol do Brasil. A defesa de Gana jogava bastante adiantada e em linha. Uma tática suicida. A linha burra foi ainda mais burra. (...) O Brasil sabia que Gana jogaria com a defesa adiantada e aproveitou bem dessa situação. Mas inverteram-se os papéis. O time pequeno pressionou, e o grande, no contra-ataque, fez os gols. (...) Foi uma partida atípica, como se esperava pelas características de Gana. Não houve injustiça. Gana perdeu muitos gols porque não sabe finalizar. Prevaleceram a qualidade, a experiência e a mística do futebol brasileiro.<sup>173</sup>

Seguindo a mesma linha anunciada por Tostão, a imprensa argentina também destacou que o Brasil não atuou bem, seus principais jogadores ainda não renderam o esperado e o *La Nacion* em sua manchete do jogo afirmou: “Brasil ganha com a camisa”, ou seja, decorrente da mística do futebol brasileiro. E a reportagem segue: “O 3 a 0 resume uma distância. Não a vista no campo. Sim a que marca a história. Que não encontra limites na hora de superar records. A que demonstra que o Brasil é técnica, mas também praticidade e não perdoa distrações”,<sup>174</sup> como os equívocos cometidos pelos defensores de Gana ao organizarem a linha de impedimento.

O encantamento da imprensa argentina depois da vitória contra o Japão foi efêmero e as narrativas de exaltação ao futebol brasileiro não se repetiram após a vitória sobre Gana. O tom de decepção e ironia apresentou-se novamente nos periódicos do país que se

<sup>171</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 28 de junho de 2006, p. D-5.

<sup>172</sup> *Idem*, *ibidem*, p. D-5.

<sup>173</sup> JORNAL DO BRASIL, 28 de junho de 2006, p. C2.

<sup>174</sup> LA NACION, 28 de junho de 2006. “Brasil gana con la camiseta”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/818618-brasil-gana-con-la-camiseta>. Acessado em: 23 de junho de 2006.

perguntavam pelo tal do “jogo bonito”. Segundo o Olé, que produziu uma capa extremamente irônica e machista, afirmava, sem esconder o tom de decepção: “O Penta goleou Gana e confirmou que pode ser Hexa sem o jogo bonito”.<sup>175</sup> Sobre Ronaldinho Gaúcho, síntese da alegria do futebol brasileiro, o periódico perguntava: “E o sorriso, onde está?”.<sup>176</sup>

A capa do Olé impresso, no dia seguinte ao da vitória brasileira, apresentava uma fotografia das nádegas de uma mulata, vestida com um pequeno short representando a bandeira brasileira, sendo encarada fixamente por um torcedor que segurava um pandeiro. Abaixo os dizeres: “O mais grande do mundo”.

**Figura 5: Capa do Olé após a vitória do Brasil sobre Gana<sup>177</sup>**



No reformado Estádio Olímpico de Berlim, Alemanha e Argentina se enfrentaram pelas quartas de final, no dia 30 de junho.<sup>178</sup> A Argentina, consciente de que a Alemanha, em 3 das 4 partidas disputadas, abriu o placar antes dos 10 minutos iniciais, entrou em campo decidida a não deixar o seu adversário jogar, por isso o embate começou nervoso e ríspido. Empurrados pelos gritos de 50 mil torcedores, os alemães pressionaram os platinos que equilibraram o jogo a partir dos 15 minutos. As equipes pouco produziram no restante da primeira etapa que terminou empatada em 0X0.

<sup>175</sup> OLÉ, 28 de junho de 2006, p. 22.

<sup>176</sup> Idem, ibidem, p. 26.

<sup>177</sup> Idem, ibidem, p. 26.

<sup>178</sup> Escalação da Seleção Alemã: Lehmann, Friedrich, Lahm, Mertesacker, Metzelder, Schweinsteiger (Borowski), Frings, Ballack, Schneider (Odonkor), Klose (Neuville) e Podolski. Escalação da Seleção Argentina: Abundanzieri (Franco), Ayala, Sorín, Coloccini, Heinze, Mascherano, Riquelme (Cambiasso), Maxi Rodriguez, Lucho González, Crespo (Julio Cruz) e Tévez.

O segundo tempo iniciou-se com o gol argentino, aos 4 minutos, Riquelme cobrou escanteio, Ayala ganhou de Klose no alto e cabeceou forte no chão para abrir o placar. A Alemanha sentiu o gol e demorou a reagir, mas aos poucos passou a avançar sua equipe, inclusive contando com a substituição realizada por Klinsmann, ao colocar Odonkor em campo. Aos 35 minutos Ballack ergueu a bola na área argentina, Borowski escorou e Klose se atirou na bola de cabeça para empatar o confronto. Ao contrário do que esperava a torcida alemã, o jogo voltou a ficar morno e terminou empatado em 1X1.

Na prorrogação, a Argentina foi mais incisiva e chegou a acertar o travessão dos alemães, mas o placar não se alterou e a vaga para a semifinal seria decidida nas penalidades máximas. Um tabu seria quebrado, em Copas do Mundo, uma vez que até aquele momento, nenhuma das duas equipes havia sido derrotada nas penalidades máximas. A Alemanha manteve sua invencibilidade ao acertar suas quatro cobranças enquanto a Argentina desperdiçou duas, com Ayala e Cambiasso. Com a vitória por 4X2, a Alemanha atingiu seu primeiro objetivo que era alcançar as quatro primeiras posições da competição e iria disputar a vaga para a final contra a Itália. A Argentina, mesmo invicta, deixava o Mundial.<sup>179</sup>

A Folha de São Paulo não analisou a atuação dos argentinos. No Jornal do Brasil, Tostão o fez, de forma breve, afirmando que a Alemanha, mesmo jogando mal, derrotou sua adversária, contando com as substituições, consideradas equivocadas pelo cronista, promovidas pelo técnico argentino, especialmente quando tirou Riquelme, o melhor atleta em campo.<sup>180</sup> Ainda no Jornal do Brasil, Augusto Nunes seguiu a mesma cantilena de Tostão.

A escalação de Tevez no lugar de Saviola sugeriu aos otimistas que Pekerman começara a render-se à vontade nacional. Metade da reivindicação unânime fora atendida. Faltava trocar Crespo por Messi. Ele certamente faria isso durante a partida. Engano. De novo, fundiram-se em Pekerman o temperamento autoritário e a alma pusilânime. Depois do gol de Ayala, bastaria tirar Crespo e liberar o talento espantoso de Messi para que a Argentina ampliasse a diferença. Mas Pekerman acovardou-se. Primeiro, trocou o grande regente Riquelme pelo apoiador Cambiasso. Reforçou a defesa. Depois, colocou no lugar de Crespo o inofensivo Julio Cruz. Piorou o ataque. Messi contemplou do banco a derrocada. O sucessor de Maradona logo será o melhor jogador do mundo. Pekerman será apenas aquele que não enxergou uma lenda em seu começo.<sup>181</sup>

<sup>179</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. PO, Rodrigo. “Copa da Alemanha 2006 - Alemanha x Argentina - Quartas de Final”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cGCQ2OuyJdo>. Acessado em: 25 de junho de 2018.

<sup>180</sup> JORNAL DO BRASIL, 1º de julho de 2006, p. C5.

<sup>181</sup> Idem, ibidem, p. C8.

As poucas análises táticas sobre a atuação argentina, o que é comum na imprensa brasileira, podem ter se acentuado em virtude dos jornalistas brasileiros estarem bastante concentrados na disputa que o Brasil teria naquele dia, 1º de julho, contra a França.

José Pekerman, técnico argentino, anunciou, ao término da partida sua saída do comando da seleção e ressaltou que os seus atletas fizeram o máximo possível para conquistar o título. Em relação às críticas sofridas por não ter escalado Messi, o treinador afirmou: “Agora não adianta falar, nem ficarmos especulando se o Messi faria isso ou aquilo. Jogamos bem, de igual para igual, mostramos que também éramos favoritos. Só lamento por não conseguirmos seguir adiante”.<sup>182</sup> A AFA, sem demora, escolheu, um mês depois da eliminação da Copa, Alfio “Coco” Basile para dirigir novamente a seleção.

Ao contrário do que havia ocorrido em outras Copas do Mundo, os argentinos deixaram claro, segundo a Folha de São Paulo, que com a desclassificação de seu selecionado, eles iriam torcer contra o Brasil e neste sentido, percebe-se, apesar de não ser o foco deste trabalho, os efeitos das propagandas brasileiras na mudança de humor do país rival.

Após a eliminação para a Alemanha, restou aos argentinos torcer para qualquer um levar a taça, menos o Brasil. É essa tese do publicitário Álvaro Mendy. Ele é criador da campanha que apresenta a cerveja Isenbeck como a ‘antipatrocinadora oficial’ do time de Parreira – uma espécie de resposta às piadas da Skol com os hermanos. ‘Captei o sentimento geral do argentino. É assim. Ninguém quer que o Brasil ganhe’, afirmou Mendy.<sup>183</sup>

No dia 1º de julho o Brasil enfrentou a França em Frankfurt. Parreira tirou Adriano da equipe e efetivou Juninho em seu lugar. Dessa forma, Ronaldo seria o único atacante brasileiro. O denominado “quadrado mágico” foi desfeito e a equipe utilizaria um novo esquema, que não havia sido testado na competição, o 4-5-1.<sup>184</sup> Se a Seleção Brasileira não havia convencido em suas apresentações até aquele momento, a situação francesa não era muito diferente, pois havia atuado de forma bastante irregular até ali.<sup>185</sup>

<sup>182</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 1º de julho de 2006, p. D-11.

<sup>183</sup> Idem, ibidem, p. D-11.

<sup>184</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Dida, Cafu (Cicinho), Lúcio, Juan, Roberto Carlos, Gilberto Silva, Zé Roberto, Juninho (Adriano), Kaká (Robinho), Ronaldinho Gaúcho e Ronaldo. Escalação da Seleção Francesa: Barthez, Sagnol, Thuram, Gallas, Abidal, Makelele, Vieira, Malouda (Wiltord), Zidane, Ribéry (Govou) e Henry (Saha). O árbitro da partida foi o espanhol Luis Medina Cantalejo.

<sup>185</sup> Na fase de grupos a França empatou em 0X0 com a Suíça, na segunda rodada empatou novamente com a Coreia do Sul, por 1X1 e na última rodada, precisando vencer, derrotou a Seleção do Togo por 2X1. Nas oitavas de final venceu com autoridade a Espanha por 3X1.

Liderados, desde o início, por Zidane, os franceses foram os donos do jogo. O Brasil não se articulava e ainda dava espaços em todos os setores do campo sobrecarregando a defesa. A França, por sua vez, se mostrava forte, articulada e compacta. Apesar de o primeiro tempo ter finalizado sem alteração no placar, não havia dúvida sobre o domínio francês e, se a postura brasileira não se alterasse na etapa final, a vitória deveria ser da equipe europeia.

O Brasil tentou reagir no segundo tempo, contudo esbarrou na sólida defesa francesa. No décimo segundo minuto, Zidane deu um lindo chapéu em Ronaldo no meio campo e lançou Malouda, que foi derrubado por Cafu, na intermediária. Zidane, na cobrança da falta, ergueu a bola para a área brasileira e Henry aproveitou a falha da defesa pentacampeã para, livre, chutar no ângulo de Dida.

Com a desvantagem no placar o Brasil partiu para o ataque, porém não mostrou coordenação e conseqüentemente não acarretava em jogadas efetivas de perigo à meta rival. A França, por sua vez, continuava a exercer seu domínio e desperdiçou algumas chances de ampliar o placar. A derrota por 1X0 acabou com o sonho brasileiro de conquistar o hexacampeonato mundial<sup>186</sup> e “encerrou uma campanha em que o Brasil poucas vezes justificou o grande favoritismo com que desembarcou na Alemanha e a fama cultivada em diversas Copas do Mundo”.<sup>187</sup> Era a terceira vez consecutiva que a Seleção Brasileira era derrotada pela francesa em Mundiais.

A Folha de São Paulo, decepcionada, escreveu na capa da seção de esportes: “sem mágica, sem tática, sem fôlego, sem craque, sem time, sem raça, sem hexa, sem desculpa”.<sup>188</sup> Em sua crônica, Tostão escreveu:

O Brasil mudou de esquema tático, de jogadores, mas não mudou na postura de marcar muito atrás, dando toda a liberdade para a França tocar a bola desde a defesa até a intermediária brasileira. A França foi muito melhor durante todo o jogo. Zidane deu um show de bola. Um espetáculo. Gilberto Silva, em vez de marcá-lo de perto, jogou recuado, sem função. Além da péssima atuação coletiva, todos os jogadores do Brasil tiveram péssimas atuações individuais. Uma lástima.<sup>189</sup>

---

<sup>186</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. PLATAVIDOESFUTEBOL. “Brasil x França Copa Do Mundo 2006 Quartas de Final”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9lZywNh7e3c>. Acessado em: 26 de junho de 2018.

<sup>187</sup> SANTOS, Newton Cesar de Oliveira. op. cit., p. 564.

<sup>188</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 26 de julho de 2006, p. D-1.

<sup>189</sup> Idem, ibidem, p. D-3.

Mesmo sendo derrotado, o Brasil terminou a competição na quinta posição e a Argentina, invicta, na sexta colocação, por ter somando, durante o torneio, um ponto a menos que a Seleção Brasileira. Mas o reconhecimento da atuação das duas equipes ficou clara na forma com que as torcidas receberam seus atletas. Enquanto na Argentina aproximadamente cinco mil torcedores acolheram com aplausos os jogadores que retornaram ao país, inclusive o próprio técnico, alvo de muitas críticas, a torcida brasileira não fez o mesmo com seu selecionado, Parreira e Ronaldinho Gaúcho, por exemplo, foram duramente criticados, assim como outros jogadores eram acusados de se preocuparem mais com seus clubes e contratos milionários do que com a seleção. Tostão, na mesma crônica sobre a derrota contra a França, tratou desta temática:

Sei que muitos leitores gostariam que eu escrevesse que os jogadores não se empenharam, pois estão ricos e famosos, que as estrelas são atletas enganadores, que os veteranos não conversavam com os novos, que a patrocinadora da seleção escala o time e outras coisas desse tipo. Estou também indignado, mas não posso criticar baseado em suposições. Prefiro criticar o que vi e percebi, como os treinos diários com os jogadores fora de posição e em um campo pequeno. Isso não tem nada a ver com uma situação de jogo. Por outro lado, durante 40 dias o Brasil não fez um único treino com o esquema tático de hoje, com três volantes, que já não tinha dado certo nas eliminatórias. (...) Parreira é o responsável pela escalação do time e pelo esquema tático, mas não é o único culpado. Ele cometeu vários erros, principalmente o de não dar condições para que as estrelas do time jogassem como nos seus clubes. Mesmo assim, eles poderiam ter jogado muito melhor. Foram uma decepção.<sup>190</sup>

Retornando à desclassificação da Argentina para a Alemanha na véspera do jogo entre Brasil e França, os jornais argentinos registraram os festejos brasileiros pelo ocorrido o que contribuiu para que eles, que sempre apreciaram o “jogo bonito” brasileiro também comemorassem a saída do Brasil da Copa do Mundo. O Olé estampou em sua manchete: “MERDEAMARELA. Zidane, igual 98, deu um baile histórico no Brasil, com Ronaldo, Ronaldinho e Kaká (...). Hoje cantamos a Marselhesa. França, boa sorte na semifinal”.<sup>191</sup>

O Clarín, ironicamente, afirmou que o remédio para a tristeza argentina na véspera foi a desclassificação do Brasil: “Vizinho que sem saber, era farmacêutico e tinha um santo remédio chamado Adeus Penta”.<sup>192</sup>

---

<sup>190</sup> Idem, *ibidem*, p. D-3.

<sup>191</sup> OLÉ, 2 de julho de 2006, p. 1.

<sup>192</sup> CLARIN, 2 de julho de 2006, p. 2 (Cuaderno El Deportivo Mundial).

O La Nacion, também com uma ponta de ironia, estampou uma reportagem que tinha como título, em português: “tristeza não tem fim, felicidade sim” e retomou a diferença na forma como as derrotas foram recebidas entre brasileiros e argentinos:

Quando o árbitro apontou para o centro do campo quase era possível escutar ao fundo, no silêncio da cidade, os versos de Vinícius de Moraes e Tom Jobim: “Tristeza não tem fim/felicidade sim”. Não é difícil explicar a sensação dos brasileiros ontem ao final da tarde: foi a mesma tristeza vivida umas 24 horas antes na Argentina. A diferença mais marcante entre ambas as derrotas, talvez, foi que enquanto na Argentina predominou o elogio para a seleção por seu estilo de jogo e a garra colocada em campo, no Brasil as críticas feitas aos jogadores e ao técnico, Carlos Alberto Parreira, eram demolidoras.<sup>193</sup>

O La Nacion foi outro periódico que destacou a alegria argentina com a derrota brasileira e também inglesa. O repórter Carlos Losauro destacou os buzinaços que ocorreram em várias regiões do país e o desfile de carros no Obelisco, em Buenos Aires, agitando a bandeira do país.<sup>194</sup>

Para Ronaldo Helal e Álvaro Vicente do Cabo as más apresentações da Seleção Brasileira auxiliaram no sentimento de alegria argentino pela eliminação do rival e de conforto para a desclassificação de sua própria equipe.

O “jogo bonito” que eles tanto admiram não foi apresentado e, dessa maneira, ficou mais fácil “odiar” o Brasil no âmbito futebolístico, fato que acabou confortando a eliminação da Argentina, ocorrida um dia antes do revés brasileiro.<sup>195</sup>

Na continuidade do Mundial, a França derrotou Portugal, dirigida pelo brasileiro pentacampeão mundial Luiz Felipe Scolari, por 1X0, gol de pênalti convertido por Zidane. A Alemanha, anfitriã, perdeu o confronto contra a Itália por 2X0 na prorrogação, com os gols sendo marcados nos dois últimos minutos da partida. O tempo regulamentar terminou

<sup>193</sup> LA NACION, 2 de julho de 2006. “Tristeza não tem fim, felicidade sim”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/820019-tristeza-no-tem-fim-felicidade-sim>. Acessado em: 26 de junho de 2018.

<sup>194</sup> Idem, 2 de julho de 2006. LOSAURO, Carlos. “Derrotas que nos alegraron la tarde”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/819963-derrotas-que-nos-alegraron-la-tarde>. Acessado em: 26 de junho de 2018.

<sup>195</sup> CABO, Álvaro Vicente do & HELAL, Ronaldo. “‘De la magia a la merde’ – o olhar da imprensa argentina sobre a Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2006”. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo & SOARES, Antonio Jorge Gonçalves (orgs.). *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, p. 133.

empatado em 0X0. Na disputa pela terceira posição, vitória alemã por 3X1 sobre os portugueses.<sup>196</sup>

A final da Copa de 2006 foi disputada em 9 de julho no Estádio Olímpico de Berlim. Um argentino se fez presente na partida, o árbitro, Horacio Elizondo. As duas seleções tinham esquemas táticos semelhantes, 4-5-1, defesas fortes, meio campo com muitos atletas e apenas um atacante de ofício.

A partida, desde o seu início, apesar do gol francês logo aos 7 minutos, foi bastante truncada e nervosa. A França abriu o placar após Materazzi trombar com Malouda dentro da área. O árbitro argentino marcou a penalidade máxima. Zidane cobrou com uma cavadinha, a bola ainda bateu no travessão antes de entrar. A Itália reagiu e aos 19 minutos empatou o jogo. Pirlo cobrou escanteio e Materazzi cabeceou sem chances para Barthez. Até o fim dos 90 minutos regulamentares a partida foi muito disputada, marcada pelo equilíbrio, porém com poucas chances reais de gols.

O placar de 1X1 também não se alterou na prorrogação que teve como fato mais destacado a expulsão de Zidane, aos 5 minutos da etapa final, após desferir forte cabeçada na altura do peito de Materazzi.<sup>197</sup>

**Figura 6: Sequência da cabeçada de Zidane em Materazzi<sup>198</sup>**



<sup>196</sup> A partida marcou a despedida de dois atletas de suas respectivas seleções: o goleiro Khan e o meia-atacante Figo, respectivamente pela Alemanha e Portugal.

<sup>197</sup> A expulsão de Zidane gerou até mesmo mais repercussão que o título italiano em si. No dia seguinte da disputa, a imprensa mundial queria saber o que Materazzi havia dito para o atleta francês para que ele lhe agredisse de tal forma. Os dois protagonistas confirmaram tratar-se de palavras de baixo calão proferidas à irmã de Zidane. Cf. RIBAS, Lycio Vellozo. op. cit., p. 379.

<sup>198</sup> FIGUEIREDO, António & SOUSA, Freire de. “Figurinhas da Copa (VI)”. Disponível em: <https://interesseseaccao.blogspot.com/2014/06/figurinhas-da-copa-vi.html>. Acessado em: 26 de junho de 2018.

Sem seu maestro em campo, a França passou a ter dificuldade de articular os seus ataques e com isso aproveitar-se do desgastados italianos que estavam jogando sua segunda prorrogação consecutiva.

Pela segunda vez na história das Copas do Mundo, o campeão seria conhecido a partir das cobranças de penalidades máximas. Ao contrário de 1994, contra o Brasil, desta feita os italianos se sagraram vencedores, acertaram as 5 cobranças e derrotaram os franceses por 5X3 e tornaram-se tetracampeões do mundo.

**Figura 7: Seleção Italiana campeã em 2006<sup>199</sup>**



Assim como se deu na Argentina, o comando da Seleção Brasileira também trocou de mãos, mas ao contrário do vizinho, que procurou um nome experiente, a CBF adotou outra decisão, apostou em um ex-jogador da Seleção sem experiência alguma como treinador, porém com fama, ainda como atleta, de disciplinador. O escolhido foi Carlos Caetano Bledorn Verri, conhecido como Dunga. O treinador, mal assumiu a responsabilidade, enfrentou, em amistoso, a Noruega. Com uma equipe bastante renovada em relação àquela que disputou o Mundial, o técnico estreou com um empate por 1 a 1 em Oslo.<sup>200</sup>

Em 3 de setembro de 2006, Alfio Basile fez sua primeira partida no comando da Argentina, enquanto Dunga realizava seu segundo jogo. Em Londres, fato cada vez mais

<sup>199</sup> IMORTAIS do futebol. “Seleções Imortais: Itália 2006”. Disponível em: <https://www.imortaisdofutebol.com/2012/03/21/selecoes-imortais-italia-2006/>. Acessado em: 26 de junho de 2018.

<sup>200</sup> Com o empate foi mantido o tabu do Brasil jamais ter vencido a Noruega. Foram 4 confrontos com 2 empates e 2 vitórias norueguesas – 28/7/1988: Noruega 1X1 Brasil; 30/5/1997: Noruega 4X2 Brasil; 23/6/98 (Copa do Mundo) Noruega 2X1 Brasil e 16/8/2006: Noruega 1X1 Brasil. Exceto pela partida da Copa do Mundo de 1998, todas as demais foram disputadas em Oslo.

comum no futebol europeizado,<sup>201</sup> Argentina e Brasil se enfrentariam, no *Emirates Stadium*, do Arsenal, para mais de 60 mil espectadores, em jogo amistoso. Os dois treinadores procuraram mesclar novos atletas com outros mais experientes.<sup>202</sup>

A partida foi extremamente emocionante, apresentou bom nível técnico e boas jogadas. A Argentina começou marcando sob pressão e criou sua primeira jogada de perigo no primeiro minuto de partida. Messi foi derrubado por Edmilson na intermediária, Riquelme cruzou para a área e encontrou três jogadores livres, porém em posição de impedimento assinalado pelo árbitro. A resposta brasileira veio na continuação da jogada. Gomes cobrou o impedimento batendo a bola para frente, a zaga argentina tirou de cabeça e Edmilson dominou no meio campo, avançou alguns metros e tocou para Robinho que deu uma finta desconcertante em seu marcador, Clemente Rodríguez, e lançou Elano que entrou livre na área argentina e chutou no canto esquerdo, rasteiro, para abrir o placar.

A Argentina, em busca do empate, passou a pressionar o adversário. O Brasil, mesmo buscando o contra-ataque e mais recuado, equilibrou o jogo e criou boas jogadas para ampliar o resultado. Apesar do empenho das duas equipes, o primeiro tempo terminou sem novas alterações no marcador.

Basile, no intervalo, procedeu duas substituições na equipe e também alterou o esquema tático, adotando agora o 3-5-2. Com um número maior de jogadores no meio-campo, a Argentina passou a exercer o domínio nesta faixa de campo. Os primeiros 20 minutos da etapa final foram de pressão da albiceleste. O primeiro bom ataque do Brasil só ocorreu aos 21 minutos, quando Robinho tocou para Fred que chutou para a boa intervenção do arqueiro argentino. No minuto seguinte, Kaká, que havia entrado minutos antes, arrancou com a bola

---

<sup>201</sup> Denomino de futebol europeizado em virtude dos principais atletas mundiais e, particularmente da Argentina e do Brasil, atuarem neste continente e com o intuito de aproveitar as datas FIFA e reduzir os desgastes das viagens continentais prefere-se atuar em outros países da Europa do que próximo da torcida local. Obviamente que contratos polpudos também fazem parte do pacote. Outra possibilidade de trabalho se delineia com tal questão e que não será aqui debatida que é entender se tal afastamento físico dos jogos não acarretou uma perda de identidade, de identificação dos torcedores com seus respectivos selecionados nacionais em virtude do distanciamento entre as equipes e suas torcidas.

<sup>202</sup> Escalação da Seleção Argentina: Aboondanzieri, Clemente Rodríguez (Samuel), Milito, Coloccini, Zabaleta, Lucho González, Daniel Bilos (Insúa), Riquelme (Agüero), Mascherano (Somoza), Tévez e Messi. Escalação da Seleção Brasileira: Gomes, Edmilson (Dudu Cearense), Cicinho (Maicon), Lúcio, Juan, Elano (Júlio Baptista), Gilberto, Gilberto Silva, Daniel Carvalho (Kaká), Robinho (Rafael Sóbis) e Fred (Vagner Love). O árbitro da partida foi o inglês Steve Bennett.

dominada pelo meio, tocou para Fred que devolveu de calcanhar para Kaká, ele lançou para Elano que, mais uma vez, entrava livre na área adversária para chutar cruzado e marcar o segundo gol do Brasil.

A partida seguiu equilibrada, com a Argentina buscando o seu gol mas sendo anulada pela bem postada defesa brasileira. No final da partida, aos 43 minutos, após cobrança de escanteio interceptada pela defesa pentacampeã, Messi errou no domínio da bola permitindo que ela fosse tomada por Kaká que arrancou da intermediária e avançou em disparada para o ataque, ao entrar na área adversária tocou com categoria para deslocar o goleiro e dar números finais ao confronto. Brasil 3X0.<sup>203</sup>

O Olé, mesmo entendendo que é o início de um trabalho, ressaltou que perder para o Brasil sempre tem um impacto maior. “Não é para dramatizar, nem tampouco para tirar uma *siesta*. Perder para o Brasil nunca é uma derrota qualquer”.<sup>204</sup>

Para a Folha de São Paulo, ao contrário da equipe de Parreira, a agora comandada por Dunga, mostrou outro estilo, permanecia menos tempo com a bola, trocava menos passes, contudo se mostrou, ao menos no jogo contra a Argentina, extremamente objetiva, ao contrário do oponente.

Segundo o Datafolha, o Brasil trocou 289 passes em 90 minutos – com Parreira, era normal o time fazer isso mais de 400 vezes na mesma partida. Dois terços dos passes foram no ataque, muitos rápidos e na vertical, o que abria a defesa argentina e resultava em chances claras. (...) O contrário fez a Argentina. Sobra enrolação e faltava penetração. Os argentinos trocaram 408 passes. Só que tudo bem longe do gol de Gomes.<sup>205</sup>

No restante de 2006, o Brasil entrou em campo mais quatro vezes. Dois dias depois de derrotar a Argentina, a equipe comandada por Dunga venceu a Seleção de País de Gales, também em Londres, por 2X0. Em outubro, no Kuwait, venceu por 4X0 a seleção

<sup>203</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOS DO BRASIL. “Amistoso 2006: Brasil 3x0 Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WU6MUSJZtsE>. Acessado em: 27 de junho de 2018. Há ainda a possibilidade de assistir a partida na íntegra. Cf. FUTEBOL24hHD. “Amistoso 2006 - Brasil 3 x 0 Argentina Jogo Completo TV Globo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LWHtImYLYCk>. Acessado em: 27 de junho de 2018.

<sup>204</sup> ALAIRE libre. “Prensa brasileña calificó como un “paseo” el triunfo sobre Argentina”. Disponível em: <http://www.alairelibre.cl/noticias/deportes/futbol/seleccion-brasilena/prensa-brasilena-califico-como-un-paseo-el-triunfo-sobre-argentina/2006-09-04/101007.html>. Acessado em: 27 de junho de 2018.

<sup>205</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 4 de setembro de 2006, p. D-6.

local. Ainda em outubro, na Suécia, venceu o Equador por 2X1 e, finalmente, no mês seguinte, em partida disputada na Basileia, venceu a Seleção da Suíça também por 2X1. Os resultados nos amistosos ajudaram a manter a Seleção Brasileira no topo do ranking da FIFA no ano de 2006, apesar da quinta posição no Mundial, seguida da Itália (campeã do mundo) e da Argentina.

A albiceleste depois que foi derrotada pelo Brasil, só realizou mais uma apresentação em 2006, contra a Seleção Espanhola, em outubro, em Murcia. Acabou colecionando nova derrota, agora por 2X1. O técnico argentino admitiu que era preciso tempo para formar um bom conjunto, mas se mostrou otimista para a principal competição de 2007, a Copa América. Nesse mesmo ano também iniciariam as eliminatórias para a Copa de 2010, na África do Sul.

#### **7.5. BRASIL SE ESCRIBE COM B, PERO NUNCA ES B: COPA AMÉRICA DE 2007<sup>206</sup>**

Preparando-se para a disputa da Copa América, que seria disputada entre 26 de junho e 15 de julho de 2007, a Argentina realizou quatro partidas amistosas. No dia 7 de fevereiro enfrentou, em Saint-Denis, a França. Foi a primeira vitória de Basile depois de seu retorno ao comando da equipe, por 1X0, gol de Saviola. No dia 19 de abril, empatou, sem gols, contra o Chile atuando em casa, na cidade de Mendonza. No dia 2 de junho, novo empate, agora por 1X1 contra a Suíça na Basileia e finalmente, atuando em Barcelona, três dias depois, derrotou a Argélia por 4X3.

O Brasil, que defenderia o título conquistado quatro anos antes, fez cinco partidas preparatórias, todas no exterior. Em 6 de fevereiro, Dunga perdeu sua invencibilidade ao ser derrotado por Portugal, ainda comandada por Felipão, por 2X0, no amistoso disputado em Londres. Em março realizou duas partidas na Suécia, na primeira, no dia 24, goleou os chilenos por 4X0, em Gotemburgo e três dias depois, em Estocolmo, venceu a Seleção de Gana por 1X0. No dia 1º de junho a Seleção Brasileira teve o privilégio de ser a primeira adversária da Inglaterra no reconstruído Estádio de Wembley, a partida terminou empatada

---

<sup>206</sup> “Brasil se escreve com B, porém nunca é B”. Comentário do jornalista argentino Marcelo Gantman sobre a segundo título brasileiro na competição sem levar a equipe principal, ou seja, atuando com a denominada equipe “B” e derrotando a Argentina em ambas competições. Cf. PAGOTTO, Mauricio F. “Por puro prazer 3”. Disponível em: [http://mf.pagotto.zip.net/arch2007-07-01\\_2007-07-31.html](http://mf.pagotto.zip.net/arch2007-07-01_2007-07-31.html). Acessado em: 28 de junho de 2018.

em 1X1. A última partida preparatória foi contra a Seleção Turca, no dia 5 de junho, em Dortmund, Alemanha, novo empate, agora sem gols.

A Venezuela, pela primeira vez na história, sediaria uma edição da Copa América. A competição, que chegava à sua 42ª disputa, seria jogada entre 26 de junho e 15 de julho. Além das dez seleções da Conmebol foram convidadas duas outras da Concacaf: Estados Unidos e México. Mesmo não sendo o principal esporte praticado no país, o governo de Hugo Chávez investiu pesado para a realização do evento. O país não tinha estádios, até aquele momento, que cumprissem as exigências da Conmebol. Foram aplicados mais de US\$ 900 milhões em obras.<sup>207</sup> Nove cidades foram escolhidas para sediar os jogos.

Assim como ocorreu nas edições anteriores, as 12 seleções foram divididas em 3 grupos com 4 equipes, classificando-se para a fase seguinte as duas primeiras colocadas de cada grupo e as 2 melhores terceiras colocadas. As seleções ficaram distribuídas da seguinte maneira: Grupo A – Bolívia, Peru, Uruguai e Venezuela. Grupo B – Brasil, Chile, Equador e México. Grupo C – Argentina, Colômbia, Estados Unidos e Paraguai.

A Argentina iniciou sua trajetória na competição no dia 28 de junho, em Maracaíbo, contra os Estados Unidos. Apesar do susto inicial, Eddie Johnson abriu o placar de pênalti que ele mesmo sofreu aos 9 minutos de jogo, a equipe comandada por Basile empatou no primeiro tempo com Crespo, três minutos depois e construiu uma fácil vitória na etapa final, com gols de Crespo (19 minutos), Aimar (33 minutos) e Tévez (40 minutos) e venceu por 4X1.

Em relação à partida, a Folha de São Paulo estampou apenas uma foto de Messi abraçando Crespo após a marcação de um dos gols e abaixo escreveu: “Exemplo. Crespo é abraçado por Messi. A Argentina confirmou o seu favoritismo ao golear os EUA por 4 a 1 na estreia das equipes na Copa América; também pelo Grupo C, o Paraguai fez 5 a 0 na Colômbia”.<sup>208</sup>

No dia 2 de julho, novamente em Maracaíbo os argentinos enfrentaram os colombianos. Assim como havia acontecido na estreia contra os Estados Unidos, a Argentina

---

<sup>207</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 571.

<sup>208</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 29 de junho de 2007, p. D-4.

saiu perdendo, gol de Edixon Perea, aos 10 minutos. Desta feita, a reação alvianil foi ainda mais imediata, empatou com Crespo, de pênalti aos 20 minutos.<sup>209</sup> Riquelme, aos 34 e aos 45 minutos deu números finais para a primeira etapa: Argentina 3X1.

No segundo tempo, a Colômbia voltou a ameaçar com Castrillón, de cabeça, fazendo o segundo gol, aos 28 minutos. Já nos descontos, Diego Milito, que havia entrado no lugar de Crespo, marcou mais um e tirou sua equipe do sufoco. Com a vitória por 4X2, a Argentina estava classificada antecipadamente para a próxima etapa da Copa América.

Mais uma vez os jornais brasileiros não analisaram a apresentação da Argentina, limitando-se a informar o placar da partida e o quadro de classificação do grupo. O Jornal do Brasil do dia 4 de julho, dois dias após o confronto, apresentou uma fotografia de Crespo e destacou que o atleta sofreu uma distensão muscular na cobrança do pênalti e não jogaria mais a competição.<sup>210</sup>

Tostão foi o único cronista a fazer alusão aos argentinos, ao tratar da decisão de Dunga de jogar com três cabeças de área. O ex-atleta da Seleção Brasileira afirmou que o esquema tático adotado pelo treinador brasileiro era o mesmo da Seleção Argentina, contudo ressaltou uma diferença fundamental: a qualidade superior dos jogadores argentinos.

A Argentina também atua com três volantes (Mascherano, Verón e Cambiasso). Por isso, a crítica e o torcedor argentino querem ver o meia Aimar no lugar do Cambiasso. A diferença dos volantes argentinos para os brasileiros está na qualidade. Verón tem características de meia, ótimo passe e finaliza muito bem de fora da área.<sup>211</sup>

A última rodada do grupo foi disputada no dia 6 de julho. O Paraguai, que também havia vencido os seus dois confrontos, por ter um saldo de gols superior ao da Argentina, jogava por um empate para ficar na primeira posição. A partida foi disputada em Barquisimeto, no Estádio Metropolitano de Fútbol de Lara. As duas equipes resolveram poupar vários titulares, oito pelo lado da Argentina e seis do Paraguai. Mesmo com as dificuldades inerentes por se jogar com tantos suplentes, a Argentina buscou manter o mesmo padrão de jogo e se mostrou, ao longo da partida, ligeiramente superior ao seu adversário.

---

<sup>209</sup> O atacante argentino se contundiu na cobrança da penalidade e acabou fora do restante da competição.

<sup>210</sup> JORNAL DO BRASIL, 4 de julho de 2007, p. 3 (Esportes).

<sup>211</sup> Idem, ibidem, p. 3.

Mas, foi apenas com a entrada de Messi, faltando 25 minutos para o encerramento do jogo, que o destino do confronto se selou. Foi dele a jogada que resultou no único gol da partida marcado por Mascherano aos 34 minutos da etapa final. Com a vitória por 1X0 os argentinos classificaram-se em primeiro lugar do grupo e a equipe guarani ficou na segunda posição. Colômbia e Estados Unidos não se classificaram para a continuidade do torneio.

O Brasil encontrava-se no Grupo B e estreou no dia 27 de junho contra a Seleção Mexicana em Puerto Ordaz. A equipe brasileira atuou muito mal e o placar de 2X0 favorável aos mexicanos, construído ainda na etapa inicial, gols marcados por Castillo aos 23 minutos e Morales aos 28 minutos, não reverberou a superioridade da equipe comandada pelo ex-craque Hugo Sánchez, que poderia ter registrado uma goleada histórica.

O La Nacion destacou: “Na estreia do Brasil na Copa América de 2007 e na estreia de Dunga como técnico brasileiro em competições oficiais, a seleção cinco vezes campeã do mundo foi humilhada ao perder ontem por 2-0 diante do México”.<sup>212</sup> Mesmo não contando para a competição com jogadores do nível de Kaká, Ronaldinho Gaúcho, dentre outros, o Brasil, segundo o jornal argentino, era um dos fortes concorrentes aos título, mas que para confirmar tal favoritismo teria que se apresentar de forma bastante distinta do que havia realizado contra os mexicanos.

O Brasil voltou ao campo no dia 1º de julho para enfrentar, em Maturín, a seleção chilena que havia vencido o Equador em sua partida de estreia. Se o conjunto brasileiro voltou a atuar sem brilho, em uma partida pouco inspirada, Robinho se destacou, marcando os três gols da vitória brasileira por 3X0. O placar elástico também não condiz com o desenvolvimento do jogo. Robinho abriu o placar aos 36 minutos da etapa inicial, após o árbitro paraguaio Carlos Torres assinalar pênalti de Rizzo sobre Vagner Love em um empurrão ocorrido fora do lance do jogo.

A vantagem de 1X0 fez o Brasil recuar na etapa final e ser pressionado pela equipe chilena, que teve algumas chances de empatar o jogo. As substituições de Dunga tinham o claro intuito de garantir o resultado. Aos 35 minutos, um trio de volantes claramente

---

<sup>212</sup> LA NACION, 28 de junho de 2017. “La ‘humillación’ de Brasil. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/921250-la-humillacion-de-brasil>. Acessado em: 28 de junho de 2018.

defensivos estava em campo. Ironicamente, foi quando, em duas jogadas individuais, Robinho marcou dois outros gols, o primeiro aos 39 e o segundo aos 42 minutos. O placar final assinalava Brasil 3X0 Chile e o país praticamente garantido para a próxima fase da Copa América.

Na opinião de Juca Kfuri:

(...) se o Chile tivesse empatado não teria sido nada demais, porque se o talento de Robinho o destruiu, o time de Dunga não se impôs, ao contrário, por pouco não levou gol de uma seleção só voluntariosa e atrevida. O time de Dunga, na verdade, não é um time e sua cabeça está mais para os brucutus do que para os talentosos, tanto que tem um Robinho só e diversos volantes, todos ao mesmo tempo. Eu, hein?<sup>213</sup>

A opinião da imprensa argentina é similar à apresentada pela brasileira. A Seleção não atuou bem, mas Robinho desequilibrou e garantiu a vitória de sua equipe. No primeiro tempo, segundo o La Nacion, a proposta chilena era defensiva e até o momento da penalidade havia tido pouco trabalho com o ataque brasileiro, “porque o conjunto conduzido por Dunga se mostrou nervoso e ineficiente”.<sup>214</sup> No segundo tempo, o Chile se lançou mais ao ataque, no entanto Robinho foi o elemento de desequilíbrio e devolveu o sorriso para o Brasil como destacava o título da matéria que descreveu o jogo.<sup>215</sup>

A última rodada da primeira fase do Grupo B foi disputada no dia 4 de julho. No primeiro jogo, o México empatou, sem gols, com o Chile garantindo dessa forma a primeira colocação no grupo com 7 pontos. O Brasil, para não depender de outros resultados, precisava de um empate com o Equador. A equipe entrou em campo com três volantes, voltou a jogar mal e, mesmo sendo vaiada já no primeiro tempo, acabou vencendo por 1X0, gol de Robinho aos 11 minutos da etapa final, cobrando penalidade máxima. Com a vitória classificou-se em segundo lugar e iria enfrentar, na fase seguinte, a melhor terceira colocada, coincidentemente a Seleção Chilena.

O La Nacion voltou a destacar que o Brasil mais uma vez apresentou pouco futebol. Para o periódico, o mais relevante é que o tradicional rival tinha vencido e seguido

<sup>213</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 2 de julho de 2007, p. D-3.

<sup>214</sup> LA NACION, 2 de julho de 2007. “Con la explosión de Robinho, Brasil recuperó la sonrisa”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/922245-con-la-explosion-de-robinho-brasil-recupero-la-sonrisa>. Acessado em: 30 de junho de 2018.

<sup>215</sup> Idem, ibidem. O título da matéria é: “Con la explosión de Robinho, Brasil recuperó la sonrisa”.

adiante no torneio.<sup>216</sup> A Seleção Brasileira, para o Olé, ainda não havia realizado uma boa partida na competição e se a equipe avançou para a fase seguinte o grande responsável foi Robinho. O diário esportivo argentino também destacou as críticas da imprensa brasileira em relação à atuação da equipe comandada por Dunga contra o Equador.<sup>217</sup>

Nas quartas de final a Argentina enfrentou o Peru. O Brasil teve como adversário o Chile. Desta feita os dois grandes rivais realizaram excelentes apresentações. A Seleção Brasileira entrou em campo primeiro, no dia 7 de julho, no Estádio José Antonio Anzoátegui, mais conhecido como Estádio Olímpico Luis Ramos, na cidade de Puerto La Cruz. Finalmente os pentacampeões mundiais jogaram bem. Mesmo atuando novamente com três volantes, a equipe se impôs e envolveu o adversário desde o início da partida criando jogadas de perigo. Os gols também não tardaram a sair e quando o árbitro apitou o final do primeiro tempo o placar já assinalava Brasil 3X0, gols de Juan, Júlio Batista e Robinho.

O Brasil manteve o ritmo no segundo tempo e seguiu dominando os chilenos. Robinho, logo aos 5 minutos, marcou novamente. Com a vitória garantida e visando poupar o craque brasileiro, ele foi substituído pelo contestado Afonso aos 28 minutos. Logo em seguida, o volante Josué, pouco afeito a marcar gols, fez o quinto. Dois minutos depois Suazo descontou para o Chile e aos 40 minutos Vagner Love marcou o seu primeiro gol na Copa América e encerrou a goleada brasileira por 6X1.

O La Nacion destacou a força das “camisas” mais tradicionais na Copa América e como o Chile foi novamente derrotado com facilidade pela Seleção Brasileira. A equipe de Dunga passou a ser apontada como forte candidata ao título e teria agora como oponente nas semifinais um antigo e perigoso rival, o Uruguai.

Esta Copa América começa a acomodar seus resultados segundo as tradições. Nesta parte do mundo, uma delas indica que o Brasil não só é intransponível para o Chile, como as vitórias do pentacampeão mundial sobre a *Roja* são quase invariavelmente por cifras volumosas. A história teve sua parte na construção do relaxado e esmagador 6 a 1 com o qual os brasileiros liquidaram os chilenos – já os haviam goleado 3-0 na primeira

---

<sup>216</sup> Idem, 5 de julho de 2007. “Brasil ganó y sigue adelante”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/923162-brasil-gano-y-sigue-adelante>. Acessado em: 30 de junho de 2018.

<sup>217</sup> OLÉ, 5 de julho de 2007. “Se salva el sólo”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/notas/2007/07/05/um/01451342.html>. Acessado em: 30 de junho de 2018.

fase – e conseguiram uma fácil passagem para as semifinais, em que vão recriar um clássico de velha data contra o Uruguai.<sup>218</sup>

No dia seguinte, 8 de julho, em Barquisimeto, a Argentina enfrentou e venceu a Seleção Peruana, sem dificuldades por 4X0, Riquelme marcou duas vezes, Messi e Mascherano fizeram os outros gols. Apesar da Argentina ser considerada a principal favorita da competição, o Jornal do Brasil não apresenta nenhuma notícia sobre a sua vitória contra os peruanos.

Brasil e Uruguai fizeram o primeiro embate das semifinais no dia 10 de julho na cidade de Maracaibo. Como de costume, os jornais uruguaios acionaram a memória de 1950 e o *Maracanazo*, na tentativa de fortalecer sua equipe e simultaneamente desestabilizar o adversário.<sup>219</sup> João Areosa escreveu para o Jornal do Brasil: “Que venha o Uruguai com aquela chatice de Maracanazo, que ninguém mais suporta. Robinho neles!”<sup>220</sup>

A partida foi muito equilibrada. O Brasil começou melhor e abriu o placar aos 13 minutos com o lateral Maicon. O Uruguai não se abateu com a desvantagem e empatou o jogo aos 35 minutos com Diego Forlán. Apenas quatro minutos depois o Brasil voltou a ficar em vantagem no placar com Júlio Baptista após cobrança de falta de Maicon.

Na etapa final, o Brasil voltou melhor e pressionava seu adversário, no entanto foi o Uruguai que empatou o jogo, aos 24 minutos, com “El Loco” Abreu. O placar não se alterou mais e a equipe que iria disputar a final seria conhecida nas cobranças de penalidades máximas uma vez que, pelo regulamento da competição, não haveria prorrogação. Na primeira série de cobranças dois cobradores erraram: Forlán para o Uruguai e Afonso para o Brasil. Nas alternadas, o Uruguai teve a chance de encerrar o confronto depois que Fernando acertou a trave, mas Pablo Garcia fez o mesmo. Gilberto colocou o Brasil em vantagem e Doni, visivelmente adiantado, defendeu o chute de Lugano. O Brasil defenderia o título conquistado quatro anos antes ao vencer, nas penalidades, o Uruguai por 5X4.

---

<sup>218</sup> LA NACION, 8 de julho de 2007. “Brasil arrolló a Chile y recuperó a pleno su perfil de firme candidato”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/924062-brasil-arrollo-a-chile-y-recupero-a-pleno-su-perfil-de-firme-candidato>. Acessado em: 30 de junho de 2018.

<sup>219</sup> A utilização da final de 1950 em confrontos entre Brasil e Uruguai é estudado por Álvaro Vicente Cabo e Ronaldo Helal no texto intitulado: “A marca de uma derrota: jornalismo esportivo e a construção do Maracanazo”. No artigo aqui citado os autores analisam o discurso jornalístico uruguaio sobre a partida entre Brasil e Uruguai na Copa de 1970 e como a mítica vitória em 1950 foi utilizada duas décadas depois. Cf. HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo & SOARES, Antonio Jorge Gonçalves (orgs.). op. cit., p. 95-114.

<sup>220</sup> JORNAL DO BRASIL, 9 de julho de 2007, p. 7 (Esportes).

Argentina e México prometiam fazer uma partida dura e emocionante, afinal as duas equipes estavam embaladas em virtude de suas vitórias na fase anterior. A primeira havia derrotado os peruanos por 4X0 e os mexicanos golearam por 6X0 a Seleção Paraguaia. Ao contrário do esperado, o que se viu, no dia 11 de julho em Puerto Ordaz, foi o domínio pleno da Seleção Argentina, desde os primeiros minutos da partida. O primeiro gol, marcado por Heinze saiu aos 44 minutos da etapa inicial.

A Argentina continuou melhor na segunda etapa e garantiu sua passagem para a final, marcando mais duas vezes, gols de Messi aos 16 minutos e de Riquelme, de pênalti, 5 minutos depois. Argentina e Brasil reeditarão a final anterior, no Peru. Seria a oportunidade dos argentinos quebrarem o jejum de títulos e ainda se vingarem da derrota sofrida três anos antes. Desta feita, o Jornal do Brasil, mais preocupado em noticiar os Jogos Pan-Americanos que se iniciariam no Rio de Janeiro, fez um breve relato da vitória argentina e afirmou se tratar de uma talentosa equipe.<sup>221</sup>

Para a imprensa e atletas brasileiros, a Argentina era a favorita, no entanto, o histórico recente, em especial a vitória em 2004, e a tradição das duas seleções eram destacadas pelos brasileiros para afirmar que a partida não seria fácil para a albiceleste.

A disparidade entre as campanhas do Brasil e Argentina na Copa América apontam os nossos vizinhos como favoritos para levar o título no domingo. No entanto, não é de hoje que os brasileiros superam as adversidades para vencer os argentinos. Na Copa América de 2004, as duas equipes tiveram campanhas muito parecidas com as atuais. A Argentina chegou como favorita à final, porém, quem levou a taça para casa foram os brasileiros.<sup>222</sup>

Na mesma reportagem, o zagueiro Juan, presente na final de 2004 afirmou:

A Argentina chega mais unida e com bom nível de jogo. Inevitável que eles sejam considerados favoritos – revelou o jogador, que prometeu muita luta para reverter esse panorama. – Nós também estamos com muita vontade de ganhar. Já chegamos até aqui e não queremos cair no último jogo. O certo é que (Brasil X Argentina) é um jogo equilibrado, respeitado pelas duas seleções e qualquer coisa pode se passar.<sup>223</sup>

---

<sup>221</sup> Idem, 12 de julho de 2007, p. 2 (Esportes).

<sup>222</sup> Idem, 13 de julho de 2007, p. A 16.

<sup>223</sup> Idem, ibidem, p. A 16.

O La Nacion, no dia da final, afirmou que a Argentina era uma equipe mais bem armada e completa que o Brasil, algo que não é habitual em um enfrentamento deste tipo. Para o periódico, a vantagem argentina se encontrava inicialmente nos elencos, a Argentina trouxe o que tinha de melhor no momento enquanto o Brasil não contava com alguns de seus principais jogadores, como Kaká, Zé Roberto e Ronaldinho Gaúcho e ainda sofreu com a lesão de Fred, já na Venezuela. Um segundo aspecto, ressaltado, era a campanha dos dois selecionados, a Argentina colecionava apenas vitórias, exceto pela partida com o Paraguai, por placares dilatados, enquanto que o Brasil havia perdido para o México na estreia e se classificado para a final em disputa de pênaltis com o Uruguai. O futebol apresentado pela Argentina, segundo o cronista Claudio Mauri, era mais ambicioso e fluido que o do Brasil, mais conservador e distante do “jogo bonito”, como defendido pelo seu treinador. Finalmente, mesmo individualmente, a vantagem era da albiceleste com Messi, Riquelme e Mascherano e no Brasil brilhava apenas Robinho.<sup>224</sup>

Mesmo assim, Mauri pregava respeito ao adversário e considerava temerário apontar um favorito. Para ele: “Um clássico, ainda mais em uma final, está submetido a uma forte carga psicológica, a uma tensão emocional, que muitas vezes condiciona os fatores futebolísticos”.<sup>225</sup> O jornalista lembrou a derrota de 2004 e também da longa espera por títulos por parte da Argentina.

Juca Kfourri, em relação à final, mostrou-se claramente dividido. Se o coração torcia pelo Brasil e seu futebol força, a cabeça queria o retorno do futebol arte abandonado por Dunga.

Argentina ou Brasil? A derrota brasileira na Copa de 1982 e a vitória brasileira na Copa de 1994 significaram golpes vigorosos no chamado futebol arte. Ganhou o futebol de resultados. Desta vez, uma nova vitória nacional terá piores efeitos para quem, antes de mais nada, gosta de futebol bem jogado, como espetáculo, e não gosta apenas de vitórias. Desafortunadamente, o coração, na Copa America, neste domingo, está do lado da força. A cabeça, ao lado da arte. Coração ou cabeça?<sup>226</sup>

---

<sup>224</sup> LA NACION, 25 de julho de 2007. MAURI, Claudio. “La Argentina buscará darle lustre final a su obra”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/925870-la-argentina-buscara-darle-lustre-final-a-su-obra>. Acessado em: 2 de julho de 2018.

<sup>225</sup> Idem, ibidem.

<sup>226</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 15 de julho de 2007, p. D-10.

Tostão afirmou que, praticamente independente do resultado, Dunga manteria para as eliminatórias o esquema com três volantes e com isso abriria mão de um craque no time, Kaká, Ronaldinho Gaúcho ou Robinho. A única interrogação do cronista e ex-atleta era se o Brasil perdesse jogando mal, se isso acontecesse, talvez a CBF revisse a sua manutenção no cargo. Se é possível perceber no relato de Juca Kfourri um torcedor dividido, para Tostão ele, o torcedor, está confuso e até revoltado com Dunga e com um *scratch* que não representa o futebol brasileiro, mas sim empresários e patrocinadores.

Em outras épocas, se um torcedor brasileiro dissesse que iria torcer para a Argentina, seria internado como louco ou exilado. Os tempos mudaram. Muitos dizem que vão torcer para o Brasil perder porque faria justiça ao melhor time da Copa América, Dunga poderia sair e ninguém se iludiria com certos atletas. Outros querem torcer contra o Brasil, mas pega mal. O torcedor está confuso. Há ainda revolta e indiferença ou desilusão de vários torcedores para com os jogadores e com o time brasileiro (não só esse), que parece ser mais uma seleção da CBF, de empresários e patrocinadores do que do Brasil.<sup>227</sup>

No dia 15 de julho de 2007, os selecionados da Argentina e do Brasil voltariam a disputar a final da Copa América. Em caso de vitória a Argentina conquistaria o seu décimo quinto título e superaria o Uruguai como o país mais vencedor na competição. O Brasil buscava o bicampeonato e o seu oitavo título continental. A partida foi disputada na quente cidade de Maracaibo, no Estádio José Encarnación Romero, também conhecido como “Panchecho” Romero. Um aspecto ressaltado pela imprensa dos dois países era o grande número de atletas das duas equipes que atuavam no exterior, o maior até então, 19 pelo Brasil e 15 pela Argentina.<sup>228</sup>

A expectativa era de um jogo nervoso, truncado, no qual a Argentina tentaria se impor, como fez ao longo da competição, desde os minutos iniciais e o Brasil buscaria conter

<sup>227</sup> Idem, ibidem, p. D-11. As convocações da Seleção Brasileira passam a ser cada vez mais contestadas e a afirmação que a CBF, empresários e patrocinadores estão de conluio para promover, via Seleção Brasileira, determinados atletas se tornou cada vez mais frequente. Este é outro tema que pode ser aprofundado e originar novas pesquisas. Dunga, por exemplo, em reportagem para O Globo e também no programa televisivo “Esporte Espetacular” afirmou ter sofrido ameaça de empresário por convocação de jogador. Cf. O GLOBO, 6 de dezembro de 2015. “Dunga revela ter sofrido ameaça de empresário por convocação de jogador”. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/dunga-revela-ter-sofrido-ameaca-de-empresario-por-convocacao-de-jogador-18232006>. Acessado em: 2 de julho de 2018.

<sup>228</sup> Escalação da Seleção Argentina: Abbondanzieri, Ayala, Heinze, Zanetti, Milito, Riquelme, Mascherano, Cambiasso (Pablo Aimar), Verón (Lucho Conzález), Tévez e Messi. Escalação da Seleção Brasileira: Doni, Maicon, Alex, Juan, Mineiro, Gilberto, Elano (Daniel Alves), Josué, Júlio Baptista, Vagner Love (Diego) e Robinho (Fernando Menegazzo). O árbitro da partida foi o paraguaio Carlos Amarilla.

o ímpeto de seu oponente. A realidade se mostrou distinta, logo aos 4 minutos Elano dominou a bola no meio de campo, girou o corpo e fez ótimo lançamento para Júlio Baptista na ponta esquerda, o atleta avançou em diagonal para dentro da grande área, driblou Ayala e chutou forte, indefensável, no ângulo direito de Abbondanzieri.

Apesar de ter sentido o gol, a Argentina foi em busca do empate e Riquelme chegou a acertar a trave brasileira aos 8 minutos. A Seleção Argentina seguiu pressionando a bem postada defesa brasileira que suportou a pressão adversária e quando não era possível parar o ataque do oponente, como ocorreu aos 34 minutos, Doni realizava boas intervenções no gol por ele defendido. Cada vez mais ansiosa, a equipe de Messi se lançou ao ataque e passou a dar espaços para o Brasil contragolpear. Daniel Alves, que entrara no lugar de Elano, contundido, arrancou livre pela direita e cruzou para a área, Ayala, sem perceber que Abbondanzieri agarraria a bola, tentou interceptá-la e acabou desviando-a para o fundo de suas próprias redes. A Seleção Brasileira foi para o vestiário ao final da primeira etapa com a vantagem de 2X0.

Sem outra opção, a Argentina partiu para o ataque desde os primeiros minutos da etapa final. O Brasil, bem postado em campo, dava poucos espaços ao adversário e ameaçava nos contra-ataques. Os desarmes na intermediária iniciavam invariavelmente perigosos ataques na desguarnecida defesa argentina. Aos 24 minutos Robinho dominou a bola do lado esquerdo de sua defesa e passou para Vagner Love no meio de campo, o atacante brasileiro, livre, avançou em diagonal para o meio e deu um passe preciso a Daniel Alves, livre pela direita, chutar cruzado e marcar o terceiro e último gol da partida. Sem forças para reagir, os argentinos ainda tentaram atacar, mas até o apito final, não levaram perigo para o gol brasileiro.<sup>229</sup> Era a segunda vitória de Dunga por 3X0 sobre o tradicional rival e o seu primeiro título como técnico.<sup>230</sup> O Brasil conquistava pela oitava vez a Copa América e Robinho, além de artilheiro foi eleito o melhor jogador da competição. O título também garantiu o Brasil na Copa das Confederações que seria disputada na África do Sul em 2009.

---

<sup>229</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. DIAS, Enrique. “Partida 091: Brasil 3 x 0 Argentina Final Copa América 2007”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=P\\_PQpj9kIRc](https://www.youtube.com/watch?v=P_PQpj9kIRc). Acessado em: 2 de julho de 2018.

<sup>230</sup> Dunga se tornou o primeiro brasileiro a vencer a Copa América como jogador e treinador.

Em relação aos argentinos, uma cena que se repetiria outras vezes em anos vindouros<sup>231</sup> foi assim descrita por Newton César de Oliveira Santos:

Em quatro anos, era a terceira vez que a cena se repetia: argentinos enfileirados para receber medalhas de prata, tristes, tirando-as do pescoço assim que desciam do palanque armado sobre o gramado; e o brasileiros sorridentes, barulhentos, saltando sobre a frágil estrutura, improvisando samba e exibindo medalhas de ouro.<sup>232</sup>

Os jogadores argentinos alegaram a determinação brasileira e o gol marcado logo no início da partida, como as chaves para a vitória da equipe comandada por Dunga. Messi afirmou: “O gol deles nos prejudicou muito. Depois não pudemos controlar a partida como queríamos”.<sup>233</sup> Tévez, por sua vez, expressou sua indignação: “Saio com raiva porque não conseguimos vencer e fechar um campeonato excepcional da seleção. Nada pode ser feito depois do jogo. Sempre achei que empataríamos, mas o futebol é assim”.<sup>234</sup>

A imprensa argentina também ressaltou um aspecto que estará cada vez mais presente na narrativa jornalística e na discussão dos torcedores, o “calvário” de Messi no selecionado e que ganhou novo capítulo com a desclassificação nas oitavas de final da Copa de 2018,<sup>235</sup> evento que foge do escopo temporal deste trabalho. Em relação à derrota na Copa América de 2007, o *La Nación* destacou as manchetes da imprensa espanhola afirmando que Messi era “o rei sem coroa”.<sup>236</sup>

---

<sup>231</sup> A Argentina disputou e perdeu, depois de 2007, mais 3 finais, duas delas fora do escopo temporal deste trabalho: a Copa do Mundo de 2014 (Alemanha 1X0 Argentina) que será tratada posteriormente; Copa América de 2015 (Chile 4X1 nas penalidades máximas, após empate sem gols no tempo normal e prorrogação) e Copa América Centenária em 2016 (Chile 4X2 nas penalidades, após novo empate sem gols no tempo normal e prorrogação).

<sup>232</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. op. cit., p. 574.

<sup>233</sup> LA NACION, 15 de julho de 2007. “La contundencia de Brasil, la clave de la derrota”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/926028-la-contundencia-de-brasil-la-clave-de-la-derrota>. Acessado em: 3 de julho de 2018.

<sup>234</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>235</sup> A Argentina depois de uma primeira fase bastante sofrível, estreou empatando com a Islândia por 1X1, foi derrotada pela Croácia por 3X0 e venceu, nos minutos finais, a Nigéria por 2X1, classificando-se na segunda posição de seu grupo. Nas oitavas de final enfrentou a Seleção Francesa e acabou eliminada da Copa do Mundo da Rússia ao ser derrotada por 4X3. Marcelo Barreto, jornalista do canal SporTV, ressaltou depois da derrota para a França, que Messi viveu pela Argentina muito mais pesadelos do que sonhos. Aqui se apresenta outra temática com possibilidade de aprofundamento e que se abre para várias possibilidades, como a comparação com Maradona e a recepção de ambos pelo povo argentino; as narrativas da imprensa local e também estrangeira sobre a trajetória de Messi na albiceleste ou ainda a discussão de Messi ter partido para a Espanha muito jovem e não ter criado uma identificação com os torcedores locais mais estreita.

<sup>236</sup> LA NACION, 16 de julho de 2007. “Messi, ‘rey sin corona’”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/926197-messi-rey-sin-corona>. Acessado em: 3 de julho de 2018.

Claudio Mauri destacou novas virtudes do futebol brasileiro. E afirmou que a Argentina não apresentou o seu futebol conhecido, e que a assertiva também se aplicava aos brasileiros, com a diferença que resultou na vitória destes. “Sem o seu futebol conhecido, com o circuito do jogo interrompido por um Brasil combativo e guerreiro, a Argentina estava definhando”.<sup>237</sup> Contar com uma equipe combativa e guerreira para alcançar a vitória não seriam os aspectos comumente valorados pela imprensa argentina (e também brasileira) em relação ao futebol pentacampeão. Por sua vez, a narrativa construída no Brasil costuma atribuir tais adjetivos ao futebol argentino, que costumeiramente é traduzida pela palavra *raça*, que por vezes descamba, em alguns momentos, na deslealdade.

O periodista argentino ressaltou o forte esquema defensivo executado pelo Brasil que anulou o ataque adversário e lhe propiciou perigosos contra-ataques e que, mesmo sem contar com alguns dos seus principais atletas, deve ser sempre respeitado.

A derrota tem outra leitura dura para a Argentina: o Brasil deu-se o prazer de golear com um Robinho que foi um fantasma. Não necessitou de seu goleador, de sua estrela, para desarmar a equipe de Basile a partir de um trabalho coletivo impecável, de uma lição de consistência e de oportunismo defensivo. (...) O Brasil pode não ter trazido as suas estrelas, tinha em seu plantel nomes que não sugerem muito, porém raramente deixa de ser perigoso.<sup>238</sup>

Em um programa para o canal TyC Sports da televisão argentina, Maradona opinou sobre o resultado da Copa América:

O Brasil, ao longo da história, esteve sempre um degrau acima, mas nós sempre brigamos pelo pódio. É muito complicado ver o futebol argentino chegar às fases finais e não triunfar. Na Copa América, vínhamos jogando bem e na final deu tudo errado. Levamos os melhores jogadores e o Brasil, com o plano B, nos arrasou. Não tivemos resposta para enfrentar o Brasil em nenhum momento; por isso creio que é preciso recuperar a mística; jogar pela glória, que é algo que não se compra com dinheiro. Até que não se levante a Copa, ninguém é campeão. O Brasil tinha de ir embora feliz com um terceiro lugar, mas foi o primeiro e não roubou nada de ninguém.<sup>239</sup>

<sup>237</sup> Idem, ibidem. MAURI, Claudio. “Desilusión: la Argentina se apagó en la última función”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/926119-desilusion-la-argentina-se-apago-en-la-ultima-funcion>. Acessado em: 3 de julho de 2018.

<sup>238</sup> Idem, ibidem.

<sup>239</sup> O JORNAL ESTADO DE SÃO PAULO, 31 de julho de 2007. AMPUERO, Luis. “Diego Maradona reconhece: ‘Brasil está acima dos outros’”. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,diego-maradona-reconhece-brasil-esta-acima-dos-outros,27699>. Acessado em: 4 de julho de 2018.

A imprensa brasileira, não poderia ser diferente, saudou com muita alegria o bicampeonato da Copa América, mas Dunga continuou alvo de críticas, especialmente em relação ao perigo do técnico entender com o resultado obtido, que ele pode prescindir dos craques, como alertou Juca Kfoury. Ainda, segundo o cronista brasileiro, a Argentina, apesar de ter demonstrado o melhor futebol da competição, teria que dar explicações por mais uma derrota.

Não há o que contestar na vitória brasileira, a não ser o excesso de faltas. E há por que temer seus efeitos, porque pode levar Dunga a achar que craques não são mais necessários, o que será grave equívoco. De resto, é comemorar mesmo. Por que não há como negar que Dunga tem agora um argumento quase irresponsável, ao não só derrotar o melhor time da Copa América como por tamanha diferença de gols. Explicações, aliás, os argentinos é que terão de dar mais uma vez batidos, mais uma vez de volta abatidos para Buenos Aires, apesar de terem feito tudo o que fizeram na Venezuela, com exceção da final.<sup>240</sup>

Para o Jornal do Brasil, a Argentina foi anulada pela Seleção Brasileira e os seus jogadores tiveram uma atuação muito fraca.

Irreconhecível, o time do técnico Alfio Basile não repetiu as atuações dos primeiros jogos. O raçudo Tévez dos tempos do Corinthians, por exemplo, não entrou em campo. Riquelme, carrasco do Grêmio na Libertadores, pouco fez. Verón mostrou que seu tempo já passou e Messi parece continuar sendo uma promessa de craque. O goleiro Abbondazieri (sic), inseguro, só não foi pior (que) Ayala, que marcou um gol contra.<sup>241</sup>

## 7.6. ELIMINATÓRIAS PARA A COPA DE 2010

A longa disputa pelas 4 vagas diretas para o Mundial da África do Sul em 2010 e mais uma pela repescagem começou em outubro de 2007 e só terminou dois anos depois, em outubro de 2009. Preparando-se para a disputa, há um pouco mais de um mês do encerramento da Copa América, no dia 22 de agosto, a Argentina foi derrotada por 2X1, em Oslo, pela Noruega. No dia 15 de setembro derrotou a Austrália por 1X0 em Melbourne. O Brasil, por sua vez, realizou três amistosos. Também em 22 de agosto, em Montpellier, na França, a Seleção Brasileira venceu a Argélia por 2X0. Em setembro, nos dias 9 e 12, jogou nos Estados Unidos e derrotou os anfitriões por 4X2 e posteriormente a Seleção Mexicana por 3X1.

<sup>240</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 16 de julho de 2007, p. D-10.

<sup>241</sup> JORNAL DO BRASIL, 16 de julho de 2007, p. A 16.

As eliminatórias da zona sul-americana para a Copa do Mundo de 2010 foram disputadas mais uma vez pelas 10 seleções afiliadas à Conmebol, com formato idêntico ao das últimas três edições, ou seja, todas as seleções integrando um grupo único em partidas de ida e volta. Os quatro primeiros colocados classificavam-se diretamente e o quinto colocado disputaria a repescagem contra a quarta colocada na Concacaf. Com o intuito de reduzir os desgastes com as viagens, especialmente para os atletas que atuavam na Europa, foram programadas as disputas de duas rodadas na mesma semana.

Em 2007, foram realizadas as quatro primeiras rodadas entre outubro e novembro. No dia 13 de outubro, a Argentina iniciou sua caminhada em Buenos Aires derrotando os chilenos por 2X0. No dia seguinte, jogando mal, em um campo castigado pela chuva, que fez atrasar o início da partida em 40 minutos, o Brasil apenas empatou sem gols com a Colômbia em Bogotá. Em 16 de outubro, em Maracaibo, a Argentina venceu a Venezuela por 2X0, enquanto o Brasil, no dia 17, no Maracanã, depois de um primeiro tempo ruim, goleou o Equador por 5X0 com grande apresentação de Robinho.

A Argentina entrou em campo no dia 17 de novembro e derrotou, em Buenos Aires, a Seleção Boliviana por 3X0. O Brasil, no dia seguinte, voltou a tropeçar fora de casa e empatou com o Peru por 1X1. A última rodada disputada em 2007 teve início no dia 20 de novembro com a derrota dos argentinos para os colombianos em Bogotá, por 2X1 e o Brasil, no dia 21, apesar de ter jogado mal e ter saído atrás no placar, derrotou o Uruguai também por 2X1 no Morumbi, em São Paulo. Ao final da quarta rodada, o Paraguai era o líder das eliminatórias com 10 pontos, seguido pela Argentina com 9 pontos e o Brasil e a Colômbia dividiam a terceira posição com 8 pontos. A maratona de jogos só seria retomada em junho de 2008.

Se Kaká foi eleito o melhor jogador de 2007, a Argentina desbancou, em outubro, o Brasil do topo do ranking da FIFA, posição que ele ocupava desde 2002 e terminou o ano ostentando a primeira posição.<sup>242</sup>

---

<sup>242</sup> O ranking da FIFA é utilizado desde 1993. Os dados aqui apresentados são até 2017. Entre 1993 e 2006 o Brasil dominou o ranking, ficando na primeira colocação entre 1994 e 2000 e entre 2002 e 2006. Em 1993 o primeiro posto foi ocupado pela Alemanha (Argentina e Brasil encontravam-se na quinta e oitava posições respectivamente) e em 2001 pela França. A partir de 2007, a Seleção Brasileira não voltou a terminar um ano na primeira colocação. A Argentina liderou em 2007 e 2016. A Espanha entre 2008 e 2013. A Alemanha em 2014 e 2017 e a Bélgica em 2015. A Seleção Brasileira é a equipe que terminou o ano o maior número de vezes na primeira colocação, 12 vezes, a Espanha 6 vezes, a Alemanha 3 vezes, a Argentina 2 vezes e a França e a

No espaço político, no dia 28 de outubro de 2007, aproximadamente 27 milhões de eleitores argentinos elegeram a primeira mulher para governar o país pelo voto direto, Cristina Elisabet Fernández de Kirchner, ou simplesmente, Cristina Kirchner, que sucedeu seu marido, Nestor Kirchner. Seu mandato teve início em 10 de dezembro do citado ano.

Brasil e Argentina tinham vários motivos comemorativos no ano de 2008. Em comum, o centenário em que um combinado argentino visitara pela primeira vez o Brasil, em amistosos contra combinados de São Paulo e Rio de Janeiro. Como foi destacado no segundo capítulo deste trabalho, a Seleção Brasileira não havia sido criada, de qualquer forma, era o início das relações futebolísticas entre os dois países, que geraram amizades, rivalidades e admirações. Esperava-se que o jogo nas eliminatórias, em junho de 2008, marcasse tal data. Argentinos e brasileiros também poderiam comemorar a conquista dos seus primeiros títulos mundiais. A Argentina, em 1978, completando 30 anos, jogando em casa e o Brasil celebrando 50 anos da conquista na Suécia em 1958.<sup>243</sup>

Uma vez que o reinício das eliminatórias só se daria em junho, tanto a AFA, quanto a CBF agendaram alguns amistosos para os primeiros meses de 2008. A Argentina entrou em campo três vezes: em 26 de março derrotou o Egito, no Cairo, por 2X0 e em junho jogou, nos dias 5 e 9, nos Estados Unidos, contra o México e contra os próprios Estados Unidos, vencendo o primeiro por 4X1 e empatando com os anfitriões por 0X0. O Brasil realizou um amistoso a mais que o seu rival. Em 6 de fevereiro, venceu em Dublin a Seleção da Irlanda por 1X0, em março, dia 26, venceu, pelo mesmo placar, a Suécia em jogo disputado em Londres. No final de maio, dia 31, foi para os Estados Unidos e venceu, mesmo

---

Bélgica 1 vez cada. A última atualização da FIFA, no momento da escritura da tese, foi no dia 26 de maio de 2018, ou seja, antes da Copa do Mundo da Rússia, a líder era a Alemanha seguida pelo Brasil, Bélgica, Portugal e Argentina. Com a desclassificação da Alemanha na primeira fase da Copa do Mundo e o avanço das seleções do Brasil e Bélgica, que se enfrentarão nas quartas de finais do Mundial no dia 6 de julho, é provável que o ranking sofra alterações na próxima divulgação.

<sup>243</sup> A pequena valorização brasileira do cinquentenário da conquista da Copa do Mundo é alvo de críticas do Professor Hilário Franco Júnior. O renomado historiador afirma: “Todavia, a pouca atenção dada em 2008 ao feito de 1958 não deve ser debitada apenas ao mundo do futebol. Este é uma caixa de ressonância da sociedade. E a brasileira tem o mau hábito de esquecer rapidamente tanto seus erros e seus vilões como seus acertos e seus heróis, sejam eles políticos, artistas, escritores, pensadores ou jogadores de futebol. (...) Menospreza o passado quem se relaciona mal com o presente em qualquer aspecto, inclusive no futebol”. Ressalto que também não houve comemorações no ano de 2012 em relação ao cinquentenário do bicampeonato mundial e pergunto se tal “esquecimento” também imperará em 2020? Neste ano completará 50 anos da conquista definitiva da Jules Rimet e que é considerada tanto por estudiosos quanto por jornalistas como um marco definitivo para a construção identitária brasileira por intermédio do futebol. Cf. FRANCO JÚNIOR, Hilário. “O cinquentenário de um esquecimento”. In: \_\_\_\_\_. *Dando trato à bola: ensaios sobre futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 195-199.

jogando mal, o Canadá por 3X2 e em 6 de junho foi derrotado, pela primeira vez na história, pela Venezuela por 2X0.

Na retomada das eliminatórias, o confronto argentino aparentemente seria mais tranquilo que o brasileiro. No dia 15 de junho o adversário era o Equador, que só havia somado 3 pontos até o momento, em Buenos Aires. Mesmo com o Monumental de Núñez lotado e incentivando a equipe, a Seleção Argentina jogou mal e graças a um gol de Rodrigo Palacio<sup>244</sup> aos 48 minutos do segundo tempo, evitou um vexame maior, empate em 1X1. A Folha de São Paulo destacou que a Argentina sofreu para empatar com o Equador e que Riquelme teve atuação pouco inspirada.<sup>245</sup>

Aquela mesma tarde seria ainda mais dramática para a Seleção Brasileira, que enfrentou o Paraguai em Assunção. Mesmo atuando boa parte do segundo tempo com um jogador a mais, o Brasil se mostrou apático e foi facilmente superado pelos donos da casa pelo placar de 2X0, com grande apresentação do atacante Cabañas. Dunga, sempre contestado, foi chamado de “burro” pela torcida presente no Defensores del Chaco, ficou ainda mais pressionado no cargo e eram cada vez mais fortes os rumores na imprensa que ele seria afastado em caso de derrota no próximo confronto, contra a Argentina. O técnico brasileiro rebateu: “‘Tem que ter continuidade de trabalho. Não é porque o time perdeu que tem que mudar tudo. Esses jogadores merecem confiança’, falou o treinador lembrando do título da Copa América”.<sup>246</sup>

Brasil e Argentina se enfrentariam no Mineirão pressionados, por isso, as declarações dos jogadores antes do jogo eram de respeito pelo adversário, mas sempre ressaltando a necessidade da vitória. Riquelme, por exemplo, afirmou: “Nós sofremos a mesma pressão que o Brasil, é importante conseguirmos a vitória. Para nós, não importa o que se passa com Dunga, mas temos a obrigação de ganhar”.<sup>247</sup> A Folha de São Paulo estampou no dia do jogo: “Brasil e Argentina tentam limpar o nome no clássico: líder e vice do ranking da FIFA, seleções se enfrentam no Mineirão para afastar a crise”.<sup>248</sup>

---

<sup>244</sup> O atacante Rodrigo Palacio havia entrado minutos antes no lugar do meio campista Verón.

<sup>245</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 16 de junho de 2008, p. D-3.

<sup>246</sup> Idem, ibidem, p. D-2.

<sup>247</sup> Idem, 18 de junho de 2008, p. D-3.

<sup>248</sup> Idem, ibidem, p. D-1.

Em Belo Horizonte, no Mineirão, na noite de 18 de junho de 2008, para um público de 52.527 pagantes,<sup>249</sup> as duas equipes tentavam melhorar suas posições nas eliminatórias. Antes da partida se iniciar, o Brasil estava fora do grupo de seleções que se classificaria diretamente para a Copa do Mundo e a Argentina, ainda na segunda posição, via Colômbia empatar em pontos e, no dia seguinte, caso houvesse um vencedor no confronto entre Venezuela e Chile, a equipe vitoriosa também alcançaria os 10 pontos que a albiceleste somava antes de enfrentar o Brasil.

Os dois treinadores, insatisfeitos com os resultados da rodada anterior, promoveram modificações na equipe.<sup>250</sup> Dunga, no entanto, não alterou profundamente o esquema tático e preferiu manter a equipe com três volantes e só deixou a equipe mais ofensiva quando Anderson sentiu dores no joelho e foi substituído por Diego, ainda no primeiro tempo.

A partida começou em ritmo lento, cadenciado. A Argentina tentava chegar ao gol, especialmente, por intermédio das bolas paradas. A primeira chance clara foi de Júlio Baptista, aos 23 minutos, o atleta chutou forte para a boa intervenção do arqueiro argentino. No minuto seguinte, Robinho escapou pelo lado esquerdo, passou por Abbondanzieri que saiu de forma precipitada da meta, porém o atacante brasileiro demorou para concluir e com isso permitiu a recomposição da defesa adversária. A Argentina só ameaçou no minuto final da primeira etapa quando Messi recebeu um lançamento de Coloccini e na saída de Júlio César chutou torto, para fora. Na saída do intervalo “a torcida no Mineirão não perdoou a ruindade do clássico e vaiou muito”.<sup>251</sup>

No segundo tempo a Argentina voltou melhor. A torcida começou a pedir a troca de Adriano por Alexandre Pato e ela se enfureceu quando Dunga substituiu o atacante brasileiro não por Pato, mas por Luis Fabiano, o treinador passou a ser xingado e teve que ouvir o famoso coro de “burro”. O Brasil se desestruturou ainda mais com uma nova e inusitada alteração, Dunga tirou Diego, que entrara um pouco depois da primeira metade do

---

<sup>249</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 19 de junho de 2008, p. D-2.

<sup>250</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Júlio César, Maicon, Lúcio, Juan, Anderson (Diego – Daniel Alves), Mineiro, Júlio Baptista, Gilberto Silva, Gilberto, Adriano (Luis Fabiano) e Robinho. Escalação da Seleção Argentina: Abbondanzieri, Zanetti, Heinze, Brudisso, Coloccini, Riquelme (Battaglia), Jonas Gutiérrez, Mascherano, Fernando Gago, Julio Cruz (Kun Agüero) e Messi (Rodrigo Palacio). O árbitro da partida foi o colombiano Óscar Ruiz.

<sup>251</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 19 de junho de 2008, p. D-2.

primeiro tempo, e colocou o lateral direito Daniel Alves. Para os enviados da Folha de São Paulo, o Brasil “só não tomou o gol da primeira vitória argentina em solo brasileiro em dez anos porque os atacantes rivais erravam, e feio, nas finalizações”.<sup>252</sup> Enfim, o futebol pouco inspirado dos argentinos e extremamente burocrático dos brasileiros resultou no primeiro 0X0<sup>253</sup> do duelo após 20 anos e 22 confrontos.<sup>254</sup> A Seleção Brasileira chegava ao seu terceiro jogo sem vitórias (1 empate e 2 derrotas) e também sem marcar um único gol.

Ao final da sexta rodada, a Argentina mantinha a segunda posição das eliminatórias com 11 pontos, a dois do líder Paraguai e seguido de perto pelo Chile e pela Colômbia, ambas seleções com 10. O Brasil seguia na quinta colocação com apenas 9 pontos e naquele momento teria que jogar a repescagem. Em virtude das Olimpíadas de Pequim,<sup>255</sup> em agosto, as eliminatórias só seriam retomadas em setembro.

Para a imprensa Argentina, o resultado foi injusto afinal o selecionado de seu país, mesmo não proporcionando um futebol de grande qualidade, apresentou-se melhor que o do seu adversário. O Olé em sua capa afirmou: “A Argentina foi melhor e mereceu ganhar até no último minuto. Eles não jogaram nada, se colocaram muito atrás e foram reprovados com o 0X0”.<sup>256</sup> Para o mesmo periódico, Marcelo Sotille escreveu uma crônica em que criticou a atuação das duas equipes, em especial a maneira decepcionante e diversa do que se espera da Seleção Brasileira.

O grande clássico do futebol mundial decepcionou como duelo e como espetáculo simplesmente porque um e outro pensaram duas vezes antes de arriscar e respeitaram mais a história do que o presente do rival. O Brasil foi uma equipe sem adrenalina, o samba soou como uma *cumbia* mal bailada, seu jogo sem fluidez tornava-se ataques desajeitados e descontínuos.<sup>257</sup>

<sup>252</sup> Idem, *ibidem*, p. D-2.

<sup>253</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. JOGOS DO BRASIL. “Eliminatórias Copa 2010: Brasil 0x0 Argentina (2008)”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=SNSfk8\\_hhSY](https://www.youtube.com/watch?v=SNSfk8_hhSY). Acessado em: 5 de julho de 2018.

<sup>254</sup> O último empate em 0X0 entre Brasil e Argentina havia ocorrido na partida disputada em 10 de julho de 1988 pelo Torneio Bicentenário da Austrália em Melbourne.

<sup>255</sup> As Seleções Olímpicas de Argentina e Brasil se enfrentaram na semifinal e os Argentinos, contando com Messi e reforçados por Mascherano e Riquelme, derrotaram com facilidade, 3X0, o Brasil que tinha no seu quadro, dentre outros, Ronaldinho Gaúcho. Na final, os argentinos venceram a Nigéria e conquistaram pela segunda vez a medalha de ouro olímpica e o Brasil contentou-se com a medalha de bronze ao bater a Bélgica. Como o trabalho ora desenvolvido só trata das partidas das seleções adultas, os jogos das seleções olímpicas, formadas por atletas sub-23 podendo contar com, no máximo, 3 jogadores acima deste limite de idade, não foram incluídas nas análises.

<sup>256</sup> OLÉ, 19 de junho de 2008 (capa).

<sup>257</sup> Idem, *ibidem*. SOTILLE, Marcelo. “El Lio es brasileño”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/notas/2008/06/19/seleccion/01697326.html>. Acessado em: 5 de julho de 2018.

Dunga foi mantido no comando da Seleção, no entanto, viu seu poder reduzido no dia seguinte ao empate com a Argentina, quando o presidente da CBF convocou Ronaldinho Gaúcho para compor o grupo que defenderia o Brasil nas Olimpíadas de Pequim. “CBF convoca Ronaldinho Gaúcho e tira poder de Dunga: Ricardo Teixeira coloca meia-atacante em Pequim e apenas comunica técnico”.<sup>258</sup> Ao contrário da Argentina, que seria dirigida por Sergio Batista, no Brasil o técnico da equipe principal também conduziria a equipe olímpica.

As duas novas rodadas das eliminatórias foram disputadas entre os dias 6 e 10 de setembro de 2008. Mesmo sem conquistar a tão sonhada medalha de ouro olímpica,<sup>259</sup> Dunga foi mantido à frente da Seleção Brasileira. Em Buenos Aires, no dia 6, a Argentina teria a chance de liderar a competição ao enfrentar o Paraguai. Mesmo jogando em casa, foram os visitantes que abriram o placar, Heinze marcou contra no início do primeiro tempo. A situação se complicou ainda mais quando Tévez, depois de jogada violenta, foi expulso. O goleiro Abbondanzieri se contundiu e teve que ser substituído. Na etapa final, Basile colocou Agüero em campo e foi do atacante o gol de empate depois de uma bela arrancada de Messi. A imprensa Paraguaia considerou o empate por 1X1 como muito valioso para sua equipe. A necessidade do presidente da AFA sair em defesa de Basile e elogiar as substituições realizadas pelo treinador, demonstrava que ele estava sob pressão.

No dia seguinte, data em que comemorava mais um aniversário da sua independência, o Brasil enfrentou o Chile em Santiago e era, somando as três edições de eliminatórias em que participou no formato de todos jogando contra todos em partidas de ida e volta, a equipe que tinha a maior diferença percentual de desempenho entre todas as equipes da Conmebol, quando comparava-se os pontos conquistados atuando em casa e fora dela.

Somando as três edições em que participou da competição com essa fórmula, o Brasil, no melhor estilo de países que brilham só na altitude e passam vergonha longe dela, tem aproveitamento de 85% como anfitrião e de só 32% fora de casa. A diferença de 52 (sic) pontos percentuais é recorde entre os 10 países da região, considerando o mesmo período de disputa para todas essas seleções. A Argentina, o maior rival brasileiro, tem uma performance muito mais equilibrada (diferença de 30 pontos percentuais). Em Buenos

---

<sup>258</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 20 de junho de 2008, p. D-1.

<sup>259</sup> Conquista que só se concretizou nas Olimpíadas sediadas no Rio de Janeiro em 2016. Na final o Brasil derrotou a Alemanha nas penalidades máximas (5X4) depois de empatar no tempo normal e prorrogação por 1X1.

Aires, os argentinos ganharam 83% dos pontos que disputaram. Fora, o aproveitamento de nossos vizinhos é de 53%.<sup>260</sup>

A Seleção Brasileira sofria críticas não só da imprensa, mas até do presidente Lula, que elogiou a garra dos jogadores argentinos, em particular de Messi e declarou que os jogadores brasileiros perdem a bola e ficam de braços cruzados esperando que outro companheiro retome a jogada.<sup>261</sup> Além disso, corria o risco de cair, ao final da rodada, para a sétima posição das eliminatórias. Dunga, em virtude da necessidade da vitória, mesmo jogando em território adverso, abandonou o esquema de três volantes (chamado de fracassado pela Folha de São Paulo) e montou um time mais ofensivo.

As mudanças surtiram efeito e o Brasil, mesmo sem ser brilhante, mostrou empenho e em alguns momentos apresentou um bom futebol. O resultado final foi uma vitória sobre os chilenos por 3X0, com dois gols de Luis Fabiano e um de Robinho. O Brasil saltou da sexta posição na tabela para a segunda, empatado com a Argentina com doze pontos, mas com um saldo de gols superior.

Mesmo sem ser o foco principal da pesquisa, a crônica de José Geraldo Couto, reverbera o que o torcedor brasileiro espera e quer ver de sua Seleção e, mesmo que o escrito não mencione a percepção argentina, pode-se extrapolar e afirmar que o país vizinho também anseia e admira o jogo bonito praticado pelos brasileiros.

Com a vitória, o carrancudo treinador ganha sobrevida no comando da seleção. Se tivesse perdido, dificilmente permaneceria no cargo. Talvez por isso, nunca vi tantos brasileiros torcendo para o Brasil perder como ontem, antes e durante o jogo contra o Chile. O fato de ser um 7 de Setembro, “dia da pátria”, só acrescenta ironia à situação. Obviamente, a torcida não era propriamente contra o Brasil, mas sim contra o futebol que a seleção brasileira vinha apresentando. Mais precisamente, contra Dunga, na esperança de que a mudança de treinador trouxesse de volta ao escrete um futebol bonito e bem jogado. A torcida, portanto, era “a favor” do Brasil, ou pelo menos de um Brasil que, verdadeiro ou ilusório, aprendemos a amar: um país de ginga e força, de criatividade e esperteza, de magia e garra. É natural isso: queremos uma seleção na qual possamos identificar qualidades que gostamos de acreditar que são nossas. Quando vemos essas qualidades

---

<sup>260</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 7 de setembro de 2008, p. D-3. O jornalista se equivocou no cálculo, a diferença era de 53 pontos percentuais e não 52 como relatado na reportagem.

<sup>261</sup> A crítica do presidente foi mal recebida pelos atletas brasileiros. Júlio César, goleiro brasileiro, sugeriu que Lula fosse para a Argentina. Em virtude do desconforto causado, o atleta posteriormente se desculpou, mas esperava que o presidente fizesse o mesmo. Cf. FOLHA DE SÃO PAULO, 7 de setembro de 2008, p. D-3.

num time ou num jogador estrangeiro, o que se produz é uma sensação incômoda, de amor ao proibido, de violação, de um interdito.<sup>262</sup>

Após empatar com o Paraguai, a Seleção da Argentina embarcou para Lima para enfrentar, no dia 10 de setembro os peruanos. O clima na delegação, ao que parece, não era dos melhores. Martín Castilla, enviado do La Nacion, ressaltou que uma equipe de futebol precisa de tempo, treinamento, conhecimento coletivo, automatização dos movimentos, mas também de harmonia e bom ambiente, para ganhar força e se transformar em um grupo efetivamente competitivo. Alfio Basile, para o cronista, tinha plena consciência da excelente matéria prima que dispunha, apesar de ainda não ter encontrado a equipe ideal, mas o que o preocupava, há algum tempo, era a falta de harmonia desejada por ele no plantel.<sup>263</sup>

O primeiro tempo entre Peru e Argentina foi muito fraco. Os visitantes tiveram que alterar sua formação, mais uma vez, logo aos 17 minutos quando Gutiérrez se contundiu. Messi e Riquelme pouco produziam no meio campo e Agüero estava isolado no ataque. O resultado é que a equipe comandada por Basile não conseguiu dar um único chute ao gol do Peru ao longo dos 45 minutos iniciais.

O Peru voltou mais ousado na etapa final e conseqüentemente deu mais espaços para o seu adversário. No entanto, poucas chances reais de gols foram construídas. Faltando apenas 10 minutos para o fim do jogo Cambiasso abriu o placar para os visitantes após receber a bola de Fernando Gago. O Peru não se deu por vencido e buscou pressionar o adversário e acabou sendo premiado, já nos descontos, com o gol de empate, marcado por Fano. A Argentina chegava ao seu quarto empate consecutivo nas eliminatórias e à sua quinta partida sem vitórias na competição.

No dia 10, no Estádio Olímpico João Havelange, também conhecido como “Engenhão”, o Brasil teria a oportunidade de consolidar sua recuperação e a segunda posição nas eliminatórias, afinal enfrentaria a Bolívia, última colocada com apenas 4 pontos conquistados nas sete rodadas disputadas. Para um público relativamente pequeno, de pouco mais de 30 mil pagantes, o Brasil voltou a fracassar e empatou em 0X0 com uma equipe que, até aquele momento, tinha como melhor resultado fora de casa uma derrota por 3X1 diante do

---

<sup>262</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 8 de setembro de 2008, p. D-4.

<sup>263</sup> LA NACION, 10 de setembro de 2018. CASTILLHA, Martín. “Está faltando la armonía que anhela Basile”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1048297-esta-faltando-la-armonia-que-anhela-basile>. Acessado em: 5 de julho de 2018.

Equador. Mesmo jogando com um jogador a mais durante grande parte do segundo tempo, os brasileiros só conseguiram ameaçar os bolivianos nos descontos da partida. “Na seleção brasileira de Dunga, a regra é o futebol ruim, como ontem, no inacreditável empate sem gols contra a frágil Bolívia, no Engenhão”.<sup>264</sup>

O *La Nacion* ressaltou que Dunga escalou uma equipe ofensiva, com Robinho, Luis Fabiano e Ronaldinho Gaúcho, mas o time jogou mal, criou poucas jogadas de perigo e não foi capaz de derrotar os bolivianos que desde 1985 não conseguiam ganhar um único ponto jogando no Brasil.<sup>265</sup> O jornal argentino ainda destacou as críticas da imprensa brasileira ao seu treinador.<sup>266</sup>

A última rodada do primeiro turno das eliminatórias foi jogada nos dias 11 e 12 de outubro e nos dias 14 e 15 a primeira do retorno. A Argentina enfrentou, no dia 11 de outubro, seu tradicional rival do Prata, o Uruguai, em Buenos Aires, em um jogo tenso, afinal o adversário poderia ultrapassá-la na tabela classificatória em caso de vitória.

Os donos da casa iniciaram o jogo pressionando seu adversário e abriram o placar logo aos 6 minutos com Messi, de cabeça. Mantendo a pressão, ampliaram o resultado com Agüero apenas 7 minutos depois. Com a vantagem de 2X0, os argentinos diminuíram o ritmo e permitiram, em uma desatenção defensiva, que Lugano diminuísse para os uruguaios aos 40 minutos.

Na etapa complementar a rivalidade entre as equipes esquentou e o jogo ficou violento e truncado. O árbitro do confronto distribuiu dez cartões amarelos ao longo do confronto, sendo oito deles na etapa final.<sup>267</sup> Com as duas seleções mais preocupadas em destruir do que em criar, poucas jogadas foram construídas. Quando o juiz decretou o encerramento do confronto terminou também o jejum de cinco jogos sem vitórias nas

---

<sup>264</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 11 de setembro de 2008, p. D-1.

<sup>265</sup> LA NACION, 11 de setembro de 2008. “Bolivia rescató un punto histórico en Brasil”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1048421-bolivia-rescato-un-punto-historico-en-brasil>. Acessado em: 7 de julho de 2018.

<sup>266</sup> Idem, ibidem. “Tras las críticas, Dunga reiteró que se queda en su puesto”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1048947-tras-las-criticas-dunga-reitero-que-se-queda-en-su-puesto>. Acessado em: 7 de julho de 2018.

<sup>267</sup> A Folha de São Paulo informa, equivocadamente, que foram sete cartões amarelos na etapa final. Consultando o site da FIFA, pode-se verificar que foram dois cartões na primeira etapa e oito na segunda. Cf. FIFA. Disponível em: <https://www.fifa.com/worldcup/matches/round=250491/match=300035310/report.html>. Acessado em: 7 de julho de 2018.

eliminatórias da equipe albiceleste, que venceu por 2X1. Se os jornais brasileiros apenas descreveram o jogo, sem analisar a atuação argentina, o *La Nacion* sentenciou: “(...) o conjunto de Alfio Basile conseguiu hoje mudar parcialmente sua imagem com uma atuação convincente coletivamente, ainda que com escasso brilho”.<sup>268</sup>

O Brasil foi até a Venezuela e derrotou com facilidade os anfitriões em San Cristóbal por 4X0, com dois gols de Robinho, um de Kaká e outro de Adriano. O primeiro turno das eliminatórias terminava com o Paraguai na liderança com 20 pontos, o Brasil na segunda posição em virtude do saldo de gols, pois estava empatado em 16 pontos com a Argentina; na quarta posição o Chile com 13 pontos e o Uruguai e o Equador tinham 12 pontos.

No dia 15 de outubro, a Argentina enfrentou o Chile em Santiago, enquanto o Brasil recebeu a Colômbia no Maracanã. Na capital chilena, os argentinos não contaram com Riquelme e não foram capazes de superar o aguerrido conjunto adversário que acabou, depois de 35 anos, derrotando os argentinos por 1X0, gol de Orellana.<sup>269</sup> O *La Nacion* ressaltou que a diferença de gols poderia ter sido ainda maior, criticou a pouca efetividade do ataque argentino, que pouco ameaçou o gol chileno e que a equipe “não mostrou respostas, nem identidade jogo”.<sup>270</sup>

No retorno para Buenos Aires, o pressionado Alfio Basile renunciou ao cargo, apesar da AFA tentar demovê-lo da ideia. Grondona, presidente da Associação de Futebol da Argentina, se afirmou surpreso com a decisão do treinador. Para o *La Nacion* as “críticas recebidas dos jornalistas e a falta de apoio dos jogadores cansaram o treinador”. Vários nomes foram aventados: Sergio Batista, Diego Simeone, Miguel Russo e Carlos Bianchi. Mas, de forma surpreendente, ainda em outubro, o escolhido foi o ex-craque e com escassa experiência como treinador, Diego Armando Maradona.<sup>271</sup>

<sup>268</sup> LA NACION, 11 de setembro de 2008. “Sin brillar, la Argentina cambió su imagen con un triunfo”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1058409-sin-brillar-la-argentina-cambio-su-imagen-con-un-triunfo>. Acessado em: 7 de julho de 2018.

<sup>269</sup> A última vitória chilena sobre os argentinos havia ocorrido em Santiago, no dia 18 de julho de 1973, pelo placar de 3X1, pela Copa Carlos Dittborn. Após a citada partida, as duas seleções se enfrentaram mais 24 vezes antes do jogo de outubro de 2008 com 14 vitórias da albiceleste e 10 empates.

<sup>270</sup> LA NACION, 15 de outubro de 2008. “La Argentina dejó una imagen preocupante en Chile”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1059511-la-argentina-dejo-una-imagen-preocupante-en-chile>. Acessado em: 7 de julho de 2018.

<sup>271</sup> Maradona treinou o Deportivo Mandiyú em 1994 em 12 jogos, com apenas uma vitória. No ano seguinte, foi treinador do Racing de Avellaneda, pelo qual ganhou duas partidas, empatou seis e perdeu três.

Apesar da idolatria dos torcedores argentinos por Maradona, sua escolha não teve boa aceitação nas pesquisas realizadas pelo Clarín e o La Nacion. Para o primeiro, 73,9% dos respondentes se manifestaram contra ela e números semelhantes foram apontados pelo segundo: 72,12% do universo pesquisado considerou a decisão equivocada.<sup>272</sup>

Dunga também não teve vida fácil com a torcida brasileira. Jogando no Maracanã, voltou a empatar, sem gols, contra a Colômbia. A equipe jamais, em eliminatórias, ficara tanto tempo sem ganhar em casa, era o terceiro jogo seguido. No final do primeiro tempo, os torcedores começaram a gritar em coro “Adeus Dunga” que se intensificou ao final da partida chamada pela Folha de São Paulo como “um capítulo tenebroso da história da seleção pentacampeã mundial”.<sup>273</sup> Apesar das críticas, Dunga foi mantido no cargo.

As eliminatórias só foram retomadas em março de 2009, mas antes do final do ano, em 19 de novembro, o Brasil venceu a Seleção Portuguesa em amistoso por 6X2, atuando no Estádio do Bezerrão, no Gama. Em fevereiro, dia 10, derrotou a Itália por 2X0 em confronto disputado em Londres. Já Maradona, no mesmo dia em que brasileiros e portugueses se enfrentavam, estreou no comando do selecionado argentino contra a Escócia em Glasgow e venceu por 1X0. Também em fevereiro, no dia 11, em partida disputada em Marselha, a Argentina derrotou a França por 2X0.

Entre os dias 28 de março e 1º de abril, foram disputadas, duas novas rodadas das eliminatórias. A Argentina recebeu e venceu com facilidade os venezuelanos por 4X0 em Buenos Aires na primeira data. No dia seguinte, o Brasil, atuando em Quito, derrotava o Equador até o minuto final, quando Noboa empatou e deu números finais ao confronto.

Em relação aos argentinos, a imprensa brasileira destacou que a vitória tirou um peso das costas de Maradona, pois ele já enfrentava sua primeira crise, a saída de Riquelme da equipe. O atleta, em virtude de desavenças com o novo treinador, renunciou à camisa 10 da seleção. A mítica camisa foi então herdada por Messi. Ao final da partida, a torcida no estádio

---

<sup>272</sup> ESPN. “Torcedores reprovam escolha de Maradona como técnico”. Disponível em: [http://www.espn.com.br/noticia/12886\\_torcedores-reprovam-escolha-de-maradona-como-tecnico](http://www.espn.com.br/noticia/12886_torcedores-reprovam-escolha-de-maradona-como-tecnico). Acessado em: 7 de julho de 2018.

<sup>273</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 16 de outubro de 2008, p. D-2.

gritava: “pela mão de Maradona, todos a volta vamos dar”.<sup>274</sup> Era o sonho do tricampeonato mundial, agora com o maior ídolo do futebol argentino no comando da equipe.

A alegria dos argentinos não durou muito e um período de incertezas e turbulências rapidamente se instalou. Seu início se deu na rodada seguinte. No dia 1º de abril, a Argentina subiu os Andes para enfrentar a Seleção da Bolívia em La Paz. Se jogar na altitude aumenta o nível de dificuldade da partida e é do conhecimento de todas as equipes, logo perder não é um resultado de todo improvável, o mesmo não se pode dizer do placar final do jogo: 6X1 para os bolivianos, a maior derrota argentina em eliminatórias, similar à pior derrota de sua história, para a Tchecoslováquia, na Copa de 58.

A Folha de São Paulo afirmou: “Nos quase 3.600 m de altitude de La Paz, faltou muito mais que ar para o time visitante”.<sup>275</sup> O periódico paulista lembrou ainda que Maradona foi uma das personalidades que mais defendeu as partidas na altitude, inclusive participando das campanhas e de um jogo em La Paz ao lado do presidente boliviano, Evo Morales. É importante ressaltar que o técnico argentino, em momento algum de suas entrevistas, culpou a altitude pela derrota ou o placar dilatado. “O resultado se explica por tudo o que a Bolívia criou” sentenciou Maradona.<sup>276</sup> Tal visão não foi compartilhada por toda a comissão técnica e jogadores argentinos.<sup>277</sup>

Enquanto a Argentina foi derrotada em La Paz, o Brasil venceu por 3X0 a última colocada nas eliminatórias, a Seleção Peruana, no Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre. Com a vitória obtida e os tropeços da Argentina e do Chile (empatou em casa com o Uruguai por 0X0), o Brasil assumiu a segunda colocação da competição, além de reduzir a diferença para o líder, o Paraguai, que também empatou com o Equador (1X1), para 3 pontos.

---

<sup>274</sup> Idem, 29 de outubro de 2008, p. D-6.

<sup>275</sup> Idem, 2 de abril de 2008, p. D-5.

<sup>276</sup> Idem, ibidem, p. D-5.

<sup>277</sup> Messi afirmou que se sentiu mal durante a partida e que para ele era impossível jogar na altitude, apesar de entender que tal argumento não deve ser utilizado como desculpa para a derrota. Cf. LA NACION, 2 de abril de 2009. “Messi: ‘Es imposible jugar en la altura’”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1114675-messi-es-imposible-jugar-en-la-altura>. Acessado em: 9 de julho de 2018. Já o preparador físico da Seleção Argentina, Fernando Signorini, advertiu que a altitude aliada ao horário do jogo e ao calor pode inclusive acarretar a morte de algum atleta. Nas palavras de Signorini: “‘competir en esas condiciones’ va en contra de ‘los principios más rescatables que tiene el deporte en su espíritu’. Al mostrarse en contra de La Paz como sede de partidos de Eliminatorias, afirmó que Bolivia sacó ‘una ventaja premeditada’ al jugar allí, ya que el encuentro se desarrolló ‘a las tres y media de la tarde, con un calor tremendo’”. LA NACION, 2 de abril de 2009. “Dura advertencia por jugar en la altura”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1114691-dura-advertencia-por-jugar-en-la-altura>. Acessado em: 9 de julho de 2018.

Apesar da vitória e da ascensão na tabela, o La Nacion afirmou que a torcida não estava plenamente satisfeita. A Seleção Brasileira não apresentou um futebol convincente e a vitória foi fruto da qualidade e oportunismo de Luis Fabiano. “Embora a vitória lhe tenha impulsionado na tabela, a reconciliação com a exigente torcida não foi total, pois seu jogo não foi lúcido e se resolveu pelo oportunismo e qualidade de Luis Fabiano diante um débil rival”.<sup>278</sup>

No dia 6 de junho o Brasil teria um duro e tradicional adversário pela décima terceira rodada das eliminatórias, o Uruguai em Montevideu. Os jornais argentinos esperavam uma partida difícil e acionavam a memória dos confrontos entre as duas equipes: “O clássico mistura os velhos duelos do passado e as urgências, as necessidades do presente”,<sup>279</sup> assim o La Nacion iniciou a sua matéria sobre o confronto.

Depois de 33 anos sem vitórias no Estádio Centenário, ou seja, atuando no Uruguai, o Brasil derrotou o seu adversário. Além disso, não foi uma vitória qualquer, foi por um placar dilatado, 4X0. Dunga, sempre muito criticado, agora era alvo de constatações: “Com números, quase sempre não adianta brigar. Então, é fato que Dunga nasceu para comandar a seleção brasileira em seus dois maiores clássicos”.<sup>280</sup> O técnico havia conquistado 78% dos pontos possíveis contra argentinos e uruguaios, foram 6 confrontos, com 4 vitórias e 2 empates. Os discursos jornalísticos que anteriormente colocavam em dúvida a própria classificação para o Mundial, agora que o Brasil alcançava o topo da tabela, empatado com o Paraguai, se modificaram e afirmavam agora que a Seleção Brasileira “segue em voo de cruzeiro para a Copa do Mundo de 2010”.<sup>281</sup>

O La Nacion ressaltou que o Uruguai fez um bom primeiro tempo e criou algumas oportunidades para marcar, interceptadas pela defesa ou por Júlio César. Não obstante, foi o Brasil que “mostrou ao Uruguai que dominar a partida é controlar o jogo mais do que ter a bola”<sup>282</sup> e mesmo sem “esbanjar futebol”,<sup>283</sup> aproveitou as chances criadas e foi para o

<sup>278</sup> LA NACION, 2 de abril de 2008. “Una goleada previsible”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1114117-una-goleada-previsible>. Acessado em: 9 de julho de 2018.

<sup>279</sup> Idem, 6 de junho de 2009. “Como siempre: Uruguay-Brasil”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1136377-como-siempre-uruguay-brasil>. Acessado em: 9 de julho de 2018.

<sup>280</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 7 de junho de 2009, p. D-1.

<sup>281</sup> Idem, ibidem, p. D-1.

<sup>282</sup> LA NACION, 7 de junho de 2009. “Impacto: Brasil dejó mudo al Centenario”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1136641-impacto-brasil-dejo-mudo-al-centenario>. Acessado em: 9 de julho de 2018.

vestiário no intervalo com a vantagem de 2X0. Abatido com o resultado, os uruguaios voltaram mais nervosos e imprecisos para a etapa decisiva, enquanto os brasileiros mais tranquilos, soltos, ameaçavam com mais frequência a meta adversária e fizeram mais dois gols para dar números finais ao confronto.<sup>284</sup>

Também no dia 6 de junho a Argentina recuperou-se, em Buenos Aires, da goleada sofrida em La Paz e derrotou pelo placar mínimo a Seleção Colombiana. Os jornais brasileiros, mais uma vez, não analisaram a vitória do vizinho e rival, o único comentário foi realizado pelo Jornal do Brasil. “Sem empolgar a torcida, o time comandado por Maradona chegou aos 22 pontos, na terceira posição”.<sup>285</sup>

Todas as equipes filiadas à Conmebol disputaram a décima quarta rodada das eliminatórias para a Copa de 2010 no dia 10 de junho. O Brasil, em Recife, no Estádio do Arruda, enfrentou a Seleção do Paraguai, com quem dividia a liderança da competição com 24 pontos. Apesar da euforia da torcida, o jogo foi complicado. O Paraguai abriu o placar com Cabañas aos 25 minutos em cobrança de falta. O Brasil sentiu o gol e passou a errar os passes. No final da primeira etapa, aos 40 minutos, já na “base do abafa”, Robinho conseguiu empatar o jogo e dar tranquilidade para a equipe.

O Brasil retornou melhor na etapa complementar e marcou o segundo gol, com Nilmar, aos quatro minutos, dando números finais para o jogo, colocando a Seleção na liderança isolada das eliminatórias e praticamente classificando-a para o Mundial da África do Sul. O Jornal do Brasil não deixou de reavivar a rivalidade com a Argentina com uma afirmação que era incomum nos jornais diários de lá, exceto pelo Olé, a alegria com a dificuldade enfrentada pelo grande rival: “O jogo se desenhou complicado num dia que parecia apenas de festa com a situação difícil da Argentina de Maradona”.<sup>286</sup>

A Argentina foi até Quito e enfrentou o Equador. Apesar de ter realizado um bom primeiro tempo, no qual Tévez chegou a desperdiçar um pênalti e a chance de colocar a

---

<sup>283</sup> LA NACION, 6 de junho de 2009. “Demasiado Brasil para tan poco Uruguay”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1136460-demasiado-brasil-para-tan-poco-uruguay>. Acessado em: 9 de julho de 2018.

<sup>284</sup> Idem, 7 de junho de 2009. “Impacto: Brasil dejó mudo al Centenario”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1136641-impacto-brasil-dejo-mudo-al-centenario>. Acessado em: 9 de julho de 2018.

<sup>285</sup> JORNAL DO BRASIL, 7 de junho de 2009, p. D2.

<sup>286</sup> Idem, 11 de junho de 2009, p. D4.

albiceleste em vantagem no placar, os comandados por Maradona sucumbiram à pressão dos donos da casa e foram derrotados por 2X0, gols de Ayoví e Palácios. A equipe estava agora na quarta posição com apenas dois pontos de vantagem sobre o quinto colocado, exatamente o Equador, adversário que o havia derrotado.

Para o Jornal do Brasil:

Depois de criticar Dunga e cavar a vaga de técnico da seleção da Argentina, Maradona não imaginou que pudesse ter tantas dificuldades na disputa das Eliminatórias para a Copa do Mundo de 2010, na África do Sul. (...) A Argentina, sob o comando de Maradona, conseguiu resultados expressivos apenas em amistosos, com vitórias sobre a Escócia, por 1 a 0, e a França, por 2 a 0. Mas, apesar da goleada sobre a Venezuela por 4 a 0 o time está longe de convencer, depois de ser goleado por 6 a 1 pela Bolívia, em La Paz, ganhar apenas de 1 a 0 da Colômbia, em casa.<sup>287</sup>

O periódico carioca relatou em breves linhas como foi a partida contra o Equador, mas não tratou em nenhum momento sobre o que ele esperava do futebol argentino, qual o estilo de jogo que ele deveria apresentar, quais as razões pelas quais as suas apresentações não são convincentes.

Ainda em junho, o Brasil embarcou para a África do Sul para disputar a oitava edição da Copa das Confederações. No mesmo molde das últimas disputas, as oito seleções foram divididas em 2 grupos com quatro equipes e as duas melhores de cada um deles avançavam para as semifinais. Os participantes eram os seis campeões continentais por suas respectivas confederações acrescidos da Itália, atual campeã do Mundo e da África do Sul, país sede. As seleções ficaram assim divididas: Grupo A – África do Sul, Espanha, Iraque e Nova Zelândia. Grupo B – Brasil, Egito, Estados Unidos e Itália. O torneio foi disputado entre os dias 14 e 28 de junho.

O Brasil terminou a primeira fase na primeira posição do Grupo B com três vitórias. Na estreia, no dia 15 de junho, derrotou o Egito por 4X3, em lance que causou polêmica. No final da partida, o jogador egípcio Ahmed Al Muhamadi interceptou a bola com o braço sobre a linha do gol após jogada do zagueiro Lúcio. O árbitro da partida, o inglês Howard Webb, inicialmente assinalou escanteio. Diante da veemente reclamação dos atletas brasileiros o árbitro voltou atrás da decisão, assinalou a penalidade máxima, que foi

---

<sup>287</sup> Idem, ibidem, p. D5.

convertida por Kaká, e ainda expulsou o atleta do Egito. Howard Webb, ao término da partida, afirmou que mudou sua decisão após ter se comunicado com o quarto árbitro. De nada adiantaram os protestos da Federação Egípcia de Futebol junto à FIFA para que a decisão do juiz em marcar o pênalti fosse revista, a vitória brasileira foi mantida.

Sem polêmicas e dificuldades maiores foram os dois outros jogos do Brasil. No dia 18, vitória por 3X0 sobre os Estados Unidos e no dia 21 de junho ganhou pelo mesmo placar da Seleção Italiana que já havia decepcionado na rodada anterior quando foi derrotada pelo Egito por 1X0. Com isso, a segunda vaga, pelo número de gols marcados, coube aos Estados Unidos.<sup>288</sup> No Grupo A avançaram a Espanha, em primeiro lugar, com 9 pontos e a África do Sul, na segunda colocação, com 4 pontos.

No dia 24 de junho, em Bloemfontein, “a zebra” norte-americana eliminou a campeã europeia, favorita, invicta há 35 partida, a Espanha, por 2X0. Enquanto os jogadores e o técnico dos Estados Unidos estavam eufóricos com a atuação e a classificação para a final, Del Bosque, técnico da “Fúria”, foi direto: “Futebol é fascinante por isso, jogamos mal e estamos fora”.<sup>289</sup>

No dia em que morreu, 25 de junho, o rei do pop, Michael Jackson,<sup>290</sup> o Brasil, com muita dificuldade, marcando apenas aos 42 minutos da etapa final, em cobrança de falta, venceu por 1X0 a África do Sul, treinada pelo folclórico brasileiro Joel Santana, e classificou-se para disputar a final contra os Estados Unidos.

A Copa das Confederações foi definida no dia 28 de junho em Johannesburgo. Em partida bastante disputada, inusitada e emocionante, o Brasil terminou a primeira etapa perdendo para os Estados Unidos por 2X0 e com “técnica, raça e superação”<sup>291</sup> virou o placar

---

<sup>288</sup> Egito, Estados Unidos e Itália terminaram com 3 pontos. No saldo de gols Estados Unidos e Itália apresentaram saldos (negativos) de -2 e o Egito de -3 gols. Na definição entre Estados Unidos e Itália, os primeiros haviam marcados 4 gols pró contra apenas 3 dos italianos, com isso a equipe norte-americana avançou. Os resultados dos jogos do grupo foram: Brasil 4X3 Egito; Estados Unidos 1X3 Itália; Brasil 3X0 Estados Unidos; Egito 1X0 Itália; Brasil 3X0 Itália e Estados Unidos 3X0 Egito.

<sup>289</sup> JORNAL DO BRASIL, 25 de junho de 2009, p. D5.

<sup>290</sup> No dia anterior havia morrido a atriz e um dos grandes símbolos sexuais setentistas, Farrah Fawcett. Ela ficara conhecida no Brasil por estrelar o seriado “As panteras” (*Charlie angel's*) nos anos 70. A atriz morreu de câncer aos 62 anos. Em relação à morte de Michael Jackson, há um Caderno Especial sobre o artista norte americano no Jornal do Brasil. Idem, 26 de junho de 2009, p. S1-S8 (Caderno Especial B).

<sup>291</sup> É interessante perceber que adjetivos similares foram muito utilizados pela imprensa uruguaia para caracterizar o futebol de seu país, em particular na vitória na Copa de 1950 contra o Brasil. O Jornal *El País*

para 3X2 e garantiu o seu terceiro título da competição, o segundo consecutivo. Os atributos aqui destacados representavam muito mais a escola uruguaia, a garra *charrúa* e em certa medida a argentina, contudo, como identificou Tostão em crônica publicada no Jornal do Brasil logo depois da vitória contra o Uruguai por 4X0 em Montevideu:

O futebol brasileiro, admirado em todo o mundo, pelo toque de bola, pela troca de passes, pelo domínio do jogo, não existe mais. Agora, é o futebol de muita marcação e de muitos contra-ataques. Muitas vezes, brilhante, como na belíssima vitória contra o Uruguai. (...) A Seleção Brasileira se parece hoje com a eficiente italiana, que sempre criticamos (...). O novo futebol brasileiro não é o que sempre sonhamos. O time atual vai oscilar e, quando jogar mal, vai mostrar suas deficiências e será criticado. Mas, o time já tem uma identidade, um estilo, que tem boas chances de ser vitorioso.<sup>292</sup>

Claudio Mauri, para o *La Nacion*, destacou que o Brasil que derrotou os Estados Unidos pela Copa das Confederações não deverá sofrer profundas transformações para enfrentar a Argentina um pouco mais de dois meses depois. Era o momento de Maradona e seus comandados estudarem bastante o seu rival para terem uma ideia bastante aproximada das exigências e dificuldades que o Brasil irá gerar.<sup>293</sup> Para o jornalista, mesmo sem se preocupar com o “jogo bonito” a Seleção Brasileira seria um adversário difícil de ser superado.

O técnico Dunga já encontrou um plantel que lhe responde e impôs um estilo de jogo que corta luxos e o virtuosismo com a bola para fazer-se valer pela contundência, solidez e personalidade ganhadora. O Brasil é uma equipe forte, sem muitas concessões ao jogo bonito, além de algumas faíscas de Kaká e Robinho, porém difícil de segurar e de vencer.<sup>294</sup>

---

afirmou que a vitória contra a Seleção Brasileira no Maracanã que deu o bicampeonato mundial para o Uruguai foi conquistada em virtude dos jogadores uruguaio terem: “qualidade, garra e coração”, o termo qualidade pode ser entendido como técnica e coração como superação às adversidades, já a garra aparece nas narrativas dos dois jornais. Cf. *EL PAÍS*, 17 de julho de 1950, p. 18. Para uma análise da Copa de 1950 são esclarecedores os estudos de Álvaro Vicente do Cabo. Cf. CABO, Álvaro Vicente do. *Copas do mundo de futebol – 1930 (Uruguai) e 1950 (Brasil). O olhar vitorioso: uma análise do discurso da imprensa uruguaia* (dissertação). UERJ, 2010. CABO, Álvaro Vicente do. “Copa do Mundo de 1950: Brasil X Uruguai: uma análise comparada do discurso da imprensa”. In: MELO, Victor Andrade de. *História comparada do esporte*. Rio de Janeiro: Shape, 2007. CABO, Álvaro Vicente do; HELAL, Ronaldo. “Vitória épica e tragédia nacional em 1950: um contraponto entre o *Diário Carioca* e veículos da imprensa uruguaia”. In \_\_\_\_\_. *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio e Janeiro: EdUERJ, 2014.

<sup>292</sup> JORNAL DO BRASIL, 7 de junho de 2009, p. D3.

<sup>293</sup> LA NACION, 29 de junho de 2009. MAURI, Claudio. “Brasil avisa con tiempo”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1144699-brasil-avisa-con-tiempo>. Acessado em: 9 de julho de 2018.

<sup>294</sup> Idem, ibidem.

Argentina e Brasil chegaram para a partida de 5 de setembro em situações bastante distintas. Enquanto os donos da casa precisavam da vitória para se tranquilizarem na tabela das eliminatórias, uma derrota poderia colocar em risco até mesmo a vaga na repescagem, especialmente em virtude da equipe realizar dois jogos fora de casa (Paraguai e Uruguai) e apenas mais um em seus domínios (Peru), o Brasil, em caso de vitória e de uma combinação de resultados, já garantiria matematicamente a vaga para a Copa de 2010. Com o intuito de pressionar ainda mais o adversário, a AFA transferiu o local do jogo para o estádio Gigante de Arroyito, em Rosário, o mesmo em que Argentina e Brasil jogaram pela Copa de 1978, partida a qual ficou conhecida como “Batalha de Rosário”. Não por acaso o Jornal do Brasil, no dia do jogo, denominou a partida de “Batalha de Rosário II”<sup>295</sup> e em vários momentos acionou a memória da partida ocorrida três décadas antes.<sup>296</sup>

– Sem dúvida a Argentina precisa muito mais da vitória que o Brasil. Viemos para vencer, é claro, mas eles estão desesperados pelo resultado. Por isso trouxeram o jogo para cá, para ter a torcida mais próxima e fazer uma pressão muito maior. Mas estamos preparados e somos acostumados à pressão – disse Felipe Melo, referindo-se à mudança do Monumental de Nuñez, em Buenos Aires, para o Gigante de Arroyito, em Rosário.<sup>297</sup>

Na reportagem intitulada “Clima de Nostalgia”, o jornalista Rafael Gonzalez para o Jornal do Brasil retoma uma série de estereótipos repetidos pelos brasileiros em relação ao futebol argentino tendo como pano de fundo a partida da Copa do Mundo de 1978. “A catimba argentina, como de costume, se fez presente. No jogo violento dos mandantes, o Brasil respondeu à altura”. É interessante perceber que tais atributos, quando provenientes do adversário, e neste caso da Argentina, ganham nos discursos de jornalistas, de jogadores e também de torcedores uma conotação negativa e que o Brasil apenas reage à provocação recebida, ou seja, é um processo de reação, de legítima defesa. O relato do ex-jogador e hoje comentarista esportivo, Edinho, é esclarecedora:

– Queria muito entrar no jogo. Acabei tendo a oportunidade com a saída do Rodrigues Neto. Distribuí logo umas duas ou três porradas para eles acalmarem um pouco. Estavam batendo demais. Acertei até o olho do Luque e ele ficou mal até o fim da Copa. Mas fato é que eles começaram a jogar

<sup>295</sup> JORNAL DO BRASIL, 5 de setembro de 2009, p. D1.

<sup>296</sup> Outra memória acionada tanto pelos jornais brasileiros quanto pelos argentinos foram os confrontos entre Dunga e Maradona quando eles ainda eram jogadores, em especial a partida que a Argentina venceu o Brasil por 1X0 na Copa de 1990 e eliminou o rival do campeonato.

<sup>297</sup> JORNAL DO BRASIL, 5 de setembro de 2009, p. D3.

mais e bater menos depois. Naquele tempo não havia essa presença da TV como hoje. Então, já viu... O pessoal batia.<sup>298</sup>

Aproximadamente 40 mil torcedores encheram o Gigante de Arroyito para torcer pela Argentina e pressionar o adversário na noite de sábado, 5 de setembro de 2009.<sup>299</sup> No ritmo da torcida, os donos da casa buscaram dominar o confronto e pressionar o oponente. O Brasil tinha dificuldade de manter a bola e até de passar pelo meio de campo. Contudo, aos 23 minutos, o panorama alterou-se. Elano cobrou falta da intermediária e encontrou Luisão, substituto do suspenso Juan, livre para cabecear para o fundo das redes.

Os donos da casa sentiram o golpe e o segundo gol veio apenas 7 minutos depois. Em nova cobrança de falta batida por Elano, Kaká aproveitou o rebote e cruzou, Maicon chutou, Andújar defendeu e Luis Fabiano, com oportunismo, ampliou o placar. Os argentinos não esmoreceram e continuaram a pressionar o Brasil, mas paravam nas boas defesas de Júlio César.

Para a etapa final, Maradona deixou a Argentina ainda mais ofensiva ao colocar Agüero no lugar de Maxi Rodriguez, mas “o jogo de toques curtos, tradicional do futebol do país, não dava resultados”.<sup>300</sup> Aos 20 minutos, a torcida local se encheu de esperança quando Dátolo arriscou um chute de longa distância e acertou o ângulo esquerdo do gol defendido por Júlio César. Com o gol marcado, a pressão da Argentina em busca do empate, e talvez da virada, deveria se intensificar, no entanto, a festa da torcida local e a angústia da torcida brasileira não duraram mais que um minuto, pois aos 21, Kaká fez grande jogada e lançou Luis Fabiano que com categoria encobriu o goleiro argentino, dando números finais ao duelo<sup>301</sup> para a incredulidade e desespero de Maradona. O Brasil voltava a vencer o rival, na casa do adversário, depois de 33 anos. Com a vitória obtida e a derrota do Equador para a Colômbia, o Brasil estava matematicamente classificado para o Mundial de 2010.

---

<sup>298</sup> JORNAL DO BRASIL, 5 de setembro de 2009, p. D4.

<sup>299</sup> Escalação da Seleção Argentina: Andújar, Heinze, Zanetti, Sebastián Domínguez, Otamendi, Dátolo, Verón, Mascherano, Maxi Rodriguez (Agüero), Tévez (Milito) e Messi. Escalação da Seleção Brasileira: Júlio César, André Santos, Maicon, Luisão, Lúcio, Gilbeto Silva, Felipe Melo, Elano (Daniel Alves), Kaká, Robinho (Ramires) e Luis Fabiano (Adriano). O árbitro da partida foi o colombiano Óscar Ruiz.

<sup>300</sup> JORNAL DO BRASIL, 6 de setembro de 2009, p. D3.

<sup>301</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. AMOKE. “Brasil 3 x 1 Argentina - Eliminatórias 2010 - 05/09/2009”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jyZJ-41V4-I>. Acessado em: 10 de julho de 2018.

**Figura 8: A imagem de Maradona dirigindo a Argentina contra o Brasil em Rosário**<sup>302</sup>



A classificação para a Copa do Mundo, contra o maior rival, dentro de seus domínios, teve para a Folha de São Paulo um sabor especial: “Quase sempre foi muito mais difícil para a seleção brasileira ganhar a vaga numa Copa. Mas nunca foi tão saboroso carimbar o passaporte para o Mundial como ontem, em Rosário”.<sup>303</sup> Mas ainda faltava a ironia final: “A cereja do bolo foi ver o adversário se afundar na crise”.<sup>304</sup>

Para Juca Kfourri o Brasil não se assustou com a pressão argentina. Segundo ele, a albiceleste tem uma boa equipe apenas do meio para frente, porém muito ruim do meio para trás e ainda afirmou que a equipe comandada por Dunga nem precisou “jogar muito para demolir o discurso marqueteiro”<sup>305</sup> do adversário.

Santiago Peluffo mostrava-se preocupado com a classificação da Argentina para o Mundial de 2010 e destacou que a derrota para o Brasil não teve efeitos mais devastadores para os argentinos em virtude das derrotas do Equador e do Uruguai. Em relação à partida, o jornalista destacou que a seleção local procurou em Rosário o apoio, a paixão e o entusiasmo que faltavam no Monumental de Núñez, em Buenos Aires. Ela encontrou todos esses elementos até o Brasil se colocar em vantagem no marcador.<sup>306</sup>

Mesmo mantendo-se na quarta posição, o resultado negativo na décima quinta rodada das eliminatórias, em casa, diante do Brasil, gerou uma onda de desânimo no torcedor

<sup>302</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 6 de setembro de 2009, p. D1.

<sup>303</sup> Idem, ibidem, p. D1.

<sup>304</sup> Idem, ibidem, p. D1.

<sup>305</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 6 de setembro de 2009, p. D4.

<sup>306</sup> LA NACION, 6 de setembro de 2009. PELUFFO, Santiago. “Se complica el camino al Mundial: el seleccionado perdió 3 a 1 con Brasil”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1170846-se-complica-el-camino-al-mundial-el-seleccionado-perdio-3-a-1-con-brasil>. Acessado em: 10 de julho de 2018.

argentino. O La Nacion destacou uma pesquisa publicada no canchallena.com na qual 53% dos pesquisados acreditavam que a Seleção Argentina não se classificaria para o Mundial de 2010, para 29% ela disputaria a vaga da repescagem e apenas 18% que ela se classificaria diretamente.<sup>307</sup>

O Olé destacou que independente da mudança do local do jogo, a Argentina não tem uma equipe e que o Brasil foi superior e estava classificado para o Mundial. Na capa do jornal impresso apareceu Kaká comemorando um dos gols em primeiro plano e Maradona contrariado ao fundo e escrito: “Não importa em que campo jogamos”.

**Figura 9: Capa do Diário Olé após a vitória do Brasil em Rosário<sup>308</sup>**



No dia 9 de setembro, o Brasil enfrentou o Chile em Salvador e derrotou seu adversário por 4X2, com três gols de Nilmar e um de Júlio Baptista. Suazo marcou os gols dos chilenos. No mesmo dia, a partida que gerava maior expectativa seria disputada em Assunção, entre o Paraguai, que poderia garantir sua vaga para o Mundial, e a Argentina, que poderia terminar a rodada fora da Copa do Mundo.<sup>309</sup>

<sup>307</sup> LA NACION, 6 de setembro de 2009. “Los lectores creen que la Argentina no se clasificará al Mundial”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1171485-los-lectores-creen-que-la-argentina-no-se-clasificara-al-mundial>. Acessado em: 10 de julho de 2018.

<sup>308</sup> OLÉ, 6 de setembro de 2009. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/2009/09/06/tapapapel.html>. Acessado em: 10 de julho de 2018.

<sup>309</sup> Para que a Argentina não figurasse entre os cinco primeiros colocados da tabela ela teria que perder para o Paraguai em Assunção e ainda contar com a vitória da Colômbia sobre o Uruguai em Montevideu e do Equador sobre a Bolívia em La Paz.

A equipe comandada por Maradona voltou a jogar mal, em campo se mostrou “sem ideias, com grosseiros erros defensivos”.<sup>310</sup> Perdeu por 1X0 para o Paraguai que sequer se encontrava no seu melhor momento na competição, afirmou o jornalista do La Nacion. A derrota colocou a Argentina na quinta posição e aumentaram os rumores da demissão de Maradona, as quais foram desmentidos pelo treinador na entrevista concedida depois de uma reunião que o próprio presidente da AFA teve com os jogadores e a comissão técnica ainda no vestiário ao final do jogo.

Ao final da conversa no vestiário, Maradona surgiu diante dos jornalistas e confirmou que continuará no cargo. “Enquanto eu tiver uma gota de sangue, lutarei para classificar a Argentina à Copa”, disse, dramático. “As críticas não irão me quebrar. Tenho uma boa relação com Julio [Grondona] e cumprirei meu contrato até o fim. Nada vai me atingir agora”, afirmou para encerrar as especulações sobre sua saída.<sup>311</sup>

Agüero, em entrevista para o Olé depois do jogo contra o Paraguai, afirmou que a derrota para o Brasil afetou profundamente o elenco, demonstrando as consequências geradas pelo clássico, tanto positivas para o vencedor, quanto negativas para o sobrepujado. “Nos matou a derrota para o Brasil, ficamos muito mal emocionalmente. Foi um golpe emocional muito duro. Ficamos muito mal e sabíamos que o Paraguai seria um adversário muito difícil”.<sup>312</sup> De qualquer forma, o atacante estava convencido da classificação de sua equipe para a Copa do Mundo.

Mesmo jogando em Assunção, sofrendo a pressão da torcida adversária, contra uma equipe, sem grandes estrelas, mas bem montada, o Olé considerou tal derrota ainda mais humilhante do que a sofrida em Rosário, na própria Argentina, com o apoio de seus *hinchas* (torcedores) para o Brasil e por um único motivo: “Paraguai, este Paraguai de Martino, solidário e sem estrelas, o goleou. O humilhou. Pior que o Brasil, simplesmente porque o Brasil é o Brasil”.<sup>313</sup> Tal narrativa, valorando o grande rival, mesmo em momentos de crise do futebol brasileiro, não costumam aparecer na mídia tupiniquim.

<sup>310</sup> LA NACION, 9 de setembro de 2009. HACKER, Pablo. “La noche en que la Argentina perdió hasta su historia”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1172576-la-noche-en-que-la-argentina-perdio-hasta-su-historia>. Acessado em: 10 de julho de 2018.

<sup>311</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 10 de setembro de 2009, p. D2.

<sup>312</sup> OLÉ, 10 de setembro de 2009. “Nos mató la derrota frente a Brasil”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/notas/2009/09/10/futbollocal/01996052.html>. Acessado em: 10 de julho de 2018.

<sup>313</sup> Idem, ibidem. “Indefendible”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/notas/2009/09/10/seleccion/01995912.html>. Acessado em: 10 de julho de 2018. Cabe

A imprensa brasileira lembrou, com ironia e até com uma pitada de prazer, que a última vez que a rival ficou fora de um Mundial foi em 1970 quando perdeu para o Peru, exatamente a próxima seleção que enfrentaria. “Pois outro jogo contra o Peru, no mês que vem, poderá reproduzir a tragédia”.<sup>314</sup>

As duas derradeiras rodadas das eliminatórias foram disputadas entre os dias 10 e 14 de outubro. A décima sexta tinha importância transcendente para a albiceleste, afinal enfrentava o Peru, última colocada na tabela de classificação, em Buenos Aires e era o seu último jogo em seus domínios. Além disso, três outros jogos eram de grande importância: Equador X Uruguai, Colômbia X Chile e Venezuela X Paraguai.<sup>315</sup>

O Brasil, já classificado para o Mundial e com a equipe modificada, foi até La Paz enfrentar os bolivianos no dia 11 de outubro, fechando a penúltima rodada das eliminatórias. Sentindo os efeitos da altitude, a equipe foi derrotada por 2X1 e perdeu uma invencibilidade de 19 jogos.

Antes de enfrentar o Peru, a Argentina realizou, em Córdoba, um amistoso com uma seleção formada basicamente por jogadores que atuavam no país, contra a seleção de Gana no dia 1º de outubro, venceu por 2X0.

Em jogo marcado por forte emoção e dramaticidade, argentinos e peruanos jogaram no Monumental de Núñez no dia 10 de outubro. A Argentina começou pressionando nos minutos iniciais, mas arrefeceu o ímpeto na medida em que o tempo passava e gol não se configurava. O primeiro tempo terminou em um frustrante 0 a 0, o resultado momentâneo deixava a equipe empatada com o Equador, que havia perdido mais cedo para o Uruguai por 2X1, na quinta colocação enquanto os rivais platinos assumiam a quarta posição das eliminatórias.

---

ainda ressaltar que o técnico paraguaio, Gerardo Martino, é argentino. Além disso, o Chile, outra seleção que praticamente estava assegurada na Copa do Mundo também era comandada por outro argentino, Marcelo Bielsa  
<sup>314</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 10 de setembro de 2009, p. D2.

<sup>315</sup> Antes do início da décima sexta rodada assim se encontrava as oito primeiras colocações na tabela de classificação da eliminatórias da Conmebol para a Copa do Mundo de 2010: 1. Brasil – 33 pontos (classificado); 2. Paraguai – 30 pontos (classificado); 3. Chile – 27 pontos; 4. Equador – 23 pontos; 5. Argentina – 22 pontos; 6. Uruguai – 21 pontos; 7. Venezuela – 21 pontos e 8. Colômbia – 20 pontos.

“O segundo tempo foi dramático como poucos jogos do país do tango”<sup>316</sup> Higuaín, atacante nascido na França e naturalizado argentino, logo aos 3 minutos da etapa final marcou para os donos da casa enlouquecendo a torcida presente no estádio. Com a vantagem construída, os torcedores acreditavam que a equipe ampliaria o placar. No entanto, Aimar e Messi, que haviam atuado bem na primeira etapa, não repetiram a boa atuação nos últimos 45 minutos e o Peru, que pouco havia produzido, passou a pressionar a seleção local e a partir desse momento o árbitro boliviano, Rene Ortubé, apareceu negativamente, segundo o relato da Folha de São Paulo.

Inicialmente o árbitro deixou de marcar um pênalti para a Seleção Peruana quando Issúa interceptou com o braço uma bola que ia na direção do gol. Ortubé mandou o jogo seguir. Querendo mostrar sua imparcialidade, a Folha de São Paulo ressaltou na matéria que os jornalistas argentinos que se encontravam no estádio e foram por ela ouvidos afirmaram que ocorreu a penalidade máxima.<sup>317</sup> O segundo momento de intervenção do árbitro, de importância capital, será relatado adiante.

A chuva que caía no estádio se transformou em um forte temporal. No último minuto, o pesadelo argentino pareceu se configurar no momento em que o peruano Rengifo de cabeça, empatou o jogo. “Quando o desespero já tomava o Monumental de Núñez”<sup>318</sup> e “um temor tomou conta do estádio (...) o Peru, com um empate, já havia deixado a Argentina fora da Copa-70”<sup>319</sup> surgiram dois protagonistas: primeiro, o atacante Palermo, que marcou aos 48 minutos e o segundo, o árbitro que validou o gol impedido do atleta argentino.

Maradona e todo o banco argentino não contiveram a emoção e invadiram o gramado encharcado para comemorar o gol. O pressionado técnico, “depois de comemorar o gol dando peixinho na grama molhada, (...) deixou o campo abraçado a Palermo e chorando muito”.<sup>320</sup> A Argentina retomava a quarta posição na tabela de classificação e o resultado foi essencial para elevar as possibilidades da equipe disputar pelo menos a repescagem. Mesmo assim, a situação ainda era delicada.

---

<sup>316</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 11 de outubro de 2009, p. D4.

<sup>317</sup> Idem, ibidem, p. D4.

<sup>318</sup> JORNAL DO BRASIL, 11 de outubro de 2009, p. D2.

<sup>319</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 11 de outubro de 2009, p. D4.

<sup>320</sup> JORNAL DO BRASIL, 11 de outubro de 2009, p. D2.

A situação da Argentina ainda não é fácil. Precisa ao menos empatar com o Uruguai, em Montevideu, para se garantir na repescagem. Se perder e o Equador vencer o Chile em Santiago, estará fora da Copa. Se vencer, classifica-se diretamente.

O que a matéria acima esqueceu de mencionar é que o Uruguai, em caso de vitória, classificava-se para o Mundial e em caso de empate ou derrota para a Argentina e vitória do Equador no Chile os uruguaios sequer jogariam a repescagem. Nos confrontos pelas eliminatórias em Montevideu, apenas três, o Uruguai nunca havia sido derrotado pelo vizinho (1 vitória e 2 empates).

A última rodada das eliminatórias sul-americanas foi disputada no dia 14 de outubro. O Brasil, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, recebeu e apenas empatou com a Venezuela, por 0X0, ainda assim, com o ponto conquistado terminou na primeira colocação da competição, favorecido pela derrota do Paraguai para a Colômbia em Assunção.

Na Argentina, antes do confronto com o Uruguai, imperava uma forte sensação de pessimismo em relação à seleção comandada por Maradona.<sup>321</sup> A partida, “com mais cara de mata-mata de Copa”<sup>322</sup> foi extremamente tensa, disputada, truncada e com poucas chances reais de gol. A pressão inicial, como era esperada, foi dos donos da casa, aos poucos os visitantes equilibraram o jogo, passaram a ter a posse de bola e fizeram o adversário recuar. O primeiro tempo terminou sem gols e com a Argentina levemente superior ao Uruguai.

As duas equipes demoraram ao máximo para retornar para a segunda etapa, o objetivo era atrasar a partida em relação ao jogo que ocorria em Santiago, afinal o resultado interessava, tanto aos uruguaios, quanto aos argentinos. As duas equipes ficaram um pouco mais aliviadas, no início da segunda etapa, quando souberam que Suazo colocou o Chile em vantagem contra o Equador, resultado que garantiria os rivais do Prata, ao menos, na repescagem. Aqui há divergências entre as narrativas jornalísticas da Folha de São Paulo e Jornal do Brasil: para o periódico paulista, o gol em Santiago refletiu-se na melhora na própria partida em Montevideu, os jogadores mais tranquilos arriscaram mais.<sup>323</sup> Já para o

---

<sup>321</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 14 de outubro de 2009, p. D1.

<sup>322</sup> Idem, 15 de outubro de 2009, p. D1.

<sup>323</sup> Idem, ibidem, p. D1.

Jornal do Brasil, “a boa notícia para as duas seleções não ajudou para que o jogo melhorasse”.<sup>324</sup>

Independentemente das narrativas, o Uruguai criou algumas jogadas de perigo. O confronto, de qualquer modo, continuava ríspido e Cáceres, que já havia feito falta dura em Mascherano, repetiu a dose quatro minutos depois e acabou expulso. Na cobrança da infração, a bola sobrou para Bolatti, que havia entrado minutos antes no lugar de Higuaín, o jogador chutou forte, dentro da área, para marcar o único gol do jogo, garantir a classificação da Argentina para a Copa de 2010 e emudecer o Estádio Centenário. “Dramática, a Argentina vai à Copa”.<sup>325</sup>

Deixando transparecer o clima ruim existente entre a Seleção Argentina e a imprensa do país, na entrevista depois do jogo, aliviado, Maradona demonstrou todo o seu ressentimento contra os jornalistas, utilizando-se inclusive de palavrões.

**Pergunta – O que diz agora para os que duvidavam da classificação para a Copa do Mundo?**

**MARADONA** – Tenho memória, recordo-me do que falaram, eu era um filho da puta, um filha da puta. Me trataram como lixo. Vocês [jornalistas], sei o que falaram.<sup>326</sup>

Mesmo derrotado, o Uruguai foi beneficiado com a vitória do Chile sobre o Equador e garantiu a disputa na repescagem contra o quarto colocado da Concacaf, no caso, a Costa Rica. As partidas foram disputadas em novembro, nos dias 14 e 19. No primeiro confronto, em San José, vitória uruguaia por 1X0 e no jogo da volta, em Montevideú, o empate em 1X1 garantiu os bicampeões do mundo no Mundial da África do Sul.

O fim das eliminatórias não encerrou as atividades da Argentina e do Brasil no ano de 2009. A seleção de Maradona realizou um amistoso em Madrid contra a Espanha, no dia 14 de novembro, no qual foi derrotada por 2X1. Os brasileiros realizaram dois jogos: venceram a Inglaterra por 1X0 em Doha também em 14 de novembro e três dias depois venceram a Seleção do Omã por 2X0.

<sup>324</sup> JORNAL DO BRASIL, 15 de outubro de 2009, p. D4.

<sup>325</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 15 de outubro de 2009, p. D1.

<sup>326</sup> Idem, ibidem, p. D1.

Os primeiros meses de 2010 foram de amistosos preparatórios para a Copa do Mundo da África do Sul. A Argentina realizou cinco jogos: o primeiro em 27 de janeiro, com a vitória por 3X2 sobre a Costa Rica. Em 11 de fevereiro jogou contra a Jamaica e venceu por 2X1. Cabe ressaltar que as duas partidas foram realizadas em casa e com equipes formadas por atletas que atuavam no futebol local. No dia 3 de março, com a equipe considerada principal, foi a Munique e venceu a Alemanha por 1X0, gol de Higuaín. Em maio fez mais dois jogos na Argentina. No primeiro, no dia 6, novamente contando apenas com atletas que atuavam no futebol local, venceu o Haiti por 4X0 e no dia 24, na despedida da equipe do país e atuando com os jogadores que iriam disputar a Copa do Mundo, venceu o Canadá por 5X0.<sup>327</sup>

Os preparativos do Brasil para o Mundial de 2010 foram mais modestos. Em 3 de março venceu a Irlanda por 2X0 em Londres. Posteriormente realizou apenas dois amistosos nas vésperas da estreia na Copa do Mundo. No dia 2 de junho venceu o Zimbábue por 3X0, em Harare e no dia 7 de junho goleou a Tanzânia por 5X1 em Dar es Salaam. Em relação à lista final de atletas para a Copa, Dunga causou polêmica e desagradou os torcedores e os jornalistas que esperavam que Neymar e Paulo Henrique Ganso, estrelas da excelente campanha que o Santos realizava na temporada de 2010 e ainda o veterano Ronaldinho Gaúcho, estivessem entre os convocados. Contudo, havia certo otimismo entre os brasileiros em virtude dos resultados obtidos até aquele momento pelo treinador, apesar do seu estilo considerado defensivo, priorizando a marcação, o toque de bola e o contra-ataque, deixando para o plano secundário a individualidade e o “jogo bonito”. Já a imprensa internacional considerava o Brasil, ao lado da Espanha e da Holanda, como um dos principais favoritos ao título.

#### **7.7. AO CONTRÁRIO DE 1990, MARADONA E DUNGA FRACASSAM: O TIKI-TAKA TRIUNFA**

Após a polêmica, controversa e suspeita disputa entre Alemanha e África do Sul para sediar a Copa de 2006, que terminou com êxito do país europeu,<sup>328</sup> a FIFA manteve o revezamento dos continentes para receber o Mundial e com isso os sul-africanos poderiam novamente apresentar sua candidatura. Desta feita o país concorreu com o Egito, Líbia, Marrocos e Tunísia. Em votação realizada na sede da FIFA, em Zurique, no dia 15 maio de

---

<sup>327</sup> Messi foi poupado da partida em virtude de uma contusão.

<sup>328</sup> Vide as páginas iniciais do item 7.4. deste capítulo.

2004, a África do Sul derrotou Marrocos, por 14 votos contra 10, e foi anunciada como sede para o Mundial de 2010.

Os desafios eram inúmeros, especialmente em dotar o país de infraestrutura mais robusta para receber um evento de grande porte. A África do Sul, assim como ocorreu com o Brasil em 2014, apresentava problemas nos aeroportos, no sistema de telecomunicações, na estrutura de hospedagens, nos estádios. A violência era outro problema que incomodava, “sintoma mais claro das injustiças sociais criadas em décadas de *apartheid*”.<sup>329</sup> As exigências do chamado padrão de “qualidade FIFA” criavam ainda mais dificuldades e expectativas. Os excelentes serviços prestados pela Alemanha na Copa anterior também pairavam como um “fantasma” para os sul-africanos e acabavam revelando a existência de discursos e práticas ainda pautadas em valores civilizatórios eurocêntricos.

Não raro, tais comparações resvalavam para velhos preconceitos e estereótipos, de como os europeus eram mais “organizados, disciplinados e civilizados”, “superiores” em relação aos africanos e sua “desorganização”. Tentavam-se uniformizar sociedades totalmente distintas, numa análise questionável da realidade. Não se dava espaço às análises que evidenciavam os processos históricos diferentes de alemães e sul-africanos, os primeiros, uma potência capitalista, os segundos um dos povos de um continente que foi durante décadas explorado exatamente por europeus, dentre os quais estavam os próprios alemães. Os críticos viam o futebol numa óptica puramente comercial, de entender o torcedor como um mero cliente de um produto. Ignorava-se a importância do futebol como um elemento congregador de culturas, de engrandecedor do orgulho de um povo e da nacionalidade não só dos sul-africanos, mas de todos os africanos. Sim, a África podia fazer uma Copa, poderia não ser uma perfeição de organização, não ter as bizantinices dos alemães, mas ela estava realizando, dentro de seus limites e conjunturas históricas, econômicas e sociais, e isso, por si só, era algo notável.<sup>330</sup>

Para a disputa das eliminatórias para a XIX Copa do Mundo se inscreveram 204 países. Dos filiados à FIFA, apenas Butão, Brunei, Laos e Filipinas não se inscreveram.<sup>331</sup> Somente a África do Sul, por ser o país sede, não disputou as 31 vagas ofertadas nas

<sup>329</sup> FARIAS, Airton de. op. cit. v. 2, p. 375. O autor, no capítulo que trata da Copa de 2010, oferece uma interessante análise sobre o *apartheid* e sua relação com o futebol.

<sup>330</sup> Idem, ibidem, p. 376.

<sup>331</sup> O JORNAL ESTADO DE SÃO PAULO, 30 de março de 2007. “Recorde de 204 países disputam Eliminatórias para Copa 2010”. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,recorde-de-204-paises-disputam-eliminotorias-para-copa-2010,20070330p6887>. Acessado em: 11 de julho de 2018.

eliminatórias. As consideradas principais “potências” futebolísticas se classificaram, dentre elas todas as campeãs do mundo até então.<sup>332</sup>

O Mundial teve como mascote o Leopardo, animal da fauna local. O corpo era amarelo e o seu cabelo era pintado de verde, segundo seu idealizador, Andries Odendaal, para se camuflar melhor nos campos de futebol. Zakumi, como foi nomeado, teria “nascido” a 16 de junho, data em que Néelson Mandela foi eleito presidente do país, marcando o fim oficial do *apartheid* e simbolizando a jovem democracia do país.

**Figura 10: Mascote da Copa do Mundo de 2010: Zakumi<sup>333</sup>**



O Mundial da África do Sul foi disputado entre os dias 11 de junho e 11 de julho de 2010. Nove cidades sediaram as 64 partidas. O jogo de abertura foi em Johannesburgo entre os anfitriões e a Seleção Mexicana e terminou empatado em 1X1. Durante a competição foram marcados 145 gols, o menor número em uma Copa do Mundo no formato de 32 equipes, média de 2,27 gols por partida.

<sup>332</sup> A classificação da Seleção Francesa protagonizou grande polêmica. Após ficar em segundo lugar em seu grupo, atrás da Sérvia, a França disputou a repescagem contra a Irlanda. Na primeira partida, em Dublin, os franceses venceram por 1X0 e precisavam apenas de um empate para garantir a vaga no jogo em Paris, no entanto, os irlandeses devolveram o placar no tempo normal forçando a disputa da prorrogação. Nesta, Thierry Henry ajeitou a bola visivelmente com a mão antes de passá-la para o zagueiro Willaim Gallar marcar de cabeça o gol da classificação da França. De nada adiantou a veemente reclamação dos irlandeses pois o árbitro sueco, Martins Hansson, confirmou o gol irregular. O lance levou a comparações com a “mão de Deus” de Maradona na Copa de 1986 e intensificou o debate sobre a utilização de tecnologias digitais para auxiliar a arbitragem. A *International Board* e a FIFA que por diversas vezes se posicionaram contra tal utilização, aprovaram o uso de câmeras e sensores magnéticos para detectar se a bola ultrapassou ou não a linha do gol na Copa de 2014 e utilizou-se comumente do Árbitro Assistente de Vídeo (VAR – *Video Assistant Referee*) na Copa de 2018.

<sup>333</sup> UOL. “Um leopardo com cabelos verdes”. Disponível em: <https://copadomundo.uol.com.br/2010/a-copa/mascote.jhtm>. Acessado em 11 de julho de 2018.

**Figura 11: Logo da XIX Copa do Mundo de Futebol – 2010 – África do Sul<sup>334</sup>**



Também foi produzida uma bola específica para o mundial africano, a *Jabulani*, palavra que significa em zulu “celebrar, confraternização”. Predominantemente branca, a bola tinha onze cores, referência ao número de jogadores de uma equipe de futebol, bem como ao número de idiomas oficiais do país sede. Com apenas oito gomos sintéticos, a bola foi desenvolvida com o intuito de ter a maior estabilidade possível e, independente do que ocorresse na partida, ela manteria o seu formato esférico inalterado. Os jogadores, e em particular os goleiros, reclamaram muito da *Jabulani*. Segundo eles, a bola mudava inesperadamente de trajetória depois dos chutes ou passes. A FIFA se mostrou indignada com as reclamações e afirmou que cada seleção teve contato com a nova bola, durante oito meses antes da Copa para se preparar para o torneio com ela e finalmente, atribuiu as críticas, nos bastidores, como parte de uma disputa comercial entre a Adidas (fabricante) e a Nike.<sup>335</sup>

As vuvuzelas também causaram controvérsia no Mundial. O objeto é uma espécie de corneta com aproximadamente um metro de comprimento, largamente utilizada pelos torcedores locais nas partidas de futebol. O barulho estridente desagradou especialmente aos profissionais da imprensa, eles alegaram que atrapalhava as comunicações dentro e fora do campo. Técnicos e atletas também engrossaram o coro de reclamações. A FIFA, depois de dar sinais que poderia proibi-las, diante da pressão dos anfitriões, recuou da decisão.<sup>336</sup>

<sup>334</sup> WIKIPEDIA. “Copa do Mundo FIFA de 2010”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa\\_do\\_Mundo\\_FIFA\\_de\\_2010](https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_FIFA_de_2010). Acessado em 12 de julho de 2018.

<sup>335</sup> O JORNAL ESTADO DE SÃO PAULO, 6 de junho de 2010. “Jabulani, o ponto de discórdia”. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,jabulani-o-ponto-da-discordia-imp-,562153>. Acessado em: 12 de julho de 2018.

<sup>336</sup> Em relação à polêmica das *vuvuzelas*, algumas reportagens podem ser destacadas. Idem, 13 de junho de 2010. “Após queixas, organização da Copa estuda proibir vuvuzelas nos estádios”. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,apos-queixas-organizacao-da-copa-estuda-proibir-vuvuzelas-nos-estadios,565914>. Acessado em: 12 de julho de 2018. Idem, 14 de junho de 2010. “Blatter defende o uso da vuvuzela por torcedor”. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,joseph-blatter-defende-o-uso-da-vuvuzela-por-torcedor,566342>. Acessado em: 12 de julho de 2018.

Airton de Farias faz uma crítica esclarecedora em relação ao choque cultural que as vuvuzelas simbolizavam:

Muito mais que o barulho, havia um choque cultural, pois os estrangeiros não estavam acostumados ao estilo de torcer dos sul-africanos. Se a Copa estava saindo do eixo Europa-América, seria inevitável o encontro com outras culturas, como, aliás já tinha acontecido no Japão e Ásia e acontecerá possivelmente no futuro nas edições do Mundial, no Brasil, em 2014, Rússia, 2018 e Catar, 2022. No fundo, estava havendo uma manifestação do velho etnocentrismo ocidental, de ver sua cultura como melhor e superior a de outros povos e que a cultura destes deveria ser marginalizada. Os sul-africanos, que se esforçavam para bem receber os turistas e seleções, não aceitaram as críticas e saíram em defesa das cornetas.<sup>337</sup>

**Figura 12: Cartaz da XIX Copa do Mundo de Futebol – 2010 – África do Sul<sup>338</sup>**



A fórmula de disputa foi a mesma vigente desde 1998, ou seja, oito grupos com quatro seleções cada, classificando-se para as oitavas de final as duas primeiras de cada grupo. A partir daí, jogos de mata-mata até se conhecer o campeão mundial. Em caso de empate no tempo regulamentar, haveria prorrogação e disputa de pênaltis. As seleções foram alocadas da seguinte maneira: Grupo A – África do Sul, França, México e Uruguai. Grupo B – Argentina, Coreia do Sul, Grécia e Nigéria. Grupo C – Argélia, Eslovênia, Estados Unidos e Inglaterra. Grupo D – Alemanha, Austrália, Gana e Sérvia. Grupo E – Camarões, Dinamarca, Holanda e Japão. Grupo F – Eslováquia, Itália, Nova Zelândia e Paraguai. Grupo G – Brasil, Coreia do Norte, Costa do Marfim e Portugal. Grupo H – Chile, Espanha, Honduras e Suíça.

<sup>337</sup> FARIAS, Airton de. op. cit. v. 2, p. 398-399.

<sup>338</sup> QUAL Design. "Posters oficiais das Copas do Mundo da FIFA". Disponível em: <https://qualdesign.wordpress.com/2010/05/06/posters-oficiais-das-copas-do-mundo-fifa/>. Acessado em 12 de julho de 2018.

As grandes decepções da primeira fase do Mundial foram a Seleção Francesa e a Seleção Italiana, ambas eliminadas. A primeira, no Grupo A, com apenas 1 ponto ganho, empate sem gols com o Uruguai e derrotas para os mexicanos por 2X0 e para os sul-africanos por 2X1. Sem um substituto à altura de Zidane, a equipe ainda sofreu com divisões internas e brigas.<sup>339</sup> A segunda, no Grupo F, com 2 pontos, empatou por 1X1 com o Paraguai e com a Nova Zelândia e foi derrotada pela Eslováquia por 3X2 quando um empate com gols seria suficiente para levar a tetracampeã mundial para as oitavas de final. Com isso se despediam da competição a campeã e a vice-campeã do último mundial.

A Argentina iniciou sua caminhada no dia 12 de junho, enfrentando a Nigéria no Estádio Ellis Park, em Johannesburgo.<sup>340</sup> Os primeiros 25 minutos da equipe sul-americana foram avassaladores, além do gol de Heinze, de cabeça, depois de cobrança de escanteio, dois chutes de Messi e um de Higuaín obrigaram o arqueiro nigeriano a praticar ótimas defesas. A Argentina manteve o domínio do jogo, contudo seu sistema defensivo mostrava fragilidades e a equipe, mesmo concluindo 20 vezes ao longo da partida não mais superou o goleiro adversário que, em virtude da sua excelente atuação, foi eleito o melhor jogador em campo pela FIFA.<sup>341</sup>

“O placar de 1 a 0 mostra que não foi a estreia dos sonhos, mas a atuação da Argentina na vitória sobre Nigéria (...) correspondeu às expectativas de um dos favoritos para ganhar a Copa”, sentenciou o Jornal do Brasil.<sup>342</sup> Dois aspectos foram ressaltados pelos jornais brasileiros, o primeiro a boa atuação de Messi, que chamou a responsabilidade do jogo e “exibiu dribles, passes sutis e chutes precisos”<sup>343</sup> ao longo do jogo. Juca Kfourir, impressionado com a atuação de Messi, escreveu:

<sup>339</sup> O atacante Anelka insultou o treinador francês, Raymond Domenech, no intervalo do jogo contra o México e foi cortado da delegação. Em protesto pelo corte do atleta, os demais jogadores fizeram greve. O ambiente com a imprensa também era ruim, o zagueiro Gallas, por exemplo, mostrou o dedo médio para um jornalista. Ocorreram ameaças de intervenção por parte do próprio governo francês. Cf. GLOBOESPORTE.COM. “Tombo, greve, briga e pouco futebol: França perde sua batalha na África”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/franca/noticia/2010/06/tombo-greve-briga-e-pouco-futebol-franca-perde-sua-batalha-na-africa.html>. Acessado em: 12 de julho de 2018.

<sup>340</sup> Escalação da Seleção Argentina: Romero, Demichelis, Heinze, Samuel, Di María (Burdisso), Verón (Maxi Rodriguez), Mascherano, Jonás Gutiérrez, Higuaín (Milito), Messi e Tévez. Escalação da Seleção Nigeriana: Enyeama, Yobo, Taiwo (Uche), Shittu, Odiah, Kaita, Haruna, Etuhu, Ayegbeni, Obinna (Oba-Oba Martins) e Obasi (Odemwingie). O árbitro da partida foi o alemão Wolfgang Stark.

<sup>341</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. DESBRAVASTUS. “Melhores momentos Argentina 1 x 0 Nigéria pela Copa do Mundo Fifa 2010”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5s9sccBqBbY>. Acessado em: 12 de julho de 2018.

<sup>342</sup> JORNAL DO BRASIL, 13 de junho de 2010, p. D4.

<sup>343</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 13 de junho de 2010, p. D2.

Os nigerianos que o digam: não há medida que meça a genialidade do pequeno craque. Lionel Messi é a demonstração acabada do quanto o futebol é o mais democrático dos esportes. A exemplo do que já ocorrera com Mané Garricha e com Diego Maradona, para citar dois gênios. O primeiro era uma improbabilidade física por ser geno valgo e geno varo, um joelho para dentro e o outro para fora. Andar, para ele, já seria uma dificuldade. Correr, então nem se fala. Jogar como jogou, só vendo. E o segundo é baixinho, 1,65m, gordinho, o biótipo que não permitiria que fosse um grande nadador, um bom corredor, um jogador de vôlei, que dirá de basquete. Mas que, como seu agora comandado do Barcelona, foi o número 1 no futebol. Messi não foge à regra, com essa saudável mania de ir em direção ao gol, bola colada no pé, veloz, lépido, cabeça erguida porque não precisa olhar para a redonda que parece extensão do seu corpo. E há neurocientistas que garantem que é isso mesmo, o objeto passa a fazer parte, no caso, do pé do craque – pé de moleque que não só joga futebol como poucos mas também joga bola mesmo nesta Copa do Mundo, que deve tê-lo como seu maior nome, seja ou não campeão.<sup>344</sup>

O segundo ponto destacado foi o ex-craque e agora técnico, Maradona, que dirigia o seu primeiro jogo em uma Copa do Mundo. O Jornal do Brasil inclusive estampou na primeira página do seu Caderno de Esportes uma foto do técnico, no decorrer da partida, trajando o seu terno cinza, dominando a bola com o bico do seu sapato social, tendo um terço entrelaçado em sua mão esquerda e com a seguinte afirmação: “Com ele era mais fácil”.<sup>345</sup>

A Argentina disputou a liderança do grupo cinco dias depois, 17 de junho, contra a Coreia do Sul, equipe que havia derrotado a Grécia na primeira rodada por 2X0. Antes do confronto, Maradona provocou afirmando que o adversário não teria a menor chance contra sua equipe. Ressalte-se que Huh Jung-Moo, treinador coreano,<sup>346</sup> acreditava que mantendo a equipe e o esquema tático empregado na estreia seria capaz de parar a seleção sul-americana. Maradona também manteve a base que derrotou a Nigéria, a única modificação foi a entrada de Maxi Rodríguez no lugar de Verón.<sup>347</sup>

Assim como ocorreu na partida contra a Nigéria, a Argentina partiu para o ataque desde os minutos iniciais e apresentando dificuldades para anular as jogadas do oponente, os sul-coreanos utilizaram-se do recurso das faltas. Em uma delas, aos 17 minutos, Messi cobrou

<sup>344</sup> Idem, *ibidem*, p. D3.

<sup>345</sup> JORNAL DO BRASIL, 13 de junho de 2010, p. D1.

<sup>346</sup> O treinador coreano, na Copa de 1986, era o atleta designado para marcar Maradona.

<sup>347</sup> Escalação da Seleção Argentina: Romero, Demichelis, Heinze, Samuel (Burdisso), Di María, Mascherano, Jonás Gutiérrez, Maxi Rodríguez, Higuaín (Bolatti), Messi e Tévez (Agüero). Escalação da Seleção Sul-Coreana: Jung Sung-Ryong, Oh Beom-Seok, Cho Yong-Hyung, LeeYoung-Pyo, Lee Jung-Soo, Park Ji-Sung, Kim Jung-Woo, Ki Sung-Yueng (Kim Nam-Il), Lee Chung-Young, Yeom Ki-Hun e Park Chu-Young (Lee Dong-Gook). O árbitro da partida foi o belga Frank De Bleeckere.

a infração da esquerda e Park Chung-Young marcou contra. Aos 33 minutos, em nova falta pela esquerda, Messi lançou na área, Burdisso desviou e Higuaín cabeceou para as redes. A partida seguia tranquila até que Demichelis falhou ao matar errado a bola e permitiu com que Lee Chung-Yong entrasse na área livre para tocar na saída de Romero já nos descontos da etapa inicial.

A Coreia do Sul se animou e voltou mais ofensiva na etapa final, no entanto, cedeu espaço para o talento de Messi. Aos 31 minutos o camisa dez avançou na área coreana e chutou duas vezes para o gol até a bola sobrar para o impedido Higuaín apenas rolar para o fundo das redes. Quatro minutos depois, Messi lançou a bola sobre a zaga para Agüero, o atacante cruzou para Higuaín cabecear e marcar o seu terceiro gol no jogo e dar número finais ao espetáculo, Argentina 4X1<sup>348</sup> e praticamente classificada para a fase seguinte.

Para o Jornal do Brasil a Argentina “foi implacável. A equipe controlou a partida. A Coreia em nenhum momento ameaçou, não dominou nunca”.<sup>349</sup> Para o periódico, a albiceleste começava a se soltar nos campos sul-africanos. A Folha de São Paulo ressaltou a força coletiva da equipe comandada por Maradona e da individualidade de Messi como fatores determinantes para a fácil vitória.<sup>350</sup>

Tostão ressaltou a boa apresentação da Argentina, no entanto, comentou a deficiência defensiva do meio campo da equipe. Para o cronista, a entrada de Maxi Rodríguez no lugar de Verón deixou o setor mais fragilizado no poder de marcação. “Se com Verón a defesa da Argentina estava desprotegida, com Maxi Rodríguez em seu lugar, ficou ainda mais”<sup>351</sup> e acreditava que o Brasil, se confrontado com a Argentina ou outros adversários mais fortes, teria mais chances de ser vencedor do embate que a equipe de Maradona, exatamente por ter uma defesa mais sólida e confiável, fato que não deixa de ser uma inversão da identidade futebolística construída para o futebol brasileiro, caracterizado e reconhecido tanto nacional quanto internacionalmente pelo futebol arte e ofensivo e não pelo futebol força e defensivo.

---

<sup>348</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. RODRIGUES, I. “Argentina 4 x 1 Coreia do Sul - Jornal Nacional 17/06/10”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=35U94pMCyjQ>. Acessado em: 12 de julho de 2018.

<sup>349</sup> JORNAL DO BRASIL, 18 de junho de 2010, p. D5.

<sup>350</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 18 de junho de 2010, p. D10.

<sup>351</sup> JORNAL DO BRASIL, 18 de junho de 2010, p. D3.

A Argentina, por ter um repertório maior de jogadas ofensivas, tem mais chances que o Brasil de golear um time fraco. O Brasil, por ter melhores defensores e um sistema defensivo superior, tem mais chances de vencer a Argentina ou outro adversário mais forte.<sup>352</sup>

Virtualmente classificada para a fase seguinte, a Argentina entrou em campo no Estádio Peter Mokaba, em Polokwane, no dia 22 de junho, para enfrentar a Grécia com sete modificações e Messi, pela primeira vez em um partida oficial, envergou a faixa de capitão da equipe. Maradona queria, por um lado, dar ritmo de jogo aos reservas e, por outro, poupar vários titulares.<sup>353</sup>

A Grécia, tinha ainda chances de se classificar, em caso de vitória da Nigéria contra a Coreia do Sul, um empate no seu confronto seria o suficiente para os gregos passarem de fase. Por isso, entrou em campo recuada, marcando forte e buscando o contra-ataque. No primeiro tempo, os argentinos tiveram muita dificuldade de superar a forte marcação adversária, “a Argentina pareceu sem gás diante da forte retranca grega”.<sup>354</sup> As equipes foram para o intervalo sem alterar o marcador.

A tônica da partida não se alterou no início da etapa complementar, no entanto, a partir dos 30 minutos, o grego designado para marcar Messi, Sokratis Papastathopoulos, cansou e começaram a surgir mais espaços para o camisa 10 argentino. Aos 33 minutos, Messi cobrou escanteio e Demichelis cabeceou, a bola bateu em Milito e voltou para o próprio Demichelis chutar forte, dentro da pequena área, para abrir o placar. Aos 40 minutos, Messi e Pastore trocaram passes, o primeiro invadiu a área e chutou na trave. Aos 44 minutos, Messi driblou dois e chutou da entrada da área, Tzorvas deu rebote e Palermo, oportunista, marcou e deu números finais para o confronto.<sup>355</sup> A Argentina classificava-se, com três vitórias, em primeiro lugar do grupo e enfrentaria o México, segunda colocada do Grupo A.

---

<sup>352</sup> Idem, *ibidem*, p. D3.

<sup>353</sup> Escalação da Seleção Argentina: Romero, Demichelis, Clemente Rodríguez, Burdisso, Otamendi, Bolatti, Verón, Maxi Rodríguez (Di María), Messi, Agüero (Pastore) e Milito (Palermo). Escalação da Seleção Grega: Tzorvas, Moras, Vyntra, Torosidis (Patsatzoglou), Kyrgiakos, Papastathopoulos, Tziolis, Papadopoulos, Karagounis (Spyropoulos), Katsouranis (Ninis) e Samaras. O árbitro da partida foi o usbeque Ravshan Irmatov.

<sup>354</sup> JORNAL DO BRASIL, 23 de junho de 2010, p. D3.

<sup>355</sup> A Folha de São Paulo confundiu as duas jogadas feitas por Messi ao final da partida ao afirmar que o chute que originou o segundo gol foi no rebote da trave. Foram duas jogadas distintas. As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. BILLYJACKSGABRIEL. “Argentina 2 x 0 Grécia - Melhores momentos Copa do Mundo 2010”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jkDNIARt2II>. Acessado em: 13 de julho de 2018.

Percebendo o bom momento da Argentina na competição, o Jornal do Brasil destacou: “Até o mistão joga fácil: Argentina B, com Messi, vence a Grécia por 2 a 0 e enfrentará o México nas oitavas de final”.<sup>356</sup> Já o La Nacion, depois da vitória contra os helênicos, publicou uma pesquisa realizada com leitores do canchallena.com e destacou um aspecto que a imprensa brasileira também ressaltava, a fragilidade da defesa argentina.<sup>357</sup>

Interessante é perceber como os treinadores se transformaram em “personagens” da Copa. A Folha de São Paulo publicou uma matéria intitulada: “Técnicos superpoderosos viram vedetes na Copa: treinadores ganham prestígios e se expõem bem mais que os craques”.<sup>358</sup> Os treinadores citados pela matéria eram: Dunga, Maradona e Fabio Capello (Itália).

Na página seguinte, Tostão escreveu uma crônica, publicada também no mesmo dia no Jornal do Brasil, na qual ressaltou a dificuldade que Dunga se deparava no contato com a imprensa e patrocinadores da Seleção Brasileira e simultaneamente comentava o seu estilo duro e disciplinador. Depois, de forma mais breve apresentou o perfil de Maradona. Um aspecto interessante a ser destacado relaciona-se a uma inversão do estereótipo de brasileiros e argentinos levando em conta o perfil dos treinadores. Por um lado, por exemplo, há a lenda muito difundida que Feola, treinador brasileiro campeão mundial em 1958, dormia nos treinos (Maradona fuma charutos), algo impensável para a onipresença de Dunga. Por outro lado, os próprios argentinos nos reconhecem e reproduzem o estereótipo de que somos um povo alegre, despreocupado e divertido,<sup>359</sup> Dunga atrita com os jornalistas, enquanto Maradona se diverte nas coletivas. Constatamos ainda, na pergunta final lançada pelo cronista, o protagonismo dos treinadores no Mundial de 2010.

Outro personagem da Copa, criticado e amado pelos argentinos, é Maradona. Se a Argentina ganhar o Mundial, será a vitória do técnico que nunca foi técnico, do técnico que fuma charuto durante o treino, do técnico que, diferentemente de Dunga, se diverte nas entrevistas coletivas, do técnico que não tem pose de científico e do técnico que não tem cara de professor. Se a

<sup>356</sup> JORNAL DO BRASIL, 23 de junho de 2010, p. D3.

<sup>357</sup> LA NACION, 23 de junho de 2010. “Argentina – Grecia: la mirada de los lectores”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1277635-argentina-grecia-la-mirada-de-los-lectores>. Acessado em: 13 de julho de 2018.

<sup>358</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 23 de junho de 2010, p. D4.

<sup>359</sup> Cf. FRIGERIO, Alejandro e RIBEIRO, Gustavo Lins (orgs.). *Argentinos e brasileiros: encontros, imagens e estereótipos*. Petrópolis: RJ, Vozes, 2002. MARTINS, Maria Helena (org.). *Fronteiras culturais: Brasil, Uruguai, Argentina*. São Paulo: Ateliê Cultural, 2002.

Argentina for campeã, quem levantará a taça? O capitão, Messi, ou Maradona?

No dia 15 de junho foi a vez da Seleção Brasileira enfrentar o seu primeiro adversário na Copa do Mundo de 2010. Assim como a Argentina, três dias antes, o Brasil jogou em Johannesburgo no Estádio Ellis Park, contra a Coreia do Norte, seleção pouco conhecida e badalada,<sup>360</sup> além de ser considerada fraca pela imprensa brasileira.<sup>361</sup>

Mesmo enfrentando uma equipe considerada mais frágil, Dunga manteve o esquema tático habitual, com dois volantes de marcação, que sempre se mostrou problemático quando se faz necessário propor o jogo. Lenta, sem criatividade e previsível, a equipe brasileira não superou, na primeira etapa, a retranca norte-coreana. Na saída para o intervalo a insatisfação da torcida era tamanha que era possível ouvir as vaias entre o barulho das vuvuzelas.

Na etapa final, aos 10 minutos, Elano recebeu lançamento de Felipe Melo e tocou para Maicon, o lateral chutou com efeito quase da linha de fundo e enganou o goleiro Ri Myong-Guk que se antecipou para cortar o cruzamento. Para Nicolás Balinotti, enviado do La Nacion, o gol deu a tranquilidade para o Brasil não jogar enlouquecido pelo cronômetro e simultaneamente fez com que o adversário buscasse o ataque e, assim, cedesse espaços em sua defesa.<sup>362</sup> Aos 26 minutos, Elano fez ótimo lançamento para Robinho, nas costas da marcação, o atacante brasileiro só teve o trabalho de desviar do goleiro.

Com a vantagem construída o Brasil se desinteressou da partida e o nível do jogo, que já era baixo, ficou ainda pior. Apesar da Coreia do Norte pouco ameaçar, Dunga manteve o esquema defensivo e só aos 40 minutos substituiu o volante Felipe Melo por Ramires. Aos

---

<sup>360</sup> A memória acionada à época em algumas reportagens foi a campanha norte-coreana na Copa de 1966. A equipe asiática, na chave de grupos, derrotou e desclassificou, na rodada final, a tradicional Seleção Italiana e nas oitavas de final chegou a abrir a vantagem de 3X0 no placar com 25 minutos de jogo contra Portugal, mas acabou sofrendo a virada e perdendo a partida por 5X3. Na Copa de 2010, as equipes voltaram a reviver o confronto de 44 anos antes, no entanto, desta vez, Portugal massacrou seu adversário por 7X0, a maior goleada da Copa de 2010.

<sup>361</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Júlio César, Maicon, Lúcio, Juan, Michel Bastos, Gilberto Silva, Felipe Melo (Ramires), Elano (Daniel Alves), Kaká (Nilmar), Robinho e Luis Fabiano. Escalação da Seleção Norte-Coreana: Ri Myong-Guk, Cha Jong-Hyok, Pak Chol-Jin, Ri Jun-II, Ri Kwang-Chon, Ji Yun-Nam, Pak Nam-Chol, Mun In-Guk (Kim Kum-II), An Yong-Hak, Hong Yong-Jo e Jong Tae-Se. O árbitro da partida foi o húngaro Viktor Kassai.

<sup>362</sup> LA NACION, 16 de junho de 2010. BALINOTTI, Nicolás. “Sin jugar bien, Brasil ganó un partido guiado por la presunción”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1275340-sin-jugar-bien-brasil-gano-un-partido-guiado-por-la-presuncion>. Acessado em: 13 de julho de 2018.

43 minutos, em uma falha da considerada pelos analistas esportivos a melhor defesa do mundo, Jong Tae-Se, conhecido como “Ronney asiático, escorou a bola pelo alto, na ponta esquerda, e encontrou Ji Yun Nan. Ele passou por Gilberto Silva e Lúcio e descontou para sua equipe. No final, sem empolgar, o Brasil venceu o jogo por 2X1.<sup>363</sup> Como de costume, o discurso da comissão técnica e dos jogadores era da importância de começar com vitória no torneio.

Em seu último ano de mandato e preocupado com a campanha de sua candidata, Dilma Rousseff, o presidente Lula, aliviado com a vitória na partida inicial, afirmou que o Brasil precisava apresentar um futebol melhor, destacou o *La Nacion* que colheu tais informações de autoridades brasileiras que assistiram a partida ao lado do presidente.<sup>364</sup> É interessante perceber que o jornalismo brasileiro não apresentou a mesma preocupação que o do vizinho para apresentar tais informações.

A Copa também gerou um novo capítulo na rivalidade entre Pelé e Maradona. O brasileiro afirmou que Maradona dirigia a Seleção Argentina porque precisava de dinheiro e o argentino respondeu para o brasileiro voltar ao museu. O *La Nacion* queria saber a opinião dos leitores sobre a (eterna) cizânia entre os dois craques.<sup>365</sup>

O Brasil venceu e o *La Nacion* acreditava que ele também poderia fazê-lo contra adversários mais qualificados, no entanto, percebe-se a frustração com o produto que estava sendo oferecido quando comparado com o espaço de experiência e o horizonte de expectativa configurado pelos argentinos em relação ao futebol brasileiro: “Este Brasil ganha (...), porém provoca poucos sorrisos, não alegra aos torcedores e causa certa indiferença ao espectador imparcial”.<sup>366</sup>

---

<sup>363</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. CANARINHOGOLS. “COPA DO MUNDO 2010-15-JUN - BRASIL 2X1 CORÉIA DO NORTE”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i3MtXhrKQIA>. Acessado em: 13 de julho de 2018.

<sup>364</sup> LA NACION, 16 de junho de 2010. “Según Lula, la selección brasileña ‘debe mejorar’”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1275625-segun-lula-la-seleccion-brasilena-debe-mejorar>. Acessado em: 13 de julho de 2018.

<sup>365</sup> A rivalidade futebolística entre brasileiros e argentinos também pode ser estudada a partir do recorte entre o afastamento e discussões entre Pelé e Maradona, além disso uma outra temática possível refere-se a construção e valorização de ídolos nos dois países o que o trabalho ora em tela não desenvolveu. LA NACION, 16 de junho de 2010. “Maradona-Pelé: nuevo cruce entre los astros”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1275631-maradona-pele-nuevo-cruce-entre-los-astros>. Acessado em: 13 de julho de 2018.

<sup>366</sup> LA NACION, 16 de junho de 2010. “Un Brasil de overol”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1275574-un-brasil-de-overol>. Acessado em: 13 de julho de 2018.

Novamente em Johannesburg, mas agora no Estádio Soccer City, no dia 20 de junho, o Brasil retornou ao campo para enfrentar a Costa do Marfim.<sup>367</sup> O jogo foi extremamente duro e violento, especialmente por parte dos africanos, para o qual a complacência do árbitro contribuiu. Apresentando porte físico superior ao dos norte-coreanos, os marfinenses congestionaram o seu setor defensivo com o intuito de impedir os contra-ataques brasileiros. Nas jogadas em que eram superados, não hesitavam em pará-las com faltas, se necessário, duras. Aos 24 minutos, Robinho carregou a bola, tocou para Luis Fabiano que devolveu de calcanhar para Kaká que passou por um adversário e tocou de volta, já dentro da área, para Luis Fabiano chutar forte, de perna direita, no ângulo e colocar o Brasil em vantagem.

Na etapa final, logo aos 6 minutos, Luis Fabiano voltou a marcar um lindo gol, não fosse pela irregularidade do lance. O atacante brasileiro dominou a bola fora da área, deu um “chapéu” em Zokora e outro em Kolo Touré já dentro da área, ganhou no corpo de Tiene, matou a bola no “peito” e chutou de primeira para marcar o segundo gol brasileiro. O problema é que o jogador utilizou-se duas vezes do braço para controlar a bola, a primeira quando dominou a bola ainda fora da área e a segunda ao matá-la para chutar depois que ganhou de Tiene. “Curiosamente, o fraco árbitro francês Stéphane Lannoy até perguntou a Luis Fabiano se ele havia colocado a bola na mão. A resposta do brasileiro foi negativa, é claro”.<sup>368</sup>

Jogando, segundo as características impostas por seu treinador, no contra-ataque, o Brasil chegou ao terceiro gol aos 17 minutos. Kaká arrancou pelo lado esquerdo do ataque, entrou na área e cruzou rasteiro para Elano completar para o fundo das redes. A Costa do Marfim descontou aos 34 minutos, Yaya Toure ergueu a bola na área e Drogba, sem marcação, cabeceou para o gol. Ao final, a vitória do Brasil 3X1<sup>369</sup> e a vaga assegurada para a outra fase da competição.

---

<sup>367</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Júlio César, Maicon, Lúcio, Juan, Michel Bastos, Gilberto Silva, Felipe Melo, Elano (Daniel Alves), Kaká, Robinho (Ramires) e Luis Fabiano. Escalação da Seleção Marfinense: Barry, Demel, Kolo Touré, Zokora, Tiene, Eboue (Romaric), Yaya Touré, Tioté, Dindane (Gervinho), Drogba e Kalou (Keita). O árbitro da partida foi o francês Stéphane Lannoy.

<sup>368</sup> JORNAL DO BRASIL, 21 de junho de 2010, p. D2.

<sup>369</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. GABRIELBR2000. “Brasil 3x1 Costa do Marfim - Copa 2010 - 1ªFase”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IlcFYwDbtC0>. Acessado em: 13 de julho de 2018.

Os jornais brasileiros foram unânimes em afirmar que a Seleção havia jogado um futebol bem mais convincente que na estreia, ainda que não tenha feito uma apresentação ideal. A prática do jogo violento por parte da Costa do Marfim foi outra temática destacada nas matérias. Dessa partida restaram dois problemas, a jogada violenta de Tioté que tirou Elano não só da partida como das demais do Mundial e a expulsão de Kaká aos 43 minutos da etapa final.

Em relação às entradas desleais e violentas da equipe africana, as narrativas também aparecem nos jornais argentinos, demonstrando que não se tratava de uma simples “patriotagem” da imprensa brasileira. “Costa do Marfim foi uma equipe inexpressiva, frágil na defesa e que abusou nas entradas violentas. A equipe africana deveria ter terminado com alguém expulso, não o Brasil”.<sup>370</sup> O periodista argentino ainda afirmou que os riscos de enfrentar a equipe africana foram superados pois o “Brasil simplificou o jogo com personalidade” e que o Mundial “encontrou uma equipe com futebol filarmônico”.<sup>371</sup> Finalmente, da mesma forma que os periódicos brasileiros, Balinotti também destacou a fraca arbitragem de Stéphanne Lannoy.

Maradona, em entrevista para o Clarín, antes de enfrentar a Grécia e após a vitória brasileira sobre a Costa do Marfim, pediu cautela em relação às chances da Seleção Argentina, “Não somos candidatos nem favoritos” e afirmou ainda: “O Brasil define as partidas quando tem que fazê-lo. Segue sendo o grande favorito”.<sup>372</sup> O autor do famoso gol de mão contra a Inglaterra em 1986 afirmou estar irritado com o gol de mão de Luis Fabiano:

A verdade – expressou – é que é muito evidente, porque há o uso duas vezes da mão. O tragicômico é o sorriso do árbitro depois. Não vi o árbitro depois do gol contra a Inglaterra sorrir. Ontem saiu sorrindo e isso foi o que nos atingiu. Se viu, por que não assinalou, perguntou Diego.<sup>373</sup>

Portugal, que havia empatado com Costa do Marfim por 0X0 e goleado a Coreia do Norte por 7X0, necessitava de um empate para não depender do resultado da partida entre

<sup>370</sup> LA NACION, 21 de junho de 2010. BALINOTTI, Nicolas. “Ajeno a las polémicas: em la cancha, Brasil no dejó dudas para clasificarse a octavos”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1277026-ajeno-a-las-polemicas-en-la-cancha-brasil-no-dejo-dudas-para-clasificarse-a-octavos>. Acessado em: 16 de julho de 2018.

<sup>371</sup> Idem, ibidem.

<sup>372</sup> CLARÍN, 21 de junho de 2010. “Maradona pide calma: ‘Brasil sigue siendo el gran favorito’”. Disponível em: [https://www.clarin.com/deportes/futbol/Maradona-calma-Brasil-sigue-favorito\\_0\\_S1bXzogRPmg.html](https://www.clarin.com/deportes/futbol/Maradona-calma-Brasil-sigue-favorito_0_S1bXzogRPmg.html). Acessado em: 16 de julho de 2018.

<sup>373</sup> Idem, ibidem.

os norte-coreanos e os marfinenses, que terminou com a vitória da equipe africana por 3X0. Por isso e também pela lembrança do último confronto quando o Brasil os goleou por 6X2, o técnico lusitano optou por atuar com um esquema bem fechado no dia 25 de junho em Durban, no Estádio Mabhida.<sup>374</sup> Quando questionado sobre o confronto no Distrito Federal, o treinador Carlos Queiroz foi irônico e, em tom eurocêntrico, debochou da própria descoberta feita há mais de 500 anos.

– Já não me lembro onde fica Gama – ironizou Carlos Queiroz, que ainda fez piada com o descobridor da Terra de Vera Cruz. – No jogo com o Brasil, era necessário fazer experiências. Todos os jogos e todos os treinos servem para criar mais conhecimento. A derrota foi quando Pedro Álvares Cabral passou por lá.<sup>375</sup>

Depois da vitória contra Costa do Marfim, esperava-se que o Brasil continuasse mostrando evolução em seu futebol, no entanto, sem Kaká e Robinho, o primeiro havia sido expulso na partida anterior e o segundo foi poupado, a Seleção Brasileira não foi capaz de superar o forte bloqueio erguido pelo adversário. O jogo foi denominado de sonolento pelo Jornal do Brasil. Sem criatividade, com poucas jogadas de perigo, o placar final foi um decepcionante 0X0.<sup>376</sup> Com o resultado, o Brasil terminou em primeiro lugar na chave e enfrentaria o Chile nas oitavas de final. Portugal, que também se classificou, faria o clássico ibérico contra a Espanha.

A imprensa brasileira passou a destacar dois pontos que preocupavam: a falta de qualidade dos reservas e o destempero do volante Felipe Melo, que trocou várias jogadas ríspidas com o brasileiro naturalizado português Pepe, o que lhe rendeu cartão amarelo no início da partida e a substituição antes do final do primeiro tempo. Para Marcos Caetano do Jornal do Brasil:

Complicado mesmo é o que se passa com dois titulares. O primeiro é Felipe Melo, que até jogou bem contra a Costa do Marfim, mas ontem voltou a mostrar sua faceta mais preocupante: a de um jogador intempestivo. Dunga

<sup>374</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Júlio César, Maicon, Lúcio, Juan, Michel Bastos, Gilberto Silva, Felipe Melo (Josué), Daniel Alves, Júlio Baptista (Ramires), Nilmar e Luis Fabiano (Grafite). Escalação da Seleção Portuguesa: Eduardo, Ricardo Costa, Ricardo Carvalho, Bruno Alves, Duda (Simão), Pepe (Pedro Mendes), Fábio Coentrão, Raul Meireles (Miguel Veloso), Tiago, Danny e Cristiano Ronaldo. O árbitro da partida foi o mexicano Benito Archundia.

<sup>375</sup> JORNAL DO BRASIL, 25 de junho de 2010, p. D4.

<sup>376</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. GABRIELBR2000. “Brasil 0x0 Portugal - Copa 2010 - 1ªFase”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=9Vhsqj\\_nDsE](https://www.youtube.com/watch?v=9Vhsqj_nDsE). Acessado em: 16 de julho de 2018.

fez muito bem de substituí-lo, mesmo a poucos minutos do final do primeiro tempo. Dificilmente o volante teria terminado a partida sem ser expulso.<sup>377</sup>

O *La Nacion* enfatizou que os torcedores, ao olharem a tabela de jogos, esperavam que o confronto entre Brasil e Portugal fosse uma das melhores partidas da primeira fase do Mundial, “todos os presentes no estádio Mosses Mabhida e os milhões de espectadores que a assistiram pela televisão se equivocaram e ficaram desapontados”<sup>378</sup> e o jornal ainda insinuou que o pouco ímpeto das duas equipes se deu em virtude do empate ser útil para os objetivos dos dois selecionados.

Quando o árbitro mexicano Benito Archundia marcou o centro do campo de jogo em Durban e decretou o final da partida, em perfeito idioma português poder-se-ia dizer que reinou o “pacto de não-agressão”, após o 0 a 0 que deu o primeiro lugar do Grupo ao Brasil e a passagem para as oitavas a Portugal (sic).<sup>379</sup>

O *Clarín* publicou uma matéria destacando a capacidade da Seleção Brasileira em angariar simpatizantes por todo o mundo. Além de ressaltar a grande qualidade dos jogadores brasileiros, a alegria e amabilidade com que tratam todos ao seu redor motivariam a construção de tal relacionamento.

Acontece com naturalidade. Como se levassem no sangue, em algum gene ou em qualquer espaço da alma. O Brasil se dá ao luxo de reunir mais estrelas em seu plantel e em sua camisa do que qualquer outro plantel na história dos Mundiais. Jogadores da elite, milionários e até em vários casos destacadas figuras midiáticas e da publicidade. Mas não, não há vedetismo neles. Eles aparecem alegres, lhes brota amabilidade e respeitam aqueles que simpatizam com eles e aqueles que trabalham em uma tarefa vinculada à deles. Talvez alguém poderá falar de alguma exceção – por exemplo a habitual cara de ogro do técnico Dunga –, porém sempre serão pouquíssimas. Por isso, então, não é casual quando as pesquisas os colocam sempre nas preferências dos torcedores. Esse detalhe fala de seu jogo, mas acima de tudo conta outra coisa: um modo de ser, essa magia de seduzir.<sup>380</sup>

As oitavas de final tiveram início no dia 26 de junho. No dia seguinte, no Soccer City, em Johannesburg, a Argentina jogou seu primeiro mata-mata na competição, contra a

<sup>377</sup> JORNAL DO BRASIL, 26 de junho de 2010, p. D5.

<sup>378</sup> LA NACION, 25 de junho de 2010. “Las falsas promesas de Brasil y Portugal”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1278602-las-falsas-promesas-de-brasil-y-portugal>. Acessado em: 16 de julho de 2018.

<sup>379</sup> Idem, ibidem.

<sup>380</sup> CLARÍN, 26 de junho de 2010. “El Mundial invisible: Brasil y la magia de seducir”. Disponível em: [https://www.clarin.com/deportes/futbol/biEl-Mundial-invisiblebibrBrasil-magia-seducir\\_0\\_SyMtGPgRPml.html](https://www.clarin.com/deportes/futbol/biEl-Mundial-invisiblebibrBrasil-magia-seducir_0_SyMtGPgRPml.html). Acessado em: 16 de julho de 2018.

Seleção Mexicana que quatro anos antes, na mesma fase da Copa do Mundo, lhe havia criado inúmeras dificuldades. O México era apontado como um adversário perigoso pela imprensa brasileira “que na primeira fase derrotou os franceses, atuais vice-campeões do mundo, por 2 a 0”.<sup>381</sup> A albiceleste, dona do melhor ataque da competição ao lado de Portugal, com sete gols,<sup>382</sup> prometeu jogar ofensivamente.<sup>383</sup>

Ignorando as promessas de Maradona e seus comandados, foi o México que pressionou nos primeiros vinte e cinco minutos, inclusive com Carlos Salcido jogando uma bola no travessão de Romero. Aos 26 minutos, em mais um erro de arbitragem, a Argentina começou a comandar a partida. Tévez recebeu a bola na área e dividiu com o goleiro, que saiu no lance. O rebote caiu nos pés de Messi que tentou encobrir o arqueiro, no entanto, Tévez, em posição de impedimento, desviou de cabeça para o gol vazio. “Se a bola tivesse entrado direto, o gol seria legal. Mas o toque de Tévez criou a irregularidade”, salientou Ribas.<sup>384</sup> O gol desestabilizou os mexicanos. Aos 33 minutos Osorio tocou errado na saída de bola. Higuaín entrou em velocidade, driblou o goleiro e ampliou a vantagem.

Aos 7 minutos da etapa final, Tévez arrumou a bola na entrada da área e chutou no ângulo esquerdo. Com a vantagem de 3X0 no placar, os argentinos diminuíram o ritmo e recuaram. Os mexicanos então passaram a pressionar. Aos 25 minutos, Heinze salvou uma bola em cima da linha e no minuto seguinte Javier Hernández recebeu de Torrado, girou em cima de Demichelis e chutou forte no ângulo direito. O placar final apontava Argentina 3X1 México.<sup>385</sup> O “efeito déjà-vou”, expressão criada por Farias,<sup>386</sup> prosseguiu na fase seguinte, quando os argentinos enfrentariam, como ocorreu em 2006, a Seleção da Alemanha que batera a Inglaterra por 4X1.

<sup>381</sup> JORNAL DO BRASIL, 27 de junho de 2010, p. D3.

<sup>382</sup> A diferença é que Portugal havia feito todos os seus gols no jogo contra a Coreia do Norte na vitória por 7X0 enquanto a Argentina marcou nas três partidas realizadas.

<sup>383</sup> Escalação da Seleção Argentina: Romero, Otamendi, Demichelis, Burdisso, Heinze, Mascherano, Maxi Rodríguez (Pastore), Di María (Jonás Gutiérrez), Messi, Tévez (Verón) e Higuaín. Escalação da Seleção Mexicana: Pérez, Osorio, Rodríguez, Rafa Márquez, Salcido, Juárez, Torrado, Guardado (Franco), Giovanni dos Santos, Javier Hernández e Bautista (Barrera). O árbitro da partida foi o italiano Roberto Rossetti.

<sup>384</sup> RIBAS, Lycio Vellozo. op. cit., p. 402.

<sup>385</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. FUTBOLPACIONMUNDIALEXTRA. “Argentina 3 Mexico 1 Mundial Sudafrica 2010 Los goles (Relato Sebastian Vignolo)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ReTff5jIYLY>. Acessado em: 16 de julho de 2018. A narração de Sebastian Vignolo é interessante pois é notória a forma com que o locutor vibra nos gols da Argentina e a pouca empolgação no momento do gol mexicano.

<sup>386</sup> FARIAS, Aírton de. op. cit., v. 2, p. 430.

Tostão afirmou em sua crônica:

Alemanha e Argentina farão um clássico nas quartas de final. A Argentina, com a ajuda da arbitragem no primeiro gol, do zagueiro mexicano no segundo e com a grande qualidade de seus atacantes, venceu o México por 3 a 1.<sup>387</sup>

Em fato pouco comum na imprensa brasileira, o jornalista argentino Juan Pablo Varsky escreveu uma coluna que era traduzida e publicada pela Folha de São Paulo e nela destacou “o notável arsenal de ataque” da albiceleste. Lembrou ainda que a equipe não vencia uma partida de mata-mata dentro dos 90 minutos desde a vitória sobre o Brasil na Copa de 1990, desde então “só tinha conseguido vitórias em prorrogações e disputas de pênaltis”. E asseverou que “a Argentina ganhou com o poder de seus punhos. Mas precisa jogar melhor contra a Alemanha. Mesmo com a força de seu soco, Mike Tyson também pode cair...”<sup>388</sup> em uma clara metáfora entre a força ofensiva e as dificuldades defensivas da seleção, opinião que era compartilhada por seus colegas brasileiros.

O La Nacion também publicou uma matéria em que Pelé afirmou preferir não enfrentar a Argentina na final da Copa e ainda alimentou as desavenças com Maradona fato que auxiliou na exacerbação da rivalidade entre as duas equipes e seus torcedores.

Pelé disse que a Argentina mostrou um bom jogo, apesar de ser dirigida por Diego Maradona e admitiu que prefere que a Seleção Brasileira não tenha que enfrentá-la em uma final de Copa do Mundo. (...) Durante o evento, Pelé não deixou escapar a oportunidade de retomar suas investidas contra Maradona. “Quando Maradona estava com problemas financeiros me convidou para a estreia de seu programa de televisão, Maradona me ama”, reiterou com ironia.<sup>389</sup>

O Brasil entrou em campo para enfrentar o Chile, equipe dirigida pelo argentino Marcelo Bielsa, no dia 28 de junho no Estádio Ellis Park em Johannesburg. Kaká e Robinho retornaram para a equipe e Elano, contundido no jogo contra a Costa do Marfim, continuou

<sup>387</sup> JORNAL DO BRASIL, 28 de junho de 2010, p. D8.

<sup>388</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 28 de junho de 2010, p. D19.

<sup>389</sup> LA NACION, 28 de junho de 2010. “Pelé no quiere enfrentarse a la Argentina”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1279537-pele-no-quiere-enfrentarse-a-la-argentina>. Acessado em: 16 de julho de 2018.

fora. Cumprindo a promessa feita e mantendo a forma de jogar, Bielsa escalou os chilenos de forma ofensiva, com três atacantes.<sup>390</sup>

Os jornais brasileiros afirmavam que o adversário era “freguês” do Brasil. Mais comedido, o *La Nación* lembrou o retrospecto bastante favorável dos brasileiros contra os chilenos, percebiam os pentacampeões como favoritos, mas que esse mesmo favoritismo era visto como combustível pelos adversários.<sup>391</sup> O mesmo diário, em tom de chiste, levantou algo que deveria preocupar os brasileiros, a presença do astro do rock, Mick Jagger, no estádio. A manchete afirmava: “Jagger irá para o campo. Perigo para o Brasil?”. Na continuidade da matéria o jornal, em tom jocoso, afirmou que o otimismo brasileiro teria sofrido um duro golpe com o anúncio da provável presença de Jagger no jogo e torcendo para o Brasil. Ao torcer, ainda nas oitavas de final, para os Estados Unidos e Inglaterra, equipes eliminadas por Gana e Alemanha, o astro do rock ganhou fama de “pé-frio”.<sup>392</sup>

Bielsa armou sua equipe de forma ofensiva, insinuante. Começou o jogo pressionando o seu adversário e mantendo o domínio da bola. No entanto, a equipe comandada por Dunga estava muito bem treinada para se fechar e jogar no contra-ataque. Aos poucos o Brasil equilibrou o confronto e em jogada de bola parada, aproveitando-se da baixa estatura dos chilenos, marcou o primeiro gol aos 35 minutos. Maicon cobrou escanteio para a área e Juan cabeceou para o gol. Apenas três minutos depois, em rápido contra-ataque, Robinho disparou pela esquerda e cruzou para Kaká, o camisa 10 do Brasil passou para Luis Fabiano, o trio fez uma envolvente tabela até que Luis Fabiano driblou o goleiro e marcou o segundo gol.

Na etapa final, em novo contra-ataque, aos 14 minutos, Ramires avançou e serviu para Robinho, o atacante chutou no canto esquerdo defendido por Bravo consolidando a vitória brasileira, que com a defesa muito segura, não permitiu ao Chile descontar o placar,

---

<sup>390</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Júlio César, Maicon, Lúcio, Juan, Michel Bastos, Gilberto Silva, Ramires, Daniel Alves, Kaká (Kleber), Robinho (Gilberto) e Luis Fabiano (Nilmar). Escalação da Seleção Chilena: Bravo, Islã (Millar), Fuentes, Contreras (Tello), Jará, Carmona, Vidal, Mark González (Valdívia), Sánchez, Suazo e Beausejour. O árbitro da partida foi o inglês Howard Webb.

<sup>391</sup> LA NACION, 28 de junho de 2010. “Chile, ante Brasil y el peso de la historia”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1279352-chile-ante-brasil-y-el-peso-de-la-historia>. Acessado em: 16 de julho de 2018.

<sup>392</sup> Idem, ibidem. “Jagger irá a la cancha, ¿peligro para Brasil?”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1279553-jagger-ira-a-la-cancha-peligro-para-brasil>. Acessado em: 16 de julho de 2018.

apesar dos esforços realizados.<sup>393</sup> Era a sexta vitória consecutiva de Dunga sobre o Chile. O Brasil estava nas quartas de final da Copa do Mundo e o adversário seria outro conhecido, a Holanda.

Corroborando a narrativa estabelecida pelo Jornal do Brasil em que a equipe nacional realizou uma boa apresentação e que a vitória foi até mesmo mais fácil do que se imaginava, o periódico ofereceu rápidas percepções da imprensa mundial do impacto da vitória da Seleção Brasileira: “Olé (Argentina) – ‘Isto é Brasil’; As (Espanha) – ‘Brasil dá medo’; El País (Uruguai) – ‘E agora, quem para o Brasil?’; Corriere dello Sport (Itália) – Brasil, que espetáculo’; El Mercurio (Chile) – ‘A Roja ataca e sai’ e NU Sport (Holanda) – ‘Laranjas entram contra o Brasil’”.<sup>394</sup>

Tostão, em sua coluna, afirmou que a partida fluiu como era esperado. “Foi uma repetição das duas vitórias anteriores do Brasil sobre o Chile. O time chileno foi para o ataque, como era previsto, e o Brasil, como também era previsto, em dois belos lances de contra-ataque e em uma jogada pelo alto, de escanteio, definiu a partida”.<sup>395</sup> O cronista finalizou afirmando que Brasil e Holanda “farão um jogo igual. Qualquer resultado é normal”, mas que o Brasil, por “ter mais tradição” sofria uma pressão maior para vencer.<sup>396</sup>

De acordo com Claudio Mauri, o Chile não foi capaz de estabelecer algum tipo de paridade ou equilíbrio com a Seleção Brasileira, apesar do grande esforço realizado para alcançar tal objetivo, o cronista reconheceu que os chilenos deram tudo o que poderiam dar porém “o nível de seus intérpretes [jogadores] está vários escalões abaixo dos brasileiros”.<sup>397</sup> E retomando um valor importante na percepção do futebol brasileiro, e também sul-americano, a individualidade, Mauri é peremptório: “A categoria individual continua representando o valor supremo no futebol. E o Brasil tem e não desperdiça em banalidades ou egoísmo. Sistematiza para que a equipe pareça forte e poderosa em todas as suas linhas”.<sup>398</sup> Percebe-se que o jornalista argentino busca encaixar, dentro de seu horizonte de expectativa

<sup>393</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. WILSON, Sandro. “Brasil 3x0 Chile - Copa do Mundo 2010”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KcjQLIqDSKQ>. Acessado em: 16 de julho de 2018.

<sup>394</sup> JORNAL DO BRASIL, 29 de junho de 2010, p. D3.

<sup>395</sup> Idem, ibidem, p. D3.

<sup>396</sup> Idem, ibidem, p. D3.

<sup>397</sup> LA NACION, 29 de junho de 2010. MAURI, Claudio. “Le sobró a Brasil”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1279752-le-sobro-a-brasil>. Acessado em: 17 de julho de 2018.

<sup>398</sup> Idem, ibidem.

em relação ao futebol brasileiro, os valores da individualidade, que o caracterizaria e são para ele de grande importância, juntamente com os aspectos táticos, exemplificado pela forte marcação que a equipe apresentava, demonstrando que arte e a individualidade não precisam e não devem ser desassociados da parte tática.

A riqueza do plantel brasileiro, que foi colocada em dúvida pela imprensa do país após o empate com Portugal e será novamente contra a Holanda, é elogiada por Mauri. “A capacidade de reposição é outro tema. No Brasil não estiveram os volantes Felipe e Elano, bem substituídos por Dani Alves (somente em seu selecionado pode ser suplente) e Ramires”.<sup>399</sup> Aqui denota outro aspecto comum nas narrativas argentinas, a profusão de jogadores qualificados produzidos pelo futebol brasileiro.

Com o futebol sul-americano em alta, era a primeira vez na história que quatro equipes do continente se encontravam entre as oito melhores da competição,<sup>400</sup> aumentava as esperanças brasileiras e simultaneamente, em uma visão apressada, parte da imprensa decretava a “decadência” do futebol europeu.<sup>401</sup> O tom ufanista de alguns jornalistas e dos torcedores em relação ao adversário lembrou as vitórias do Brasil em 1994 e em 1998, no entanto, dois apagamentos foram realizados, o primeiro em relação aos jogos extremamente disputados e duros nas duas Copas citadas e o segundo a derrota de 1974.

Em 2010 coube aos brasileiros e aos holandeses abrirem a etapa de quartas de final. A partida foi disputada no dia 2 de julho em Port Elizabeth, no Estádio Nelson Mandela Bay.<sup>402</sup> Foi uma partida com dois tempos completamente distintos. O Brasil começou melhor, atuando de forma segura, dominou amplamente a primeira etapa. Robinho, aos 7 minutos, teve um gol anulado corretamente pela arbitragem. Apenas 3 minutos depois, Felipe Melo realizou um lançamento perfeito, rasteiro, entre os zagueiros, de aproximadamente 40 metros,

---

<sup>399</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>400</sup> Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai.

<sup>401</sup> GARCIA, Diego. “Mundial da África vira ‘Copa América’ e vê declínio europeu”. Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-do-mundo/2010/mundial-da-africa-vira-copa-america-e-ve-declinio-europeu,af98a22437fed310VgnCLD200000bbceeb0aRCRD.html>. Acessado em: 17 de julho de 2018. GARCIA, Diego. “Retrospecto contra europeus favorece ‘Copa América’ em semi. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/copa-do-mundo/2010/retrospecto-contra-europeus-favorece-copa-america-em-semi,73711f60090fd310VgnCLD200000bbceeb0aRCRD.html>. Acessado em: 17 de julho de 2018.

<sup>402</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Júlio César, Maicon, Lúcio, Juan, Michel Bastos (Gilberto), Gilberto Silva, Felipe Melo, Daniel Alves, Kaká, Robinho, Luis Fabiano (Nilmar). Escalação da Seleção Holandesa: Stekelenburg, Van der Wiel, Heitinga, Ooijer, Van Brockhorst, Van Bommel, De Jong, Sneijder, Robben, Van Persie (Huntelaar) e Kuyt. O árbitro da partida foi o japonês Yuichi Nishimura.

para Robinho chutar, de primeira, da meia-lua, na saída do goleiro e abrir o placar. Dominada, a Holanda pouco produziu e contou ainda com a boa atuação de seu arqueiro para evitar que o placar se ampliasse. No intervalo, diante da melhor atuação da equipe até aquele momento na Copa do Mundo, poucos brasileiros duvidariam que a Seleção Brasileira deixasse de avançar na competição, ainda mais por se tratar de um time que gostava de jogar em contra-ataques.

No segundo tempo, o Brasil não se encontrou em campo, “a Seleção esqueceu o bom futebol no vestiário”,<sup>403</sup> enquanto o adversário passou a mostrar aquele que já lhe havia credenciado como uma das seleções candidatas a conquistar o título na África do Sul. Aos 8 minutos, Michel Bastos deu um carrinho violento em Robben. O árbitro assinalou falta próxima ao meio de campo e deu cartão amarelo para o atleta brasileiro. A falta foi cobrada, a bola foi trabalhada do lado direito de ataque e foi tocada para Sneijder, na intermediária. O habilidoso jogador cruzou na área, Felipe Melo sem perceber que Júlio César havia saído para interceptar o cruzamento subiu e raspou na bola de cabeça, a falta de comunicação entre os dois jogadores do Brasil resultou no gol de empate holandês. O árbitro assinalou o gol para Sneijder.

Se o gol no início do primeiro tempo havia dado tranquilidade para a Seleção Brasileira, o empate sofrido no início da etapa complementar desestabilizou por completo o time. Com um toque de bola envolvente a Holanda, que já havia iniciado melhor o segundo tempo, dominou o jogo. Aos 23 minutos, Robben cobrou escanteio em direção à pequena área, Kuyt, próximo do primeiro pau, livrou-se da marcação de Luis Fabiano e desviou a bola para a cabeçada certa de Sneijder, com seus 1,70m. Novo erro da defesa brasileira e a Holanda virou o placar.

Sem encontrar seu futebol, a equipe também perdeu a cabeça quando o intempestivo Felipe Melo fez falta dura em Robben e não satisfeito pisou no jogador adversário no chão. O juiz não titubeou e deu o cartão vermelho para o brasileiro. Com um jogador a menos, atuando mal, o Brasil não foi capaz de reagir, ainda assim, escapou de levar

---

<sup>403</sup> JORNAL DO BRASIL, 3 de julho de 2010, p. D2.

novos gols nos rápidos contra-ataques holandeses. A Holanda com a vitória por 2X1 avançou para a fase seguinte.<sup>404</sup>

Se Mauri, cronista argentino, havia elogiado o elenco brasileiro, como foi ressaltado anteriormente após a vitória contra o Chile, muitos jornalistas brasileiros, ainda hoje relatam, em tom de advertência aos atuais treinadores do selecionado nacional, que Dunga olhava para o banco em busca de alguma solução e não a encontrava entre os jogadores ali presentes, ou seja, por essa perspectiva o treinador havia falhado por não ter levado à África atletas que poderiam alterar o panorama da partida.<sup>405</sup> O fato foi reforçado na medida em que o técnico brasileiro não realizou a terceira substituição a que tinha direito. “Dunga se viu refém de seus convocados mais uma vez. Ontem, perdendo o jogo, não tinha peças no banco de reservas para mudar o time taticamente” sentenciou o Jornal do Brasil.<sup>406</sup>

No entanto, é interessante perceber também, que o seu adversário só realizou uma substituição ao longo do confronto, obviamente que, por estar vencendo o duelo e atuando bem, especialmente na etapa final, mudanças táticas e mesmo técnicas não eram tão necessárias.

Para Christian Leblebidjian, o encanto do futebol está nas surpresas que ele proporciona: “O futebol pode ser maravilhoso, mas também muito cruel. O Brasil passou em minutos do céu ao inferno, da classificação à dor”. O Brasil apresentou “uma classe futebolística digna de elogios” nos primeiros 45 minutos e depois, especialmente após o gol de empate, atribuído pelo jornalista a uma falha de Júlio César a seleção “perdeu a cabeça porque em lugar de ser inteligente e acalmar-se se deixou levar pela raiva e pelo descontrole”.<sup>407</sup>

Tom semelhante foi a crônica de Juan Pablo Varsky.

---

<sup>404</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. FERNANDES, Roberto. “Brasil perde para a Holanda e é eliminado de novo nas quartas”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pVyrLqx3I8o>. Acessado em: 17 de julho de 2018.

<sup>405</sup> Antes da Copa, a imprensa e torcedores brasileiros queriam que Dunga tivesse convocado para o Mundial Ronaldinho Gaúcho, Neymar e Paulo Henrique Ganso.

<sup>406</sup> JORNAL DO BRASIL, 3 de julho de 2010, p. D2.

<sup>407</sup> LA NACION, 3 de julho de 2010. LEBLEBIDJIAN, Christian. “Del cielo al infierno: Brasil perdonó a Holanda y se despidió del Mundial”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1280871-del-cielo-al-infierno-brasil-perdono-a-holanda-y-se-despidio-del-mundial>. Acessado em: 17 de julho de 2018.

Na realidade o Brasil se auto-destruiu. Havia feito tudo para ganhar no primeiro tempo e fez tudo para perdê-la no segundo. A Laranja nunca se convenceu de que ela poderia permanecer no jogo. (...) Festejou a vitória com a incredulidade de quem ganha na loteria e não sabe o que fazer quando lhe dão a notícia. (...) Porém este maravilhoso jogo tem reviravoltas inesperadas. Júlio César saiu caçando borboletas e o desvio fatal em um companheiro empatou a partida. O primeiro arremate Laranja terminou no segundo gol, com duas cabeçadas na pequena área modelo 68-70 do Estudiantes de Zubeldía.<sup>408</sup>

E a busca por culpados ou vilões não é apenas uma característica dos jornalistas e dos torcedores brasileiros, Varsky também elegeu o seu, Felipe Melo, o atleta brasileiro viveu, na mesma partida, momentos de herói e vilão em um confronto que terminou em drama para o futebol brasileiro, escrito pelo cronista em português, “Tristeza não tem fim” ou ainda no chiste “Melo-Drama”.

O duelo se resume em um só jogador: Felipe Melo. Teve um papel de protagonista. Ele deu o passe para o gol de Robinho, marcou o empate contra, não marcou a Sneijder no 1-2 e foi expulso por um pisão mal intencionado. Tristeza não tem fim, culpa deste “Melo-Drama”.<sup>409</sup>

Maradona, de quem a Folha de São Paulo esperava uma postura debochada, na entrevista coletiva depois da derrota brasileira, indagado por um jornalista compatriota, se estava feliz com a derrota do rival, tratou de cortar o assunto.

Tenho outras coisas na cabeça para pensar. Amanhã [hoje], temos um jogo importante contra a Alemanha e é isso o que importa. Não penso em quem ganha ou quem perde. A derrota do Brasil é um problema do Brasil.<sup>410</sup>

A Argentina voltou a enfrentar seu tradicional adversário em Copas do Mundo, a Alemanha, na Cidade do Cabo, no dia 3 de julho no Estádio Green Point.<sup>411</sup> Era o sexto encontro em 19 Copas do Mundo entre as duas seleções<sup>412</sup> e a rivalidade se acentuou na véspera do jogo com a troca de provocações entre as equipes, tendo como principal referência

<sup>408</sup> Idem, ibidem. VARSKY, Juan Pablo. “Las inexplicables cosas del fútbol”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1281162-las-inexplicables-cosas-del-futbol>. Acessado em: 17 de julho de 2018.

<sup>409</sup> Idem, ibidem.

<sup>410</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 3 de julho de 2010, p. D30.

<sup>411</sup> Escalação da Seleção Alemã: Neuer, Lahm, Mertesacker, Friedrich, Boateng (Jansen), Khedira (Kroos), Schweinsteiger, Müller (Trochowski), Ozil, Podolski e Klose. Escalação da Seleção Argentina: Romero, Otamendi (Pastore), Demichelis, Burdisso, Heinze, Mascherano, Maxi Rodríguez, Di Mária (Agüero), Messi, Tévez e Higuaín. O árbitro da partida foi o usbeque Ravshan Irmatov.

<sup>412</sup> Os cinco confrontos e resultados em Copas do Mundo antes de 2010: 1958 – Alemanha 3X1 Argentina; 1966 – Alemanha 0X0 Argentina; 1986 – Argentina 3X2 Alemanha; 1990 – Alemanha 1X0 Argentina e 2006 – Alemanha 1X1 Argentina (a Argentina foi derrotada nos pênaltis por 4X2).

o duelo de 2006 no qual os argentinos foram derrotados nos pênaltis nas mesmas quartas de final.

O confronto que prometia ser extremamente disputado começou a ser resolvido com apenas 3 minutos de partida. Schweinsteiger cobrou falta próxima do bico da área, do lado esquerdo, Müller se antecipou a Otamendi e desviou de cabeça para o gol. A defesa da albiceleste mostrava fraqueza mais uma vez. Os argentinos tentaram reagir contando com suas individualidades, no entanto, esbarravam na forte marcação alemã, com destaque para Schweinsteiger que não dava espaço algum para Messi criar. O primeiro tempo terminou com a vantagem da equipe europeia construída nos minutos iniciais do jogo.

Na etapa final, os argentinos voltaram determinados a empatar o confronto e levaram perigo ao gol alemão que era bem defendido por Neuer. A equipe comandada por Joachin Löw demonstrou eficiência quando atacava os sul-americanos. Aos 23 minutos, Müller, caído, tomou a bola no ataque e tocou para Podolski, que cruzou rasteiro, Klose só teve o trabalho de empurrar para dentro do gol. Apenas seis minutos depois, Schweinsteiger passou na velocidade por três adversários e cruzou rasteiro para Friedrich, caindo, marcar o terceiro. Com a Argentina já entregue, aos 44 minutos, em rápido contra-ataque, Schweinsteiger tocou para Özil que da linha de fundo cruzou para Klose fechar o marcador.<sup>413</sup> Alemanha 4X0<sup>414</sup> e classificada para as semifinais. A euforia da torcida alemã foi tanta que a partir da metade do segundo tempo ela gritava “olé” nas arquibancadas.<sup>415</sup>

Os jornais brasileiros retrataram o completo domínio alemão no decorrer da partida:

Apesar dos lampejos ocasionais de Messi e da luta constante dos argentinos, em especial Tévez, a Alemanha foi superior o tempo todo, exibindo ao mesmo tempo solidez e leveza. A rapidez com que o time saía em conjunto para o ataque ou voltava para defender quando perdia a posse de bola lembrava mais um carrossel do que a imagem de máquina de guerra que as

<sup>413</sup> Era o 14º gol do artilheiro alemão em Copas do mundo, com isso ele igualava-se a outro compatriota, Gerd Müller e ficava a apenas um gol para alcançar Ronaldo como o maior artilheiro em Mundiais.

<sup>414</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. BILFUT HD. “Alemanha 4x0 Argentina - Gols e Melhores Momentos - COPA DO MUNDO 2010 - HD”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=1p2MyX\\_ZCH8](https://www.youtube.com/watch?v=1p2MyX_ZCH8). Acessado em: 17 de julho de 2018.

<sup>415</sup> STYCER, Maurício. “Com futebol mais eficiente da Copa, Alemanha atropela Argentina e vai à semi”. Disponível em: <https://copadomundo.uol.com.br/2010/ultimas-noticias/2010/07/03/com-futebol-mais-eficiente-da-copa-alemanha-atropela-argentina-e-vai-a-semi.jhtm>. Acessado em: 17 de julho de 2018.

equipes alemãs geralmente têm – mais mecânicas e pesadas em épocas anteriores.<sup>416</sup>

E elegeram um culpado: Maradona.

A Argentina começou a perder o jogo quando Maradona não convocou um lateral direito. O zagueiro Otamendi jogou improvisado e viu uma avenida se formar por ali ontem. A Alemanha se aproveitou da maior fragilidade da equipe argentina e massacrou.<sup>417</sup>

Percebe-se ainda um tom irônico e de certa satisfação com a derrota da seleção alvianil. Mais uma vez, Maradona será o alvo em virtude da promessa que fez de ficar nu em praça pública caso sua equipe conquistasse a Copa do Mundo.

Maradona prometeu ficar nu se fosse campeão. Entre tirar a roupa e cair de quatro, o argentino ficou com a segunda opção. Já são 24 anos sem levantar a Copa do Mundo. Desde ontem, a Argentina pode somar mais quatro anos no incômodo jejum.

A possível nudez de Maradona, impedida pela derrota, alívio para todos os brasileiros (a nudez, mas principalmente a eliminação da rival) foi destaque inclusive na capa da Folha de São Paulo com uma charge reproduzida abaixo.

**Figura 13: A boa notícia: Maradona não teria que ficar nu<sup>418</sup>**



José Simão, em crônica escrita para a Folha de São Paulo, analisou derrotados e vencedores, no primeiro caso, Brasil e Argentina e no segundo a Alemanha a partir de piadas, ou como ele mesmo afirmou: “Nóis sofre, mas nóis goza. Que eu vou pingar o meu colírio

<sup>416</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 4 de julho de 2010, p. D8.

<sup>417</sup> JORNAL DO BRASIL, 4 de julho de 2010, p. D4.

<sup>418</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 4 de julho de 2010, p. 1 (Capa).

alucinógeno”. Lembrando que não há espaço para neutralidade em uma piada, ela jamais é inocente. Os chistes, assim como as caricaturas, as charges e os cartuns,<sup>419</sup> são produtos culturais construídos por circunstâncias históricas que permitem com que os estereótipos sejam atualizados e também reforçados. Como destacou Verena Alberti, elas “precisam ser analisadas politicamente como construções de sentido que se referem a organizações específicas de poder”.<sup>420</sup> Retomando a crônica de Simão:

Ueba! Adios, AAAARGH....entina! Tamo livre de ver o Maradona pelado! Estamos salvos! Não veremos o palitinho do Maradona! 4 a 0! O MALAdona levou de quatro! Rarará. E o Messi? ARREMESSI no Prata! (...) Não chores por mim, Argentina. Que ontem foi tu na latrina! Adiós, Maladona, o Nelson Ned da Argentina, o nosso amigo anão, Maligno Maradona. O panda com artrose! Rarará.<sup>421</sup>

O autor ainda fez piadas com a eliminação brasileira, numa delas o gosto duvidoso se exacerba na medida em que faz alusão ao crime cometido pelo atleta Bruno, na época goleiro do Flamengo. “E falaram no Twitter que o Felipe Melo vai passar férias no sítio do Bruno do Flamengo”.<sup>422</sup>

A imprensa argentina, como não poderia deixar de ser, lamentou a derrota e lembrou as ressaltadas deficiências defensivas que a sua seleção apresentava há tempos. Assim como os brasileiros costumam procurar vilões na derrota, os argentinos seguiram o mesmo caminho e lá também o escolhido foi Maradona. “Durante o ciclo de Maradona, a

<sup>419</sup> Cartuns de humor, caricaturas e piadas funcionam de forma similar segundo Christie Davies, no entanto, como a autora ressalta, mesmo possuindo temas e funcionalidades comuns, são fenômenos muito diferentes, desde a autoria, as piadas são anônimas ao contrário das caricaturas ou charges que possuem autor ou autores, até o suporte de circulação, enquanto a piada circula oralmente as charges, por exemplo, precisam de um suporte físico. Para o aprofundamento do tema Cf. DAVIES, Christie. “Cartuns, caricaturas e piadas: roteiros e estereótipos”. In: LUSTOSA, Isabel (org.). *A imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 93-124.

<sup>420</sup> ALBERTI, Verena. “Prefácio”. In: LUSTOSA, Isabel (org.). *A imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 20.

<sup>421</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 4 de julho de 2010, p. D19.

<sup>422</sup> Idem, ibidem, p. D 19. Há poucos dias havia saído na imprensa que Bruno, goleiro do Flamengo, estava envolvido no desaparecimento e posterior assassinato de Eliza Samudio, com quem o atleta teve um relacionamento e engravidou a jovem. Eliza tentava provar na justiça que o filho era de Bruno. Segundo depoimentos de testemunhas, Eliza teria ido ao sítio de Bruno, em Esmeraldas, Minas Gerais, a pedido dele no início de junho de 2010 e é supostamente assassinada no dia 9 de junho pelo amigo de Bruno, Marcos Aparecido dos Santos. No final de junho, denúncias anônimas afirmaram que a moça havia sido agredida, morta e suas roupas queimadas, no sítio Esmeraldas. A partir daí o local e também o jogador passaram a ser vigiados pela polícia. Em julho, o goleiro teve a prisão preventiva decretada. Há inúmeras reportagens e sites que tratam do caso, destaque: TERRA. “Eliza Samudio: veja detalhes do crime”. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/infograficos/caso-bruno/>. Acessado em: 19 de julho de 2018.

Argentina foi bipolar. Seguramente porque toda equipe, para o bom e para o mau, termina sendo o reflexo de seu condutor. A seleção oscilou entre euforias e depressões”.<sup>423</sup>

Na continuidade do Mundial, a Alemanha reeditaria a final da última Eurocopa contra a Espanha em uma das semifinais. A equipe de Joachim Löw depois de golear duas ex-campeãs mundiais, a Inglaterra por 4X1 e a Argentina por 4X0, era apontada como a favorita para conquistar o título. No entanto, sem poder contar com Müller, suspenso, e a Espanha atuando dentro do seu estilo Tiki Taka, com seu toque de bola habitual, dominou o adversário, derrotando-a por 1X0,<sup>424</sup> gol do zagueiro Puyol e estava na final da Copa de 2010. Na outra semifinal a Holanda venceu os uruguaios por 3X2.

A final do Mundial foi disputada no dia 11 de julho de 2010, no Estádio Soccer City, em Johannesburgo. A Holanda jogava sua terceira final de Copa do Mundo, as duas outras foram em 1974 e 1978, sem jamais ter conquistado um título e a Espanha chegava a sua primeira decisão. O jogo foi bastante amarrado e, em certos momentos, violento, como na entrada de De Jong no peito de Xabi Alonso que, erroneamente, só rendeu ao holandês o cartão amarelo. No tempo regulamentar, a Espanha teve maior domínio da bola, dentro de seu estilo de jogo, mas foi a Holanda que criou as duas melhores oportunidades para marcar, como os 90 minutos terminaram sem gols e a decisão foi para a prorrogação.

Nos 30 minutos adicionais, os holandeses sentiram fisicamente o esforço realizado para marcar seu adversário. Os espaços começaram a aparecer. Logo aos 2 minutos, Xavi foi calçado dentro da área. O árbitro preferiu não marcar a penalidade. Os comandados por Vicente del Bosque criaram novas oportunidades de abrir o placar. A situação holandesa complicou-se quando o árbitro expulsou Heitinga. Aproveitando-se da vantagem numérica e da superioridade no aspecto físico, os espanhóis pressionaram com maior intensidade e aos 11 minutos, em rápido contra-ataque a bola chegou a Iniesta, por trás da defesa adversária, que chutou forte para marcar o gol da vitória e do título para o seu país.

---

<sup>423</sup> LA NACION, 4 de julho de 2010. MAURI, Claudio. “Se la cayó la careta”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1281409-se-le-cayo-la-careta>. Acessado em: 19 de julho de 2018.

<sup>424</sup> A Espanha repetiu o placar da final da Eurocopa de 2008 contra a Alemanha.

**Figura 14: Seleção Espanhola campeã em 2010<sup>425</sup>**



## 7.8. A ARGENTINA SEGUE SEM TÍTULOS

Maradona, imediatamente depois da derrota contra a Alemanha, anunciou que deixaria o comando da Seleção Argentina. Sergio Batista, campeão mundial em 1986 como jogador, interinamente, foi escolhido para comandar a equipe e em novembro o treinador foi efetivado no cargo.<sup>426</sup> O ex-atleta já comandava a Seleção Argentina Sub-20 e olímpica, inclusive havia conquistado a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Pequim. Ele estreou no comando da equipe principal no dia 11 de agosto ao vencer por 1X0 a Irlanda em Dublin. Na partida seguinte, em 7 de setembro, obteve sua maior vitória em sua passagem pela alvianil, ao derrotar a Espanha, atual campeã do mundo, em Buenos Aires por 4X1. No mês seguinte, conheceu sua primeira derrota, contra o Japão por 1X0.

Depois de 68 jogos e aproveitamento de 77,9% (49 vitórias, 12 empates e 7 derrotas), Dunga foi demitido pela CBF. Mesmo apresentando bons números, a trajetória do treinador foi marcada por altos e baixos. A derrota e eliminação na Copa do Mundo fez com que o atual ciclo se encerrasse.<sup>427</sup> Curiosamente, um dos aspectos ressaltados pela CBF para a

<sup>425</sup> BLOG dos esportes. “Poster Download Espanha Campeã Mundial de Futebol 2010”. Disponível em: <http://www.blogdosesportes.com/poster-download-espanha-campea-mundial-de-futebol-2010/>. Acessado em: 19 de julho de 2018.

<sup>426</sup> ESPN. “Sergio Batista é efetivado como técnico da Argentina”. Disponível em: [http://www.espn.com.br/noticia/157614\\_sergio-batista-e-efetivado-como-tecnico-da-argentina](http://www.espn.com.br/noticia/157614_sergio-batista-e-efetivado-como-tecnico-da-argentina). Acessado em: 19 de julho de 2018.

<sup>427</sup> Para acompanhar a “linha do tempo” de Dunga comandando o Brasil: Cf. TERRA. “Linha do tempo: relembre o trajeto do técnico Dunga na Seleção”. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/copa-do-mundo/2010/linha-do-tempo-relembre-o-trajeto-do-tecnico-dunga-na-selecao,9208a9032e6fa310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acessado em: 19 de julho de 2018.

troca do comando técnico era o desejo de contar com um treinador experiente. Outro ponto almejado era melhorar o relacionamento com a imprensa.<sup>428</sup>

Muricy Ramalho foi inicialmente procurado, no entanto, segundo Lycio Ribas, a indefinição de quem pagaria a multa rescisória ao Fluminense, equipe que era dirigida pelo técnico, impediu que ele assumisse a Seleção Brasileira. O próprio Muricy Ramalho alegou outra motivação, que ele não podia abandonar a equipe que dirigia naquele momento em virtude de se encontrar no meio de um projeto desenvolvido por ele e acordado com a diretoria do clube. Ressalte-se que o treinador conquistou, no final de 2010, o título brasileiro pelo time carioca.

– Podem pensar que esse cara é louco. Mas eu não sou louco. Sou do tempo em que quando você assina um contrato tem que cumprir. Se hoje não é isso que a gente vê... faço a minha parte. Acho que a vida é assim. Você escolhe um rumo na vida. Sou uma pessoa que respeita o que assina, que respeita a instituição, o patrocinador, a história, a torcida. Acredito que você precisa respeitar as pessoas. Sei que seria uma oportunidade para mim. Não é fácil. É complicado. Um convite desse é difícil.<sup>429</sup>

Com a recusa de Muricy Ramalho, a escolha da CBF recaiu sobre o gaúcho Luiz Antônio Venker Menezes, conhecido como Mano Menezes. De acordo com o planejamento proposto, Mano deveria renovar a Seleção Brasileira, a equipe comandada por Dunga tinha uma média de idade de 28 anos, a mais alta dentre as seleções que disputaram o Mundial de 2010. Vários jovens jogadores preteridos pelo antigo treinador passaram a figurar nas convocações de Mano Menezes, dentre eles Paulo Henrique Ganso e Neymar. Sua estreia foi em 10 de agosto, contra a Seleção dos Estados Unidos com vitória por 2X0. O bom futebol apresentado gerou, tanto na imprensa nacional como internacional, uma excelente impressão, ao ponto de já se falar do reencontro brasileiro com o futebol-arte, com o jogo bonito. “Com Mano Menezes volta o jogo ‘bonito’ do Brasil”, afirmou a manchete do diário espanhol *Marca*.<sup>430</sup>

---

<sup>428</sup> RIBAS, Lycio Vellozo. op. cit., p. 414.

<sup>429</sup> LAVINAS, Thiago. “Muricy quebra o silêncio e explica por que não assumiu a Seleção”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2010/07/muricy-quebra-o-silencio-e-explica-por-que-nao-assumiu-selecao.html>. Acessado em: 19 de julho de 2018.

<sup>430</sup> UOL Esporte. “Imprensa internacional destaca volta do ‘jogo bonito’ da seleção brasileira”. Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2010/08/11/imprensa-internacional-destaca-volta-do-jogo-bonito-da-selecao-brasileira.jhtm>. Acessado em: 19 de julho de 2018.

Em outubro, o treinador venceu o Irã por 3X0 em Abu Dhabi e dias depois a Ucrânia em partida disputada em Derby, Inglaterra, por 2X0. Na última partida do ano, em novembro, tanto Mano Menezes, quanto Sergio Batista fariam o primeiro clássico entre eles, em Doha, no Catar.

Antes de enfrentar a Argentina, o Brasil, no dia 31 de outubro, elegeu pela primeira vez uma mulher para governar o país. Dilma Rousseff do PT e apoiada pelo presidente Lula, derrotou, no segundo turno, o candidato do PSDB, José Serra. Seu governo iniciou-se em 1º de janeiro de 2011. A Copa do Mundo no Brasil, 2014, seria disputada no último ano de sua administração.

Argentina e Brasil enfrentaram-se no dia 17 de novembro em Doha. Enquanto os albicelestes mantiveram vários jogadores que disputaram a Copa do Mundo naquele ano, o Brasil se apresentou com uma seleção bastante modificada.<sup>431</sup> O jogo foi bastante equilibrado e aberto, com as duas equipes criando algumas chances de marcar, entretanto, o embate não primou pela técnica, ao ponto de Juan Pablo Varsky denominá-lo de “chatíssimo”.<sup>432</sup>

A Argentina iniciou com uma proposta bastante ofensiva, no entanto, foi o Brasil que dominou o jogo até a metade do primeiro tempo, inclusive com Daniel Alves acertando o travessão de Romero. A partir daí, Messi deixou o lado direito do campo para atuar mais no meio, a Argentina equilibrou o jogo e passou a levar perigo ao gol brasileiro. Apesar das chances criadas, o confronto se encaminhava para um frustrante 0X0, foi quando, aos 46 minutos da etapa final, o craque argentino “decidiu fazer tudo sozinho, Messi ganhou o jogo. Aproveitou falha de Douglas no meio de campo, ultrapassou Lucas e David Luiz e chutou cruzado para marcar”.<sup>433</sup> Argentina 1X0 Brasil.<sup>434</sup>

Destacado pela imprensa brasileira e argentina, a Folha de São Paulo afirmou que Messi havia acabado com tudo.

---

<sup>431</sup> Escalação da Seleção Argentina: Romero, Pareja, Zanetti, Heinze, Burdisso, Pastore (D’Alessandro), Mascherano, Di María, Banega, Messi e Huiguín (Lavezzi). Escalação da Seleção Brasileira: Victor, David Luiz, Daniel Alves, André Santos, Thiago Silva, Ramires (Jucilei), Lucas Leiva, Elias, Ronaldinho Gaúcho (Douglas), Robinho e Neymar (André). O árbitro da partida foi o catarense Abdala Balideh.

<sup>432</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 18 de novembro de 2010, p. D3.

<sup>433</sup> Idem, ibidem, p. D3.

<sup>434</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. OSHIKAMARO. “[HD 1080p] Brasil 0 x 1 Argentina - [Melhores momentos] 17/11/2010”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VVyaeVU-ckk>. Acessado em: 19 de julho de 2018.

Messi acabou com tudo. Acabou com a invencibilidade do Brasil diante da Argentina, que durava cinco anos e meio. Acabou com a série de jogos sem tomar gol da seleção brasileira sob o comando do técnico Mano Menezes. E acabou, sobretudo, com a própria incapacidade de vencer o maior rival dos argentinos. E de marcar gol na equipe verde-amarela.<sup>435</sup>

A defesa brasileira, formada por Tiago Silva e David Luiz, destacou-se, na opinião do cronista argentino Juan Pablo Varsky em sua coluna para a Folha de São Paulo. Contudo, o objeto principal de sua crônica era Messi, ou melhor, em sua incredulidade quanto às desconfianças dos argentinos em relação ao excepcional jogador.<sup>436</sup>

Ainda não consigo acreditar. Em meu país, Lionel Messi é contestado. Não o apreciam, é questionado. É criticado por não render como no Barcelona. É atacado por não saber o hino nacional e por não ter amor à camisa. Tolices. É o melhor jogador do mundo, mas aqui vive sob suspeita. (...) A Argentina festeja a vitória. Eu fico feliz por Messi. Ainda não acredito que em meu país ele seja contestado. Lamento por eles. Não sabem o que estão perdendo.<sup>437</sup>

A Argentina teria em 2011 uma grande oportunidade de quebrar seu jejum de títulos, afinal o país sediaria a Copa América. Além de se preparar para a competição, a albiceleste também iniciaria, no final do ano, as eliminatórias para a Copa do Mundo de 2014, a qual não contaria com a participação do Brasil, já classificado para o Mundial por ser o país sede.

As duas seleções prepararam-se, no primeiro semestre de 2011, para disputar a Copa América. O Brasil realizou quatro amistosos, em fevereiro perdeu para a França por 1X0 em Paris, no mês seguinte, em Londres, derrotou a Escócia por 2X0. Em junho, disputou, enfim no Brasil, dois amistosos, em Goiânia empatou com a Holanda por 0X0 e três dias depois ganhou da Romênia, em São Paulo, por 1X0. A Argentina se movimentou bem mais no período e disputou oito amistosos. Neles, Sergio Batista testou muitos jogadores, Em fevereiro, com convocações formadas por jogadores que, em sua maioria, atuavam no futebol local. Com seus principais jogadores, ainda em fevereiro, derrotou Portugal por 2X1, em

<sup>435</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 18 de novembro de 2010, p. D2.

<sup>436</sup> É interessante destacar que a narrativa de que Messi não conseguia repetir as atuações realizadas por sua equipe, o Barcelona, quando defendia a albiceleste, também era corrente entre jornalistas e torcedores brasileiros. A legitimação de tal discurso se deu com os repetidos fracassos da albiceleste em conquistar títulos, ao menos até 2018, enquanto pela equipe espanhola o craque argentino os colecionava.

<sup>437</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 18 de novembro de 2010, p. D3. A crônica também foi publicada no La Nacion no dia 18 de novembro. Cf. VARSKY, Pablo. “Todavía no puedo creer que en mi país se lo discuta”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1325913-todavia-no-puedo-creer-que-en-mi-pais-se-lo-discuta>. Acessado em: 19 de julho de 2018.

março empatou com os Estados Unidos por 1X1 e em junho derrotou a Albânia por 4X0. Sem convocar os seus principais valores, a equipe jogou em março contra a Venezuela e Costa Rica, em abril contra o Equador, em maio contra o Paraguai e em junho contra a Nigéria e a Polônia, alcançando 2 vitórias, 2 empates e 2 derrotas.<sup>438</sup>

A 43ª edição da Copa América foi disputada entre os dias 1º e 24 de julho na Argentina, oito cidades receberam os jogos. Nesta edição, assim como nas últimas, 12 seleções participaram da competição, as dez filiadas da Conmebol e mais 2 convidadas, México e Japão. A equipe asiática, em março de 2011, em virtude do forte terremoto seguido por um tsunami que atingiu duramente a costa nordeste do país, sinalizou que não deveria participar da Copa América e no dia 4 de abril confirmou sua desistência. Para o seu lugar foi convidada a Costa Rica.<sup>439</sup>

As seleções foram divididas em 4 grupos com 4 participantes, sem alterar a fórmula de disputa, as duas melhores seleções de cada grupo e mais as duas melhores terceiras colocadas de todos os grupos classificavam-se para a fase seguinte. Depois do sorteio, os grupos foram assim divididos: Grupo A – Argentina, Bolívia, Colômbia e Costa Rica. Grupo B – Brasil, Equador, Paraguai e Venezuela. Grupo C – Chile, México, Peru e Uruguai.

Como país sede, coube aos anfitriões abrirem a competição no dia 1º de julho contra a Bolívia em La Plata. Apesar do apoio da torcida, os anfitriões pouco produziram no primeiro tempo, gerando reclamações das arquibancadas antes de terminar os 45 primeiros minutos. A Bolívia, que pouco havia atacado, marcou logo aos 2 minutos da etapa complementar, após falha do setor defensivo e também do goleiro. Mesmo atuando mal, os donos da casa, conseguiram empatar aos 31 minutos, com Agüero e dar números finais ao jogo.

Em 6 de julho, a alvianil enfrentou, em Santa Fé, a Colômbia. A Argentina atuou sem inspiração e acabou empatando a partida em 0X0, apesar da equipe dirigida por Sergio Batista ter finalizado o confronto com quatro atacantes. Mais uma decepção para a torcida que

---

<sup>438</sup> Resultados: 17 de março – Argentina 4X1 Venezuela; 30 de março – Costa Rica 0X0 Argentina; 21 de abril – Argentina 2X2 Equador; 25 de maio – Argentina 4X2 Paraguai; 1º de junho – Nigéria 4X1 Argentina e 5 de junho – Polônia 2X1 Argentina.

<sup>439</sup> A Costa Rica aceitou participar do torneio desde que pudesse atuar com sua seleção sub-23 e mais cinco jogadores acima desta idade.

ao final do embate vaiou a equipe e cantou o nome “Diego” referindo-se ao ex-técnico, Diego Maradona. Com apenas 2 pontos, os anfitriões estavam na terceira colocação do grupo e para avançar na competição, sem depender de outros resultados, teria que vencer na última partida.

A decisão da chave ocorreu nos dias 10 e 11 de julho. Na primeira data, a Colômbia garantiu a liderança do grupo ao derrotar por 2X0 a Bolívia. Na fria noite de inverno, em Córdoba, Argentina e Costa Rica decidiram a sorte na competição. Desta feita, Messi e seus companheiros não decepcionaram. O atleta do Barcelona que até então havia sido muito discreto em suas apresentações, esbanjou categoria e talento contra os costarriquenhos. As alterações promovidas pelo técnico também ajudaram na melhora coletiva e individual da equipe. Os argentinos dominaram seu oponente desde o início do jogo, criaram inúmeras situações de perigo, inclusive acertando o travessão do goleiro da Costa Rica, só faltava o gol que veio nos descontos da primeira etapa, com Fernando Gago chutando forte da entrada da área, Leonel Moreira, goleiro da Costa Rica, deu rebote e Agüero, com o gol vazio, apenas empurrou para as redes para abrir o placar.

A Argentina voltou com o mesmo ímpeto na etapa final e o segundo gol saiu logo aos 7 minutos. Messi deu um passe perfeito para Agüero que chutou rasteiro, cruzado, no canto esquerdo, para ampliar o resultado e dar maior tranquilidade para a sua equipe. Menos pressionada, a Argentina “passou a apresentar um futebol vistoso. A Costa Rica, (...), não teve outra opção a não ser tentar evitar a goleada”.<sup>440</sup> Aos 18 minutos, Messi percebeu a passagem de Di María correndo pela esquerda e deu uma assistência perfeita para o atacante, que dominou com leve toque na bola e chutou certo, forte, para marcar o terceiro gol. Com a vitória garantida e a classificação assegurada, os argentinos ainda perderam várias chances de expandir o placar. “A Argentina de Messi estreou para valer na Copa América ontem”, sentenciou a Folha de São Paulo.<sup>441</sup>

O caminho brasileiro na primeira fase da competição não foi mais tranquilo do que o vivido pelo seu rival. Na partida de estreia, contra a Venezuela, no dia 3 de julho em La Plata, a equipe, mesmo atuando ofensivamente, empatou por 0X0. No primeiro tempo foram criadas inúmeras oportunidades, mas “sobrou displicência”<sup>442</sup> para marcar. O rendimento do

---

<sup>440</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 12 de julho de 2011, p. D7.

<sup>441</sup> Idem, ibidem, p. D7.

<sup>442</sup> Idem, 4 de julho de 2011, p. D2.

Brasil caiu no segundo tempo e a equipe foi neutralizada pelos venezuelanos. Ao final, a torcida brasileira presente, além das vaias, gritava ironicamente por “Maradona”.

A crônica de Claudio Mauri ressaltou um aspecto que é recorrente na imprensa argentina, a grande capacidade do Brasil em produzir bons valores. No entanto, por se tratar de uma equipe em formação e que atravessava um processo de reformulação, o cronista destacou que uma equipe precisa de tempo para se formar e ganhar a maturidade necessária técnica e taticamente, não tendo sido capaz de vencer e nem mesmo fazer um único gol em um adversário que tinha por costume golear.

O futebol tem seus tempos, que tendem a ser mais lentos do que aqueles usados pelo marketing ou outros aparatos publicitários, empenhados em uma constante promoção de grandes figuras e de que equipes que, supostamente, seriam construídas da noite para o dia, com individualidades que resolvem e deslumbram em um abrir e fechar de olhos. A tentação de aplicar esses parâmetros ao Brasil é muito grande em virtude do enorme potencial futebolístico do país dos pentacampeões mundiais e atuais bicampeões da Copa América. Porém, o Brasil, ainda dispendo de mais matéria prima que o resto, também está submetido às leis do futebol que indicam que as grandes equipes não se encontram dobrando a esquina. O processo de construção e busca é longo e está exposto às vicissitudes, como as que viveu o Brasil na estreia ante um rival ao qual habitualmente goleia e ontem não conseguiu vencer e nem marcar um gol.<sup>443</sup>

Em outra matéria, na qual percebe-se a importância que o futebol brasileiro tem para o argentino, o jornalista Fernando Czyz destacou as cinco falhas e similaridades das estreias decepcionantes de Argentina e Brasil, são elas: 1. A surpresa do resultado (negativo) na estreia; 2. As fracas atuações dos dois principais jogadores das duas equipes, Messi e Neymar; 3. A reprovação da torcida; 4. A falta de variações na forma de atuar e de reação a partir do banco de reservas e 5. O futuro incerto dos treinadores que, dependendo dos resultados na competição, poderiam deixar os seus cargos.<sup>444</sup>

No dia 9 de julho, em Córdoba, o Brasil enfrentou o Paraguai, adversário mais tradicional e perigoso que o da estreia. Mano Menezes começou a ser questionado pela torcida já na entrada de campo em virtude de ter substituído Robinho da equipe titular e

---

<sup>443</sup> LA NACION, 4 de julho de 2011. MAURI, Claudio. “Brasil no pudo con Venezuela: a los garotos les sobra vidriera y les falta maduración”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1386569-brasil-da-su-primer-paso-ante-venezuela>. Acessado em: 20 de julho de 2018.

<sup>444</sup> Idem, ibidem. CZYZ, Fernando. “La Argentina y Brasil: las 5 similitudes de dos debuts decepcionantes”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1386645-las-5-similitudes-de-los-debuts-de-la-argentina-y-brasil>. Acessado em: 20 de julho de 2018.

colocado em seu lugar Jadson, que atuava naquele momento no futebol da Ucrânia. A nova aposta do técnico brasileiro começou nervoso a partida e errando muitos passes, em decorrência dos equívocos, o atleta passou a ser vaiado ainda aos 25 minutos da primeira etapa. Além de pedirem a entrada de Lucas a torcida entoava “Olê, olê, olê, olá, Marta, Marta”, em alusão ao ótimo futebol apresentado pela camisa 10 da Seleção Brasileira feminina. Apesar de dar mostras que sentia as vaias, foi de Jadson o gol de abertura do placar, aos 39 minutos do primeiro tempo. Mesmo saindo para o intervalo com a vantagem, Mano Menezes era chamado de burro por um grupo de torcedores.<sup>445</sup>

O Paraguai, ao contrário do que Mano esperava, continuou com sua estrutura cautelosa e em busca do contra-ataque. Em falha do setor defensivo brasileiro o Paraguai chegou ao empate. Na cobrança do tiro de meta, Estigarribia escapou nas costas de Daniel Alves, avançou em velocidade e cruzou rasteiro para dentro da área, Thiago Silva não foi capaz de interceptar o lance e a bola chegou até Roque Santa Cruz, livre, chutar ao gol aos 9 minutos. Se o Brasil não jogava bem, sua atuação tornou-se ainda pior após o gol de empate.

A situação se complicou ainda mais aos 21 minutos, em nova falha de Daniel Alves, ao perder a bola dentro da área brasileira para Riveros, que tocou para Roque Santa Cruz, e este serviu para Valdez, que chutou na saída de Júlio César. Lúcio se jogou em um carrinho para tirar a bola que bateu em sua perna, no corpo de Valdez e entrou. O Brasil, mesmo desorganizado, tentou o gol de empate enquanto os paraguaios tocavam a bola. Aos 44 minutos, Fred, que havia entrado no lugar de Neymar, recebeu passe dentro da área, girou e chutou para empatar a partida. O Brasil, com 2 pontos conquistados, só avançaria para a próxima fase se derrotasse na rodada final o Equador.

Claudio Mauri intitulou sua crônica: “Brasil, um espelho da Argentina, apenas empatou com o Paraguai em cima da hora”.<sup>446</sup> Nela, o cronista destacou a imaturidade da equipe brasileira e até por causa disto, percebia uma grande margem de progresso para ela. Mas, também fazia um alerta, demonstrando o respeito pelo futebol brasileiro, para que não se subestimasse o poderio deste time. “Essa equipe de Mano Menezes mostra sinais de imaturidade, tem uma margem considerável de progresso à frente. Está verde ainda, mas

---

<sup>445</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 10 de julho de 2011, p. D2.

<sup>446</sup> LA NACION, 10 de julho de 2011. MAURI, Claudio. “Brasil, un espejo de la Argentina: apenas le empató a Paraguay sobre la hora”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1388219-brasil-con-sus-figuras-ante-el-duro-paraguay>. Acessado em: 20 de julho de 2018.

nunca se deve subestimá-la”.<sup>447</sup> O *La Nacion* ainda reverberou as duras críticas da imprensa brasileira.<sup>448</sup>

Novamente em Córdoba, na noite de 13 de julho, o Brasil enfrentou o Equador precisando da vitória. Mano alterou a escalação pela terceira vez, o que lhe rendeu algumas críticas dos periódicos brasileiros. Desta feita, o Brasil jogou melhor, especialmente no segundo tempo, e apesar das falhas de Júlio César que geraram os dois gols equatorianos, o ataque funcionou com Neymar e Pato que marcaram dois gols cada um. A vitória por 4X2 ainda deu a primeira colocação do grupo para o Brasil que, nas quartas de final voltaria a enfrentar o Paraguai.

O Brasil não jogou muito melhor no primeiro tempo “em relação a chatura das partidas anteriores” para Claudio Mauri. Segundo ele, Ganso continuava apagado e os dois outros jogadores do meio campo, Ramires e Lucas “não tem mais capacidade panorâmica do que dar um passe de cinco metros”. No entanto, a partida ficou emocionante no segundo tempo, especialmente com a melhora de produção de Ganso, atleta que “é capaz de fazer uma assistência através do olho de uma agulha” e de Neymar. Mauri reconheceu que com a vitória “O Brasil se senta na mesa em que nunca falta”<sup>449</sup> afirmação que vai ao encontro da opinião de Tostão: “A Seleção Brasileira, como a argentina e a uruguaia, na hora agá, garantiram classificação para as quartas de final da Copa América. Era óbvio”.<sup>450</sup>

As quartas de final começaram no dia 16 de julho com a vitória do Peru sobre a Colômbia por 2X0. No mesmo dia, mais tarde, o clássico do Rio da Prata, Argentina e Uruguai,<sup>451</sup> disputado em Santa Fé, determinaria o adversário do Peru nas semifinais. Os argentinos, como anfitriões, eram os favoritos segundo a imprensa. O confronto foi extremamente movimentado, o melhor jogo da Copa América de 2011, digno de um clássico

---

<sup>447</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>448</sup> LA NACION, 10 de julho de 2011. “La prensa brasileña, durísima: ‘Fred salva a Brasil de la vergüenza’”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1388272-fred-salva-a-brasil-de-la-verguenza>. Acessado em: 20 de julho de 2018.

<sup>449</sup> Idem, 11 de julho de 2011. MAURI, Claudio. “Brasil nunca falta”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1389229-brasil-ante-la-presion-de-ganar-para-clasificarse>. Acessado em: 20 de julho de 2018.

<sup>450</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 11 de julho de 2011, p. D3.

<sup>451</sup> O clássico é considerado o mais antigo da história do futebol, disputado desde 1902. Cf. CONMEBOL. “Uruguai X Argentina, o mais antigo clássico”. Disponível em: <http://www.conmebol.com/pt-br/uruguai-x-argentina-o-mais-antigo-classico>. Acessado em: 20 de julho de 2018. O site citado apresenta as estatísticas da Conmebol sobre este enfrentamento até a partida anterior a que foi disputada em 31 de agosto de 2017. Há relatos que afirmam que o primeiro enfrentamento entre argentinos e uruguaios ocorreu em 1901.

que envolvia quatro títulos mundiais. Os times estavam, taticamente, configurados da mesma forma, no 4-2-3-1 e apostavam nos seus respectivos camisas 10: Messi, pela Argentina, e Forlán, pelo Uruguai.

Os Uruguaios saíram na frente. Aos 5 minutos, em cobrança de falta da intermediária, a bola foi alçada na área para a forte cabeçada de Cáceres, no canto, Romero defendeu parcialmente, no rebote Diego Pérez se jogou na bola para empurrar para dentro do gol. A Argentina intensificou a pressão em busca do empate e ainda aos 17 minutos Messi fez um lançamento pelo alto com precisão na cabeça de Higuaín para este cabecear, sem chances para Muslera. A situação uruguaia se complicou aos 37 minutos quando o autor do gol, Cáceres, recebeu o segundo cartão amarelo e foi expulso. No entanto, foi dos uruguaios a melhor chance no final do primeiro tempo quando Lugano acertou a trave argentina.

Os anfitriões, aproveitando-se da vantagem numérica, pressionaram o seu adversário e criaram as melhores oportunidades no segundo tempo, mas não conseguiram superar Muslera, jovem goleiro que realizou importantes e difíceis defesas. O Uruguai, bem postado na defesa, jogava no contra-ataque. A vantagem de contar com um jogador a mais se desfez aos 41 minutos da segunda etapa quando Mascherano fez falta em Luis Suárez e também recebeu o segundo cartão amarelo. O tempo regulamentar terminou em 1X1.

Apesar das equipes estarem visivelmente desgastadas, a prorrogação foi muito disputada e o primeiro tempo foi muito equilibrado. Na etapa final, ao contrário, os argentinos comandaram o jogo, mas não conseguiram desempatar a partida. A definição ficou para as cobranças de pênaltis. A Argentina abriu a série, Messi e Burdisso converteram, assim como Forlán e Luis Suárez para o Uruguai. Na terceira cobrança, Tévez parou em mais uma defesa de Muslera. Daí em diante todos os demais cobradores acertaram suas cobranças e o Uruguai eliminou a Argentina por 5X4<sup>452</sup> no mesmo dia em que os vencedores comemoravam mais um aniversário do *Maracanazo*, lembrou a Folha de São Paulo.<sup>453</sup>

---

<sup>452</sup> Os batedores na ordem foram: Argentina – Messi, Burdisso, Tévez, Pastore e Higuaín. Uruguai – Forlán, Luis Suárez, Scott, Gargano e Cáceres. Pela dramaticidade e qualidade do jogo optou-se, ainda que não trate de um enfrentamento entre brasileiros e argentinos assim como um jogo de Copa do Mundo, por destacar o endereço eletrônico no qual os melhores momentos podem ser assistidos no YouTube. Cf. ACOSTA, Marcio. “Argentina X Uruguai - Copa América 2011 - 16/07/2011 - All Goals Highlights & Penalties”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CN35kbQ5y10>. Acessado em: 20 de julho de 2018.

<sup>453</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 17 de julho de 2011, p. D16.

Ao contrário da imprensa argentina, que costuma analisar mais detidamente os aspectos táticos e técnicos da Seleção Brasileira, os jornais brasileiros se contentam com o relato da partida, dificultando perceber a construção de uma narrativa mais densa sobre o futebol do rival. De qualquer forma, um elemento constante nos discursos brasileiros se fez presente e se encaixa para os dois adversários: a virilidade. Além disso, a busca por um culpado, o vilão, comum quando o Brasil é derrotado, também foi destacado pelo enviado da Folha de São Paulo.

Honrando as tradições de Argentina X Uruguai, o clássico mais antigo e mais comum na Copa América, os vizinhos do rio da Prata fizeram ontem um duelo viril e tenso, que terminou pior para os anfitriões argentinos e com Tévez como vilão.<sup>454</sup>

No dia seguinte foi a vez de Brasil e Paraguai se enfrentarem em La Plata no péssimo gramado do Estádio Ciudad de La Plata. O Brasil repetiu a escalação da partida anterior e, com mais conjunto, dominou o Paraguai durante os 90 minutos, equipe que “se propôs a jogar da forma mais covarde possível: trancado atrás”.<sup>455</sup> No entanto, apesar de ter chutado 22 vezes contra o gol adversário, a pontaria se mostrou um problema, afinal 16 chutes não foram na direção do gol. Apesar do “massacre”,<sup>456</sup> com bola na trave e grandes defesas do arqueiro paraguaio, a partida terminou empatada sem gols e foi para a prorrogação.

O panorama não se alterou nos 30 minutos adicionais, o Brasil continuou pressionando, mas não conseguiu marcar o gol. A vaga para as semifinais foi então decidida nas penalidades máximas e pela primeira vez na história da Seleção Brasileira, os 4 batedores erraram suas cobranças.<sup>457</sup> O Paraguai acertou duas batidas, errou uma e eliminou a equipe dirigida por Mano Menezes, em sua primeira competição oficial, da luta pelo tricampeonato da Copa América.

A opinião de Diego Morini não foi distinta da imprensa brasileira: “O Paraguai, com alta dose de sorte, ficou com o passaporte para as semifinais e deixou de fora o

---

<sup>454</sup> Idem, *ibidem*, p. D16.

<sup>455</sup> Idem, 18 de julho de 2011, p. D2.

<sup>456</sup> Termo utilizado pela Folha de São Paulo para explicitar o domínio brasileiro contra o Paraguai. Cf. Idem, *ibidem*.

<sup>457</sup> Elano, André Santos e Fred chutaram para fora e a cobrança de Thiago Silva foi defendida por Villar. O Paraguai errou uma cobrança e marcou com Estigarribia e Riveros.

bicampeão continental, que durante a partida foi muito superior, mas perdeu os quatro pênaltis após o empate sem gols”.<sup>458</sup>

O cronista também ressaltou o estilo, que ele chama de DNA brasileiro de jogar futebol, vertical e habilidoso. Mas, ele chamou a atenção para um problema vivido pela equipe comandada por Mano Menezes, a fraca média de gols marcados por partida e isto explicaria o motivo do domínio brasileiro não ter se configurado, ao final dos 90 ou até dos 120 minutos, em um vitória e classificação para a próxima fase.

Curioso o caso verde-amarelo, porque fez o seu (papel). Está em seu DNA a verticalidade, aquela que se reclamava de Dunga e se busca recuperar com Menezes. Se ofereceu genuíno às vezes, era aquele Brasil encantador quando Robinho assumia o controle. (...) Porém há determinados antecedentes do Brasil que permitem entender porque Villar teve uma noite perfeita (...). (...) porque esta debilidade verde-amarela em fazer gols é um tormento para o *scratch* desde que começou o ciclo Mano Menezes, porque tem uma média fraca de gols, que não alcança um gol por jogo (15 gols em 17 partidas).<sup>459</sup>

A última partida das quartas de final também apresentou um resultado surpreendente, a Venezuela derrotou o Chile por 2X1 e pela primeira vez ficou entre os quatro primeiros colocados do continente.<sup>460</sup> Desta forma, Peru e Uruguai realizaram uma das semifinais, vitória dos uruguaios por 2X0. Na outra partida, Paraguai e Venezuela empataram sem gols no tempo normal e na prorrogação. Nos pênaltis, os paraguaios avançaram novamente. Fato curioso, o Paraguai poderia ser campeão da Copa América sem vencer uma única partida no torneio,<sup>461</sup> para isso teria que empatar com os uruguaios no tempo normal e prorrogação e derrotá-los nas penalidades na decisão do campeonato.

A final foi disputada no dia 24 de julho, em Buenos Aires, no Estádio Monumental de Núñez. Desta feita, o Paraguai foi facilmente derrotado pelos uruguaios por 3X0, gols de Suárez e dois de Forlán. Era a 15ª Copa América conquistada pela Celeste que ultrapassava a Argentina (14 títulos) como a seleção mais vencedora do torneio.

<sup>458</sup> LA NACION, 18 de julho de 2011. MORINI, Diego. “Perplejo: Brasil y una increíble eliminación”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1390464-perplejo>. Acessado em: 21 de julho de 2018.

<sup>459</sup> Idem, ibidem.

<sup>460</sup> A Venezuela terminou na quarta colocação ao ser derrotada pelo Peru por 4X1 na disputa pelo terceiro lugar. Paolo Guerrero, atleta da Seleção Peruana, assinalou três gols nesta partida e com eles tornou-se o artilheiro da competição com 5 gols marcados.

<sup>461</sup> O Paraguai chegou na decisão da Copa América de 2011 empatando os 5 jogos que disputou, pela ordem: Paraguai 0X0 Equador, Paraguai 2X2 Brasil, Paraguai 3X3 Venezuela, Paraguai 0X0 Brasil e Paraguai 0X0 Venezuela.

O fracasso argentino levou à saída de Sergio Batista do comando da equipe no dia 25 de julho, sem sequer completar um ano no cargo. Sob sua batuta a equipe atuou 17 vezes, com 8 vitórias, 6 empates e 3 derrotas. No dia 6 de agosto, após algumas especulações, Alejandro Sabella assumiu oficialmente a responsabilidade de comandar a Seleção da Argentina.<sup>462</sup>

No Brasil, antes mesmo da coletiva para a imprensa depois da derrota para o Paraguai, as dúvidas sobre a continuidade do treinador foram desfeitas com a garantia de Ricardo Teixeira, presidente da CBF, da continuidade de Mano Menezes no comando da seleção.

Minutos antes de sua entrevista coletiva, Mano recebeu o aval do presidente da CBF, Ricardo Teixeira, para permanecer no cargo. Na conversa, o dirigente disse que o treinador está no caminho certo e tem que continuar renovando o grupo.<sup>463</sup>

### **7.9. A COPA ROCA REBATIZADA – O SUPERCLÁSSICO DAS AMÉRICAS EM 2011 E AS ELIMINATÓRIAS SUL-AMERICANAS (2011-2013)**

Antes de iniciar as eliminatórias, a Argentina realizou quatro partidas em setembro. No dia 2, na estreia do novo treinador, ganhou da Venezuela por 1X0 e quatro dias depois ganhou da Nigéria por 3X1. Nos dias 14 e 28 enfrentou o Brasil pelo denominado Superclássico da América, novo nome dado para a Copa Roca.

O Brasil, até enfrentar a Argentina, jogou duas partidas. Perdeu, em agosto, para a Alemanha por 3X2 em partida disputada em Stuttgart e no dia 5 de setembro triunfou sobre Gana por 1X0, em Londres.

O Superclássico da América foi disputado sem contar com os atletas que atuavam fora do país. Para a Folha de São Paulo, aproveitando-se do melhor momento econômico que o país atravessava, era o momento de provar a superioridade brasileira não apenas fora do

---

<sup>462</sup> Antes mesmo de ser anunciado oficialmente, mas em virtude das afirmações do presidente da AFA que Alejandro Sabella seria o novo treinador da seleção principal da Argentina, o site Globoesporte.com fez uma longa matéria descrevendo a carreira de Sabella, como ex-jogador e também técnico. Cf. GLOBOESPORTE.COM. “Conheça Alejandro Sabella, novo treinador da seleção argentina”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/platb/futebolargentino/2011/08/01/conheca-alejandra-sabella-novo-treinador-da-selecao-argentina/>. Acessado em: 21 de julho de 2018.

<sup>463</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 18 de julho de 2011, p. D4.

gramado, por ter campeonatos mais organizados e ricos, mas também dentro das 4 linhas. O citado poderio fora de campo reverberava na presença de Ronaldinho Gaúcho e Neymar na equipe, titulares mesmo se os “europeus” fossem convocados.

Para o futebol brasileiro, trata-se da oportunidade de provar que é tão superior ao país vizinho dentro do campo quanto já o é fora dele. O Brasileiro é mais rico, mais organizado e mais visto que o Argentino. Assim, consegue reter seus talentos por mais tempo e repatriar astros quando ainda têm “vida útil”. Tanto que a seleção de Mano tem nomes badalados, como Ronaldinho e Neymar, titulares mesmo quando os “europeus” estão junto.<sup>464</sup>

A primeira partida foi disputada na noite de 14 de setembro no Estádio Mario Alberto Kempes, em Córdoba.<sup>465</sup> Com apenas um treino que reverberou em uma equipe desentrosada, o Brasil realizou uma partida ruim. A Argentina começou melhor, dominando o confronto e demonstrando maior repertório ofensivo, no entanto, a contusão de Boselli, ainda aos 26 minutos da primeira etapa, fez o jogo cair de qualidade. “Sem seu jogador mais perigoso, a Argentina murchou. O Brasil não aproveitou, e o jogo esfriou”. No final, sem muitas emoções, a partida terminou sem gols e sob vaias dos torcedores presentes.<sup>466</sup>

Crítica, a Folha de São Paulo estampou na manchete: “Santo de casa não faz milagre: Seleção 100% nacional joga mal como a ‘estrangeira’ e Brasil empata com a Argentina”. O La Nación, assumindo indiretamente em seu discurso, que os valores brasileiros eram, ao menos teoricamente, superiores aos argentinos, ressaltou como sua seleção costuma se agigantar ao enfrentar o rival e, neste sentido, fortaleceu as narrativas provenientes do Brasil que destacaram a vontade e raça dos jogadores da albiceleste, assim como, a própria afirmação argentina que para vencer o talento brasileiro era preciso atuar concentrados e muito bem coletivamente.

A camisa amarela na frente acende os jogadores argentinos. Para não falar da gente. Se agita como uma capa vermelha diante de um touro raivoso. São momentos em que ninguém se sente menos do que ninguém. Nem que

<sup>464</sup> Idem, 14 de setembro de 2011, p. D2. Na página seguinte, o periódico ressaltou como o bom momento econômico vivido pelo Brasil atraía jogadores argentinos para o seu futebol e como as empresas brasileiras estavam estampando seus patrocínios em equipes argentinas.

<sup>465</sup> Escalação da Seleção Argentina: Orión, Sebastián Domínguez, Cellay, Desábato, Iván Pillud, Canteros, Zapata, Papa, Fernández (Cristian Chávez), Boselli (Gigliotti) e Martínez (Mouche). Escalação da Seleção Brasileira: Jefferson, Kleber, Réver, Dedé, Danilo Renato (Oscar), Ralf, Ronaldinho Gaúcho, Paulinho (Casemiro), Leandro Damiano e Neymar. O árbitro da partida foi o chileno Enrique Osses.

<sup>466</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. CRUZEIROEVIDEOS. “Melhores Momentos de: Argentina 0 x 0 Brasil - Superclássico das Américas 2011”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C3ZST3AVJio>. Acessado em: 21 de julho de 2018.

Ronaldinho nem que Neymar. São minutos em que esses jogadores, os dos gramados argentinos, se veem iguais aos do Camp Nou, aos do Bernabéu, aos do Giuseppe Meazza. (...) Sim, o mesmo [Sabella] disse que a base da seleção está na Europa. Mas estes rapazes, a sua maneira, também responderam. Existe gana. Se vê concentração. Se nota a força de vontade.<sup>467</sup>

A partida que decidiria o Superclássico das Américas foi disputado no dia 28 de setembro na cidade de Belém, no Estádio Mangueirão. Para a imprensa brasileira era o momento de Mano conquistar sua primeira taça com a seleção ou afundar-se irremediavelmente na crise. Também seria a oportunidade do técnico alcançar sua primeira vitória contra um adversário da elite do futebol mundial. Mano ficou irritado com Sabella que convocou jogadores argentinos que atuavam no futebol brasileiro, segundo o técnico do Brasil, alterava-se o regulamento que previa que os jogadores deveriam atuar no futebol local.<sup>468</sup>

Os pentacampeões tiveram o domínio da bola no decorrer da primeira etapa, mesmo atuando melhor não criaram oportunidades claras para marcar, assim como não permitiram que seu adversário o fizesse. No segundo tempo, a partir de um contra-ataque iniciado com Cortês, o lateral brasileiro tocou para Borges no círculo central e este, de primeira, passou para Danilo que de imediato lançou Lucas, o atacante arrancou em velocidade na direção do gol, sem que Sebastián Domínguez conseguisse alcançá-lo, ignorou Neymar que entrava livre pelo centro, para tocar com categoria na saída de Orión. Brasil 1X0. A Seleção Brasileira continuou melhor e aos 31 minutos Cortês rolou para Diego Souza que cruzou para Neymar, dentro da pequena área dar números finais ao confronto.<sup>469</sup>

Noite de alívio no Mangueirão: a seleção brasileira de Mano Menezes finalmente bateu um adversário de peso. Era uma seleção argentina B, sem Messi, sem os “europeus”, mas era a Argentina, a mesma que jogou melhor que o Brasil há duas semanas, em empate sem gols. Ontem, o time de Mano, também formado por atletas locais, foi muito superior.<sup>470</sup>

<sup>467</sup> LA NACION, 15 de setembro de 2011. SCHIAVO, Francisco. “La selección local hace fuerza”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1406024-juega-con-el-corto-plazo>. Acessado em: 21 de julho de 2018.

<sup>468</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Jefferson, Réver, Dedé, Bruno Cortes (Kleber), Danilo, Rômulo, Ralf, Ronaldinho Gaúcho, Lucas (Diego Souza), Borges (Fred) e Neymar. Escalação da Seleção Argentina: Orión, Iván Pillud (Mouche), Sebastián Domínguez, Cellay, Desábato, Guíñazú, Papa, Canteros (Bolatti), Fernández, Montillo e Viatri. O árbitro da partida foi o uruguaio Jorge Larrión.

<sup>469</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. SOVIDEOEMDH1. “Gols - Brasil 2 x 0 Argentina - Superclássico das Américas 2011 - Globo HD”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=GS0\\_t60FBbA](https://www.youtube.com/watch?v=GS0_t60FBbA). Acessado em: 21 de julho de 2018.

<sup>470</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 29 de setembro de 2011, p. D2.

Faltando apenas 8 dias para a estreia nas eliminatórias para a Copa de 2014, a imprensa argentina entendeu que o pior da derrota em Belém foi impossibilitar Sabella de encontrar as confirmações dos atletas locais que poderiam reforçar a base europeia. Christian Leblebidjian também ressaltou que a Seleção Brasileira se apresentou melhor e que o esquema 5-3-1-1 elaborado por Sabella foi sempre superado quando o Brasil acelerava a partida. Para o cronista, a derrota, dolorida para os argentinos, deveria ser entendida como um aprendizado para a disputa das eliminatórias.<sup>471</sup>

A Argentina iniciou sua campanha nas eliminatórias no dia 7 de outubro. Desta feita, o Brasil, por ser sede da Copa do Mundo de 2014, já estava classificado e não participou da disputa. Assim como havia ocorrido nas últimas edições, as seleções filiadas à Conmebol foram colocadas em grupo único se enfrentando em jogos de ida e volta. As quatro primeiras colocadas estariam automaticamente classificadas e a quinta colocada disputaria a repescagem.<sup>472</sup>

Sem a presença do Brasil, as eliminatórias, que duraram 2 anos, entre 7 de outubro de 2011 e 15 de outubro de 2013, perderam certo interesse por parte da imprensa local, por isso optou-se por apresentar de forma mais sintética os resultados da Argentina. A equipe de Sabella largou com uma boa vitória sobre o Chile por 4X1 em Buenos Aires, mas tropeçou na segunda rodada ao ser derrotada fora de casa pela Venezuela. As críticas se intensificaram em novembro, na terceira rodada, quando a equipe alvianil apenas empatou com a Bolívia em casa. Tal fato elevou a importância da última partida de 2011 contra a Colômbia em Barranquilla. Depois de ser dominada no primeiro tempo, quando saiu perdendo o jogo e chegou a ouvir gritos de “olé” da torcida local, Sabella alterou a equipe que conseguiu virar o duelo para 2X1 e recuperar-se do “tropeço ao empatar com a Bolívia (1 a 1) em casa na última sexta-feira”.<sup>473</sup> Desta forma, ao finalizar o ano, Uruguai, Argentina e Venezuela dividiam a liderança das eliminatórias com 7 pontos conquistados. Equador e Chile seguiam logo atrás com 6 pontos.

---

<sup>471</sup> LA NACION, 29 de setembro de 2011. LEBLEBIDJIAN, Christian. “Superclásico de las Américas: una derrota inoportuna para Argentina”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1409915-brasil-argentina-el-clasico-del-futuro>. Acessado em: 21 de julho de 2018.

<sup>472</sup> Os confrontos da repescagem foram, pela primeira vez, determinados por sorteio. Até então, os jogos já eram decididos pela FIFA de antemão. O representante da Conmebol enfrentaria a quinta colocada da Confederação Asiática de Futebol (AFC).

<sup>473</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 16 de novembro de 2011, p. D8.

O Brasil, por sua vez, realizou amistosos no final de 2011. Em outubro venceu a Costa Rica e o México, 1X0 e 2X1, respectivamente e no mês seguinte somou mais duas vitórias contra adversários menos expressivos no cenário internacional, 2X0 sobre o Gabão e repetiu o placar contra o Egito.

As eliminatórias só foram retomadas em junho de 2012. Durante o intervalo de tempo a Argentina realizou um único amistoso, em fevereiro, quando derrotou a Suíça por 3X1. O Brasil, no decorrer do ano, realizou doze amistosos,<sup>474</sup> além de se concentrar para a disputa das Olimpíadas de Londres, nova oportunidade de ganhar a inédita medalha de ouro. Em setembro e em novembro foi disputado, mais uma vez, o Superclássico das Américas.

No dia 3 de junho a Argentina passou com facilidade pelos equatorianos em Buenos Aires por 4X0 e assumiu, beneficiada pelo empate entre Uruguai e Venezuela, o primeiro lugar isolado das eliminatórias. Em virtude da ausência do Brasil da competição, todas as equipes teriam uma rodada sem jogo, exatamente quando enfrentariam a Seleção Brasileira, para a Argentina a “folga” foi na sexta rodada e ela foi aproveitada pelos comandados de Salabella para enfrentar exatamente o Brasil em amistoso nos Estados Unidos. Antes de tratar deste jogo, assim como do Superclássico das Américas de 2012, optou-se por abordar o restante das eliminatórias e outros amistosos.

Em setembro foram disputadas mais duas rodadas das eliminatórias. No dia 7 de setembro em Córdoba a Argentina derrotou o Paraguai por 3X1 e no dia 11 de setembro empatou, em Lima, com o Peru por 1X1. A última rodada do “primeiro turno” foi disputada no dia 12 de outubro com o clássico do Rio da Prata em Buenos Aires. Desta feita, a albiceleste derrotou os uruguaios, com facilidade, por 3X0, finalizando esta fase na liderança da competição somando 17 pontos, seguido de perto por Colômbia e Equador com 16 pontos. A vitória contra o Uruguai e a derrota, nesta mesma rodada, do Chile para a Colômbia permitiu que os argentinos abrissem 5 pontos de vantagem sobre o quarto e também sobre o quinto colocado. Ao contrário do que ocorreu nas eliminatórias para a Copa de 2010, a classificação agora acenava com menor dramaticidade.

---

<sup>474</sup> Amistosos do Brasil em 2012, exceto os confrontos com a Argentina: Bósnia e Herzegovina 1X2 Brasil; Dinamarca 1X3 Brasil; Estados Unidos 1X4 Brasil; México 2X0 Brasil; Grã-Bretanha 0X2 Brasil; Suécia 0X3 Brasil; Brasil 1X0 África do Sul; Brasil 8X0 China; Iraque 0X6 Brasil; Japão 0X4 Brasil e Colômbia 1X1 Brasil.

Ainda em outubro, no dia 16, foi disputada a última rodada da competição no ano de 2012, nela a Argentina obteve importante vitória contra o Chile em Santiago por 2X1, acrescido da derrota do Uruguai para a Bolívia, em La Paz, por 4X1, a classificação ficava bem encaminhada, pois a vantagem agora era de 8 pontos em relação ao quarto colocado.

Em março de 2013, a Argentina reiniciou sua campanha pelas eliminatórias derrotando em Buenos Aires, por 3X0, a Venezuela e empatando em La Paz com a Bolívia por 1X1. A vantagem para o quinto colocado, o Uruguai, era agora de 11 pontos. Restavam apenas 15 pontos em disputa.

As rodadas disputadas em junho não asseguraram matematicamente a classificação antecipada da Argentina, que enfrentou as seleções que ocupavam a terceira e a segunda colocação na tabela das eliminatórias, respectivamente. Em Buenos Aires empatou sem gols com a Colômbia e em Quito, novo empate, agora por 1X1, com o Equador. A vantagem sobre o Uruguai, que descansou na décima terceira rodada, ainda era de 10 pontos, mas acabou se reduzindo para 7 pontos na décima quinta rodada, disputada em 6 de setembro, momento em que a Argentina não jogou.

A classificação antecipada para a Copa de 2014 veio na rodada disputada no dia 10 de setembro quando a Argentina derrotou em Assunção o Paraguai por 4X2. Apesar do Uruguai também ter derrotado a Colômbia, a diferença manteve-se em 7 pontos, no entanto faltavam apenas duas rodadas para o fim das eliminatórias, ou seja, 6 pontos em disputa. A Argentina carimbou sua vaga para o Mundial do Brasil e agora o objetivo era terminar na liderança das eliminatórias, fato que ocorreu na penúltima rodada, em 11 de outubro, quando derrotou em Buenos Aires o Peru e a Colômbia empatou com o Chile em Barranquilla. A partida mais importante da penúltima rodada foi disputada em Quito, entre Equador e Uruguai, a vitória dos donos da casa por 1X0 praticamente os garantiram a quarta vaga das eliminatórias.

Na última rodada, o Chile venceu o Equador por 2X1 em Santiago e o Uruguai derrotou a Argentina por 3X2 em Montevideu, no entanto, por ter um saldo de gols superior, o Equador ficou com a quarta colocação e o Uruguai, pela quarta vez consecutiva, precisou

jogar a repescagem.<sup>475</sup> A equipe sul-americana enfrentou a Jordânia, quinta colocada da Ásia. No primeiro confronto, no dia 13 de novembro, em Amman, o Uruguai praticamente garantiu sua classificação ao derrotar o seu oponente por 5X0. Na partida da volta, sete dias depois, em Montevideu, relaxado com o resultado construído, a equipe uruguaia jogou mal e empatou sem gols com o seu adversário e tornou-se a 32<sup>o</sup> e última seleção a se classificar para disputar o Mundial de 2014.

### 7.10. AMISTOSO NOS ESTADOS UNIDOS E O SUPERCLÁSSICO DAS AMÉRICAS EM 2012

Após vencer o Equador pelas eliminatórias na quinta rodada do retorno, a Argentina folgaria na seguinte, pois, como foi já foi ressaltado, seria, teoricamente, o confronto contra a Seleção Brasileira caso as eliminatórias estivessem sendo disputadas com as 10 seleções que formam a Conmebol. Ao invés de liberar a equipe, a AFA aproveitou a data e disputou um amistoso nos Estados Unidos exatamente contra o Brasil, com o intuito de dar maior entrosamento à equipe, uma vez que Sabella afirmou que a Argentina era uma equipe em formação.

Já preocupado com as Olimpíadas em Londres, a Seleção Brasileira, como já havia feito contra os Estados Unidos e o México, atuou com a base que disputaria os Jogos Olímpicos, ou seja, com apenas 3 atletas acima dos 23 anos. Era considerado, obviamente, o confronto mais difícil “de sua turnê de preparação para a Olimpíada”<sup>476</sup> e última partida antes da convocação final que ocorreria no dia 6 de julho.

Em Nova Jersey, no MetLife Stadium, que abriga duas equipes de futebol americano que disputam a NFL (*National Football League*) – New York Jets e do New York Giants – defrontaram-se Brasil e Argentina.<sup>477</sup> Foi uma partida extremamente disputada e emocionante. O Brasil começou pressionando e depois de ter desperdiçado algumas oportunidades conseguiu abrir o placar com Rômulo aos 22 minutos. No entanto, Messi começou a brilhar. Aos 31 minutos o Brasil perdeu a bola no meio de campo para Gago que

<sup>475</sup> Os uruguaios classificaram-se em 2002 e 2010 e foram eliminados em 2006.

<sup>476</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 9 de junho de 2012, p. D2.

<sup>477</sup> Escalação da Seleção Argentina: Romero, Zabaleta, Garay, Federico Fernández, Clemente Rodríguez (Campagnaro), José Sosa (Guiñazu), Mascherano, Fernando Gago, Di María (Agüero), Messi e Higuaín (Lavezzi). Escalação da Seleção Brasileira: Rafael, Bruno Uvini, Juan Jesus, Rafael (Danilo), Marcelo, Sandro, Rômulo (Casemiro), Oscar (Giuliano), Hulk (Lucas), Leandro Damião (Alexandre Pato) e Neymar. O árbitro da partida foi o norte-americano Jair Marrufo.

lançou Messi, o craque partiu livre no meio da zaga brasileira e tocou no canto na saída do goleiro. Apenas 3 minutos depois a Argentina realizou rápida troca de passes a partir de sua defesa até que Di María lançou Messi, ele entrou novamente em velocidade livre, com um toque driblou o goleiro e tocou para o gol vazio. O primeiro tempo terminou com a vantagem argentina.

Em uma crítica velada a Neymar, a Folha de São Paulo analisou da seguinte forma os dois gols de Messi:

Messi tem horror a frivolidades, a presepadadas, a passar o pé por cima da bola. Transformou em gols as duas bolas que recebeu no primeiro tempo, com duas jogadas precisas, perfeitas, sem arestas, sem falsos virtuosismos, sem frescuras, afinal.<sup>478</sup>

O segundo tempo foi ainda mais emocionante, com muitas chances perdidas e uma profusão de gols. Leandro Damiano e Oscar, aos 10 minutos, realizaram linda tabela que terminou com o gol do último. Atuando bem, o Brasil proporcionou a segunda virada no jogo, Neymar cobrou escanteio, Romero saiu mal, “catando borboleta” e apenas resvalou na bola que ficou livre para Hulk chutar forte para o gol, eram passados 26 minutos. Escanteio para a Argentina aos 30 minutos, Federico Fernández subiu mais que seu marcador e cabeceou para o gol. A bola ainda bateu na trave esquerda antes de entrar.

“E então Messi voltou a mandar lembranças a brasileiros despeitados e a outros cétricos que há por aí”.<sup>479</sup> O astro argentino recebeu a bola do lado direito de ataque, passou por Marcelo e partiu em velocidade em diagonal, sem ser incomodado, com a bola colada ao pé esquerdo, até metros antes da meia lua, quando chutou forte no ângulo direito de Rafael “com curva impossível de ser copiado (ou defendido) por seres humanos: 4 a 3”.<sup>480</sup> Era a terceira e última virada no placar.<sup>481</sup>

<sup>478</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 10 de junho de 2012, p. D2.

<sup>479</sup> Idem, ibidem, p. D2.

<sup>480</sup> Idem, ibidem, p. D2.

<sup>481</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. VIEIRA, Sandra. “Gols - Brasil 3 x 4 Argentina - Amistoso Internacional - 09/06/2012 - Globo HD”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iDQg5BjPWeg>. Acessado em: 22 de julho de 2018.

Messi, autor de três gols,<sup>482</sup> foi a principal atração do confronto, ele é de “outro planeta”<sup>483</sup> decretou a imprensa brasileira que também elogiou a atuação de seu selecionado e afirmou, assim como os atletas que enfrentaram a Argentina, que o resultado mais justo seria um empate.

#### Segundo Kfourri:

Com um pouco mais de tranquilidade e com um pouco mais de boa vontade da arbitragem, a derrota por 4 a 3 seria, no mínimo, um empate, resultado justo para o que os dois times mostraram em Nova Jersey – e não será exagero dizer que, se uma seleção merecia a vitória, esta deveria sorrir para os meninos de Mano. Claro, descontado o fato de que Lionel Messi joga de azul, e aí não tem justiça ou injustiça que dê jeito, porque ele é simplesmente fatal, diabólico, imparável, principalmente se quem tiver a missão estiver ainda meio que de fraldas, como os dois volantes e os dois zagueiros brasileiros.<sup>484</sup>

A imprensa argentina também ressaltou a estupenda partida realizada por Messi no confronto que ela chamou de apaixonante. Mas não foi uma vitória sem reparos ao destacar as constantes falhas do sistema defensivo de sua equipe que “é uma garantia de gols para qualquer adversário” para, enfim, garantir que a vitória seria brasileira, mesmo atuando com sua seleção olímpica, não fosse pela “maravilhosa varinha mágica do craque rosariano”.<sup>485</sup>

A pressão sobre Mano Menezes continuava. Antes das Olimpíadas, o novo presidente da CBF, José Maria Marin,<sup>486</sup> já havia afirmado que o treinador dependia dos

<sup>482</sup> Há trinta anos o Brasil não sofria três gols do mesmo jogador, o último havia sido Paolo Rossi na Copa do Mundo de 1982, na derrota brasileira para a Itália por 3X2.

<sup>483</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 10 de junho de 2012, p. D2-D3.

<sup>484</sup> Idem, ibidem, p. D3.

<sup>485</sup> LA NACION, 10 de junho de 2012. “El show de Messi: con tres goles de Leo, la selección le ganó a Brasil”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1480447-argentina-brasil-como-si-fuera-por-los-puntos>. Acessado em: 22 de julho de 2018.

<sup>486</sup> Envolvido em denúncias de corrupção, Ricardo Teixeira, que foi casado com a filha de João Havelange, anunciou em 12 de março de 2012, após 23 anos no comando da principal entidade do futebol brasileiro, que renunciava à presidência da CBF assim como do Comitê Organizador Local (COL) para a Copa do Mundo de 2014. O dirigente alegou que sua saída se dava por motivos de saúde. Ele foi substituído pelo vice-presidente mais velho da entidade, José Maria Marin. Cf. KONCHINSKI, Vinícius e PERRONE, Ricardo. “Teixeira anuncia saída definitiva da CBF, culpa saúde e lamenta: ‘foi subvalorizado nas vitórias’”. Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2012/03/12/em-carta-ricardo-teixeira-anuncia-saida-definitiva-da-cbf.htm>. Acessado em: 22 de julho de 2018. A reportagem oferece ainda uma síntese das várias denúncias que Ricardo Teixeira se viu envolvido durante o período que presidiu a CBF. José Maria Marin terminou preso em 27 de maio de 2015 por agentes do FBI na Suíça acusado de corrupção. Passou seis meses preso em Zurique quando foi transferido para os Estados Unidos. Em dezembro de 2017 foi condenado por corrupção, pela Corte do Brooklyn, em Nova York, sendo encaminhado para a prisão. Cf. VEJA. “José Maria Marin é condenado pela

resultados para permanecer no cargo. A derrota na disputa pela medalha de ouro em Londres,<sup>487</sup> para o México por 2X1, levou Mano Menezes a admitir que seu cargo estava em risco, no entanto, o treinador foi mantido, ainda por algum tempo.

Dentre os motivos de sua manutenção, para setores da imprensa, destacavam-se os vários amistosos da seleção no segundo semestre, um deles, contra a Suécia, dias depois da derrota em Londres. A troca naquele momento seria prejudicial.<sup>488</sup> O Brasil realizou até novembro seis amistosos e ainda disputou dois jogos contra a Argentina pelo Superclássico das Américas.<sup>489</sup>

Uma nova edição do Superclássico das Américas, a segunda com esse nome e a 13<sup>a</sup> considerando-a como continuidade da Taça Roca, teve seu primeiro confronto em Goiânia, no dia 19 de setembro.<sup>490</sup> Mais uma vez as duas equipes não contariam com atletas que estivessem no exterior<sup>491</sup> e para a imprensa era oportunidade dos jogadores locais garantirem “um lugar no banco do time principal”,<sup>492</sup> uma vez que a base das suas seleções atuava na Europa.

---

Justiça americana”. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/placar/jose-maria-marin-e-condenado-pela-justica-americana/>. Acessado em: 22 de julho de 2018. O substituto de Marin, Marco Polo del Nero, eleito ainda em dezembro de 2014, em virtude do escândalo *Fifagate* deixou de viajar para fora do país com medo de ser preso, como ocorreu com seu antecessor. No dia 28 de abril de 2018, o dirigente foi expulso pela FIFA do futebol. Cf. GLOBOESPORTE.COM. “Fifa anuncia banimento de Marco Polo del Nero do futebol para sempre”. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/fifa-anuncia-banimento-de-marco-polo-del-nero-do-futebol-para-sempre.ghtml>. Acessado em: 22 de julho de 2018. O texto de Airton de Farias apresenta um tópico denominado Ricardo Teixeira, a queda, no qual defende a hipótese em que o combate a corrupção ao final do governo Lula acabou minando o dirigente da CBF. Além disso, o autor também ressalta as bases de poder de Ricardo Teixeira. FARIAS, Airton de. op. cit., v. 2, p. 478-486. O caso *Fifagate*, suas repercussões no Brasil, o combate a corrupção e suas consequências para a organização do futebol brasileiro são outras temáticas vinculadas e que devem ser alvo de pesquisas acadêmicas.

<sup>487</sup> Era a terceira final olímpica que o Brasil disputava e era derrotado. Los Angeles, 1984: França 2X0 Brasil; Seul, 1988: União Soviética 2X1 Brasil e Londres, 2012: México 2X1 Brasil.

<sup>488</sup> RÍMOLI, Cosme. “Mano foi só a primeira vítima. Marin e Marco Polo querem a cabeça de Andrés. Felipão e Tite brigam pela vaga de treinador da Seleção Brasileira. Está no fim a influência de Ricardo Teixeira”. Disponível em: <http://esportes.r7.com/blogs/cosme-rimoli/mano-foi-so-a-primeira-vitima-marin-e-marco-polo-querem-a-cabeca-de-andres-felipao-e-tite-brigam-pela-vaga-de-treinador-da-selecao-brasileira-esta-no-fim-a-influencia-de-ricardo-teixeira-23112012/>. Acessado em: 23 de julho de 2018.

<sup>489</sup> Os resultados dos amistosos podem ser consultados na nota 474.

<sup>490</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Jefferson, Lucas Marques, Dedé, Réver, Fábio Santos, Ralf, Paulinho, Jadson (Thiago Neves), Lucas (Wellington Nem), Neymar e Luis Fabiano (Leandro Damiano). Escalação da Seleção Argentina: Ustari, Lisandro López, Sebá, Desábato, Peruzzi, Guíñazu, Braña, Maxi Rodríguez, Clemente Rodríguez, Barcos (Mori) e Martínez (Somoza). O árbitro foi o paraguaio Carlos Amarilla.

<sup>491</sup> Como aconteceu na edição de 2011, Sabella convocou jogadores que atuavam no futebol brasileiro, foram eles: Montillo, Guíñazu, Barcos e Martínez. Para a Folha de São Paulo isto era reflexo da melhor condição financeira do futebol brasileiro, sendo assim os clubes do país eram capazes de adquirir e manter atletas do país rival. FOLHA DE SÃO PAULO, 19 de setembro de 2012, p. D3.

<sup>492</sup> Idem, *ibidem*, p. D3.

A sombra de Scolari, que se encontrava disponível no mercado, era constantemente lembrada pela imprensa e também pelos torcedores e era uma pressão adicional para Mano Menezes que negava se sentir pressionado. “Não me sinto mais ou menos ameaçado. O episódio só enriquece a experiência que temos. Somos todos muito parecidos: perdemos, ganhamos, somos demitidos”, afirmou o treinador.<sup>493</sup>

Apesar do pouco tempo de treinamento e conseqüentemente de entrosamento das duas equipes, o jogo foi muito disputado, porém com poucas jogadas de perigo. Os argentinos começaram marcando forte e abriram o placar com Martínez, atleta que atuava no Corinthians, aos 20 minutos, após rápida e envolvente troca de passes de seu ataque. O Brasil não se abateu e apenas 6 minutos depois chegou ao gol de empate em uma cabeçada de Paulinho, em posição de impedimento, não assinalada pelo árbitro, após cobrança de falta de Neymar. O primeiro tempo terminou empatado em 1X1.

Apesar de o Brasil ter o domínio da partida, ela seguia empatada. A torcida apoiou a equipe até que Mano Menezes resolveu substituir Lucas por Wellington Nem. A partir daí, o estádio se enfureceu com o treinador e passou a gritar: “Burro”, “Adeus Mano”, “É Felipão” e finalmente “Volta, Felipão”. A partida encaminhava para o apito final, quando, aos 47 minutos, Desábato tocou a bola na mão dentro da área. Neymar bateu forte a penalidade e deu a vitória para o Brasil.<sup>494</sup>

Juca Kfourri, em sua crônica para a Folha de São Paulo, apontou para alguns aspectos interessantes: ao contrário da história dos confrontos, o jogo não foi violento e isto deu maior categoria ao espetáculo; a rivalidade existente entre os dois países se espraiava para outros esportes e finalmente, as qualidades presentes no futebol brasileiro e argentino fazem deles, segundo o jornalista, os melhores do mundo.

Não é de hoje que brasileiros e argentinos optam por jogar futebol em vez de, como era tradicional, brigar em campo. Foi o que fizeram no Serra Dourada (...) se era razoável alguma expectativa em torno do embate, afinal, também se diz que até em jogo de pingue-pongue entre brasileiros e argentinos saí faísca, o jogo cumpriu mais. Quando as duas melhores escolas de futebol mundial – descontados os últimos anos da espanhola, apaixonante

<sup>493</sup> Idem, ibidem, p. D3.

<sup>494</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. SOVIDEOEMHD1. “Gols - Brasil 2 x 1 Argentina - Superclássico das Américas 2012 - 19/09/2012 - Globo HD”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nINBrfECpGM>. Acessado em: 23 de julho de 2018.

– resolvem disputar limpamente uma partida, mesmo sem estarem completas, o futebol agradece.<sup>495</sup>

O *La Nacion* apresentou, em certa medida, uma opinião distinta de Kfoury e também da *Folha de São Paulo* em relação à qualidade do embate. Segundo o periódico, a Argentina apostou em um forte sistema defensivo e a equipe se mostrou sólida e bem postada durante toda a partida. O Brasil, apesar da iniciativa do jogo e de contar com jogadores mais conhecidos, não criou muitas jogadas de perigo, reverberando em uma partida considerada chata. O jornal, antes de descrever o confronto, afirmou: “A Argentina apostou pouco e ficou sem nada por um único erro, a mão de Desábato no desespero de rechaçar um cruzamento”.<sup>496</sup>

A decisão do Superclássico das Américas estava marcado para ocorrer no dia 3 de outubro no Estádio Centenário na cidade de Resistencia (Chaco), porém o jogo não foi disputado.

As seleções de Brasil e Argentina passaram ontem por um constrangimento inédito. A segunda e decisiva partida do Superclássico das Américas, que seria realizada ontem à noite, foi suspensa por falta de energia elétrica no estádio Centenário, na cidade de Resistencia.<sup>497</sup>

A *Folha de São Paulo* culpou os interesses políticos, o local foi uma escolha pessoal da presidente Cristina Kirchner,<sup>498</sup> para que uma partida de tal importância fosse disputada em um estádio considerado precário e aproveitou para fazer um jogo de palavras com o nome da cidade em sua manchete para o clássico. “Sem resistência: falta de energia em estádio precário, escolhido por influência política, cancela a decisão do Superclássico na Argentina”. O apagão ocorreu logo depois da execução dos hinos. As duas confederações, AFA e CBF, discordavam sobre a possibilidade de remarcação do jogo. Para Andres Sanchez, representante da entidade brasileira, seria impossível remarcá-lo por falta de datas disponíveis. No dia seguinte, 4 de outubro, a Conmebol anunciou que as entidades chegaram a um acordo e que a data seria definida em encontro posterior. Na outra semana, 10 de

---

<sup>495</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 20 de setembro de 2012, p. D3.

<sup>496</sup> LA NACION, 20 de setembro de 2012. “Castigo final: el cauteloso planteo argentino cedió en el descuento”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1509751-castigo-final-el-cauteloso-planteo-argentino-cedio-en-el-descuento>. Acessado em: 23 de julho de 2018.

<sup>497</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 9 de outubro de 2012, p. D1.

<sup>498</sup> A presidente era aliada política do governador da província de Chaco, Jorge Capitanich. A cidade escolhida para o confronto, Resistencia, contava com aproximadamente 200.000 habitantes e o Sarmiento, equipe local, se encontrava na quarta divisão do futebol argentino.

outubro, foi anunciado que o confronto ocorreria no dia 21 de novembro no estádio do Boca Juniors, La Bombonera, em Buenos Aires.

Na noite do dia 21 de novembro, o estádio do Boca Juniors, apesar de não estar lotado, viveu clima de clássico, com chuva de papel picado e o incessante canto da torcida argentina. Foi a primeira vez que a Seleção Brasileira atuou no La Bombonera.<sup>499</sup> O mítico estádio também era considerado azarado pelos argentinos, afinal fora ali que a albiceleste perdeu a vaga para a Copa do Mundo de 1970 contra o Peru.<sup>500</sup> A partida foi a última das duas seleções na temporada de 2012.

Necessitando da vitória e empurrada pela torcida, a Seleção Argentina procurou ser agressiva, mas esbarrou no primeiro tempo na trinca de volantes escalada por Mano Menezes. O Brasil, mesmo mais cuidadoso defensivamente, também não se omitiu de atacar. Apesar de movimentado, o primeiro tempo terminou 0X0.

A partida caiu de qualidade na etapa complementar até os últimos quinze minutos da decisão. Aos 35 o árbitro marcou equivocadamente pênalti sobre Martínez. O atacante argentino avançou em direção ao gol brasileiro quando Jean interceptou inicialmente a bola e depois trombou com o jogador adversário que caiu dentro da área. Além de ter tocado primeiro na bola, o choque também ocorreu fora da área. Scocco bateu forte e marcou aos 36 minutos. O Brasil respondeu de imediato, dois minutos depois em jogada confusa, Bernard cruzou, a zaga afastou mal e a bola sobrou para Jean que chutou torto e fraco, mas ela caiu nos pés de Fred, livre, colocar para o gol.

O empate garantia o título para o Brasil, no entanto, no último minuto, a Argentina ganhou uma bola em sua defesa e em rápido contra-ataque Martínez recebeu livre, avançou, na dividida com o defensor brasileiro a bola sobrou para o próprio Martínez que tocou para Scocco, do lado esquerdo, bater cruzado e dar a vitória para sua equipe no tempo regulamentar. Com os resultados agregados, o campeão do Superclássico das Américas seria conhecido nas penalidades máximas.

---

<sup>499</sup> Escalação da Seleção Argentina: Orión, Peruzzi, Lisandro López, Sebastián Domínguez, Desábato, Guiñazu, Vangioni, Montillo, Cerro (Ahumada), Barcos (Scocco) e Martínez. Escalação da Seleção Brasileira: Diego Cavalieri, Réver, Lucas Marques (Bernard), Fábio Santos (Carlinhos), Durval, Thiago Neves, Auroca (Jean), Paulinho, Neymar e Fred. O árbitro da partida foi o chileno Enrique Osses.

<sup>500</sup> Vide o capítulo 4 na discussão presente no item 4.10.

A Argentina se mostrou menos eficiente errando as duas primeiras cobranças, Cavalieri defendeu o chute de Martínez e na batida seguinte Montillo chutou para fora. Os brasileiros Thiago Neves e Jean converteram. Na terceira série, a esperança argentina foi avivada, Sebá bateu forte e marcou e Carlinhos errou sua cobrança. Na sequência Scocco marcou assim como Fred. A última cobrança coube ao goleiro argentino, Orión, que não poderia errar. Ele bateu forte no ângulo esquerdo de Cavalieri. A decisão foi para os pés de Neymar que com categoria colocou a bola de um lado enquanto o goleiro caía para o outro. O Brasil, ao vencer nas cobranças de pênaltis por 4X3, conquistava o bicampeonato do Superclássico das Américas.<sup>501</sup>

Para Alberto Cantore, a partida foi uma “viagem de sensações vertiginosas. A Argentina passou da impotência à explosão ofensiva. Do golpe do empate ao renascer de um triunfo que lhe escapava. E um último sabor amargo pela derrota na definição por penalidades”.<sup>502</sup>

Apesar da conquista do Superclássico das Américas, dias depois, na sexta-feira, 23 novembro, em reunião na Federação Paulista de Futebol (FPF), Mano Menezes foi demitido da Seleção Brasileira. Alegou-se que o treinador não havia encontrado um time base para disputar a Copa das Confederações em 2013 assim como para o Mundial no ano seguinte. Além disso, mesmo tendo um bom retrospecto, 27 vitórias em 40 partidas disputadas, os resultados contra seleções mais fortes não agradaram a cúpula da CBF, “o Brasil ganhava de adversários sem tradição e caía diante de outros do primeiro escalão do futebol mundial”.<sup>503</sup> A perda da medalha de ouro em Londres, nos Jogos Olímpicos, também pesou na decisão. O novo treinador, segundo a própria CBF, seria anunciado em janeiro, os nomes de Luis Felipe Scolari e Muricy Ramalho eram os mais cotados. Apenas 5 dias depois

---

<sup>501</sup> Como o Superclássico das Américas era uma reedição da Copa Roca, cabe ressaltar que a última conquista da Argentina na disputa foi em 1940, nas demais sete edições (1945, 1957, 1960, 1963, 1971, 1976, 2011 e 2012) o Brasil conquistou todas elas. O leitor, se pesquisar na internet, verificará que a disputa de 1971 terminou empatada e alguns sites afirmam que a competição terminou sem vencedor, no entanto, como foi discutido no Capítulo 5, seguindo o regulamento das edições anteriores, em caso de igualdade de pontos nas duas partidas, haveria uma prorrogação de 30 minutos e se não houvesse vencedor no tempo extra, como de fato ocorreu, o campeão seria o selecionado que havia vencido o último torneio, no caso, o Brasil.

<sup>502</sup> LA NACION, 22 de novembro de 2012. CANTORE, Alberto. “Los penales le quitaron a la selección la alegría por el agónico triunfo ante Brasil”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1528760-la-argentina-cierra-el-ano-con-el-demorado-capitulo-ante-brasil>. Acessado em: 23 de julho de 2018.

<sup>503</sup> O GLOBO, 23 de janeiro de 2012. “Mano Menezes não é mais o técnico da Seleção Brasileira”. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/mano-menezes-nao-mais-tecnico-da-selecao-brasileira-6811495>. Acessado em: 23 de julho de 2018.

da demissão de Mano, no dia 28 de novembro, Luiz Felipe Scolari foi anunciado como o novo treinador da Seleção Brasileira.

### **7.11. COPA DAS CONFEDERAÇÕES OU COPA DAS MANIFESTAÇÕES?**

Em 2013 o principal compromisso da Argentina era garantir sua classificação para a Copa de Mundo do ano seguinte e isto foi alcançado sem maiores traumas ou dificuldades. Além das 7 partidas das eliminatórias disputadas naquele ano, o time jogou mais 5 amistosos, com 4 vitórias e um empate.<sup>504</sup> A temporada foi muito positiva para a equipe de Sabella afinal nos 12 confrontos realizados, ela venceu 7, empatou 4 e perdeu apenas 1 jogo.

A Seleção Brasileira iniciou o ano com uma nova comissão, foram escolhidos dois campeões mundiais como treinador e coordenador técnico: Luiz Felipe Scolari e Carlos Alberto Parreira, respectivamente. Os resultados iniciais de Scolari, antes da Copa das Confederações, não foram animadores, a seleção continuou vencendo os adversários considerados mais fracos e empatava ou perdia para os mais gabaritados, exceto pela vitória no último amistoso contra a França.<sup>505</sup>

Entre os dias 15 e 30 de junho de 2013, foi disputada a nona edição da Copa das Confederações. A competição, dentre outras finalidades, servia para testar a estrutura do país sede para a disputa do Mundial no ano seguinte. Seis capitais brasileiras abrigaram os jogos: Belo Horizonte, Brasília, Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro e Salvador.

Para contrariar aqueles que pensam que o futebol é objeto alienante e que a disputa de uma competição como a Copa das Confederações ou a Copa do Mundo é capaz de anestesiar a população para os problemas vivenciados, faltando apenas duas semanas para o início da Copa das Confederações, o governo de São Paulo aumentou em R\$ 0,20 as tarifas dos transportes públicos. Tal fato desencadeou, tendo à frente o Movimento do Passe Livre (MPL), uma série de manifestações de ruas contra a elevação das tarifas.

---

<sup>504</sup> Amistosos e resultados da Argentina em 2013: Suécia 2X3 Argentina; Guatemala 0X4 Argentina; Itália 1X2 Argentina; Equador 0X0 Argentina e Bósnia e Herzegovina 0X2 Argentina.

<sup>505</sup> Antes do início da Copa das Confederações o Brasil realizou 7 amistosos com os seguintes resultados: Inglaterra 2X1 Brasil; Itália 2X2 Brasil; Rússia 1X1 Brasil; Bolívia 0X4 Brasil; Brasil 2X2 Chile; Brasil 2X2 Inglaterra e Brasil 3X0 França.

Os protestos ganharam proporções inesperadas e passaram a levantar bandeiras contra a corrupção e, neste sentido, os recursos superfaturados empregados na reforma de estádios para a Copa do Mundo, a melhoria da saúde e educação, as exigências do denominado “padrão FIFA”, dentre outros. O ápice do movimento ocorreu cinco dias depois do início da Copa das Confederações, em 20 de junho, depois dos manifestantes terem conquistado alguns resultados pretendidos, como o cancelamento do aumento das tarifas. Neste dia aproximadamente 1,4 milhão de cidadãos, em 120 cidades, protestaram nas ruas e promoveram um dos maiores movimentos populares da história recente do país.<sup>506</sup>

Ronaldo Helal, Alvaro do Cabo e Carmelo Silva refletiram e levantaram hipóteses sobre a ligação entre as manifestações e a Copa das Confederações da qual compartilho a ideia de que o evento esportivo serviu como oportunidade para dar maior visibilidade às manifestações.

O que podemos extrair desse evento e qual sua correlação com a Copa das Confederações? A primeira coisa é a reflexão sobre uma suposta opinião culta que costuma sentenciar que o “futebol é o ópio do povo”, como se com isso afirmasse que os brasileiros se deixam ser enganados por eventos futebolísticos. As manifestações bateram de frente com essa opinião. Acreditamos que, mesmo com todo o descontentamento em relação ao fantasma da inflação, à possibilidade de aprovação da PEC 37 – medida que retiraria do Ministério Público a atribuição de realizar investigações criminais –, às obras superfaturadas dos estádios para a Copa do Mundo e ao aumento das tarifas das passagens de ônibus, pode ser que as manifestações não tivessem ocorrido de maneira tão intensa e com tanta adesão. Talvez tenha sido justamente a Copa das Confederações o estímulo que faltava para que as pessoas fossem às ruas protestar. A visibilidade das manifestações ganharia, assim, o noticiário internacional. (...) O fato de elas estarem ocorrendo justamente no período da Copa das Confederações demonstra que o futebol não engana a população. Se a intenção de aumentar as passagens e de votar a PEC 37 – derrotada em votação – justo nesse período era uma aposta na suposta alienação das massas, o tiro saiu pela culatra. Momento mais propício para chamar a atenção nacional e internacional do que este, somente na Copa do Mundo e nos Jogos Olímpicos.<sup>507</sup>

<sup>506</sup> VILLELA, Gustavo. “O Brasil foi às ruas em junho de 2013”. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/o-brasil-foi-as-ruas-em-junho-de-2013-12500090>. Acessado em: 24 de julho de 2018.

<sup>507</sup> HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro do; SILVA, Carmelo. “Salve a seleção! Mídia, identidade nacional e Copa das Confederações 2013”. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro do (orgs.). *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 291-292. Airton de Farias também discute os movimentos populares de 2013 e sua ligação com a Copa das Confederações e Copa do Mundo, além de apresentar opiniões internacionais, como do jornal alemão *Zeiti*, agradecendo aos brasileiros por protestarem também contra a FIFA. O movimento ainda ensejou, no segundo semestre de 2013, o surgimento do *Bom Senso Futebol Clube*, um movimento de atletas reivindicando maior espaço nas decisões do futebol nacional. Cf. FARIAS, Airton de. op. cit. v. 2, p. 515-525.

A fórmula de disputa da Copa das Confederações seguiu inalterada. Dois grupos com quatro seleções, as duas melhores classificadas de cada um deles disputariam as semifinais e as vencedoras jogariam, no Maracanã, a final do torneio. Além do país sede e da última seleção campeã do Mundo, os campeões continentais foram convidados e participaram da disputa. Como a Espanha era a atual campeã mundial e também europeia, a vaga continental foi para a Itália, vice-campeã da Eurocopa em 2012. O torneio prometia ser bastante disputado e de alto nível técnico, afinal quatro seleções ostentavam títulos mundiais em seus currículos: Brasil, Espanha, Itália e Uruguai. Após o sorteio as seleções foram assim distribuídas: Grupo A: Brasil, Itália, Japão e México. Grupo B: Espanha, Nigéria, Taiti e Uruguai.

A festa de abertura do evento foi no Estádio Nacional, conhecido como Mané Garrincha, no dia 15 de junho, em Brasília. Após a cerimônia comandada pelo carnavalesco Paulo Barros, o Brasil enfrentou e venceu o Japão por 3X0. Quatro dias depois o Brasil foi até Fortaleza, no Estádio Castelão, e se classificou antecipadamente para a próxima etapa com a vitória por 2X0 sobre a Seleção Mexicana.

A próxima partida, no dia 22 de junho, na Arena Fonte Nova, Salvador, definiria o primeiro lugar do grupo e também foi considerada o primeiro grande teste para o Brasil. O adversário seria a tetracampeã do mundo, a Itália, que também acumulava duas vitórias, mas tinha um saldo de gols inferior ao brasileiro e por isso, para terminar na primeira posição e assim evitar o provável confronto com a Espanha nas semifinais, ela precisava vencer os anfitriões.

A Seleção Brasileira atuou bem contra os italianos, pressionando e criando jogadas de perigo desde os minutos iniciais, com a diferença em relação aos dois jogos anteriores que não conseguiu abrir o marcador tão cedo em decorrência, especialmente, dos erros nas finalizações. O jogo continuou aberto e franco. O primeiro gol do espetáculo surgiu depois de David Luiz receber uma pancada na coxa e dar o seu lugar para Dante. Coube ao reserva abrir o placar. O Brasil cobrou uma falta do lado esquerdo da intermediária, Fred cabeceou, Buffon saltou no canto para defender, mas a bola sobrou para Dante, impedido, chutar para o gol.

O segundo tempo foi frenético. A Itália empatou com o chute cruzado de Giaccherini aos 6 minutos. O Brasil não se abateu e apenas 4 minutos depois, em cobrança de falta próxima a área, Neymar marcou o segundo. Mantendo o bom futebol, aos 21 minutos Marcelo fez ótimo lançamento para Fred que matou a bola, na área, livrou-se do marcador e ampliou a vantagem brasileira. Depois da cobrança de escanteio que a zaga do Brasil não conseguiu afastar, no bate e rebate a bola foi ajeitada para Chiellini bater no canto aos 26 minutos. A Seleção Brasileira assegurou sua vitória “a mais expressiva desta segunda era Felipão”<sup>508</sup> no último minuto quando Fred marcou após chute de Marcelo que Buffon rebateu.

O *La Nacion*, destacando as manifestações populares no Brasil escreveu:

Sensível no social, contundente no futebol. A Seleção Brasileira está respondendo às demandas da Copa das Confederações, que a tem como anfitriã, e que excedem a pressão de ser candidata ao título. O plantel de Luiz Felipe Scolari não tardou um segundo nos últimos dias para se solidarizar com protestos e manifestações de rua contra o governo.<sup>509</sup>

No que se refere ao futebol apresentado, na mesma reportagem afirmou: “O Brasil foi mais prático e decisivo. O conjunto de Scolari não tem uma grande fábrica de jogo no meio, por isso prefere o ataque mais direto, com os dribles e a velocidade de Neymar, e a potência de dois tanques: Hulk e Fred”.<sup>510</sup>

Como imaginado, a Espanha terminou na primeira posição do grupo B seguida do Uruguai. Desta forma, os confrontos das semifinais foram, por um lado, no dia 26, Brasil e Uruguai e pelo outro a reedição da final da Eurocopa de 2012 entre Espanha e Itália no dia seguinte. Espanha e Itália realizaram uma partida muito disputada, que terminou empatada no tempo normal e na prorrogação em 0X0. Nas penalidades máximas a Espanha superou seu adversário por 7X6.

O clássico sul-americano, Brasil X Uruguai, foi jogado no Mineirão, em Belo Horizonte. No final de um primeiro tempo tenso, no qual Júlio César já havia defendido uma cobrança de pênalti de Forlán e que a Seleção Brasileira “não conseguira escapar de nenhuma

<sup>508</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 23 de junho de 2013, p. D2.

<sup>509</sup> LA NACION, 23 de junho de 2013. “Brasil, sensible en lo social y contundente en lo futbolístico”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1594606-brasil-sensible-en-lo-social-y-contundente-en-lo-futbolistico>. Acessado em: 24 de julho de 2018.

<sup>510</sup> Idem, ibidem.

das armadilhas defensivas criadas pelo Uruguai”,<sup>511</sup> Paulinho, aos 41 minutos, fez lançamento milimétrico para Neymar, que dominou no peito e chutou para a boa defesa de Muslera, no rebote, Fred colocou o Brasil em vantagem.

Aos 3 minutos da segunda etapa Thiago Silva tocou mal, dentro da área, para Marcelo, Cavani dominou a bola e chutou rasteiro, cruzado, para empatar o jogo. A partida continuou muito disputada e já se encaminhava para a prorrogação, quando Paulinho, aos 41 minutos, escorou de cabeça o escanteio cobrado por Neymar e marcou. Nos minutos restantes o Uruguai partiu para o ataque em busca do empate, aflição para a torcida e para a comissão técnica. A angústia era de tal proporção que Scolari, no minuto final, substituiu Neymar pelo zagueiro Dante. Os uruguaios não alcançaram o empate. O Brasil enfrentaria a Espanha na final já com uma vantagem, a equipe atuou um dia antes do rival e não se desgastou com a prorrogação e cobranças de penalidades.

Para Tostão, mesmo não jogando bem e ainda sofrendo com as falhas no sistema defensivo, o Brasil venceu e estava com “pinta” de campeão.

O Brasil não jogou bem. Não sei por que não repetiu a marcação por pressão das outras partidas. O time foi mais cadenciado. Essa não é uma qualidade da equipe. (...) Desta vez, os dois ótimos zagueiros tiveram falhas importantes, David Luiz, no pênalti, e Thiago Silva, no passe errado. O Brasil está com pinta de campeão.<sup>512</sup>

As individualidades brasileiras foram fundamentais, mesmo sem realizarem uma apresentação destacada, para a vitória conquistada sobre o Uruguai, segundo Gastón Saiz, do La Nacion. O cronista argentino enfatizou uma já tradicional característica e estereótipo das narrativas sobre o futebol uruguaio: a garra e não deixou de perceber, com conotação negativa, que ela é colocada acima da “mente lúcida”.<sup>513</sup>

No dia 30 de junho, no Maracanã lotado, o Brasil enfrentou a respeitada e até temida Seleção Espanhola pela final da Copa das Confederações. Mesmo atuando em casa,

---

<sup>511</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 27 de junho de 2013, p. D2.

<sup>512</sup> Idem, ibidem, p. D4.

<sup>513</sup> LA NACION, 27 de junho de 2013. SAIZ, Gastón. “Un motivo de alegría para matizar los reclamos en Brasil”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1595876-un-motivo-de-alegria-para-matizar-los-reclamos-en-brasil>. Acessado em: 24 de julho de 2018.

tendo conquistado cinco títulos mundiais, a Folha de São Paulo em sua capa da seção de esportes chamou o Brasil de “azarão”, ou seja, não era o favorito para aquela partida.

O Brasil lidará com uma sensação inédita hoje no Maracanã, quando entrar em campo para enfrentar a Espanha na final da Copa das Confederações, torneio que serve de ensaio para a Copa-14. A seleção não pisará em seu templo do futebol como favorita, não olhará o adversário de cima para baixo.<sup>514</sup>

Indubitavelmente, foi a melhor apresentação da Seleção Brasileira na segunda passagem de Felipão no comando da equipe. Desde o início o Brasil pressionou o adversário e teve sua vida muito facilitada ao marcar o primeiro gol aos 95 segundos de jogo, quando aproveitando-se de uma confusão dentro da área espanhola, Fred mesmo caído, conseguiu mandar para o gol. Com muita disposição, a equipe anulava os ataques espanhóis, que só tiveram uma chance clara no primeiro tempo, apesar da equipe europeia ter terminado o jogo com mais posse de bola (52% a 48%), no entanto tal domínio se deu no seu próprio campo defensivo. Ao final da primeira etapa, Neymar saiu da posição de impedimento, dando visivelmente alguns passos para trás, para receber o passe de Oscar e então chutar, de canhota, no ângulo de Casillas. “O Brasil foi para o intervalo com uma impensável (antes do jogo) vantagem de 2 a 0”.<sup>515</sup>

O Brasil voltou com a mesma disposição para a etapa final e, como havia ocorrido no primeiro tempo, marcou logo no início, aos 2 minutos, após uma troca de passes do ataque brasileiro, Hulk encontrou Fred, entrando livre pela lado esquerdo, o camisa 9 matou a bola e chutou cruzado, rasteiro, sem chances para Casillas. A Espanha teve oportunidade de “voltar” para o jogo aos 9 minutos quando Marcelo derrubou Jesús Nava dentro da área, no entanto, Sergio Ramos bateu a penalidade para fora. Pouco depois, Neymar partiu em rápido contra-ataque e só foi parado pela falta de Piqué que acabou expulso. “Com um a mais em campo e a vantagem de 3 a 0 no placar, a seleção desfrutou do jogo, da festa da torcida, do título caseiro”.<sup>516</sup> O Brasil conquistava pela quarta vez a competição. A Espanha, por sua vez, perdeu o título e sua invencibilidade de 29 partidas em competições oficiais (excetuando-se os amistosos), a sua última derrota havia sido na Copa de 2010 para a Suíça.<sup>517</sup>

---

<sup>514</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 30 de junho de 2013, p. D1.

<sup>515</sup> Idem, 1º de julho de 2013, p. D2.

<sup>516</sup> Idem, ibidem, p. D2.

<sup>517</sup> Há uma coincidência na invencibilidade espanhola se forem computados os amistosos antes de enfrentar o Brasil na final da Copa das Confederações, pois ela também somava 29 partidas. Em 7 de setembro de 2010, a

A imprensa paulista, como apresentou o *La Nación*, apesar de reconhecer a superioridade brasileira na partida final, foi acusada de não realizar uma autocrítica ao estampar em suas capas a derrota seguida por um aviso: “Voltaremos”.<sup>518</sup> Em Barcelona, o teor foi distinto, além das questões políticas da Catalunha, Neymar havia, há pouco tempo, se transferido para a equipe azul-grená.<sup>519</sup>

Claudio Mauri afirmou que a Espanha adotara a maneira do Brasil jogar, valorizando a posse de bola e a habilidade de seus atletas e que o último alterou seu estilo a partir da década de 90, para um futebol de mais imposição física. Da seguinte forma o cronista entendeu a vitória deste na Copa das Confederações:

Chegando a esta final, concluiu-se que a Espanha havia se apropriado do espírito futebolístico que foi uma marca registrada do Brasil durante várias décadas, até os anos 90. A nova Espanha era o velho Brasil. E ontem tive a oportunidade de ratificá-lo ante o adversário ao qual nunca havia enfrentado em sua época dourada. O campeão do mundo ficou em dívida, o negócio inacabado, já que o Brasil se impôs do princípio ao fim, e poderia ter feito até por uma diferença mais ampla. O fez com uma estratégia oposta ao da Espanha, com a que mais sofre, como às vezes ocorre ao Barcelona: pressão asfíxiante no meio de campo, muita intensidade, grande empenho físico, ritmo muito alto, um total compromisso coletivo para cobrir os espaços e recuperar a bola diante de um rival que se desorienta quando não a controla em suas longas posses. Brasil foi potente, duro, implacável contra uma Espanha que pode ter acusado no corpo o dia a menos de descanso e os 120 minutos da semifinal diante da Itália.<sup>520</sup>

---

Espanha foi goleada pela Argentina por 4X1 e depois para Portugal, em novembro, por 4X0. Em 2011 foram duas derrotas em 7 amistosos, a primeira para a Itália em 10 de agosto por 2X1 e, posteriormente, foi sobrepujada em novembro pela Inglaterra por 1X0. A equipe disputou 7 amistosos em 2012 e terminou invicta. Em 2013, antes da Copa das Confederações, jogou 3 amistosos e venceu todos eles.

<sup>518</sup> LA NACION, 1º de julho de 2013. “La prensa en España: sin autocrítica en Madrid y consagración de Neymar en Barcelona”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1597094-la-prensa-en-espana-sin-autocritica-en-madrid-y-consagracion-de-neymar-en-barcelona>. Acessado em: 24 de julho de 2018.

<sup>519</sup> Neymar foi apresentado como jogador do Barcelona em 3 de junho de 2013, apesar da sua compra junto ao Santos ter acontecido ainda em 2011. Cf. O ESTADO DE SÃO PAULO, 4 de setembro de 2011. MONACO, Luis Augusto. “Barcelona paga R\$ 140 milhões e contrata Neymar. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,barcelona-paga-r-140-milhoes-e-contrata-neymar-imp-,768282>. Acessado em: 24 de julho de 2018.

Em relação à apresentação no clube espanhol, Cf. ESPN. “Veja como foi o 'Dia Neymar': apresentação oficial e primeira entrevista do craque no Barcelona”. Disponível em: [http://www.espn.com.br/noticia/333833\\_veja-como-foi-o-dia-neymar-apresentacao-oficial-e-primeira-entrevista-do-craque-no-barcelona](http://www.espn.com.br/noticia/333833_veja-como-foi-o-dia-neymar-apresentacao-oficial-e-primeira-entrevista-do-craque-no-barcelona). Acessado em: 24 de julho de 2018.

<sup>520</sup> LA NACION, 1º de julho de 2013. MAURI, Claudio. “Tetracampeón: Brasil arrolló a España y ganó por cuarta vez el título”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1597061-tetracampeon-brasil-arrollo-a-espana-y-gano-por-cuarta-vez-el-titulo>. Acessado em: 24 de julho de 2018.

## 7.12. COPA DO MUNDO DE 2014: É GOL DA ALEMANHA

Antes da Copa do Mundo de 2014, a Argentina jogou 3 amistosos, em março empatou sem gols contra a Romênia e nas vésperas do Mundial, em junho, venceu Trinidad e Tobago e Eslovênia por 3X0 e 2X0, respectivamente. O mesmo número de amistosos também foi realizado pela Seleção Brasileira, que venceu em março a África do Sul por 5X0 e em junho o Panamá por 4X0 e a Sérvia por 1X0.

A Copa do Mundo de 2014 foi a segunda realizada no Brasil e a quinta na América do Sul que passou 36 anos sem receber a competição. A última vez foi na Argentina, em 1978.

O país ganhou o direito de sediar o Mundial em 30 de outubro de 2007. A vontade de trazer a competição ao Brasil era tanta que coube ao próprio presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, apresentar a candidatura do país para os integrantes do Comitê Executivo da FIFA. Dentre as várias autoridades e pessoas de prestígio internacional que compunham a comitiva brasileira uma se fez notada pela ausência: Pelé. O maior atleta da história do futebol brasileiro alegou que tinha outro compromisso agendado para o mesmo dia e por isso não poderia comparecer. Na realidade o ex-jogador vivenciava nova fase turbulenta em seu relacionamento com Ricardo Teixeira, presidente da CBF.<sup>521</sup>

Desta feita não haveria suspense em relação à escolha, em virtude do próprio rodízio entre os continentes, o Brasil era o único candidato. Argentina e Colômbia chegaram a pensar na possibilidade da candidatura, contudo desistiram em virtude dos altos custos para se organizar o evento. É interessante destacar que, insatisfeita com a possibilidade de candidaturas únicas, a FIFA a partir de então divulgou o fim do rodízio de continentes.<sup>522</sup>

Para a disputa das eliminatórias para a XX Copa do Mundo se inscreveram 203 países filiados à FIFA.<sup>523</sup> Apenas o Brasil, por ser o país sede, não disputou as 31 vagas

---

<sup>521</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 31 de outubro de 2007, p. D4.

<sup>522</sup> TERRA. “Fifa confirma o fim do rodízio de continentes na Copa”. Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/brasil2014/noticias/0,,OI2030260-EI10545,00-Fifa+confirma+fim+do+rodizio+de+continentes+na+Copa.html>. Acessado em: 25 de julho de 2018.

<sup>523</sup> PASSOS, Gésio. “Entenda como funciona o regulamento da Copa do Mundo”. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/esportes/copa/2014/06/entenda-o-regulamento-da-copa-do-mundo>. Acessado em: 25 de julho de 2018.

ofertadas nas eliminatórias. As consideradas principais “potências” futebolísticas se classificaram, dentre elas todas as oito campeãs do mundo.<sup>524</sup>

Dentre os fatores apresentados pelo Brasil em sua candidatura havia a questão ecológica e o país prometeu realizar uma “Copa do Verde”. Sendo assim, o Comitê Organizador Local apresentou como mascote um tatu-bola (*Tolypeutes tricinctos*), espécie de tatu encontrado na caatinga e no cerrado e que se achava em risco de extinção. A mascote foi batizada após uma votação pela internet e o nome escolhido foi “Fuleco”, que segundo a FIFA era a junção de “futebol” e “ecologia”.

**Figura 15: Mascote da Copa do Mundo de 2014: Fuleco**<sup>525</sup>



Segundo a Fifa, Fuleco significa a mistura das palavras futebol e ecologia, "dois componentes fundamentais da Copa". A entidade explicou ainda que o nome "mostra como essas duas palavras combinam perfeitamente e ainda incentivam as pessoas a ter mais cuidado com o meio ambiente".<sup>526</sup>

Com o intuito de evitar o barulho das vuvuzelas ocorrido na Copa de 2010 e também de ganhar dinheiro com o maior número possível de *souvenirs*, criou-se a *caxirola*, espécie de chocalho inventado pelo músico baiano, Carlinhos Brown. Retornando a questão ecológica, a *caxirola* seria confeccionada com plástico reciclado e “emitiria um som ‘agradável’, ao contrário das vuvuzelas que irritaram os jornalistas e atletas ocidentais na África”.<sup>527</sup>

<sup>524</sup> Alemanha, Argentina, Brasil, Espanha, França, Inglaterra, Itália e Uruguai.

<sup>525</sup> WIKIPEDIA. “Fuleco”. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fuleco>. Acessado em 25 de julho de 2018.

<sup>526</sup> GLOBOESPORTE.COM. “Macote oficial da Copa do Mundo de 2014, tatu-bola já tem nome: Fuleco”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2012/11/mascote-oficial-da-copa-do-mundo-de-2014-tatu-bola-ja-tem-nome-fuleco.html>. Acessado em: 25 de julho de 2018.

<sup>527</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., v. 2, p. 488.

Foram distribuídas gratuitamente mais de 50 mil *caxirolas* para elas serem testadas no clássico baiano. A torcida do Bahia, irritada com a derrota por 5X1 para o Vitória, promoveu o que ficou conhecido como “a revolta das *caxirolas*”.<sup>528</sup> Ela começou a atirar o instrumento em direção ao gramado. “O objeto que cabia na palma da mão, revelou-se não apropriado para locais públicos, como um estádio, pois seu peso permitia que ele fosse arremessado, podendo ferir alguém”.<sup>529</sup> O objeto não vingou e o negócio estimado em R\$ 3 bilhões, com parte do dinheiro direcionado para o governo brasileiro e para a FIFA, frustrou-se.<sup>530</sup>

A bola para o Mundial também teve seu nome escolhido pela internet e chamou-se “brazuca”. A FIFA explicou que a popular expressão significa “brasileiro” e descreve o modo de vida do país. As cores e o design dos seis painéis da bola foram inspirados nas fitas da sorte do Senhor do Bonfim da Bahia e simbolizam a paixão e a alegria associadas ao futebol no Brasil.

Inicialmente 22 cidades se candidataram para receberem partidas da Copa do Mundo. A FIFA entendia que o número ideal era entre 8 e 10 localidades. Com os apelos da CBF e do governo federal, fixou-se o número em 12 cidades-sede. Foram elas: Belo Horizonte, Brasília, Cuiabá, Curitiba, Fortaleza, Manaus, Natal, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. A abertura do Mundial ocorreria em São Paulo, no Itaquerao, e a final no Rio de Janeiro, no Maracanã.

O Logo, assim que escolhido, ainda em 2010, causou polêmica, “o desenho tem levantado dúvidas em relação às suas referências e aos critérios de escolha, e virou piada instantânea no *Twitter*, onde se espalhou a comparação da marca com a silhueta do líder espírita Chico Xavier”.<sup>531</sup> Além disso, algumas pessoas associaram o 2014 escrito em vermelho ao Partido dos Trabalhadores, que governava o país e passaria por uma nova eleição

---

<sup>528</sup> GLOBOESPORTE.COM. “Revolta da caxirola: indignação e falta de educação causam vexame”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ba/noticia/2013/04/revolta-da-caxirola-indignacao-e-falta-de-educacao-causam-vexame.html>. Acessado em: 25 de julho de 2018.

<sup>529</sup> FARIAS, Airton de. op. cit., v. 2, p. 489.

<sup>530</sup> Idem, ibidem, p. 488.

<sup>531</sup> PERIN, Flavia. “Eleito por 'notáveis', logo da Copa 2014 gera polêmica entre leigos e especialistas”. Disponível em: <https://copadomundo.uol.com.br/2010/ultimas-noticias/2010/07/13/eleito-por-notaveis-logo-da-copa-2014-levanta-polemica-entre-leigos-e-especialistas.jhtm?action=print>. Acessado em: 25 de julho de 2018.

presidencial naquele ano, e ainda percebiam, abaixo do número, a letra “L” em amarelo, em referência ao ex-presidente Lula.<sup>532</sup>

**Figura 16: Logo da XX Copa do Mundo de Futebol – 2014 – Brasil<sup>533</sup>**



O Mundial foi disputado entre 12 de junho e 13 de julho e a fórmula de disputa não se alterou, ou seja, oito grupos com quatro seleções cada, classificando-se para as oitavas de final as duas primeiras de cada grupo. A partir daí, jogos de mata-mata até se conhecer o campeão mundial. Em caso de empate no tempo regulamentar, haveria prorrogação e disputa de pênaltis. As seleções foram alocadas da seguinte maneira: Grupo A – Brasil, Camarões, Croácia e México. Grupo B – Austrália, Chile, Espanha e Holanda. Grupo C – Colômbia, Costa do Marfim, Grécia e Japão. Grupo D – Costa Rica, Inglaterra, Itália e Uruguai. Grupo E – Equador, França, Honduras e Suíça. Grupo F – Argentina, Bósnia e Herzegovina, Irã e Nigéria. Grupo G – Alemanha, Estados Unidos, Gana e Portugal. Grupo H – Argélia, Bélgica, Coreia do Sul e Rússia.

Algumas surpresas aconteceram na primeira fase. A primeira delas foi a desclassificação da Espanha, então campeã mundial, que perdeu seus confrontos para a Holanda (3X0) e Chile (2X0).<sup>534</sup> Era a segunda Copa consecutiva que a seleção campeã da edição anterior não avançava da fase de grupos e a terceira vez nas últimas quatro copas.<sup>535</sup>

<sup>532</sup> Helal, Cabo e Silva discutem as polêmicas geradas por outro logotipo da Copa e também levantam as discussões geradas pela utilização do vermelho e um possível “L” representado no número 4. Cf. HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro do; SILVA, Carmelo. “Pra frente, Brasil! Comunicação e identidade em Copas do Mundo”. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. op. cit., p. 207.



<sup>533</sup> GLOBOESPORTE.COM. “Brasil já tem logo para a Copa 2014”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2010/06/brasil-ja-tem-logo-para-copa-2014.html/>. Acessado em 12 de julho de 2018.

<sup>534</sup> A derrota da Espanha para o Chile foi considerada pelo La Nacion como um novo *Maracanazo*.

<sup>535</sup> As detentoras de títulos que não avançaram da fase de grupos na Copa seguinte: França em 2002, Itália em 2010 e Espanha em 2014. Mesmo não se enquadrando no escopo temporal do trabalho, pode-se acrescentar na

No grupo considerado o mais difícil, com três campeãs do mundo, coube à Costa Rica, a grande surpresa, conquistar uma das vagas, a outra foi obtida pelo Uruguai. Inglaterra e Itália foram eliminadas. Finalmente, no Grupo G, Portugal, de Cristiano Ronaldo, também não avançou para a fase seguinte.

**Figura 18: Cartaz da XX Copa do Mundo de Futebol – 2014 – Brasil**<sup>536</sup>



A “Copa das Copas”<sup>537</sup> teve início no dia 12 de junho, em São Paulo, com a festa de abertura, em que a presidente Dilma foi vaiada pela torcida presente no Itaquerao e, logo após, o Brasil enfrentou a Croácia.<sup>538</sup> Era a segunda vez que as equipes se enfrentavam na estreia da Seleção Brasileira em uma Copa do Mundo, a outra havia sido em 2006. Durante a execução do hino nacional, como a FIFA não reproduz no sistema de som, por completo a primeira parte, no instante em que a música parou, o público nas arquibancadas seguiu

---

lista a Alemanha em 2018. Sendo assim, nas últimas três Copas do Mundo, a campeã anterior fracassou na primeira fase da competição.

<sup>536</sup> WELANCER. “Cartazes da Copa do Mundo: veja as evoluções”. Disponível em: <http://blog.welancer.com/cartazes-das-copas-do-mundo-veja-as-evolucoes/>. Acessado em 25 de julho de 2018.

<sup>537</sup> A presidente Dilma Rousseff, na cerimônia de sorteio ocorrido em dezembro de 2013, em seu discurso afirmou que seria um Mundial inesquecível, chamando a atenção para o caráter multicultural do país e dos avanços econômicos e sociais alcançados. “Essa será a Copa das Copas, uma Copa para ninguém esquecer. Os visitantes terão a oportunidade de conhecer o Brasil, um país multicultural e empreendedor. Um Brasil que enfrentou o desafio de acabar com a miséria e criar oportunidades para todos. Será uma grande Copa”. Cf. GLOBOESPORTE.COM. “Dilma perde silêncio por Mandela e afirma: ‘Será a Copa das Copas’”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2013/12/dilma-pede-silencio-por-mandela-e-se-engana-em-discurso-de-abertura.html>. Acessado em: 27 de julho de 2018.

<sup>538</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Júlio César, Daniel Alves, Thiago Silva, David Luiz, Marcelo, Luiz Gustavo, Paulinho (Hernanes), Oscar, Hulk (Bernard), Neymar (Ramires) e Fred. Escalação da Seleção Croata: Pletikosa, Srna, Corluka, Lovren, Vrsalijko, Modric, Rakitic, Persic, Kovacic (Brozovic), Olic, Jelavic (Rebic). O árbitro da partida foi o japonês Yuichi Mishimura.

cantando, isto encantou os jornalistas estrangeiros e ainda foi possível perceber a emoção dos jogadores brasileiros, alguns deles chorando.<sup>539</sup>

As duas seleções começaram o jogo cautelosas, uma estudando os movimentos da outra. Aos 6 minutos a cabeçada de Olic levou perigo ao gol brasileiro. Aos 10 minutos Olic avançou pela esquerda, cruzou rasteiro na área, David Luiz furou ao tentar cortar o cruzamento, mas a bola resvalou em seu pé, o suficiente para bater em Marcelo e entrar no gol. Em desvantagem no placar, o Brasil passou a pressionar seu adversário e criou algumas jogadas de perigo antes de empatar a partida aos 28 minutos: Oscar tocou para Neymar que avançou até a entrada da área e chutou no canto esquerdo, rasteiro, fora do alcance do goleiro, para marcar. O Brasil ainda tentou pressionar no final do primeiro tempo que terminou empatado em 1X1.

Poucas jogadas haviam sido criadas no segundo tempo até que aos 23 minutos Fred cavou um pênalti. O juiz japonês marcou a suposta infração. Neymar bateu, o goleiro chegou a tocar na bola, mas não conseguiu evitar a virada brasileira. A Croácia pressionou nos minutos finais, mas Júlio César, em duas oportunidades, evitou o gol de empate. Já nos descontos, Oscar recebeu a bola de Ramires, a defesa croata estava desarrumada, o jogador brasileiro avançou, livrou-se do primeiro marcador e próximo da área bateu no canto, de bico, para definir a vitória brasileira por 3X1.<sup>540</sup>

O erro do árbitro na marcação do pênalti em Fred, considerado fundamental para a vitória do Brasil, foi destaque na imprensa brasileira e mundial. “Com ajuda da arbitragem a seleção brasileira venceu, de virada, nesta quinta-feira (12), a Croácia por 3 a 1, no Itaquero lotado, na abertura da 20ª Copa do Mundo”, inicia a reportagem a Folha de São Paulo.<sup>541</sup> Na Argentina, o Olé afirmou que a vitória brasileira “foi roubada”, para o jornal Marca, da Espanha, “um favor ao Brasil para começar”, os jornais franceses, *Libération* e *L'Equipe* também ressaltaram o erro da arbitragem.<sup>542</sup>

---

<sup>539</sup> Se, na abertura da Copa no momento do hino nacional cantando à capela, o choro e a emoção ganharam positividade, a continuidade do choro durante a competição passou a ser entendido como desequilíbrio emocional e motivo de preocupação para os torcedores.

<sup>540</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. FUTEBOL news 2018. “Brasil 3 x 1 Croácia Melhores Momentos copa 2014”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=KM\\_oCP7R7rk](https://www.youtube.com/watch?v=KM_oCP7R7rk). Acessado em: 27 de julho de 2018.

<sup>541</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 13 de junho de 2014, p. D3.

<sup>542</sup> Idem, ibidem, p. D3.

Para Maradona, o Brasil poderia ter sido derrotado pela Croácia caso a equipe europeia tivesse sido mais agressiva, especialmente no início da partida quando conseguiu a vantagem no placar. “Me parece que com o gol se conformaram e aí é quando o Brasil cresce”.<sup>543</sup> Na continuidade da matéria, Maradona destacou a enorme dependência brasileira de Neymar, para ele “se o Brasil não tem o Neymar, não tem jogo e por isso pode ser derrotado”,<sup>544</sup> proféticas palavras.

No dia 17 de junho, no Estádio Castelão, em Fortaleza, as duas equipes que começaram com vitórias, Brasil e México, se enfrentaram.<sup>545</sup> O vencedor do confronto daria um importante passo para garantir sua classificação para as oitavas de final. O México se mostrou melhor coletivamente ao longo da partida, ainda assim, as melhores oportunidades foram do Brasil, mas todas elas, em um total de quatro, pararam nas excelentes defesas de Ochoa, goleiro mexicano<sup>546</sup> que chegou desempregado no Mundial, seu contrato não tinha sido renovado pelo Ajaccio, equipe francesa. Além disso, o arqueiro ganhou a titularidade de sua seleção nos últimos instantes, antes da estreia contra Camarões. O Brasil teve uma ligeira superioridade na posse de bola, 53% contra 47% dos mexicanos e em relação ao número de chutes, houve muito equilíbrio, o Brasil o fez em 14 oportunidades e o México em 13, no entanto, 8 deles foram em direção ao gol mexicano enquanto apenas 3 pararam nas mãos de Júlio César. Ao final dos 90 minutos, um frustrante empate sem gols.<sup>547</sup>

Com o empate, o Brasil teve o seu pior início de Mundial desde 1978, a partir da Copa de 1982, até aquele momento, sempre havia vencido os seus dois primeiros adversários. O resultado também impediu uma possível classificação antecipada para a próxima fase. A frustração foi grande e foi retratada na reportagem de Cristina Grillo com um menino de 10 anos que assistiu à partida no Castelão e terminou chorando copiosamente.

---

<sup>543</sup> LA NACION, 13 de junho de 2014. “Diego Maradona: ‘Brasil es demasiado pendiente de Neymar; es ganable’”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1701003-diego-maradona-brasil-es-demasiado-pendiente-de-neymar-es-ganable>. Acessado em: 27 de julho de 2018.

<sup>544</sup> Idem, ibidem.

<sup>545</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Júlio César, Daniel Alves, Thiago Silva, David Luiz, Marcelo, Paulinho, Luiz Gustavo, Ramires (Bernard), Oscar (William), Neymar e Fred (Jô). Escalação da Seleção Mexicana: Ochoa, Francisco Rodríguez, Rafael Marquez, Moreno, Aguilar, Layún, Juan Vázquez, Herrera (Fabián), Guardado, Giovani dos Santos (Jiménez) e Peralta (Hernández). O árbitro da partida foi o turco Cüneyt Çakır.

<sup>546</sup> Guillermo Ochoa foi escolhido como o principal jogador da partida pela FIFA.

<sup>547</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. FIFATV. “BRAZIL v MEXICO (0:0) - 2014 FIFA World Cup™”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JGCI5BT7X9k>. Acessado em: 27 de julho de 2018.

Fábio Linhares Frazão, 10, saiu do Rio com a mãe, rumo a Fortaleza, para realizar seu sonho: ver um jogo da seleção na Copa. O empate com o México o deixou desconsolado. “O jogo foi horrível. Pode ser que nunca mais eu veja um jogo em uma Copa e o que eu vi foi um 0 a 0”, disse o menino, fotografado pela Folha aos prantos no fim da partida (...). “No começo eu estava torcendo para o Brasil fazer um gol, mas foi ficando tão difícil que eu só torcia para acabar logo, no 0 a 0” disse o menino (...).<sup>548</sup>

Em virtude da apresentação considerada ruim, a Folha de São Paulo passou a questionar se a equipe dirigida por Felipão teria condições reais de disputar o título. “O resultado desta terça-feira (17) no Ceará coloca em dúvida a capacidade de o time derrotar adversários mais fortes no restante do torneio, algo que a Holanda e a Alemanha já fizeram por aqui”.<sup>549</sup> Na mesma linha de pensamento Paulo Vinícius Coelho, conhecido como PVC, escreveu em sua coluna: “O excesso de juventude dá medo de cair na semifinal. O mau futebol, susto de ficar nas oitavas”.<sup>550</sup>

“Guillermo Ochoa se tornou ontem a grande figura do México, defendendo duas cabeçadas ante Neymar e Thiago Silva no empate sem gols entre Brasil e a equipe asteca” sentenciou o La Nacion.<sup>551</sup> O Olé também destacou a atuação do goleiro mexicano. Claudio Mauri, por sua vez, escreveu:

O Brasil pode ganhar, isso não se discute, porém daí a que jogue bem ou impressione com seu futebol há tanta distância quanto a que separa as distintas sedes deste Mundial. (...) O Brasil atropela, não elabora, lança bolas, não se associa, busca mais por cima do que por baixo. Confunde aceleração com imprudência. Pagaria o que não tem para que os adversários saíssem procurando um pouco e assim encontrasse espaço para o contra-ataque, porém resulta que a esse Brasil, mais do que nunca pela pressão de todo o país, tem que ser o protagonista. E custa, embora os rapazes deixem suas vidas na gramado, mas nem sempre é o suficiente.<sup>552</sup>

Ao destacar que o Brasil “busca mais por cima do que por baixo”, mesmo sem falar abertamente, o cronista percebe que a Seleção foge de suas características habituais, aquelas que marcaram a sua história, enfim, é um distanciamento em relação ao futebol-arte, criativo e bem jogado.

<sup>548</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 18 de junho de 2014, p. D7.

<sup>549</sup> Idem, ibidem, p. D5.

<sup>550</sup> Idem, ibidem, p. D5.

<sup>551</sup> LA NACION, 18 de junho de 2014. “Los mejores memes de Guillermo Ochoa”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1702375-los-mejores-memes-de-guillermo-ochoa>. Acessado em: 27 de julho de 2018.

<sup>552</sup> Idem, ibidem. MAURI, Claudio. “Cero Brasil”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1702240-pequeno-brasil-gigante-ochoa>. Acessado em: 27 de julho de 2018.

Mesmo com o empate, Mauri destacou que o Brasil se despediu com aplausos e neste ponto ele apresenta um outro aspecto interessante em relação às Copas do Mundo: o “tipo” de torcedor que vai às partidas.

O público despediu-se do Brasil com aplausos. Não houve desencanto nem decepção, embora os torcedores quem vêm ao Mundial não são os militantes que seguem semana a semana o seu clube. É uma torcida mais seleta socialmente, filtrada pelo alto preço das entradas. Sem ser um espectador de ópera, é um simpatizante que vêm desfrutar do espetáculo FIFA. Se houvesse mais torcedores de arquibancada, desses que são habituais no Brasileirão ou nos torneios estaduais, é possível que o Brasil tivesse levado algumas reprovações, não teria faltado vaias.<sup>553</sup>

Com a vitória da Croácia sobre Camarões, o Brasil enfrentou na última rodada a já eliminada equipe africana. No entanto, precisava, para se classificar sem depender do resultado do jogo entre México e Croácia,<sup>554</sup> de pelo menos um empate. Brasil e Camarões se enfrentaram no dia 23 de junho em Brasília.<sup>555</sup>

Apresentando-se melhor, mas deve-se levar em conta que o adversário já estava desclassificado, o Brasil realizou a sua mais convincente partida na primeira fase da Copa do Mundo e derrotou os africanos com facilidade. O primeiro gol, depois de um início de partida truncado, foi marcado por Neymar aos 17 minutos depois de escorar o cruzamento rasteiro de Luiz Gustavo. Na continuidade, Neymar obrigou o goleiro adversário a realizar boa defesa ao chutar forte para o gol. Camarões não desistiu e em cobrança de escanteio acertou o travessão brasileiro na cabeçada de Matip. Alguns minutos depois, Nyom ganhou uma dividida e tentou cruzar, Daniel Alves, de carrinho, travou a bola que voltou em Nyom que avançou para linha de fundo, entrou na área brasileira e cruzou para Matip, aos 26 minutos, apenas escorar para o

---

<sup>553</sup> Compartilho, inclusive por ter assistido pessoalmente a partida entre Brasil e Holanda, a opinião do jornalista argentino. Como torcedor que acompanha jogos e frequenta com alguma regularidade os estádios, inclusive os pequenos, por ter morado em Formosa costumava seguir das arquibancadas do Estádio Diogão as partidas da equipe local, além de ir aos jogos que o Botafogo realiza em Brasília, senti estranhamento com a forma de torcer dos presentes no Estádio Nacional (Mané Garrincha) na partida acima citada. Depois da traumática derrota na partida anterior para a Alemanha, de jogar mal e perder por 3X0 da Holanda, o torcedor parecia não se importar com o resultado e com a apresentação do Brasil. Aqui surge uma outra oportunidade de pesquisa, no sentido de aprofundar a maneira de torcer e de assistir o espetáculo, ou seja, as diferentes perspectivas e recepções entre torcedores que chamo de habituais e os torcedores de Copas do Mundo. Idem, ibidem. MAURI, Claudio. “Cero Brasil”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1702240-pequeno-brasil-gigante-ochoa>. Acessado em: 27 de julho de 2018.

<sup>554</sup> As equipes da Croácia e México jogaram em Recife no mesmo dia e horário de Brasil e Camarões.

<sup>555</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Júlio César, Daniel Alves, Thiago Silva, David Luiz, Marcelo, Luiz Gustavo, Paulinho (Fernandinho), Oscar, Hulk (Ramires), Neymar (William) e Fred. Escalação da Seleção Camaronesa: Itandje, Nyom, N’Koulou, Matip, Bedimo, N’Guémo, Mbia, Enoh, Choupo-Moting (Makoun), Moukandjo (Salli) e Aboubakar (Webó). O árbitro da partida foi o sueco Jonas Eriksson.

fundo do gol. Aos 35 minutos Marcelo ao interceptar a bola no meio de campo já lançou Neymar que carregou a bola até a meia lua e tocou para deslocar o goleiro e assegurar a vitória brasileira por 2X1 no primeiro tempo.

O Brasil ampliou aos 4 minutos da etapa final. A zaga camaronesa cortou mal, a bola caiu no peito de Fernandinho, ele ajeitou e tocou para David Luiz, livre do lado esquerdo, o zagueiro brasileiro cruzou para Fred cabecear para o gol vazio. Em uma bela troca de passes, aos 39 minutos, Oscar serviu Fernandinho que tocou para Fred que de primeira devolveu para Fernandinho, já dentro da área, chutar cruzado e dar números finais ao confronto.<sup>556</sup>

A vitória trouxe novamente um discurso mais esperançoso para a imprensa brasileira que ressaltou a evolução da equipe, especialmente com as mudanças feitas ao longo da partida, em especial a entrada de Fernandinho no lugar de Paulinho. Segundo Tostão: “No segundo tempo, além do show de Neymar, um espetáculo, entrou Fernandinho. Ele desarmou, trocou passes e ainda fez um belo gol. Tomou conta da posição. Paulinho continua invisível”.<sup>557</sup>

Para o Clarín foi a apresentação mais convincente do Brasil, apesar de ter apresentado algumas deficiências no setor defensivo. Neymar foi considerado o diretor da orquestra. O jornal ainda destacou que os anfitriões, com a vitória, terminaram na primeira posição de sua chave e teriam agora pela frente, já pela fase de mata-mata, a Seleção Chilena.<sup>558</sup>

A Folha de São Paulo fez uma matéria abordando a torcida argentina que invadiu Porto Alegre para o jogo da sua seleção e que ela “secava” o Brasil. “Antes da partida contra os nigerianos turistas vão à Fan Fest torcer contra o Brasil”.<sup>559</sup> Como lembra Helal, houve

---

<sup>556</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. FIFATV. “CAMEROON v BRAZIL (1:4) - 2014 FIFA World Cup™”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bly2MB1A0cI>. Acessado em: 27 de julho de 2018.

<sup>557</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 24 de junho de 2014, p. D5.

<sup>558</sup> CLARÍN, 23 de junho de 2014. “Brasil goleó y ahora espera a Chile”. Disponível em: [https://www.clarin.com/mundial-brasil-2014/brasil-honrar-historia-camerun\\_0\\_rktxC1h9w7x.html](https://www.clarin.com/mundial-brasil-2014/brasil-honrar-historia-camerun_0_rktxC1h9w7x.html). Acessado em: 27 de julho de 2018.

<sup>559</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 24 de junho de 2014, p. D13. A Copa do Mundo de 2014 assistiu alguns confrontos entre torcedores argentinos e brasileiros, como o ocorrido em Belo Horizonte, no tradicional bairro da Savassi. É outra temática que pode ser aprofundada em pesquisas futuras, lembrando o hit que se tornou popular entre os torcedores argentinos: “Brasil decime que sé siente”. Cf. LA NACION, 24 de junho de 2018. Disponível

uma mudança na percepção dos argentinos em relação aos brasileiros no futebol a partir, segundo o pesquisador, de 2006, elevando o grau de rivalidade entre os dois países, dessa forma, a frase de Pablo Alabarces, “os brasileiros amam odiar os argentinos e os argentinos odeiam amar os brasileiros” estava, ao menos em parte, perdendo sua validade, afinal, os argentinos, como se viu na matéria acima, começavam a revidar.<sup>560</sup> Também é necessário levar em conta que em virtude da Copa do Mundo ser no Brasil, vizinho da Argentina, propiciou a vinda de muitos torcedores daquele país para assistir a competição e com isso intensificou a percepção dos sentimentos da torcida argentina em relação ao futebol brasileiro.

A Argentina iniciou sua campanha na Copa do Mundo de 2014 enfrentando a Bósnia e Herzegovina no dia 15 de junho, no Maracanã, Rio de Janeiro.<sup>561</sup> A torcida brasileira presente no estádio era claramente hostil a Messi e à Argentina. Exercendo forte marcação, a equipe europeia conseguiu dificultar bastante os avanços de seu adversário que também contou com a ajuda da escalação mais defensiva de Sabella, com 3 zagueiros, 2 laterais e que contava ainda com o auxílio de Mascherano que, por vezes, se posicionava como mais um zagueiro. Por problemas físicos, Higuaín foi poupado no primeiro tempo,<sup>562</sup> desfalcando o “quarteto fantástico” que brilhou nas eliminatórias.<sup>563</sup> A sorte também pareceu acompanhar a primeira etapa argentina, que fez o seu primeiro gol logo aos 2 minutos. Messi cruzou na área em cobrança de falta na esquerda do ataque, Rojo desviou de cabeça e a bola acabou batendo nas pernas do desavisado Kolasinac, que, sem querer, mandou-a contra a própria meta. Foi o

---

em: <https://www.lanacion.com.ar/1703861-alguna-otra-hinchada-tendra-un-hit-como-brasil-decime-que-se-siente>. Acessado em: 27 de julho de 2018. O La Nacion também publicou, além do hit mais famosos, todas as canções que os argentinos entoaram no Mundial de 2014. Cf. LA NACION, 5 de julho de 2018. “Clásicas, novedosas, y bizarras: las canciones de los hinchas argentinos en Brasil”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1707550-clasicas-novedosas-y-bizarras-las-canciones-de-los-hinchas-argentinos-en-brasil>. Acessado em: 27 de julho de 2018. Em relação ao conflito em Belo Horizonte. Cf. MOTA, Cahê. “Brasileiros e argentinos travam briga com garrafas na noite de BH”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecoes/argentina/noticia/2014/06/brasileiros-e-argentinos-tem-briga-regada-garrafas-na-madrugada-de-bh.html>. Acessado em: 27 de julho de 2018.

<sup>560</sup> Helal pesquisou em seu pós-doutorado a percepção argentina em relação ao futebol brasileiro entre os Mundiais de 1970 e 2002 e neste período ele percebe que os argentinos, na maior parte, torciam para a Seleção Brasileira caso a Argentina não estivesse mais na disputa. Cf. SABINO, Alex. “Copa mostra acirramento da rivalidade Brasil-Argentina, afirma sociólogo”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/07/1484416-copa-mostra-acirramento-da-rivalidade-brasil-argentina-afirma-sociologo.shtml>. Acessado em: 29 de julho de 2018.

<sup>561</sup> Escalação da Seleção Argentina: Romero, Garay, Campagnaro (Fernando Gago), Zabaleta, Marcos Rojo, Fernández, Di María, Maxi Rodríguez (Higuaín), Mascheerano, Messi e Agüero (Biglia). Escalação da Seleção Bósnia: Begovic, Bicarcic, Kolasinac, Besic, Mujdza (Ibisevic), Pjanic, Misimovic (Ibesevic), Lulic, Hajrovic (Visca) e Dzeko. O árbitro da partida foi o salvadorenho Joel Aguillar.

<sup>562</sup> Sabella explicou que o atacante começou no banco pois passou a semana se recuperando de uma contusão do tornozelo.

<sup>563</sup> O “quarteto fantástico” era formado por: Messi, Higuaín, Di María e Agüero.

gol contra mais rápido da história das Copas do Mundo, e depois disso o jogo seguiu com muitos erros e poucas chances criadas.

A Argentina melhorou com a entrada de Higuaín logo depois do intervalo, inclusive o futebol de Messi, que pouco apareceu na primeira etapa, cresceu no segundo tempo e foi dele o segundo gol aos 20 minutos. O craque avançou pelo meio, tocou para Higuaín e recebeu e volta, driblou Bicarcic enquanto puxava para a esquerda e chutou, a bola ainda bateu na trave direita antes de entrar.<sup>564</sup> Sem muitas opções, a Bósnia e Herzegovina partiu para o ataque e com isso afrouxou a marcação. Messi teve duas ótimas oportunidades de ampliar o placar, mas não marcou. Quando faltavam 5 minutos para o encerramento da partida, o susto, Ibsevic recebeu dentro da área e tocou entre as pernas de Romero. Mas a reação parou por aí e a Argentina, com a vitória por 2X1, conquistou os seus três primeiros pontos em seu grupo.<sup>565</sup>

Para a imprensa brasileira, a Argentina iniciou a partida com um esquema muito defensivo e destacava que o ponto alto da equipe era o seu quarteto de ataque que esteve em campo apenas na etapa final, quando a seleção inclusive atuou melhor. As reportagens se centraram em Messi, que mesmo não realizando uma “atuação sensacional nesse domingo (15) precisou apenas de um grande momento para decidir a partida”.<sup>566</sup>

Em relação ao gol de Messi, o *La Nacion* destacou que ele marcou no momento em que a torcida brasileira presente no Maracanã começava a gritar o nome de Neymar.<sup>567</sup> O periódico também ressaltou que a equipe não atuou bem na primeira etapa e que as mudanças realizadas no intervalo resultaram no sepultamento do esquema 3-5-2 no qual os comandados de Sabella iniciaram o jogo.<sup>568</sup>

---

<sup>564</sup> Os jornais brasileiros e argentinos destacaram que aquele era o primeiro gol de Messi em um Mundial desde 2006. O atleta não marcou gols em 2010, na África do Sul.

<sup>565</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pela GLOBO.COM. Cf. GLOBO.COM. “Melhores momentos: Argentina 2X1 Bósnia pela 1ª rodada do Grupo F da Copa do Mundo”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/copa-do-mundo/videos/v/melhores-momentos-argentina-2-x-1-bosnia-pela-1a-rodada-do-grupo-f-da-copa-do-mundo/3421741/>. Acessado em: 29 de julho de 2018.

<sup>566</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 16 de junho de 2014, p. D4.

<sup>567</sup> LA NACION, 16 de junho de 2014. HACKER, Pablo. “Un grito con fúria y desde el alma: Lionel Messi volvió al gol en un Mundial, tras ocho años”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1701614-copa-del-mundo-argentina-bosnia-lionel-messi-gol-brasil-2014>. Acessado em: 29 de julho de 2018.

<sup>568</sup> Idem, ibidem. VARSKY, Juan Pablo. “Nace una política de estado: muere el 3-5-2”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1701640-nace-una-politica-de-estado-muere-el-3-5-2>. Acessado em: 29 de julho de 2018.

O Irã foi o adversário dos argentinos no dia 21 de junho, em Belo Horizonte.<sup>569</sup> O oponente, considerado o mais frágil do grupo, mostrou-se extremamente difícil de ser superado e a Argentina flertou com a “zebra”. O treinador iraniano, o português Carlos Queiroz, montou uma defesa quase inexpugnável. Na primeira etapa, a Argentina criou poucas jogadas de grande perigo e o Irã, em uma cabeçada, no final da primeira etapa, depois de um escanteio, esteve próxima de abrir o placar.

Os argentinos voltaram ainda mais dispersos na segunda etapa, errando passes fáceis e sem chutar de fora da área. O Irã passou a ameaçar, Romero realizou grande defesa, a melhor do jogo, depois da cabeçada de Dejagah e voltou a salvar a sua equipe no chute de Goochannejhad. “A cada minuto os iranianos pareciam mais confiantes. A torcida argentina murchou. A brasileira se sentiu mais confiante para cantar”.<sup>570</sup>

Sabella colocou dois atacantes, Palacio e Lavezzi, mas o rendimento da equipe não melhorou. Na mesma data em que o Irã comemorava seu maior feito no futebol, a vitória sobre os Estados Unidos na Copa de 1998, parecia que, novamente em 21 de junho, colheria outro resultado histórico, empatar com a Argentina. No entanto, já nos descontos, Messi recebeu uma rara bola perto da área e resolveu fazer algo que a equipe não estava realizando, chutar de longe. Ele bateu de curva, para acertar o canto direito e marcar um belo gol que garantiu a vitória e a classificação de sua equipe para as oitavas de final.<sup>571</sup>

Como já havia ocorrido na partida de estreia, os cronistas da Folha de São Paulo não teceram comentários analíticos sobre a partida realizada pela Argentina. O jornal paulista apresentou apenas o desenvolvimento da partida, sem se deter mais profundamente no estilo ou no que se esperava do futebol albiceleste. Já Felipe Lobo, para o site Trivela, escreveu:

O Irã de Dejagah parecia estar escrevendo um empate épico em sua história. Quem sabe até uma vitória, por que não? Goochannejhad, o artilheiro do time, ficou a centímetros de marcar o gol em uma cabeçada, que Romero

<sup>569</sup> Escalação da Seleção Argentina: Romero, Garay, Zabaleta, Marcos Rojo, Fernández, Fernando Gago, Di María (Biglia), Mascherno, Higuain (Palacio), Messi e Agüero (Lavezzi). Escalação da Seleção Iraniana: Haghighi, Hosseini, Sadeghi, Pouladi, Hajsafi (Haghighi), Nekounam, Teymourian, Montazeri, Shojaei (Heydari), Goochannejhad e Dejagah (Jahanbakhsh). O árbitro da partida foi o sérvio Milorad Mazic.

<sup>570</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 22 de junho de 2014, p. D4.

<sup>571</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pela GLOBO.COM. Cf. GLOBO.COM. “Melhores momentos: Argentina 1X0 Irã pela 2ª rodada do Grupo F da Copa do Mundo”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/copa-do-mundo/videos/v/melhores-momentos-argentina-1-x-0-ira-pela-2a-rodada-do-grupo-f-da-copa-do-mundo-2014/3440345/>. Acessado em: 29 de julho de 2018.

teve que defender (...). Só que tinha Messi. Tinha a perna canhota de um craque, que tinha corrido pouco, que não tinha feito, de novo, uma boa partida. Mas ele acertou um chute lá, no canto alto superior do goleiro, onde é sempre difícil defender. Foi ele que colocou a Argentina entre os classificados para a próxima fase já na segunda rodada, de novo com o gol da vitória, mas desta vez com altas doses de tensão para os argentinos. O futebol da Argentina está longe de ser o esperado. O futebol de Messi está longe de ser o que se sabe que ele pode render. Mesmo assim, ele acabou sendo decisivo. A Argentina avança, sob a tutela de um Messi que, se não é brilhante, é decisivo.<sup>572</sup>

O Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre, assistiu no dia 25 de junho o quarto confronto na primeira fase das Copas do Mundo entre Argentina e Nigéria,<sup>573</sup> os demais ocorreram em 1994, 2002 e 2010.<sup>574</sup> A torcida argentina, aproximadamente 80 mil pessoas, “invadiu”, a capital do Rio Grande do Sul para apoiar o seu selecionado. “Em casa” foi a forma que a Folha de São Paulo definiu o apoio que Messi e seus companheiros receberam.<sup>575</sup> Para a alvianil, já classificada, um empate garantiria a primeira colocação do grupo. Os nigerianos, para não dependerem do resultado de Irã e Bósnia e Herzegovina também precisavam de mais um ponto.

Antes, durante e depois da partida, a torcida argentina, no estádio e fora dele, provocou a brasileira cantando o hit “Me diz o que se sente”,<sup>576</sup> louvando Messi e Maradona e ainda lembrando o gol de Caniggia na Copa de 90.

Apesar do empate servir para as duas equipes, o que se viu foi um jogo franco e muito disputado. O primeiro tempo começou animado com a Argentina inaugurando o marcador logo aos 3 minutos. Di María recebeu a bola do lado esquerdo, chutou forte e a bola foi na trave, no rebote Messi apareceu e encheu o pé para o fundo das redes. A albiceleste não teve tempo de comemorar, pois no minuto seguinte Musa recebeu dentro da área, cortou para a direita e chutou sem chances para Romero.

<sup>572</sup> LOBO, Felipe. “Argentina 1X0 Irã: cadeado arrebenta quando a corda já estava no pescoço”. Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/argentina-1x0-ira-messi-arrebentou-o-cadeado-ira-quando-corda-ja-estava-pescoco/>.

Acessado em: 29 de julho de 2018.

<sup>573</sup> Escalação da Seleção Argentina: Romero, Garay, Zabaleta, Marcos Rojo, Fernández, Fernando Gago, Do María, Mascherano, Higuaín (Biglia), Messi (Alvarez) e Agüero (Lavezzi). Escalação da Seleção Nigeriana: Enyeama, Yobo, Ambrose, Oshaniwa, Omeruo, Mikel, Onazi, Musa, Odemwingie (Nwofor), Emenike e Babatunde (Uchebo). O árbitro da partida foi o italiano Nicola Rizzoli.

<sup>574</sup> Argentina X Nigéria é o emparelhamento que mais ocorreu na primeira fase dos Mundiais, foram cinco acrescentando a Copa de 2018 na Rússia.

<sup>575</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 26 de junho de 2014, p. 1.

<sup>576</sup> “Brasil, decime qué se siente tener en casa a tu papá. Te juro que aunque pasen los años, nunca nos vamos a olvidar... Que el Diego te gambeteó, que Cani te vacunó, que estás llorando desde Italia hasta hoy. A Messi lo vas a ver, la Copa nos va a traer, Maradona es más grande que Pelé”.

Melhor tecnicamente, os argentinos seguiram superiores no restante do primeiro tempo. A equipe sul-americana criou boas oportunidades, elas eram ora desperdiçadas ou terminavam nas boas intervenções do goleiro nigeriano. A Nigéria, em ataques mais esporádicos, aproveitava-se da fragilidade da defesa adversária, e criava situações de perigo. Apesar das boas jogadas, as equipes aparentemente iriam empatadas para o intervalo. No entanto, já nos descontos, Messi cobrou falta com perfeição, marcou seu quarto gol em três jogos e a Argentina foi com a vantagem de 2X1 para o vestiário.

O ritmo não caiu na segunda etapa e aos 2 minutos, Musa, novamente, invadiu a área e tocou na saída de Romero para deixar tudo igual. O *script* desenvolvido no primeiro tempo se repetiu e apenas 3 minutos depois a Argentina voltou a liderar o placar. Após cobrança de escanteio de Di María, Rojo, de joelho, apareceu para marcar. Os argentinos continuaram melhores, jogando com muita velocidade o seu ataque envolvia a defesa adversária. O ímpeto arrefeceu um pouco aos 18 minutos com a saída de Messi, poupado, para a entrada de Alvarez. Ainda assim, outras jogadas foram criadas e desperdiçadas pela albiceleste que venceu por 3X2 e terminou na primeira posição de seu grupo.<sup>577</sup> A Nigéria, mesmo derrotada, contou com a ajuda da Bósnia que derrotou o Irã por 3X1 e garantiu a segunda vaga que lhe deu o direito de enfrentar a França na fase seguinte. Já a Argentina jogaria contra a Suíça.

Mais uma vez Messi foi o destaque do jogo e foi escolhido, como havia ocorrido nas duas partidas anteriores de sua equipe, o melhor jogador em campo pela FIFA. “Por causa do camisa 10, os problemas defensivos da Argentina foram esquecidos depois da vitória por 3 a 2 sobre a Nigéria, nesta quarta-feira (25), em Porto Alegre”.<sup>578</sup> Se tais dificuldades persistiam, também era ressaltada a evolução ofensiva da Argentina em relação aos dois primeiros confrontos.<sup>579</sup>

Para o site Terra, Dassler Marques escreveu:

---

<sup>577</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pela GLOBO.COM. Cf. GLOBO.COM. “Melhores momentos: Argentina 3X2 Nigéria pela 3ª rodada do Grupo F da Copa do Mundo”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/copa-do-mundo/videos/v/melhores-momentos-argentina-3-x-2-nigeria-pela-3a-rodada-do-grupo-f-da-copa-do-mundo/3451447/>. Acessado em: 29 de julho de 2018.

<sup>578</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 26 de junho de 2014, p. D5.

<sup>579</sup> Idem, ibidem, p. D5.

O pouco encantador futebol apresentado pela Argentina nas duas partidas iniciais da Copa do Mundo foi compensado com uma grande atuação nesta quarta-feira, pela terceira rodada do Grupo F. Apesar de ainda apresentar problemas defensivos, a seleção sul-americana teve finalmente boa performance ofensiva e, liderada pelo artilheiro do torneio Lionel Messi, venceu a Nigéria por 3 a 2 para terminar a primeira fase líder com 100% de aproveitamento.<sup>580</sup>

Paulo Racker, para o *La Nacion*, fez um balanço da atuação argentina na primeira fase do Mundial:

A seleção se despediu desta cidade [Porto Alegre] com a convicção que terminou com a contagem perfeita a primeira fase de Brasil 2014, mas consciente que em suas três apresentações cometeu erros que ela não poderá repetir a partir das oitavas de final, quando na terça, a partir das 13, em São Paulo, enfrentará a Suíça.<sup>581</sup>

Para o jornalista argentino, o grande destaque da equipe foi Messi. Abaixo dele, realizando uma boa Copa do Mundo, destacou o goleiro Sergio Romero e Marcos Rojo. O goleiro, por exemplo, chegou questionado ao Mundial por não ser titular em sua equipe, o Mônaco. Di María, mesmo atuando abaixo do que pode render, especialmente nas duas primeiras partidas, também foi considerado um destaque por Racker. Já os atletas que decepcionaram foram, para o jornalista: Agüero, Higuaín e Federico Fernández.<sup>582</sup>

O *La Nacion* também ressaltou a entrevista de Ronaldo, nela o ex-atleta afirmou que uma final entre Brasil e Argentina seria um sonho, especialmente se o Brasil ganhasse, porém não sabia o que poderia acontecer em caso de derrota da seleção comandada por Felipão. Ao se por de pé, tomou novamente o microfone e completou: “Tomará que a Argentina perca antes, assim não nos arriscamos tanto”.<sup>583</sup> Percebe-se aqui o respeito e também a grande rivalidade existente entre Brasil e Argentina no futebol, que mesmo sendo uma final incrível, “de sonho”, era melhor ser evitada, reforçada pela lembrança, mesmo que não fosse dita abertamente, que o Brasil, na outra Copa que sediou, em 1950, havia sido

<sup>580</sup> MARQUES, Dassler. “Comandada por Messi, Argentina mantém 100%; Nigéria avança”. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/nigeria/comandada-por-messi-argentina-mantem-100-nigeria-avanca,eb3efc9d1f3d6410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>. Acessado em: 29 de julho de 2018.

<sup>581</sup> LA NACION, 26 de junho de 2014. RACKER, Paulo. “Ganadores y perdedores de la selección argentina, tras la primera rueda del Mundial”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1704545-ganadores-y-perdedores-de-la-seleccion-argentina-tras-la-primera-rueda-del-mundial>. Acessado em: 29 de julho de 2018.

<sup>582</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>583</sup> Idem, *ibidem*. PREVOSTI, Jeremias. “Ronaldo: ‘Ojalá que la Argentina pierda antes de la final, así no nos arriesgamos’”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1704742-ronaldo-ojala-que-la-argentina-pierda-antes-de-la-final-asi-no-nos-arriesgamos>. Acessado em: 29 de julho de 2018.

derrotado por um rival também sul-americano, o Uruguai. O temor de um novo *Maracanazo* se fez presente em 2014 entre jornalistas e também torcedores.

Coube à Seleção Brasileira abrir a fase de oitavas de final ao enfrentar, no Mineirão, os chilenos no início da tarde de 28 de junho.<sup>584</sup> Mais de 57 mil torcedores encheram o estádio, em sua maioria para torcer pelo Brasil e com a esperança que os anfitriões superassem o Chile sem maiores dificuldades como ocorreu em Copas anteriores. Não foi o que aconteceu e o *Mineirazo* esteve próximo de se realizar...

O Chile, comandado pelo argentino Jorge Sampaoli, iniciou a partida com a marcação avançada, dificultando o toque de bola do meio de campo brasileiro. A partir dos 10 minutos o Brasil conseguiu equilibrar o jogo e suas individualidades começaram a aparecer, especialmente pela esquerda com Neymar e Marcelo realizando uma boa parceria. Os chilenos, com o intuito de parar as jogadas brasileiras, começaram a fazer faltas mais próximas a área. Em uma delas, Hulk bateu forte e Bravo colocou para escanteio. Na cobrança, Neymar cruzou, Thiago Silva escorou para dentro da pequena área, Jara e David Luiz dividiram a bola, apesar de o jogador chileno a tocar por último e marcar contra, o gol foi assinalado para o zagueiro brasileiro. Eram decorridos 18 minutos da primeira etapa.

O Chile não se abateu e continuou agredindo o Brasil que, de qualquer forma, controlava o jogo. Aos 31 minutos, em uma despreziosa cobrança de lateral pela esquerda, Marcelo bateu para Hulk que errou na devolução para Marcelo, Vargas tomou a bola e de primeira tocou dentro da área para Alexis Sánchez que, antes da chegada de Thiago Silva, chutou cruzado para vencer Júlio César. Apesar de ter sentido bastante o gol, os brasileiros buscaram o desempate. Neymar cabeceou com perigo aos 35 minutos, a bola desviou na cabeça de Silva e passou raspando na trave. O primeiro tempo terminou em 1X1.

O Brasil começou o segundo tempo enfrentando as mesmas dificuldades da etapa inicial. Os visitantes exerciam boa marcação e a Seleção Brasileira não conseguia finalizar. Neymar, ao contrário das outras partidas, não fazia a diferença. Aos 9 minutos, Marcelo

---

<sup>584</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Júlio César, Daniel Alves, David Luiz, Thiago Silva, Marcelo, Luiz Gustavo, Fernandinho (Ramires), Oscar (Willian), Hulk, Fred (Jô) e Neymar. Escalação da Seleção Chilena: Bravo, Silva, Medel (Rojas) e Jara, Isla, Aránguiz, Díaz, Vidal (Pinilla), Mena, Alexis Sánchez e Vargas (Gutierrez). O árbitro da partida foi o inglês Howard Webb.

lançou Hulk, o atacante matou a bola e chutou “mascado”<sup>585</sup> com ela morrendo no canto direito de Bravo. O gol foi anulado pois o árbitro inglês entendeu que o jogador brasileiro, o que é discutível, ajeitou a bola com o auxílio do braço, a jogada ainda rendeu cartão amarelo para Hulk. Aos 19 minutos, o Chile fez ótima tabela pelo lado direito do ataque e cruzou para a conclusão forte de Aránguiz, Júlio César fez excelente defesa e mandou para escanteio. Mais na base da vontade do que da técnica, o Brasil criou algumas jogadas de perigo a partir dos 30 minutos, mas não foi capaz de vencer a meta defendida por Bravo. O empate no tempo regulamentar levou a partida para a prorrogação.

Apesar de ter jogado melhor que o Chile no primeiro tempo da prorrogação, a Seleção Brasileira continuava sofrendo com a forte marcação adversária. Quando conseguia superá-la, acabava parando nas boas defesas do goleiro adversário. O Chile sentiu o desgaste físico na etapa final do tempo extra e ficou mais preocupado em levar a disputa para as penalidades máximas, o Brasil pressionava, mas não conseguia entrar na defesa da “Roja”. Coube ao Chile, na última jogada da partida, a melhor oportunidade de vencer o jogo. Pinilla, que já havia atuado no futebol brasileiro, recebeu a bola na entrada da área e chutou forte, a bola chocou-se no travessão brasileiro. A vaga para as quartas de final foi decidida nas penalidades máximas.

David Luiz foi o primeiro a converter. Na cobrança seguinte Júlio César defendeu a cobrança de Pinilla. Mas o drama não acabou, William, na sequência, chutou para fora. Alexis Sánchez cobrou e Júlio César defendeu novamente. Marcelo converteu para ampliar a vantagem brasileira. Aránguiz chutou forte e marcou. Bravo defendeu com as pernas o chute de Hulk. Díaz empatou para os chilenos, Neymar, o último cobrador da seleção, voltou a colocar o Brasil em vantagem. A definição estava nos pés de Jara e ele bateu na trave classificando o Brasil para as quartas de final para enfrentar a Colômbia.<sup>586</sup>

Crítica comum na imprensa brasileira era em relação à pouca produtividade do meio campo da seleção, que abusava das ligações diretas da defesa para o ataque, fato

---

<sup>585</sup> O chute é considerado mascado quando a bola não é atingida em cheio, mas em um ponto em que não se transmite todo o impulso potencial da batida realizada. O chute costuma sair fraco, prensado e realiza uma trajetória irregular.

<sup>586</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pela GLOBO.COM. Cf. GLOBO.COM. “Melhores momentos: Brasil 1(3)X1 (2) Chile pelas oitavas de final da Copa do Mundo 2014”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/copa-do-mundo/videos/v/melhores-momentos-brasil-1-3-x-2-1-chile-pelas-oitavas-de-final-da-copa-do-mundo-2014/3461874/>. Acessado em: 30 de julho de 2018.

destacado por Tostão em sua crônica, depois da angustiante partida contra o Chile: “O Brasil continua sem meio-campo e com chutes e passes longos”. Ressaltou a excessiva dependência de Neymar. Ainda assim, o cronista continuava otimista:

O Brasil se classificou, mas jogou mal. Não foi nenhuma surpresa o jogo difícil e igual. Coletivamente, o Chile é melhor. Individualmente, o Brasil tem dois zagueiros excepcionais e Neymar. Se ele estivesse mais inspirado, a seleção teria vencido no tempo normal. O problema do Brasil não foi emocional. Foi técnico e tático. Haverá novos sufocos. Mesmo assim, o Brasil continua forte candidato ao título. Há muitas seleções boas, mas nenhuma excepcional.<sup>587</sup>

Cristian Grosso iniciou sua crônica, lembrando a proximidade em que o Brasil esteve no Mineirão de viver o trauma de 50, especialmente quando Pinilla acertou o travessão no final da prorrogação. O cronista se mostrou decepcionado com o futebol apresentado, até então, pela Seleção Brasileira, “Algemado, desprovido de criatividade e dado a alguma pirueta de Neymar”.<sup>588</sup> Para ele, aquela equipe não era digna da história do futebol brasileiro.

O plantel de Luiz Felipe Scolari não está a altura de sua magnífica história, a esbofeteia. Uma equipe que deprecia a bola, lhe incomoda. Sim, lhe queima. (...) quando deve administrar a posse se enche de interrogações e avança com a torpeza da previsibilidade. Brasil: um conjunto vazio de fantasia.<sup>589</sup>

Mais uma vez percebe-se que há um ideal, uma expectativa criada em torno do futebol brasileiro, formulada a partir das experiências vividas, do futebol apresentado no passado, e quando ele não se materializa cria uma sensação de frustração na mídia esportiva argentina. A criatividade, ou nas palavras do cronista, a fantasia, seriam marcas identitárias da prática futebolística brasileira que sempre forneceu ao mundo grandes jogadores e alguns fora de série, mas que agora “jogavam com uma vulgaridade futebolística alarmante, como Marcelo, Dani Alves, Fred... Outros, como uma leveza indecorosa, como Fernandinho e o fantasmagórico Oscar”.<sup>590</sup>

A imprensa argentina, supersticiosamente, lembrou que o seu selecionado, há 48 anos, havia conquistado sua última vitória em uma Copa do Mundo no mês de julho,

<sup>587</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 29 de junho de 2014, p. D12.

<sup>588</sup> LA NACION, 29 de junho de 2014. GROSSO, Cristian. “Brasil salió de la pesadilla cuando temblaba de terror”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1705598-brasil-salio-de-la-pesadilla-cuando-temblaba-de-terror>. Acessado em: 30 de julho de 2018.

<sup>589</sup> Idem, ibidem.

<sup>590</sup> Idem, ibidem.

exatamente contra a Suíça, por 2X0, pela terceira rodada da primeira fase da Copa de 1966.<sup>591</sup> Em 2014, a albiceleste não viveu momentos fáceis contra a equipe europeia em São Paulo no dia 1º de julho.<sup>592</sup> Apesar de ter maior posse de bola ao longo de toda a partida, a albiceleste foi pouco decisiva e se viu anulada pelo bloqueio defensivo construído por seu oponente, característico de seu futebol. Mesmo rondando a área adversária, erravam o último passe e Messi estava em uma jornada pouco inspirada. As duas boas chances do primeiro tempo foram da Suíça, na primeira, Romero realizou boa defesa e na segunda Drmic chutou fraco, praticamente recuou a bola para o goleiro argentino.

A tônica do duelo pouco se alterou na etapa complementar, exceto que a Argentina aumentou a pressão na medida em que o jogo se encaminha para a sua parte final, sem êxito. O primeiro tempo da prorrogação foi ainda mais tenso do que o tempo normal. A Suíça começou a ter maior domínio de bola e a atacar mais frequentemente, mesmo que sem criar jogadas realmente perigosas. A torcida brasileira presente no Itaquerão se animou e no final do primeiro tempo da prorrogação gritava “olé” quando os suíços tocavam a bola.

O segundo tempo da prorrogação começou com Di María exigindo boa defesa de Benaglio. Quando o drama da disputa de pênaltis se encaminhava, Messi, enfim, apareceu. Aos 12 minutos, o craque fez boa jogada e deu assistência perfeita para Di María, de primeira, chutar rasteiro para as redes. Mas a classificação ainda não estava garantida e as emoções continuaram até o apito final. A Suíça partiu para o ataque e aos 14 minutos Dzemaili cabeceou na trave e depois a equipe ainda desperdiçou uma falta perigosa na entrada da área, dentro da meia lua, na última jogada antes do apito final.<sup>593</sup> Com a vitória simples, o próximo adversário da Argentina, em Brasília, pelas quartas de final, seria a Bélgica.

Para a Folha de São Paulo:

---

<sup>591</sup> LA NACION, 1º de julho de 2014. “La última vez que la Argentina ganó en el mes de julio fue en 1966... y ante Suiza”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1705876-como-en-1966-la-argentina-quiere-volver-a-ganar-en-julio-y-ante-suiza>. Acessado em: 30 de julho de 2018.

<sup>592</sup> Escalação da Seleção Argentina: Romero, Garay, Zabaleta, Marcos Rojo (Basanta), Fernández, Fernando Gago (Biglia), Di María, Mascherano, Higuaín, Messi e Lavezzi (Palacio). Escalação da Seleção Suíça: Benaglio, Lichtsteiner, Ricardo Rodríguez, Djourou, Schär, Inler, Xhaka (Gelson Fernandes), Behrami, Shaqiri, Mehmedi (Dzemaili) e Drmic (Seferovic). O árbitro da partida foi o sueco Jonas Eriksson.

<sup>593</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pela GLOBO.COM. Cf. GLOBO.COM. “Melhores momentos: Argentina 1X0 Suíça pelas oitavas de final da Copa do Mundo 2014”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/copa-do-mundo/videos/v/melhores-momentos-de-argentina-1-x-0-suica-pelas-oitavas-de-final-da-copa-do-mundo-2014/3468921/>. Acessado em: 30 de julho de 2018.

A Suíça levou os argentinos ao limite do desespero. Segurou a partida, criou chances e deixou o clima do Itaquerão tenso para os atletas e torcedores. Nos primeiros 45 minutos, as melhores chances foram dos europeus. A Argentina passou 117 minutos tentando encontrar um jeito de entrar na área rival.<sup>594</sup>

Mais uma vez a Folha de São Paulo tratou do enfrentamento das torcidas do Brasil e da Argentina. Na descrição do jogo, contudo, não discutiu o estilo de jogo da alvianil. Os cronistas, praticamente não abordaram este aspecto da vitória da equipe sul-americana. Isso difere completamente da cobertura jornalística argentina que se preocupa em analisar detidamente não só a Seleção Brasileira, mas também as outras equipes que se apresentavam no Mundial. Apesar de não ser dito em nenhum momento, a despreocupação em analisar o futebol praticado pelas outras seleções por parte dos jornalistas da grande imprensa nacional me parece um exemplo ou reflexo da soberba do futebol brasileiro, de uma percepção muito autocentrada de que não teria nada para aprender com o futebol dos demais países.

Para a imprensa argentina, a equipe não jogou bem e a classificação se deu muito mais em virtude do coração, ou seja, da vontade, da disposição, elementos que os brasileiros identificam como característicos dos argentinos, do que pelo bom futebol. Messi, por exemplo, mesmo sendo sempre perigoso, teve uma tarde “terrena” para Paulo Hacker, ainda assim, foi dele a jogada que terminou no gol salvador de Di María.<sup>595</sup> Cristian Grosso, por sua vez, afirmou que a seleção “oferta muito menos do que as receitas obtidas” ironicamente escreve que: “Algo sobrenatural estende um manto para a equipe de Alejandro Sabella (...) A seleção precisa dos alinhamentos planetários para sustentar o que o seu rendimento se ocupa de fazer oscilar”. Finalmente ele entendia que “ao avançar no Mundial, a Argentina terá, no próximo sábado, outra oportunidade para entregar uma proposta mais persuasiva”.<sup>596</sup>

No dia 4 de julho a Alemanha venceu a França no Maracanã por 1X0 e classificou-se para a semifinal da Copa do Mundo de 2014. O seu futuro adversário seria conhecido naquela tarde do confronto entre o Brasil e o perigoso rival sul-americano, a

---

<sup>594</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 2 de julho de 2014, p. D3.

<sup>595</sup> LA NACION, 1º de julho de 2014. HACKER, Paulo. “Argentina-Suíza: la selección se clasificó a cuartos de manera agónica”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1705907-argentina-suiza-mundial-brasil-copa-del-mundo-octavos-de-final>. Acessado em: 30 de julho de 2018.

<sup>596</sup> Idem, 2 de julho de 2014. GROSSO, Cristian. “El dramatismo acompañó el desembarco argentino en cuartos”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1706254-el-dramatismo-acompano-el-desembarco-argentino-en-cuartos>. Acessado em: 30 de julho de 2018.

Colômbia, de James Rodríguez, que havia derrotado na fase anterior o Uruguai. A partida foi disputada no estádio Castelão, em Fortaleza.<sup>597</sup>

Após a dramática vitória nas penalidades máximas contra o Chile, a Seleção Brasileira entrou em campo no Castelão carregando certa desconfiança da torcida e com a equipe modificada, Maicon no lugar do contestado Daniel Alves e Paulinho no lugar do suspenso Luis Gustavo. O Brasil começou melhor o jogo, marcou, sob pressão, seu adversário e conseguiu abrir o placar, logo, aos 7 minutos. Neymar cobrou o escanteio, a bola cruzou toda a pequena área e Thiago Silva escorou de joelho para dentro do gol. A vantagem deu tranquilidade para os anfitriões, que jogaram melhor que o seu adversário, desperdiçando duas boas oportunidades com Hulk, em ambas Ospina realizou difíceis defesas.

A Colômbia voltou com uma postura mais agressiva na etapa final, causando desconforto para o Brasil, inclusive os visitantes tiveram um gol anulado de Yepes por impedimento, bem assinalado, depois de uma confusão na área brasileira após cobrança de falta. Aos 24 minutos, David Luiz cobrou falta da intermediária, com rara felicidade e ampliou a vantagem brasileira. Aos 34 minutos, Bacca recebeu a bola dentro da área e na tentativa de driblar Júlio César acabou derrubado pelo goleiro. No minuto seguinte James Rodríguez bateu a penalidade e diminuiu o placar. A Colômbia pressionou nos minutos finais, mas não conseguiu empatar a partida.<sup>598</sup> O Brasil alcançava a classificação para a semifinal, mas perdera Neymar para o restante da competição nos minutos finais do jogo em virtude do atacante brasileiro, ajudando a defesa, ter recebido uma joelhada de Zuñiga, na altura da coluna, que resultou na fratura da terceira vértebra lombar.

Já ciente de que Neymar estava fora do Mundial, a Folha de São Paulo estampou na primeira página de sua seção de esportes: “Sem ele dá? Brasil mostra evolução e avança, mas perde Neymar e precisa agora refazer o time para buscar sua vaga na final”.<sup>599</sup> Outro

---

<sup>597</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Júlio César, Maicon, Thiago Silva, David Luiz, Marcelo, Fernandinho, Paulinho (Hernanes), Hulk (Ramires), Oscar, Neymar (Henrique) e Fred. Escalação da Seleção Colombiana: Ospina, Zuñiga, Cristian Zapata, Yepes, Armero, Guarín, Carlos Sánchez, Cuadrado (Quintero), Ibarbo (Adrián Ramos), James Rodríguez e Téo Gutierrez (Bacca). O árbitro da partida foi o espanhol Carlos Velasco Caballo.

<sup>598</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pela GLOBO.COM. Cf. GLOBO.COM. “Melhores momentos: Brasil 2X1 Colômbia pelas quartas de final da Copa do Mundo 2014”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/copa-do-mundo/videos/v/melhores-momentos-brasil-2-x-1-colombia-pelas-quartas-de-final-da-copa-do-mundo-2014/3476688/>. Acessado em: 30 de julho de 2018.

<sup>599</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 5 de julho de 2014, p. D1.

desfalque para a próxima partida era Thiago Silva, o defensor estava suspenso por ter recebido o segundo cartão amarelo.

Tostão ressaltou a dificuldade do duelo contra os colombianos, afirmou que o Brasil jogou muito bem no primeiro tempo, quando pressionou o adversário em seu campo e muito mal na etapa complementar e, em relação à contusão de Neymar, supersticioso, lembrou da Copa de 1962, para trazer esperanças para os torcedores brasileiros.

Triste ficar sem Thiago Silva e, principalmente, Neymar, neste momento decisivo. É possível que a equipe se supere, que apareça um Messias, como Amarildo, na Copa de 1962, quando o Brasil ficou sem Pelé. Se o time brasileiro ganhar o Mundial, será ainda mais heróico. Se perder, já existe uma desculpa convincente.<sup>600</sup>

A contusão de Neymar ganhou os noticiários argentinos, eles também lembraram a experiência exitosa do Brasil em 1962 que ao perder Pelé, seu principal jogador, conquistou o bicampeonato mundial.<sup>601</sup> Para o La Nacion, o Brasil foi superior à Colômbia nos 90 minutos, porém terminou sofrendo com a pressão adversária, especialmente depois que ela diminuiu o placar. Por isso o título da matéria era: “Brasil se acostuma a sofrer: ganhou de 2-1 da Colômbia e chega desfalcado para enfrentar a Alemanha”.<sup>602</sup> De qualquer forma, para o periódico, o Mundial perdia uma de suas estrelas e o Brasil sua alegria, demonstração da importância que os argentinos dão para os atletas criativos e capazes de desequilibrar uma partida.

Neymar, o frescor, a alegria brasileira, ficou fora do Mundial por causa da fratura da terceira vértebra lombar. Em apenas um segundo se acabou o guizo e se calou o carnaval. Aconteça o que acontecer, o Brasil já não será o Brasil sem ele.<sup>603</sup>

Argentina e Bélgica se enfrentaram no dia 5 de julho em Brasília para definir o último semifinalista da Copa do Mundo,<sup>604</sup> o vencedor enfrentaria a Holanda que mais cedo

<sup>600</sup> Idem, 2 de julho de 2014, p. D5.

<sup>601</sup> LA NACION, 5 de julho de 2014. “Por Neymar, se ahogó el festejo”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1707408-por-neymar-se-ahogo-el-festejo>. Acessado em: 30 de julho de 2018.

<sup>602</sup> Idem, 4 de julho de 2014. “Brasil se acostumbra a sufrir: le ganó 2-1 a Colombia y llega golpeado para enfrentar a Alemania”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1706827-en-vivo-brasil-colombia-mundial-brasil-2014-cuartos-de-final>. Acessado em: 30 de julho de 2018.

<sup>603</sup> Idem, 5 de julho de 2014. “Por Neymar, se ahogó el festejo”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1707408-por-neymar-se-ahogo-el-festejo>. Acessado em: 30 de julho de 2018.

<sup>604</sup> Escalação da Seleção Argentina: Romero, Garay, Zabaleta, Demichelis, Basanta, Biglia, Di María (Enzo Pérez), Mascherano, Higuaín (Fernando Gago), Messi e Lavezzi (Palacio). Escalação da Seleção Belga:

derrotara a Costa Rica nas penalidades máximas por 4X3, após empate sem gols no tempo normal e prorrogação. Neste mesmo dia, em Madrid, um dos maiores ídolos do futebol argentino e mundial sofria um infarto, Alfredo Di Stéfano,<sup>605</sup> que havia completado na véspera 88 anos.<sup>606</sup> O ex-atleta faleceu dois depois, em 7 de julho.

Mesmo adotando uma postura cautelosa no início do jogo, a Bélgica sofreu o gol logo aos 7 minutos, Kompany saiu jogando errado, o ataque argentino retomou a bola e Higuaín, dentro da área, chutou forte para marcar o seu primeiro gol na Copa do Mundo. No restante do primeiro tempo a partida foi equilibrada e as duas equipes criaram algumas chances de marcar. Aos 28 minutos, Di María foi bloqueado em uma finalização e, sem sofrer contato físico com o rival, caiu no gramado. Tentou voltar à partida, mas acabou substituído minutos depois. O atleta sofreu uma distensão muscular e era mais um que se despedia da Copa do Mundo, sério desfalque para a equipe dirigida por Sabella. “Ficar sem Di María é um problema sério para a Argentina. O meia é o principal responsável por fazer a bola chegar a Messi e Higuaín”.<sup>607</sup>

No segundo tempo a Bélgica buscou o empate, no entanto, bem postado defensivamente, os platinos bloqueavam os ataques adversários e ainda levavam perigo ao gol belga como ocorreu aos 10 minutos quando Higuaín jogou a bola entre as pernas de Kompany, invadiu a área e chutou no travessão. O time europeu, tentou, na base do desespero, pressionar nos minutos finais o seu oponente, mas abusou das bolas centradas na área que eram, invariavelmente cortadas pela defesa e que raras vezes levavam real perigo à meta defendida por Romero. A última grande oportunidade da partida, aos 48 minutos, foi de Messi em um contra-ataque, o craque recebeu ótimo lançamento, invadiu a área mas foi bloqueado pelo excelente goleiro belga. Ao final dos 90 minutos, Argentina 1X0.<sup>608</sup> Depois de 24 anos e três eliminações nas quartas de final (1998, 2006 e 2010), a equipe sul-americana

---

Courtois, Alderweireld, Kompany, Vertonghen, Van Buyten, Witsel, Kevin De Bruyne, Fellaini, Mirallas (Mertens), Hazard (Chadli) e Origi (Lukaku). O árbitro da partida foi o italiano Nicola Rizzoli.

<sup>605</sup> A biografia de Di Stéfano pode ser lida na nota número 275 do capítulo 4.

<sup>606</sup> LA NACION, 5 de julho de 2014. “Alfredo Di Stéfano sufrió un infarto en España y está en coma”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1707470-alfredo-di-stefano-sufrio-un-infarto-en-espana-y-esta-internado-en-grave-estado>. Acessado em: 30 de julho de 2018.

<sup>607</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 6 de julho de 2014, p. D13.

<sup>608</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pela GLOBO.COM. Cf. GLOBO.COM. “Melhores momentos: Argentina 1X0 Bélgica pelas quartas de final da Copa do Mundo 2014”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/copa-do-mundo/videos/v/melhores-momentos-argentina-1-x-0-belgica-pelas-quartas-de-final-da-copa-do-mundo-2014/3478432/>. Acessado em: 31 de julho de 2018.

voltava a disputar a semifinal do Mundial e a figurar entre as quatro melhores seleções do mundo.

Para o UOL Copa, foi a melhor apresentação da alvianil até aquele momento e a vitória seguiu o padrão argentino na competição, foi “na base do sofrimento”. Os cronistas do site também ressaltaram que a sua criticada defesa “foi fundamental para a classificação às semifinais. Com uma marcação agressiva, a equipe cedeu poucos espaços para a Bélgica. Mesmo com a pressão nos minutos finais, os europeus sofreram para criar boas chances de gol”.<sup>609</sup>

A rivalidade entre brasileiros e argentinos seguia. Nas comemorações destes em Copacabana depois do triunfo contra a Bélgica, o cronista Jeremías Prevosti, do La Nacion, criticou alguns torcedores que cantavam piadas sobre a contusão de Neymar.

Uma piada de mal gosto. Entre tanta cor, não podia faltar a piada de mal gosto contra Neymar, que sofreu uma dura lesão que o deixou à margem da Copa do Mundo. “Uma muleta para Neymar”, cantavam centenas de torcedores segundos depois da finalização do encontro. No resto dos setores, este cronista não voltou a escutar a mesma canção.<sup>610</sup>

Se, por um lado podemos ver o deboche, a alegria com a dor do rival, por outro, pode-se ler também o alívio pelo adversário ter perdido um atleta que poderia desequilibrar uma partida. A pergunta que faço é: em caso contrário, se Messi tivesse se contundido, também não faríamos piadas com a situação do atleta e da Argentina? Essas piadas, mesmo de mal gosto, não refletiriam, em última análise o respeito e o temor por esse adversário?

A primeira semifinal, entre Brasil e Alemanha, foi disputada no dia 8 de julho no Estádio do Mineirão, em Belo Horizonte.<sup>611</sup> Mais uma vez, em uma Copa disputada em casa, em ano de eleição presidencial, o futebol brasileiro se viu envolvido em outra “tragédia”. Se

<sup>609</sup> UOL COPA. “Higuaín desencanta, Argentina bate Bélgica e volta à semi após 24 anos”. Disponível em: <https://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/05/higuain-desencanta-argentina-bate-belgica-e-volta-a-semi-apos-24-anos.htm>. Acessado em: 31 de julho de 2018.

<sup>610</sup> LA NACION, 5 de julho de 2014. PREVOSTI, Jeremías. “Los festejos argentinos en Copacabana: entre la emoción y una broma de mal gusto para Neymar”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1707531-los-festejos-argentinos-en-copacabana-entre-la-emocion-y-una-broma-de-mal-gusto-para-neymar>. Acessado em: 30 de julho de 2018.

<sup>611</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Júlio César, Maicon, David Luiz, Dante, Marcelo, Luiz Gustavo, Fernandinho (Paulinho), Bernard, Oscar, Hulk (Ramires) e Fred (Willian). Escalação da Seleção Alemã: Neuer, Lahm, Boateng, Hummels (Mertesacker), Howedes, Schweinsteiger, Khedira (Draxler), Muller, Kroos, Ozil, Klose (Schürrle). O árbitro da partida foi o mexicano Marco Rodríguez.

em 1950 ocorreu o famoso e sempre recordado *Maracanazo*, o confronto contra os alemães ficou conhecido como *Mineirazo*.

O Brasil não contaria com o seu principal jogador, Neymar, contundido. Não jogaria também o zagueiro Thiago Silva, suspenso. Mesmo se contasse com Neymar, a imprensa brasileira considerava a Alemanha uma equipe mais equilibrada, melhor preparada, logo, favorita para o confronto. Mas, se tratava de um duelo de gigantes do futebol mundial, detentores de oito títulos de Copas do Mundo, ou seja, em casos assim, o favoritismo tende a se dissipar e vale a máxima do futebol repetida por jogadores e torcedores: “clássico é clássico”. Em outras palavras, em jogos desse nível a tradição e a vontade, fazem com que a equipe que se encontra em um momento menos favorável equilibre o jogo e tenha condições de alcançar a vitória. Não é essa a mensagem emitida na crônica, intitulada “Impossível?” de Juca Kfourri?

Parece impossível. E é? Deve ser, afinal, a Alemanha tem mais jogadores decisivos que a seleção brasileira, tem mais entrosamento, seu técnico trabalha no time há muito mais tempo que Felipão e mesmo contra o time nacional completo os alemães seriam favoritos. Agora, sem Thiago Silva e sem Neymar os germânicos não são apenas favoritos, são barbada. E é aí que mora o perigo. Para eles. Livre do vexame de não chegar às semifinais, a seleção brasileira virou azarão, diante da missão impossível. A torcida que for ao Mineirão na terça (8) sabe que irá naquela base do “eu acredito”, mas à espera de um milagre.<sup>612</sup>

Tostão, no dia do jogo, exalava esperança em crônica intitulada “Não há favoritos”.

Além da garra que têm todos os atletas, de todos os países, de jogar uma Copa, tenho a esperança de que a ausência de Neymar ilumine e provoque, em todos os outros, sentimentos de superação, de orgulho, de ambição, de mostrar, para eles mesmos e ao mundo, que podem também ser protagonistas e que a seleção não depende tanto de Neymar. (...) A Alemanha possui problemas. O time comanda o jogo, mas finaliza pouco, pois só tem um atacante agressivo, artilheiro, Müller. Os dois que atuam pelos lados marcam pouco os laterais. Marcelo e Daniel Alves (ou Maicon) podem se aproveitar disso. (...) No coletivo, a Alemanha é superior. É um time mais coeso, mais harmônico, com um princípio e um fim. Já o Brasil é mais passional. Vive de sobressaltos, de espasmos individuais e coletivos. Se fosse um torneio de pontos corridos, a Alemanha, certamente, chegaria à frente. Já em uma partida de mata-mata, é frequente predominarem o imponderável, os lances isolados, aéreos (os três últimos gols do Brasil), o

---

<sup>612</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 5 de julho de 2014, p. D6.

envolvimento emocional maior de quem atua em casa e, parafraseando Chico Buarque, o que não tem explicação e nem nunca terá.<sup>613</sup>

Tostão acertou ao parafrasear Chico Buarque, “o que não tem explicação e nem nunca terá”, afinal, afastado do objeto e analisando de forma racional, o resultado construído pela Alemanha foge dos padrões normais de uma partida de futebol, especialmente entre dois adversários deste nível.

O Brasil iniciou com uma escalação que nunca havia jogado junto e Felipão optou por não atuar com três volantes. A equipe começou atacando a Alemanha e dando minutos de alento à torcida. Aos 3 minutos, Marcelo foi acionado pela esquerda e chutou para fora. No minuto seguinte Hulk recebeu o lançamento junto à linha de fundo e cruzou para a área para a saída de segura de Neuer. A Alemanha buscou quebrar o ritmo brasileiro com trocas de passes na faixa central do campo e a partir daí iniciou o seu domínio da partida. Aos 7 minutos fez sua primeira jogada de perigo e apenas quatro minutos depois abriu o placar. Após escanteio cedido por Marcelo, Lahm levantou na marca penal. Livre, Müller bateu de chapa para vencer Júlio César, no meio do gol.

O Brasil sentiu o gol e se perdeu em campo. A Alemanha demorou 12 minutos para começar efetivamente o “baile”. Em apenas 6 minutos, os germânicos definiram sua vitória e passagem para a final da Copa de 2014 marcando mais 4 gols. Aos 23 minutos Kroos avançou pela meia e serviu Klose na área. Júlio César espalmou o primeiro arremate, mas no rebote o próprio atacante venceu o goleiro brasileiro.<sup>614</sup> Dois minutos depois Müller chegou à ponta direita e rolou para a entrada de área. Kroos bateu forte e marcou. No minuto seguinte, Kroos acionou Khedira na área, que devolveu para Kroos bater com firmeza e marcar o quarto gol. Finalmente, aos 29 minutos, a zaga brasileira assistiu passivamente a troca de passes alemã. Özil rolou para Khedira empurrar a bola para o fundo das redes. A partir daí a Alemanha, apesar de ter diminuído o ritmo, ainda criou outras oportunidades de ampliar o placar na primeira etapa que terminou com o resultado de 5X0.

Felipão, no intervalo, alterou a equipe que voltou com um pouco mais de ímpeto e quase conseguiu diminuir o placar aos 5, aos 7 e aos 9 minutos. A melhora brasileira vinculou-se ao natural relaxamento de seu adversário que, quando resolvia acelerar um pouco

---

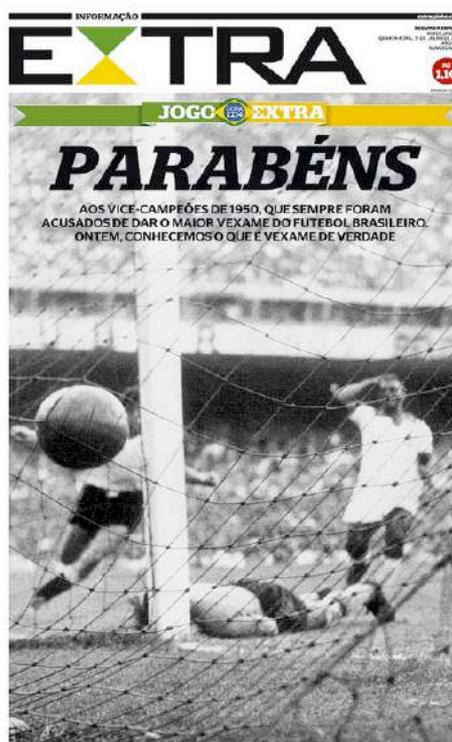
<sup>613</sup> Idem, 8 de julho de 2014, p. D4.

<sup>614</sup> Com o gol, o seu décimo sexto, Klose superou Ronaldo como o maior artilheiro na história dos mundiais.

mais a partida levava perigo ao gol defendido por Júlio César. Aos 24 minutos marcou o sexto gol, Lahm apoiou pela direita e rolou para o meio da área. Schürrle bateu firme para ampliar a goleada. Dez minutos depois, Schürrle foi acionado pela lateral de área e chutou cruzado, alto. A bola bateu no travessão e venceu o goleiro brasileiro. No minuto final da partida, Oscar fez o gol de honra do Brasil. A derrota por 7X1 foi a maior goleada sofrida pela Seleção Brasileira em toda a sua história e transformou em vexame o sonho do hexacampeonato.<sup>615</sup>

As capas dos diários brasileiros, que não foram analisadas mais detidamente no trabalho aqui desenvolvido, representam outra possibilidade de pesquisa, retratam a humilhação e o trauma da derrota, ao ponto de algumas delas colocarem em outra perspectiva a derrota e os atores presentes na partida de 1950 no Maracanã.

**Figura 19: Capa do jornal Extra após a vitória da Alemanha por 7X1 sobre o Brasil<sup>616</sup>**



<sup>615</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pela GLOBO.COM. Cf. GLOBO.COM. “Melhores momentos: Brasil 1X7 Alemanha pelas semifinais da Copa do Mundo 2014”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/copa-do-mundo/videos/v/melhores-momentos-brasil-1-x-7-alemanha-pelas-semifinais-da-copa-do-mundo-2014/3484505/>. Acessado em: 31 de julho de 2018.

<sup>616</sup> LAFLOUFA, Jacqueline. “50 capas de jornais do Brasil após a derrota de 7X1 para a Alemanha”. Disponível em: <https://www.b9.com.br/50229/50-capas-de-jornais-brasil-apos-derrota-de-7-x-1-para-a-alemanha/>. Acessado em: 31 de julho de 2018.

Figura 20: Capa do Diário de Pernambuco após a vitória da Alemanha por 7X1 sobre o Brasil<sup>617</sup>



Figura 21: Capa do Meia Hora após a vitória da Alemanha por 7X1 sobre o Brasil<sup>618</sup>



<sup>617</sup> Idem, ibidem.

<sup>618</sup> Idem, ibidem.

E ainda a “Copa das Copas” foi transformada na “Derrota das Derrotas”.

**Figura 22: Capa do Meia Hora após a vitória da Alemanha por 7X1 sobre o Brasil<sup>619</sup>**



O Olé, conhecido pela ironia em suas reportagens, apresentou uma capa menos agressiva ou debochada do que a esperada. Nela mostrava Felipão dando alguma orientação para a equipe e os dedos somam o valor sete. Além disso, no título vinha escrito “Hexa + 1”, o sonho do sexto título somado a mais um gol da Alemanha, totalizando sete.

**Figura 23: Capa do Olé após a vitória da Alemanha por 7X1 sobre o Brasil<sup>620</sup>**



<sup>619</sup> Idem, ibidem.

<sup>620</sup> OLÉ, 9 de julho de 2014. Disponível em: <https://www.ole.com.ar/tapas-ole>. Acessado em: 31 de julho de 2018.

O interessante são as estatísticas da partida fornecidas pela FIFA. A ESPN chamou de “jogo da mentira”: O Brasil teve maior posse de bola, 52% contra 48% dos alemães, chutou mais em direção do gol, foram 18 tentativas, 13 no alvo e uma dentro das redes, contra 14 dos europeus, 12 no alvo e 7 gols marcados. O Brasil também recuperou mais vezes a bola (46 a 34), assim como perdeu menos vezes o seu controle (69 e 76). Além da insofismável vantagem no placar, os alemães “só” levaram vantagem no percentual correto de passes trocados 82% (483 de 592) contra 79% (433 de 547).<sup>621</sup>

O impacto da vitória foi tal que Juan Pablo Varsky afirmou: “Essa meia hora inteira foi um longo orgasmo de futebol. O melhor da história. Desculpem, nostálgicos. Respeito e admiração pelo Brasil de 70 ou a Holanda de 74. Nenhum time jogou como a Alemanha no Mineirão”.<sup>622</sup>

Claudio Mauri comparou a derrota a um terremoto capaz de destruir um império e lembrou que poucos embelezaram tanto o futebol como os brasileiros, mas que se tornaram atores, no dia 8 de julho, de um papel que não faz jus ao seu passado e à sua identidade neste esporte.

Quando a escala de Richter marca uma intensidade de 7,0, o terremoto já é considerado maior porque causa danos graves. O futebol teve ontem um movimento sísmico 7,1, similar, em movimento, com epicentro em todo o Brasil. Com uma onda expansiva que se estenderá até a eternidade porque derrubou um histórico império futebolístico. (...) E se os ingleses foram os criadores deste jogo, poucos como os brasileiros para embelezá-lo, para interpretá-lo com alegria, para transformá-lo em um espetáculo. Um futebol sem o Brasil é como o cinema sem Hollywood, como a pintura sem Picasso ou Michelangelo. Pela história, o Brasil está destinado a ser sempre protagonista de outra partida do século. E ele foi, só que com um papel menor, insignificante, distante de suas raízes, irreconhecível em sua identidade.<sup>623</sup>

Felipão afirmou que a equipe estava no caminho certo e que não tinha como explicar o que tinha ocorrido no Mineirão. Para o técnico brasileiro, houve uma “pane geral”

<sup>621</sup> ESPN. “O Jogo da mentira: nos números, Brasil foi melhor que a Alemanha”. Disponível em: [http://www.espn.com.br/noticia/424168\\_o-jogo-da-mentira-nos-numeros-brasil-foi-melhor-que-a-alemanha](http://www.espn.com.br/noticia/424168_o-jogo-da-mentira-nos-numeros-brasil-foi-melhor-que-a-alemanha). Acessado em: 31 de julho de 2018.

<sup>622</sup> LA NACION, 9 de julho de 2014. VARSKY, Juan Pablo. “Masacre irrepitable”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1708288-masacre-irrepitable>. Acessado em: 31 de julho de 2018.

<sup>623</sup> Idem, ibidem. MAURI, Claudio. “Terremoto: Brasil se desmorona con una goleada para la eternidad”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1708446-terremoto-brasil-se-desmorona-con-una-goleada-para-la-eternidad>. Acessado em: 31 de julho de 2018.

durante seis minutos que decretou o resultado do jogo. Ainda defendeu o seu trabalho na coletiva que deu um dia após a vexatória derrota, apresentando os números positivos de sua segunda passagem no comando da Seleção Brasileira; 19 vitórias, 6 empates e 3 derrotas; lembrou, finalmente, que desde 2002 o Brasil não alcançava as semifinais da competição. A Folha de São Paulo, ironicamente, perguntava-se: “Caminho certo?”<sup>624</sup>

A outra semifinal foi disputada por mais dois gigantes do futebol mundial, finalistas da Copa de 1978, Argentina e Holanda. A partida foi disputada em São Paulo, no Itaquerao, no dia 9 de julho,<sup>625</sup> data em que os argentinos comemoram sua independência.

Argentina e Holanda realizaram uma partida muito disputada, não ocorreram trocas tranquilas de passes no campo de ataque, chutes livres dentro da área, espaços sobrando, como foram testemunhadas na véspera entre Brasil e Alemanha. Sem Di María para ajudá-lo, Messi teve muito mais dificuldade para realizar suas jogadas. Pelo lado holandês, Robben também não brilhou.

O primeiro lance de perigo saiu aos 13 minutos. Robben avançou pela direita e foi desarmado por Mascherano, mas a bola sobrou para Sneijder arriscar de fora da área. Na sequência, a resposta. Enzo Pérez fez boa jogada e foi derrubado na entrada da área. Na cobrança, Messi tentou surpreender e bateu no canto do goleiro, mas Cillessen conseguiu realizar a defesa. Em um jogo de forte marcação, o melhor lance do primeiro tempo seria em uma bola parada. Aos 23 minutos, Lavezzi cobrou escanteio da esquerda e Garay apareceu no meio de todo mundo para ganhar de cabeça, mas não conseguiu direcionar a finalização e mandou para longe. A Holanda criou sua melhor oportunidade em um cruzamento. Aos 31, em bola lançada na área, Romero afastou de soco. Na sobra, Sneijder ainda arriscou o chute, mas o arqueiro apareceu novamente para realizar a defesa.

A partida seguiu no mesmo ritmo na etapa final. A Argentina até tentava propor o jogo, mas parava na forte defesa adversária. O lance mais perigoso dos argentinos se deu aos 29 minutos quando Enzo Pérez disparou pela esquerda e lançou Higuaín, na área. O atacante

---

<sup>624</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 9 de julho de 2014, p. D3. Na mesma edição, os jogadores alemães, pelas redes sociais, pediam respeito à Seleção Brasileira. Cf. Idem, *ibidem*, p. D5.

<sup>625</sup> Escalação da Seleção Argentina: Romero, Garay, Zabaleta, Demichelis, Marcos Rojo, Biglia, Enzo Pérez (Palacio), Mascherano, Higuaín (Agüero), Messi e Lavezzi (Maxi Rodríguez). Escalação da Seleção Holandesa: Cillessen, Vlaar, Stefan de Vrij, Indi (Janmaat), Blind, Jong (Clasie), Sneijder, Wijnaldum, Van Persie (Huntelaar), Robben e Kuyt. O árbitro da partida foi o turco Cuneyt Cakir.

ganhou da marcação e chutou a bola na rede, pelo lado de fora. A Holanda que buscava cadenciar o jogo, só levou perigo efetivo à meta adversária aos 45 minutos, quando Robben invadiu a área, mas demorou a finalizar e acabou sendo travado por Mascherano.

O panorama não se alterou nos 30 minutos da prorrogação, bem como o resultado de 0X0. A Argentina ainda teve duas boas oportunidades, mas ambas foram desperdiçadas, uma com Palacio e outra com Maxi Rodríguez. O adversário da Alemanha na final da Copa de 2014 foi conhecido nas penalidades máximas. Desta feita, o goleiro Romero, que defendeu as cobranças de Vlaar e Sneidjer, e a precisão dos batedores: Messi, Agüero, Garay e Maxi Rodríguez, dispensaram a quinta cobrança, garantindo a Argentina, depois de 24 anos, em mais uma final de Copa do Mundo pelo placar de 4X2.<sup>626</sup>

Os cronistas brasileiros, ainda aturdidos pelo 7X1, não escreveram uma única linha analítica sobre a vitória da Argentina sobre a Holanda, estavam unicamente preocupados em entender, buscar culpados e descobrir novos caminhos para o futebol brasileiro.

A Folha de São Paulo, em suas reportagens sobre as equipes, destacou que Sabella havia, durante a própria competição, alterando a escalação, resolvido os problemas defensivos de sua equipe. Com um time mais equilibrado, passou os últimos três jogos, exatamente na fase de mata-mata, sem levar gols.<sup>627</sup>

Beckenbauer escreveu uma coluna para a Folha de São Paulo destacando os perigos que a Alemanha enfrentaria na final, a força defensiva da Argentina, além da genialidade de Messi. O ex-craque alemão acreditava que a torcida no Maracanã estaria ao lado da Alemanha...

Ainda assim, os argentinos podem ser perigosos. Veja os holandeses, um time convincente durante o torneio, mas que na semifinal pegou a Argentina com uma defesa impenetrável. Tentar superá-la será um imenso desafio para os alemães. E há ainda o superastro Lionel Messi, que, se não for marcado sempre, pode decidir a partida em uma jogada de gênio.<sup>628</sup>

---

<sup>626</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. 11 DE OURO. “Copa do Mundo Semifinal Holanda 0(2)X(4)0 Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dW6FuQ2cswY>. Acessado em: 1º de agosto de 2018.

<sup>627</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 11 de julho de 2014, p. D8.

<sup>628</sup> Idem, 12 de julho de 2014, p. D9.

Na Argentina, a euforia tomou conta do país depois das cobranças de pênaltis. O Obelisco, tradicional local de comemoração em Buenos Aires, foi tomado por milhares de torcedores, muitos deles provocadores, lembrando que o Brasil continuaria sem ganhar uma Copa do Mundo como anfitrião. Outros pontos da cidade da capital argentina foram tomados pelos torcedores e o La Nacion descreveu as demonstrações públicas em outras cidades do país.<sup>629</sup>

Também foi dada relevância à capa do diário esportivo Lance! deixando claro que os brasileiros torceriam pela Alemanha. Até poucos anos isso soaria estranho para os argentinos, que acreditavam na irmandade latino-americana. Helal, por exemplo, ressaltou o susto de uma jornalista argentina, do Clarín, ao perceber que os brasileiros, em 1998, torciam contra a albiceleste.<sup>630</sup>

**Figura 24: Capa do Lance!: Os Brasileiros torcendo pela Alemanha na final contra a Argentina<sup>631</sup>**



Desde que o Brasil se firmou como uma potência futebolística, nunca uma disputa pela terceira colocação valeu tanto para o país. Era a forma, depois da humilhante derrota na

<sup>629</sup> LA NACION, 10 de julho de 2014. “El país festeja el ingreso de la selección a la final de la Mundial”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1708501-el-obelisco-centro-de-los-festejos-por-el-ingreso-de-la-argentina-a-la-final-del-mundial>. Acessado em: 1º de agosto de 2018.

<sup>630</sup> SABINO, Alex. “Copa mostra acirramento da rivalidade Brasil-Argentina, afirma sociólogo”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/07/1484416-copa-mostra-acirramento-da-rivalidade-brasil-argentina-afirma-sociologo.shtml>. Acessado em: 29 de julho de 2018.

<sup>631</sup> LA NACION, 10 de julho de 2014. “Los medios de Brasil ya eligieron por quién alentar: ‘De Alemania, desde chiquitos’”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1708603-los-medios-de-brasil-ya-eligieron-por-quien-alentar-de-alemania-desde-chiquitos>. Acessado em: 1º agosto de 2018.

semifinal, de se despedir da Copa do Mundo com alguma dignidade. Além disso, o adversário era a forte e tradicional Seleção Holandesa. A partida foi disputada no dia 12 de julho em Brasília.<sup>632</sup>

Aparentemente a tarde começou favorável ao Brasil. No aquecimento a Holanda perdeu um dos seus principais atletas, Sneijder. Neymar, como prometido, acompanhou o jogo do banco de reservas. Mal começou o jogo e o pesadelo alemão parecia estar de volta. Com apenas 1 minuto, em jogada rápida, Robben ganhou de David Luiz e tocou para Van Persie que passou por Thiago Silva e devolveu para Robben. O rápido atacante holandês saiu na frente de Thiago Silva que pôs a mão em seu ombro e o derrubou, fora da área. O árbitro argelino cometeu dois equívocos na jogada, o primeiro foi marcar a penalidade máxima e o segundo foi dar cartão amarelo para o zagueiro brasileiro que era o último homem antes do goleiro, o correto teria sido a sua expulsão. Van Persie bateu, aos 3 minutos, no alto e abriu o placar.

O Brasil tentou reagir e conseguiu criar algum perigo para a defesa holandesa, mas voltou a dar espaços na marcação. Aos 16 minutos, De Guzman recebeu livre, em impedimento não assinalado pelo auxiliar, cruzou para a área, David Luiz afastou fraco, para o meio da área, Blind dominou a bola e chutou no alto. Holanda 2X0. O time brasileiro mostrava um toque de bola pouco criativo, previsível, dependendo de jogadas individuais de Oscar, Maicon e William.

Um aspecto inusitado e já indicativo da saída de Felipão do comando da equipe, em uma parada para atendimento médico do jogador Kuyt, aos 40 minutos, os atletas brasileiros se reuniram próximos ao banco de reservas para beber água e conversar entre eles. Felipão permaneceu calado, as instruções foram dadas por Neymar, Hulk e outros jogadores que estavam no banco.

O cenário não se alterou na segunda etapa, a equipe buscava o gol, mas continuava demonstrando a falta de ligação entre os diversos setores, o que a impedia de construir um futebol de maior qualidade e envolvente. Já nos descontos, a Holanda ampliou e

---

<sup>632</sup> Escalação da Seleção Brasileira: Júlio César, Maicon, Thiago Silva, David Luiz, Maxwell, Luiz Gustavo (Fernandinho), Paulinho (Hernanes), Ramires (Hulk), Willian, Oscar e Jô. Escalação da Seleção Holandesa: Cillessen (Vorm), De Vrij, Vlaar, Indi, Kuyt, Wijnaldum, Clasie (Veltman), De Guzman, Blind (Janmaat), Robben e Van Persie. O árbitro da partida foi o argelino Djamel Haimoudi.

definiu o placar com Wijnaldum.<sup>633</sup> Derrota por 3X0, despedida melancólica, sob vaias, ainda que tardia,<sup>634</sup> da torcida. Em duas partidas, 10 gols sofridos.<sup>635</sup>

Apesar dos humilhantes resultados, o *La Nacion* continuava reconhecendo a grandeza do futebol brasileiro e lamentou o momento atual em que ele se encontrava e reconheceu as limitações da equipe comandada por Felipão.

Segue sendo o maior. Segue sendo o melhor. O que acumula a história mais rica, o que conserva em sua essência a marca da distinção. Mais títulos do que qualquer outro. Porém algo, definitivamente se rompeu. (...) A duras penas, com suor e lágrimas, o discreto conjunto que dirige Felipão alcançou as semifinais. Lógico por sua história, exagerado por sua produção. (...) Agora, o *Maracanazo* de 1950, aquela insólita derrota contra o Uruguai na final, é parte da memória. O Brasil, outra vez em sua casa, criou uma obra dolorosa que não será esquecida por muitos anos. O futebol mais vencedor, o mais alegre, percorre com espanto uma página sombria.<sup>636</sup>

No campo político, a derrota brasileira também gerou preocupações, especialmente no Partido dos Trabalhadores e, em particular, para a presidente e candidata Dilma Rousseff, que inclusive foi bastante contestada (e vaiada) em suas aparições durante o Mundial, como já havia ocorrido, no ano anterior, durante a Copa das Confederações. Mesmo com o fracasso da Seleção Brasileira no Mundial, a candidata governista foi eleita para um novo mandato, após uma acirrada disputa com Aécio Neves (PSDB) no segundo turno. A vencedora obteve 51,64% dos votos contra 48,36% do seu concorrente.<sup>637</sup> Ela deveria comandar o país no período entre 2015-2018, porém sofreu o processo de impeachment em 2016.<sup>638</sup>

<sup>633</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pela GLOBO.COM. Cf. GLOBO.COM. “Melhores momentos: Brasil 0X3 Holanda pelas disputa de 3º lugar da Copa do Mundo 2014”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/copa-do-mundo/videos/v/melhores-momentos-de-brasil-0-x-3-holanda-pela-disputa-de-3o-lugar-da-copa-do-mundo-2014/3493751/>. Acessado em: 1º de julho de 2018.

<sup>634</sup> A torcida começou a vaiar e a gritar “olé” nas trocas de passe dos holandeses somente a partir dos 40 minutos do segundo tempo.

<sup>635</sup> Dentre as Seleções Brasileiras, a de 2014 foi a que mais sofreu gols em uma Copa do Mundo, superou a marca de 11 gols da equipe de 1938 e também foi a anfitriã que mais sofreu gols ao sediar um Mundial, superou a Suíça em 1954 que havia sofrido 11 gols.

<sup>636</sup> LA NACION, 13 de julho de 2014. “Se acabó la pesadilla para Brasil, con un cachetazo adicional”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1709549-se-acabo-la-pesadilla-para-brasil-con-un-cachetazo-adicional>. Acessado em: 1º de agosto de 2018.

<sup>637</sup> G1. “Eleições 2014: apuração de votos para presidente”. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/apuracao-votos-presidente.html>. Acessado em: 2 de agosto de 2018.

<sup>638</sup> Durante 2015 mais de 50 processos de impeachment foram protocolados na Câmara dos Deputados e um deles, elaborado pelos juristas Janaína Conceição Paschoal, Miguel Reale Júnior e Hélio Bicudo, foi acolhido pela presidência da Câmara. O crime de responsabilidade foi imputado contra a presidente da República e está previsto no artigo 85 da Constituição Federal. Segundo a denúncia, Dilma teria ordenado a edição de créditos suplementares sem a autorização do Senado, bem como realizado operação de crédito com instituição financeira

Retornando à Copa do Mundo, a Folha de São Paulo colocou em sua manchete para o jogo da final da Copa de 2014: Garra X Arte. Esta, como atributo do sempre pragmático futebol alemão, o que é curioso. O futebol argentino ser identificado com a garra não é, de certo, uma novidade. A continuidade da matéria acrescentava novos aspectos inéditos, como o de associar os argentinos a um futebol defensivo e o alemão a uma estratégia ofensiva.

A equipe que tem o maior atacante do mundo vai se defender. A seleção que ganhou três títulos jogando um futebol pragmático vai atacar. (...) Os alemães buscam algo inédito: uma taça com futebol bonito e sendo favoritos. A Argentina entrará com três atacantes mais caros do planeta: Lavezzi, Higuaín e Messi. Este, o único jogador escolhido quatro vezes o melhor do mundo (de 2009 a 2012). Apesar do poder de fogo, só se encontrou no torneio quando fechou o meio-campo e passou a se defender melhor. O símbolo da garra argentina passou a ser Mascherano.<sup>639</sup>

Para Tostão o favoritismo era alemão, que tinha um futebol muito mais organizado dentro e fora de campo. “É a seleção que tem o maior número de jogadores excepcionais, mesmo sem ter um Messi, e que joga o melhor, o mais eficiente, o mais bonito e o mais compacto futebol”.<sup>640</sup> No entanto, enfrentará um adversário de muito respeito, por isso ele afirmou que não ficaria espantado se a Argentina conquistasse o título.

Do outro lado, a paixão argentina, com seus inúmeros, graves e crônicos problemas fora de campo, como ocorre no Brasil e toda América do Sul. O título será consequência do esforço e do talento sul-americano, mesmo com tanta desorganização. A Argentina deve ter aprendido com a derrota brasileira. (...) A Alemanha é melhor, mas não ficarei surpreso se a Argentina vencer. Se isso ocorrer, e se Messi fizer um decisivo gol, ficará definitivamente como um dos maiores de todos os tempos, lugar em que já merece estar, mesmo se jogar mal e o time perder. Se ganhar, aumentarão as comparações com Maradona, embora seja evidente que Messi nunca terá a idolatria que os argentinos têm por Maradona, símbolo da paixão do país, da contradição humana, do que não tem limites.<sup>641</sup>

Alemanha e Argentina iriam se enfrentar pela terceira vez em uma final de Copa

---

controlada pela União. Com o acolhimento do pedido, ele seguiu para apreciação na Câmara dos Deputados, à qual coube decidir se teria prosseguimento (admissibilidade) ou não. No dia 17 de abril de 2016, ocorreu, no plenário da Câmara, a votação que decidiu pelo seu prosseguimento. No dia 12 de maio, ocorreu uma sessão plenária dos senadores para decidir pela abertura do processo de impeachment. A maioria dos senadores votou pela abertura e a presidente teve que se afastar do cargo até que o processo fosse concluído. Dilma Rousseff foi ouvida e sabatinada pelos senadores no dia 29 de agosto e, logo após, os advogados de defesa e acusação realizaram suas considerações finais. No dia 31 de agosto de 2016, a presidente perdeu o seu mandato.

<sup>639</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 13 de julho de 2014, p. D7.

<sup>640</sup> Idem, ibidem, p. D15.

<sup>641</sup> Idem, ibidem, p. D15.

do Mundo, a decisão mais frequente até o momento, foram 3 disputas, 1986, 1990 e 2014. Até aquele 13 de julho de 2014 cada equipe havia vencido uma disputa contra o rival. O Maracanã lotado assistiu mais um capítulo desta rivalidade. Di María não se recuperou totalmente de sua contusão e desfalcou a Argentina e a Alemanha não contou com Khedira.<sup>642</sup>

A torcida brasileira presente no estádio, claramente, torceu pela equipe europeia, demonstrando que a forte rivalidade com o vizinho supera a identificação latino-americana, sendo este último um dos argumentos utilizados pelos argentinos, por exemplo em 1970 e mesmo em 2002, para torcerem para a Seleção Brasileira. “Torcida brasileira sufoca cantos argentinos e evita predomínio rival no Maracanã”.<sup>643</sup>

Apesar de a Alemanha ter, ao longo de todo o duelo, o maior domínio da bola, o confronto foi muito equilibrado, inclusive com a Argentina sendo mais perigosa nos minutos iniciais e ela só não abriu o placar em virtude dos equívocos na finalização de Higuaín. O atacante errou o alvo em duas ótimas chances que teve, sendo que na segunda perdeu um gol inacreditável, quando estava cara a cara com o goleiro Neuer, após recuo de bola errado de Kroos. Já aos 29 minutos chegou a converter um gol para sua equipe, mas foi anulado corretamente, pois o jogador estava impedido no momento do cruzamento de Lavezzi.

Com toques envolventes, os alemães criavam espaços e se aproximavam da área adversária. Mostrando ousadia, Joachim Löw, ao perder o volante Kramer, contundido, o substituiu pelo atacante Schürrle que exigiu a primeira boa intervenção de Romero na partida. Já nos acréscimos da primeira etapa, em cobrança de escanteio, Höwedes apareceu livre na linha da pequena área e cabeceou forte na trave de Romero.

Logo aos 2 minutos da etapa final, Messi recebeu livre, entrou na área e chutou cruzado, a bola passou raspando pela trave. A partir daí o ímpeto ofensivo argentino declinou e a substituição realizada por Sabella, trocando Lavezzi por Agüero, fez com que a equipe sul-americana perdesse o meio de campo, porém os alemães não conseguiam encaixar um bom ataque para tirar o zero do placar e nas raras vezes que conseguiam, concluía mal. A

---

<sup>642</sup> Escalação da Seleção Alemã: Neuer, Höwedes, Hummels, Lahm, Boateng, Schweinsteiger, Kross, Ozil (Mertesacker), Kramer (Schürrle), Klose (Götse) e Muller. Escalação da Seleção Argentina: Romero, Garay, Zabaleta, Demichelis, Marcos Rojo, Biglia, Enzo Pérez (Fernando Gago), Mascherano, Higuaín (Palacio), Messi e Lavezzi (Agüero). O árbitro da partida foi italiano Nicola Rizzoli.

<sup>643</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 14 de julho de 2014, p. D10.

Argentina, sólida na defesa, tentava levar perigo nos contra-ataques. Novas substituições foram feitas, mas não resultaram em gols.

Os 30 minutos da prorrogação foram bastante tensos e a preocupação defensiva era maior que a ousadia ofensiva. Palacio perdeu uma boa oportunidade para os argentinos, o atacante recebeu livre dentro da área e ao encobrir o goleiro alemão jogou a bola para fora. A decisão se encaminhava para ser decidida na “loteria” das penalidades máximas quando Götse aproveitou o cruzamento de Schürrle, matou a bola no peito e na saída de Romero chutou cruzado, sem deixar ela cair, para marcar o único gol do jogo, aos 8 minutos do segundo tempo da prorrogação. A Argentina tentou empatar a partida, sem sucesso. A vitória por 1X0 deu aos alemães o seu tetracampeonato<sup>644</sup> e o primeiro título de uma seleção europeia na América, igualando o Brasil, a única seleção sul-americana a ganhar um título mundial na Europa. A Argentina, por sua vez, continuaria amargando o seu jejum de títulos. A última taça que levantou foi a Copa América de 1993.

A conquista alemã, segundo Tostão, foi merecida e o ex-craque e agora cronista lembrou o planejamento e a preparação da equipe alemã, ainda em 2006, ou seja 8 anos antes, para alcançar o triunfo no Brasil. Em relação à Argentina, apesar de ter se apresentado muito bem defensivamente, não teve melhor sorte em virtude de não ter contra-atacado com qualidade e eficiência.

Apesar dos sete gols contra o Brasil, a Alemanha mostrou a mesma dificuldade de outras partidas, de criar chances de gol, mesmo com o domínio do jogo e da bola. Já a defesa da Argentina, tão criticada antes do Mundial, foi, mais uma vez, o ponto forte. Seus defensores são melhores do que diziam, além de serem muito bem protegidos pelo meio-campo. Como a Argentina não conseguiu contra-atacar bem, houve poucas chances de gol dos dois lados, e o jogo terminou em 0 a 0. (...) A Argentina merece aplausos, por enfrentar, no mesmo nível, a Alemanha e ter tido chance de vencer. Por seu talento, Messi foi discreto. O time alemão começou a se formar em 2006. Esperou chegar ao mais místico estádio do mundo para ser campeão. Enquanto isso, no Brasil, por causa do marketing espetaculoso, da indústria do entretenimento e da prepotência, as coisas aconteceram antes dos fatos.<sup>645</sup>

Kfourti destacou a importância crescente do coletivo para se formar uma equipe

---

<sup>644</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. FIFATV. “GERMANY v ARGENTINA (1:0) - 2014 FIFA World Cup™”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ffAYByv2pLc>. Acessado em: 2 de agosto de 2018.

<sup>645</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 14 de julho de 2014, p. D4.

vencedora. E caracterizou a garra, a força de vontade, como a principal característica da Seleção Argentina naquela oportunidade.

A Alemanha tem um timaço, repleto de craques, muito mais que a aguerrida Argentina, cuja única andorinha não pode mais fazer verão nem lá nem em time nenhum do mundo, porque cada vez mais o futebol é coletivo e depende menos de individualidades, por melhores que sejam e por mais que sigam fazendo diferença.<sup>646</sup>

Os mesmos adjetivos utilizados por Kfourri para os argentinos foram dados pela ESPN, uma seleção “guerreira, sólida defensivamente”.<sup>647</sup> Percebe-se nos discursos dos jornalistas uma inversão na prática do jogo que sempre caracterizou o futebol sul-americano e o europeu, neste caso eram os alemães que praticavam o “futebol-arte” e os argentinos que utilizavam-se como estratégia do “futebol-força”.

O diário esportivo *Lance!*, que busca adotar um tom semelhante ao argentino *Olé*, lembrando que o fundador do noticiário brasileiro, antes de iniciar sua publicação no país, visitou e buscou aprender com a experiência do periódico argentino, aproveitou para provocar os vizinhos com o seu próprio hit e estampou em sua capa: “¡Decime que se siente ahora!” e no subtítulo: “Diga-me o que vocês sentem, hermanos! Com o Brasil dentro do coração, a Alemanha é tetracampeã do mundo. Vice no Rio de Janeiro, a Argentina chora de dor, sofre e agora tem seu próprio Maracanazo para lamentar eternamente”.<sup>648</sup>

Apesar da derrota, a torcida argentina reconheceu o esforço de sua equipe e se juntou no Obelisco e arredores, mesmo tristes, para cantar e agitar as bandeiras do país. A equipe voltou para Buenos Aires sem a glória da conquista, mas com a consciência tranquila, como destacou Claudio Mauri em sua crônica. O jornalista ressaltou que, na final, a equipe falhou exatamente no que ela tinha de melhor, o ataque. E ainda criticou duramente a atuação de Messi ao longo de toda a Copa do Mundo que, ao invés da atuação sem ânimo, que o cronista chamou de abúlica, deveria ter replicado o exemplo de Maradona em 1986.<sup>649</sup>

<sup>646</sup> Idem, *ibidem*, p. D8.

<sup>647</sup> ESPN. “A Alemanha vence Argentina na prorrogação, é tetracampeã mundial e consagra geração”. Disponível em: [http://www.espn.com.br/noticia/423555\\_alemanha-vence-argentina-na-prorrogacao-e-tetracampea-mundial-e-consagra-geracao](http://www.espn.com.br/noticia/423555_alemanha-vence-argentina-na-prorrogacao-e-tetracampea-mundial-e-consagra-geracao). Acessado em: 2 de agosto de 2018.

<sup>648</sup> LANCE, 14 de julho de 2014, p. 1.

<sup>649</sup> LA NACION, 14 de julho de 2014. MAURI, Claudio. “Regreso sin gloria para la selección argentina, pero con la conciencia tranquila”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1709750-regreso-sin-gloria-pero-con-la-conciencia-tranquila>. Acessado em: 2 de agosto de 2018.

**Figura 25: Seleção Alemã campeã em 2014<sup>650</sup>**



Antes do jogo final contra a Alemanha Alejandro Sabella já havia anunciado, que independente do resultado, não seguiria mais no comando da Argentina. O fato foi confirmado no final de julho. Por sinal, a final da Copa do Mundo também foi a última partida do treinador, que recebeu convites para treinar equipes europeias, mas não aceitou, apesar do seu interesse, pois teria terminado o Mundial esgotado e com problemas de saúde. Em 2015, ao sofrer uma crise de hipertensão, foi diagnosticado com problemas cardíacos que o levou, meses depois, a realizar uma angioplastia. Até o momento ele continua afastado do futebol.

Gerardo Martino, mais conhecido como Tata Martino, que havia dirigido o Barcelona na temporada 2013/2014 foi escolhido como o substituto de Sabella no comando da Seleção. Seu primeiro desafio foi a “revanche” contra a Alemanha, no dia 3 de setembro em Dusseldorf. Com uma grande apresentação, a Argentina chegou a abrir 4X0 no placar, no final a Alemanha fez dois gols e o resultado terminou 4X2 para a equipe do novo treinador.

No Brasil, no próprio dia em que se disputava a final da Copa do Mundo, 13 de julho, Felipão entregou o cargo de técnico da Seleção Brasileira, o anúncio oficial foi feito no dia seguinte, segunda-feira, 14. Envolvido nos discursos de mudanças provenientes da goleada sofrida para a Alemanha, o presidente da CBF aventou inclusive a possibilidade de escolher um técnico estrangeiro para dirigir a equipe, os nomes de Pep Guardiola e José Mourinho chegaram a ser aventados pela imprensa nacional, mas no dia 20 de julho foi anunciado o retorno de Dunga para o comando da equipe.

---

<sup>650</sup> FOLHA NA COPA. “Baixe o pôster da Alemanha tetracampeã mundial”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/07/1485379-baixe-o-poster-da-alemanha-tetracampea-mundial.shtml>. Acessado em: 2 de agosto de 2018.

A Seleção Brasileira realizou, sob novo comando, dois amistosos em setembro, nos dias 5 e 9, ambos nos Estados Unidos, contra a Colômbia e o Equador, respectivamente. Venceu os dois confrontos por 1X0. O próximo jogo, em outubro, seria o Superclássico das Américas, em uma única partida, disputada na China.

### 7.13. O CENTÉSIMO CONFRONTO

Encerrando o centenário de trocas, de rivalidades, de confrontos e de respeito mútuo, duas das mais respeitadas escolas do futebol mundial se defrontaram no Ninho do Pássaro, estádio construído para os Jogos Olímpicos de Pequim, no dia 11 de outubro de 2014 para realizar, o centésimo encontro entre os rivais.<sup>651</sup> “O 100º clássico entre brasileiros e argentinos, justamente no aniversário de 100 anos do primeiro encontro entre os arquirrivais, é também o confronto entre dois dos maiores astros do futebol mundial, Neymar e Messi”.<sup>652</sup>

A Argentina, que manteve a base da equipe vice-campeã do mundo, começou melhor e encurralou o Brasil nos 20 primeiros minutos da partida e tal superioridade só não se traduziu em gols em virtude do ataque, em especial Agüero, ter desperdiçado as chances criadas. A máxima do futebol acabou presente: “Quem não faz leva” e aos 27 minutos, após a defesa argentina rebater mal a bola, Diego Tardelli marcou. Antes do final do primeiro tempo, Di María cavou um pênalti assinalado pelo juiz. Messi se encarregou da cobrança, mas parou nas mãos de Jefferson.

Na etapa final, o Brasil melhorou, atuou de forma mais inteligente que seu adversário, compactou a equipe e aproximou os jogadores de frente. Aos 18 minutos, novamente Tardelli, de cabeça, ampliou o placar. Tata Martino realizou as substituições buscando dar mais ofensividade para a equipe, mas o resultado terminou com a vitória brasileira por 2X0<sup>653</sup> e com a troca de insultos entre Dunga e o auxiliar técnico argentino. O

<sup>651</sup> Escalação da Seleção Argentina: Romero, Zabaleta, Marcos Rojo, Federico Fernández, Demichelis, Pereyra (Enzo Pérez), Mascherano, Lamela (Pastore), Di María, Agüero (Higuaín) e Messi. Escalação da Seleção Brasileira: Jefferson, David Luiz (Gil), Miranda, Felipe Luís, Danilo, Oscar, Luiz Gustavo, Elias, Willian, Diego Tardelli (Kaká) e Neymar (Robinho). O árbitro da partida foi o chinês Fan Qui.

<sup>652</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 11 de julho de 2014, p. D1.

<sup>653</sup> As melhores jogadas da partida podem ser assistidas em filme disponibilizado pelo YouTube. Cf. SOUZA, João Alberto. “Brasil 2 x 0 Argentina melhores momentos Superclássico das Américas 2014”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K1cqz1E9Ink>. Acessado em: 2 de agosto de 2018.

Brasil encerrava o centenário como havia começado, mantendo a Taça Roca.<sup>654</sup> Foi ainda a primeira vitória de Neymar em confrontos contra Messi.

Para Kfourri, a Argentina, até levar o primeiro gol, foi superior ao Brasil, fato que não surpreendeu o cronista, dada “a indiscutível superioridade de time formado e mais talentoso”. Se o Brasil começou nervoso e “consciente de sua inferioridade”, depois do gol e durante toda a segunda etapa passou a jogar melhor do que o seu oponente. Ele percebia, para além do resultado, o valor simbólico desta vitória:

Se para muitos ganhar da Argentina é mais gostoso, o fato é que vencer os vice-campeões mundiais que vinham de uma goleada sobre os campeões, embora desfalcados, mas na casa deles, pode significar o alento necessário para uma nova fase do futebol brasileiro tão carente em nossos gramados.<sup>655</sup>

Tostão lembrou a necessidade de afirmação da Seleção Brasileira: “Por precisar recuperar o prestígio, o Brasil, organizado e com muita garra, conseguiu um ótimo resultado. Outras seleções, com a Alemanha e a Argentina, estão na fase de poder perder”<sup>656</sup>

Também percebe-se, nas narrativas argentinas, a importância de ganhar do Brasil, ainda mais pelo momento vivido pelo rival.

Começou como um sonho de ataque, terminou como um pesadelo global. A equipe argentina agora com o selo de Tata Martino, perdeu o rumo e a partida. Nesta cidade fascinante, para o Superclássico das Américas, caiu por 2 a 0 diante do Brasil, com gols de Tardelli. (...) A Argentina exibiu imprecisões e falhas defensivas, sobretudo no jogo aéreo. O Brasil, aos poucos, com velocidade e espaços e com Neymar como um pesadelo, se aproveitou de tudo. Resulta uma decepção enorme para uma equipe que está no começo de um novo ciclo, um golpe que é muito mais que amistoso. Especialmente contra uma equipe que sofreu em seu próprio Mundial apenas meses atrás.<sup>657</sup>

Em relação ao título do capítulo, “O declínio sul-americano?”, no dia 11 de julho

---

<sup>654</sup> Títulos Brasileiros: 1914, 1922, 1945, 1957, 1960, 1963, 1971, 1976, 2011, 2012 e 2014. Títulos Argentinos: 1923, 1939 e 1940. Como já foi ressaltado há discussões sobre o título de 1971, pois os dois jogos terminaram empatados, contudo, pelo regulamento, caso isso ocorresse, o título ficaria com o último vencedor, no caso, o Brasil. A partir de 2011 a disputa passou-se a chamar Superclássico das Américas.

<sup>655</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 12 de outubro de 2014, p. D5.

<sup>656</sup> Idem, ibidem, p. D4.

<sup>657</sup> LA NACION, 12 de outubro de 2014. PRESTILEO, Andrés. “La selección sufrió una gran decepción”. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1734962-la-seleccion-sufrio-una-gran-decepcion>. Acessado em: 2 de agosto de 2018.

de 2014, dias antes da final entre Argentina e Alemanha, Paulo Vinícius Coelho escreveu uma crônica que propõe, em última instância, uma reflexão e possível resposta sobre a decadência do futebol sul-americano que depois de 2002 não voltou a ganhar uma Copa do Mundo, incluindo a Copa de 2018, que foge ao escopo deste trabalho. Já são 4 Mundiais que, em 2022 completarão 20 anos sem títulos. O maior jejum sem conquistas, seja por parte das seleções da América do Sul ou da Europa, havia sido de 2 Copas do Mundo, no bicampeonato da Itália 1934 e 1938 e no bicampeonato brasileiro 1958 e 1962, nas copas restantes até 2002 houve alternância continental entre os vencedores até 2006.

Dos 23 convocados pela Argentina, 20 jogam no exterior e só três em clubes do país. O reservas Orión e Maxi Rodríguez atuam pelo Newell's, o volante Gago, pelo Boca Juniors. Em toda a história das Copas, só uma vez uma seleção campeã tinha a maioria dos jogadores em clubes do exterior – a França de Zidane, da Juventus, de Turim. Em 2010, a Espanha foi campeã com 20 dos 23 convocados em clubes espanhóis. Em 2006, a Itália venceu com 100% do elenco na Série A. Em 2002, o Brasil tinha 13 de clubes nacionais, dez jogando no exterior. Parece coincidência, mas pode ser um símbolo. Quanto mais forte um campeonato nacional, maior a chance de os jogadores ficarem por mais tempo no país, de a seleção manter identidade no estilo de jogar. Isso unido à formação de seleções desde o sub-17 leva a bons resultados em médio prazo.<sup>658</sup>

Após a vitória da Alemanha, o cronista voltou a destacar: “ O título mundial da Alemanha é merecido. O país que mais fez para revelar jogadores, mantê-los dentro de seu campeonato, ganhar títulos de clubes e de seleções”.<sup>659</sup>

Obviamente os problemas vivenciados no futebol não lhe são particulares. Eles reverberam e compartilham as dificuldades que atingem outras esferas da vida social, econômica e política do país. É impossível criar um campeonato forte, competitivo, capaz de manter suas principais estrelas, a partir de competições, muitas vezes deficitárias, nas quais os interesses políticos e pessoais dos dirigentes estão em primeiro plano, fato que ocorre tanto no Brasil quanto na Argentina.

Também é impossível gerar um futebol atrativo sem uma economia pujante, geradora de emprego, com a renda bem distribuída, capaz, desta forma, de encher os estádios, de elevar os interesses das mídias, que resultem em contratos de patrocínio, propaganda e televisionamento, dentre outros, mais lucrativos para os clubes. Enfim, práticas ultrapassadas,

---

<sup>658</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 11 de julho de 2014, p. D5.

<sup>659</sup> Idem, 14 de julho de 2014, p. D7.

personalistas e pouco profissionais, na administração das equipes, das federações e das entidades coordenadoras do futebol brasileiro e argentino precisam ser colocadas de lado.

*Pari passu* a mudança administrativa, organização, planejamento, cuidado com a formação da base, segurança nos estádios e arredores, facilidade de transporte, são elementos fundamentais para o fortalecimento do futebol nos dois países.

Especificamente em relação aos torcedores brasileiros, elemento fundamental para o espetáculo, é preciso facilitar o seu acesso aos estádios, seja combatendo os aspectos já mencionados acima, como a segurança, mas também revendo os horários dos jogos e alcançando um equilíbrio no preço dos ingressos, de modo que satisfaça as necessidades dos clubes, mas que também permitam que o torcedor comum, aquele que sempre apoiou o time, que foi fundamental na construção identitária brasileira, que colore e enche de vida as arquibancadas, com seus cânticos, com sua criatividade, com seu amor, tenha condições de continuar frequentando as antigas e novas arenas de todo o país.

O caminho, obviamente é árduo, será um jogo disputado na várzea, as bolas serão constantemente divididas, afinal interesses serão contrariados, no entanto, os resultados dos últimos 16 anos demonstram que, também aqui, os países mais desenvolvidos, mais ricos, mais organizados e que gostam de futebol estão levando ampla vantagem.

Há um discurso predominante, entre brasileiros e também argentinos, valorizando a individualidade, curiosamente, no âmbito político os dois países também buscam por saídas messiânicas. No entanto, retornando ao futebol, as seleções vitoriosas do Brasil e da Argentina, tiveram, é claro, individualidades estupendas, Pelé, Garrincha, Maradona, dentre outros, mas todas essas equipes, em 1958, 1962, 1970, 1978, 1986, 1994 e 2002 tinham conjuntos fortes, equipes que treinaram juntas por um longo espaço de tempo, pois é o conjunto forte que permite com que a individualidade possa, de forma efetiva e contínua, se sobressair, caso contrário, continuaremos assistindo momentos esporádicos de genialidade, que podem nos agradar momentaneamente a alma, mas não nos permitirão gritar: “É campeão”.

## BALANÇO DO JOGO

O futebol é um jogo simples, que se baseia num número reduzido de regras<sup>1</sup> e que pode ser facilmente improvisado no sentido de garantir a sua prática. Essa simplicidade não afeta as infinitas possibilidades de expressão e de emoção que se oferecem durante uma partida, seja ela profissional ou uma simples “pelada” entre amigos. O futebol se desenvolveu, como os demais esportes, em um cenário de valorização do nacionalismo e do sentimento de identidade nacional que mantêm sua importância na contemporaneidade, afinal, acredita-se que é preciso se afirmar como nação para poder existir e ter um lugar entre os demais países. Desta forma, o futebol se tornou um dos caminhos possíveis que permitem a construção do sentimento de pertença, na medida em que ele cria sentimentos de orgulho, de reconhecimento e de identidade.

O futebol ocupa espaço privilegiado na sociedade brasileira e na argentina. Ele é um dos temas prediletos nas conversas entre conhecidos e mesmo de estranhos, podendo se tornar um elemento propulsor de novas afetividades. Nos dois países os torcedores se identificam de tal forma com suas seleções, que as associam indissolavelmente à própria pátria. Enfim, torcer pela seleção é torcer pelo país e jogar por ela é atuar em prol da nação.<sup>2</sup> Se o escrete vence, o brasileiro ou o argentino, individual e coletivamente, também se torna vencedor e carrega em si todo o prazer e a euforia da vitória.

Argentina e Brasil tornaram-se duas das maiores potências futebolísticas no âmbito não apenas regional, mas também mundial. Elas são detentoras de 7 Copas do Mundo, ou seja, uma das duas equipes vence um Mundial em cada três disputados. Muitos jornalistas e sites especializados definem o confronto entre essas duas seleções como a maior rivalidade do futebol internacional.

---

<sup>1</sup> São apenas dezessete regras, e uma parte considerável delas se refere muito mais aos elementos do jogo do que ao seu processo. Cf. VOGEL, Arno. “O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional”. In: DaMATTA, Roberto (et. al.). *Universo do futebol: esportes e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982, p. 79.

<sup>2</sup> Os discursos dos atletas argentinos quando da eliminação da Copa de 2002, ainda na primeira fase do torneio, ilustram a afirmação feita de que a vitória ou derrota não é apenas esportiva, mas em caso de êxito ela serve também para trazer alegria para a população. No caso destacado, em um momento de grave dificuldade econômica vivenciada pelos argentinos, a eliminação na Copa do Mundo do Japão e Coreia não proporcionou um momentâneo alívio para os argentinos. Cf. Capítulo 06 no item 6.6 “Os opostos: a Copa de 2002”.

A rivalidade entre os dois países, que já se apresentava na diplomacia, na política, na economia e no processo de urbanização, foi sendo construída no âmbito do esporte e, em particular, do futebol, ao longo dos confrontos que se iniciaram no ano de 1914. Aos poucos os embates assumiram tal importância que uma vitória sobre o adversário tinha um sabor especial, como foi comprovado ao longo da pesquisa em vários depoimentos de jogadores e também na escrita e na fala de jornalistas. Galvão Bueno, importante narrador da televisão brasileira, criou até um bordão: “É bom ganhar, ganhar da Argentina é muito melhor”.<sup>3</sup>

Simultaneamente ao crescimento da rivalidade, criaram-se representações que habitam o imaginário de todos os envolvidos – jogadores, torcedores, técnicos e dirigentes – no futebol dos dois países. Além do respeito pela força e capacidade técnica do adversário, presente nos discursos de ambos, os brasileiros taxam os argentinos de “violentos”, propensos à “catimba” e “raçudos”. Os argentinos, por sua vez, afirmam que o brasileiro treme,<sup>4</sup> que é *pecho frío*, ou seja, que lhe falta raça e equilíbrio emocional, especialmente quando atua fora de seus domínios.

A compreensão de como se deu a construção e a evolução da rivalidade futebolística entre os dois países era um dos objetivos da pesquisa ora desenvolvida. A partir de tal construção, buscou-se analisar os estereótipos criados para os envolvidos nos confrontos. Como tais estereótipos e identidades não são eternos, se analisaram suas alterações ao longo, não só dos embates diretos, mas também das vitórias ou derrotas nas grandes competições internacionais, inclusive contra outros adversários, com destaque para as Copas do Mundo.

Na primeira metade do século XX, o principal rival da Argentina era o Uruguai, enquanto os brasileiros tinham nesses dois países seus grandes oponentes e até modelos. É preciso ressaltar que futebol platino se mostrou vencedor nesse período. O Uruguai conquistou duas medalhas olímpicas (1924 e 1928) e duas Copas do Mundo (1930 e 1950), uma delas derrotando a Seleção Brasileira em pleno Maracanã. A Argentina foi vice-campeã

---

<sup>3</sup> A narração pode ser ouvida no site produzido pelo globo.com. Nele estão disponibilizados os principais bordões para a Seleção Brasileira criados pelo locutor. Cf. GLOBOESPORTE.COM. “Galvãooteca”. Disponível em: <http://app.globoesporte.globo.com/copa-do-mundo/galvaoteca/>. Acessado em: 23 de setembro de 2018.

<sup>4</sup> Entre os torcedores argentinos há uma crença bastante difundida de que os brasileiros tremem ao jogar em Buenos Aires, principalmente quando a partida é disputada no Monumental de Núñez, estádio do River Plate.

olímpica em 1928 e Mundial em 30, além disso, na década de 40, período em que as Copas do Mundo não foram disputadas em virtude da II Guerra Mundial, a Seleção alvianil foi hegemônica nas disputas continentais.

Inicialmente o futebol, prática esportiva elitista, deveria ter como uma das suas finalidades a aproximação das diferentes sociedades e povos. Tal expectativa esteve no cerne da criação da Copa Roca disputado entre argentinos e brasileiros. Até o início da década de 20, a cordialidade foi a tônica dos encontros entre os desportistas e dirigentes dos dois países. O enfraquecimento do relacionamento cordial e o acirramento da rivalidade iniciou-se a partir das crônicas escritas pelo jornalista uruguaio Antonio Palacio Zino para o jornal *Crítica*, em 1920. Nelas, ele teceu duros comentários racistas em relação aos brasileiros que, carregado de ironia e deboche, espalhou e atingiu outros setores da vida cotidiana do Brasil.

A partir desse momento, fruto obviamente não apenas das crônicas de Zino, mas também das próprias tensões e mudanças vivenciadas no âmbito futebolístico, a valorização crescente das vitórias, a presença cada vez mais marcante das classes populares no cotidiano do futebol, o “amadorismo marrom”, ocorreu um distanciamento das ideias dos *sportmen* que reverberaram em uma rivalidade mais acentuada entre os oponentes. Tal sentimento acarretou inclusive a primeira briga campal entre argentinos e brasileiros na final do Campeonato Sul-Americano de 1925 disputado no dia de Natal. Se a imprensa argentina já havia proposto, ainda em 1922, o fim das disputas entre os países do continente, os brasileiros adotaram o mesmo discurso após os acontecimentos de 1925. Nos dois casos, o argumento central era de que o futebol não mais aproximava os povos.

As décadas de 1920 e 1930 demonstraram a força do futebol platino. A ascensão do Brasil no cenário internacional se deu após a superação dos dissídios internos, a denominada “pacificação dos esportes”, ocorrida em 1937,<sup>5</sup> a qual permitiu que a Seleção Brasileira fosse representada pelos seus melhores atletas, que atuaram e conquistaram a admiração internacional ao apresentar um futebol que pela primeira vez encantou os

---

<sup>5</sup> Para aprofundar a discussão sobre a pacificação dos esportes é interessante a leitura do texto de Maurício Drumond sobre o papel do esporte na era Vargas. DRUMOND, Maurício. “O esporte como política de Estado: Vargas”. In: PRIORE, Mary del; MELO, Victor Andrade de. História dos esportes no Brasil: do império aos dias atuais. São Paulo: UNESP, 2009, p. 213-244.

torcedores na Copa do Mundo de 1938. A equipe alcançou a terceira posição e teve Leônidas da Silva como o artilheiro da competição.

A partir do resultado alcançado no Mundial da França, os brasileiros passaram a acreditar que possuíam, enfim, o melhor futebol da América do Sul. Os argentinos também reconheciam o crescimento do futebol de seu rival e passaram a considerá-lo como de nível hierárquico elevado e em pé de igualdade com a albiceleste. No entanto, em campo, o final da década de 30 e grande parte da década seguinte, revelou-se muito mais favorável à equipe do Prata. Ainda em 1939 originou-se o termo “platinismo”, após a incontestável vitória da Argentina por 5X1, em São Januário, Rio de Janeiro.

O termo, que vigorou durante a década de 40, colocava o Brasil em uma posição de inferioridade em relação ao rival. A Argentina, que apresentou ao longo da referida década excelentes jogadores, apresentava o modelo a ser perseguido pelos brasileiros. O seu jogo, para a imprensa brasileira, era marcado pela boa técnica de seus atletas, mas especialmente pela força do conjunto, pela velocidade que imprimia ao jogo e pela menor preocupação com a individualidade. Enquanto o Brasil excedia em “suas tramas” ofensivas, o adversário se mostrava mais objetivo.

Para a imprensa argentina, não faltava ao Brasil qualidade técnica, os brasileiros tinham recursos, domínio de bola e compreensão de jogo, mas necessitava apresentar mais firmeza e vigor, ou seja, raça e disposição, além de objetividade, pois atuava com muita “fírua”. Os mesmos estereótipos eram referendados pelos jornais do Brasil. Construiu-se uma identidade que permaneceu no imaginário brasileiro e argentino até a contemporaneidade: que os argentinos, além da boa técnica, atuam com mais garra e vontade e demonstram maior preocupação com o conjunto, elementos que faltariam ao futebol brasileiro. Eles explicariam as derrotas sofridas na década de 40 e serviriam, como ainda servem, de receituário para que o Brasil possa se sobressair em relação ao adversário: unir sua habilidade individual com a garra, com maior disposição e com preocupação com a coletividade.

A década de 50 marcou o início de uma nova identidade para o futebol brasileiro, interna e externamente. Enquanto os argentinos, especialmente nos anos iniciais do referida período, se distanciaram das competições mundiais e mesmo sul-americanas, o Brasil sediou a Copa de 1950 e venceu os Mundiais de 1958 e 1962.

A Copa da Suécia, em 1958, pode ser considerada como o marco na mudança da percepção em relação ao futebol praticado pelos dois países, foi um verdadeiro divisor de águas. Enquanto os argentinos acreditavam ainda possuir o melhor futebol do mundo, mesmo levando uma seleção enfraquecida para o Mundial,<sup>6</sup> o Brasil foi para a competição precisando superar o trauma da derrota na Copa de 1950 e carregando a desconfiança em relação ao desempenho de seus atletas que, segundo se acreditava, tremiam nos momentos decisivos, dando origem ao que Nelson Rodrigues denominou de “Complexo de Vira-Latas”.

No decorrer da competição a Argentina fracassou fragorosamente, eliminada na primeira fase ao ser goleada por 6X1 pela Tchecoslováquia. O Brasil, por sua vez, deu início à mística da camisa amarela, sagrou-se campeão e ainda apresentou ao mundo dois gênios do futebol – Pelé e Garrincha – além de outros excepcionais atletas.

A imprensa argentina ficou maravilhada com o futebol praticado pelo Brasil. Destacou a organização da delegação brasileira dentro e fora do campo, aspectos que, segundo eles, faltaram para o selecionado de seu país. O sucesso se deu em virtude da capacidade do Brasil de unir a habilidade de seus jogadores com o preparo físico e a força de conjunto, o que os argentinos denominaram de “corrente moderna” para a prática do futebol.

No Brasil, a imagem também se transformou, o “futebol alegre” ou “futebol moleque”, cujo o ícone são os dribles de Garrincha porque “ateava gargalhadas por todo o estádio”,<sup>7</sup> passou a ser, nas palavras de Hugo Lovisolo, “uma poderosa metonímia da representação da identidade brasileira: o povo que enfrenta as diversidades com alegria”.<sup>8</sup>

A vitória na Copa de 1962 e, sobretudo, a conquista do tricampeonato em 1970, única Copa em que a albiceleste foi desclassificada na fase das eliminatórias, reforçaram as imagens produzidas pelo e para o futebol brasileiro nos últimos 12 anos, discursos que eram consumidos e legitimados não apenas no âmbito interno, os periódicos argentinos reforçavam tal estereótipo. Para eles somos alegres, descontraídos e musicais. Como ressaltou Ronaldo

---

<sup>6</sup> Os motivos podem ser lidos no Capítulo 04, item 4.5.

<sup>7</sup> RODRIGUES, Nelson. “O escrete de loucos”. In \_\_\_\_\_. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 79.

<sup>8</sup> LOVISOLO, Hugo. “Introdução”. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001, p. 10.

Helal, “o mito da ‘alegria brasileira’ é, de fato, muito difundido na Argentina e torna-se mais evidente nas análises sobre o futebol brasileiro”.<sup>9</sup>

A Seleção Argentina ganhou prioridade de seus dirigentes na década de 1970, mais precisamente após a Copa de 1974. Como sediaria o próximo Mundial em 1978, o então presidente da AFA, David Bracuto, resolveu apostar em um plano de longo prazo, com o objetivo de preparar a equipe adequadamente para a disputa. O resultado logrou êxito, a Argentina conquistou seu primeiro título mundial e a partir daí, sedimentando a ligação entre os torcedores e o escrete, a AFA deu uma ênfase maior na preparação da equipe nacional para as competições que jogaria. A nova percepção de organização, contando ainda com um atleta fora de série, Maradona, permitiu que o país se tornasse protagonista em todas as competições que disputava. A alvianil venceu mais uma Copa do Mundo, México-86, e ainda ficaria na segunda posição no Mundial seguinte.

As conquistas internacionais da Argentina não produziram na imprensa brasileira discursos que enxergassem em seu rival caminhos que poderiam ser trilhados para o aprimoramento de seu próprio futebol como os argentinos fizeram durante a fase áurea do Brasil.

Em relação à Copa de 1978, por exemplo, a imprensa brasileira procurou depreciar a vitória da Argentina, alegando que a competição foi a de mais baixo nível técnico de todos os tempos e que os vencedores se valeram mais da posição e facilidades de anfitriã do que da técnica para chegar ao título. Em 1986, com um discurso menos amargo,<sup>10</sup> a imprensa brasileira percebeu a união da habilidade, da criatividade, aspectos inerentes ao futebol-arte, com a força do conjunto, a disciplina tática e, principalmente, a determinação, a raça demonstrada pelos comandados de Carlos Bilardo, como fundamentais para o seu êxito. No entanto, continuou vigorando a ideia de que não havia o que aprender com o oponente, até

---

<sup>9</sup> HELAL, Ronaldo. “Como ‘eles’ nos veem: futebol brasileiro e a imprensa argentina”. Disponível em: [http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_04/contemporanea\\_n04\\_07\\_RonaldoHelal.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_04/contemporanea_n04_07_RonaldoHelal.pdf), p. 74. Acessado em 08 de abril de 2013.

<sup>10</sup> Considero factível pensar que em 1978, a derrota do Peru para a Argentina, em jogo polêmico e a consequente eliminação do Brasil de disputar a final do Mundial naquele ano resultou em um discurso mais amargo por parte da imprensa local, fato que não ocorreu em 1986 quando os brasileiros foram derrotas e eliminados pela França, pese ainda o fato de que no Mundial do México Maradona ter assinalado um gol de mão contra a Inglaterra.

mesmo porque os discursos eram semelhantes aos construídos para explicar os triunfos dos brasileiros no período em que seu futebol brilhou mais intensamente.

As percepções da imprensa brasileira e da argentina em relação ao rival não sofreram alterações significativas a partir da segunda metade do século XX. Para os brasileiros, os argentinos teriam um estilo mais próximo ao denominado “futebol-força”, malgrado a habilidade de seus jogadores. Ele seria caracterizado pelos dribles rápidos, o bom manejo da bola, os toques envolventes, além da raça, do amor à camisa e da força do conjunto. A imprensa argentina, por sua vez, espera que o Brasil apresente o “jogo bonito”, escrito em português em seus periódicos, baseado na habilidade, na individualidade, na alegria, na capacidade de improvisação dos atletas.

A imagem deixada, em especial pela seleção tricampeã em 1970, criou o paradigma do “jogo bonito” para os argentinos. Ainda que rivais, os argentinos – imprensa e torcedores – se sentem frustrados quando o Brasil não apresenta o estilo de jogo idealizado e cristalizado em seu imaginário. Apesar de ter vencido a Copa de 1994, por exemplo, percebe-se o tom de decepção de técnicos e jogadores argentinos ao expressarem que a vitória brasileira foi justa, contudo, sem apresentar o futebol que encantou o mundo em outros momentos. Em 2002 o discurso se alterou, ressaltou a geração extremamente habilidosa apresentada pelo Brasil e destacou que o futebol brasileiro é marcado pela “habilidade inata” de seus atletas e que o sucesso do país nesse esporte se dá em virtude do “jogo bonito” por ele praticado e que seria sua marca identitária.

Os argentinos, em certa medida, mitificaram que o estilo brasileiro de praticar o futebol sempre foi o mesmo, independente do técnico, e chegam mesmo a elogiar quando a seleção de seu país possui um estilo parecido com o do Brasil. Segundo Daniel Córdoba para o diário Olé e citado por Ronaldo Helal: “O Brasil sempre é Brasil, com qualquer técnico. A Argentina variou sua identidade cada vez que assumiu um treinador. E a eleita neste caso se assemelha muitíssimo à brasileira”.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Idem, *ibidem*, p. 77.

As vitórias argentinas não reverberaram com a mesma intensidade pela imprensa brasileira, como ocorriam e ocorrem com os êxitos brasileiros analisados pela imprensa do rival. Mostrando-se autossuficiente, em virtude de sua própria história vencedora e de um discurso largamente aceito e legitimado de que o “Brasil é o país do futebol”, os brasileiros não teriam o que aprender com o vizinho. Some-se aos pontos acima ressaltados que, apesar do seu protagonismo, os argentinos viram a consolidação de uma tendência iniciada na década de 1950, o maior número de vitórias brasileiras nos confrontos entre as duas seleções, fato que levou à redução da diferença nos embates diretos e que reverteu a situação em prol do Brasil no final do século passado, acirrando por um lado a rivalidade e por outro reforçando o discurso de autossuficiência.

Outro aspecto que precisa ser destacado e que reforça a proposição anterior são as formas distintas de análise que as imprensas dos dois países oferecem aos jogos de seu rival. Enquanto os argentinos buscam analisar detidamente não apenas o desenrolar da partida, mas sobretudo as questões técnicas, táticas e também identitárias, ou seja, se a Seleção Brasileira atuou da forma esperada e ou desejada, o mesmo não ocorre por parte da imprensa e dos cronistas vizinhos. Os jornais brasileiros oferecem, na maior parte das vezes, somente as descrições das partidas e os dados não são acompanhados de análises mais detidas em relação à forma de jogar dos argentinos. Os cronistas, por sua vez, estão mais preocupados em abordar o futebol brasileiro e pouco comentam sobre o rival. Por isso mesmo é mais fácil construir a percepção que os argentinos possuem do futebol brasileiro do que o inverso, utilizando-se os jornais como fonte.

Certamente, há um padrão narrativo nos periódicos brasileiros, mesmo nas partidas disputadas internamente. Entre clubes, percebe-se a preocupação em descrever os embates e essa prática se espraia também para os confrontos internacionais. Os cronistas e jornalistas do país não escrevem ou expressam os motivos pelos quais abordam pouco analiticamente os rivais, além do já citado padrão narrativo habitual. Isso me leva a perceber, mais uma vez, a autossuficiência e arrogância construída em torno do futebol pelos brasileiros, mesmo que as fontes não comprovem essa suposição, uma vez que os periodistas, consciente ou inconscientemente, não expliquem as motivações de sua escritura.

Somente em momentos traumáticos, como ocorreu no Mineirão em 2014, quando a Seleção Brasileira foi humilhada pelos alemães por 7X1, a imprensa, de forma mais

contundente, afirma que há algo que devemos aprender com o outro. Em derrotas de naturezas diferentes há uma tendência em reduzir os méritos do oponente, seja pelas “teorias da conspiração”,<sup>12</sup> seja ao ressaltar apenas os erros presentes no futebol brasileiro, de sua organização, calendário, desentendimentos internos, etc. O discurso construído, mesmo indiretamente, deixa claro que “em condições normais de temperatura e pressão” não seríamos derrotados.

Outro objetivo da pesquisa era entender como os dois países que jogam um futebol extremamente técnico, se diferenciavam no que se refere à prática do esporte, aqui destacado, em suas construções identitárias.

O Brasil é visto, tanto pela imprensa brasileira, quanto pela argentina como um futebol individualista, criativo, inusitado, o grande representante do futebol-arte. Mesmo dotado de grandes jogadores, habilidosos e técnicos, as duas imprensas concordam que os argentinos, para se equipararem aos brasileiros, precisam lançar mão não só do “jogo bonito”, da habilidade, mas precisam agregar em sua equipe a força do conjunto, do vigor físico e, neste sentido, ele se aproximaria do futebol europeu, que historicamente, ressalte-se, também é a antítese da prática argentina futebolística.<sup>13</sup> Em decorrência da necessidade de lançar mão de aspectos que caracterizam o denominado “futebol força” para vencer os brasileiros surge a tensão entre o “futebol criollo” e o “jogo bonito” ou o “futebol arte”.

Tal crença acarretou na polêmica afirmação de Diego Simeone, repetida pela imprensa argentina, ressaltando-se que ela foi expressa para um período específico dos confrontos entre os dois países, em meados de 2005, de que o Brasil possuía craques e a Argentina, grandes jogadores e por isso, para vencê-los, a necessidade da força coletiva.

A pesquisa também tinha como objetivo retomar e analisar a validade da afirmativa do sociólogo argentino Pablo Alabarces: “Os argentinos odeiam amar os brasileiros e os brasileiros amam odiar os argentinos”. Tendo o futebol como mote, foi

---

<sup>12</sup> Chamo de “teoria da conspiração” as tentativas de explicar as derrotas brasileiras advindas de pressões externas, subornos, troca de favores, como foram aventadas, por exemplo, na derrota para a França na Copa de 1998 e mesmo na goleada sofrida para a Alemanha em 2014.

<sup>13</sup> Ronaldo Helal ao destacar que os jornais argentinos admiram o “jogo bonito” que ele seria uma “marca registrada” do futebol brasileiro, lembra simultaneamente que tal forma de atuar se encontra presente, da mesma forma, na construção identitária do futebol argentino. Cf. HELAL, Ronaldo. op. cit. p. 75.

possível perceber ao longo dos cem anos de confronto que, em boa parte deles, os argentinos torceram muito mais pelo sucesso do Brasil do que o inverso. Stábile, ex-jogador e treinador da Seleção Argentina, afirmou, por exemplo, que a Copa de 1938 perdeu o interesse em seu país quando o Brasil foi derrotado pela Itália na semifinal do torneio.

Os argentinos, apesar das fortes raízes italianas, em decorrência dos movimentos migratórios do final do século XIX e início do XX, torceram em sua maioria pelo Brasil na final da Copa de 1970 contra a Itália. O sentimento de pertencimento geográfico falava mais forte, simultaneamente à ideia de uma prática de futebol que representaria todo o continente sul-americano. Esses foram aspectos destacados pelos torcedores e periódicos daquele país que não se importaram inclusive com a possibilidade do seu rival ganhar o seu terceiro título mundial, enquanto eles ainda não possuíam nenhum. A imprensa argentina, ao contrário da brasileira, nunca demonstrou dificuldade em elogiar abertamente o futebol e o estilo de seu oponente, como foi atestado em inúmeras fontes utilizadas ao longo do trabalho.

Mesmo em 2002, com os sentimentos em fase de alteração, o diário *Olé*, periódico caracterizado pelo tom irônico e debochado, realizou uma enquete nas vésperas da final entre Brasil e Alemanha e mais de 50% dos respondentes afirmaram que torceriam pelo Brasil.

O inverso, o reconhecimento e até simpatia, não é encontrado por parte da imprensa e dos torcedores brasileiros na mesma proporção. Estes, alimentados igualmente por comentários presentes na mídia, torcem e vibram abertamente quando a albiceleste é derrotada. Obviamente que isto não significa que há falta de admiração pelo futebol argentino. Quando se afirma que “ganhar dos argentinos é ainda melhor” não se trata de uma forma, certamente estranha, de atestar a admiração que se sente pelo outro? O bordão demonstra claramente que admiração e inveja estão expostos de forma desequilibrada, uma vez que, como destacou Helal, os argentinos conseguem falar de amor e ódio, de admiração e repulsa em relação a nós. Mas os brasileiros só costumam extravasar o ódio.<sup>14</sup> Não seria tal

---

<sup>14</sup> Idem, *ibidem*, p. 71. Segue a afirmação de Ronaldo Helal: “Ao contrário da rivalidade argentina com nosso futebol, que consegue manifestar admiração em meio ao conflito, nossa rivalidade esconde a admiração e só tornamos visíveis o ódio e o ressentimento”.

sentimento um claro indício de que os brasileiros precisam mais dos argentinos para marcar sua alteridade do que o inverso?<sup>15</sup>

No entanto, nos últimos anos, com destaque a partir da Copa de 2006, mas já vislumbrado desde o Mundial da França em 1998, os argentinos, com o auxílio da comunicação globalizada, perceberam que os brasileiros torcem contra eles, vibram com suas derrotas. A partir da Copa da Alemanha, em 2006, fato que se repetiu em 2010, tal atitude tornou-se ainda mais flagrante em virtude das propagandas televisivas de algumas empresas brasileiras, que foram veiculadas em períodos próximos ao citado Mundial e que deixam claro o antagonismo com os argentinos. Dessa forma, percebe-se que as propagandas, especialmente em épocas de Copa do Mundo, acirraram a rivalidade entre os dois países.

Se a Argentina continua admirando o futebol brasileiro, nota-se que o “amor” se diluiu. Essa desilusão é decorrente, por um lado, das exibições brasileiras, que em alguns casos se desconectaram do “horizonte de expectativa” criado, ou seja, foram distantes do que os argentinos entendem ser a tradição brasileira da prática do futebol, do “jogo bonito”. Por outro, e sobretudo, pela consciência de que os brasileiros “amam odiar os argentinos”, de que festejam com suas derrotas, ironizam, provocam e os debocham em suas propagandas. A partir dessa nova percepção os argentinos reagiram e também passaram a torcer contra. Respondo assim, mais um dos objetivos do trabalho.

Toda rivalidade traz em seu bojo uma certa dose de admiração e de inveja. Só rivalizamos com aqueles que possuem algo que desejamos ter e até superar. Para Newton César de Oliveira Santos, os argentinos “adorariam jogar e vencer campeonatos jogando bonito. E nós gostaríamos de ver nossa Seleção lutando em campo o tempo todo, disputando todas as bolas”.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> Entendo que é preciso levar em conta as questões geográficas como por exemplo o Brasil ter se posicionado, durante muito tempo, de frente para o Atlântico e de costas para o restante da América do Sul. Também deve ser pensada a questão linguística, uma vez que os brasileiros são os únicos que falam português no continente, fato inclusive que costuma ser ressaltado como um dos motivos pelos quais os clubes brasileiros são prejudicados pelas arbitragens em competições como a Copa Libertadores da América. Outros aspectos podem ser refletidos: Questões políticas, o caso *sui generes* da vinda da família real em 1808, do próprio processo de independência do país assim como a adoção do regime monárquico em grande parte do século XIX. Aspectos raciais vinculados à matriz negra e a herança africana a qual os argentinos, em particular, realizaram um apagamento juntamente com sua matriz indígena. A superação econômica brasileira, no decorrer do século XX, do então vizinho mais rico e desenvolvido. Estes são alguns aspectos que nos afastam de nossos vizinhos continentais.

<sup>16</sup> SANTOS, Newton César de Oliveira. *Brasil X Argentina: histórias do maior clássico do futebol mundial (1908-2008)*. São Paulo: Scortecci, 2009, p. 592.

Entre atitudes corporais, discursivas e sociais se afirmam os sujeitos nacionais. Nos passos do tango e na ginga do samba, na raça e na habilidade, no conjunto e na força individual, no “futebol *criollo*” e no “futebol arte” se fundem, confundem, rivalizam e são inventados argentinos e brasileiros em torno do futebol. Na aquarela do futebol, brasileiros se colorem de verde e amarelo; argentinos de azul e branco, enriquecendo os matizes do chamado esporte das multidões. Os dois países estão impregnados pela linguagem da bola, se transformam, criam identidades, mobilizam sentimentos por suas seleções. Especular sobre futebol é também especular sobre ser argentino e ser brasileiro, no que se aproximam e no que se distanciam. Respeito e rivalidade, admiração e inveja são alguns pares de sensações provenientes da consciência de que formam duas das maiores forças futebolísticas do planeta. Enquanto existir uma partida existirão argentinos e brasileiros mostrando suas habilidades com a bola, correndo, pulsando, tocando, fintando, chutando, enfim, emocionando. Futebol é esporte que suscita paixão, seja no seu sentido grego *pathos* ou latino *passio*, relacionado à sofrimento, seja também como representação de uma emoção intensa, desmedida, desenfreada. Paixão, independente do sentido, é o sentimento que as duas torcidas carregam por suas seleções e que fazem do futebol mais do que um esporte, um espetáculo de cores, vozes, sons e emoções. Vida longa aos grandes clássicos! Ao clássico Brasil e Argentina! Vida longa ao futebol!

## **CORPUS DOCUMENTAL**

### **Jornais e Revistas Brasileiras**

- A Gazeta Esportiva, São Paulo.
- Correio da Manhã, Rio de Janeiro.
- Folha da Manhã, São Paulo.
- Folha da Noite, São Paulo.
- Folha de São Paulo, São Paulo.
- Jornal do Brasil, Rio de Janeiro.
- Jornal dos Sports, Rio de Janeiro.
- Manchete Esportiva.
- Placar, São Paulo.

### **Jornais e Revistas Argentinas**

- Crítica, Buenos Aires.
- Clarín, Buenos Aires.
- El Gráfico, Buenos Aires.
- La Nacion, Buenos Aires.
- Olé!, Buenos Aires.

### **Sites Oficiais**

- FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*).
- CBF (Confederação Brasileira de Futebol)
- AFA (*Asociación del Fútbol Argentino*)

### **Livros**

- APO, Alejandro. *Y el fútbol conto un cuento*. Buenos Aires: Aguilar Taurus Alfaguara, 2007.
- ARIAS, Miguel. *La gloria y devoto*. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2001.
- CALAZANS, Fernando. *O Nosso Futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- *Desde 1893 hasta 1981: toda lha historia de la Selección Argentina*. Buenos Aires: GAM Ediciones, 1982.

- KFOURI, Juca. *Meninos eu vi*. São Paulo: DBA, 2003.
- MARON FILHO, Oscar; FERREIRA, Renato. (orgs.). *Fla-Flu... e as multidões despertaram*. Rio de Janeiro: Europa, 1987.
- MILLET, Raul. *Vida que segue: João Saldanha e as Copas de 1966 e 1970*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- NOGUEIRA, Armando. *Bola de Cristal*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Na grande área*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1966.
- \_\_\_\_\_. *A ginga e o jogo: toda as melhores crônicas de Armando Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- \_\_\_\_\_. *O homem e a bola*. Rio de Janeiro: Miratavaí, 1986.
- \_\_\_\_\_. (et. al.). *A Copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- PAGANI, Horacio. *El verdadero fútbol que le gusta a la gente*. Buenos Aires: Urano Argetina, 2008.
- RODRIGUES, Nelson. *A Pátria em Chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Á Sombra das Chuteiras Imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. *O profeta tricolor: cem anos de fluminense*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. *O berro impresso das manchetes: crônicas completas da Manchete Esportiva 55-59*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- \_\_\_\_\_. Mário Filho, o criador de multidões. In: MARON FILHO, Oscar; FERREIRA, Renato. (orgs.). *Fla-Flu... e as multidões despertaram*. Rio de Janeiro: Europa, 1987.
- SALDANHA, João. *O Trauma da Bola: a copa de 82 por João Saldanha*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SALDANHA, João. “Futebol e zona do agrião”. In: MILLIET, Raul (org.). *Vida que segue: João Saldanha e as copas de 1966 e 1970*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- SILVA, Thomaz Soares da (Zizinho). *O mestre Ziza*. Rio de Janeiro: Edições Maracanã, 1985.
- SOARES Jô. “1954: Eu estava mais enlameado que o goleiro da Hungria”. In: NOGUEIRA, Armando (et. al.). *A Copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

- TOSTÃO. *A perfeição não existe: paixão do futebol por um craque da crônica*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.
- TOSTÃO. *Lembranças, opiniões, reflexões sobre futebol*. São Paulo: DBA, 1997.
- VARSKY, Juan Pablo. *Más que un juego: una nueva manera de contar el deporte*. Buenos Aires: Sudamericana, 2008.

## Imagens

- ACERVO da bola. “Maracanazo”. Disponível em: <http://www.acervodabola.com.br/brasil-1x2-uruguai-maracanazo/>. Acessado em: 19 de março de 2017.
- ALMEIDA, Bruno. “Os pôsteres e mascotes da Copa do Mundo: 1982 - Espanha”. Disponível em: <http://publistagram.com/os-posteres-e-mascotes-da-copa-do-mundo/>. Acessado em 22 de outubro de 2017.
- BELTRAMO, Lucas. “El día que Olé salió sin título”. In: *Tinta Deportiva: una pasión a diário*. Disponível em: <http://tintadeportiva.blogspot.com.br/2010/12/el-dia-que-ole-salio-sin-titulo.html>. Acessado em: 16 de maio de 2018.
- BLOG dos esportes. “Poster Download Espanha Campeã Mundial de Futebol 2010”. Disponível em: <http://www.blogdosesportes.com/poster-download-espanha-campea-mundial-de-futebol-2010/>. Acessado em: 19 de julho de 2018.
- BRANDÃO, Caio. “Futebol portenho: 100 anos sem o multicampeão Alumni”. In: *Futebol portenho*. Disponível em: <http://www.futebolportenho.com.br/2013/04/24/100-anos-sem-o-multicampeao-alumni/>. Acessado em: 20 de abril de 2016.
- \_\_\_\_\_. “35 anos da Copa de 1978: Argentina 3-1 Holanda”. In: *Futebol portenho*. Disponível em: <http://www.futebolportenho.com.br/2013/06/25/35-anos-da-copa-1978-argentina-3-1-holanda/>. Acessado em: 12 de outubro de 2017.
- CBF. “Brasil é campeão mundial em 29 de junho de 1958”. Disponível em: <http://selecao.cbf.com.br/noticias/selecao-masculina/brasil-e-campeao-mundial-em-29-de-junho-de-1958-na-copa-do-mundo-da-suecia>. Acessado em 21 de julho de 2017.
- DOENTES por Futebol. “Copas 1958”. Disponível em: <http://doentesporfutebol.com.br/2013/02/a-arte-dos-cartazes-nas-copas/copas-1958/>. Acessado em: 20 de julho de 2017.
- DUARTE, Marcelo “Todas as mascotes da Copa do Mundo”. Disponível em: <http://guiadoscuriosos.uol.com.br/blog/2012/11/26/todas-as-mascotes-da-copa-do->

mundo. Acessado em 28 de dezembro de 2017.

- EPICHURUS. “Naranjito e Fuleco no divã”. Disponível em: <https://epichurus.com/2014/07/07/naranjito-e-fuleco-no-diva/>. Acessado em 22 de outubro de 2017.
- ÉPOCA. “Maradona vira Deus, carrega a Seleção e garante o bi da Argentina”. Disponível em: <http://essaenossa.epoca.globo.com/1986.html>. Acessado em: 03 de janeiro de 2018.
- ESPN. “Estreia como jogador profissional de Diego Maradona completa 40 anos”. Disponível em: [http://espn.uol.com.br/noticia/640479\\_estreia-como-jogador-profissional-de-diego-maradona-completa-40-anos](http://espn.uol.com.br/noticia/640479_estreia-como-jogador-profissional-de-diego-maradona-completa-40-anos). Acessado em: 04 de outubro de 2017.
- FANPICTURES. “1982 FIFA World Cup Spain. Italy national team”. Disponível em: [http://fanpicture.ru/world\\_cup/1982/italy.html](http://fanpicture.ru/world_cup/1982/italy.html). Acessado em: 19 de dezembro de 2017.
- FIGUEIREDO, António & SOUSA, Freire de. “Figurinhas da Copa (VI)”. Disponível em: <https://interesseseacao.blogspot.com/2014/06/figurinhas-da-copa-vi.html>. Acessado em: 26 de junho de 2018.
- FOLHA NA COPA. “Baixe o pôster da Alemanha tetracampeã mundial”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/07/1485379-baixe-o-poster-da-alemanha-tetracampea-mundial.shtml>. Acessado em: 02 de agosto de 2018.
- FOLHA ONLINE. “Seleção pentacampeã folha on line”. Disponível em: [http://www1.folha.uol.com.br/folha/interacao/images/wpp\\_posterpenta\\_1024.jpg](http://www1.folha.uol.com.br/folha/interacao/images/wpp_posterpenta_1024.jpg). Acessado em: 19 de março de 2018.
- GLOBOESPORTE.COM. “Brasil já tem logo para a Copa 2014”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2010/06/brasil-ja-tem-logo-para-copa-2014.html/>. Acessado em 12 de julho de 2018.
- GONÇALVES, Guilherme. “Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014: Copas Anteriores”. Disponível em: <http://bloggerdacopanobrasil.blogspot.com.br/p/copas-do-mundo-fifa-anteriores.html>. Acessado em 22 de outubro de 2017.
- IMORTAIS do Futebol. “Seleções imortais: Alemanha 1990”. Disponível em: <https://www.imortaisdofutebol.com/2013/02/22/selecoes-imortais-alemanha-1990/>. Acessado em: 14 de janeiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Seleções imortais: Brasil 1994”. Disponível em: <https://www.imortaisdofutebol.com/2012/12/19/selecoes-imortais-brasil-1994/>. Acessado em: 31 de janeiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Seleções Imortais: Itália 2006”. Disponível em:

<https://www.imortaisdofutebol.com/2012/03/21/selecoes-imortais-italia-2006/>. Acessado em: 26 de junho de 2018.

- \_\_\_\_\_. “Seleções imortais: Alemanha 1954”. Disponível em: <https://www.imortaisdofutebol.com/2012/11/16/selecoes-imortais-alemanha-1954/>. Acessado em: 13 de agosto de 2018.
- LAFLOUFA, Jacqueline. “50 capas de jornais do Brasil após a derrota de 7X1 para a Alemanha”. Disponível em: <https://www.b9.com.br/50229/50-capas-de-jornais-brasil-apos-derrota-de-7-x-1-para-a-alemanha/>. Acessado em: 31 de julho de 2018.
- MINUTO Ligado. “Copa do Mundo de 1962: bicampeonato da Seleção Brasileira”. Disponível em: <http://minutoligado.com.br/esportes/copa-mundo-de-1962-bicampeonato-da-selecao-brasileira/>. Acessado em: 29 de julho de 2017.
- MOCHILEIRO. “Copas do Mundo de 1962 no Chile”. Disponível em: <http://mochileiro.tur.br/copa-1962.htm>. Acessado em: 28 de julho de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Copa do Mundo de 1974 Alemanha Ocidental”. Disponível em: <http://mochileiro.tur.br/copa-1974.htm>. Acessado em: 24 de setembro de 2017.
- NEVES, Milton. “Felipe Melo é o novo Almir Pernambuquinho?”. Disponível em: <http://blogmiltonneves.bol.uol.com.br/blog/2017/04/28/felipe-melo-e-o-novo-almir-pernambuquinho/>. Acessado em: 22 de julho de 2017.
- OLÉ. “Tapas de Olé”. Disponível em: <http://edant.ole.com.ar/diario/2001/09/05/>. Acessado em: 05 de março de 2018.
- PORTAL BRASIL. “Cartaz oficial da Copa de 1966, na Inglaterra”. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/esporte/2010/06/cartazes-das-copas/WorldCup1966poster.jpg/view>. Acessado em: 07 de agosto de 2017.
- PÔSTERCAMPEÃO. “Campeões históricos: pôster Uruguai campeão mundial 1930”. Disponível em: <http://www.postercampeao.com.br/2016/01/campeoes-historicos-poster-uruguai.html>. Acessado em: 13 de agosto de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Campeões históricos: pôster Itália campeã mundial 1934”. Disponível em: <http://www.postercampeao.com.br/2016/01/campeoes-historicos-poster-italia.html>. Acessado em: 13 de agosto de 2018.
- PÔSTERCAMPEÃO. “Campeões históricos: pôster Itália bicampeã mundial 1938”. Disponível em: [http://www.postercampeao.com.br/2016/01/campeoes-historicos-poster-italia\\_18.html](http://www.postercampeao.com.br/2016/01/campeoes-historicos-poster-italia_18.html). Acessado em: 13 de agosto de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Campeões históricos: pôster Uruguai bicampeão Mundial 1950”. Disponível em: <http://www.postercampeao.com.br/2016/01/campeoes-historico-poster-uruguai.html>.

Acessado em: 13 de agosto de 2018.

- \_\_\_\_\_. “Campeões históricos: pôster Inglaterra campeã mundial de 1966”. Disponível em: <http://www.postercampeao.com.br/2016/03/campeoes-historicos-poster-inglesa.html>. Acessado em: 13 de agosto de 2018.
- QUAL Design. “Posters oficiais das Copas do Mundo da FIFA”. Disponível em: <https://qualdesign.wordpress.com/2010/05/06/posters-oficiais-das-copas-do-mundo-fifa/>. Acessado em 12 de julho de 2018.
- R7 ESPORTES. “Estreia de Pelé na Seleção completa 54 anos; relembre a trajetória do Rei do Futebol”. Disponível em: <http://esportes.r7.com/futebol/fotos/relembre-a-trajetoria-do-rei-do-futebol-20101023-3.html#fotos>. Acessado em: 17 de julho de 2017.
- REIS JÚNIOR, Dalmir. “Copa do Mundo (México) – 1970”. Disponível em: <http://www.propagandashistoricas.com.br/2014/06/copa-do-mundo-mexico-1970.html>. Acessado em: 17 de agosto de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Copa do Mundo (Alemanha) – 1974”. Disponível em: <http://www.propagandashistoricas.com.br/2014/06/copa-do-mundo-alemanha-1974.html>. Acessado em 15 de setembro de 2017.
- RLUIZ66. “Canal 100 Brasil 1X0 Inglaterra 1970”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y3Aqc0qFoFI>. Acessado em: 17 de agosto de 2017.
- SEEKLOGO. “Gauchito 1978 Logo Vector”. Disponível em: <https://seeklogo.com/vector-logo/59463/gauchito-1978>. Acessado em 15 de setembro de 2017.
- SILVA, Jonathan. “Uma geração perdida: 67 anos da Tragédia do Superga”. Disponível em: <http://blogs.lance.com.br/gol-de-canela-fc/uma-geracao-perdida-67-anos-da-tragedia-de-superga/>. Acessado em: 19 de março de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Há exatos 45 anos, Pelé dava adeus à Seleção Brasileira”. Disponível em: <http://blogs.lance.com.br/gol-de-canela-fc/ha-exatos-45-anos-pele-dava-adeus-selecao-brasileira/>. Acessado em: 09 de setembro de 2017.
- SIQUEIRA, Robinho. “Seleção Brasileira tri-campeã mundial - 1970”. Disponível em: <https://futeboldecoracao.wordpress.com/2013/03/05/selecao-brasileira-tri-campea-mundial-1970/>. Acessado em: 21 de agosto de 2017.
- STEIN, Leandro. “Craque, artilheiro, técnico, cartola: Charles Miller não foi só o “pai do futebol no Brasil””. Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/craque-artilheiro-tecnico-cartola-sensacao-na-europa-charles-miller-nao-foi-so-o-pai-do-futebol-no-brasil/>. Acessado em: 26 de abril de 2016.

- TARDES de Pacaembu: o futebol sem fronteiras. “Schiaffino... o canhoto de Palermo”. Disponível em: <https://tardesdepacaembu.wordpress.com/tag/schiaffino-uruguai-1950/>. Acessado em 19 de março de 2017.
- TARINGA!. “Harry, el Maestro”. Disponível em: <http://www.taringa.net/post/deportes/10218259/Futbol-Harry-el-Maestro.html>. Acessado em: 27 de abril de 2016.
- UOL. “Um leopardo com cabelos verdes”. Disponível em: <https://copadomundo.uol.com.br/2010/a-copa/mascote.jhtm>. Acessado em 11 de julho de 2018.
- VIEIRA, Flavio. “Brasil 1950: a mãe de todas as derrotas”. Disponível em: <http://flaviojvieira.blogspot.com.br/2014/05/brasil-1950-mae-de-todas-derrotas.html>. Acessado em: 19 de março de 2017.
- WELANCER. “Cartazes da Copa do Mundo: veja as evoluções”. Disponível em: <http://blog.welancer.com/cartazes-das-copas-do-mundo-veja-as-evolucoes/>. Acessado em 25 de julho de 2018.
- WIKIPÉDIA. “Alexander Watson Hutton”. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Alexander\\_Watson\\_Hutton](https://en.wikipedia.org/wiki/Alexander_Watson_Hutton). Acessado em: 27 de abril de 2016.
- \_\_\_\_\_. “Arthur Friedenrich”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Arthur\\_Friedenreich](https://pt.wikipedia.org/wiki/Arthur_Friedenreich). Acessado em: 27 de abril de 2016.
- \_\_\_\_\_. “Copa do Mundo FIFA de 1950”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa\\_do\\_Mundo\\_FIFA\\_de\\_1950#/media/File:World-cup-poster-brazil-1950.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_FIFA_de_1950#/media/File:World-cup-poster-brazil-1950.jpg). Acessado em 19 de março de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Copa do Mundo FIFA de 2010”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa\\_do\\_Mundo\\_FIFA\\_de\\_2010](https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_FIFA_de_2010). Acessado em 12 de julho de 2018.
- WIKIPEDIA. “Fuleco”. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fuleco>. Acessado em 25 de julho de 2018
- \_\_\_\_\_. “Oscar Alfredo Cox”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Oscar\\_Alfredo\\_Cox#/media/File:Oscar\\_Cox.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Oscar_Alfredo_Cox#/media/File:Oscar_Cox.jpg). Acessado em: 27 de abril de 2016.

## Filmes

- 11 DE OURO. “Copa do Mundo Semifinal Holanda 0(2)X(4)0 Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dW6FuQ2cswY>. Acessado em: 01º de agosto de 2018.
- 1986SOCCERMAN. “QWC 1986 Argentina vs. Peru 2-2 (30.06.1985)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-7dOmfAy0gc>. Acessado em: 26 de dezembro de 2017.
- AARONTAWIL. “Argentina X Serbia y Montenegro (6-0) – Mundial 2006 Resumem”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZEd8TxEbMXU>. Acessado em: 11 de junho de 2018.
- ACOSTA, Marcio. “Argentina X Uruguai - Copa América 2011 - 16/07/20011 - All Goals Highlights & Penalties”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CN35kbQ5y10>. Acessado em: 20 de julho de 2018.
- ALEXZR74. “1986 WC final Argentina - Germany FR 3:2”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QpDc3HiuTnM>. Acessado em: 03 de janeiro de 2018.
- ALVES, Alexandre. “Melhores momentos: Brasil 1 x 0 Espanha pela Copa do Mundo de 1986”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LzVAPmk1bLs>. Acessado em: 29 de dezembro de 2017.
- AMOKE. “Brasil 3 x 1 Argentina - Eliminatórias 2010 - 05/09/2009”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jyzJ-41V4-I>. Acessado em: 10 de julho de 2018.
- ANDREWFPB. “Argentina (1) vs Colombia (0) - Eliminatórias al Mundial 1986 - Gol de Valdano”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=PH\\_4Vg5ixWk](https://www.youtube.com/watch?v=PH_4Vg5ixWk). Acessado em: 27 de dezembro de 2017.
- ARANDA, Joaky. “Mundial 1962: Brasil 2-1 Espanha”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mAjoYQoboPs>. Acessado em 28 de julho de 2017.
- ARAÚJO, Gabriel. “Brasil 2 x 1 União Soviética (Copa 82) - Fiori Gigliotti”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ojypvpgp1Wjg&t=30s>. Acessado em: 22 de outubro de 2017.
- ARTILES, Fabiano. “Brasil 2 X 1 Inglaterra - Copa do Mundo 2002 (Quartas de Finais)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Oe9FiNPoPuM>. Acessado em: 15 de março de 2018.

- AZUL, Hernandez. “Brasil vs Argentina en Italia 90”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TWDRkcIEVR0>. Acessado em: 12 de janeiro de 2018.
- BACCARAT, Flávio. “Argentina 0x1 Camarões Copa 1990 Rede Manchete”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pAEZcXjaYOs>. Acessado em: 10 de janeiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Argentina 2x0 URSS Copa 1990 Rede Manchete”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ix3km3M7YAM>. Acessado em: 10 de janeiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Romênia 1x1 Argentina Copa 1990 Rede Manchete”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uLwaaqxELx8>. Acessado em: 10 de janeiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Itália 1x1 Argentina Copa Itália 1990. Rede Globo”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=0bwRnNERv\\_0](https://www.youtube.com/watch?v=0bwRnNERv_0). Acessado em: 14 de janeiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Copa América 1991 Brasil 2x3 Argentina Globo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xp1kFi9jhpw>. Acessado em: 16 de janeiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Copa América 1993 Brasil 1(5) x 1(6) Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wOvi7eY5MuA>. Acessado em: 17 de janeiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Argentina 2x3 Romênia Oitavas Copa 1994 Globo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hw2axspbPXc>. Acessado em: 23 de janeiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Holanda 2x1 Argentina Copa 1998 Band”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Dp1jaNSxU\\_s](https://www.youtube.com/watch?v=Dp1jaNSxU_s). Acessado em: 15 de fevereiro de 2018.
- BALEYA, Tom. “Copa do Mundo 1962: Brasil 3 x 1 Inglaterra (Quartas de Final)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5YCELVWtBAY>. Acessado em: 28 de julho de 2017.
- BATELOCHE, Guilherme. “Argentina 1 X 0 Uruguai Copa do Mundo 1986”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FbxAguleR1Y>. Acessado em: 01 de janeiro de 2018.
- BFDMOURA. “Brasil 2 (4) X 2 (2) Argentina - semifinal da Copa América de 1995”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IHgFI1ShcZs>. Acessado em: 01º de fevereiro de 2018.

- BILFUT HD. “Alemanha 4x0 Argentina - Gols e Melhores Momentos - COPA DO MUNDO 2010 - HD”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=1p2MyX\\_ZCH8](https://www.youtube.com/watch?v=1p2MyX_ZCH8). Acessado em: 17 de julho de 2018.
- BILLYJACKSGABRIEL. “Argentina 2 x 0 Grécia - Melhores momentos Copa do Mundo 2010”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jkDNIARt2II>. Acessado em: 13 de julho de 2018.
- CANARINHOGOLS. “Copa Roca 1971-28-Jul: Argentina 1X1 Brasil”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a3NIXm9FPIg>. Acessado em: 09 de setembro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “ELIMINATÓRIAS 1985-02-JUN - BOLÍVIA 0X2 BRASIL”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Obv7NbPvrec>. Acessado em: 27 de dezembro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “COPA DO MUNDO 2010-15-JUN - BRASIL 2X1 CORÉIA DO NORTE”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i3MtXHrKQIA>. Acessado em: 13 de julho de 2018.
- CENTRALDACOPA. “Copa 1998 - 1ª Fase - Brasil 2 x 1 Escócia”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ut0Q4HGIt94>. Acessado em: 11 de fevereiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Copa 1998 - 1ª Fase - Brasil 1 x 2 Noruega”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jkPEv5Yb3u0>. Acessado em: 11 de fevereiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Copa 1998 - Quartas de Final - Brasil 3 x 2 Dinamarca”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AXi6cHaXNyo>. Acessado em: 14 de fevereiro de 2018.
- CIRURGIÃO Vídeos. “Final da Copa do Mundo de 1958: Brasil vs Suécia (Jogo Completo)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9X5UfZfhktU>. Acessado em 21 de julho de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Final do Copa do Mundo 1962 – Brazil VS Checoslováquia (Jogo Completo)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JxEYhwZWv8>. Acessado em 29 de julho de 2017.
- CLASSICENGLAND. “England v Argentina 1-0 World Cup Quarter Finals 1966”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aq0nxUlGxm8>. Acessado em 08 de agosto de 2017.

- CLASSIC Football. “1982 World Cup .. Italy - Brazil 3-2”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yu0-PL99oEU>. Acessado em: 18 de dezembro de 2017.
- COBERTURASELEÇÃOBRASILEIRAMASCULINA. “Brasil 3 x 1 Argentina 2004 (02-06-2004) - Hat-Trick Ronaldo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C3GBNUHdSV4>. Acessado em: 04 de abril de 2018.
- CRISTIANLBANAYNEWS10. “Argentina 2 Nigeria 1 Mundial 1994 (Los goles)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FP3Fb0EN8J0>. Acessado em: 22 de janeiro de 2018.
- CRISWILL TM. “Copa das Confederações 2005 - Brasil 4x1 Argentina - Final”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZmVPUx2jrIA>. Acessado em: 25 de abril de 2018.
- CRUZEIROEVIDEOS. “Melhores Momentos de: Argentina 0 x 0 Brasil - Superclássico das Américas 2011”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C3ZST3AVJio>. Acessado em: 21 de julho de 2018.
- DANESOUZACOPAS. “Copa do Mundo 2002 - Brasil 4 x 0 China”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KeV3edoY0Bo>. Acessado em: 11 de março de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Copa do Mundo 2006 - Oitavas - Brasil x Gana”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=3J6fOQqmj\\_A](https://www.youtube.com/watch?v=3J6fOQqmj_A). Acessado em: 23 de junho de 2018.
- DELAPLATA84. “Brasil X Tchecoslováquia final da Copa do Mundo de 1962”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q8JnoHdEYa8>. Acessado em 29 de julho de 2017.
- DESBRAVASTUS. “Melhores momentos Argentina 1 x 0 Nigéria pela Copa do Mundo Fifa 2010”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5s9sccBqBbY>. Acessado em: 12 de julho de 2018.
- DIAS, Enrique. “Partida 091: Brasil 3 x 0 Argentina Final Copa América 2007”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=P\\_PQpj9kIRc](https://www.youtube.com/watch?v=P_PQpj9kIRc). Acessado em: 02 de julho de 2018.
- EAGLEFROMSYRIA. “Argentina Italy 1982 Mundial de Fútbol España”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bVOLphodJ-Q>. Acessado em: 04 de dezembro de 2017.
- ELKEKELY. “World Cup 1978 Final: Argentina 3 - 1 Netherlands”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9GDq0E8M8kg>. Acessado em: 12 de outubro de 2017.

- FABIOQ. “Brasil x Nova Zelândia na Copa da Espanha 1982”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dYaaFW6wbo0>. Acessado em: 04 de dezembro de 2017.
- FERNANDES, Roberto. “Brasil perde para a Holanda e é eliminado de novo nas quartas”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pVyrLqx3I8o>. Acessado em: 16 de julho de 2018.
- FIFA TV. “World Cup Highlights: Germany - Argentina, England 1966” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h28cD08p6SU>. Acessado em: 07 de agosto de 2017.
- \_\_\_\_\_. “World Cup Highlights: Argentina - Switzerland, England 1966”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i9cDuvSe2Co>. Acessado em: 07 de agosto de 2017.
- \_\_\_\_\_. “World Cup Highlights: Netherlands - Argentina, Germany 1974”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EYPS5JuBmdc>. Acessado em: 22 de setembro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “1974 World Cup Final: Netherlands 1-2 Germany FR”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qSznZ9spb6A>. Acessado em: 24 de setembro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “World Cup Highlights: Argentina - Belgium, Mexico 1986”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kecR3RCb0No>. Acessado em: 03 de janeiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “BRAZIL v MEXICO (0:0) - 2014 FIFA World Cup™”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JGCI5BT7X9k>. Acessado em: 27 de julho de 2018.
- \_\_\_\_\_. “CAMEROON v BRAZIL (1:4) - 2014 FIFA World Cup™”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bly2MB1A0cI>. Acessado em: 27 de julho de 2018.
- \_\_\_\_\_. “GERMANY v ARGENTINA (1:0) - 2014 FIFA World Cup™”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ffAYByv2pLc>. Acessado em: 02 de agosto de 2018.
- FIGURA2000. “Os 3 minutos mais incríveis da história do futebol”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ojLKzLuvni8>. Acessado em: 20 de julho de 2017.
- FOOTBALL CLASSICS. “World Cup 1962 Brazil X México”. <https://www.youtube.com/watch?v=O9cQJJ9M3cc>. Acessado em 28 de julho de 2017.
- FUTEBOL24hHD. “Amistoso 2006 - Brasil 3 x 0 Argentina Jogo Completo TV Globo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LWHtImYLYCk>. Acessado em: 27 de junho de 2018.
- FUTEBOL Clássico Seleções. “Itália 3x1 Alemanha (11/07/1982) - Final Copa de 1982 (Itália campeã)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9qOWCzkPQB0>. Acessado em: 18 de dezembro de 2017.

- \_\_\_\_\_. “Argentina 6x0 Peru (21/06/1978) - 2a Fase Copa de 1978 (Jogo da marmelada)”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=8v5J2ugV\\_34](https://www.youtube.com/watch?v=8v5J2ugV_34). Acessado em: 16 de agosto de 2018.
- FUTEBOL news 2018. “Brasil 3 x 1 Croácia Melhores Momentos copa 2014”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=KM\\_oCP7R7rk](https://www.youtube.com/watch?v=KM_oCP7R7rk). Acessado em: 27 de julho de 2018
- FUTBOLPASIONMUNDIAL3. “Argentina 1 Croacia 0 Mundial Francia 1998 Gol de Pineda”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xeyAIVs-5co>. Acessado em: 13 de fevereiro de 2018.
- FUTBOLPASIONMUNDIALEXTRA. “Argentina 3 Mexico 1 Mundial Sudafrica 2010 Los goles (Relato Sebastian Vignolo)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ReTff5jIYLY>. Acessado em: 16 de julho de 2018.
- FUTBOLRETROCBA. “Colombia 1 vs Argentina 3 Eliminatorias 1985 FUTBOL RETRO TV”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wrbf97hw2Yo>. Acessado em: 27 de dezembro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Argentina 3 vs Venezuela 0 Eliminatorias 1985 Clausen, Russo, Maradona FUTBOL RETRO TV”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aW9PB1Zqyxg>. Acessado em: 27 de dezembro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Peru 1 vs Argentina 0 Eliminatorias 1985 Maradona, Burruchaga, Fillol, Oblitas, Franco Navarro”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uJ6xHmZ9XK0>. Acessado em: 27 de dezembro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Argentina 2 vs Brasil 0 amistoso 04/09/1999 Era Bielsa FUTBOL RETRO”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tD2Vd3RLzqo>. Acessado em: 25 de fevereiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Brasil 1 vs Argentina 1 Amistoso en Curitiba 1991 Neto, Caniggia FUTBOL RETRO TV”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=vW95vMWfn\\_I](https://www.youtube.com/watch?v=vW95vMWfn_I). Acessado em: 15 de janeiro de 2018.
- FUTVIDEOS6. “Argentina 1x0 Nigéria - Copa do Mundo 2002 - HQ”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L2cGCpdjff4>. Acessado em: 07 de março de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Argentina 0x1 Inglaterra - Copa do Mundo 2002 - HQ”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b5EmkA5g22g>. Acessado em: 08 de março de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Suécia 1x1 Argentina - Copa do Mundo 2002 - HQ”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nYLbAaGqglI>. Acessado em: 10 de março de 2018.

- GABRIELBR2000. “Brasil 3x1 Costa do Marfim - Copa 2010 - 1ªFase”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IlcFYwDbtC0>. Acessado em: 13 de julho de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Brasil 0x0 Portugal - Copa 2010 - 1ªFase”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=9Vhsqj\\_nDsE](https://www.youtube.com/watch?v=9Vhsqj_nDsE). Acessado em: 16 de julho de 2018.
- GEFOT 1000. “Paraguai 0x2 Brasil (16/06/1985) - 1985 (Eliminatórias Copa de 1986)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LGUQNaz8N98>. Acessado em: 27 de dezembro de 2017.
- GLOBO.COM. “Melhores momentos: Argentina 2X1 Bósnia pela 1ª rodada do Grupo F da Copa do Mundo”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/copa-do-mundo/videos/v/melhores-momentos-argentina-2-x-1-bosnia-pela-1a-rodada-do-grupo-f-da-copa-do-mundo/3421741/>. Acessado em: 29 de julho de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Melhores momentos: Argentina 1X0 Irã pela 2ª rodada do Grupo F da Copa do Mundo”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/copa-do-mundo/videos/v/melhores-momentos-argentina-1-x-0-ira-pela-2a-rodada-do-grupo-f-da-copa-do-mundo-2014/3440345/>. Acessado em: 29 de julho de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Melhores momentos: Argentina 3X2 Nigéria pela 3ª rodada do Grupo F da Copa do Mundo”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/copa-do-mundo/videos/v/melhores-momentos-argentina-3-x-2-nigeria-pela-3a-rodada-do-grupo-f-da-copa-do-mundo/3451447/>. Acessado em: 29 de julho de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Melhores momentos: Brasil 1(3)X1 (2) Chile pelas oitavas de final da Copa do Mundo 2014”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/copa-do-mundo/videos/v/melhores-momentos-brasil-1-3-x-2-1-chile-pelas-oitavas-de-final-da-copa-do-mundo-2014/3461874/>. Acessado em: 30 de julho de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Melhores momentos: Argentina 1X0 Suíça pelas oitavas de final da Copa do Mundo 2014”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/copa-do-mundo/videos/v/melhores-momentos-de-argentina-1-x-0-suica-pelas-oitavas-de-final-da-copa-do-mundo-2014/3468921/>. Acessado em: 30 de julho de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Melhores momentos: Brasil 2X1 Colômbia pelas quartas de final da Copa do Mundo 2014”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/copa-do-mundo/videos/v/melhores-momentos-brasil-2-x-1-colombia-pelas-quartas-de-final-da-copa-do-mundo-2014/3476688/>. Acessado em: 30 de julho de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Melhores momentos: Argentina 1X0 Bélgica pelas quartas de final da Copa do Mundo 2014”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/copa-do-mundo/videos/v/melhores-momentos-argentina-1-x-0-belgica-pelas-quartas-de-final-da-copa-do-mundo-2014/3476688/>.

mundo/videos/v/melhores-momentos-argentina-1-x-0-belgica-pelas-quartas-de-final-da-copa-do-mundo-2014/3478432/. Acessado em: 31 de julho de 2018.

- \_\_\_\_\_. “Melhores momentos: Brasil 1X7 Alemanha pelas semifinais da Copa do Mundo 2014”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/copa-do-mundo/videos/v/melhores-momentos-brasil-1-x-7-alemanha-pelas-semifinais-da-copa-do-mundo-2014/3484505/>. Acessado em: 31 de julho de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Melhores momentos: Brasil 0X3 Holanda pelas disputa de 3º lugar da Copa do Mundo 2014”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/copa-do-mundo/videos/v/melhores-momentos-de-brasil-0-x-3-holanda-pela-disputa-de-3o-lugar-da-copa-do-mundo-2014/3493751/>. Acessado em: 01º de julho de 2018.
- GONZALEZ, Isabel. “Argentina 3 Brasil 3 - Amistoso Internacional 1991”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zuWpWmBud3o>. Acessado em: 15 de janeiro de 2018.
- INTERNAZIONALCALCIO. “1974 Mondiali, Argentina - Haiti 4-1 (24)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=apFr9gRFlys&t=21s>. Acessado em: 22 de setembro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “1978 Mondiali, Argentina - Brasile 0-0 (32)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Rvw20lvAy8>. Acessado em: 11 de outubro de 2017.
- JOGOSDOBASIL. “Copa 1958: Brasil 1X0 País de Gales”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ksQhtfqUiXI>. Acessado em: 20 de julho de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Copa 1958: Brasil 5X2 França”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OSyosq-Lowk>. Acessado em: 20 de julho de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Campeonato Sul-Americano 1959: Brasil 3X1 Uruguai”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZF12vUvFAT4>. Acessado em: 22 de julho de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Copa Roca 1960. Brasil 4X1 Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6lRrEweH4wE>. Acessado em: 25 de julho de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Copa de 1970: Brasil 4X2 Peru”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=xqW\\_gKRQ\\_6I](https://www.youtube.com/watch?v=xqW_gKRQ_6I). Acessado em: 21 de agosto de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Copa 1974 - Brasil 3x0 Zaire”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bo-zIFmlgxs>. Acessado em: 22 de setembro de 2017.

- \_\_\_\_\_. “Copa 1974 - Brasil 1x0 Alemanha Oriental”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-tvcPdV7tgM>. Acessado em: 22 de setembro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Copa 1978: Brasil 1X0 Áustria”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XxNFTlocrIQ>. Acessado em: 08 de outubro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Copa 1978 - Brasil 3X0 Peru”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RX6ut2Vnn18>. Acessado em: 09 de outubro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Copa América 1979: Brasil 2x1 Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QbOkvtVVCBE>. Acessado em: 14 de outubro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Copa América 1979: Brasil 2x2 Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iKXQjKP20xI>. Acessado em: 15 de outubro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Copa 1982 - Brasil 4x1 Escócia”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=snxmDI\\_LwNk](https://www.youtube.com/watch?v=snxmDI_LwNk). Acessado em: 22 de outubro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Copa América 1983: Brasil 0 X 1 Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N6vSOxFp7o4>. Acessado em: 20 de dezembro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Amistoso 1985: Brasil 2x1 Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WNM2eWp4nwk>. Acessado em: 25 de dezembro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Copa 1986: Brasil 4x0 Polônia”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=joUc7cu27jI>. Acessado em: 01 de janeiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Copa 1986: Brasil 1x1 França”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oRT4aMbFb4E>. Acessado em: 01 de janeiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Copa América 1989: Brasil 2x0 Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VbFGVjnwYYM>. Acessado em: 05 de janeiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Copa 1990: Brasil 2x1 Suécia”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G3SDCXIs2bs>. Acessado em: 10 de janeiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Amistoso 1993: Brasil 1x1 Argentina”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=0t0L\\_WEpJak](https://www.youtube.com/watch?v=0t0L_WEpJak). Acessado em: 17 de janeiro de 2018.

- \_\_\_\_\_. “Copa 1994: Brasil 1x0 Estados Unidos”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_NbBVCnLjfE](https://www.youtube.com/watch?v=_NbBVCnLjfE). Acessado em: 24 de janeiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Amistoso 1995 - Brasil 1x0 Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HZ-Z0cyjalE>. Acessado em: 03 de fevereiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Copa 1998 - Brasil 3x0 Marrocos”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qZGs574i9KE>. Acessado em: 11 de fevereiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Copa 1998: Brasil 4x1 Chile”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fSmZ6obxwAc>. Acessado em: 14 de fevereiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Copa 1998: Brasil 1x1 Holanda (Pênaltis: 4x2 Brasil)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V6arcTYj2IA>. Acessado em: 15 de fevereiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Copa América 1999: Brasil 7x0 Venezuela”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IbzJcmnPRY8>. Acessado em: 19 de fevereiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Amistoso 1999: Brasil 4x2 Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pecJCiC8ah4>. Acessado em: 25 de fevereiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Copa 2002: Brasil 5x2 Costa Rica”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4jjgDHzWdQ>. Acessado em: 12 de março de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Copa 2002: Brasil 2x0 Bélgica”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ts9Z7u6d3B4>. Acessado em: 12 de março de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Copa 2002: Brasil 1x0 Turquia”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B9LBUj2WpOo>. Acessado em: 19 de março de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Eliminatórias Copa 2006: Brasil 1x3 Argentina (2005)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2wKypBrNbnE>. Acessado em: 19 de abril de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Copa 2006: Brasil 2x0 Australia”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=XRba\\_7vtMtA](https://www.youtube.com/watch?v=XRba_7vtMtA). Acessado em: 13 de junho de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Amistoso 2006: Brasil 3x0 Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WU6MUSJZtsE>. Acessado em: 27 de junho de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Eliminatórias Copa 2010: Brasil 0x0 Argentina (2008)”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=SNSfk8\\_hhSY](https://www.youtube.com/watch?v=SNSfk8_hhSY). Acessado em: 05 de julho de 2018.

- KAZMARAZIN. “1998 World Cup Argentina vs England”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TMhY2eqpJ8M>. Acessado em: 14 de fevereiro de 2018.
- LUGLI, Alessandro. “ITALIA 90, GERMANIA-ARGENTINA 1-0 FINALE COPPA DEL MONDO BY ALESSANDRO LUGLI 2011”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_WDcUA8ZJq8](https://www.youtube.com/watch?v=_WDcUA8ZJq8). Acessado em: 14 de janeiro de 2018.
- MADADDY, Alexander. “Argentina-Grecia 4:0 Copa del Mundo Estados Unidos 1994”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=8\\_wdQO61X28](https://www.youtube.com/watch?v=8_wdQO61X28). Acessado em: 22 de janeiro de 2018.
- MAISMUSICA. “O dia em que Palermo perdeu 3 Pênaltis no mesmo jogo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=de2d9CO4Yg0>. Acessado em: 19 de fevereiro de 2018.
- MEMENTTO. “Brasil 2 x 0 Argentina - Amistoso em Recife 1994”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XmEZLyHu7gE>. Acessado em: 19 de janeiro de 2018.
- MISIMAGENESRETRO. “Argentina 1 - Australia 0 (Eliminatorias 1993)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fRvm0mcXJH0>. Acessado em: 18 de janeiro de 2018.
- MRDROBISHA. “World Cup England 1966: Hungary - Brazil 3-1 (Group 3) - HD”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5HMMDDeTS0us>. Acessado em 07 de agosto de 2017.
- \_\_\_\_\_. “World Cup West Germany 1974: Argentina - Italy 1-1 (Group 4) - HD”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zuI46bF0ETs>. Acessado em: 22 de setembro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “World Cup West Germany 1974: Brazil - Yugoslavia 0-0 (Group 2) - HD”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_q5WWdZ6o6M](https://www.youtube.com/watch?v=_q5WWdZ6o6M). Acessado em: 22 de setembro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “World Cup Spain 1982: Argentina - Belgium 0-1 (Group 3) - HD”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UemgM67Veql>. Acessado em: 22 de outubro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “World Cup Mexico 1986: Italy - Argentina 1-1 (Group A) - HD”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d32kCViOuNE>. Acessado em: 29 de dezembro de 2017.

- \_\_\_\_\_. “World Cup Mexico 1986: Brazil - Algeria 1-0 (Group D) - HD”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S6yv5j5fB9o>. Acessado em: 31 de dezembro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “World Cup Mexico 1986: Northern Ireland - Brazil 0-3 (Group D) - HD”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YHDxhmJr7sk>. Acessado em: 31 de dezembro de 2017.
- MVP MITSUI MVP. “Argentina 2 X 0 Brazil - Amistoso - 04/03/1970 - full game”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wdglRedbvPU>. Acessado em: 16 de agosto de 2017.
- NAS CANETA. “Final Copa 98 - Melhores momentos”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RzQOoMptDC8>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2018.
- NEDVED, Pedro. “Mundialito 1981 Brasil vs Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H-PBREF58Zc>. Acessado em: 09 de agosto de 2016.
- NINTEYONE, Luigi. “Maradona gol en Mexico 86!!!”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8ivsCk0kMMs&version=3&hl=pt%5FBR&rel=0>. Acessado em: 03 de janeiro de 2018.
- NOGUEIRA, Miqueias. “Copa do Mundo 2006 Brasil 4 x 1 Japão Goals e Melhores momentos”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XLORyZKcvsU>. Acessado em: 20 de junho de 2018.
- NORA, Felipe. “Copa de 1962: Inglaterra 3X1 Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7AQhu99JrSo>. Acessado em: 28 de julho de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Copa 1978 – Argentina 2X1 França”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9wFN35Zpyhc>. Acessado em: 07 de outubro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Copa 1978 – Itália 1X0 Argentina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1SLLNdyxyBU>. Acessado em: 07 de outubro de 2017.
- OSHIKAMARO. “[HD 1080p] Brasil 0 x 1 Argentina - [Melhores momentos] 17/11/2010”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VVyaeVU-ckk>. Acessado em: 19 de julho de 2018.
- PAMEMUNDIAL. “Portugal Brazil 1 round World Cup 1966”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_HyGZeweBiI](https://www.youtube.com/watch?v=_HyGZeweBiI). Acessado em: 07 de agosto de 2017.

- PASIÓN Argentina. “Argentina 2 – Brasil 0 04/03/70. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oeqikNF7-iQ&spfreload=10>. Acessado em: 16 de agosto de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Argentina 2 - 0 Polonia Resumen Mundial 1978”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HqHUREJuIRs>. Acessado em: 09 de outubro de 2017.
- PEREIRA, Marco Antonio. “Brasil 2 x 1 Argentina Copa de 1974”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=50hnuiXM8fk>. Acessado em: 24 de setembro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Brasil 0 x 2 Holanda 1974 Canal 100”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=brJrzbVgVKs>. Acessado em: 24 de setembro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Brasil 2 x 0 Argentina 1976”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MRV-rY5z2fU>. Acessado em 27 de setembro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Argentina 2X1 Hungria – Copa 1978”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jueLl3f1O3s>. Acessado em: 07 de outubro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Brasil 1X1 Suécia Copa do Mundo 1978”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GyQhtEAAeNE>. Acessado em: 07 de outubro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Brasil 0X0 Espanha Copa do Mundo 1978”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v1QVnfvnpT0>. Acessado em: 08 de outubro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Brasil 3 x 1 Polônia Copa 1978”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vt0Sj9OLkiA>. Acessado em: 11 de outubro de 2017.
- PEREIRA, Marco Antonio. “Brasil 2 x 1 Itália Copa do Mundo 1978”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w29dKaj4LFk>. Acessado em: 11 de outubro de 2017.
- PLATAVIDOESFUTEBOL. “Brasil x Tchecoslováquia 1 Fase Copa do Mundo 1970”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nnKUFVaiDo4>. Acessado em: 17 de agosto de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Brasil x Rússia 1 fase Copa do Mundo 1994”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=52MYqgA4zU8>. Acessado em: 20 de janeiro de 2018.

- \_\_\_\_\_. “Brasil x Camarões 1 Fase Copa do Mundo 1994”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6DSOK9X9XLU>. Acessado em: 22 de janeiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Brasil x Suécia 1 Fase Copa do Mundo 1994”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ATNVLqOs0Co>. Acessado em: 22 de janeiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Brasil x Suécia Copa Do Mundo 1994 Semi Final”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NBULfxR18pA>. Acessado em: 29 de janeiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Brasil x Argentina Copa America 2004 Final”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iqAhw8h5ZaE>. Acessado em: 11 de abril de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Brasil x França Copa Do Mundo 2006 Quartas de Final”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9lZyWnh7e3c>. Acessado em: 26 de junho de 2018.
- PO, Rodrigo. “Maradona se estressa após torcida vaiar hino argentino na final da Copa da Itália 1990”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=pm\\_xizqhCLs](https://www.youtube.com/watch?v=pm_xizqhCLs). Acessado em: 14 de janeiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Copa da Alemanha 2006 - Alemanha x Argentina - Quartas de Final”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cGCQ2OuyJdo>. Acessado em: 25 de junho de 2018.
- PORTALDACOPA. “Copa do Mundo 1962 - Brasil x Chile”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2KNt9393Tyc>. Acessado em: 28 de julho de 2017.
- RAZV15. “mexico vs argentina world cup 2006”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f2LKEWvL7jg>. Acessado em: 21 de junho de 2018.
- RLUIZ66. “Brasil 2X3 Argentina - 1963”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=hi-HRVKK\\_K4](https://www.youtube.com/watch?v=hi-HRVKK_K4). Acessado em: 31 de julho de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Canal 100 Brasil 2 X 0 Bulgária 1966”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=WH342Y\\_aQd4](https://www.youtube.com/watch?v=WH342Y_aQd4). Acessado em 07 de agosto de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Argentina 2X2 Brasil 31-jul-71”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I7oGZ-TDoaU>. Acessado em: 09 de setembro de 2017.
- RODRIGUES, I. “Argentina 4 x 1 Coreia do Sul - Jornal Nacional 17/06/10”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=35U94pMCyjQ>. Acessado em: 12 de julho de 2018.

- RODRÍGUEZ, Benjamín. “World Cup 1998 Argentina Vs Jamaica”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=4dn4t\\_p1O0Q](https://www.youtube.com/watch?v=4dn4t_p1O0Q). Acessado em: 13 de fevereiro de 2018.
- ROKKI, Arne. “Brasil 1x0 Croacia - Copa do mundo 2006 - Fifa World Cup”. Disponível em: <https://www.dailymotion.com/video/x2ywrji>. Acessado em: 13 de junho de 2018.
- ROMANO. “Brazil v Argentina 1959 (Copa América)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=znAFuzcgcWw>. Acessado em: 22 de julho de 2017.
- SAJ3000. “Argentina VS Ivory Coast World Cup 06”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t9j7oxFtXrI>. Acessado em: 17 de maio de 2018.
- SAMGZO. “Brasil x Uruguai Briga Generalizada Maracanã 1976 Completa”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VeNZ7aF2sqE>. Acessado em 27 de setembro de 2017.
- SANCHEZ, Oswaldo. “BRASIL VS TURQUIA, RONALDO, COREA-JAPON 2002”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GN5LYh8ZleU>. Acessado em: 11 de março de 2018.
- SÓ ESPORTES. “Brasil 3 X 1 Argentina – Fase final Copa 1982”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l7uxi1LRQaM>. Acessado em: 18 de dezembro de 2017.
- SOOCERGOLSHD. “Brasil 2x0 Alemanha - Melhores Momentos - Copa do Mundo 2002 Final - 30/06/2002 (HD)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5muQ-1PiQO8>. Acessado em: 19 de março de 2018.
- SOUZA, João Alberto. “Brasil 2 x 0 Argentina melhores momentos Superclássico das Américas 2014”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KIcqz1E9Ink>. Acessado em: 02 de agosto de 2018.
- SOVIDEOEMDH1. “Gols - Brasil 2 x 0 Argentina - Superclássico das Américas 2011 - Globo HD”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=GS0\\_t60FBbA](https://www.youtube.com/watch?v=GS0_t60FBbA). Acessado em: 21 de julho de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Gols - Brasil 2 x 1 Argentina - Superclássico das Américas 2012 - 19/09/2012 - Globo HD”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nlNBrfECpGM>. Acessado em: 23 de julho de 2018.
- SP1873. “1966 (July 13) Argentina 2-Spain 1 (World Cup)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TjUAOF2wN8s>. Acessado em: 07 de agosto de 2017.

- \_\_\_\_\_. “1981 (January 4) Argentina 1-Brazil 1 (Mundialito).avi”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AZk3KeGWqho>. Acessado em: 16 de outubro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “1981 January 7 Brazil 4 West Germany 1 Mundialito”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uWCpR9ZVfEE>. Acessado em: 16 de outubro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “1981 (January 10) Uruguay 2-Brazil 1 (Mundialito).avi”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=1JitjfM\\_O5k](https://www.youtube.com/watch?v=1JitjfM_O5k). Acessado em: 16 de outubro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “1982 (June 18) Argentina 4-Hungary 1 (World Cup).mpg”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P--ztW4YADc>. Acessado em: 22 de outubro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “1982 (June 23) Argentina 2-El Salvador 0 (World Cup).mpg”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8LQ5YG0J-sY>. Acessado em: 22 de outubro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “1985 (May 26) venezuela 2-Argentina 3 (World Cup Qualifier).avi”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vdX3P-X7hCI>. Acessado em: 26 de dezembro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “1985 (June 23) Brazil 1-Paraguay 1 (World Cup Qualifier).avi”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lYtdm14nqgA>. Acessado em: 27 de dezembro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “1985 (June 30) Brazil 1-Bolivia 1 (World Cup Qualifier).avi”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=14gXxoc-8zw>. Acessado em: 27 de dezembro de 2017.
- \_\_\_\_\_. “1998 (June 14) Argentina 1-Japan 0 (World Cup).mpg”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=DnhF3\\_zrsro](https://www.youtube.com/watch?v=DnhF3_zrsro). Acessado em: 13 de fevereiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “1999 (July 11) Brazil 2-Argentina 1 (Copa America).mpg”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e27jtD152nc>. Acessado em: 22 de fevereiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “2001 (September 5) Argentina 2-Brazil 1 (World Cup Qualifier).avi”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=YE\\_KieelOtM](https://www.youtube.com/watch?v=YE_KieelOtM). Acessado em: 05 de março de 2018.
- \_\_\_\_\_. “2006 (June 21) Argentina 0-Holland 0 (World Cup).avi”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qiccr8rDx6w>. Acessado em: 13 de junho de 2018.

- SUVAD75. “Yugoslavia-Argentina 1990”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dGgtnyMAUpc>. Acessado em: 12 de janeiro de 2018.
- TDSPM. “Brasil X Tchecoslováquia Grupo 3 Copa do Mundo de 1962”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M1zO48bKZyQ>. Acessado em: 28 de julho de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Hungria X Argentina Grupo 4 Copa do Mundo de 1962”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0plVvVvgDYM>. Acessado em: 28 de julho de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Inglaterra x Argentina Quartas de Final Copa do Mundo 1966”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1QVUKwpGwno>. Acessado em 08 de agosto de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Inglaterra x Alemanha Ocidental Final Copa do Mundo 1966”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=003wwtuPssQ&spfreload=10>. Acessado em: 09 de agosto de 2017.
- \_\_\_\_\_. “Alemanha Ocidental x Uruguai Quartas de Final Copa do Mundo 1966”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ok22WdTvo8w>. Acessado em: 08 de agosto de 2017.
- TJS Sports. “Argentina v South Korea World Cup Finals 1986”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VrgSycF2OGY>. Acessado em: 29 de dezembro de 2017.
- URUTARABRASIL. “Brasil 0x1 Argentina - 1998 - Amistoso”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4FobFscEttc>. Acessado em: 10 de fevereiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Brasil 3x1 Argentina - 2000 - Eliminatórias Copa 2002”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XVr4TFJo3gI>. Acessado em: 26 de fevereiro de 2018.
- VIDEOSDASELECAO. “Brasil 1x0 Costa Rica - Copa do mundo 1990 - Fifa World Cup”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tVcWBFA1fDE>. Acessado em: 11 de janeiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Brasil 1x0 Escócia - Copa do mundo 1990 - Fifa World Cup”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jp7hyeVkWXs>. Acessado em: 11 de janeiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Brasil 3x2 Holanda - Copa de 1994”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zy6bt38WGKE>. Acessado em: 29 de janeiro de 2018.

- \_\_\_\_\_. “Brasil 0x0 Italia - Final da Copa 1994 - World cup”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6T4eSJWamEE>. Acessado em: 29 de janeiro de 2018.
- VIEIRA, Sandra. “Gols - Brasil 3 x 4 Argentina - Amistoso Internacional - 09/06/2012 - Globo HD”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iDQg5BjPWeg>. Acessado em: 22 de julho de 2018.
- WILSON, Sandro. “Brasil 3x0 Chile - Copa do Mundo 2010”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KcjQL1qDSKQ>. Acessado em: 16 de julho de 2018.

## BIBLIOGRAFIA

### Livros

- ABREU, Marcelo de Paiva. *A ordem do progresso: cem anos de política econômica republicana, 1889-1989*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2002.
- ALABARCES, Pablo. *Fútbol y patria: el fútbol y las narrativas en la nación en a Argentina*. Buenos Aires: Prometeu, 2002.
- ALBERTI, Verena. “Prefácio”. In: LUSTOSA, Isabel (org.). *A imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- ALCOBA LÓPEZ, Antonio. *Periodismo deportivo*. Madrid: Editorial Síntesis, 2005.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. “Com brasileiro não ha quem possa!”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004.
- \_\_\_\_\_. “Nelson Rodrigues e a emancipação do homem brasileiro: de vira-latas a moleque genial”. In: COSTA, Márcia Regina da (org.). *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999.
- ARAÚJO, Paulo César de. *Eu não sou cachorro não: música popular cafona e ditadura militar*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- ARCHETTI, Eduardo. *El potrero, la pista e el ring: las patrias del deporte argentino*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 2001.
- ARCHETTI, Eduardo. *Masculinities. Football, polo and tango in Argentina*. Oxford, New York: Berg, 1999.
- AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol: uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- BAGGIO, Luiz Fernando. *Enciclopédia das Copas do Mundo*. Rio de Janeiro: Novaterra Editora e Distribuidora, 2010.
- BAYER, Osvaldo. *Fútbol argentino*. Buenos Aires: Editorial La Página S.A., 2009.
- BELLOS, Alex. *Futebol: o Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

- BENJAMIN, Walter. “O narrador”. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. *Do complexo de vira-latas ao homem genial: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira*. Brasília, Dissertação de Mestrado, UnB, 2006.
- CABO, Álvaro Vicente do. *Copas do mundo de futebol – 1930 (Uruguai) e 1950 (Brasil). O olhar vitorioso: uma análise do discurso da imprensa uruguaia (dissertação)*. UERJ, 2010.
- CABO, Álvaro Vicente do. “Copa do Mundo de 1950: Brasil X Uruguai: uma análise comparada do discurso da imprensa”. In: MELO, Victor Andrade de. *História comparada do esporte*. Rio de Janeiro: Shape, 2007.
- CABO, Álvaro Vicente do; HELAL, Ronaldo. “A marca de uma derrota: jornalismo esportivo e a construção do Maracanazo”. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo (orgs.). *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.
- \_\_\_\_\_. “‘De la magia a la merde’: o olhar da imprensa argentina sobre a Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2006”. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo (orgs.). *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.
- \_\_\_\_\_. “Vitória épica e tragédia nacional em 1950: um contraponto entre o *Diário Carioca* e veículos da imprensa uruguaia”. In: CABO, Álvaro Vicente do; HELAL, Ronaldo. *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- CABRERA, Antonio Carlos. *Almanaque da música brega*. São Paulo: Matrix, 2007.
- CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- CAMPBELL, David. *Writing security: United States foreign policy and the politics of identity*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.
- CAMPOS, Flávio de; ALFONSI, Daniela (orgs.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014
- CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

- CARVALHO, José Murilo de. *A cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- CARRANO, Paulo César R. (org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- CASTELLO, José. *Pelé: os dez corações do Rei*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- CASTRO, Ruy. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CATTARUZZA, Alejandro. *Historia de la Argentina: 1916-1955*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2013.
- CERTEAU, Michel d. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHALOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CLARÍN. *Argentina Mundial: historia de la Selección 1902/2002*. Buenos Aires: Clarín, 2002.
- CONTI, Mario Sergio. *Notícias do Planalto: a imprensa e o poder nos anos Collor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- COSTA, Andréia Cristina de Barros. *Bate bola com a crônica: o futebol, o jornalismo e a literatura brasileira*. 2001, 80f. Projeto Experimental do curso de Comunicação Social. Faculdade de Comunicação: Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2001.
- COSTA, Márcia Regina da (org.). *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999.
- COUTO, Euclides de Freitas. “A esquerda contra-ataca: rebeldia e contestação política no futebol brasileiro (1970-1978)”. In: *Recorde: Revista de História do Esporte*, v. 3, n. 1, junho de 2010.
- DaMATTA, Roberto (et. al.). *Universo do Futebol: esportes e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002
- DAOLIO, Jocimar (org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas-SP: Autores Associados, 2005.
- DAVIES, Christie. “Cartuns, caricaturas e piadas: roteiros e estereótipos”. In: LUSTOSA, Isabel (org.). *A imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

- DIAS, Márcia Tosta. *Os donos da voz: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- DI GIANO, Roberto. *Fútbol y cultura política en la Argentina: identidades en crisis*. Buenos Aires, Leviatán, 2005.
- DRUMOND, Maurício. *Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.
- \_\_\_\_\_. “O esporte como política de Estado: Vargas”. In: PRIORE, Mary del; MELO, Victor Andrade de. *História dos esportes no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: UNESP, 2009.
- FABBRI, Alejandro. *El nacimiento de una pasión: historia de los clubes de fútbol*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012.
- FACINA, Adriana (org.). *Vou fazer você gostar de mim: debates sobre a música brega*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011.
- FARIAS, Airton de. *Uma história das Copas do Mundo: futebol e sociedade*. Fortaleza, Armazém da Cultura, 2014, vol. 1.
- \_\_\_\_\_. *Uma história das Copas do Mundo: futebol e sociedade*. Fortaleza, Armazém da Cultura, 2014, vol. 2.
- FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930: historiografia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FAUSTO, Boris e DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*. São Paulo: Ed. 34, 2004.
- FERREIRA, Fernando. *Hechos pelota: el periodismo deportivo durante la dictadura militar (1976-1983)*. Buenos Aires: Al Arco, 2008.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & SARMENTO, Carlos Eduardo. “A República brasileira: pactos e rupturas”. In: GOMES, Angela de Castro; PANDOLFI, Dulce Chaves e ALBERTO, Verena (orgs.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 2002.
- FIGUEIREDO, Lucas. *Morcegos negros*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *Modos de subjetivação no Brasil*. São Paulo: Escuta: Educ, 1995.
- FILGUEIRAS, Luiz. *História do Plano Real*. São Paulo: Boitempo, 2000.
- FLUDERNIK, Monika. *An introduction to narratology*. Londres: Routledge, 2009.
- FLUSSER, Vilém. *Fenomenologia do brasileiro: em busca de um novo homem*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Dando tratos à bola: ensaios sobre futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- \_\_\_\_\_. “A futura paixão nacional: chega o futebol”. In: PRIORE, Mary del; MELO, Victor Andrade de. *História dos esportes no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: UNESP, 2009.
- FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo & CAPRARO, André Mendes (orgs.). *Passe de letra: crônica esportiva e sociedade brasileira*. Ponta Grossa, PR: Editora Vila Velha, 2012.
- FRIGERIO, Alejandro; RIBEIRO, Gustavo Lins (orgs.). *Argentinos e brasileiros: encontros, imagens e estereótipos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002
- FRYDENBERG, Julio. *Historia social del fútbol: del amateurismo a la profesionalización*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2013.
- GANTMAN, Marcelo e BURGO, Andrés. *Diego dijo*. Buenos Aires: Distral, 2005
- GASTALDO, Édison & GUEDES, Simoni Lahud. *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.
- GEHRINGER, Max. *A saga da Jules Rimet: a história das copas de 1930 a 1970*. Revista Placar. São Paulo, fascículo 06 (1958 Suécia).
- \_\_\_\_\_. *Almanaque dos mundiais*. São Paulo: Globo, 2010.
- GIGLIO, Sergio Settani. “Futebol-arte ou futebol-força? O estilo brasileiro em jogo”. In: DAOLIO, Jocimar (org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas-SP: Autores Associados, 2005.
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- GOMES, Angela de Castro; PANDOLFI, Dulce Chaves e ALBERTO, Verena (orgs.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 2002.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- GRIMNSON, Alejandro (org.). *Pasiones nacionales: política y cultura en Brasil y Argentina*. Buenos Aires: Editorial Edhasa, 2007.

- GROSSO, Cristian. *Por amor a la camiseta: historias de la selección y los mundiales*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2006.
- GUINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1998.
- GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o mundo: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009.
- HALPERIN DONGHI, Tulio. *La larga agonía de la Argentina peronista*. Buenos Aires: Ariel, 1994.
- HELAL, Ronaldo. “Jogo bonito y fútbol criollo. La relación futbolística Brasil-Argentina en los medios de comunicación”. In: GRIMNSON, Alejandro (org.). *Pasiones nacionales: política y cultura en Brasil y Argentina*. Buenos Aires: Editorial Edhasa, 2007.
- HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves & LOVISOLO, Hugo (orgs.). *A Invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.
- HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro do (orgs.). *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro do; SILVA, Carmelo. “Salve a seleção! Mídia, identidade nacional e Copa das Confederações 2013”. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro do (orgs.). *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- \_\_\_\_\_. “Pra frente, Brasil! Comunicação e identidade brasileira em Copas do Mundo”. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.
- HERMAN, David (ed.). *The Cambridge companion to narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de. “Apresentação”. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade (orgs.). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2012.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade (orgs.). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2012.
- IWANCZUK, Jorge. *Historia del futbol amateur en la Argentina*. Buenos Aires: CIHF, 1992.

- JACKS, Nilda (coord.). *Hermanos, pero no mucho*: el periodismo narra la paradoja de la fraternidad y rivalidad entre Brasil y Argentina. Buenos Aires: La Crujía: 2004.
- JENNIGNS, Andrew. *Jogo sujo*: o mundo secreto da FIFA. São Paulo: Panda Books, 2011.
- KOCKA, Jurgen. “Comparison and beyond”. *History and Theory*. Londres: n. 42, fev. 2003, p. 39-44.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-RJ, 2006.
- KOSELLECK, Reinhart. “Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: v.5, n. 10, 1992, p. 138-143.
- LAGO, Luiz Aranha Corrêa do. “A retomado do crescimento e as distorções do ‘Milagre’”. In: ABREU, Marcelo de Paiva. *A ordem do progresso*: cem anos de política econômica republicana, 1889-1989. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- LEITÃO, Miriam. *Saga brasileira*: a longa luta de um povo por sua moeda. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- LEITE, Milton Rodrigues. *As melhores Seleções Brasileiras de todos os tempos*. São Paulo: Contexto, 2010.
- LEME LOPES, André Pereira. *Narrativa histórica em meio digital*. (mimeo).
- LOVISOLO, Hugo. “Introdução”. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol*: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- LUSTOSA, Isabel (org.). *A imprensa, humor e caricatura*: a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- MARADONA, Diego Armando. *Yo soy el Diego de la gente*. Buenos Aires: Booklet, 2005.
- MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *História do futebol*. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010.
- MARQUES, José Carlos. “A crônica de esportes no Brasil: algumas reflexões. In: CAMPOS, Flávio de; ALFONSI, Daniela (orgs.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 194.
- \_\_\_\_\_. *O futebol em Nelson Rodrigues*: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas. São Paulo: Educ, 2003.
- MARTINS, Estevão de Rezende. “Conhecimento histórico e historiografia brasileira contemporânea”. In: *Revista Portuguesa de História*. v. 42, 2011.

- \_\_\_\_\_. “A renovação contemporânea da historiografia”. In: SIMON, Samuel (org.). *Um século de conhecimento: arte, filosofia, ciência e tecnologia no século XX*. Brasília, EDUnB, 2011.
- \_\_\_\_\_. “O conhecimento histórico e sua rede fatorial”. In: PRADO, Maria Emília; MUNTEAL, Oswaldo (orgs.). *Francisco Falcon: o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Revan, 2012.
- MARTINS, Maria Helena (org.). *Fronteiras culturais: Brasil, Uruguai, Argentina*. São Paulo: Ateliê Cultural, 2002.
- MATAMALA, Daniel. *El mito del mundial chileno*. Santiago: Ediciones B, 2000.
- MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Edições Leia, 1950.
- MELO, Victor Andrade de. “Futebol: que história é essa?”. In: CARRANO, Paulo César R. (org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- \_\_\_\_\_. “Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX”. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de (orgs.). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2012.
- \_\_\_\_\_. “Corpos, bicicletas e automóveis: outros esportes na transição dos séculos XIX e XX”. In: PRIORE, Mary del; MELO, Victor Andrade de. *História dos esportes no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: UNESP, 2009.
- \_\_\_\_\_. *História comparada do esporte*. Rio de Janeiro: Shape, 2007.
- MELO, Victor Andrade de (et. al.). *Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013
- MENOTTI, César Luis. *Como ganamos la Copa del Mundo*. Buenos Aires: El Gráfico, 1978.
- MEYER, Marlyse. “Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se faz a chronica”. In: CANDIDO, Antonio et at. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- MILLIET, Raul (org.). *Vida que segue: João Saldanha e as copas de 1966 e 1970*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- MILLS, John Robert. *Charles Miller: o pai do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2005.
- MOREIRA, Sonia Virgínia. *O rádio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.
- MOSKO, José Carlos. A relação entre a crônica e o futebol: alguns apontamentos históricos. In: FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo & CAPRARO, André Mendes

- (orgs.). *Passage de letra: crônica esportiva e sociedade brasileira*. Ponta Grossa, PR: Editora Vila Velha, 2012.
- MURAD, Maurício. *Dos Pés à Cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.
  - MURRAY, Bill. *Uma história do futebol*. São Paulo: Hedra, 2000.
  - NAPOLEÃO, Antonio Carlos. *Seleção Brasileira: 1914-2006*. Rio de Janeiro: Mauá X, 2006.
  - NASCIMENTO, Edson Arantes do. *Pelé: a autobiografia*. São Paulo: Sextante, 2006.
  - NEGRELLO, Michele. *Democracia corintiana: da gestão que contrariou a cartolagem até as “Diretas Já” no Corinthians de hoje*. Campinas: Monografia em Educação Física?UNICAMP, 2008.
  - NESTROVSKI, Arthur (org.). *Lendo musica: 10 ensaios sobre 10 canções*. São Paulo: Publifolha, 2007.
  - NETO MORAES, Geneton. *Dossiê 50: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
  - NOGUEIRA, Claudio. *Futebol Brasil Memória: de Oscar Cox e Leônidas da Silva (1897-1937)*. Rio de Janeiro: Editora SENAC, 2006.
  - NOVARO, Marcos. *Historia de la Argentina: 1955-2010*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2013.
  - NOVARO, Marcos y PALERMO, Vicente. *La dictadura Militar. 1976/1983: del golpe de Estado a la restauración democrática*. Buenos Aires: Paidós, 2003.
  - O'DONNELL, Guillermo. *Modernization and Bureaucratic-Authoritarianism*. Berkeley: Institute of International Studies, University of California at Berkeley, 1973.
  - \_\_\_\_\_. *Análise do autoritarismo burocrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
  - ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo, Brasiliense, 2001.
  - PALACIOS, Ariel e CHACRA, Guga. *Os hermanos e nós*. São Paulo: Contexto, 2014.
  - PARADISO, José. *Um lugar no mundo: a Argentina e a busca de identidade internacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
  - PENNA, Leonam. *Dicionário popular de futebol: o ABC das arquibancadas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
  - PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro: 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
  - PRADO, Magaly. *História do rádio no Brasil*. São Paulo: Editora da Boa Prosa, 2012.

- PRIORE, Mary del; MELO, Victor Andrade de. *História dos esportes no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: UNESP, 2009.
- RAMADAN, Maria Ivonetti B. “Crônica de futebol: um subgênero”. *Pesquisa de campo*. Rio de Janeiro, n. 5, p. 45-68, 1997.
- RIBAS, Lycio Vellozo. *O mundo das Copas: as curiosidades e os momentos históricos do maior espetáculo do esporte mundial*. São Paulo: Lua de Papel, 2010.
- \_\_\_\_\_. *O mundo das Copas: as curiosidades e os momentos históricos do maior espetáculo do esporte mundial*. São Paulo: Academia do Livro, 2014.
- RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo: história da imprensa esportiva no Brasil*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.
- RIBEIRO, Luiz Carlos. “A crônica esportiva como fonte para o estudo histórico”. In: FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo & CAPRARO, André Mendes (orgs.). *Passe de letra: crônica esportiva e sociedade brasileira*. Ponta Grossa, PR: Editora Vila Velha, 2012.
- ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006
- RÜSEN, Jörn. “Objetividade e narratividade nas ciências históricas”. In: *História revista*, v. 4, n.1, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. Brasília, EDUnB, 2001.
- \_\_\_\_\_. “Narrativa histórica: fundamentos, tipos, razão”. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba, Ed. UFPR, 2011.
- RYAN, Marie-Laure. “Toward a definition of narrative”. In: HERMAN, David (ed.). *The Cambridge companion to narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- SÁENZ QUESADA, Maria. *La Argentina: historia del país y de su gente*. Buenos Aires: Sudamericana, 2012.
- SALLUM JUNIOR, Brasílio. *Labirintos: dos gerais à Nova República*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANDER, Roberto. *Anos 40: viagem à década sem Copa*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.
- SANTOS, Newton César de Oliveira. *Brasil X Argentina: histórias do maior clássico do futebol mundial (1908-2008)*. São Paulo: Scortecci, 2009.

- SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Entre rivais: futebol, racismo e modernidade no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924)*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.
- SARMIENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2006.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba, Ed. UFPR, 2011.
- SCHWARCZ, Lilia M e STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- SILVA, Eliazar João da. *A Seleção Brasileira de Futebol nos jogos da Copa do Mundo entre 1930 e 1958: o esporte como um dos símbolos da identidade nacional*. Assis: Tese de Doutorado, UNESP, 2004.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da & SANTOS Ricardo Pinto dos (orgs). *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, v. 2, 2006.
- SIQUEIRA, André Iki. *João Saldanha: uma vida em jogo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.
- SÓCRATES; GOZZI, Ricardo. *Democracia corinthiana: a utopia em jogo*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- SOTER, Ivan. *Enciclopédia da seleção: as seleções brasileiras de futebol 1914-2002*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002.
- SOTER Ivan (et.al). *Todos os jogos do Brasil*. São Paulo: Editora Abril, 2006, p. 205.
- STYCER, Mauricio. *História do Lance!:* projeto e prática do jornalismo esportivo. São Paulo: Alameda, 2009.
- SUASSUNA, Luciano & PINTO, Luís Costa. *Os fanstasmas da Casa da Dinda*. São Paulo: Contexto, 1992.
- SUBURU, Nilo J. *Primer diccionario del futbol*. Montevideo: Ediciones Tauro, 1968.
- TALIO, Daniel & LUCCA, Guillermo de. *Diccionario de futbol*. Buenos Aires: Claridad, 2009.
- TILMANS, Karin; Van VREE, Frank; WINTER, Jay (eds.). *Performing the past: memory, history, and identity in Modern Europe*. Amsterdã: Amsterdã University Press, 2010.

- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas do futebol*. São Paulo: Hucitec, FAPESP, 2002.
- TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993.
- TRESCA, Gerardo. *El colapso de la convertibilidad y el nuevo modelo de desarrollo argentino*. Buenos Aires: Realidad Argentina, 2004.
- UNZELTE, Celso. *O Livro de Ouro do Futebol*. São Paulo: Ediouro, 2002.
- VERGA, Alberto. *El periodismo por dentro*. Buenos Aires: Ediciones Libera, 1965.
- VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. Brasília: EDUnB 1982.
- VOGEL, Arno. “O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional”. In: DaMATTA, Roberto (et. al.). *Universo do futebol: esportes e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- WINTER, JAY. The permance of the past: memory, history, identity. In: TILMANS, Karin; Van VREE, Frank; WINTER, Jay (eds.). *Performing the past. Memory, history, and indentity in Modern Europe*. Amsterdã: Amsterdã University Press, 2010.
- WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- XAVIER, Beto. *Futebol no país da musica*. São Paulo, Panda Books, 2009.
- YALLOP, David. *Como eles roubaram o jogo*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

## Internet

- ALAIRE libre. “Prensa brasileira calificó como un "paseo" el triunfo sobre Argentina”. Disponível em: <http://www.alairelibre.cl/noticias/deportes/futbol/seleccion-brasilena/prensa-brasilena-califico-como-un-paseo-el-triunfo-sobre-argentina/2006-09-04/101007.html>. Acessado em: 27 de junho de 2018.
- BECKER, Laércio. “Sobre a unificação dos títulos brasileiros”. Disponível em: [http://www.campeoesdofutebol.com.br/leitura/unificacao\\_torneios\\_entre\\_selecoes.html](http://www.campeoesdofutebol.com.br/leitura/unificacao_torneios_entre_selecoes.html). Acessado em: 09 de julho de 2015.
- BELTRAMO, Lucas. “El día que Olé salió sin título”. In: *Tinta Deportiva: una pasión a diario*. Disponível em: <http://tintadeportiva.blogspot.com.br/2010/12/el-dia-que-ole-salio-sin-titulo.html>. Acessado em: 16 de maio de 2018.
- BORDIN, Wagner. “Jogador da seleção da Inglaterra relembra gols de Maradona em 86”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol->

internacional/noticia/2011/06/jogador-da-selecao-da-inglaterra-relembra-gols-de-maradona-em-86.html. Acessado em: 11 de setembro de 2015.

- BRANCO, Pêrsio de Moraes. “Terremoto”. Disponível em: <http://www.cprm.gov.br/publique/Redes-Institucionais/Rede-de-Bibliotecas---Rede-Ametista/Canal-Escola/Terremotos-1052.html>. Acessado em: 28 de dezembro de 2017.
- BUENO, Rodrigo. “Havelange, maior cartola da história disse que salvou até preso político”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2016/08/1803492-havelange-maior-cartola-da-historia-disse-que-salvou-ate-preso-politico.shtml>. Acessado em: 03 de outubro de 2017.
- BURGO, Andrés. “La viuda blanca: Diego al antidoping”. Disponível em: <http://www.elgrafico.com.ar/2014/06/24/C-5475-la-viuda-blanca-diego-al-antidoping.php>. Acessado em: 15 de agosto de 2016.
- CAMPEÕES DO FUTEBOL. “Copa Dittborn Pinto (Argentina X Chile)”. Disponível em: [http://www.campeoesdofutebol.com.br/copa\\_dittborn\\_pinto.html](http://www.campeoesdofutebol.com.br/copa_dittborn_pinto.html). Acessado em: 06 de agosto de 2017.
- CARLOS JURADO, J. “Ahn elimino a Itália... y fue despedido”. Disponível em: [http://www.marca.com/reportajes/2010/05/corea\\_y\\_japon\\_2002/2010/05/10/seccion\\_01/1273512046.html](http://www.marca.com/reportajes/2010/05/corea_y_japon_2002/2010/05/10/seccion_01/1273512046.html). Acessado em: 12 de março de 2018.
- CBF. “Seleção Brasileira jamais perdeu com Garrincha e Pelé”. Disponível em: <http://selecao.cbf.com.br/noticias/brasil-57/selecao-brasileira-jamais-perdeu-com-garrincha-e-pele>. Acessado em: 19 de julho de 2017.
- CHADE, Jamil. “Bebeto conta bastidores de EUA X Brasil, em 1994”. Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/blogs/jamil-chade/bebeto-conta-bastidores-de-eua-x-brasil-em-1994/>. Acessado em: 14 de setembro de 2016.
- CORDEIRO, Janaina Martins. “Anos de chumbo ou anos de ouro?: a memória social sobre o governo Médici”. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol. 22, nº 43, janeiro-junho de 2009, p. 85-104.
- COSTA, Fabrício & MONTEIRO, Marcelo. “Capítulo 6 do tetra: 'Semifinal contra a Suécia foi o jogo mais fácil', diz Parreira”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/Espportes/Noticias/Memoria/0,,MUL1232613-16319,00.html>. Acessado em: 19 de setembro de 2015.
- EL PAIS. “El contraanálisis confirma que Caniggia se drogo”. Disponível em: [https://elpais.com/diario/1993/04/07/deportes/734133608\\_850215.html](https://elpais.com/diario/1993/04/07/deportes/734133608_850215.html). Acessado em: 15 de agosto de 2017.

- ESPN. “Torcedores reprovam escolha de Maradona como técnico”. Disponível em: [http://www.espn.com.br/noticia/12886\\_torcedores-reprovam-escolha-de-maradona-como-tecnico](http://www.espn.com.br/noticia/12886_torcedores-reprovam-escolha-de-maradona-como-tecnico). Acessado em: 07 de julho de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Sergio Batista é efetivado como técnico da Argentina”. Disponível em: [http://www.espn.com.br/noticia/157614\\_sergio-batista-e-efetivado-como-tecnico-da-argentina](http://www.espn.com.br/noticia/157614_sergio-batista-e-efetivado-como-tecnico-da-argentina). Acessado em: 19 de julho de 2018.
- \_\_\_\_\_. “A Alemanha vence Argentina na prorrogação, é tetracampeã mundial e consagra geração”. Disponível em: [http://www.espn.com.br/noticia/423555\\_alemanha-vence-argentina-na-prorrogacao-e-tetracampea-mundial-e-consagra-geracao](http://www.espn.com.br/noticia/423555_alemanha-vence-argentina-na-prorrogacao-e-tetracampea-mundial-e-consagra-geracao). Acessado em: 02 de agosto de 2018.
- FERNANDEZ, Renato Lanna. *A concepção de esporte em Antonio Prado Junior: o amadorismo como princípio civilizatório e regenerador*. Disponível em: [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1433603253\\_ARQUIVO\\_TEXTOPARAANPHU2015.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1433603253_ARQUIVO_TEXTOPARAANPHU2015.pdf)> Acessado em: 24/04/2016.
- FERREIRA, Neil. “Cacareco agora é referencia”. Disponível em: [http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/24101959/241059\\_8.htm](http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/24101959/241059_8.htm). Acessado em: 24 de julho de 2017.
- FIFA. “The King of Football: Pelé”. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20141111201718/http://www.fifa.com/classicfootball/players/player=63869/index.html>. Acessado em: 28/06/2017.
- FOLHAONLINE. “História da Folha”. Disponível em: [http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia\\_folha.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm). Acessado em: 25 de julho de 2017.
- \_\_\_\_\_. “No mesmo dia, em 1985, terremoto matou 10 mil na cidade do México”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/banco-de-dados/2017/09/1919992-no-mesmo-dia-em-1985-terremoto-matou-10-mil-na-cidade-do-mexico.shtml>. Acessado em: 28 de dezembro de 2016.
- FRANZINI, Fábio. “Da expectativa fremente à decepção amarga: o Brasil e a Copa do Mundo de 1950”. *Revista de História*. São Paulo: USP, 2010, p. 270. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/2850/285022061012.pdf>. Acessado em: 07/08/2016.
- FUTPÉDIA. “Argentina 4X1 Brasil”. Disponível em: <http://futpedia.globo.com/campeonato/copaamerica/1959/12/22/argentina-4-x-1-brasil>. Acessado em: 24 de julho de 2017.

- G1. “Eleições 2014: apuração de votos para presidente”. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/apuracao-votos-presidente.html>. Acessado em: 02 de agosto de 2018.
- GARCIA, Diego. “Mundial da África vira ‘Copa América’ e vê declínio europeu”. Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-do-mundo/2010/mundial-da-africa-vira-copa-america-e-ve-declinio-europeu,af98a22437fed310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acessado em: 17 de julho de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Retrospecto contra europeus favorece ‘Copa América’ em semi. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/copa-do-mundo/2010/retrospecto-contra-europeus-favorece-copa-america-em-semi,73711f60090fd310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acessado em: 17 de julho de 2018.
- GLOBOESPORTE.COM. “10 anos do Penta: Seleção derrota Turquia, novamente, e avança à final”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2012/08/10-anos-do-penta-selecao-derrota-turquia-novamente-e-avanca-final.html>. Acessado em: 19 de março de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Galvãoeca”. Disponível em: <http://app.globoesporte.globo.com/copa-do-mundo/galvaoteca/>. Acessado em: 23 de setembro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Fifa anuncia banimento de Marco Polo del Nero do futebol para sempre”. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/fifa-anuncia-banimento-de-marco-polo-del-nero-do-futebol-para-sempre.ghtml>. Acessado em: 22 de julho de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Revolta da caxirola: indignação e falta de educação causam vexame”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ba/noticia/2013/04/revolta-da-caxirola-indignacao-e-falta-de-educacao-causam-vexame.html>. Acessado em: 25 de julho de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Romário: ‘Teixeira mandou me convocar’”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/0,,MUL418390-4274,00.html>. Acessado em: 19 de janeiro de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Tombo, greve, briga e pouco futebol: França perde sua batalha na África”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/franca/noticia/2010/06/tombo-greve-briga-e-pouco-futebol-franca-perde-sua-batalha-na-africa.html>. Acessado em: 12 de julho de 2018.
- GUTTERMAN, Marcos. “Médicos e o futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do Regime Militar”. Disponível em:

- <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/9958>. Acessado em: 16 de agosto de 2017.
- HELAL, Ronaldo. “Espírito pra lá de esportivo”. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/espírito-pra-la-de-esportivo>. Acessado em 03 de fevereiro de 2014.
  - \_\_\_\_\_. “Como ‘eles’ nos vêem: futebol brasileiro e imprensa argentina”. Disponível em: [http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_04/contemporanea\\_n04\\_07\\_RonaldoHelal.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_04/contemporanea_n04_07_RonaldoHelal.pdf). Acessado em 08 de abril de 2013.
  - KONCHINSKI, Vinícius e PERRONE, Ricardo. “Teixeira anuncia saída definitiva da CBF, culpa saúde e lamenta: ‘foi subvalorizado nas vitórias’”. Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2012/03/12/em-carta-ricardo-teixeira-anuncia-saida-definitiva-da-cbf.htm>. Acessado em: 22 de julho de 2018.
  - LAVINAS, Thiago. “Muricy quebra o silêncio e explica por que não assumiu a Seleção”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2010/07/muricy-quebra-o-silencio-e-explica-por-que-nao-assumiu-selecao.html>. Acessado em: 19 de julho de 2018.
  - LEME LOPES, André Pereira. Considerações sobre historiografia e narrativa a partir da leitura de ‘Peixe grande’. *Oficina do historiador*. Porto Alegre, v. 8, n.1, 2015, p. 102. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/2178-3748.2015.17880>. Acessado em: 10/09/2015.
  - LOBO, Felipe. “Argentina 1X0 Irã: cadeado arrebenta quando a corda já estava no pescoço”. Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/argentina-1x0-ira-messi-arrebentou-o-cadeado-ira-quando-corda-ja-estava-pescoco/>. Acessado em: 29 de julho de 2018.
  - LÓPEZ Andrés & LÓPEZ, Mariano Hernán. “Primeros apuntes de la historia del periodismo deportivo en Argentina”. Disponível em: [http://www.perio.unip.edu.ar/pd/sites/perio.unip.edu.ar.pd/files/archives/file/apunte\\_historia\\_perio\\_dep\\_arg.pdf](http://www.perio.unip.edu.ar/pd/sites/perio.unip.edu.ar.pd/files/archives/file/apunte_historia_perio_dep_arg.pdf). Acessado em 04 de setembro de 2014.
  - MARQUES, Dassler. “Comandada por Messi, Argentina mantém 100%; Nigéria avança”. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/nigeria/comandada-por-messi-argentina-mantem-100-nigeria-avanca,eb3efc9d1f3d6410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>. Acessado em: 29 de julho de 2018.
  - MÁS DESPORTES. “Sue Carpenter, la ‘enfermera’ de Maradona”. Disponível em: <http://www.losandes.com.ar/article/sue-carpenter-la-enfermera-de-maradona>. Acessado em: 19 de novembro de 2017.

- MEDICI, João Henrique & TOZZI, Daniel. “Errei ao deixar a Seleção em 1994, revela Parreira”. Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2005/09/05/ult59u96061.jhtm>. Acessado em: 26 de agosto de 2016.
- MELLO, Matheus Simões. “Estudo comparativo entre o jornalismo esportivo brasileiro e argentino: delimitação e apontamentos preliminares”. Disponível em: [http://labmidiaesporte.weebly.com/uploads/2/4/5/6/24568817/artigo\\_matheus\\_mello.pdf](http://labmidiaesporte.weebly.com/uploads/2/4/5/6/24568817/artigo_matheus_mello.pdf). Acessado em 10 de julho de 2015.
- MOLINA, Cristine e VILCHES, Diego. *El mito del mundial chileno*. Disponível em: [http://www.historiaycultura.cl/doc/Matamala\\_Mundial.pdf](http://www.historiaycultura.cl/doc/Matamala_Mundial.pdf). Acessado em: 15 de agosto de 2015.
- MOTA, Cahê. “Brasileiros e argentinos travam briga com garrafas na noite de BH”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecoes/argentina/noticia/2014/06/brasileiros-e-argentinos-tem-briga-regada-garrafas-na-madrugada-de-bh.html>. Acessado em: 27 de julho de 2018.
- NZHERALD. “Charlie Dempsey took US\$250,000 bribe on eve of World Cup vote, claims former German football boss”. Disponível em: [https://www.nzherald.co.nz/sport/news/article.cfm?c\\_id=4&objectid=11535947](https://www.nzherald.co.nz/sport/news/article.cfm?c_id=4&objectid=11535947). Acessado em: 17 de maio de 2018.
- O GLOBO, 06 de dezembro de 2015. “Dunga revela ter sofrido ameaça de empresário por convocação de jogador”. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/dunga-revela-ter-sofrido-ameaca-de-empresario-por-convocacao-de-jogador-18232006>. Acessado em: 02 de julho de 2018.
- O JORNAL ESTADO DE SÃO PAULO, 30 de março de 2007. “Recorde de 204 países disputam Eliminatórias para Copa 2010”. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,recorde-de-204-paises-disputam-eliminadorias-para-copa-2010,20070330p6887>. Acessado em: 11 de julho de 2018.
- \_\_\_\_\_. 31 de julho de 2007. AMPUERO, Luis. “Diego Maradona reconhece: ‘Brasil está acima dos outros’”. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,diego-maradona-reconhece-brasil-esta-acima-dos-outros,27699>. Acessado em: 04 de julho de 2018.

- \_\_\_\_\_. 06 de junho de 2010. “Jabulani, o ponto de discórdia”. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,jabulani-o-ponto-da-discordia-imp-,562153>. Acessado em: 12 de julho de 2018.
- \_\_\_\_\_. 13 de junho de 2010. “Após queixas, organização da Copa estuda proibir vuvuzelas nos estádios”. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,apos-queixas-organizacao-da-copa-estuda-proibir-vuvuzelas-nos-estadios,565914>. Acessado em: 12 de julho de 2018.
- \_\_\_\_\_. 14 de junho de 2010. “Blatter defende o uso da vuvuzela por torcedor”. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,joseph-blatter-defende-o-uso-da-vuvuzela-por-torcedor,566342>. Acessado em: 12 de julho de 2018.
- PAGOTTO, Mauricio F. “Por puro prazer 3”. Disponível em: [http://mf.pagotto.zip.net/arch2007-07-01\\_2007-07-31.html](http://mf.pagotto.zip.net/arch2007-07-01_2007-07-31.html). Acessado em: 28 de junho de 2018.
- PALACIOS, Ariel. “21 de junho de 1978: Videla entra no vestiário dos jogadores peruanos e fala sobre ‘solidariedade’”. Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/blogs/ariel-palacios/21-de-junho-de-1978-videla-entra-no-vestiario-dos-jogadores-peruanos-e-fala-sobre-solidariedade/>. Acessado em: 20 de setembro de 2014.
- PASSOS, Gésio. “Entenda como funciona o regulamento da Copa do Mundo”. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/esportes/copa/2014/06/entenda-o-regulamento-da-copa-do-mundo>. Acessado em: 25 de julho de 2018.
- PEREIRA, Miguel Lourenço. “Jimmy Hill, o homem que inventou os três pontos por vitória”. Disponível em: <http://www.futebolmagazine.com/jimmy-hill-o-homem-que-inventou-os-tres-pontos-por-vitoria>. Acessado em: 11 de dezembro de 2017.
- PERIN, Flavia. “Eleito por 'notáveis', logo da Copa 2014 gera polêmica entre leigos e especialistas”. Disponível em: <https://copadomundo.uol.com.br/2010/ultimas-noticias/2010/07/13/eleito-por-notaveis-logo-da-copa-2014-levanta-polemica-entre-leigos-e-especialistas.jhtm?action=print>. Acessado em: 25 de julho de 2018.
- PIERREND, José Luis. “Copa Lipton”. Disponível em: <http://www.rsssf.com/tables/lipton.html>. Acessado em: 16 de janeiro de 2018.
- PIGNA, Felipe. “Julio Argentino Roca”. Disponível em: <http://www.elhistoriador.com.ar/biografias/r/roca.php>. Acessado em 30 de agosto de 2016.

- PORTES, Felipe. “O ano intenso de Maradona como jogador do Sevilla”. Disponível em: <http://www.todofutebol.com/2016/03/16/o-ano-intenso-de-maradona-como-jogador-do-sevilla/>. Acessado em: 20 de agosto de 2017.
- RIBEIRO, Antonio Sérgio. “Sua excelência, ‘vereador’ Cacareco”. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=286282>. Acessado em 24 de julho de 2017.
- RÍMOLI, Cosme. “Mano foi só a primeira vítima. Marin e Marco Polo querem a cabeça de Andrés. Felipão e Tite brigam pela vaga de treinador da Seleção Brasileira. Está no fim a influência de Ricardo Teixeira”. Disponível em: <http://esportes.r7.com/blogs/cosmerimoli/mano-foi-so-a-primeira-vitima-marin-e-marco-polo-querem-a-cabeca-de-andres-felipao-e-tite-brigam-pela-vaga-de-treinador-da-selecao-brasileira-esta-no-fim-a-influencia-de-ricardo-teixeira-23112012/>. Acessado em: 23 de julho de 2018.
- SABINO, Alex. “Copa mostra acirramento da rivalidade Brasil-Argentina, afirma sociólogo”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/07/1484416-copa-mostra-acirramento-da-rivalidade-brasil-argentina-afirma-sociologo.shtml>. Acessado em: 29 de julho de 2018.
- SEMANA. “Maradona se confiesa”. Disponível em: <http://www.semana.com/deportes/articulo/maradona-confiesa/43645-3>. Acessado em: 26 de dezembro de 2017.
- SOUZA, Elvanio Costa de; VIEIRA, Wilson da Cruz. “O comércio entre Brasil e Argentina: uma análise à luz da teoria dos jogos”. *Revista Nexos*. Salvador, v. n. 09, 23 nov. 2012, p. 141. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revnexeco/article/download/6771/4632>. Acessado em: 30 de março de 2018.
- STYCER, Mauricio. “A estranha Copa que o Brasil ganhou, mas não ficou feliz”. Disponível em: <http://www.mauriciostycer.com.br/a-estranha-copa-que-o-brasil-ganhou-mas-nao-ficou-feliz>. Acessado em: 30 de agosto de 2014.
- \_\_\_\_\_. “Com futebol mais eficiente da Copa, Alemanha atropela Argentina e vai à semi”. Disponível em: <https://copadomundo.uol.com.br/2010/ultimas-noticias/2010/07/03/com-futebol-mais-eficiente-da-copa-alemanha-atropela-argentina-e-vai-a-semi.jhtm>. Acessado em: 17 de julho de 2018.
- TERRA. “Caso Ronaldo pode voltar a ser investigado”. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/2002/01/14/060.htm>. Acessado em: 05 de abril de 2015.

- \_\_\_\_\_. “Eliza Samudio: veja detalhes do crime”. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/infograficos/caso-bruno/>. Acessado em: 19 de julho de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Linha do tempo: relembre o trajeto do técnico Dunga na Seleção”. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/copa-do-mundo/2010/linha-do-tempo-relembre-o-trajeto-do-tecnico-dunga-na-selecao,9208a9032e6fa310VgnCLD200000bbccce b0aRCRD.html>. Acessado em: 19 de julho de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Fifa confirma o fim do rodízio de continentes na Copa”. Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/brasil2014/noticias/0,,OI2030260-EI10545,00-Fifa+confirma+fim+do+rodizio+de+continentes+na+Copa.html>. Acessado em: 25 de julho de 2018.
- TORRAGA, Tales. “Há 20 anos, ‘Corte o cabelo ou te corto da seleção’. Os bastidores”. Disponível em: <https://patadasygambetas.blogosfera.uol.com.br/2016/02/19/ha-20-anos-corte-o-cabelo-ou-te-corto-da-selecao-os-bastidores/>. Acessado em: 27 de outubro de 2017.
- TRAVAGLIA, Julyana. “Palco de tragédia para brasileiros, Sarrià some da memória de Barcelona”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2010/05/palco-de-tragedia-para-brasileiros-sarria-some-da-memoria-de-barcelona.html>. Acessado em: 20 de setembro de 2014.
- UOL COPA. “Higuaín desencanta, Argentina bate Bélgica e volta à semi após 24 anos”. Disponível em: <https://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/05/higuain-desencanta-argentina-bate-belgica-e-volta-a-semi-apos-24-anos.htm>. Acessado em: 31 de julho de 2018.
- UOL Esporte. “Quarteto engrena e faz o Brasil estrear com vitória sobre a Grécia”. Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2005/06/16/ult59u94281.jhtm>. Acessado em: 21 de abril de 2018.
- \_\_\_\_\_. “Imprensa internacional destaca volta do ‘jogo bonito’ da seleção brasileira”. Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2010/08/11/imprensa-internacional-destaca-volta-do-jogo-bonito-da-selecao-brasileira.jhtm>. Acessado em: 19 de julho de 2018.
- VALLE, Emmanuel. “A história da Copa Rei Fahd, o torneio que abriu caminho à Copa das Confederações”. Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/a-historia-da-copa-rei-fahd-o-torneio-que-abriu-caminho-a-copa-das-confederacoes/>. Acessado em: 11 de novembro de 2017.

- VEJA. “José Maria Marin é condenado pela Justiça americana”. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/placar/jose-maria-marin-e-condenado-pela-justica-americana/>. Acessado em: 22 de julho de 2018.
- VILLELA, Gustavo. “O Brasil foi às ruas em junho de 2013”. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/o-brasil-foi-as-ruas-em-junho-de-2013-12500090>. Acessado em: 24 de julho de 2018.

## APÊNDICE

### Lista das partidas entre Argentina e Brasil (1914 - 2014).

Legenda – AR → Vitória da Argentina BR → Vitória do Brasil EM → Empate

01	20 de setembro de 2014	Buenos Aires (Argentina)	<b>Argentina</b> 3X0 Brasil	AR	Amistoso
02	27 de setembro de 2014	Buenos Aires (Argentina)	Argentina 0X1 <b>Brasil</b>	BR	Copa Roca
03	10 de julho de 1916	Buenos Aires (Argentina)	Argentina 1X1Brasil	EM	Copa América 1916
04	3 de outubro de 1917	Montevideu (Uruguai)	<b>Argentina</b> 4X2 Brasil	AR	Copa América 1917
05	18 de maio de 1919	Rio de Janeiro (Brasil)	<b>Brasil</b> 3X1 Argentina	BR	Copa América 1919
06	1º de junho de 1919	Rio de Janeiro (Brasil)	Brasil 3X3 Argentina	EM	Taça Roberto Cherry
07	25 de setembro de 1920	Viña del Mar (Chile)	<b>Argentina</b> 2X0 Brasil	AR	Copa América 1920
08	2 de outubro de 1921	Buenos Aires (Argentina)	<b>Argentina</b> 1X0 Brasil	AR	Copa América 1921
09	15 de outubro de 1922	Rio de Janeiro (Brasil)	<b>Brasil</b> 2X0 Argentina	BR	Copa América 1922
10	22 de outubro de 1922	São Paulo (Brasil)	<b>Brasil</b> 2X1 Argentina	BR	Copa Roca
11	18 de novembro de 1923	Montevideu (Uruguai)	<b>Argentina</b> 2X1 Brasil	AR	Copa América 1923
12	2 de dezembro de 1923	Buenos Aires (Argentina)	Argentina 0X2 <b>Brasil</b>	BR	Taça Confraternidad
13	9 de dezembro de 1923	Buenos Aires (Argentina)	<b>Argentina</b> 2X0 Brasil	AR	Copa Roca
14	13 de dezembro de 1925	Buenos Aires (Argentina)	<b>Argentina</b> 4X1 Brasil	AR	Copa América 1925
15	25 de dezembro de 1925	Buenos Aires (Argentina)	Argentina 2X2 Brasil	EM	Copa América 1925
16	30 de janeiro de 1937	Buenos Aires (Argentina)	<b>Argentina</b> 1X0Brasil	AR	Copa América 1937
17	1º de fevereiro de 1937	Buenos Aires (Argentina)	<b>Argentina</b> 2X0Brasil <sup>1</sup>	AR	Copa América 1937
18	15 de janeiro de 1939	Rio de Janeiro (Brasil)	Brasil 1X5 <b>Argentina</b>	AR	Copa Roca
19	22 de janeiro de 1939	Rio de Janeiro (Brasil)	<b>Brasil</b> 3 X 2 Argentina	BR	Copa Roca
20	18 de fevereiro de 1940	São Paulo (Brasil)	Brasil 2X2 Argentina	EM	Copa Roca

<sup>1</sup> Os gols foram marcados na prorrogação. O tempo normal terminou empatado em 0X0.

21	25 de fevereiro de 1940	São Paulo (Brasil)	Brasil 0X3 <b>Argentina</b>	AR	Copa Roca
22	5 de março de 1940	Buenos Aires (Argentina)	<b>Argentina</b> 6X1 Brasil	AR	Copa Roca
23	10 de março de 1940	Buenos Aires (Argentina)	Argentina 2X3 <b>Brasil</b>	BR	Copa Roca
24	17 de março de 1940	Buenos Aires (Argentina)	<b>Argentina</b> 5X1 Brasil	AR	Copa Roca
25	17 de janeiro de 1942	Montevideu (Uruguai)	<b>Argentina</b> 2X1 Brasil	AR	Copa América 1942
26	15 de fevereiro de 1945	Santiago (Chile)	<b>Argentina</b> 3X1 Brasil	AR	Copa América 1945
27	16 de dezembro de 1945	São Paulo (Brasil)	Brasil 3X4 <b>Argentina</b>	AR	Copa Roca
28	20 de dezembro de 1945	Rio de Janeiro (Brasil)	<b>Brasil</b> 6X2 Argentina	BR	Copa Roca
29	23 de dezembro de 1945	Rio de Janeiro (Brasil)	<b>Brasil</b> 3X1 Argentina	BR	Copa Roca
30	10 de fevereiro de 1946	Buenos Aires (Argentina)	<b>Argentina</b> 2X0 Brasil	AR	Copa América 1946
31	5 de fevereiro de 1956	Montevideu (Uruguai)	Argentina 0X1 <b>Brasil</b>	BR	Copa América 1956
32	18 de março de 1956	Cidade do México (México)	Argentina 2X2 Brasil	EM	Campeonato Pan-Americano
33	8 de julho de 1956	Buenos Aires (Argentina)	Argentina 0X0 Brasil	EM	Taça do Atlântico
34	3 de abril de 1957	Lima (Peru)	<b>Argentina</b> 3X0 Brasil	AR	Copa América 1957
35	7 de julho de 1957	Rio de Janeiro (Brasil)	Brasil 1X2 <b>Argentina</b>	AR	Copa Roca
36	10 de julho de 1957	São Paulo (Brasil)	<b>Brasil</b> 2X0 Argentina	BR	Copa Roca
37	4 de abril de 1959	Buenos Aires (Argentina)	Argentina 1X1 Brasil	EM	Copa América 1959
38	22 de dezembro de 1959	Guayaquil (Equador)	<b>Argentina</b> 4X1 Brasil	AR	Copa América 1959 - Extra
39	13 de março de 1960	San José (Costa Rica)	<b>Argentina</b> 2X1 Brasil	AR	Campeonato Pan-Americano
40	20 de março de 1960	San José (Costa Rica)	Argentina 0X1 Brasil	BR	Campeonato Pan-Americano
41	26 de maio de 1960	Buenos Aires (Argentina)	<b>Argentina</b> 4X2 Brasil	AR	Copa Roca
42	29 de maio de 1960	Buenos Aires (Argentina)	Argentina 1X4 Brasil	BR	Copa Roca
43	12 de julho de 1960	Rio de Janeiro (Brasil)	<b>Brasil</b> 5X1 Argentina	BR	Taça do Atlântico
44	24 de março de 1963	La Paz (Bolívia)	<b>Argentina</b> 3X0 Brasil	AR	Copa América 1963
45	13 de abril de 1963	São Paulo (Brasil)	Brasil 2X3 <b>Argentina</b>	AR	Copa Roca
46	16 de abril de 1963	Rio de Janeiro (Brasil)	<b>Brasil</b> 5X2 Argentina	BR	Copa Roca
47	3 de junho de 1964	São Paulo (Brasil)	Brasil 0X3 <b>Argentina</b>	AR	Taça das Nações
48	9 de junho de 1965	Rio de Janeiro (Brasil)	Brasil 0X0 Argentina	EM	Amistoso
49	7 de agosto de 1968	Rio de Janeiro (Brasil)	<b>Brasil</b> 4X1 Argentina	BR	Amistoso
50	11 de agosto de 1968	Belo Horizonte (Brasil)	<b>Brasil</b> 3X2 Argentina	BR	Amistoso
51	4 de março de 1970	Porto Alegre (Brasil)	Brasil 0X2 <b>Argentina</b>	AR	Amistoso

52	8 de março de 1970	Rio de Janeiro (Brasil)	<b>Brasil</b> 2X1 Argentina	BR	Amistoso
53	28 de julho de 1971	Buenos Aires (Argentina)	Argentina 1X1 Brasil	EM	Copa Roca
54	31 de julho de 1971	Buenos Aires (Argentina)	Argentina 2X2 Brasil	EM	Copa Roca
55	30 de junho de 1974	Hanôver (Alemanha)	Argentina 1X2 <b>Brasil</b>	BR	Copa do Mundo de 1974
56	6 de agosto de 1975	Belo Horizonte (Brasil)	<b>Brasil</b> 2X1 Argentina	BR	Copa América 1975
57	16 de agosto de 1975	Rosário (Argentina)	Argentina 0X1 <b>Brasil</b>	BR	Copa América 1975
58	27 de fevereiro de 1976	Buenos Aires (Argentina)	Argentina 1X2 <b>Brasil</b>	BR	Taça do Atlântico e Copa Roca
59	19 de maio de 1976	Rio de Janeiro (Brasil)	<b>Brasil</b> 2X0 Argentina	BR	Taça do Atlântico e Copa Roca
60	18 de junho de 1978	Rosário (Argentina)	Argentina 0X0 Brasil	EM	Copa do Mundo de 1978
61	2 de agosto de 1979	Rio de Janeiro (Brasil)	<b>Brasil</b> 2X1 Argentina	BR	Copa América 1979
62	23 de agosto de 1979	Buenos Aires (Argentina)	Argentina 2X2 Brasil	EM	Copa América 1979
63	4 de janeiro de 1981	Montevideu (Uruguai)	Argentina 1X1 Brasil	EM	Mundialito ou Copa de Oro
64	2 de julho de 1982	Barcelona (Espanha)	Argentina 1X3 <b>Brasil</b>	BR	Copa do Mundo de 1982
65	24 de agosto de 1983	Buenos Aires (Argentina)	<b>Argentina</b> 1X0 Brasil	AR	Copa América 1983
66	14 de setembro de 1983	Rio de Janeiro (Brasil)	Brasil 0X0 Argentina	EM	Copa América 1983
67	17 de junho de 1984	São Paulo (Brasil)	Brasil 0X0 Argentina	EM	Amistoso
68	5 de maio de 1985	Salvador (Brasil)	<b>Brasil</b> 2X1 Argentina	BR	Amistoso
69	10 de julho de 1988	Melbourne (Austrália)	Argentina 0X0 Brasil	EM	Torneio Bicentenário da Austrália
70	12 de julho de 1989	Rio de Janeiro (Brasil)	<b>Brasil</b> 2X0 Argentina	BR	Copa América 1989
71	24 de junho de 1990	Turim (Itália)	<b>Argentina</b> 1X0 Brasil	AR	Copa do Mundo de 1990
72	27 de março de 1991	Buenos Aires (Argentina)	Argentina 3X3 Brasil	EM	Amistoso
73	27 de junho de 1991	Curitiba (Brasil)	Brasil 1X1 Argentina	EM	Amistoso
74	17 de julho de 1991	Santiago (Chile)	<b>Argentina</b> 3X2 Brasil	AR	Copa América 1991
75	18 de fevereiro de 1993	Buenos Aires (Argentina)	Argentina 1X1 Brasil	EM	Amistoso
76	27 de junho de 1993	Guayaquil (Equador)	Argentina 1X1 Brasil <sup>2</sup>	EM	Copa América 1993
77	23 de março de 1994	Recife (Brasil)	<b>Brasil</b> 2X0 Argentina	BR	Amistoso
78	17 de julho de 1995	Rivera (Uruguai)	Argentina 2X2 Brasil <sup>3</sup>	EM	Copa América 1995
79	8 de novembro de 1995	Buenos Aires (Argentina)	Argentina 0X1 <b>Brasil</b>	BR	Amistoso

<sup>2</sup> Na disputa de pênaltis, a Argentina derrotou e eliminou o Brasil da competição por 6X5.

<sup>3</sup> Na disputa de pênaltis, o Brasil derrotou e eliminou a Argentina da competição por 4X2.

80	29 de abril de 1998	Rio de Janeiro (Brasil)	Brasil 0X1 <b>Argentina</b>	AR	Amistoso
81	11 de julho de 1999	Ciudad del Este (Paraguai)	Argentina 1X2 <b>Brasil</b>	BR	Copa América 1999
82	4 de setembro de 1999	Buenos Aires (Argentina)	<b>Argentina</b> 2X0 Brasil	AR	Amistoso
83	7 de setembro de 1999	Porto Alegre (Brasil)	<b>Brasil</b> 4X2 Argentina	BR	Amistoso
84	26 de julho de 2000	São Paulo (Brasil)	<b>Brasil</b> 3X1 Argentina	BR	Eliminatórias para a Copa de 2002
85	5 de setembro de 2001	Buenos Aires (Argentina)	<b>Argentina</b> 2X1 Brasil	AR	Eliminatórias para a Copa de 2002
86	2 de junho de 2004	Belo Horizonte (Brasil)	<b>Brasil</b> 3X1 Argentina	BR	Eliminatórias para a Copa de 2006
87	25 de julho de 2004	Lima (Peru)	Argentina 2X2 Brasil <sup>4</sup>	EM	Copa América de 2004
88	8 de junho de 2005	Buenos Aires (Argentina)	<b>Argentina</b> 3X1 Brasil	AR	Eliminatórias para a Copa de 2006
89	29 de junho de 2005	Frankfurt (Alemanha)	Argentina 1X4 <b>Brasil</b>	BR	Copa das Confederações 2005
90	3 de setembro de 2006	Londres (Inglaterra)	Argentina 0X3 <b>Brasil</b>	BR	Amistoso
91	15 de julho de 2007	Maracaibo (Venezuela)	Argentina 0X3 <b>Brasil</b>	BR	Copa América 2007
92	18 de junho de 2008	Belo Horizonte (Brasil)	Brasil 0X0 Argentina	EM	Eliminatórias para a Copa de 2010
93	5 de setembro de 2009	Rosário (Argentina)	Argentina 1X3 <b>Brasil</b>	BR	Eliminatórias para a Copa de 2010
94	17 de novembro de 2010	Doha (Catar)	<b>Argentina</b> 1X0 Brasil	AR	Amistoso
95	14 de setembro de 2011	Córdoba (Argentina)	Argentina 0X0 Brasil	EM	Superclássico das Américas
96	28 de setembro de 2011	Belém (Brasil)	<b>Brasil</b> 2X0 Argentina	BR	Superclássico das Américas
97	9 de junho de 2012	New Jersey (Estados Unidos)	<b>Argentina</b> 4X3 Brasil	AR	Amistoso
98	19 de setembro de 2012	Goiânia (Brasil)	<b>Brasil</b> 2X1 Argentina	BR	Superclássico das Américas
99	21 de novembro de 2012	Buenos Aires (Argentina)	<b>Argentina</b> 2X1 Brasil <sup>5</sup>	AR	Superclássico das Américas
100	11 de outubro de 2014	Pequim (China)	Argentina 0X2 <b>Brasil</b>	BR	Superclássico das Américas

<sup>4</sup> A disputa foi a final da Copa América de 2004. Nos pênaltis, o Brasil venceu os argentinos por 4X2 e sagrou-se campeão.

<sup>5</sup> Com os resultados idênticos nas duas partidas, o título foi definido nas penalidades máximas, vitória do Brasil por 4X3.

Para além do escopo temporal do trabalho, as duas seleções se enfrentaram mais 4 vezes entre 2015 e 2018 e há um confronto marcado para março de 2019. Seguem os resultados:

101	13 de novembro de 2015	Buenos Aires (Argentina)	Argentina 1X1 Brasil	EM	Eliminatórias para a Copa de 2018
102	10 de novembro de 2016	Belo Horizonte (Brasil)	<b>Brasil</b> 3X0 Argentina	BR	Eliminatórias para a Copa de 2018
103	9 de junho de 2017	Melbourne (Austrália)	<b>Argentina</b> 1X0 Brasil	AR	Superclássico das Américas
104	16 de outubro de 2018	Jidá (Arábia Saudita)	Argentina 0X1 <b>Brasil</b>	BR	Superclássico das Américas
105	17 de março de 2019	Yokohama (Japão)	Argentina X Brasil		Superclássico das Américas